

# Textos

Tânia Du Bois

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 28/08/2019

Título : (Não)Pare de Reclamar

Categoria: Crônicas

A expectativa escolhida, com a pretensão de nos nutrir nas diversas situações do cotidiano, em nosso benefício, implica em parar de reclamar, não só no nosso entorno, mas, em relação ao mundo exterior.

Ninguém gosta de ouvir problemas e reclamações de terceiros. Todos já têm os seus para resolver. O desafio é constante: obstáculos, resistências, crenças, pensamentos, vícios, emoções e tantos outros comportamentos problemáticos, como na citação de Patrícia Hoffmann, “Acreditava nas palavras / que saltam de bocas. / Acreditava em bocas. / Mas é preciso sagacidade para traduzir / humanos...”.

O pensamento idealiza o acesso à vida e ao modo de agir para aceitar as mudanças. O inverso pode ser o correto. O essencial libera o supérfluo. A inspiração liberta a criatividade, como nas frases: “A liquidez do amor. A beira dos humanos. Território das palavras. Há cacos de vidro na vida. Marinheiro do mar. O tempo é vencedor em sua incompatibilidade”.

Quando nos deparamos com a incerteza, captamos e concebemos nuances no cotidiano, com seus valores e conceitos, inversamente secretos. Então, aproveitamos para construir, pois, o que ouvimos, lemos e vivenciamos, são atos registrados de forma

única ou, às vezes, de forma diferente, com a possibilidade de sermos originais, como nas palavras de Patrícia Hoffmann, "... Aviso às borboletas // Há areia na vida / cacos de vidro no ar".

Reclamar por reclamar é insistir sem solucionar a questão. Importante é a nossa atitude e como nos sentimos para resolver o problema. Patrícia expressa, "... Já não durmo / atravesso poesia em claro. // Para passar noites a limpo, / garimpo a palavra frágil".

Carregamos os contrastes do dia a dia. Somos moldados no que retratamos das emoções e da liberdade de expressão. Devemos estar preparados para as respostas dos questionamentos, que podem ser dispersas: vivemos os dias com a coragem de quem somos? Desaprendemos a delicadeza no movimento dos dias? As palavras calculam o ritmo das ondas do mar? Qual seria a face da morte? As multidões navegam solitariamente? Liberamos o jogo da vida? Onde ancoramos o caos? Movemos nossas vidas em suspensas cordas? Hoffmann questiona, "Profundo é o mar. / Não vês?/ No submundo de amar. / A ferida que se fez? A razão afasta a palavra no que a emoção se abraça? Ecoamos medo de nossos labirintos, que se recriam, diariamente?

Parar de reclamar, sem resolver as questões, não garante o bem estar; ao contrário, voltamos ao tempo em que moldavam nossas escolhas, na repetição do que todos faziam.

Reclamar e argumentar nos dá a chance de contrapor, repaginar e reinventar as referências vivenciais. Ao nos conscientizar de que a vida ganha nova versão em cada problema apresentado, pelas histórias expressadas em sensações diversificadas, então, nos diferenciamos através das palavras.

Não paremos de reclamar, usemos argumentos; como em Patrícia, "em cada esquina uma vírgula / cravada. Uma escada invertida. /Em cada olho um poema / escorrido...".

Data : 22/09/2015

Título : (RE)VER

Categoria: Crônicas

Descrição: Na literatura infantil encontramos a bruxa perguntando, Espelho, espelho meu, existe alguém mais bonita do que eu??

Na literatura infantil encontramos a bruxa perguntando, Espelho, espelho meu, existe alguém mais bonita do que eu?" Nesse contexto, o autor pretende desvendar o que há por trás das atitudes, e (re) ver no reflexo do espelho, em suas várias versões, de acordo com os sentimentos, porque nem sempre vemos o que sentimos, e o que parece ser não acontece. As palavras se movimentam com os sentidos e refletem em

afazeres literários, como em Mansueto Bernardi, “Fito-me diante do espelho”.../ minha face não me diz nada. / Miro-me na água corrente.../ Mas o rosto continua estranho. / Mas se me olho nos teus olhos, / logo a imagem / ilumina e vivifica / a própria sombra do ser”.

O reflexo não é encontrado no espelho, mas, ao se confrontar com suas sombras, fala por si mesmo. Cruza consigo nas atitudes pela consciência das incertezas vividas. Ao mexer com a própria imagem denuncia o poder social manifestado em sua vivência e cultura quando na arte de ler; num momento de identificação, a criança traz para a sua realidade e recupera a espontaneidade, sem pressão histórica, ao encontrar o que traz dentro de si – o reflexo realizado no clarear das horas que sabe não se refletir agora, mas que se propõe como forma de percepção da realidade pelo homem ao (re) ver. Segundo Jorge Tufic, “... Somente os grandes pintores / me fazem ver as crianças do mundo / nas sete cores do arco íris”.

O reflexo, esse jogo de espelhos na literatura infantil entre criação e obra é a sensação do momento feito para se revelar e se transformar em imagem refletida no tempo. O grande desafio, interessante, misterioso e inquietante é a busca das ideias, o que justifica a criança saborear a vida de maneira confiante e viver positivamente fazendo do reflexo neste mundo sem tempo, seu mundo imaginativo. A criação e a descoberta é a renovação, depois vem à realização. E, ao (re) ver sobre o reflexo da vida, Igor Fagundes escreveu, “A literatura é figuração, mas não há reflexo e, sim refração / instauração da realidade”.

Quem se detém na leitura, encontra vários momentos que surgem das atitudes como liberdade criadora, moldando a qualidade de vida da criança, porque a sombra é o avesso do reflexo e (re)ver não é só o itinerário da alma, mas também o reflexo do tempo – como fragmentos multicoloridos e brilhantes. Nas palavras do poeta Jorge Tufic, “... quando a inspiração se faz mais nítida no espírito e passeia com mais intensidade pela alma, colhemos o que segue...”

Data : 19/02/2021

Título : 100 ANOS?!?!

Categoria: Crônicas

Descrição: Episódio curioso, nas tramoias da vida a dor tece o sorriso piedoso, a nebulosidade polêmica...

Episódio curioso, nas tramoias da vida a dor tece o sorriso piedoso, a nebulosidade polêmica, o relido na fria luz, o breve e o mau dia chegando com desmerecidas horas de sofrimento. Borges e Bioy questionam, “Para que apressar tanto o passado, quando o presente entra em vigência?”

Vejo-a com seus 100 anos, com destaque para a sua expressão de angústia; longe da sua trajetória passada ao enfrentar o presente com a sensação de cansada por estar paralisada no tempo.

Hora em que percebo as formas da sua sobrevida se revelarem em dores e na dificuldade do pensar e se expressar. As emoções e os conflitos são visíveis na expressividade do rosto de quem não mais difere dia e noite. Mário Chamie expressa, "... Vi o tempo escondido / em toda a parte, / face a face / no disfarce / do seu rosto..."

Será que compreendo o peso dos 100 anos através das lembranças e na esperança de descobrir o que a mantém viva? O seu dormir, ser alimentada através de sonda, leva-me a pensar, com sentimento, se a sua situação pode ser considerada como vida? Álvaro Campos nos traz que "Minha dor é inútil / como gaiola numa terra onde não há aves, / como parte da praia onde o mar não chega".

Tenho muito a aprender sobre o significado dos 100 anos e de como posso enquadrar este tempo na força expressiva dos dias. Pensamentos e palavras ficam entrecortados como peças de melancolia e ansiedade, travadas pela razão como se fosse impedimento e a incapacidade de entender as contradições da vida.

100 anos de idade, não seria para festejar sua vida longa? Aqui, o mal entendido, pois ela não possui mais a capacidade de explicar o tempo e nem revelar histórias que não vivi; sem a perspectiva de viver para amar; sem responder as minhas perguntas e nem completar as minhas frases; sem o pensamento que resiste em ser pronunciado; sem os sentidos para captar o meu carinho.

Tal a minha curiosidade sobre a vida, que as contradições do tempo impõem ao ser e, em muitos, faz atravessar a vida na contramão contrastando com a necessária qualidade de vida aos 100 anos. Nas palavras de Eduardo Alves Costa, "... De que vale gritar teu desconforto... / sem que ninguém se dê conta; / e o que sai pela ferida / não é sangue, não é vida, / o que se esvai é a alma / amortalhada na calma / de uma estranha anestesia..."

Data : 25/04/2017

Título : 100 ANOS?!?!

Categoria: Crônicas

Descrição: Episódio curioso, nas tramoias da vida a dor tece o sorriso piedoso, a nebulosidade polêmica, o relido na fria luz, o breve e o mau dia chegando com desmerecidas horas de sofrimento.

Episódio curioso, nas tramoias da vida a dor tece o sorriso piedoso, a nebulosidade polêmica, o relido na fria luz, o breve e o mau dia chegando com desmerecidas horas de sofrimento. Borges e Bioy questionam, "Para que apressar tanto o passado, quando o presente entra em vigência?"

Vejo-a com seus 100 anos, com destaque para a sua expressão de angústia; longe da sua trajetória passada ao enfrentar o presente com a sensação de cansada por estar paralisada no tempo.

Hora em que percebo as formas da sua sobrevida se revelarem em dores e na dificuldade do pensar e se expressar. As emoções e os conflitos são visíveis na expressividade do rosto de quem não mais difere dia e noite. Mário Chamie expressa, "... Vi o tempo escondido / em toda a parte, / face a face / no disfarce / do seu rosto..."

Será que compreendo o peso dos 100 anos através das lembranças e na esperança de descobrir o que a mantém viva? O seu dormir, ser alimentada através de sonda, leva-me a pensar, com sentimento, se a sua situação pode ser considerada como vida? Álvaro Campos nos traz que "Minha dor é inútil / como gaiola numa terra onde não há aves, / como parte da praia onde o mar não chega".

Tenho muito a aprender sobre o significado dos 100 anos e de como posso enquadrar este tempo na força expressiva dos dias. Pensamentos e palavras ficam entrecortados como peças de melancolia e ansiedade, travadas pela razão como se fosse impedimento e a incapacidade de entender as contradições da vida.

100 anos de idade, não seria para festejar sua vida longa? Aqui, o mal entendido, pois ela não possui mais a capacidade de explicar o tempo e nem revelar histórias que não vivi; sem a perspectiva de viver para amar; sem responder as minhas perguntas e nem completar as minhas frases; sem o pensamento que resiste em ser pronunciado; sem os sentidos para captar o meu carinho.

Tal a minha curiosidade sobre a vida, que as contradições do tempo impõem ao ser e, em muitos, faz atravessar a vida na contramão contrastando com a necessária qualidade de vida aos 100 anos. Nas palavras de Eduardo Alves Costa, "... De que vale gritar teu desconforto... / sem que ninguém se dê conta; / e o que sai pela ferida / não é sangue, não é vida, / o que se esvai é a alma / amortalhada na calma / de uma estranha anestesia..."

Data : 19/10/2016

Título : A ARTE de CONTAR

Categoria: Crônicas

Descrição: Era uma vez uma avó que, antes das netas dormirem, contava histórias usando vozes diferentes para interpretar os personagens...

Era uma vez uma avó que, antes das netas dormirem, contava histórias usando vozes diferentes para interpretar os personagens. As netas acompanhavam encantadas, imaginando castelos, princesas, bruxas, animais, enfim, o que havia de significativo em cada aventura.

O final era igual ao dos contos de fadas: todas dormiam felizes. A avó por sentir haver contribuído para a educação das netas e, elas, pela oportunidade de sonharem acordadas.

Era uma vez... Contar histórias para a criança é uma arte. É ótima oportunidade de estreitar os laços familiares e ainda incentivá-la a dar asas à imaginação. É o momento em que a criança percebe que os adultos sentem e pensam como ela.

O hábito de contar histórias é essencial para as crianças aprenderem a elaborar e exercer o raciocínio crítico; desenvolver a criatividade e as suas fantasias. Nada é mais mágico que a imaginação da criança.

Ouvir histórias, essa postura faz com que a criança sinta que está tendo a chance de sonhar acordada. Ao liberar as suas fantasias, a criança compreende o mundo em que habita e aprende a lidar com as suas emoções. Cada personagem apresenta um significado para o desenvolvimento do universo infantil.

A arte de contar histórias é importante para o desenvolvimento emocional e para a aquisição de conhecimentos; aprendem a lidar com a realidade de forma lúdica e a exercitar a capacidade de aceitar a vida, o amor, a morte e os conceitos éticos, ajudando-a a entender a vida.

Não existe fórmula “correta” para contar histórias, nem lugar adequado. O que vale é a dedicação e a vontade. É preciso fazer parte do mundo infantil, o que na prática significa sentar no chão, ajoelhar-se e ser espontânea.

Caso não se sinta à vontade para interpretar a história, simplesmente leia com o livro nas mãos, para as crianças “verem” a leitura, despertando nelas a emoção e o interesse, envolvendo quem conta e quem escuta.

Não importa qual seja a história que se conte ou que se leia – as fantasias dão o exemplo para que as crianças comecem a entender o até então inexplicável.

As crianças gostam de contar e precisam ouvir histórias; através do lúdico e da magia da leitura vão descobrindo o mundo fantástico da criação e se preparando para enfrentar melhor as dificuldades impostas pela modernidade.

Agora, conto uma história: Era uma vez, uma criança nascida na Rússia, em 1919, que desde os seus 10 anos de idade mora no Brasil. Quando jovem, vivia no meio dos livros e seu pai foi um grande contador de histórias. Então, Tatiana Belinky tornou-se a maior contadora de histórias infantis e re-contadora de contos populares. Sempre teve paixão em divulgar a literatura, a poesia, a linguagem e a leitura. Com dedicação, entrou para o mundo da literatura infantil, promovendo a leitura e o livro através do teatro.

Tatiana dirigiu a primeira adaptação do Sítio do Pica Pau Amarelo, de Monteiro Lobato, em 1951, para a TV Tupi. Recebeu o Prêmio Jabuti – Personalidade Literária do Ano 1991. É escritora de literatura infantil, com mais de cinquenta livros publicados. Seu primeiro livro foi “Limeriques da Cocanha”, onde ela explora o imaginário daquela terra inexistente: “A vida ali é um deleite / Suave tal qual puro azeite / Na bela Cocanha / O povo se banha / Em rios de mel e de leite.”

Belinky, ainda aos 91 anos, era escritora, contadora de histórias, que encantava leitores infantis e nunca se sentia só, por que sempre estava acompanhada da sua imaginação.

Data : 30/03/2015

Título : A ARTE DE FAZER EXISTIR O FIM

Categoria: Crônicas

Descrição: Logo as páginas do livro estarão ocupadas pela gritante palavra: FIM. O que será que a palavra fim significa?

“... Terá fim o / delito de viver?” (Jorge Tufic)

Logo as páginas do livro estarão ocupadas pela gritante palavra: FIM. O que será que a palavra fim significa? Seria não ter nada mais para alcançar, nada mais por que lutar ou para buscar outra mudança? Ou o fim vem sempre acompanhado do novo? Pode ser o resultado de na falta de... “Todos anunciavam por ele, sofriam com sua falta.” Para efeito de exercício, imagino que o fim representa apenas a história que terminou. Muitas vezes, quando a trama está muito complicada, o autor opta por dar fim à história.

O dom das palavras e a liberdade dão vozes às pedras; fazem chover. Ao crer em tais figuras de linguagem, acredito na fantasia. Ocorre que, por definição, sempre estamos em busca da arte (fazer e escrever) e, por consequência, citamos e revelamos a questão específica: as visões do mundo e suas finalidades.

Nesta vida poluída pela multiplicidade de interesses, tudo é quase sempre absurdo, mas a finalidade é soberana e tem por meta evitar o “fim”. É o contraponto necessário para dar fim ao medo, à infelicidade, às queixas, à inversão dos valores. Com nitidez, o fim apresenta argumentos para serem expostos em ideias refletidas nos poemas:

: “Fim//eu vou no meu tempo, quando a hora chegar, sem barbáries químicas ou tecnológicas.” de Carlos Pessoa Rosa;

: “Poderíamos ter sido o começo/fomos o fim/ encerrando luzes /e amores//poderíamos ter sido o início /fomos o consumido/fechando as portas/ aos que começam// dos amores nenhuma notícia / ou comentário” de Pedro Du Bois;

“Fim do mundo// o planeta vira poeira./ A terra vai acabar...” de Luiz Coronel;

: “... assim/ desligo calada/ antes de você dizer a/ palavra /- fim-/antes de lhe conceder o tempo/ que faltava/ antes de deixar querer/ voltar/ para mim” de Márcia Maia.

Poemas são perfumes que inebriam a magia, feitiço. Percorrem o transcurso do tempo e dão à vida o bom desfecho da vida eterna. A poesia embrenha-se na alma, domina cabeças e se faz na percepção da pessoa. Ela não tem fim, tem início; podemos perceber que a literatura está vencendo sua longa luta contra o tempo, pois, tem vínculo com os diversos contextos da vida. Como retrata Alphonsus Guimaraens Filho, “Escrevo apenas: fim. Escreveria/sempre? Não sei. O poema terminou.... /E nem sei por que escrevo: fim. Que fim?”

A arte de fazer existir o fim pode ser o início de nova vida, de transformação, de novo capítulo na história: fim da ditadura, início da democracia; fim da mariposa, transformação em borboleta. Para Lavoisier, não há fim, “Na natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma”.

Data : 19/10/2016

Título : A ARTE de PENSAR em MALAS

Categoria: Crônicas

Descrição: A arte de pensar em malas está na arte de optar. Alguém pode imaginar um verão sem praia? Impossível...

A arte de pensar em malas está na arte de optar.

Alguém pode imaginar um verão sem praia? Impossível. O mesmo é pensar em malas, sem viagem. As férias não seriam as mesmas.

Há muito tempo o objeto mala, e tudo o que ele representa, rende histórias inesgotáveis, em busca de personagens marcantes.

Quando falo em malas, logo penso em viagem: uma conjunção perfeita. Permite que os pensamentos voem espontaneamente, até a imaginação tomar conta e me fazer sentir a diferença ao ler esses poemas que me provocam sensação de bem estar, ao saber o que os poetas pensam sobre as malas:

Clauder Arcanjo: “– Mala, malinha, maleta!... Eu sabia que tu serias minha, mala, malinha, maleta. / E ela passava a mão no couro da mala, acariciando-a, como se feliz pela conquista. / Era um sonho que, enfim virara realidade. Muitas curvas se deram, mas agora esta seria sua, como sempre desejara. - Mala, malinha, maleta!... Eu sabia que tu serias minha, mala, malinha, maleta”.

As malas têm valores diferentes. Posso descobrir os benefícios na escolha, para garantir o pique ao colocar o pé na estrada; que seja moderna e resistente, fácil de limpar.

Francisco Alvim: “Está de malas prontas? / Aproveite bastante. / Leia jornais; não ouça rádio de jeito nenhum. / Tudo de bom. Não volte nunca mais.”

Parece coisa de turista? Bem, pode ser...

Não deixo que as malas tomem conta da minha viagem. Uma só mala é o suficiente para o visual. Mas se quiser, ousa: curto o máximo da viagem.

Pedro Du Bois: “... ao regressar de corpo e alma / trouxe na mala as lágrimas /de ter estado longe /e tão perto de perder /a vida em pensamentos”.

Há quem diga: sou uma mala sem alça. As pessoas gostam de brincar sobre as suas muitas conquistas, mas nenhuma se compara ao fato de acreditarem que revelam, ainda, um vínculo emocional com a mala, e se mantêm poderosas.

Alberto Caeiro: “... Não era mulher: era uma mala / Em que ele tinha vindo do céu./ E queriam que ele, que só nascera da mãe, / E nunca tivera pai para amar com respeito / Pregasse a bondade e a justiça!”



Vale a viagem! Boa oportunidade para comprovar que apreciar os campos verdes é muito mais que o jardim de casa. Que conhecer a cidade com vida cultural, faz-me sentir inspirada. As malas colocam suas energias nesses objetivos.

Luiz Coronel: “Beijo/ a manhã / num bocejo./Arrumo as malas //... Volto para casa. / Pego as malas / e embarco /na estação / primavera.”

Data : 19/10/2016

Título : A ARTE DE VIAJAR

Categoria: Crônicas

Descrição: A vida nos exige muito e, com tantos compromissos, tentamos relaxar nas pequenas coisas, para tornar o dia a dia especial, como viajar...

A vida nos exige muito e, com tantos compromissos, tentamos relaxar nas pequenas coisas, para tornar o dia a dia especial, como viajar, que está diretamente ligada a nossa satisfação. Cada um é diferente e quer chegar a lugares diversos. É uma das formas de sonhar com a realidade, além de nos inspirar para aumentar as fronteiras provando que na beleza natural está a alegria de viver e o vigor na disposição para estarmos no lugar sonhado.

De certo modo, conduzimo-nos para perto da realização. Nas palavras de Getúlio Zauza, “Ó brisa do Sul / que roça meu devaneio! //... Amoleço. / Estremeço. / E esqueço-me do tédio. / Que santo remédio / é a brisa do Sul.

Quando viajamos, conduzimos o tempo para descobrir o que podemos fazer ou desfazer para nos desvencilhar da rotina diária e deixar “rolar”, como pedras ao longo do caminho, para encontrar o sentimento como expressão; como no poema de Cassiano Ricardo, musicado por João Ricardo e gravado pela primeira vez em 1973, pelo grupo Secos & Molhados, “Nos fios tensos da pauta de metal / As andorinhas gritam / Por falta de uma clave de sol”.

Sentimos, por vezes, que temos “asas” quando a viagem se torna o respiro para nos reinventar: sem horários para cumprir e sem o toque do telefone para resolvermos as questões. É o ponto da virada, porque fizemos a opção pela viagem e deixamos o desejo ir ao encontro do tempo, como real sentido do lazer, onde nos entusiasmos com o novo e mesclamos razão e emoção.

Na arte de viajar reconhecemos, emocionalmente, nossa força como referência a sinalizar o que pode ou não provocar nossa curiosidade ao avaliar (viver) a ruptura como caminho próprio. Como poetiza David de Medeiros Leite, “a poeira da memória / a avidez do presente / o sol do porvir...”

Viajar é arte para nos confrontar com a variedade de paisagens que geram ações para experimentarmos o que está ao nosso alcance e refletirmos sobre o novo. Assim, ficamos na expectativa, quando nos colocamos no tempo para sentir que a viagem segue

caminhos de ampliação da consciência, construindo a arte de viver; o que, nas palavras de Jorge Xerxes, “É da diferença que resulta a existência; / toda ela”.

Data : 25/09/2013

Título : A BOLSA

Categoria: Crônicas

Descrição: Chegou a hora de realizar o desejo inconfessável: escolher o acessório que muda tudo e deixa a mulher mais poderosa e glamourosa.

Chegou a hora de realizar o desejo inconfessável: escolher o acessório que muda tudo e deixa a mulher mais poderosa e glamourosa. A bolsa revela o estilo da mulher, sintetiza os flagrantes do cotidiano e suas lembranças.

Uma bolsa pode transformar o visual; nela são guardados os segredos que soltam a imaginação e, sem medo de ser feliz, Júlio Perez desvela, o que A Bolsa de Minha Mãe e outros contos contém, “... Pois bem, estes contos representam um período da minha vida literária que começou magicamente no ano de 1995...”

Li e remexi n’A Bolsa de Minha Mãe, não me fiz de rogada ao percorrer o ritmo das palavras. Percebi que o mistério para o autor não é algo para ser desvelado, mas, para ser refletido. Demonstra seu toque pessoal ao revelar ideias com olhar diferenciado, “A bolsa de minha mãe sempre exerceu um fascínio sobre mim... O fato, porém, é que essa bolsa monopolizava minha atenção todas às vezes em que se apresentava a oportunidade de vasculhar o seu interior...”

Entre charmosos acessórios, a obra preserva as referências intelectuais do autor, encontradas entre um conto e outro, com estilo único, nas misturas mais improváveis: tons vibrantes que aquecem e personalizam as histórias; os diferentes looks que levam o leitor a prestar atenção no mecanismo de movimentação da narrativa, desvelando os mistérios como nos contos: A Caixa de Ferramentas, A Carta, O Interfone e A Bolsa de Minha Mãe.

O livro está centrado sobre a escolha do destino na trajetória inspiradora de Júlio Perez: descrever os contos com detalhes ao revelar o esforço do ser humano para com seu ambiente social; que cada pessoa contém suas diferenças e quer chegar a lugares diferentes para renovar seus momentos na vida, tendo por ideia sugerir ao leitor deixar sua marca, com expressão e impressão, num espaço dedicado ao lazer.

Data : 16/05/2017

Título : A BUSCA da BELEZA

Categoria: Crônicas

Descrição: Não adianta ver só o lado bonito de tudo. A busca pela beleza ...

Não adianta ver só o lado bonito de tudo. A busca pela beleza está na qualidade de vida, para fazer parte do nosso cotidiano. Não podemos valorizar apenas o sucesso, porque o fracasso também nos fortalece e com ele crescemos e aprendemos a lidar com as emoções. Getúlio Zauza reflete, “Eu sei! Até posso compreender / como a beleza nos seduz, / mas o que queria apenas saber / o que farás quando apagar sua luz? //... Eu não sei o que dizer / Para quem ganhou beleza. / Mas pergunto: o que vais fazer / Se a idade te inundar a Alma de tristeza”.

A verdadeira beleza é percebida através do olhar, das atitudes diante de uma situação ruim, o que até pode ajudar a diminuir o tamanho do problema.

A beleza está na nossa maneira de ser, em harmonia com o pensamento, porque as decisões só são tomadas quando cumprimos as tarefas rotineiras, como ações necessárias.

A busca pela beleza é se encontrar com os amigos, conversar e se interessar pelo outro; através dos contatos com as pessoas é que adquirimos novas informações e tornamos relativas as nossas verdades, para ver a vida de outros ângulos, como escreveu Craci Dinarte, “Cansei de ir e vir. / ...Quero um simples amigo, / capaz de partilhar comigo / das belezas da vida, / como andar juntos numa tarde de primavera, / ouvir lindas melodias, / sentir a carícia da mão...”

A beleza está no sorriso que concede a paz em nossas vidas; é enriquecedor, faz bem aos sentidos, porque é nosso aliado.

A busca pela beleza é encontrada na arte, como forma de reconhecemos os livros, filmes, quadros; na música, dança e poesia. É beleza inspiradora que ao se doar, enriquece nossas vidas. O poeta W.J. Solha “...Se pergunta se sabe quando um poema está a se tornar maneirista ou – pretendendo grande valor / estético – a se fazer hermético, / ou, / de grandioso, / passa a se tornar / pomposo!...”

A beleza é revelada quando estamos envolvidos com a rotina e nem percebemos os ruídos do dia, mas, admiramos a chuva e o sol e lembramos o nome do vizinho e do colega.

A beleza está na simplicidade do gesto traduzido em carinho, atenção e amor, como elemento de humanidade. Segundo Pedro Du Bois, “Ao se ver no espelho / por inteiro / a mulher mais linda / do mundo / soube pela imagem / refletida / ao contrário / sobre o dia futuro / em que os espelhos seriam cobertos / na indelicadeza com que os dias / passados / atravessam os vidros / e se instalam / em quem se olha”.

A busca da beleza está em reconhecer que a aparência pessoal é questão de consciência. O xis da questão é que se sentir bonito significa enxergar além da imagem refletida no espelho; equilibrar e enriquecer culturalmente a vida. É resgatar o bom senso para nos sentirmos felizes e desafiar o conceito hedonista da beleza.

Data : 10/07/2020

Título : A BUSCA pela BELEZA

Categoria: Crônicas

Descrição: Não adianta ver só o lado bonito em tudo. A busca pela beleza está na qualidade de vida, para fazer parte do nosso cotidiano.

Não adianta ver só o lado bonito em tudo. A busca pela beleza está na qualidade de vida, para fazer parte do nosso cotidiano. Não podemos valorizar apenas o sucesso, porque o fracasso também nos fortalece e com ele crescemos e aprendemos a lidar com as emoções. Getúlio Zauza reflete, “Eu sei! Até posso compreender / como a beleza nos seduz, / mas o que queria apenas saber / o que farás quando apagar sua luz? //... Eu não sei o que dizer / Para quem ganhou beleza. / Mas pergunto: o que vais fazer / Se a idade te inundar a Alma de tristeza”.

A verdadeira beleza é percebida pelo olhar nas atitudes diante de situações ruins, o que pode ajudar a diminuir o tamanho do problema.

A beleza está na maneira de ser em harmonia com o pensamento, que as decisões belas são tomadas quando cumprimos as tarefas rotineiras, fossem ações necessárias.

A busca pela beleza é encontrar os amigos, conversar e se interessar pelo outro; através dos contatos com as pessoas adquirimos novas informações e tornamos relativas as nossas verdades, para ver a vida de outros ângulos, como escreveu Craci Dinarte, “Cansei de ir e vir. //... Quero um simples amigo, / capaz de partilhar comigo / das belezas da vida, / como andar juntos numa tarde de primavera, / ouvir lindas melodias, / sentir a carícia da mão...”.

A beleza no sorriso que concede a paz em nossas vidas é enriquecedor, faz bem aos sentidos, porque é nosso aliado.

A beleza é encontrada nas artes, como forma de reconhecermos os livros, filmes e quadros; na música, dança e poesia. É beleza inspiradora que ao se doar, enriquece nossas vidas. O poeta W. J. Solha “...Se pergunta se sabe quando um poema está a se tornar maneirista ou – pretendendo grande valor / estético – a se fazer hermético, / ou, / de grandioso, / passa a se tornar / pomposo!...”

A beleza é revelada quando estamos envolvidos com a rotina e nem percebemos os ruídos do dia, mas, admiramos a chuva e o sol e lembramos o nome do vizinho e do colega.

A beleza está na simplicidade do gesto traduzido em carinho, atenção e amor, como elemento de humanidade. Em Pedro Du Bois, “Ao se ver no espelho / por inteiro / a mulher mais linda / do mundo / soube pela imagem / refletida / ao contrário / sobre o dia futuro / em que os espelhos seriam cobertos / na indelicadeza com que os dias / passados / atravessam os vidros / e se instalam / em quem se olha”.

A busca pela beleza está em reconhecer que a aparência pessoal é questão de consciência. O xis da questão é que se sentir bonito significa enxergar além da imagem refletida no espelho, ao equilibrar e enriquecer culturalmente a vida. É resgatar o bom senso para nos sentirmos felizes e desafiar o conceito hedonista da beleza.

Data : 26/10/2013

Título : A CADEIRA

Categoria: Crônicas

Descrição: A cadeira, com ela nasce um novo conceito. Você já sentiu a sensação de uma cadeira estar olhando para você?

A cadeira, com ela nasce um novo conceito.

Você já sentiu a sensação de uma cadeira estar olhando para você? Ou já se deu conta da importância da cadeira? Segundo Pedro Du Bois, "... a cadeira representa a segurança do passado no que lembra..."

Há muito anos, para conseguir o meu primeiro emprego, em uma escola, foi necessário fazer teste de artes cênicas, frente aos professores do colégio e a banca de avaliação. Eles chamavam o candidato e colocavam um objeto no palco. O candidato tinha de criar algo, na hora.

Para mim, foi uma única cadeira, naquele imenso palco. As pessoas esperavam "luz, câmera, ação", mas ouviram minutos de silêncio. E nesse exato momento tive a dimensão da importância de uma cadeira, mas, lá estavam a cadeira e eu – o destaque do momento -, e aquela platéia esperando o "show". Bem colocou Cid Corman, "... me dá vontade de gritar / olha a gente aqui! – mas / percebo que // Sabemos cada qual / no seu próprio silêncio / quanto cada qual sabe."

Assim, tive a sensação de que a cadeira estava me olhando, pude sentir a sua presença e o objeto falar comigo. Ela e eu soubemos conquistar os nossos espaços. Ela chegou para ficar e eu consegui o trabalho. Como escreveu Ferreira Gullar: "... a cadeira não é tão seca / e lúcida, como / o coração." Nosso encontro fez a diferença, ela contribuiu para alcançar o meu objetivo, porque atraiu a atenção de todos. Nas palavras de Nicolau Saião: "... cadeira: imóvel / vivo / e fixo / figura incomparável que se estende //... - um monstro mudo... a olhar-nos."

Coloco a cadeira como ponto chave. Ela, com sua "autonomia", me fez acreditar nas mudanças e na necessidade de implementá-la com visão clara dos fins; a cadeira demonstrou a existência da alternativa: criar para vencer, como em Mário Quintana: "tenho uma cadeira de espaldar alto //... levemente balanço entre uma e outra vaga de sono."

O poeta Salete Aguiar, em seu livro Na cadeira de meu pai, reflete na poesia a passagem de questões envolventes em cada motivo, trazendo para perto do leitor as

histórias do coração. “Na cadeira do meu pai estou sentado, / mas filhos não querem colo, / querem asas...”

Hoje, me encontro em momento especial, sentada na cadeira de balanço da bisavó, enquanto olho o mar, balanço as ideias e repasso as situações vivenciadas, diferentes entre si, onde encontro a razão da diferença em minha vida, como reflete Eduardo Barbosa, “Sua varanda tem sombra / cadeira de balanço branca / uma bela vista do jardim / Bichano carente, livros e paz...”

Data : 23/03/2016

Título : a CAIXA

Categoria: Crônicas

Descrição: "A magia da caixa é transformar qualquer momento numa história.? Quando li esta frase me ocorreu que ao longo do tempo fui descobrindo a importância da caixa, como algo que se repete na memória:

“A magia da caixa é transformar qualquer momento numa história.” Quando li esta frase me ocorreu que ao longo do tempo fui descobrindo a importância da caixa, como algo que se repete na memória: quanto consigo guardar e reconhecer no que ela me coloca, ou não, em sintonia com os sentidos.

A caixa é a previsão de quem busca o objeto, para guardar o tempo, lembranças, poemas, cartas e fotos. Ela representa os segredos, incertezas e histórias. Sendo inédita e inesperada, supostamente, está envolvida em alto grau com os sentidos de quem faz da sua existência o manual de procedimentos da vida em pleno criar. Francisco Alvim mostra o seu momento criativo n’A Caixinha do Saber e na Caixinha de Segredos; Sérgio Napp amplia a ideia no seu livro Caixa de Guardados. E Índigo em seu livro infanto-juvenil, Caixinha de Madeira, faz relatos (1697 a 2001) em cartas sobre o outro lado da história de Branca de Neve, Cinderela e Bela Adormecida.

Quando pego a caixa, penso encontrar o novo e acredito que ainda posso criar enquanto mexo e remexo, até misturar o tempo das palavras e me sentir convencida de que ela me leva à reflexão. Destaco olhares para as caixas dos poetas, no poder construir a imagem onde a poesia se contrapõe à rudeza da realidade e, ainda, guardar em cada caixa o tempo necessário para que os efeitos das palavras, em cada autor, possam ser transformados em nova potência. Como em Fernando Pessoa, segundo Ivan Teixeira, “que publicou pouca coisa em vida, mas deixou enorme quantidade de inéditos num famoso baú, de onde os estudiosos vêm abundantemente extraindo surpresas e mais surpresas”. Donald Mello, em “Caixa de Bordado // guardados sem utilidade, lembranças apenas: /... um santinho-mensagem... // Lembranças com utilidade, guardados apenas: / muitos botões solteiros, botão de osso... // meadas em tons diversos: arco-íris na caixa. // O caos da caixa se encaixa: / em tardes soturnas, domingos vazios...”

Na caixa observo o que gosto; pego o conteúdo com a sensação de que é o meu modo pessoal e, muito possivelmente, como sou. Sob todos os conceitos a caixa é o resultado, contraste entre a posição das imagens tendência e estilo; equilíbrio perfeito entre o desejo de lembrar e o que deixei para trás: memória e sentimento. Mais que tudo, sei da magia e a reconheço, porque representa a história. Mariana Ferreira descreve, “No chão do quarto, / espalhados... brinquedos. / No baú jogado ao canto, / guardados... segredos”

Quando finalmente a memória cristaliza a lembrança, defino e reconheço o valor sentimental da caixa, como Carmen Presotto revela no livro Encaixes: “... Encaixar minha vida em mágicas caixas / descrever certezas / e / desconectar // ... Desencaixo... loucura de viver”.

Data : 23/03/2016

Título : a CARTA

Categoria: Crônicas

Descrição: Querido, "Não quero luxo nem lixo, quero ser imortal", quero ficar com você.

Querido,

“Não quero luxo nem lixo, quero ser imortal”, quero ficar com você. Mascaro a velhice na ausência que busca o sonho: renascer ou envelhecer?

Passo pela história sobreposta em caminhos e lembro o portal, o jardim na edificação antiga, onde o envelhecimento acontece em brumas de outras histórias e se apodera do momento em que colho o sentido da vida no não retorno: nostalgia ou tristeza?

A aridez do tempo desfoca minha realidade de idosa ao me remeter para o presente na ausência anunciada, em mera fumaça lanço a vida em sonhos, refaço trajetos e busco motivos para que o amanhã se repita no ontem: pranto ou choro?

A idade avança na medida em que divido o tempo, como jogo entre amigos, em que conto os resultados diários sem alarme. Minha dúvida é se ainda há alarme para o coração; ou apenas digo que hoje é domingo? Busco o seu olhar para realizar minhas fantasias e ouvir seus segredos ao apreciar a paisagem: nasci para envelhecer?

Quero ficar com você. Em tudo que vejo e ouço é sempre você! Carlos Drummond de Andrade demonstra, na “Carta a uma Senhora,... Por isso lhe escrevo esta carta, que é especial: não vai por terra ou mar, nem vai de avião, vai pelo rádio. Se fosse pelo correio, a senhora reconheceria logo a letra do envelope, e não seria surpresa... A senhora, seu marido e seus três moleques recebam, pois este abraço que lhes manda pelo rádio um velho amigo saudoso; abraço tão real e apertado como se estivéssemos todos reunidos de verdade nesta sala”.

Abraços da sua amiga de sempre para sempre.

Data : 20/04/2016

Título : A CASA

Categoria: Crônicas

Descrição: A casa combina e contém o estilo de cada pessoa, para satisfazer o gosto e as necessidades encaixadas como peças de jogo de armar ...

A casa combina e contém o estilo de cada pessoa, para satisfazer o gosto e as necessidades encaixadas como peças de jogo de armar: transforma-se em lugar único, onde o sonho concretizado se torna lembrança e história em minha vida. Encontro em Pedro Du Bois o livro A Casa Diversa, “A casa em silêncio / guarda o sentido e a lembrança. //... a casa recolhe o silêncio dos que foram o passado não resolvido no esquecimento...”; em Agostinho Both, o seu primeiro romance, 1990, Para Onde Vão Nossas Casas.

Na casa do tio Nilo, após o seu falecimento, encontrei em seu armário textos com poemas de Aparício Silva Rillo – poeta gauchesco, humorista e autor do livro Rapa de Tacho – em que senti novas cores como se fosse novo ambiente. Transformada pelo esplendor do poema Herança, visto ter sido escrito há cerca de quarenta anos, senti o incomum encontro: as marcas da passagem do tempo e a saudades “daqueles tempos”, como na sua poesia, “Naqueles Tempos. / Sim, naqueles tempos / as casas já nasciam velhas. / Eram cálidas... // mostravam-se nuas, / abertas em janelas que espiavam / da sombra verde para o sol das ruas. // Naqueles Tempos./ Sim, naqueles tempos / tinham balcões e sacadas essas casas / e úmidos porões e sótãos com fantasmas //... Naqueles Tempos / sim, naqueles tempos / as portas eram altas / e alto o pé direito das salas dessas casas. / Mas eram simples as pessoas que a casa abrigavam. // Naqueles Tempos. / Sim, naqueles tempos //... Somos guardiões de casas velhas / almas de sesmarias e de estâncias, / paredes que suportam seus retratos...”

Rillo ao poetizar mostra o quanto de lembranças renasce no silêncio da casa e a saudade decomposta pelo tempo faz mergulhar no passado, o que me remete à profundidade da casa como “herança” contada como fendas que resurgem em minhas linhas de significados.

Concretizo a casa em palavras de contida história, onde a liberdade fica aprisionada quando nela entro, fecho a porta e apago a luz. Então, traço caminhos e imagino descobertas, como morar na cidade grande e esquecer a hora de voltar para casa: o progresso retrata a casa e desse encontro surgiu o livro A Concretude da Casa, de Pedro Du Bois, “A casa esconde segredos entrevistados / em personagens acorrentados aos dias; //... A casa exige explicações das palavras recebidas: ameaças circunstanciadas / em troca de ideias. / despenca na sala o quadro. / Atrasa o relógio da cozinha”.



A casa é o espaço onde me reconheço; nela fico quando busco pela minha morada. É âncora na certeza de dias ensolarados. Ainda hoje me surpreendo ao ser levada pelo silêncio da casa, como herança em que se acumulam recordações que se desfazem nos amanheceres, porque me sinto angustiada com a realidade que se apresenta áspera e, ao mesmo tempo, revivo a memória com a saudade de me ver refletida nos sonhos dos antepassados. Como em Pedro Du Bois no livro A Casa em Procuras, "... ter a lembrança da primeira casa na idealização / dos sonhos permitidos e deles retirar os olhos / ampliados em pensamentos aleatórios dos caminhos...", e, em Carlos Drummond de Andrade, "... A casa tem muitas gavetas e / papéis, escadas compridas. / Quem sabe a malícia das coisas, / quando a matéria se aborrece?..."

Data : 30/03/2015

Título : A CENA

Categoria: Crônicas

Descrição: "... é tempo de tempo / que o sonho ainda existe / e que a vida é roda do mundo a girar" (Lise M.R.Fank)

"... é tempo de tempo / que o sonho ainda existe / e que a vida é roda do mundo a girar"  
(Lise M.R.Fank)

Abro a porta que tem vista para a praia e vejo pulsar o ritmo do cotidiano ao se embrenhar nas águas do mar. Compartilho a paisagem quando mergulho no reflexo do espelho. Não há conceito, apenas imagens que ocultam minhas palavras. Não há espelho, há o reflexo da consciência em que o pensamento me persegue em instante de liberdade. Como revela Gilberto Mendonça Teles, "... No seu espelho a realidade / se vê mais espessa e infinita, / porque ali o tempo se bate / no centro da árvore da vida".

Nesta fresta a memória soa como eco entre uma palavra e outra; uma lembrança e outra; um pensamento e outro. Sorvo o ritmo do ar marinho ao olhar para o barco deslizando; como em Jaime Vaz Brasil, "... Quando a palavra / amanhece // desaba / e fundona tudo // à fenda de um pesadelo / que espia seu conteúdo".

Sem história, costuro o horizonte em seu infinito percurso e partilho a praia com o albatroz. De uma forma ou de outra, retiro a máscara e renego o que o vento demarca. Então, volto ao dia a dia onde encaro o sonho como sonho. Regresso em meus sentimentos e recuso a paisagem, o barco e o mar que trama em ondas. Espantada, acordo!

Data : 27/09/2017

Título : A CIDADE

Categoria: Crônicas

Descrição: A cidade carrega marcas da natureza exuberante; em tons claros e escuros move e transfigura outra dimensão da realidade ...

A cidade carrega marcas da natureza exuberante; em tons claros e escuros move e transfigura outra dimensão da realidade para marcar o quadro que em si harmoniza: o tempo, o ontem e o hoje. A conquista do povo que tem apenas o direito de jogar as cinzas no ambiente, após aplaudir os vencedores. Ivaldino Tasca demonstra no livro Retrato 3x4 de Passo Fundo, com o ensaio “Como Brota Um Lugar?”, e indaga: “... Como brota uma cidade?... Quem foi o primeiro a chegar ao lugar que viria a ser cidade que agora está no mapa?”

A cidade tem a face exposta na paisagem e na arquitetura, como o sonho em significados: registra o sorriso dos cidadãos na esperança interligada pelo consciente de suas limitações. Ela desfila a harmonia do impossível em “gaiolas” emaranhadas que se erguem sem luz, ao migrar pessoas que procuram algum sentido nas máscaras que encenam a vida urbana. Nas palavras de José Eduardo Degrazia, “Não se conhece / uma cidade se não se andou / em cada bairro, se nossos pés / não trilharam a mínima senda / do morro onde as crianças / levantam pandorgas...”

A cidade em seu percurso anula o que há de liberdade, nela pulsa a troca dos mundos em encontros transitórios, fazendo-nos esquecer de ir ao encontro das pedras que ladeiam as ruas de nossas casas, por entendermos serem essenciais os sinais luminosos na linha do horizonte. Eduardo Barbossa retrata que “A cidade acordada / Eternamente // os sons e movimentos / tiram-lhe o sono // cansada... / deseja o silêncio...”

A cidade não cicatriza as lembranças que a saudade reflete no que fica das atitudes das pessoas. A cidade não permite o esquecimento, que está prescrito em seu viver, no que destila e instila o condenar a quem errou, como expressa Pedro Du Bois, “... Inertes / vemos nossa / simplicidade bater em retirada / pela janela do oitavo andar, / cada vez que a vergonha sobe / pela escada pulando os degraus pelos / nossos desiguais. // Sem piedade.”

A cidade mostra o nada ao evocar sua presença no silêncio, onde o vento sopra para refazer o esboço no ir e vir do pensamento. Assim, a brisa expande, interpreta e invade o limite que a cidade adota ao recompor o que nela perdura, como em Juliano Garcia Pessanha, “... andei com você pela cidade e eu nomeei os lugares e a vida – sonho de cada rosto que cruzamos...”; ainda, “Cruzei doze cidade, sempre olhando as casas pelo lado de fora e espantado porque do rosto dos homens havia sumido o encanto...”

A cidade não se protege dos ruídos; tudo é rapidamente consumido no desespero por registrar os diferentes sons, nada se passa como no passo da bailarina. Tragédias e cores transmitem o poder na sensação de consumir o gesto na imperfeição das formas; Helena Rotta de Camargo alerta, “...não deflore os muros nem fira as paredes, que as marcas da rebeldia agem como vapores tóxicos nas veias da cidade”.

A cidade muda o nosso destino; sua procedência se transforma na revelação de que a verdade é essencial para mostrar a conservação de suas marcas na história. Barulhos acompanham nossos passos, mesmo antes de atingirmos o destino final em que o homem torna-se cidadão na imensidão da história.

Data : 21/11/2012

Título : A cidade de João Ninguém

Categoria: Crônicas

Descrição: Você já ouviu falar na cidade de João Ninguém? É a cidade onde todos mandam, ninguém obedece e poucos respeitam. Noel Rosa, em tempos passados, compôs uma letra com o nome de João Ninguém.

Você já ouviu falar na cidade de João Ninguém? É a cidade onde todos mandam, ninguém obedece e poucos respeitam.

Noel Rosa, em tempos passados, compôs uma letra com o nome de João Ninguém. O poeta teve sensibilidade para compreender o que estava acontecendo à sua volta; foi capaz de traduzir naquela música o seu tempo social. Trabalhou duro a palavra para tentar mostrar o que estava acontecendo em uma cidade saída da Revolução de 1930, num país carente da palavra; ele soube usá-la para definir o movimento das palavras para com a música: “João Ninguém / Que não é velho nem moço / Come bastante no almoço / Pra se esquecer do jantar / Esse João nunca se expôs ao perigo / Nunca teve um inimigo / Nunca teve opinião.”

Mas, nos tempos atuais, é a cidade em que o povo escuta música em volume excessivo, nos carros, nas ruas, até altas horas; os carros são estacionados de qualquer maneira, em qualquer mão. Nas lojas, parece que cada dono faz o seu próprio horário de atendimento. Não há policiamento. As casas são assaltadas à luz do dia. A novidade é que, agora, os ladrões escalam prédios e até matam para roubar. Os supermercados fixam preços de acordo com a temporada. O saneamento básico é feito e refeito. E como é a cidade de João Ninguém, não são tomadas providências, nenhuma atitude sobre absolutamente nada. Tudo é permitido, tudo podem.

Álvaro Mutis, poeta colombiano, mostra-nos que a força das armas não contempla a permanência, ao contrário, leva à destruição e ao esquecimento; a ilusão do progresso como atos a reconfigurar a terra em novas formas de compartilhamento: “Senhor das armas / ilusórias, faz tanto tempo / que o olvido trabalha / teus poderes que teu nome, teu reino / e torre, o estuário as areias e as armas / se apagaram para sempre...”

E como vivem os forasteiros nessa cidade? Eles entendem que a cidade de João Ninguém é protegida pela natureza. Que o Sol é glorioso e a Lua quando bate no mar

reflete os sonhos. Que o entardecer se confunde com as telas de Ivan Freitas. Que o mar é verde como a esmeralda, como pinceladas de Sansão Pereira. Que os pescadores pertencem à tela de Elias Andrade.

E que, ainda, sentar no terraço e apreciar a paisagem na companhia de Mário Quintana, Jorge Luis Borges e Saramago faz com que consigam esquecer que essa cidade pertence a João ninguém. A brisa chega com Cecília Meireles e cada momento de “Isto ou Aquilo” é desfrutado com muita sabedoria.

Assim vivem os forasteiros na cidade de João ninguém, tentando unir as letras ao povo, dando-lhes lápis e papel para perceberem a realidade; desafiando a cidade a arranjar um amor e uma palavra.

Data : 16/01/2013

Título : A CONSTRUÇÃO DO GESTO

Categoria: Crônicas

Descrição: Na construção do gesto temos a representação do pedreiro como fonte primordial da vitalidade em quem podemos acreditar como possibilidades da importância das mãos.

Na construção do gesto temos a representação do pedreiro como fonte primordial da vitalidade em quem podemos acreditar como possibilidades da importância das mãos. Segundo Pedro Du Bois, “Tenho a terra sob as unhas / o que seria meu / e de todos...// - o que seria se a terra estivesse / sob as unhas // a as mãos calejadas”

Na música, Chico Buarque homenageia o pedreiro como motivo do mais legítimo orgulho do povo brasileiro, qualificando o seu trabalho com as composições Pedro Pedreiro e Construção.

“... Pedro pedreiro espera o carnaval / Esperando , esperando, esperando o sol // Esperando o trem, esperando aumento para o mês que vem / Pedro pedreiro penseiro esperando o trem / Manhã parede, carece de esperar também / Pedro não sabe mas talvez no fundo espere alguma coisa mais linda do mundo...”

A letra dessa música, na verdade é muitas vezes peça de ficção, mas também é categórica na identificação do gesto quando a versão se mistura à vida. Em vez de discursos há uma composição que se faz notória e engrandece a profissão do pedreiro como ato social.

“...Subiu a construção como se fosse máquina / Ergueu no patamar quatro paredes sólidas / Tijolo por tijolo num desenho mágico / Seus olhos embotados de cimento e lágrima / Sentou para descansar como se fosse sábado...” (Chico Buarque)

O pedreiro trabalha em ritmo de muita exigência e prazos: início e término da obra. Ele é peça principal no jogo de montar. Sua prática e visão são estratégicas para obter

o caminho até o resultado, e encontrar a satisfação do trabalho feito pela conquista das mãos. O mérito é o processo, e a prática é o resultado da busca do reflexo na sociedade para a valorização da profissão.

“...Subiu na construção como se fosse sólido / Ergue no patamar quatro paredes mágicas / Tijolo por tijolo num desenho lógico / Seus olhos embotados de cimento e tráfego / Sentou prá descansar como se fosse um príncipe...” (Chico Buarque)

Ao pedreiro faço reverências, pela capacidade de sobreviver aos desafios gerados pela construção que, ao ser vivenciada, revela o gesto. Trata-se na verdade do reconhecimento por acreditar no seu esforço e pela contribuição que traz para a sociedade, onde desempenha o papel importante de ter a construção como gesto.

“Bastam as mãos ...// saber que o pó entranha a pele...// sem enfeites

bastam as mãos / repousando sobre a obra.” (Pedro Du Bois)

Data : 30/03/2015

Título : A COR DO INVISÍVEL (I)

Categoria: Crônicas

Descrição: O pensamento é visível? Pensamos em quê? Pensamos no nada? A vida assegura a ideia de que o pensamento é invisível. Nada é totalmente vazio.

O pensamento é visível? Pensamos em quê? Pensamos no nada? A vida assegura a ideia de que o pensamento é invisível. Nada é totalmente vazio. O pensamento avança, retrocede, hesita, desaparece e reaparece na imaginação, arrumando e desarrumando o imprevisto dos gestos e das palavras; para Thomaz Albornoz Neves, “Vês/o que/sentes//És o lago do olhar /na ausência dos olhos”.

O pensamento é invisível aos olhos da morte, pois, não a carrega, não é seu instrumento, nem mata.

O pensamento é invisível aos olhos dos sentidos: mãos que se tocam, fluem sem retorno ao perderem o sentido do outro. Thomaz Albornoz Neves demonstra, “És /ouro/onde não há luz//Dormes no cristal escuro/Um fio de relva divide a transparência”.

O pensamento é invisível aos olhos da confiança que, por desencargo de desconfiança, não admitimos na licença da fidelidade.

O pensamento é invisível aos olhos da vida, que nos espantamos por olhar a luz e vivermos no escuro como, ainda nas palavras de Albornoz Neves, “... O que se vê é o eco do que não é visto”.

O pensamento é invisível aos olhos do tempo; ao presente cabe a conta das injustiças, quando o tempo cai sobre todos em notícias, queixas, desamores e despalavra e, segue Albornoz Neves, “Ao gesto / tens o corpo / de luz / onde chove // Do escuro te contemplas”.

O pensamento é invisível aos olhos da lembrança: a vida desfila em palavras, onde o mundo das artes pode ser visto nas cores do sangue, do sol e do mar.

O pensamento é invisível aos olhos do coração na devolução da alma, na pausa do silêncio, num rebrilho da luz. Como escreve Neves, “tua luz/dissipa / as formas //No lago de calor/sou acorrentado”.

O pensamento é invisível aos olhos da paisagem; leva e traz os sentidos e também regressa com o olhar da despedida.

O pensamento é invisível aos olhos do silêncio quando esquecido ou lembrado, preso no instante em que é desenhado pela mente, como Albornoz Neves retrata, “Somes/no silêncio//És o que te sonha”.

O pensamento é invisível aos olhos da confissão quando chegamos ao limite expirando e desfolhando o ato que grita ao descaminhar o nada para o querer ensurdecido.

O pensamento é invisível aos olhos da mentira que nos encaminha para o nada e nos leva a lugar algum, beirando a margem da sombra; como, ainda, em Albornoz Neves, “É dia//no centro/da luz/raias //A luz é tua sombra”.

O pensamento é invisível aos olhos da memória, pois, o silêncio vela a memória; gestos recriam a memória; a música inventa as suas cores e as palavras dão entonação à memorizada voz.

O pensamento é visível no estalar dos vidros; na inocência e malvadeza; na descoloração das árvores e nas luzes que revelam outras vidas em imagens, fotos e perfumes; então, vemos pessoas desembrulharem os nós e converterem o pensamento em gestos e ideias para a vida. Como refletido por Tanussi Cardoso,... uma coisa é esperar; outra coisa é acontecer/ uma coisa é rezar; outra coisa é crer/ uma coisa é chorar; outra coisa é doer/voraz é a verdade dos vinhos esmaecidos /feroz é a idade – futura – não – acontecida/ ...viver é crer que se quer viver! /É voar nas asas dos pássaros, sem sangrá-los!...”

Data : 30/03/2015

Título : A COR DO INVISÍVEL (II)

Categoria: Crônicas

Descrição: A cor do invisível se transforma em tons que vão da arte aos sentimentos e dão o toque final no equilíbrio e na medida certa para se redesenhar o cotidiano, nas expressões poéticas, nos traços na tela e nas imagens fotográficas.

para Honorina

A cor do invisível se transforma em tons que vão da arte aos sentimentos e dão o toque final no equilíbrio e na medida certa para se redesenhar o cotidiano, nas expressões poéticas, nos traços na tela e nas imagens fotográficas. Nas palavras de Francisco Mello Garcia, "... Poeta é igual a um pintor/Ou de quem faz escultura,/sem pincel tela ou bronze/Diz no verso o que procura,/ Mesmo sem tinta nenhuma pinta arco-íris nas alturas./ E mesmo sem aparecer/Põe as cores na figura..."

A mistura de tons, em versões variadas dá detalhe inusitado ao jogo dos opostos, com movimentos e traços que refletem a importância da fotografia para cada pessoa.

A foto mostra o ontem no hoje, como beleza sedutora do tempo e o (re)construir o invisível em cor visível. As chances estão no momento do click, como saudade expressada na cor do invisível, na sensação de poder voltar no tempo; de trazer em tons vibrantes a uniformização dos efeitos sobre os sentidos. Segundo Helena Rotta de Camargo, "Faço questão de refletir sobre o passado, que isso me energiza para os embates do presente".

Fotografias exercem poderes mágicos quando nelas reencontramos a alegria daqueles instantes. Colorem nossos pensamentos e nos garantem menos danos à vida. Francisco M. Garcia expressa, "... O meu receio é ser preso/ Por uma verdade dita, / Pois tantas ficam ocultas /... Algumas se vê à cores..."

A cor do invisível é forma para repensarmos as emoções, porque se revela em tons pessoais. Por vezes, até o vento se apresenta sem alteração, trazendo a fragrância do momento apreendido, significando que a foto tem o poder de reconstruir e influenciar no estilo de vida. Ressalvo que há tons para se considerar, que interferem na nossa maneira de se expressar, como desejo permanente da cor do invisível. Tais tons são segredos que carregamos e nos permitem descobrir qual a tonalidade certa para cada saudade. A intenção é de dar tons à cor do invisível no espalhar sensações do bem viver e preencher a solidão, como em Jabs Paim Bandeira, "como são doces minhas lembranças que iluminam minhas noites. Embora você tendo partido, continua presente e vivendo em mim".

As fotos expostas emolduram nossas vidas; por vezes, conversamos com os personagens indelévels e lembramos-nos de fatos historiados, com que transformamos a cor do invisível no tom do coração, vibrante.

Revivemos no tempo de vivenciar, imaginar, olhar para as fotos e indagar, quantas eram as cores? Emoção que nos leva lembranças boas e más, abrindo horizontes em que nos apoiamos e dividimos o espaço, sinalizando, reforçando e reconhecendo que cada um procura o incentivo preciso para passar seus repetidos dias. A vida fica mais leve com os retratos expostos e presentes, porque ganhamos o mundo sempre que fazemos do invisível um desafio prazeroso.

Data : 02/10/2013

Título : A COR DO MEDO

Categoria: Crônicas

Descrição: A cor do medo é transparente e por vezes (in)visível como em Pesadelo, cantado por Maurício Tapajós e Paulo César Pinheiro, "... olha o muro, olha a ponte / olha o dia de ontem chegando / Que medo você tem de nós.../ Você corta um verso eu escrevo outro / você me prende vivo eu escapo morto...?"

A cor do medo é transparente e por vezes (in)visível como em Pesadelo, cantado por Maurício Tapajós e Paulo César Pinheiro, "... olha o muro, olha a ponte / olha o dia de ontem chegando / Que medo você tem de nós.../ Você corta um verso eu escrevo outro / você me prende vivo eu escapo morto..."

Dentro da literatura, a morte se apresenta de forma criativa/ artística e nos leva a grandes emoções e reflexões, como nas obras, Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto; A Morte e a Morte de Quincas Berro D'água, de Jorge Amado e as Intermittências da Morte, de José Saramago.

Para os escritores, a morte de certa maneira vem acompanhada de um sentimento inexplicável: a inspiração como exaltação da vida, como vemos em Mário Quintana, "A morte deveria ser assim: / um céu que pouco a pouco anoitecesse / E a gente nem soubesse que era o fim."

A cor do medo representa a morte através de palavras fortes, doloridas e escuras, com o ar da dor da saudade, que também é solitária, porque nos sentimos indefesos, pequenos e insignificantes diante do vácuo, como nos mostra Pedro Du Bois, "choramos a morte // Mesmo que nos liberte. // Choramos a libertação / da morte / morte libertada / libertária. // Seca estrada / em pós / de choradas mortes."

Morrer significa viver o vazio? Morrer é terminar com a vida, o amor, as idéias, a luz, as cores? A morte não é expressão da vida? A morte deixa marcas que, muitas vezes, são os alicerces da vida. Sem a presença desse atenuante não realizamos os nossos desejos e nem mostramos que a amizade, o amor, a solidariedade e o companheirismo superam a morte. Enfim, é o suspiro que precisamos para respirar, sendo a cor do medo o que enfrentamos para colorir. Segundo Jean Baudrillard, "Aquilo que chamam morrer não é senão acabar de viver e o que chamam nascer é começar a morrer. E aquilo que chamam viver é morrer vivendo. Não esperamos pela morte: vivemos com ela perpetuamente."

Precisamos da arte para recriar a vida e sentir, em forma de liberdade, a cor do medo, que ao desvelar o silêncio nutre a esperança da ressurreição das cores. Carlos Pessoa Rosa expressa, "... Hoje sei que não se nasce da terra, mas é nela que adormecemos..." E Max Martins diz, "... o morto é morto / não podes cultivá-lo / no teu agora..."

Data : 30/03/2015

Título : A COR DO MEDO



Categoria: Crônicas

Descrição: A cor do medo é transparente e por vezes (in)visível como em Pesadelo, cantado por Maurício Tapajós e Paulo César Pinheiro...

A cor do medo é transparente e por vezes (in)visível como em Pesadelo, cantado por Maurício Tapajós e Paulo César Pinheiro, "... olha o dia de ontem chegando / Que medo você tem de nós.../ Você corta um verso eu escrevo outro/ você me prende vivo eu escapo morto..."

Dentro da literatura, a morte se apresenta de forma criativa/artística e leva a grandes emoções e reflexões, como nas obras, Morte e Vida Severina, de João Cabral de Melo Neto; A Morte e a Morte de Quincas Berro D'água, de Jorge Amado e as Intermittências da Morte, de José Saramago.

A morte, de certa maneira, vem acompanhada de sentimento inexplicável: a inspiração na exaltação da vida, como em Mário Quintana, "A morte deveria ser assim:/um céu que pouco a pouco anoitecesse / E a gente nem soubesse que era o fim"; e em Frederico Barbosa, "O que me espanta não é a morte /é ouvi-la tão aguda /que por sorte não se escuta".

A cor do medo resurge com a morte através de palavras fortes, doloridas e obscuras, com o ar da dor da saudade, que também é solitária, porque me sinto indefesa, pequena e insignificante diante do vácuo, como mostra Pedro Du Bois, "Choramos a morte// Mesmo que nos liberte.// Choramos a libertação /da morte/morte libertada/ libertária. // Seca estrada /em pós /de choradas mortes."

Morrer significa viver o vazio? Morrer é terminar com a vida, o amor, as ideias, a luz, as cores? A morte não é expressão da vida? A morte deixa marcas que, muitas vezes, são alicerces da vida. Sem a presença desses atenuantes não realizo os desejos e nem mostro que a amizade, o amor, a solidariedade e o companheirismo superam a morte. Enfim, é o suspiro que preciso para respirar, tendo a cor do medo para enfrentar e colorir. Segundo Jean Baudrillard, "Aquilo que chamam morrer não é senão acabar de viver e o que chamam nascer é começar a morrer. E aquilo que chamam viver é morrer vivendo. Não esperamos pela morte: vivemos com ela perpetuamente."

Preciso recriar a vida e sentir, em forma de liberdade, a cor do medo, que ao desvelar o silêncio nutre a esperança da ressurreição das cores. Carlos Pessoa Rosa expressa, "... Hoje sei que não se nasce da terra, mas é nela que adormecemos..." E, para Max Martins, "... o morto é morto / não podes cultivá-lo /no teu agora..."

Data : 05/03/2015

Título : A CULTURA COTIDIANA

Categoria: Crônicas

Descrição: Numa época em que a lógica são os negócios, certo é que não sobra tempo para a cultura...

Numa época em que a lógica são os negócios, certo é que não sobra tempo para a cultura, efetivamente dita. É como estar no meio do congestionamento, onde os olhos apenas percebem a poluição: propagandas, muros pichados, outdoors e outros... Como poetizou Fabrício Marques, “Pelas palavras que o tempo / cuida de explodir nos muros/ deixe tudo como está: melodia / está nos olhos: corta. / não corta: tremeluzente/ espera o novo dia nascer...”

A arte como expressão é mutável, universal e eterna. Será que as obras literárias e artísticas não merecem um olhar alheio? Ou será que diante das artes que alimentam os sonhos e as expectativas, ao insistir em pontuar suas opções, há como melhorar o cenário de nossas vidas tão corridas, e a cultura do cotidiano ficaria próxima ao índice zero? Inocêncio Melo afirma que “És poeta os ventos já sabem / Quem os calará? / Camões? / Fernando Pessoa?/ Jorge Luís Borges? / Francisco Carvalho? / Drummond? / Ferreira Gullar? / Procede minha afirmação / E ponto final.”

Talvez os diretamente interessados em adquirir cultura se preocupem com o cenário onde existem programas de integração cultural, para evitar conviver apenas com aqueles que se reconhecem entre si na competição do mercado de trabalho, desrespeitando seus próprios sonhos.

Quero dizer que a reação dos leitores pode canalizar para a cultura cotidiana, como espaço para a carência de ideias, a energia criativa; mesmo que por pouco tempo, seria a glória. Essa é uma alternativa atraente e ousada. Ao retratar a cultura de forma abrangente é possível reunir fontes diferentes para trazer obras em catálogos e coleções, proporcionando a cada um de acordo com sua vontade e curiosidade, como interessado.

O escritor e o artista plástico, quando autênticos, libertam-se e passam a fazer parte do complexo cultural, dando significado às obras ao recriarem a construção em cores e palavras, marcando a arte em cada um de nós. Segundo José Saramago, “Letra a letra, / palavra a palavra, / página a página / livro a livro, / tenho vindo, / sucessivamente, / a implantar / no homem que fui / as personagens que criei.”

Ao fugir da cultura cotidiana, passamos a viver iluminados, isto é, jogamos luz sobre a cultura. A cultura nos ilumina e não é uma luz qualquer, mas a dedicação intelectual. Pois, escritores e artistas plásticos renovam e enriquecem a nossa cultura e, ainda, estimulam as mudanças; “O que eles fazem pela cultura brasileira, não dá para retribuir só com aplauso.” Nas palavras de Rodrigo de Souza Leão, “... o escritor tem a generosidade de nos apresentar poemas que não conseguimos ler em nosso cotidiano...”

Data : 20/05/2013

Título : A Curva da Idade

Categoria: Crônicas

Descrição: Tenho mais de 60 anos. Vim morar na cidade grande para ter atendimento médico e ficar perto de minha filha.

“O meu maior prazer é mudar de opinião. / Com esse prazer vou evitando a velhice.”

(Álvaro Moreyra)

Tenho mais de 60 anos. Vim morar na cidade grande para ter atendimento médico e ficar perto de minha filha. Cada vez que penso em sair do apartamento lembro-me da casa que deixei, junto com a liberdade. E, logo, me vem à mente a música de Lupicínio Rodrigues: “Felicidade foi-se embora e a saudades no meu peito ainda mora e é por isso que eu gosto lá de fora, porque sei que falsidade não vigora...”

Sinto que existe preconceito quanto à idade e que as pessoas não conseguem ver a minha “idade mental” e perceber o talento que ainda tenho para ensinar. Sou cúmplice de mim mesmo para encarar momentos em que nada parece funcionar. Sei que tenho intermináveis distrações ao longo do dia, as quais não me impedem de realizar as tarefas, administrar o tempo, abordar as ideias para alcançar o equilíbrio. O poeta Nuno Júdice pergunta: “Mas o que fica/ nas palavras / daquilo // que se viveu?” Trago na bagagem o conhecimento. Sou capaz, experiente, maduro para resolver, ajudar e determinar qualquer situação. Basta que acreditem em mim. Não é porque sou aposentado com a aparência enrugada, que não posso defender meu espaço e meus sentimentos. Carmen S. Presotto demonstra, “Um dia.../ Um dia do futuro viveria sem mim/ Inflaria o infinito em busca de realidade/ Voaria de minha solidão/ Varreria a curva da idade/ Alisaria as pregas da vida/ Vestiria com tua pele as madrugadas.// Um dia do futuro fugiria de mim/ Rejuvenesceria a velhice de véspera e/ Só pararia ao me ouvir em tuas palavras./ Amor...”

Hoje, mesmo sentindo na carne o peso que carrego da sociedade e de alguns “amigos”, sou feliz. Porque tenho a família para amar e pela qual sou amado – considero a minha alegria, o meu raio de sol. E as netas, então? Brincamos de teatro e fazemos leituras em conjunto. Elas conseguem me ver por dentro, o que me leva a não desistir de existir. A vida ganha um toque de felicidade, suavidade e esperança. O que conta é a alma.

As pessoas precisam aprender a amar para respeitar a curva da idade. Nós, idosos fazemos parte da “memória cultural” e sem ela não haveria histórias para contar. Com certeza, alguns desejos custam caro, outros nos emocionam de tão singelos.

“... Lindos sonhos de amor, ternura e saudades. / Igual aos mistérios que o vento sopra / Que hoje o meu velho coração silencia...” (Carlos Alberto Lima Coelho)

Ao vivenciar os constrangimentos, sofro. Custa a acreditar que ainda há pessoas que pensam que são melhores por serem mais jovens. Sempre me pergunto: por que elas tentam enganar os idosos? Não basta sentirmos a curva idade todas as noites quando deitamos? Será que incomodamos tanto essas pessoas que elas não conseguem olhar para o lado? Será que merecemos ser tratados com indiferença? Essas perguntas queimam minha alma. Belvedere Bruno, reflete: “... Passo as mãos sob meus cabelos,... é o embranquecimento em si que me conduz ao estresse? //... O corpo que visualizo em minha lembrança, substituindo-o por este que vejo no espelho...”

E o que pode ser feito? Esta indagação é mais antiga do que eu, e está atrás da busca por um sentido interior, um caminho para a reflexão, para anunciar, indicar um novo olhar sobre as nossas dificuldades e carências que, assim, afastaria o preconceito e reconquistaria a dignidade, o amor e a alegria; zelaria por viver o amanhã e assim contribuiríamos para um mundo com mais vitalidade, inspirado no respeito. Segundo Nizan Kabani: “Eu conquisto o universo com palavras. //... os verbos e os nomes, //... E crio uma língua nova.../ Ilumino a nova era / E detenho o tempo nos teus olhos, / Apagando a linha que separa / Este instante da passagem dos anos.”

Data : 12/01/2014

Título : A desPALAVRA

Categoria: Crônicas

Descrição: Defino a despalavra como a dança de ideias que me seduz pela autenticidade dotada de silêncio, inverdades e discurso vazio, como o encontro de uma composição poética que traz a magia, o mistério e a fantasia

“Quem não vê bem uma palavra,  
não pode ver bem uma alma.”

(Fernando Pessoa)

Defino a despalavra como a dança de ideias que me seduz pela autenticidade dotada de silêncio, inverdades e discurso vazio, como o encontro de uma composição poética que traz a magia, o mistério e a fantasia. A despalavra se impõe, sobretudo, como poesia de significação.

Revelo a imaginação como a memória que inspirada traz surpresas nas entrelinhas e essa surpresa se impõe pela força do escritor: ao usar a despalavra, ele revela o pensamento que se cristaliza em poesia e constrói o inesperado. Ninguém como Jorge L. Borges para retratar, “El mundo, segundo Mallarme, existe para um libro; según Bioy, somos versículos o palabras o letras de um libro mágico, y este libro incensante es la única cosa que hay em El mundo: mejor dicho El mundo.”

Muitas vezes, quem se propõe a traçar as palavras em um poema acredita na importância da arte da despalavra – a palavra além do significado, a despalavra de maneira diferente na pluralidade e diversidade linguística, como acessório. Essa variação é o processo decorrente da criatividade e da vontade de nomear os fatos, como em Ordes Fontela, “Sob a língua...// alimento beijos palavras // ... O saber que a boca prova / O sabor mortal da palavra.”

Quem se dedica, tem em mente que trajetória irá tomar; passa a pensar na despalavra como a sensação que provoca o estímulo. Segundo Lima Coelho, “Não me

rendo ao espetáculo, mas a emoção.../ Não me rendo às palavras, mas ao sentimento, / Rendo-me aos sonhos para poder viver, / Para alimentar-me a alma...”. Nesse sentido, sem dúvida a despalavra é o ponto relevante no poema que une forma e conteúdo em resultado que vai além do estético e da significação. Cláudio Arcanjo escreveu, “... O jovem promissor da Letras nunca mais foi visto a escrever. Aquela professora conseguira, com uma palavra, sepultar um mestre”.

Criar é poder. Recriar é trafegar entre dois lados: expressão e imaginação; saber utilizar as palavras de várias maneiras, até inventar a despalavra e dar significado a ela. A poesia é o caminho mais gostoso por onde passear pelo mundo da imaginação, da despalavra ao sopro do reflexo como em Eduardo Barboza, “... sopra-me / o deserto reversivo / da alegria recolhida / a rodopiar em turbilhão de dia-a-dia / respostas vagas para perguntas não formuladas (sentidas) / e eu perdido no viver / anseio / por palavra sua”.

Data : 30/01/2014

Título : A desPALAVRA

Categoria: Crônicas

Descrição: A despalavra se impõe, sobretudo, como poesia de significação.

“Quem não vê bem uma palavra,  
não pode ver bem uma alma.”

(Fernando Pessoa)

Defino a despalavra como a dança de ideias que me seduz pela autenticidade dotada de silêncio, inverdades e discurso vazio, como o encontro de uma composição poética que traz a magia, o mistério e a fantasia. A despalavra se impõe, sobretudo, como poesia de significação.

Revelo a imaginação como a memória que inspirada traz surpresas nas entrelinhas e essa surpresa se impõe pela força do escritor: ao usar a despalavra, ele revela o pensamento que se cristaliza em poesia e constrói o inesperado. Ninguém como Jorge L. Borges para retratar, “El mundo, segundo Mallarme, existe para um libro; según Bioy, somos versículos o palabras o letras de um libro mágico, y este libro incensante es la única cosa que hay em El mundo: mejor dicho El mundo.”

Muitas vezes, quem se propõe a traçar as palavras em um poema acredita na importância da arte da despalavra – a palavra além do significado, a despalavra de maneira diferente na pluralidade e diversidade linguística, como acessório. Essa variação é o processo decorrente da criatividade e da vontade de nomear os fatos, como

em Orides Fontela, “Sob a língua...// alimento beijos palavras // ... O saber que a boca prova / O sabor mortal da palavra.”

Quem se dedica, tem em mente que trajetória irá tomar; passa a pensar na despalavra como a sensação que provoca o estímulo. Segundo Lima Coelho, “Não me rendo ao espetáculo, mas a emoção.../ Não me rendo às palavras, mas ao sentimento, / Rendo-me aos sonhos para poder viver, / Para alimentar-me a alma...”. Nesse sentido, sem dúvida a despalavra é o ponto relevante no poema que une forma e conteúdo em resultado que vai além do estético e da significação. Clauder Arcanjo escreveu, “... O jovem promissor da Letras nunca mais foi visto a escrever. Aquela professora conseguira, com uma palavra, sepultar um mestre”.

Criar é poder. Recriar é trafegar entre dois lados: expressão e imaginação; saber utilizar as palavras de várias maneiras, até inventar a despalavra e dar significado a ela. A poesia é o caminho mais gostoso por onde passear pelo mundo da imaginação, da despalavra ao sopro do reflexo como em Eduardo Barbossa, “... sopra-me / o deserto reversivo / da alegria recolhida / a rodopiar em turbilhão de dia-a-dia / respostas vagas para perguntas não formuladas (sentidas) / e eu perdido no viver / anseio / por palavra sua”.

Data : 12/08/2019

Título : A DOR

Categoria: Crônicas

Descrição: Minuciosamente, a dor chega ao meu corpo, tomando conta do pensamento, do tempo e da espera...

Minuciosamente, a dor chega ao meu corpo, tomando conta do pensamento, do tempo e da espera, compondo a cena em detalhes. Dependo da minha fragilidade e me sinto invadida pela tempestade em incontáveis dias de dor. Como posso sentir tanta dor se estou tão ocupada para repassá-la ao corpo? Como posso lembrar as boas passagens? É complicado! A vida tem faces que se mostram no desatino da dor. Sobrevivo à dor e a identifico como infame realidade. Encontro O Conhecimento da Dor de Carlo Emilio Gadda, publicado como folhetim entre 1938 e 1941 e, em livro, em 1963. O romance permite duas leituras, uma psicanalítica e outra linguística.

Penso que não tenho tempo para nada, mas, quando a dor se manifesta, paro tudo e me fecho em mim mesma. Sinto que o tempo transcorre em câmara lenta: não leio, não durmo bem e não me queixo. Deito ou sento confortavelmente (??) e espero a dor passar.

Depois, sinto-me inútil por ser física a dor! Não é como a dor da saudade, quando basta olhar a fotografia para amenizar o sentimento que chega com a lembrança. Aonde eu vou tenho a dor por companhia; como dizem as crianças, “dor dóida!”.

Não espero a certeza do tempo presente, pois, da primeira a última linha é a dor que vigora. É processo continuado; praia sem sol; rotina quebrada; flor sem perfume; amor sem sexo; paisagem sem cor; livro fechado; batom sem brilho; lua sem luz; viagem cancelada. Esses momentos os dias limitados parecem acerto de contas. Estratégia para sobreviver ao não poder escrever e não dirigir, apenas olhar para o vazio e ouvir Moments of Loves – músicas do final dos anos sessenta, para me distrair e driblar o sofrimento, fugir da tristeza do rosto de quem me cuida e ama.

De quantas dores somos feitos? Grito pela percepção da dor e retorno em lamentações. Cuido para a palavra “ansiedade” não tomar conta de mim. Compartilho em mim a dor, mas, o que realmente importa é cuidar da inquietude, para enfrentar a situação com coragem, que o meu tempo se revela sombrio na imobilização.

Preciso ouvir e reconhecer a voz sussurrando a dor; nela alio o humor e o pensamento. Às vezes, sou a dor contida nos gritos. Não sou heroína, sou apenas a palavra de hesitação à espera da recuperação. Procuro brechas para esquecer um pouco a dor, e encontrar a palavra para cruzar a fronteira entre o dito e o revelado, pois, minha vida está de ponta cabeça, num mundo do avesso.

Falo sobre a dor para exaurir a verdade sobre o meu corpo, mostrar a minha existência em repetidos dias. Como revela o livro “Certeza do Agora” de Juliano Garcia Pessanha, “A vida do homem é o instante onde o mundo, em vão, se ilumina”.

Data : 31/05/2017

Título : A ESQUINA

Categoria: Crônicas

Descrição: Quando revejo a cidade da minha infância, ...

“Era dobrar a esquina para desdobrar o passado...”

(Carlos Pessoa Rosa)

Quando revejo a cidade da minha infância, a ternura me envolve e tenho a noção dos anos passados e dos encontros nas esquinas. É o passado que retorna em lembranças, como o livro, a cadeira, o poema não declamado, o quadro do pintor desconhecido, o disco de Chico Buarque e o vento que escancarava as portas.

Sinto que é importante valorizar a lembrança – a esquina – para cada vez mais entender que a vida é o recolher histórias e, por essa razão, sinto-me feliz. Segundo Álvaro de Souza Gomes Neto, “Em cada esquina desse Porto / As vezes triste e muitas vezes tão alegre / Descubro em passos um compasso de viver / Que sempre sonho que jamais vou esquecer / De procurar uma razão pro meu andar...”

Quando parti da pequena cidade, levei comigo a lembrança da esquina em que havia um jardim, que ladeava a casa onde floresciam jasmims perfumados, que tomavam conta de mim. Nas palavras de Cora Laus Simas, “E hoje, aqui, eu, só, gozando esta fragrância, / vi-me galgando, distante da infância, /os degraus da vida inteira”.

Na incerteza do que vivi postada à janela, tenho a consciência de existir. Com as lembranças caminho a passos lentos, enquanto há a possibilidade de retorno, das quais não tenho vontade de me afastar, porque as tenho como os bons tempos. Fui feliz, por isso não choro. Carmen Presotto revela, “...Até um dobrar de esquina / sentir um parar perdido e / esquecer o caminho...”

Nas lembranças da minha cidade, se destaca o combinar com a turma nos encontrarmos na esquina. E lá deixamos nossas marcas, sejam inspiradas nas posturas de liderança ou com as histórias contadas. De uma forma ou de outra, foi a prova inequívoca do poder transformador da juventude, com a garra de estabelecer conexões afetivas por nossas raízes. A satisfação se encontrava na raiz de qualquer mudança que almejávamos. E isso era a nossa verdade, porque as vantagens de nossas novas atitudes tiveram significado especial: emoções, pensamentos ou apenas as palavras soltas; razões e sentimentos que nos impulsionavam a praticar o velho hábito: encontrar-nos na esquina para conversar. Isto nos obrigava a ter atenção e reflexão para com os amigos, algo que não dependia da opinião alheia. Ou seja, seguíamos nossas intuições e comportamentos como se fosse a realização do novo. Nas palavras de João Carlos Meirelles Filho, “...Todo ruído desviava / meus olhos da angústia / procurando você nas esquinas...”

Retiro da realidade o tempo e contemplo naquela esquina nossas descobertas em inundadas sombras. Reconheço o barulho e as sombras; regresso aos dias para escutar a vida que repousa na memória, como em Pedro Du Bois, “Rarefeito em esperas / apresso o fato: pelas esquinas / ...avanço o instante / e me deparo em retorno”.

O tempo se encarrega de demonstrar os limites da flexibilização dos encontros nas esquinas, trocados pelos encontros em shoppings. Espanto-me, hoje, com as pessoas que falam mal e tem preconceito em relação as esquinas. As opiniões vão além do que sou capaz de imaginar; Carmen Presotto retrata essa realidade no poema Sombras da Esquina, “...Homem da esquina / Ligeira sombra / Sem tua presença / Dobrei meus sonhos / Assombro-me / E não lapido qualquer / falso cristal.”

Data : 07/10/2020

Título : A EXCEÇÃO

Categoria: Crônicas

Descrição: Toda a regra tem a sua exceção; existe e sempre está no meu caminho fosse algum desequilíbrio social ou, talvez, o adorno nos fatos corriqueiros...



Toda a regra tem a sua exceção; existe e sempre está no meu caminho fosse algum desequilíbrio social ou, talvez, o adorno nos fatos corriqueiros. É o que vejo na poesia de Jurandir Bezerra, no livro Os Limites do Pássaro, “Sinônimo de paz / não é o lago, nem o cisne, / mas teus olhos...”

A exceção é questionável quando me permito dizer que só é permitida para “os mesmos”; para os amigos ou para “grandes ambições”, não me fazendo saber exatamente o que esperar dela. Por vezes, sinto-me apreensiva, noutras a encontro favorecendo o “especial” na tentativa de equilíbrio entre o necessário e o justo.

Sou curiosa e tento lidar com a exceção com o risco e o medo; fracasso e sucesso. Tudo é possível, quando meu ritmo permite sobrar tempo, para descobrir a exceção como expectativa e oportunidade de me encantar com o mundo; motivo-me no criar uma realidade superior, então, passo horas ouvindo música e lendo, principalmente, poemas.

Foi como cheguei à conclusão de que o poeta é exceção, porque ele finge não conhecer as regras, apresentando-se esplendoroso em expressões românticas e/ou ríspidas, alegres e/ou tristes. Difícil para ele colocar o “pé no freio”, pois, diariamente vive a sua imaginação. Expõe-se em estímulos no descrever a situação – fictícia - em que todos estão felizes ou tristes. Mesmo o sorriso, às vezes, ele descreve tristemente. Mas, se revela completo em sua medida e ousado na sua emoção. Encontro em Vera Casa Nova, “Em cada verso se escreve o soluço / Em cada verso se inscreve o desejo / Dos dias melhores saudades, / Dos corpos amados prazer...”

Costumamos retratar como diferente o ritmo do poeta, por trabalhar livremente sua consciência poética ao se apropriar das situações do viver, principalmente, na busca incessante da exceção, ao construir o poema em forma de conhecimento, com o que se habilita a promover o mundo. Maneira que seu olhar seleciona para criar, enquanto resguarda segredos e palavras que gritam por liberdade; para Getúlio Neves, “... esperança é uma / palavra opaca / e permanecemos cegos, espelho / da nossa incerteza.”

O poeta não tem a obrigação de explicar; sim, de vivenciar e descrever a situação incomum: a exceção. Joaquim Cardozo coloca, “... Neste teu fruto esplêndido e vazio / Há um timbre, uma cor, um calafrio / De descobertas e de profecias...”

Data : 19/10/2016

Título : A EXPRESSÃO no ESPAÇO GAÚCHO

Categoria: Crônicas

Descrição: “... a morte entalha os caminhos/ e nos carrega em lembranças //... na falta que fazemos ao tempo não decorrido...”

“... a morte entalha os caminhos/ e nos carrega em lembranças //... na falta que fazemos ao tempo não decorrido

/ reside à dúvida da continuação /em vazios espaços...”

(Pedro Du Bois).

Roberto Cidade – Roberto Augusto Machado Cidade –, reconhecido criador nas artes plásticas, representou a expressão que revela os sentimentos através de suas esculturas, escolhendo o metal na sua trajetória artística. O escritor Armindo Trevisan apresentou o trabalho de Roberto, com reproduções, em Escultores Contemporâneos do Rio Grande do Sul. Escultor com participações e distinções em diversos salões e exposições no Brasil e no exterior.

Roberto Cidade foi um escultor que manifestou o sentido da liberdade através de suas obras, com a utilização de sucata, fundida em bronze, que desnudam a natureza humana quando diante dos espaços vazios.

Pensar na razão por que alguém ocupa ou determina a hora da morte, ou de atacar o autor dos “Guerreiros”, é estar diante da reação em relação ao espaço vazio em que se encontra; é perder a sensibilidade, a essência e retornar em vazios onde o tempo, as lembranças e as artes plásticas sucumbem vítimas da barbárie.

São dolorosas e amargas as palavras do amigo Armindo Trevisan: “Como choro agora... pelo Roberto trucidado na presença do filho, de oito anos, que dormia no mesmo quarto! Foi esse garoto quem descreveu à polícia a reação do pai à tentativa do roubo”.

O fato revela que o gesto é a sombra que nos leva e torna os espaços vazios em claridades – ou as razões para entender o fato, com a finalidade de nos fazer acreditar que podemos ocupar o espaço vazio como lembrança: as esculturas de Roberto Cidade, deixadas como mosaicos na história das artes.

Indignada pela perda do grande escultor, consolo-me admirando sua escultura “Guerreiro” depositada em minha sala. Choro ao pensar que ele não mais produzirá suas obras; choro ao sentir que ele não mais se encontra aqui e que, tendo se situado no mundo através da sensibilidade, foi vítima da violência.

Data : 10/10/2015

Título : A HISTÓRIA DA TARTARUGA

Categoria: Crônicas

Descrição: Lêdo Ivo é autor do livro infantil A história da Tartaruga

“Uma tartaruga / não respira pressa. / Quer chegar depressa? / Ande devagar.”

Lêdo Ivo é autor do livro infantil A história da Tartaruga. É o escritor que ocupa lugar de destaque no meu coração. Agora, mais ainda, com esse livro infantil, porque ele mostra às crianças o mundo através de poemas sobre o animal.

O livro tem ilustrações de Isabel Paiva. Acredite, ambos transformam a história em colorido mundo mágico que, com criatividade, injeta em cada leitor uma dose de energia ao transmitir, através da personagem, a capacidade de decidir e questionar o seu “eu”, como em, “Dona de si mesma, / vai devagarinho. / Tudo é longe e perto / e tudo é caminho.”

Estar na companhia de Lêdo Ivo, além de fascinante, é estar pronto para iniciar qualquer projeto de vida. É se promover e se reconhecer dentro dos comportamentos e das atitudes, ao lembrar que precisamos sentir prazer naquilo que fazemos. E é aí que Lêdo Ivo e Isabel mostram a motivação que despertam o conhecimento e propõem a reflexão através dos poemas.

“Uma tartaruga sabe envelhecer. / É cheia de rugas / desde a tenra infância. //  
Ela é como o tempo, / cheia de verrugas, / O tempo que imita / uma tartaruga.”

Vale ler e crer que o livro é importante e que, com convicção, podemos escolher e investir na leitura como sinônimo de boa atitude. Então, respire, reveja e renove-se sem medo de dar o primeiro passo – de ser feliz – para procurar a magia no desenho de Isabel e nas palavras de Lêdo Ivo, arriscando-se a sentir e a perceber a oportunidade de se fortalecer com a magia.

A criança ao ler conspira para a realização de seus desejos. Ela organiza os objetivos tendo a clareza do que quer e destaca pensamentos através das atitudes, selecionando o que mais lhe interessa.

“Uma tartaruga / é silêncio puro / como se estivesse / em cima do muro.”

Data : 08/12/2012

Título : A Hora Certa (há a hora certa?)

Categoria: Crônicas

Descrição: O relógio marca a hora certa. Norteia o tempo. Tempo de quem? Há a hora certa? Jorge Tufic reflete que ?A hora. Quem / sabe da hora que / os relógios / deixam de ver?...? Hora certa, para quê, se o tempo exclui o relógio.

“...são os sonhos que garantem a paciência suficiente para aguardarmos a próxima hora...”

(Lígia A.Leivas)

O relógio marca a hora certa. Norteia o tempo. Tempo de quem? Há a hora certa? Jorge Tufic reflete que “A hora. Quem / sabe da hora que / os relógios / deixam de ver?...” Hora certa, para quê, se o tempo exclui o relógio. O mais interessante é tratar do tempo como questão singular: sistemas de valores e modo de vida. Como diz Manoel de Barros, “Não atinei até agora porque é preciso andar tão depressa. / Até há quem tenha cisma com a lesma porque ela anda muito depressa. / Eu tenho. / A gente só chega ao fim quando o fim chega! / Então prá que atropelar?”

O relógio é o veículo de determinação da vida social, e nada é mais fascinante do que os cucos, com o passarinho mecânico anunciando a hora certa. Há hora certa para tomar cafezinho? Há hora certa para amar? Há hora para escutar os ruídos da rua? Ou escrever e reescrever a história e até tornar verdade a mentira bem contada?

Mário Chamie, no livro *Sábado na Hora da Escuta*, traça a perspectiva da situação, simbólica, sobre mudanças: o impedimento do encontro do homem com sua imagem e liberdade. Pedro Du Bois, n’*A Hora Suspensa*, aposta no tempo: sorte ou azar, suspendendo a hora em que se dá a liberdade.

Sem alterarmos a hora que mostra o limite das emoções e perspectivas. Muitas vezes nos deixamos aprisionar pelo horário e, quando transgredimos, precisamos de força para segurar o repuxo, como em Carmen Presotto, “Onze horas, mesa vazia. Olho e não resisto ao meu papel. Não há caneta...”, em Mário Faustino, em seu único livro publicado em vida, *O Homem e Sua Hora*, de 1955, “...como este dia é mais que sexta-feira / É a Hora mais que sexta e roxa.” e em Luis Fernando Veríssimo, no livro *Poesia numa hora dessas?*, “...Como é que se faz aquele maldito / relógio digital ... / parar de piscar?”

A vida demonstra que na maior parte do tempo os horários são incompatíveis com o tanto que temos para fazer, resolver, aprender e que, em cada momento, somos vítimas da nossa própria hora: o tempo nos coloca cara a cara com o relógio. Júlio Cortazar, no livro de contos, *Fora de Hora*, descreve de forma surreal a trajetória do mundo, onde as coisas acontecem ao mesmo tempo. Clarice Lispector, em seu último romance, *A Hora da Estrela*, diz para “...Não esquecer que por enquanto é tempo de morangos.”

Temos em mãos a nossa hora, aquela que acontece com a inspiração, que chega e define o tema, envolvendo-nos e fazendo-nos sentir realizados, como n’*A Hora da Júlia*, por ela retratada aos seis anos, na criação de seu primeiro poema, “Estrelas, oh, estrelas / Fico tão feliz por vê-las // Estrelas apareçam. / Estrelas, oh, estrelas.”

Diante das escolhas, o melhor é continuar no jogo do momento, até porque o relógio (re)vira a hora, como nas palavras de Izacyl G. Ferreira, “...Aqui ninguém escolhe / o ângulo do corte, / o ar que falta, o vão / por onde as águas saltam / no oceano do acaso. // Pode-se apenas apressar a hora.”

O simples ato de pensar estabelece conexão temporal entre o sentimento e a realização: criemos nossa hora certa.

Data : 30/01/2014

Título : A HORA da JÚLIA

Categoria: Crônicas

Descrição: Horas são épocas lembradas, impressões desenhadas no reconhecimento, histórias recontadas e relembradas nos atos e no sonho em descobertas.

“Na hora / (cedo) / cedo / ao cansaço // recolho o corpo / à cama // os olhos cedem / ao escuro, a mente /

cede / ao espaço: / sonho”.

(Pedro Du Bois)

Horas são épocas lembradas, impressões desenhadas no reconhecimento, histórias recontadas e relembradas nos atos e no sonho em descobertas.

Estou falando da hora em que as crianças demonstram algum interesse no processo criativo, onde sua capacidade de abstração vai surgindo em seu tempo. A linguagem se apresenta simples, concisa e responde às suas expectativas. Porém, em situações específicas, é importante reconhecer o seu poder e a criação quando se inicia.

O escritor Mário Faustino teve a sua em O Homem e sua Hora, único livro publicado por ele, onde reúne poemas esparsos (1948) e inéditos. Segundo Benedito Nunes, é uma “obra reflexiva não só porque acolhe o pensamento, a inteligência abstrata ao lado da ressonância onírica e intuitiva da imagem, mas também porque se desdobra numa reflexão sobre a poesia enquanto criação verbal...”

No caso, Júlia Du Bois Araújo Silva, com apenas seis anos, iniciou seu processo de criação verbal e individualização na poesia, quando teve seu interesse despertado na atração pelas palavras e pelos livros, desde bebê. O que contribuiu para a formação da sua identidade; um papinho com a poesia numa busca que explora o prazer pela arte.

Com sua pequena criação verbal, ilumina as nossas esperanças, fazendo com que possamos reconhecer na leitura a indicação do caminho na representação da expressão; a hora em que Júlia é origem na constatação que a levou à observação, naquele instante, sobre seu cenário: o espaço e suas estrelas.

A hora de Júlia aponta e traduz o recorte de um ambiente vitorioso, fragmentos do lar e da escola que, desde já, retratam a previsível futura poeta, ao recitar o poema Estrelas, de sua autoria: “Estrelas, oh, estrelas / Fico tão feliz por vê-las // Estrelas apareçam. / Estrelas, oh, estrelas.”

O seu pequeno poema revela a Júlia reflexiva, que deseja uma troca profunda com as suas aspirações. Enquanto pequena escritora é importante valorizar o seu momento, bem como o seu entendimento que, ao recriar, adapta a situação ao seu ponto de vista. Na visão de Mário Faustino, “Tudo o que importa é maravilhoso. // A maravilha: o gesto de inocência. / E de aceno o milagre a renascença / de deslumbrados olhos infantil...// - Ah, quem pudesse / gritar à noite e ao tempo essas palavras / e partir pelo vento semeando versos...”

Data : 19/10/2016

Título : A IMAGINAÇÃO é SUFICIENTE para DESCREVER o MUNDO?

Categoria: Crônicas

Descrição: “Imaginário //... penso em palavras / chego a ti / penso em liberdade / chego a ti / penso...

“Imaginário //... penso em palavras / chego a ti / penso em liberdade / chego a ti / penso em versos / chego a nós...”

(Carmen Presotto).

O mundo da imaginação se revela como arte literária ao oferecer ao leitor bons momentos de prazer, conhecimento e boa dose de diversão e emoção que, com técnicas multiplicadas em recursos expressivos, especulam como seria o mundo. Em linguagem mágica há número significativo de motivos que o leitor, orgulhosamente, conecta com o seu tempo e também com os interesses desse tempo. Nas palavras de Gabriel Garcia Marquez, “acho que a imaginação é apenas um instrumento de elaboração da realidade. Mas a fonte de criação, afinal das contas, é sempre a realidade”.

No mundo da imaginação, encontro no tempo palavras onde os valores sociais e individuais se movimentam conforme o escritor sente a vida ao registrar a passagem do tempo, marcado pelo seu estilo e percepção apurada sobre o mundo. Para Proust, na visão de Umberto Eco, “o estilo torna-se uma espécie de inteligência transformada, incorporada na matéria...”. Luiz Coronel demonstra, “... faço um barco de papel / dos cantares que componho. / Me vou com as águas da chuva, / levando meus versos / por mares e por granjas. / No verso, quero que sintas / o sumo bom das laranjas”.

Num mundo de contrastes é significativo rememorar e reavivar a imaginação com talento e arte para descrevê-lo, que ao ser revelado pela palavra transforma magicamente o cotidiano em histórias. Certamente, essas histórias contribuem para que possamos participar do mundo criativo de luzes e sombras, como revela Dinair Pires, “Se “eu” não fosse “eu” / e noutra reino vivesse / gostaria de ser um passarinho // com plumagem leve / voar sem limites / tendo o céu por moldura, / o chão como apoio / e o ninho... para repouso”; Sérgio de Castro Pinto apresenta, no livro Zôo Imaginário, “a zebra / é a edição / extra // de um cavalo / que virou / notícia”.

No mundo da imaginação há medidas que começam pela ilusão de estarmos diante de um novo mundo, o que pode nos roubar o espaço e a alegria no pensar e, conseqüentemente, de nos inspirar, pois, como em Nilto Maciel, “Minha imaginação é tão prodigiosa, que consigo escrever mentalmente um romance a cada noite. Entretanto, não tenho capacidade de copiar, de transpor para o papel nem a milésima parte do que imagino”.

Por essa razão, revelo que a imaginação provoca modificações no escritor/leitor, suficientes para descrever uma nova realidade a partir do mundo em que vivemos.

Data : 09/03/2016

Título : A importância do CADERNO

Categoria: Crônicas

Descrição: Cada um deve conhecer o seu estilo para compreender o valor do caderno que representa, em sentido escrito, o ponto de vista que define o seu "dono" ou "autor", e o que de interessante está em sua volta.

Cada um deve conhecer o seu estilo para compreender o valor do caderno que representa, em sentido escrito, o ponto de vista que define o seu "dono" ou "autor", e o que de interessante está em sua volta.

O caderno é plural e, talvez, o que torna compreensível os diversos relacionamentos: com nós mesmos e com as palavras, sem regras, em sentimentos soltos; é o objeto em que escrevo o que demonstra o meu sentido; o que deixo gravado para não me esquecer dos momentos marcantes.

O caderno é canal de comunicação onde me deixo no que há para ser escrito; em qualquer tipo de percepção, ele traduz o meu trajeto. Como em Valdevinoxis, "... Tenho um caderno pautado/com muitas linhas escritas... // com muitas linhas vivas... / Nunca está arrumado, / Nunca está fechado, / Só vive, vivo escrito / Nas palavras que guardo".

Mario Quintana, ao longo do tempo, publicou poesias e curtos textos, no jornal porto-alegrense, Correio do Povo, na coluna Caderno H, que eu, leitora e apaixonada pela literatura, recortava para guardar. Até que esses textos foram transformados em livro, lançado em 1973; para Bráulio Tavares, "este livro de Mario Quintana, parece uma festa, a poesia é uma convidada, no meio de muitos outros".

Há vários tipos de cadernos: agenda, diário, poesia, escolar e outros, onde encontro textos provocativos, polêmicos, saudosos, íntimos em declarações de amor, com anotações profissionais e até receitas culinárias; mas, todos representam símbolos que preenchem as linhas do cotidiano. No caderno do poeta ele revela as impressões da vida, registradas com sensibilidade, pois, cada percepção é inspiração para o texto poético, como demonstra Estela, em Cadernos de Poesia, "Houve um tempo em que as moças tinham um Caderno de Poesias, esse caderno era passado para as mãos das pessoas amigas que deveriam escrever um verso, uma poesia, um pensamento... Esses versos eram sempre acompanhados de uma dedicatória para a dona do caderno... Esse caderno ficou guardado e pouco esquecido... Li e reli as poesias, os pensamentos... eu ia me lembrando da fisionomia, do jeitinho de cada uma das minhas amigas, formando um lindo mosaico... onde tudo parece tão vivo, tão nítido e tão próximo. Eu ainda trago comigo esse gosto pela poesia e uma mania de colecionar cadernos..."

No diário processo vivências, amores e lembranças; a linguagem geralmente usada é a da emoção, que fala mais alto do que a razão.

O caderno faz parte da minha vida; na continuidade das anotações da roda-viva, no espelhar palavras em que vozes silenciadas procuram se fazer ouvir, como reflete a coletânea Cadernos Negros, que tem por objetivo valorizar a imagem do negro no Brasil. Seus participantes dão voz à população negra na luta contra a desigualdade social e racial. O primeiro volume dessa coletânea foi lançado em 1978; depois, publicado um volume por ano, totalizando dezenove cadernos, que deram origem a dois livros: Cadernos Negros: os melhores poemas e Cadernos Negros: os melhores contos.

A importância do caderno está nas linhas da vida, que revelam o comportamento do autor. A ênfase é dada, por que a escrita que formulo são datadas e presas aos sentidos, na visão crítica do momento ou na necessidade do dia, por exemplo, Itamar Assumpção (morto em 2003) deixou sete caixas de papelão com 110 cadernos rascunhados de músicas, versos soltos, contos infantis, crônicas e poesias. Sua esposa Elizena reuniu o material e o transformou no livro Itamar Assumpção: Cadernos Inéditos. Outro exemplo é da obra de Oswald de Andrade, publicada em 1927, com o título Primeiro Caderno. A capa da primeira edição foi idealizada pelo autor com base em real caderno de exercícios escolares. Para cada poema, um desenho referente a cada composição, também de autoria do próprio poeta. Segundo Filomena, "... As palavras soltam-se no caderno / para dizer da sonoridade da ternura / que não cala os silêncios da alma..."

A importância do caderno está no que revela da permanência, dos atos como manifestações culturais e sociais. O tempo verbal é atemporal, mas, conjugado no mundo do "quando", como retomada da temporalidade, por que, nas palavras de Paulo Leminski, "Abrindo um antigo caderno foi que eu descobri: antigamente eu era eterno!"

Data : 28/08/2019

Título : A INSÔNIA

Categoria: Crônicas

## A INSÔNIA

Insone, observo todos dormindo. Não há estrelas. O silêncio cobre a noite. Meus pensamentos giram como cataventos. Não tenho medo. Cenas cotidianas passam pela minha cabeça, fossem histórias para eu desvendar suas mensagens ocultas; como em Silvio Duncan, 'A voz vem de longe e está comigo, / daquele que é teu maior amigo ou pior inimigo...".



O relógio marca a retrospectiva de períodos da minha vida. Sinto saudades; sentimento forte que, por vezes, procuro ocultar das sensações que dão sentido ao meu viver.

Percebo a importância de resolver as situações cotidianas no momento certo, e não me dou conta de outros segredos, até sofrer com a insônia. Duncan expressa, “... E chegar, depois, / ao princípio da verdade / que vive em não palavras”.

Contudo, espanto-me com meus pensamentos, ao descobrir a tristeza trazida pela insônia: a convivência não ser vista como algo a construir os dias e, apenas, a competir, competir... Silvio Duncan diz que, “a sinalização dos relógios de fala imperativa / o mundo nasce do coração dos despertadores...”.

Com insônia, minha noite se alonga. As horas passam devagar e fico submetida à vontade marcada pelas contradições; conflitos que continuam sem resolução, impedindo que a população possa sobreviver ao retrato da realidade, quando busca a compreensão. Sonho cada vez mais distante.

Tudo isso me leva a refletir sobre o meu viver no ritmo dos discursos em seus aspectos cotidianos culturais e sociais. Ainda em Duncan, “O Senhor da tua alma partiu / e tu ficaste só, / na longa noite sem estrelas”.

A convivência com a insônia não me concede a paz. Histórias e fatos se misturam em pensamentos mágicos; imagens que alimentam ambições, fantasias, resistência e pertinência. Confusas e ao mesmo tempo complicadas, pois, descrevo mentalmente os momentos-chave da vida, em que a desigualdade infringe as leis que vigoram para mim.

Com a insônia minhas cobranças, decisões e esperanças afundam no silêncio. Silvio Duncan demonstra, “... e a vida continuou passando / no monossílabo das ondas / no frio da correnteza / no planar do pássaro...”.

Data : 10/02/2019

Título : A INTENÇÃO E O FEITO

Categoria: Crônicas

Qual a diferença entre a intenção e o feito?

As ideias começam quando os pontos tecem a renda do gosto, da cor e dos atos. Não se pode ficar apenas na intenção. É preciso buscar o ato para ter atitude. É tecer a renda, em que fazemos os pontos para o acabamento. O avesso das rendas é a deformação na construção denominada defeito. Vera Lúcia de Oliveira reflete, “já é ideia de paciência / o fio que traça / tranca no desfazer // já é ideia contínua / que rói um outro coser...”

A intenção é desfiada e, por vezes, torcida, tornando a composição diferente do idealizado, pela variação do entendimento. O feito movimenta a intenção e, talvez, seja suficiente para diminuir a distância entre um e outro. Revelo a distância, metaforicamente, em pontos que podem se multiplicar dinamizando o acabamento na peça pronta para pontuar o feito com intenção, ou a intenção de fazer. Segundo Antonio Olinto, "... antes da voz, o gesto / já desfiava / as folhas do mistério".

Por falar em rendas, zigue-zague e ponto cruz, trago um pouco do passado, tempo em que era considerado de bom tom a moça confeccionar seu enxoval, para ser valorizada por seus feitos. Também, saliento as rendeiras do nordeste, onde os bordados são, muitas vezes, a única fonte de renda da família.

Intenção e feito se fundem na execução e se unem nos pontos de rendendê. O importante é ter a intenção junto com o feito, para que a ideia se multiplique através dos gestos e atitudes, para dinamizar e diminuir a distância entre eles. Nas palavras de Eduardo Alves da Costa, "... Não tramo gritos nem grilos, / não busco rictos aflitos, / não espero e não desespero. / Apenas sonho e não quero / projetos no campo e sim / um ideal sempre atento, / uma vontade, pouco mais que, / metade da metade de um devaneio...".

Data : 27/03/2017

Título : A LEMBRANÇA

Categoria: Crônicas

Descrição: A vida apresenta curiosas e surpreendentes idiossincrasias

A vida apresenta curiosas e surpreendentes idiossincrasias como fonte de energia e criatividade, como a lembrança que lança o desafio de conversar para detectar o fato, quando procuramos saber o que rege a nossa vida. "É proibido chorar sem aprender, levantar-se um dia sem saber o que fazer, ter medo de suas lembranças..." (Pablo Neruda)

A vida está na lembrança na qual tudo pode acontecer? Apegamos-nos à lembrança para dar algum sentido à vida? É mais fácil pensarmos que há o sentido – feliz ou infeliz - que aumenta a responsabilidade sobre os nossos atos. Acreditamos existir um motivo maior que una os fatos para provar que a lembrança é o nosso contato com a realidade, que reflete nossas ações.

A lembrança interage conosco, porque nos dá conforto. Ela tende a nos levar a abrir uma porta para seguirmos outro rumo: a necessidade imperiosa de renovação nos acompanha e vai de encontro à nossas vidas. Banal ou significativa, a lembrança ocorre todos os dias e pode nos inspirar pela bagagem de afetos que carregamos. "...As lembranças, as boas lembranças / mal resistem à acidez das lágrimas / refluindo a

origens inseguras. // ...Encontrarão talvez aquelas imagens perdidas / nos sonhos antigos?" (Antonio Carlos Osório)

Às vezes, nem gostamos do que lembramos mas, quando percebemos, vem à mente reforçando nossa capacidade de viver. Ela sobrevive ao tempo como questão de prioridade. Segundo Luiz Guimarães, "...vontade de ver de novo,/aquilo que lembramos / e que feliz nos faz, / em dias passados da vida."

É bom lembrar para saber o significado do acontecimento, e só assim podemos alcançar, quem sabe, a felicidade, como em Pedro Du Bois, que lembra sobre Agosto de 1965, "...Lembro da neve caindo forte, / branqueando ruas, carros, os bancos da praça. // ...Todos pararam, / menos nós, jovens inquietos / circulando pela cidade. // Bonecos, / guerra de bolas, / bola rolando rua abaixo, / chuva congelando a neve. / O frio congelando todos nós."

Enquanto isso, a lembrança pode nos guiar e até nos puxar pela mão. Na dúvida, a respeito do que rege a lembrança, o melhor é fazer o que está ao nosso alcance para aumentar as situações benéficas, porque ela não tem ponto de retorno, apenas momentos históricos, como em Danuza Leão, "Com o pé no passado, lembro de coisas que não dá para acreditar: do tempo em que as desquitadas eram mal vistas; do amigo que se matou porque descobriram que era gay;da grande ousadia que era uma moça trabalhar quando seu destino já estava traçado: estudar francês e piano e casar e das mulheres que escondiam e que pintavam os cabelos. Faz tanto tempo assim? Ok, foi no século passado, mas ainda lembro bem".

Manter a lembrança, serve para prevenir e enriquecer as nossas experiências, ou o que estamos querendo de nós. A dor faz parte da vida tanto quanto a alegria. Prolongar a tristeza pode empatar a vida e impedir que as coisas boas aconteçam. Lembrar é indispensável para conquistar o amanhã.

Data : 23/03/2016

Título : a LENTE...

Categoria: Crônicas

Descrição: "Quem retrata / o momento / apreende a cena / descortina através da lente..."

"Quem retrata / o momento / apreende a cena /  
descortina através da lente..."

(Pedro Du Bois)

Na lente, o que você está vendo? Ela capta e produz nova visão, que pode ser considerada arte, “é incansável, registra cada ponto da paisagem”. Ela representa o modo de registrar e revelar o movimento das figuras ao encadear o tempo fotografado.

A lente fotográfica tem imagem própria, abstrata e poética, caracterizada pelo instante do click que procura ultrapassar a luz. Com ela o homem passa a ter perspectiva de mundo: percebe o objeto de diversos pontos de vista, unindo e representando a realidade no desenvolver a criação na ilusão do movimento contínuo. É o olhar marcado que vai recuperando as paisagens, como elemento de reinvenção. Segundo Benedito C. Silva, “...Ler as imagens é inferir, imprimir uma interpretação, gerando sentidos variados de acordo com a natureza dessa interação...Por mais que se encontrem técnicas precisas, e equipamentos sobre imagens e seu tratamento, o mais importante será o olhar do fotógrafo.”

Ao inventar um mundo com a lente, questiono o realismo da arte, diferenciado por visões artísticas que refletem na imagem, onde nasce o diálogo que proporciona uma aliança feliz à expectativa do reencontro das pessoas como identidade visual: os objetos e a natureza se renovam na linguagem fotográfica, como em Pedro Du Bois, no livro Retratos, “nas fotografias o passado reassume suas lembranças” e, Porta Retratos: qualquer momento, mostra o registro da lente, “...dizemos das vidas registradas / em fotografias / mostrando documentos, / provocando sermos nós mesmos...” Na lente é considerada a elaboração da cena: tempo, relevos e cortes. A história e a natureza se revelam em função da arte, em inscrição histórica: forma e conceito como imagens que traduzem retratos ao se abrirem em luzes.

De surpreendente na lente temos é a capacidade de percebermos um mundo impalpável e repleto de sugestões, com a sensação de vivermos intensa prospecção de nós mesmos.

Cacaso, no poema Codaque, mostra, “O sol recorta as nuvens no seu mapa. / E a sombra bate de chapa”; e Júlia Du Bois (7anos) constrói, com seu recorte de leitura, imagens representativas do poema: Codaque é a lente da Júlia. Nessa mesma lógica, encontro a ideia de continuidade, onde posso percorrer várias histórias com visões independentes: vidas fascinadas pela lente e embaladas na beleza da luz.

Data : 09/02/2021

Título : A LINGUAGEM da DIFERENÇA

Categoria: Crônicas

A linguagem da diferença é aquela em que apontamos o que nos impressiona e nos espanta. A diferença se faz e refaz, cada vez, que a novidade é acrescentada em nossa vida, quando fragmentos de inspirações se pronunciam no cotidiano; acréscimo de grandeza no verso e reverso das palavras entre caminhos; jogo entre palavras no

encontro das vozes em atitudes distintas, que completam diferentes olhares ao revelar na literatura a arte e o tempo, para despertar a nossa atenção pela construção dos textos no conhecimento e na criação. Por exemplo, sentimos a maresia e o vento aprisionar a imagem nas palavras e, nos entre caminhos o reverso da criação e visão, fosse jogo a espalhar a leveza do tempo.

Momentos que transcendem o pensamento, paisagens e vivências, em que caminhos se cruzam e transformam o inesperado em jogo diário. Nas diferenças reencontramos formas trabalhadas em linguagens maiores e menores, expressões atrativas no verso e reverso das palavras, ao buscarmos inovações para desvelar as entrelinhas e entrecruzar o caminho da liberdade na conexão com a realidade poética entre palavras.

No ir e vir das expressões consentimos com o despertar da consciência no real movimento das palavras, em que autores constroem o contar e o recontar de suas versões, que vivenciamos. As histórias são semelhantes em seus começos, mas, cada autor/leitor tem seu próprio olhar e modo de descrever a linguagem da diferença.

Quantas vezes as palavras nos surpreendem fossem o céu aberto?

Quantas vezes a arte e a linguagem alteram e mudam o nosso tempo, quando as percebemos em nossas vidas?

A linguagem da diferença é tecida, para criar o momento mágico, como pano de fundo da nossa realidade.

Data : 12/08/2019

Título : A Linguagem da Diferença por Mhario Lincoln

Categoria: Crônicas

Descrição: Minha amiga, há muito tenho recebido e publicado resenhas sobre seus livros

A Linguagem da Diferença por MHARIO LINCOLN / 12 de agosto 2019

-Minha amiga, há muito tenho recebido e publicado resenhas sobre seus livros, fato que me alegra muito. Em minha coluna de hoje, refiro-me, mesmo que rapidamente, de seu livro A LINGUAGEM DA DIFERENÇA. Ainda vou resenhá-lo com muita honra. Agora tenho seus contatos. Obrigada.Dá uma olhadinha: <https://www.facebook.com/MharioLincolnFS>

Mhario Lincoln

(\*\*) A escritora e poeta gaúcha Tânia Du Bois, enviando seu livro (um dos muitos por ela publicados através do Projeto Passo Fundo), A LINGUAGEM DA DIFERENÇA. Identifiquei-me imediatamente, num passar d'olhos na obra: "(...) viver é assustador, porque percebo o mundo em detalhes e muitas vezes, temo ao olhar com cuidado, para

não me perder na poeira, como os encontros que não consigo decifrar e, também, por não confiar nas pessoas que gostam de tirar proveito da minha delicada situação. Nas palavras de Silvana Amaral: '... quem sabe chegará/ enfim o dia/ No qual/ A contragosto/ aceitarei/ Que não sou nada / Além de mim mesmo...". Tânia, achei genial. Obrigado por partilhar comigo mais essa obra. (Fotos 01 e 02)

Atenciosamente,

Jornalista Mhario Lincoln

Editor Sênior da

ACERVUM

[www.acervum.com.br](http://www.acervum.com.br)

Data : 16/04/2015

Título : A LUA, algumas razões para lembrar...

Categoria: Crônicas

Descrição: Não me contento apenas em olhar a Lua, faço questão de propor um estilo de vida onde os escritores dizem sobre ela e nós levitamos...

Não me contento apenas em olhar a Lua, faço questão de propor um estilo de vida onde os escritores dizem sobre ela e nós levitamos... “A palavra lua / nos leva / a ver janelas ... // A palavra Lua / é cúmplice da loucura...” (Luiz Coronel)

Apesar da retórica de envolvimento total, ao refletir a luz prateada, ela desempenha papel importante em nossas vidas, porque permanece ativa em nossas histórias pessoais, na literatura e em letras para músicas, como “... Lua ó lua quero te beijar agora / todos eles estão errado a lua é dos namorados...” e, “Tomo um banho de lua / fico branca como a neve.../ oh! luar tão cândido...” E no cinema, onde tudo é poético, quando a contemplamos, dando reflexo às formas e à luz em conjunto harmonioso. Além da beleza, o luar impressiona os nossos sentidos.

Essa Lua simpática me leva ao melhor momento, como efeito romântico, em que ela não é apenas natural, como também é feita de lembranças. É delicioso passear sob a luz do luar, como em Fernando José Karl, “... só o vento anuncia nas noites com lua.” e “Há luares que pairam o jardim / espessos de branco, //... Há jardins no solo crestado de mares.”; e andar pela praia, onde os poetas ilustram as cenas com o luar.

Como ao poeta, a lua cheia nos pega de surpresa; Ronaldo Monte, em Poema da Lua, conta semelhante espanto, “Não há quem não se espante ao vê-la, de repente

começando a ser real. Foi semelhante espanto, certamente, que minha neta sentiu na última lua cheia. E foi tanto espanto, que ela quis repartir com sua mãe. Do alto dos seus dois anos e meio, levantou as mãos para apanhar a lua. Com a lua nas mãos voltou-se para a mãe e lhe deu de presente. //... Naquele momento, pelas mãos da menina, foi composto o mais belo poema...”

Ao ler sobre a Lua, sinto que os escritores dosam fantasia e realidade, tendo um mundo mágico como pano de fundo entre os homens e as mulheres, como descreve Márcia Maia, “Vejo-me / a face refletida / na Lua que descobre a noite / onde me perco / insone...”

Data : 10/04/2013

Título : A LUMINOSIDADE DO ESCURO

Categoria: Crônicas

Descrição: Segundo Benedito C. Silva, “Sem luz não existe cor...? Penso no contraste entre o claro e o escuro, e quanto representa as tintas da existência como identificação da figura de ficção, com capacidade de inventar ao refletir as sensações.

Segundo Benedito C. Silva, “Sem luz não existe cor...” Penso no contraste entre o claro e o escuro, e quanto representa as tintas da existência como identificação da figura de ficção, com capacidade de inventar ao refletir as sensações.

Vemos luz no final do túnel? Quantas noites, passamos em claro? A vivência, a maturidade acrescenta clareza às nossas incertezas? Quanto vale um raio de sol? Nas palavras de Lêdo Ivo, “... Paramos e esperamos / sem qualquer esperança. / E nós mesmos morremos / como o dia sereno / tornado escuridão.”

A vida é assim, não tem receita, parece ser feita da mistura de tons claros e escuros, onde cada história tem a sua luminosidade. A combinação é que intensifica para mais ou para menos. As palavras instigantes são versos entre luzes e sombras. A forma poética se inspira na natureza, despertando em nós a paixão pela literatura. Como nos romances, *A Maçã no Escuro*, de Clarice Lispector – que é um romance dividido em três partes em que trata da tentativa de buscar a si mesmo, o outro e revela os sentimentos, e *Dentes ao Sol*, de Ignácio Loyola Brandão, “Dentes ao sol // E o escuro momento / Do girassol no muro / enlouquecendo”.

Claro e escuro combinam com o dia e a noite, são sombras que marcam e definem o homem. A luz representa a ação, quando refletida na sombra ao iluminar a paisagem do tempo. Transformamos a luz em coragem e alegria, para a vida seguir sem tormentos, como estilo para cada escuridão. Assim, também nos reflexos do que Mário de Sá-Carneiro escreveu, “Manhã tão forte / que anoiteceu”; ou no *Luz Poética*, de Benedito C. Filho, “... A dor que sofro arremata a vida / Que luz do dia enegrece / E a

noite deita para me consolar...”; ou em Uma Luz no Chão, de Ferreira Gullar e, ainda, n’As Solas do Sol, de Carpinejar.

No reflexo da luz fabricamos nossas imagens e percebemos as sombras ao nos revelarmos através da palavra, como Pedra de Sol, de Octávio Paz, onde o autor descreve o tempo como recomeço e esperança.

A luminosidade do escuro é jogo de clarificação das artes tentando tornar transparentes os gestos que são a nossa imanência transcendendo através da palavra, justificando a sua elucidação, como em Álvaro Moreyra, “Palavra é claridade. O gesto é sombra. Mas o gesto que nos irmana às ondas, às asas, às nuvens...”.

A cor do escuro são tons de resistência, mistérios que nos rodeiam, sobre o qual só podemos ver através da claridade, no caso, nossas contradições. Neste sentido o espaço do homem é como o ser existencial, iluminador. Mas, também pode ser o caminho da transparência, isto é, precisamos respeitar e confiar nas pessoas.

Vivemos numa época em que o tempo é medido pelas necessidades, onde a informação, o consumo e a escolha vão além da perspectiva, além do horizonte. Por isso, clarear a situação e transformar a vida de sombras em luzes é ter consciência de que tudo o que gostaríamos de realizar não cabe no nosso dia. Então, o dia escurece e precisamos fazer a escolha, nos permitindo errar. O desafio está em exercitar nossa flexibilidade para contornar a luminosidade do escuro e desvelar o segredo do homem como ser existente que se associa e convive, quando segue a luz da sensibilidade: “Cores, verdades / Frias e quentes.../ dores e alegrias, / tristezas e sabedorias”, entrelaçando o sonho.

Data : 30/01/2014

Título : A MAGIA do MOMENTO

Categoria: Crônicas

Descrição: Em um universo criativo, a atmosfera se insinua independente da realidade que a cerca.

“... Deixei fugir as noites de amor e prazer, / E a minha alma de poeta romântico. / Me deixei acariciar pelo vento / Frio da minha imaginação”.

(Carlos A. Lima Coelho)

Em um universo criativo, a atmosfera se insinua independente da realidade que a cerca. Sua fonte de inspiração está calcada na vida e pode vir das mais variadas formas. Com certeza, o amor é fonte de inspiração para o poeta que com sua criação nos faz pensar e sentir diferente, reavivando o prazer de ser um momento mágico.



O trabalho do escritor está ligado à vida, ao mundo, o que leva as pessoas a romancearem os poemas. São mais sensíveis às artes. Segundo Benedito Cesar Silva, “...Fazes de mim o mais amado. / És, mesmo que por uns instantes, a minha inspiração, / O meu fôlego renovado. / Luz da minha vida! / E, neste cântico, quero entoar, o quanto / Posso te amar, / Infinitamente te amar”.

A magia do momento é quando o poeta escreve, manipula as suas experiências, abrindo portas para o imenso oceano de harmonia e sensibilidade, e o amor é uma delas. Já disse Paulo Henriques Britto: “sofrer de amor todo mundo sofre”. O poeta é um ser humano como outro. A diferença é que o que ele escreve é poesia. E a poesia pode nascer a qualquer momento.

Elisa Lucinda disse “me inspira viver, me inspiram os relacionamentos, laços com o mundo... revoada de versos que brotam na gente...”. Na prosa poética um simples gesto ou olhar pode se transformar em bela história de amor, como a conquista marcada pelos encontros. Adilson Miguel, “A fonte de imagem do poeta, é o romantismo, com aquela imagem de sofrimento, pronto para morrer suas paixões.”

O casamento da poesia com o romance é responsável por selar a união do poeta-amor, abrindo o leque para a imaginação. O que mais me atrai na poesia romântica é a forma pela qual o poeta cria suas histórias de amor, e brinca com elas, como um único objetivo: eleger as relações amorosas mais marcantes, retratadas nas artes, como o poema Magia, de Marina Du Bois: “Não posso fechar os olhos / Porque te vejo / E, mesmo assim, / Teu olhar me provoca, / Me chama / E, em sonho, faço / Aquilo que acordada / Temo: / Beijo-te... / Sinto o calor e o sabor dos teus lábios / E teu cheiro toma conta de mim / Por inteiro / Estremeço / Corpo e alma tremem / Tu me seguras / Me prendes / Não consigo escapar / Dos teus braços / E, estes segundos tornam-se uma / eternidade / Que passa correndo / Como se tivesse medo / Ou como se / A magia do momento / Tivesse outros / Para encantar”.

Viver grandes momentos amorosos significa acreditar e refletir sobre o sentido da vida, que é o estímulo que permeia a literatura, a música e as manifestações culturais como um todo.

Data : 30/01/2014

Título : A MORTE... ANUNCIANDO sua CHEGADA

Categoria: Crônicas

Descrição: A morte nos filmes vem silenciosa. Chega sorradeira dando a impressão de serenidade e algumas vezes se faz bonita.

A morte nos filmes vem silenciosa. Chega sorradeira dando a impressão de serenidade e algumas vezes se faz bonita. A morte na vida real chega barulhenta: anunciando temor e angústia. O corpo se transforma em reprodução de sons pesados, fortes, que nos assustam, chamando-nos a atenção; a morte chega anunciando o deprimente instante.

Lembro da morte assistida: todas chegaram acompanhadas de um ronco e, agora, o som da tristeza se encontra em mim.

E o último suspiro? Na verdade, quem tem o forte suspiro somos nós que sentimos a morte chegando. Ao se anunciar, nos desestruturamos por algumas horas; começamos a ver o lago escuro; no sol sem brilho sentimos o impacto de o vento frio entrar em nossos ossos, a cabeça roda, as pernas tremem e o coração acelera. Tudo o que queremos é que a pessoa não sinta a chegada da morte; como choramos a lembrança antes de esquecê-lo.

Já perceberam que sempre que a morte é anunciada nós corremos ao encontro dela? Com a morte anunciada conseguimos reunir os familiares, rever amigos... Por muitas vezes ela se torna inspiração para os poetas, levando-nos à contradição, invertendo a situação, e por muitas vezes refletindo o belo. O poeta Pedro Du Bois chama a morte de a “Ausência Inconsentida”, porque declara ser inconsentida a perda; e a ausência, como no poema: “Na morte espelha a tristeza / em pouca companhia / não será a carne e os olhos fechados / trazendo pouco consolo. // Na morte esplendor e glória / trajeto feito, curto e seco / caminho inexorável / de indizíveis saudades”.

Du Bois dá um belo nome à morte com ar de elegância, silêncio e paz. Transmite algo, como a “renovação da vida, em outra forma e função”. Nada parecido com o que se faz presente: ouço gritos, choros, desesperos que batucam na minha cabeça e deixam meu coração desgovernado, consumindo-me entre a vida e a morte.

Anunciada a morte, não há consciência; há tênue lembrança da vida, que se faz forte. Há a minha tristeza em presenciar, há o badalar do sino, há flores secas; o sonho contém o instante do que não existe mais. Segundo Carmen Presotto, “Pero há vivas memórias / Há mortos que nunca morrem, / voz / imagem / eles surgem feito marés / ou límpidos cristais a esculpir / as lágrimas que a curva do olho não apaga...// Há mortos que nunca morrem, / feitos braseiros, rios caudalosos seguem a refletir em nós vivas memórias...”

Data : 06/01/2014

Título : A NOITE

Categoria: Crônicas

Descrição: Vista por fora, a noite é silêncio, mansidão de quietudes, a que reagimos sensivelmente ao perceber que não há o vazio em sua sombra.

A NOITE

“... Os sons da noite / são o pulso, / das trevas / o coração”.

(Júlio Perez)

Vista por fora, a noite é silêncio, mansidão de quietudes, a que reagimos sensivelmente ao perceber que não há o vazio em sua sombra. Vista por dentro, o silêncio da noite não é calma, é voz que se ouve como grito do mundo. O sentimento de espera paira na noite que se revela como sombra e nos rodeia em vultos escuros que incitam pensamentos perdidos em labirintos. Como em Júlio Perez, “De noite / escuto passos / na calçada. / Molhada pela chuva / os faz ressoar...”. Basta olhar a noite como se fosse um quadro que transcende ao curso empírico da vida, onde o destino passeia entre as sombras dos olhos e, quando se torna longa, nela vagamos em pensamentos impressos na retina. Nas palavras de Jaime Vaz Brasil, “Noite a noite / o mundo desbota. // Lavrado em sombra / decreta-se / o naufrágio da luz: // um tombo // no litígio das cores.”

Não conseguimos impedir de nos entregar à noite, pois ela transmite simbolismo e atende aos nossos desejos, quando contemplamos o instante da imagem no anoitecer, onde o sol no infinito ensaia a dança das cores ao som do Bolero de Ravel, extraída do saxofone e nas sombras da geografia do improviso: “Os olhos oficiam a imagem”, no momento em que a sensação visual se transforma em ato de expressão; como dizem, “os poetas podem ver na escuridão”, em recorrente metáfora na elaboração de um vocabulário luminoso que preza o momento de ligação entre o homem e a natureza.

Podemos dizer que a noite desnuda a solidão sem disfarces e, sem reflexos, quebra o conflito do silêncio. A natureza demonstra a solidão do homem cortejando o destino, o que circunscreve à paisagem. Jaime Vaz Brasil pergunta, “... Onde a noite / esconde o mote / que teus olhos se destapa?”

A noite desaba seus movimentos abraçando as horas onde o escuro esconde a sensação do medo em cada som. Ela rompe o tempo com magia e oculta o reflexo na sombra das palavras, que os escritores iluminam. Como demonstra Pedro Du Bois, no livro *A Mão Que Escreve*, e Carlos Higgie, com o conto *Escura Noite*, no livro *Caleidoscópio*.

A noite ensaia sua sombra, encobre seus passos onde nossa memória visual é perceptível e ao se instalar grita pela história: a inquietude do homem faz a noite transformar vidas. Segundo Júlio Perez, “... A vida se desenrola / em meio a tanto barulho / e confusão / que aos poucos / vai se perdendo / a capacidade de sentir a noite se aproximar...”.

Data : 30/01/2014

Título : A NOITE

Categoria: Crônicas

Descrição: Vista por fora, a noite é silêncio, mansidão de quietudes, a que reagimos sensivelmente ao perceber que não há o vazio em sua sombra.

“... Os sons da noite / são o pulso, / das trevas / o coração”.

(Júlio Perez)

Vista por fora, a noite é silêncio, mansidão de quietudes, a que reagimos sensivelmente ao perceber que não há o vazio em sua sombra. Vista por dentro, o silêncio da noite não é calma, é voz que se ouve como grito do mundo. O sentimento de espera paira na noite que se revela como sombra e nos rodeia em vultos escuros que incitam pensamentos perdidos em labirintos. Como em Júlio Perez, “De noite / escuto passos / na calçada. / Molhada pela chuva / os faz ressoar...”. Basta olhar a noite como se fosse um quadro que transcende ao curso empírico da vida, onde o destino passeia entre as sombras dos olhos e, quando se torna longa, nela vagamos em pensamentos impressos na retina. Nas palavras de Jaime Vaz Brasil, “Noite a noite / o mundo desbota. // Lavrado em sombra / decreta-se / o naufrágio da luz: // um tombo // no litígio das cores.”

Não conseguimos impedir de nos entregar à noite, pois ela transmite simbolismo e atende aos nossos desejos, quando contemplamos o instante da imagem no anoitecer, onde o sol no infinito ensaia a dança das cores ao som do Bolero de Ravel, extraída do saxofone e nas sombras da geografia do improvisado: “Os olhos oficiam a imagem”, no momento em que a sensação visual se transforma em ato de expressão; como dizem, “os poetas podem ver na escuridão”, em recorrente metáfora na elaboração de um vocabulário luminoso que preza o momento de ligação entre o homem e a natureza.

Podemos dizer que a noite desnuda a solidão sem disfarces e, sem reflexos, quebra o conflito do silêncio. A natureza demonstra a solidão do homem cortejando o destino, o que circunscreve à paisagem. Jaime Vaz Brasil pergunta, “... Onde a noite / esconde o mote / que teus olhos se destapa?”

A noite desaba seus movimentos abraçando as horas onde o escuro esconde a sensação do medo em cada som. Ela rompe o tempo com magia e oculta o reflexo na sombra das palavras, que os escritores iluminam. Como demonstra Pedro Du Bois, no livro *A Mão Que Escreve*, e Carlos Higginson, com o conto *Escura Noite*, no livro *Caleidoscópio*.

A noite ensaia sua sombra, encobre seus passos onde nossa memória visual é perceptível e ao se instalar grita pela história: a inquietude do homem faz a noite transformar vidas. Segundo Júlio Perez, “... A vida se desenrola / em meio a tanto barulho / e confusão / que aos poucos / vai se perdendo / a capacidade de sentir a noite se aproximar...”.

Data : 24/09/2013

Título : A POESIA DE ÁLVARO MUTIS

Categoria: Crônicas

Descrição: A poesia de Álvaro Mutis acumula impressões plurais do mundo e entrega a evidência de que essas coisas só se podem ver porque estão em quem as vê...

?Sudário cotidiano do poeta, / cada poema esparge sobre o mundo / a amarga semente da agonia.?

“... foi através da Poesia que foram contados os grandes factos históricos da humanidade.” (António Boieiro)

A poesia de Álvaro Mutis acumula impressões plurais do mundo e entrega a evidência de que essas coisas só se podem ver porque estão em quem as vê... “Sudário cotidiano do poeta, / cada poema esparge sobre o mundo / a amarga semente da agonia.”

A intensa realidade do mundo de Mutis é verbal, convertendo sua poesia em sintomas do tempo enquanto gesto, ao se abrigar na temporalidade. “Só o tempo / cumpre sua tarefa / com suave / mudo roçar / sem pausa ou destino...”

Ao percorrer seus poemas, o reflexo se sucede na arbitrariedade que apenas os sonhos possuem, por isso, os movimentos estéticos das palavras que a magia pode alcançar com seu grito – a poesia transcreve a realidade no fluir na memória. Nossa percepção do tempo é absorvida quando em contato com as palavras do poeta.

Segundo William Ospina, “a linguagem e o mundo, são para o poeta iguais e o que o mundo lhe diz, desperta a sua memória.” É importante a criatividade de Mutis pelo questionamento que une a arte literária com a realidade.

Na sua poesia vejo a presença de traços literários inovadores; diria que contribui para modificar a comunicação entre os homens. Ele transforma a ideia e recria formas poéticas na possibilidade de uma arte no espaço mundial, sem perder a harmonia. Trata do significado a partir do momento que estabelece marcas significativas, por onde passa a sobrevivência da poesia, como incentivo para escrever e bem interpretar.

Álvaro Mutis em seus poemas reúne a essência com conteúdo e a boa performance registrada através dos seus olhos, ligada ao próprio destino. Exercita com habilidade a forma, como se inscreve: idealizador, soma aquisições intelectuais, poéticas e vivenciais, mostra a poesia como ponto de confluência de espaços e temporalidades; portanto, cultura.

“... Nem mesmo a poesia / consegue resgatar / do minucioso olvido / o que cala este espelho / nas trevas do seu desamparo.”

Data : 16/05/2017

Título : A Realidade Como Vício

Categoria: Crônicas

Descrição: Assim, à primeira vista, não há dúvidas: viciada na realidade é a pessoa que fala a verdade,...

“...Sonhos reafirmados no acordar...”

(Pedro Du Bois)

Assim, à primeira vista, não há dúvidas: viciada na realidade é a pessoa que fala a verdade, mesmo que em situação delicada, no sentido da expressão, onde poderia dourar a pílula, usa a expressão franca. Fala sem intenção de prejudicar e magoar ainda mais a pessoa. Nas palavras de Machado de Assis, “No fim de uma coisa que acaba, há outra que começa... Ao cabo, só há verdades velhas, caídas de novo.”

Não há dúvida sobre o profissionalismo: viciado na realidade é o poeta que escreve o que sente e vê. Vende a ideia, sem cumprir roteiro pré-determinado, sacudindo a nossa rotina ao apresentar cultura e história aos nossos olhos. Segundo Pedro Du Bois, “Na metamorfose / metafórica realização // transformação / além das palavras / sentidos / além das ideias / vida além da literatura.”

Não há como não sentir atração por tantos livros e autores, viciado na realidade é o leitor que numa viagem não consegue deixar de visitar sebos e livrarias, mesmo que seja para dizer, só estou dando uma olhada. Nem que esteja fora do roteiro é hábito prazeroso. Machado de Assis já dizia que “Ler as obras dos poetas e dos escritores é hoje um dos poucos prazeres que nos restam ao espírito...”

Viciado na realidade é a mãe que ama, protege e orienta seu filho e depois colhe os frutos que plantou. A vida é desse jeito: o sentimento faz acreditar que finais felizes acontecem com quem tem consciência da importância de cuidar do filho; como em João Guimarães Rosa, “...como mãe gosta de um filho: orvalho de resflor, valia que não se mede nem se pede – se recebe.”

De fato, não há dúvida de nada para quem é viciado na realidade, quando vê a claridade no escuro; ao contrário de quem tem medo do escuro estando claro. Podemos fazer cada qual a sua parte, para que a vida se torne menos assustadora. Como mostra IGdeOL, “Enxergo na luz / que agora reluz / A grande verdade / Que ver sempre quis:/ – O mundo feliz, /... O sentido da vida!...”

Tenho orgulho de ser viciada na realidade, porque significa sorrir para a vida, enquanto vivida. Esta é a minha certeza; ser viciada na realidade é ouvir histórias (re)contadas e se dizer participante, quando ocorrem variações no histórico pessoal, associado às ideias. como em Gabriel Garcia Marquez, “A vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la.”

Sorte? Penso nessa palavra porque, às vezes, a distância entre a sorte e o azar, a vida e a morte estão na realidade como vício: amar para ser amado, como lembra Norman Doidge, de que “O que uma pessoa imagina se torna um gatilho para as emoções e as ações...”

Data : 30/03/2015

Título : A REALIDADE COMO VÍCIO

Categoria: Crônicas

Descrição: À primeira vista não há dúvidas: viciada na realidade é a pessoa que fala a verdade, mesmo que em situação delicada, no sentido da expressão; quando poderia dourar a pílula, usa a expressão franca.

“... Sonhos reafirmados no acordar...” (Pedro Du Bois)

À primeira vista não há dúvidas: viciada na realidade é a pessoa que fala a verdade, mesmo que em situação delicada, no sentido da expressão; quando poderia dourar a pílula, usa a expressão franca. Fala sem intenção de prejudicar e magoar o interlocutor. Nas palavras de Machado de Assis, “No fim de uma coisa que acaba, há outra que começa... Ao cabo, só há verdades velhas, caídas de novo”.

Não há dúvidas sobre o profissionalismo: viciado na realidade é o poeta que escreve o que sente e vê. Vende a ideia, sem cumprir roteiro pré-determinado, sacudindo a rotina ao apresentar cultura e história aos nossos olhos. Segundo Pedro Du Bois, “Na metamorfose / metafórica realização // transformação / além das palavras / sentidos / além das ideias/vida além da literatura”; para Leila Miccolis, “Além das Letras? Há vida”.

Não há como não sentir atração pelos livros e seus autores; viciado na realidade é o leitor que numa viagem não consegue deixar de visitar sebos e livrarias, mesmo que seja para dizer, só estou dando uma olhada. Mesmo fora do roteiro, é hábito prazeroso. Machado de Assis já dizia que “Ler as obras dos poetas e dos escritores é hoje um dos poucos prazeres que nos restam ao espírito...”

Viciada na realidade é a mãe que ama, protege e orienta o filho, e depois colhe os frutos. A vida é assim: o sentimento acredita em finais felizes para quem tem consciência da importância de cuidar dos filhos; como em João Guimarães Rosa, “... como mãe gosta de um filho: orvalho de resflor, valia que não se mede nem se pede – se recebe”.

Não há dúvidas para quem é viciado na realidade, ao ver a claridade no escuro; ao contrário de quem tem medo do escuro, estando claro. Podemos fazer para cada qual a sua parte, para que a vida se torne menos assustadora. Como mostra IGdeOL, “Enxergo na luz / que agora reluz / A grande verdade / Que ver sempre quis:—O mundo feliz,/... O sentido da vida!...”

Tenho orgulho de ser viciada na realidade; o que significa sorrir para a vida, enquanto vivida. É a minha certeza. Ser viciada na realidade é ouvir histórias (re)contadas por Tatiana Belinky e se dizer participante, quando ocorrem variações no histórico pessoal, associadas às ideias, assim retratado por Gabriel Garcia Marquez, “A vida não é a que a gente viveu, e sim a que a gente recorda, e como recorda para contá-la”.

Sorte? Penso nesta palavra por que, às vezes, a distância entre a sorte e o azar, a vida e a morte está na realidade como vício: amar para ser amado, como lembra Norman Doidge, “O que uma pessoa imagina se torna um gatilho para as emoções e as ações...”

Data : 19/10/2016

Título : A RECONSTRUÇÃO do TRAÇO

Categoria: Crônicas

Descrição: “Formas geométricas / rígidas / entrelaçadas // recriam vidas / misturando traços”...

“Formas geométricas / rígidas / entrelaçadas //  
recriam vidas / misturando traços”.

(Pedro Du Bois)

Eymard Brandão é artista plástico sintonizado com a arte contemporânea e comprometido com o ofício de criar, ou melhor, de reconstruir traços.

Iniciou a sua carreira nos anos 70, ancorado no neo-concretismo, sempre buscando questionar o espaço, o objeto e as linguagens artísticas. Recebeu o primeiro Prêmio de Desenho no Salão Universitário de Artes, em Curitiba e, após, teve expressiva premiação em vários outros salões.

Desenvolveu uma poética sobre materiais reciclados para a sua criação, mas voltado à ideia da desconstrução na linguagem. Marília Andrés Ribeiro cita: “Brandão criou uma linguagem com cores fortes e chapadas numa forma integrada de desenho e colagem”.

Nos anos 80, mira seu olhar para os objetos ecológicos, a partir de materiais descartados e os transforma em obras de arte. Seu marco poético é o processo de destruição e construção através da simplificação das formas. Seu trabalho é associado aos concretistas e aos minimalistas norte-americanos e europeus. Suas obras apresentam a simetria, a proporção e o equilíbrio. Segundo o crítico Morgan Mota, Brandão prefere a experimentação ao que se refere à estrutura e à geometria, marcada pelos espaços milimetricamente variados e pela utilização de elementos aglutinantes, dando significado à construção de novas linguagens.

Sua produção é baseada em relevos e pinturas geométricas, a maioria em técnica mista sobre cartão ou chassis. Eymard é pintor renomado pela sua inconfundível “expressão da linguagem”, efeito que, com cores e formas, convida o espectador para um passeio introspectivo, para que vagueie por versão contemporânea da reconstrução do traço.



Data : 31/05/2011

Título : A saudade corta como aço de navalha

Categoria: Artigos

Descrição: "A saudade, no silencio das sombras que vêm e vão, é um deslocamento da alma, uma desencarnação..."

A saudade corta como aço de navalha

TÂNIA DU BOIS

"A saudade, no silencio das sombras que vêm e vão, é um deslocamento da alma, uma desencarnação..."

(Mansueto Bernardi)

Quem nunca sentiu a saudade cortar o peito? Sentir saudades foge à capacidade de compreensão: é a mais difícil tradução da emoção.

A saudade retrata a sensibilidade em detalhes. É cálida e cortante. A palavra foge. A emoção se confronta com a lógica.

"Saudade já saudade / antes saudade...", disse Maria Teresa Horta

A dor da saudade de amor corta como aço. A dor da saudade de um ente perdido corta como fio de navalha. A saudade dos bons tempos faz sentir o perfume do ar e o vento na cara. A saudade do sorvete no inverno, caminhando contra o vento, coloca o sorriso no rosto. A saudade do primeiro beijo encoraja para o cotidiano. A saudade do bolo de laranja e do pudim de coco da avó tem gosto de vida.

Uma saudade não é igual à outra, não tem o mesmo peso. Um dia não é igual ao outro. Uma dor não é igual à outra. As situações que levam a senti-la é que fazem a diferença, "...a tudo isso oponho o que não sendo / já a saudade / é a saudade mesmo", como observou Maria Teresa Horta.

Sinto saudade. Invento a palavra. Depois, reinvento as palavras para os diferentes momentos da vida. Crio o tempo para a poesia e esta, sim, pode ajudar a revolucionar a saudade e a incentivar para que flutue na magia das lembranças se desvele a saudade, que ocupa espaço no coração.

Invento a fórmula para o sentimento estar presente nos desejos e nas necessidades, como caminho aberto pelo coração, como fonte de inspiração com entorno e retorno, vinculado à diversidade que se amplia em diferentes linguagens: saudade sem medo do fio da navalha.

Orides Fontela mostra o caminho do sentimento, sem medo: "Vida aberta sem ritmo / multiplicada em / mil lâminas abertas / mil lâminas vivendo a luz // lâminas sob a luz / como sentidos".

(Tânia Du Bois é escritora radicada em Itapema, SC)

Da Revista

Água da Fonte

31/05/2011

Data : 23/03/2016

Título : a VALISE amarela encantada

Categoria: Crônicas

Descrição: A valise amarela era onde carregava tudo das crianças, enquanto bebês. Hoje, foi transformada em biblioteca ambulante e, por isso, encantada e indispensável na vida de Júlia e Luísa.

A valise amarela era onde carregava tudo das crianças, enquanto bebês. Hoje, foi transformada em biblioteca ambulante e, por isso, encantada e indispensável na vida de Júlia e Luísa.

As crianças sonham, suas imaginações se apresentam em diversas situações, sendo uma delas no hábito pela leitura dentro dos seus desenvolvimentos infantis.

Júlia (4 anos) e Luísa (2 anos) carregam sempre a valise amar(ela) para todos os lugares. Ela é pequena, mas repleta de obras, como os clássicos da literatura infantil, onde Luísa, ao ouvir a leitura de O Soldadinho de Chumbo, cria novo rosto, muda o personagem, e o chama de A Bailarina de Chumbo. Ou as princesas que encantam a vida de bailarina da Júlia. Os contos do Fundo do Baú, Fábulas de Ouro e as histórias de Monteiro Lobato.

Júlia e Luísa são donas de imaginação que vai às alturas, incorporam os super-heróis em cada momento. Quando lhes conto uma história há trocas emocionais e, nessas ocasiões, verifico a boa influência da valise amarela em suas vidas.

Na valise encantada encontro, entre tantos escritores, esses que são mágicos, onde tudo é motivo para a criação, como: Ruth Rocha, que faz uma arte entrelaçada; Ana Maria Machado, Eu era um dragão; Maria Clara Machado, palavras novas em estilo simples e claro, com divertido ritmo, Lila e Sibila na Praia; Cecília Meireles, Isto ou Aquilo; Tatiana Belinkí, Limeriques, histórias contadas em cinco linhas, ritmadas e bem maluquinhas. Ainda, Ziraldo, A letra N e o nascimento da Noite – A noite é o casamento / da letra N e de Oito...; Carlos Nejar, As águas que conversam – “Andar em roda / gigante / no tenro

alpendre / das ondas...”; José Saramago, A maior flor do mundo – “Era uma flor... E como este menino era especial de história, achou que tinha que salvar a flor...”; Chico Buarque, com seu Chapeuzinho Amarelo – “Tinha medo de tudo, ... Ouvia conto de fada e estremeia. Depois, acabou o medo e ele ficou só com o lobo...”; Gabriel Garcia Márquez, A luz é como a água – “Totó me perguntou como é que a luz acendia, só com a gente apertando um botão... A luz é como a água – respondi – A gente abre a torneira e sai...”

A valise amarela é poderosa porque contém esses e tantas outras obras consagradas na literatura infantil. É sinfonia que contagia Jú e Lu a participarem dessa viagem sem fim que é ter a vida como palco.

Elas leem, brincam e conversam com os livros e seus personagens. Fazem da sua casa o picadeiro onde cada uma apresenta a sua atração. Arregalam os olhos e deixam o coração e a emoção, outra vez, rodopiar no circo da imaginação, como passarinho a bater as asas em uma orquestra. Além de se divertirem, a fantasia faz com que elas compreendam e aceitem o mundo em que habitam e aprendem a lidar com as “bruxas”.

Luísa e Júlia não estão apenas carregando a valise amarela encantada, estão, através do lúdico, aprendendo a viver e a conviver. Saramago pergunta: “E se as histórias para as crianças passassem a ser leitura obrigatória para os adultos? Seriam eles capazes de aprender realmente o que há tanto tempo têm andado a ensinar?”

Data : 23/03/2016

Título : a VALISE das Alices

Categoria: Crônicas

Descrição: O que Alice Brueggemann e Alice Soares levavam em suas valises? Abro-as e descubro que são duas personalidades que se destacaram a partir dos anos cinquenta no cenário da pintura e do desenho, lado a lado.

O que Alice Brueggemann e Alice Soares levavam em suas valises? Abro-as e descubro que são duas personalidades que se destacaram a partir dos anos cinquenta no cenário da pintura e do desenho, lado a lado. As Alices que, com muitas afinidades, completaram trinta anos de convivência artística no mesmo ateliê.

Em 1957, montaram o ateliê denominado “Aliciano” pelo pintor Ado Malagoli.. Naquela época, em Porto Alegre, não havia galerias de arte e tão pouco os trabalhos eram comercializados; daí, surgiu a necessidade de se agruparem, passando assim a conviver com suas novas perspectivas.

Dentro da valise de Alice Soares descobri que ela se encaminhou para o desenho em crayon e pastéis. Seu tema foi sempre a “criança universal”. Ela as retratou revelando a sua preocupação com a figura da criança. Soares achou a síntese no desenho com força

expressiva na maturidade alcançada. Seus desenhos traduzem seres vivos, porém, não retratos, mas, vindos do pensamento e de muitos ensaios.

Na valise de Alice Brueggemann vi que ela se dedicou à pintura a óleo com figuras humanas, paisagens e naturezas mortas. Pintava vários quadros ao mesmo tempo e nunca pensava na cor em si, mas, quando limpava os pincéis, no final da obra, via a predominância do verde. Ao olhar a sua obra, dizia: “Sou extremamente irrequieta e no meu trabalho vejo uma tranquilidade que não sei de onde vem. Quem vê, parece uma planta.” Sua filosofia foi de sempre estar “fazendo” quadros, mantendo a emoção e os sentidos em ação. Tinha por lema recomeçar, mesmo com as dificuldades e as guerras que envolvem o ato de criar.

Ado Malagoli revelou sobre as valises das Alices: “Refiro-me as duas Alices, a Soares e a Brueggemann. Seu movimento artístico no nosso Estado (RS) possui características originais, com vida espiritual e processos próprios de desenvolvimento; muito se deve ao ateliê aliciano. Outros valores consagraram como um recanto de desenvolvimento artístico e cultural, frequentado, como sempre foi por artistas e intelectuais... que enriqueceram sobremaneira a cultura artística do nosso Estado (RS)”.

As bagagens das Alices mal couberam dentro das suas valises, pois, surpreendem-me com suas imaginações, de onde trouxeram seus sonhos, suas inspirações na pintura e no desenho. Essa surpresa impôs às telas a força das Alices e, através da beleza de suas obras, que expressam emoção e sensibilidade, encontro o prazer com que suas valises ultrapassaram as fronteiras; hoje suas obras são encontradas nas mais diversas galerias e museus de artes plásticas.

Data : 23/03/2016

Título : a VALISE de Abelardo da Hora

Categoria: Crônicas

Descrição: Abelardo da Hora foi grande artista pernambucano. Sua obra é universal e traduz muito da alma do povo brasileiro.

Abelardo da Hora foi grande artista pernambucano. Sua obra é universal e traduz muito da alma do povo brasileiro. Abelardo de todas as horas, porque suas esculturas brotam do cotidiano, da fala das coisas comuns. Ele transmite em suas obras o espírito de luta, com vigor expressionista, tendo influenciado o início da carreira de Francisco Brennand. Na sua valise encontro a força ritmada dos movimentos cristalizados em traços simples de gestos rápidos e incisivos, como as esculturas: “Hiroshima” e a série “Meninos de Recife”.

Abelardo retrata a beleza explícita, reproduz em suas esculturas a realidade que está na nossa frente e não a queremos ver. Ele, em algum dia de sua luta, escreveu o poema

“Meninos de Recife”: “São habitantes anônimos / dessa cidade alagada, / de limo e pedra formada / sob marés / submersa // ... são apenas habitantes / dessa cidade alagada. / Atirados sobre a lama. / Sobre as marés da desgraça.”

Lutas que travou com o barro, espátulas e enormes formas de gesso. E, através da obra “Meninos de Recife”, com sua espátula em punho, transformou a angústia em esculturas, mostrando ao Brasil que eles precisam da esperança por dias melhores.

Segundo Francisco Brennand, seu aprendiz: “A contribuição de Abelardo da Hora, a partir de 1942, foi decisiva no sentido de que, pela primeira vez, essa criação caía nas mãos responsáveis de um verdadeiro artista coberto de talento e criatividade.”

Ao abrir a valise de Abelardo da Hora descobri que, aliado a um estilo de vida, fez muito pelos “meninos de Recife”, tendo, assim, desempenhado importante papel na sociedade brasileira.

Data : 23/03/2016

Título : a VALISE e eu

Categoria: Crônicas

Descrição: Lembro-me de situação acontecida há trinta anos que me deixou de saia justa. Meu marido chegou em casa depois do trabalho e, cansado, irritou-se facilmente comigo.

Lembro-me de situação acontecida há trinta anos que me deixou de saia justa. Meu marido chegou em casa depois do trabalho e, cansado, irritou-se facilmente comigo. Fiquei muito magoada e comecei a gritar uma série de cobranças para cima dele: de quanto eu também estava cansada e precisando da sua companhia. Claro que ele retrucou, dizendo que botava comida dentro de casa, que pagava as contas e por aí afora.

Ofendi-me. Fui até a área de serviço e peguei a escada para alcançar a minha valise. Coloquei-a sobre a cama e pus dentro dela o que tinha de mais importante para mim; o que me lembraria dele ou levar um pouco dele comigo para quando longe estivesse. Aos prantos arrumei a valise. Ele, assustado, pedia pelo amor de deus (era ateu) que eu não fosse embora. Tentava tirar a valise das minhas mãos, mas, o meu amor era muito maior, pois, pensava que indo embora, ele poderia ser feliz. Levaria a vida do jeito que quisesse. De valise em punho, ainda aos prantos, andei rapidamente pelo corredor fui até a porta de saída. Bati a porta. Do lado de fora, apenas a valise e eu. Logo pensei: e agora, como faço para ir embora? Não sei sair da cidade. Então, voltei e perguntei: por favor, como faço para ir embora? Ele disse, dê-me a valise e não vá. Fique comigo. Assim que o vi com aquele olhar carinhoso, meu coração encheu-se de alegria. Beijamo-nos. Reencontramo-nos. Lá fui eu desfazer a valise, com alegria.

Até hoje tenho guardada comigo a valise. É lembrança da minha felicidade – a de ter voltado, ter acreditado no nosso amor. A valise é o objeto que faz parte da minha história. A valise e eu somos cúmplices da vida.

Hoje, penso, será que a juventude sabe o que é uma valise?

Data : 21/01/2015

Título : A VIDA (DES)AFORADA

Categoria: Crônicas

Descrição: A vida é o nosso maior patrimônio; nela temos a preocupação para com os bons momentos que podem nos levar ao o que queremos ser.

A vida é o nosso maior patrimônio; nela temos a preocupação para com os bons momentos que podem nos levar ao o que queremos ser.

Na cena, a única mesa barulhenta é onde a moça se destaca pela risada larga e penetrante. Gargalhada que, de repente, se altera em grito, no olhar desconfiado e no silêncio, ao ver o seu retrato na capa do livro. Sorrindo concede o autógrafo.

Flagro-me na possibilidade de ver o prazer, junto com a verdade desejada em que tudo aumenta na sensação de tropejar com liberdade por andar onde não é proibido.

Na realidade, boa parte da tiragem do livro era apenas lembrança da morte de sua arte. A autora, ao perfilar a evolução vital da pintora, mostrou a cultura da época e o seu talento. Assim, conseguiu ganhar do silêncio, através do lançamento do livro, onde se apresentou ao mundo, contando a história delirante da arte de viver em busca de respostas, como fantasma na literatura. A partir de certo ponto, sua biografia passou a ser a radiografia da história, como em Carlos Pessoa Rosa, “...grito ao mundo a arte do poema / e o retorno é um sussurro da morte.”

É bom lembrar que a vida é (des)aforada quando se acredita na espécie como evolução, quando folhamos o livro e admiramos a paisagem em sua trajetória artística. É uma questão de atitude, como a paixão.

A vida e os desaforos são palavras que soam pelo desejo que se repete ao exprimir o sentido original e o crescimento com qualidade, com postura pelo olhar, com difusão das ideias, não esquecendo que o tempo é nossa alma e sonho, por isso, o dia chega e as artes rompem a imaginação ao sair para o espaço, assimilando o todo em torno de si, até ficarmos completamente envolvidos. Quando isso acontece, adotamos uma maneira de viver e pensar dentro da literatura como um bem maior, ocupando o lugar atribuído à liberdade.

A vida (des)aforada é expectativa, janela que representa os olhos no passar dos espelhos opacos, para vislumbrar os segredos do livro e definir a expressão da tela, “estar num lugar e alcançar a sensação de estar em outro”.

Data : 03/02/2014

Título : A VIDA ENSINA...

Categoria: Crônicas

Descrição: A vida ensina...é sinônimo de tempo, crenças populares, contos, causos e histórias: ?voz do povo, voz de Deus?.

A vida ensina...é sinônimo de tempo, crenças populares, contos, causos e histórias: “voz do povo, voz de Deus”. Posso dizer que a voz do homem tem poderes mágicos.

É tempo de ler o livro de Luis da Câmara Cascudo, Coisas que o Povo Diz, que atravessa o tempo em palavras da crença popular. Segundo o autor, “A voz humana tem o poder fecundador”: o povo conta histórias vividas, ouvidas, presenciadas na cultura popular. Elas surgem com as convergências inevitáveis na técnica de “quem conta um conto, aumenta um ponto”.

A cena é imaginável, pessoas reunidas conversam e, na hora mágica, no auge do entusiasmo, falam segredos como se fossem palavras vivas, ao passarem a imagem de perfeição na intenção, como elemento favorável à confiança do povo. Como, por exemplo, Arrancar a máscara, um dos ditados encontrado no livro, que segundo o autor significa “evidenciar a verdadeira face”.

Avessa, a história sem nenhum fundamento chega ao plano de criação, onde é permitido à memória popular a lembrança dos mistérios no entendimento de cada um. Como diz a lenda, que o desejo de mulher grávida, assume proporções de dever social para com a sua satisfação. E, caso o desejo não for atendido, o filho nascerá com a boca aberta ou com a “cara” do objeto desejado.

A vida ensina a ouvir o que o povo diz em suas crenças mais confessáveis, que vão além e aquém. Soltar a imaginação e ousar a fantasia como encontro supersticioso, onde identificamos os costumes através da origem; quando expressamos “são outros quinhentos”, significamos “são outras razões...”, para expressar a liberdade de se expor com palavras. O segredo está na ênfase da história contada, no encantamento, no envolvimento do fato, onde há verdade nas coisas que o povo diz. Nas palavras de Ademar Tavares, “A verdade popular / Nem sempre ao sábio condiz, / Mas há verdade serena / Nas coisas que o povo diz.”

A vida ensina que é bom ficar atento e aberto às histórias contadas pelo povo, porque são nos seus gestos que identificamos atitudes supersticiosas como mitos que

originam a lenda popular. Segundo Hermenegildo Bastos, “o mito não se desvela. / mas há outros metros, / véus de si próprios: / o claro e o escuro...”

Coisas que o Povo Diz é literatura que revela os segredos do povo que, ao brincar com as palavras, as tornam crenças populares.

Data : 30/01/2014

Título : A VIDA ENSINA...

Categoria: Crônicas

Descrição: A vida ensina...é sinônimo de tempo, crenças populares, contos, causos e histórias: “voz do povo, voz de Deus”. Posso dizer que a voz do homem tem poderes mágicos.

A vida ensina...é sinônimo de tempo, crenças populares, contos, causos e histórias: “voz do povo, voz de Deus”. Posso dizer que a voz do homem tem poderes mágicos.

É tempo de ler o livro de Luis da Câmara Cascudo, Coisas que o Povo Diz, que atravessa o tempo em palavras da crença popular. Segundo o autor, “A voz humana tem o poder fecundador”: o povo conta histórias vividas, ouvidas, presenciadas na cultura popular. Elas surgem com as convergências inevitáveis na técnica de “quem conta um conto, aumenta um ponto”.

A cena é imaginável, pessoas reunidas conversam e, na hora mágica, no auge do entusiasmo, falam segredos como se fossem palavras vivas, ao passarem a imagem de perfeição na intenção, como elemento favorável à confiança do povo. Como, por exemplo, Arrancar a máscara, um dos ditados encontrado no livro, que segundo o autor significa “evidenciar a verdadeira face”.

Avessa, a história sem nenhum fundamento chega ao plano de criação, onde é permitido à memória popular a lembrança dos mistérios no entendimento de cada um. Como diz a lenda, que o desejo de mulher grávida, assume proporções de dever social para com a sua satisfação. E, caso o desejo não for atendido, o filho nascerá com a boca aberta ou com a “cara” do objeto desejado.

A vida ensina a ouvir o que o povo diz em suas crenças mais confessáveis, que vão além e aquém. Soltar a imaginação e ousar a fantasia como encontro supersticioso, onde identificamos os costumes através da origem; quando expressamos “são outros quinhentos”, significamos “são outras razões...”, para expressar a liberdade de se expor com palavras. O segredo está na ênfase da história contada, no encantamento, no envolvimento do fato, onde há verdade nas coisas que o povo diz. Nas palavras de Ademar Tavares, “A verdade popular / Nem sempre ao sábio condiz, / Mas há verdade serena / Nas coisas que o povo diz.”

A vida ensina que é bom ficar atento e aberto às histórias contadas pelo povo, porque são nos seus gestos que identificamos atitudes supersticiosas como mitos que originam



a lenda popular. Segundo Hermenegildo Bastos, “o mito não se desvela. / mas há outros metros, / véus de si próprios: / o claro e o escuro...”

Coisas que o Povo Diz é literatura que revela os segredos do povo que, ao brincar com as palavras, as tornam crenças populares.

Data : 25/04/2017

Título : A VIDA NA HORA

Categoria: Crônicas

Descrição: Vivemos na contramão de vidas desamarradas, porque nos encontramos amarrados em compromissos no vigor e apuro da vida na hora.

Vivemos na contramão de vidas desamarradas, porque nos encontramos amarrados em compromissos no vigor e apuro da vida na hora.

Desafiamos o tempo para melhor compreender as mudanças – o que pode ser limitador - por seguirmos as regras criadas e exigidas até a clareza na essência. Analisamos e também sentimos o tempo sobre o tempo, em que a nossa rotina está amarrada em horários que, por vezes, nos permitem livrar das amarras para mudar o rumo da história, como arte do improvisado para sentir as dores e alegrias no cotidiano como novos recursos.

Traduzimos as evidências das alternativas, para passarmos as horas em jogos de aproximação e afastamento, o que nos leva a compreender nosso apreço pela vida amarrada na hora. De fato, vivemos numa civilização de contrastes, de imagens ousadas e imediatistas, na construção dos deveres e obrigações, fossem os efeitos desejados que, para Maiakóvski, “... desdobra o lençol dos dias / cama verde, campo escampo. / Arco-íris arcoirisa / o canal veloz do tempo...”.

Data : 30/01/2014

Título : A VOZ ABAFADA

Categoria: Crônicas

Descrição: A voz viva, sensação desagradável de grito calado: entramos com os sentidos e a vida com os destinos.

A voz viva, sensação desagradável de grito calado: entramos com os sentidos e a vida com os destinos. É pertinente gritar as necessidades ou, simplesmente, incorporá-las ao dia a dia.

Nas vozes de:

Paulo Monteiro, "...no silêncio / escutamos o barulho dos corações / na pulsação dos medos escondidos..."

Nilto Maciel, "...Menina, tua fala / que escuto calado / me abafa, me cala, / me deixa abafado..."

Data : 30/01/2014

Título : A VOZ da CONSCIÊNCIA

Categoria: Crônicas

Descrição: A voz da consciência é, completamente, dona das incursões experimentalistas saborosas, de um conjunto de saber e conhecimentos...

A voz da consciência é, completamente, dona das incursões experimentalistas saborosas, de um conjunto de saber e conhecimentos – ou não – apenas elabora destinos: emoções, sensações, convicções e seduções a que rendemo-nos para concordar com sua importância.

Nas vozes de:

José A. Arce Mejia Filho, "Voz da consciência: / foz de rios escorrendo por dentro / toda a substância sanguínea / da essência da existência / em correntezas / vigorosas, virtudes e vicissitudes / banhando o passado / com o futuro da alma..."

Gilberto Cunha, "...A missão do intelectual é trazer à tona reflexões sobre o mundo, a vida, o ser humano e a sociedade de modo geral. Servindo quase como uma espécie de consciência da humanidade..."

Data : 30/01/2014

Título : A VOZ da EXPERIÊNCIA

Categoria: Crônicas

Descrição: Os idosos tem a voz da experiência: a história se repete. O futuro das pessoas está em ouvir a voz da experiência, que nada mais é que o som revelador da esperança.

Os idosos tem a voz da experiência: a história se repete. O futuro das pessoas está em ouvir a voz da experiência, que nada mais é que o som revelador da esperança.

Nas vozes de:

Pedro Du Bois, “fala assuntos variados / discute / discorre / desfruta das palavras / em frases // junta os fatos / em verbos de ação // testemunha o que está escrito / dá fé // repete em público o saber / acumulado em investigações / e no suave piscar das pálpebras // tem a receita do que será dito / e conhece as razões do silêncio”.

Gilberto Cunha, “... Ter opinião é algo inerente ao ser humano. Isso significa que o “indivíduo A” pode ter uma ideia diferente do “indivíduo B”, sobre determinada coisa. E, de qualquer forma, não implica em que A ou B sejam os donos da verdade...”.

Data : 30/01/2014

Título : A VOZ da IMAGINAÇÃO

Categoria: Crônicas

Descrição: O mundo sonoro da imaginação é um mundo sem limites, onde a voz atua, representa, conversa e discute.

O mundo sonoro da imaginação é um mundo sem limites, onde a voz atua, representa, conversa e discute.

Nas vozes de:

Lêdo Ivo, “... Já não preciso escutar / as vozes que me rodeiam. / Comecei a ouvir o silêncio / que desce do céu mudo. //... Tudo era imaginário...”.

Carlos Alberto Lima Coelho, "Na imaginação / Em teus mares / Naveguei / Nas ondas da emoção / Aportei / Nas palmas / De tuas mãos / Chorei / Para olhar o Desterro / De minha cidade / E amei “.

Data : 30/01/2014

Título : A VOZ da MEMÓRIA

Categoria: Crônicas

Descrição: A memória é o relato da reflexão sobre os fatos e atos marcados pelo sentido provocativo de vontade e significações...

A memória é o relato da reflexão sobre os fatos e atos marcados pelo sentido provocativo de vontade e significações, mas retomada no antes e agora. Na voz da memória, a lembrança é a que mais dói, depois a saudades.

Nas vozes de:

Gilberto Cunha “... A capacidade humana de elaborar conceitos depende de memórias. É a partir delas, numa espécie de elogio da imperfeição, que construímos conceitos de objetos...”

Clauder Arcanjo, “ As lavras da infância / incendeiam o meu presente. // ...Nas portadas do tempo, / explorações da memória, / uma palavra ficou sobre mim. / Dura, pura, mas quieta, presa e calada. / e eu a carregar todo este monumento / de ecos. Vozes que quase me embalam”.

Data : 30/01/2014

Título : A VOZ da PALAVRA FINAL

Categoria: Crônicas

Descrição: Na palavra final o importante é dosar os extremos, lidar com os limites e dar forma aos objetivos.

Na palavra final o importante é dosar os extremos, lidar com os limites e dar forma aos objetivos. A palavra final traz mudanças e definições para o futuro.

Nas vozes de:

Alcides Buss, “A linguagem, porém, / nos veste de sim / e de não. // Falamos a língua / partidas, que nos une / sem união”.

Júlia Du Bois Araújo Silva, “ Existe uma palavra / uma palavra tão linda / que sem ela / a vida não teria amor / essa palavra / é cativar”.

Data : 30/01/2014

Título : A VOZ da PAREDE

Categoria: Crônicas

Descrição: O imaginário e a palavra, essa justaposição de sentidos se coloca lado a lado ao mundo das paredes.

O imaginário e a palavra, essa justaposição de sentidos se coloca lado a lado ao mundo das paredes. Um interior que se escancara quando o que se ouve não é o que se vê.

Nas vozes de:

Eduardo Barbosa, “... tateio paredes / em busca de interruptor / que ligue a esperança...”.

Leila Mícolis, “...Às vezes, / figuras nos muros grafitam: / outras, / em torno das portas gravitam. // E sempre que se vão, / atravessando tijolo, / concreto, cimento e cal, / nos deixam a confirmação: // - nenhuma parede é real”.

Data : 30/01/2014

Título : A VOZ da PEDRA

Categoria: Crônicas

Descrição: A pedra, concreta define o tempo. Sem medo revela nossas vidas: um retrato fascinante da história.

A pedra, concreta define o tempo. Sem medo revela nossas vidas: um retrato fascinante da história.

Nas vozes de:

Donizete Galvão, "... Quem não percebe na pedra, fragmento de cordão umbilical, / o despojo deixado pelos deuses / na luta que inaugura a geografia?..."

Carlos pessoa Rosa, "tudo segue / da periferia ao centro / a rigidez, a dureza e o peso / tem no rosto / a pedra fria do deserto / na alma / o interior escuro das rochas ...".

Data : 30/01/2014

Título : A VOZ da POLÍTICA

Categoria: Crônicas

Descrição: Nesse caso, a conquista de um visual é verbal: um mito ou um homem de infinita sabedoria? Um discurso como narrativa, para compreender o mundo atual?

Nesse caso, a conquista de um visual é verbal: um mito ou um homem de infinita sabedoria? Um discurso como narrativa, para compreender o mundo atual? A medida verbal é a voz destemida.

Nas vozes de:

Paulo Monteiro, "o canto terá que ser / à moda do cantador / se não o canto que canto / não terá nenhum valor / por isso canto sem medo / o medo que a gente sente..."

Marina Du Bois, "Para construir um mundo novo é preciso que todos estejam com vontade de viver num mundo melhor".

Data : 30/01/2014

Título : A VOZ do CORAÇÃO

Categoria: Crônicas

Descrição: Sempre é tempo para ouvir a voz do coração e descobrir o próprio desejo: que o amor acende a luz e oferece, através do diálogo, a chance de nos sentir amados.

Sempre é tempo para ouvir a voz do coração e descobrir o próprio desejo: que o amor acende a luz e oferece, através do diálogo, a chance de nos sentir amados. É o sentimento com som de felicidade e dom da palavra.

Nas vozes de:

Marina Du Bois, "Teu amor / me faz forte e / me enfraquece. / Descompassa o meu coração / ao mesmo tempo que entenece //... só de pensar me dá um frio / e, neste momento, nem sinto mais / os meus batimentos...".

Leila Mícolis, "Meu coração nunca para / pra comparar, solta amarras, / vive seu tempo presente: / se ferido, em mim se ampara; / mas quando sara e se sente / contente, / fica eloquente, / feito algazarra de araras".

Data : 30/01/2014

Título : A VOZ do HOMEM

Categoria: Crônicas

Descrição: Ouvíamos o homem de ontem que não é o de hoje e não será o de amanhã.

Ouvíamos o homem de ontem que não é o de hoje e não será o de amanhã. A releitura de cada um será a lembrança da voz, sob diversas perspectivas, sempre através da palavra: as vozes soam...

Nas vozes de:

João Cabral de Mello Neto, "... falando alto imagina / que emoção sobrepota é a boa. / Em disco, a voz desconhecida, / que nunca berra nem cantoa, / da voz fria do poema impresso / em nenhum momento destoa".

Nilto Maciel, “Alguém cantava. / Onde está o rádio? / E a voz do cantor? / Não, agora fala o locutor. / Tagarela sem parar. / Olho para o nada. / Faz silêncio. / O locutor talvez tenha dormido, / repentinamente, / embriagado com a própria voz...”

Data : 30/01/2014

Título : A VOZ do JURAMENTO

Categoria: Crônicas

Descrição: A voz do juramento é reflexiva, ela analisa a criação de conteúdo e os conceitos utilizados como base para buscar um resultado.

A voz do juramento é reflexiva, ela analisa a criação de conteúdo e os conceitos utilizados como base para buscar um resultado.

Nas vozes de:

Hugo Mund Junior, “... Através do símbolo flui a chama / do divino ao humano, / formando a linguagem / do juramento, comunhão efetiva / do mundano e do transcendente...”.

Paulo Cristovão de Araújo Silva Filho, “... o mecanismo de proteção da unicidade e, pois, de estabelecimento da estabilidade das relações sociais e da segurança jurídica, é a definitividade das decisões judiciais...”.

Data : 30/01/2014

Título : A VOZ do LEITOR

Categoria: Crônicas

Descrição: O leitor vive na expectativa de ler e contar histórias, e de mostrar que a literatura é importante em sua vida, como descoberta, conhecimento e lazer.

“Se tens um jardim e uma biblioteca, tens tudo”

(Marco T. Cícero)



O leitor vive na expectativa de ler e contar histórias, e de mostrar que a literatura é importante em sua vida, como descoberta, conhecimento e lazer. Também, sabe que ao cuidar da literatura tem a oportunidade de viajar com a imaginação e ir aos lugares mais belos. Isso significa que assim consegue alcançar o ímpeto da vitória. Porém, sempre se preocupando com o antes e o depois e, dessa forma, certifica-se das novas criações e produções. Segundo Carlos Drummond de Andrade, “A tinta e o lápis / escrevem-se todos / os versos do mundo.”

Na vida do leitor o que não falta são grandes emoções, porque não se limita aos impressionantes e modernos textos. Ele os admira como obra de arte e a eles é sensível; vocação e paixão regem seu estilo, proporcionando privacidade e silêncio para passar momentos ao sabor dessa brisa, dos livros e do acaso. Ronaldo Monte retrata, “Criamos palavras / para preencher o espaço aberto / entre as duas margens / de um rio de enigmas.”

Para o leitor, a miscigenação cultural dá tempero à literatura. As palavras entoadas evocam transe coletivos. Todos têm uma história para contar, e o livro pode ser a voz do leitor, como viajante que por vezes se sente no meio do bosque ouvindo o encadeamento dos sons da natureza, sendo sons e sentidos significados, cercado de detalhes e cores com o objetivo de lhe provocar reação e atingir resultados mais amplos e concretos.

Ao ler os textos o leitor sente a revoada das aves, de sons diretos e simples, em imagens justapostas, uma promovendo o aumento da história da outra. Nada é mais interessante do que o poder da imaginação para conquistar os sonhos e fazer valer a liberdade. Na leitura ele passa a participar de detalhes curiosos e poderosos, como no sofrimento, no amor e na superação, cada vez mais presente em suas conversas pela abordagem contextualizada. Como demonstra Pedro Du Bois, “... O verso se transforma na voz do leitor / na entonação do leitor / na interpretação do leitor / no que o leitor aprende.”

Por outro lado, o escritor sabe o quanto o mercado é rico e raro em termos de alcance ao público. Os livros acabam se transformando em espécie de vitrines: todos veem, poucos leem e menos compram. Mais uma vez o leitor se entristece porque, apaixonado pelos livros, procura viver os acontecimentos que o traz aos dias de hoje tendo o livro como panorama imaginário. Acredita estar a sociedade sendo esmagada nas entrelinhas.

Quantos escutam a voz do leitor?

Data : 30/01/2014

Título : A VOZ do MAR

Categoria: Crônicas

Descrição: A voz do mar não é narrativa, mas fascina vidas. Frequentamos a praia como espectadores do mar.

A voz do mar não é narrativa, mas fascina vidas. Frequentamos a praia como espectadores do mar. O mar murmura o presente quando nos banhamos; o passado com as histórias dos pescadores e o futuro que buscamos de suas águas a inspiração.

Nas vozes de:

Álvaro Mutis, "...Debruçadas n'água / ri-se da desordem provocada / e seu sorriso, / com a tênue tristeza que o empana, / suscita a improvável maravilha: num presente de exata plenitude..."

Eduardo Barbossa, "...no reflexo do mar / percebi sua real natureza / e ri de minhas escolhas."

Data : 30/01/2014

Título : A VOZ do NOME

Categoria: Crônicas

Descrição: O nome é referência, identidade, uma fala que revela o ser: jogo verbal. Ao chamado, o som como identificação o nome se expande.

O nome é referência, identidade, uma fala que revela o ser: jogo verbal. Ao chamado, o som como identificação o nome se expande. Cada pessoa tem um nome. Cada objeto tem um nome. Eles se completam.

Nas vozes de:

Mia Couto, "...Eu só sou na tua presença. E só me tenho na sua ausência. Agora, eu sei. Sou apenas um nome. Um nome que não acende senão na tua boca."

Pedro Du Bois, "Tem o nome carregado / na voz com que repete / o som da lembrança".

Data : 30/01/2014

Título : A VOZ do PÁSSARO

Categoria: Crônicas

Descrição: Existe coisa melhor a fazer do que passar a tarde embaixo de uma árvore ouvindo o canto dos pássaros?

Existe coisa melhor a fazer do que passar a tarde embaixo de uma árvore ouvindo o canto dos pássaros?

Nas vozes de:

Eduardo Barbossa, “Sua rua tem árvores / Flores em variedades cores / uma brisa fresca no verão / Pássaros cantores, colibris e sorrisos...”

Gilberto Cunha, “Nos prenúncio da primavera... mesmo no centro de Passo Fundo, pouco antes do amanhecer, já era possível ouvir o cantar dos sabiás. Afinal, para quem os sabiás cantam?...”

Data : 30/01/2014

Título : A VOZ do PENSAMENTO

Categoria: Crônicas

Descrição: O que quero para a minha vida? Penso o que preciso mudar na minha vida.

O que quero para a minha vida? Penso o que preciso mudar na minha vida.

Um truque para driblar o pensamento é dar-lhe ares surpreendentes, como abrir mão de alguma coisa para ter uma vida com raízes; sentir o cheiro de café; ver o dia ao contrário; escolher as cores; folhear páginas e agrupar dados, considerando autor, estilo e gênero do livro. Quando me encontro, coisas incríveis acontecem: o segredo do pensamento é revelado. Nas palavras de Carmen Presotto, “Se sou o que, / onde está o que sinto? //... silêncio! // Ajude esta mão a caminhar pela vida.”, e Gilberto Cunha pergunta “Que é vida? A característica chave de uma rede viva é que ela produz continuamente a si mesma... E o processo da vida é, em essência, a cognição (o processo de conhecer)... Em que se exige uma concepção diferente e inovadora de mente...”.

Penso todos os dias em realizar meus planos. Sinto, pondero e compreendo a falta de tempo. Tenho a intenção e a ação. Coragem e tenacidade para o papel a desenvolver na vida. Audácia e temor para me dedicar às fantasias e aos fatos, com criatividade e com a finalidade de aproveitar a natureza. Com otimismo, me renovo, mas nem sempre a vida prospera como planejado, como na dúvida de Octávio Paz, “..-a vida, quando foi nossa de fato?, / de fato, quando somos o que somos?”.

Penso ter o carinho necessário para reescrever o mundo e ser ilimitado espírito para enfrentar, me aproximar e redescobrir o caminho para reencontrar o sonho, mesmo depois da partida.

Penso que a partir desse momento a tristeza invade a mente e, mesmo assim, preciso da lembrança, porque estou com medo. E só o tempo ensina a contornar o pensamento e a vontade de gritar: quero ser feliz! Getúlio Zauza ressalta, “Eu queria ser feito de pura luz / da emanção das estrelas... / e que a matéria do meu plexo / tivesse a forma do original amor. / No momento já me sentiria feliz / sendo como uma manhã primaveril...”.

De tanto ouvir os pensamentos, percebo que a felicidade vem com o vento e atinge as linhas de raciocínio, onde encontro a multiplicação do ser com gosto de conquista.

Penso na repetição do nada, no mistério que, nem dormindo, faz o pensamento descansar e, muitas vezes, se perde no tempo sem peso nem medida, como se viesse do fundo do coração e se partisse em palavras, como em Clauder Arcanjo, “Nada do que foi virá / Nada do que já veio renascerá. / Tudo se renova naquilo / que nos encanta e espanta”.

Penso que minha vida rola solta e aprende segredos como em jogo de sedução, entre o olhar e o sorriso, que transformam os pensamentos, tal como no livro A incerteza da Vida, de Pedro Du Bois, “... A existência sustenta / a palavra expressada.../ nada representa a vida / só as palavras dão ao contexto / a certeza do que foi dito...”

Data : 30/01/2014

Título : A VOZ do POEMA

Categoria: Crônicas

Descrição: Nesse jogo de palavras: o poema há o som da exacerbação marcado pela possibilidade do olhar e pelo desejo dos trocadilhos visuais legendados verbalmente.

Nesse jogo de palavras: o poema há o som da exacerbação marcado pela possibilidade do olhar e pelo desejo dos trocadilhos visuais legendados verbalmente.

Nas vozes de:

Paulo Monteiro, “... quero um poema para os dias / para as noites de angústia / quero um poema sem algemas.. / quero um poema para ser cantado...”.

Jorge Tufic, “...esta palavra é palavra, / despojada do seu tema, / vem outra; agora são duas, / terminam juntas o poema”.

Data : 30/01/2014

Título : A VOZ do RELÓGIO

Categoria: Crônicas

Descrição: Há laços de semelhanças quando se pensa nas horas. Todas parecidas em seus uniformes idênticos, que configuram a repetição do tempo.

Há laços de semelhanças quando se pensa nas horas. Todas parecidas em seus uniformes idênticos, que configuram a repetição do tempo. A diferença, por vezes, permite-nos imaginar diversos sons.

Nas vozes de:

Miguel Guggiana, “o relógio / com seu tic tac / nos alerta sobre o tempo / que não volta...”.

Paulo Leminski, “relógio parado / o ouvido ouve / o tic tac passado”.

Data : 30/01/2014

Título : A VOZ do RISO

Categoria: Crônicas

Descrição: A voz do riso ultrapassa os limites e formas: máscara social (riso da malícia, da alegria, do humor, do erótico e sarcástico).

A voz do riso ultrapassa os limites e formas: máscara social (riso da malícia, da alegria, do humor, do erótico e sarcástico).

Nas vozes de:

Pedro Du Bois, “Celebro o riso frouxo do outro dia / sorriso largo de quem tudo podia...”.

Angélica Alms Tadter, “... Os sentidos revirados / E estampados no rosto, o riso é vazio?...”

Data : 30/01/2014

Título : A VOZ do SILÊNCIO

Categoria: Crônicas

Descrição: Esse silêncio reflete em nossa vida como ausência da voz, onde o sentimento toma conta e o olhar assume sua postura.

Esse silêncio reflete em nossa vida como ausência da voz, onde o sentimento toma conta e o olhar assume sua postura. Nesse sentido encontro a dinâmica da pintura. Encaramos o processo de criação com as imagens e a configuração poética: descrição de uma vista em movimento.

Nas vozes de:

Benedito César Silva, “No silêncio azul / Do céu, / Na clara luz, / Ponho-me a vagar / Sem rumo...// Você em meu pensamento / Toma de assalto o meu silêncio / Em devaneios multicoloridos / O céu avermelhado em paixão...”.

Vanessa Vieira, “A natureza quando cala / pede para que a escutem, / Pois sabe que o silêncio / é a voz no mundo dos sentidos. / Que o sentido é o mundo / e que a natureza é o sopro de voz do silêncio. //...OUÇAM // OU // ÇAM // Porque sentido Com Vida (é) viver”.

Data : 30/01/2014

Título : A VOZ do VENTO

Categoria: Crônicas

Descrição: A voz do vento demarca o tempo, daquilo que passa e fica; ontem e hoje; começo e fim.

A voz do vento demarca o tempo, daquilo que passa e fica; ontem e hoje; começo e fim. O som em movimento de ida e volta.

Nas vozes de:

Carmen S. Presotto, “resedeno o cotidiano // pontos / e tramas // -corda absurda- / me ouço em outros poemas / feito sussurro ao vento”.

Carlos Pessoa Rosa, “farfalham / palavras nos varais / experimento / um frescor frio / nos lábios / o vento / agita poemas em meus dentes”.

Data : 30/01/2014

Título : A VOZ EDUCADA

Categoria: Crônicas

Descrição: É a menção com um voto gentil. São expressões abstratas que incorporamos a cada momento de nossas vidas.

É a menção com um voto gentil. São expressões abstratas que incorporamos a cada momento de nossas vidas.

Nas vozes de:

Gaston Miron, “Peço desculpas aos poetas que pilhei / de vários países, antigos e presentes, as palavras.../ há palavras que são seu próprio fio condutor do homem / Obrigado”.

Maria de Lourdes C. Mallmann, “ fácil é dar a mão.../ sorrir, fazer um favor, / prestar ajuda, um “pois não” / ser gentil, / mostrar amor...”.

Data : 30/01/2014

Título : A VOZ SURDA

Categoria: Crônicas

Descrição: É a apropriação das cenas do filme: imagens e clichês como referências as frases.

É a apropriação das cenas do filme: imagens e clichês como referências as frases. Passa por expressões corriqueiras do dia a dia.

Nas vozes de:

Lêdo Ivo, "Quantas vezes tenho / quando estou calado? // Meu silêncio é a minha voz vinda do outro lado // onde a escuridão / dispensa as palavras // a fala espantada / de quem sabe e cala".

Getúlio Zauza, "Sou poeta. Sou cantor. / Canto a vida. Canto a morte. / Canto alegria, canto dor, / A tristeza, o azar, a sorte. // Não há força que me cale, / Nada que me ponha medo...".

Data : 18/09/2020

Título : ABRAÇO

Categoria: Crônicas

Descrição: O abraço é a atitude que nos faz pensar que vale a pena viver e encarar os desafios diários.

O abraço é a atitude que nos faz pensar que vale a pena viver e encarar os desafios diários.

O abraço nos dá coragem para bater as asas, sem limitações.

O abraço é o carinho que demonstra a igualdade e concebe a semelhança.

O abraço é o espaço sem som e imitação: a mão agradece e os olhos compartilham os sentimentos.

O abraço é a dança sem o menor desafio, em que as falas se escondem.

O abraço invade nossos sentidos com o papel de nos embalar no tempo.

O abraço é a palavra que grita certezas, por segundos, que dura a vida toda.

O abraço é o pulsante gesto que nos leva ao deslumbramento nos atos cotidianos.

Encontro a canção de Márcio Barnes, Paulo Diniz, Paulo Fonseca e Rogério de Oliveira, Dentro de Um Abraço, "O melhor lugar do mundo / É dentro de um abraço //... Tudo o que a gente sofre / Num abraço se dissolve //... dentro de um abraço, e / Tudo mais já está dito //... Tudo o que se espera ou sonha / Num abraço a gente encontra...".

No abraço encontramos consolo, amor, carinho, respeito e, ainda, nele podemos reeditar o que a vida nos ensina.



Os acontecimentos recebidos de braços abertos sempre trazem bons resultados. Gilberto Gil, cantor e compositor, na canção Aquele Abraço (1969) expressa, “Aquele abraço! / Todo o povo brasileiro / Aquele abraço!”.

Agora, confinada, sinto falta dos abraços dos amigos. Tenho apenas as suas palavras resistindo horas inteiras de saudades.

Data : 30/11/2013

Título : Academia Passo-Fundense de Letras: a alma do tempo

Categoria: Artigos

Descrição: Aniversários são comemorações da passagem do tempo.

## TÂNIA DU BOIS

Aniversários são comemorações da passagem do tempo.

A Academia Passo-Fundense de Letras aniversariou em abril – 75 anos! Ela tem seus segredos e nos oferece excelentes opções de leituras; sim, porque ler é dar significado à vida e escrever é um dom. Segundo Milton Hatoum, “a função da literatura na vida cotidiana de cada um é alimentar a alma. Ela nos conduz ao conhecimento de nós mesmos e dos outros.”

Nesses anos de APL encontramos mensagens em palavras com o objetivo de alimentar a mente para aguçar a nossa percepção em seu papel cultural. Assim, como oferece literatura de forma consciente, cuidando cada vez mais da cultura, para que possa ser apreciada e desfrutada por todos. Nas palavras de Luciane T. D. Bonatto, “Se eu tivesse o dom da arte... // Contaria a todos os ventos, / As histórias comuns e heroicas/ da tua brava gente. / Teus ventos soprariam a cada continente, / Nossas glórias, nossas vidas, / nossas vitórias...”.

Para termos ação é necessário haver conexão: é o caso da Academia PF de Letras, que tem na literatura com que faz a cultura - em camada mais profunda – o que nos oferece de mudanças, e o que nos mantém esperançosos para o futuro.

Essa instituição nos faz refletir sobre a sua trajetória, benfazeja. A busca pela excelência acadêmica deixa claro que a principal mudança começa pelo hábito da boa leitura, através da qual podemos transitar um mundo de transformações que nos permita agir sobre ele; onde conseguimos mudanças em nós, na nossa alma, por ser instituição que inspira, alegra, emociona e promove a cultura através da literatura. Como expressou Gomercindo dos Reis, “...

Com fé, com esperança e persistência, /Unidos a lutar, com galhardia, / Nenhum revés nos deterá a existência / Honrosa e útil esta Academia, / A sua marcha gloriosa, em evidência!...”

Costumo dizer que a criatividade é infinita, mas seu começo passa pelo trabalho acadêmico, nos seus registros sobre as transformações literárias e sociais, com seus sonhos, desafios e conquistas.

Neste contexto, a APL é a alma do tempo ao registrar as transformações em trabalhos (e em nós leitores), provocadas pelas produções acadêmicas; até em pequenas atitudes, que demonstram e recuperam valores essenciais, como o carinho, a atenção, a ética e a tolerância.

Assim, como em Mara da Graça C. Do Valle, “... Revelações, afinidades, emoções / que se entrelaçam no tempo. / Pensamentos, ações, vivências / que fazem o agora que o ontem criou / e fará surgir o futuro...”

O que escrevo não traz novidades, mas encontro esses valores nos seus acadêmicos, na tentativa de manter vivo o espírito literário através de releituras na incorporação de novas visões. Essa troca de atenção pode ser a crítica que expressa e, procura disseminar de forma criativa e ordenada os pensamentos, e lapidar novas alianças em prol de continuado desenvolvimento cultural-literário: busca a transformação da história pela força da palavra e isto a torna importante e vista por todos como opção pela capacidade de transportar ideias, como em Helena Rotta de Camargo, “A objetiva de certos olhares fotografa até o âmago da alma.”; isso significa conhecimento com paisagem deslumbrante, que pode modificar a nossa “voz”, entendida como expressão no mundo, como tempo de conexão, porque apresenta qualidade diferenciada ao cultivar o que germina: a cultura. Ilustrando, Marlise B. Lech poetiza, “... Quero versos com palavras comprometidas / Que iluminem a todos que deles possam se regozijar. / A esperança na palavra dita, que mostra o mapa por onde devemos andar.”

(Tânia Du Bois, autora de AMANTES nas ENTRELIHAS, de Balneário Camboriú/SC.)

Data : 27/01/2020

Título : AÇO das PALAVRAS

Categoria: Crônicas

Vivemos em época de descrédito das palavras, experiências, opiniões e até da realidade, porque o cotidiano exige interpretações, lucidez e tempo, impostos como ponto principal dos dias. A partir deles percebemos os limites das palavras na contraposição de opiniões, na construção de ironias – no sentido de medida ou talvez deboche e superioridade, que nos faz ver os tipos “criados” em que, na situação, descobrimos o peso das palavras como aço.

A navalha das palavras sarcásticas mostra o ponto de vista de cada um; por exemplo, Samuel Butler postou, ironicamente, que “para ter vida após a morte, não é necessário ter vivido”.

Aço das palavras dá sentido pesado e amplo a tudo quanto é desvalido, submetido ao poder do tempo, na vida em quedas e no modo irônico com que a realidade se apresenta: contrastes entre palavras que revelam imagens da paixão e sofrimento e do momento da ironia, que não se limita aos movimentos de liberdade e do respeito como expressão, mas, como controvérsias que podem fortificar ou destruir a vida de ilusões e sonhos. Umberto Eco retrata, “Em se querendo reescrever hoje... seria de se perguntar se ainda tem sentido uma divisão entre artes do tempo e artes do espaço... como podem as artes do espaço representar o tempo e como pode as artes do tempo representar o espaço”.

Por mais que nos esforcemos, de nada valeria a vida se não puder ser expressada de maneira convincente; onde utilizamos a nossa capacidade de reflexão para reinventar o seu lado irônico ao não acreditar nas histórias contadas com tais características e estilos incomparáveis, tendo a figura como personagem marcante.

Data : 28/08/2019

Título : ACREDITAR

Categoria: Crônicas

## ACREDITAR

Acredito que amadurecemos ao superar cada etapa na construção do viver. Que a árvore da vida está entre o bem e o mal, início e fim, amor e desamor.

Acredito que a lucidez rompe o silêncio e o vazio, o sorriso largo e o beijo roubado.

Acredito no sonho como procura e renúncia; na glória, no Sol e no afeto.

Acredito que o aplauso brilha mesmo onde não haja brilho.

Acredito no poema de Carmen Silvia Presotto, “Fato // Se morrer/ é fato/ desfaço / este ato // no varal / no fogão / no lençol // jogo pro alto // o temor / a tosse / o tremor / o pigarro // o tumor / o medo // alguém me escuta, / chove guardanapos... // se morrer / é fato / desfaço / este ato // no papel!”.

Não acredito no falso mar, nem na falsidade do vento e da vida.

Há verdades maiores que nos conduzem ao medo, à indignidade, à desesperança e à indecisão. Walmir Ayala questiona, “A vida / é palha frágil numa mar de agulhas, se és pedra surda, por que marulhas?”.

Acredito que a vida fica invisível, quando não entendemos as emoções. Tudo piora com o discurso “falado”; não ouvimos enquanto eco, algo que não assimilamos. Então, podemos dizer “não” sem culpa, atitude libertadora, pois, na medida em que aceitamos o “não” como resposta, podemos fazer o balanço do viver e acreditar no que queremos; assim, quem sabe, não nos frustramos no sonho não realizado. Silvia De Luca indaga, “por que / não se encontra / na madrugada / um beijo / de boa noite?”.

Acredito que quanto mais nos conhecemos diminuimos a possibilidade de nos perder e aumentamos a probabilidade de levar uma vida descomplicada e simples. Tiago de Mello expressa, “a vida que vai comigo / é fogo: / está sempre acesa...”.

Acredito que a falta de condições para encarar os comportamentos nocivos, não nos deixa perceber o quanto sofremos com os impactos físicos e emocionais.

Acredito na mudança internalizada como espelho do mundo. Tiago de Mello reflete, “... A vida vai no meu peito, / mas é quem vai me levando: / tição ardente velando, / girassol na escuridão...”.

Data : 27/09/2018

Título : ADRIANO NUNES: Descubra a Poesia no Dia a Dia

Categoria: Crônicas

“O VersO O /retém / DISPersO / POR DENTRO. / não vê?”

A literatura e a arte nos fazem acreditar e nos ensinam a viver neste mundo cada vez mais acelerado, materialista e individualista. A poesia como expressão literária é força libertadora, e sabemos perfeitamente quando estamos diante dela.

Conhecer Adriano Nunes na arte de escrever é colocar ritmo em nosso dia a dia; ter atitude inspirada na arte ao abrir espaços no cotidiano, para brilhar como leitor. Isso mostra as mudanças que vêm com a poesia, porque muitas decisões são tomadas através da presença com que ela atua direta ou indiretamente em nossas vidas. Segundo Adriano, “... Porque, ó poesia, nítida / Miragem, grã estampido, / A teus pés tenho caído?”

Para Nunes, a poesia vai além das letras, porque ele dá forma ao pensamento que se encadeia, “Um poeta não se faz só / De palavras e pensamentos / Nem do que tanto pulsa adentro. / Um poeta não se faz só...”

Adriano é dotado da capacidade de evadir-se ao mostrar, nos poemas, conhecimento e, ainda, acrescentar ao ser a ideia de que a linguagem está ligada a algo que causa a sensação de lapidação da palavra. Consequente, sua obra passa a fazer parte do nosso dia a dia. Nas suas palavras, “Que mais dizer agora, / ante o sonho que aflora, / dia a dia, mas sem / poder doá-lo a alguém? //... Como pensar o mundo, / descavar-lhe a lança? / E que ilusão é essa / que a mente não alcança?”

Mais que isto, o poeta retrata com motivação e, certamente, alcança êxito com a força de nova visão, como revelação destinada a nos proporcionar interações diferenciadas com o seu processo de criação. Segundo ele, “... O sorriso-sol de alguém vindo / Sondar-me, - Meu bem? – Ou me iludo? - / Os sonhos todos e o mais lindo / De um amor:

Entender que é tudo. //... mas quem vem, ao longe, que fito / com o coração pleno e puro,  
/ Enquanto desafio o infinito?”

Descobrir a poesia de Adriano Nunes no dia a dia é vencer e gostar dos desafios, como característica do leitor. Mas, a obra do poeta é de inquestionável qualidade, na conquista das palavras, como retrata, “... Lança-te ao íntimo. / Não sejas tolo / Um poema é / o que tem / Valor / Infinito.”

Data : 13/06/2014

Título : ADRIANO NUNES: descubra a poesia no dia a dia

Categoria: Crônicas

Descrição: A literatura e a arte nos fazem acreditar e nos ensinam a viver neste mundo cada vez mais acelerado...

ADRIANO NUNES: descubra a poesia no dia a dia

“O VersO O /retém / DISPersO / POR DENTRO. / não vê?”

A literatura e a arte nos fazem acreditar e nos ensinam a viver neste mundo cada vez mais acelerado, materialista e individualista. A poesia como expressão literária é força libertadora, e sabemos perfeitamente quando estamos diante dela.

Conhecer Adriano Nunes na arte de escrever é colocar ritmo em nosso dia a dia; ter atitude inspirada na arte ao abrir espaços no cotidiano, para brilhar como leitor. Isso mostra as mudanças que vêm com a poesia, porque muitas decisões são tomadas através da presença com que ela atua direta ou indiretamente em nossas vidas. Segundo Adriano, “... Porque, ó poesia, nítida / Miragem, grã estampido, / A teus pés tenho caído?”

Para Nunes, a poesia vai além das letras, porque ele dá forma ao pensamento que se encadeia, “Um poeta não se faz só / De palavras e pensamentos / Nem do que tanto pulsa adentro. / Um poeta não se faz só...”

Adriano é dotado da capacidade de evadir-se ao mostrar, nos poemas, conhecimento e, ainda, acrescentar ao ser a ideia de que a linguagem está ligada a algo que causa a sensação de lapidação da palavra. Consequente, sua obra passa a fazer parte do nosso dia a dia. Nas suas palavras, “Que mais dizer agora, / ante o sonho que aflora, / dia a dia, mas sem / poder doá-lo a alguém? //... Como pensar o mundo, / descravar-lhe a lança? / E que ilusão é essa / que a mente não alcança?”

Mais que isto, o poeta retrata com motivação e, certamente, alcança êxito com a força de nova visão, como revelação destinada a nos proporcionar interações

diferenciadas com o seu processo de criação. Segundo ele, “... O sorriso-sol de alguém vindo / Sondar-me, - Meu bem? – Ou me iludo? - / Os sonhos todos e o mais lindo / De um amor: Entender que é tudo. //... mas quem vem, ao longe, que fito / com o coração pleno e puro, / Enquanto desafio o infinito?”

Descobrir a poesia de Adriano Nunes no dia a dia é vencer e gostar dos desafios, como característica do leitor. Mas, a qualidade da obra é do poeta. Esse escritor promissor que descreve os poemas com talento. Quando dizemos da sua poesia, é inquestionável a qualidade e a conquista das palavras, como retrata, “... Lança-te ao íntimo. / Não sejas tolo / Um poema é / o que tem / Valor / Infinito.”

Data : 10/02/2019

Título : AFETIVIDADE & EFETIVIDADE torna real a relação?

Categoria: Crônicas

Atualmente as pessoas se mostram menos dispostas a viver na afetividade e efetividade; parece não mais existir o carinho, o respeito e a vontade de juntos construirmos a história.

É necessário fazer acontecer a afetividade e a efetividade para tornar consciente a nossa ação em gestos do que poderia ser e não é. Para Joaquim Cardozo, “De um gesto gratuito / De um ato espontâneo / Do que se dá numa oferta / componho uma flor...”

De um modo ou de outro, necessitamos rever os passos da afeição e do efetivo para percebermos o que acontece à nossa volta e no mundo. Mas, qual é o motivo que nos leva a abandonar tais atos e gestos? Se prestarmos atenção, veremos sinais do cotidiano e do que estamos realizando; por exemplo, existe certa ansiedade em tempos modernos que nos leva à insegurança e até nos influencia com comportamento “grosseiro”; assim, somos taxados de “mal educados” nos relacionamentos. Acredito que o que torna real a relação é a afeição efetiva. Nas palavras de Agostinho da Silva, “Quem pode, em raro jogo, escolher... Aí mesmo está escolhendo a sua vida: uma vida que dele mesmo se vai alimentar...”. Contamos a liberdade como consequência dos nossos atos na escolha dos aspectos em uma relação, como o direito de decidirmos viver em conjunto; unidos podemos manter a vida saudável, prazerosa e feliz, mesmo na competitividade diária e disputa pelo espaço. Só com a afetividade e efetividade é que conseguimos à convivência.

Por razões no viver, temos a ética do “não faça ao outro o que não quer para si ou, não deixe acontecer conosco, o que aconteceu de ruim com os outros”. Essa expectativa inclui, necessariamente, a relação afetiva e efetiva para explicar o fato de que somos uma espécie à procura de vínculos, porque precisamos conviver com as divergências para determinar a nossa satisfação e ir em frente. Seguimos como quem converge sobre o valor do convívio para a compreensão do outro. Segundo Agostinho Both, “... os ruídos da vida têm, então, os seus mistérios. E quando no tempo, ao meio do bulício, se assoma

a amargura, o campo convida a que se aquietem o coração ofendido e a ansiedade da alma”.

Sei que com afetividade e efetividade é possível alinhar e ajustar as dificuldades que surgem nas relações nos dias atuais. Antigamente havia o costume entre as pessoas de se tratarem com afeição e efetividade, para a conversa fluir e, assim, trocarem ideias sobre diversos assuntos. Eram senhores do tempo. Hoje, temos a vida estressante, corrida e, ainda, estamos expostos à tentações o tempo todo, o que chega a nos tornar intolerantes quando temos que lidar com grupos em que metas e desejos são muitas vezes incompatíveis.

A compatibilidade entre personalidades e interesses converge na afetividade e efetividade, como ferramenta para aguçar e expressar os sentidos ao estabelecermos, no relacionamento, o que há de melhor em cada um. Na reflexão de Pedro Du Bois, “reconhecidos / reconhecemo-nos / somos a origem”. Só com a vontade é que descobrimos o outro e podemos viver o lado efetivo e da afeição como medida da realidade.

Esse processo nos traz a duração do encantamento pelo mundo, junto com a vantagem de superar barreiras na relação; conseqüentemente, crescemos ao ter a chance de viver com estímulo e confiança ao equilibrarmos a vida pessoal com a profissional. Como retrata Manuel Bandeira, “Tu perguntas, curioso quais / serão seus gestos... / Quando discerdes nas espirais... // buscas saber / os seus instintos, suas tendências... / Espiar-lhe na alma por conhecer / o que há de sincero nas aparências”.

Data : 01/02/2021

Título : AFETIVIDADE e EFETIVIDADE: torna real a relação?

Categoria: Crônicas

Descrição: Atualmente as pessoas se mostram menos dispostas a viver na afetividade e efetividade...

Atualmente as pessoas se mostram menos dispostas a viver na afetividade e efetividade; parece não mais existir o carinho, o respeito e a vontade de juntos construirmos a história.

É necessário fazer acontecer a afetividade e a efetividade para tornar consciente a nossa ação em gestos do que poderia ser e não é. Para Joaquim Cardozo, “De um gesto gratuito / De um ato espontâneo / Do que se dá numa oferta / componho uma flor...”

De um modo ou de outro, necessitamos rever os passos da afeição e do efetivo para percebermos o que acontece à nossa volta e no mundo. Mas, qual é o motivo que nos leva a abandonar tais atos e gestos? Se prestarmos atenção, veremos sinais do

cotidiano e do que estamos realizando; por exemplo, existe certa ansiedade em tempos modernos que nos leva à insegurança e até nos influencia com comportamento “grosseiro”; assim, somos taxados de “mal educados” nos relacionamentos. Acredito que o que tornar real a relação é a afeição e o efetivo. Nas palavras de Agostinho da Silva, Quem pode, em raro jogo, escolher... Aí mesmo está escolhendo a sua vida: uma vida que dele mesmo se vai alimentar...”. Contamos a liberdade como consequência dos nossos atos na escolha dos aspectos em uma relação, como o direito de decidirmos viver em conjunto; unidos podemos manter a vida saudável, prazerosa e feliz, mesmo na competitividade diária e disputa pelo espaço. Só com a afetividade e efetividade é que conseguimos à convivência.

Por razões no viver, temos a ética do “não faça ao outro o que não quer para si ou, não deixe acontecer conosco, o que aconteceu de ruim com os outros”. Essa expectativa inclui, necessariamente, a relação afetiva e efetiva para explicar o fato de que somos uma espécie à procura de vínculos, porque precisamos conviver com as divergências para determinar a nossa satisfação e ir em frente. Seguimos como quem converge sobre o valor do convívio para a compreensão do outro. Segundo Agostinho Both, “... os ruídos da vida têm, então, os seus mistérios. E quando no tempo, ao meio do bulício, se assoma a amargura, o campo convida a que se aquietem o coração ofendido e a ansiedade da alma”.

Sei que com afetividade e efetividade é possível alinhar e ajustar as dificuldades que surgem nas relações nos dias atuais. Antigamente havia o costume entre as pessoas de se tratarem com afeição e efetividade, para a conversa fluir e, assim, trocarem ideias sobre diversos assuntos. Eram senhores do tempo. Hoje, temos a vida estressante, corrida e, ainda, estamos expostos à tentações o tempo todo, o que chega a nos tornar intolerantes quando temos que lidar com grupos em que metas e desejos são muitas vezes incompatíveis.

A compatibilidade entre personalidades e interesses converge na afetividade e efetividade, como ferramenta para aguçar e expressar os sentidos ao estabelecermos, no relacionamento, o que há de melhor em cada um. Na reflexão de Pedro Du Bois, “reconhecidos / reconhecemo-nos / somos a origem”. Só com a vontade é que descobrimos o outro e podemos viver o lado efetivo e da afeição como medida da realidade.

Esse processo nos traz a duração do encantamento pelo mundo, junto com a vantagem de superar barreiras na relação; conseqüentemente, crescemos ao ter a chance de viver com estímulo e confiança ao equilibrarmos a vida pessoal com a profissional. Como retrata Manuel Bandeira, “Tu perguntas, curioso quais / serão seus gestos... / Quando discerdes nas espirais... // buscas saber / os seus instintos, suas tendências... / Espiar-lhe na alma por conhecer / o que há de sincero nas aparências”.

Data : 27/09/2018

Título : AFFONSO ROMANO DE SANT ANNA: Ecos da Realidade

Categoria: Crônicas



No poema “A Implosão da mentira”, de Affonso Romano de Sant’Anna encontro a declaração da mentira como ecos da realidade, “Mentem, sobretudo, impune/mente. / Não mentem tristes. Alegrementemente / mentem./ Mentem tão nacional /mente / que acham que mentindo história afora/ vão enganar a morte eterna/mente”.

Parece ser o que realça o poeta. Encontro o contexto que atinge o homem em momento de pura eternidade, “Mentem. Mentem e calam. Mas suas frases / falam. E desfilam de tal modo nuas / que mesmo um cego pode ver / a verdade em trapos pelas ruas”.

O poema abrange duas correntes críticas: de um lado, uns caminham para a mentira e, do outro, acreditam na mentira como verdade. Affonso, com o poder de toque próprio, mostra ideias abordadas na poesia, de que o homem maneja elementos de verdade e tenta dar-lhes forma e consistência, defendendo sua sobrevivência, “Sei que a verdade é difícil / e para alguns é clara e escura. / Mas não se chega à verdade / pela mentira, nem à democracia / pela ditadura”.

Há lucidez entre verdades-mentiras e o poeta, na obra, concede a extensão das possibilidades de a poesia ser poesia, permanecendo entre nós as suas palavras e o lado “claro e escuro” que o torna ponto de referência para o caminho do leitor.

Affonso, no poema, como manifesto, realiza uma poesia diferente, que faz sentir o espírito de uma época; ecos da realidade que ligam a arte de escrever com a arte de viver, em processo que tem por cenário a palavra mentira, como questionamento, sem perder a capacidade de acreditar, “Mentiram-me. Mentiram-me ontem / e hoje mentem novamente. Mentem / de corpo e alma, completamente. / E mentem de maneira tão pungente / que acho que mentem sinceramente”.

O poema, A Implosão da Mentira, é o estado natural que une o momento à invenção da verdade, como conversa em que a mentira assume sua nossa vivência. Ele, à sua maneira, deixa marcas sobre o contexto que nos move diariamente.

“Página branca onde escrevo. Único espaço / de verdade que me resta. Onde transcrevo / o arroubo, a esperança, e onde tarde / ou cedo deposito meu espanto e medo. / Para tanta mentira só mesmo um poema / explosivo –conotativo / onde o advérbio e o adjetivo não mentem / ao substantivo / e a rima arrebenta a frase / numa explosão da verdade. // E a mentira repulsiva se não explode pra fora / pra dentro explode / implosiva”.

Ecos da realidade reflete a poesia de Sant’Anna, sensivelmente estruturada em relação à consciência e à vivência, permitindo ver a realidade e a natural reação ante a mentira. É poesia de pequenas / grandes verdades, vivíssima e atuante no leitor. Revela as mentiras reconhecidas pelo poder do tempo dando vazão aos acontecimentos e nos ensinando a sobreviver.

Data : 28/08/2019

Título : AGONIA

Categoria: Crônicas

## AGONIA

A razão é nosso bem maior, ao demonstrarmos sua dominação como questão de sobrevivência. Com certeza, tenho agonia ao perceber a maldade e nada poder fazer. Até tento, mas, os “senhores do mundo” não visam conceitos e nem respeitam a imagem e muito menos se preocupam como o nosso discernimento.

Sinto-me agoniada por conviver com o poder sem limites, num mundo em que o homem se impõe como denominador (nada muda além do o tempo e das ferramentas) e altera seu comportamento. Ficamos longe das medidas que, pudéssemos opinar e as transformar, seriam nossas conhecidas.

Agonia ao viver tal situação; coloco a razão como única manifestação válida para maior compreensão. Leonardo Munk escreve que “O homem se serve da razão para organizar o cotidiano”.

A agonia se apresenta no cotidiano, caracterizada pela lógica cruel dos dominadores, em que tudo soa falso e incabível num mundo de reflexão crítica. O contrário seria dizer que ultrapasso os limites da ordem temporal e estrutural. Em Mario Quintana, “... lembra-te que para alguém nós somos as antípodas: um remoto, inacreditável povo do outro lado do mundo, quase do outro lado da vida – uma gente de se ficar olhando, olhando, pasmado...”.

Agonia maior sinto quando não sei onde está o princípio da igualdade, que precisa habitar os direitos e deveres. Somos forçados a dar conformidade, onde tudo tem seu preço?

Nessas premissas o nosso bem estar agoniza, por vivermos nesta sociedade que – rapidamente - perde espaços para as desigualdades.

A razão expõe limites entre o falso e o verdadeiro; o racional enfrenta o irracional, este, fruto da ignorância e superstição. Ressalto que ao perdermos a confiança na razão, passamos a viver agoniados, ofuscando a claridade que encontramos no mundo; como em Júlia Du Bois, “... Agora já crescida / sofri uma desilusão / pois com este mundo / eu sonhava em vão”.

Data : 05/01/2021

Título : AGONIA

Categoria: Crônicas

Descrição: A razão é nosso bem maior, ao demonstrarmos sua dominação como questão de sobrevivência.

A razão é nosso bem maior, ao demonstrarmos sua dominação como questão de sobrevivência. Com certeza, tenho agonia ao perceber a maldade e nada poder fazer. Até tento, mas, os “senhores do mundo” não visam conceitos e nem respeitam a imagem e muito menos se preocupam como o nosso discernimento.

Sinto-me agoniada por conviver com o poder sem limites, num mundo em que o homem se impõe como denominador (nada muda além do o tempo e das ferramentas) e altera seu comportamento. Ficamos longe das medidas que, pudéssemos opinar e as transformar, seriam nossas conhecidas.

Agonia ao viver tal situação; coloco a razão como única manifestação válida para maior compreensão. Leonardo Munk escreve que “O homem se serve da razão para organizar o cotidiano”.

A agonia se apresenta no cotidiano, caracterizada pela lógica cruel dos dominadores, em que tudo soa falso e incabível num mundo de reflexão crítica. O contrário seria dizer que ultrapasso os limites da ordem temporal e estrutural. Em Mario Quintana, “... lembra-te que para alguém nós somos as antípodas: um remoto, inacreditável povo do outro lado do mundo, quase do outro lado da vida – uma gente de se ficar olhando, olhando, pasmado...”.

Agonia maior sinto quando não sei onde está o princípio da igualdade, que precisa habitar os direitos e deveres. Somos forçados a dar conformidade, onde tudo tem seu preço?

Nessas premissas o nosso bem estar agoniza, por vivermos nesta sociedade que – rapidamente - perde espaços para as desigualdades.

A razão expõe limites entre o falso e o verdadeiro; o racional enfrenta o irracional, este, fruto da ignorância e supertição. Ressalto que ao perdermos a confiança na razão, passamos a viver agoniados, ofuscando a claridade que encontramos no mundo; como em Júlia Du Bois, “... Agora já crescida / sofri uma desilusão / pois com este mundo / eu sonhava em vão”.

Data : 20/05/2018

Título : AGOSTINHO BOTH

Categoria: Crônicas

Descrição: Agostinho Both é escritor raro, traduz a personalidade de outros tempos culturais, em que a visão do todo dava intensidade aos textos.

## AGOSTINHO BOTH

Agostinho Both é escritor raro, traduz a personalidade de outros tempos culturais, em que a visão do todo dava intensidade aos textos. Usa sua imaginação e conhecimento para dimensionar com vigor a sua palavra. Assim, ganha respeito e admiração na arte literária, preocupado em retratar as “ambivalências humanas”. Seu talento é reconhecido pelos livros: EXCESSOS DAS ALMAS E DAS COISAS; CONVERSA DE VELHOS e CONTOS do ENVELHECER e tantos outros que compõem a sua trajetória literária.

Suas observações do cotidiano resultam em interpretação sobre o tempo: a velhice, a idade avançada, a maturidade que se pronuncia de modo não escutado hoje em dia. Essa “antiguidade” representa a nossa história direcionada ao futuro, que ele com competência e pertinência transgride através de suas experiências. “... Sou filósofo do jardim e passeio nele colhendo flores. Não estou inclinado a conquistas e às bravatas das iniciativas...”

É preciso ser leitor com sensibilidade para perceber nas conotações do autor o profundo amor pela vida, com obras lúdicas, inteligentes e há poesia nas entrelinhas, bem dosadas pelo autor, singularmente crítico ante suas leituras. Sua linha de narrativa encontra a possibilidade das pessoas se reconhecerem nas diferenças, enquanto iguais. “... Praticava uma amizade constante para com ele, a ponto de ambos entenderem-se perfeitamente. Buscavam as mesmas coisas, e em tudo que faziam presidia o bem...”

Empolgada com suas obras, entre um conto e outro, na união do escritor Agostinho e o assombro pela sua desvelada realidade, encontro imagens que resgatam a luz através das frestas da vida, que penetram sua arte literária para clarear a mesmice e a correria do leitor, no dia a dia, “... A que estávamos reduzidos nós todos, que há pouco cantávamos carregando cores e luzes?...”

Os livros de Agostinho projetam ideias e ideais, com atiladas observações que referenciam e alvejam suas reivindicações ao demonstrar o tempo vivido em plena comunhão do ontem no hoje; fosse a vida validada pela capacidade de reconhecer a realidade composta e carregada de maquiagem. Sua obra adensa na ótica capaz de revelar os momentos do tempo, onde a vida surge em registro compreensível no que tem em si: a pacificação “dos anjos”. “... É o movimento de nossos braços, é nossa atividade, feita na direção da caridade, da sabedoria, ou da beleza, que nos tornam bons e contentes...”

A face gloriosa de Agostinho emerge em território íntimo de situações contidas na correspondência para com o coração. Textos conciliadores e emotivos que, às vezes, levam o leitor a recuar quando expressa sua versão “mais avançada” em relação às peripécias da idade, expressadas de forma tão real e bonita que fico contente em poder partilhar através da leitura, mesmo com medo de nelas me refletir. Outras vezes, levam-me a questionar sobre a influência que sofremos ou a que nos rendemos em fatores que modificam o nosso pensamento com efeitos sobre as interpretações dos valores e preconceitos. Em minha leitura, tenho que o ser humano resiste a reconhecer o que desconhece em defesa da espontaneidade e do que julgamos ser a verdade. Nas palavras de Agostinho, “... Careço de uma palavra mais erudita para dizer todo o acontecido. Não sei mais se é verdade, mentira ou loucura. Preciso eu mesmo me esclarecer. Minha palavrinha é modesta: menos que um capim de outono. É pálida a

minha ideia perto daquilo que se sucedeu. Sei lá se Deus invadiu a chichola do meu peito, sei lá se é assim mesmo que acontece no envelhecer...”.

Data : 27/09/2018

Título : AGOSTINHO BOTH: Para Onde Vão Nossas Casas

Categoria: Crônicas

Com prazer e orgulho apresento o romance do mestre e amigo Agostinho Both, Para Onde Vão Nossas Casas.

Ainda em fevereiro, fui instada pelo amigo Gilberto Cunha a apresentar nomes de romancistas gaúchos que, disse ele, não incluísse o Érico Veríssimo, já tão conhecido e exaltado por todos; hoje, respondo com certeza que, em qualquer relação da espécie, há de constar o Agostinho.

Pois bem, todo mundo tem uma história para contar. E Max Martins escreveu que, “Tu me lês / tu me vês (talvez)”. Assim, vejo Agostinho Both em seu primeiro romance, publicado em 1990, Para Onde Vão Nossas Casas.

Interessante salientar que Mestre Agostinho não faz do título do livro uma interrogação. Ao contrário, Para Onde Vão Nossas Casas está de forma coerente com o romance que ele nos traz, desde muito antes de pensarmos em casas e lugares.

Encontro nele o prazer em escrever. É o que nos permite como leitores a identificar histórias que garantem a sobrevivência dos enredos no romance com registros preciosos da época, nos quais faz ilações interessantes e atrativas como: “Estou aqui com uma mão na frente e outra atrás, sem saber qual delas eu tiro. Apenas uma ideia é que me dá um pouco de esperança.” –ou- “Quando minha consciência se abre para entender o que acontece, bem mais animada e certa se torna minha ação...”

Ficção de primeira linha traduz o texto de tal forma que nos leva a acreditar estar o autor a imigrar, migrar, estabelecer-se, voltar a rumar, rearrumar sem nenhuma vez perder o rumo do que conta.

Personagens e paisagens ricamente descritas, verossímeis desde a apresentação até o final do livro. Nada se perde na estrada que nos impeça de acompanhá-lo em toda a trajetória; transforma seus leitores em personagens-sombra do enredo. Mais do que sentar e ler o livro, Agostinho nos permite entrar e partilhar, metaforicamente, de sua história ao refletir os problemas da época, idiossincrasias, anotações e situações envolvidas em questões particulares: a simplicidade, a vontade de vencer os desejos e a luta pela terra é reproduzida em detalhes na exposição de paisagens, com palavras criativas de serem lidas, como: “... Albin está como pássaro com a asa quebrada. Em que galho ofendeu sua alma?” -ou- “As horas tristes não deixam de ter suavidade. A fatalidade faz a gente deixar as intenções pessoais de lado. A vela se apaga e a manhã inicia meu novo caminho”.

Assim, tornamo-nos imigrantes vindos da longínqua Alemanha – Germânia, diziam alguns, na etimologia em que germano significa irmão - por razões diversas, em que se entrecruzava a pobreza lá vivida com o sonho de conquistar novas terras e delas retirar o sustento: enriquecer no proporcionar aos seus, mesmo que com muita luta e trabalho, futuro melhor e melhorado, muitas vezes, além da imaginação trazida nas viagens longas, destituídas de conforto e, até mesmo, básicas condições de saúde.

Agostinho não reduz o sofrimento dos seus personagens, mas, através da vivência dos mesmos (que nos permite partilhar), literariamente constrói suas vidas, vicissitudes, progressos, reduções, regressões, através de figuras substancialmente elencadas na condução do texto. Detalhes preciosos são colhidos em cada página. Entre textos e entrelinhas se contextualizam. No romance não há o supérfluo, nem a redundância; há personagens, situações, paisagens, dor e alegria; entremeados com pitadas de ótimas histórias e causos, fazendo o texto fluir com naturalidade.

Sou suspeita para falar da grandeza do Autor, por ser fã incondicional da sua literatura, onde, mais do que usufruir de excelente leitura, aprendo em seus textos sobre a vida e suas circunstâncias; sobre a literatura e seus meandros; sobre a língua portuguesa e seu amor incondicional pelo semelhante.

O que tudo indica é que Agostinho, na tentativa de encontrar respostas e retratar o tempo, descreve novos ângulos de leitura sobre ideias necessárias para mostrar aquela realidade da feição colonizada do Brasil; conquistas como resultado do trabalho e da boa vontade do povo, nas fervorosas ideias do autor. Brilhante no que conta a seu modo a saga familiar, a passagem do tempo e o caráter do homem que lá se estabelece: a razão diante das questões do coração.

Agostinho não só nos traz os alemães em suas primeiras gerações no Novo Mundo, como nos coloca a par da grandeza – absurdamente solitária – do Rio Grande do Sul; mais, acompanha seus imigrantes quando da necessidade das migrações internas em busca de novas terras; leva-nos aos descampados e desconhecidos rincões de outras terras plagas brasileiras, aquelas até então também plenas de isolamento e saudades. Famílias inteiras se desfazem nessas viagens sem volta, em que muitos não se reencontrarão, nem se (re)conhecerão no futuro e, das quais, certamente, poucos voltaram a se estabelecer em terras gaúchas.

Cada migrante e sua família levam as tradições gauchescas nas roupas, no mate amargo, nas canções, na cultura, no pensamento e no sotaque inconfundível. Anos e anos passados longe dos rincões não tiram dos gaúchos – aqui, seus personagens – a imagem e o querer pela nossa terra.

De cada terra conquistada, comprada, arada e trabalhada, Mestre Agostinho retira o sustento e a vontade de ir além, sempre e sempre em busca do desafio que, na sua prosa, se traduz como nova chegada e novo ponto de partida, assim: “Leu que só Érico Veríssimo e Guimarães Rosa... Entendeu o quanto ainda era pequena sua conversa e o pouco tamanho que tinha sua alma” - ou – “Tenho dó de mim quando jovem e também dos jovens que passam por mim. Devoram a vida sem poesia”.

Seus personagens, ricamente detalhados, refletem o universo brasileiro, englobando o peão do campo, o proprietário, a sociedade e o político; o sistema que os cerca em cada lugar aonde vão com suas casas, pois, eles – personagens – são suas casas imóveis, construídas, e, ao mesmo tempo, aquelas que os acompanham em suas andanças. A história e a alegoria. A casa como construção material e a idealização da mesma enquanto viajantes.

Com propriedade literária, Agostinho nos permite participar da construção de sua saga. Sem esquecer as presenças religiosas, familiares, negociais e românticas: afinal, de que vale a todos a busca de novas moradas se não se fazem acompanhar de suas atávicas e genéticas origens?

O contexto da obra é de inquestionável valor e o autor não se limita pela verdade “empírica” dos fatos. A história urge trazendo lembranças à luz do dia (de hoje), expressando não só o amor, mas a verdade como busca e permanência na imigração, resposta no que por si só se impõe: Para Onde Vão Nossas Casas.

Data : 27/09/2018

Título : ALCIDES BUSS: Cadernos da Noite

Categoria: Crônicas

Segundo Lauro Junkes, Alcides Buss apresenta-se como um exímio da palavra rica em conteúdo de sua sonoridade, de seu ritmo e articulação. Nele, há a preocupação com a palavra natural e espontânea, exata e adequada.

Buss trouxe sensível contribuição à poesia catarinense, é autor do livro Cadernos da Noite, onde apresenta poemas sóbrios, porém modernos. Extrai a tônica da sua poesia, cuja obra foi avaliada como a sua melhor produção, a ponto de se transformar em obra de arte.

Cadernos da Noite situa o poeta e caracteriza a sua produção literária, conquistando o leitor. Miguel Sanches Neto expressa, “... nos poemas de Cadernos da Noite, encontramos a melhor produção poética de Alcides. É o poeta dos solidários estados da alma, marcados pela consciência das incertezas temporais”, como podemos observar no poema, “O dia vem, o dia vai / e só vivemos um dia / a vida toda. / Um dia ou quantos dias, / semanas meses ou anos? / Oh, nada sabemos / a não ser que um dia / é quanto temos para viver”.

Buss literariamente coloca dentro da moldura, de modo muito particular, o não ser e isso aumenta sua percepção e salienta sua característica, levando o escritor a um período de linhas definidas, como: “Por mais que nos livramos / Mais estamos em nós / Sem nós mesmos”.

Grande poeta, versos profundos. Realmente, sensível às formas de beleza, o verso nas mãos de Buss ganham corpo e ritmo. E na criação mais significativa de sua inspiração, Cadernos da Noite, se conservará sempre, ou seja, o gosto pela forma apurada – e os versos não ser, constituem a ponte de ligação entre dois mundos -, ele os delimita e os liga ao mesmo tempo, da sombra se encaminha para a luz.

Mansueto Bernardi escreveu que “Tudo... há de em sombra reverter. Em tudo, a sombra está, como um agouro. Tudo na vida é sombra a se mover”.

Data : 28/08/2019

Título : ALEGRIA

Categoria: Crônicas

## ALEGRIA

Chego dizendo: a vida é bela! Ser feliz é ter alegria no viver, é atingir o estágio de bem estar, além de promover a qualidade da vida. Nas palavras de Mário Benedetti, “De vez em cuando la alegría / tira piedritas contra mi ventana / quiere avisar-me que está ali esperando / pero hoy me siento calmo / casi diria ecuánime...”.

Nas decisões podemos garantir e aprender com a alegria diária, o que demonstra sermos capazes de controlar as emoções e, conseqüentemente, arquitetar o crescimento através de novos movimentos. É a transformação de que a sociedade tanto precisa: coragem de se embrenhar na pulsação da felicidade pelas vias da igualdade, justiça e tolerância. Júlio Perez reflete, “... Importa-me / que ainda haja / poesia / mesmo que nostalgia / do que já não existe mais:/ meus olhos / tua alegria”.

Ver o mundo com os olhos da alegria permite ganhar autonomia, essencial para a produtividade e a criatividade, tanto na maneira como lidamos com situações repetitivas e estressantes, quanto na compreensão dos conflitos, ainda, na tranquilidade em substituição ao nervosismo e no amar em vez de odiar.

Manter o foco na alegria para alcançar os objetivos é necessário e deve ser considerado possível, mesmo que haja falhas no processo que nos leve a certos desvios dos sentidos. A sensibilidade e a presença da alegria precisam fazer parte do cenário diário para replicarmos as experiências, com viés positivo.

A vida é breve, o que cada vez mais verificamos na recontagem do tempo passado, onde as lembranças nos comovem. Nas palavras de Wislawa Szymborska, “... para que este que está aqui comigo / ria e me abrace, / recordo só uma historinha: / o amor de infância...”.

O ponto de partida é transmitir e sentir a alegria ao viver e manter a voz positiva. É ouvir o vento, ler a última carta, ter o olhar voltado para o elogio e acreditar em si, considerando a vida em sua totalidade.

A alegria é característica que se sobrepõe ao motivo e à construção do viver, como atração e admiração pessoal pela realidade.

As projeções transformam a realidade com olhares captadores e estímulos, são alavancas na geração da alegria pela vida; mesmo que Amós Oz escreva que “a noção



de “felizes para sempre”, a ilusão de uma felicidade duradoura é, na atualidade, um oxímoro...”.

Data : 03/11/2020

Título : ALMA do TEMPO

Categoria: Crônicas

Descrição: Ler, antes de qualquer coisa, é vida.

“Assim, se escrevo, tenho a impressão de viver em dobro”.

(Thomaz Albornoz Neves)

Ler, antes de qualquer coisa, é vida. A hora mágica em que o tempo para e as palavras poéticas qualificam o resultado, que muito diz sobre o escritor.

É o caso do livro, A Espera De Um Igual, de Thomaz Albornoz Neves, artista e artesão que faz das palavras seu ponto de encontro com o tempo, na poesia que traduz as suas andanças pelo planeta, descritas em ritmo alegre e triste pela busca do equilíbrio no (seus) viver.

Folheias / Tudo já foi dito / Vero / Mas a ti cumpre escrever o que vives // E, ao fazê-lo, / a palavra torna tua vida / um resíduo estranho ao texto // Vives as palavras / como se fosses pensando por elas”.

O livro referencia a sua obra de 1985 a 2018 - Renée, O Sono, Sol Sem Imagem, Exílio, Versos Para Poemas Não Escritor e Capuz Do Olhar, compondo seu conjunto literário na descoberta dos sentidos e sentimentos, revelando segredos e símbolos que representam na soma dos fragmentos o seu tempo profundo que nos permite perder a noção da hora, por deleite.

Thomaz almeja o tempo através de suas considerações, transmitidas em nuances literárias na descrição poética das várias épocas do seu viver.

“Penso com imagens / A paisagem / é mais real que o pensamento // Já não verei no escuro / Vivo em paz / com o que não compreendo // O ar que respiro traz o céu / através da ventania / Basta o assovio por entendimento”.

Seu livro *A Espera De Um Igual* é a alma do tempo, sempre com possibilidades experimentais, em que o seu texto traduz a nossa riqueza vivencial.

Data : 10/12/2014

Título : ALTERADO ou ALTERNADO?

Categoria: Crônicas

Descrição: Ivan Cláudio escreveu que "Para as pessoas comuns, dicionários são muitas vezes como catálogos telefônicos que só costumam ser consultados em situações de urgências?".

Ivan Cláudio escreveu que "Para as pessoas comuns, dicionários são muitas vezes como catálogos telefônicos que só costumam ser consultados em situações de urgências". No entanto, no meu cotidiano, manuseio com frequência o dicionário; principalmente após a consulta médica, para me certificar da diferença entre alterado e alternado.

Alternado, significa revezado. Alterado, significa modificado. Como tomar o remédio, se está escrito errado? O médico usou incorretamente o significado da palavra, alterando o modo de usar a medicação. Chego a triste conclusão de que muitas pessoas tem a pretensão de saber e não tem o conhecimento necessário. Custaria ao doutor consultar o dicionário? Pois, uma coisa é uma coisa, outra coisa é conhecer as palavras e seus significados. Segundo Fernando Sabino, "O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis".

Definitivamente é preciso alterar e deixar de escrever errado; consultar o dicionário tantas vezes quantas necessárias; é melhor se expor pedindo ajuda do que se passar por desinformado. Nos dias atuais as palavras têm adquirido conotações incorretas. Pior, a incorreção aumenta essa visibilidade entre graduados, aplicada com desatenção ao real significado das mesmas, com resultados desastrosos. Como revela Carmen Presotto, *Invisíveis sons / embalam minhas palavras / até um perverso eco...*

Desolada após receber a receita médica desastrosa e sem sentido; penso que existe a necessidade de construir sem destruir a palavra, nem ferir o seu significado. É necessário resgatar a "pesquisa" e o "conhecimento", para ser autêntico. O diferencial é seguir as regras gramaticais. Disciplina e foco são palavras que melhor definem o processo da escrita, onde é possível romper as medidas do "arrojo" sobre a palavra no contexto, para não provocar sua própria "guerra" e, ainda, arrastar o leitor para a incompreensão ou o mal entendido. Como demonstra o poeta Lourival Batista, "... Por falta de inteligência, / gargalhamos qualquer hora, / choramos sem ter demora, / Sem ânimo, coragem e fé, / Porque todo mundo é / Palhaço que ri e chora".

A crise na linguagem mal escrita abala o leitor e faz desmoronar o sentido da palavra, por que altera o contexto. Como vou tomar o remédio, alterando ou alternando

o horário ou os comprimidos? Por que não escrever corretamente e passar para os “pacientes”, “clientes” e leitores o real significado da palavra em determinado contexto? Pois, para quem lê a receita e o texto, a notícia... A sustentabilidade não é apenas um discurso e sim a nossa vida em jogo. Todo o profissional, para ser compreendido, deve usar as palavras certas, para que seus leitores não percam a esperança na revelação da vida como projeto. Segundo Clauder Arcanjo, “... Farei meus textos com o colhido nas ruas, por entre os homens, por entre a vida, e não por entre as páginas do Latim, por entre a consulta das palavras mais difíceis no fundo dos dicionários”.

Alterado ou alternado, eis a questão. Resgatar o significado da palavra em sua conotação entendo ser a forma para recuperar a credibilidade do conteúdo na escrita, como retrata Mário Barbará, “... Sopram ventos desgarrados, carregados de saudade / viram copos, viram mundos, mas o que foi nunca mais será...”.

Data : 27/09/2018

Título :       ÁLVARO MUTIS: sua Poesia

Categoria:   Crônicas

A poesia de Álvaro Mutis acumula impressões plurais do mundo e as entrega, como evidências, porque essas sensações só podem ser sentidas por quem as vê... “Sudário cotidiano do poeta, / cada poema esparge sobre o mundo / a amarga semente da agonia.”

A realidade do mundo de Mutis é verbal, converte sua poesia em sintomas do tempo enquanto gesto, ao se abrigar na temporalidade. “Só o tempo / cumpre sua tarefa / com suave / mudo roçar / sem pausa ou destino...”

Ao percorrer seus poemas, o reflexo se sucede na arbitrariedade que apenas os sonhos possuem, por isso, os movimentos estéticos das palavras que a magia pode alcançar com seu grito – a poesia transcreve a realidade no fluir na memória. Nossa percepção do tempo é absorvida quando em contato com as palavras do poeta.

Segundo William Ospina, “a linguagem e o mundo, são para o poeta iguais e o que o mundo lhe diz, desperta a sua memória.” É importante a criatividade de Mutis pelo questionamento que une a arte literária com a realidade. Vejo a presença de traços literários inovadores; diria que contribui para modificar a comunicação entre os homens. Ele transforma a ideia e recria formas poéticas na possibilidade de uma arte no espaço mundial, sem perder a harmonia. Trata do significado a partir do momento que estabelece marcas significativas, por onde passa a sobrevivência da poesia, como incentivo para escrever e bem interpretar.

Álvaro Mutis em seus poemas reúne a essência com conteúdo e a boa performance registrada através dos seus olhos, ligada ao próprio destino. Exercita com habilidade a forma, como se inscreve: idealizador soma aquisições intelectuais, poéticas e vivenciais, mostra a poesia como ponto de confluência de espaços e temporalidades; portanto,

cultura, “... Nem mesmo a poesia / consegue resgatar / do minucioso olvido / o que cala este espelho / nas trevas do seu desamparo”.

Data : 20/05/2013

Título : Amantes nas Entrelinhas

Categoria: Crônicas

Descrição: Entrelinhas: a porta por onde o vento passa.

Entrelinhas: a porta por onde o vento passa.

Quando olhamos para um livro sentimos que ele também está nos olhando. Passamos a mão carinhosamente na capa e, ao abri-lo, lemos o significado que o autor deu às palavras. Vemos cada cena desenhada com os movimentos das palavras.

Entrelinhas: onde o poeta poussa seus pensamentos.

Parece mágica? Não. É apenas olhar a vida em alta definição. É viver as contradições, porque somos a soma daquilo que escolhemos ser e do que decidimos ler.

Entrelinhas: a liberdade presa.

Encantamo-nos com as leituras e a cumplicidade que temos para com o livro, e que nós assumimos. Somos amantes das obras e seus significados interferem em nossa vida, fazendo-nos companhia nas horas mais necessitadas. Por vezes, dialogamos como se o mundo parasse naquele momento em que nos descobrimos.

Entrelinhas: a ponte que une as histórias do povo.

Somos amantes dos livros e não nos limitamos apenas a um tipo de leitura. Gostamos de ouvir o som das palavras e de ver a paisagem descrita em seus significantes.

Entrelinhas: o horizonte onde o sol nasce.

Ao lermos, encontramos vários textos e diversos contextos. Além de enxergarmos, ativamos a memória para “ver” em cada escritor a sua verdade se integrando à nossa vida.

Entrelinhas: marca do gol feito; a bailarina entre o palco e a plateia.

Somos amantes dos livros e temos preferência pela presença da poesia na nossa vida, porque, de várias maneiras, ela determina a diversidade dos limites literários. Encontramos nela a fonte de inspiração que nos coloca em movimento, criando um mundo de ideias sobre o qual podemos nos apoiar.

Entrelinhas: trilhos do trem levando e trazendo personagens.

Somos amantes dos livros e dos autores, que terminam por nos influenciar com suas ideias, como sinais de mudança dos tempos: conquistar a vida com palavras.

Entrelinhas: a zebra como significado.

As entrelinhas demonstram a busca pela vida, pela criação e possuem características que formam o ponto de partida: tomados pela consciência redescobrimos a palavra, os sons e as cores, para o simbolismo sem contornos rígidos, porém emotivos, com ritmos ocultos, onde só o amor pode provocar a afloração da criatividade, tornando-nos amantes das entrelinhas.

Data : 07/06/2020

Título : AMAR

Categoria: Crônicas

Descrição: Amar não consta em lei ou de manual de instruções.

Amar não consta em lei ou de manual de instruções. Há atitude, respeito e sentimento. No livro, “Amor Que Serena Termina?”, Juan Gelman, expressa seu “eu” contido no eco de tantas vozes, “Amor que serena termina? / Começa? / Que nova velhice o espera para viver? / Qual fulgor? Amor surgindo...”.

Viver o amor além de prazeroso é fácil, mesmo que se apresente em diferentes expressões, que surpreende de forma agradável para alguns e intrigante para outros.

Nosso comportamento, por vezes, não fica nítido quando seguimos o coração. Com propriedade e simplicidade misturamos os sentidos e sentimentos com a realidade. Assim, ficamos envolvidos com o amar, fosse o abrir as portas no nosso cotidiano.

Com os sentimentos resgatamos o amor, mesmo sabendo que podemos vivenciar mundos diferentes nos relacionamentos, que podem nos levar ao caminho da felicidade, como em Juan Gelman, “... o amado cria o que amará / como tu / chave / tremendo / na porta do tempo”.

Quando reconhecemos a nossa cara metade, descobrimos que somos feitos um para o outro e o mundo vira de cabeça para baixo com tanta alegria e emoção. Buscamos consolo e carinho nos braços do amado. Ficamos inquietos e julgamos sem provas, sempre que nos expomos sem medo de ser feliz.

Admitir estarmos apaixonados é o que importa; não existe o certo e o errado quando os sentimentos se encontram em quem somos. Nas palavras de Juan Gelman, “amar-te é isto: / uma palavra que vai dizer / uma arvorezinha sem folhas / que dá sombra”.

Data : 16/05/2019

Título : AMAR MUDA A ROTINA?

Categoria: Crônicas

Descrição: Amar é sentir a diferença no dia a dia ao observar os sinais além da paixão: os sentidos.

Amar é sentir a diferença no dia a dia ao observar os sinais além da paixão: os sentidos. Com eles, supera-se e dividem-se experiências, sempre com energia de “iniciante”; como quem aprende diante do grande amor. Orgulhar-se do amor que traz dentro de si é buscar a independência para mudar a rotina com emoção em cada momento da vida a dois. Segundo Sueli Gehlen Frosi, “Quando amo / transbordo / Em doçura, desvelo o carinho./ Temo entretanto, / Que o amor que tenho / Seja breve, de tanto empenho //...cuido feito tesouro, / Dou-lhe asas, e a certeza / De que ficando, será amor / Sem amarras, duradouro”.

Aprende-se com o tempo que o melhor do amor é viver a alegria possível e projetar o caminho do impossível, como retrata Leila Míccolis, “Às vezes,/a gente vive o impossível:/como acalantar/esta vontade incrível de amar, /a revelia / desse tempo mais difícil a cada dia”.

O amor se alimenta da vida em convivência e não se imagina um sentido sem associá-la ao único amor, como revelação mais forte. Pois, com ele há o desafio de abrir o coração; falar olhando nos olhos em todos os níveis e sentidos. Tudo isso passa pelo respeito às diferenças, em que cada um tem sua individualidade e gosta de preservá-la.

Sigo conversando e entendendo que amar muda a rotina quando se revela na felicidade, até porque se vive a consciência de que só precisa se situar no tempo, para que o entendimento faça parte dos ganhos. Como expressa Agostinho Both, “Por que te amo, gentil senhorinha, / Quem há de pensar com tamanho dom, / Quase divino por ser tanto e tão completo? // Em cada dia que se passa, vida minha, / ao me perguntarem quem eu sou, / Direi: já não sei se sou eu, ou sou você”.

Amar e se sentir amada é explicar a magia de como se vive, ao fazer e receber declarações de amor que alteram a rotina. Além disso, o sorriso e o carinho em todos os momentos permanecem como a melhor lembrança. O sentimento de amor é revelado na composição de Isolda, Outra Vez; e, Jurema C. do Valle resalta, “Deixa que teu coração / grande e generoso/ Me dê abrigo / Não por uns instantes / Mas por toda a vida”.

Amar é sentimento que muda a rotina de maneira misteriosa. Por vezes, poetiza a vida ao pontuar a diversidade; esse sentimento torna o dia a dia mais “afetuoso” no estilo “portas abertas” para produzir ritmos e fugir da mesmice. Nas palavras de Marilise B. Lech, “Amor é o que se quer, / É o que nos faz existir./ É a vida com sentido / É o nosso elixir”.

Data : 28/08/2019

Título : AMAVISSE

Categoria: Crônicas

## AMAVISSE

Em versões diversas o amor surge em cena e garante certo mistério em nossa vida. Hilda Hilst, no poema Amavisse, diz que, “Como se tu visses.../ assim te apreendo brusco / Inamovível, e te respiro inteiro...”.

Acredito que há versões sob medida e, muitas vezes, o fato de haver amado me leva a fantasias como chaves para viver o cotidiano. Sinto a necessidade de fugir das limitações.

Os desafios impostos pelo amor são nossos desejos. Todos têm desejos. Porém, o caminho do viver pode se apresentar incômodo e estressado, quando não percebemos a gravidade pela qual estamos vivenciando: ter amado, tempo passado. Como em Hilda Hilst, “... Um arco-íris de ar em águas profundas. / Como se tudo o mais me permitisses, / A mim me fotografo nus portões de ferro / Ocres, altos, e eu mesma diluída e mínima / No dissoluto de toda a despedida”.

Mesmo com coragem e força tal condição tende a me pressionar, que o tempo passa e a verdade não me basta. O peito cultiva as formas da saudade. O pensamento tem na lucidez o nome. A dor esculpe o meu instante, ao ponto de me revelar em murmúrios e delírios.

Fase diferente, sem esperança e com lembranças. Considero fantasiosos todos os discursos; tento evitar os comentários. Marco meus momentos bons. Vivo no limite, faço parte do grupo amavisse. Hilda Hilst expressa, “... Como se te perdesse nos trens, nas estações / Ou contornando um círculo de águas / Remove ave, assim te somo a mim: / De redes e de seios inundada”.

Limito as lembranças e ressalto que o amor só vale quando correspondido. É comum dividir questionamentos: sou negação quando me realizo no que me falta, como a renúncia pelo amor; posso chamar de renúncia?

Rompo com o tempo; teço os dias; minhas mãos não mais farão o amoroso gesto. Minha face espalha minha essência em cicatrizes.

(\*AMAVISSE, no Latim o verbo a.ma. vis.se significa: ter amado.)

Data : 27/09/2018

Título : AMILTON CARVALHO: Maneiras de Ser

Categoria: Crônicas

Do barro / esculpiu / o homem”.

(Benedito Cesar Silva)

O tempo mostra quem somos; maneiras de ser na releitura do passado e do presente, onde encontramos licença para brindar a nossa amizade de toda a vida: Amilton, Pedro e eu. Aqui, lembro Mia Couto, para quem a “História de um homem é sempre mal contada. Porque a pessoa é, em todo o tempo, ainda nascente. Ninguém segue uma única vida, todos se multiplicam em diversos e transmutáveis homens...”

Vivemos numa sociedade onde o amigo Amilton tem suas habilidades valorizadas e enorme capacidade de conciliação. Então, surge a necessidade de falar dos traços típicos de seu comportamento, como prova para despertar os meandros da amizade que nos une.

Cada vez mais assumo como verdade e ideia de que, Amilton, Pedro e eu, constituímos uma família com relacionamento fraterno por nos permitirmos interferências em todos os momentos de nossas vidas. Juntos, convivemos no sentir em cada situação o amor e o companheirismo, sempre fiéis, por mais de 45 anos.

Olhar à frente é essencial, por isso a presença do amigo justifica passar à ação; tudo em nossa volta é percebido como informação para ser processada e conversada entre imagens e símbolos: ajuda e carinho. Daí a importância em revelar o Amilton em sua maneira de ser: homem sempre em busca das comportas do saber, independente do querer e poder; navega o real e o conhecimento; encara as crises e perdas; permanece na lucidez das palavras; é ponte entre a arte de escrever e a arte de viver; ama e é amado; procura no destino o sentir da cumplicidade; inova cores num mundo cinza; acredita na verdade como mudança; tem suas lembranças no caminho claro e escuro, como escrito por Paul Auster, em *Homem no Escuro* e, Pedro Du Bois, nos poemas de *O Homem em Curva*, ao refletir sobre a conscientização do homem em sua (in)significância decorrente da massificação.

Em todas as situações há a palavra que designa a precisão do Amilton, porque ele crê na certeza e nas probabilidades do valor demarcado entre o sentimento e o pensamento, marcando o passado e apostando no futuro. Ele reflete a luz entre as palavras e ilumina o desconhecido e o inesperado, rompendo a norma convencional e, nela, a representação como direito para exprimir o valor das palavras, como no livro de W. J. Solha, *Esse é o Homem*, poema longo que descreve de forma crítica os caminhos da humanidade.

Este é o Amiltinho, nosso Dindo de casamento, nos já 40 e poucos anos de união com meu amado Pedro. Meu irmão do coração, Amilton.



Juntos, adotamos atitudes de respeito e carinho em nossa relação, com superposição das questões relevantes de nossas vidas (nossos filhos Marina; Gabriela, Diego e Salo; agora, Mari e Inês; Paulo Cristovão, Júlia e Luísa), pessoas essenciais para nos capacitar a encontrar formas saudáveis na manutenção da nossa amizade. Thiago de Mello completa, “Fica decretado que o homem / não precisará nunca mais / duvidar do homem. / Que o homem confiará no homem / como a palmeira confia no vento, / como o vento confia no ar, / como o ar confia no campo azul do céu...”

Todas as vezes que nos encontramos há empática alegria e carinho a nos fazer melhores e menos envelhecidos, pois, a nossa cumplicidade parte do sentimento, em que nossa comunicação dispensa regras e exceções, revelador dos momentos em que aprendemos a conviver com as expectativas e a nos defender e a nos proteger mutuamente dos problemas. Dividimos e reforçamos a ideia de que a vida são bons e maus momentos; ainda, adotamo-nos em atitudes críticas na aceitação de que uma dose de dor e dificuldade é (infelizmente) necessária no processo de amadurecimento, para, juntos, podermos pensar grande. Entregamos-nos, acolhidos pelo olhar, voz, pensamento e coração ao abirmos espaço para a conexão fortalecedora da cumplicidade em nossas maneiras de ser; damo-nos na real importância do nosso relacionamento, com a atenção devida pelas vontades; assim, acreditamos em nossa fraterna amizade, forte e sincera em sua perenidade.

Amilton me traz a lembrança do tempo, os sons do mundo em ritmo de alegria. Representação do que realiza entre o eco das palavras e os sentidos da compreensão. Nosso querido amigo do peito; juntos, abraçamos a vida, as palavras e a música, como em Milton Nascimento, “amigo é para se guardar do lado esquerdo do peito”. Ele é donatário que se apodera da alma na fascinação com que o universo nos busca e transcende: homem em sua maneira de ser. Como em Vivi Maciel, “Quem somos nós? / Os homens da palavra? / Sim, somos homens que, falam e lutam, / Por justiça, igualdade e direitos... / Sim, somos responsáveis por tudo...”

Amilton, Cobrinha, Amiltinho, tio Amilton, Cara de boi, Irmão... Beijinhos da tia Tânia.

Data : 10/02/2019

Título : AMORES reverso HORAS

Categoria: Crônicas

“Felicidade se acha nas horinhas de descuido”

(Guimarães Rosa)

Cada um tem o seu momento de encontro com o amor e com a hora do que tem e quer para a vida, no significado da existência pelo sentimento. Como encontro em Oswald de Andrade, no livro Memórias Sentimentais de João Miramar.

Amores reverso horas constitui a inegável relação em que os anseios evidenciam o viver, o que nos permite ir atrás de respostas para superar o desafio sentimental. As horas seguem as dimensões da condição humana em seu dilacerante dilema: múltiplas trajetórias que o tempo imprime ao aflorar através dos sentidos, para não se desfazer dos momentos amorosos. Ruth Laus declara, “Nasce dentro de mim um tremendo duelo: o desejo persistente de ser amada e a incapacidade de me fazer amar”.

A inspiração chega com a vida em suas múltiplas escolhas e, uma delas, é de que somos “donos” do tempo ao reforçarmos os atos de amor. As escolhas provocam expectativas que provam ser a inspiração uma questão de atitude. Viver é atitude para recordar o merecido reconhecimento do amor, com licença para despertar no mundo em que as horas estão em nossas mãos. Mãos que tocam a alma na busca pelo equilíbrio do passado que dá lugar ao presente, não só na figura amorosa e carinhosa, mas que também é segura e decidida. Amores e amados se revelam na poesia, como demonstra Pedro Du Bois, “Amores //... bravo

gesto alargado/ em verbos caricatos / de perfumes e cores // resta a palavra / na inconsequência / do dizer: cada passo / dado com você”.

Acredito no poder das palavras para viver o amor; sentimento que é bem vindo em nossas vidas por nos deixar desfrutar um tempo de liberdade. É forma de presenciar a hora na fragilidade com que deve ser tratada: desejos, sentidos e sentimentos no relacionamento. Pedro Du Bois retrata, “carrego no pulso o relógio / que me aprisiona / em horas determinadas... // Na determinação do tempo em ponteiros de engrenagens. / Conduzo a hora despercebida”.

O tempo ajuda a desfrutar o amor e reviver o passado e, ainda, cobra as relações e o tornar a sentir. Esse reverso nos leva a dedicar a vida ao outro como busca para incrementar as horas e despertar alguma reação pessoal. É atitude que restaura os amores reverso horas, como no romance de Saul Bellow, “Tudo faz sentido. Do passado obscuro ao futuro incerto”.

Data : 29/01/2018

Título : AMORES versus HORAS

Categoria: Crônicas

Descrição: Cada um tem o seu momento de encontro com o amor e com a hora ...

“Felicidade se acha nas horinhas de descuido” (Guimarães Rosa)

Cada um tem o seu momento de encontro com o amor e com a hora do que tem e quer para a vida, no significado da existência pelo sentimento. Como encontro em Oswald de Andrade, no livro Memórias Sentimentais de João Miramar.

Amores versus horas constitui a inegável relação em que os anseios evidenciam o viver, o que nos permite ir atrás de respostas para superar o desafio sentimental. As horas seguem as dimensões da condição humana em seu dilacerante dilema: múltiplas trajetórias que o tempo imprime ao aflorar através dos sentidos, para não se desfazer dos momentos amorosos. Ruth Laus declara, “Nasce dentro de mim um tremendo duelo: o desejo persistente de ser amada e a incapacidade de me fazer amar”.

A inspiração chega com a vida em suas múltiplas escolhas e, uma delas, é de que somos “donos” do tempo ao reforçarmos os atos de amor. As escolhas provocam expectativas que provam ser a inspiração uma questão de atitude. Viver é atitude para recordar o merecido reconhecimento do amor, com licença para despertar no mundo em que as horas estão em nossas mãos. Mãos que tocam a alma na busca pelo equilíbrio do passado que dá lugar ao presente, não só na figura amorosa e carinhosa, mas que também é segura e decidida. Amores e amados se revelam na poesia, como demonstra Pedro Du Bois, “Amores //... bravo gesto alargado/ em verbos caricatos / de perfumes e cores // resta a palavra / na inconsequência / do dizer: cada passo / dado com você”.

Acredito no poder das palavras para viver o amor; sentimento que é bem vindo em nossas vidas por nos deixar desfrutar um tempo de liberdade. É forma de presenciar a hora na fragilidade com que deve ser tratada: desejos, sentidos e sentimentos no relacionamento. Pedro Du Bois retrata, “carrego no pulso o relógio / que me aprisiona / em horas determinadas... // Na determinação do tempo em ponteiros de engrenagens. / Conduzo a hora despercebida”.

O tempo ajuda a desfrutar o amor e reviver o passado e, ainda, cobra as relações e o tornar a sentir. Esse reverso nos leva a dedicar a vida ao outro como busca para incrementar as horas e despertar alguma reação pessoal. É atitude que restaura os amores versus horas, como no romance de Saul Bellow, “Tudo faz sentido. Do passado obscuro ao futuro incerto”.

Data : 28/08/2019

Título : ANIVERSÁRIO

Categoria: Crônicas

ANIVERSÁRIO

Tudo parece nos provocar quando comemoramos o nosso aniversário. Há clima de entusiasmo pela vida e, ao mesmo tempo, reflexão em torno dela. Talvez, estejamos impondo, a nós mesmos, a sinfonia que consagra o momento e renova o interesse pelo ritmo do tempo. Em Severino Ronchi, "... olhando sempre para além, / vamos cantando pela nossa estrada / sorvendo todo o mel que a vida tem...".

Temos razões para fazer da vida a espectadora que nos sente, estivéssemos em jogo de contrastes entre o presente e o passado, o que torna interessante a ordem das palavras na comunicação com a realidade.

Ficamos em dúvida quando entramos para o clube dos idosos e, às vezes, chamamos atenção para nós mesmos no desafio pela adaptação à nova idade e seus limites, em função da atualidade reinante.

Não se trata apenas de mais idade, nem de outra comemoração de aniversário, mas, da sociedade aceitar nossas opiniões e opções na realidade das situações, sem nos dispensar das explicações sobre o envelhecer.

No dia em que aniversariamos sentimos a importância do pensamento, que ainda podemos desempenhar papéis fundamentais para a sociedade. Não apenas termos função ilustrativa, nem a encenação teatral da experiência vivida, mas, como seres capazes de ser fonte de informações e conhecimentos.

Mesmo presos pelas limitações físicas e mentais impostas pela idade, sem esbravejar, detemos condições para expressar o pensamento em atos de liberdade.

A idade avançada tem o efeito de ser tratado como drama, justificando, assim, as atitudes da sociedade, o que causa sensação de desconforto e vazio. Como na conclusão de Severino Ronchi, "... ao chegarmos ao fim desta jornada, / vemos que a vida toda foi, também, / uma bela mentira, ou quase nada!".

Assusta o preconceito em relação às pessoas nesta faixa etária; desrespeito e comentários ostensivos e ofensivos nas linhas e entrelinhas do cotidiano. Também é verdade que as críticas estão mais frequentes e fortes em cada dia. Marcelo Coelho salienta, "É apenas uma sensação de que algo desaparecido continua a existir".

Comemoramos o aniversário, mesmo que tudo possa sangrar e doer, sem notar que a ferida da objeção e recusa possa cicatrizar. Só sentiremos a cicatrização quando formos considerados fundamento no mundo e a mudança necessária e, como tal, essencial. Nas palavras de Leonardo Munk, "... perpétuo... que cessa de transformar-se apenas para morrer?".

Data : 30/12/2020

Título : ANO NOVO

Categoria: Crônicas

Descrição: Diz a lenda que o novo ano se revela em mudanças.

Diz a lenda que o novo ano se revela em mudanças. Mas, precisamos ficar atentos, que a afirmação contém apenas meia verdade; pouco se fala na possibilidade de realizarmos novas conquistas. Fabrício Marques diz que “não leves desta hora / nada que não seja doce...”, ou seja, não encontramos no calendário nenhuma mágica para parar o tempo.

Acordo das festas do ano novo ouvindo promessas de reinício diferente em todos os sentidos. Para acontecer, basta acreditar que é possível alcançar a sensação de bem estar, como nas palavras de Torquato Neto, “... Estou sereno, estou tranquilo, estou contente / Nesta manhã nascendo devagar / Mas de repente uma certeza me espanta / Ninguém mais canta e eu sozinho / Não posso cantar...”.

É importante estarmos cientes de que, na vida assumimos papéis que resistem ao tempo, através das nossas atitudes, o que nos torna parceiro de todas as horas: “sorrir cores, misturar olhares e explorar os tons da beleza”. Torquato expressa, “... Ai quem me dera que hoje fosse o dia / De eu ser feliz... / Cantando com vontade e alegria...”.

O ano novo traz euforia e expectativas; ansiedade por mudanças no viver. Porém, sabemos que podemos desenvolver análise crítica, adquirindo habilidades e valores necessários para sermos éticos e melhorarmos o cenário do cotidiano. Os passos que adotamos podem gerar alegria ou sofrimento. A preocupação pode significar desafios, a compreensão pelas diferenças, a confiança nas escolhas, a seleção de com quem enfrentaremos e dividiremos as mudanças e o tempo, a revelação dos sentimentos, a recepção de novos amigos e reflexões sobre o interessante e o desafiador. Ainda em Torquato Neto, “... Ai quem me dera que outra vez na vida / Meu coração não se perdesse à toa / E que eu soubesse muito bem que é muito boa / Essa cantiga nova que inventei...”.

Em cada passagem de ano, os meus sonhos se intensificam, junto com a curiosidade. Acredito estar preparada para dar e receber abraços e ganhar ao admitir as mudanças. Hora em que me ocorrem as perguntas: quem somos que não rejuvenescemos na primavera? Por que não florescem orquídeas no nosso caminho? Por que nossa beleza não é moldada pela brisa? Por que não nos defendemos dos espinhos? Não nos encantamos com o perfume das rosas? Por que rascunhamos canções ao acaso? Não sabemos quanto tempo temos para as recordações?

A realidade no novo ano é sabermos a hora em que nossas singularidades e imperfeições importam e impactam o tempo como garantia de felicidade.

Data : 27/09/2018

Título : ANTÔNIO OLINTO: Teoria do Homem

Categoria: Crônicas

O reconhecimento é um dos principais incentivos ao homem que se dedica à vida. O homem nasceu com o objetivo de prestigiar e difundir o trabalho. É reconhecido pela tenacidade com que vence os desafios e toma suas decisões; pela sua persistência, empenho e capacidade de transformação – tudo isso o leva para ter grande representatividade e respeitabilidade. Ele também sobrevive à história do seu país e podemos perceber seu crescente interesse por sua participação na sociedade. Segundo Mario Quintana: “o que salva nossa triste condição de homo sapiens é que não se pode ter certeza nem da própria dúvida”.

O processo criativo é diferente em cada um, porque o homem age, pensa e sente de modo diferente. Para cumprir funções do cotidiano, como ler um livro, escrever, andar na rua, descansar e até para ficar triste, sempre privilegiam a cultura, a escola, a família e ainda mais, a vida em sociedade.

O fundamental é lembrar a grandeza dessas distribuições, e o mais interessante é constatar o que Antonio Olinto retrata em seu poema Teoria do Homem: “O começo do homem é o fim do homem / o começo é o fim / o começo é o homem / o homem é o fim / meço o homem pelo fim / o fim é a medida a medida é o começo / a medida é o meio o meio é o medo / o vulto é o vento / o vento bate na bandeira / parece passo na pressa / o passo é a pressa / a pressa é o modo / o modo é o mito / o mito é a meta / o fim é o mito / o mito é o começo / o começo do homem é o fim do homem / o fim do homem é o começo do homem.”

Antônio Olinto é um nome em destaque na literatura brasileira. Falar sobre ele é lembrar as suas reflexões sobre a poesia do modernismo brasileiro; ao expressar que elas podem refletir em diversos ângulos de um analista; “e que podem mudar de janela para abarcar porções mais largas da paisagem”. Deixo aqui algumas de suas reflexões, onde destaca a harmonia entre o significado e o significante na poesia:

“A poesia é a linguagem primeira do homem. Primeira, primária, primeva e primitiva. O poeta vai ao fundo das coisas e recupera a força primitiva da língua”.

“Que valor tem a poesia? Qual a posição do poeta perante o tempo? As perguntas são velhas... inclusive no efeito prático do poema sobre o homem que o lê”.

“Uma vez mergulhada na corrente profunda e ampla de seus densos significados, a poesia tem força para ultrapassar medidas, tamanhos e estruturas. Fincada nessa raiz e plantada no presente, a poesia também se nutre do futuro.”

“Ao tempo... um poema não brota do nada, mas aproveita toda uma tradição cultural, verbalista e pensamental de uma corrente do homem.”

“Mergulhando na poesia, ou deixando que a poesia mergulhe no mais fundo de si mesma, que o homem se coloca em estado receptivo/ativo, capaz de surpreender verdades da condição humana.”

“Poesia não precisa de explicação. Mas é próprio de sua natureza o surgir ideias através das idades.”

“... fazemos repousar a poesia que o homem engenha, e a crítica e a metacrítica, dirigida a essa poesia.”

“A percepção do poema com base nesta esperada / inesperada surpresa, termina surgindo como condição indispensável à invenção da verdade que, por momentos, elevem o homem acima de sua contingência.”

“A muitos vem parecendo que a análise sistemática dos elementos constitutivos da obra de arte – de um poema – pode ser feita com base em qualquer teoria crítica do momento.”

“Temos necessidade de discutir a poesia. Nos momentos de crise geral, é o poeta quem primeiro percebe o sinal de transformação.”

“Vivemos tempos eminentemente críticos. Viver em crise é o estado atual da cultura. Cultura que se preza vive em crise. E em mudanças.”

“Está a poesia brasileira passando por uma fase de muita riqueza, no sentido de que todos os caminhos poéticos são aqui experimentados.”

“Poesia é, neste País, das coisas mais vivas e mais avançadas que existem... o poeta novo começa a fazer versos e a sacudir a mesmice de estilos. Ou, grandes poetas de ontem – então de sempre – rompem sua própria rotina e renovam-se”.

Antônio Olinto abraçou a literatura e a cultura semeando na paisagem porções mais largas do entendimento poético necessário ao homem como ser. Lembrar sua grandeza pessoal e a grandiosidade da sua obra é prazeroso.

Data : 03/04/2020

Título : AO PONTO

Categoria: Crônicas

Descrição: A que ponto chegamos, olhamos a vida e vemos tudo diferente de como era; tudo mais sublime e perigoso.

A que ponto chegamos, olhamos a vida e vemos tudo diferente de como era; tudo mais sublime e perigoso. A amplitude das palavras, ouvimos como grito e ordem: sim, senhor! Que horror esta multiplicação da (des)razão sem diálogo que nos tira o sabor da vida. Encontro na poesia de Alexander Wolf, “Bons Tempos //... de que o nosso país amado, / um dia seria liberado”.

A que ponto chegamos, ficamos sem opções, objetivos, ideais e espaço para destinar a palavra sem quebrar o ponto de descortino da realidade assustadora. Nas palavras de Christian Svoboda, “... As verdades só se reconhecem como verdades / quando quem as verifica é por si verdadeiro...”.

Gosto da vida, de amar e ser ouvida a ponto de revelar a verdade. Mas, vivencio à distância o eco da solidão, dor e incertezas em que os reflexos, das imagens apresentadas na vida diária, vão além do bom senso. Christian Svoboda alerta, “... Cada passo deve ser medido / dentro deste campo minado / onde muitos estão livres / e poucos libertados...”.

Medimos as palavras tecidas para encontrar a seriedade e a paz sem perder a capacidade de sentir e perceber as maldades ao redor.

Data : 25/04/2017

Título : AOS DISTRAÍDOS

Categoria: Crônicas

Descrição: A realização do sonho é ocasião para a transformação...

A realização do sonho é ocasião para a transformação... Aqui, vale agregar o momento que encontro no livro AOS DISTRAÍDOS, de Cris Dakinis: “Acorda numa revoada / de sanhaços ao vento/ Porque a poesia é sonora / Ela nasce encantada”.

Na expressão da beleza, junto ao poder e à eficácia, a alternativa da autora é desvelar sua alma e enriquecer a arte com palavras que desafiam o tempo, renovando e trazendo sua contribuição para enfrentarmos o cotidiano. “A poesia do dia / Amadurece cedo / Ergue as cortinas e / Toma Sol na calçada”.

Um dos maiores dilemas do homem no mundo moderno é a dificuldade em conciliar o trabalho com o tempo para se dedicar à leitura. A internet/on line, coloca-se ao nosso lado nesse desafio, para obtermos a sonhada condição de ler a qualquer hora, mesmo que em plano diferenciado, criando novas propostas para ajudar a solucionar o dilema.

A vida é única (e corrida); merecemos melhores escolhas, onde seja possível crescer de forma acelerada, com acesso a livros de diversos autores e gêneros, como Aos Distraídos, de Cris. O que significa a ascensão da leitura pelo acesso a novos escritores, na disponibilidade de tempo de cada um.

Nesse contexto, a internet apresenta-se como paisagem invejável no paraíso dos livros, onde novas oportunidades surgem a cada momento. Ao traçar essa linha, a leitura se torna desafio para conhecermos a poeta Cris Dakinis, que contribui para a literatura com o objetivo de abrir novos caminhos. Seus poemas lideram a “beleza” literária ao celebrar a transformação do nosso dia a dia, no raro caminho das letras, “só os incautos ouvem / A poesia do dia... / Distraídos que estão / Do seu diário ganha pão”.

Ler nos coloca no jogo entre a razão e a imaginação e, ao mesmo tempo, nos faz refletir sobre a opção de lazer: ler sem pressa e em casa. Entendo ser a internet fantástica máquina para viajar pelas opções variadas, onde escritores oferecem suas obras para todos os gostos. Um país de leitores, precisa de escritores e livros para evoluir. Através da internet, comunicamo-nos e obtemos mais qualidade de vida, atraídos pelas artes, palavras e autores dos quais podemos desfrutar e que nos permite que a literatura, como lazer e conhecimento evolua diariamente, na busca pelo bom livro, bom autor e lugar para ser feliz, ao descobrir diferenças entre as palavras na poesia.



Data : 19/10/2016

Título : AQUARELA do VÔ LINO

Categoria: Crônicas

Descrição: Em qualquer hora do dia, paro para olhar a aquarela com a caricatura do vô Lino, pintada em 1920, e que nos faz companhia no escritório do apartamento...

Em qualquer hora do dia, paro para olhar a aquarela com a caricatura do vô Lino, pintada em 1920, e que nos faz companhia no escritório do apartamento. Vêm as recordações... Paro no tempo e busco revê-lo na pescaria, onde a paz, o silêncio e o prazer de estar sentado numa caixa de cerveja Gaúcha, na beira do rio, expressa a sua alegria e a beleza do seu viver. Nas palavras de sua bisneta, Marina Du Bois, “Não importa como ele tenha sido conhecido até agora, ele nos reencaminha suas experiências e lembranças...”

O pintor produziu a sua identificação através dos traços e cores, recontando passagens desconhecidas por nós. Ao retratá-lo, derrubou a escuridão e lançou luzes sobre uma vida autêntica, desvelando o lado que talvez só ele tenha vivido.

Considerando que os “poucos” familiares que ainda vivem estão em idade avançada, pergunto quem deles se lembrará daquela paisagem como obra “viva”? Então, penso em Carpinejar que escreveu: “Será que o domingo e o esquecimento / são dias iguais?” E, em meio a tantas lembranças em desordem, só consigo ver o tempo passar e sentir a amargura de a memória ser tão frágil e desleal.

Hoje, venço a saudade e, naquela aquarela, consigo ver o seu sorriso e guardá-lo no meu viver, porque estou aprendendo a cultivar, sem alarde ou sofrimento, o desejo do coração. Pedro Du Bois seu neto, expressa: “... Não tenho suas mãos sobre as minhas / nem sobre a minha cabeça; //... apenas alguns pontos na paisagem. //... Nela o tempo não ventava, / nem a tempestade caía. //... na vida e na morte, //... sua memória libertada / para reviver a vida / na repetição das lembranças”.

Ao fazer a releitura da aquarela, consigo conversar com ela, num momento especial em que os olhos iluminam a imagem do rio em gesto de audaz pescador. Tomo-a nas mãos e sinto a história dizer, o vento soprar, a dúvida pairar e a saudade murmurar o seu nome: Lino Schell de Quadros.

Data : 19/12/2012

Título : AQUARELA: VÔ LINO

Categoria: Crônicas

Descrição: Em qualquer hora do dia paro para olhar a aquarela com a caricatura do vô Lino, pintada em 1920, e que nos faz companhia no escritório do apartamento. Vêm as recordações...

Em qualquer hora do dia paro para olhar a aquarela com a caricatura do vô Lino, pintada em 1920, e que nos faz companhia no escritório do apartamento. Vêm as recordações... Paro no tempo e busco revê-lo na pescaria, onde a paz, o silêncio e o prazer de estar sentado numa caixa de cerveja Gaúcha na beira do rio, expressa a sua alegria e a beleza do seu viver. Nas palavras de sua bisneta, Marina Du Bois, “Não importa como ele tenha sido conhecido até agora, ele nos reencaminha suas experiências e lembranças...”

O pintor produziu a sua identificação através dos traços e cores, recontando passagens desconhecidas por nós. Ao retratá-lo, derrubou a escuridão e lançou luzes sobre uma vida autêntica, desvelando o lado que talvez só ele tenha vivido.

Considerando que os “poucos” familiares que ainda vivem estão em idade avançada, pergunto quem deles se lembrará daquela paisagem como obra “viva”? Então, penso em Carpinejar que escreveu: “Será que o domingo e o esquecimento / são dias iguais?” E, em meio a tantas lembranças em desordem, só consigo ver o tempo passar e sentir a amargura de a memória ser tão frágil e desleal.

Hoje, venço a saudade e, naquela aquarela, consigo ver o seu sorriso e guardá-lo no meu viver, porque estou aprendendo a cultivar, sem alarde ou sofrimento, o desejo do coração. Pedro Du Bois, seu neto, expressa: “... Não tenho suas mãos sobre as minhas / nem sobre a minha cabeça; //... apenas alguns pontos na paisagem. //... Nela o tempo não ventava, / nem a tempestade caía. //... na vida e na morte, //... sua memória libertada / para reviver a vida / na repetição das lembranças.”

Ao fazer a releitura da aquarela, consigo conversar com ela, num momento especial em que os olhos iluminam a imagem do rio em gesto de audaz pescador. Tomo-a nas mãos e sinto a história dizer, o vento soprar, a dúvida pairar e a saudade murmurar o seu nome: Lino Schell de Quadros.

Data : 16/08/2019

Título : ARMAS

Categoria: Crônicas

Descrição: Como sabemos, as armas foram liberadas para uso comum/doméstico.

Como sabemos, as armas foram liberadas para uso comum/doméstico. A ideia é estranha, mais parece o prolongamento dos desencontros na espetacularização do horror em quem for manuseá-las. Como descreve Arnaldo Antunes, "... aqui / hoje / eu vi / aterrorizado / um artista ser assassinado / Moa do Catendê, / mestre de capoeira, / autor do Badavê - / por conta de uma divergência política num bar / da Bahia...".

Obviamente, o impacto emocional atinge níveis extremos nesse problema, que reside justamente na graduação da violência.

É irônico, pois, não há nada que corresponda à segurança e à paz ao guardarmos armas em casa ou as portar pelas ruas. É decisão engenhosa, implicante e perigosa que se reflete e se revela em cenas de horror no dia a dia.

Na medida em que a posse e o porte das armas são liberados, tudo se torna pior ao acelerar e incentivar o extermínio, pelo poder dado a quem se permite transitar com alguma arma na mão. Como diz Arnaldo Antunes, "... enquanto constatamos cada vez mais / que sim / é assim / que é / como li por aí: "como explicar a Lei Rouanet para quem ainda não assimilou a Lei Áurea?"..." querem matar atirar vingar / a quem? em nome de quem?..."

Impossível ir mais longe. É estranha a falta de sentido, sentimento e razões do ser humano sair armado. Então, pergunto: como é sentir a nossa vida em perigo? Como nos defenderemos daqueles que portam armas? O que virá em seguida? Antunes expressa, "... os valores perdem o valor / a vida perde o valor / Marielle / remorta remorrida rematada / pelas mãos truculentas... / que redemonstra sua monstruosidade.../ mas não saciados / de todo o sangue / de inocentes..."

Nada consegue explicar a distorção no raciocínio de quem permite liberar armas aos cidadãos. É situação "sem pé nem cabeça". Pesadelo que não será interrompido. Estilo desesperador ao transformar alguém em "tira" de última categoria.

Assim, a mentira, a falta de caráter e o comportamento fascista estarão ao alcance de quem adquirir as armas. Arnaldo alerta, "... armar a população / para metralhar os adversários //... os do outro lado / os que se manifestam / ou contestam //... qualquer pretexto / que se crie / para espalhar o ódio, o horror... / pois a omissão é missão impossível //... mascarar o sol / da ameaça... / nenhum arrependimento será / capaz de reparar / quando for tarde demais..."

Data : 27/09/2018

Título : ARMINDO TREVISAN: Carta ao Brasil

Categoria: Crônicas

"Te escrevo Brasil / com o osso / mais velho / que te sustentou // Te escrevo / no olho da luz / antes da primeira / fome / com a fome / de tua boca... // Te escrevo / com o berro /

de qualquer coisa / com o coice / que devastou no ar / perseguição da palavra / para tamanha / falta de vida // Te escrevo / com o couro / aninhado / na bala / com a bala / fugida / da ignorância / com o estouro / dos miolos // Te escrevo / com o sol / esvaziado sobre os ossos / com a corda / do soluço // Te escrevo / porque somos / tua própria / geografia // Te escrevo / porque ardemos / nas veias / de tua / indecisão // Te escrevo / porque / já não és / um gemido / de mundo / mas o próprio / mundo / a apalpar-se / em nós."

Carta ao Brasil é um poema do grande escritor Armindo Trevisan, contido no livro "Em Pele e Osso". Nesse poema o poeta fabrica a pele do impossível aonde vai costurando a língua e a poesia e depois, ponto por ponto, a transforma em pele maior para ser engolido pelo mundo. Deixa o presente e o futuro na pele da liberdade. E diz que "o poeta nasce para fabricar a pele".

Em Pele e Osso, a Carta ao Brasil mostra uma poesia que deixa o homem nu em sua polidez, na cama, nos escritos, no louvor e na luz: "Perder a pele / para o poeta / é fado / o poeta anda sem pele".

Armindo Trevisan valoriza o neologismo sem medo de levar a ideia até o fim. É poeta do deslumbramento e da sabedoria da vida: "desencaderna livros que deixa o presente / antes do futuro".

Seus poemas são impulsivos, eróticos e um dos principais elementos desse mundo poético é o corpo. Sua inventividade verbal é a maneira como o poeta vê o futuro ao qual aspira, sempre através da grandeza da sua poesia social. Segundo Maria T. L. Martinez, "a poesia de Armindo Trevisan é um caminho de busca da palavra e da transcendência do ser, e, às vezes, um tom de exultante canto à existência". Dante Milano, conclui: "Louvo em Trevisan a complexidade de seu pensamento-sentimento e a capacidade de se entregar a si mesmo sem lembrar ninguém... Poeta, para mim, é aquele que faz da sua Poesia a sua Verdade".

Data : 30/03/2015

Título : AROMAS

Categoria: Crônicas

Descrição: Para a maioria das pessoas, o grande problema e desafio não é a degradação cultural ou social, é o cheiro.

Para a maioria das pessoas, o grande problema e desafio não é a degradação cultural ou social, é o cheiro. No dizer de Ivaldino Tasca, "Estamos aqui para sentir o aroma que vem da cozinha... sentir cheiros alucinantes... O cotidiano é um eterno sentir". Encontro pela vida as versões clássicas de aromas e pergunto: o cheiro muda tudo?

No ar, o odor marca o novo ciclo de crescimento, conhecimento e expansão. É favorável à lembrança; fortalece o meu espírito, nutrindo-me com as sensações trazidas por ele,

como em Pedro Du Bois, “... um ramalhete simples / enfeita a sala de visitas // tenho a visão do jardim de ontem // aspiro o perfume / como sonho encontrado / de situações futuras...”.

Ao lembrar, lanço o olhar sobre o passado; vejo os encontros ao redor da mesa, onde havia alguém que se sentia desconfortável com o aroma exalado pela comida, mas também havia os que se sentiam atraídos e felizes por estarem dividindo o espaço com pratos “cheios de personalidade”, que exalavam aromas de plenitude e felicidade, pois, como dizem os poetas, “... a vida vale/pelas pequenas/lembranças”.

Penso nesses momentos para compreender a importância do cheiro e para sentir, novamente, a agradável sensação de poder reviver o preparo das comidas; como quando o pai Moacyr preparava o coelho ao molho de laranja; a avó Carola, peverada com noz moscada; D. Lenita, as maravilhosas panquecas e a mãe Annita o arroz com galinha.

A vida tem muitos sabores que se apresentam em deliciosas versões no dia a dia: a pipoca tem aroma de alegria; o bolo da Marina tem cheiro de férias; o jasmim lembra os amigos; o cafezinho, encontros. Perfumes são fragrâncias de amor e liberdade. Carlos Drummond de Andrade, expressa, “... E tudo fica um pouco./Oh abre os vidros da loção/ e abafa/o insuportável mau cheiro da memória”.

Um cheiro muda tudo, principalmente, quando vem acompanhado de sabor de festa; tristeza e melancolia desbravam odores desagradáveis, que tento evitar na minha ordem dos dias, como demonstram os escritores Ivaldino Tasca, no conto Perfumes e Cheiros e, Pedro Du Bois, no poema, “sou quem traz as flores/buquê em mãos /palavras ditas / pétalas no chão/na emoção do abraço/ meras palavras /perfumando o caminho...”.

Questiono os aromas por que eles se revelam na densidade da vida e desvelam fantasias. Levam-me ao delírio ao me fazerem pensar que certas coisas são sempre iguais, como a dor da saudade e a emoção do encontro. Adriana Lima escreve que “Meu amor antigo / tem cheiro adocicado / da infância / fruta perfumada /de lembrança e/sem pressa de viver.// percebo desde então,/sofro por antecipação/sentindo o sabor da saudade/e o cheiro de jasmim limão...”; ainda, ressalto Fernando Sabino, com O Encontro Marcado, romance publicado em 1956.

Diante dos odores, observo as reações das pessoas, entusiasmadas ou não, que demonstram a verdade dos fatos na ilustração de suas vidas. Os aromas as influenciam e inspiram os escritores, principalmente os poetas, a ilustrarem a vida; o que me faz repetir: um cheiro muda tudo?

Data : 10/02/2019

Título : ARROGÂNCIA E IGNORÂNCIA

Categoria: Crônicas

Qualquer relacionamento se torna espontâneo quando cuidamos dele com carinho e honestidade diariamente; o que posso comparar com a manutenção de uma planta. Assim, as pessoas se envolvem e ficam à vontade para falar, porque não são simplesmente julgadas pelas palavras. Na soma descobrimos que podemos aproveitar para falar de qualquer assunto que acaricie os nossos sentidos e consciência, para termos ideias em grande estilo. Nas palavras de Mário Chamie, "... sabia apenas das palavras ocas / que entulhavam em sua estufa / o mofo da nossa ausência".

É necessário diferenciar de que o "falar por falar" se iguala à arrogância no "chutar" sobre assuntos desconhecidos. Não digo que é para sempre ter razão. Não! Ao contrário, o respeito mútuo nasce quando um confia no outro e, assim, há liberdade para compartilhar conhecimentos, sem arrogância. Para Luiz Coronel, "... os lábios tornam-se lâminas / e sangram as mais cotidianas / palavras". Também, encontro Jaguar com seu livro de cartuns, Ninguém é Perfeito. A ideia é garantir um relacionamento que faça diferença com ações que fortaleçam o dia a dia.

Com arrogância e ignorância não inovamos o jogo da vida e nem equilibramos as proporções do conhecimento. Manoel de Barros demonstra, com o Livro das Ignorâncias: "sou puxado por ventos e palavras".

O importante é inovarmos o padrão cultural, com o que nos permitiremos misturar as diferenças culturais, que isoladamente ninguém é ninguém, mas, juntos somos o todo.

Para Mario Quintana, "A ignorância rasa e simples é coisa honesta e conserva desanuviado o entendimento...", e Helena Rotta Camargo completa: "A arrogância se compara a um fole, e o arrogante, a um balão de gás".

Somos responsáveis pelas palavras e opiniões, delas depende a renovação do tempo em nosso futuro. Não é só questão de relação e sim de armazenar conhecimento para garantir a relação honesta, de vida longa. Na visão de Orson Welles, "Muchas personas están demasiado educadas para hablar con la boca ilena, pero nos lês preocupa hacer com la cabeza hueca".

Data : 19/12/2019

Título : ARROGÂNCIA ou IGNORÂNCIA

Categoria: Crônicas

Descrição: Qualquer relacionamento se torna espontâneo quando cuidamos dele com carinho e honestidade ...

Qualquer relacionamento se torna espontâneo quando cuidamos dele com carinho e honestidade diariamente; o que posso comparar com a manutenção de uma planta. Assim, as pessoas se envolvem e ficam à vontade para falar, porque não são simplesmente julgadas pelas palavras. Na soma descobrimos que podemos aproveitar

para falar de qualquer assunto que acaricie os nossos sentidos e consciência, para termos ideias em grande estilo. Nas palavras de Mário Chamie, "... sabia apenas das palavras ocas / que entulhavam em sua estufa / o mofo da nossa ausência".

É necessário diferenciar de que o "falar por falar" se iguala à arrogância no "chutar" sobre assuntos desconhecidos. Não digo que é para sempre ter razão. Não! Ao contrário, o respeito mútuo nasce quando um confia no outro e, assim, há liberdade para compartilharem conhecimentos, sem arrogância. Para Luiz Coronel, "... os lábios tornam-se lâminas / e sangram as mais cotidianas / palavras". Também, encontro Jaguar com seu livro de cartuns, Ninguém é Perfeito. A ideia é garantir um relacionamento que faça diferença com ações que fortaleçam o dia a dia.

Com arrogância e ignorância não inovamos o jogo da vida e nem equilibramos as proporções do conhecimento. Manoel de Barros demonstra, com o Livro das Ignorâncias: "sou puxado por ventos e palavras".

O importante é inovarmos o padrão cultural, com o que nos permitiremos misturar as diferenças culturais, que isoladamente ninguém é ninguém, mas, juntos somos o todo. Para Mario Quintana, "A ignorância rasa e simples é coisa honesta e conserva desanuviado o entendimento...", e Helena Rotta Camargo completa: "A arrogância se compara a um fole, e o arrogante, a um balão de gás".

Somos responsáveis pelas palavras e opiniões, delas depende a renovação do tempo em nosso futuro. Não é só questão de relação e sim de armazenar conhecimento para garantir a relação honesta, de vida longa. Na visão de Orson Welles, "Muchas personas están demasiado educadas para hablar con la boca ilena, pero nos lês preocupa hacer com la cabeza hueca".

Data : 19/10/2016

Título : ARTE da ESCOLHA

Categoria: Crônicas

Descrição: Nem sempre estamos dispostos a escolher entre isto e aquilo. Pensamos duas vezes antes de escolher, que é a ação...

Nem sempre estamos dispostos a escolher entre isto e aquilo. Pensamos duas vezes antes de escolher, que é a ação, a postura ou a palavra que podem deixar a vida em estado de ternura ou não.

As escolhas e as diferenças temperam a vida. As preferências, por vezes, são atitudes limitadoras, por isso, é fundamental perceber o que está ao nosso alcance e em nossas mãos, na maneira como reagimos. Pois, quando há equilíbrio na escolha é que começamos a entender a arte de viver. Cacaso reflete, "... Quero a palavra que traduza

/ a medicina dos anjos, / a virgindade anterior ao pensamento. / Quero a nuvem que me habita, / não / sua forma profanada”.

A arte da escolha está em examinar o que há de relevante em nossa vida; avaliar nossas opções, sem paixão, e indagar: o que está sendo decidido hoje? O que é certo para o momento? Cortar o cordão dos valores, ideais e sonhos, ou não? Ao nos reconhecer enfrentamos as verdadeiras intenções da nossa alma, como expressa Cláudio Schuster, “Não há tempo a perder / fica comigo / depois / é um tempo / que não existe / é um lugar triste / porque não é um lugar // depois / é o amanhã que não há // dói tanto / que nem sei / dói tanto / que esqueci”.

Vários são os momentos em que nossos instintos gritam por uma decisão, e nos fazem repensar por uma escolha melhor, mas, muitas vezes, o que nos falta são argumentos para nos defender da escolha tomada.

Na hora em que nos questionamos para definir o certo e o errado; o claro e o escuro; o sim e o não; deparamo-nos com situações misteriosas, onde nos escondemos. Para nossa ajuda escolhemos nos desarmar dos preconceitos e identificar não apenas o que somos, mas o que seremos. Assim, atuar de modo objetivo para fugir das crenças e mitos em relação ao novo caminho.

Na medida em que aceitamos encarar o novo com segurança, carinho, respeito e, principalmente, diálogo, estamos prontos para buscar as nossas respostas. Segundo Orides Fontela, “Nunca amar / o que não / vibra // nunca crer / no que não canta”.

Ao nos prender em convicções sólidas e amorosas, reconhecemos que a arte de escolher não é ilusão, mas, a força do nosso caráter, que nos assegura na hora de decisão. Assim, renovamo-nos e ocupamos o nosso espaço; fazemos a diferença entre os iguais, crescemos à sombra da escolha para alcançar a luz - no melhor sentido - que ainda nos aguarda em mistérios. Para Orides Fontela, “Esconder (esquecer) / a face // soterrar (ocultar) / a luz // escurecer o / amor / dormir. // Aguardar o que nasce”.

Desvendamos o novíssimo. Até que ponto escolhemos nosso destino? Estabelecemos relações com o silêncio? Com as lembranças, a saudade? Os questionamentos? Os sentimentos? Combatemos o que faz mal ao coração, para revigorar o tempo e acompanhar o nosso ritmo, porque sempre estamos em busca da arte da escolha. Segundo Orides Fontela, “Sempre é melhor / saber / que não saber. // Sempre é melhor / sofrer / que não sofrer. // Sempre é melhor desfazer / que tecer”.

Data : 19/10/2016

Título : ARTE da SIMPLIFICAÇÃO e a BELEZA da SIMPLICIDADE

Categoria: Poesia

Descrição: O ato ou efeito de simplificar é a simplificação. A forma simples ou natural de dizer ou escrever é a simplicidade...



O ato ou efeito de simplificar é a simplificação. A forma simples ou natural de dizer ou escrever é a simplicidade. O que não podemos é confundir a arte da simplificação com a beleza da simplicidade.

Sabe o que mais? Pergunto, por que gostamos de complicar quando podemos facilitar ao pensar com objetividade? Seria por que sentimos que em várias situações não há espaço para a sinceridade e a desafetação, como qualidade da simplicidade? Nas palavras de T.S.Eliot, "... deveria eu renunciar a um gesto e uma atitude. / Às vezes tais reflexões ainda assombam / A inquieta meia-noite e o tranquilo meio-dia".

Noto que perdemos tempo quando não usamos a arte da simplificação no cotidiano, que não tem sentido sonhar que o mundo está em nossas mãos. Precisamos perceber e admitir que um simples ato suspeito, e sem resposta, é capaz de decidir sobre como juntar as pedras do quebra-cabeça da vida no dia a dia. Helena Rotta de Camargo expressa, "A essência da arte se revela nas mais inusitadas situações... // Nos fatos mais corriqueiros, / assoma a essência da arte..."

Afinal, a forma simples e natural de dizer as coisas nos faz analisar as regras da vida, como se as palavras fossem o sentido único da nossa reflexão, sem acrescentar que o ato ou efeito da simplificação contém as proporções para podermos conversar sobre vários assuntos e nos apropriarmos dos sentidos, quando nos apresentamos com a riqueza da nossa consciência. Especialmente se nos sentimos fortes para ampliar as opiniões, razão para nos envolver com assuntos para o bem estar geral; como em Marilise B. Lech, "... quero versos com palavras comprometidas / Que iluminem a todos que deles possam se regozijar. / A esperança na palavra dita que mostra o mapa por onde / devemos andar".

Trocamos ideias, olhares cúmplices; guardamos segredos no momento em que a palavra grita por socorro ao fazermos uso da liberdade para apenas viver sem luxo, mas, com o conforto e a obrigação de manter a qualidade do viver e atender a nossa curiosidade como simples missão de dever cumprido. Nas palavras de Telmo Mário Dornelles Gosch, "...Concluímos sem demora, / Reconhecemos então, / Que simplicidade vigora, / No sopro da criação // A beleza é água singela, / A felicidade também, / Os simples as fazem bela... // Belo é o homem de palavra..."

Data : 19/10/2016

Título : ARTE e LINGUAGEM

Categoria: Crônicas

Descrição: Com certeza existe algum mistério entre os artistas e os poetas. Eles conseguem uma harmonia brilhante...

Com certeza existe algum mistério entre os artistas e os poetas. Eles conseguem uma harmonia brilhante. É o caso dos concretistas Augusto de Campos, na poesia, e Waldemar Cordeiro, nas artes plásticas.

Cordeiro foi líder e teórico do concretismo nas artes plásticas no Brasil. Sua amostra “Uma aventura da razão”, moldada pelo rigor construtivo, demonstra esse período. Do concretismo, o artista manteve o gosto pelas cores, o apuro pelas formas geométricas, o uso de sucata “Pop-cretos” e palavras impressas em cartazes, buscando os fundamentos e a linguagem da arte e o debate em torno do concretismo. Segundo arquiteta Rosa Kliassi: “Cordeiro foi quem iniciou o paisagismo em São Paulo, fazendo jardins concretistas na década de 50”.

Seu amigo, Augusto de Campos, escreveu que “Cordeiro sempre se preocupou em fazer com que suas especulações artísticas se vinculassem a projetos do interesse coletivo”.

É importante lembrar que Augusto de Campos é poeta concretista, e também trabalha em projetos de criações artísticas e poéticas, como: poemas – objetos e poemas pôsteres, resultando em exposições. Ele vai além do limite do texto, com a finalidade de alcançar a luminosidade, de fugir ao marasmo e expulsar o tédio do dia a dia. O poeta em certa época declarou-se pela abolição da palavra, a favor da concretude do poema.

Affonso Romano De Sant’Anna, disse: “... (a poesia concretista) emparedou toda uma geração, a partir de 1956.”

A concretude faz com que a palavra valha não só pela imagem literária, mas também pela sua forma. E, as combinações de Augusto de Campos & Waldemar Cordeiro, são harmoniosas e passam a pertencer à linguagem da arte que, paradoxalmente, fazem parte do mais importante dos movimentos, o concretismo da poesia e das artes plásticas brasileiras. Nas palavras de Pietro M. Bardi, “um pintor de talento é sempre um escritor”.

Data : 19/10/2016

Título : ARTE em MOVIMENTO I

Categoria: Crônicas

Descrição: Arte em Movimento é o encontro cultural entre a arte de pensar, de ler, de escrever e pintar. Os artistas e poetas trilham o caminho “das vitrines” e mantêm seus estilos próprios...

Arte em Movimento é o encontro cultural entre a arte de pensar, de ler, de escrever e pintar. Os artistas e poetas trilham o caminho “das vitrines” e mantêm seus estilos próprios, fazendo-nos fugir do lugar comum ao estimularem a sensação de bem estar como ferramenta para equilibrar e apaziguar o nosso dia a dia. Nas palavras de Max Martins, “Tu me lê / tu me vês / (talvez)...”

A arte de pensar tem movimentos que renovam a palavra, o gesto e o espírito. Segundo Jorge G. Cafruni, “A arte em geral, é ela a expressão ideal do sentimento... Só podemos dizer que uma obra literária é boa, quando ela nos prende e arrebatada, quando

nos faz vibrar de emoção.” E para Craci Dinarte, “... Escrever é minha voz / que fala no silêncio, / são os meus olhos / que veem no escuro...”

A arte de pintar nos dá a verdade transfigurada em cor e traços com múltiplos significados, onde o artista com criatividade transforma em imagens o que nos leva a compreender os fundamentos da obra. Miriam Postal, artista plástica, expressa, “A pintura, a Escultura, a Palavra são interligadas. A arte e a vida prática estão interligadas. A arte serve para a pessoa desenvolver sua própria capacidade. O importante é cada um buscar sua imagem”.

Arte em Movimento nos leva para as correntes da poética ao revelar onde podemos ver a marca da liberdade e do equilíbrio entre a percepção e a beleza das cores e das palavras.

Esse encontro permite o fluxo iluminante ao transmitir seus registros, que tocam tanto o coração, quanto a significação dos gêneros, proporcionando reflexão: percebemos o sentido da obra, buscamos a cumplicidade e alimentamos a alma. Na visão de Sandra K. Rorato, “A arte tem de deixar de ser vista apenas como ornamento, para ter um compromisso com a vida das pessoas e da humanidade... hoje, a arte é para ser vista e vivida”.

Arte em Movimento é desafio que resplandece com criatividade, sacudindo a mesmice do dia a dia. Ainda, revela a trajetória da criação e seus significados em momentos únicos, dando sentido à profundidade do instante no condensar aspirações e ao ganharmos ressonância, como demonstra Pedro Du Bois, “Na poesia / desenho // sentimentos em palavras... / o traço exhibe todas as curvas / carrega nas cores //... na poesia / rabisco // e o desenho se faz presente / nos olhos de quem vê”.

Data : 19/10/2016

Título : ARTE em MOVIMENTO II

Categoria: Crônicas

Descrição: “De quantas gotas se farão as águas...” (Ernani Rosas)

“De quantas gotas se farão as águas...”

(Ernani Rosas)

Águas são artes em movimento, representam mudanças de rumo na produção literária, como nos poemas de Carmen Presotto, “Vidrágua // Porque chove / Tudo é água / que empoça e embacia / Tudo é lágrima / que sublima, condensa e lava // Porque choro / Chovo mais que o céu / Transbordo-me / Parto palavras / Como se ossos se liquefizessem...” e de Lindolfo Bell, “Águas entre águas // Em outras águas. / As chamadas entreáguas. / Onde a dor liquefaz o homem e o derrama em lágrima / sobre a

própria face. //... Em águas / vindas de inesperadas vindimas da constatação / o homem se vê / no espelho das águas / e vê mais do que o espelho pode ver”.

São poemas em transição, isto é, suas águas têm movimentos que renovam a palavra, não as repetem e tem como característica a descontinuidade, passando pelo processo de transformação, mas sempre conservando sua unidade.

Digo que vão além do significado, que vão mais fundo, que são levados pelas correntes literárias mais avançadas. No entanto são transparentes ao significante como natureza poética.

Vejo nos poemas de Carmen e Lindolfo o compromisso para com a sensibilidade e, ao mesmo tempo, em textos despojados, revelam uma criação poética com questionamento no campo da estética e da linguagem.

A ponte entre eles são as águas pensadas como alvo, que contam através da poesia a trajetória dos momentos marcantes às margens da arte, como jogo de sons em que se pode sentir o desejo da liberdade, provocando modificações expressivas: concordo que há sempre movimentos de correntes subterrâneas – e subjacentes – que mantêm o equilíbrio entre a percepção e a beleza das palavras, mesmo que saturadas de significados.

No movimento das águas temos o encontro cultural entre fontes da poesia, capazes de condensarem as aspirações com que as palavras ganham ressonância em nossa memória. Nas palavras de Dora F. da Silva, “As águas do tempo refletem as paisagens da alma” .:

Data : 19/10/2016

Título : ARTE em MOVIMENTO III

Categoria: Crônicas

Descrição: “De quantas gotas se farão as águas...” (Ernani Rosas)

“De quantas gotas se farão as águas...”

(Ernani Rosas)

Águas são artes em movimento, representam mudanças de rumo na produção literária, como nos poemas de Carmen Presotto, “Vidrágua // Porque chove / Tudo é água / que empoça e embacia / Tudo é lágrima / que sublima, condensa e lava // Porque choro / Chovo mais que o céu / Transbordo-me / Parto palavras / Como se ossos se liquefizessem...” e de Lindolfo Bell, “Águas entre águas // Em outras águas. / As chamadas entreáguas. / Onde a dor liquefaz o homem e o derrama em lágrima / sobre a própria face. //... Em águas / vindas de inesperadas vindimas da constatação / o homem se vê / no espelho das águas / e vê mais do que o espelho pode ver”.

São poemas em transição, isto é, suas águas têm movimentos que renovam a palavra, não as repetem e tem como característica a descontinuidade, passando pelo processo de transformação, mas sempre conservando sua unidade.

Digo que vão além do significado, que vão mais fundo, que são levados pelas correntes literárias mais avançadas. No entanto são transparentes ao significante como natureza poética.

Vejo nos poemas de Carmen e Lindolfo o compromisso para com a sensibilidade e, ao mesmo tempo, em textos despojados, revelam uma criação poética com questionamento no campo da estética e da linguagem.

A ponte entre eles são as águas pensadas como alvo, que contam através da poesia a trajetória dos momentos marcantes às margens da arte, como jogo de sons em que se pode sentir o desejo da liberdade, provocando modificações expressivas: concordo que há sempre movimentos de correntes subterrâneas – e subjacentes – que mantêm o equilíbrio entre a percepção e a beleza das palavras, mesmo que saturadas de significados.

No movimento das águas temos o encontro cultural entre fontes da poesia, capazes de condensarem as aspirações com que as palavras ganham ressonância em nossa memória. Nas palavras de Dora F. da Silva, “As águas do tempo refletem as paisagens da alma”.

Data : 30/03/2015

Título : ARTE NAS RUAS

Categoria: Crônicas

Descrição: As ruas funcionam como cenário e palco para o artista expressar a sua arte.

As ruas funcionam como cenário e palco para o artista expressar a sua arte. É o local para chamar a atenção do público no sentido de mostrar pela arte a falta de oportunidade e a dificuldade em encontrar um lugar apropriado; Majela Colares revela, “A cada/passos /um/instante // passo /por /passo / uma estrada //... em passos/a cada /instante //lá vai/a /vida”.

O simples fato de ver alguém maquiado, mascarado e fantasiado, leva-me ao mundo da fantasia, onde tudo é possível de se imaginar, como em William Blake, “O mundo da imaginação é o mundo da eternidade”.

Ao assistir essa arte, penso num mundo de sombras, sons, surpresas, sustos e risos em que o artista, sem ter onde apresentar a sua criação incorpora ruas e sinaleiras para expor o seu trabalho em palco aleatório de luzes e cores, com ruídos surdos e áspera realidade. Com esforço, preocupação e desconforto ele personaliza a sua obra para atender as suas necessidades e aspirações, buscando caminhos inusitados em simples parcerias e encontros para representar e interpretar. Nas palavras de Maria de

Lourdes C. Mallmann, “Sob a roupa colorida /de pufes, tules, babados... vive um homem.../com sonhos acabados/ o coração ferido... e os planos despedaçados.// ...sob a pele do palhaço... bate um coração/ Um velho coração / Já não bate no compasso /mas o palhaço trabalha que o dinheiro é escasso...”

O artista, ciente da realidade em que se encontra e das dificuldades cotidianas, propõe-se ao cenário das ruas, que se torna o seu único palco. Na repetição dos dias, o seu local de trabalho, de onde retira o sustento, como mostram Luciano Diniz, em Poesia de Rua; Sérgio Capparelli, em Os meninos da Rua da Praia e Carlos A. Lima Coelho, com Cidadãos da Rua.

Na maioria das vezes, percebo que as pessoas não dão importância ao trabalho e nem concedem o crédito que o artista merece, como reconhecer a sua luta pela sobrevivência através da arte de viver. Maria de Lourdes Mallmann enfoca, “... É um grito de angústia e medo, de pura indignação/pela falta de justiça.../pelo descaso que existe dos homens deste País./Meu grito, só o vento ouve...se perde na imensidão. / Se acaba no marulhar das ondas que vêm e vão.../ Meu grito, só eu escuto”.

Hoje vejo a arte nas ruas como novo significado da realidade que o artista procura na busca pelo espaço para a realização de diferentes encaixes na arte de viver; e que a conquista acontece em seu íntimo. Penso que, para o meu grito de apoio ser ouvido, o melhor seria fazer a justa avaliação da realidade em que vivemos, questionando se somos tão dedicados, justos, conscientes e competentes como imaginamos ser.

Data : 19/10/2016

Título : ARTE para CRIANÇA

Categoria: Crônicas

Descrição: Visitando sebos na internet, encontrei a coleção Arte para Criança - edição de julho de 2003. E, como bem disse certa vez o poeta Cleber Teixeira...

Visitando sebos na internet, encontrei a coleção Arte para Criança - edição de julho de 2003. E, como bem disse certa vez o poeta Cleber Teixeira, “Um livro só ganha vida própria após transitar por um sebo”.

Arte para Criança é projeto de arte-educação, com o objetivo de homenagear o público infantil e retratar o esplendor por certas palavras, certas formas, certas cores. É um projeto que se preocupou em usar a linguagem infantil para a criança ampliar o conhecimento sobre as artes e vivenciar textos e imagens de maneira criativa. O mundo dos homens e suas artes, representados em livros, com a finalidade de unir a arte plástica com a literária.

A coleção é composta por vários volumes e desejo falar em especial do livro Navio Das Cores, onde se encontram gravuras de Lasar Segall, artista que espelha

sensibilidade e emoção através do seu trabalho. O livro foi escrito baseado na história da sua vida.

A história contada pelo escritor Moacyr Scliar configura o encontro do artista com o escritor e oportuniza ao leitor dialogar com o texto e a gravura e ainda penetrar naquele universo mágico.

O livro é um encanto: pintar e historiar são a melhor parte a ser vista e vivida, como em Scliar: "... Como a história que agora vou contar, a história do menino que adorava letras./ Ele as adorava desde muito pequeno./ Porque o pai trabalhava com isso, com letras./ Era copista./ Esta profissão, praticamente não existe mais./ Os livros são feitos em máquinas.// ... Como o pai, o menino queria desenhar letras./ E desenhava letras, desenhava muito bem, tão bem que o pai se admirava:/ - você copia tão bem quanto eu – dizia./ Mas então o menino descobriu que queria fazer mais do que copiar./ Ele queria desenhar.// ...E assim, desenhava, preto sobre o branco/ Também aprendeu a fazer gravuras./ E o menino estava descobrindo:/ dá para contar uma história falando./Dá para contar uma história escrevendo./ E dá para contar uma história, talvez toda a história de nossa vida, através de imagens..."

Moacyr Scliar, gaúcho de Porto Alegre e Lasar Segall, russo, de Viena, Lituânia, juntos nessa obra, incentivam a leitura ao oferecerem uma história rica em emoções e bela em gravuras.

Acredito que o contato com diferentes culturas contribui para o crescimento intelectual, despertando na criança que tudo é possível no reino da imaginação. Não importa qual a história que ela leia, as fantasias são exemplos para que a criança comece a entender o até então inexplicável. E, através da magia da leitura, descobrir o movimento fantástico da criação nessa Arte para Criança.

Data : 19/10/2016

Título : ARTE: DISCUSSÃO LITERÁRIA

Categoria: Crônicas

Descrição: Com certeza, passamos por transformações, mas, a questão da literatura ainda está arraigada entre o leitor e o escritor, fosse mera discussão literária...

Com certeza, passamos por transformações, mas, a questão da literatura ainda está arraigada entre o leitor e o escritor, fosse mera discussão literária, momento de abrir portas e manifestar a opinião. Dar som à voz para marcar a visão crítica da história.

A questão principal são os escritores que marcaram seus tempos e, por vezes, precisam ser resgatados para serem lembrados; porque ficam escondidos onde se reconhecem e se encontram consigo mesmos e com suas próprias histórias.

Ao juntar o prazer e o conhecimento, direciono o olhar para a porta, que está iluminada, eis que mostra o que ficou da mente de cada autor. Por exemplo, W. B. Yeats,

que marcou o seu tempo com a sua última prosa poética, Purgatória, no ano do seu falecimento, 1939. São textos que expõem seus ideais políticos, filosóficos e religiosos. A publicação desses textos na época foi como um “relâmpago” partido ao meio, pelas transgressões das expressões, que suas ideias continuam atuais. Por consequência, o sonho prosseguiu e permanece, tornando-se o cenário de expressões que se transformaram, no decorrer do tempo, em novas imagens. Yeats pergunta, “há alguém aqui além de nós?”

Diante da porta aberta, vejo a descoberta instalada entre diferentes formas de escrita. A imaginação passeia pelo tempo trazendo a diferença na vida que precisa ser abordada em novas releituras e, assim, criar situações que não roube o nosso “precioso” tempo.

O desejo de reler certa obra é ideia que costuma ficar no pensamento e, muitas vezes, faz parte da rotina no descobrir mais e mais sobre esse ou aquele escritor como, por exemplo, a poesia de Álvaro Moreyra, Roberto Piva, W. J. Solha, Orides Fontela e Leila Mícolis, que não fazem concessão aos argumentos e mostram suas “caras” através de estilos imersos no mundo dos sentidos. Assim, tenho a oportunidade de sentir o “tempero” de cada autor, descobrir os seus talentos que alimentam a minha imaginação.

Isto equivale dizer que, ao trazer de volta a discussão literária, trago a cena entre autores, textos e tempo, que marcaram seus círculos e o ulterior desenvolvimento da poesia ligado à visão crítica, já que eles descrevem as diferenças e plantam a inquietude como artefato na poesia e, com liberdade, deixam suas marcas onde o tempo se desdobra.

Isto é, ao resistirmos na impossibilidade, na tensão da vida prática, no desassossego das esperas, no movimento do trânsito e pararmos de perguntar sobre as horas, abriremos a porta que irá além do tempo, na possibilidade de pensar pela força da arte, conduzidos pelos sentidos como expressão última do autor. Comparo o ontem com o hoje, tenho consciência para me posicionar de maneira crítica e a liberdade para atravessar a porta e escolher quem quero ler. Se isso me deixa feliz, por que não fazer? Hoje, avalio o tempo onde a liberdade é “sonho” para ser espalhado pelo caminho das artes ao revelar o “simbólico” da vida. Ainda em Yeats, encontro que “... Portas se abrem, portas se fecham, / Noites vão, dias vêm; aqui e acolá, / Por montes e vales, eu carrego essa mala, / Ouvindo sua fala...”.

Data : 19/10/2016

Título : ARTE: EX-VOTOS

Categoria: Crônicas

Descrição: A arte estimula a introspecção e a reflexão, podendo levar à transformação. Na arte, pode-se curtir o instigante, o bom e o belo...



A arte estimula a introspecção e a reflexão, podendo levar à transformação. Na arte, pode-se curtir o instigante, o bom e o belo. Ela existe e está aqui para quem puder e quiser apreciar.

Olha-se para um lado, olha-se para o outro e diante do panorama que se descortina é oportuno salientar o artista plástico Antônio Maia, que nasceu em 1928, em Sergipe e viveu no Rio de Janeiro desde 1955, onde faleceu em 12 de julho de 2008. Foi pintor autodidata.

Maia foi um artista figurativo que sempre se preocupou em resgatar a iconografia popular do Nordeste e a transpor para o plano da arte erudita. Ele converteu suas pinceladas na captação da individualidade e da totalidade das pessoas, como reflexo da religiosidade.

Já no início da sua carreira procurou compor nas telas os símbolos religiosos e populares no Nordeste, com especial predileção pela figura do Ex-voto, em homenagem Pedro Du Bois compôs, “Ex-votos / agradecimento puro / dos incautos // Mas, e se houve / a cura? // Ex-voto / maneira pura / de agradecer o feito. // Mesmo que nada / tenha sido feito. // Ex-voto / exibir as peças / para os futuros / incautos”.

Sintonizado na crença popular, Antônio Maia retratou, em figuras estilizadas de cores puras e traços definidos, os Ex-votos, como proposta de que há algo além da dimensão humana, representado no agradecimento pela graça alcançada, levando-nos a refletir sobre a grandeza de se estar em comunhão com o divino.

Hoje, podemos ver Ex-votos confeccionados em cerâmica ou madeira, presentes em igrejas, como pagamento pelas curas, milagrosas, alcançadas.

Maia, em seus últimos anos, trabalhou a “humanização” dos Ex-votos em sua obra, com sentimento mais aproximado da verdade popular e, ainda, os apresentando em “colagens”, bem como passou a clarear e a refinar a sua pintura, inserindo-a no nosso cotidiano.

Ao bater os olhos na obra de Antônio Maia, principalmente nos Ex-votos, percebo as cores, a harmonia das formas, o ritmo dos traços e a sensibilidade lá revelada. Walmir Ayala escreveu que “Maia reflete, por vezes, na cor a oscilação espiritual do seu cotidiano, a humana contingência da percepção vivenciada”.

Segundo o crítico de arte, Geraldo Edson de Andrade, “Com sua morte, a pintura brasileira perde um intérprete que aliava a ingenuidade carismática da promessa, representada pelos ex-votos, ao lirismo poético de sua criação”.

Data : 08/12/2017

Título : ARTE: VOCAÇÃO E PAIXÃO

Categoria: Crônicas

Descrição: A arte de pensar. A arte de não pensar em nada, desperta a calma. Desperta o silêncio.

A arte de pensar. A arte de não pensar em nada, desperta a calma. Desperta o silêncio.

A arte de ler uma obra leva o pensamento ao coração. Deixa a imaginação ir e vir espontaneamente. Entregar-se de corpo e alma ao texto faz sentir o prazer tomar conta de nós. Concentrar-se é manter a expressão, sonhar o melhor, despertar.

A arte de escrever, fazer literatura, leva-nos a pensar sobre as “estrelas” das letras, que nos embalam no tempo. Respire fundo. Sinta a diferença: alguns literatos que nos provocam sensação de bem estar...

Castro Alves aos vinte e três anos escreveu O Navio Negreiro. O texto é marco do romantismo brasileiro. O mais célebre poema sobre a abolição. Foi o principal nome do período. Morreu aos vinte e quatro anos.

Raquel de Queiroz aos dezenove anos publicou O Quinze. O livro é uma das principais obras da literatura regionalista do Brasil.

Álvares de Azevedo morreu aos vinte e um anos e deixou centenas de páginas de poesia e prosa, que estão entre as mais importantes do romantismo.

Ferreira Gullar aos vinte e quatro anos publicou A Luta Corporal; com esse livro o poeta começou a busca da linguagem que desembocaria no concretismo.

José Saramago teve editado o seu primeiro romance importante aos cinquenta e quatro anos.

Essas artes reproduzem a cultura instalada e criada pelas “estrelas” das letras, e mantém certo poder de encantamento. Conforme Antônio Cândido, “A literatura é uma atividade sem sossego.”

Na arte da leitura encontramos, detalhadamente em seus livros, a produção de cada um deles que, por sua vez, influenciam e mapeiam a atual literatura, demonstrando vocação e paixão pela arte.

Tem coisas que não mudam; a paixão pela arte é uma delas; sinônimo de sentimento porque é como estar junto de quem nos faz bem. É estar na companhia de escritores e músicos. Sem sobressalto, curtimos os sons e as palavras, como nas sinfonias de Beethoven e, na literatura, a Sinfonia de Cores, de Helena Kolody ou na Sinfonia de Cores, de Fernando Andrade.

Essas referências ampliam o nosso horizonte e nos levam a confrontar gostos e opiniões; sair da rotina e experimentar outras sensações; aprendizados, que nos encorajam e ajudam abrir nossas mentes e as tornar criativa. Como em Luiz Felipe Loureiro Comparato, talentoso roteirista que, entre tantas produções, em 1983, escreveu o livro Roteiro, que o projetou culturalmente em muitos países. Seu livro é obra única no gênero. Foi editado em vários países da América Latina, na Espanha, na Itália e em Portugal.

Sempre um produto de suporte às minisséries, escrito devido à experiência que o autor teve na área: Lampião e Maria Bonita, Malu Mulher, Plantão de Polícia, Carga Pesada e O Tempo e o Vento.

Para Comparato, no Brasil, não só para sobreviver, mas, para manter o padrão de vida é necessário trabalhar quatro ou cinco vezes além da sua capacidade. No

exterior é diferente, as pessoas se envolvem durante quatro meses com um roteiro e, nos outros oito meses, estuda, lê e recompõe suas forças para o próximo trabalho.

A primeira produção de Comparato no exterior foi em parceria com Gabriel Garcia Marquez, com o original do escritor colombiano, “Alugam-se Sonhos”. Também, trabalhou no roteiro de “O Homem que Descobriu o Paraíso”, programa especial para a televisão soviética sobre a expedição de Langsdorff ao Brasil.

Comparato diz, “Gosto mais de escrever para o teatro. O desafio é maior. Você tem o desafio do espaço e o desafio do tempo. Você pode delirar...”

Essa sabedoria é intensa, quando na arte vivemos a intensidade de como ele mexe com o nosso olhar e pensamento e, ainda, sobre o efeito, sobre nós, da sua vocação e paixão pela cultura.

Data : 19/10/2016

Título : ARTE: VOCAÇÃO e PAIXÃO

Categoria: Crônicas

Descrição: A arte de pensar. A arte de não pensar em nada, desperta a calma. Desperta o silêncio. A arte de ler uma obra leva o pensamento ao coração...

A arte de pensar. A arte de não pensar em nada, desperta a calma. Desperta o silêncio.

A arte de ler uma obra leva o pensamento ao coração. Deixa a imaginação ir e vir espontaneamente. Entregar-se de corpo e alma ao texto faz sentir o prazer tomar conta de nós. Concentrar-se é manter a expressão, sonhar o melhor, despertar.

A arte de escrever, fazer literatura, leva-nos a pensar sobre as “estrelas” das letras, que nos embalam no tempo. Respire fundo. Sinta a diferença: alguns literatos que nos provocam sensação de bem estar...

Castro Alves aos vinte e três anos escreveu O Navio Negreiro. O texto é marco do romantismo brasileiro. O mais célebre poema sobre a abolição. Foi o principal nome do período. Morreu aos vinte e quatro anos.

Raquel de Queiroz aos dezenove anos publicou O Quinze. O livro é uma das principais obras da literatura regionalista do Brasil.

Álvares de Azevedo morreu aos vinte e um anos e deixou centenas de páginas de poesia e prosa, que estão entre as mais importantes do romantismo.

Ferreira Gullar aos vinte e quatro anos publicou A Luta Corporal; com esse livro o poeta começou a busca da linguagem que desembocaria no concretismo.

José Saramago teve editado o seu primeiro romance importante aos cinquenta e quatro anos.

Essas artes reproduzem a cultura instalada e criada pelas “estrelas” das letras, e mantêm certo poder de encantamento. Conforme Antônio Cândido, “A literatura é uma atividade sem sossego.”

Na arte da leitura encontramos, detalhadamente em seus livros, a produção de cada um deles que, por sua vez, influenciam e mapeiam a atual literatura, demonstrando vocação e paixão pela arte.

Tem coisas que não mudam; a paixão pela arte é uma delas; sinônimo de sentimento porque é como estar junto de quem nos faz bem. É estar na companhia de escritores e músicos. Sem sobressalto, curtimos os sons e as palavras, como nas sinfonias de Beethoven e, na literatura, a Sinfonia de Cores, de Helena Kolody ou na Sinfonia de Cores, de Fernando Andrade.

Essas referências ampliam o nosso horizonte e nos levam a confrontar gostos e opiniões; sair da rotina e experimentar outras sensações; aprendizados, que nos encorajam e ajudam abrir nossas mentes e as tornar criativa. Como em Luiz Felipe Loureiro Comparato, talentoso roteirista que, entre tantas produções, em 1983, escreveu o livro Roteiro, que o projetou culturalmente em muitos países. Seu livro é obra única no gênero. Foi editado em vários países da América Latina, na Espanha, na Itália e em Portugal. Produto de suporte às minisséries, escrito devido à experiência que o autor teve na área: Lampião e Maria Bonita, Malu Mulher, Plantão de Polícia, Carga Pesada e O Tempo e o Vento.

Para Comparato, no Brasil, não só para sobreviver, mas, para manter o padrão de vida é necessário trabalhar quatro ou cinco vezes além da sua capacidade. No exterior é diferente, as pessoas se envolvem durante quatro meses com um roteiro e, nos outros oito meses, estuda, lê e recompõe suas forças para o próximo trabalho.

A primeira produção de Comparato no exterior foi em parceria com Gabriel Garcia Marquez, com o original do escritor colombiano, Alugam-se Sonhos. Também, trabalhou no roteiro de O Homem que Descobriu o Paraíso, programa especial para a televisão soviética sobre a expedição de Langsdorff ao Brasil. Comparato diz, “Gosto mais de escrever para o teatro. O desafio é maior. Você tem o desafio do espaço e o desafio do tempo. Você pode delirar...”

Essa sabedoria é intensa, quando na arte vivemos a intensidade de como ele mexe com o nosso olhar e pensamento e, ainda, sobre o efeito, sobre nós, da sua vocação e paixão pela cultura.

Data : 25/04/2017

Título : AS APARÊNCIAS ENGANAM

Categoria: Crônicas

Descrição: Não se enganem com as aparências. São formas para executar ações como ferramenta e estratégia e alçar maiores voos.

“... Eu não sei o que dizer / Para quem ganhou beleza. / Mas pergunto: o que vais fazer / Se a idade te inundar a Alma de tristeza” (Getúlio Zauza)

Não se enganem com as aparências. São formas para executar ações como ferramenta e estratégia e alçar maiores voos. Um mundo de fato igualitário é aquele onde pensamos os impasses: meias verdades ditas como fatos e preconceitos. Nas palavras de Helena Rotta de Camargo, “Os padrões de beleza, tão divergentes na cultura dos povos, comprovam a debilidade dos nossos conceitos e definições”.

Tão extensa quanto a vida, a beleza é marcada por profundos contrastes e comparações sobre a aparência pessoal. A beleza ou a feiura podem estar expressas em diversas tonalidades e, mesmo assim, é difícil agradar a todos os gostos. Gilberto Cunha, no ensaio O Preço da Opinião, escreve que, “expor aquilo que pensa sobre determinado assunto, envolve, quase sempre, uma visão pessoal do mundo, conceitos, prévios, juízo de valor, princípios doutrinários e -... também um pouco de presunção...”

Dizer que este ou aquele é feio, é julgamento cruel, dramático e vazio; atitude inquieta e preconceituosa, pois, as aparências enganam. Falta autocontrole que assegurem impiedosos palpites que fazem sobrar e ultrapassar a barreira do bom senso; como encontro em Carlos Trigueiro, no livro O Clube dos Feios e outras Histórias, “Não há discriminação mais vil do que a estética...”.

Aqui e ali vejo pessoas que consideram o “bonito” e criam formas de menosprezo ao “feio”; assim, expressam poderes sobre os outros expondo suas fragilidades, como o absurdo da notícia de que a Estátua de Nossa Senhora de Caravaggio, em Farroupilha (RS), será trocada porque a população julgou a imagem “feia”. Será que julgar a aparência na imagem não seria a nossa resistência? Será que as pessoas que atazanam com seus pré-julgamentos sobre as aparências estariam exorcizando suas desvalias?

O pior é que essas meias verdades sobre a aparência ditam diferenças estéticas e rotulam as pessoas no revelar a prepotência dos “ditadores da moda”, sem a correta perspectiva e, sobretudo, sem qualquer substrato que realce a verdadeira beleza. Carlos Higgie retrata no conto Cara a Cara, “...Não consegui aceitar aquele nariz feio, que eu imaginava perfeito...”

Dois espelhos estavam destruindo meus sonhos, minhas mais secretas ilusões...”

Nessa perspectiva indago de que belezas estão falando?

Da aparência da “bela” e a “fera”? Da beleza cultural ou social?

Nilto Maciel demonstra, “... Turma maravilhosa, alegre, inteligente: Severiano... apesar de baixinho, moreno, narigudo, magrinho, exercia sobre nós grande influência...”.

As meias verdades inviabilizam, sem necessidade, os sonhos de muitos que são marcados pelo preconceito das diferenças na aparência estética. A alusão de conceitos como forma de procedimento é trama empregada para julgar a aparência do outro, que passa pelos valores e necessidade de cada um. Por sua vez, as variantes em função do conceito de beleza são identificadas pelo olhar sábio da vida, no desejo de definir os encantos e o projeto vivencial das pessoas. Segundo Billy Blanco, “Feiura não é nada // ...Tem fé em Deus que tua feiura não é nada, / Gente mais feia encontrou marido, / Enquanto a bonita ficou encalhada! // ... Já vi gente mais feia que tu, / Ser elegante...”

O tempo traz o descompasso no traduzir o árduo mundo da beleza, que tem vento salgado e sopra sobre nós sem sentido ao conspirar contra a aparência, como demonstra Helena Rotta de Camargo, “Outrora, a beleza feminina não passava de um predicado, a que toda mulher aspirava. Hoje, transformou-se numa religião, obrigatória, quando não obsessiva”.

A vida mistura o pó do tempo e, muitas vezes, colho flores pelo caminho, quando ligo o sentimento à existência, como limite de vida; encontro a beleza no olhar, gestos, palavras e no coração; percebo e concebo, de forma simbólica, que as aparências enganam; que beleza “não bota mesa” e que “bonito é o que lhe parece”, revelando o mistério que consiste em valorizar a mente antes do corpo.

Acredito que o sorriso sincero, o carinho e a tolerância, em meio ao confronto, são capazes de alterar, por completo, o conceito de beleza. Não existe perfeição, mas, apenas o sonho vinculado à realização e à felicidade. Só com a razão posso ver a beleza de cada um, como em Tunai e Sérgio Natureza, “As aparências enganam / Aos que odeiam e aos que amam / ... As labaredas e as brasas são / O alimento, o veneno ... / A recordação / Dos tempos idos de comunhão / Sonhos vividos de conviver...”

Data : 03/06/2017

Título : As Certezas

Categoria: Crônicas

Descrição: Acabou a incerteza. Pergunto, tem certeza?

Acabou a incerteza. Pergunto, tem certeza? Momentos de (in)certeza quem não os tem? Pedro Du Bois retruca, “Quem me traz / a dúvida / nesses tempos de plenas certezas?” O poeta diz que as suas dúvidas são as certezas que os outros trazem em letras ordenadas e imagens desordenadas, para que o sonho mostre sua face.

Segundo Orides Fontela, “O duro / impuro / labor: construir-se”. Construimos vidas nas certezas onde contracenamos com o cotidiano e suas surpresas que deixam os corações aos pulos quando a dúvida persiste. Nas palavras de Luiz Delfino, “... eu tenho medo, sim! eu que amo tanto, / De me enganar: / Que meus olhos mintam mesmo o pranto / Minta o chorar...”

Temos a certeza do caminho e a dúvida da hora e do tempo que desperta e, ao mesmo tempo, prende-nos em destinos: direitos e deveres, família e amantes, liberdade e vontades. A liberdade de tomar os remédios, ligar o som, fazer uma oração, abrir a janela, levar o lixo, fechar a porta... A dúvida em guardar o retrato ou rasgar o retrato. São ações que nos leva a certeza de optarmos pelos sentidos, pelo amor e para restaurar a solidão. Ao exprimirmos nossos gritos aos nossos ouvidos, com certeza teremos o homem e suas faces. Como em Wesley O. Collyer, “Vontade de desabafar. / De falar

das coisas erradas, / das que quero concertar. // Vontade de me rebelar / De achar uma solução para tudo / De me encontrar...”

A certeza demarca a vida, mostra o trajeto traçado em palavras, onde escutamos o barulho passando sobre as cabeças, e isto nos permite que a via passe e nós permaneçamos apenas acompanhando o caminho. Pedro Du Bois, diz que “...as notícias desdizem / os fatos: em afagos / relembro caminhos / intransitáveis”. No fundo a certeza é como o silêncio que rasga o tempo em horas de novas despedidas que, trazidas pelo vento, absorve a existência das incertezas, como mostra o livro *A Incerteza da Vida*, também de Du Bois.

A certeza sucede o ato de entendimento ao construir a imagem do homem e sua vida, como fato e/ou grito da atenção. Vista em expressão, surpreendemo-nos e nos envolvemos pelas vozes da caminhada e o teor das entrelinhas. Júlio Queiroz expressa, “Tão fáceis farias sempre os dias / Se fosses a certeza garantida, /... e os retratos guardados com desvelo...”

As certezas da vida nos levam a mais (in)certezas da existência, porque consistem em liberar as palavras nas mudanças da realidade, como o texto de 1984, escrito para a revista *Isto É*, por Mario Quintana, sobre *A luta amorosa com as palavras*: “...Prefiro citar a opinião dos outros sobre mim. Dizem que sou modesto. Pelo contrário, sou tão orgulhoso que nunca acho que escrevi algo à minha altura. Porque poesia é insatisfação, um anseio de auto-superação. Um poeta satisfeito não satisfaz. Dizem que sou tímido. Nada disso! Sou é caladão, introspectivo. Não sei por que sujeitam os introvertidos a tratamentos. Só por não poderem ser chatos como os outros ?”

Quando achamos que temos todas as certezas, a vida vem e muda as (in)certezas: as respostas viram novas perguntas...

Data : 30/03/2015

Título : AS CERTEZAS

Categoria: Crônicas

Descrição: Acabou a incerteza. Pergunto, tem certeza? Momentos de (in)certeza quem não os tem? Pedro Du Bois retruca, “Quem me traz / a dúvida / nesses tempos de plenas certezas?”

Acabou a incerteza. Pergunto, tem certeza? Momentos de (in)certeza quem não os tem? Pedro Du Bois retruca, “Quem me traz / a dúvida / nesses tempos de plenas certezas?” O poeta diz que as suas dúvidas são as certezas que os outros trazem em letras ordenadas e imagens desordenadas, para que o sonho mostre sua face.

Para Orides Fontela, “O duro / impuro / labor: construir-se”. Construimos vidas nas certezas onde contracenamos com o cotidiano e suas surpresas que deixam os corações aos pulos quando a dúvida persiste. Nas palavras de Luiz Delfino, “... eu tenho medo,

sim! eu que amo tanto, / De me enganar: / Que meus olhos mintam mesmo o pranto / Minta o chorar...”

Temos certeza do caminho na dúvida da hora e do tempo que desperta e, ao mesmo tempo, prende-nos em destinos: direitos e deveres, família e amantes, liberdade e vontades. A liberdade de tomar os remédios, ligar o som, fazer a oração, abrir a janela, levar o lixo, fechar a porta... A dúvida em guardar o retrato ou rasgar o retrato. São ações que nos levam à certeza de optarmos pelos sentidos, pelo amor e para restaurar a solidão. Ao exprimirmos nossos gritos aos nossos ouvidos, com certeza, teremos o homem e suas faces. Como em Wesley O. Collyer, “Vontade de desabafar. / De falar das coisas erradas, / das que quero concertar. // Vontade de me rebelar / De achar uma solução para tudo / De me encontrar...”

A certeza demarca a vida, mostra o trajeto traçado em palavras, onde escutamos o barulho passando sobre as cabeças, e isto nos permite que a vida passe e nós permaneçamos apenas acompanhando o caminho. Pedro Du Bois diz que “...as notícias desdizem / os fatos: em afagos / relembro caminhos / intransitáveis”. No fundo a certeza é o silêncio que rasga o tempo em horas de novas despedidas que, trazidas pelo vento, absorvem a existência das incertezas, como mostra o livro *A Incerteza da Vida*, também de Du Bois.

A certeza sucede o ato de entendimento ao construir a imagem do homem em sua vida, como fato e/ou grito da atenção. Vista em expressão, surpreendemo-nos e nos envolvemos pelas vozes da caminhada e o teor das entrelinhas. Júlio Queiroz expressa, “Tão fáceis farias sempre os dias / Se fosses a certeza garantida, / ...e os retratos guardados com desvelo...”

As certezas da vida nos levam a mais (in)certezas da existência, que consistem em liberar as palavras nas mudanças da realidade, como o texto de 1984, escrito para a revista *Isto É*, por Mário Quintana, sobre *A luta amorosa com as palavras*: “...Prefiro citar a opinião dos outros sobre mim. Dizem que sou modesto. Pelo contrário, sou tão orgulhoso que nunca acho que escrevi algo à minha altura. Porque poesia é insatisfação, um anseio de auto-superação. Um poeta satisfeito não satisfaz. Dizem que sou tímido. Nada disso! Sou é caladão, introspectivo. Não sei por que sujeitam os introvertidos a tratamentos. Só por não poderem ser chatos como os outros ?”

Quando achamos que temos todas as certezas, a vida vem e nos muda em (in)certezas: respostas viram novas perguntas...

Data : 02/01/2013

Título : AS MÃOS

Categoria: Crônicas

Descrição: Sabe o que está escrito na sua mão? Orides Fontela, responde: ?Leio / minha mão / único livro?. Os poetas dentro do processo criativo contextualizam ?as mãos? como desafio,



Sabe o que está escrito na sua mão?

Orides Fontela, responde: “Leio / minha mão / único livro”.

Os poetas dentro do processo criativo contextualizam “as mãos” como desafio, desenvolvendo um olhar afetuoso e captando a essência atemporal da palavra, com a finalidade de desvendar esse poder absoluto que as mãos exercem sobre nós. Nas palavras de Jorge Tufic, “Para / Fernando Pessoa / os símbolos / não são você / nem ninguém. / São a noite interna / o dormir acordado. / Símbolos. / As mãos, por exemplo: / Quem são elas?”

As mãos constituem a individualidade no sentido da existência e, ao as vivenciarmos, encontramos os gestos declarados: mãos que guardam o tempo, mãos frias e quentes, mãos estendidas e recolhidas, mãos que arremessam e acenam, mãos que ajudam, mãos para trás negando o contato e renegando o gesto, mãos carinhosas e amigas, as mãos do carrasco, mãos lidas pelas ciganas, mãos calejadas, mãos trêmulas e a Mão Única, de Orides Fontela: “é proibido / voltar atrás / e chorar.”

As mãos revelam os gestos e descrevem os diferentes processos que vão da aprendizagem à liderança e da tristeza à alegria. Elas, ainda, representam a confiança nas relações pessoais, promovendo a emoção, como em Carmen Presotto, “Há mãos / que ao contar poemam / escrevem no tempo / libertam amarras / reúnem amizades / e dão às letras liberdade...” Também são retratadas no homem que sofre, quando lança mão de um amor, como o livro *As Mãos em Cena* de Pedro Du Bois: “De você / tive a mão / na condução / da vida // ávida como são as diferenças / troquei sua mão / pela minha / e me fiz / sozinho // tenho minha mão interrompida / no momento em que larguei a sua...”

Ao andar por esse caminho, me instiga pensar o que significam para os poetas, nos dias de hoje, as mãos que os tocam; seriam elas que dão a beleza e a força? Benedito Cesar Silva nos mostra que “Desço as mãos sobre seu corpo, / Incorporando-o ao meu. / Na dualidade das partículas em atrito / fazemo-nos um”.

Percebo que a influência das mãos é manifestada através de expressões que estão presente no nosso dia a dia, como dar com uma mão e retirar com a outra, passar de mão em mão, estar de mãos atadas, ganhar de mão beijada, pedir a sua mão, não abrir mão de, “... Não abrirei mão de arrancar as estacas, / de ampliar horizontes e o que se faça, / para enraizar e frutificar sonhos!”, nas palavras de Benedito Cesar Filho. O interessante é que o homem em sua essência continua o mesmo, o que muda são as circunstâncias que na linguagem poética tem a liberdade de buscar novos e simbólicos temas, que o poeta escreve com pluralidade de significados, deixando a linguagem viva, como em Armindo Trevisan, “Antes que a romã / escancare as portas / do dia / beijo-te as mãos” .

Essa liberdade que pensamos ser verdadeira e alcançada pelos poetas, talvez seja apenas mais um dos segredos da motivação com que eles apontam uma nova maneira de produção. Ao desvendar esse poder é preciso manter como tema o sonho da conquista; buscar no pensamento as impressões baseadas nas razões e nos sentidos, como percurso de comunicação. Na visão de Carmen Presotto, “Há mãos que ao contar / amam no tempo em que vivem / e por isso, trabalham, dobram espaços, / lutam e transformam horizontes...”

Data : 30/12/2012

Título : As Mudanças e as Lembranças: Cientistas no Divã

Categoria: Crônicas

Descrição: Mudança e lembrança são palavras de que gosto muito. São significantes, porque sendo inevitável lembrar que o livro é patrimônio cultural, logo sinto que ler é desejo que gera a mudança e, ainda, faz-me entender a situação da fala e escrita do autor.

Mudança e lembrança são palavras de que gosto muito. São significantes, porque sendo inevitável lembrar que o livro é patrimônio cultural, logo sinto que ler é desejo que gera a mudança e, ainda, faz-me entender a situação da fala e escrita do autor. Então, vivo cada minuto desvendando verdades ocultas ao ler os ensaios de Gilberto R. Cunha, em Cientistas no Divã. É livro com o potencial de um universo sem fronteiras, onde o autor utiliza-se da realidade para apresentar suas impressões sobre o mundo.

Saliento as lembranças e mudanças para demonstrar cada passo e ação do escritor que não para de propor novos questionamentos e reflexões ao leitor.

Lembrança: Gilberto Cunha não escreve sobre o que não sabe. Gaúcho, agrônomo e pesquisador é o autor do livro Cientistas no Divã, de 2007.

Mudança: ele é a porta de entrada no mundo da ciência, como construção cultural, através da coletânea onde seus ensaios conversam com o leitor sobre os sentimentos que, segundo o autor, muitas vezes, prevalecem sobre a razão. Gilberto faz questão de mostrar uma realidade científica com seus fatos relacionados e fundados em descobertas, como diferencial para a reflexão e a interpretação do leitor. “Entre os maiores desafios dos seres humanos estão compreender os sentimentos, falar sobre os sentimentos e manipular os sentimentos.”

Lembrança: Gilberto Cunha se converte em personagem com ideias e provocações ao narrar textos recheados de temas agrários e os comparar ao “amor sem limites”, isto é, escreve sobre a emoção que fala mais alto do que a razão, podendo impedir a nítida visão dos acontecimentos. Ainda, alerta em Ética na Agricultura que estamos diante de nova era agrícola.

Com estilo envolvente, em Teoria da Fome, retrata a realidade que, até hoje, se sabe triste, como refletida por Norman Borlaug, quando de visita à Passo Fundo, “as pessoas famintas se tornam pessoas raivosas; elas não compram alimentos, elas compram armas”.

Mudança: Gilberto pergunta, “Como produzir alimentos em quantidade suficiente e garantir que todos tenham acesso indistinto aos mesmos? Ele mesmo responde que,

“... assegurar o direito a uma alimentação de qualidade para todos...vai ter de contar com o envolvimento de toda a sociedade, uma ampla mobilização.”

Para defender a tese de que, mesmo num mundo de incompreensão entre os sentimentos, as contradições e o sistema político, o autor registra credos diferentes, nos ensaios: “Razão & Fé”; “O preço da Opinião”; “Que é vida?” e “Que é um intelectual?”, que estão a um passo da nossa reflexão ao nos engrandecer com sua análise crítica dos fatos.

Lembrança: Gilberto Cunha é escritor que contextualiza a época em que o mundo se preocupa, tão somente, com a provocação entre as diferenças e a não busca pela essência da vida com qualidade.

Mudança: Nesse cenário literário, vê que o mundo não é tão civilizado como se pensa ao se manifestar nas relações cotidianas: “processo de mutação que cria o novo e destrói o velho.” Nas palavras de Schumpeter, “Ninguém se destaca a não ser que faça diferença na vida das pessoas”. Com certeza, Gilberto Cunha se destaca como marco, em razão do que apresenta em sua obra: a naturalidade de uma conversa que, em seus textos, nos aproxima da razão em relação à obra impecável, na forma e conteúdo e na qualidade literária.

Lembrança: Cientistas no Divã reflete o tempo como lembrança e a consciência da visão, na preocupação para com o futuro e no transfigurar e transgredir a realidade como mudança.

Data : 05/02/2015

Título : AS SOMBRAS LUMINOSAS

Categoria: Crônicas

Descrição: Cada escritor tem seu gesto, cada poeta tem seu ritmo ao colocar as palavras em movimento...

As Sombras Luminosas, 1º lugar no Prêmio Cruz e Souza, em 1991, de Ruy Espinheira Filho, onde encontro que “...Ninguém. E nada. E nunca. / Na distância, ... / me aquecem de seu azul. / O que respiro é ontem...”

Cada escritor tem seu gesto, cada poeta tem seu ritmo ao colocar as palavras em movimento, e Ruy, em As Sombras Luminosas, com linguagem lírica, nos faz sentir o branco sol presente na noite em que as sombras se transformam em misteriosas luzes: sonhos? Talvez.

Às vezes, em meio à nossas vidas, assomamos a sombra e as cores, como em Clauder Arcanjo, “Tentei-a em tons ocre, / o tempo pardo não a quis./ Pinte-i-a em laivos

verdes, / A natureza, assim, não o bendiz. / Salpiquei-a, então de aluvião de luz. / Mas, serena a paisagem prometida.../ Tão só na fina memória (gesta)reluz” e Pedro Du Bois, “A cor/ condensa / o sentimento//...- somos cores/ divididas.” A sombra é tal o envelope que se abre para a vida ao admirarmos a tela de Benedito Luigi, porque o brilho se reflete nos olhos.

Nascem no jogo de luzes, na união das cores, os nossos traços, as partidas ou uma explicação para o que os olhos vêem? Vera Casa Nova e Flávio Boave, respondem em seu livro Sombraluz – fragmentos.

Lima Coelho pinta em sua Aquarela de Sonhos, iluminando os sentimentos, “... Agita-me o pulsar do coração.../ em mim brotam sensações diversas / vindas da correnteza do vento / Que ao tocar-me ficam dispersas //... São assim os meus momentos / Em mundos cheios de cores / Onde pinto a aquarela dos sonhos”.

Nas luzes não encontramos limites, que elas não entram em conflito com as sombras. Diria que depois do sol se erguer, a flor do mundo se encontra em nós. Oculta ou não se lança em cores no escuro da sombra, sob o obscuro que guarda a luz interior e que no alado avesso a deixa escapar em luzes vãs.

Há o ser sobre o qual nenhuma cor, luz, sombra e texto versam como no poema de Carmen Presotto, “dou às costas à luz / ângulo de vidro / traio as sombras...// sonho em preto e branco.” E Alexei Bueno lembra que “... somos as bolhas de sabão / que a criança sopra, somos arca / Ricas de sombras, as nossas marcas / De nascimento dizem: não...”, ao que Amós Oz completa, “... a metade / iluminada do globo terrestre se arrasta, exausta, para a sombra / enquanto a metade escura tateia sua primeira réstia de luz.”

Data : 25/01/2016

Título : atrás da PORTA

Categoria: Crônicas

Descrição: A porta possibilita a entrada e a saída, a liberdade e a privacidade.

A porta possibilita a entrada e a saída, a liberdade e a privacidade. Ela abre para os problemas e fecha para a alegria, abre para o calor e fecha para o frio.

Percebo como a porta é importante em minha vida. Mesmo sendo apenas uma porta ela é companheira no dia a dia. Como posso ir ao banheiro, que exige privacidade, sem a existência da porta? Estaria exposta, sem a menor chance de uma vida respeitosa. E tantos outros momentos importantes no meu cotidiano. Como escreveu Jorge Luis Borges: “ ...como nos sonhos atrás das altas portas não há nada nem sequer o vazio.”

A porta de madeira, vidro ou metal permite o gesto que me diferencia nas necessidades e oportunidades. Meu coração é porta aberta para os amigos sinceros.

Não bato a porta. Ela faz parte do meu viver e não tem vida para compreender os sentimentos, não tem discernimento para decidir o que é melhor para mim. É apenas uma porta!

Sem ela, como seria? Uma vida sem eira nem beira; sem sal e açúcar, sem amor e desamor, sem sonhos misturados à minha realidade.

Atrás da porta posso preservar a intimidade, o amor, o sonho e resguardar o sexo realizado, a leitura sossegada, o medo guardado e o calor assegurado; se escondem e se mostram alegrias, desejos, tristezas e o meu Sol quando leio e escuto algo atrativo, como em Adriana Calcanhoto e Jorge Salomão, em Sudoeste, "...Tenho por princípios / nunca fechar portas / mas como mantê-las abertas / o tempo todo / se em certos dias o vento / quer derrubar tudo?".

Data : 19/10/2016

Título : AUTÓGRAFOS

Categoria: Crônicas

Descrição: Estava lembrando como os escritores e leitores, na sessão de autógrafos, se reconhecem; há lealdade, liberdade e apoio entre eles.

"... Preto / no branco / pretexto / as linhas meditam / Me ditam e assinam.." (Max Martins)

Estava lembrando como os escritores e leitores, na sessão de autógrafos, se reconhecem; há lealdade, liberdade e apoio entre eles. É um processo específico, porque ambos procuram e acreditam na cultura, na criatividade e na emoção ao pegarem o livro nas mãos. Como demonstra Pedro Du Bois, no conto Autógrafo, "Livros usados. Sebo. Carinhosa forma como entendemos ficarem os livros após o primeiro manuseio. Sebos. Lustrosos da gordura e do suor desprendidos das nossas mãos e dedos. O hábito de molhar o dedo na língua para virarmos as folhas. Hábitos salutaros de leitura...".

O autógrafo é maneira privilegiada de estabelecer conexão com o autor / obra / leitor. Com isso, o desejo voluntário de se adaptar a novas escritas, ideias e tempos. É através das novidades que se adotam novas atitudes onde há liberdade e possibilidades de existência, na representação do nosso conhecimento e sabedoria.

Acredito que nos encaminhamos para sermos "pessoas universais", pois, ingressamos nas áreas tradicionais e históricas como conceito, ao percebemos o poder do enriquecimento cultural.

Pedro Correa do Lago é colecionador de autógrafos desde os 13 anos. Também é rato de sebo e leilões, também, autor do livro Documentos Autógrafos Brasileiros na Coleção Pedro Correa Lago. A obra apresenta pequena amostra da sua coleção, sendo

tida como a maior do gênero no Brasil. Ele gosta de ter o autógrafo, como se nele estivesse um pedaço do autor; senti-lo ao passar a mão e pousar os olhos onde estão as palavras de alguém importante, ou de quem já morreu; valorizando o papel autografado, sente que invade outra vida e outro tempo.

Colecionadores são chamados de caçadores de autógrafos, pois perseguem o critério de raridade na obra colecionada. Quanto mais rara, mais valiosa. Outra característica do colecionador é que, para ele, o documento autografado é um manuscrito. Não precisa necessariamente ter assinatura, também podem ser correções e hesitações dos autores, como: riscos, flechas alterando o parágrafo; palavras escritas para modificar o texto; o mais importante é a obra como documento. A importância do colecionador é que ele está sempre atento para que não caia no esquecimento e no lixo o papel “velho”.

O autógrafo é forma de arte, que está na folha de rosto do livro, como principal nota do autor; é história fascinante e magicamente sedutora. Simbolicamente, leva o leitor a vivenciar o possível na vida do escritor e na sua obra; há troca temporária de identidade, onde o leitor pode construir um mundo imaginário, como grande desafio de sua vida. Segundo Max Martins, “O livro nos lê... torna a palavra visível... Só o leitor é real... O poeta dá à obra o seu nome. O leitor, a sua imagem.”

Data : 30/03/2015

Título : AUTÓPSIA DO INVISÍVEL

Categoria: Crônicas

Descrição: É preciso imaginação para fazer a autópsia da vida, das artes e ver o invisível em diferenciados significados, com a interferência que nutre o elo da vida...

É preciso imaginação para fazer a autópsia da vida, das artes e ver o invisível em diferenciados significados, com a interferência que nutre o elo da vida, descrevendo com realidade a fantasia, onde a vida imita a arte em movimento, num encontro cultural entre a arte de ler, escrever e pintar. Com certeza existe mistério entre os artistas e os poetas e as suas obras: eles conseguem harmonizar o viver. Nas palavras de Max Martins, “Tu me lê / tu me vê / (talvez)...”.

Autópsia do invisível é a leitura inquieta que vejo na arte, como o movimento que renova a palavra, o gesto e o espírito. Na vida, encontro cenas que formam o jogo de metáforas reveladoras, que anunciam a história entrelaçando vidas e rasgando o silêncio, como na arte de ler que une o pensamento ao coração. Deixa a imagem ir e vir espontaneamente, com o que me entrego de corpo e alma ao livro escolhido, ao quadro preferido, e sinto o prazer tomar conta de mim. Concentro-me para manter a expressão de que o sonho é o melhor despertar.

Autópsia do invisível é conquistar a palavra em si, o registro do cotidiano no panorama dos sentidos: motor que me leva a desenhar palavras com plasticidade, criar novos

sentidos ao revelar a literatura que me embala no tempo e me faz sentir bem estar no reproduzir a cultura instalada pelas palavras, que influenciam e mapeiam a vida.

Autópsia do invisível me leva à corrente da natureza poética ao revelar com sensibilidade a linguagem e a estética. Assim, a arte de pintar me oferece a verdade transfigurada em cores, traços e ideias de múltiplos significados, onde o artista usa a força criativa para transformar em imagens as nuances que me levam a compreender os fundamentos da sua obra. Miriam Postal, artista plástica, expressa, “A pintura, a Escultura, a Palavra são interligadas. A arte e a vida prática estão interligadas... O importante é cada um buscar sua imagem”.

Nesse encontro vejo momentos marcantes do jogo libertário, que mantém o equilíbrio entre a percepção e a beleza das cores e das palavras, em que me abro ao fluxo iluminador no transmitir meus registros que tocam o coração e a significação dos gêneros, proporcionando-me a reflexão: percebo o sentido da obra, busco a sua cumplicidade e alimento a alma.

Autópsia do invisível é o desafio de viver e cuidar das ideias e dos ideais; arte em movimento que sacode a mesmice do cotidiano. E, ainda, torna visível a importância do pensamento em trajetória de criação e significados, ao me possibilitar alternar o sentido do instante e de condensar as aspirações ao obter ressonância na memória; como demonstra Pedro Du Bois, “Na poesia/desenho// sentimentos em palavras... /o traço exhibe todas as curvas / carrega nas cores //... na poesia/ rabisco //e o desenho se faz presente /nos olhos de quem vê”.

Data : 28/11/2018

Título : AVESSO A MÁS NOTÍCIAS

Categoria: Crônicas

Descrição: Sempre que há sofrimento, penso que a vida não tem sentido.

“Nada começa, e nada acaba, / que não se pague com gemidos; /  
porque da dor dos outros nascemos / e da nossa morremos”  
(Abgar Renault)

Sempre que há sofrimento, penso que a vida não tem sentido. Tudo acontece rapidamente e as decepções se apresentam como resultados. Nilto Maciel costumava dizer, “...Mande notícias boas. Sou avesso a más notícias”.

Na verdade, viver é assustador, porque percebo o mundo em detalhes e muitas vezes, temo ao olhar com cuidado, para não me perder na poeira, como os encontros que não consigo decifrar e, também, por não confiar nas pessoas que gostam de tirar proveito da minha delicada situação. Nas palavras de Silvana Amaral, “...Quem sabe

chegará / Enfim o dia / No qual / A contragosto / Aceitarei / Que não sou nada // Além de mim mesmo”.

Trata-se de uma constante em minha vida: receber más notícias. Quando menos espero, elas chegam, para ficar. Parece um ritmo continuado acima de qualquer suspeita, mito ou preconceito. O que posso dizer ou fazer? Quem sabe, continuar a criar e alimentar a imaginação, como distração.

Envelheço entre más notícias e não me dou conta de viver o dia a dia. Meço o tempo entre o mistério da chegada da má notícia e o significado da espera; então, espio as frases livres do livro que leio e me digo satisfeita. Mas, ainda assim, preciso considerar que as páginas transcrevem uma triste história, o que me consola, como em Foed Castro Chama, “sobre as ruínas do tempo / a luz é matéria / eu movimento, / o sangue é pensamento”.

Pessoas enfrentam na vida diferentes tragédias, passam pelo processo de autoconhecimento, o que lhes dá suporte para seguir em frente. Cada um precisa encontrar sua maneira de lidar com as más notícias, porque elas são inevitáveis. O importante é questionar quando começa a valer essa situação e se, ao lidarmos com o ruim, aprendemos a valorizar o bom, como sinal de que estamos focando em ideias e definindo procedimentos de avanços emocional, cultural e social, consensuais entre a fragilidade e a razão.

A emoção decorre da fragilidade; costuma haver distanciamento entre o valor real da má notícia e a multiplicação dessa experiência. Cada vez mais, o desrespeito do “mau” representa fatia maior dos sentidos no medir a vida a partir dos desafios: sou avessa as más notícias.

Data : 30/03/2015

Título : BALÉ DA VIDA

Categoria: Crônicas

Descrição: Encenar a vida como dança de balé é multiplicá-la; resgatar as palavras em seu real significado para se inspirar e correr atrás do sonho.

“Palavras se (me) movem / poéticas viajantes / nessa música do corpo” (Vera Casa Nova)

Encenar a vida como dança de balé é multiplicá-la; resgatar as palavras em seu real significado para se inspirar e correr atrás do sonho. É através dessa linguagem que encontro a liberdade. Dançar é ato poético, tal como viver. Antônio Boeiro disse que



“todos nós somos Seres Poéticos” e Mia Couto completa, “Quem quer uma eternidade olha o céu. Quem quer o momento olha a nuvem”.

Passo a passo é possível aprender a dançar balé (a forma de fazer) como a vida ensina com elevada tolerância à incerteza (a forma de ser). O lado bom é que o balé da vida é feito de gestos, definida na capacidade de transformar em ousadia as ideias para a realidade. Exercer a nobre capacidade de conceber o sonho e depois fazer dele seu palco para representar a realidade, como em Malu Silva, “... Entre os escombros do seu mundo desencantado, calçava velhas sapatilhas e dançava sobre o chão feito a giz, esperando respostas do tempo.”

O balé da vida exige soluções e remanejamentos para fazer o que gosto. Desenvolvo conceitos sobre mim, para saber o que posso fazer e quantos passos estou disposta a dar. Dançar só é possível se coincidir com o sonho, não dissociado da vida. Sonia Regina mostra, “... pés apalpam, da vida,/ mais que o rigor, e experimentam//dançam nas asperezas aplainadas//sem mais desalento ou renúncias /a hora é de movimento: / baila, o justo //e prepara-se, o novo.”

O balé da vida, muitas vezes, é situado em ambiente onde não há respostas prontas. O corpo e a mente se interligam, um influenciando a outra; por isso é improvável que a emoção, por si só, seja capaz de desafiar o sonho. A emoção repercute no corpo e provoca o estímulo para que eu dance balé, como desde sempre vivo. Encontro no livro de Pedro Du Bois, *A Recriação da Mágica*, que a dança é a leveza do corpo ao se saber presente, “teu corpo /acordado / tua mente/acordada / vive:// som /luz / voz presente //... Sorri o estar/ em tempos / movimentando o corpo /desenvolta e solta.”

Para dançar balé é necessário experiência, prática e palco, assim como, para viver, é preciso saber fazer um solo, onde a coreografia é real; para Pedro Du Bois, “... Somos todos atores diários/em espetáculos/pobres...”

Data : 28/08/2019

Título : BANDIDA MALDADE

Categoria: Crônicas

Descrição: O que leva a pessoa a praticar a maldade?

Para Maite Larrauri, “Tanta banalidade e tantos lugares – comuns sem qualquer importância evidenciam uma grande ausência de autenticidade... é apenas um ser humano pequeno e medíocre”.

O que leva a pessoa a praticar a maldade? Por que ela parece ser incapaz de distinguir entre o bem e o mal? Questionar a origem do mal induz a pensar nas atitudes humanas como conjunto de significados: gestos e palavras que expressam a vontade de cada um, como encontro no livro de Mia Couto, *Cada Homem É Uma Raça*: prosa poética

que encanta pela sensibilidade descrita, a exuberância da paisagem e a linguagem que dá origem aos mistérios.

Sem dúvida, está disponível o instrumento “simbólico” para praticarmos, em algum momento da vida, o mal e o bem. No entanto, quando pensamos não carregamos a verdade, mas a liberdade de escolhermos entre a ação e a influência de outros. Segundo Hannah Arendt, “Pensar e agir são duas coisas completamente diferentes, mas podem ser encontradas juntas em algumas ocasiões”. Isso significa que, emitimos e julgamos a validade das palavras e ações, quando há algo para decidir. Muitas vezes, o pensamento é demolidor, por desfazermos os valores sem qualquer crédito; sem a fonte e o conhecimento; assim, destruímos sem refletir.

Dessa maneira, tornamos perigoso o porquê caminhamos para a contemplação do mal; por consequência, viveríamos nas sombras e sem memória, o que nos levaria a tempos escuros; como em Eduardo Barbossa, “Quão miserável posso ser? / Em que gueto posso me esconder? / Se meu pai não me deu valor: quem dará? / Se minha esposa não me ouve: quem ouvirá? // De tantas palavras vagas e atos falhos / me fiz homem. // Por omissão e alienação / meus dias somem”.

No mundo dos sentidos, quando temos consciência dos atos, resolvemos questões rotineiras com lógica; quanto mais pensamos menos erros cometemos. Agora, cuidado, por que se não tivermos tal consciência, não nos importaremos em conviver e praticar a maldade. Alain Bosquet descreve, “... Sinto-me humilde: / o meu universo não é mais belo / do que um poema perdido”.

Neste mundo da diversidade, parece que o mal é praticado e premiado ao ser ampliado pela opinião pública, por exemplo, um político, quanto mais corrupto, mais votado! Essa é uma das banalidades do mal, onde o confronto de opiniões plurais nos leva a entender “a razão do abismo” e das aparências como pura ilusão e falsidade. Mia Couto reflete, “Tenho duas pernas, uma de santo, outra de diabo. Como posso seguir um só caminho?”

Se em algum momento a maldade for aplicada ou utilizada como padrão e verdade estaremos perdidos; acabará a ética e, junto, a reflexão sobre a ação do homem em relação à vida.

Hannah Arendt, que criou conceitos para a filosofia política – como a banalidade do mal – constatou que grandes atrocidades são cometidas por pessoas normais que, apenas, não se preocupam em questionar as regras a que, em determinadas situações, estão submetidos. Nas palavras de Pedro Du Bois, “A você dado o direito de desconfiar / das flores coloridas. / Nos muros altos é permitido colocar cacos de vidros: / fazer sofrer em angústias e insônias. //... O direito de privilegiar / o supérfluo e esquecer entre páginas a razão. / Irracional, o direito concedido abomina / a aventura de ser a pessoa em busca / da irrealidade”.

Data : 22/10/2014

Título : BAR: um olhar

Categoria: Crônicas

Descrição: Nilto Maciel pergunta: ?você acredita em amizade?? Taveira responde, ?Não só acredito como não posso viver sem meus amigos?.

Nilto Maciel pergunta: “você acredita em amizade?” Taveira responde, “Não só acredito como não posso viver sem meus amigos”. A vida passa no instante em que encontramos os amigos na mesa do bar. Entre músicas, palavras e os múltiplos caminhos, o bar é o limite que dá sentido para quem procura outro sentido: contar histórias e ouvir mentiras satisfeitas e insuspeitas, como a lâmina da faca dá emoção às palavras sem compromisso, como as indagações na possibilidade de esconder e desvelar segredos – causos se cruzam nos espelhos.

Quando vejo o grupo de amigos reunidos na mesa de um bar, lembro o livro de Miguel Guggiana, “Garçom, a Saideira!”, presente no olhar com que detona velhas histórias tocadas em diferentes modos e públicos. Usa do senso de humor para personificar o espelhamento das circunstâncias sociais; recria com “realismo” o ambiente, lugar da trajetória das “enganações bregas”.

No olhar lançado ao garçom, de modo persuasivo e participativo, o autor o torna mais importante do que o fato dele trabalhar no bar; ele passa a fazer parte das histórias, vivo e vivido, no escutar as histórias de todos os dias (e noites). Segundo Guggiana, “Às vezes, notava-se nos olhos o desejo de sentar-se ali, beber alguma coisa e também contar a sua....”

“Garçom, a Saideira!” está construído através das ilusões, como causas das fantasias “reais” e convincentes. Mostra ao leitor que o mundo dos encontros é, ainda e sempre, a mesa de um bar. Conta Guggiana, “Bar do Moa // Reinou como “point” da tardinha passo-fundense por bem mais de uma década... Mesas de bar, ah!... Reginaldo Rossi cantando, “garçom, aqui nessa mesa de bar...”

Com o olhar percebo quando a ficção e a realidade, uma perseguindo a outra, apresentam “os causos” aos amigos do bar, desvelando o que há de mais valioso: a imaginação intensa, irretocável e intocável irradiada de cada pessoa ao se revelar por inteiro nos encontros (e desencontros), como no texto “Os devaneios da delegada Helô na delegacia da polícia da Vila Tunda de Laço”. Sem dúvida, o autor com seu olhar descreve as diferenças individuais e sociais, como acessório, para que o leitor sinta a exaltação através do estado libertador na arte.

É bem verdade que somos todos iguais, porém diferentes, quando dizemos: Garçom, a Saideira! Nas palavras de Guggiana, “Não digo? Nunca estão satisfeitos. Por favor, querem o quê? Causos do Machado de Assis? Que ele venha aqui tomar um trago com vocês. Chega por hoje. Garçom, a saideira! Das de garrafa”; assim, em dado momento, a alegria altera as cenas do cotidiano na satisfação com que o freguês, satisfeito, espera o garçom trazer a saideira.

Data : 28/02/2020

Título : BARULHOS

Categoria: Crônicas

Descrição: Pedro Du Bois pergunta, "Quem faz o barulho / - leve murmúrio - / sobre minha cabeça??"

Pedro Du Bois pergunta, "Quem faz o barulho / - leve murmúrio - / sobre minha cabeça?" Quando o barulho se instala na minha vida, o que posso fazer é aceitar que ele existe ou mudar o modo de agir em decorrência do incômodo que me causa. Pedro retrata, "Barulhos // Quem faz esse barulho? / atrapalhando o sono / do fim de noite? // Quem faz o barulho / que me faz desperto / ante o sono? // Quem faz esse barulho / botando medos / no quarto escuro?..." Tantos os barulhos que me incomodam, principalmente os que não posso solucionar. O melhor é prevenir para que o barulho não roube meus momentos com a família e amigos. Sofro as consequências ao entrar em desespero quando os barulhos não cessam.

O barulho comum é o da construção, que se repete todos os dias. Outro é quando a pessoa arruma a cozinha e dá a impressão de que a casa vem abaixo.

Existe barulho mais estressante do que o vizinho pregar algo na parede às duas horas da manhã? Sim, ter de me levantar da cama quentinha, me vestir e implorar para que pare. Assim, o barulho dos saltos dos sapatos da "madame" do andar de cima. Como suportar o toc-toc dos passos na minha cabeça?

E carros buzinando? Meu pai dizia que buzinar acorda os motoristas distraídos. Digo que, quando a pessoa está atrasada para o compromisso, buzina na ilusão de chegar mais rápido, como se isso resolvesse o problema. Eu, aqui, ouvindo diariamente buzinas fora de hora. E as motocicletas? Qual a necessidade de fazer o motor "roncar" tão alto? Por que preciso suportar tal desajuste de som?

O excesso de barulho leva a transtornos de sono e ao aumento do estresse. Por exemplo, o mar que é deslumbrante em beleza com suas ondas, por vezes, se torna irritante. Não há tomada que desligue o marulhar que acaba por dominar o meu pensamento.

Tolerância é condição para eu suportar as pessoas reunidas e falando ao mesmo tempo, ou alguém cantarolar a mesma música o tempo todo. Ainda, bater as mãos em movimentos repetitivos. São barulhos constrangedores que não posso mandar parar e que se tornam cansativos por ser obrigada a aguentar.

Sinto que os barulhos vão aumentando dia após dia, seria a roda vida?

Salvo o barulho da chuva que, soa diferente, toma conta da minha emoção e me traz o silêncio em que aproveito para ler e organizar o pensamento. Ouvir boas músicas me faz obter o mesmo prazer.

O barulho em regra é desagradável e estressante. Quando me sinto assim, as atividades diárias passam a serem "obrigações", porque me cansam para pensar e agir. Daí a importância do silêncio, para eu escutar apenas o barulho da alegria no ritmo do coração amado e na "voz que traz a recordação das horas".

Data : 16/02/2019

Título : BARULHOS (2)

Categoria: Crônicas

Descrição: Pertença à turma dos sessentões...

Pertença à turma dos sessentões, escreveu Agostinho Both em seu livro, *Sessentões vivências, experiências e reflexões*: “O olhar sobre os sessenta anos pode ser encarado com um pouco de boa vontade, alegria e, por vezes, um pouco de ironia”.

Na passagem do tempo percebo mudanças no mundo moderno que trazem os barulhos civilizatórios; para Mario Quintana, “A cidade é a nossa verdadeira natureza. Com incômodos, sim, mas muito mais variados que a natureza propriamente dita”.

Barulhos sem hora e sem respeitar a lei do silêncio. Barulhos do progresso, alegados por alguns. Barulhos de motos e gritos pela avenida na madrugada. Barulhos dos vizinhos e seus animais.

Infelizmente, barulhos são desagradáveis, principalmente, em horários de descanso. Resultam em dores de cabeça e zumbidos, fosse a ressaca do dia seguinte.

Talvez, de forma rápida e precisa (ainda que verdadeiras), posso considerar que esses barulhos nos estão matando aos poucos; dia após dia geram tensões que se estendem em sombrios cotidianos de cansaços refletidos na idade que demonstramos, em olhares preocupados com a atualidade, na construção da vida, imperfeita na lógica de harmonia e justiça. Juliano G. Pessanha resalta, “o progresso enquanto melhora das condições atuais apenas aprofunda o aprisionamento do mesmo”.

Reconheço tais barulhos como atitudes de descuido e desrespeito para com o próximo. Sem contar a falta de ética e educação. Generalizo, porque é injusto termos de suportar o descaso.

Dizer que os barulhos não são graves, leva-me a pensar que cada um tem que se defender por si; privar-se do descanso e do silêncio; armar-se com argumentos e, mesmo assim, esconder-se sob o travesseiro para dormir. Tornando o cotidiano mais estressante e desagradável do que excitante, para convivemos neste mundo regido pela dita modernidade (onde cada um vive apenas no seu quadrado), irrelevante na decadência do sistema. Artur Eduardo Benevide expressa, “... Sou a nudez que não se conformou / em ficar como está, desencantada”.

No conferir a minha dignidade, quando percebo a ausência da liberdade, no avanço da liberdade sem responsabilidade, fico sem entender as razões para fragmentar o mundo com barulhos que nos sufocam, como retrato da geração atual. Nas palavras de José Degrazia, “Abraço a terra / e sinto o frio / do aço...”.

Outro aspecto a considerar sobre o barulho é que não devemos misturar os fatos corriqueiros com os extraordinários, mas, podemos questionar o comportamento barulhento, para não perdermos a alegria transcendente na rotina de cada dia.

Os poetas definem que a emoção interior se revela apreensiva e, por vezes, irônica, como se compreendessem o mundo em que vivem os sessentões. Nas palavras de Machado de Assis, “A vida é uma lousa, em que o destino, para escrever um novo caso, precisa de apagar o caso escrito”.

Data : 27/09/2018

Título : BEM VIVER: o Encontro dos Poetas

Categoria: Crônicas

Ao me encontrar com a poesia, descubro que os poetas renovam, enriquecem e estimulam as transformações culturais. Escolhem caminhos, com sensibilidade; procuram equilibrar desejo e ação e experimentam cada minuto de suas vidas como se fosse único, com a riqueza dos detalhes.

Com talento natural e potencial criativo, perseguem seus objetivos, chegando à realização de grandes passos; sonhos que me emocionam. Retratam as mais belas obras, desnudando suas almas e revelando novidades, no rito constante da magia: bem viver o encontro dos poetas.

Poeta do Povo: Francisco Solano Trindade foi o primeiro poeta brasileiro que deu sentido à poesia afro-descendente, fazendo pelo ideal da valorização do negro.

Poeta da Vila: Noel Rosa, sambista da Vila Isabel, considerado o rei das letras. Retratado como personagem cinematográfico no filme “Noel – poeta da vila”.

Poeta da Trindade: Saul Lessa, poeta e trovador. Brilhou no mundo da trova, no Rio de Janeiro e no Brasil; Sonetista que fez poesia na Ilha de Florianópolis e em Santa Catarina.

Poeta dos Solidários estados da alma: Alcides Buss, chamado assim pela obra “Cadernos da Noite”.

Poeta Nacional: Ferreira Gullar, que abriu caminho para o movimento da cultura popular, refletida em sua obra.

Poeta da Fala Coletiva: Francisco Alvim, que criou um estilo pessoal a partir do coletivo: “Lemos sempre um a mais”.

Poeta do Cinema: Humberto Mauro, pioneiro do cinema brasileiro, inspirador do cinema novo em nosso país.

Poeta do Deslumbramento: Armindo Trevisan, que foi em busca da palavra do ser. Sua inventividade verbal é revelada através de uma poesia social.

Poeta Concretista: Augusto de Campos é quem trabalha a criação de poemas objetos e poemas pôsteres, declarando a abolição da palavra.

Poeta Maldito: Roberto Piva revolucionou a linguagem escrita. Veio para transgredir na poesia e na vida.

Poeta Perverso: Celso de Alencar é poeta escandalizador e libertador de almas. Sua obra é violenta e cinematográfica.

Poetinha: Vinícius de Moraes, “A vida do poeta tem ritmo diferente. Ele conduz errante pelos caminhos, pisando a terra e olhando o céu... Clareando como um raio de sol a paisagem da vida”.

Nesse encontro a poesia não é apenas forma de pensamento, mas sim, abordagem da vida que pode ser escolhida: bem viver, nas palavras de José Saramago, “... As palavras mais simples, mais comuns, / As de trazer por casa e dar troco, / Em língua doutro mundo se convertem: Basta que, de sol, os olhos do poeta, Rasando, as iluminem”.

Data : 27/09/2018

Título : BENEDITO CESAR SILVA: Momento de Reencontrar

Categoria: Crônicas

“Acordei com uma imensa vontade de chorar. / Do tempo que juntos vivemos, / Restam apenas memórias que insistem em retornar...”

O livro Gavetas Abertas em Cômodos Distintos é o momento de reencontro de Benedito César Silva com a sua memória. Ele abre as gavetas para reviver a poesia e transformar o cotidiano. Em seu momento de reencontro expõe suas poesias com emoção, revelando as suas lembranças, “Limpar as gavetas / É despir-se da roupa velha. / A sua foto com carinho protegido / guardada entre tantas outras coisas sem sentido...”

Uma sensação nos acomete quando visitamos os cômodos do Autor e encontramos as poesias como possibilidade de ir e vir, de reencontrar o que é importante: a busca pela literatura. Por essa razão é mais fácil despertar e representar nossos reais desejos: reviver não é proibido e a imaginação não tem limites nas lembranças. É como voltar o olhar e encontrar as poesias que ativam os mecanismos de conquista, desfrutar a maravilhosa sensação de refletir a cor das palavras, que nos faz viver para que os sonhos em comum possam se tornar realidade, sem perder cada detalhe de significação existente do livro.

“Realizar sonhos / É colocar-se no mundo das possibilidades. / É não esquecer aqueles que insistem em / Ficar pelos caminhos. / É crer sobretudo, que há verdade. /

É acreditar sempre na voz que diz, / Insistentemente: / Há esperanças reais...”

Benedito escreve misturando cores e ideias, com potencial que nos inspira a amparar as mudanças, transformando os cômodos em lugares para ser compartilhados, porque nas (suas) gavetas abertas os poemas afloram sentimentos.

O que me encanta nesse livro é o prazer em rever as suas lembranças ao retirar das gavetas os seus sonhos. Mais que isso, seus poemas se mostram a todos no intuito de colher o sonho presente nas palavras.

É livro pensado em cada detalhe com esmero e qualidade, na certeza de que o leitor deixará se envolver, pois, a obra é desafiadora porque a memória é o cenário para sua arte, “A chuva caindo / A alma lavada / o sorriso da criança / O pão doce com groselha / os amigos da escola / Lembranças da infância...”

Gavetas Abertas em Cômodos Distintos é cenário que proporciona ao leitor a acessibilidade para remexer nas gavetas do Autor e desvelar sua poesia, pois sabe como provocar o leitor e manter a sua concentração no livro, “Não quero fazer de meus versos / Armas para a batalha. / Mas, sobretudo, hei de fazê-los / como brinde à vida. /Que em contrapartida, / Será lindamente colorida ”.

Data : 20/11/2012

Título : BIBLIOTECAS

Categoria: Crônicas

Descrição: Folheando a revista, li: ?Bibliotecas não se restringem ao espaço em que se instala a coleção de livros... elas também se transformam em eficientes elementos decorativos...?

Folheando a revista, li: “Bibliotecas não se restringem ao espaço em que se instala a coleção de livros... elas também se transformam em eficientes elementos decorativos...”

Essa sugestão é insensata, porque a criação de uma biblioteca predispõe deixar os livros expostos nas prateleiras, para facilitar o manuseio. O ideal é tê-los para lê-los e não para decorar o ambiente. Entretanto, por muitas vezes, ficamos reduzidos a ler e ouvir esse tipo de tragédia. É preferível transformar essa tragédia em suposto olhar, com profundidade, num passe de gestos e sentidos, onde historicamente permaneceria a alegria da leitura e o mistério das palavras, no hábito como fórmula simples e preciosa.

Pedro Du Bois expressa que, “Na biblioteca / os livros se espreitam / pelas lombadas //...as palavras encadernadas / encerradas em cada volume / encarceradas em parágrafos / circunscritos // nas bibliotecas / a vida nos espreita / em cada volume/ que deixamos de ler.”



Pergunto se é possível, para quem gosta de ler, viver num mundo sem livros. A resposta está na biblioteca que reúne as obras e é onde encontro o que procuro: emoção.

Na biblioteca, os livros se sobressaem no espaço, me atraem visualmente. As obras são destacadas em jogo de luz e sombra, curiosidade e vontade, prazer e lazer. Desse olhar, a biblioteca traduz o ambiente: estar na companhia dos escritores (mesmo depois de mortos). Ao considerar o gosto de cada leitor, o estilo está impresso no imaginário, para vivenciar a fase marcada pelo livro.

É fácil ler o que os outros escrevem; ninguém muda a condição de única arte: a sabedoria se conquista com as mãos, no momento em que pegamos o livro na estante. Conciliar o hábito de ler com o prazer das descobertas é como se o olhar fosse um espelho, a postura está na força do reflexo da arte.

O fundamental em nossos atos é que eles determinam as linhas de nossos caminhos; é pela leitura que nossa divindade se revela. Ler revela processos do pensamento e tem como resultado a sensível imagem sobre nós mesmos, então, o verbo se faz voz, como em Claudinei Vieira, “Literatura não é produção da realidade (assim como nenhuma arte). É um reflexo, um comentário, uma postura, um ponto de vista do autor para o que lhe acontece ao redor.”

O que me provoca o desejo de ler, o saber, a descoberta ao pegar o livro na estante? A cor e a textura da capa? O livro com lombada? O livro barco? Para mim, todos os livros são ousados, dão personalidade às palavras e aos autores. Sobre o poema, penso ser configurado em momento especial, com visão de nova perspectiva e com a possibilidade de realizar a troca entre autor e leitor.

A busca na literatura é sempre pela obra que combina com o leitor. A escolha acertada possibilita conviver mais com os escritores, e isso nos leva a não abandonar o livro e nem deixar de frequentar a biblioteca. Até porque, o livro é o retrato emocionante e verdadeiro da imaginação, e conseqüentemente, da arte de viver, como em Nilto Maciel, “... o carteiro, dia sim, dia não, grita meu nome. Ocupado, também grito: Pode jogar por cima do muro. Não posso, seu Nilto; é LIVRO. Zeloso não quer deformar o objeto.”

Data : 25/01/2016

Título : Bilhete

Categoria: Crônicas

Descrição: Tenho lapsos de memória, então, guardo em bilhetes os recados, como vínculo de convivência.

Tenho lapsos de memória, então, guardo em bilhetes os recados, como vínculo de convivência. Encontro em Fernando Karl, “...te espero em qualquer esquina / para tomarmos um banho de chuva”.

O bilhete é recado de contato que demonstra sensibilidade e consideração para com a minha vida. Através dele meus sentimentos de inadequação e vazio desaparecem. A autoestima aumenta no recado em que o teor das palavras me atinge.

No meu mundo, mudanças explicam o significado e a importância do bilhete deixado no mural, na porta da geladeira, no espelho do banheiro, na tela do computador e na agenda – na falta da memória e de tempo para me encontrar junto ao acúmulo de compromissos. Isto difere de um bilhete para o outro, porque a maneira como me expresso deixa marcas no tempo. Agostinho Both, conta, “... Pippo escreveu no bilhete, provocação pura: ... Chiruzedo de bosta! Não vou botar rabicho em vocês, por não haver modo de segurar!”

O tempo me faz lembrar que, enquanto estudante, todas as manhãs, na minha carteira da sala de aula, havia um bilhete para mim do garoto que estudava à noite e ocupava a mesma localização. Nossa comunicação foi importante: gesto de amizade que permanece até hoje.

Outra lembrança é a da minha casa: no corredor entre os quartos havia o mural de recados, ao lado do quadro de Raul Córdula, onde deixávamos bilhetes com as atividades, horários e novidades do dia; com a finalidade de participar da vida do outro e organizar nossas vidas ao revelar os pensamentos.

Sei que é possível harmonizar o que parece inconciliável através de bilhetes, que revelam segredos para entendermos a corrida do dia a dia; entre o mundo e eu, até chegar a nós. A expectativa é estimulada por que, neles marco o encontro para sacudir a minha rotina e me beneficiar da memória.

Hoje, vejo que o bilhete foi trocado pela mensagem eletrônica, o que pode equivaler como iniciativa de significado do ato em si e preservar a memória para o meu bem viver. Nas palavras de Lindenberg Bronzeado, “No olhar e nos gestos os homens se tocam como seres humanos, criadores de encontros e despedidas”

Data : 08/10/2013

Título : Bilhete para JÚLIA e LUÍSA: as flores pequenas

Categoria: Crônicas

Descrição: Queridas Júlia e Luísa, minhas flores pequenas, vou contar suas histórias para as crianças.

Bilhete para JÚLIA e LUÍSA: as flores pequenas  
por Tânia Du Bois

Queridas Júlia e Luísa, minhas flores pequenas, vou contar suas histórias para as crianças.

Luísa tem 6 anos, gosta das cores rosa e roxo, com muito brilho. Estuda canto. Júlia tem 8 anos, gosta das cores prateada e dourada. Faz balé e teatro. Ambas tem talento com as palavras e, com o tempo, passaram a escrever pequenas histórias e poemas. A forma com que elas escrevem não é importante, porque a linguagem é perfeita, como na história de Júlia, A BONECA que FALAVA, "... Então apareceram duas fadas... elas avisaram a Emília: você agora tem vida. Cuidado, os humanos não podem lhe ver... você é uma boneca que sabe falar..."; e de Luísa, A FADINHA e a MENINA, "Uma vez, uma flor se abriu e dela saiu uma fadinha. Logo chegou uma menina e a fadinha perguntou, qual é o seu nome? Meu nome é Luísa...".

Fazem seus estilos para soltarem as vozes e as palavras ao vento. Segundo Júlia, "Existe uma palavra / uma palavra tão linda / que sem ela / a vida não teria amor / essa palavra / essa palavra é cativar." Elas desnudam os pensamentos e se refazem em amanheceres, onde suas vozes dão sentido às palavras ao se confrontarem com o mundo das descobertas e fazerem o encontro dos sentimentos como caminho da liberdade. Júlia mostra, "O girassol segue o Sol / o Sol guia o girassol / Ai, meu Deus, o girassol é tão belo / Ficou até amarelo". Luísa demonstra, "Abelhinhas / abelhinhas / como está esse jardim / tão colorido, / espero que no / balão esteja / mais florido."

Elas não se escondem e nada cobram, apenas espalham pensamentos livres, puros, sem castigo e sem prêmio, como em Júlia, "Ai ui ai, / au au au / me acalmei / e fiquei feliz". Têm consciência, sob medida, quando falam dos seus livros preferidos e de seus autores. Cada dia afinam-se nas expressões em que escorrem, por natureza, nas profundezas do encanto de saber que no mundo tudo tem significado e que a palavra é prenúncio do reverso de suas vidas. Segundo Luísa, "Olha a água / olha a água / caindo do chuveiro / parece até brilho / azul das águas claras"; e Júlia, "As flores / são importantes, / sem elas a natureza / não teria cores / nem perfumes".

Júlia e Luísa pegam o lápis e escrevem o que guardam de cor nas lembranças; fazem os tons como as pequenas flores que desabrocham em coloridas pétalas para saudar a vida. Não importa a paisagem que elas espiam, pois possuem em suas mãozinhas o jardim em que descrevem os dias de luz. Fazem da noite a poesia onde prendem o luar em cada linha, como retrata Júlia, "Estrelas, oh estrelas / fico tão feliz por vê-las / Estrelas apareçam. / Estrelas, oh estrelas"

Luísa e Júlia aproveitam o tempo com suas artes. Suas mágicas como liberdade. A lógica como fábula. Suas verdades como gestos para revelarem a poesia, tal em Júlia, "ABCDEFGHI / Luísa / Eu amo você". Desenham palavras que espiam a vida pelas frestas e a retratam em letras de laços e alçadas, como descreve Júlia, "Vê que vida há no chão / vê que vida há nos ninhos / com seus mil passarinhos".

Júlia e Luísa são pequenas flores que destilam o amor e o espalham em versos, porque acreditam nas suas certezas, onde tudo é possível quando existe liberdade.

Lembrar a passagem do Dia da Criança contando a arte de Luísa e Júlia é revelar que as crianças têm o direito de se expressarem sobre seus silêncios e sonhos. Ser criança é a mais bela idade da vida, em que o dinheiro não vale mais que alguns trocados; ama e é amada; a verdade é a esperança para o amanhã; confiar não é trair; dividir não é fraudar; falar é seduzir e escrever é contar sua vida nas entrelinhas.

Data : 19/05/2020

Título : BOM COMPORTAMENTO

Categoria: Crônicas

Descrição: Neste país onde o mais alto dirigente, frente às câmaras de televisão ...

Neste país onde o mais alto dirigente, frente às câmaras de televisão e aos jornalistas, nega o bom comportamento e despreza as boas maneiras, fica claro que precisamos lembrar as regras da boa educação. Para Vergílio Alberto Vieira, "... Maior é o herói no seu combate.../ o que resiste prepara a reconquista...".

O bom comportamento é exercido naturalmente por todos: o sorriso significa o mesmo em qualquer parte do planeta; saber ouvir e responder com educação está em falta por aqui. A verdadeira gentileza é pensar no outro antes de pensar em si mesmo. Márcio Catunda questiona: "Quem vem desfazer o mal feito?".

Este é o momento para conviver educadamente com o próximo e de tratá-lo bem, como forma para evitarmos o caos. Quando somos gentis o outro se sente especial, o que o faz minorar a solidão em que habita, por conta das restrições atuais. Como escreve Márcio Catunda, Meus amigos são dois mendigos que pedem pouco. //... São gentis, aproximam-se com delicadeza, / não são como esses ditadores.../ São alegres, sabem sorrir...".

Na crise em que estamos vivendo a gentileza e o bom comportamento são pequenos gestos que nos valorizam e nos levam a acreditar que o dinheiro não é tudo. Nas palavras de Vergílio Alberto Vieira, "... Que a vida então vivida não merece / O que o destino muda a cada hora / Que passa, sempre que o império empece".

Data : 27/09/2018

Título : BORBOLETA: Prazo de Validade, um Último Trago

Categoria: Crônicas

O amor, as lembranças, os vícios e os amigos também têm prazo de validade?

A lembrança é a memória, a constatação de um só estado... Que tem por instrumentos os vícios e os mitos. A memória é emotiva; como no conto "Um último trago", de

Borboleta. Ele mostra que o que fica na memória é a lembrança do que interessa, o que tem valor para a sua vida, de alguma forma. E também o compromisso para com o amor e o tempo.

“A presença da marca do tempo no maço ainda aberto, dos resquícios esmaecidos de seus lábios no filtro sobre o cinzeiro e de sua imagem sorridente na moldura”.

Todo dia é dia de encarar e vencer novos desafios. E parar de fumar, driblar as saudades e não beber são as novas marcas do tempo: “... pude ver a poeira do tempo depositada sobre a minha pele...” Mas o que o conto nos mostra é o desejo cristalizado, a vontade alimentada pelas recordações que se entregam de corpo e alma e se convertem em instrumentos de dependência, como: “... coçam-me os dedos e salivam-me na boca os resquícios de um amor alimentado à nicotina”.

Sim, porque quem vê o símbolo do cigarro no fundo da consciência e do coração, pode pensar que o tempo somente se localiza através do amor, colocando-o como espécie de tatuagem – prova da sua fidelidade que chega a parar o tempo.

Claro que a memória d’Um último trago parece estar prestes a desmoronar, não é reconfortante, mas ajuda a dar a dimensão do seu amor e delimitar o tempo. Despretensiosamente, a fumaça torna-se símbolo, criando possibilidades de um reencontro: dos sentimentos que ainda purgam nas veias, como imagens que mostram os principais lances da vida.

Ele vive na expectativa de reencontrar o seu amor através do cigarro e da bebida. Sua história, seus momentos, suas palavras e seus gestos demonstram que em cada situação há um prazo de validade; compartilha da falta de responsabilidade e de violência para consigo mesmo.

Isso não significa que tenha perdido o ímpeto pela vitória de se manter vivo, mas, alheio ao tempo, ele exige de si sobre o seu amor, fazendo das lembranças a sua espera, exagerando por querer vencer a qualquer custo a saudade; “... sustento a impressão de que apagamos nosso último cigarro com a mesma desenvoltura de juventude com que acendemos o primeiro”.

Essa percepção é alimentada pelo vício que não é bem vindo, para que se possa perceber a hora de colocar em seu destino a marca consolidada pelo tempo, que se torna mais forte ao fazer diferença no seu viver, procurando apenas os “flashes” da memória, como voo sem limitação, que desperta o sentimento para brincar entre lembranças, acumulando emoções sem prazo de validade.

Data : 07/10/2013

Título : BRUXAS

Categoria: Crônicas

Descrição: Bruxas? Perdidas? Confusas? Decididas? Decididas, elas resolvem sair em busca do sentido de suas histórias.

## Bruxas? Perdidas? Confusas? Decididas?

Decididas, elas resolvem sair em busca do sentido de suas histórias. Partem em missão para resgatar o que não quer ser resgatado: histórias engraçadas e tocantes sobre a magia. Tatiana Belinky conta, “Queria ser bruxa, porque achava as fadas muito boazinhas.”.

Bruxas usam seus talentos e se envolvem em situações desastrosas; por exemplo, no conto A Bruxa e o Gamo (Edelbra), “... até que uma bruxa malvada apareceu. Ela era muito maldosa e encantou o menino que o transformou em gamo. A menina pediu muito à bruxa que não fizesse aquilo, mas ela respondeu que não gostava de meninos e, por isso ele ficaria assim...”. E, encontro no conto Eu não creio nas bruxas, mas que elas existem, existem.. onde Mel conta a história das bruxas, os símbolos e tradições.

Da onde vêm as bruxas? Como podemos encontrar uma bruxa? É só aparecer à bruxa e muda o rumo da história, tirando o fôlego das crianças, como em Lambão e o Gnomos das Cores, de Otávio Augusto Barbosa, “O duende bruxo roubou as cores dos meus lápis, disse Nenê, fazendo beicinho...”.

Descobrir o maravilhoso mundo das princesas e das bruxas é desafio e divertida brincadeira. E, também, propõe a reflexão sobre momentos de crise, contribuindo para o enfrentamento de situações como: medo, dificuldades, comportamentos, etc. É assunto que, quando abordado, se destaca pela coragem do leitor e pela otimização da compreensão dos conceitos. Mas, é preciso, antes de tudo, se livrar do medo, esse sentimento que impede a criança de acompanhar a história com risco de não se divertir.

Marta Melo, em seu livro infanto-juvenil, As Invenções da Bruxinha Tatá, conta história onde a personagem Tatá inventa ser uma bruxa, porque está com problemas, mas, depois, tenta desistir de ser bruxa, mas sua vassoura dificulta a escolha, criando um mundo de faz de conta. Até as palavras voam para casa, deixando Tatá sozinha na floresta; porém, ela consegue voltar para casa. Será que ela era mesmo uma bruxa?

Os escritores, inspirado nas bruxas, buscam formar leitores conscientes do tempo e da sociedade em que vivem, despertando neles o senso crítico e a curiosidade, além de valores como a tolerância e o respeito pelas diferenças. Criam novas histórias com o intuito de despertar, através da imaginação, a criatividade da criança e ampliar seu universo para ajudá-la a compreender o que parece inexplicável.

“... Quero assustar as bruxas/ perturbar os duendes/ que sei escondidos em teu quintal./ Vou ferver a água/ fazer o chá/ enquanto percorro cada ruga/ cada músculo/ enquanto te caminho/ entregue aos teus contos....”. (Miriam Portela)

Data : 28/08/2019

Título : CADEIRA DE BALANÇO

Categoria: Crônicas

## CADEIRA DE BALANÇO

Temos valores sentimentais, onde guardamos nossas histórias, para reviver os dias com estilo. Em meio aos estilos, ressalto certa cadeira de balanço, como peça exclusiva que foi dos avós. Hoje, repaginada, em design de releitura moderna, tornou-se objeto comum em nosso lar.

Vivemos em espaços menores; mesmo assim, referenciamos a “lembrança” da cadeira de balanço que pertenceu aos avós. Ela exibe o momento nostálgico, que nos faz prestar atenção no dia a dia com sensação de aconchego, marcando em nossas vidas o contato com o passado. Nas palavras de Glaura H. Brockstedt, “... cultivar e respeitar, dando o devido valor, /... Fazendo sentir bater no peito, / O que guarda o coração”.

É gratificante ter a cadeira de balanço, plena em entrelinhas e significados, presença e histórias. Desta forma, compomos o viver com o olhar voltado ao passado por acreditar nas amarras em que estamos envolvidos emocionalmente. Então, a lembrança me traz as palavras ditas pela vó, “quem dos meus filhos primeiro me der uma neta, ganhará a cadeira de balanço”. Lá se vão quarenta e tantos anos e a cadeira de balanço continua na nossa sala compartilhando o nosso cotidiano. Guilhermino Cesar Filho retrata, “... Orgulho de coisa.../ se esconde nas costas retas / quando no meio da casa / está a cadeira...”.

Esta lembrança da cadeira e do carinho da história são valores que repassamos à nossa filha. E, quando

assistimos as bisnetas brincando com a cadeira, que um dia foi o caminhão do avô (seu filho), temos o retorno da história em novo contexto, servindo de pano de fundo para o amor e a cumplicidade, ao deixarmos fluir os fatos. Segundo Luciano Maia, “... Em troca do talvez busquei o sim. / Liberto dos enredos da ilusão, / pude avistar um ponto além de mim...”.

Data : 23/03/2016

Título : CAIXA de sonhos

Categoria: Crônicas

Descrição: "...a história é o limite, /e somos a revolta // vestidos de tempo. / e o tempo uma caixa se abrindo"

“...a história é o limite, /e somos a revolta // vestidos de tempo.

/ e o tempo uma caixa se abrindo”

(Hermenegildo Bastos)

Preciso de uma dose de coragem para abrir a caixa dos sonhos e buscar respostas para questões como o medo e a memória. Para Agostinho Both, “Não podia imaginar que um velho baú pudesse comportar tantos sonhos, enrolados em folhas amarelas”. Fica a promessa de recompensa a quem ousar sonhar – é sonhando que se revela a pessoa confiante que se encontra dentro de cada um de nós. Como A Caixinha do Vovô, de João Guimarães Rosa, um baú de tesouro, guardando por trinta anos as lembranças do avô Joãozinho e que foi aberto em 1998, para preservar a memória da família.

A vida fica iluminada com o sonho para dividir a satisfação e, ainda, demonstrar o meu sentimento de estar bem comigo mesma, pois é mágico ingrediente em nossas vidas. Vanessa Vieira expressa, “Na caixa um canto / No canto um verso / no verso eu”.

Ao descobrir a misteriosa caixa dos sonhos de Guimarães, percebo a beleza em alguém, respeitando seu próprio ritmo. Também reconheço um mundo literário determinado a mostrar as obras e suas palavras, como em Nelson Ascher no livro O Sonho da Razão. O tempo passa e um dia o sonho foi desfeito, como demonstra Lima Coelho, “O sol se põe, começa a noite. / Com ele, os sonhos que se desfazem, /Transformando-se em cintilantes bordados / Que ornaram a escuridão que se forma no céu... // Sonho sonhados juntos, agora desfeitos, / Que cedem lugar ao lamento, ao queixume, / Ao tormento e às aflições no meu peito...”

Mas, se estou acompanhada de livros, CDs, flores e amigos, sinto alcançar os meus sonhos, que são as mudanças a fazer com que o viver seja uma caixa de surpresas, como no ensaio “Eu tenho um sonho e eu não tenho um pesadelo... Martin Luther King”, escrito por Gilberto Cunha.

Jorge Luis Borges, no Livro dos Sonhos, descreve a variedade de sonhos, diz serem a “invenção espontânea do homem que dorme” e, mais, que “os sonhos nos dão certa ideia das excelências da alma humana e uma noção de sua independência”. Assim, quem não consegue simplesmente sonhar, deixa de perceber que sonhar é essencial, como cantava Cartola, “... Devias vir / Para ver meus olhos tristonhos / E, quem sabe sonhar os meus sonhos, por fim.” Quem cuida do sonho, por consequência, vive o amanhã de novidades. O que dura pouco é o tempo ao acordar do sonho na adaptação às situações da vida pessoal. Ainda em Borges, “... o homem acredita no que está sonhando, e quando acorda se vê sem nada...”

Abrir a caixa de sonhos é quando me inspiro e reencontro o sentido das palavras e esbanjo atitudes com liberdade. Sonhos saem dos livros como memórias. E se eu deixar de sonhar, seguiria qual caminho? Antonio Machado responde, “De toda a memória somente vale / o dom esclarecido de evocar os sonhos.”



Data : 25/09/2019

Título : CAMINHOS

Categoria: Crônicas

Descrição: Quando caminhamos pela vida, com interesse e vontade, descobrimos valores, sabores, emoções...

“A vida é uma caminhada na qual temos sempre muito que aprender”.

(Maria Mariana)

Quando caminhamos pela vida, com interesse e vontade, descobrimos valores, sabores, emoções que passam a fazer parte da nossa história. Viver é relembrar amizades e momentos que marcaram o nosso tempo.

Caminhar não é só procurar respostas definitivas; até porque raramente são definitivas. Há dúvidas descobertas nas imperfeições e o valor está em reconhecer os verdadeiros amigos. Cada pessoa demonstra quem é através das atitudes como prova de amizade e justiça, naturalmente sabendo qual a hora para ficar ao lado do amigo.

Muitas vezes, as diferenças nas relações é o que proporciona o equilíbrio para seguir o nosso caminho. Em outras situações, o de nos conduzir pelo caminho que ficará guardado na memória. Miguel Sanches Neto aponta, “Saramago era homem de visão definida das coisas e com coragem de dizer o que tinha a dizer”.

São tantos caminhos, influências e lugares para chegarmos ao objetivo que, para tal, recorreremos ao encanto de viver; mesmo assim, iludimo-nos diariamente até revelarmos a verdade, com liberdade para compartilhar tristezas e alegrias, surpreendendo a todos com nossas ideias e ideais, assim, como José Saramago fez ao reinventar a escrita em longos parágrafos e sem pontuação.

Costumo dizer que quem planta “morangos” não colhe “ervas daninhas”, isto é, aprendemos com os erros; preocupamo-nos em buscar respostas e companhias certas ao fazermos nossas escolhas. É a busca constante para ampliar a nossa lucidez e acreditar que temos muito para dizer e ouvir; ainda em Saramago, “Sem ajuda, sem conselhos, apenas guiado pela curiosidade de aprender”.

Poderosa é a curiosidade que, concentrada na necessidade e no conhecimento, na ordenação dos dias, permite intervirmos nas lembranças, questionando o tempo que nos atravessa e nos marca: o que a vida nos oferece de igual para igual? Confissões nos deixam livres na formação do caminho onde nos expressamos, sem medo de julgamento, ao dizermos do nosso coração? Para Saramago, “A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo assim estes podem prolongar-se em memória em lembranças...”.

Data : 27/09/2018

Título : CARLOS HIGGIE: o Importante é Ser Perguntável

Categoria: Crônicas

No livro sobre sexo e sexualidade o escritor Carlos Higgie romanceia um Nebuloso Losango, onde descreve a trama de quatro amigos, para quem apenas o amor não basta; e que para fazer sexo e sentir a sexualidade é preciso, sem medo, encarar os sentimentos fortes, “O losango ou o quadrado que nos unia e separava parecia instável. Algo ou alguém estava desequilibrando, quebrando a ordem natural das coisas. Dóris era a rainha, sedutora, Marcelo seu adorador incondicional, Domingos seu admirador eventual e Ivone, quase sempre, uma simples coadjuvante naquela história.”

Fantasia erótica faz parte da vida sexual e quando o casal as compartilha, torna o sexo mais satisfatório. Muitas vezes, tudo o que é idealizado seduz mais. E ao ler Losango encontramos as fantasias eróticas dos personagens e as suas experiências à procura de justificativa para seus atos, “O que ele não sabe é que agora, neste preciso instante, estou pronta para ele, disposta a entregar-me de corpo e alma, disposta a realizar suas fantasias mais loucas, disposta a ser uma mulher entre todas as outras.”

A sexualidade é desejo de dar e receber palavras, olhares, risos, carícias e atenção. As atitudes, as crenças e os conhecimentos sobre a sexualidade são transmitidos, por vezes, como algo indecente, pecaminoso e perigoso. Mas, esse romance de Carlos nos mostra a importância do desenvolvimento dos personagens, que com o tempo varia de uma sociedade para outra. Isto é, a sexualidade é natural, porque necessária a todos, e cultural quando acreditamos sobre o que nos foi ensinado. Tudo é possível numa relação em que pessoas se sentem atraídas e se envolvem calorosamente em múltiplas práticas sexuais, “Usam umas blusinhas soltas, bonitas, sensuais, que mal cobrem os seios. São só uns tecidos leves, fáceis de levantar e descobrir as colinas deliciosas, macias, duras, sem sutiã, sem proteção, esperando as mãos libidinosas que chegam ávidas de sensações”.

Na realidade tudo é digno de respeito, exceto quando causa sensação desagradável de dor e angústia...

“Ela tentou reclamar, mas ele sorria e dizia que estava tudo bem, que só queria beijá-la sem olhares curiosos ou acusadores, que só queria abraçá-la um pouco, sentir seu corpo maravilhoso, sua pele macia e doce...”

Percebemos no romance que o que é considerado “normal” muda com o tempo, de acordo com a moral vigente e varia em diferentes culturas, onde os encontros são a razão para os sentimentos, assumindo o controle do corpo e decidindo sua própria condição, “Com certeza Raquel entrava no quarto sorrindo... Deixava cair os livros no chão, fechava a porta e se encostava sensual, nela. Lorenzo, os olhos prenhes de desejo caminhava até ela. Trazia nos lábios, nas mãos, todo o desejo do mundo...”

Nebuloso Losango é literatura que tem como meta fazer com que os leitores se defrontem com uma análise dos aspectos moral e sócio-psicológico da sexualidade. Proporciona reflexão sobre o respeito, amor e como se dá a atração e a união sexual. Quando falamos em relações amorosas e sexuais, sobre a sexualidade, o importante é sermos perguntáveis, ou seja, podermos explicitar nossas vontades e desejos, em relação a nós mesmos e aos parceiros.

Data : 27/09/2018

Título : CARLOS JORGE: Descoberta Fantástica

Categoria: Crônicas

Um livro é perfeito para se aproximar da arte da conquista: criança e leitura. A linha é a representação do que se quer destacar. Uma linha leva a outra, como simbolismo gráfico. A linha nos representa através de algo inventado que sobreviveu ao autor.

Carlos Jorge, escritor belo-horizontino, que quando menino queria ser inventor, resolveu aprender a ler – “foi uma descoberta fantástica”-; o resultado lhe deu a possibilidade de escrever, escrever, escrever... Logo, voltou à ideia de ser inventor, de unir todas as palavras conhecidas e inventar histórias. Realizou o seu sonho, inventou A Linha Assanhada, que traduziu em livro infantil.

“Era uma linha assanhada / Era tudo e quase nada.//... Era torta / Reta, curva / Semi-reta //... Inventava e /Desinventava formas...”

Trabalhar em conjunto as linhas da arte de escrever com as linhas do desenho leva ao propósito principal, contribuir com as linhas no vazio, assim, oferecer a possibilidade da linha ter significados representativos de levar à reflexão: A Linha Assanhada.

As crianças são repletas de curiosidades e a leitura é uma maneira fantástica de explorar este mundo desconhecido e maravilhoso. A partir das observações pela leitura, ela vai criando mentalmente os seus personagens e o cenário onde se passa a história; aprende a lidar com a realidade de maneira lúdica, e encara a vida e a morte repassando a sua visão, desenvolvendo sua própria fantasia.

Fantasia é coisa séria, deve ser cultivada na vida das crianças, porque as leva a vivenciar emoções e circunstâncias que na vida real não viveria. A arte de ler faz com que a criança transfira esse exercício para a realidade, ela junta fatos e acontecimentos.

Ler é conquistar a liberdade, isto é, belas páginas permitem ao pensamento os mais largos voos em direção à verdadeira liberdade. Leitura e liberdade são caminhos entrelaçados, onde o pequeno leitor conquista o novo; busca inspirações e inovações para misturar coisas e palavras, fundir palavras e imagens, como Carlos Jorge na sua história, “Era uma linha assanhada / Era tudo e quase nada. //... Outro dia foi montanha / Se desmanchou virou céu / Se cansou e virou mar / Se aborreceu e virou sol...”

A arte de ler envolve muitas descobertas e muitas transformações no desempenho intelectual da criança. Levando-a alcançar segredos e verdades, facilitando a expressão: é uma descoberta fantástica!

“Era uma linha assanhada / Era tudo e quase nada. //... Reta, curva, torta e quase certa / Certo dia, imitou o homem / Não gostou / Virou bicho / Enrolou e se enroscou //...Virou ponto e sossegou”.

Data : 27/09/2018

Título : CARLOS PESSOA ROSA: em Palavras

Categoria: Crônicas

De fato, as palavras se apresentam mais íntimas do que parecem, quando as leio. Fernando Pessoa disse: “De nada serve o simples ritmo das palavras se não contém ideias”.

Acredito que ler Carlos Pessoa Rosa é sair da rotina; como olhar o mar e o amor dentro dos seus significados. Ele, com a sua poesia, revela palavras com estímulo e força, que resistem à linha do tempo e às privações pelas quais a literatura passa, como em, “Composição // na vergadura do poema / o lastro // na textura do lastro / o poema // no poema vergadura e textura / se alastram”.

Tantas são as palavras de acúmulo de sentimentos que dão razão ao autor para, livremente e sem medo, transformá-las em asas: “o prático / vê no voo da borboleta / uma borboleta em voo // o filósofo / vê no voo da borboleta / a razão do Ser // o cientista / vê no voo da borboleta / as matizes matemáticas do voo // o poeta / vê no voo da borboleta / a possibilidade de dar asas ao poema”.

Palavras são símbolos que traçam a face oculta de quem escreve; nela, o escritor Pessoa Rosa convive em harmonia e tem a capacidade de valorizá-la no senti-la e, talvez, na ilusão de não resistir; sua criação cede aos impulsos, satisfazendo a inquietação, como em “grito”, “caminho nos campos de Van Gogh / assento-me nos sonhos de Kurosawa / aceito as incertezas, dúvidas e medos / grito ao mundo a arte do poema / e o retorno é um sussurro da morte”.

Então, percebo que na sua prosa e poesia há palavras de vários significados, tratadas pelo escritor de forma diferente, peculiar, em guardar a legitimidade, que confere a mais emocionante conquista da inspiração, em ideias carregadas de vida, com talento especial para segurar o leitor, “palavras / sobrevivem em bando / trilham / caminhos de terra estranha / e vermelha / à procura da fonte criadora //: encontram / poemas secos & poetas inférteis / porque assim são os dias”.

Digo que a escrita de Carlos Pessoa são palavras que nascem à sombra das árvores e, sem ressecar, quando “maduras” absorvem seus ritmos. Ganham voz ao determinar sua

característica no representar mudanças e transformações como as que sonho ao lê-las com luzes que nelas encontro, sendo a principal preocupação do autor atingir os sentimentos e a reflexão do leitor, “farfalham / palavras nos varais / experimento / um frescor frio nos lábios / o vento agita poemas em meus dentes”.

Suas palavras dão volta ao mundo da literatura; revelam a mão do escritor e o movimento das palavras com cores e detalhes, dando significado à poesia, “vergado o poema / restam palavras caídas / na calçada // vergado o poema / resta sua sombra / na calçada / sem vento / o silêncio devolve ao poeta o deserto / das ruas”.

Encontro em Carlos Pessoa Rosa o valor absoluto e profundo que repousa na raiz da cultura e eleva meus dias. Ao me enredar em sua prosa e poesia, passo por mudanças na vida, em nuances, na direção sensorial e cativante que reflete o escritor: “dizer / que minha cabeça está vazia de ideias / é perceber / que esse vazio é uma baita negação de valor // dizer / que o poema poetiza o vazio / é concluir que o vazio existe e não existe / é um modo poético / de poetizar a não-presença”.

Data : 19/10/2016

Título : CARNAVAL e ARTE

Categoria: Crônicas

Descrição: O carnaval ilumina um dos momentos mais artísticos da história brasileira. É a forma de arte que mostra...

O carnaval ilumina um dos momentos mais artísticos da história brasileira. É a forma de arte que mostra, no estilo de cada um, a ação que se faz presente: músicas, danças, fantasias e máscaras. Segundo Leminski, “O carnaval! passa / guardada na mala / a tua meia máscara.”

Na tradição, busca na sociedade o equilíbrio na “linguagem” impressionista: a vontade de desbravar a quebra da rotina e de se divertir com os amigos. Daí a possibilidade de ocorrer envolvimento dos quais é impossível distinguir a linha divisória entre o sonho - a fantasia - e o real, porque o carnaval é o espaço inquietantemente maleável, que a sensação é de instabilidade emocional temporária. Como Cena de Carnaval em Olinda, de Nilto Maciel no livro Contos Reunidos, Vol. II.

No carnaval, a aproximação das pessoas é característica revelada em atitudes e entusiasmo, com liberdade de gestos e palavras, pois oportuniza manifestações concretas de expressão do homem, que variam entre a comédia e a tragédia. O retrato da livre convivência entre os foliões, onde risos são transformados em humor, ironia, liberdade e fantasia; em outras palavras, realidade viva e vivida!

A visão carnavalesca de Maria dos Prazeres Gomes, “implica em conceber ao mundo como espetáculo sem palco e sem separação entre os atores e espectadores,

espetáculo do qual todos participam ativamente... as leis, as proibições e restrições, os horários e as hierarquias que normalmente condicionam a vida cotidiana deixam de vigorar.”

Pergunto como o carnaval se dá na poesia. Há unidade entre arte, carnaval e vida, bem como a releitura da poesia que vem acompanhada no retrato de provocações e entusiasmo. O genial é que os escritores, com suas expressões, sugerem a força sonora da palavra como movimento, como se quisessem classificar o carnaval e, ainda, desempenhar a função cultural, que se torna relevante ao descrever a alegria e o prazer em participar das festas carnavalescas: o riso solto e descontraído, a paixão e os momentos em que as pessoas expõem seus extremos.

O carnaval se dá na poesia para representar e expressar as liberdades carnavalescas. Os poetas criam palavras com força transformadora, para revelar o carnaval como espetáculo da realidade, com imagens sui generis, como em Antônio Olinto, “... Carnaval outra vez, gritos no mês //... Ao carnaval em sístole outra vez, / Outra face, outra mão, outra lhanura //... Os ímpetos do ser. Vejo a passagem / de tudo nesta porta, passa imagem, / Passam máscaras sós, passam nudezas, / Que outra vez a passagem se faz ato...”; Álvaro Moreyra, “Veio cantando, veio dançando. / Ninguém olhou, ninguém ouviu. / E todo mundo ficou dançando, ficou cantando: /- Carnaval chegou! / Carnaval taí...”; e em IGdeOL, Neste carnaval duradouro / investirei nas folias do Momo / para soltar o meu eu verdadeiro. // Uma máscara cobre a minha face / disfarce do que não sou / coragem para fazer o que sou...”

Data : 14/02/2018

Título : Carta Amiga,

Categoria: Crônicas

Descrição: Recebi tuas cartas às quais me deixaram muito feliz ....

Carta

Amiga,

Recebi suas cartas às quais me deixaram muito feliz por saber que está bem a aproveitando bastante.

Aqui, sempre a mesma rotina, clínica de manhã e à tarde. Mas estou super contente, por ela estar progredindo a olhos vistos. Já desce as lombinhas da calçada caminhando sem cair; come o pão sem se engasgar e mostra com o dedinho tudo o que quer.

Todos os dias passo pelo seu prédio e vejo seu apartamento fechado, sinto saudades de você, dos papos loucos, das feijoadas gostosas.

Temos feito pic-nic no Parque da Redenção. Ela adora ver os bichinhos e correr livremente, sem que eu esteja só cuidando para que ela não caia. Fui ver uma escolinha para ela frequentar.

Eu estava me tratando com uma psicóloga, mas é um saco. Penso que, nossos problemas, só nós podemos resolver, na medida em que os assumimos e os admitimos. Caso isso não aconteça não poderemos aguentá-los. Larguei a psicóloga.

Amiga estou super triste, pois as poucas perspectivas e esperanças que eu tinha de o meu marido parar de viajar não existem mais. Ele colocou única opção e as vagas já foram preenchidas.

Bem, é tarde e eu preciso dormir, amanhã começará tudo novamente.

Sempre era para lhe escrever e fui deixando, motivada pelo cansaço, falta de vontade; hoje, como prova de amizade, aqui estou e peço que traga em sua bagagem muitas novidades para me contar.

Espero em breve estarmos juntas, conversando e rindo muito.

Um beijão e saudades,

TR.

Data : 16/03/2018

Título : Carta Amado,

Categoria: Crônicas

Descrição: Fui à palestra, conforme combinamos. O discurso imperou como se fosse liquidação de feira...

Carta

Amado,

Fui à palestra, conforme combinamos. O discurso imperou como se fosse liquidação de feira. Mau discurso que provocou uma geração que não quer se calar e sofre sem a verdade e a falta de ética. Nas palavras de Adélia Prado, "Hoje me deu tristeza, //... Discuti política, feminismo, / a pertinência da reforma penal, / mas ao fim dos assuntos / tirava do bolso meu caquinho de espelho / e enchia os olhos de lágrimas...".

Duas horas de discursos sem traço informativo ou cultural. Nada para nos orgulhar com as palavras pronunciadas, sobre a rejeição e o preconceito que trazem a criminalização dos fatos.

Quem é o pecador? Ouvi sobre o ideal do bem estar para todos; bem ridículo, dadas as devidas proporções da nossa realidade. Segundo Dennis Radünz, “Se o agora é o depois/ do quando narrativa / esse óvulo dissipa / no interior do ainda // (eis: o INVIÓBVIO)...”.

O palestrante seguiu horas na mesma linha de discurso, fazendo revelações que me impressionaram negativamente no tempo e na história, com marcações cerradas sobre o que lhe desagradava (pessoalmente). Misturou labuta com irreverência, vaidade com rótulos, verdade com inverdade, direito com dever, fatos com mitos. Adélia Prado retrata, “... falo palavras como lanças...”.

No intervalo, salgadinhos com cafezinho, mas as palavras no salão variaram entre politicagem e libertinagem. Mário Faustino expressa, “Mas nós, que flor e fruto destruímos / que nos aliviará a fome e a sede quando / mortos sentirmos o coração vazio?”.

De volta à sala de conferências, a retórica foi de quem quer nos salvar desta vida comum, mas que está longe da competência no exercício do seu trabalho. Opinou sobre redução salarial, drogas e muita embromação. Entre as falas, gabou-se do seu desempenho. Pior, não abriu espaço para as perguntas, nem para a participação da plateia.

O palco para ele não passou de poder e pedestal; conversa vazia e ultrapassada. Foi ruim. Usou como argumento para expor as suas palavras a velha e desgastada assertiva de, ou está comigo ou contra mim, com intenção de forçar a aceitação de seu discurso. Agostinho Both revela, “Por vezes quero paz e uma paz solidária, mesmo sabendo que a solidariedade seja única salvação, pois... na solidão ficam apenas as lembranças de todas as ordens...”.

Senti-me estranha, com impulsos de indiferença e irritação, pela forma com que a palestra foi apresentada, definida na linha de quem não sabe medir as palavras e nem prestar serviço à nação.

Recolhida na insatisfação, também a palestra do seu colega não evoluiu, ele não se preocupou em esconder seu jeito tosco e mal intencionado, comportou-se como rival em relação ao viver, mostrando-se injusto em seu raciocínio. Difícil acreditar que temos valor ideológico quando presenciamos tais mecanismos sustentados pelo egoísmo e engodo.

Sinto sua falta, beijos,

Bê.

Data : 20/04/2018

Título : Carta Meu amor,

Categoria: Crônicas

Descrição: Em São Paulo, hoje, tempo nublado. Há vento. E uma grande melancolia.



## Carta

Meu amor,

Em São Paulo, hoje, tempo nublado. Há vento. E uma grande melancolia. No rádio, a saudade: “Só tinha que ser com você”. Luz artificial. O espelho repete o rosto triste num corpo branco. Não existem sinos em SP. Fumo. A mente não me obedece, não consigo ordenar os pensamentos. É ilógico como as escadas rolantes do metrô. Ainda não almocei. Sinto fome de amor. Tão longe. O samba canção não melhora nada. Só irrita. O guarda apita. Mais rápido, mais rápido, mais rápido! A saída está longe e quase impossível. No ar, mais um avião. O sul é meu destino, meu fim. Nem ninguém e nem nada conseguirá me afastar e você. O sangue flui normalmente, mas o dia está cada vez mais cinzento. A planta resiste no vaso. E aceita água desde que sem cloro. Inodoro, eis como estou. Sem cheiro, como se humano não fosse. Pobre trapo. Lavei uma calça, ficou limpa. Agora terei de passá-la. Depois usá-la. É exercício violento, como esta distância. Nas ruas as ambulâncias brancas, horrendas. Lembro-me do início, dos churrascos, dos olhares. A primeira mão. O primeiro beijo. O medo, o receio de não ser bem entendido. Nosso compasso. Total e absoluto amor. Promessas diversas. Você e eu. A primeira rusga. A primeira e não derradeira lágrima. A vida em volta. O crescente sonho. Seus lábios. Os primeiros e não derradeiros sonhos. Mil planos, entre mil carícias. Você, eu e o futuro. O sonho continua. A vida é nossa com qualquer tempo e qualquer sacrifício. O dia imenso. Fotografias. O receio, o temor, a confiança, o amor. Não você e eu: nós juntos no abraço e no beijo. Na descoberta e na entrega. Desejo e volúpia. Lábios crus e nus. Corpos tensos na cama. A entrega total. O retorno. Casa e cozinha. O dia a dia. Nem tudo são flores. A viagem longa e tenebrosa. Da superação, sabemos de cor. Cartas e telefonemas. A dúvida secreta. A esperança de novembro. Novembro, madrugada, mala, muito amor. Integração. Planos, caras novas, casa nova. A festa de despedida. Novo lar, doce lar no carnaval. Nas cinzas a separação, somente a voz metálica pelo telefone. A saudade destrói o coração, o cérebro, vícios, sexo. O retorno; quem é feliz retorna para amar mais.

Mil carinhos, mil beijos,

Bê.

Data : 21/03/2018

Título : Carta Querido,

Categoria: Crônicas

Descrição: Quando cheguei em casa encontrei sobre a mesa a aliança,...

Carta

Querido,

Quando cheguei em casa encontrei sobre a mesa a aliança, uma flor murcha e a carta. Questionei-me sobre “o que nos falta” para dividir o mesmo espaço com amor? Em Franz Kafka, “... Esse seu modo usual de ver as coisas eu só considero justo na medida em que também acredito que você não tem a menor culpa, pelo nosso distanciamento”.

Somos diferentes, o que nunca impediu de sermos felizes. Nem a distância impediu o nosso amor. Sempre respeitamos o jeito de cada um. Sempre dispostos aos nossos desejos. Mesmo assim, não conseguimos manter a nossa união?

Talvez seja o momento de repensarmos o combinado e avaliarmos o significado dos nossos gestos, palavras e companhia. Quem sabe, darmos oportunidade aos nossos medos no cotidiano; precisamos desfazer o mal estar e conversarmos, amarmo-nos perdidamente como antigamente. Talvez a leitura do livro Borges + Bioy, composto de cartas-crônicas como argumentação na criação e para a solução de problemas, possa ser de boa ajuda para você.

Quando li a carta, suas palavras não me convenceram. Mas, se você tiver coragem, humildade e vontade de me ver, então permita que lhe faça uma visita no hospital, para lhe dar companhia e carinho. Levarei dois livros o de Borges e Bioy e o novo que ganhei de Marina, Poemas escolhidos de Mia Couto. Leremos juntos.

Respeito e sinto pelo seu sofrimento. Não penso em me afastar de você porque o nosso amor é pleno de boas lembranças, caminho para amenizar a sua dor e canção que embala o nosso viver.

Ficaremos juntos na sua infelicidade dolorida, que lhe fragiliza. Por tudo, quero estar ao seu lado. Imagino que haverá perdas e juntos respeitaremos as regras de nossas vidas e driblaremos seus pensamentos de sofrimento.

Nossa sintonia sempre será o caminho da felicidade, para fortalecer os sentidos e torná-los forte o suficiente para alcançarmos nossos desejos.

Encontro no livro Encantamento, de Guilherme de Almeida, que “... As minhas mãos estão com saudades das tuas...”.

Querido, espero que reconsidere a sua decisão e esqueça a carta; aceito a flor murcha e devolvo a aliança para voltar a ter a sua companhia. Coloco-me no seu lugar, tudo o que gostaria e me encorajaria seria estar ao seu lado pegando na sua mão e beijando a sua face.

Com amor,

Bê.

Data : 24/04/2018

Título : Carta AMIGO,

Categoria: Crônicas

Descrição: Agradeço pelo envio do exemplar e pelas palavras generosas sobre o meu livro.

AMIGO,

Agradeço pelo envio do exemplar e pelas palavras generosas sobre o meu livro. Sua carta é de grande incentivo para eu continuar batendo na tecla “escrever” e continuar na companhia da literatura. Também tenho o sentimento de perda em relação à literatura como cultura, porém, sigo a vida entre palavras lidas e vividas.

Faço parte do Projeto Passo Fundo, RS, projeto que, sob a ótica literária, dá oportunidade ao leitor de participar sem custos; por exemplo, ler em e-book e baixar o livro para a sua leitura, pois, para Agostinho Both, “o mérito estava em suas próprias mãos e não na sorte que o Senhor pudesse conferir”.

Feliz estou de que tenha gostado da minha última obra. Com prazer remeterei outras para você. Aviso, desde já, que em novembro, na Feira do Livro de Passo Fundo, estarei lançando o livro Arte em Movimento.

Amigo, penso que as histórias margeiam nossas vidas. Ideias vão além da observação do cotidiano, dão sentido para olharmos o outro lado da margem. Palavras espalham limites que nos fascinam, como ter no por do Sol a atração e o conhecimento. Jocelyne Yilleneuve demonstra que “Frases compostas / no Sol que passeia / sob minha caneta”.

Cruzamos obras, autores, e palavras em nossas cartas, na mistura de emoções que nos transportam para outros tempos na beleza da vida literária. Nas palavras de Nilto Maciel, “Talento, memória, experiência, leitura, capacidade de observação, conhecimento, tudo isso junto, além da boa dose de dedicação ao ofício de escrever, não é reservado a qualquer ser humano”.

Abraços,

Bê.

Data : 13/06/2018

Título : Carta Caro amigo,

Categoria: Crônicas

Descrição: A noite começou com o meu espanto em relação ao comportamento de nossos amigos.

Carta

Caro amigo,

A noite começou com o meu espanto em relação ao comportamento de nossos amigos. O jantar foi confuso. A cena que todos presenciaram foi de que a relação do casal – nota dez - não está nada bem. Nas palavras de Pedro Du Bois, “A incerteza: grito //... Na repetição da história desfalece inverdades / e resurge em donatários. o espelho relata / rugas / rugas/ rasgos...”.

Jamais imaginei que o nosso amigo pudesse fazer algo de ruim à sua esposa, tal a vergonhosa situação no restaurante, na frente de todos.

Relato a minha indignação; amanhã, quem sabe, eu possa reconsiderar o acontecido apenas pela boa intenção que, na verdade, ele possa ter tido. Na verdade, ele se sente incapaz de continuar amando a esposa. Então, como alternativa, mostra a ela o rapaz elegante que entra no restaurante. Argumenta que “aquele” poderá satisfazer as suas vontades. Insiste para que ela olhe para o rapaz no intuito de lhe chamar a atenção. Nervosa, ela o recrimina e pede que pare com aquele comportamento enlouquecido.

Ficamos quietos, intrigados e desajeitados, sem entender como chegaram a tal ponto. Então, percebemos que as suas relações estavam enfraquecidas.

Os sentimentos se misturaram e o nosso jantar mensal, de encontro alegre passou a desagradável. Pedro Du Bois demonstra, “... A certeza ilude: o futuro dispensa / condicionantes afirmativas de saciedade. / Melhor amar o esplendor no encontro desfeito em lágrimas... /Incendiar o verbo em conjugações / possíveis ao desfecho...”.

Para piorar, a cena desandou por completo, o nosso amigo convidou o rapaz para se sentar em nossa mesa, e ao lado da sua esposa. Nossa oposição nada resolveu. Cheguei a imaginar a extensão da permissividade entre eles. Decepcionada com as atitudes e o desrespeito, senti repugnância e fui embora. Saí sem me despedir.

No dia seguinte, nenhuma explicação, nenhum telefonema e nem desculpas. Mais uns dias e eles se separaram. Juan Gelman pergunta, “Quando o amor termina, serena?”; eu questiono, quando o amor termina como demonstramos nossa insatisfação e angústia, sem ofender ou julgar o outro?

Data : 02/05/2018

Título : Carta Estimado,

Categoria: Crônicas

Descrição: Na brincadeira com as palavras a razão explica que o sentimento é liberdade e poder.

Carta

Estimado,

Na brincadeira com as palavras a razão explica que o sentimento é liberdade e poder. Que as certezas são o tempo em que cartas surtem efeitos emocionais.

É compreensível quando o amor está nas entrelinhas, como sinfonia que remexe as profundezas do coração e dão sentido à vida.

Encontro as “Cartas de Amor à Divina”, que foi transformado em livro e revela a relação amorosa e as fantasias eróticas entre Ivette Bahia Rocha e Di Cavalcanti – dos maiores pintores brasileiros. Doze anos após a sua morte, o livro foi lançado com 105 cartas e bilhetes, com ilustrações de desenhos eróticos do pintor, sensuais ao retratar Ivette.

“Cartas de Amor a Divina” são cartas que rimam com as ações, jogos emocionais e deslumbramentos, onde a história se revela pela lembrança através do tempo. Valéria Veríssimo revela que “Di Cavalcanti participou da Semana da Arte Moderna (1922) e revolucionou mais os costumes do que a pintura”.

As cartas revelam a plenitude no dia a dia, através dos caprichos sentidos como forma de amar; do amor que existiu e agora é lembrança guarnecida no livro; reflete e registra que a maior preocupação de Di Cavalcanti foi a diferença de idade entre os dois (ele com 62 anos e ela com 23).

Escrever cartas de amor é revelar as formas de amar e o sofrimento diante das visões do horizonte, onde nos curvamos para a vida. Como nós, aqui guarnecida pelas lembranças.

Beijos, da sua Bê.

Data : 02/05/2018

Título : Carta Meu desejo,

Categoria: Crônicas

Descrição: Nada é valorizado quanto o meu desejo, que cresce em largos passos, por você...

Carta

Meu desejo,

Nada é valorizado quanto o meu desejo, que cresce em largos passos, por você que revela os nossos momentos, a sua satisfação, cada vez mais e mais... Adélia Prado questiona, “Porque tão arduamente vivo / se meu desejo único é ser feliz?”.

A luz espalhada pelo meu desejo é capaz de se transformar em símbolos que permitem o sonho na aproximação da realidade. O ato de desejar se torna multicolorido, quando a vida é interessante, como em Clara Góes, “... brancos desejos tecem / a tarde em cardo... / e em tuas mãos / amenas// tremo...”.

Boas notícias merecem destaque por celebrarem e driblarem a rotina sem perderem a essência do desejo. O importante é me sentir bem com a escolha. Posso desejar novidades para a realização de pequenos prazeres. Nas palavras de Adélia Prado, “Azul sobre o amarelo, maravilha ou roxo // Desejo como quem sente fome ou sede, / um caminho de areia margeado de boninas...”.

A maneira como lido com o desejo significa atingir, em diferentes níveis, a vida plena no choro de alegria, porque vivemos o cotidiano através das vozes, nas escolhas para amar, que Adélia Prado retrata, “... Tenho os mesmos desejos de trinta anos atrás, / inventáveis como os mosquitos na cozinha ensolarada...”.

O segredo é combinar os desejos com o que nos é importante, o que implica ir além das expectativas para decidir quando e como acreditar no que faz sentido em nossa relação. Ainda em Adélia Prado, “... alegre ou triste / amar é coisa que mais quero”.

Com amor, beijos,

Bê.

Data : 13/06/2018

Título : Carta Meu Negro,

Categoria: Crônicas

Descrição: Depois de muito tempo, hoje senti medo. Quase angústia. Cronologicamente, amanhã completarei 30 anos.

Carta

Meu Negro,

Depois de muito tempo, hoje senti medo. Quase angústia. Cronologicamente, amanhã completarei 30 anos. Talvez o meio/metade do caminho. Tantas coisas juntas. O medo e a angústia, por momentos, tomam conta de mim. Fui envolvida pelo frio da vida. Sinceramente, nunca havia sentido sensação igual. Apertante como fruta verde. Excitante como fruta verde roubada da árvore.

Depois, passada a angústia, a dúvida e a incerteza de ter sabido viver todo esse tempo. De tê-lo aproveitado com carinho e dedicação. De nada haver sido desperdiçado. De ter tudo na minha hora, sem maiores vacilações. Sigo descobrindo a beleza e, principalmente, a feiura na procura pelo espelho, à procura de satisfazer a vaidade natural. Nada feito, tudo é complementado pelos óculos.

A descoberta da dúvida: quem, por que e para quê? De quando em vez, a certeza total. A identificação com os amigos, a bossa nova. Nuances dançam. Sempre a música na doce sensação da chegada e com total satisfação. Sim, descobri que nem sempre os versos precisam rimar. A alegria de encher com palavras a página em branco, as cartas. Os Beatles e os clubes na transparência do mundo com outras imagens.

A busca de outras verdades. O amor em largo sorriso. Medos e complexos acumulados. O Bondinho e a explosão de Caetano Veloso. Chico em recesso. 30 anos relutei, agora soltei. Cheguei lá, com muito amor. Você conseguiu me ajudar a sair da carapuça para me encontrar.

Cada beijo, cada abraço e cada contato é mais uma luz.

Muito amor, Bê.

Data : 16/03/2018

Título : Carta Oi querido,

Categoria: Crônicas

Descrição: Arquiteto meu pensamento para entrar no seu mundo com Paulinho da Viola...

Carta

Oi querido,

Arquiteto meu pensamento para entrar no seu mundo com Paulinho da Viola, "Olá! Como vai? eu vou indo e você tudo bem? //... Eu vou indo correndo pegar meu lugar no futuro... E você? //... eu vou indo em busca de um sono tranquilo... Quem sabe? / Quanto tempo!"

Realmente, terei o sono tranquilo, pois, estou com a sua carta na minha mão e suas palavras no meu coração, que você expressou preocupação para comigo. Entendo que veio do fundo do seu coração. Assim, como sentimos a distância, os mares e os ventos que não permitem o nosso encontro.

Na carta, você conta da sua verdade na íntima convivência com a família. Faz-me feliz. Bom saber que retornaram juntos para casa.

Nosso nível de amizade, através das suas palavras, representa, de fato, a busca por notícias e, também, a procura por você mesmo, ao demonstrar a saudade das nossas conversas e cafezinhos.

Busco em Erasmo Carlos palavras que refletem o meu amor por você, "... tanto tempo faz / queria teu olhar / a vida cor de rosa que / eu sonhava / e guardo a impressão / de que já vi passar / um ano sem te ver...// escrevo estas mal traçadas linhas / porque veio a saudades visitar meu coração...".

Vejo você correspondido na emoção da realidade, como resultado da nossa convivência, em que a saudades chega sem bater e vai entrando e exprimindo os sentidos, na tentativa, entre a razão e a emoção, de não sermos esquecidos no dia a dia, e de alimentar nossas almas.

Nossas cartas são vozes que levam e trazem notícias e emoções, como marca pessoal. Não hesitamos em escrever, que as palavras surgem na espontaneidade e no sentimento que nutrimos um pelo outro e que, por vezes, nos permite a imagem sublimada do tempo.

Ouvindo música, sem você, triste...

Beijos, Bê.

Data : 25/04/2018

Título : Carta Amada Marina,

Categoria: Crônicas

Descrição: Celebro a nossa sintonia neste encontro: mãe e filha.

Amada Marina,

Celebro a nossa sintonia neste encontro: mãe e filha. É conquistar o tempo revelando você como mulher, esposa e mãe que agora tem nas mãos tantas expectativas, necessidades e responsabilidade. Você é inteligente, bonita e feliz. Seu rosto se destaca, revelado pelo sorriso e a bondade. Lembro-me de você e seus amigos andando de bicicleta; dos poemas, das dores de amores, das festas e de quanto ralou os cotovelos estudando.

Digo que você é meu raio de sol, que reflete a alegria em minha vida; faz-me sentir a luz em si e no mundo, como mãe. Quando sua luz se expande você se mostra decidida e resolvida na vida. Nas palavras de Pedro, "Contei as horas / estivemos juntos // tantas /



cheias / eternas // contei o tempo / em que as horas / foram nossas companheiras //  
cheias / tantas / efêmeras // perdi as horas / e o tempo / depois que você foi embora.

Belo dia encontrou o seu amor, em tons diferentes, mas que seguia na sua direção, juntos misturam as tintas e pintam a vida. Com magia, irradiam o amor e a liberdade no mundo de dois sóis: Júlia e Luísa, que brilham fossem poemas de amor e me fazem sentir mãe por duas vezes.

Chama a minha atenção que você, com a sua cor predileta – o amarelo – faz desse desejo a sua luz e nele encontra soluções para as interrogações da vida. Como diz Pedro, “Seus olhos espelham a luz / espelhada lua em lâmina // quem ilumina nosso sol / além da sua própria luz? // As luzes iluminam nossas vidas / mostram caminhos // seus olhos refletem todas as luzes / espelhando o futuro sempre em formação”.

Minha filha, você transforma meus sentidos com atenção, dedicação e amor, cada vez que faz da vida motivo para a sua evolução pessoal, seguindo o desejo no ampliar a sua consciência sobre o viver. Também, oferece de forma integral a parte do mistério que me permite participar e sentir o ventar da criança já em vento adulto. Seu reflexo revela sua forma de mulher: mãe corajosa, carinhosa, atenciosa e inovadora.

Marina, sua luz me multiplica no que alcanço, irradio e espalho no seu pensar sobre a realidade de seu sonho realizado. Em seu brilho você reflete a vida e a transforma em amor intenso, no desejo do reencontro como compromisso e no fervor pelas atitudes de que gostamos: artes, literatura, gastronomia, viagens e músicas.

Com meu olhar, vejo você e as netas movimentando a minha vida que se manifesta em cada encontro com carinho, respeito e felicidade. Amo vocês.

Abraços saudosos e beijos, mãevós Bê.

Data : 18/04/2018

Título : Carta Amado,

Categoria: Crônicas

Amado,

Danuzia Leão disse que “em todos os momentos da vida é preciso fazer uma opção”

A vida se apresenta repleta de surpresas. Às vezes, boas, em outras, ruins, mas, todas com os seus reais significados – de acordo com a escolha e o estilo de vida de cada um.

Devíamos saber optar pela medida certa, no tempo certo, pois, quando desejamos demais ou de menos, a atitude nos é cobrada. Temos que dar preferência à opção de “ser feliz”.

Acredito que tentar ser e fazer alguém feliz é a mais poderosa sensação, e que o espírito da alegria nos faz enfrentar melhor as tristezas; sem contar que ele irradia e fortalece a união. Aqui e agora, a minha alegria é ter você, é amar e respeitar a nossa parceria. Tudo muito, muito simples: dançar, pular, rodopiar, brincar e brindar na nossa vida a dois. Lembre-se, hoje e sempre, que amo muito você.

Beijos de boa viagem, da sua Bê.

Data : 14/05/2018

Título : Carta Amiga querida,

Categoria: Crônicas

Descrição: Na verdade (não lembro quem disse), o tempo não faz sábios, mas, tão só velhos.

Amiga querida,

Na verdade (não lembro quem disse), o tempo não faz sábios, mas, tão só velhos. Estamos muito próximos da velhice que, apesar de todas as defesas, é uma merda!

Eu continuo a buscar o sentido da vida. Um dia, talvez, eu saia da adolescência.

Amiga, foi muito bem receber carta de você. Muito bom.

Por aqui as novidades são poucas. Continuo viajando e escrevendo asneiras. Andei palestrando nas últimas horas pela Argentina.

Recebi convite para fazer mestrado. O prazo para a tese é de dois anos. Aí tu me perguntas por que eu vou. Eu respondo: não sei, aliás, não encontro motivo para não ir.

Amiga, estou cada vez mais morando só. Estou quase desistindo de me localizar. Mas, passo bem.

Não tenho visto ninguém dos antigos (abandono mútuo). Na verdade, deles - antigos, sinto falta é mesmo de ti: somos neuróticos incorrigíveis.

Pare de estudar. Mulher culta demais dá confusão. Querem determinar até a posição da trepada.

Quando nos veremos?

Beijos, AC.

Data : 21/03/2018

Título : Carta Amiga querida,

Categoria: Crônicas

Descrição: Na verdade (não lembro quem disse), o tempo não faz sábios, mas, tão só velhos.

Carta

Amiga querida,

Na verdade (não lembro quem disse), o tempo não faz sábios, mas, tão só velhos. Estamos muito próximos da velhice que, apesar de todas as defesas, é uma merda!

Eu continuo a buscar o sentido da vida. Um dia, talvez, eu saia da adolescência.

Amiga, foi muito bem receber carta de você. Muito bom.

Por aqui as novidades são poucas. Continuo viajando e escrevendo asneiras. Andei palestrando nas últimas horas pela Argentina.

Recebi convite para fazer mestrado. O prazo para a tese é de dois anos. Aí tu me perguntas por que eu vou. Eu respondo: não sei, aliás, não encontro motivo para não ir.

Amiga, estou cada vez mais morando só. Estou quase desistindo de me localizar. Mas, passo bem.

Não tenho visto ninguém dos antigos (abandono mútuo). Na verdade, deles - antigos, sinto falta é mesmo de ti: somos neuróticos incorrigíveis.

Pare de estudar. Mulher culta demais dá confusão. Querem determinar até a posição da trepada.

Quando nos veremos?

Beijos,

AC.

Data : 04/04/2018

Título : Carta Amiga,

Categoria: Crônicas

Descrição: Respondendo sua questão sobre a carta comercial: ...

## CARTA COMERCIAL

Amiga,

Respondendo sua questão sobre a carta comercial: toda a carta comercial é impessoal; provoca no consumidor ou expectador o interesse como “promotora” para vender, comprar, cobrar e muito mais. Como expressa Lígia Fagundes Telles, “o meu único poder é o da palavra”.

A carta comercial passa a ideia de cativar a pessoa ao fazer entender como funciona o produto. Descreve o produto com o objetivo de atingir o sucesso, êxito para todos. Mas, nem sempre prima pela qualidade ao não diferenciar o ser do ter. É apenas negócio. Manuel Puing declara, “continuaremos vivendo sem necessidade de sermos felizes”.

As palavras se misturam entre o atrativo-belo e a promessa da melhor oportunidade. Registra imagens como ilustração para comover e conquistar o cliente. Walmir Ayala retrata, “Mais do que nunca as palavras embriagam o mundo”.

A carta comercial registra e define os passos em palavras que alimentam a imaginação ao postar em ideias transformadoras ou sonhadoras. Ela pode mudar a realidade das pessoas, no momento que atingir seus desejos. A diversidade pode surpreender e explorar a vontade dos clientes por novas experiências. Segundo Artur Eduardo Benevides, “... em nosso itinerário imaginário //... somos seus guardiões e mensageiros / a conduzir notícias aos que estão / no tempo prisioneiros”.

Espero ter lhe ajudado. Boa sorte!

Abraços,

Bê

Data : 08/05/2018

Título : Carta Amigo Guggiana,

Categoria: Crônicas

Descrição: As lembranças nos livram ilusoriamente de sentirmos os mesmos efeitos de quando encontramos a bolsa, ...

Amigo Guggiana,

As lembranças nos livram ilusoriamente de sentirmos os mesmos efeitos de quando encontramos a bolsa, com mais de cinquenta anos, usada pela Senhora JUDITH PORTALUPPI DE QUADROS (1891-1983); avó de Pedro de Quadros Du Bois e, desde sempre, residente em Passo Fundo-RS.

A bolsa nos traz a luz daqueles tempos, servindo para estimular o despertar do nosso prazer em função daquele objeto; de certo modo, como lembrança da sua passagem e o encanto da história, em sossego de porcelana, através da emoção.

Possuir a bolsa da Vó Judith é sentimentalmente guardar a sua essência: “Tudo para nos recordar de como a vida é poética”.

Com carinho, Bê.

Data : 22/04/2018

Título : Carta Amigo, FELIZ ANIVERSÁRIO!!!

Categoria: Crônicas

Descrição: Lembro o seu aniversário e, claro que recordo o seu filho em outras ocasiões, mas, hoje e neste ano, tenho a alegria de celebrar o seu aniversário.

Amigo, FELIZ ANIVERSÁRIO!!!

Lembro o seu aniversário e, claro que recordo o seu filho em outras ocasiões, mas, hoje e neste ano, tenho a alegria de celebrar o seu aniversário. O motivo é que você será avô do primeiro neto, que poderá nascer na mesma data do seu nascimento. Bela perspectiva!

Saber compartilhar esse momento é motivo de sobra para a minha satisfação e a nossa alegria. Nesses anos em que caminhamos lado a lado, a vida nos mudou muito. Lembro as tantas fases passadas por nós. E hoje, ao lado da sua amada, dos filhos, noras e genros, comemoramos o seu “quase” duplo aniversário: pai e avô.

Há quem diga que você é pai carinhoso, amigo e protetor, mas, ao se descobrir vovô, com certeza, o seu coração terá orgulho, passando além da grandeza do mar, onde encontrará a magia da vida.

Mas, o que faz de você especial, além de sua capacidade de viver em função da família e dos amigos, é ser meu grande amigo.

Escrevo para você, pelo carinho e para me fazer “presente” no seu aniversário. Não pretendo simplesmente jogar confetes, mas, passar todo o meu apreço de maneira a dar sentido às palavras: amiga e carinho.

Lembrando que ser avô é importantíssimo, como em Carlos Drummond de Andrade, “... E de remota infância, esse passarinho gentil voa até nós, trazendo no bico o melhor que fomos um dia. Obrigado amigo”.

Beijos, Bê.

Data : 12/04/2018

Título : Carta Amor

Categoria: Crônicas

Descrição: Não sou poeta. Sou apenas a amante que descreve os dias através das palavras, porque a razão me inspira para ler e a espera me leva ao prazer de receber suas cartas.

Amor,

Não sou poeta. Sou apenas a amante que descreve os dias através das palavras, porque a razão me inspira para ler e a espera me leva ao prazer de receber suas cartas.

Lendo A Carta do Vidente, de Arthur Rimbaud, “... digo que é preciso ser vidente, se fazer vidente. O poeta se faz vidente por meio de um longo, imenso e refletido desregramento de todos os sentidos. Todas as formas de amor e sofrimento, de loucura; ele procura, ele mesmo, ele se esgota nele todos os venenos, para só guardar as quintessências...” Paro para um café e reflito que o que dá vida ao meu trabalho é o seu amor e as suas cartas.

Quem pode julgar que o meu sentimento é reflexo do pensamento e a compreensão do seu ausente amor? Pois, escrevo lançando a sinfonia das palavras para remexer com o nosso tempo, desde o passado, para rimar com a ação presente.

Você prende a minha alma, que cultivava a simplicidade, em incontáveis visões de saudades. Então, caminho pela rua da saudade enquanto penso em você. Ninguém me reconhece. Certamente poucos leem jornais, pois, estou na primeira página recebendo o prêmio literário. Tenho nas mãos o prêmio e digo-lhe o que faz sentido para mim, seria comemorar com você, aqui e agora!!

Nossos mundos divergem em sons, cores e ideias. Desafiamos os segredos com impulsos emocionais. Saímos de trás das cortinas do palco da vida para mostrar a nossa condição de amor.

Espero, ansiosamente pela resposta, para que eu não reclame e nem construa a dor. É triste pensar na manifestação do meu desejo, sem você, posso me perder em momento

de lucidez, tal em Arthur Rimbaud, “Escrevi à minha esposa dizendo que se ela não viesse ter comigo em três dias eu daria um tiro em minha cabeça...”.

Beijos, Bê.

Data : 04/04/2018

Título : Carta Benzinho

Categoria: Crônicas

Descrição: Em resposta a sua carta, escrevo que não há como fugir da nossa consciência.

Benzinho,

Em resposta a sua carta, escrevo que não há como fugir da nossa consciência. Ela nos leva a dois caminhos em que o primeiro é a certeza sobre as opções e, o segundo, é ignorar que somos conscientes para com os atos. Como retrata Blaise Pascal, “A consciência é o melhor livro de moral e o que menos se consulta”.

Será que você consegue fugir da sua consciência e ignorar seus atos? Pode, quem sabe, surpreendê-la, mesmo sem saber como lidar com o tempo ao desafiar a vida? Adélia Prado reflete, “Quero escavar-te até encontrar / onde segregas tanto sentimento”.

Seria grande ilusão ou recomeço, pois, quem sabe, poderia significar a perda, o medo ou a nova fase de vida. Depende de como você gostaria de encarar a realidade em detalhes ou até se desfazer das ideias para a reposição da opinião. Para Adélia Prado, “Aprendo. Te prendo, homem. O que a memória ama / fica eterno. Te mo com a memória imperecível...”.

Qual é a sua razão para suportar e entender que, às vezes, a consciência nos trai? Sei o quanto é difícil admitir que a consciência falha e pode faltar. É um temor reconhecer o nosso esquecimento. Como declara Clara Góes, “... entre o tempo e meus resguardos, / um lugar fantasiado”.

Benzinho peço que reavalie e analise os sintomas, para o seu benefício e controle. Mas, tenha a certeza de que a nossa consciência nem sempre é confiável. Muitas vezes a recuperamos através de lembranças e regressos. E, definitivamente, essa relação pode chegar ao extremo de recordar só o que queremos, ao chegarmos no ponto mais crítico: atravessar a vida com o pensamento traduz a emoção do viver. Como em Adélia Prado, “... a minha alma está triste, desejo largar o emprego, / que os de minha casa, hoje, comam frio...”.

Querido, o melhor é se acostumar a viver o dia a dia encarando a consciência como influência da liberdade, do amor e da literatura como cultura, principalmente a poesia.

Se considerar esses pontos como atitudes, terá equilíbrio no seu viver. Adélia Prado pergunta, “Quem nos consolará desta lembrança? //... as moitas onde existo / são pura sarça ardente de memória”. Da sua Bê.

Data : 22/05/2018

Título : Carta Cara amiga,

Categoria: Crônicas

Descrição: Foi um sufoco para retirar o nome do destinatário daquela carta, por discricção.

Cara amiga,

Foi um sufoco para retirar o nome do destinatário daquela carta, por discricção. Não sei por que me preocupo tanto com isso, afinal, sou bem adulta (passada idade) para estar dando explicações.

Acredito que a maneira elogiosa com que a pintora fala a meu respeito, rasgando elogios desmerecidos, tenha me levado a ter a visão do todo, ao ter-me como companheira de assuntos de seu interesse.

Acontece que me retirar para a praia foi, exatamente, buscar refúgio para desfazer-me de contatos exaustivos sobre assuntos que já não interessam e nem me trazem alegria.

Tudo o que aprendi nesta vida, está arquivado no cérebro e só busco em imperiosas necessidades. Assim, resguardo o meu posicionamento e digo-lhe com clareza, que não há nada relacionado unicamente à sua pessoa.

Organizei para minha vida um viver só; opcional, que me reserva o direito da não interferência na minha maneira de ser ou de desejar sê-la: livre.

Não mais, visito e nem recebo visitas. Não viajo, só leio e escrevo. Lamento por nossa amizade, por você. Lamento desapontá-la. Assim sou eu. Mantereí as nossa correspondência, como tema para retomar e evitar novos enganos e desencontros.

RL.

Data : 28/05/2018



Título : Carta Cara Prima,

Categoria: Crônicas

Descrição: Após receber a resposta de nossa parente, estou anexando o e-mail que fiz à ela, bem como sua resposta...

Cara Prima,

Após receber a resposta de nossa parente, estou anexando o e-mail que fiz à ela, bem como sua resposta positiva quanto ao possível e provável encontro. Conforme combinado espero que ela dê notícias.

Soube que vocês estão pretendendo passar o ano novo em M.A. Nós faremos o possível para estar junto, dependerá dos acertos familiares da minha amada. O que parece certo é estarmos juntos, na pior das hipóteses, em janeiro quando, além de revê-los, poderei encontrar o pessoal de P.F.

Sigo batalhando para viabilizar as conchas calcárias de Santa Vitória do Palmar. Quinta-feira próxima seguirei para lá, a fim de verificar se já podemos acessar à jazida.

Lembranças e beijo.

Um grande abraço,

L.A.

Data : 24/02/2018

Título : Carta Caro amigo,

Categoria: Crônicas

Descrição: Terminei a revisão do seu livro. A história é boa, mas, precisa ser estruturada melhor; quer dizer...

Caro amigo,

Terminei a revisão do seu livro. A história é boa, mas, precisa ser estruturada melhor; quer dizer que você tem de ler e reler para avaliar a revisão, pois o texto ainda não está pronto.

Então, agora revisado, precisa que você o refaça: está repetitivo e o personagem aparece no início contando a história e depois desaparece... Penso que ele deve reaparecer, pelo menos, no final da história.

Leia o texto com atenção e o dicionário ao lado para mudar as palavras e expressões repetidas, sem alterar o significado do contexto. Sei quais são as palavras, capriche, por favor, para me surpreender na próxima revisão.

O próximo passo é ter cuidado com a pontuação, o tempo verbal, a acentuação e a grafia das palavras. Encontrei muitas exclamações! Não esqueçamos que é para pequenos leitores, então, devemos ter a preocupação de repassar a ideia e o vocabulário corretamente pelo significante das palavras na história. Por exemplo, você escreveu que o leão “urra”, o correto é “ruge”. São detalhes que espelham a qualidade da obra e a competência do escritor.

Amigo, proponho a minha ajuda e quero fazer o melhor, para tanto, você precisará fazer e refazer a história tantas vezes quantas forem necessárias.

Cada vez que você a der por pronta, remeta-me e eu revisarei novamente e novamente...

Outra coisa, se você tem pretensão de fazer literatura, aconselho a ler muito. Quando achar que já leu muito, ainda é pouco, leia mais e mais... É forma de aprendermos e apreendermos a escrever com qualidade, clareza e senso crítico.

Uma dica para escrever: coloque no papel todas as ideias, mesmo que desordenadas, quando terminar guarde por algum tempo até sentir o decantar do texto. Então, volte a lê-lo, para ordenar de acordo com o seu objetivo, dando-lhe sentido. Em outro dia, releia em voz alta, para ouvir o “movimento das palavras” se o sentido está contextualizado. Então, poderá considerá-lo pronto. Remeta-me e eu o revisarei com prazer.

Se você não estiver assustado comigo, seguiremos juntos tentando alcançar a “qualidade”, mesmo que dê muito trabalho. Garanto que o resultado será gratificante!

Conto-lhe uma historinha: alguém perguntou para a poetisa Orídes Fontela, “muito trabalho, escrevendo muito?” Ela respondeu, “se fosse trabalho não o faria”. Esse é o ponto, para escrever temos que “trabalhar” com prazer e vontade de fazer literatura.

Abraços, Bê.

Data : 22/04/2018

Título : Carta Caro Clauder,

Categoria: Crônicas

Descrição: Foi uma manhã especial em que imperou a emoção ao recebermos e assistirmos ao programa “Pedagogia da Gestão”.

Caro Clauder,

Foi uma manhã especial em que imperou a emoção ao recebermos e assistirmos ao programa “Pedagogia da Gestão”. Sentimo-nos, Pedro e eu, observadores privilegiados de encontro único entre você e seus convidados: escritores e artistas de expressão nas áreas das artes.

Atentos ao vídeo, não queremos apenas elogiar, mas, reconhecer o seu trabalho como promotor cultural em animadas conversas literária na companhia de entusiasmado grupo de poetas e artistas de Mossoró.

Você espelha os poetas que levam seus versos até o povo e doa o seu tempo em prol da literatura. Palmas, muitas palmas!!

É uma satisfação participar mesmo de longe, mas com emoção e sentimento, dessa iniciativa de efeitos extraordinários: seleta de poemas na metáfora da dedicação aos poetas.

“Pedagogia da Gestão” nos coloca diante do espelho da literatura ao refletir a palavra como luz, que o escritor sempre procura no entrelace temático, para que percebamos nas entrelinhas o pulsar da vida de ontem, hoje e sempre.

Ao dar visibilidade aos textos e obras, como força criadora, em que espelhados os sentidos e os sentimentos dos autores, leva-nos a olhar o mundo onde o escritor, literal e literariamente, brinca com as palavras e espalha conhecimentos, traduzindo desafios e a relação com a universalidade da arte.

Jorge Luis Borges disse que “um livro é uma forma de felicidade” e você, Clauder, é o espelho da poesia; quem nos representa na felicidade por refletir a palavra num mundo em que nem tudo são flores.

Amigo Clauder Arcanjo, ficamos muito felizes em receber o DVD e de participar, mesmo que indiretamente, do seu programa, pois ele é convite à literatura do começo ao fim: liberdade com cumplicidade.

Abraços dos amigos de sempre, Bê.

Data : 12/05/2018

Título : Carta Ei, Pitoca!

Categoria: Crônicas

Descrição: Escrevi pela manhã, mas só amanhã – segunda feira – é que poderei colocar no correio - que, aqui, não funciona nos finais de semana.

Ei, Pitoca!

Escrevi pela manhã, mas só amanhã – segunda feira – é que poderei colocar no correio - que, aqui, não funciona nos finais de semana.

Agora, pela tarde, calorão incrível e abafamento maior ainda – andou chovendo; não tendo nada para fazer, o Guri está datilografando o relatório, volto a escrever para você.

Esta nossa vida, na verdade, não foi assim programada, não é? Será que não estamos sofrendo (afastamentos) por nada? Está valendo a pena? Às vezes (cada vez mais vezes) tenho pensado no assunto. Estou em dúvida.

O cigarro cai do cinzeiro e se junta ao resto da sujeira - característica principal da região e da cidade. Sujeira repelente – como são as moscas que, com perdão da má palavra, aqui abundam.

Ih, moça! Não devia ter falado (ou escrito) esta palavra, lembrei-me de tudo de bom que tenho em casa. E fico tão pouco tempo com você.

Fecho os olhos (obviamente que não parei de datilografar) e penso mais uma vez em você. Que saudades, que vontade de largar tudo aqui e sair correndo. Olho o calendário, ainda falta 11 dias, cada um com 24 horas, que possuem 60 minutos, cada com 60 segundos. Prego os olhos no relógio e fico controlando os ponteiros. Grito, esbravejo, xingo. Que relógio vagabundo, que demora exatamente um dia para marcar o dia. Quem teve a péssima ideia de fazer o tempo como foi feito – principalmente para quem viaja. O viajante deveria ter tempo especial: dia de 2 horas, com 5 minutos cada hora, dispensados os segundos. Iria ser bem melhor, pode crer.

Já que é assim - e a máquina não está ajudando em nada – vamos em frente, sempre aguardando – a esperança não é a última que morre, ela simplesmente não morre – por dias melhores.

Hoje não estou ajudando muito, estou amargo. Também não é para menos, saiu tudo errado e eu acabei não conseguindo falar com você. Tenho tanto para dizer, só o amor em você pretendo repetir pelo resto da vida. Ficarmos juntos, simplesmente juntos, nos olhando, rindo, brincando.

Agora, não sei se pelo calor, pelo Sol, pela saudade ou por tudo junto, ou por cada coisa separada, lembro a sua figura com olhos pornográficos e luxuriantes. Com a vontade aumentando cada vez mais e o desejo doido de voltar para casa, mil beijos.

Muito amor e saudade,

P.

Data : 18/05/2018

Título : Carta Mãe,

Categoria: Crônicas

Descrição: Pode ser que as palavras passem despercebidas no nosso viver e gerem desencontros ou, até, não as imaginemos como estão presentes na nossa vida.

Mãe,

Pode ser que as palavras passem despercebidas no nosso viver e gerem desencontros ou, até, não as imaginemos como estão presentes na nossa vida. Por isso, hoje, remeto o poema de que gosto muito, de Cora Coralina: “Muitas vezes, basta ser colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que acaricia...” Posso não perceber, mas a lembrança está em nós o tempo todo, e não por acaso; está ali, pronta para saltar a qualquer hora do dia.

Quando confio na memória, pergunto-me o que mudou em relação a nossa família neste mundo moderno, tão corrido? Preciso olhar o passado para ter a iniciativa de nos encontrar e estampar as lembranças, explicar os versos que traziam o brilho em nossas vidas. Quando deixamos de acreditar através do coração o que nos propomos a fazer? Não entendo os movimentos e os caminhos da verdade. Apenas percebo que conversar é importante para podermos dividir, contar e ouvir em sempre aprendizado. Até porque temos algo a mais em nosso modo de olhar e fazer; colocamos graça e emoção no que realizamos; somos firmes, mas agimos com o coração. Somos resultado do nosso contato com a realidade, sem tantas fantasias; mas é fundamental continuarmos unidas.

Mudanças nos são impostas diariamente e, às vezes, precisamos de coragem e respeito, para todos se beneficiarem com as palavras inovadoras, no objetivo de enfrentar qualquer tipo de crise. Não basta sonhar, é preciso haver clareza do que desejamos e o entendimento do que lembramos.

Mãe, quando o objetivo é a construção de um mundo mais fraterno, no qual nossos direitos sejam respeitados, devemos lutar junto com as lembranças para preservar a união da família. Pois, sem a lembrança, destituída da memória é encontro sem sorrisos.

Penso que, o grande segredo é transformar a vida em resultados palpáveis, através das prioridades; a primeira é amar para sermos amadas.

Admito que nem sempre é fácil transmitir os sentimentos diante de todos, mas, temos que acreditar e reconhecer que juntos opinamos, honramos os compromissos sem perder as lembranças. Procuramos espaço para a nossa emoção e ação; agimos com o coração, unindo a família na sensibilidade, mesmo que, às vezes, sejamos corajosas, dispostas a nos envolver e, noutras, queiramos receber e dar carinho. Hoje, mãe, desejo apenas me aquietar e pedir o seu colo. Saudades!

Abraços e beijos, sua Bê.

“Talvez a carta / seja eterna / de amor / sem destino”

Wilson Cappita

Data : 09/06/2018

Título : Carta Meu amado,

Categoria: Crônicas

Descrição: Nem sabe o quanto espero e anseio por todos os sábados, quando renasço ao ouvir a sua voz.

Meu amado,

Nem sabe o quanto espero e anseio por todos os sábados, quando renasço ao ouvir a sua voz. Sentir a sua presença, saber de você. Tudo isto me anima. Você me completa. Longe, como agora, sou apenas metade. Tento disfarçar; brinco, converso, estudo, trabalho e até vou ao cinema. Quando me dou conta, estou novamente perdida em pensamentos.

Nossa casa, nossa vida, tudo enfim que é comum a nós salta sobre mim com tamanha força, sinto tanto amor, tanta saudade que chego a ficar apatetada. Sorrio. Aquele sorriso confiante de quem sabe quem quer – você. Um sorriso triste pela distância, alegre por ser feliz.

Se alguém falar mal do nosso amor, não retruco, apenas sorrio. Estou guardando minhas gargalhadas para o seu retorno.

Dizem os mais amargos que o amor é sentimento burguês. Sorrio, sorrio, sorrio. O amor, puro e sincero como o nosso é muito mais, sublime.

Conheço a força do nosso pensamento. Nós temos pensamentos felizes. Mesmo que algumas vezes fiquemos aborrecidos e desanimados, ou até mesmo brabos, sabemos que acima de tudo e de todos temos um ao outro, o que nos basta. Então sorrio.

Beijo-lhe, pisco-lhe o olho e sorrio em lembranças, sorrio para mim. Meus beijos tornam-se audaciosos. O calor percorre meu corpo. Minha mão, com carinho e suavidade procura a sua.

Bê.

Data : 04/06/2018

Título : Carta Meu amor,

Categoria: Crônicas

Descrição: Em São Paulo, hoje, tempo nublado. Há vento. E uma grande melancolia.

Meu amor,

Em São Paulo, hoje, tempo nublado. Há vento. E uma grande melancolia. No rádio, a saudade: "Só tinha que ser com você". Luz artificial. O espelho repete o rosto triste num corpo branco. Não existem sinos em SP. Fumo. A mente não me obedece, não consigo ordenar os pensamentos. É ilógico como as escadas rolantes do metrô. Ainda não almocei. Sinto fome de amor. Tão longe. O samba canção não melhora nada. Só irrita. O guarda apita. Mais rápido, mais rápido, mais rápido! A saída está longe e quase impossível. No ar, mais um avião. O sul é meu destino, meu fim. Nem ninguém e nem nada conseguirá me afastar e você. O sangue flui normalmente, mas o dia está cada vez mais cinzento. A planta resiste no vaso. E aceita água desde que sem cloro. Inodoro, eis como estou. Sem cheiro, como se humano não fosse. Pobre trapo. Lavei uma calça, ficou limpa. Agora terei de passá-la. Depois usá-la. É exercício violento, como esta distância. Nas ruas as ambulâncias brancas, horrendas. Lembro-me do início, dos churrascos, dos olhares. A primeira mão. O primeiro beijo. O medo, o receio de não ser bem entendido. Nosso compasso. Total e absoluto amor. Promessas diversas. Você e eu. A primeira rusga. A primeira e não derradeira lágrima. A vida em volta. O crescente sonho. Seus lábios. Os primeiros e não derradeiros sonhos. Mil planos, entre mil carícias. Você, eu e o futuro. O sonho continua. A vida é nossa com qualquer tempo e qualquer sacrifício. O dia imenso. Fotografias. O receio, o temor, a confiança, o amor. Não você e eu: nós juntos no abraço e no beijo. Na descoberta e na entrega. Desejo e volúpia. Lábios crus e nus. Corpos tensos na cama. A entrega total. O retorno. Casa e cozinha. O dia a dia. Nem tudo são flores. A viagem longa e tenebrosa. Da superação, sabemos de cor. Cartas e telefonemas. A dúvida secreta. A esperança de novembro. Novembro, madrugada, mala, muito amor. Integração. Planos, caras novas, casa nova. A festa de despedida. Novo lar, doce lar no carnaval. Nas cinzas a separação, somente a voz metálica pelo telefone. A saudade destrói o coração, o cérebro, vícios, sexo. O retorno; quem é feliz retorna para amar mais. Mil carinhos, mil beijos, Bê.

Data : 20/04/2018

Título : Carta Meu bem,

Categoria: Crônicas

Descrição: Estou na praça lendo Antônio Carlos Osório, ?O vento? São ventos / que sopram lamentos?.

Carta

Meu bem,

Estou na praça lendo Antônio Carlos Osório, "O vento? São ventos / que sopram lamentos". Em sonhos, solto aos ventos o meu pranto: sinto a sua falta. Na esperança de que não falte sopro para os meus lamentos, sinto os dias como batidas de coração. Como expressa Américo Conte, "... E assim me arrasto pelo mundo/ magoado com esta vida / que me aleijou do teu aconchego / e me fez perder o gosto de viver".

O vento corta a minha pele na travessia do sonho em que, com ousadia, enfrento as nossas lembranças e tramo o grito de desamor; grito da pele impura. Gritos que ninguém se importa em ouvir, porque representam meu tempo de pranto. Como retrata Antônio Osório, "... Mas o agônico grito / ainda é de luta".

Desfaço-me aos poucos das recordações ao me desafogar em ventos fortes. Rasgo em agonia as grades das horas de solidão. Antônio Osório reflete, "Que cada um edifique a sua própria solidão / com suas mãos / fazendo brotar de dentro / o caule tenro / da sua verdade".

Nas teias do sonho espalho nossos momentos como fantasia inútil e vã do amor ausente. Busco palavras no vento, como cantiga, e me espanto por não haver voz que retorne ao meu tempo. Para Adélia Prado, "... Quando dói, grito ai,/ quando é bom, fico bruta, /as sensibilidades sem governo. / Mas tenho meus prantos...".

Forte abraço,

Bê.

Data : 08/06/2018

Título : Carta Meu doce,

Categoria: Crônicas

Descrição: Que esteja tudo bem com você. Tenho pensado muito em nós.

Meu doce,

Que esteja tudo bem com você. Tenho pensado muito em nós. Você nem sabe a vontade que tenho de estar aí. Chego a fazer uma espécie de oração todas as noites. Quem gosta, gosta, e eu simplesmente adoro você.



Já que não posso ir, escrevo mandando notícias “E só quero lhe dizer que a coisa aqui tá preta”. Verdade, depois de velha volto a estudar. Em si nada demais, mas os horários são uma merda! Vou levando.

Com alegria recebo as suas cartas. Você não imagina como elas me fazem bem. Contento fiquei por a sua mãe ter entendido a situação – foi alívio para todos. Gostaria agora de estar junto, abraçar, beijar; abraçar e beijar.

Nem devia escrever sobre o assunto, no entanto, nunca é demais deixar bem claro o quanto de amor tenho por você; ainda, o quanto você é bom para mim. Estou feliz com você. E não abrimos. O resto é fofoca da oposição. Ao contrário, eles é que foram deselegantes conosco. Pois bem, por hoje é isso; agora, confesso estar “morrendo” de desejos. Milhões de beijos,

Bê.

Data : 09/06/2018

Título : Carta Meu querido,

Categoria: Crônicas

Descrição: Hoje foi um grande dia! Dia de surpresas boas. Recebi cartas de leitores, escritas de próprio punho.

Meu querido,

Hoje foi um grande dia! Dia de surpresas boas. Recebi cartas de leitores, escritas de próprio punho. É surpreendente nos dias atuais e, ao mesmo tempo, fascinante.

Mais emocionante é saber do entusiasmo deles por terem passado muito tempo lendo meu livro. Nas palavras refletidas de que “você me tirou da solidão”, Jorge Luis Borges retrata, “Foi o raio que iluminou a escuridão”.

Estou feliz com o recebimento das cartas. Chegaram em boa hora para me transmitir confiança e poder; para me aproximar mais e mais dos meus projetos literários. Julgo-as como o grau máximo de satisfação. Choro por entender que preciso ter coragem para produzir obras no intuito de não os decepcionar; certas horas habito o medo.

Li nas entrelinhas das cartas que na vida somos rodeados pela tecnologia, mas que os leitores encontram “ternura” em minhas crônicas, em variada amplitude, gerando o reconhecimento de próprio punho, para postar o calor humano.

Dias como estes valem o meu trabalho, que, para Fernando Pessoa, “tudo vale a pena quando a alma não é pequena”.

Saudades. Beijos,

Bê.

Data : 10/05/2018

Título : Carta Minha amiga,

Categoria: Crônicas

Descrição: O final do dia segue suas etapas consecutivas e rápidas.

Minha amiga,

O final do dia segue suas etapas consecutivas e rápidas. À noite, o escuro são seus objetivos, sob as estrelas e os planetas iluminados que nos observam do alto.

Brahms, com seus violinos de som fino é responsável pelo acompanhamento.

O dia termina seco e esfumado, vermelho esmaecido no cair do sol, entre as casas e colinas desta cidade que me hospeda e nem sabe que eu a habito e toco em suas partes.

É começo de outubro. O tempo avança e a história se acumula cada vez mais em menos dias.

Minha cara amiga!

Por que morar tão longe?!

Espero que esta carta chegue até você e encontre a felicidade que foi buscar nesse paraíso tropical. Ou não seria? Eu pelo menos imagino muito sol, praia, palmeiras, água de coco, turistas americanos com máquinas fotográficas no pescoço e moças de sarong dançando ula-ula.

Agora é domingo de manhã e, de longe, preocupa-me a possibilidade de você ficar sem erva mate e se naturalizar nordestina. Em todo caso, se faltar e a saudade se tornar insuportável diga, que eu despacho um pacote e vou junto para conferir.

Como você, constato que não é fácil escrever e, da mesma forma, aproveito a solidão de um feriado maior para contar-lhe a respeito daqui. Estou chegando de viagem, onde fui visitar minha mãe, que teima em sofrer e viver. Além dos demais parentes apavorados com o custo de tudo. Curti, rapidamente, também parentes e amigos candidatos à prefeitura. Penso que eles se empolgam, mas são os que mais gastam energia para tocar o barco furado em que resolveram navegar. O inverso pode ser verdadeiro.

E sobre nós?

Well, minha filhas estudando. Mas, ninguém é perfeito e temos que dançar conforme a música. Nessa parte, para mim fica um pouco ruim, porque não sei dançar.

No momento, sou cozinheiro e jardineiro aqui em casa. Mês passado, dentro de um plano elaborado, saí de onde trabalhei durante dez anos. O objetivo, não é fácil explicar para as pessoas, é cair fora da Road cada vez mais acelerada em que todos estão mergulhados, para estudar o momento histórico em que vive a humanidade, que é, sem dúvida, o mais crucial e importante desde o dia em que os peixes saíram fora d'água.

Quero apenas ser um espectador consciente, sem sofrimento, daquilo que estou denominando A Grande ironia Cósmica, título do qual já requeri patente e que talvez você ouça falar mais adiante.

Num ângulo que 180 graus geram ou mais, ao som de Brahms e Beethoven, recebo a história passada, presente e futura da nossa frágil biosfera, acompanhando com os olhos e ouvidos, o que o homem lança para fora dela, na direção do infinito.

Não sou maluco, não rasgo dinheiro, posso até saber quanto renderam as aplicações e me sinto cada vez mais apto ao trabalho físico e mental. Porém, estando sob controle, os itens materiais não podem ocupar espaço quando você imagina o tamanho do universo conhecido que um mapa galáctico estampa na nossa sala.

A terceira coisa que estou fazendo, na mesma linha de importância ou mais importante, sim, mais importante é o cultivo de mim mesmo. Mais importante porque, na medida em que esse objetivo de auto evolução e fortalecimento é atingido, as demais metas são facilitadas. A regra é o inverso: as pessoas, a individualidade desaparece e os problemas tomam o tamanho da vida.

Trata-se de um processo e me encontro no começo e, como ele só termina com a própria morte, posso vislumbrar o seu potencial sem limite.

Nada acontece porque sim, tudo é movido por alguma energia. A energia que propôs o processo e me alimenta chama-se Logosofia, de quem já devo ter dito alguma coisa a respeito. Foi a melhor parte do que me aconteceu, no campo mental/espiritual e conheço uma porção de pessoas da mesma opinião. Por isso tenho recomendado a todos, embora não fique insistindo e falando no assunto durante o tempo inteiro.

Uma síntese de Logosofia é que: trata-se de uma ciência, criada por um argentino chamado Carlos Bernardo Pecotche, cuja fundação Logosófica no Brasil já fez 50 anos, tendo sede nacional em Belo horizonte.

O método, já comprovado, praticamente em centenas de pessoas, é elementar, não contém mágicas nem crenças, e apenas propõe e dá os meios para fazermos aquilo que, solicitados pelo ambiente em que habitamos e que, por todos os apelos que ressoam na nossa casa mental, deixamos de fazer!

Enfim, somos autônomos a serviço das estruturas onde mergulhamos e acabamos esquecendo que vivemos; esquecemos-nos de nós mesmos, somos apenas um apêndice do sistema.

Esquecemos que temos uma parcela mental, espiritual. O alimento é dado praticamente só para o organismo físico, sendo que o mais importante, aquele que pode crescer infinitamente é o espiritual.

De outro lado, embora seja o elementar, não é fácil se estabelecer, porque mexe na nossa cabeça; mexem em coisas que nós cremos imutáveis, defeitos que defendemos como parte inquestionável da nossa personalidade.

Mas como é bom quando você consegue avançar nessa contramão e estabelecer um espaço para novos impulsos, como num campo de batalha!

Não propõe o abandono de nada do que você faça, pelo contrário, abre novas perspectivas e dá outros entusiasmos. A reação das pessoas é de não acreditar nas possibilidades que a Logosofia propõe. Eu não fugi à regra.

Trata-se de organizar o interno, que é o meu trabalho no momento, junto com os demais. O homem é como uma montanha. Para conhecer as riquezas do seu interior é preciso penetrá-la. Outro dia poderemos falar mais sobre tudo isso, que é a própria vida.

Abraços, G.B.

Data : 21/05/2018

Título : Carta Minha querida Mãe,

Categoria: Crônicas

Descrição: Parabéns pelo seu dia. Obrigada por me mostrar a felicidade em pequenas coisas.

Minha querida Mãe,

“Parabéns pelo seu dia.

Obrigada por me mostrar a felicidade em pequenas coisas.

Obrigada pelas sessões da tarde, pelos pacotes de bolachas, pelos pinhões em tardes chuvosas.

Obrigada por me levar para o outro lado do país e me mostrar uma cultura tão diferente e me ensinar que em todos os lugares podemos ser felizes, que sempre há algo de bom.

Obrigada também por voltar. Por aproximar os laços familiares. Nenhuma família é perfeita, mas não ter nenhuma sempre é pior.

Obrigada por ter me criado para ser uma grande profissional e por ter me apoiado quando decidi cuidar da casa e família.

Obrigada por ser essa vó maravilhosa, sempre esperada em nossa casa, sempre deixando saudades.

Obrigada por, tantas vezes, ter se reinventado: quando deixou Sarandi e enfrentou a cidade grande; quando tão jovem desistiu de alguns projetos e decidiu encarar a maternidade em sua plenitude; quando encarou uma nova vida no nordeste, longe da sua cultura e da sua família; quando eu saí de casa e a vida voltou a ser do casal; quando foram morar em BC, prontos para recomeçar e redescobrir uma cidade; quando se apaixonou pela literatura e se descobriu leitora voraz; quando floresceu escritora.

Você é e sempre será meu porto seguro, meu amor e aquela voz dentro de mim, dizendo:  
- Vai lá, Marina!

Feliz dia das mães! Beijos, “

M.D.B.

Data : 09/05/2018

Título : Carta Minha querida,

Categoria: Crônicas

Descrição: Antes tarde do que nunca, como já diz o ditado.

Minha querida,

Antes tarde do que nunca, como já diz o ditado. Hoje estou escrevendo umas linhas para dizer que, ainda que eu não escreva, sempre recordo de você com muitas saudades. Você ocupa um lugar bem grande no meu coração.

As novidades são poucas. Uma é que temos, agora, na Rua Moron um calçadão, ocupa quatro quadras. Os carros podem passar, não é calçadão fechado como noutras cidades. Ficou até bem bonito.

No mais é este frio danado. Ontem, choveu todo o dia; hoje amanheceu um dia daqueles; só tenho vontade de ficar debaixo das cobertas. O tio desde o primeiro frio botou o pala e não tirou mais.

Gostei das fotografias. O apartamento é lindo. Mando fotos do ano novo, só que continuo cortando a pessoa que fica a esquerda; não descobri, ainda, onde está o meu erro.

Hoje fico por aqui, beijão.

H Q.

Data : 18/04/2018

Título : Carta Negro,

Categoria: Crônicas

Descrição: Casar é um luxo. O sonho de casar e ser feliz continua vivo em nossas vidas.

Negro,

Casar é um luxo. O sonho de casar e ser feliz continua vivo em nossas vidas. Para comemorar a data precisamos saber do que somos capazes. Há vinte anos eu era apenas uma moça com mil perguntas, todas sem respostas. Vivia ajeitando a saia branca, que teimava ficar mais curta.

Hoje, mais do nunca, sei que é ótimo ter você comigo nos erros e nos acertos, nos bons e maus momentos; até mesmo, nas discussões bobas que às vezes temos. Todos têm, porque assim é a vida a dois.

Hoje, com quarenta e dois anos de casamento, digo: feliz aniversário para nós. Viva o amor! E que você continue sendo a pessoa maravilhosa que tive a alegria e o prazer de escolher.

Com todo o meu amor, Bê.

Data : 11/06/2018

Título : Carta Oi!

Categoria: Crônicas

Descrição: Obrigada pelas palavras. Agradeço sempre que leio, “esta mensagem leva meu coração”; recebi o cartão e não devolvo o seu coração.

Oi!

Obrigada pelas palavras. Agradeço sempre que leio, “esta mensagem leva meu coração”; recebi o cartão e não devolvo o seu coração.

Tempestivamente, meu pensamento procura o seu, desde o recebimento do cartão, para identificar a sua chamada em meu coração. Nas palavras de Guilhermino Cesar Filho, “... Os caminhos se enroscam / no solene debaixo do jardim / enquanto meu passo ecoa / solitário sobre o limo”.

Busco a sua presença em outros rostos e volto com a certeza de quanto me dói não enviar as cartas para você. Guardo-as comigo para evitar maior constrangimento em relação a nós dois, em consideração aos nossos pais. Porém, sinto-me desabitada,

desativada e tantas outras sensações, até poder sentir sua presença, seu perfume, ouvir sua voz e ler seus poemas.

Sou a referida pendência em relação aos nossos sentimentos. Estou no aguardo de sua pronta manifestação. Quando me serão enviadas as cartas? Ainda em Guilhermino Cesar Filho, "... (Por que para andar conmigo / me bastam mis pensamientos)".

Sofrendo com a saudade.

Da sua amiga de sempre para sempre, Bê.

Data : 02/06/2018

Título : Carta Para Bê

Categoria: Crônicas

Descrição: Meu amor somos recomeços

Para Bê

Meu amor  
somos recomeços

não a renovação  
de que tanto dizem  
e escrevem  
e falam  
e dão por verdade

o recomeço diário  
que sonhos se limitam  
a refluir verdades  
na diversidade  
dimensional  
dos temores

enquanto acordados

recomeço  
na possibilidade  
de sermos novamente  
os mesmos começados  
no amor lisonjeiro  
dos entreatos

meu amor  
a repetição indica conformidade  
em gorjeios abdicados  
de confrontações  
que voos se limitam  
na necessidade da continuidade

o recomeço permite  
outras cores além das começadas  
outros dizeres além do contextualizado  
outros segredos além dos revelados  
outros beijos além dos beijados  
outros encontros além dos desencontros

meu amor  
na recondução dos corpos  
encobertos pulsam desinteresses  
que a um interessa a outra  
e a outra é você na concertação  
do sonho sempre concretizado

recomeços são folhas conduzidas  
no contar histórias possíveis  
pela repetição dos ângulos desprovidos  
de seus vértices: ninguém nos obriga  
a sermos quem nos demonstramos



na consciente certeza do previsto

meu amor

somos realidades uniformes  
em nossas desconformidades  
: sentimentos flutuam no revoar  
dos corpos em busca constante  
de sermos unos diversificados

o recomeço permite olhar a continuidade  
na permissão sentimental dos corpos  
confundidos em si mesmos

recomeçar é amar dia após dia  
você que se modifica  
no temporário da espacialidade  
de que nos cercamos pela entrega.

Beijos do D.B.

Data : 06/05/2018

Título : Carta Prezada Prima,

Categoria: Crônicas

Descrição: Foi com muita surpresa, agradável surpresa, que recebi sua amável carta e tão pouco sabia que você residia em JP.

Prezada Prima,

Saúdo-a:

Foi com muita surpresa, agradável surpresa, que recebi sua amável carta e tão pouco sabia que você residia em JP.

Telefonei em seguida ao LF, que mora a cem metros de meu apartamento e ele colocou-me a par de tudo referente a você. Especialmente do seu marido e achei a história da função que ele exerce, interessante e bonita. Meus cumprimentos.

Nós aqui, estamos bem; em verdade atravessamos longo período entre médicos e hospitais, mas parece que estamos vencendo a parada. Também, Prima, Eu e a Tarsila, com setenta e lá vai pedrada, não está sendo fácil administrar a velhice.

Penso que seria injusto nada informar a nosso respeito e que ficasse na ignorância de tudo. Por isso, começo com a minha filha Valmira, que foi destacada pela universidade federal onde é professora, doutora em economia do trabalho e produção, com formação pela Université da França. Ela prometeu-me que fará uma visita a você, na primeira ocasião.

Já que estou falando em filhos, vai aqui alguma coisa sobre o Walmor, médico psiquiátrico, casado que, no momento, reside nos EEUU. A outra filha Adriana, está no Japão estudando arquitetura e dá aulas de inglês e espanhol. Márcio cursa direito e tem uma filha. Valmir é comerciante.

Valmicir, mestre em genética, contaminou-se com radioatividade e faleceu. O Brasil, ainda, não está suficientemente preparado para manipular em esse tipo de radiação. Deixou três filhos.

Prima, caso eu esteja me tornando prolixo e inconsequente, perdoa-me, sim?

Agora, volto ao assunto de nosso interesse, o brasão da família. O tamanho do quadro é de 40x60, pintado à mão pelo nosso primo Antoninho. O seu pai é “doidão” pelo brasão. Estou enviando o quadro pelo correio.

Tenho um assunto, sumamente importante para mim, que é impossível não comentar: concluí nesta semana, após anos e anos de intenso trabalho o levantamento da árvore genealógica da família. Visitei todos os da nossa época, rincão por rincão. Iniciei o levantamento nos idos de 1982, mas, só viajava no verão, tendo em vista recomendação médica. O livro está levantado e pronto para o prelo, são 1357 folhas. Tão logo esteja editado, terei o prazer em informar-lhe. São verdadeiras pérolas que constam no livro.

Não comente com o seu marido, para que continues gozando de tranquilidade, mas, tanto eu como você, somos ciganos ou ciganinhos. Nossa bisavó era cigana legítima, natural da Croácia-Iugoslávia (Pátria dos ciganos).

Envio beijos e abraços, saúdo-a desejando saúde e paz, extensivo aos familiares.

Do primo e amigo, HP.

Data : 11/05/2018

Título : Carta Prezada,

Categoria: Crônicas

Descrição: Ontem vim de Passo fundo. Estão todos bem. A vó continua na mesma, sempre na cama, porém sem dores, felizmente.

Prezada,

Ontem vim de Passo fundo. Estão todos bem. A vó continua na mesma, sempre na cama, porém sem dores, felizmente. Todos de lá enviam a ti um grande abraço. Os meninos passarão o aniversário em Pelotas.

Há vários dias que recebi notícias tuas, que muito me alegrou.

A falta de tempo é que me impediu que já tivesse respondido. Eu, felizmente, vou bem. Quanto ao passeio por aí, ainda, não resolvi nada. Caso resolva, avisarei com antecedência.

Conforme hábitos, já de costume, há vários dias recebi tua carta. Já era para ter respondido, porém como disse acima, hábitos de deixar para depois; o tempo foi passando e hoje estou respondendo.

Por aqui nada de novo, entre uma consulta e outra. Próxima sexta feira irei ao aniversário do T. e em seguida para casa, onde ficarei até feriados, regressando a PA. No aniversário do T. não haverá festa devido ao falecimento de seu E., não sei se você soube.

A tua turma de Sarandi faz muito tempo que não vejo, perdi-os de vista. Estou esperando o teu regresso para reiniciarmos as rodas de chimarrão.

Aproveito a oportunidade para felicitar-te pelo teu aniversário, a correr do mês, desde amanhã, portanto, desejando-te muitas felicidades, cheia de saúde, junto aos teus.

No mais me despeço de ti por hoje, desejando um grande abraço,

NQ.

Data : 24/04/2018

Título : Carta Querida amiga,

Categoria: Crônicas

Descrição: A vida é cheia de surpresas e de encontros gratificantes,...

Querida amiga,

A vida é cheia de surpresas e de encontros gratificantes, que cá estamos falando de literatura, quem diria, após tantas reuniões dançantes. Somos amigas há mais de 40 anos, e o tempo se encarrega de nos reencontrar. Gostei muito do seu portal Aqui. É muito gostoso lhe sentir mais perto, como se estivéssemos lado a lado. Nas palavras de Cesário Verde, "... Lançastes no papel / As mais lascivas frases; / A carta era um painel... // do teu bilhete ansioso... // Tu neles, sempre, espelhas:/ são lúbricas paixões..."

E, por sentir o seu interesse e gosto pela literatura, estou lhe mandando alguns dos livros confeccionados por nós – artesanais-, e o livro premiado Os Objetos e as Coisas de Pedro Du Bois.

Adoramos, quando usamos o tempo, entre uma neta e outra, envolvendo-nos com a literatura. Também, temos o reconhecimento e o retorno do pessoal das artes literárias e dos amigos. Caso tenha vontade de ver de "perto" tudo o que fazemos, teremos a maior alegria da sua companhia.

Com saudades,

Beijos,

Bê.

Data : 18/05/2018

Título : Carta Querida amiga,

Categoria: Crônicas

Descrição: Acredito que um pedaço de papel é tão mais importante que qualquer coisa no mundo, porque me dá grande alegria, quando recebo tua carta.

Querida amiga,

Acredito que um pedaço de papel é tão mais importante que qualquer coisa no mundo, porque me dá grande alegria, quando recebo tua carta.

Querida amiga, entendo perfeitamente o significado da saudade, é o que estou sentindo e faço força para suportá-la. Porém, sempre tenho em mente, "Quanto mais elevado for o fim tanto mais unidos devem permanecer aqueles que pretendem alcançá-lo."

A ti um muito obrigada por todas as alegrias e por tudo de belo que foste para nós, sempre. A tua lembrança ficará gravada em nossos corações. Admiramos-te muito, pelo teu alto astral e pelo poder de despertar a autoestima nas pessoas. Tenha sempre a simplicidade como dom; a sabedoria da realidade como verdade para desafiar os obstáculos da vida.

A saudade é grande e não perdi o hábito de, cada vez que saio, olhar para o teu apartamento, não imaginas o nó na garganta. Não é papo furado é o que realmente acontece. Sou amiga de todas as horas.

É com lágrimas e o coração despedaçado que escrevo esta carta, motivo, doença na família. Estou escrevendo e quase não enxergo o papel. Desculpe, mas é que realmente estou triste com a notícia e é para ti de quem gosto, que desabafo.

É uma pena que a nossa vida não possa ser rosa como este papel.

Beijos,

ES.

Data : 27/05/2018

Título : Carta Querida amiga,

Categoria: Crônicas

Descrição: Quando Rogério Duprat escreveu “quero o que não conheço o começo...” e Chico Buarque havia sentenciado que “... conheço os passos dessa estrada, sei que não vai dar em nada, seu caminho sei de cor...”

Querida amiga,

Quando Rogério Duprat escreveu “quero o que não conheço o começo...” e Chico Buarque havia sentenciado que “... conheço os passos dessa estrada, sei que não vai dar em nada, seu caminho sei de cor...” Eles inconscientemente estavam antevendo a minha carreira e, por consequência, a minha saída. Nem mais, nem menos...

Certas situações – as piores- nos são impostas. E os impostores seriam também impositores? Por definição, estão investidos do poder inerente aos atos da espécie. Nem dialogam, nem buscam razões.

Como se opor? O trabalho é sutil (aqui, lembro Campos de Carvalho, que era muito mais engraçado, pelo menos), silencioso. Comem-nos pelas beiradas. Com sorrisos. Quando menos esperamos – guarda baixa-, vem a estocada. Funda, profunda, doentia, dolorida, irrecorrível.

Repetem-se as cenas das prisões e interrogatórios: sempre o culpado é aquele que, por enquanto, conseguiu escapar ao cerco. Os outros, interlocutores, meros instrumentos da “voz mais alta”, aquela que não deve ser incomodada pelos comuns mortais.

Resistir quem há de? Por trinta dias, por dois meses? O golpe final, armado nos desvãos da (in)cultura dominante. O que seria pior? Abençoamo-lo com o melhor das posições, aquela que você não quer (ou não pode aceitar, ou qualquer outra negação).

Dito e feito. A saída, honrosa? Não existe saída honrosa, tanto nos custa, tanto nos fere.

Liquidação! Liquidação solitária, imposta, sofrida.

Decidido, acabado, finalizado.

Ficamos parados? Não, vamos em frente, com as bênçãos do outro lado: família, amigos; escolhas pessoais, sem mais imposições.

A felicidade, sabemos - e Cecília Meireles tão bem a achou-, está sempre mais próxima de nós do que pensamos. Basta querer e saber “olhar”.

Aquele abraço!!!!

\* (Se é belo ter um ideal, é sublime morrer por ele.)

D.B.

Data : 21/04/2018

Título : Carta Querida Tita,

Categoria: Crônicas

Descrição: Todo dia é dia de poesia: assim é o Natal, festa voltada para poemas, versos e prosas.

Querida Tita,

Todo dia é dia de poesia: assim é o Natal, festa voltada para poemas, versos e prosas. O Natal é momento perfeito para a união, o reencontro e a confraternização. Comemorá-lo é estar perto de quem amamos; ou ter amigos fiéis. É estar cercado de amor.

Escolhi para dividir com você, que é importante para mim, algo precioso, “Para Viver um Grande Amor”, de Vinícius de Moraes. Obra magnífica que junta prosa e versos e, ainda, traz desenho de capa de Carlos Scliar. Pura arte!

De quebra, remeto o primeiro livro de prosa de Vinícius de Moraes, escrito entre 1957 e 1960, editado em 1962.

“Duas Canções de Silêncio

I

Ouve como o silêncio  
se fez de repente  
para o nosso amor  
horizontalmente...

II

Crê apenas no amor  
e em mais nada  
cala; escuta o silêncio  
que nos fala  
mais intimamente; ouve  
sossegada  
o amor que despetala  
o silêncio...

Deixa as palavras à poesia...”

Um Feliz Natal para você, desejando que fique de bem com a vida e conectada com o mundo.

Beijos, Bê.

Data : 23/05/2018

Título : Carta Querida,

Categoria: Crônicas

Descrição: Estamos muito felizes e honrados por participar da vida de vocês.

Querida,

Estamos muito felizes e honrados por participar da vida de vocês. Embora distantes fisicamente, vocês estão sempre presentes em nossa mente e coração. Torcemos pelo

sucesso, saúde, paz e muita alegria a todos vocês, tão especiais para nós! Nossas filhas ficam comovidas e muito felizes, também, pelo carinho que temos recebido de vocês.

Estamos todos bem. Nós gozamos uma vida boa de “aposentados”. Dedicamo-nos a causas sociais e da educação. Nossas filhas estão bem e trabalhando. A filha mais velha está casada há dois anos, reside em PF, é fisioterapeuta. A do meio formou-se como veterinária e mora em M. A última mora conosco em S, é dentista. Graças a Deus estão encaminhadas e são profissionais responsáveis, por isso nos deixam satisfeitos.

Mando em anexo, o jornal da Região onde foi registrada a matéria da entrega do livro para a Biblioteca Pública. Todos ficaram felizes em saber do sucesso que vem alcançando com seus livros.

Querida, desejamos que estejam muito bem de saúde, com alegria e paz, que vocês transmitem através das palavras e ações.

Gostaríamos muito de recebê-los em nossa casa. Quando virão para PF? Avisem e venham até aqui para passarmos juntos, revermos tantos lugares que, com certeza marcaram nossas vidas, bem como para lembrar o passado bom e alegre.

Parabéns pelo evento organizado no lançamento do livro. Sabemos que foi criativo, cultural e completo em todos os aspectos. Foi uma lástima não termos participado, mas, com certeza, não faltarão oportunidades para estarmos com vocês em momentos tão especiais.

Estamos enviando muitos beijos, abraços e muito carinho, junto com muitas saudades.

N.V.

Data : 09/05/2018

Título : Carta Querida,

Categoria: Crônicas

Descrição: Não podes nem de leve imaginar a alegria e o prazer que tua amável carta nos proporcionou.

Querida,

Não podes nem de leve imaginar a alegria e o prazer que tua amável carta nos proporcionou.

Nada a desculpar por não teres subido até aqui, entendemos perfeitamente, o que são três ou quatro dias, para tanto o que fazer e a quem visitar. Pois, já passamos por isso. Não penses que não tive vontade de descer correndo para abraçá-la, mas, também estava com visitas para o almoço, não deu mesmo!



Sabemos que conviver contigo é muito fácil e bom, pelas muitas virtudes e qualidades que possuis. Vou cobrar a promessa na próxima vinda, nos dê um alô e o prazer da abraçar-te e rever-te, pois sentimos saudades. E creias, tu também moras no nosso coração.

Nós felizmente, todos bem, na medida do possível. Este mês forma-se em direito o nosso neto, da filha que faleceu. Podes imaginar como nos sentimos? Mas, temos que tocar o barco até quando quisermos...

Estamos de reforma em casa, fazendo quarto novo e mudando o sistema do closet para roupeiro de dez portas. Tudo sob medida e projetado por arquiteto. Vai ficar bonito e luxuoso. Veja só, na nossa idade fazer tudo isso; o meu marido diz que vai cobrar ingresso para o pessoal entrar e que a inauguração deveria ser com uma mocinha. Mas, afinal, nós dois estamos velhos, ele está eufórico e eu que fique logo pronta.

Não sei como te agradecer a lembrança de nos escrever. Creias muito nos sensibilizou e temos muita alegria em nos correspondermos. Peço apenas, que me desculpe, pois, há muitos e muitos anos deixei a escola, mas, amigos como tu, ainda nos entendem.

Obrigado por nos convidar para visitar-te, quem sabe...

Vamos ficando por aqui, enviando um muito especial abraço e beijos,

MM.

Data : 15/05/2018

Título : Carta Querida,

Categoria: Crônicas

Descrição: Dias destes ouvi um pensamento, "Amigo não é aquele que dá rosas, mas o que ajuda a retirar os espinhos".

Querida,

Dias destes ouvi um pensamento, "Amigo não é aquele que dá rosas, mas o que ajuda a retirar os espinhos". Pelo seu carinho e pelos espinhos que me ajudou a retirar de minha vida, obrigada.

Recebi suas cartas e adorei-as. Amanhã vou fazer a cirurgia de ampliação no braço direito e de acordo com as solicitações doutor vou necessitar ficar com o braço imobilizado por alguns dias.

Estou um pouco chateada com tudo, mas espero que dê tudo certo para que possamos definitivamente recomeçar a viver.

Lembra o que me disse? Ele tem sido carinhoso, querido e “tudo mais”. Eu é que tenho estado nervosa e agitada. Às vezes as lembranças são muito fortes e eu acabo incomodando um pouco, mas ele tem sido muito compreensivo.

Tenho uma saudade grande de você e não a esquecerei. O tempo acaba sempre passando e daqui alguns dias já vai ser fim de ano e vamos estar juntas. Já estou curtindo a espera da visita. Dizem que o melhor da festa é esperar, é o que estou fazendo.

Quando eu li a carta em que escreveu a música, não consegui lembrar se eu havia dito que gostava muito dela. Você sabia que eu gosto de “Muito diferente”, e por quê? Se não sabia deve ter sido transmissão de “sentimentos”.

Você continua fazendo cursos? Estou mandando algumas fotos. Elas ficaram bonitas.

É sempre bom ter alguém de confiança conosco. Os defeitos, fazemos de conta que não vemos e pronto.

Querida, através do cristal, veja sempre a alegria que você me proporcionou. Um beijo carinhoso e um abraço cheio de saudade,

RL.

Data : 08/04/2018

Título : Carta Querido

Categoria: Crônicas

Descrição: Estou no hotel das Hortências. Divido o apartamento com a australiana.

Querido,

Estou no hotel das Hortências. Divido o apartamento com a australiana. Entre conversas, ela disse ter marcado o seu primeiro encontro com um rapaz através da internet. Nas palavras de Carla R. Fagundes “No coração, alimenta ingênua paixão/ Por alguém que nunca viu...”.

Como sou mais velha e preocupada com a vida, a questioneei por segurança: vocês já se viram pessoalmente, que esse encontro pode mudar a sua vida? Insisti para que ela fizesse uma busca por informações sobre ele e o seu caráter.

Em minha opinião, não basta ser elegante e sedutor para que aconteça um encontro. É preciso algo essencial, como querer conversar e estar aberto para a relação. Neste mundo conturbado, penso no pior, pois já passamos você e eu, por muitos sofrimentos e dissabores. Todo o cuidado é pouco, como diz minha mãe.

É difícil acreditar que alguém que nunca tenhamos visto, não queira se aproveitar da situação ou até fazer mal de alguma forma, mesmo que tenhamos para com ele o nosso melhor sentimento.

Admito que criticar tende a piorar a situação da colega e gerar a sua desconfiança. E que, assim, não ajudo em nada. O melhor é aceitar que ela terá seu primeiro encontro de maneira firme, divertida e clara; para que ambos se entendam, questionem e façam valer suas opiniões e sentimentos; que suas palavras sejam para espalhar o amor. Como expressa Carla Fagundes, "... que busca a esperança / Nos olhos de alguém / Que sua vista, quem sabe, alcança...".

Querido, não seria certo não pressupor nada e passar a acreditar que a palavra da pessoa vale a sua integridade?

Tento me colocar no lugar dela e não tenho coragem; a minha dedicação a alguém é diferente e que, se algo saísse errado no meu primeiro encontro, me culparia por ter acreditado no que ouvi e não vi; por não ter verificado quem ele é e como conduz a sua vida; por ter confiado nos fatos como verdadeiros. Isto, acrescentado a minha vida simples, seria um desastre para o meu coração.

Sem dúvida, penso na coragem de ela ir e abrir o seu coração no primeiro encontro. Ela não precisa de conselhos, é segura e aposta, sem medo, em alguém que possa lhe surpreender com a vida, para sentir pitadas de ousadia e ir além da monótona rotina.

Não tenho esta coragem, nem a ousadia de temperar a minha vida sem a sua companhia.

Com amor, Bê.

Data : 22/04/2018

Título : Carta Querido amigo,

Categoria: Crônicas

Descrição: No hotel, assisti à entrevista com Lúcia Rosa no programa Entrelinhas, da TV Cultura, fiquei com a questão: quem consegue ficar indiferente ante tal projeto?

Querido amigo,

No hotel, assisti à entrevista com Lúcia Rosa no programa Entrelinhas, da TV Cultura, fiquei com a questão: quem consegue ficar indiferente ante tal projeto?

Todos reconhecem a eficiência, a grandeza e a harmonia do projeto, conduzido por Lúcia e Carlos Rosa. Lúcia criou o Coletivo Dulcinéia Catadora, nos moldes do projeto argentino "Elaine Cartonera", capaz de disponibilizar o mundo das artes a todas as classes sociais.

É preciso elogiar tal atitude, mostrar ao mundo, informar que a dignidade humana ainda persiste em existir.

O Projeto Dulcinéia Catadora envolve a arte de escrever com a arte de pintar, formando conjunto de verdadeira revelação e transformação no resgate do bem viver, através da cultura, em tempo real.

Na amostra do que assisti no site <http://www.meiotom.art.br>, do trabalho desenvolvido, uma frase chamou a minha atenção: “As palavras me aceitam como sou.” É uma daquelas frases que nos toca, isto é, quando não sou eu apenas que sinto, mas, o encontro comigo mesma no despertar para o vínculo entre mim e a literatura.

O Dulcinéia é estímulo de materiais, cores e palavras que encantam; ingrediente que regenera a cultura e engrandece a vida; maneira gostosa de fazer funcionar a arte, dando liberdade aos participantes. Possui efeito positivo, porque enriquece a cultura, quer pela troca de experiências entre os participantes, quer pelos desafios que são superados em ações que se completam.

Abraços, Bê.

Data : 12/04/2018

Título : Carta Querido,

Categoria: Crônicas

Descrição: Quando olho a sua fotografia no porta-retratos do quarto penso, será que ele recebeu a minha carta?

Querido,

Quando olho a sua fotografia no porta-retratos do quarto penso, será que ele recebeu a minha carta? Escrevi com emoção, num dos meus magníficos alardes de saudades. Segundo Pedro Du Bois, “Não vale / a noite / bem dormida // se o despertar / estiver repleto / de inquietações / sobre o dia / que se inicia // meu amor estará comigo?”

Acredito que nesses versos está a verdade sobre nós. Parece simples, mas não é; você está distante e a sua única preocupação no momento é cuidar da saúde.

Na realidade, nada aconteceu, apenas percebi que não posso mais esperar pelos acontecimentos. Mas, ainda espero a sua resposta, porque na minha memória encontro no tempo a triste verdade em que nos encontramos, com mágoas e decepções, com dor na alma e sem coragem de ficar na espera. Nas palavras de Luiz Coronel, “... O que

dirias ao amor / entre vagas incertezas? / Canta, chora, ama, esquece. /Mas mantém a chama acesa”.

Atravesso o momento com esperança de a sua carta me ser entregue. Em estado de inquietude, nada acontece. Ao sentir-me assim, tento me estimular com as nossas lembranças em meu âmago, quando capto suas palavras contra a incerteza.

Amanhã não haverá entrega de correspondências. Preciso, antes de tudo, acreditar que a carta foi respondida antes da sua morte. Será que o responsável pela entrega tem o meu novo endereço? Dinair Pires retrata, “... o amor tomou forma, / ganhou espaço, / deitou raízes, /instalou-se na alma...”.

Contorno a emoção e saio, sem levantar poeira e sem terminar a nossa história. Tim Maia canta, “Quem sofre sempre tem que procurar... razão para viver... Um nasceu para sofrer e outros para sorrir”.

Bê.

Data : 04/04/2018

Título : Carta,

Categoria: Crônicas

Descrição: Obrigada pelas palavras. Agradeço sempre que, ?esta mensagem leva meu coração?; recebi o cartão e não devolvo o seu coração.

Carta,

Obrigada pelas palavras. Agradeço sempre que, “esta mensagem leva meu coração”; recebi o cartão e não devolvo o seu coração.

Tempestivamente, meu pensamento procura o seu, desde o recebimento do cartão, para identificar a sua chamada em meu coração. Nas palavras de Guilhermino Cesar Filho, “... Os caminhos se enroscam / no solene debaixo do jardim / enquanto meu passo ecoa / solitário sobre o limo”.

Busco a sua presença em outros rostos e volto com a certeza de quanto me dói não enviar as cartas para você. Guardo-as comigo para evitar maior constrangimento em relação a nós dois, em consideração aos nossos pais. Porém, sinto-me desabitada, desativada e tantas outras sensações, até poder a sentir sua presença, seu perfume, ouvir sua voz e ler seus poemas.

Sou a referida pendência em relação aos nossos sentimentos. Estou no aguardo de sua pronta manifestação. Quando me serão enviadas as cartas? Ainda em Guilhermino Cesar Filho, “... (Por que para andar conmigo / me bastam mis pensamientos)”.

Sofrendo com a saudade,

sua amiga de sempre para sempre.

Data : 23/03/2016

Título : CARTÃO de natal

Categoria: Crônicas

Descrição: O Natal é lembrado através de vários sinais; entre eles, destaco o cartão, que expressa os nossos sentimentos. Sendo tantos sentimentos presentes é difícil imaginar o Natal sem ele.

O Natal é lembrado através de vários sinais; entre eles, destaco o cartão, que expressa os nossos sentimentos. Sendo tantos sentimentos presentes é difícil imaginar o Natal sem ele.

A introdução do cartão de Natal se deu na Inglaterra, por volta de 1845, através do artista W. C. T. Dobson que, no Natal daquele ano, enviou aos amigos litografias como mensagens e felicitações alusivas ao evento. O cartão foi criado com a finalidade de expressar o pensamento através de mensagens que representam o sentimento natalino.

Trocar cartões no Natal é forma gentil e elegante de desejar boas festas aos amigos. Até hoje exibo os cartões recebidos; uma maneira de demonstrar o quanto gosto de receber as mensagens dos amigos e parentes, como demonstra Ivo Gomes de Oliveira, “Feliz Natal / /... Que a harmonia seja sentida / No instante vivido / No poema da vida...”

Minha contribuição cultural vai além, procuro conhecer e respeitar as regras existentes para o envio e o recebimento dos cartões, no que conto com as especialistas, Maria Ana Forbes e Cláudia Matarazzo, que mostram a forma correta de enviar e retribuir os cartões, evitando cometer gafes. Elas aconselham que o envio do cartão seja feito a partir do dia primeiro de dezembro e até dez dias antes do Natal. Os cartões devem ser remetidos apenas para os familiares e os amigos próximos. É importante responder a todos os cartões, mesmo os recebidos na antevéspera do Natal. A mensagem de retribuição vale até quinze de janeiro e não deve ser feita via telefone e internet.

Ao receber o cartão percebo a vida num outro patamar das demonstrações de carinho, de amor ao próximo. As palavras causam-me as melhores intenções, são sensíveis ao olhar e nelas acredito. A magia do Natal está nas palavras que iluminam nossos corações.

Com as palavras percebo o quanto elas me encantam; no Natal abro o coração ao sentir a alegria e a união. Ainda, acolho e compartilho com o próximo o segredo de amar de maneira sincera e desinteressada; antes dar para depois receber. Invisto na cultura e tradição natalina para iluminar, ainda mais, o todo em todos, como em Giuseppe Ungaretti, “... Acolho este / dia como / o fruto que se adoça...”

Data : 28/12/2012

Título : CAVALOS

Categoria: Crônicas

Descrição: Ao passar por túneis que cruzam o tempo e guardam a parte das tradições é sempre interessante conhecer, lembrar e reler a história, com seus grandes momentos, ....

"Se o olhar visse cavalos: / estar agora sob as crinas:

/

estar acordado quando vê-los..." (Fernando J. Karl)

Ao passar por túneis que cruzam o tempo e guardam a parte das tradições é sempre interessante conhecer, lembrar e reler a história, com seus grandes momentos, como encontramos na obra O massacre dos Porongos & Outras Histórias Gaúchas, de Paulo Monteiro, onde rememora a história do Rio Grande do Sul, a formação daquele Estado, o povo e a cultura gaúcha. Ele trata do tema como riqueza cultural na busca pela verdade.

Voltando ao cavalo, ele é a insondável paisagem do campo. Seus movimentos parecem anunciar os atos de bravuras, que se fundem com a poesia e surpreendem no encantamento de seu galope, como encontramos em livro de Luiz Coronel, com ilustrações e capa de Paulo Porcella, "Os Cavalos do Tempo/ galopam pelas colinas. / Trazem a manhã no lombo / e a cerração nas narinas..."

Cavalos representam o tempo de mudanças e, sem destruir o sólido espírito vitoriano, ainda predomina em terras rio-grandenses, fazendo parte da paisagem. Também, constituem outro passo da luta que vem da Independência para libertar e alegrar boa parte do povo. Nas palavras de Raquel B. Pires, "Sobre o toso do meu cavalo / tenho a visão de um mundo / onde sou completa, / livre e sem qualquer preconceito. / simplesmente feliz!!"

O tema cavalos gera palavras e sentidos, opiniões em termos literários. A grande preocupação dos escritores é revelar e desnudar a beleza do cavalo, juntamente com sua utilidade e tradições, desencadeando um processo de caracterização na história literária.

Armando Trevisan, considerado referência na poesia gaúcha, escreveu, "... Teu cavalo é sonho do povo / que devasta flores, / e rola de olho em olho / pelos abismos do medo..."; Jorge de Lima revela, "Era uma cavalo todo feito em lavas / recoberto de brasas e de espinhos. / Pelas tardes amenas ele vinha..."; e, Murilo Mendes completa, "Pela grande campina deserta passam os cavalos a galope. / Aonde vão eles?.../ São os restos de uma antiga raça companheira do homem / ...os cavalos fecham a curva do horizonte, / Despertando clarins na manhã."

Escritores empenhados em desvelar o importante papel dos cavalos, no sentido de reviver parte da história como desafio, ostentam a motivação, a paixão por novos encontros, com a possibilidade da conquista, como encontramos no livro Cavalos e Obeliscos, de Moacyr Scliar, onde conta as aventuras de um adolescente em cidade da campanha sul-rio-grandense.

Cavalos chamam a nossa atenção pela força e beleza, refletindo nas artes de escrever, de ler, de contar e de pintar. Nas palavras de Raquel B. Pires, "Passei por tantas estâncias / Cada qual mais aprendi / Vi velhos contarem sonhos / Que estranhamente vivi / Todos eles partes da história / Que nem mesmo conheci..."

Data : 17/11/2012

Título : CAVALOS DO AMANHECER

Categoria: Crônicas

Descrição: Cavalos do Amanhecer é o livro de Mário Arregui que, com talento e sensibilidade, descreve a essência do gaúcho (na coragem, tradição e superstição) iluminando a cena regional.

Cavalos do Amanhecer é o livro de Mário Arregui que, com talento e sensibilidade, descreve a essência do gaúcho (na coragem, tradição e superstição) iluminando a cena regional.

Todos conhecem cavalos. Muitos gostam de cavalos, por vários motivos. Um cavalo no campo é a imagem da natureza, parecem ser os "Cavalos do Amanhecer".

Sentar na varanda da casa, olhar o horizonte chimirreando enquanto o sol aponta é sentir a luminosidade da aurora o cheiro verde, e ver no reflexo o cavalo em sua solidão; onde apenas concilio palavras extraviadas do animal, enquanto minha mão desliza em seu pelo.

(CAVALO, CAVALO, CAVALO,) ASSUMO / PRUMO, / A LÚCIDA VIGÊNCIA, / MÍNIMA / MÁXIMA / CONSEQUÊNCIA, / DESSA LATENTE PAIXÃO"

(Políbio Alves)

Ao registrarem suas ideias os poetas adotam na tomada do contato poético com a figura do cavalo o ritmo da linguagem que nos oportuniza "ver" e admirar a beleza do cavalo no mundo de imagens que tomam conta da alma e, também, nos fazem sentir domadores de palavras ao nos aproximar do mítico.



“... Quem dera a pampa / pouco lhe falta / a guaiaca tomada de solidão / num palanque de guajuvira / pouco lhe fala / a espora de prata / que o pasto esconde / na sua treva verde / que um cavalo cheira / e reconhece / sem coração estrelado...” (Luiz Miranda)

Com as portas sempre abertas o gaúcho se destina à companhia do cavalo, quadro que nos leva a conhecer e compreender o retrato da vida no campo, juntamente com o poeta Luiz de Miranda, “Paixão, cavalo de ventania / cavalo de cancha reta / cavalo em freio ou parelha / cavalo, cavalo, cavalo...”, onde o poeta revela o espírito inquieto do animal que representa a liberdade na expressividade que em um gesto relembra as paisagens do pampa.

Ao poetizar sobre cavalos temos revelada a força paradoxal do animal, que consiste na alma em influxo e que mostra a riqueza do corpo se oferecendo para ser percebido, como em Renato Teixeira, “Olhando um cavalo bravo / No seu livre cavalgar / Passou-me pela cabeça / uma vontade louca / de também ir / Para um cavalgar...”

Data : 25/04/2017

Título : CENA de RUA

Categoria: Crônicas

Descrição: Cena de Rua é o livro infantil de autoria de Ângela Lago, de 1994. Sua execução decorreu da sua simpatia para com os meninos de rua.

Cena de Rua é o livro infantil de autoria de Ângela Lago, de 1994. Sua execução decorreu da sua simpatia para com os meninos de rua. É livro de imagens, não há propriamente uma história. A criança cria a sua história a partir do que está vendo, de acordo com a sua experiência de vida e através da sua criatividade.

Cena de Rua é triste (ou não?), mas real! Ou simplesmente são coincidências da vida? Ou são cenas do cotidiano, como a do menino vendendo frutas no trânsito. O cachorro no carro late para o menino, enquanto outro motorista rouba a fruta. A vovó que ali passa, com medo do menino, protege a sua bolsa. O menino triste e só, através da vidraça, admira uma mãe que dá carinho para o filho. O menino cansado senta na rua e come a fruta que divide com o cachorro, que também está sozinho. Ainda com fome, rouba um pacote de dentro de um carro, sai correndo e, ao abrir o pacote, encontra frutas. Sacia a sua fome e volta ao trânsito para vender as restantes. E assim a sua vida retorna novamente às ruas. Nas palavras de Pedro Du Bois, “... o nada se descortina como cena / muda e vazia / de esperanças.” (Pedro Du Bois)

Cena de Rua é literatura infantil que mostra a realidade, através da arte. Pintar também é escrever, como nas palavras de P. M. Bardi, “Um pintor de talento, também é um escritor”.

Com sensibilidade podemos “ler” o livro e reconhecer o quanto a criança está sozinha; até Júlia, então com 5 anos, se reconheceu na Cena de Rua e logo montou a sua história para ajudar o menino. Então, em cada sinaleira em que hoje paramos, Júlia diz: “O menino não tem casa, nem dinheiro. Coitadinho! Ele está trabalhando como o menino da história” Cena de Rua tem a escuridão como pano de fundo, ressaltada em cores fortes e pinceladas corajosas. É diferente e interessante como a criança conta o que vê dentro do seu coração e da sua realidade. A parte mais bonita é a da revelação, onde crianças impressionadas e emocionadas com as imagens, podem acrescentar suas histórias para Cena de Rua, criando seus próprios livros.

A autora Ângela Lago dá oportunidade para as crianças se manifestarem de maneira lúdica e na preservação da tradição oral, garantindo o desenvolvimento e o entendimento da vida. Também, mostra que o mundo que nos rodeia nem sempre é alegre... Imagens que falam por si, sem textos, estimulam a consciência do leitor e fazem com que a imaginação se complete numa história a ser contada. Era uma vez...

“... As frutas sem morte / não as comemos. / Essas / que uma outra fome, clara, segura.  
/ Essas / suspensas lá onde o silêncio, / não bem como uma árvore de vidro, / frutifica. //  
O silêncio sustenta caules / em que o perigo gorjeia. // Alto abandono / em que os frutos  
alvorecem, / e rompem!” (Ferreira Gullar)

Data : 27/09/2018

Título : CHARLES DICKENS

Categoria: Crônicas

O escritor Charles Dickens, na época em que só se falava em desenvolvimento e prosperidade, preocupou-se com a injustiça social, a fome e o crime. Publicou sua primeira obra, *Oliver Twist*, em 1838. Narrativa crítica sobre a sociedade inglesa, em que descreve o abandono, a desigualdade e a exploração do trabalho infantil. Machado de Assis começou a tradução desse livro, trabalho finalizado por Ricardo Lísias, em 1970. Ítalo Marcon retrata, “... Não apresento feitos, / nem tenho sangue nobre, / nada de bens de raiz, / de ouro e prata / em meu alforje, apenas alimento a sorte / de tentar ser feliz / entre os homens”.

Essa obra clássica não pode ser mais atual, pois, nela podemos ver o século XXI, em 2018, no Brasil; de forma significativa na construção do tempo e do não caminho para o equilíbrio das classes sociais. Nas palavras de Frei Beto, “... a potência em destruir não é a mesma em criar. O mundo que emerge neste século... é um mundo aparentemente perverso e sem sentido” e, para Ítálico Marcon, “... conheço vossa corja, / a vossa história, / e não me orgulho...”.

É surpreendente a semelhança entre o passado lá retratado com o nosso presente. Parece que o tempo se estagnou na vida ao nosso lado, que as pessoas não fazem questão de olhar, como Dickens fez.

Questiono se seria sonho todos terem direitos iguais, no rever e revelar as necessidades das classes, nas reflexões sobre a memória e os interesses. Segundo Frei Beto, “... estamos virando seres cada vez mais privatizados, somos cada vez menos solidários, menos interessados nas causas coletivas...”.

A vida é preenchida por nós, servindo como lembrança e manifestação de boa vontade, e ser maneira de expressar nossas intenções. Jurandir Freire Costa reflete, “... O caminho é longo e penoso. Mas navegar é preciso, e sem uma bússola na mão e um sonho na cabeça, nada temos, salvo a rotina...”.

A mudança nos faz pensar sobre a realização pessoal e o bem estar comum; vivo fosse, Charles Dickens teria o mesmo raciocínio. Assim, podemos buscar a tranquilidade no dia a dia, isto é, para aqueles em que há a agudeza de espírito, como senso de busca pela vida equilibrada e feliz. Frei Beto ressalta, “... o que me preocupa é que esta globalização é a imposição de um modelo cultural único, de único tipo, como único paradigma de comportamento...”.

Data : 27/09/2018

Título : CHEFE MANDA

Categoria: Crônicas

Quando criança, brincávamos de “chefe manda”. Perguntávamos, Chefe posso ir? Quantos passos? Respondia, um de formiga, quatro de elefante... Assim por diante, até a marca da chegada. Hoje adultos, o chefe manda e nós colaboramos ou o bajulamos? A qual grupo pertencemos?

A pergunta é: há bajuladores ou colaboradores no trabalho? É triste pensar que alguém que bajule tenha destino diferente; seja promovido no trabalho sem necessidade do reconhecimento pelos seus afazeres.

A diferença é que o ato de bajular é uma armação, espécie de “efeito” no convívio. Pior, o bajulador sempre pensa que o “poder” compensa. O que não o melhora, pois, deixa a sensação de falsidade; o ar deslocado em que, muitas vezes, é promovida uma pessoa na rapidez dos impulsos e emoções diluídas no dia a dia. É assustador saber que sempre haverá quem necessite ser bajulado.

Essa é uma das amostras do mundo real, onde a névoa bajuladora desvia os olhares para viver do que pode destruir a capacidade de reação.

O colaborador age diferente no desempenho da sua função, conversa racionalmente sobre o assunto, visa atender a necessidade disso ou daquilo; está sempre em busca do equilíbrio entre as ações, a competência e o incentivo. Tem por preocupação redirecionar conceitos positivos para quem o comanda.

O colaborador e o bajulador, em suas áreas de ação conjugam a mesma rede de acontecimentos e o que existe de simbólico entre eles é que ambos têm a esperança de vencer.

Vivemos tempos de ilusões, o que me leva a desconfiar de “cargos e chefias”, que, em grande número são protegidos pelo próprio sistema, em que suas necessidades são “criadas” por quem os rodeia. Muitas vezes, constato que não há sentimentalismo, mas, apenas o jogo entre o homem e a promessa futura.

Espanto-me como se estivesse distante da paisagem que se abre para o horizonte, onde a ideologia, a ética e a moral existissem apenas para se destacarem no tempo imaginário, da utopia. Será que esses conceitos estão em descrédito? Pedro Du Bois demonstra no livro, O Descrédito e o Vazio, o distanciamento dessas palavras que desapareceram ao se tornarem mero cinismo “estiloso”.

É interessante e conflitante, porque o bajulador representa a “oportunidade imperdível” e o colaborador, “muda para melhorar”. Talvez, a comparação esteja no sentido de vencer desafios no trabalho. Mesmo assim, a minha reação diante dos bajuladores é de revolta, pois, além de tudo, desestimulam os colaboradores que podem contribuir para que as mudanças aconteçam.

Claro que os mecanismos dos relacionamentos são comprometidos; ambos revelam que, em cada dia, o mundo das relações, mais uma vez, nos consome com seus (im)próprios modelos e não deixa espaço para as novidades, o que faz a diferença na convivência, entre obedecer e cumprir metas sem questionar. Restrições impostas por certos chefes, que não se limitam a persuadir, mas, procedem em favor do mundo dos dóceis objetos de “mobilização e poder”, com o que liquidam com os novos tempos.

Onde o tempo é inventado no estilo de “melhor para mim”. O sentido é de ameaça e o bajulador se supera ao se engajar no relacionamento mesquinho e reducionista do “chefe manda”.

Data : 29/01/2021

Título : CHEFE MANDA

Categoria: Crônicas

Descrição: Quando criança, brincávamos de “chefe manda?”. Perguntávamos, Chefe posso ir?

Quando criança, brincávamos de “chefe manda”. Perguntávamos, Chefe posso ir? Quantos passos? Respondia, um de formiga, quatro de elefante... Assim por diante, até a marca da chegada. Hoje adultos, o chefe manda e nós colaboramos ou o bajulamos? A qual grupo pertencemos?

A pergunta é: há bajuladores ou colaboradores no trabalho? É triste pensar que alguém que bajule tenha destino diferente; seja promovido no trabalho sem necessidade do reconhecimento pelos seus afazeres.

A diferença é que o ato de bajular é uma armação, espécie de “efeito” no convívio. Pior, o bajulador sempre pensa que o “poder” compensa. O que não o melhora, pois, deixa a sensação de falsidade; o ar deslocado em que, muitas vezes, é promovida uma pessoa na rapidez dos impulsos e emoções diluídas no dia a dia. É assustador saber que sempre haverá quem necessite ser bajulado.

Essa é uma das amostras do mundo real, onde a névoa bajuladora desvia os olhares para viver do que pode destruir a capacidade de reação.

O colaborador age diferente no desempenho da sua função, conversa racionalmente sobre o assunto, visa atender a necessidade disso ou daquilo; está sempre em busca do equilíbrio entre as ações, a competência e o incentivo. Tem por preocupação redirecionar conceitos positivos para quem o comanda.

O colaborador e o bajulador, em suas áreas de ação conjugam a mesma rede de acontecimentos e o que existe de simbólico entre eles é que ambos têm a esperança de vencer.

Vivemos tempos de ilusões, o que me leva a desconfiar de “cargos e chefias”, que, em grande número são protegidos pelo próprio sistema, em que suas necessidades são “criadas” por quem os rodeia. Muitas vezes, constato que não há sentimentalismo, mas, apenas o jogo entre o homem e a promessa futura.

Espanto-me como se estivesse distante da paisagem que se abre para o horizonte, onde a ideologia, a ética e a moral existissem apenas para se destacarem no tempo imaginário, da utopia. Será que esses conceitos estão em descrédito? Pedro Du Bois demonstra no livro, O Descrédito e o Vazio, o distanciamento dessas palavras que desapareceram ao se tornarem mero cinismo “estiloso”.

É interessante e conflitante, porque o bajulador representa a “oportunidade imperdível” e o colaborador, “muda para melhorar”. Talvez, a comparação esteja no sentido de vencer desafios no trabalho. Mesmo assim, a minha reação diante dos bajuladores é de revolta, pois, além de tudo, desestimulam os colaboradores que podem contribuir para que as mudanças aconteçam.

Claro que os mecanismos dos relacionamentos são comprometidos; ambos revelam que, em cada dia, o mundo das relações, mais uma vez, nos consome com seus (im)próprios modelos e não deixa espaço para as novidades, o que faz a diferença na convivência, entre obedecer e cumprir metas sem questionar. Restrições impostas por certos chefes, que não se limitam a persuadir, mas, procedem em favor do mundo dos dóceis objetos de “mobilização e poder”, com o que liquidam com os novos tempos.

Onde o tempo é inventado no estilo de “melhor para mim”. O sentido é de ameaça e o bajulador se supera ao se engajar no relacionamento mesquinho e reducionista do “chefe manda”.

Data : 27/09/2018

Título : CHICO BUARQUE: Roda Viva

Categoria: Crônicas

“A existência maior símbolo” (Fernando Pessoa)

O que é roda viva? Roda viva significa, de acordo com o dicionário, movimento incessante. Parece mágica. Concordo que não exista fórmula para se viver na roda viva, porque ela impede que comandemos o nosso coração e escolhamos qual caminho seguir para transformar o tempo.

A roda viva nos coloca sujeito ao seu tempo de desbravar o mundo em fragmentos do sentimento e na história como esforço humano. Chico Buarque, na composição Roda Viva, de 1967, expressa a ação no desejo de ser personagem da própria história; querer ter “voz ativa”, como demonstra, “Tem dias que a gente se sente / Como quem partiu ou morreu / A gente estancou de repente / Ou foi o mundo então que cresceu / A gente quer ter voz ativa / No nosso destino mandar / Mas eis que chega a roda-viva / E carrega o destino prá lá...”.

Em sua forma mais dinâmica ela seria a descrição sob o ponto de vista político, social e cultural. Para isso, busca fazer com que tudo se transforme em criatividade ou se transporte para a criatividade e, ainda assim, a roda viva nos impõe o navegar e ser parte de um mundo sem liberdade e sem independência; apenas com a vontade de conhecer a expressão como desejo de conquista; como Chico resgata, “... Roda mundo, roda-gigante / Rodamoinho, roda pião / O tempo rodou num instante / Nas voltas do meu coração // O samba, a viola, a roseira / Um dia a fogueira queimou / Foi tudo ilusão passageira / Que a brisa primeira levou / No peito a saudade cativa / Faz força pro tempo parar / Mas eis que chega a roda-viva / E carrega a saudade prá lá...”.

Entretanto, a obra se destaca como referência da vida em seguir adaptada e atual aos dias de hoje, num mundo cada vez mais rápido e instantâneo em que tentamos viver a realidade que o relógio manda. Para Mia Couto, “Não é voarmos sobre os lugares que marca a memória. É o quanto esses lugares continuarão voando dentro de nós”.

A roda viva não nos motiva a sonhar na companhia de um livro, nem a olhar a história para rever os pensamentos, atitudes e desejos; assim, impede que criemos parceria com a literatura, a cultura e o tempo. Chico Buarque cria a analogia na letra que vai ao encontro da vida, “... Roda mundo, roda-gigante / Rodamoinho, roda pião / O tempo rodou num instante / Nas voltas do meu coração // A gente vai contra a corrente / Até não poder resistir / Na volta do barco é que sente / O quanto deixou de cumprir / Faz tempo que a gente cultiva / A mais linda roseira que há / Mas eis que chega a roda-viva / E carrega a roseira prá lá...”.

Temos bagagem quando resgatamos a cultura, mas, ao mesmo tempo, temos quebrado o dia com a intervenção da roda viva, por não investir em nós mesmos; ela se apresenta em tons de contraste, sombra e luz, onde o poder domina e não temos a oportunidade de destacar a nossa marca no tempo, nem ocupar nosso lugar de referência na motivação, nem de exercer nossa crítica em tempo de mudanças, nem realizar os

objetivos na clareza dos atos. Assim, retornamos e ao mesmo tempo percebemos a vida como ela não é; fosse apenas a saga de sorrisos. Nas palavras de Pedro Du Bois, “... A lucidez contém luzes enfeitiçadas de verdades. / A lucidez é o meu cansaço”.

Data : 30/03/2015

Título : CHORO

Categoria: Crônicas

Descrição: É preciso ter a paciência que aprendemos com o tempo, quando abro a porta e tenho a visão que se choca com o meu espanto, no choro de uma pessoa.

É preciso ter a paciência que aprendemos com o tempo, quando abro a porta e tenho a visão que se choca com o meu espanto, no choro de uma pessoa. Fico ao lado da porta imaginando ouvir o choro em desordenados sons no repassar a mágoa do instante ao revelar em fio de voz o sofrimento e a dor transferida da alma, como ferramenta de consolo. Segundo Mia Couto, “Triste é escolher entre o mau e o pior. Entre a realidade e o sonho, qual deles preferir?...”.

Quem chora tem sua hora de dor, do medo como explicação do valor do tempo, onde palavras soam a verdade em reforço da vida. No mundo só se aprende a verdade quando há a súbita perda do sentido na presença do descaso. Não se sonha sem a lembrança que aconchega as imagens dos retratos no tempo, tal em Lima Coelho, “Na imaginação/Em teus mares/Naveguei/ Nas ondas da emoção/Aportei / Nas palmas/De tuas mãos/Chorei...”.

Atravessamos os atalhos do tempo nos degraus das razões do choro com a leveza do conforto, por que guardamos, entendemos e ratificamos a infância e a morte como páginas mal rabiscadas no poema triste que em cada palavra represa as lágrimas, como demonstrado por Lúcio Lins, “Não tenho horizontes/tenho sonhos à vela//e a tempestade da história...”.

Quando choramos o tempo vivido, sentimos a estranheza não sair da memória, de tal modo que não sabemos exatamente como sentimos o coração. Momento em que a vida só se torna suportável por que os pensamentos “conversam” com os sentimentos. A tristeza se instala quando não encontramos o passado e inexistente o tempo das impressões das carícias no lusco fusco do por do Sol e, com ele, a saudade.

Semeamos luzes com a paciência com que sentimos os nós do tempo, ao redesenhar as tardes em que o tempo grita por respostas e começamos um desses prantos que revelam a indecifrável tristeza que estremece a visão do horizonte. Nas palavras de Cacaso, “... Ó realidade, /há séculos eu te procuro!/ Nas regiões do dia e da noite/sou lâmina que respira...”.

O choro desarruma a alma, desfaz a verdade e revela a emoção com que nos flagramos no sentimento que inviabiliza tempos de encantamentos. Espantamo-nos com o tempo iluminado apenas pelo silêncio da voz alterada pela tristeza e com o olhar ausentado da vida.

Em momentos, o choro se torna sombra no redescobrir o sofrimento ao enfrentar, abrir a porta e sentir a luz que nos impede de atravessar o cinzento mundo.

Data : 07/04/2020

Título : CHUTAR O BALDE

Categoria: Crônicas

Descrição: Sinto vontade de chutar o balde quando olho para o mundo e noto que ele precisa de arrumação...

“Uma noite longa / para uma vida curta” (Herbert Vianna)

Sinto vontade de chutar o balde quando olho para o mundo e noto que ele precisa de arrumação, de retirar a desonestidade do dia nos interesses particulares e os substituir por gestos, palavras e atitudes éticas. Trocar o exibicionismo e as ambições por produções, criatividade e argumentos que façam sentido para todos, de forma que mereçam ser lembrados.

Quando olho em volta esta vontade vem com força, para jogar as coisas ruins, maldosas, mentirosas e inúteis fora. Com coragem, abro a porta e deixo o vento entrar para repensar a minha opção e sentir a vida de maneira diferente. Assim, posso respirar novos ares. Em Davi de Medeiros Leite, “... um maravilhamento / arrebatou meu juízo despertado: / um par de asas transforma o mundo!”.

Quando percebo que nada disto é possível, fico desiludida com a não mudança e, logo, penso em chutar o balde; jogar tudo para o alto e deixar cair sem me preocupar em articular ou discordar, sem medo de me opor ao irracional que permeia boa parte do mundo atual.

Chutar o balde é acabar com o encantamento da conquista; desistir de olhar em frente e passar a ouvir o eco ressecado da própria voz. Davi Leite questiona, “Por que / nos marcam a ferro e fogo?// De onde / a ânsia / de nos fazer propriedades?...”.

Por quanto tempo conseguirei esperar pela verdade, sem que dispare o gatilho e chute o balde? Refiro-me a consciência nas regras de viver e na complexidade para cumprir as leis que regem os sentidos. Algum dia aprenderemos que podemos mudar de ideia sem ultrapassar as normas por nós mesmo criadas? Ou simplesmente comprovamos que cada um atende aos seus interesses e aos amigos poderemos



elastecer as leis? Sendo assim, tenho boas razões para querer chutar o balde, já que nada mais estimula a minha perspectiva de viver. Nas palavras de Márcio Almeida, "... o que nunca soubemos existir em nós agora nos será irremediavelmente revelado, porque não haverá mais nada nem ninguém para saber ouvir o que somos quando temos de nos revelar...".

Sinto tristeza e decepção quando o mundo retrocede ao tapar o sol com a peneira e transformar as falcatruas em paradigmas. Sim, encontro beleza no viver chutando o balde, como atitude para me encorajar a transmitir credibilidade aos responsáveis, para que reconheçam os fracassos e saibam das minhas forças para continuar tentando arrumar a bagunça no mundo. Então, a decisão é minha como proteção contra o mal. Márcio Almeida reflete, "... Por enquanto é isso: a angústia da sublimação tétrica de um blefe amarelo que a imprensa apura para não ver o mundo no vermelho".

Poder é querer, querer é realizar. Chutar o balde se faz necessário para atingir a liberdade. Senti-me assim em outras épocas, onde a vida deu voltas e revirou meu convívio por acatar as ordens sem discussão. Hoje desfruto do viver sem medo, com qualidade e tranquilidade, com ética e moral, por acreditar na responsabilidade da minha escolha: chuto o balde como gesto de insatisfação, consciente para encontrar algo melhor e reverter situações para ajustar o cotidiano. Nei Lopes compôs Chutando o Balde: "Chutar o balde / É quando a gente / Está cansada de fazer / Realizar e acontecer / contra a corrente // Mas pra chutar / Tem que saber / Onde é que o balde / Vai bater...".

Data : 18/01/2017

Título : CIRANDA

Categoria: Crônicas

Descrição: Encontro em Flora Figueiredo a poesia Ciranda, Cirandinha, ?o quarto ao lado eles ressoam./ Sonham ...

Encontro em Flora Figueiredo a poesia Ciranda, Cirandinha, "o quarto ao lado eles ressoam./ Sonham seus voos de infância, / cristalinos./ Doces meninas, bravos meninos. / Elas mergulham num mar de cetim, / enquanto eles, heróis contundentes, / retalham dragões incandescentes / que se escondem sob o mato do jardim./ Elas, donzelas indefesas;/ eles, valentões varões.//... Mas amanhecem. / Já de pé, afastam a madrugada, / seguem seu caminho. / Cada um por si, cada qual sozinho / a conquistar seu lugar no mundo. / num instante mais curto que o segundo, / são homens e mulheres batalhando / na procura da fugaz felicidade./ No quarto ao lado estão ressoando / um tempo de criança e uma saudade."

A poesia de Flora anuncia que a ciranda é tempo, fato, acontecimento que alimenta a alma e harmoniza a mente. A ciranda é lembrança que traz à tona os pensamentos e as emoções, que me levam a acreditar em nós mesmos.

Ela inspira a ciranda no dia a dia e, novamente, brinca com a história nas linhas traçadas, nos riscos do envolvimento pelo passado se fazendo presente. Mostra que a ciranda é vida em redemoinho: perder - ganhar, amar-ser amado, tristeza - alegria, bem-mal, bom-mau, sorte-azar, rosas-cravos; melhor dizendo, alguns não entram e outros não saem da roda. Onde a solidão tem olhar distante, girando no tempo.

O fio condutor dessa poesia é a ciranda revelada com o silêncio da canção e no sono da criança, quando a ciranda é a palavra que habita, olha e se instala como carrossel.

Lembrar Ciranda, cirandinha é permear a infância e descobrir o outro, o diferente, e ter a sensação de que o amadurecimento é caminho de imprevistos e, por isso, repleto de saudades e descobertas. Esse contraste entre os sonhos (lembranças) e as aspirações (descobertas) é ruptura saudosa na poesia de Flora, que se misturam em provocação e diversão, numa sequência de ações que se complementam.

Ciranda, cirandinha retrata o universo lúdico infantil, que reflete o palco da vida: personagens, músicas e brincadeiras sobre suas próprias experiências.

Data : 02/12/2012

Título : CIÚMES

Categoria: Crônicas

Descrição: “Eu amo / Tu amas / Ele CIÚMES separa?” (Benedito Cesar Silva) O amor acende a luz e oferece a chance de nos sentirmos amados, então, tudo brilha; mas, nem todos os relacionamentos cumprem esse papel, como escreveu Benedito C. Silva, no verso utilizado em epígrafe.

“Eu amo / Tu amas / Ele CIÚMES separa” (Benedito Cesar Silva)

O amor acende a luz e oferece a chance de nos sentirmos amados, então, tudo brilha; mas, nem todos os relacionamentos cumprem esse papel, como escreveu Benedito C. Silva, no verso utilizado em epígrafe.

Quantas vezes nos sentimos inseguros e amargurados por imaginar coisas com a sensação de rejeição, assumindo uma conduta que só existe na nossa cabeça? Os ciúmes podem levar à ruptura e dor. É preciso avaliar os valores e a ética pessoal, mesmo que o sentimento provoque sofrimento; e investir numa relação descomplicada, onde possamos desatar os ciúmes e reconhecer o nosso valor, admitindo as diferenças e vivendo em relação de cumplicidade.

Procurar libertar-se do ciúme porque ele é o responsável pela tristeza, raiva e inveja, chegando até ao ressentimento. O melhor é refletir e confiar nas nossas qualidades, para nos tornarmos mais seguros e valorizarmos os amigos, conhecê-los melhor e amadurecer os relacionamentos para que não gerem dúvidas. Gabriel G. Marquez retrata os ciúmes como desafio, “Ciúmes / Que maravilha, disse ela. Sempre disse que os ciúmes sabem mais que a verdade.”

Amar é amar, sentimento importante para seguir a vida com felicidade. Estar apaixonado é sentir uma atração, acreditar na nossa singularidade, porque depende de como encaramos os ciúmes. Devemos aprender a ser flexíveis nas relações porque nos cabe controlar as emoções. Luiz Coronel cita, “Eu te amo, tu me amas. / Qual dos dois odeia mais? / Quando se plantam rancores, / em vez de lírios, punhais...”

É nos momentos de crise que temos que estar prontos e com coragem para enfrentar as cenas de ciúmes. Sempre é tempo para aprender, escolher, descobrir e reconhecer os próprios desejos. O reconhecimento nos mantém conectado ao que julgamos importante, a estabilidade emocional. Não deixemos que o ciúme nos faça desistir de amar ou de nos separar do amado. Como em Thiago de Mello, “... a vida que não se guarda, / nem se esquiva,.../ vida sempre a serviço / da vida. / Para servir ao que vale / a pena e o preço do amor.”

Data : 27/09/2018

Título : CLAUDER ARCANJO: Licânia

Categoria: Crônicas

LICÂNIA é a reinvenção da cidade natal do escritor Clauder Arcanjo, e fonte de inspiração para os contos registrados no seu livro de mesmo nome. Ele cria e recria a linguagem em seus contos, com novos modelos de sensibilidade.

Apresento LICÂNIA com os inesperados sentidos que vão sendo revelados, seja pela emocionante dimensão dos fatos, ou pela minha percepção na busca da fantasia, guiados pelo intelecto em um jogo relacionado aos sentimentos e as experiências vividas.

Nos contos encontro A CASA aonde Abelardo chegou, descendo do velho ônibus; na RUA de casas diferentes; local do colégio BONÉ AZUL de janelas abertas, onde a IDENTIDADE foi revelada; um vento teimoso me leva até o CEMITÉRIO; em olhar de DESPEDIDA, encontro a MENINA DE RUA que sonha uma refeição. Em tarde de ventos o mar arrasta o CAVALEIRO DO MAR, carregando O PÓ DE CHINELO.

O SINEIRO marca o som da dor da morte e me traz de volta com A MALA, junto aos quatro ventos, onde deixaram AS SANDÁLIAS DA HUMILDADE e uma MOEDA AO CHÃO, esquecida.

O vento forte chega a'O CURRAL DAS ÉGUAS; lembra O GRITO; cheira à CARNIÇA; mostra O RISO DO CÃO; porque SAMIRA tem medo das lembranças e da solidão.

ZECA E OS POMBOS desejam amar e DONA TARCISA, inconformada com o seu nome, não viu aparecer o PERNETA, deixando o SONHO DO ALMIRANTE em eco de saudação: JESUÍNO só desejava prestar contas a Deus e, no domingo, havia NEGÓCIOS DE FEIRA marcando o ponto de encontro em LICÂNIA.

LICÂNIA, entre seus contos, puxa pelos condutores da memória. É prazeroso. Os contos de Arcanjo transmitem verdadeiro aprendizado narrativo de significações simbólicas, no qual cada palavra é explorada e valorizada e a verbalização, encantadora, leva-me ao deslumbramento.

Data : 19/10/2016

Título : COMEMORAÇÃO

Categoria: Crônicas

Descrição: É prazeroso chegar ao final de uma comemoração com a satisfação de que tudo o que construímos foi útil e produtivo e, ainda, está refletido no espelho do viver...

É prazeroso chegar ao final de uma comemoração com a satisfação de que tudo o que construímos foi útil e produtivo e, ainda, está refletido no espelho do viver.

Esse sabor de festa contribui para lembrar que os caminhos transbordam a alma e levam a marca da juventude, onde os sonhos aparecem e o que mais importa é o que aprendemos e ensinamos; criamos e construímos no tempo que permanece quando uma porta se abre e vemos o que realmente importa, como no poema de Júlia Du Bois, (Des) Ilusão. Ela, em seus dez anos de idade, encontra a emoção como fonte da razão e se revela em palavras, (Des)ilusão // " Quando eu era pequena, / tive uma ilusão / que me deixava tão feliz,/ e agora me deixa sem consolação.// Eu sonhava com um mundo / sem um papel no chão,/ um mundo no qual / não havia nenhum lixo.// Agora, já crescida /sofri uma desilusão,/ pois percebi que com esse mundo /eu sonhava em vão."

Num mundo de excessos o que importa é a reflexão sobre o que desejamos, queremos e conquistamos. Comemoro o prazer de viver e assistir à composição poética de Júlia que, com sentimento, objetivo, conhecimento e vontade espalha palavras no tempo onde a magia torna real o seu pensamento.

Para comemorarmos não faz diferença onde nos encontramos desde que possamos levar conosco a sensação e o sabor da criação. Nas palavras de Antônio Cícero, "Nada do que fiz, por mais feliz, está à altura do que há por fazer".

Data : 15/08/2017

Título : Como vai VOCÊ?

Categoria: Crônicas

Descrição: Você é importante porque demonstra as possibilidades para uma vida pessoal e social. Encanto-me com seu sorriso e suas atitudes e, assim, começo a criar um forte e agradável vínculo com a sua escrita.

Você é importante porque demonstra as possibilidades para uma vida pessoal e social. Encanto-me com seu sorriso e suas atitudes e, assim, começo a criar um forte e agradável vínculo com a sua escrita. Neste momento o que me importa é saber: como vai você? Antônio Marcos e Mario Marcos musicalizam, “Como vai você? // Eu preciso saber da sua vida / Peça alguém pra me contar sobre seu dia / Anoteceu e eu só preciso saber / Como vai você? / Que modificou a minha vida / Razão de minha paz já esquecida / Nem sei se gosto mais de mim ou de você...”.

Separo uma parte de meu tempo exclusivamente para ler seus textos e imagino que esse momento é só nosso, porque a minha atenção está voltada para você. Exploro as suas palavras, compreendo e até me familiarizo com elas: sinto-as tocar meu coração e influenciar o meu pensamento. Como expressa Pedro Du Bois, “Tens a intensidade do linho / áspero e cru / seda entre os dedos / voz com que fala tua vida / olhos sobre todos nós // espírito inquieto / de quietude e paz // tens a intensidade do amor / colocado acima / do que o corpo pede / em paixão // és intensa como pensa a vida / a morte não te faz medo / cristã de arrependidos pecadores // tua vida é intensa e não há pecado / em tuas mãos”.

Quanto mais independente é a sua poesia, mais estimula meus sentidos; dessa forma resgato a comunicação e aprendo a nomear o mundo em sua volta – mais do que prazer, é compartilhar as histórias ao saber como vai você – o que traz harmonia para o meu viver.

A composição de Antônio Marcos e Mario Marcos dá sentido e som à poesia, tornando-se minha parceira na sensibilidade, por saber conciliar a magia das palavras ao retratar o meu sentimento; “... Vem, que a sede de te amar me faz melhor / Eu quero amanhecer ao seu redor / Preciso tanto me fazer feliz // Vem, que o tempo pode afastar nós dois / Não deixe tanta vida pra depois / Eu só preciso saber / Como vai você...”.

Nesta união entre a poesia e a música vivo a expectativa e a esperança semearem o movimento provocado pela emoção de saber: como vai você?

Data : 27/04/2014

Título : COMPAIXÃO

Categoria: Crônicas

Descrição: COMPAIXÃO é o livro de Sueli Gehlen Frosi, com o poder de saciar os sonhos, por que a autora exprime os seus sentimentos e desnuda a sua alma.

COMPAIXÃO é o livro de Sueli Gehlen Frosi, com o poder de saciar os sonhos, por que a autora exprime os seus sentimentos e desnuda a sua alma. Ela encontra tempo para contemplar e perceber o que acontece à sua volta na manutenção da vida, relatando as metamorfoses como liberdade, "... para que consigamos refletir sobre algo tão sério, vale a pena lembrar a pergunta de Moacyr Scliar que, de tão boa, merece ser repetida: "Afinal, o ser humano pode ou não melhorar"?".

Posso dizer que é uma obra "viva". Bem viva, que me faz pensar e me permite oscilar entre o tom da palavra e a contemplação do fato, ao transformar atos em emoções e imagens que espelham a sensibilidade que revela as suas verdades. O fato de Domingos, seu amado, estar presente em seus textos, provoca e motiva relacionamentos além dos sentidos, por que é preciso romancear a vida, no que acredito cada vez mais.

Seguramente, refiro-me ao capítulo Descobertas em que, de certa forma, a Autora olha para dentro de si e faz questão de lembrar como deveria viver, "... fui forte até agora, continuarei sendo, continuarei contando com quem vale a pena, com quem me ama de verdade. Ser rico, interiormente, não é para todos, por isso quase me convenço que a pobreza de espírito parece beirar ao inato, como algo congênito, uma anomalia sem remédio".

Curiosamente, podem-se notar os traços das palavras em cores ao embalar as imagens refletidas na sua vida, como culto da história, com o efeito inesperado que cumpre a sua função maior de expressar os seus valores. O que Sueli explica através das suas próprias virtudes literárias, quando se contrapõe à linguagem carregada de valores socioculturais.

Com essa visão, a obra dá contorno a sua identidade no reproduzir os seus sentidos em relação ao que é visto e vivido diariamente; também, mostra o quanto os sentimentos se comunicam pelo mundo, "Não é vazio o que sinto, nem saudade. / Percebo o inexorável da vida, / aquilo que não posso deter, por mais que queira...". Compaixão é o caminho para descobrir outras realidades que dão significado à revisão da vida.

Data : 25/04/2017

Título : COMportas

Categoria: Crônicas

Descrição: No poema de Leonora percebo que há COMportas de querer e poder, que sugerem refletir sobre o que gostaríamos de fazer na busca de novos parâmetros.

“Me revelo / feito flores. / No inverno, / deságua verso em mim. / Nublada, / alucino / meia lua. / Burlo desejo / trapaceio. / Me descaso / e não me reconheço”. (Leonora Waihrich)

No poema de Leonora percebo que há COMportas de querer e poder, que sugerem refletir sobre o que gostaríamos de fazer na busca de novos parâmetros. Fazer da vida o melhor lugar do mundo, porque são as misturas que trazem o clima acolhedor, juntamente com as criações e o reaproveitamento cultural. Rever e reler é preciso. Tentar reativar o talento é atitude que abre as comportas.

Em épocas de turbulências vale reconhecer a importância da leitura como revelação, para provocar a felicidade. O trunfo da sedução é a alegria de ter a revelação expressada no desejo de navegar entre o real e a fantasia.

Não é necessário ficar trapaceando os sentimentos, para contornar a preocupação com o bem estar; Álvaro Mutis completa: “o verão abre as comportas / e o sonho se povoa / de vagos combates”.

Hora de encarar as crises e surpreender as perdas, a ordem é ler e pensar grande: fazer parte da troca de destinos nas palavras, versos e na poesia de Leonora.

A intensidade e a vontade imperam nas transformações. Revelar é ser. Burilar é ingerir, limpar a cabeça é sentir a cumplicidade das COMportas.

A tendência é abusar dos escritores e dos textos, que podem se mostrar benéficos ao pensamento, procurando atender cada necessidade, na expressão do sentimento para com o destino inesperado; “me descaso e não me reconheço”. Miguel Oscar Menassa diz que “uma vida que pode viver escrita foi vivida pelo menos nessa página, se abriu espaço de possibilidade de que essa vida possa ser vivida...”.

A regra é provocar a felicidade e a transmitir para as pessoas através da cultura... Para Cristiane G. Olivieri, “A cultura é considerada uma poderosa ferramenta de transformação, por sua própria natureza, que exige e possibilita o desenvolvimento do pensamento crítico e complexo, da criatividade e das relações interpessoais”. Essa é a comporta que precisamos para nada atrapalhar o nosso dia a dia: “... Me revelo / feito flores”.

Data : 26/03/2020

Título : CONFINAMENTO

Categoria: Crônicas

Descrição: Este é o momento em que as mudanças são perceptíveis ...

Este é o momento em que as mudanças são perceptíveis e os cuidados se encontram nas medidas regulamentadas.

Hoje precisamos controlar a nossa inquietude, dentro de casa, em prol da saúde. Necessário nos confinar para sobreviver à pandemia.

Sou da opinião de que da dor podemos colher as forças para nossa preparação, reflexão necessária sobre o estrondo mundial.

O medo estará sempre presente nesses dias, tomando conta das nossas horas; precisamos evitar que a obsessão nos desencontre do que nos compete em cuidados. Neste ponto, conhecer a pandemia, do ponto de vista médico-científico, ajuda-nos a ter tranquilidade para seguir em frente.

O segredo está na maturidade, para resolver as questões do confinamento, como, não reclamar e procurar atividades de que gostemos para amenizar a passagem dos dias. Ficarmos incomodados não resolve e nem ajudará a passar o tempo.

Estamos todos na mesma “casa” em que o ideal é focar na solução e tentarmos nos manter felizes.

Data : 10/02/2019

Título : CONSTRANGER E SER CONSTRAGIDO

Categoria: Crônicas

“Constrangemo-nos porque podemos fazer literatura em qualquer lugar e não fazemos”  
(Pedro Du Bois)

Sempre nos preocupamos em não constranger, nem ser constrangido, o que vale para aprendermos e compreendermos a vida sem sermos percebido. Aprendemos com o erro, isto nos constrange? Ter dúvidas é constrangedor? Carregar o livro erótico de Carlos Higgie constrange as pessoas que olham, e não quem o escolheu, por quê? Nas palavras de Mafra Carbonieri, “Não há escritor maldito. /Há escritores inéditos. // Há censores sucumbidos. //... Não há palavras obscenas. /Há emoções que sangram. / [Apenas].” Ser feliz, amar, rir em alto tom, ainda seria considerado gesto de constrangimento?



Constranger e ser constrangido são sentimentos desgostosos em algo que, talvez, poderia ser desfrutado com a certeza do dever cumprido. Pois, para não sentir o constrangimento é necessário revelar o que pensamos sobre o assunto abordado. Hora complicada; por mais que cuidemos ao dizer, o tônus da personalidade tem o temperamento, o “gostar” que vai se confinando na revelação. Porém, há determinada hora que constrange o ouvinte e, aí sim, se configura um problema. O que fazer?

Somos temperamentos convergentes em nossos estilos de vida. Logo, todos se constrangem de alguma maneira ou com algo. Não é engraçado o aborrecimento causado pelas preocupações que, até então, queiramos ou não, certas coisas vão se apresentando em nosso dia a dia. Por mais que sejamos corretos, a vida é feita de paciência e de aceitação ante os fatos que nos rodeiam. Em Pedro Du Bois, “... a visão abarca a transparência/entre os caminhos: o andar lento / das inconseqüências, as incertezas /demonstradas em nossos olhares...”

Pensamos atribuir ao constrangimento a palavra dura; o deteriorar; a inquietação que presenciamos e não sabemos como reagir ao olhar; o gesto; um cheiro; uma palavra; qualquer movimento que constranja não como angústia, mas como escolha e definição.

Sabemos sermos de natureza iluminada e possuímos a força que nos consola e ampara nas horas constrangedoras. Por isso, a pulsação que nos torna mais fortes quando nos deparamos com a verdade ou a mentira; com a crítica e com o tempo que nos torna sensíveis.

Na medida em que precisamos uns dos outros, clamamos pela necessidade de viver a troca de experiências. Na vida, cada qual enfrenta o seu constrangimento, mas mantém a empolgação de vender ilusões. Como retrata Getúlio Zauza, “as ilusões que poderiam ser minhas /Já nasceram mortas quando nasci / Tive que viver a realidade nua / Não tenho queixa, só gratidão / Pelos percalços encontrados no caminho...”

Data : 28/08/2019

Título : CONSUMO

Categoria: Crônicas

## CONSUMO

Para Hanns, “A diversão, hoje, vem associada ao consumo”. Concordo que os tempos mudaram e as ofertas e os desafios para consumir também. As conseqüências não são questionadas, pois, as vontades são impostas pela necessidade do “ter”. Os limites não são discutidos e nem estabelecidos de acordo com o poder aquisitivo. Como diziam os antigos, “fulano deu o passo maior do que as pernas”.

Atualmente, funciona assim: fulano quer tal coisa, compra. Márcia Maia expressa, “cansada de andar a pé / o dia todo / todo o dia / exijo: / carro... // (em caso total / impossibilidade, / tênis de marca, / com amortecedor)”.

Tipo de atitude que chamamos de compensação? Compensar o tempo longe de casa e da família? A falta de atenção quando em casa? A falta de vontade para atender o filho que quer conversar? Por que não escutamos o que ele tem para contar? Ou por que a falta de sentido prevalece os anúncios e programas na televisão? Luis Hanns tem razão no que escreve. Nas palavras de Márcio Almeida, “... O dom da vida não se resume a um brindar de champanhe”.

Pergunto, somos felizes pelos desejos realizados pelo “ter”, ou por sabermos escolher com responsabilidade com liberdade? Manoel de Barros reflete, “Porque o homem não se transfigura senão / pelas palavras...”.

Os tempos mudam, mas, os posicionamentos e o diálogo ainda resistem, quando pensamos sobre o consumismo. Por vezes, encontramos brecha para expor a nossa opinião sobre o excesso de consumo. Não digo que é para haver recusa sistemática, mas, para combinar o que podemos ou necessitamos consumir, considerando o nosso padrão social, financeiro etc e tal.

Tudo é questão de justificativa e valor. O importante é termos consciência e ouvirmos a voz de comando dizer que o combinado é o acertado. Assim, hoje não consumiremos, apenas pelo fato de virmos a “ter”. Jurema Carpes do Valle demonstra, “Poderia ter percorrido / outros caminhos / mas escolhera aquele / Em que as possibilidades / De ter eram poucas / Eram muitas as de Ser...”.

Tipo de decisão que faz a diferença em nosso meio, porque define a nossa atitude e abre espaço para repensar e compreender quando o consumo não é lazer, prazer ou fruição. Quando aprendemos a lidar com os obstáculos, sobra tempo para termos ideias que possam preencher as horas sem haver consumo e que os valores economizados sejam investidos em nós mesmos.

Infelizmente, a realidade se apresenta com fabricantes e fornecedores que expandem seus produtos em ofertas diárias. Sabemos encontrar de tudo em qualquer mercado, sempre cercado de propaganda, marketing e merchandising. O jogo é complexo, porque eles precisam e só pensam nas próximas vendas, para conquistar seus espaços, não se importando com o “Ser”. José Nelson Correia expressa que “Se a vida não tem sentido... / Pelo mundo do consumo, / quer dar sentido ao seu rumo / voltando às fontes...”.

Data : 28/08/2019

Título : CONTRAGOSTO

Categoria: Crônicas

## CONTRAGOSTO

Contragosto é palavra explicativa: contragosto e, logo me vem às lembranças que não gostaria de recordar. São imagens que interrompem o meu dia e trazem o silêncio inesperado e o vazio desesperado. Seria por não ter feito o acerto de “contas” antes de ele ir embora? Segundo Álvaro Moreyra, “... Tenho os pés presos ao solo / como se fossem raízes. / Talvez, agora eu chorasse...”.

Contragosto escuto o discurso do político no concílio com a inverdade ao seu abuso do poder. Fico paralisada pelo medo da impotência. Wislawa Szymborska diz que, “o comentário político é indireto e sutil e a arma utilizada é a ironia”.

Contragosto vejo o bêbado cair. Sou surpreendida pelo drama e por não poder ajudá-lo com o vício, que cresce como incêndio. Grotowski revela, “Nós lutamos para descobrir, vivenciar a verdade sobre nós mesmos, para arrancar os véus dos quais nos escondemos cada dia... depois de ter renunciado às nossas fugas e as falsas aparências, um estado de nudez”.

Contragosto vivo a melancolia do inverno por não recusar convites para sair e interromper o meu prazer de ficar em casa na companhia dos escritores. Álvaro Moreyra expressa, “... Atrás da vidraça / As três Fabíolas / De face tranquila / Mostravam no olhar / Um céu sem tormenta / E a luz repousante / De um sol interior / O vento cantou / A ciranda do inverno”.

Contragosto sinto o ciúmes me corroer, quando me confundo e interrompo a nossa vida a dois. Disfarço o maldizer e reconheço a sua importância ao meu lado. Wislawa Szymborska retrata, “Ambos estão certos / de que uma paixão súbita os uniu. / É bela essa certeza, / mas é ainda mais bela a incerteza”.

Contragosto uso válvula de escape para não me preocupar com a memória nas atividades diárias. Respiro fundo e penso na solução. Às vezes, não consigo lembrar. Nas palavras de Milton Hatoun, “Às vezes, de relance e a contragosto, me vêm à mente imagens daquele encontro: o rosto de Levedan suado e vermelho...”.

Todos precisam encontrar e buscar uma situação que não seja contra o nosso gosto, para poder nos concentrar no pensamento e conviver com os pesadelos. A principal medida é acolher as situações de frente para conquistar o nosso espaço.

Data : 09/01/2021

Título :        CONTRASTES II

Categoria:    Crônicas

Descrição:    Desde cedo aprendemos os contrastes entre quente e frio, bonito e feio, dia e noite, bom e ruim, alto e baixo, bem e mal, pobre e rico, bom e mau...

Desde cedo aprendemos os contrastes entre quente e frio, bonito e feio, dia e noite, bom e ruim, alto e baixo, bem e mal, pobre e rico, bom e mau, magro e gordo, triste e alegre, claro e escuro, doce e salgado, amor e desamor e tantos outros com que convivemos. Mas, aprendemos o valor dos sentimentos, das pessoas e das coisas? Sabemos lidar com os limites contrastantes que estão em tudo que recebemos? Fugimos dos preconceitos? Respeitamos as regras impostas pela vida de forma assertiva? Para Jorge Tufic, "... a vida é um largo / onde a música, a dança, o brinde, a fala, / dão nome ao doce que se torna amargo..."

Os contrastes podem gerar conflitos quando os trazemos, sem os valorizar, para a rotina. Devemos caminhar separando os contrastes, esclarecidos adequadamente no momento certo. Assim, evitamos o preconceito e o desperdício de tempo no dia a dia.

Se em geral conseguimos administrar os contrastes, reconheço ser delicada a situação, quando ficamos na dependência de motivos, mudanças e do que oferecemos para o bem estar. Paulo Hecker Filho expressa, "... A vida não é dura nem doce. / A vida é o que nos cabe..."

Lembro que, ao sermos parte da sociedade, é natural que surjam contrastes; assim, é importante nos colocar no lugar do outro e refletir sobre o que faríamos se os papéis estivessem invertidos. E se precisássemos fazer algo contra a vontade? Fernando Pessoa escreveu, "... andava no campo //... triste como esmagar flores em livros / E pôr plantas em jarros..."

Há motivos para repensarmos nossas atitudes e intenções. Por exemplo, sonho a simplicidade em que todos são iguais. No entanto, nada é simples e tudo vai além da verdade: o sol mergulha no mar; o vento fecha as portas; a vida é desatada e sem norte; a praia é inconquistável; o maior engole o menor; a morte é secreta; os instantes são marcados pelos contrastes; os pés estão nus; os corações partidos; o medo persiste à noite; a vida não tem cura, tem preço; luto contra o nada; percorro a ideia crua; crescer é se desenvolver entre os espaços brancos e pretos.

São alguns contrastes relacionados ao encararmos nossas dúvidas e inseguranças. O desafio é usarmos nossa sensibilidade para o bem; termos capacidade de analisar as situações e de fazermos escolhas ante os contrastes da vida. Como em Paulo Hecker Filho, "... nada detém o mundo. / Nem um coração que para".

Data : 19/10/2016

Título : CONVERSAR com o TEMPO

Categoria: Crônicas

Descrição: Como levar a sério a conversa com o tempo? O tempo é palco dos acontecimentos com pequenas diferenças entre os dias...

Como levar a sério a conversa com o tempo?

O tempo é palco dos acontecimentos com pequenas diferenças entre os dias. Aproveitamos o fiapo da memória como fragmento para recriar, reinventar e embalar a fantasia que acompanha a imaginação.

A história mostra o avesso do realismo e o pitoresco como esboço das mudanças, que talvez se sedimente dentro de cada um ou no relógio parado. Para Agostinho Both, “O caminho da velhice vem com aparente discriminação, mas voluntariosa e irreparável”.

Conversar com o tempo é abrir portas e janelas para recordar as peripécias dos dias; seguir para cá e para lá e encontrar outro amanhecer. No meio do caminho, contar inverdades e passarmos mais um dia com a vida voltada para o acaso.

Contar o tempo é sentir medo e emoção; descobrir a diferença ao caminhar na contramão da beleza, que resiste ao tempo, sem deixar os valores do passado, que direcionam nossas atitudes. Assim, como para Agostinho Both que, nos últimos anos, dedica-se aos estudos sobre o envelhecimento, através da ambiguidade humana e seus conflitos; a trajetória para se chegar a velhice: lembranças, convivência, crenças e culturas - todos - tecidas pela memória e desveladas nas obras: O Lugar e o Tempo de Juvelino Messias Pampa; Excesso das Almas e das Coisas; Pequenos Seres da Terra; Sonhos Pedagógicos da Professora Antônia e Conversas com Velhos. Agostinho se apodera do tempo e nele se retrata, pois, quando fazemos o que gostamos, revelamos o que nos encanta e espanta.

Conversar com o tempo é buscar nos sentidos a existência para viver a ventura de novos caminhos, pois somos mantenedores de nossas vidas. Desafiamos o tempo para envelhecer com respeito e dignidade e, não por acaso, descobrir o novo sem (muitas) restrições. Nas palavras de Both “... a velhice é um tempo que reúne, de uma vez, sonhos, angústias e alegrias que podem ser mais intensos porque finalizam a escrita dos sujeitos”.

Conversar com o tempo também é olhar para as rugas, como única denúncia, porque não estamos preparados para revelar a idade em sua significação. É comovente e ao mesmo tempo preocupante a passagem dos anos; não queremos perder tempo com a falta de foco, mas, sim, conversar com o tempo para produzir e fazer o que gostamos, sem nos entregar às dificuldades e restrições que a idade biológica apresenta. Como demonstra Agostinho, “... os aplausos ainda soavam aos ouvidos... era quarta-feira e não se cansava de falar sobre sua emoção de ser madrinha de um sino de som tão belo. Comentava orgulhosa que seu sino se adaptava aos momentos que anunciava”.

Conversar com o tempo não é julgar, mas, aceitar as diferenças nas dobras do tempo, para não sentir a melancolia do envelhecimento, como revela Agostinho, “... velho pode falar do jeito que quiser, tem muito a perder, já fez muito e não carece de aplausos”.

Conversar com o tempo é projetar o amanhã na tentativa de partilhar o melhor do que aspiramos, para provar que a alegria de viver, vigor e disposição tem a ver com a satisfação pessoal e a maturidade de cada um, no que chamamos de o “apogeu” da idade. Verdade ou não, o fato é que temos a chance de assumir o nosso estilo na virada da idade e de atuar na vida sem medo de ousar, mudar e cruzar fronteiras temporais para levar a sério o que conversamos.

Data : 18/03/2015

Título : COR no ESCURO

Categoria: Crônicas

Descrição: Na vida existem dois lados: o claro e o escuro, um bom e outro ruim.

“Há na noite uma brecha / sem substância / Onde a luz gesticula...”

(Sonia Regina)

Na vida existem dois lados: o claro e o escuro, um bom e outro ruim. O lado claro revela partículas cintilantes; o lado escuro enriquece e deixa o brilho ofuscante. Sobrevivemos em qual lado? Segundo Pedro Du Bois, “A cor / condensa / o sentimento //... comprime a angústia e a despreza // -somos cores divididas.”

A paixão nos surpreende por colorir nossas vidas, comparada com a beleza incomparável da natureza, ela completa o estilo de vida. Embora haja consenso sobre o tema, busco a cor no escuro, no que mostra e esconde. Tenho receio de quanto as demandas individuais são dispersas, mas tenho certeza da importância de compartilhar com as pessoas para manter a parceria com quem gostamos, como em Marisa Barros, “...Prefiro qualquer coisa sem sombra / No escuro da noite / Assim te encontro e sou mais rosa.”

Não explico a cor no escuro, apenas desafio o escuro: a noite, o medo atingido pela dor revolta o silêncio e, quem sabe, a palavra final. O objetivo é fazer com que se veja sob outra perspectiva; a importância do escuro junto com o claro ao discutir os argumentos porque, ao participar da decisão, elevam-se as opções para descobrir o que se pode fazer com a escolha: influir nas atitudes diante da vida e na relação da cor no escuro, ou clarear para escurecer? Qual é o lado escuro? Fora ou dentro de quê? Lêdo Ivo diz, “Paramos à estrada / da ponte que separa / os mortos e os vivos / e ninguém atravessa / seja no dia claro / ou na noite caída...” Segundo Vera Casa Nova, “A cor revela / Delírios...”

Como sair desse emaranhado se é vital que o dia seja claro e a noite escura? Amar é claro ou escuro? O mar, o vento e a paisagem são claras como a noite? Imagino e só vislumbro duas possibilidades, uma é descartar o amor em tons pastéis e, a outra, que a noite é clara. Nesse jogo, a imagem de cores desencadeia os sentidos ao refletir a instabilidade emocional e confundir a cor no escuro; como em Lêdo Ivo, “Que rumos é este no escuro das árvores...?”, e em Pedro Du Bois, “... – sou cores realizadas em tina / e represento vontades: claras / escuras amarelas e vermelhas. / Pranteio o antecedente espaço / e me aprofundo em brancos. //... – sou cores fixadas sobre a pedra / e me digo consentâneo em respostas”.

Data : 05/03/2021

Título : CORTE(S)

Categoria: Crônicas

Descrição: Tenho assistido a muitos cortes na área profissional, que acontecem por vários motivos.

Tenho assistido a muitos cortes na área profissional, que acontecem por vários motivos. Apesar de eu levar uma vida normal, fico angustiada em descobrir a ocorrência de tais estratégias por parte dos patrões, ao agirem em prol do aumento de suas conquistas.

Cortes são palavras e conceito discutível, pois, envolve vários significados. Seja qual for a meta, pequena ou grande, é possível deparar-nos com tais cortes, de energia, água e telefone; na censura de gestos, palavras e na contenção de despesas. Realidade dura e delicada que exige o querer lutar por causa justa, desejando integração num mundo em que os cortes teimam em nos separar. O comportamento diante do tema revela que só conseguimos pensar em nós mesmos, como sobreviventes na área profissional. Fernanda Montenegro expressa, “A grande diferença entre a crítica e os atores é que nós estamos no palco por uma grande vocação. O crítico muitas vezes está só de passagem”.

Ainda há o significado do rei, com seu entorno de aristocrático e monárquico, excluindo a população – plebe – em geral. Quando nos referimos ao corte, temos a lembrança do “sangra”. Por exemplo, em 1952, uma crítica de Ferreira Gullar corta o talento de Portinari, chamando-o de “pintor esquemático”.

Chama especial atenção os princípios utilizados no corte que, infelizmente, é a da situação que não podemos deixar passar em branco, porque é difícil aceitar o corte quando se trata da sua aplicação sobre a nossa experiência, como flagrante do cotidiano. Quanto mais moderna a vida, menos tempo temos para nos preocupar com quem foi “cortado” do nosso meio de trabalho ou do grupo de amigos, pois, tomamos caminhos opostos e a competitividade é grande – “hoje ele, amanhã eu”.

Penso podermos evitar os cortes e reconstruirmos as chances de minimizarmos os riscos. Ao assumirmos tal responsabilidade profissional e social, estamos compartilhando a liberdade de expressão ao nos conectar com a vida. Conscientemente, vozes se multiplicam e inspirações refletem sobre o que, e quem, é significativo na obtenção de rotina flexível e de vida plena em diferentes situações do dia a dia. Postura que pode trazer emoções no elaborar e transformar em desafio a imaginação; como em Aparício Torelly, conhecido como o Barão de Itararé, humorista e frasista, que colaborou em pasquins na faculdade de Medicina em Porto Alegre. Sobre ele, Jaime Brener conta que, numa prova de anatomia, o professor lhe perguntou, “Quantos rins nós temos?” Ele respondeu, “Quatro... Dois eu mais dois o senhor se for uma pessoa normal”.

Corte(s) são males que cortam nosso crescimento pessoal e, também, dizimam a criatividade e a espontaneidade, as paisagens, o brilho do Sol, o verde da grama, o frescor da chuva, o sorriso e a lágrima; exterminam o passado no presente e, ainda,

buscam nos fazer culpados pelo modo pessoal com que respondemos ao vivenciar os ataques.

Pergunto: será que lembramos todos os tipos de cortes sofridos no decorrer da vida?

Data : 30/07/2019

Título : COTIDIANO EM FRANGALHOS

Categoria: Crônicas

Descrição: Penso quem seria responsável pelo surgimento do novo personagem na política, ...

Penso quem seria responsável pelo surgimento do novo personagem na política, que utiliza palavrões e se faz referência negativa pelo apoio ao preconceito e à diversidade, como vantagem para se eleger.

Tenho a impressão de que voltamos ao tempo das grades e dos muros altos, pois, ele incentiva a violência e se julga a expressão do autoritarismo sobre tudo e todos. Espantame a placidez com que o eleitor o aguenta, suporta e aceita, fosse a solução do bem viver. Arnaldo Antunes retrata, "... fraturado/ nesses dias / brutos / de coturnos / xucros / a chutar a cara de quem / ama / arte / cultura educação / liberdade de expressão / diversidade...".

Tenho medo que tais ataques especulativos, destrutivos e o que chamo de choque oportunista, sejam o engodo que a população não reconhece como problema, resultando em processo de incompetência e irresponsabilidade, gerando – em futuro próximo - mais obrigações e menos direitos. Gostaria que os cidadãos desistissem de acreditar nesse discurso vazio, odioso e interesseiro, em que não se absorvem ideias e que subrepticamente apenas revela a culpa dessa mesma população num cotidiano em frangalhos. Como em Arnaldo Antunes, ... se nessa seara não há direitos / nem respeito / ensino ou dignidade / só horror e / ódio, ódio / e horror / as palavras perdem a clareza / os valores perdem o valor / a vida perde o valor...".

Saliento que os ataques são feitos, diariamente em baixo calão; não há regras que sejam respeitadas. Inúmeras às vezes em que ele ataca e repete suas idiosincrasias e preconceitos sobre os cidadãos que não acreditam em suas jogadas eleitoreiras: joga palavras nos bueiros.

O sistema colapsa com tantas agressões e falsidades, o que me faz desacreditar que um dia poderá efetivamente ser governo na acepção do termo; não há ideologia, apenas negócios que ironicamente não surgem para todos, apenas, em benefício próprio. É inaceitável, inapropriado e ilegal, porque traz consigo um cotidiano em frangalhos. Parece filme de terror em que todos os dias somos assombrados por algum espalhado espírito corrosivo. Nas palavras de Arnaldo Antunes, "... seguindo / docilmente para o



abismo / nessa insanidade coletiva / em que o Brasil nega / qualquer futuro possível / e o ódio / o horror e o ódio / e nada que se diga faz sentido...”

O cotidiano está misturado na canalhice e na falta de escrúpulos do personagem em sua crueldade, movido em pantanoso discurso do horror onde desaparece a humanidade.

Difícil acreditar que tudo isso está diante dos nossos olhos; de verificar estarmos vivendo em ambiente fumacento, escuro, assustador, medíocre e hipócrita. São armadilhas que reduzem o cotidiano em frangalhos. Em Marcelo Coelho, “A moral da história talvez seja dos filmes “noir” à moda antiga: tramoias e casos suspeitos se distribuem entre todos os personagens, trocam-se denúncias como tiros...”.

Data : 11/11/2020

Título : COTIDIANO EM FRANGALHOS

Categoria: Crônicas

Penso quem seria responsável pelo surgimento do novo personagem na política, que utiliza palavrões e se faz referência negativa pelo apoio ao preconceito e à diversidade, como vantagem para se eleger.

Tenho a impressão de que voltamos ao tempo das grades e dos muros altos, pois, ele incentiva a violência e se julga a expressão do autoritarismo sobre tudo e todos. Espantame a placidez com que o eleitor o aguenta, suporta e aceita, fosse a solução do bem viver. Arnaldo Antunes retrata, “... fraturado/ nesses dias / brutos / de coturnos / xucros / a chutar a cara de quem / ama / arte / cultura educação / liberdade de expressão / diversidade...”.

Tenho medo que tais ataques especulativos, destrutivos e o que chamo de choque oportunista, sejam o engodo que a população não reconhece como problema, resultando em processo de incompetência e irresponsabilidade, gerando – em futuro próximo - mais obrigações e menos direitos. Gostaria que os cidadãos desistissem de acreditar nesse discurso vazio, odioso e interesseiro, em que não se absorvem ideias e que subrepticiamente apenas revela a culpa dessa mesma população num cotidiano em frangalhos. Como em Arnaldo Antunes, ... se nessa seara não há direitos / nem respeito / ensino ou dignidade / só horror e / ódio, ódio / e horror / as palavras perdem a clareza / os valores perdem o valor / a vida perde o valor...”.

Saliento que os ataques são feitos, diariamente em baixo calão; não há regras que sejam respeitadas. Inúmeras às vezes em que ele ataca e repete suas idiossincrasias e preconceitos sobre os cidadãos que não acreditam em suas jogadas eleitoreiras: joga palavras nos bueiros.

O sistema colapsa com tantas agressões e falsidades, o que me faz desacreditar que um dia poderá efetivamente ser governo na acepção do termo; não há ideologia, apenas negócios que ironicamente não surgem para todos, apenas, em

benefício próprio. É inaceitável, inapropriado e ilegal, porque traz consigo um cotidiano em frangalhos. Parece filme de terror em que todos os dias somos assombrados por algum espalhado espírito corrosivo. Nas palavras de Arnaldo Antunes, "... seguindo / docilmente para o abismo / nessa insanidade coletiva / em que o Brasil nega / qualquer futuro possível / e o ódio / o horror e o ódio / e nada que se diga faz sentido..."

O cotidiano está misturado na canalhice e na falta de escrúpulos do personagem em sua crueldade, movido em pantanoso discurso do horror onde desaparece a humanidade.

Difícil acreditar que tudo isso está diante dos nossos olhos; de verificar estarmos vivendo em ambiente fumacento, escuro, assustador, medíocre e hipócrita. São armadilhas que reduzem o cotidiano em frangalhos. Em Marcelo Coelho, "A moral da história talvez seja dos filmes "noir" à moda antiga: tramoias e casos suspeitos se distribuem entre todos os personagens, trocam-se denúncias como tiros..."

Data : 23/05/2016

Título : Crítica de Márcio Almeida

Categoria: Crônicas

Descrição: Crítica sobre o livro O Eco dos Objeto - cabides da memória, feita pelo crítico literário Márcio Almeida. Maio / 2016

TÂNIA, bom dia:

uma vez mais você surpreende com este O ECO DOS OBJETOS. Você sempre inova uma modalidade que é quase-crônica ou um relato fértil que diz sobre um tema e esse tema é resultado de suas muitas leituras e reflexões lítero-culturais, além de sua própria perspicácia em pinçar o inusitado do déjà vu. E nisto está, com certeza, um dos seus diferenciais de autores que pensareve com acuidade.

Por isso concordo mesmo com você quando diz: "abrir o livro é justificativa da existência." Como tenho em conta de ser consentânea a citação de Octavio Paz à página 37, que enfatiza ser a leitura uma interpretação, uma variação "a bsorvida."

ECO DOS OBJETOS, como você diz em "Bilhete", traz o "vínculo de convivência" com significados de palavras que revivificam a experiência humana com os objetos. Isto "para a vida fazer sentido na rotina" (p.52) e para alertar o leitor para as (re)descobertas. Como você escreve em "Mural": para promover "mudança de atitude na linguagem". E prossegue: essas mudanças de atitude são "conquistas diante do cotidiano" (p.58), "com a sensação de vivermos intensa prospecção de nós mesmos" (p.68), a "cultura como literatura" para "evitar não morrer por dentro" (p.72). Enfim, com Pedro du Bois: "os objetos sintetizam o que somos" (p.97). Livro feliz, bom de ler, útil ao conhecimento e à imaginação. Abraço, e muito grato pelas citações que faz referenciais a trabalhos meus.

Márcio Almeida

Data : 12/05/2019

Título : Crítica : Mestre Márcio Almeida

Categoria: Crônicas

Descrição: Crítica sobre meu novo livro : A Linguagem da Diferença por Mestre Márcio Almeida

Prezada Tânia, bom dia

seu livro A LINGUAGEM DA DIFERENÇA talvez seja seu livro mais completo, mais maduro, porquanto diversificado,tematicamente.

Você apresenta uma multiplicidade de leituras que põe em nível de reflexão a própria ida. No repertório de suas leituras tem-se vivos os argumentos de referência. Este livro faz a diferença em sua produção. Ele contém devaneio com consciência crítica, enfatizado que são os contrastes. Você faz "suscitar a memória", como faz reviver a memória e a realidade na reconstrução de novas imagens.

Os textos são por isso, um perene "jogo de aprender". A crônica "Jogo de desigualdades" é exemplar. Jogo de amar e Jogo do desejo, Jogo da ilusão - idem. "O lado de lá" é marcante. Enfim: um livro vívido pulsante, vi o em sua produção. Parabéns. Abraço

Márcio Almeida

Data : 04/12/2012

Título : CURVA DA IDADE

Categoria: Crônicas

Descrição: O meu maior prazer é mudar de opinião. / Com esse prazer vou evitando a velhice.? (Álvaro Moreira) Tenho mais de 60 anos.

“O meu maior prazer é mudar de opinião. /

Com esse prazer vou evitando a velhice.” (Álvaro Moreyra)

Tenho mais de 60 anos. Vim morar na cidade grande para ter atendimento médico e ficar perto de minha filha. Cada vez que penso em sair do apartamento lembro-me da casa que deixei, junto com a liberdade. E, logo, me vem à mente a música de

Lupicínio Rodrigues: “Felicidade foi-se embora e a saudades no meu peito ainda mora e é por isso que eu gosto lá de fora, porque sei que falsidade não vigora...”

Sinto que existe preconceito quanto à idade e que as pessoas não conseguem ver a minha “idade mental” e perceber o talento que ainda tenho para ensinar. Sou cúmplice de mim mesmo para encarar momentos em que nada parece funcionar. Sei que tenho intermináveis distrações ao longo do dia, as quais não me impedem de realizar as tarefas, administrar o tempo, abordar as ideias para alcançar o equilíbrio. O poeta Nuno Júdice pergunta: “Mas o que fica/ nas palavras / daquilo // que se viveu?” Trago na bagagem o conhecimento. Sou capaz, experiente, maduro para resolver, ajudar e determinar qualquer situação. Basta que acreditem em mim. Não é porque sou aposentado com a aparência enrugada, que não posso defender meu espaço e meus sentimentos. Carmen S. Presotto demonstra, “Um dia.../ Um dia do futuro viveria sem mim/ Inflaria o infinito em busca de realidade/ Voaria de minha solidão/ Varreria a curva da idade/ Alisaria as pregas da vida/ Vestiria com tua pele as madrugadas.// Um dia do futuro fugiria de mim/ Rejuvenesceria a velhice de véspera e/ Só pararia ao me ouvir em tuas palavras./ Amor...”

Hoje, mesmo sentindo na carne o peso que carrego da sociedade e de alguns “amigos”, sou feliz. Porque tenho a família para amar e pela qual sou amado – considero a minha alegria, o meu raio de sol. E as netas, então? Brincamos de teatro e fazemos leituras em conjunto. Elas conseguem me ver por dentro, o que me leva a não desistir de existir. A vida ganha um toque de felicidade, suavidade e esperança. O que conta é a alma.

As pessoas precisam aprender a amar para respeitar a curva da idade. Nós, idosos fazemos parte da “memória cultural” e sem ela não haveria histórias para contar. Com certeza, alguns desejos custam caro, outros nos emocionam de tão singelos.

“... Lindos sonhos de amor, ternura e saudades. / Igual aos mistérios que o vento sopra / Que hoje o meu velho coração silencia...” (Carlos Alberto Lima Coelho)

Ao vivenciar os constrangimentos, sofro. Custa a acreditar que ainda há pessoas que pensam que são melhores por serem mais jovens. Sempre me pergunto: por que elas tentam enganar os idosos? Não basta sentirmos a curva idade todas as noites quando deitamos? Será que incomodamos tanto essas pessoas que elas não conseguem olhar para o lado? Será que merecemos ser tratados com indiferença? Essas perguntas queimam minha alma. Belvedere Bruno, reflete: “... Passo as mãos sob meus cabelos,... é o embranquecimento em si que me conduz ao estresse? //... O corpo que visualizo em minha lembrança, substituindo-o por este que vejo no espelho...”

E o que pode ser feito? Esta indagação é mais antiga do que eu, e está atrás da busca por um sentido interior, um caminho para a reflexão, para anunciar, indicar um novo olhar sobre as nossas dificuldades e carências que, assim, afastaria o preconceito e reconquistaria a dignidade, o amor e a alegria; zelaria por viver o amanhã e assim contribuiríamos para um mundo com mais vitalidade, inspirado no respeito. Segundo Nizan Kabani: “Eu conquisto o universo com palavras. //... os verbos e os nomes, //... E crio uma língua nova.../ Ilumino a nova era / E detenho o tempo nos teus olhos, / Apagando a linha que separa / Este instante da passagem dos anos.”

Data : 15/05/2014

Título : DÁ PRÁ ACREDITAR EM PALHAÇO?

Categoria: Crônicas

Descrição: Devemos acreditar que o mundo pode se transformar num lugar melhor, quando compreendemos que um sorriso e uma brincadeira são capazes de diminuir o tamanho de qualquer problema.

“Como riem as crianças / dos palhaços / espantando /  
às gargalhadas / o tempo e a tristeza” (Kaled Ghoubar)

Devemos acreditar que o mundo pode se transformar num lugar melhor, quando compreendemos que um sorriso e uma brincadeira são capazes de diminuir o tamanho de qualquer problema. E que um dos eixos norteadores da alegria é o Palhaço, que se apresenta de forma lúdica para as pessoas de todas as idades e, também, como forma de compreender o mundo, favorecendo a relação entre o viver e o lazer, ao ritmo de cada um, adequado em cada realidade.

Podemos acreditar que entre diversão, brincadeiras, bagunça e confusão os palhaços destacam um importante papel no interesse da criança e na maneira com que expressam o empenho na diversão para todos; como retrata a poeta Maria de Lourdes Mallmam; “Palhaço.../ A música indica o momento / em que deve se apresentar no picadeiro do circo. / Circo apenas circo.../ Que o faz se transformar / num palhaço fanfarrão que a todos vai alegrar. //.. O palhaço pula e dança / a criança o adora.../ é hora de gargalhar //... Mesmo que a alma chore / ele afasta a tristeza, é tempo de rir...”

Os palhaços constituem uma espécie de comunidade ameaçada de extinção, conscientes dos tempos atuais da sociedade. Curioso e triste é perceber que cada vez menos os palhaços se apresentam em palcos que não são revividos para eles. Acredito que devemos refletir sobre suas histórias e seus significados.

A tendência do mundo moderno (de teclados e senhas) leva à arte comparativa com diversas épocas e culturas, como a crença no poder mágico do palco e a arte como representação da realidade: e as crianças entendem de mágicas, mais que qualquer adulto.

Num mundo cada vez mais complexo, como acreditar e compreender a realidade sem o Palhaço? Como entender os desafios do mundo contemporâneo sem desenvolver fantasias e participar da alegria que nos traz o palhaço?

Vivenciando as brincadeiras tem-se o retrato fiel da realidade atual. E o palhaço é a diversidade de lazer ao longo do tempo (e para sempre), porque no grito do palhaço, lembro-me de bons momentos ... Risos.

“Hoje tem goiabada! Tem sim senhor! Hoje tem marmelada!  
Tem sim senhor! E o palhaço o que é? É ladrão de muié!!!!”

Data : 30/01/2014

Título : Da VIDA, os RUÍDOS

Categoria: Crônicas

Descrição: Sempre escuto, em toda a parte, a repetição do óbvio. Não quero ouvir o sermão das longas caminhadas, onde os homens continuam se iludindo.

Sempre escuto, em toda a parte, a repetição do óbvio. Não quero ouvir o sermão das longas caminhadas, onde os homens continuam se iludindo. Quero mesmo é ouvir o som dos apaixonados, dos poetas, da noite chuvosa, da porta se abrindo e dos ritmos que não imagino: os ventos ao abismo dos ruídos, como demonstra Helena Kolody, “O vento harpejava, / pianíssimo, / nos fios telegráficos. / A tênue onda sonora / vibrava na luz do dia. / Abelhas de sol zumbindo na tarde quieta.”

Quero ouvir as vozes da juventude e dos pássaros ao conversarem sem medo de lembrar os ruídos da vida, como em Stella Leonardos, “...Que ritmo o que me rege? / Porque vozes me abalam / na inquietude que levo, / ...nas estradas que falam, / no meu sonho disperso...”.

Conversar? Tudo escuto e nada compreendo. A vida se apresenta assim, ouço os ruídos e persigo imagens poéticas. Por isso, meu coração se intromete quando vê a bailarina passar e o seu corpo dobrar no palco do entardecer, ao som do luar. Segundo Pedro Du Bois, “... a bailarina / estática / na cena / imóvel // no estupor da plateia / o aplauso / se espalha / no inusitado”.

Retrato-me aqui, preservando a bailarina esculpida em seus passos, seus ruídos, seus rumos e na sua originalidade ao anunciar revela-se ao som da orquestra e dos aplausos. Sonia Regina escreveu, “não há canduras em névoas / mares não rugem...// O sax desamarra fitas e laços // pés apalpam, da vida / mais que o rigor. / e experimentam // dançam nas asperezas aplainadas...”.

Por aqui estou porque tenho voz, no entanto, escuto sorrisos, crianças e ruído dos gritos. Nas palavras de Artemio Zanon, “este ruído / de coisas machucadas / é a imagem morrente / da sementeira / pronta a se manifestar // Este ruído é brocar das raízes / possuindo a terra...”.

Choro a dor da liberdade quando vejo a bailarina em sua ascensão fazer um único voo e cantar uma só vez, então revoou para o canto das lamentações para ouvir a voz no silêncio e os ruídos da vida.

Data : 13/01/2013

Título : de pó em palavra: COADOR

Categoria: Crônicas

Descrição: De pó: os grãos de café passam por seleção eletrônica e, em seguida, por uma escolha manual, onde o café é selecionado no intuito de certificar-se a sua qualidade.

De pó:

os grãos de café passam por seleção eletrônica e, em seguida, por uma escolha manual, onde o café é selecionado no intuito de certificar-se a sua qualidade. Este é o segredo do café. A Internet também é um coador que seleciona escritores e textos. Creio que a possibilidade desse refinamento deve-se à visível demonstração de que a literatura continua viva e mantém, talvez por isso, seu progresso cultural de ser e de manifestar-se. A técnica parece buscar a essência da contenção, na medida em que cristaliza na organização dos textos uma expressão de inesperadas significações, como em Márcia Maia: “não eram meus olhos de bruma / que se refletem / na xícara de café / ora ausentes, ora baços...”

Em palavra:

ao selecionar vem com um véu, defendendo a palavra, rica e expressiva, nos restituindo a realidade; desmontando a farsa e ainda com a pretensão de ser contundente.

Ela revela talentos. É máquina poderosa, porque constrói “estradas”, com clareza e explicitude, ligando à nova linguagem, concentrada no sentido de revelação do ser. Reúne escritores e harmoniza os leitores pelo exercício de olhar e, nessa variedade, é a influência que diferentes leitores detêm, ou são detidos pelo coador de matérias, desvendando o nível do inusitado e do suposto que, filtrados pela imaginação criadora, ganham novas formas.

A Internet é coador que passa-passará a literatura indo ao encontro das palavras com sentido, onde aumenta e diminui a interferência do escritor e do leitor; e pela liberação de todos os sentidos, de um universo de imagens, diálogo do escritor consegue mesmo, na revelação e no reflexo, através da linguagem criativamente apresentada. Alexandre E. Weiss escreveu que “... A internet, sem dúvida, mudou a forma de escrever e ser lido... É uma excelente forma de criar e ser visto. A possibilidade de integração e interação com pessoas a qualquer parte do mundo é fenomenal”.

Juntar, buscar o sentido global que será um para cada leitor. A internet é “livro” múltiplo, aberto e enriquecedor, que propõe literatura: decompor, separar, refletir, mas antes de tudo perceber – realidade e fantasia – as relações do homem x texto x leitura,

para conviver em fascinante mágica, como seres que assumem novas formas literárias e revelam sua modernidade.

Coador:

coador significa filtrar... Tantas coisas, tantas palavras. Logo, lembro do café que combina com momentos de encontro, troca de ideias como no dizer de Hugo Mund Júnior, "... cheiro de café / beijos enluarando a mesa / lá fora vela de canoa ao vento..."

Café e cultura junto à internet alteram o paladar das nossas vidas, através das escolhas, descobertas e sedução, como nas palavras de Francisco Alvim: "Olhar como se olham duas pessoas / meu café... / entre o desejo / e a lembrança..."

Data : 30/03/2015

Título : DECISÃO

Categoria: Crônicas

Descrição: É hora de descomplicar, de conhecer o caminho para as soluções. Informações na hora certa geram confiança e me levam a tomar a decisão.

É hora de descomplicar, de conhecer o caminho para as soluções. Informações na hora certa geram confiança e me levam a tomar a decisão. É hora de reconhecer as características da decisão no rumo para percorrer o caminho e escolher as cores. Para Carlos A. Lima Coelho, "... É como se estivéssemos plantado na vida / A semente da alegria e do prazer / E regando com o suor da luta, vencer".

É hora de buscar novos horizontes para mudar a realidade e transformá-la em qualidade de vida; agir para decidir, sem perder o prumo e o rumo, que são passos marcantes no ritmo da vida, pois, quando sei as respostas, a vida vem e reformula as questões, como retratado nos contos de Carlos Higgie, Hoje Não, e de Carlos Trigueiro, n'O Jornalista.

É hora de tomar a decisão para não depender da sorte e definir cada etapa vivida que se apresenta no cotidiano, com o olhar que intercala a imagem registrada e escolhida nas diferentes situações; assim, em Lima Coelho, "Inspirei-me como um poeta/ Imaginei mil coisas belas/busquei no íntimo aquarelas /Criei cenários, atingi a meta..."

É hora de misturar referências com as experiências, para demonstrar a busca pelas situações que dão voltas e mais voltas para a decisão. Pedro Du Bois ressalta, "desdigo a certeza/apago as pistas/ enredo o espírito /em novas conquistas /com que me jacto /da certeza em levar a vida..."

É hora de ter voz para ser acreditada e coragem para apresentar o meu ponto de vista em relação às preferências e à opção desejada. Aqui, relembro Chico Buarque na música Cálice, de 1978, em que ele esbanja independência e se destaca pelo conhecimento, surpreendendo-me em cada decisão na escolha das palavras e expressões.



É hora de perceber que não existe sensação melhor do que participar do momento de decisão. Imagino como seria belo o mundo se as pessoas descobrissem qual o rumo a seguir, a quem amar e quais os seus talentos. Com certeza a vida passaria por boas mudanças e sentiríamos orgulho das conquistas. Como Carlos Pessoa Rosa revela no conto Não curto muito as mudanças, revelações que também encontro em Carlos A. Lima Coelho em seus livros: Um Novo Amanhecer e Novos Rumos.

Hora de decidir na medida e no tempo certo, por que, quando desejo demais ou de menos, essa atitude me é cobrada; a vida moderna exige que se opte cada vez mais rápido em alternativas para ganhar tempo; mas preciso dar preferência à opção pela felicidade. Guilhermino César escreveu, “Inventar uma linguagem / em que as palavras sejam / nada mais do que sorrisos...”.

É hora de reconhecer que decidir é atitude corajosa que ainda assombra as gerações: mudar de opinião, ser referência e enfrentar o desafio, para muitos, não é fácil, por que há de se decidir por qual lado seguir e isso mexe com a capacidade de dar um passo de cada vez e, com coragem, ir em frente. Mário Chamie expressa, “... e o peso da palavra, /que, mal falada, /não dizia /o que dizendo, calava”.

Decidida, posso mostrar diferentes estilos, referências e flexibilidade, de acordo com o tempo e o assunto. É fascinante desvendar a diversidade e me reconhecer nas diferenças e semelhanças, que a vida toma o sentido idealizador e o transforma em projeto. Esses ideais espalhados em diversas temáticas geram a infinitude de riquezas dos detalhes, por tratar da minha escolha e decisão para sensibilizar as pessoas. Tal atitude me leva a alcançar expressivos resultados, fazendo com que perceba haver tomado a decisão certa. Como expressa Álvaro Pacheco, “É tempo de caminhar/a extensa sementeira / tirar flores das raízes / cravar-se em sim, sou feliz // É tempo, pois, de amar /as raízes e as nuvens/e deixar no canto puro /o claro rastro do homem”.

Data : 30/01/2014

Título : DESAFIANDO o TEMPO

Categoria: Crônicas

Descrição: Imagine como seria conviver com as atividades diárias, com os amigos e ainda ter tempo para se dedicar à leitura.

Imagine como seria conviver com as atividades diárias, com os amigos e ainda ter tempo para se dedicar à leitura. Há quem desafie o tempo e a literatura e, além de desafiar, muitas vezes reduz, enfeita e conduz a sua utilização e a sua utilidade. Nas palavras de Jorge Tufic, “O tempo é a / corrosão / que parte do / nada e se / refaz do / nada”.

O tempo é fronteira entre o que lemos e o que ainda poderemos ler. Pergunto, quanto tempo teremos para ler tudo o que desejamos? Devemos buscar o equilíbrio ao montar a nossa agenda, pois nem sempre podemos prever o tempo necessário para as nossas leituras.

O tempo desafia e reflete a realidade: é preciso ler hoje, para ter voz amanhã. Prova disso são as inúmeras produções literárias realizadas com o intuito de desenvolver e envolver a história do tempo, de natureza filosófica, histórica, poética, científica e sociológica, onde só o amor e a cumplicidade pelas palavras podem operar.

A busca por um estilo de vida focado no tempo está no reencontro da obra com o escritor, onde o leitor já prevê a necessidade de mudar do superficial para o essencial, em uma redescoberta de prazeres.

Pedro Du Bois, em (Des)Tempo, questiona: “Na verdade, nos preocupamos com o tempo: e o nosso tempo permanece intocado na (in)finitude do espaço, onde os escolhidos se lançam em eternidades”

Carmen Silvia Presotto, em Dobras do Tempo desafia o tempo em lembranças: “Agitados abanos / lembram os laços da trança menina e / a expectativa da vida não preenchida. // ... Suspiro ao vento pelo primeiro dia.”

Jorge Luis Borges, em Histórias da Eternidade, busca desafiar o tempo no sentido do rigor cronológico, “Entendi que sem tempo não há movimento (ocupação de diferentes lugares em diferentes momentos); não entendi que também não pode haver imobilidade (ocupação de um mesmo lugar em diferentes momentos)”.

Tais obras mostram a busca pelo passado, presente e futuro e, ainda, nos trazem o caminho do conhecimento de maneira simples e ao mesmo tempo profunda, pois vibrantes em uma mesma frequência.

O livro é atemporal e companheiro, pode ser interessante num determinado momento e ter outra função em outro, e ainda refletir sobre as questões do nosso tempo.

Desafiar o tempo é saber, de fato, para o que ele serve, é desejar que ele pare. Ou que ele possa andar, como em Saramago, “Não tenha pressa./ Mas não perca tempo.”; ou brincar como em Mário Quintana, “O tempo é apenas o ponto de vista do relógio.” Há o tempo do relógio, mas também seguimos o tempo que está dentro de nós, como o feito de sentimentos, que é o que verdadeiramente faz a nossa história, porque quando a imaginação trabalha, é insuperável...

O segredo de desafiar o tempo está na seriedade e eficiência da criação literária, tudo o que lemos faz parte da nossa formação, e o aproveitamento do tempo reside no encontro em que a sociedade se reconhece: equitativa, eficiente e culta; todos acreditando que a força está nos livros que desafiam o tempo.

Data : 07/01/2019

Título : DESCASO II

Categoria: Crônicas

Descrição: Sou curiosa sobre o nosso comportamento; não entendo quando as pessoas perdem amizades de muitos anos por causa da politicagem.

Sou curiosa sobre o nosso comportamento; não entendo quando as pessoas perdem amizades de muitos anos por causa da politicagem. Luiz Oliani alerta, "... no limite / da própria / ignorância / depara-se / com o desespero". Chegam a estabelecer vínculos através e pelo poder, criando relações de agressão e violência: não reconhecem a diferença entre conversar sobre política e fazer politicagem.

Entendo, fazem parte da sociedade que infelizmente tenta destruir a forma de pensar e agir pela verdade para, simplesmente, levarem vantagem. É descaso!

É com descaso que tratam os sentimentos e os momentos que juntos poderiam passar. Perdem seus tempos porque não existe respeito pela opinião do outro e, muito menos, respeito e entendimento pelas escolhas políticas e, pior, pelas nossas opiniões. Oliani retrata, há ruídos / entre os homens / uns querem o mar / outros o oceano // uns querem o céu / outros o inferno // ninguém se sacia / frente ao que se vê".

Há vários partidos e ideologias e, por consequência, diversas são as escolhas. O mundo é movido pela pluralidade. No entanto, alguns dizem o que querem e, ao serem contrariados, partem para a grosseria e a ignorância, dizendo-se surpresos com os fatos. Falsidade por todos os lados. Luiz Oliani questiona, "... O que sobrevive / frente as nódoas / de um tempo sem volta?".

O ditado popular diz que "quem fala o que quer, ouve o que não quer" e, assim, permanece com o descaso em suas vidas, juntando desentendimentos pelas diferentes opiniões .

As atitudes e os argumentos estão mais raivosos, debochados e desproporcionais ao bom sentido do viver. Para Oliani, "... os homens cruéis / regozizam-se / riem / tripudiam / alegram-se / com a dor alheia // não se dão conta / do inferno / em que vivem/".

Confesso ser do tipo que defende a verdade, a igualdade e a justiça. Percebo as atitudes ignoradas e as pressões em seus julgamentos, o que torna difícil a convivência; sem contar as falsas notícias espalhadas aos quatro cantos, a falta de sinceridade e a desmoralização para com o próximo. Luiz Otávio indaga, "o nada / são dúvidas // e a vida é dádiva / sempre incompleta // nunca nos preenchemos // Como sobreviver?".

Como evitar o descaso entre as palavras e as ações? Os honestos se tornam raridade e os espertos espelho da sociedade?

No decorrer dos dias as opiniões políticas sofrem consequências drásticas ao serem instigadas para a confrontação; tentam entre as portas entreabertas, impor seus pontos de vista, sem considerar os argumentos, a razão e a emoção pela vida. Oliani expressa, "... às vezes / a palavra / não descreve / a rudeza das coisas...".

Para fugirmos ao descaso, precisamos conversar sobre as ideias, conter o ódio e oferecer nossa cumplicidade para garantir que as opiniões possam ser criticadas, revisadas e avaliadas. Oliani diz que "... o cenário vazio / a vida vazia / o espaço vazio // nada alimenta / o que o coração corrói".

As pessoas são ambiciosas, logo, tentam romper o limite do real para atender ao seus interesses. Idealizam um mundo e vivem em outro. Existe descompasso na maneira com que levam a vida e, por vezes, exigem demais de suas participações no deslocamento de ideias e ideais que geram embates entre o real e o descaso. Como em Oliani, "... nesse juízo / de altos preços /sobre apenas o legado / com que se sonha..."

Data : 23/09/2013

Título : DESCULPA SINCERA

Categoria: Crônicas

Descrição: Desculpa sincera é a aquela que, por trás do fato, existe como razão para ser aceita.

“...Não venha me pedir desculpas. / Não venha ao meu encontro. /

O fim de tudo aconteceu. // Você matou a flor!”. (Inês Mafra)

Desculpa sincera é a aquela que, por trás do fato, existe como razão para ser aceita. Agora, a desculpa superficial é a que, simplesmente, se passa a mão na cabeça, dá-se tapinhas nas costas, sem motivo para acreditar, como a desculpa esfarrapada que estira tanto a corda que acaba arrebentando com a verdade. “... pouco importa o quanto minto quando nego / se sangrou sangrou em vão já nada medra / neste chão onde brotava todo o espanto...” (Márcia Maia)

Existem tantas desculpas quantas forem as criatividade das pessoas (sem avaliar o estrago que podem fazer a uma vida). Um ato mentiroso dói muito e a desculpa, as vezes, ajuda a esclarecer para a dor sumir, mas, de outras vezes, acentua, prejudicando ainda mais ao outro, pelo simples fato de a desculpa não ser sincera, ser apenas engodo. “Ousa dizer a verdade: nunca vale a pena mentir. / Um erro que precise de uma mentira acaba por precisar de duas.” (George Herbert)

Fatos são fatos, não podemos mudar a natureza das coisas. Horários são horas a serem cumpridas, não fazemos voltar o tempo, como em Thereza Christina Rocque da Motta, “... Os relógios se detêm / sobre as horas mortas...” A invenção da verdade é usada por quem inventa uma desculpa. Não podemos passar todo o tempo testando as pessoas, nem reinventando os fatos que mais tarde servirão como esfarrapadas desculpas. “Não quero me desculpar / De desculpas que possa ter / Uma vez que culpas há / No simples fato de ser...”. (Ronaldo Monte de Almeida)

É preciso decidir qual a vida e quem queremos ao nosso lado e à nossa frente, porque não necessitamos de desculpas para viver e saborear a vida. Temos convivido com fatos e acontecimentos, no dia a dia, que nem com desculpas trazem de volta a nossa dignidade e a nossa razão de ser.

Penso que atualmente as palavras perderam seus significados. Como perdoar alguém se a desculpa não é sincera? Helena Kolody escreveu que “Se há um agravo

pungente a perdoar, / é tempo, é hora // O mais fundo rancor não resiste / a um apelo de braços abertos.”

Errar é humano, persistir no erro, burrice. Ouvir desculpas pelo erro intencionalmente cometido é não nos considerar como pessoas capazes de reconhecer o certo, o errado e o falso e, nesses casos, não há sinceridade na desculpa.

Data : 30/03/2015

Título : DESCULPA SINCERA

Categoria: Crônicas

Descrição: Desculpa sincera é aquela que, atrás do ato, existe como razão para ser aceita. A desculpa superficial é a em que, simplesmente, se passa a mão na cabeça, dá-se tapinhas nas costas, sem motivo para acreditar;

“... Não venha me pedir desculpas. / Não venha ao meu encontro. / O fim de tudo aconteceu. // Você matou a flor!”. (Inês Mafra)

Desculpa sincera é aquela que, atrás do ato, existe como razão para ser aceita. A desculpa superficial é a em que, simplesmente, se passa a mão na cabeça, dá-se tapinhas nas costas, sem motivo para acreditar; como na desculpa esfarrapada que estira tanto a corda que acaba arrebitando com a verdade. “... pouco importa o quanto minto quando nego / se sangrou sangrou em vão já nada medra / neste chão onde brotava todo o espanto...”. (Márcia Maia)

Existem tantas desculpas quantas forem a criatividade das pessoas (sem avaliar o estrago que podem fazer à vida). O ato mentiroso dói e a desculpa, às vezes, ajuda a esclarecer, para a dor sumir, mas, noutras, acentua, prejudicando ainda mais o outro por não ser sincera, ser apenas engodo. “Ousa dizer a verdade: nunca vale a pena mentir. / Um erro que precise de uma mentira acaba por precisar de duas”. (George Herbert)

Fatos são fatos, não podemos mudar a natureza das coisas. Horários são horas a serem cumpridas, não fazemos voltar o tempo, como em Thereza Christina R. da Motta, “... Os relógios se detêm / sobre as horas mortas...” A invenção da verdade é usada por quem inventa uma desculpa. Não podemos gastar o tempo testando as pessoas, nem reinventando os fatos que mais tarde servirão de esfarrapadas desculpas.

É preciso decidir qual a vida e quem queremos ao nosso lado e à nossa frente, por que não necessitamos de desculpas para saborear a vida. Convivemos com fatos e acontecimentos, no dia a dia, em que as desculpas não trazem de volta a nossa dignidade e a nossa razão de ser.

Errar é humano, persistir no erro, burrice. Ouvir desculpas pelo erro intencionalmente cometido é nos desconsiderar como pessoas capazes de reconhecer o certo, o errado e o falso e, nesses casos, não há sinceridade na desculpa.

Penso que atualmente as palavras perderam seus significados. Como perdoar alguém, se a desculpa não é sincera?

Data : 28/01/2015

Título : DESENHO TRISTES PALAVRAS

Categoria: Crônicas

Descrição: É preciso ter imaginação requintada para desenhar tristes palavras e mostrar que a vida imita a arte...

É preciso ter imaginação requintada para desenhar tristes palavras e mostrar que a vida imita a arte, como em Carlos Higgie, “Relato amarelo de uma jovem que envelheceu pensando que um dia, quando a coragem inflasse seu ser, saltaria da janela para o fundo do poço e veria o outro lado, o verdadeiro rosto do mundo.” Ele desnuda a cena de amor com palavras agonizantes, inquietas, que, por vezes, não conseguimos dizer. Revela a vida em cenas que formam o jogo de metáforas com as sentenças, ao anunciar o outro lado da história, entrelaçando e rasgando o silêncio na tristeza. Nas palavras de Carlos Pessoa Rosa, “... sem o vento / o silêncio devolve ao poeta o deserto / das ruas...”

A palavra triste pode conter diferentes significados, com interferência nos mistérios dos sentidos que prendem os elos da vida e espalham agonia ao descrever a fantasia em realidade . Apenas o escritor é capaz de desenhar tristes palavras, como oferta mágica ao lançar olhares sobre o coração que caiu na rotina da emoção e se esvaiu ao vento, como Pablo Neruda, no livro Posso escrever os versos mais tristes... Gilberto Cunha revela “Acima de tudo, aceitar que não é a razão que nos leva à ação, mas a emoção. A emoção fundamental que define o ser humano é o amor”.

O curioso é que pode ser a lembrança, o cheiro, o local; qualquer sentimento pode despertar o escritor e torná-lo especial no entretenimento, mesmo desenhando tristes palavras, assim, em Carlos Higgie, para quem “O tempo é longo e destrói os caminhos, explode pontes, lacra as portas: não há retorno. Sobra um manto de silêncio e desesperança.”

O autor constrói a sua imagem e a demonstra no texto que pontua sua obra. Igualado à tela do pintor, onde várias mãos de tintas, em pequenos gestos, mudam a história. O atrito na vida, os encontros e os desencontros amorosos, no compreender-se e compreender o mundo, são motores que levam o poeta a desenhar palavras tristes; ele se reescreve e impressiona em seu significante; jogo semântico que com plasticidade cria a pluralidade dos sentimentos, tal nas palavras de Augusto dos Anjos, “O homem por sobre quem caiu a praga / Da tristeza do Mundo, o homem que é triste / Para todos os séculos existe / E nunca mais o seu pesar se apaga!”

Desenhar palavras tristes significa conquistar a palavra em si, registrar o fatos decorrentes dos atos, e usar da linguagem singular e própria no panorama dos sentidos, como em Sonia Regina, "... escreves em minha pele, já vento, / sopram os teus dedos no meu corpo, / em meus lábios desenhos o sentido..."

Data : 30/03/2015

Título : DESENHO TRISTES PALAVRAS

Categoria: Crônicas

Descrição: É preciso ser criativo para abrir caminhos ao desenhar tristes palavras mostrando que a vida imita a arte, como em Carlos Higgie...

É preciso ser criativo para abrir caminhos ao desenhar tristes palavras mostrando que a vida imita a arte, como em Carlos Higgie, "Relato amarelo de uma jovem que envelheceu pensando que um dia, quando a coragem inflasse seu ser, saltaria da janela para o fundo do poço e veria o outro lado, o verdadeiro rosto do mundo." Ele desnuda a cena de amor com palavras agonizantes, inquietas que, por vezes, não conseguimos dizer. Revela a vida em cenas que formam jogos de metáforas em suas sentenças, ao anunciar o outro lado da história, entrelaçando e rasgando o silêncio na tristeza. Nas palavras de Carlos Pessoa Rosa, "... sem o vento/o silêncio devolve ao poeta o deserto/das ruas..."

A palavra triste contém diferentes significados, com interferência nos mistérios dos sentidos, que prendem os elos da vida e espalham a agonia ao descreverem a fantasia em realidade. Apenas o escritor é capaz de desenhar tristes palavras em oferta mágica ao lançar olhares sobre o coração que caiu na rotina da emoção e se esvaiu ao vento, como Pablo Neruda, no livro Posso escrever os versos mais tristes... Gilberto Cunha revela que "Acima de tudo, aceitar que não é a razão que nos leva à ação, mas a emoção. A emoção fundamental que define o ser humano é o amor".

O curioso é que qualquer sentimento pode despertar o escritor e torná-lo especial no entretenimento, mesmo desenhando tristes palavras, assim, em Carlos Higgie, para quem "O tempo é longo e destrói os caminhos, explode pontes, lacra as portas: não há retorno. Sobra um manto de silêncio e desesperança".

O autor constrói à sua imagem e a demonstra no texto que pontua a sua obra. Igualado à tela do pintor, onde várias mãos de tinta, em pequenos e rápidos gestos, mudam o resultado. O atrito na vida, os encontros e os desencontros amorosos, no compreender-se e compreender o mundo são motores que levam o poeta a desenhar palavras tristes; ele se reescreve e impressiona em seu significante; jogo semântico que com plasticidade cria a pluralidade dos sentimentos, tal nas palavras de Augusto dos Anjos, "O homem

por sobre quem caiu a praga/Da tristeza do Mundo, o homem que é triste/Para todos os séculos existe/E nunca mais o seu pesar se apaga!”

Desenhar palavras tristes é conquistá-las em si, no registrar fatos decorrentes dos atos e usar a linguagem singular e própria no panorama dos sentidos, como em Sonia Regina, “ ...escreves em minha pele, já vento,/sopram os teus dedos no meu corpo,/em meus lábios desenhás o sentido...”

Data : 23/03/2020

Título : DESERTO: MEU, SEU, NOSSO...

Categoria: Crônicas

Descrição: Cada Um Carrega Seu Deserto é o título do livro de Álvaro Moreyra...

Cada Um Carrega Seu Deserto é o título do livro de Álvaro Moreyra, reeditado em 1994. Interessante maneira em que aborda o tema com poemas e crônicas. Deixa claro que somos marcados por “desertos” como se seguíssemos linhas sinuosas na solidão que delimita o nosso viver.

A cidade grande e a vivência em “gaiolas” são exemplos, percebermos o deserto desvelado pelo vazio. Manoel de Barros expressa, “Deixamos Bernardo de manhã / em sua sepultura / De tarde o deserto já estava em nós”.

Como definir o meu, o seu ou o nosso deserto, se na vida diária a necessidade nos leva tentar interferir, dentro da versatilidade de adaptação e aceitação, com procedimentos em tempo real?

O deserto se instala em nós como tendência complexa, quando nada agregamos aos nossos valores. Álvaro Moreyra confirma, “... Estão sempre, na verdade, sem ninguém. Cada um carrega seu deserto”.

Meu deserto é responsabilidade difícil de carregar; então, faço com que o ritmo do viver seja parte da estratégia com que melho minhas relações cotidianas, através da razão e autocontrole e na formação de hábitos, potencializando o dia.

Ciente da necessidade busco pelo menos o momento importante para tomar a decisão certa, como conquista temporal. Não me entrego ao “deserto” e controlo as emoções na superação do vazio. Manoel de Barros questiona se “Abandono de um ser: / seria maior / que o seu deserto?”.

Para pensar em como carregar o “deserto”, devemos procurar a melhor maneira para acompanhar “tais” modernidades, porque nelas encontramos pertinentes “desertos” como interface dos ciclos da vida na abordagem de variadas situações que conduzem à solidão e ao vazio, no debate sobre o papel de cada um ante o “deserto” até então vivenciado.



Ao revisar a atualidade como única referência para o esclarecimento das ações e relacionamentos que, gerais e globais, podem manter as inovações, enfrentamos o “deserto” com a agradável sensação de que quando se fecha uma porta, abre-se outra, para viver a paisagem. Como em Manoel de Barros, “Visões descobrem descaminhos / para as palavras”.

Data : 23/03/2016

Título : desvelando a VALISE de Pedro Du Bois

Categoria: Crônicas

Descrição: "Sento e escrevo / penso no que escrevo / no que não consigo escrever. // Minha vida segue / indiferente aos meus escritos. // Releio o texto / procuro encontrar / tudo o que sinto. // Minha vida para".

“Sento e escrevo / penso no que escrevo / no que não consigo escrever. // Minha vida segue / indiferente aos meus escritos. // Releio o texto / procuro encontrar / tudo o que sinto. // Minha vida para”.

Desvelar a valise de Pedro Du Bois é estar embebido de poesia. É me sentir engajada em como o poeta vive a sua vida na literatura. Em outras palavras, é cantarolar, suspirar arte, cuja beleza vejo traduzida em cada poema.

Du Bois se redescobriu escritor com expressões sedutoras que designam seus poemas: “A mão risca as palavras e delas me alimento na avidez com que sou consumido em vida”. Ele dignifica a poesia com sua capacidade de observar, estender o pensamento e o coração aos fatos, e os explicar à luz do homem.

Observar é processo diferenciado em que a poesia demonstra a beleza de que o registro é único ingrediente na sua escrita; é, em verdade, necessidade enquanto a observação se constitui na qualidade inata do pensamento ante os fatos. Como escreveu Manuela Dipp, “A poesia de Pedro não espera por ele, nem Pedro pensador espera a poesia. Eles simplesmente encontram-se num ponto lúdico de convergência. Pedro não brinca com as palavras, Pedro as entretém, nesse interminável jogo chamado literatura”.

O poeta revela o que sente no que participa. É onde o escritor se inicia com versos cortantes, palavras de reflexão formam uma narrativa poética forte e original: “Não há / como roubar/ o tempo / que não / nos pertence”. Iva Mikalosky, ao retirar o véu dos poemas de Du Bois, cita: “Nos poemas, Pedro abre o seu coração e seduz nossa imaginação, musicando e coreografando palavras, mostrando-se um criador que está em sintonia com o tempo”.

Não me furto em dizer que a sua escrita é a da contundência, fluidez e precisão, não apenas pelo pendor da escrita sagaz e moderna, como se refere, “Aprendi com Borges a bifurcar os caminhos. Ir e voltar. Não ir, e mesmo assim voltar”. Ele consegue colocar ganchos que dão o que pensar, fazendo-me refletir sobre a importância dos problemas existenciais. Segundo Danilo Neuhaus, “Passear pelas gaiolas do Pedro é uma maneira de descobrir o poder das nossas asas e as razões do nosso triste canto. Passeando por esses versos vamos reconhecendo aqui e ali as gaiolas que nos cercam e que talvez um dia possamos abrir”.

Seus textos permanecem porque Du Bois olha o ser humano sobre várias perspectivas, de forma semelhante, embora opte por retratar a vida, mostrando a força literária nos poemas, “Em quais palavras / materializamos a espera? // E a angústia quanto espera? // O poeta sabe que as palavras / fazem melhor o esperar / enfraquecem a angústia / tiram a culpa / apressam o tempo. // De quantas palavras / seria feita a espera?”. As palavras de Pedro elevam o pensamento e me enriquecem com a sua poesia. Ela não silencia: fala. Como comentou Jorge Geisel, “Com a tua poesia basta o silêncio, a reflexão como aplauso à obra”.

Data : 01/04/2019

Título : DIA DA MENTIRA (I)

Categoria: Crônicas

Descrição: Segundo a lenda, o dia da mentira surgiu em 1564...

“Na mentira / expressa / sua vontade / ou sonho / o outro lado/do desejo / de que tudo pudesse/ser diferente / como feito com to/afeição.” Pedro Du Bois, através do seu poema, mostra-nos como Carlos IX, rei da França, fez valer a sua vontade “com feito e efeito”.

Segundo a lenda, o dia da mentira surgiu em 1564, quando o rei da França determinou a adoção do calendário gregoriano, passando o ano a ter início em janeiro. Antes o ano novo era comemorado em 1º de abril. Alguns franceses resistiram à mudança ou se esqueceram dela, abrindo caminho para que os brincalhões pregassem peças, como enviar presentes “esquisitos” e convites para festas, de mentira, em 1º de abril. A tradição se espalhou pela Europa e foi trazida para o Brasil pelos portugueses. É uma brincadeira, como expressou Mario Quintana: “Mentira é uma verdade que se esqueceu de acontecer...” E, Leila Micollis escreveu: “Naturalmente devemos ter herdado este costume de algum país ... Países para os quais um dia de mentira já é muito, e, assim mesmo, só de brincadeira. Entre nós, porém, em que a brincadeira de mentir é levada a sério, festejar a data como sendo especial, é — convenhamos— o máximo da troça...”.

Desde então, comemora-se o dia da mentira em 1º de abril, o dia dos “troles”: alegres e descontraídos, envolvidos com os amigos; em livres pensamentos, o poeta no dá sua

versão: Henry Louis Mencken, “Creio que é melhor dizer a verdade do que mentir, sem saber do que ignorar, ser livre do que depender.” Renato Russo, “Mentir para si mesmo é sempre a pior mentira.”

Data : 19/10/2016

Título : DIA FORA de HORA

Categoria: Crônicas

Descrição: Sento-me à beira mar, onde espelho o pensamento e, num piscar de olhos, vejo o dia fora de hora, pela janela da vida. Começo o dia falando do que vejo, do que une e do que...

Sento-me à beira mar, onde espelho o pensamento e, num piscar de olhos, vejo o dia fora de hora, pela janela da vida. Começo o dia falando do que vejo, do que une e do que me distingue entre as palavras: dos riscos e rabiscos. São artes que contemplo em ordens de grandeza; apenas, maneira de me concentrar e descontraí-las, assim tornar o meu dia fora de hora, que contracena na maior parte do tempo com a intensidade do momento. Lia Luft retrata, “... minha mão procurava a sua no sofá para dizer que em nenhum momento me esquecia”.

O dia fora de hora traz os sentidos contraditórios da solidão; leva-me para longe do vazio, mesmo não intencional, mas diferencial. É movimento capaz de incendiar os sentidos, porque o afronto e a ele me entrego como fio de navalha.

A cumplicidade flagrante pela sedução das artes, que depuro em linhas de grandes encontros reais e desejados, como as marcas que encontro em Ivaldino Tasca e Renato Teixeira. Cruzam meu pensamento fossem arautos do dia fora de hora; espelho partilhado contido em semelhanças, referências e reverências às múltiplas artes, onde vejo o SER que se revela na caminhada como representantes das cores da vida: música e literatura.

Dia fora de hora é o encontro com a luz em suas variantes, o que me impressiona como delicadeza e grito que se cala no tempo que passa e que se anuncia na troca dos tons. Como expressa Luci Collin, “... Sobre a avenida de tinta / ousamos passos crus, escorregamos, singela coreografia... // e às vidas de sobra”.

Dia fora de hora se desprende do que falta e do que sobra e me conduz ao livro *A Leveza do Traço*, de Pedro Du Bois, para fazer a diferença. Também, no escritor, artista plástico e dramaturgo, W.J.Solha, em quem o limite da arte é a linha do horizonte.

Nas palavras de José M. Wisnik, “... as grandezas grandes e pequenas se entendem”. E, em Alice Ruiz, para quem “entre uma estrela / e um vagalume / o sol se põe”.

Digo que o dia fora de hora se torna significativo no vivenciar a maestria do peso e do tom de cada palavra em cada traço. Transforma o meu dia num enigma sem mistério, pela complexidade feita com a simplicidade do viver. Como o tempo que me envolve nas lembranças que vagam e acendem o meu viver, mas, não me torna mais sábia e sim mais curiosa: os sinos marcam meus passos. O vento carrega a minha voz. Na vida, tudo o que escolho e aprecio, retorna em palavras como as de Alice Ruiz, “pensar letras / sentir as palavras / a alma cheia de dedos”.

Data : 27/09/2018

Título : DIAS PERDIDOS

Categoria: Crônicas

Mario Quintana escreveu que “Quem ama inventa...” Diferente dos outros dias, esse, em especial, está perdido, porque não consigo fazer o tempo voltar, porque, para Tomaz Albornoz Neves, “Torna-me / quem me esqueceu”. Sei que é impossível fazer o tempo voltar, e que dependo de mim para dar ponto final nesse fluxo constante e, ainda, criar alternativas para assegurar que meus amanhã não se percam.

Em cada dia perdido, me consumo em culpas, por não dar atenção ao que de fato interessa. Procuo evitar os esquecimentos (a)notando as prioridades; ter clareza do que vale a pena para não perder o dia é ponto de partida para superar e determinar o que posso deixar para amanhã. Albornoz reflete, “Penso como quem esquece / como quem cai subitamente no esquecimento / e me expresso”.

Depois de haver perdido o encontro, passo a escolher e separar em minutos o dia, para me dedicar ao planejado; para isso foi preciso trocar as atividades e driblar as situações, para não mais adiar os compromissos.

É bom ter perspectivas e resolver os dilemas na medida em que se apresentam; para que isso aconteça, crio situações que reflitam e reciclem as ideias. O segredo é inventar pequenos e vitais respiros no cotidiano.

Considero o dia perdido, quando lembro a morte do poeta Tagore Biram, no Chile, em 1988; deixou o premiado livro *O Anjo Desafinado*, onde encontro “... não me venham dizer que não é tempo / de falar de flores e que / passou-se o tempo de falar de amores. / Eu, do meu lado não cansei ainda / de amar com meu amor desesperado. / (mesmo não havendo intervalo / no calendário de minhas dores...”

Por mais cuidadosa que eu seja, é improvável que consiga passar a vida sem ter, pelo menos, alguns dias perdidos.

Data : 19/04/2020

Título : DIAS sem CALENDÁRIO

Categoria: Crônicas

Descrição: Abro as páginas do livro e encontro os dias sem calendário.

Para Dante Milano, “Era a manhã uma hora de agonia, / uma mortalha lívida e suada. / Entreabria-se o espaço, imenso nada, / Ante a face de um sol que não sorria...”. Abro as páginas do livro e encontro os dias sem calendário. Mundo borbulhante, inesperado em que não encontro maneira para perceber o diferente, nem as artes. Como expressa Dante Milano, “... Era a manhã esquelética e vazia, / sem luzes, sem estrelas, apagada. / Era o dia sem sonhos...”.

Surpresa fico quando estou cara a cara com a morte, ciente dos hábitos e atitudes em outros formatos. Faço um trato com a “senhora” sobrevivência e mostro em cada dia a falta do calendário, da Lua, do Sol e dos detalhes diários. Então, passo a planejar maneiras que me confortam para ver a morte sem desconfiança, apenas como situação de risco. Ainda, em Milano, “... Parecia / Que eu havia morrido e despertado / Na claridade pálida de um dia / Sem luzes, sem estrelas, apagado”.

Não esqueço o que a consciência me ensina e interpreto os momentos dolorosos e escuros, mesmo nos dias sem calendário, como forma de representação, para pensar na hora da morte com sentimento.

Rodrigo de Souza Leão, em entrevista, respondeu sobre o que esperava da morte. “Eu torço para que exista algo além. Gostaria de ver o que as pessoas acham de mim quando estivesse morto. Sabe? A reação das pessoas. Para saber se meu melhor amigo iria chorar, se alguma namorada ia lembrar de mim, se meu livro ia vender depois de morto... Porque depois que morre todo escritor vende”. Rodrigo teve seu momento pleno de passagem ao refletir sobre a morte. Com talento deu luz e tom à sua resposta, num enredo que tira meu fôlego e que coloca a minha mente para pensar, enquanto (re)leio a entrevista. É história para ser lembrada, pois, acredito na imagem refletida como reconhecimento da emoção e de sua versão no período em que exerceu maior controle em seu viver: falar da morte como excesso da vida.

Medito na busca de palavras, gestos, traços, cores para dispor a realidade, e até fantasio sobre a morte. Evito a impulsividade e percebo a diferenciação na procura da linguagem como promessa de apoio e amizade entre as pessoas, em cada respiro e suspiro da morte. Porém, faltam dias no calendário, para eu escrever a história da minha morte nas páginas em branco da vida.

Data : 01/12/2012

Título : DIFERENÇAS CULTURAIS

Categoria: Crônicas

Descrição: Um fator que marca a vida é a busca por desafios. Riscos são importantes para o aprendizado e a convivência em diferentes culturas, como mostra Luiz de Miranda, "Onde se aponta / ou se escreve pampa / leia-se: liberdade / em todo o horizonte?".

"Cultura é aquilo que permanece no homem quando ele se esqueceu de todo o resto."  
(E. Henriot)

Um fator que marca a vida é a busca por desafios. Riscos são importantes para o aprendizado e a convivência em diferentes culturas, como mostra Luiz de Miranda, "Onde se aponta / ou se escreve pampa / leia-se: liberdade / em todo o horizonte".

A diferença cultural está no idioma. Um universo novo de costumes e visões. É processo de comunicação, observação e interação, para que se possam compreender outras formas culturais, que possam ser entendidas por nossa cultura.

Antonio Olinto escreveu que, "Há regiões do mundo onde a cultura é poesia. Vinculadas a um idioma às vezes marginal, mantêm-se firmes e livres em seu isolamento poético, mesmo participando de outras unidades nacionais e presas a contextos civilizados geograficamente mais amplos." Incluo a cultura gauchesca, ou gaúcha, do Rio Grande do Sul, nessa classificação, como nos apresenta Luiz de Miranda, "... O Rio Grande é meu país / A língua é meretriz / na sua doma até a raiz - / O poema fere de morte / o que em nós / a língua escuta. / E salta da página para o coração."

Neste caso, a poesia tem lastro cultural e pode ser pura oralidade, ou escrita, que mostra o contexto de vida na força da palavra, como vínculo e significado, onde a história é versada com fluência pontilhada na tradição gaúcha. Tyrteu Rocha Vianna reflete com a poesia, "O general Bento Gonçalves da Silva / fez a separatória república de 35 / com bandeira / verde amarela encarnada / Escudo complicado / Ajutório de Garibaldi dei due mondi / E o rubro barrete frígio Da mulher deusa Razão parisiense..."

Ao falar de diferenças culturais é necessário explicar como agir e tentar entender por que os outros fazem as coisas, da maneira como fazem. É questão de base cultural. Consideremos o que Hannah Arendt escreveu: "... o que proponho é uma reconsideração da condição humana à luz de nossas mais novas experiências... estão ao alcance de todo ser humano... a mais alta e talvez a mais pura atividade de que os homens são capazes – a atividade de pensar". E Ziza de Araújo Trein, "Adeus mi'as brancas coxilhas, / Brancas de "barba de bode" / bordadas de pinheirais! / Vejo-as cobertas de trilhas / Onde o Minuano sacode / As espigas dos trigais."

Assim, num mesmo país, como o Brasil, por exemplo, onde se fala a mesma língua, ainda há diferenças culturais, como a gaúcha, a baiana, a paulista etc. São processos de mudanças diferentes que requerem ambições, aspirações e sonhos para desenvolver a cultura em sua totalidade. É preciso encontrar a maneira de fazer as coisas certas, como em Breves Gestos, de Pedro Du Bois, "Misturamos culturas / de lugares distantes não cruzados nos caminhos, / aprendemos com os outros,

apreendidos, / não nos distinguimos como únicos, / receptivos nos doamos ao desconhecido //... / Misturamos sementes...”

Data : 12/04/2020

Título : DIFICULDADES

Categoria: Crônicas

Descrição: Tento desvendar minhas dificuldades analisando os princípios que regem os gestos ...

Para Márcio Almeida, “... E viva a vida na vã veloz cidade, / onde escapar é o prêmio que alerta: / pisar mais fundo é sentir a liberdade / e o inferno tem a porta sempre aberta.”.

Tento desvendar minhas dificuldades analisando os princípios que regem os gestos que revelam meus sentimentos, concepções e os posicionamentos como expressão do meu ser. Diz Cortázar, “Não é possível que estejamos aqui para não poder ser”.

Em cada movimento transmito a mensagem de como abordo os assuntos diários, mesmo com dificuldade, quando estão marcados pelo mistério do desafio tecnológico, do desespero, da esperança, da verdade e pela resiliência.

A dificuldade é posta em xeque quando volto o olhar para dentro de mim, ignorando as ofensas, lamúrias, falsidades e a desonestidade com que tantos tratam as diferenças. Na obra de Márcio Almeida, *Vesânia*, em que ele retrata a “reflexão sobre a situação de conflito do mundo – a reflexão sobre o outro, a alteridade”.

Faço críticas à descontextualização, que impede a visão da igualdade. No entanto, sou tratada como em descompasso entre a moral e ética. Sem contar que, não bastando a diferença decorrente das condições financeiras, também passo por dificuldades quanto à produção; não me sinto à vontade para exercer as minhas funções, porque há o desafio do apadrinhamento. É muito difícil lutar contra a exploração e o desrespeito, sempre a gerar mais dificuldades e menos soluções e respostas. Nas palavras de Márcio Almeida, “... engodo de luz no horizonte sempre seguinte, / tradição do futuro, evento sem raiz, / sedução da diferença habitada por única decisão: / a de não ficar no tempo, “sombra invejosa”...”.

Com tantas dificuldades, o melhor é enfrentar o cotidiano participando das discussões e ajudando na (re)construção do nosso viver.

Como o viver se tornou cenário dificultoso, com falsas notícias e promessas não cumpridas, a desesperança se apresenta em nossa história. A atenção é fenômeno distante da nossa vida. A reflexão se torna problemática como nosso senso de justiça. As semelhanças, a compaixão, a generosidade e o pacifismo se tornam tarefas abstratas no pensar as questões que nos colocariam o viver como sopro da liberdade.

Isto é viver? A palavra existe nos livros e também em nossos ossos? Qual é o discurso que rasga a nossa garganta? Como diz o ditado, “Todos estão proibidos de falar, a menos que seja para melhorar o silêncio”.

Decepcionada com a vida acendo luzes, para correr riscos, a ponto de me encorajar frente às dúvidas, que minha visão traz prosperidade e igualdade sobre as várias vozes e temas da humanidade.

Data : 28/11/2012

Título : DINHEIRO: MUDA OS VALORES?

Categoria: Crônicas

Descrição: ?A maior desgraça de uma nação pobre é que em vez de produzir riqueza, produz ricos. Mas ricos sem riqueza. Na realidade, melhor seria chamá-los não de ricos, mas de endinheirados.? Mia Couto

“A maior desgraça de uma nação pobre é que em vez de produzir riqueza, produz ricos. Mas ricos sem riqueza. Na realidade, melhor seria chamá-los não de ricos, mas de endinheirados.” Mia Couto

As mudanças inspiram-se nas etapas de inflexão da história; não custa indagar: somos ricos ou endinheirados? O dinheiro muda os valores?

Quando chego a essa pergunta, quero salientar que o crescimento pessoal é particular e intransferível. A busca pela realização passa pela interação com os outros, mas é a busca particular que sinaliza a maneira como o profissional se orgulha de ser bem sucedido. E, talvez, seja bom comparar as diferenças e explicar que a riqueza pessoal é um bem maior do que o material. Também é preciso lembrar o quanto é desleal ostentar e ser arrogante. Importante é provar que lidar com o dinheiro é ter consciência de que ele não compra o ser, mas apenas o ter. Como diz a letra da canção de Sidney Miller: “... Eu vou perguntar / Joana o que aconteceu? / Dinheiro não faz você mais rica do que eu.”

O dinheiro muda os valores quando a pessoa vive apenas a fase de expansão material, em que a sua energia diminui e suas insatisfações vão se expressando em ter mais e mais... Assim, se vê que na essência a ordem continua a mesma, mudada apenas na forma com que são conduzidas as escolhas e os comportamentos.

Ser endinheirado reflete a realidade? Sim e não, porque longe de ser espelho, tem forte participação no definir o que a pessoa escolhe. Por exemplo, como no fato ocorrido em agosto de 1990, no centro de João Pessoa, onde uma moça, não identificada, jogou notas dinheiro de todos os valores do décimo-segundo andar de um prédio, gerando tumulto por conta da multidão que lá se formou tentando pegar as notas. Então, é possível que a pessoa se confunda em ter dinheiro com ser endinheirado.



Segundo Mia Couto, “Endinheirado é quem simplesmente tem dinheiro, ou pensa que tem. Aquilo que tem não detém. Porque na realidade o dinheiro é que tem a ele.”

Reparo que os endinheirados não apresentam conhecimento cultural, sendo apenas ricos em dinheiro, com o que pensam poder comprar TUDO. Os endinheirados não percebem que seus dias são vazios; o dinheiro pode ser economizado, mas, respeito, caráter, educação e cultura são adquiridos através do crescimento pessoal, processo que não tem fim e através do qual podem se transformar em alguém com dinheiro: rico, com postura de amor ao próximo, descobrindo como pequenas atitudes podem fazer grandes diferenças em suas vidas. Através do valor do trabalho, sentir poder criar, ousar e deixar fluir o pensamento, levando o amor, a esperança, a mudança e a sabedoria como fonte; não o dinheiro, mas a intensidade de vivência e a medida dos sentimentos. Ao rever a postura, definir os objetivos, fazendo valer cada centavo ganho em benefícios definidos nos parâmetros e na correspondência da expectativa social e cultural. Segundo Mia Couto: “Rico é quem possui meios de produção. Rico é quem gera dinheiro e dá emprego.” Ricos somos nós, na medida em que nos manifestamos com honestidade, ética e não nos vendemos por dinheiro nenhum, apenas vivemos em descobertas, em liberdades de escolha e novas ideias. Thiago de Mello, no artigo XIII do seu Estatuto do Homem, faz constar que “Fica decretado que o dinheiro / não poderá nunca mais comprar / o sol das manhãs vindouras. / Expulso do grande baú do medo, / o dinheiro se transformará em uma espada fraternal / para defender o direito de cantar...”

Data : 19/10/2016

Título : DO TEMPO: REFLEXO e REFLUXO

Categoria: Crônicas

Descrição: Reflexo não se encontra no espelho, mas, ao confrontar-se com suas sombras, fala com si mesmo. Cruza consigo nas atitudes, pela consciência das incertezas vividas...

Reflexo não se encontra no espelho, mas, ao confrontar-se com suas sombras, fala com si mesmo. Cruza consigo nas atitudes, pela consciência das incertezas vividas.

Ao mexer com a própria imagem está denunciando o seu poder social, que manifesta com certa vivência e cultura. Isto é, recupera a espontaneidade, sem pressão histórica, e encontra o que traz dentro de si – o reflexo: realizado no clarear das horas, que sabe não se refletir agora, mas propõe a forma de percepção da realidade pelo homem. Nas palavras de Maria Helena Latini, “O sonho / o baque / a brevidade // o relâmpago assustador / entre isto ou aquilo”.

O reflexo não é só o itinerário da alma, é também o refluxo do tempo – como fragmentos multicoloridos, que assumem brilhos. O tempo se faz necessário na transformação. Parte da reflexão o fazer literário, como em Mansueto Bernardi, “Fito-me

diante do espelho... / minha face não me diz nada. / Miro-me na água corrente... / Mas o rosto continua estranho. / Mas se me olho nos teus olhos, / logo a imagem / ilumina e vivifica / a própria sombra do ser”.

O reflexo, esse jogo de espelho, entre a criação e a obra, é sua maior sensação: momento feito para brilhar e também para transformar o refluxo do tempo como grande desafio. O que interessa e o que parece misterioso e inquietante é a busca de ideias. Assim, justificaria que o homem pode saborear a vida de maneira confiante e, ainda viver positivamente, fazendo do refluxo neste mundo sem tempo, um mundo imaginativo, contribuindo para o reflexo da criatividade e da realidade.

Em vários momentos surgem atitudes com liberdade criadora, moldando a qualidade de vida, porque a sombra é o avesso do reflexo e a vida só se completa com a luz. A criação é a renovação, depois vem o descanso e a realização. E ao refletir sobre o refluxo da vida, Pedro Du Bois escreveu: “Quando jovem: reflexo no espelho / Agora: refluxo por inteiro”.

Data : 19/10/2016

Título : DOBRAS do TEMPO

Categoria: Crônicas

Descrição: Meu dia é uma caixa de surpresas. Passo lendo e relendo livros. Gosto do que faço. Chego passar vários dias sem sair de casa...

Meu dia é uma caixa de surpresas. Passo lendo e relendo livros. Gosto do que faço. Chego passar vários dias sem sair de casa. Apenas passeio em imaginação. O difícil é driblar o tempo. Orídes Fontela escreveu que “.. há um tempo para desviver o tempo”.

Entendo como valorizar a literatura, porque ela me dá liberdade e é simples representação da passagem do tempo. Boa surpresa é o livro Dobras do Tempo, de Carmen Presotto, que mostra os passos da liberdade nas lembranças de um tempo que embalou encontros, onde Uma Porta se Abre: “... degusto a vida entendida sob meus olhos. / Matizo essa grande aquarela e coloco uma foto minha na capa do livro. / Nele me vejo tão diferente. //... Números, registros e funções, palavras soltas ou / codificadas que abrem a porta para sair o que / quem sou”.

Dobras do Tempo deixa claro que a mudança principal ocorre dentro de nós, em nossa alma, e mantém certo poder de encantamento, reproduzido em Dobras Naturais: “... Dobras naturais / abrigo de madrugadas / ao chegar o inverno, / não me deixes sem sol.” Encontro detalhadamente suas memórias refletidas em Fardos de Memória: “... Fabriquei fortes paredes. / Isolei o vento, porém a casa aumentou. / Espiei a alma.../ Perdi as fendas da infância. / Dou aos olhos outros caminhos.”

Os poemas recordam um tempo presente que nos permite compreender o sentido da vida, como histórias entrecruzadas em sua passagem, Passo da Liberdade: "... Rastreamos velhos fantasmas e / cicatrizando uma sangrenta história / perpetuamos nossas paradas..."

Ao participar um pouco mais desse mundo temporal sinto sensações especiais, ainda, presenteada com momentos únicos, "Se escrevo é para um dia renascer" e "um dia do futuro viveria sem mim..."

Um mundo invisível onde existem segredos que vão além da imaginação; a superação realizando transformações, que nos levam a uma viagem sonhadora, ao ponto de criarmos fantasias ao redor dos poemas, que tornam esses momentos, aonde os seus cantos vão além das portas e janelas, expressão dos dias, todos, aqui passados, iluminados em estelares caminhos.

"... Recrio o inventado / revivo minhas criaturas / e me descalço dessa dimensão. // Feito anjo não caído / Sobreponho-me // Feito poeta / visto-me de humanidade."

Data : 30/01/2014

Título : ECO das VOZES

Categoria: Crônicas

Descrição: Contra o senso comum, classifico eco das vozes como a interferência na história de vida. Interferir é verbo que ganha voz

"Se eco / aos teus / versos / pulso //... ao inverso, /  
onde ecoas / existo / me tramo..."

Carmen Presotto

Contra o senso comum, classifico eco das vozes como a interferência na história de vida. Interferir é verbo que ganha voz: é conjugado para cair, levantar e sacudir a poeira; e seguir enfrentando as críticas, das quais a vida não direcionou seu desejo de busca. Segundo Tatiana A. S. Caldas, "A voz se repete / Repete //... De minha voz, apenas o eco ressoa / Insistente / Renitente // Até quando?"

Interferir remete a um estilo de quem procura uma palavra singular; a presença é marcada pelo eco das vozes, com a possibilidade de recomeçar um novo caminho. Oscar Wilde reflete, "Simples palavras! O que é que pode ser tão real como as palavras?"

Primeiro passo é ter consciência que ao interferir assumimos riscos pelo ressoar das vozes e pelas decisões tomadas. O segundo passo é se perguntar, como

sobrevivemos com as interferências? Oscar Wilde diz, “influenciar alguém é um exercício empolgante”.

Ao pensar em todas as atitudes de hoje e as decisões que tomamos no dia a dia, podemos perceber o quanto de interferência, interna e externa, domina nossos destinos. É importante distinguir o quanto ela é benigna ou maligna. Precisamos estar informados para selecionar o que é construtivo e tomar atitudes conscientes e equilibradas, para evitar o eco das vozes destrutivas. Segundo Robert Wong, “Quando precisar decidir... vá pelo coração, sua essência, que é sábia...” Dar atenção ao coração, incrementa ganhos e fluímos sem dependência.

Sempre que houver uma interferência devemos dar oportunidade para a outra parte fazer sua escolha. Pois, elas surgem desde sempre, mas devemos analisá-las antes de aceitá-las, para garantir a qualidade de nossas vidas e estar preparados para as mudanças, como em Júlio Perez, “... São tantas vozes! / todos os livros que li / ecoam em meus ouvidos...”.

Eco das vozes, no popular, é palpar, se meter onde não é chamado... é quando a pessoa não pensa no que vai dizer, apenas começa a falar sem se preocupar com as consequências e os resultados, sem pesar os pontos fracos e ressaltar o que tem de melhor. E, por muitas vezes, ouve-se o que não se quer, como demonstra Carlos Higgie, “...vou embora para um lugar cheio de luz, ...para que minha voz seja minha e não o eco de outras vozes, para que meus pensamentos cresçam e amadureçam e não sejam cortados pela raiz...”.

A melhor medida para lidarmos com a interferência, ou para influenciar, ou ser eco das vozes, é termos conhecimento da situação, sabermos do nível da necessidade e realização do outro. Na voz de Júlio Perez, “... são tantas vozes! / E todas querendo me dizer alguma coisa. / Impossível atender a todas...”.

Saber fazer escolhas, ter atitudes são investimentos que podem valorizar as nossas vidas, sem interferência e como ressoar do eco das vozes.

Data : 30/03/2015

Título : ELOGIAR

Categoria: Crônicas

Descrição: Abro espaço em minha vida para as atividades do cotidiano, mas resisto em considerar algum espaço para dar e receber um elogio ou autoelogio.

“Podemos nos defender de um ataque, mas somos indefesos a um elogio.” (Freud).

Abro espaço em minha vida para as atividades do cotidiano, mas resisto em considerar algum espaço para dar e receber um elogio ou autoelogio. O autoelogio, por vezes, incomoda e até constrange. O elogio incentiva, dá a força e o apoio que me mantém entusiasmada para seguir em frente. Cabe elogiar a todos os que mereçam, por que

revelam a coragem do ato, do gesto, da competência e, ainda, fazer justiça a alguém torna menos árdua a sua luta pela sobrevivência. Segundo Shirley Souza, “Uma vida em amostra ao mundo/Toda uma história expressa em camadas /As marcas de uma jornada / Demonstrada por meras palavras...”. Machado de Assis expressa, “Eu não sou homem que recuse elogios. Amo-os, eles fazem bem à alma e até ao corpo”.

A sensação ao dar ou receber um elogio é de que existe um vasto mundo e o desejo de vê-lo é o mesmo que seguir em direção a novos horizontes, que o ato de elogiar pode levar a pessoa à nova perspectiva de vida, e nortear a sua área de trabalho. Em outras palavras, o elogio é o reconhecimento e a consideração que leva ao despertar do interesse em realizar algo transformador; proporciona ao elogiado a experiência do prazer como sensação de “alumbramento”.

Todo processo de escolha tem real inserção na vida das pessoas, auxilia na questão do potencial. E isso vale a pena porque torna alguém feliz e reconhecido, dentro da vitalidade da cultura. O importante é ter consciência de que o elogio precisa ser verdadeiro para cumprir a sua finalidade: valorizar e defender a ideia.

Dentro dos elogios possíveis, reconheço-os na Literatura de Cordel: literatura popular de que nos diz Mariana Albanese: “a Literatura de Cordel, do fundo dos tempos chegou para ficar com versos singelos e desenhos belos, espalha notícias e ajuda a ensinar”.

A origem da Literatura de Cordel é a poesia falada: o repente; o dia do Poeta da Literatura de Cordel é comemorado em primeiro de agosto: o versejar nordestino. Os folhetos são vendidos, até hoje, em feiras e mercados, expostos em varais.

O Cordel é literatura popular porque o poeta traduz em versos o seu dia a dia, a sua cultura, sua religiosidade e sua mística. Entre tantos poetas, saliento José Maria do Ceará que, em Gramática em Cordel, versejou: “As letras trazem fonemas. /E para mais claro ficar,/Os fonemas são os sons/ Que usamos para falar”; bem como Moreira de Acopiara, em Nos Caminhos da Educação, “Um analfabeto é,/Ao meu ver, um sofredor /Que é facilmente oprimido. /Mas já disse o professor; /” A educação liberta / Oprimido e opressor”.

O Cordel: jornal do sertão – livreto, folheto que merece elogio e reconhecimento pela criatividade artística: plástica e literária; pelo incentivo à cultura sertanejo-nordestino; pela qualidade dos textos e entusiasmo dos repentistas; sem exagero, o Cordel atinge a perfeição do versejar sertanejo.

Data : 28/08/2019

Título : EM BRANCO (II)

Categoria: Crônicas

EM BRANCO (II)

Na poética de Tiago de Mello, “Faz escuro, mas eu canto / porque a manhã vai chegar. / Vem ver comigo, companheiro, a cor do mundo mudar. / Vale a pena não dormir para esperar / a cor do mundo mudar...”.

As definições de vida, muitas vezes, se reduzem na correria do dia a dia, onde deixo em branco o sentido de ser, para atender as minhas obrigações.

Reconheço motivos para me sentir feliz com a vida. Deixo passar em branco.

Venço o silêncio e me envolvo nas atividades literárias. Deixo passar em branco.

Em estreito laço sinto o bem estar e a coragem necessária para seguir em frente. Deixo passar em branco.

Tenho consciência do meu entusiasmo e sei que é desperdício. Deixo passar em branco.

Tenho motivação para conversar sobre uma dieta e não encontro o objetivo. Deixo passar em branco.

Não fujo do cotidiano para não me decepcionar com os pequenos fracassos. Deixo passar em branco.

Invisto o tempo em ações prazerosas. Deixo passar em branco.

Faço a pausa no trabalho e no cinema assisto a comédia. Deixo passar em branco.

Administro o cotidiano para refletir o dia. Deixo passar em branco.

Verdade. Parece impossível encarar a realidade sem me enganar, quando deixo passar em branco, tudo o que conquisto. Posso imaginar que poderia ser diferente ou desejar desfecho não branco e sim colorido.

Digo que poderia ser mágico – não solucionaria nada, talvez me trouxesse benefícios ao executar algo na esperança de não passar em branco a chance no futuro. Nas palavras de Tiago de Mello, “Talvez não possa ter tudo de bom / que a vida tem pra inventar e me dar. //... É por isso que cantando eu vou / me alegrando em levar esta flor / pequenina, vida...”.

Data : 19/10/2016

Título : EM EXPOSIÇÃO GLAUCO RODRIGUES

Categoria: Crônicas

Descrição: Dani Rossi escreveu que “Falar de arte, fazer arte, reconhecer a arte, já é uma grande arte”. Glauco Rodrigues é arte...

Dani Rossi escreveu que “Falar de arte, fazer arte, reconhecer a arte, já é uma grande arte”. Glauco Rodrigues é arte – retrata em telas a imagem da vida e denuncia o

estado crítico da marginalidade consentida, resgatado da mitologia urbana. Transporta para o amanhã o sentimento do povo brasileiro.

A arte está presente no nosso cotidiano e as cores combinadas se transformam em expressão que nos permite a releitura sobre as impressões do novo, como demonstra Eduardo Barbossa, “Ver / para poder ouvir // formas carregadas de significados / falam linguagens complexas / exclamam simbolismo / gesticulam indagações...”

Nem todos conseguem captar uma obra de arte e perceber a sua mensagem, mas, a sintonia e o elo entre o olhar e o quadro alimenta a cumplicidade e nos leva a novos encontros.

A presença de produções artísticas também reflete o espírito da época, recriando vidas, misturando traços e cores, na revelação dos sentimentos pela beleza de seus gestos e ritmos, como na obra de Glauco Rodrigues. Manfredo de Souza Neto salienta: “Não creio que a arte possa mudar o mundo. Ela pode, quando muito, colaborar para mudar a cabeça dos indivíduos”.

O brasileiro tem memória curta. Mas essa memória curta não é tentativa de esquecer as obras de arte, mas o conjunto de decepções e perdas que o levam à indiferença, assim como a vida trata alguns artistas plásticos.

Na nudez do rosto encontramos o conhecimento que reflete a proposta de pensar a arte: pelo jogo de luz e sombra. Nesse contexto, tomamos o lugar escuro, como forma de reavivar o lado claro das aparências que envolvem o ser humano. Segundo Pedro Du Bois, “A obra de arte... // define o tempo / refulge como luz anunciada / reflete a história / induzindo à reflexão do espírito / onde acaricia os olhos / fazendo a mente trabalhar / seus significados...”.

Uma forma de cultura não destrói a outra, porque quanto mais o homem nela estiver incluído, mais aumenta as suas expectativas do viver. Às vezes, é preciso que as pessoas se habituem às artes, para que a discussão sobre o novo seja feita e a reflexão possa ser lembrada como melhor medida: o estado da alma como personagem com memória, como retrata Fernando Pessoa, “A arte é a magia que liberta a mentira de ser verdadeira”.

Ao apreciarmos uma exposição das obras de Glauco Rodrigues, vemos, além do domínio técnico e beleza, a certeza do objetivo alcançado através de grande processo criativo, sensível e emotivo. O resultado, ao valorizarmos uma obra de arte, é o que fica na memória; o essencial para a vida: ver aquilo que está sendo mostrado. Essa leitura é, talvez, uma das formas para libertar a mente.

Data : 16/12/2015

Título : Em exposição: GLAUCO RODRIGUES

Categoria: Crônicas

Descrição: ... ?Falar de arte, fazer arte, reconhecer a arte, já é uma grande arte?...

Dani Rossi já escreveu que "Falar de arte, fazer arte, reconhecer a arte, já é uma grande arte". E Glauco Rodrigues é arte – ele retrata em telas a imagem da vida e denuncia o estado crítico da marginalidade consentida, resgatado da mitologia urbana. Transporta para o amanhã o sentimento do povo brasileiro.

A arte está presente no nosso cotidiano e as cores combinadas se transformam em expressão que nos permite a leitura sobre as impressões do novo, como demonstra Eduardo Barbossa, "Ver / para poder ouvir // formas carregadas de significados / falam linguagens complexas / exclamam simbolismo / gesticulam indagações..."

Nem todos conseguem captar uma obra de arte e perceber a sua mensagem, mas, a sintonia e o elo entre o olhar e o quadro alimenta a cumplicidade e nos leva a novos encontros.

A presença de produções artísticas também reflete o espírito da época, recriando vidas, misturando traços e cores, na revelação dos sentimentos pela beleza de seus gestos e ritmos, como na obra de Glauco Rodrigues. Manfredo de Souza Neto salienta: "Não creio que a arte possa mudar o mundo. Ela pode, quando muito, colaborar para mudar a cabeça dos indivíduos".

O brasileiro tem memória curta. Mas essa memória curta não é tentativa de esquecer as obras de arte, mas o conjunto de desilusões e perdas que o levam à indiferença, assim como a vida trata alguns artistas plásticos.

Na nudez do rosto encontramos o conhecimento que reflete a proposta de pensar a arte: pelo jogo de luz e sombra. Nesse contexto, tomamos o lugar escuro, como forma de reavivar o lado claro das aparências que envolvem o ser humano. Segundo Pedro Du Bois, "A obra de arte... // define o tempo / refulge como luz anunciada / reflete a história / induzindo à reflexão do espírito / onde acaricia os olhos / fazendo a mente trabalhar / seus significados..."

Uma forma de cultura não destrói a outra, porque quanto mais o homem nela estiver incluído, mais aumenta as suas expectativas do viver. Às vezes, é preciso que as pessoas se habituem às artes, para que a discussão sobre o novo seja feita e a reflexão possa ser lembrada como melhor medida: o estado da alma como personagem com memória, como retrata Fernando Pessoa, "A arte é a magia que liberta a mentira de ser verdadeira".

Ao apreciarmos uma exposição das obras de Glauco Rodrigues, vemos, além do domínio técnico e beleza, a certeza do objetivo alcançado através de grande processo criativo, sensível e emotivo. O resultado, ao valorizarmos uma obra de arte, é o que fica na memória; o essencial para a vida: ver aquilo que está sendo mostrado. Essa leitura é, talvez, uma das formas para libertar a mente.



Data : 26/11/2017

Título : EM PASSOS PESSOAIS

Categoria: Crônicas

Descrição: A vida é a exclusividade ao construir o mundo na cabeça de cada pessoa...

Para Marcelo Shünke

“... Ó realidade, / há séculos eu sou uma lâmina que respira...”. (Cacaso)

A vida é a exclusividade ao construir o mundo na cabeça de cada pessoa, o que nos leva há (não)compreender um pouco essa mágica: vivenciar o que sentimos e o que não vivenciamos. Para Leila Míccolis, “A vida é um constante exercício / de mãos criando asas, / de pés, pisando em brasas”.

A vida pode se definir como um argumento poderoso, que nos influencia no querer, que por vezes dificulta ou facilita o nosso viver. Como diz Marcelo Schünke “mais vale ter sossego do que razão” e, Alfredo Salti, o contradiz: “em uma relação mais vale se incomodar uma hora por dia, do que a vida inteira”. Em qual dessas linhas de raciocínio as escolhas são justificadas pela lógica, dando clareza ao ato? Será pura acomodação? Ou segue apenas o que dita o coração?

Quanto vale o sentimento no relacionamento pessoal? Ele é a recompensa ou surgirá outra necessidade para ficarem juntos? Adriana Lima responde, “... vou transpondo os dias / e aprendendo / com quantas esperas / vive o amor em mim”. Nilza G. Lacerda expressa, “... Ainda assim, é esta vida que quero, / é esta História que busco, é este Eu que construo... Quero voos contra vermelhos doídos, / quero riscos arcanjos em passos pessoais / quero álibis...”.

Em cada ato e situação que nos apresenta a vida, seja com ou sem razão, fazemos de conta que está tudo bem. Mas, nem tudo está ótimo quando a lógica se inverte, o sentimento se torna confuso, o sossego não se assentado, a emoção se altera e a razão desproporciona o fato. Carlos Drummond de Andrade retrata, “... Lá estou eu,... / por baixo de falas mansas, / por baixo de negras sombras, /... por baixo, eu sei, de mim mesmo, / este vivente enganado, / enganoso”.

Quantas máscaras somos capazes de usar em cada situação? Implicaria em irmos para frente do espelho e, do reflexo, arrancar a máscara? Quanto vale cada “sossego”? De qual “sossego” estamos falando: o interno ou o mascarado? Da vida a dois, onde apenas um sempre tem razão? Então, não seria uma relação a dois, da qual apenas nos referimos ou salvamos tão somente o sexo. Aí sim, vida a dois por momentos. E não estamos dando um passo em direção ao outro. Nem construindo pontes e caminhos. Apenas, seguimos as palavras de Marcelo , e demonstramos que quando não enfrentamos o outro ou a situação, não expomos as ideias e nem os ideais. Será que o conselho de Alfredo Salti não traz o “sossego” que tanto buscamos? Nas palavras de

Nilza G. Lacerda, “Tantos desejos, que uma vida é pouco. / Tantas histórias, que uma história é pouco, / Tantos outros, que um eu não basta”.

Fatos são fatos, não mudam. Conscientizamo-nos do feito. Amar é amar e sentir os momentos da vez e da hora. Segundo Cassiano Ricardo, “... chegue-me o bem que espero tarde ou cedo, / que me adianta gritar se o céu é mudo? / se o segredo que guardo no meu peito / por mais que eu grite fica sempre oculto?...”.

Em passos pessoais, a vida não se acaba por ter apenas um mesmo motivo? Motivo que gira o tempo, onde este é o presente que nos permite projetar o futuro. Na relação pessoal, construímos em parceria, passo a passo a nossa vida, sem acionar o botão que possa nos enganar, porque além de contribuir para a honestidade, o respeito e o carinho da relação, ainda garantimos, ambos, a harmonia, a felicidade, a confiabilidade e a integridade nos momentos essenciais e especiais da vida em passos pessoais.

Data : 20/05/2013

Título : Em Questão de Minutos

Categoria: Crônicas

Descrição: Acredite, no momento estou sem tempo – marco em minha vida - e não consigo pensar, apenas suspiro e tento recuperar a ironia e a paixão pela vida;

“O tempo é surpreendente / Dono do passado e do presente /

É como um quarto escuro / Reserva em segredo o futuro...”

(Cândido F. Ferreira)

Acredite, no momento estou sem tempo – marco em minha vida - e não consigo pensar, apenas suspiro e tento recuperar a ironia e a paixão pela vida; fica apenas a atração pela polêmica do suicídio. De consistente, trago a esperança, que constituí traços definidos em um só momento.

Em questão de minutos estou na defensiva. Logo, penso na palavra desistir... Por que é impossível preencher a página. A sensação é de já ter vivido esse momento que por muitas vezes me deixa confusa: o tempo não para e não volta. Lêdo Ivo questiona, “Que fazer de nossas vidas / se tudo não vale nada e não vale um caracol // o sol que tão alto brilha?...”

Em questão de minutos penso na desistência com compreensão, meditação e revisão sobre a vida e seus desdobramentos, que me reporta ao tempo como semelhança do domínio na conclusão imprevisível e irônica, que torna evidente ser o pensamento que detém a palavra final sobre a verdade e a problemática do homem, seu destino e a sua história. Gilberto Cunha coloca, “Haverá um tempo (não muito distante de agora) que ao

homem será permitido escolher seu próprio destino... Somos prisioneiros de nós mesmos...”

Em questão de minutos, o suicídio passa pela minha cabeça, quando o sonho de ficarmos juntos não passou de ilusão, restando apenas a questão da morte, como garantia de vida. Encontro em Pedro Du Bois, “...não temos como lembrar / o vazio das lembranças: / ...perdidos um no outro / nos consolamos em vidas sozinhas...”

Em questão de minutos lembro o fato ocorrido, com o escritor Leopoldo Lugones, que se suicidou em 1938. Ele foi considerado pela turma de Jorge Luis Borges “um verdadeiro patriarca estético”, segundo Antônio Fernández Ferrer.

Em questão de minutos a literatura me faz crer que o suicídio é algo mais do que a palavra pronunciada adverte e prescinde cuidados especiais, como as que encontro no poema A Nona Colina: Suicídio, de Carpinejar e na Estória de um Suicídio na Fábrica de Adesivos, de Mário Chamie.

Em questão de minutos reconheço que a poesia pode ser triste e, ao mesmo tempo, esperançosa. Aí reside a beleza da vida, já que esquecer a lembrança ao passar por minutos chocantes, implica na negação que o tempo em ciclo distante prevê o destino e mostra o lado da desistência, como em Mário Chamie, “...nas camadas do destino /as estradas do suicídio...”.

Data : 19/10/2016

Título : EM TEMPO

Categoria: Crônicas

Descrição: “Entendi que sem tempo não há movimento (ocupação de diferentes lugares em diferentes momentos)...

“Entendi que sem tempo não há movimento  
(ocupação de diferentes lugares em diferentes momentos).”  
(Jorge Luis Borges)

Sou obcecada pelo tempo. Nunca sobra tempo, sempre falta. Não há tempo suficiente para as coisas importantes porque trato a vida como ponto de partida e não de chegada. Digo “sim” e o tempo “leva a culpa”, enquanto eu assumo os riscos.

Vivo excessos de “sim” e, com o tempo, vejo que essa não é a melhor opção. Cada vez que olho para o relógio sinto diminuir a minha satisfação; tenho a necessidade de me apressar, porque estou preocupada em confiar na vida. É paradoxal usar o tempo como medida impeditiva de me conectar comigo mesma; só penso em cumprir prazos e ajudar os outros.

Mas, de outro lado, tudo posso lembrar, recordar a tempo quando cantores e letristas me deixam como recompensa o fundamental para continuar em meu ritmo de vida, mesmo que nele não haja “muito” tempo para a realização de meu potencial.

A expectativa permanece quando relembro momentos, como nas letras de Chico Buarque, que marcam tempos sombrios se misturando com a alegria da inspiração. Chico me coloca em escolhas diferentes e ao mesmo tempo desesperadas, como na canção Geni, “... Quando vi nesta cidade / Tanto horror e iniquidade / Resolvi tudo explodir / Mas posso evitar o drama / se aquela formosa dama / Esta noite me servir...”, demonstrando um período de descontentamento e desentendimentos.

Já na letra de Terezinha, demonstra situações difíceis de acreditar que aconteçam, nas quais a melhor defesa é o “não”, “O primeiro chegou / como quem vem do florista //... Me encontrou tão desarmada / Que tocou meu coração / Mas não me negava nada / E assustada eu disse não...”

Muitas vezes digo “sim” quando desejo dizer “não”, o que acontece porque faço a vontade de terceiros, para ganhar tempo e encontrar meu verdadeiro caminho, mesmo que inicialmente me submeta ao capricho dos outros. Preciso rever meu comportamento em relação ao passar do tempo, para conseguir me expressar e ter a coragem de dizer “não”!

Associo o tempo como forma de compensar a falta de alguém, quando sinto saudades dos “bons tempos”. Só assim tenho liberdade para sonhar junto com o Chico Buarque, na letra de Lígia, “... E quando eu lhe telefonei, desliguei foi engano / o seu nome eu não sei / Esqueci no piano as bobagens de amor / Que eu iria dizer, não... Lígia, Lígia...”

Em tempo, olho para trás e vejo que dizer “não” é lutar pelos meus sonhos, verdades, certezas, convicções e filosofias. Dizer “sim” para mim mesma!

Data : 19/10/2016

Título : EM TEMPO: SERÁ QUE ELE É?

Categoria: Crônicas

Descrição: Quarenta anos depois, relato o meu melhor carnaval. Essa história transcorreu numa época em que a maioria das pessoas...

Quarenta anos depois, relato o meu melhor carnaval. Essa história transcorreu numa época em que a maioria das pessoas “pulava” carnaval nos clubes de suas cidades. Os bailes eram luminosos, elegantes e muito alegres.

Num verão, com os amigos e parentes, conversando sobre a próxima noite de carnaval, eu falei que as mesas e a entrada no clube seriam gratuitas se formássemos um bloco. Todos adoraram a ideia, mas com qual fantasia? Não tínhamos nada preparado ou organizado. E era para “hoje”!

Na praia de Albatroz (RS) não havia loja de tecidos e, muito menos, loja que vendesse fantasias. Também, não tínhamos pensado em um nome para o bloco.

Pensamos primeiro nas fantasias. Sugerimos que arrancássemos as cortinas da minha casa e com o tecido confeccionássemos as nossas fantasias. Em mutirão, sem máquina de costura, todos trabalharam. Costuramos a mão, com a participação de todos, cada uma das fantasias.

De maneira pouco convencional, mas divertida, todos pareciam ter vida interior, como estrelas que brilhavam, quando completamos o trabalho. Foi momento único de muita “serpentina e purpurina”. Muita alegria devida à união entre os participantes; a satisfação de realizarmos um “capricho” e, ainda, guardarmos um “fiapo” de fôlego para começarmos os “feitos” no baile.

Prontas às fantasias, passamos para a escolha do nome do bloco. Escolhemos “Será Que Ele É?”. É o refrão do clássico carnavalesco “A Cabeleira do Zezé”. Todos sabiam cantar e os homens – na época – usavam cabelos compridos.

O bem da verdade, o nome foi escolhido porque não tínhamos certeza de que seríamos considerados como bloco. Também, porque a estrutura fonética, a voz, o som, o uso das palavras, tinham sentido inovador, “pra frente”, como era o nosso pensamento. A marchinha foi lançada em 1964 e continua sendo cantada, transmitida de geração em geração.

Conseguimos os ingressos e as mesas. Nosso bloco fez o maior sucesso, fazendo com que nos sentíssemos modernos e “pra frentex”.

Em tempos momescos essa lembrança ficou para sempre como carnavais que não voltam mais: “Será Que Ele É?": “Será que ele é bossa nova? / Será que ele é Maomé? / Parece que é transviado, / Mas isso eu não sei se ele é...”

Data : 28/08/2019

Título : ENCONTRO AMARGO

Categoria: Crônicas

## ENCONTRO AMARGO

Quem não tem a lembrança da morte, entre lágrimas, como encontra o que sente arder como lâmina e fogo?

Falar da morte é driblar o sentimento. Tê-la por perto é ouvir o grito entre o silêncio e o medo, como voz do penhasco onde é marcado o encontro amargo, que se reflete no espelho corroído pela maresia.

Hoje, o som me desperta a dor da saudade junto ao relógio, que não mais divide o meu tempo e nem guarda o meu silêncio, como em Sueli Gehlen Frosi, “Debato-

me, sofro. / Procuro e não te encontro. / Teu travesseiro é só vazio. / Lembro-me então que foste embora...”.

O encontro com a morte revela o mistério que se configura na força do vento, que soa forçando as portas fechadas. Temo que possa mexer, mais, com a minha vida e sacudir o vício de ter você ao meu lado. Mal consigo lidar com o amargo da morte e, ainda, penso no nosso amor sempre imenso, que se distanciou e rompeu o meu gesto, deixando-me com o peito cerrado. Nas palavras de Sueli Gehlen Frosi, “... Quero-te de volta, / Exijo sentir a respiração mansa, / Do amor que escolhi, há tanto / Para fazer parte de mim...”.

Recolho conchas na praia para confortar o meu pensar; estou sempre repensando a solidão como as duras penas no sopro do sentimento conflagrado. Além da saudade, sinto que as comportas da noite se abrem para as verdades. Então, absorvo o limite da hora da despedida e me mantenho densa no agora. Com a alma fria e os pés paralisados faço da renúncia a minha procura, deslocada da sua imagem, e me entrego por inteiro à melancolia.

Surpreendo-me rememorando situações, e quero mais; quero a sua presença de volta ao meu viver; quero o voo do pássaro no final da tarde, com você; mais, quero pousar a cabeça em seu ombro. Tudo passou, transcorreu e você morreu, deixando o gosto amargo na minha boca; com o coração alvejado, perdida entre lembranças ao interiorizar o seu corpo, seu olhar; sua imagem na tentativa de permanecer ao seu lado. Iludida, canto com voz rouca a nossa música e sobrevivo à sua ausência com o amargor do encontro inexistente. Sueli Gehlen Frosi demonstra, “... Lembro-me então da morte, da dor, das velas, / Levando devagar para muito longe / O quem mais amo, tu! / Choro gritos, desfaço-me em lágrimas, / Soluços sufocam-me a garganta, / Para então, em agonia, / Dar-me conta de que sonhei, / De que estás aqui, como sempre, / Fazendo-me companhia...”.

Data : 19/10/2016

Título : ENCONTRO das ARTES

Categoria: Crônicas

Descrição: Precisamos compreender os fundamentos e os significados da nossa identidade, e o contato com a arte favorece os processos de reordenamento espiritual...

Precisamos compreender os fundamentos e os significados da nossa identidade, e o contato com a arte favorece os processos de reordenamento espiritual – nossa consciência a respeito do que somos e do que queremos.

As artes nos dão a verdade possível, transfigurada em cor, volume, ideias e consciência; tem múltiplos significados.

Poesias Completas, segunda edição/1979, é um livro de poemas de Joaquim Cardozo; grande título pela raridade e pela importância dos poemas sobre obras de arte, que refletem emoções, sensações e imagens. No capítulo Luz na Galeria encontra-se o poema Maria Bonomi, Maria Gravura, em homenagem a grande e talentosa artista plástica, gravurista que usa sua força criativa para transformar blocos e perfis geométricos em imagens transcendentais.

O poema, que exibe, fala de Bonomi através dos olhos de Cardozo, marcando o encontro com as artes – o discurso e a gravura-, linhas reproduzindo e unindo as criações artísticas.

“Maria Bonomi, Maria Gravura; / Os traços, pouco a pouco deixam / de caminhar./ As cores não passam mais / pelos olhos, / Pelos ouvidos, inundam./ A noite desceu sobre a gravura - / Sombra de prensa a comprimi -/ Maria Bonomi, Maria Gravura / Ouve-se agora um canto / Do papel em liberdade./ Maria Bonomi / O corte sorri. A mão fica em silêncio./ O contraste murmura / Maria Gravura.”

Nesse encontro, abro ao fluxo o poder iluminante que detém e transmite um registro histórico e estético, que pode tocar tanto o coração, quanto os recursos da narrativa, e a significação dos gêneros artísticos, nos proporcionando a reflexão.

Data : 10/02/2019

Título : ENCORTINAR, NÃO!

Categoria: Crônicas

Não tapo o Sol com a peneira. Não cubro os estragos. Não tenho sorriso “amarelo”. Não faço comentários nas entrelinhas. Estas são palavras que descrevem os encontros. O que guardo no que cito, pois, me soa tal o alvoroço, que nem sempre demonstra a originalidade das pessoas, mas, apenas a oposição entre uma e outra ocasião.

No caminho para casa, compartilho esta união de assuntos como momentos de preocupação em relação às atitudes dos amigos. Parece-me que estão sempre tentando encortinar seus desempenhos diários. O que atestam pelos falsos elogios e cortinas de fumaça que usam ao se revelarem no mínimo possível dos significados.

Apesar de a cortina ser véu transparente, usam para tapar os sóis que não brilham em suas vidas; forma com que sinto suas ausências, mas, não canso de repetir que o sonho permanece mesmo na idade avançada. A vida sofre alterações e, pouco a pouco, descortino o dia a dia ao acreditar no gesto e nas diferenças.

Em outro retrato, verifico que eles têm fascinação pelos extremos em suas diversidades de opiniões, como se retratassem os sons. Para completar, poucos escutam músicas; não há neles nem para recuperar a força que brota da certeza de que a amizade deixa ensinamentos e reflexões em ecos cativantes, por que temos necessidade um do outro.

Vejo a realidade no limite das cortinas. Deve ser porque as permitimos conter não só a emoção, mas, também o pensamento.

Cito Murilo dos Santos, engraxate que se tornou especial pela sua capacidade de ouvir e contar as histórias dos clientes, que o escritor Doug Stumpf transformou no livro, "Confissões de um Engraxate de Wall Street", traduzido para o português, russo, chinês e coreano.

Dizia Mallarmé que a força da palavra inventa uma realidade. O fazer uso das cortinas servem para disfarçar a vida e encobrir as cenas do cotidiano?

Na minha visão, todos continuam e prestam atenção no viver e no todo que se fixa e que tenha em si a concretude da existência. Preciso chamar a atenção para entendermos que é natural e justo conversarmos; aproveitarmos os encontros para nos embalarmos no mundo ao abirmos as cortinas para o palco da vida.

Data : 23/03/2016

Título : entre a flor e o MURO

Categoria: Crônicas

Descrição: "...Uma imagem vaga por entre os versos / constrói muros e os faz desabar..." (Vera Casa Nova)

"...Uma imagem vaga por entre os versos / constrói muros e os faz desabar..."  
(Vera Casa Nova)

Tenho carinho para enfrentar a realidade; aproximar-me da vida com a vida; conversar com a pretensão de seguir o caminho entre a flor e o muro para reencontrar a poesia de Helena Kolody, "Pintou as estrelas no muro / e teve o céu ao alcance das mãos".

Na contemplação da flor surge o momento em que projeto a vida e sinto a tristeza invadir a mente: fico de frente para o muro. Nas palavras de Pedro Du Bois, "...Falo em saltar sobre a amurada / inundando / a vida em detalhes..." Ambos mostram a verdade do que sou feita no que conheço e compreendo o instante ao indagar: a flor ou o muro? Encontro em Vânia Lopes, "Ando construindo muros / para comparar minhas escadas escorregadias / meu desatino / deixo como pinturas no muro / sem assinatura / para não correr o risco de me perder".

O fato é que a verdade se limita à diferença entre a vida e a morte, o que se confirma ou é relativo à visão do muro, ou à imaginação da flor; do quanto a flor ilumina e o muro



finaliza. Seja para me reaprender ou reencontrar a plenitude dos sentidos, fazendo-me render as palavras e gritar que o muro expressa a mensagem onde o pensamento é a flor, como em Vera Casa Nova, “Na rua os gritos desenham muros”.

Entre a flor e o muro está o impulso para construir a natureza e algemar o homem; onde se funde o sentimento da diferença sentida, concebida na perspectiva que confere especial importância ao desejo como manifestação. Tal sentido - a flor - transcende a vida orgânica e acompanha o homem cerceado no muro limitador dos impulsos. Alcides Buss diz, “ ... Procuras à flor / no éter dos sentidos e palavras...” e Rodrigo de Souza Leão, reafirma no seu primeiro livro, Há Flores na Pele.

Na construção entre a flor e o muro o efeito resulta em segmentação e ruptura, cuja manifestação se dá por imagens nostálgicas, que se confundem com os sentidos: o reconhecimento do homem no saber e a primazia do sonho. “Persegui a luz? / mal segui-a, tendo / onde o sonho pus, / uma flor morrendo...”, como encontro em Alphonsus Guimaraens Filho.

A flor e o muro são mistérios do que poderá vir na expectativa dos destinos. Entre a flor e o muro há a conversão do eu em nós em processo dinâmico formado pelo passado e presente, ao ceder lugar a temas pessoais e a capacidade sensorial, contraponto de vida na certeza da morte, como em Alexei Bueno, “oh flor, oh muro, / vós ambos sois. / Ser, este é, pois, / O liame obscuro // que há em vós. O puro / Elo. Depois, / Se se erguem sóis, / Se se alça o escuro, // Que importa? Estais, / Seiva, argamassa, ...”

Data : 27/03/2014

Título : Entre AMIGOS

Categoria: Crônicas

Descrição: Marcar encontro com os amigos é prazeroso e a conversa passa pelos mais diferentes assuntos, dos pessoais até o dos desafios do trabalho no dia a dia.

Gilberto Cunha

Para

Marcar encontro com os amigos é prazeroso e a conversa passa pelos mais diferentes assuntos, dos pessoais até o dos desafios do trabalho no dia a dia.

Entre amigos a troca de ideias e de informações cria situações de especulação, e chegamos à conclusão de que somos engolidos pela rotina. De que muitas vezes as ideias desaparecem; somem quando a “técnica” assume o seu lugar. Uma barreira difícil de cruzar, por que nos tornamos vítimas da rotina. Nas palavras de Arland De Souza, “Ainda não sei / o que mais me extasia: / se a crua realidade / ou a fugaz fantasia”.

Perguntamos de onde vem a inspiração neste mundo tão corrido e disputado. Não nos damos por convencidos de que o dia a dia possa interferir na inspiração que nos provoca desejos. Então, lembramos as palavras de Orides Fontela de que “A lucidez me alucina”, e refletimos com Nietzsche que “Quando muito olhamos para o abismo, somos engolidos por ele”.

Assim, somos capazes de nos enredar no cotidiano até o ponto “necessário” para termos sobriedade no trabalho. Acrescentamos também que somos capazes de sair desse emaranhado e viver a liberdade que sonhamos precisar. A vida não requer lições pré-concebidas, apenas precisamos alcançar nossa autonomia para não sentirmos frustração se não conseguirmos viver a própria ideia. Parece simples, mas ao entendermos que viver é uma grande questão, precisamos realizar que acompanhar o ritmo do cotidiano nos mantém por horas, dócil ou hostil, até que de forma mecânica não pensamos em mais nada. O peso pode ser medido de duas maneiras: palavras e livros. O interesse pela literatura mexe com o pensamento e até pode definir o nosso rumo: somos donos da nossa vida e não podemos desistir diante do nosso esforço e vontade que, por sua vez, iluminam ainda mais as nossas ideias.

O Sol, a chuva, o mar e o vento mudam as nossas vidas ao trazerem na poeira e nas gotas de chuva contra a vidraça alguns dos fatores que elevam nossos pensamentos. Questionamo-nos de quantas ideias precisamos para escrever e se somos criativos como pensamos. Ao alternarmos a ansiedade de quem vive com a cabeça sobrecarregada de informações, temos novas expressões de linguagem para a construção e a constatação das palavras, de onde recriamos as ideias. Talvez tenhamos a sensação de que criar é uma constante em nossas vidas, já que vimos que as queixas versus as novidades tendem a despertar os sentidos e os sentimentos.

No entanto, entre amigos, alguém diz, “estou vazio, sem ideias”. Difícil acreditar já que ele é escritor talentoso. Reconhecemos suas vantagens e salientamos sermos o avesso das luzes do sol; sentimos o vento trazer o pó do tempo e ouvimos histórias e casos, que nos embalam e inspiram ao som das vozes.

Buscamos inspiração para viver e sobreviver entre as quatro estações, mesmo quando as folhas caem ou quando a ação do tempo deixa marcas em nós e cobre nossas cabeças com neve. Manoel de Barros, o grande poeta de pequenas coisas, explora o simples e seu limite é transgredir na poesia. Jorge Luis Borges mostra que “a ideia está sempre ali a nossa espera, a espreita para saltar a qualquer momento”. Basta ouvir as nossas vozes ao dizer “não” ao excesso de trabalho e “sim” ao desejo de espiar o horizonte.

Encontramo-nos para tomar cafezinho, em momento convidativo para rever os livros; jogar conversa fora; escolher as cores do dia; identificar gestos e aromas; em cada instante entre os amigos sentimos o bem estar coletivo no contato que acalenta os nossos corações. Assim dividimos a alegria e a tristeza como modo de sentir a vida.

Data : 16/12/2016

Título : Era uma vez um NATAL...  
Categoria: Crônicas  
Descrição: Pablo Picasso dizia que pintava as coisas como as imaginava,...

“Que este Natal... // Que a paz / seja capaz / De permanecer / Em cada ser //... Que a harmonia / seja sentida / No instante vivido / No poema da vida...” (IGdeOL)

Pablo Picasso dizia que pintava as coisas como as imaginava, e não como as via. Assim, como Picasso representou o mundo em suas obras, nós representamos o Natal com enfeites, cores, gestos, harmonia e amor. São características marcantes que refletem as nossas ideias e personalidade.

Comemoramos o Natal com brilhos, laços, flores, bolas e velas, em que encontramos a luz que nos leva à reflexão pelo momento festivo. Cada enfeite, cada detalhe, acrescenta algo mais da alegria do Natal e transforma a realidade em pura emoção, onde a magia se renova, porque nossos sentimentos são transportados para as nossas criações: como os símbolos.

Em cada novo ano os símbolos do Natal transformam nosso estado de espírito: inspirando-nos, dando-nos o tom da união que forma o clima de felicidade. O que demonstra que com espírito natalino fazemos com estilo a celebração mais tocante do ano (influenciados pela história e o amor).

É assim que revivemos a emoção de reunir familiares e amigos e, juntos, descobrimos o fascínio do Natal: lúdico, poético e religioso. Como em Fernando Pessoa, “Natal.../ Nos lares aconchegados, / Um sentimento conserva / Os sentimentos passados. // Coração oposto ao mundo, / como a família é verdade!...”

A magia do Natal está nas palavras que nos iluminam para interagir com os outros, marcando o encontro de luzes e sinos, tornando a data importante, como demonstra Dalinha Catunda, “Dezembro chega e me faz / Lembrar os velhos Natais.../ vivi festas natalinas, / Que não esqueço jamais...” (Era uma vez um Natal inesquecível, que encantou as crianças e deixou no ar o perfume da esperança: hoje saudades! Como inesquecível é a música de Chico Buarque, “Tão bom / Tão bom / Tão bom / Tão bom que foi o Natal / Ai quem me dera fosse / o ano inteiro igual”: hoje quando escuto a música, lembro cada passagem).

Era uma vez um Natal... descrever e contar histórias natalinas são espalhar as tradições, os encantos da nossa vida; é repassar o passado no presente, sentir a vida pelo avesso das versões, despertar a curiosidade e a vontade de se fazer presente na sua comemoração. Dividir a alegria com os familiares e amigos, sonhar e fantasiar o outro lado da vida, nas lembranças que valorizam o SER. Nas palavras de Eliana W. Alyanak, “Transformar o verso em vida //... Como o pintor, a tela em vida...// Colocar cor, / Colocar intensidade, / Colocar densidade...// No que se faz, / No que se projeta / No que se concretiza, / No que se intenciona...”

Data : 19/12/2014

Título : Era uma vez um NATAL...

Categoria: Crônicas

Descrição: Pablo Picasso dizia que pintava as coisas como as imaginava, e não como as via.

“Que este Natal... // Que a paz / seja capaz / De permanecer / Em cada ser //... Que a harmonia / seja sentida / No instante vivido / No poema da vida...” (IGdeOL)

Pablo Picasso dizia que pintava as coisas como as imaginava, e não como as via. Assim, como Picasso representou o mundo em suas obras, nós representamos o Natal com enfeites, cores, gestos, harmonia e amor. São características marcantes que refletem as nossas ideias e personalidade.

Comemoramos o Natal com brilhos, laços, flores, bolas e velas, em que encontramos a luz que nos leva à reflexão pelo momento festivo. Cada enfeite, cada detalhe, acrescenta algo mais da alegria do Natal e transforma a realidade em pura emoção, onde a magia se renova, porque nossos sentimentos são transportados para as nossas criações: como os símbolos.

Em cada novo ano os símbolos do Natal transformam nosso estado de espírito: inspirando-nos, dando-nos o tom da união que forma o clima de felicidade. O que demonstra que com espírito natalino fazemos com estilo a celebração mais tocante do ano (influenciados pela história e o amor).

É assim que revivemos a emoção de reunir familiares e amigos e, juntos, descobrimos o fascínio do Natal: lúdico, poético e religioso. Como em Fernando Pessoa, “Natal.../ Nos lares aconchegados, / Um sentimento conserva / Os sentimentos passados. // Coração oposto ao mundo, / como a família é verdade!...”

A magia do Natal está nas palavras, que nos iluminam para interagir com os outros, marcando o encontro de luzes e sinos, tornando a data importante, como demonstra Dalinha Catunda, “Dezembro chega e me faz / Lembrar os velhos Natais.../ vivi festas natalinas, / Que não esqueço jamais...” (Era uma vez um Natal inesquecível, que encantou as crianças e deixou no ar o perfume da esperança: hoje saudades! Como inesquecível é a música de Chico Buarque, “Tão bom / Tão bom / Tão bom / Tão bom que foi o Natal / Ai quem me dera fosse / o ano inteiro igual”: hoje quando escuto a música, lembro cada passagem).

Era uma vez um Natal... descrever e contar histórias natalinas são espalhar as tradições, os encantos da nossa vida; é repassar o passado no presente, sentir a vida pelo avesso das versões, despertar a curiosidade e a vontade de se fazer presente na sua comemoração. Dividir a alegria com os familiares e amigos, sonhar e fantasiar o outro lado da vida, nas lembranças que valorizam o SER. Nas palavras de Eliana W. Alyanak, “Transformar o verso em vida //... Como o pintor, a tela em vida...// Colocar cor, / Colocar intensidade, / Colocar densidade...// No que se faz, / No que se projeta / No que se concretiza, /No que se intenciona...”

Data : 29/11/2012

Título : EROTISMO NA ARTE

Categoria: Crônicas

Descrição: ?A fronteira que divide o erótico do pornográfico nunca teve contornos muito nítidos. No Brasil, o erotismo confunde-se com o obsceno.

“A fronteira que divide o erótico do pornográfico nunca teve contornos muito nítidos. No Brasil, o erotismo confunde-se com o obsceno. Até pouco tempo, não era elegante a exibição explícita das partes íntimas do corpo humano, que hoje são expostas até na televisão...” (Ney Flávio Meirelles)

Ao analisar o erotismo na arte literária, desenho e pintura, vejo que provocamos o prazer que existe dentro de cada um, porque na arte é permitida uma leitura individual e, sem dúvidas, um olhar aguçado à procura da imagem embutida do desejo de descobrir o interior das pessoas e das coisas.

O artista plástico Ruben Gerchman revela que “para atingir o erotismo é preciso que se fantasie um pouco o real. O erotismo não existe em nível real e sim imaginário.”

Ao invadir o lado erótico, flagramo-nos no exercício do olhar, da relação do prazer sexual e da imagem que se faz dele, como Carlos Higgie demonstra: “Encontrá-la... de repente bem no meio da tarde chuvosa, do dia cinzento e carregado, encontrá-la sem querer, mas desejando... ver com minhas mãos trêmulas de puro desejo, descobrem segredos dos teus botões, fechos, barreiras vão libertando, pouco a pouco, de toda a roupa, de toda a trava, de todo obstáculo, para que nossas peles sequiosas se encontrem...”

O escritor, através das palavras, pinta e desenha, torna pública a possibilidade da expressão estética do erotismo no uso dos contrastes das cores, traços, enlaces e atos. Também, dá suporte à construção de ideias, de palavras em branco e preto, expressando a imaginação do escritor e revelando ao leitor cores e formas na sugestão de novas percepções que conjugam o erotismo, como no poema de Maria Teresa Horta: “O Teu Corpo... vertigem / descendo em tuas costas / as ancas estreitas que escorregam // ... Aperto-te nos braços / e um mar revolto / perde-se em nós...”

Penso que nesse terreno a arte de escrever consegue nos invadir e expressar o erotismo, transportando o mistério em cada palavra, como em Nilto Maciel: “O Arcanjo e a Princesa... Pé ante pé, arcanjo caminhou rumo do leito. E pôs-se de joelhos junto ao rosto dela. Os longos cabelos loiros cheiravam a camomila. Os cílios, tão sutis, pareciam veludosos pelos de boneca. O nariz, a boca, o queixo, tudo no seu rosto lembrava deusas gregas. E o pescoço, o colo, cândidos, macios. O ventre, o pequenino umbigo de donzela, maravilhas intocadas. Perplexo – nunca vira de tão perto um corpo nu de ninfa – ...”

Alguns poemas concentram as emoções que operam no consciente, reveladas em jogo de palavras, cujo fio condutor são as transformações sobre a cor e a divisão de tons, retratados no erotismo, como em Pedro Du Bois: “... são teus olhos, fechados / circulando entre mundos, claros e escuros / onde os movimentos se penetram / e o corpo – os corpos – pede o gesto / do abandono e conquista //... na perna entrecruzada sobre a cama...” e, em Cláudio Paiva, “... na tapera o telhado morto. / E, no quarto, bem ao fundo, / Ele e ela... O coito do silêncio.”

Erotismo na arte é doação de sentidos e sentimentos, como nos mostra Armindo Trevisan: “Ela se despe rindo. Sua roupa / cai sobre a areia... //... abrindo as coxas à garupa azul do mar, / me obriga dentro dele a respirar.”

Cláudio Paiva, desenhista e pintor, acredita que “o erotismo está ligado diretamente com a vida. Quanto busco erotismo através de meus desenhos, eu estou atrás da revelação da verdade. O pincel na tela é uma carícia.”

Luiz Alberto Py, ressalva: “Nessa relação, a arte está para o erotismo, assim como a paixão descabida aproxima-se da libido.” e, Ruben Gerchman completa: “A arte é a criação do real, a concepção que o artista tem da imagem viva.”

Data : 10/02/2019

Título : ERRO POR MEDO OU TENHO MEDO DO ERRO?

Categoria: Crônicas

Erro por medo ou tenho medo do erro? Na dubiedade reside o medo como palavra significativa, até que eu tenha o controle dos sentidos e do ato. Pedro Du Bois escreve que “O erro e o medo andam / juntos nos procuram / em ambientes escusos / erramos por medo / e temos medo do erro //... juntamos o medo ao erro no que repetimos / cada vez que procuramos consertar os erros / e não morrer de medo.”

Saliento que o mundo, como o vejo, se apresenta em “loucuras” diárias e sensacionalistas, o que me assusta. As pessoas com passos rápidos passam de suas vidas diárias para a solidão, ao se distanciarem do caminho da chegada. Receio que o medo está instalado.

Vejo provocações sem bloqueios, sobre vidas machucadas através de histórias erroneamente contadas como verdadeiras. O desatino pelo dinheiro. O que me remete ao medo, no momento em que escuto a música me tornar passado. Tento gritar para não me sentir presa em mim, escondida no rosto rasgado em vidas consentidas. Não tenho a verdade do mundo, mas, a angústia no silêncio que me amedronta.

O medo simboliza, em mim, o fim do caminho na descontinuidade dos sentidos; a escolha escondida da verdade e o ciúme acabando com os minutos de lembranças, onde meu coração arteiro costumava brincar de viver.

Miguel de Cervantes escreveu, “O medo que tens – disse D. Quixote – faz, Sancho, que não vejas nem ouças direito, porque um dos efeitos do medo é embotar os sentidos e fazer com que as coisas não pareçam o que são...”

Por ter medo do erro, desisto dos sentimentos e fico frente à visão do horizonte, em movimentos desordenados; choro quando o dia começa. Como expressa João Guimarães Rosa, “... um medo constante, acordado e dormindo, anoitecendo, amanhecendo.”

Tem horas que meu erro me cala ao demonstrar o meu desassossego ao espiar, pela cortina da janela, a vida contida em que me aprisiono pelos ciúmes na vida revolvida.

O medo atrapalha o meu sono e, ao mesmo tempo, me faz desperta diante da vida. Escuto murmúrios na minha cabeça e vejo folhas secas, fosse o medo no relacionamento escurecido pelos ciúmes. Nas palavras de Pedro Du Bois, “Teceria o pano / em que guardaria / suas vergonhas // fosse o linho cru / fosse o algodão cru / fosse o corpo nu // ... a vergonha restabeleceu a verdade / dos medos e das vontades / que nos acompanham.”

Sou feita do medo opaco, no descompasso do que não entendo: erro por medo ou tenho medo de errar?

Data : 30/03/2015

Título : ESCONDERIJOS

Categoria: Crônicas

Descrição: Esconder-se? Esconder o que os olhos não veem? O que o coração sente na saudade, como a lembrança em busca da incerteza da vida?

Esconder-se? Esconder o que os olhos não veem? O que o coração sente na saudade, como a lembrança em busca da incerteza da vida? Que vidas poderíamos esconder se cada vez mais elas estão à mostra para quem quiser ver, sentir, optar e até mesmo para amar ou sofrer?

Nilto Maciel em seu poema Esconderijos retrata a realidade triste que fica escondida quando nos fechamos para ela, “No corredor o que fazia a infanta? /Por que não ia, não fugia logo / ou não gritava ou não chorava muito?...//Não sou parede ou árvore de Deus, /não tenho ouvidos e não vejo nada,/nem sei me conduzir por onde passo,/e nada posso desejar por elas, /as tais meninas nos esconderijos”.

É senso comum as pessoas se esconderem das situações desagradáveis. O que causa a sensação de que só podemos nos esconder quando não temos condições para resolver o que vemos e, assim, os esconderijos passam a fazer parte da vida. Também penso que é imprevisível o resultado, já que não se consegue mensurar com exatidão as impressões ou as emoções que de fato elas provocam, como ainda em Nilto Maciel, “... Não sei o que a menina lá fazia/ naquela noite escura, aquela treva./Eu tive medo dela, sim, confesso, da solidão que a trouxe e abandonou,/ do seu silêncio de quietude feito./ Então fugi prá muito longe dela,/ aos gritos, louco, a lhe pedir socorro”.

Quantas vezes temos quando nos escondemos? Esse é o poder nem sempre possível de classificar, mas que aguça a sensibilidade sobre a situação, quando colocamos a máscara para não percebermos as pequenas tragédias diárias. Pedro Du Bois, em seu conto Escondidos e Não se Mostram, revela, “... Éramos e somos os escondidos, os que não se mostram e que não se enxergam e esse relato é apenas para que todos lembrem como é lá fora e fiquemos na proteção que há dentro de cada um de nós”.

Em cada janela fechada procuramos vultos e não mais os encontramos, porque temos a casa, a cidade e a vida como esconderijos, onde cada descoberta está encoberta pelo desejo do que cada um tem vontade de ver.

Os escondidos se colocam atrás de biombos porque ocultam o outro lado: aquele que traz o desvelo do dia a dia e a luz do mistério. Eles têm o dom da incerteza onde a escuridão dos esconderijos traz a tristeza, como mostra Nilto Maciel, “... Tantas pequenas pelos becos sujos, /pelos caminhos tortos, sem sossego/e sem brinquedo, que pareço mais resto de gente a se perder na luz...”

Tantos são os escondidos e os esconderijos que a triste realidade e o medo inventam um mundo suposto, atendendo apenas cada desejo e ocultando a versão dos atos e as cenas do cotidiano. Nas palavras de Pedro Amaral, “... É uma tristeza sem adornos, / sem enfeite de lágrima...// É tristeza (assim seja) / De alguém que viu //... E não deteve o espanto”.

Data : 05/04/2014

Título : ESCREVER com ARTE

Categoria: Crônicas

Descrição: Acentuo a importância de escrever, no sentido maior, diante da realidade, ao realizar a lógica: perceber e conhecer as coisas.



“Escrever é partilhar. Partilhar ideias e expressões.” (Jorge Xerxes)

Acentuo a importância de escrever, no sentido maior, diante da realidade, ao realçar a lógica: perceber e conhecer as coisas. Todos têm histórias para contar: alegres ou tristes. Somos o resultado das nossas leituras. Segundo A. Alvarez, “Escrever é buscar a espontaneidade”.

Escrever com arte é atividade sem sossego e tem engajamento com a vida. É buscar no processo criativo as múltiplas realidades, porque expandir a realidade é transformá-la, e estar atento ao sentido do que se escreve e se lê. Não a verdade do mundo, mas a verdade que temos em nós, os novos olhares sobre as questões culturais e, em um planeta globalizado, a necessidade do aprendizado, no verdadeiro sentido das palavras. A arte de escrever, para Mário Quintana, “é por essência, irreverente e tem sempre um que de proibido; algo assim como essa tentação irresistível que leva os garotos a riscar a brancura dos muros”.

Este mundo de ambiguidades sobre o escrever, mostra o eu de cada escritor e o que ele se determina como tal. Equilíbrio que faz a diferença e demonstra o talento de cada um. Encontro em Pedro Du Bois, no seu livro *A Mão Que Escreve*: “...escrever na saudação do dia / esse dia não tem fim.” e, em João Cabral de Melo Neto, “escrever é sacrifício / que se mede pelo avesso: / de um lado o prazer do ofício, / do outro, o caminho crespo.”

Ao escrever usamos metáforas para descrever o mundo, a paixão, a dor, os sons e os ritmos da vida. O que nos permite buscar o essencial dos significados e significantes, com nossas diferenças de estilos: liberdade, que muitas vezes, propõe um caminho para encarar a vida com leveza. Como o livro de ensaios, *A Escrita, O olhar e o Gesto*, de Maria Dos Prazeres Gomes.

As diversas escritas anunciam o mundo da imaginação revelado em palavras e expressões, que assumem aspectos mágicos: horizonte lírico e a forma intensa numa coesão de palavras em que o tempo nos lê, como mostra Fernando Andrade, “... Escrevo para / Marcar o tempo / Passar o tempo / Lembrar o tempo.// Às vezes / preciso mais, / Às vezes / Menos.”

Em qualquer tempo, do tempo, na hora de escrever adotamos nosso pensamento ao criar no verso e na prosa as palavras reflexivas, os segredos, a análise do mundo, a lucidez da visão, a solidão, o amor, o descaso, a ironia e a fantasia. Isso pode definir a maneira de escrever a ser consolidada com o leitor, para que ele reconheça e torne efetiva a igualdade de gênero e a diversidade de obras, como em Álvaro Campos: “Depois de escrever, leio.../ Porque escrevi isto? / Onde fui buscar isto? / De onde veio isto? / Isto é melhor do que eu.../... alguém escreve a valer o que nós aqui traçamos?...” e Líris Letieres, “O que escrevo às vezes, estanca / como sangue coagulado / Para, suprime a palavra / cala a boca, o pulso. / O que escrevo às vezes, despejo / Como jorro, aflora / Despenca peito a fora...”

Data : 19/10/2016

Título : ESCREVER com ARTE

Categoria: Crônicas

Descrição: Acentuo a importância de escrever, no sentido maior, diante da realidade, ao realçar a lógica: perceber e conhecer as coisas...

“Escrever é partilhar.Partilhar ideias e expressões.”

(Jorge Xerxes)

Acentuo a importância de escrever, no sentido maior, diante da realidade, ao realçar a lógica: perceber e conhecer as coisas. Todos têm histórias para contar: alegres ou tristes. Somos o resultado das nossas leituras. Segundo A. Alvarez, “Escrever é buscar a espontaneidade”.

Escrever com arte “é atividade sem sossego” e tem engajamento com a vida. É buscar no processo criativo as múltiplas realidades, porque expandir a realidade é transformá-la, e estar atento ao sentido do que se escreve e se lê. Não a verdade do mundo, mas a verdade que temos em nós, os novos olhares sobre as questões culturais e, em um planeta globalizado, a necessidade do aprendizado, no verdadeiro sentido das palavras. A arte de escrever, para Mario Quintana, “é por essência, irreverente e tem sempre um que de proibido; algo assim como essa tentação irresistível que leva os garotos a riscar a brancura dos muros”.

Este mundo de ambiguidades sobre o escrever, mostra o eu de cada escritor e o que ele se determina como tal. Equilíbrio que faz a diferença e demonstra o talento de cada um. Encontro em Pedro Du Bois, no seu livro *A Mão Que Escreve*: “... escrever na saudação do dia / esse dia não tem fim.” e, em João Cabral de Melo Neto, “escrever é sacrifício / que se mede pelo avesso: / de um lado o prazer do ofício, / do outro, o caminho crespo.”

Ao escrever usamos metáforas para descrever o mundo, a paixão, a dor, os sons e os ritmos da vida. O que nos permite buscar o essencial dos significados e significantes, com nossas diferenças de estilos: liberdade, que muitas vezes, propõe um caminho para encarar a vida com leveza. Como o livro de ensaios, *A Escrita, O olhar e o Gesto*, de Maria Dos Prazeres Gomes.

As diversas escritas anunciam o mundo da imaginação revelado em palavras e expressões, que assumem aspectos mágicos: horizonte lírico e a forma intensa numa coesão de palavras em que o tempo nos lê, como mostra Fernando Andrade, “... Escrevo para / Marcar o tempo / Passar o tempo / Lembrar o tempo.// Às vezes / preciso mais, / Às vezes / Menos.”

Em qualquer tempo, do tempo, na hora de escrever adotamos nosso pensamento ao criar no verso e na prosa as palavras reflexivas, os segredos, a análise do mundo, a lucidez da visão, a solidão, o amor, o descaso, a ironia e a fantasia. Isso pode definir a maneira de escrever a ser consolidada com o leitor, para que ele reconheça e torne efetiva a igualdade de gênero e a diversidade de obras, como em Álvaro Campos: “Depois de escrever, leio.../ Porque escrevi isto? / Onde fui buscar isto? / De onde veio

isto? / Isto é melhor do que eu.../... alguém escreve a valer o que nós aqui traçamos?...”, e Líris Letieres, “O que escrevo às vezes, estanca / como sangue coagulado / Para, suprime a palavra / cala a boca, o pulso. / O que escrevo às vezes, despejo / Como jorro, aflora / Despenca peito a fora...”

Data : 30/11/2012

Título : Escrever com Estilo: CARTAS

Categoria: Crônicas

Descrição: “Escrever é partilhar. Partilhar ideias e impressões.” (Jorge Xerxes)

TÂNIA DU BOIS

“Escrever é partilhar. Partilhar ideias e impressões.” (Jorge Xerxes)

A carta é um meio de expor ideias em palavras, através da emoção. É a comunicação escrita no tom da voz, com sentimento que se forma e se manifesta através do fato, o acontecimento que provocou. Vera Casanova questiona: “...O que move esse escrever? /O silêncio das coisas, / Os objetos a nos dizerem seus risos e dores / O sopro que anima as veias das palavras. / Que posso eu dizer das coisas que faço?”

O estilo no escrever cartas é produto da cultura, ou seja, do desenvolvimento da consciência em que, naturalmente, se forma em prosa. A palavra reflete na frase a emoção, o pensamento define e busca certo dizer, mesmo que de forma sistematicamente desordenada. Cartas são pequenos parágrafos confidenciais, como encontramos no trecho da carta de Otávio Paz a Gerardo Mello Mourão -1999: “Sua poesia não só me revelou uma paisagem humana e verbal, como também me levou ao desejo de conhecer sua prosa...”, e de Otávio Paz a Emir Rodriguez Monegal (19/04/1967):“Caro Emir: Respondo a sua última carta... Não, não posso mandar-lhe nada para o número sobre erotismo. Desde vários anos penso escrever um pequeno livro (ou seja: um ensaio longo) sobre o amor (o que não é, para mim, o mesmo que erotismo)...”

Escrever cartas é atitude pessoal; desafio e consolo para muitos. Respondêlas é buscar o próprio caminho como necessidade de se realizar. Sentir prazer ao optar pelo papel como intermediário. Como na carta de 05 de julho de 1914, de Sá Carneiro, “Admirável o que hoje me chegou do Álvaro de Campos. Não me entusiasma tanto como a primeira ode...A ode de hoje é admirável, portanto, belíssima - ...”

Cartas são escritas em vários tons: alegres, desesperados, pedintes, amorosos, entre tantos, no sentido de que a carta é instrumento para expor os sentimentos. Ela é marcada

pela espontaneidade refletida como harmonia natural da alma que (de)libera a mente através das palavras; assim, na carta recebida por Lya Luft, de seu amado, em 1991, “Se eu te ajudar a crescer / isso tornará minha vida importante / e lhe dará sentido enfim.”

A troca de cartas com alguém é atitude íntima e por vezes ousada. Através dela obtemos o prazer de estar a par dos assuntos pessoais, como em Verônica Aroucha, “...meu papel está em branco/ esperando a tua carta de amor./Grande, imensa, monstruosa. /...A folha ficará em branco / estarei aqui no porto – sentada esperando – .../ Uma carta...”

As cartas têm passado, mas continuam vigorando no presente. De fato, apesar da tecnologia, continuam com o mesmo valor. Em geral, atendem aos anseios e desejos de cada um. É questão inevitável, quando se conhece a importância de receber uma carta. Mário Faustino sobre o seu único livro publicado em vida, O Homem e sua Hora, em carta para Benedito Nunes, adverte: “Se publicares, cuidadíssimo com a pontuação. Além das iniciais maiúsculas dos primeiros versos e dos problemas de pontuação, esta primeira versão é diferente daquela publicada no livro.”

Cada carta produz ensejos, segundo Pedro Du Bois, “Escrevo o que não falo / escrevo o que não digo / escrevo o que não mostro / escrevo o que não aparece // escrevo sobre meus segredos / minhas lutas / minhas limitações / meus cantos...”. Não há o que não se possa escrever numa carta, desde que seja a representação de nós mesmos, como em Jorge Elias Neto, no poema Carta de um jovem ao poeta Nietzsche.

Reconheço que escrever cartas hoje é atividade pouco incentivada, mas não descartada, até porque ela oferece espaço para a expressão autêntica, movida pelo desejo de preencher os próprios buracos afetivos. Portanto, a resistência em escrever cartas, nos padrões atuais, se dá pela falta de tempo e pelo mundo virtual, que tenta substituí-la em redes sociais e através de mensagens eletrônicas. Horácio Costa disse: “...Escrevo e o rio em mim se banha”.

Não há dúvidas de que a carta sinaliza o modo de vida convencional, que contribui, fortalece uma relação e, ao mesmo tempo, propõe buscar essa transformação em nós mesmos, como em Carlos Nejar, “Aventura humana: a esperança //... A chegada de uma carta...”

(Tânia Du Bois, Professora, Bibliotecária, Editora da Poesia de Pedro Du Bois, escreve em Vidrágua, Recanto das Letras, Jornais Catarinenses e em A Revista, de Balneário Camboriú/SC.)

Data : 30/03/2015

Título : ESPAÇOS VAZIOS

Categoria: Crônicas

Descrição: Preencho os espaços com a poesia de Pedro Du Bois, “... a morte entalha os caminhos / e nos carrega em lembranças //...”

Preencho os espaços com a poesia de Pedro Du Bois, "... a morte entalha os caminhos / e nos carrega em lembranças //... na falta que fazemos ao tempo não decorrido / reside a dúvida da continuação / em vazios espaços não percebidos." E, Egberto Penido, "... Na liberdade do instante.../ a atração do vazio,/da ausência,/o fascínio do nada..."

Espaços vazios são expressões que revelam os sentimentos. Através dos gestos o homem se manifesta em derrotas e vitórias, impulsionado pela liberdade, que no caso é instrumento da alma desnudada diante dos espaços vazios, como demonstra Alberto da Cunha Melo, "Quando estamos muito mal, / chuva e sol, / noite e dia / desaparecem /.. no espaço vazio..."

Quando penso na razão pela qual alguém determina a hora da verdade ou abre as portas, talvez haja algo dos ditos espaços vazios a desempenhar o papel em tudo que o homem vê ou sente em relação à essência que retorna em solidão, onde épocas e lembranças morrem em mistério. Como em Lembranças... As amargas não, de Álvaro Moreyra, onde as palavras revelam que o gesto é a sombra que leva as nuvens e irmana as asas, preenchendo os espaços.

Será que mandar na própria vida é questão de espaço vazio ou de preencher o vazio espaço? As razões me encaminham para o ser e, ao entender os fatos, acredito que posso ocupar o espaço vazio com palavras, pensamentos e sentimentos, como mostra Helena Kolody, "Existia no espelho.//Súbito / buscando sua imagem,/não mais se encontrou/no espaço vazio". Mesmo antes de perceber o lugar dos sem lugares, o caminho dos desalentados, a palavra da despalavra e o sim de um não, deixo como mosaico na história o espaço não preenchido, não percebido no questionamento do resultado ao sentir o impacto sobre o "na falta que fazemos ao tempo", como em Getúlio Zauza, "Teus olhos estão vazios de lágrimas;/teus ouvidos cansados de promessas vãs;/ tuas mãos estão vazias de gestos /e o teu peito está de afeto.// Tua vida está vazia de esperança/e tua alma não tem mais fé./tens estômago vazio de alimento,/ o coração cheio de desespero/e o cérebro vazio de pensamento..."

Espaços vazios são tendências no mundo moderno, onde em cada ilusão perdida percebo não ser possível a correspondência entre as pessoas ou, quando me torno obsoleta, chego até mesmo a mover o tempo das canções do meu viver, restando na possibilidade de renunciar ao vazio do espaço, por que o respirar é ontem e me faltam lembranças.

Data : 16/01/2015

Título : ESPAÇOS VAZIOS

Categoria: Crônicas

Descrição: ...Espaços vazios são expressões que revelam os sentimentos.

Preencho os espaços com Pedro Du Bois, "... a morte entalha os caminhos / e nos carrega em lembranças //... na falta que fazemos ao tempo não decorrido / reside a dúvida da continuação / em vazios espaços não percebidos" e Egberto Penido, "...Na liberdade do instante... / a atração do vazio, / da ausência, / o fascínio do nada..."

Espaços vazios são expressões que revelam os sentimentos. Através do gesto o homem se manifesta em suas derrotas e vitórias, impulsionado pela liberdade, que no caso é instrumento da alma que desnuda diante dos espaços vazios, como em Vera Casa Nova, "Habitar o vazio e / Preenchê-lo de emoções / Habitar o vazio: / Possível insanidade. E o sabor do nada? / ...escrevo vaga incerteza / uma palavra vazia / ...Para não dizer nada a ninguém".

Quando penso na razão pela qual alguém ocupa ou determina a hora da verdade ou abre as portas, talvez haja algo dos ditos espaços vazios ao desempenhar o papel em tudo que o homem vê ou sente ao sentir a reação em relação à sua essência que retorna em solidão, onde as épocas e as lembranças morrem em mistério. Como em Lembranças...As amargas não, de Álvaro Moreyra. Suas palavras revelam que o gesto é a sombra e ela me leva às nuvens e irmana as asas, preenchendo os espaços.

Egberto Penido, em Sombras e Distâncias, revela nos poemas a ânsia e os mistérios, "Linhas do tempo se cruzam / rasgando os espaços da memória:/ ansiedades e sonhos, exaltação / e angústia..."

Será que mandar na própria vida é questão de espaço vazio ou de preencher o vazio espaço? As razões me encaminham para o ter e, ao entender os fatos, acredito que posso ocupar o espaço vazio, também com palavras, pensamentos e sentimentos, como mostra Getúlio V. Zauza, "Teus olhos estão vazios de lágrimas; / teus ouvidos cansados de promessas vãs; / tuas mãos vazias de gestos / e o teu peito está vazio de afeto. // Tua vida está vazia de esperança / e tua alma não tem mais fé./ Tens o estômago vazio de alimento; / o coração cheio de desespero / e o cérebro vazio de pensamento. // O medo tomou conta do teu ser..."

Mesmo antes de perceber o lugar dos sem lugares, o caminho dos desalentados, a palavra da despalavra e o sim de um não, vejo como mosaico na história o espaço não preenchido, não percebido como questionamento do resultado ao sentir o impacto sobre "na falta que fazemos ao tempo". Segundo Vera Casa Nova, "... Tempos velozes / E vazio. / A rapidez esfacela os corpos / E as cidades estão vazias".

Espaços vazios são tendências do mundo moderno, quando percebo não ser possível a correspondência entre as pessoas, ou quando me torno obsoleta, chegando até mesmo a mover o tempo, restando apenas a possibilidade de renunciar ao vazio do espaço, porque respirar é ontem e me faltam as lembranças.

Data : 16/03/2016

Título : ESPELHO

Categoria: Crônicas

Descrição: Escrever literatura é um gesto simbólico, que traz uma exigência: a de ser de qualidade.

Para Nilto Maciel, “Escrever literatura é um gesto simbólico, que traz uma exigência: a de ser de qualidade. Literatura mediana é pior que a literatura ruim, pois mais do que esta, denuncia a falta de talento e a frivolidade... Portanto, todos são necessários, como na natureza: do verme ao leão”.

Vejo nesta chamada a opção, “Aberta a temporada de leituras prazerosas. O destino você escolhe: pode ser um romance de lavar a alma, uma história real inspiradora, páginas de reflexão...”; digo que não existe fórmula para ler, porém, o coração comanda a vida e magicamente “ouvimos” a sua voz para decidir qual caminho seguir para transformar o tempo e a solidão ao se espelhar no prazer de desbravar o mundo da poesia com W.J.Solha, Carmen Presotto, Mario Quintana, Júlio Perez, Benedito Cesar Silva e Carlos Pessoa Rosa; dos romances de lavar a alma como os de Mia Couto, Agostinho Both, Lêdo Ivo, Virgínia Wolff; dos causos de Miguel Guggiana, dos contos de Júlio Cortázar, Carlos Higgie, Ivaldino Tasca e Jorge Luis Borges; das crônicas de Rubem Braga e Clauder Arcanjo; dos ensaios de Gilberto Cunha, Sueli Gehlen Frosi e Paulo Monteiro . Tantos são os escritores, com seus fragmentos de sentimentos, a traduzirem a história em modalidades que espelham as entrelinhas na mesma intensidade com que a minha curiosidade é despertada pelas obras. Jaime Vaz Brasil reflete, “Sem os olhos quem veria a curva das entrelinhas // ou a frase que respira / na imagem que se adivinha?”

Noto que alguns autores/leitores espelham a cultura como literatura. Tentam mudar a vida com suas preferências que possibilitam diferentes interpretações: “cultura em rodízio”; “cabresto literário”; “intelecto lapidado”; “analfabetismo letrado”; “literatura menos se recebe e mais se procura”; “um livro clareia tudo e não pede nada em troca”. Ao ler tais expressões, reconheço-as como mensagens ideológicas que estão sendo absorvidas, atraídas e impregnadas, como cultura espelhada em nossos dias. W.J.Solha demonstra, “ ...Ser / E / não ser / são as duas mãos da estrada, o sobe – e – desce da escada, / o branco – e – preto da listra, / a mão direita e... / sinistra. // Bem e Mal – causas de adoração e nojo – são as / pistolas de duelo / em vice – versa no estojo”.

Agonia é saber que a “luta” para se chegar ao livro é iniciativa de quem quer repassar as refletidas palavras dos escritores e, assim, evitar não “morrer por dentro”; o que significa não desanimar e nem desistir da leitura para não ficar preso ao horizonte. E, assim, expandir e espelhar a literatura como compromisso cultural, com valores confessáveis de não ter medo da imaginação na hora da realização, por estar aberta à experimentação, sem resistência, como expressa Orídes Fontela, “tecem-se tempo / para um só ato / infindo”.

A iniciativa de quem se habilita ganha agilidade quando aposta no interesse intelectual, por exemplo: dicionário e livros literários à disposição para quem quer se deparar com o efeito das palavras, como demonstra Fernando Py, “... Também o tempo é imaginário / quando percorro a aventura de palavras. Que dicionário / registraria o seu perfil / parece uma audiência futuro / indiferente, quase hostil?”; e, Dana Stephan pergunta, “O que pode atrapalhar nosso grau de satisfação com a imagem refletida?”

Data : 17/06/2018

Título : ESSE HOMEM

Categoria: Crônicas

Descrição: Tenho pensado se vale a pena dedicar meu tempo a prestar atenção no cotidiano, onde vejo o tipo de homem...

Tenho pensado se vale a pena dedicar meu tempo a prestar atenção no cotidiano, onde vejo o tipo de homem que finge ser quem não é; desprotegido na chance de conviver, pois, um dia ele, de qualquer forma, irá errar. Presumo que a motivação por ele repetida como feito, com certeza, tem a marca do machismo e da politicagem. Amós Oz questiona, "... O que vocês podem fazer? O que podem os formadores de opinião...? O que o resto do mundo pode fazer, além de sacudir a cabeça e dizer: que coisa horrível?".

Há pressão quando esse homem se mostra aberto a experiências-não vividas, apenas conhecidas em teorias e discursadas no blá blá blá...

Penso se vale a pena deixar de lado a pilha de livros que quero ler, para contestar esses discursos vazios. Tenho preferido ficar calada em meu canto, porque sinto desprezo pelas promessas não cumpridas e o descontrole político-social.

Para esse homem, parece que o lixo se acumula como ferramenta essencial nas palavras, o que considero a ponta do iceberg de uma cadeia de mentiras e injustiças. Em Amós Oz, "... temo que isso não se torna mais fácil se dissermos simplesmente: esses são os anjos, esses são os demônios... Não é a luta do bem contra o mal, é antes uma tragédia no mais antigo e mais preciso sentido da palavra: um choque entre o certo e o certo...".

Acredito que a enganação através das atitudes e as decisões por interesses particulares são ações para nos excluir mais e mais da única regra no tempo de resposta. Passo os dias em função da angústia, que me faz com que encadeie desconfianças, insegurança e desesperança. Os problemas devem ser resolvidos para que eu não perca o momento certo, a dignidade, a liberdade e a disposição para enfrentar o caminho amargo e ácido que, quando acontece, leva a me trancar no meu mundinho, para repensar a vida: não nascemos para responder, automaticamente, "sim, senhor", nem para sermos dependentes e nos sentir obrigados a fazer o que não queremos ou não gostamos. Rodrigo Petrônio diz que, "Os homens carregam suas sombras / Afundam na madrugada com todas as suas estrelas...".

Temos talento para tudo o que diz respeito a nossa liberdade, a ética e a moral, para sermos respeitados e defendidos com justiça. Nascemos para utilizarmos os nossos dons e os direitos adquiridos. Fazemo-nos donos da vida, para criar com o objetivo de transformar o dia a dia. Assim, entendo que vale a pena pensar no amanhã, mesmo que



esse homem se faça presente. Na realidade, externamos quem somos. O segredo está em direcionar os sentidos e sentimentos, junto com a razão ao separar o joio do trigo, como ato intencional.

Data : 25/01/2016

Título : ESTANTE

Categoria: Crônicas

Descrição: Há uma estante para cada função; no caso, para expor livros. Segundo Mallarmé ...

Há uma estante para cada função; no caso, para expor livros. Segundo Mallarmé “O nada que é o mundo se transforma em um livro”. Luiz Coronel revela, “... olha meus livros / na estante e indaga / o quanto os prezo...”

O livro na estante: fico alarmada quando percebo que a pessoa não retira o livro da estante, não tem curiosidade para ler as primeiras linhas, nem a orelha do livro ou sua sinopse. Então, olho com transparência e sensibilidade ao desejar que a situação mude e a pessoa “aprenda” a conciliar o livro com a sua realidade. Nas palavras de Octavio Paz, “A leitura é uma interpretação, uma variação e nessa variação o texto se realiza, repete – e absorve a variação...”

Procuro entender o não pegar o livro na estante; o não ter tempo para ler e, ainda ouvir: “Ler? Agora não, estou de férias!”. Será que não entendem como os livros nos fazem viajar no tempo e, ao mesmo tempo, mostram como a realidade pode ser bem mais interessante?

Quando questiono, estou pensando que, pelo menos, a pessoa poderia olhar para a estante e verificar o que lhe atrai; assim, ter a oportunidade de refletir sobre o ver e, a partir daí, fazer a si perguntas que só ela poderá responder. As respostas são o novo olhar sobre o que descobrir. É o efeito mais próximo da satisfação pessoal e da diferença entre ler e não ler. Luiz Coronel alerta, “As faíscas do olhar / acendera o brasileiro. / Palavras incandescentes / despem a imaginação...”

Quem fracassa na arte de ler é obrigado a repensar o acúmulo de atividades diárias. Passa a vida aprendendo várias coisas para a sua sobrevivência pessoal e profissional. Sei como se sentiria bem se descobrisse como o prazer da leitura o permitiria vencer a solidão. Pensamentos e emoções a afetam e, para se conscientizar em qual situação se encontra, precisa da leitura para aprender e evoluir. Enriquecer a vida, com que as possibilidades de aprender aumentam; quanto mais sabe, mais quer saber para solucionar suas opções diárias, com atitudes que melhor norteiam o cotidiano, afastando a vida estressante e fazendo como Newton ensinou, “toda ação implica uma reação”, um (re)posicionamento na vida. Como em Gilberto Cunha nos ensaios, Qual é o Tamanho

da Biblioteca de Babel? e A Nova Biblioteca de Babel, em que ele demonstra, na concepção de Borges, que o universo estaria contido em única biblioteca.

Agora, imagine como seria viver num mundo em que todos lessem? Ou tivessem o prazer de aprender o valor devido das ações? Hoje, encontro como ação estantes de livros doadas pelos autores, nas ruas, praças e outros espaços públicos – aberto a todos – em várias cidades. A pessoa escolhe o livro na estante e o leva para casa (sem precisar pagar). Depois de lido, devolve-o à estante, ou o repassa a um novo leitor. Ritmos modernos que oportunizam a leitura ou, pelo menos, para olhar a estante e buscar a experimentação de novas formas de vida; de espalhar o saber, que aprender é viver aliado nas cores intensas da vida. Jaime Vaz Brasil de- clara, “Luiz Coronel tem obra. E que obra. Não chega de mãos vazias à melhor das estantes do mundo. É um inigualável mágico das imagens, um artesão criterioso das metáforas. O bom gosto é sua marca registrada”.

Data : 28/08/2019

Título : ESTAR NA FOSSA

Categoria: Crônicas

## ESTAR NA FOSSA

No cotidiano encontramos a impiedade em situações cruas que nos abalam emocionalmente e nos trazem incertezas. Antigamente, dizíamos “estar na fossa” que, para Carlos Leonam e Ana Maria Badaró, “O ato de estar na fossa (ou deprê, hoje) foi coisa popularizada pelo Jaguar, primeiro na sua tira dos Chopnics (embora “fossa” seja uma criação ipanemenha pré-Pasquim).”.

A depressão, chamada deprê, está presente na diversidade da realidade porque passa a pessoa atingida e traz a impossibilidade de criar, prende a liberdade de agir e incorpora (mística) a dor na alma.

Ao carregar essas marcas que, para alguns é acobertar sentimentos, colocamos em cena a “fossa”, com o olhar marcado pela melancolia e a não recuperação das paisagens, sem conseguirmos nos reinventar e seguir em frente. Encontro na obra, A Arte da Vida, de Zygmunt Bauman que “A sociedade líquida moderna espera que cuidemos de dar sentido e forma as nossas vidas, nos julga pelos resultados e também nos faz pensar que a arte da vida tem por objetivo a felicidade”.

Difícilmente alguém foge do tempo impiedoso, em que inexitem ilusões em sobrepostos e descontraídos risos soltos e leves, pois, o nosso pensamento deriva das lembranças boas ou ruins.

Será que temos a força necessária para moldar e vencer a dor emocional? Saul Bellow responde que “Sempre é possível transpor sua condição humilhante com a ajuda de uma espécie de ironia amargurada”.

Frequentemente nos deparamos com atividades que aumentam o nosso mal estar, então, dizemos “estar na fossa”. Tantas outras situações, misteriosas ou igualmente desprezíveis, nos levam a entrar na fossa. Mas, há brechas que nos permitem antever e entrever a realidade e quebrar os paradigmas, permitindo avaliar e sair da nossa deprê. Nas palavras de Saul Bellow, “Sentar no meio fio, olhar para o céu e pensar: de onde veio tudo isso? Porque estou aqui? Questões epistemológicas... em essência...”.

Somos quebra-cabeças em que as peças por vezes não se encaixam e, pior, podemos transformar a nossa montagem em algo maior, difícil e confuso. Bellow diz que, “... essas reações surgidas muito cedo na vida, não iam me levar muito longe se eu estivesse preparado para pensar no que estava vendo”.

Sempre estaremos sujeitos a críticas, definições, julgamentos e revisões das nossas crenças e valores; o permanente são as relações e as funções emocionais que nos moldam para dar sentido e significado à vida.

Data : 28/08/2019

Título : ESTRANHAMENTO

Categoria: Crônicas

## ESTRANHAMENTO

Dia após dia sinto-me estranha. Não enxergo o horizonte, nem escuto os pássaros. Escuto as vozes em tom baixo e sem força. Meu dia é longo, curta a noite. As cortinas estão fechadas. Estaria passando pela minha intransparente solidão? Nas palavras de Álvaro Pacheco, “... Na minha vida que passa / eu passo do reencontro / dos tempos que me matei: / não cumpro as missões jacentes / dos fatos de alegrar-me: / minha sina é entristecer-me...”.

Escuto na insônia o lamento da vida, quando minhas outras vozes meditam no escuro do quarto. Traço linhas; escrevo sobre o silêncio que espreita a minha vida entre tentativas infrutíferas de bem estar.

Estranho é o mistério quando sigo minhas ruínas até o tempo remontar meu pequeno sonho: seguir as luzes para poder distinguir nas sombras a hora da verdade. Ainda em Álvaro Pacheco, “... Apenas a solidão / se comunica conosco: / é sofrer nas almas / esse meio e fim / (e sobreviver, ah, sobreviver)”.

É necessário resistir à estranheza temporal que diz que fui conquistada: minhas forças estão fracas. A vida me leva em altos e baixos nas várias cores da solidão. Às vezes, penso em não mais ficar sem quem me convença a procurar parâmetros que multipliquem meus sentidos, para marcar o tempo e determinar as causas do estranhamento nos meus dias. Estaria nas pequenas coisas a grandeza da vida? Ou, como Álvaro Pacheco reflete, "... a vida nos desgasta / nestas repetições cruas / não não / nos habituamos jamais".

Data : 23/03/2016

Título : eu e os SAPATOS

Categoria: Crônicas

Descrição: "Cruzam o limiar trazendo / Poeiras de azul e de horizonte / Nos pés enleados de caminhos".

"Cruzam o limiar trazendo / Poeiras de azul e de horizonte /  
Nos pés enleados de caminhos".

(Joaquim Cardozo)

Adoro sapatos de todos os tipos e cores. Sapatos certos garantem meu andar com segurança para colocar o pé na estrada, como canta Adriana Calcanhoto, desafiando o poeta e despertando transformações: "... em meus passos, sapatos / poeiras/ portas / portos / poetas / profetas / negócios..."

Por mais que me declare apaixonada por sapatos, sempre tive uma curiosidade: de onde surgiu a numeração dos sapatos? Descobri com Xico Gonçalves que a primeira descrição oficial de tamanhos para calçados foi publicada em 1688, na Inglaterra, em mencionado acordo para utilizar a medida de um quarto de polegada como padrão. Um século depois foi instituído um terço de polegada, equivalente a um grão de cevada, que foi a medida usada pelo rei Eduardo I, no século XIV, como padrão para os calçados, tornando-se uma unidade métrica chamada "Ponto". Mais tarde, Edwin B. Simpson, na época da Revolução Industrial, incluiu no sistema de numeração para as fábricas de calçados as medidas de meio ponto, utilizadas até hoje em sapatos do hemisfério Norte, e por poucos fabricantes brasileiros. O sistema foi utilizado a partir de 1808, pelos fabricantes, e sobrevive com pequenas alterações até hoje. Nas palavras de Ernani Rosas, "Imóveis, como a espera / da Dona para os calçar: / Quantos espinhos tivera / neste mundo, que pisar..."

Os sapatos despertam paixão em homens e mulheres. Fazem a fama de muitas estrelas de cinema, como Marilyn Monroe, que mandava diminuir a altura de um dos saltos dos

sapatos, para poder rebolar os quadris mais sensualmente ao andar; o que pode ser visto no filme *Torrentes de Paixão*.

Sapatos é arte em tempos e em termos de produtividade, com a vantagem de poder escolher a gosto e descobrir o segredo para compor um visual marcante. Eles são poderosos! Os passos são sapatos que transcendem a realização, como no poema de Nei Duclós: “Passos... a linguagem que / aproxima o que parece / disperso.” Surpresas e de- safios fazem parte do caminho, o que pode facilitar a jornada é o “acertar o passo”.

A mulher tem o dom de encontrar o caminho que leva à felicidade, seus passos têm a força da vitória, sabor da conquista; talvez sejam meus sapatos e eu que, juntos, damos sinais de um acontecimento poderoso. Esquecidos num canto / dormem os velhos sapatos, / gastos de uso / e tanta equivalência. // Ali estão todos eles, / os meus sapatos / que já não deixam rostos, / ali abandonados / com seu sorriso amar- go, / e neles existo.”  
(Itálico Marcon)

Data : 26/06/2014

Título : EU VIVO EM QUAL MUNDO?

Categoria: Crônicas

Descrição: Eu vivo em qual mundo ao imaginar que posso ficar livre para ler quando e o que quiser?

Eu vivo em qual mundo ao imaginar que posso ficar livre para ler quando e o que quiser? É questão de saciedade que começa quando observo a capa do livro. É preciso acreditar e me sentir melhor quando o livro é mais um benefício a favor da minha saciedade. Por outro lado, diante de tantas obras diversificadas tenho certeza de que me satisfaço ao ler poesia. Carlos Pessoa Rosa escreveu, “... o poeta / vê no voo da borboleta //... a possibilidade de dar asas / ao poema.”

Além de revolver a imaginação com a poesia, me adapto às palavras e fico pronta para viver as minhas vontades. Quer saber mais? Os poetas alimentam os sentimentos e percebo que existe vida em tudo que escrevem. É natural escolher o que vou ou não ler. A questão é que, quando estou cara a cara com a poesia, consigo “ver” o que está no fundo da alma, limitar e respeitar o meu próprio ritmo? E, apesar de não ter tempo livre, é infinitamente recompensador vivenciá-la na expectativa de que algo de bom aconteça ou está por vir, mesmo que seja algo subjetivo e irreal, como as pedras.

Quero dizer, as pedras existem, mas os poetas dão significado especial, tentam mostrar respostas, como em Carlos Drummond de Andrade, “No meio do caminho tinha uma pedra...”, ou em Donizete Galvão que escreveu “Do Silêncio da Pedra //... Quem não percebe na pedra, / fragmento de cordão umbilical, / o despojo deixado pelos deuses

/ na luta que inaugura a geografia?...”; ou como a imagem de Octavio Paz, “Como as pedras do Princípio / Como o princípio da Pedra / Como no Princípio pedra contra pedra”; ou Pedro Du Bois, em “A Pedra Descortinada”, que mostra os desafios e as mudanças do tempo; ou em Manoel de Barros, o grande poeta de pequenas coisas, que descreve “a pedra com rabo – uma lesma sobre a pedra”. Esse toque da natureza quem sempre reflete é o poeta que nos mostra o que está sentindo no momento da criação.

O homem ao sonhar (acordado) busca transformar seu sonho em palavras, dando sentido à vida. Não basta ter ideias, tem que as transmudar, com ousadia, em realidade. Segundo Lise M. R. Fank, “... é tempo de tempo / que o sonho ainda existe / e que a vida é roda do mundo a girar.” e, “Nos processos dos seus sonhos, o homem se exercita para a vida futuro.”, como encontramos em Nietzsche.

Defendo que a ideia é uma das formas de romancear o mundo e serve de exercício para a vida literária. O charme da vida está na liberdade de ler em grande estilo as várias obras de tantos autores. Esse o mundo no qual eu quero viver: o da imaginação.

Data : 06/01/2013

Título : EX LIBRIS

Categoria: Crônicas

Descrição: Os apaixonados pela literatura, que possuem certa quantidade de livros, sentem a necessidade de identificá-los. A maneira mais simples e conhecida é assinar o nome com caneta em cada obra, o que desvaloriza o exemplar, além de enfeá-lo. Outra é usar o Ex Libris, como opção artística e elegante para marcar os livros do acervo.

“Desenhando a marca / em que me reconheço: o sinal / e o sentido. / O sentimento expressado / em traços. O risco preenche o papel em curvas. / Fecho o desenho nominado / em propriedades” ( Pedro Du Bois)

Os apaixonados pela literatura, que possuem certa quantidade de livros, sentem a necessidade de identificá-los. A maneira mais simples e conhecida é assinar o nome com caneta em cada obra, o que desvaloriza o exemplar, além de enfeá-lo. Outra é usar o Ex Libris, como opção artística e elegante para marcar os livros do acervo.

Ex libris significa “dos livros de” ou “da biblioteca de” – marca bibliográfica colada na contracapa de cada livro, como indicativo de posse da obra, segundo Carlos Alberto Brantes.

Ex Libris é uma etiqueta, em dimensões variáveis, que serve para identificar os proprietários dos livros ou da biblioteca a que pertence. São pequenas obras de arte, com temas variados, que revela a personalidade do dono, de acordo com os gostos, costumes, épocas, grupo social ou cultura.

A etiqueta pode ser confeccionada, estampada ou impressa, e os processos de gravura podem ser: linóleo, zinografia, xilografia, água forte buril e outros; produzida por desenhistas, gravadores e artistas gráficos.

Os ex libris são considerados peças raras de troca entre colecionadores – e no Brasil, o primeiro colecionador foi o Barão do Rio Branco, que também marcou seus livros dessa forma. A prática transcendeu muito, valendo mais como particular apreço intelectual pelos livros.

O primeiro ex libris brasileiro foi de D. Isabel de Menezes, em 1798, desenhado por Vieira Portuense, e gravado a buril pelo artista Francesco Bortolozzi.

Para Eduardo Freiro, os ex libris se dividem em quatro categorias: etiquetas trazem o nome do proprietário e são ornamentadas; armoriados trazem brasões e insígnias de indivíduos, cidades, etc.; simbólicos, trazem imagens que traduzem idéias, lemas de vida, etc.; paisagistas, reproduzem cenas rurais, urbanas, marinhas, ligadas efetivamente ao proprietário do livro.

Carlos Alberto Brantes afirma que “O Ex Libris nasceu da união da gravura de pequenas dimensões e tomou feição popular. Bibliófilos, literatos e colecionadores contribuíram de forma excepcional para o seu desenvolvimento”.

O colecionador Paulo Benger publicou em 1995, o catálogo de Ex Libris Brasileiros, com 76 páginas e a relação de 2.660 ex libris nacionais. Em 2002, o pesquisador lançou a segunda edição do catálogo, com 150 páginas e quase 5.000 ex libris relacionados.

Considero de grande importância conhecer o Ex Libris, pois traz em sua concepção a arte visual (a que vai com você para qualquer lugar) e facilita a aproximação com a obra do artista plástico – fato importante para preservar as suas características, o que pode revelar um caminho na história, na tentativa de transformar os valores dessas pequeninas obras, preservando a cultura.

Data : 28/08/2019

Título : EXERCITANDO A PACIÊNCIA E DRIBLANDO A DOR

Categoria: Crônicas

EXERCITANDO A PACIÊNCIA  
E DRIBLANDO A DOR

A dor vai e vem, apertando, cortando e costurando horizontes, sem limites é maior do que o meu desejo de recuperação. Costumo dizer que estou exercitando a paciência e driblando a dor; nela estou fechada e apenas percebo as sombras nas paredes. Francisco Alvim revela, "... são feitas – as sombras – de ar / escuro / Lembram o tudo e o nada...".

Em ritmos secretos, conto o tempo de que são feitas as demoras, horas que cada vez mais se afastam e atingem o meu mundo silencioso. A perseverança me acompanha para chegar ao final da jornada.

O desalinho dos dias parece com o mar: vibram os ossos em mim suspensos pela dor. Resisto contar os dias, como retrata Francisco Alvim, "ontem estivemos lá / Está mais animado / Teve muita dor".

Aflita, sinto falta dos movimentos do corpo, para formar meu caminho, na vontade para atravessar o medo pela profunda dor que me consome, calada em meu tormento. Driblo a dor para não desistir de mim, como em Francisco Alvim, "dorzinha enjoada / ela começa perco a graça...".

Entre dias cercados pela dor, nada desfaço, apenas, deixo a ansiedade carregada da impossibilidade encontrar na consciência a exaltação da espera e da paciência. Sofro a luta de tentar não me entregar à angústia da espera; por isso, há valor em sua companhia, aninho-me em seu peito, coloco minha mão na sua e, assim, liberto-me da dor.

Data : 02/03/2016

Título : EXÍLIO

Categoria: Crônicas

Descrição: Para José Saramago, "Todos sabemos que cada dia que nasce é o primeiro para uns e será o último para outros e que, para a maioria, é só um dia a mais".

Para José Saramago, "Todos sabemos que cada dia que nasce é o primeiro para uns e será o último para outros e que, para a maioria, é só um dia a mais". Faço questão de dizer que, em mim, no dia em que recebi o livro Exílio, de Thomaz Albornoz Neves, renasceu a alegria de viver, porque é obra peculiar ao superar os padrões vigentes do conformismo em mesmas ideias. Vai além, com novas metáforas e rico vocabulário, com o que dá forma e cor à poética associada ao tempo.

"O ar que respiro / é o vestígio // de outro / mundo neste // Um mundo ausente".

"O que percebo da realidade / veda minha percepção / da realidade".



São palavras desenhadas que, reveladas em poemas, vão da arte de viver ao cativante, em que suas ideias são vozes diferenciadas ao se apresentarem em sintonia com o isolamento, o tempo e o silêncio: solidão.

“A solidão / de cada um / é a de cada coisa // Em torno /  
o mundo ocorre / em si mesmo”.

O autor nutre profundo sentimento pelo SER, e o retrata a ponto de me levar a imaginar o seu “Exílio”, com características marcantes, no desvelar situações difíceis que lhes permitiram aflorar o melhor do seu EU, como desafio para despertar no leitor os sentidos e a liberdade, o viver e a sensibilidade como bem maior.

“Escrevo / para saber o que escreveria / se escrevesse //  
Mas o que digo / repele / meu entendimento”.

“Escrevo contra a escritura / e o que escrevo / é o que resta da realidade”.

Albornoz é conciso em sua poética, mas, ao mesmo tempo, grita pela liberdade com o poder do silêncio, o que torna a realidade afoita como modo de transformação.

“Entre o papel / e a mecha da lamparina // Sou quem? //  
Não quem / me sinto sendo // O me é onde?”

“Palavra surda // em seu eco mental / um ouvido estrangeiro a  
ela”.

Data : 11/05/2020

Título :       EXISTÊNCIA

Categoria:   Crônicas

Descrição:   No tempo em que tudo muda, precisamos evitar o esnobismo, as falsas notícias ...

No tempo em que tudo muda, precisamos evitar o esnobismo, as falsas notícias e apelarmos para que, desesperadamente, sejamos honestos e coerentes com a situação atual: a pandemia.

Situação que passa além do ponto necessário ao nosso bem estar, através do confinamento que inevitavelmente se estenderá, sem estimativa de prazo para ser encerrado. Nas palavras de Pedro Du Bois, “O afastamento carrega dúvidas / inconstantes. O lamento / é a luz do encontro”.

A verdade é dolorosa, mas contribui para encarmos a realidade ao demonstrarmos honestidade e dignidade em nossos atos, com controles sem preconceitos e desaforos, por exemplo, de que a culpa é dos idosos, o que não corresponde à verdade, pois, eles também são vítimas do vírus.

As informações variadas, díspares e contraditórias sobre a pandemia, geram confusões sobre o certo e o errado; só a verdade esclarece o perigo do Covid-19. Pedro Du Bois reflete, “O sentido de estar: / obscuro / o inaudito / repassado em / lágrimas”.

Não precisamos ser vítimas das nossas ambições e, sem buscar as melhores ações, visarmos apenas os lucros financeiros.

Em tempos de pandemia não devemos “emburrecer” com arranjos exibicionistas, nem dar ouvidos às mediocridades. Ainda para Pedro Du Bois, “O inexistir da vida / nos olhos opacos / limitam a convergência. // Ideias distanciadas / em realidades”.

Precisamos estar conectados com a gravidade do problema, concentrados em encontrar soluções para restabelecer a normalidade em nossas existências.

Data : 10/02/2019

Título : EXPERIÊNCIA & MEMÓRIA

Categoria: Crônicas

Quais são as chances de compartilharmos a experiência e a memória? Estabeleço responsabilidades e defino regras para o viver. Registro momentos que me permitem agir com liberdade para centrar o pensamento e, assim, lembrar o fato. Geraldo Vandré, nos anos 60, queria que o povo conhecesse e entendesse a sua arte como mensagem, como na Canção Nordestina, que fala da seca: “Que sol quente, que tristeza... / Que foi feita da beleza / Tão bonita de se olhar? / Que é de deus e a natureza? / Se esqueceram com certeza / Da gente nesse lugar”. Para Milton Severiano da Silva, “Vandré é um poeta que usa a canção para expressar a sua poesia”.

De certa forma, a experiência é a proteção para se viver com o olhar atento às necessidades. Ao compartilharmos o conhecimento multiplicamos as palavras e ações,

não esquecemos quem somos. Assim, permitimo-nos seguir com liberdade e desejo, o que nos leva a experimentar o novo e ouvir o outro e, quem sabe, poderemos “apalpar a realidade”. Antonio Olinto coloca, “Pudesse ao menos ouvir / uma palavra / e teria compreendido. //... O homem de que vale?” Preservamos o que julgamos importante na vida, para compartilhar com o outro a experiência, reconstruir a memória e, assim, não esquecer o que cada coisa no mundo representa, sem perder o rastro de por onde andamos, para deixar a experiência como incitação ao novo olhar.

Memórias e experiências é a satisfação no viver, no amor e no trabalho; no pensar e agir; em valores e crenças; nas habilidades e hábitos. Ao serem expressadas e repensadas, maximizamos a liberdade na construção da consciência. Nas palavras de Sergio Bath, “buscando / encanto de palavras / neste dia de Sol // ... quisera entanto / que todas as flores / viesse um canto // restasse só o meu espanto / diante do real”.

Data : 28/11/2008

Título : FAZENDO AS MALAS

Categoria: Crônicas

Descrição: Danuza Leão, "mulher multimídia", mulher sem medo de experimentar o novo.

Danuza Leão, "mulher multimídia", mulher sem medo de experimentar o novo. diz que "viajar ainda é das melhores coisas do mundo". No seu livro, "Fazendo as Malas", traz dicas de viagem com o necessário comportamento. Relata dicas de hotéis, restaurantes, passeios e as "obrigatórias" compras.

Traz na mala histórias para quem gosta de viajar sem sair de casa, apenas, deixando a imaginação voar.

O interessante no livro são as dicas de quem conhece os lugares, de quem muito anda para captar a essência das cidades com olhar requintado e, ao mesmo tempo, simples, com o intuito de indicar caminhos e peculiaridades da cidade com a distinção do que é importante e especial para ser visitado.

A autora apresenta sua visão sobre os lugares: Sevilha, Lisboa, Paris e Roma. Sendo que em Paris, destaca a livraria "La Hume", onde, segundo ela, pode ser encontrado qualquer livro desejado.

Danuza é especialista em viagens. Possui muitos passaportes, todos repletos de carimbos... Deixa a imaginação viajar ao publicar "Fazendo as Malas", com a missão de compartilhar experiências de mais de 60 anos de viagens.

No entanto, é capaz de nos surpreender. Ao contar as suas viagens, destaca, no Brasil, a cidade de Mossoró, no Rio

Grande do Norte, como o "lugar mais curioso" que visitou. Explica, "o hotel em que eu estava tinha piscinas em níveis, como escada e me disseram que quando foram fazê-las, quanto mais escavam, a água ficava mais quente. Depois, nessa escavação, descobriram petróleo. Então, a cidade inteira possui aquela máquina de tirar petróleo, como as que existem no

Texas, chamada cavalo. Você passeia por Mossoró e encontra casas com um "cavalo" no quintal, tirando petróleo. O mesmo na praça, no centro da cidade. Não é curioso?".

É fascinante. Curioso mesmo é quando ela diz, "fazer as malas é ter que fazer escolhas. E uma das coisas mais difíceis na vida é ter que optar". Ao optarmos por ler, podemos sentir o gosto pela vida.

Data : 31/03/2015

Título : FELIZ PÁSCOA

Categoria: Crônicas

Descrição: Em cima da mesa, papel colorido, fitas, tintas e brilhos. Caixas de papel de todos os tamanhos e cascas de ovos.

Em cima da mesa, papel colorido, fitas, tintas e brilhos. Caixas de papel de todos os tamanhos e cascas de ovos. Ao redor da mesa, amigos e parentes, reunidos para pintar os ovos e confeccionar os ninhos da Páscoa.

Sabemos que celebrar a Páscoa é viver o espírito da Ressurreição do Filho de Deus. É unir-se para um dia especial ao festejarmos o momento religioso. Refletir sobre a renovação ao nos permitir criar mudanças em nossa alma. É nos inspirar, alegrar e nos emocionar, pelas pequenas atitudes que recuperam os valores essenciais, como o amor ao próximo. É criarmos novas posturas para enfrentarmos cada momento de incerteza, lapidando novas alianças: o que mantém a nossa esperança no futuro.

Compartilhar a Páscoa é também acreditar no sentido de uma nova vida, como no poema de Cecília Meirelles, VIGÍLIA DO SENHOR MORTO:

"Teu rosto passava, teu nome corria / por esses lugares do sol e da lua. / Como se contava a tua biografia! / ... Guerreiro cortado de injúrias de guerra; não trouxe consigo nenhuma ferida /... Por tanta subida, por tanta descida, aqui dou contigo, no teu morto leito, / eu, que vim por ti salvando a minha vida! /... Sangue que tiveste, por perdidas cenas; derramou-se, longe, e é pó do pó sem glória, /...Por que serei triste com a minha memória, diante do teu corpo sem auréolas? Triste / pela minha viagem? Pela tua história? / Este é o Senhor Morto – e este, somente, existe. / Noite de vigília...

Dizer FELIZ PÁSCOA nos permite refletir sobre os motivos de tal consagração e, sobretudo, incorporar o preciosismo, motivo do fascínio, ligado à vida do homem.

Segundo Hélio Pedroso, “O significado desta data religiosa é tão rico de mensagens, que encantou todas as culturas”. Isto é, novas mensagens são criadas e a adesão, a continuidade em acreditar na representação da morte e da ressurreição de Cristo, nos dá a certeza de que estamos no caminho certo: da liberdade e, assim, temos a oportunidade de encontrar a poesia de Antônio Olinto, “... No colher os dias e saber / Renascer no renascimento. / Na hora da paixão...”

Data : 22/11/2016

Título : FELIZES para SEMPRE

Categoria: Crônicas

Descrição: A literatura infantil, apresentada às crianças, geralmente finaliza com o chavão: felizes para sempre...

A literatura infantil, apresentada às crianças, geralmente finaliza com o chavão: felizes para sempre, mostrando apenas a fantasia que a criança deseja viver e que, quando adulta, verificará que, para alcançar a felicidade daquela frase, passará por (muitos) marcos na vida.

De fato, crescemos acreditando que seremos felizes para sempre; que encontraremos o amor sincero, o trabalho desejado e a vida perfeita – e, assim, depositamos em nós, altas e, talvez, falsas expectativas. Nas palavras de Júlia Du Bois, “A esperança é feliz”.

Para realizar nossos sonhos e desejos, precisamos acreditar que a felicidade existe e que é sentimento complexo que exige permanente manutenção de nossa parte. Nutrimos, desde cedo, o sonho/esperança de alcançar a plenitude em nosso projeto de vida. Carmen Presotto revela, “Entre o fim e o serei / está o é / - flor umedecida d’eus - / desensimesmando-se por viver”. Segundo Sueli G. Frosi, “Hoje estou feliz... Cercar-se de gente boa e inteligente é o pontapé inicial para que nossos sonhos aconteçam...”.

Apostamos nos esforços diários e tentamos fugir da felicidade instantânea. É comum acreditarmos que sempre haverá mais uma alegria na rotina; a oportunidade de ser feliz no dia a dia. Para Helena Rotta de Camargo, “A felicidade tem índole cigana. Se tentarmos envolvê-la, ela fugirá, ventando”.

Somos movidos pela verdade e temos a capacidade de construir, observar, criar, amar e lembrar que a vida se traduz em novidades. Daniel F. Nunes de Oliveira expressa, “Ando pelo mundo, / coletando milhas, memes e sonhos / Plantando mínimos detalhes

cênicos / Aliviando avenças, contemplando diferenças //... Ensinando, aprendendo, inventando todos os dias, / O sentido dessa vida aleatória //... Rolo o dado da vida sem medo / comemorando vitórias, sorte / Desacreditando (o) no azar // Nesse jogo diário...”. Procuramos nos envolver em atividades que trazem o bem estar para nos conectarmos com as tantas realidades.

Ser feliz para sempre é processo repetitivo para fugir da insatisfação, e para rever conceitos em que estamos contextualizados; avaliar nossas conquistas, refletir as perdas e fazer mudanças.

Indagamos sobre o que traz a felicidade. Não sabemos ao certo, mas, ser feliz é prioridade para a nossa realização pessoal e profissional: sentidos dos sentimentos; como em Valmor Bordin, “... Talvez! Padeço outro mundo, / Inocente e distraído, / Ferida alma iludida, / Lutando dentro de mim...” Como diziam os antigos, “com um limão, fazemos limonada”; que ninguém vive só da felicidade. A vida implica desafios e rotinas; conflitos e preocupações; causas e consequências. Ao pensarmos e decidirmos essas situações, encenamos os momentos e criamos uma vida realizada; então, a fantasia se incorpora à realidade: viveram felizes para sempre!

Data : 27/06/2016

Título : Fios que Tecem

Categoria: Crônicas

Descrição: Quem nunca se perguntou como os escritores conseguem tecer palavras com fios sedutores?

“o poeta fia o mundo / no casulo da linguagem //  
qual bicho-da-seda / se alimenta / de palavras.”

(Luiz Otávio Oliani)

Quem nunca se perguntou como os escritores conseguem tecer palavras com fios sedutores? O trunfo é revelar os pensamentos para conquistar a página em branco. Nas palavras de Luiz de Miranda, “De repente aprendemos / que as palavras sozinhas / não tecem a poesia / que só podemos tratá-las / ao calor da vida / e mesmo da melancolia / retiramos o mel da esperança.”

Cada escritor é um universo que se apresenta no tecer os fios: o diferente é interessante. Ao permitir-se a tessitura dos fios do pensamento, expressa livremente seus sentimentos, prendendo a minha atenção, como no poema Fios Retorcidos, de Carmen Presotto, “Se escrevo, é para um dia renascer. // ...Sonho desvendar segredos... / juntando meus pedaços, / parecerei inteira... / Enquanto um finge, o outro eu vive. // Um dia / Palavras cruzadas / Fios torcidos / Balões e coloridos domingos / crescerão...”;

Fio de Prumo de Maria H. Latini, possuidora do fio das palavras no tecer poesia no prumo de onde mostra a realidade e os sonhos, em ajustamento exato. E, Nilto Maciel, em Menos Vivi Do Que Fiei Palavras, tece o fio da arte em crônicas que revelam o cotidiano de escritor.

Reconheço nos escritores, pequenas nuances do dia a dia, como quando ouvia que a palavra valia mais do que um fio de bigode; segundo Gabriel Garcia Marquez, “Dou valor as coisas, não por aquilo que valem, mas por aquilo que significam.”

Rompo com o padrão do sentimento, agrego o telefone sem fio e me surpreendo com o poema de Pedro Du Bois, “O telefone é um objeto através / do qual as pessoas desatendem: / o telefone é o ícone / do objeto que sofre a dor / alheia: o chiado, as descargas, / a mudez temporária e o fato / de não se receber qualquer chamada / faz parte do sono do aparelho...”

Mesmo na contramão, sigo a pista de obstáculos; como o fio de luz desencapado que vejo em Rodrigo de Souza Leão, “Pânico no circo / aladas têmperas / ...volts em volta / Eletrodos todos...”

Sonho que não preciso andar sobre o fio da navalha, enquanto Max Martins tece, “Eu / sou frágil / embora ágil sobre o arame: // Por um fio te envio (viaja) meu lírio... // Tu / também és frágil ... // Por um fio teu laço chama, meu rumo ateias. Teces...”

Palavras tecem momentos de riqueza literária, compõem vários tipos de fios: Fios da Esperança, em Shakespeare, “Não tem outro remédio o miserável senão a esperança. Preparado para a morte, espero a vida.”; Fios da Lembrança, com Dante Milano, “Esqueço-me dos anos e dos meses, / E dos dias, das datas. Mas às vezes / Lembro-me de momentos. // ...Lembranças, não antigas, mas presentes. / Lembranças, não saudades, as ausentes. // ...Lembro-me antigamente do futuro...”; Fios de Fabular, de Denis Radünz, “O fio de fabular a fala / espuma na infância e fale / em flor de falhas: / fia o fóssil do afã e inflama / o fiapo de fábula...” Busco na vida o complemento para adocicar as conquistas pessoais, encontro calda em fio e fios de ovos, “ Palavras doces / edulcoradas frases / adocicados parágrafos //...açucarados livros...” Lembro que os fios vêm dos poetas quando tecem detalhes da vida, como em Fios de Luz, aromas vivos, soneto de Jorge Tufic, “Venham os fios de luz pata tecê-la, aromas vivos para senti-la, às palavras do filho descrevê-la, proferi-la”.

Ancoro a vida para tecer palavras ao marcar presença pela autenticidade. O ponto expõe novo ângulo onde a vida fica por um fio, com o dom do mistério e emoção ao revelar as palavras de Ronaldo Monte, “Da vida por um fio / a morte tece seus panos...”.

Data : 17/12/2014

Título : FLORES

Categoria: Crônicas

Descrição: Ignorando todas as regras e o bom senso, as flores nos levam a reviver expectativas emocionais: poemas e flores elevam o pensamento.

Ignorando todas as regras e o bom senso, as flores nos levam a reviver expectativas emocionais: poemas e flores elevam o pensamento. Segundo Abgar Renault, “Sempre que eu via uma silvestre flor, / beijava-a, e adeus dizia ao meu amor.”

Flores pela casa lembram momentos especiais e fazem o coração bater forte, como se conseguíssemos repetir a mágica do instante: no perfume e nas cores, decorado com amor e alegria. Encontro em Dorival Caymmi, “Nada como ser a rosa na vida / Rosa mesmo ou mesmo rosa mulher / todos querem muito bem a rosa...// Rosas formosas são rosas de mim...”

A visão das flores pode ser romântica, quando escolhemos as rosas vermelhas, por exemplo. A cor da flor escolhida marca presença e dá o toque especial para a ocasião. Cartola escreveu que “Bate outra vez / com esperanças o meu coração...// Volto ao jardim / com a certeza que devo chorar / Pois bem sei que não queres voltar para mim // Queixo-me às rosas, / Mas que bobagem / As rosas não falam / simplesmente as rosas exalam / o perfume que roubam de ti, ai...”

O mistério aqui é a beleza das flores que movimentam a nossa vida: sorrimos ao apreciá-las e elas são importantes na estimulação dos sentidos; ou seja, na natureza buscamos o prazer de viver e as observamos como se elas fossem um dos segredos da natureza: equilibram e nos inspiram e ao senti-las espalhamos palavras e boas vibrações.

O contato com as flores também estimula a imaginação e ajuda a entender os conceitos do tempo, como o desafio ao olhar o girassol é o da realização. Além de enriquecer a beleza da paisagem, cria peculiaridades na palavra escrita, como Júlia Du Bois Araújo Silva descreve, “O girassol segue o sol / O sol guia o girassol / Ai, meu Deus, o girassol / é tão belo / Ficou até amarelo.”

Flores transitam sensibilidade, assim como poetas transitam artes. Suas conquistas são incentivos para reinventarmos a vida e escrevermos sobre as flores com significância. Geraldo Vandré, no final dos anos 60, fez *Prá Não dizer Que Não Falei Das Flores*, “...ainda fazem da flor / Seu mais forte refrão / E acreditam nas flores / Vencendo o canhão //...O amores na mente / As flores no chão / A certeza na frente / A história na mão / Caminhando e cantando / E seguindo a cação / Aprendendo e ensinando / Uma nova lição.”

As flores simbolizam desarmar o outro e contornar conflitos. Aliviam os males da alma, tornam a vida mais bela, despertam a felicidade, encantam os poetas. Elas são poderosas armas de conquista, demonstração de receptividade e acolhimento.

Somando todos os pontos, as flores são uma espécie de elixir mágico, vistas como transformações do tempo. Lembram que cada dia pode ser cultivado com nossos gestos, com regras amigáveis em nossa maneira pessoal. Nas palavras de Sonia Regina, “...no vaivém do vento as flores se completam / e a nossa nudez realiza o movimento dos astros...”



Data : 30/03/2015

Título : FLORES

Categoria: Crônicas

Descrição: Ignorando as regras e o bom senso, as flores me levam a reviver expectativas emocionais. Segundo Abgar Renault, “Sempre que eu via uma silvestre flor, /beijava-a, e adeus dizia ao meu amor.”

Ignorando as regras e o bom senso, as flores me levam a reviver expectativas emocionais. Segundo Abgar Renault, “Sempre que eu via uma silvestre flor, /beijava-a, e adeus dizia ao meu amor.”

Flores pela casa lembram momentos especiais e fazem o coração bater mais forte, como se conseguissem repetir a mágica do instante no perfume e nas cores, com amor e alegria. Encontro em Dorival Caymmi, “Nada como ser rosa na vida /Rosa mesmo ou mesmo rosa mulher /todos querem muito bem a rosa...// Rosas formosas são rosas de mim...”

A visão das flores pode ser romântica quando escolho rosas vermelhas, por exemplo. A cor da flor escolhida marca presença e dá o toque especial na ocasião. Cartola escreveu que “Bate outra vez/ com esperanças o meu coração...// Volto ao jardim / com a certeza que devo chorar / Pois bem sei que não queres voltar para mim// Queixo-me às rosas,/ Mas que bobagem/ As rosas não falam / simplesmente as rosas exalam/o perfume que roubam de ti...”

O mistério aqui é a beleza das flores que movimentam a vida: sorrio ao apreciá-las pela importância na estimulação dos sentidos; ou seja, na natureza busco o prazer de viver e as observo como se elas fossem a naturalidade dos segredos: equilibram e inspiram e ao senti-las espalho palavras e boas vibrações. Como demonstra Helena Rotta de Camargo, “As flores da amizade, mesmo depois de murchas, preservam um aroma peculiar...”

O contato com as flores estimula a minha imaginação e me ajuda a entender os conceitos do tempo, como saber que o girassol tem o da realização. Além de embelezar a paisagem as flores permitem peculiaridades na palavra escrita, como Júlia Du Bois descreve, “O girassol segue o sol/ O sol guia o girassol /Ai, meu Deus, o girassol/é tão belo/Ficou até amarelo”.

Flores transmitem sensibilidade, assim como poetas transitam artes. Suas conquistas são incentivos para reinventar a vida e escrever sobre as flores, com significância. Geraldo Vandré, no final dos anos 60, fez Prá Não dizer Que Não Falei Das Flores, “... ainda fazem da flor /Seu mais forte refrão/E acreditam nas flores /Vencendo o canhão //... Os amores na mente / As flores no chão /A certeza na frente /A história na mão / Caminhando e cantando / E seguindo a canção / Aprendendo e ensinando/Uma nova lição.” Craci Dinarte, nos anos 80, revela “Se as flores falassem,/ fariam de amor, sol,/ calor e liberdade. // ... Se as flores falassem... /Ou falaram-me?”

As flores simbolizam desarmar o outro e contornar conflitos. Aliviam os males da alma, tornam a vida mais bela, despertam felicidade; são poderosas armas de conquista na demonstração de receptividade e acolhimento.

Somando os pontos, as flores são uma espécie de elixir mágico, vistas como transformação do tempo. Lembram que cada dia deve ser cultivado com gestos e regras amigáveis de maneira pessoal. Nas palavras de Sonia Regina, "... no vaivém do vento as flores se completam / e a nossa nudez realiza o movimento dos astros..."

Data : 10/02/2019

Título : FLORES SEM MISTÉRIO

Categoria: Crônicas

Como te chamas pequena flor? Rosa, hortências, camélia? És simples e leve. Invades o jardim por onde passo. Floresces e te aprumas em noites de lua cheia. Muito me agrada a tua companhia, porque cores minha paisagem. Quer que te chames de violeta? Segundo Manoel de Barros, "Não sei de que cor é a cor do amaranto. / Mas pelo "amar" e pelo "canto" fica bem esse / amaranto aí (melhor do que se eu usasse / perpétua, que é o outro nome que se põe a essa flor). Amaranto murmura melhor".

Gosto da tua presença ao sentir teu silêncio formoso, quando te avisto imersa em flagrantes perfumes. Sobre teu corpo, gotas de orvalho e tua imagem reflete a luz do meu dia. No caminho do meu jardim floresces, onde o vento gelado apaga o teu corpo.

Rodeada de flores sem mistérios, ouço palavras na voz do dia, que me consolam da memória refletida pelas horas do meu tempo, que ignoro, no silêncio das verdades. Nas palavras de Pedro Du Bois, "No miosótis a humildade do tempo em flor / a singeleza da corola / a simplicidade da pétala / a sinceridade da cor / a honestidade do nome / a pequena haste // não há aspereza / ou tristeza / e a solidão desabita / sua volta como ninhos / completados em vidas..."

Vejo a flor na chama do dia, como desejo de uma terra sem fronteiras, onde crescem girassóis. Como diz Manoel de Barros, "Os girassóis tem o dom de auroras". Então, divago entre a memória e a lembrança do rosto que nunca esqueci; do espelho quebrado; do sonho desfeito; dos laços rompidos e das vozes que cantam: quem encontrará a flor sem mistério? Entre as flores revelo a cor do segredo em sombras, como visão que se renova no meu ser; na flor sem mistério.

Data : 30/03/2015

Título : FRÁGIL

Categoria: Crônicas

Descrição: Uma das coisas interessantes na vida é perceber a fragilidade das pessoas. Os poetas demonstram aspectos gigantescos da palavra, com conotações diversas.

Uma das coisas interessantes na vida é perceber a fragilidade das pessoas. Os poetas demonstram aspectos gigantescos da palavra, com conotações diversas.

A fragilidade é atributo sentimental; o gosto se sobrepõe àquilo que nos interessa que, por sua vez, é o que se aproxima do homem numa espécie de cumplicidade, em que encontramos um dos principais mecanismos da sobrevivência, a identidade ideológica. Ivaldino Tasca, no conto Sombra Frágil, aponta os descompassos no relacionamento, fazendo o contraponto entre a fragilidade e a necessidade de continuarmos vivos.

Ser frágil nos leva a olhar o mundo com pertinência e, assim, não julgar as promessas, por que tentamos preservar a sensibilidade como bem querer. Pedro Du Bois retrata, “Frágil//O caminhão leva nossas coisas / tantas / matérias /trastes / de tempos outros //não carrega nossas angústias/saudades / lembranças / amores / desilusões / infância e juventude // mesmo a maturidade/encaixotada/fica na sala vazia//o envelope com a vida/ em fotografias/ recebe o adesivo:/ frágil”.

Não demonstramos as fragilidades que estão “dentro” de nós e que, no máximo, são percebidas através de uma janela num mundo sem horizontes. Mas, podemos nos comover com as atitudes e sentir a fragilidade como ideia e gesto e assim demonstrar o que temos de mais importante e valioso; como em Dinair Fernandes Pires, “Há momentos e até mesmo dias em que o único desejo que se tem é enrodilhar-se, ou seja, colocar a alma em posição fetal. Descansar no próprio colo. Afagar as mágoas. Agasalhar a fragilidade...”

Ao percebermos a fragilidade da vida como fonte de sensação, ficamos emocionados na grandiosidade com que nos igualamos, mesmo que diferentes nas atitudes. Nossos gestos combinam com a convicção de cada um; até mesmo as palavras, em seus significantes, se torna nossa representação quando nos revelamos por inteiro.

Encontro em Carlos Higgin, no conto Fragilidade, o acessório surpreendente da metáfora, “... Nada detinha aquele carro.//... Acelerou. A vida era bela e ele tinha o domínio dela. Pisou fundo, esquecendo num instante o passarinho suicida, o cachorro indeciso. Acelerou de novo, sentindo a força da máquina debaixo dos seus pés...”

Atitude é ato que se destaca em nossa identificação. Estarmos fragilizados é condição que representa mudança “drástica” num mundo movido pelo consumo: transformação do ser em ter, como em Alphonsus de Guimaraens Filho, “Frágil, na sua fragilidade / de sombra, por que entanto a vida / resiste agônica tal esmaecida / lâmpada na grande escuridade...”

As pessoas e a natureza sempre traduzem deslumbrantes imagens da fragilidade, como retrata Domingos Pellegrini, “o que fazem com as nuvens os ventos /o que na cama fazem os amantes / o que faz o imprevisto com o instante/o que faz a canção com os sentimentos...”

Data : 27/09/2018

Título : FRANCISCO ALVIM: Qual o Real da Poesia?

Categoria: Crônicas

Há uma pergunta fundamental para compreender as poesias do escritor mineiro Francisco Alvim, chamado por Cacaso “o poeta da fala coletiva”, porque criou um estilo pessoal, a partir da fala coletiva brasileira, “Sol / Esta água é um deserto / O mundo, uma fantasia / O mar, de olhos abertos / engolindo-se azul // Qual o real da poesia?”

O poeta cria poesia onde o real fica cada vez mais incerto, definindo assim a sua sensibilidade poética, e desta forma, o seu caminho literário. Na visão de Miguel Sanches Neto, “Francisco Alvim é órfão do real”, sendo considerado o poeta da distância no tempo e no espaço. “... corredores do tempo / paredes além da história / súbito o mundo / perde o enredo.”

Alvim é levado pelo sentimento drummondiano de amar o perdido, isto é, a vida acontece à revelia do poeta, “Dois cegos viajam no ônibus / A gente das ruas move-se contra um imutável muro cinza / Súbito / o eclipse iguala todas as faces / Órbitas vazadas / Cegos”.

Ele é mestre da poesia moderna, com crítica e cunho social. Também, nele encontro uma visão irônica e impessoal, em muitos textos, funcionando como condição estrangeira no território político, “Se o seu país é assim- / tão bom- / por que não volta?”

Além de ser literatura de figuração, ele também tematiza a solidão em sua lírica, nos dá a sensação de que o teor dos poemas apresentados acontece o tempo todo ao nosso redor, “O dia profundo / me mostra seu fundo: / olhar o amor / ferindo a paisagem / branca da montanha. / Voam as horas / na pele da alma / posta ao relento / do cego sentimento. // Sonho o esquecimento?”

Francisco Alvim apresenta uma obra envolvente, gratificante ao desvendar as verdades ocultas e, ao mesmo tempo, descubro na sua poesia o mundo que realmente nos cerca, deixando no ar, implicitamente, a pergunta para o leitor: “Qual o real da Poesia?”

Data : 19/10/2016

Título : FUTEBOL ARTE no GRAMADO

Categoria: Crônicas

Descrição: “Aprendi que o tiro de meta é coisa de poeta.” (Jorge Ventura)

“Aprendi que o tiro de meta é coisa de poeta.”

(Jorge Ventura)

Futebol é a maior paixão popular brasileira; tornou-se sinônimo de programa dominical, de arte, estilo e beleza. Também tem o sentido de harmonia e graça. Segundo Tostão, “o futebol repete a vida.” É objeto de literatura, cinema, música e artes plásticas.

Considerado paixão, força e elegância, no gramado é prestigiado pela torcida dinâmica que rompe as linhas adversárias e libera nostalgia coletiva. Chico Buarque declarou ser o futebol a sua primeira paixão.

O futebol tem conceito de diversidade cultural, por que interage com o povo e abrange aspectos fundamentais das relações humanas, como a dinâmica dos espectadores, transformada em reflexão política e ação ao desencadear explosões emocionais, como demonstra Thereza C. Motta, “Sem palavras, / iniciamos o jogo. / Tudo se transforma / nos rostos, nas mãos / a espera. / Por que somos semelhantes / em nossas diferenças? / Por que precisamos disputar / para nos conhecer? / Brincamos com a bola, / com o sentimento...” .

Nos jogos, aos poucos, o verde do gramado vai adquirindo vida, feito palco na coreografia dos passos, passes e lançamentos, que se cruzam e se revezam em sinfonia de cores. Thereza Christina Motta revela, no livro Futebol E Mais Nada – Um time de poemas, “O que fazem os jogadores / quando entram em campo? / Jogam. / Que jogo? / Torcem. / E quando jogam e torcem, / sofrem. //... Nenhum sofrimento se iguala, / nenhuma alegria o supera. / Somente a vida.”

O futebol causa sentimento de alegria e de impotência em que as pessoas sofrem com o desafio, torcendo pelo seu time, expondo suas expectativas em cada jogada. Ele revela sobre as pessoas, focando-as ao se reconhecerem nas diferenças e as identificando nas torcidas em laços esperançosos de inspiração e único caminho para compartilhar o seu esporte preferido; ainda em Thereza Christina, “Nem todos os dias / do mundo / nos dão o instante / da felicidade / de um gol”.

Cada imagem no futebol passa diante dos olhos, despertando no torcedor, de forma diferenciada, o se deixar levar pelo sentimento, com espírito lúdico, difuso e espontâneo, revelando ritmo inusitado de ideias, expressamente sensíveis, como descreve Pedro Du Bois, no livro O Movimento das Palavras, “... o tempo passa, o suor aumenta. / Pupilas se dilatam / tentando ajudar a jogada da equipe / Pela qual torce.”

O futebol puxa a torcida. A torcida puxa as palavras e as palavras levam ao GOOOL! Como expressa o narrador, “Este gol foi uma pintura!!”

O sentimento pela camiseta do clube resplandece a grandeza dos jogadores através do movimento, do canto ou simplesmente da concentração, enquanto as vozes dos torcedores revelam a felicidade por assistir ao jogo de futebol; o que lembra Mario Quintana em “Rádios e tevês / Gooooooooooooo!!! / (o domingo é um cachorro debaixo da cama.)”.

Data : 03/12/2012

Título : FUTEBOL, GRAMADO DE IDÉIAS

Categoria: Crônicas

Descrição: "Aprendi que o tiro de meta é coisa de poeta." (Jorge Ventura) Futebol é a maior paixão popular brasileira. Segundo Tostão: "o futebol repete a vida." Ele se tornou sinônimo de tradição de programa dominical, sinônimo de arte, estilo e beleza.

"Aprendi que o tiro de meta é coisa de poeta." (Jorge Ventura)

Futebol é a maior paixão popular brasileira. Segundo Tostão: "o futebol repete a vida." Ele se tornou sinônimo de tradição de programa dominical, sinônimo de arte, estilo e beleza. Também tem o sentido de harmonia e graça. É objeto da literatura, do cinema, da música e das artes plásticas.

Considerado paixão, força, elegância e, no gramado, é prestigiado pela torcida dinâmica que rompe as linhas adversárias e libera nostalgias e muitos coletivos. Chico Buarque declara que "minha primeira paixão é o futebol."

O futebol tem conceito de diversidade cultural, porque interage com o povo e abrange aspectos fundamentais das relações humanas como: a dinâmica dos espectadores é transformada em reflexão política e ação, que desencadeia explosões. Como mostra Thereza Christina Motta: "Sem palavras, / iniciamos o jogo. / Tudo se transforma / nos rostos, nas mãos / a espera. / Por que somos semelhantes / em nossas diferenças? / Por que precisamos disputar / para nos conhecer? / Brincamos com a bola, / com o sentimento..."

Nos jogos, aos poucos, o verde do gramado vai tomando vida, como num palco; coreografia de passos e lançamentos, que se cruzam e se revezam em sinfonia e ficções de cores, que são reveladas no livro de Thereza Christina Motta, "Futebol / e nada mais – um time de poemas," com a participação de vários escritores e jogadores nas epígrafes.

"O que fazem os jogadores / quando entram em campo? / Jogam. / Que jogo? / Torcem. / E quando jogam e torcem, / sofrem. //... Nenhum sofrimento se iguala, / nenhuma alegria o supera. / Somente a vida."

O futebol causa sentimento de alegria e de impotência, onde as pessoas sofrem sem precisar, como desafio, torcendo pelo seu time, expondo suas expectativas em cada jogada realizada. Ele revela sobre homens e mulheres, colocando-os em foco ao se reconhecerem nas diferenças e os identificando nas torcidas, como laços esperançosos, tomando isso como inspiração e único caminho para compartilhar seu esporte preferido.

Cada imagem no jogo de futebol passa entre uma e outra jogada diante dos olhos, despertando no torcedor, de forma diferenciada, o se deixar levar pelo pensamento, com espírito lúdico, infuso e espontâneo, revelando ritmo inusitado de idéias, expressamente sensíveis, como em Pedro Du Bois no livro O Movimento das

Palavras, “... o tempo passa, o suor aumenta. / Pupilas se dilatam / tentando ajudar a jogada da equipe / Pela qual torce.”

O futebol puxa a torcida. A torcida puxa as palavras e as palavras levam ao GOOOL. Repetindo as palavras do narrador: “Este gol foi uma pintura!!”

Os sentimentos pela camiseta resplandecem a grandeza dos jogadores, o movimento, um canto ou simplesmente a concentração, enquanto as vozes chegam até os torcedores, como a felicidade em assistir ao jogo de futebol, o que nos lembra Mário Quintana, “Rádios e tevês / Goooooooooolo!!! / (o domingo é um cachorro debaixo da cama.)”

Data : 04/04/2020

Título : FUTURO ESCURO

Categoria: Crônicas

Descrição: O passado é sonho passado na concretização dos bons e duradouros momentos.

“... O passado é dado / o futuro é escuro”; José Enrique Barreiro editou, em 1997, o livro O Mapa Do Acaso, que contém este fragmento do poema. Assunto atual; refiro-me à pandemia que estamos vivendo, sem que muitas pessoas acreditem na gravidade do problema, tornando escuro o nosso futuro.

O passado é sonho passado na concretização dos bons e duradouros momentos. O futuro, cada dia mais distante, pois, está nas ações de quem contradiz a vida com seus inúmeros mortos, através de palavras sem serventia. Discurso vazio de quem acha que o capitalismo é apenas a acumulação de riqueza financeira, em que a valia se resume em não perder os lucros. Nas palavras de José E. Barreiro, “... Definitivamente não aceito / tua visão, nem teu rumo, tua estrada! / Eu vejo trevas e não vejo jeito”.

Assustador o que estamos passando; época conturbada com diárias notícias ruins que, com certeza afeta a esperança e nos atinge de forma “nociva”, porque somos idosos. A sensação que nos transmitem é de atrapalharmos os interesses negociais, sem que ninguém nos defenda como cidadãos e nem digam que não há culpa por sermos idosos. Barreiro segue, “... Se foi mal ou se foi bem / o que foi feito na vida / será bem ou mal também / o que virá em seguida / - o efeito é correspondente...”.

Precisamos nos preocupar com o futuro escuro – a morte – que vem ao nosso encontro com passos acelerados pelo Covid19. José E. Barreiro alerta, “... Neste dia / não tem jeito: / o inevitável acontece”.

Data : 30/03/2016

Título : GAIOLAS

Categoria: Crônicas

Descrição: Gustavo Abreu escreveu que "Um pássaro na gaiola é a própria imagem da agressão à natureza. A ave que não voa canta de tristeza...?"

#### Para Marina

Gustavo Abreu escreveu que "Um pássaro na gaiola é a própria imagem da agressão à natureza. A ave que não voa canta de tristeza..." Vivemos engaiolados em nossos sentimentos, obrigações e conflitos na correria diária.

As gaiolas existem dentro de nós como algo conquistado, o sonho que não se libertou no tempo. Mas, nada nesse tempo é verdadeiro, porque tornamos estranho o contato que mantemos ao estabelecer o dia seguinte. Nas palavras de Danilo Neuhaus, "Acostumamo-nos a viver como pássaros, embora não percebamos. Muitas vezes como expressão "livre como um pássaro", muitas vezes presos às gaiolas que formam em torno de nós e que até ajudamos a construir".

Confesso não ser fácil nos livrar das gaiolas, elas se apresentam como sombras, fossem a relação definida entre a liberdade e a responsabilidade - forma de aproximação que nos atrela cada vez mais à gaiola. A maneira que nos conduz ao ideal numa viagem sem fim, como se resumisse a nossa vida entre aspas, paredes, e sem projetos, apenas esperando pelo reflexo do tempo, como demonstra Domingos Pellegrini em Gaiola Aberta "... Mesmo em céu cinzento / voar será bom / depois de tão lenta / engaiolação...", e Pedro Du Bois em seu livro A Casa das Gaiolas.

O tempo passa e os ventos mudam. Diariamente vejo cenas diferentes que contrapõem ideias e ideais em sim e não. Construimos nossa gaiola e, por vezes, ela conduz a uma vida sem palavras e sem lágrimas, em que olhamos o horizonte ser engolido pelo cotidiano. Situação que se torna comum em nosso viver se não encontrarmos uma porta para atravessar o tempo, sem estremecer o sonho.

É possível na felicidade com que atravessamos a porta, encontrar a liberdade nos permite retomar o pensamento sobre os sonhos e abrir caminho para a realização pessoal na revelação do estado da alma.

Vivo à sombra de minha gaiola, vez que escolho meu destino e dou ao tempo o sabor de superação. Surpreendo-me pensando no amanhã ao rever as preocupações e a determinação com que reconstruo a esperança.

As gaiolas são sombras onde teço o meu lugar com muros e sem espelhos para refletir a minha história. Seleciono as escolhas de acordo com o momento, porque há coisas que faço por que nelas acredito, como encontro em Mia Couto, "Não esqueço nunca os rostos iluminados por um mágico encantamento, não esqueço o olhar dos que construíram aquele momento".



Data : 23/03/2016

Título : GAVETA

Categoria: Crônicas

Descrição: Na gaveta posso encontrar referências históricas memorialísticas e as lembranças, como sentimento de nostalgia provocada por minha vontade de voltar no tempo.

Na gaveta posso encontrar referências históricas memorialísticas e as lembranças, como sentimento de nostalgia provocada por minha vontade de voltar no tempo. Para Pedro Du Bois, “Os objetos sintetizam o que somos...”

Fico em suspense ao refletir sobre o fascínio do conteúdo da gaveta; logo, confronto as lembranças para estabelecer a ação do tempo e manuseio, por único motivo: busco conhecer a história e não me intimidar com o valor descoberto. Sinto como se estivesse abrindo um livro de poemas pela primeira vez.

Na gaveta são guardados objetos pessoais. Nela contém um universo mágico e perco o fôlego ao pensar no cenário e nas palavras descerradas. Pedro Du Bois retrata, “Tudo o que precisa / guarda / em gavetas acima / das possibilidades”.

Minha curiosidade ronda a fantasia enquanto não tenho permissão para abrir a “tal” gaveta. Peco, porque fico pensando sobre o segredo que está guardado. Quanto me influenciaria o descobrir? Seriam cartas de amor? Bilhetes de encontros? Amores e desilusões? Por que insisto em descobrir e vasculhar os objetos, se posso vir a me decepcionar com a surpresa? Não há jeito. Não consigo driblar a curiosidade. Preciso ver para crer! Almandrade ressalva, “... afinal ver é um incômodo // tentação do saber”.

Reconheço que espiar a gaveta é desafiar o tempo e sentir a emoção mesclada com as saudades. Momento em que se apresenta o passado no presente, revelando os diferentes talentos, como o poeta Benedito C. Silva na obra Gavetas Abertas em Cômodos Diferentes, que revela, “Gavetas // Limpar as gavetas / É despir-se da roupa velha // a sua foto com carinho protegido / Guardada entre tantas outras coisas sem sentido...”

Outro momento foi retirar da gaveta o livro de Tânia Pelegrini, Gavetas Vazias – ficção que relembra a política dos anos 70; até hoje aquelas gavetas permanecem semifechadas pela barbárie e o sofrimento decorrente.

Resta manter aberta a gaveta da paisagem contida na poesia com que posso expor a minha ligação com o mundo, como em Millôr Fernandes, “A gaveta aberta / Tem expressão / Liberta”.

Data : 23/03/2016

Título : GAVETA que quero abrir

Categoria: Crônicas

Descrição: O que é o grande amor? Tragédia? Constatação da emoção? Ato heroico? Fonte de inesgotável perplexidade?

O que é o grande amor? Tragédia? Constatação da emoção? Ato heroico? Fonte de inesgotável perplexidade? Não só de sonhos vive o meu imaginário; também de saudades, lembranças e dores do coração. Especialmente quando tudo que está engavetado vira palavra de ordem: abrir a gaveta.

Antes de abrir a gaveta, pergunto-me se encontrarei o que estou procurando. Mas, quando vejo o conteúdo do seu interior sinto entremeadas emoções e descubro o meu limite ao me surpreender com os objetos encontrados; percebo que ao tocá-los as lembranças vêm à mente como se fosse algo acontecido ontem. Entretanto, o significado da gaveta que quero abrir é o meu desejo de desvendar os segredos que, por necessidade, estavam resguardados, mas, não esquecidos.

Sou consciente sobre a gaveta, mesmo sendo só um objeto; sua importância está no reencontro das versões da minha vida. Fragmentada, sou minha fraqueza, meu desamparo e incerteza. Ao nela mexer revejo a juventude, o amor, os poemas escritos sem alegria e as cartas saudosas. Luiz Otávio Oliani expressa, “Pedaço de papel / vendaval de palavras... / Ventania no peito...”.

Na gaveta, a presença, o perfume e as palavras são constantes em minha vida. Tantos sentimentos contidos me levam a buscar as lembranças engavetadas, na necessidade de que a memória devolva o meu ritmo. Com mistério e medo abro a gaveta e reencontro meu passado para poder sentir o que vivi: amor e paixão. Como no livro de Benedito C. Silva, *É Possível Decifrar o Amor?* - “Dize-me quem tem razão / Quando o assunto é o amor: / A razão, / Que quer algo racional, / Ou o coração, / Que quer algo passional?”

Nela encontro seu livro e seu gesto; posso senti-lo através do objeto; posso revê-lo. Em minha fantasia é você quem mais sofre com a minha ausência, porque não o vejo abrindo a nossa gaveta. Alice Ruiz retrata, “A gaveta da alegria já está cheia de ficar vazia”. Capturo a sua expressão descrita em carta e bilhete; elas transgridem seus poemas e meus sonhos; explodem as minhas forças quando penso na sua indiferença, como se tivesse havido a partida.

Tenho a gaveta que quero abrir, como guarda dos sentidos e sentimentos. Não posso negar que remexo no seu conteúdo para reviver o amor e sentir a atração como mistério. Espalho pelos cantos da casa a sensação de me tornar próxima de quem está longe do meu coração, como faz Benedito C. Silva no livro *Gavetas Abertas em Cômodos Distintos*, em que abre gavetas literárias para ajudar a transformar o cotidiano.

Data : 28/08/2019

Título : GENERALIZAR

Categoria: Crônicas

## GENERALIZAR

A generalização me leva a pensar na decadência do Ser e no cultivar o vazio. Ela me conduz a perder o tempo pensando formas para implantar a dignidade e expressar a justiça, que possam me amparar e defender a minha ideologia.

Acredito que é possível vencer os obstáculos gerados pela generalização ao expandir e fortalecer a ação e o pensamento, além da criação. Álvaro Moreyra nos traz, “E os homens... / Porque não plantam rosas nos caminhos...”.

Não generalizo o tempo, nem os segredos e muito menos os resultados, porque o hoje é transitório e dificulta a realização dos nossos desejos e fantasias, como a busca pela aceitação e participação dos sentidos para dar importância aos nossos pontos fracos e fortes, e assim desvendar a individualidade demarcada no nosso viver. Álvaro Moreyra ressalta que, “Igualando em força, / superando em bondade, / Pelo simples fato de ser bom. / Porque não sentem o rumor da mata, / A pulsação da seiva da vida”.

Busco a exceção, como movimento significativo, para promover o respeito aos direitos de quem quer viver em plenitude; prática estratégica que dificilmente encontro pelo caminho. Mas, onde estão as flores?

A realidade é estimulada por diferentes opiniões que formam o quadro das relações e que, muitas vezes, parece mecanizada, por deixar a escolha e a avaliação serem formadas pela generalização, sem o entendimento do comportamento, na contraversão e no desequilíbrio, ao permitir generalizar a situação, apontando-me como indiferente, incompetente, inconstante, incompreendida, inoportuna, impertinente e tantas outras negações. Moreyra expressa, “O meu barco de sonhos e de luz, / Transbordando de nardos e gerânios / Foi roubado por nuvens cor de chumbo / Foi perdido nos gritos da tormenta...”.

Generalizar é essencial para compreender o mundo de hoje ou para (re/des)construir a nossa história ou apenas para nos deslumbrar com os excessos do modernismo e como exercício curioso. Ou simplesmente, como em Álvaro Moreyra, “Vestimos as cores do acaso?”.

Data : 25/04/2017

Título : GENES

Categoria: Crônicas

Descrição: O que realmente constitui a resposta para não desamarrar nossas vidas são os genes, que representam a grande amarração ...

O que realmente constitui a resposta para não desamarrar nossas vidas são os genes, que representam a grande amarração do ser humano ao mostrar que é impossível reclamar e não os aceitar. Nascemos com os genes familiares; estão em nós, comandando, quem sabe, os sonhos, os talentos e as aparências. São consolidados através da hereditariedade, em união de forças que permite, sem perder o fôlego, facilitar a realização de nossas aptidões.

Estamos amarrados aos genes e, desta forma, escolhemos, controlamos e observamos aquilo de que somos capazes de realizar. Dizemos, “tradição familiar ou harmonização dos sentidos”, o que, em Wislawa Szymborska, “... Querendo ou não querendo, / tens genes tem um passado político, / tua pele um matriz político, / teus olhos, um aspecto político...”.

Transitamos pelo mundo amarrados aos genes e nos lançamos em atitudes e valores naquilo que podemos desamarrar para celebrar a vida; como em Giuseppe Ungaretti, “... Sei do passado e do futuro quanto é dado a um / homem descobrir / conheço enfim meu destino, e a minha origem...”.

Data : 27/09/2018

Título : GILBERTO CUNHA: Polêmica, as Mudanças

Categoria: Crônicas

Passamos muitas horas nos preocupando com o tempo, com o clima que encontraremos amanhã: calor demais ou chuvas? E, em proporções incontroláveis, em que poderá atrapalhar o nosso cotidiano as mudanças climáticas? Quem não procura saber como estará o tempo no próximo dia, para se organizar? Faça chuva ou faça sol, a vida continua... Não é bem assim, que a mudança no clima pode atrapalhar o nosso humor e os nossos planos.

As mudanças nos impulsionam quando apostamos no nosso interesse intelectual; por exemplo, ler o livro Meteorologia: fatos & mitos 3, escrito por Gilberto Cunha. A obra mostra medidas arrojadas necessárias para frear as mudanças climáticas; receoso para com o futuro tenta com boa vontade, competência e austeridade racional legitimar tais

mudanças, que se alastram, dia após dia, demonstrando que “o tempo é de fato o que ocorre”.

No livro encontramos artigos enriquecedores na área de ciências, porque apresentados na fronteira do conhecimento: fatos versus mitos; informação empírica versus informação científica que, com efeito, levam-nos a relativizar as nossas “verdades”, na medida em que nos ajudam a entender o fenômeno da vida por outros ângulos, na benevolência da natureza, além da conta, de que podemos chegar ao próximo dia sem sermos sufocados pela ameaça de temperaturas elevadas e fora de época.

O autor nos coloca diante de algo novo como literatura ao nos facilitar a compreensão, através da coerência, de que podem acontecer mudanças em nós ao adquirirmos conhecimento e informação sobre meteorologia e, ao mesmo tempo, que devemos nos conscientizar ao integrarmos tais informações na nossa vivência; como expressa, “... diante das evidências temos que começar imediatamente antes que seja tarde demais, a construir a nossa capacidade de lidar com as mudanças climáticas globais e sua variabilidade associada...”.

De uma maneira ou de outra, a polêmica das mudanças nos atrai pelo desconhecimento, gerando dúvidas, questionamentos, dividindo opiniões e provocando emoções. Desafios que temos de enfrentar ao nos dispormos as mudanças ao assumirmos o novo com as inseguranças trazidas por ele, sem amedrontamento, que o medo também é parte do desconhecido.

Nas palavras de Cunha, “... Interpretações as mais variadas possíveis, mas pelo menos uma fica evidente: que temos que acreditar naquilo que fazemos, pois na vida, depois das coisas feitas, não há possibilidade de repetição”. Digo mais, nem de nos arrependermos pelo não feito. Jogo que marca o significado do encontro na hora de olhar para a realidade na polêmica das mudanças, retratada no artigo Dedique Um Tempo Para Sentir O Perfume Das Rosas, “... ando gastando tempo demais olhando para o futuro e acabo esquecendo de pensar / viver o presente”.

O importante é incorporarmos as mudanças como informação significativa para mantermos o interesse pelo fascínio da vida, sem desviarmos o olhar do tempo, vez que os acontecimentos se apresentam naturalmente e fazem com que o nosso destino seja diferente e a praia tenha de ser adiada, que só o tempo consegue deixar a sua marca em nossas vidas.

Data : 28/12/2012

Título : GILBERTO CUNHA: A ciência como ela é...

Categoria: Crônicas

Descrição: A ciência como ela é... é coletânea dos ensaios publicados semanalmente no jornal O Nacional, de Passo fundo, que o autor Gilberto Cunha reuniu em livro. Feliz encontro, já que o livro pode ser carregado para todos os lugares. E, num mundo sem tempo, pode ser lido nos momentos livres.

“A ciência como ela é...” é coletânea dos ensaios publicados semanalmente no jornal O Nacional, de Passo fundo, que o autor Gilberto Cunha reuniu em livro. Feliz encontro, já que o livro pode ser carregado para todos os lugares. E, num mundo sem tempo, pode ser lido nos momentos livres.

Para celebrar essa conquista, desvendo suas palavras em tom de narrativa: ele reconstrói épocas para oferecer ao leitor novos caminhos que escapam da vida cotidiana, como os temas científicos.

“A ciência como ela é...” trata de vários cientistas que revelam o “segredo da vida”, em que poucos têm a coragem de contrariar a via-vida, de mão única, que liga aos sentidos.

No contexto das transformações, o autor indaga: “Que é um ser humano? Somos seres evidentemente emocionais, embora abundem referências de que a nossa racionalidade é o que nos distingue dos outros animais... E o que chamamos de humano é basicamente o entrelaçamento do racional com o emocional... Aceitar que não é a razão que nos leva a ação, mas a emoção.” Até aí, nada de novo, a não ser a vida afora... O universo desenha suas mudanças e a ciência é que – ainda - revela os sonhos, a tecnologia e restaura a história.

Em novas notas e escolhas, a ciência leva à expectativa da vida, ao admitir que em nenhum momento acena com a possibilidade de legitimar o desejo, como Gilberto Cunha revela, “Mais além do Positivismo - ...Precisamos modelizar para compreender e conceber para fazer... Sujeito e objeto situados no mesmo plano, ligando conhecimento e ação...” Para isso é preciso acompanhar as opções, que são diversificadas e consagradas no mundo científico. Existem alternativas como desafio para o conhecimento em crescimento; contudo, o autor abre espaço, com seu talento, para “O comprador de almas”, onde relata a história de John Marks Templeton; permitindo olhar para o passado e repensar o futuro.

O futuro certamente passa pela “A ciência como ela é...”; estímulo lançado em projeto literário, espelhando-se na realidade da prática científica. Seja qual for o caminho, o autor se posiciona - o que não é simples, em ensaios com alternativas para demonstrar ao leitor a ideia de como ele deve pensar a informação. Portanto, o primeiro passo está em assegurar o conhecimento repassado em ensaios fundamentados na ciência com suas potencialidades. Momento em que o autor identifica os talentos, observa os fatos e os atos e faz retornar os elementos que norteiam o ponto de equilíbrio: descobrir é desenhar um projeto de vida. Como a busca de Gilberto, como inspiração para “A ciência como ela é...”, veio de Nelson Rodrigues: “... A vida como ela é... é outra coisa.”

Cunha deixa claro para o leitor que as portas da vida científica, as consequências das decisões e a escolha do caminho dos sentidos, optam por direções muitas vezes contraditórias: o desejo e/ou a busca da (disputada) descoberta.

Título : GOSTO DE OUVIR...

Categoria: Crônicas

## GOSTO DE OUVIR...

Acredito na sociedade dotada para transfigurar a banalidade na vida cotidiana. Gostar de ouvir novas ideias não nos priva de expressar o que pensamos. Nas palavras de Thomaz Albornoz Neves, “Além do que posso ver / o universo / é a falta de alcance da minha visão”.

Ouço dizer que a sensação de recolher frutos no trabalho é celebrar as inspirações pela capacidade inventiva que me permite inovar a vida diária.

Poucas são as pessoas que estão prontas para ouvir e valorizar o que nos beneficia com novas ideias e talentos, como manobra no espaço dos dias. Não sabem ouvir o que circunscreve os limites entre a expansão e a exploração como instrumentos e realização dos objetivos. Ainda em Albornoz, “... Dragado pelo que respiro / Não sei quem sente o que vivo...”.

Não gosto de ouvir quando nos frustramos ao dizer o que pensamos, mas, sim, que temos condições de opinar e seguir posicionados pela novidade.

Gosto de ouvir quando têm atitudes comedidas, o que torna possível pensarem o novo sem se arriscarem para atingir o sucesso. Tal atitude possibilita a liberação das amarras cotidianas e expõe o domínio sobre o novo. Como em Luis Otávio Oliani, “por que não plantar / esperanças / se o dia foi de espinhos?”.

Remodelar, renovar e reciclar é criar a medida com espaço para a reflexão e avaliação das ideias. É questão para buscar as respostas; a chance de ouvir as explicações e explicações na troca de opiniões. Maneiras para não haver cobranças sobre nós mesmos, nesta acelerada realidade.

Também, gosto de ouvir o que não considero e não alcanço, na execução das ideias com conhecimento, para combinar a destreza na aprendizagem e na construção do nosso bem estar diário. A nova voz para nos surpreender com sua ressonância cultural, no propósito de mudarmos a rotina. Luis O. Oliani expressa que “o desconhecido / está em nós // viver o amanhã / aguardar surpresas // o que o Destino / nos reserva?”.

Verdade, gosto de ouvir boas notícias através da voz da experiência e nos elogios sinceros. A variação cultural pode me dizer, de um dia para outro, que as alterações cotidianas, com as devidas perspectivas, permitem simplificar o gesto e reaproximar os assuntos diários através da história, do design e das ideias, como criação de uma espécie de marca registrada.

A liberdade se faz necessária para soltar a imaginação com a força do compromisso ao abordar novas estratégias e enriquecer a visão; contribui para manter parcerias e implementar iniciativas inovadoras. Em Manoel Onofre Jr., “... voltar é tão bom quanto partir. Quando voltamos, livres dos barulhos que a rotina foi depositando em nossa mente, adquirimos perspectivas novas em nosso cotidiano. Nos reciclamos.”

Data : 10/02/2019

Título : GOTA A GOTA

Categoria: Crônicas

“Meu nome é Gota e meu sobrenome é Água.

Nome completo Gota d’Água”.

(Alberto Goldin)

Quem consegue ouvir a torneira pingando na pia, sucessivamente? Por muito tempo não tive resposta óbvia para essa pergunta, que seria: consertar a torneira gota a gota. Foi um erro clássico cometido por mim; as pessoas não ouvem a água pingar na pia a todo instante e nem percebem o barulho repetitivo e sucessivamente chato. Mais do que isso, gota a gota caem e emitem sons ensurdecedores, capazes de fecharem nossos horizontes; Sérgio Capparelli retrata, “Pios sem pios, / dizia pra Bia: Pingam na pia / Pencas de pingos! //... Pio, sem pios / Também se arrepia: / com os pingos da pia / E os pios da Bia”.

Há muitas alegrias na vida, o que inclui o silêncio para ouvir o próprio pensamento. Uma coisa leva à outra; ouvir o pingar d’água ininterrupto significa que nem todos têm a felicidade por ter sossego na vida. Que o maior aliado, para aguentar esse barulho, é o nosso controle; caso contrário, ficamos sem vontade, o que nos leva à inércia e, até mesmo, à loucura.

Sou obrigada a reconhecer, por fazer sentido, que línguas venenosas costumam fazer piadas quando me refiro negativamente à torneira gota a gota; o segredo para não perder o controle, com o barulho do pinga-pinga, está no poder da mente: fantasiar o prazer de não mais ouvir o gota a gota na pia; tal criação flui e dá vontade de gritar: estou livre para ser feliz.

Para os psicanalistas, “Todo sentimento é importante para manter o equilíbrio. Todo sentimento é bom. O resultado que ele produz é que pode ser ruim”. Rendo-me ao saber, pois, o mais estranho, é necessário desconectar a mente do barulho repetitivo do gota a gota, para se conectar com o próprio pensamento. O ser humano é em geral insatisfeito, porque está em busca constante para atingir metas. É questão de medida. Para (re)conhecer o que de fato dá sentido à vida é importante saber o que não queremos; como não ouvir o pinga-pinga da torneira na pia, feito diária tortura. Transformações são previstas por haver situações que, muitas vezes, fogem ao nosso controle, como demonstra Domingos Pelegrini, “O pinga-pinga da pia na noite / a calha a conferir gota por gota...”.

Acredito que quem faz escolhas encontra movimentos em suas vidas como chave para expor suas ideias; renovar a rotina, espalhar atitudes que fazem diferença em seus dias



no cultivar pequenos prazeres e, ainda, respeitar seu perfil e sua verdadeira vontade. Como no livro Gota d'Água, da Série Arte para Criança, de Alberto Goldin, com ilustrações de Tomie Ottake. O livro é rico em arte que dialoga com o leitor, como se ele estivesse em universo mágico, onde a Gota d'Água representa a nossa existência.

Data : 30/09/2020

Título : GOTA a GOTA

Categoria: Crônicas

Descrição: Quem consegue ouvir a torneira pingando na pia, sucessivamente?

“Meu nome é Gota e meu sobrenome é Água. Nome completo Gota d'Água”.

(Alberto Goldin)

Quem consegue ouvir a torneira pingando na pia, sucessivamente? Por muito tempo não tive resposta óbvia para essa pergunta, que seria: consertar a torneira gota a gota. Foi um erro clássico cometido por mim; as pessoas não ouvem a água pingar na pia a todo instante e nem percebem o barulho repetitivo e sucessivamente chato. Mais do que isso, gota a gota caem e emitem sons ensurdecedores, capazes de fecharem nossos horizontes; Sérgio Capparelli retrata, “Pios sem pios, / dizia pra Bia: Pingam na pia / Pencas de pingos! //... Pio, sem pios / Também se arrepia: / com os pingos da pia / E os pios da Bia”.

Há muitas alegrias na vida, o que inclui o silêncio para ouvir o próprio pensamento. Uma coisa leva à outra; ouvir o pingar d'água ininterrupto significa que nem todos têm a felicidade por ter sossego na vida. Que o maior aliado, para aguentar esse barulho, é o nosso controle; caso contrário, ficamos sem vontade, o que nos leva à inércia e, até mesmo, à loucura.

Sou obrigada a reconhecer, por fazer sentido, que línguas venenosas costumam fazer piadas quando me refiro negativamente à torneira gota a gota; o segredo para não perder o controle, com o barulho do pinga-pinga, está no poder da mente: fantasiar o prazer de não mais ouvir o gota a gota na pia; tal criação flui e dá vontade de gritar: estou livre para ser feliz.

Para os psicanalistas, “Todo sentimento é importante para manter o equilíbrio. Todo sentimento é bom. O resultado que ele produz é que pode ser ruim”. Rendo-me ao saber, pois, o mais estranho, é necessário desconectar a mente do barulho repetitivo do gota a gota, para se conectar com o próprio pensamento. O ser humano é em geral insatisfeito, porque está em busca constante para atingir metas. É questão de medida.

Para (re)conhecer o que de fato dá sentido à vida é importante saber o que não queremos; como não ouvir o pinga-pinga da torneira na pia, feito diária tortura.

Acredito que quem faz escolhas encontra movimentos em suas vidas como chave para expor suas ideias; renovar a rotina, espalhar atitudes que fazem diferença em seus dias no cultivar pequenos prazeres e, ainda, respeitar seu perfil e sua verdadeira vontade. Como no livro Gota d'Água, da Série Arte para Criança, de Alberto Goldin, com ilustrações de Tomie Ottake. O livro é rico em arte que dialoga com o leitor, como se ele estivesse em universo mágico, onde a Gota d'Água representa a nossa existência.

Transformações são previstas por haver situações que, muitas vezes, fogem ao nosso controle, como demonstra Domingos Pelegrini, "O pinga-pinga da pia na noite / a calha a conferir gota por gota...".

Data : 28/08/2019

Título : GRANDEZA

Categoria: Crônicas

## GRANDEZA

Um dia a mais em que você vê o sol nascer. Deixa de olhar a paz dos verdes ramos. Sente na amizade o mapa da vida. Relembra os momentos de carinho. Transforma a beleza em glória. Beija seus filhos diariamente.

Um dia a mais em que conto as horas e os minutos e sua grandeza me faz pensar ser a morte maior do que a vida. Maiakóvski reflete, "... Não faça um sombrolho pensativo. / Se morrer, nesta vida, não é novo, / Tampouco há novidade em estar vivo".

Pensar grande não é apenas dividir os pensamentos, mas, desejar além do horizonte e ter por instantes o coração ampliado em sentimentos. A sua mania de grandeza perpassa o meu desencanto; olho para você e não encontro no seu rosto o sorriso singelo.

Um dia a mais para recusar a sua desalentadora grandeza. Mais um minuto e grito desesperadamente, para que repense suas reações, em atitudes que me levam ao caos, na confusão que você expande no que nos cerca.

Tanta grandeza você carrega no peito, que contamina o nosso viver em círculo vicioso sem fim. Para Maiakóvski, "Como livrar-se de tanto lixo? / Só se / ele andasse / de cabeça para baixo. / Assim amontoaria mais pó...".

Suspiro diante da sua grandeza; penso ser capaz de reinventar o suficiente no mundo que permita sorrir ante a morte.

Data : 06/10/2014

Título : GRITO CALADO

Categoria: Crônicas

Descrição: Ao olhar para cima, vejo o céu; olho para frente, vejo o mar. Olho para os lados e vejo a imensidão da natureza. Inesperadamente, meu grito é calado.

“Em gritos expressamos / nossas emoções //em gritos desdobramos /  
nossas paixões // em gritos espantamos / nossas sensações //  
em gritos evitamos / que o silêncio nos consuma” (Pedro Du Bois)

Ao olhar para cima, vejo o céu; olho para frente, vejo o mar. Olho para os lados e vejo a imensidão da natureza. Inesperadamente, meu grito é calado. Ao viver neste lugar maravilhoso e ter que conviver em ambiente fechado, fico atrelada apenas aos gritos, aos meus gritos que promovem uma transformação química, fazendo com que a voz seja absorvida apenas por mim.

Romper o individualismo é valorizar quem transforma vidas, verdades e ideias; é gritar pelos valores fundamentais para a vida; é reunir corações e mentes; é compartilhar experiências. Todos reunidos, diferentes entre si, soltando o grito preso na garganta. Como em Pedro Du Bois, “Talvez a felicidade.../ seja apenas o nó no peito / sorriso mal feito / grito preso na garganta...” .

A melhor maneira de prestigiar a vida é ter todo mundo junto para escutar o grito da liberdade: entramos com os sentidos e a vida com os destinos. Carmen Presotto revela, “... são tão poucos olhos a viver // pensamentos soltos / gritos de liberdade / letras organizadas / chamadas de despertares / não eliminarão essa cegueira...”.

Se algo for emocionante, uso como inspiração enquanto é tempo, evoluindo em sintonia com a arte literária, através de ideias inovadoras que possam revelar meus gritos expressivos, onde a vida imita a arte. Carpinejar diz, “Paira no ar ao silenciar o meu canto. / O voo sai da garganta, e não das asas”.

Sou porta-voz, reflexo da personalidade e do olhar cultural, voz afiada que até pouco tempo considerava apenas um grito calado. Nas palavras de Carmen Silvia Presotto, “É... não posso perder o passo / Riscando trilhas, traço um mapa / De palavra em palavra / iluminarei minha vida / e quem sabe encontre outros sóis”

Uma compilação de frases me inspira. Por que seria pertinente gritar as minhas necessidades quando, simplesmente, posso incorporá-las ao meu dia a dia, ou abrir os Postigos? “Redesenho o cotidiano // pontos / e tramas // - corda absurda - / me ouço em outros poemas / feito sussurro ao vento”. (Carmen Sílvia Presotto)

Através do livro posso ver o mundo com um olhar diferenciado, para entender os aspectos da vida, incluindo a ideia do tempo e o processo de criação que me leva à iluminação, que me permite olhar através de Postigos a minha condição de vida e os meus sentimentos. “... Vem... / sorve meu sangue / e com tua carne, / sejamos disfarces entre leituras.” (Carmen Sílvia Presotto)

Data : 28/08/2019

Título : GUARDAR

Categoria: Crônicas

## GUARDAR

Guardo na memória o passado, que traz o sopro para o presente, onde recomeço o dia confiante. Sim, minha lembrança é o tempo em que a fantasia se mistura com o mundo real. Nas palavras de Sérgio Cohn, “... (a vida já é um tempo / por demais interessante)”.

Hoje me reencontro guardando segredos, amores e a poesia, não em caixas, sim, nos momentos revividos das mudanças. Aqueles expressivos que equilibram e recompensam a minha atenção, fornecendo revelações: os que me possibilitam guardar o que gosto, por exemplo, as obras de Ariano Suassuna: O Auto da Compadecida e A Pedra do Reino. Ariano, poeta, romancista, ficcionista, professor e dramaturgo é símbolo que revela, em suas obras, debates filosóficos, poética popular e a literatura de cordel. Conjuga várias facetas em que sintetiza, através do seu habitat, todo o mundo, a partir dos sertões nordestinos, mostrando como ao popular e o vulgo fazem bem à cultura brasileira.

Assim, como no poeta Suassuna, o tempo não me envelhece em relação aos meus interesses, pois, acredito ser benfazejo olhar “aquele momento” das emoções e dos marcos que traduzem a vida.

Guardo as histórias para permanecer nas mudanças que mexem, constroem e refletem as nossas raízes. Guardo datas, fatos e instantes, não no sentido de esconder, sim, para obter respostas e formas para chegar a minha conclusão. Minha maneira de compreender o mundo, interpretar as lembranças como verdades cotidianas, onde os sentimentos são guardados pela relevância em minha vida. Para Sérgio Cohn, “é isto / o que nos precipita / numa perspectiva afetuosa / de tudo // é isto - / o amor mínimo / que as coisas nos doam”.

Considero que todos os guardados ocupam lugar na realidade, onde percebo as convicções tresloucadas como perspectiva e continuidade. Na medida com que misturo o passado e o presente, valorizo as ideias e as culturas que me representam no viver.

Data : 09/04/2017

Título : Há liberdade?

Categoria: Crônicas

Descrição: Há liberdade em nossos dias?

Há liberdade em nossos dias? Ou é no movimento livre que o Sol nasce para moldar as formas das sombras. Para Carlos Drummond de Andrade, “O bom é... flutuação sem rumo a não ser do vento, em barco sem barqueiro”. Invertemos a perspectiva e descobrimos novo jeito de somar forças e disputar opiniões, para encontrar na diferença de pensar a liberdade como definição, solução e realização.

Há vários caminhos para buscar a liberdade, e a palavra é das vias mais importantes, porque é de mão dupla: de um lado a palavra é a fala, aquela que desenvolve a imaginação e, do outro, a significação que cada um atribui à palavra. Mário Chamie reflete, “... e o peso da palavra, / que, mal falada, / não dizia / o que dizendo, calava”.

Há liberdade no risco que desliza na tela unindo céu e mar; no papel que expressa a pedra iluminada; na imaginação que desperta o sonho e os sentidos que nos definem. Ela renova o querer, a essência e a palavra na sua irradiação. É tudo o que temos, sem ela seríamos estátuas: obscuridade sem destino, sem lucidez, sem cor e sem a hora do momento. Cada um atribui significado diverso à liberdade, baseado em nossas decisões como imagem construída sobre a história. Oscar Niemeyer expressa, “A beleza precisa ser inventada”; Fernando Pessoa, “Viver não é necessário, o que é necessário é criar” e Mia Couto, “Viver? Ora, viver é cumprir os sonhos, esperar notícias”. Não se pode ignorar a dimensão emocional das definições sobre a liberdade e de suas fantasias sobre os desejos e ansiedades.

Há verdade no caminho que nos leva à liberdade de gritar os nomes; sorrir; mergulhar no voo da brisa e, assim, vivermos os dias entre a luz e o destino. Sobre o tema, encontro significados nas obras, Palavra Engajada, de Ronaldo Cagiano e, Poucas Palavras, de Pedro Du Bois, em que eles expressam a liberdade, transformada em inspiração, que ultrapassa as fronteiras do cotidiano.

Há a decisão para nos reconhecermos como autores de nossas vidas; assim alcançamos a liberdade que nos encoraja a recolher os pedaços dos conflitos em meio aos domínios e que nos permitem sair da nossa (in)apropriada sombra. É o coração que guarda a liberdade, memorizada no mistério dos sentimentos. Nas palavras de Oscar Wilde, “A vantagem das emoções é que elas nos / desencaminham”.

Há a liberdade que nos contagia, sobre a qual o dia desliza. Há nossa voz como folhas ao vento. Há a palavra que nos completa. Há a luz para enfrentar as sombras, onde a nossa consciência se espalha. Há lembranças no avesso das nossas vozes, como algo

além da paisagem, da promessa e da conversa. Foed Castro Chamma escreve, “... onde habita a voz o encanto habita...”. Encontro a liberdade em Concerto A Quatro Vozes, coletânea poética; em Adriano Espíndola, com A Voz do Urbe; com Antônio Cícero n’A Voz de Eros; em Marco Luchesi, com A Voz do Deserto e, também, em Salgado Maranhão, com A Voz Solar.

Ao encontrarmos a nossa voz, passamos a viver para sermos protagonistas e para sentirmos o amanhã na antecipação das imagens; não mais fugimos à responsabilidade por ela imposta; não mais nos impedimos às mudanças. Em cada pulsação nos permitimos recomeçar a vida em liberdade, onde podemos protagonizar o nosso enredo.

Data : 19/10/2016

Título : HÁ LIBERDADE?

Categoria: Crônicas

Descrição: Há liberdade em nossos dias? Ou é no movimento livre que o Sol nasce para moldar as formas das sombras. Para Carlos Drummond de Andrade...

Há liberdade em nossos dias? Ou é no movimento livre que o Sol nasce para moldar as formas das sombras. Para Carlos Drummond de Andrade, “O bom é... flutuação sem rumo a não ser do vento, em barco sem barqueiro”. Invertemos a perspectiva e descobrimos novo jeito de somar as forças e disputar as opiniões, para encontrar na diferença do pensar a liberdade como definição, solução e realização.

Há vários caminhos para buscar a liberdade, e a palavra é das vias mais importantes, porque é de mão dupla: de um lado a palavra é a fala, aquela que desenvolve a imaginação e, do outro, a significação que cada um atribui à palavra. Mário Chamie reflete, “... e o peso da palavra, / que, mal falada, / não dizia / o que dizendo, calava”.

Há liberdade no risco que desliza na tela unindo céu e mar; no papel que expressa a pedra iluminada; na imaginação que desperta o sonho e os sentidos que nos definem. Ela renova o querer, a essência e a palavra na sua irradiação. É tudo o que temos, sem ela seríamos estátuas: a obscuridade sem destino, sem lucidez, sem cor e sem a hora do momento. Cada um atribui significado diverso à liberdade, baseado em nossas decisões como imagem construída sobre a história. Oscar Niemayer expressa “A beleza precisa ser inventada”; Fernando Pessoa, “Viver não é necessário, o que é necessário é criar” e Mia Couto, “Viver? Ora, viver é cumprir os sonhos, esperar notícias”. Não podemos ignorar a dimensão emocional das definições sobre a liberdade e das suas fantasias sobre os desejos e ansiedades.

Há verdade como caminho a nos levar à liberdade de gritar os nomes; sorrir; mergulhar no voo da brisa e, assim, vivermos os dias entre a luz e o destino. Sobre o tema, encontro significados nas obras, Palavra Engajada, de Ronaldo Cagiano e, Poucas Palavras, de Pedro Du Bois, em que eles expressam a liberdade, transformada em inspiração, que ultrapassa as fronteiras do cotidiano.

Há a decisão tomada para nos reconhecermos como autores de nossas vidas; assim alcançamos a liberdade que nos encoraja a recolher os pedaços dos conflitos em meio aos domínios e que nos permitem de sair da nossa (in)apropriada sombra. É o coração que guarda a liberdade, memorizada no mistério dos sentimentos. Nas palavras de Oscar Wilde, “A vantagem das emoções é que elas nos / desencaminham”.

Há a liberdade que nos contagia, sobre a qual o dia desliza. Há nossa voz como folhas ao vento. Há a palavra que nos completa. Há a luz para enfrentar as sombras, onde a nossa consciência se espalha. Há lembranças no avesso das nossas vozes, como algo além da paisagem, da promessa e da conversa. Foed Castro Chamma escreve, “... onde habita a voz o encanto habita...”. Encontro a liberdade em Concerto A Quatro Vozes, coletânea poética; em Adriano Espíndola, com A Voz do Urbe; com Antônio Cícero n’A Voz de Eros; em Marco Luchesi, com A Voz do Deserto e, também, em Salgado Maranhão, com A Voz Solar.

Ao encontrarmos a nossa voz, evadimos de nós mesmos e passamos a viver para sermos protagonistas e para sentirmos o amanhã na antecipação das imagens; não mais fugimos às responsabilidades por ela impostas, pois, não mais nos impedimos às mudanças. Em cada pulsação a liberdade nos permite recomeçar a vida onde podemos protagonizar o nosso enredo.

Data : 19/10/2016

Título : HÁ TEMPO para a LITERATURA?

Categoria: Crônicas

Descrição: Vale perguntar se no cotidiano, com tantos compromissos, há tempo para a literatura? É preocupação marcante para as letras e...

Vale perguntar se no cotidiano, com tantos compromissos, há tempo para a literatura? É preocupação marcante para as letras e a vida cultural definirmos um tempo para a literatura, para que a criação possa continuar sendo revelada e desvelada por nós leitores. Tal certeza nos leva a fazer melhor o dia atual do que o anterior, porque rompemos a limitação sobre as maneiras de (con)viver. Assim, em Agostinho Both, “Acredito, não sei... se por influência de boas leituras e conversas, que o homem pode ser um pouco mais feliz no seu dia a dia, se for capaz de pensar sobre tudo o que acontece, tirar suas decisões e pôr-se em ação...”

Ao semearmos o ideal e o benefício da leitura cultural encontramos palavras, autores, ideias e ideais como desejo de ultrapassar os limites da imaginação, onde a vida cresce diuturnamente, como na canção O Tempo Não Para de Cazuza.

O tempo passa e as obras literárias continuam marcando lembranças e descobertas. Ainda na visão de Agostinho Both, “tenho dó de mim quando jovem e também dos jovens que passam por mim. Devoram a vida sem poesia”.

Quando lemos, dialogamos com o tempo, pois, recorremos à trajetória da curiosidade ao nos propor reflexões sobre as mudanças efetivas. Exemplifico: Por que Leminski é dos poetas mais lidos nos últimos tempos? Como José Saramago se tornou internacionalmente um dos nomes fundamentais nas letras? E, que dizer de Chico Buarque que, nos anos sessenta, para fugir da censura, foi obrigado a usar dois pseudônimos: Leonel Piva e Julinho da Adelaide? Anote-se que, quando descoberto o estratagema de Chico, a censura passou a exigir o RG dos compositores.

O significado da literatura é explicado por Joel Rufino no livro Quem Ama Literatura, Não Estuda Literatura, onde apresenta tentativas de repensar, através da ciência e da técnica, se a literatura é abordada como disciplina ou indisciplina.

O tempo traz mudanças: livro em papel ou digital? Mas, mesmo assim, para os amantes da literatura, a preocupação é a mesma: ler. Seja em tela ou papel. Ação que provoca e proporciona o prazer, muitas vezes inexplicável, de sorrir quando há tempo para a literatura.

Acredito que, o tempo e a tecnologia nos aproximam da literatura; através da internet podemos lembrar, conversar sobre obras e escritores em suas validades, a qualquer hora; juntar o passado e o presente que completam o cenário cultural, mesmo diante dos questionamentos sobre a realização e o processo de criação. Misturar palavras e expressões; o significado e o significante levam a avaliar o passado, entender o presente e preparar o futuro para preservar o tempo para a literatura. Agostinho Both expressa, “... leu que só leu Érico Veríssimo e Guimarães Rosa. Entendeu o quanto ainda era pequena sua conversa e o pouco tamanho que tinha sua alma”.

Data : 25/04/2017

Título : HÁBITOS

Categoria: Crônicas

Descrição: Hábitos são recursos em que somos capazes de nos amarrar quando transmitimos a importância do efeito, do feito, ...

Hábitos são recursos em que somos capazes de nos amarrar quando transmitimos a importância do efeito, do feito, da complexidade da rotina e do movimento do presente, representados e reconhecidos em atitudes. Rubens Jardim demonstra que “Mudamos de rua, / mas não mudamos de hábito.



//... e lá dentro tudo continua... / igual. O que é preciso fazer para desvencilhar-se de si mesmo?”.

Quantas perdas sentimos quando impomos nossos hábitos na vida dos outros, numa amarração sem cabimento?

Giuseppe Ungaretti responde, “Cada instante meu / já vivido /outra vez / numa época profunda... // Desperto-me banhado /de caras coisas conhecidas / surpreendido / e aliviado...”.

Somos amarrados em hábitos que nos revelam e prejudicam e, talvez, a terceiros, por não desbravarmos caminhos e nem expressarmos mudanças e, ainda, por os incorporarmos ao cotidiano como marca pessoal. Em Luiz Otávio Oliani encontro que “a mesmice das coisas / no mesmo lugar //chinelos / livros na estante / óculos // escritório / afazeres...”.

Conforme conseguimos desamararrar as facetas habituais, ao longo do tempo, sentimos o “choque” incoerente e inconsequente, que pode se tornar o inverso, como o “fio condutor” ligando as atitudes nos múltiplos fatores da mesma realidade.

Perseverança é a palavra chave em termos de chance para desamararrar-nos das restrições na formação de maus hábitos. Evoluímos para que as mudanças se destaquem em processo consciente, satisfatório e contínuo. Nas palavras de Maiakóvski, “... desculpe a liberdade / obrigado... / Não se incomode... / Estou à vontade. // O meu trabalho / a todo /outro trabalho / é igual”.

Data : 12/12/2018

Título : HARMONIZAR O VIVER

Categoria: Crônicas

Descrição: Vivo pelo encantamento e diversidade expressada pelas pessoas que fazem mágicas para mostrar seus interiores ...

Vivo pelo encantamento e diversidade expressada pelas pessoas que fazem mágicas para mostrar seus interiores; demonstram seus eu na busca de incentivos que harmonizem suas vidas. Lindolf Bell reflete, “A vida me delega tarefas / e me dá medos / E desconfiança / destes merecimentos”.

Questiono quantas seriam as horas agradáveis que nos fazem relaxar? Relaxar é essencial para nos manter ritmados com a labuta, sem contar que nos ajuda a lidar com o momento presente da correria diária.

Gosto de pensar na sensação do bem estar que, no fundo, é viver o momento especial e perfeito. Mas, é preciso recriar a vida com interesse no que melhor foi feito no passado. Experimentar coisas e situações diferentes; dar valor ao que realmente

importa. Nas palavras de Lindof Bell, “... de saber / apenas sei / de quantas palavras / se faz a canoa de afetos. / Embora caminhe torto / por sonhos retos...”

Quem um dia ao acordar não planejou mudar de vida? Essa pausa para a reflexão nos leva a reconhecer a ação da reação, como: por que não criticar ou discutir com quem está certo, mas com menos cobrança? Tendemos a julgar o outro, quando não aceitamos tal comportamento. Seria o que não aceitamos em nós mesmos? Zeca Baleiro declarou, “ninguém é isento à crítica... Mas tem gente que se coloca em lugar de juiz da música brasileira”.

Na vida todos têm uma história para contar, porque sentem a necessidade de harmonizar o viver e de compartilhar sentimentos com as pessoas. O detalhe é que pensamos e agimos dentro da nossa verdade, por ser da nossa natureza os relacionamentos, para não ficarmos presos ao passado que não podemos modificar. Mas, ao conhecê-lo podemos mudar e melhorar o futuro e, assim, nos abrir em nova mentalidade, capaz de aceitar o diferente, para depois, com certeza, harmonizar o viver. Como em Lindolf Bell, “... Pois menos que o meu sonho não posso ser”.

Harmonizar o viver é reforçar o ponto de vista; mesmo julgando as ideias ultrapassadas, podemos aceitar a opinião alheia sem mexer com a nossa integridade. Recorro ao amor e à paciência para alcançar as transformações interiores e suportar conviver com o caos externo – preocupação constante – e, ainda assim, chegar a um significativo relaxar para vencer os medos, as angústias e perseguir os desejos. Segundo Bell, “Se não for sonho / não vale a pena viver / Pois de sonho em sonho / aprende-se a ser...”

Tenho consciência das minhas ações e isto me torna única e me faz especial aos olhos da vida, pois, é meu caminho para a mudança. Nem sempre é fácil, mas podemos em cada sorriso encontrar a harmonia do viver.

Data : 26/05/2020

Título : HISTÓRIA

Categoria: Crônicas

Descrição: A história foca no vírus que está contracenando conosco diariamente.

A história foca no vírus que está contracenando conosco diariamente. Diante da situação estamos confinados, mas podemos sincronizá-lo com os nossos desejos: primeiro, libertar-nos da ansiedade e do medo; segundo, inovarmos as horas para ajudar o próximo à distância; terceiro, recriarmos e revivermos as nossas histórias através dos sentimentos, lutas e inspirações. Como em Mário Faustino, “... Sinto que o mês presente me assassina, / Há luto nas rosáceas desta aurora, / Há sinos de ironia em cada hora...”.

Sempre que lembramos as histórias, vivenciamos a experiência em que assumimos o papel necessário, que nos faz refletir enquanto aguardamos o amanhã.

A nossa história se desenvolve através do diálogo, incluindo momentos que, às vezes, respondem as dúvidas em que nossos limites são testados e aumentam o nosso nível de poder para enfrentar o desafio do Covid-19. Mário Faustino traduz, "... quero dar / Teu nome à dor sem nome deste dia / Sem sol, / céu sem furor, praia sem mar, / Escuma da alma à beira da agonia...".

Hoje a história se revela em cenário de noites numéricas de mortos e infectados. É assustador! Nossas mentes preenchidas com imagens e atitudes negativas, quase sem retorno.

Através da história, sabemos que nada é definitivo e a nós resta compreender e enfrentar a realidade, imprevisível em função de como será o amanhã. Também, para encontrarmos o sentido ao rever a maneira de encarar os desafios nos desdobramentos vivenciais ora devastados pela pandemia. Luciano Maia revela, "... Hoje, a razão me impede aquele dia. / Meu país era um nome, uma esperança...".

Data : 27/09/2018

Título : HOJE

Categoria: Crônicas

Por definição, o hoje se instaura quando estamos demasiadamente dispostos a não nos espantar com a realidade, mas, tentar compreendê-la melhor do que ontem. Essa vivência forma estranhos sentidos, tornando misterioso o hoje; para Ana Maria Lopes, "... Ontem //... A memória dorme cedo / assegurando ao segredo / fixar seu limite // Meu corpo insiste / em seu calar honesto / Daqui / não vejo o mar...".

Perguntamo-nos, para onde foram as cores do dia que se perderam no espaço; a flor da hora atravessada no tempo ao transbordar o dia exato? Não progredimos ao proibir palavras, como se vivêssemos de única palavra. Ana Maria Lopes expressa, "... São pontas de um tempo / que não reconhece futuro / e o passado é apenas / a geometria do escuro..."

Como argumentar que a vida é irredutível quando se propaga pelos campos no viver somente o hoje? Essa misteriosa questão faz com que interpretemos o presente em suas conotações e extrapolações. O que nos pode explicar porque nos referimos à crítica na necessidade para pensarmos o tempo como linguagem imediata, que nos manipula no esperar o dia seguinte.

É maneira para conversar conosco mesmos no refletirmos sobre a passagem do dia, analisando e revendo nosso posicionamento frente à decisão tomada, nos arquitetando e fortalecendo para o amanhã. Como em Ana Maria Lopes, "Ando longamente pelos caminhos da memória / São tortuosos e sempre perco / Há muitas trilhas e desvãos e devaneios. // Perdi o rumo ou foi a lembrança / que fechou o cerco?"

Confesso ser processo de conversão com a repetição dos ritmos do tempo, onde nos fiamos apenas nas apresentações, com traço marcando o dia de hoje. Maneira, sem dúvida, de haver constância e relutância no reiniciar o que vimos fazer hoje: aprender a lidar com as críticas como dimensão das nossas reflexões; fórmulas e definições antes das preocupações que emergem das palavras na concepção para viver o hoje. Espantados, inertes, indiferentes ou assustados por lamentarmos o dia que não nos fortalece, ao contrário, faz com que pareçamos frágeis para sobreviver ao dia de hoje no mundo real. Moacir Araldi questiona, “O dia de hoje está disponível. Quer usá-lo para ser feliz?”.

Data : 18/02/2015

Título : HOMEM

Categoria: Crônicas

Descrição: Na vida do homem sempre há bons momentos de lazer e entretenimento, aliados à arte, cultura e história.

Na vida do homem sempre há bons momentos de lazer e entretenimento, aliados à arte, cultura e história. O homem acredita nessa proposta e tenta ser organismo vivo que abrigue ideias e pensamentos na forma de obras intelectuais.

Essa classificação, por muitas vezes, torna-se contraditória no mundo moderno, porque esse mundo marginaliza a poesia como reflexão. Ao refletirmos, nos deparamos com o homem transcendendo a sua limitação, num tempo em que a objetividade é meta calcada sobre a sua relação com a modernidade. Nas palavras de Orides Fontela “... tecem-se tempos / para um só ato / infindo”.

A arte calcada na vida resgata o homem como agente do seu contexto vivencial. Eis o momento para conhecer e se reconhecer nas manifestações artísticas, como disse Oswald de Andrade, “A poesia existe nos fatos... fatos estéticos”.

Letícia Raimundi Ferreira lembra que “Na poesia, pois, a ênfase na presença da linguagem se faz através das figuras e estas, em função estética, marcam a presença irreal das coisas”.

A arte e o bom gosto são para todos os sentidos. Como se lê na poesia, a vida do homem é constante renovar-se, inserindo-se historicamente na existência.

O poema é algo que traduz beleza estética e única sobre o momento. “O homem nasce e se constitui como indivíduo dimensionado pelo ambiente que lhe é peculiar,” segundo Telenia Hill. As palavras enriquecem a significação, como demonstra Joaquim Cardozo no poema, “Homens de todas as jornadas; Chegaram e a chegar prosseguem: / Agora juntos se agasalham / Na mesma pele de silêncio, / contemplando as portas abertas. //.. / Cruzam o limiar trazendo / Poeiras de azul e de horizonte / Nos pés culpados

de caminhos. / ... Homens de todos os passados, / Surdo silêncio de si mesmo, / Vazios sons da pedra escutam: / Quietos rumores, choro da infância, / Riso de puras esperanças,..."

O poema como obra de arte é síntese composta do pensar sobre a vida; ao ler uma obra literária é necessário refletir e discutir sobre as impressões deixadas pelo novo, porque o homem, em largo espaço da sua existência, está sempre em busca do derradeiro sentido da vida. Por isso, vaga na solidão das suas verdades, preso aos sentidos de suas ações, que o atingem até o indecifrável mistério da morte.

Data : 19/10/2016

Título :       HOMEM (no TEMPO)

Categoria:   Crônicas

Descrição:   Na vida do homem sempre há bons momentos de lazer e entretenimento, aliados à arte, cultura e história. O homem acredita nessa proposta e...

Na vida do homem sempre há bons momentos de lazer e entretenimento, aliados à arte, cultura e história. O homem acredita nessa proposta e tenta ser organismo vivo que abrigue ideias e pensamentos na forma de obras intelectuais.

Essa classificação, por muitas vezes, torna-se contraditória no mundo moderno, porque esse mundo marginaliza a poesia como reflexão. Ao refletirmos, nos deparamos com o homem transcendendo a sua limitação, num tempo em que a objetividade é meta calcada sobre a sua relação com a modernidade. Nas palavras de Orides Fontela "... tecem-se tempos / para um só ato / infindo".

A arte calcada na vida resgata o homem como agente do seu contexto vivencial. Eis o momento para conhecer e se reconhecer nas manifestações artísticas, como disse Oswald de Andrade, "A poesia existe nos fatos... fatos estéticos". Letícia Raimundi Ferreira lembra que "Na poesia, pois, a ênfase na presença da linguagem se faz através das figuras e estas, em função estética, marcam a presença irreal das coisas".

A arte e o bom gosto são para todos os sentidos. Como se lê na poesia, a vida do homem é constante renovar-se, inserindo-se historicamente na existência.

O poema é algo que traduz beleza estética e única sobre o momento. "O homem nasce e se constitui como indivíduo dimensionado pelo ambiente que lhe é peculiar," segundo Telenia Hill. As palavras enriquecem a significação, como demonstra Joaquim Cardozo no poema, "Homens de todas as jornadas; Chegaram e a chegar prosseguem: / Agora juntos se agasalham / Na mesma pele de silêncio, / contemplando as portas abertas. ////... Cruzam o limiar trazendo / Poeiras de azul e de horizonte / Nos pés culpados de caminhos. /... Homens de todos os passados, / Surdo silêncio de si mesmo, / Vazios sons da pedra escutam: / Quietos rumores, choro da infância, / Riso de puras esperanças,..."

O poema como obra de arte é síntese composta do pensar sobre a vida; ao ler uma obra literária é necessário refletir e discutir sobre as impressões deixadas pelo novo, porque o homem, em largo espaço da sua existência, está sempre em busca do derradeiro sentido da vida. Por isso, vaga na solidão das suas verdades, preso aos sentidos de suas ações, que o atingem até o indecifrável mistério da morte.

Data : 13/03/2013

Título : HORAS GASTAS

Categoria: Crônicas

Descrição: Horas gastas é a arte de esquecer, é memória emotiva, aquela que se preocupa apenas em lembrar o que interessa como o essencial para viver.

"...Onde os fantasmas que calavam /...e as coisas que as horas gastavam?..."

(Lúcia Fonseca)

Horas gastas é a arte de esquecer, é memória emotiva, aquela que se preocupa apenas em lembrar o que interessa como o essencial para viver. É preciso refletir para lembrar, identificar e imaginar. Nada mais apropriado do que a arte de ler, exercício que estimula a imaginação, sem gastar as horas. Segundo Orides Fontela, "Memória // A cicatriz, talvez / indelével // o sangue / agora / estigma."

O grande desafio é permitir-se reconhecer no encontro com o pensamento. Na arte de pensar, partilhar experiências e escolhas é como ter um dia feliz depois do outro. Ao concentrar-se, manter a expressão, o sonho e a lembrança no melhor despertar. A arte de pensar embala o tempo, reproduz a memória e mantém o poder de encantamento, como em Nilto Maciel, "...Não, talvez não fosse bem assim. De dia, os olhos viam o mundo / e o mundo existia. De noite, os olhos e dentro viam o mundo, / porém um outro mundo..."

Passar as horas, acompanhado da leitura de Carlos Higgie, faz despertar o pensamento no coração e torna o leitor um interessado nas paisagens da beleza do amor, da vida e dos valores éticos. Coloca-o em sinergia com a memória. Deixa a imaginação ir e vir espontaneamente, fazendo com que se entregue de corpo e alma ao texto, sentindo o prazer tomar conta do tempo, "...Num voo de pássaro e retornando para o passado, para seu passado próximo, sentia que sempre, apesar das atitudes, tinha sido igual. Certas características da sua personalidade a acompanhavam desde os primeiros momentos. Porém, sempre existe um momento crucial, fatal, um instante marcante em que a verdadeira personalidade se apossa das versões fáceis e falsas. Quando as máscaras caem e se fazem pó, aparece a verdadeira..."

Horas corridas indicam que viver o dia a dia com intensidade significa lembrar cada minuto como se fosse único, revelando segredos e desenvolvendo o repertório em

detalhes, podendo confiar na memória como despertado senso crítico. Nas palavras de Carlos Higgie, "... Seus muitos anos, trabalhados, suados, sofridos, não entendem. Algo que não pode ser explicado, algo absurdo, sem nexos, perturbador cruelmente trágico, algo que ele não pensou em viver e sofrer. Ele não entende. Ele não sabe. Ele quer respostas e sequer tem as perguntas." Isto é, horas gastas representam a arte de esquecer. Ganhar as horas e não gastar as horas é contar com a capacidade de lembrar os fatos, datas e valorizar a iniciativa potencial em cada passo e nas ações das pessoas. Considero as horas gastas como dia especial, importante, onde vejo a comemoração da passagem do passado com o presente e, ainda, percebo o quanto ganho em viver, como disse Giuseppe Ungaretti, "Ali chega o poeta / e depois regressa à luz com seus cantos / e os dispersa..."

Data : 19/10/2016

Título : HORAS GASTAS

Categoria: Crônicas

Descrição: "... Onde os fantasmas que calavam //... e as coisas que as horas gastavam?..."

"... Onde os fantasmas que calavam //... e  
as coisas que as horas gastavam?..."

(Lúcia Fonseca)

Horas gastas, é a arte de esquecer, é memória emotiva, aquela que se preocupa apenas em lembrar o que interessa como o essencial para viver. É preciso refletir para lembrar, identificar e imaginar. Nada mais apropriado do que a arte de ler, exercício que estimula a imaginação, sem gastar as horas. Segundo Orides Fontela, "Memória // A cicatriz, talvez / indelével // o sangue / agora / estigma."

O desafio é permitir-se reconhecer no encontro com o pensamento, ao partilhar experiências e escolhas para ter um dia feliz depois do outro. Ao concentrar-se, manter a expressão, o sonho e a lembrança para melhorar o despertar. A arte de pensar embala o tempo, reproduz a memória e mantém o poder de encorajamento, como em Getúlio Zauza, "... Infinito é o caminho a percorrer / É de cada vida o tempo limitado / tanto é o que se tem para aprender / que cada momento deve ser aproveitado..."

Passar as horas, acompanhado da leitura de Carlos Higgie, faz despertar o coração ao tornar o leitor um interessado nas paisagens da beleza do amor, da vida e dos valores éticos. Coloca-o em sinergia com a memória, fazendo com que se entregue

de corpo e alma ao texto, sentindo o prazer tomar conta do tempo, "... Num voo de pássaro e retornando para o passado,... sentia que sempre, apesar das atitudes, tinha sido igual. Certas características da sua personalidade a acompanhavam desde os primeiros momentos. Porém, sempre existe um momento crucial, fatal, um instante marcante em que a verdadeira personalidade se apossa das versões fáceis e falsas. Quando as máscaras caem e se fazem pó, aparece a verdadeira..."

Horas corridas indicam viver o dia a dia com intensidade para lembrar cada minuto como se fosse único, revelando segredos e desenvolvendo o repertório em detalhes, podendo confiar na memória com despertado senso crítico. Nas palavras de Carlos Higgie, "... Seus muitos anos, trabalhados, suados, sofridos, não entendem. Algo que não pode ser explicado, algo absurdo, sem nexos, perturbador cruelmente trágico, algo que ele não pensou em viver e sofrer. Ele não entende. Ele não sabe. Ele quer respostas e sequer tem as perguntas." Isto é, horas gastas representam a arte de esquecer. Ganhar as horas e não gastar as horas é contar com a capacidade de lembrar os fatos, datas e valorizar a iniciativa potencial em cada passo e nas ações das pessoas. Considero as horas gastas como dia especial, importante, onde vejo a comemoração da passagem do passado com o presente e, ainda, percebo o quanto ganho em viver, como em Craci Dinarte, "Quando o sonho se fizer amor;... tocar o teu corpo / numa carícia suave, / lembra-te de mim!"

Data : 30/03/2015

Título : HORIZONTE

Categoria: Crônicas

Descrição: Falar das mães é mergulhar e passear num mundo onde as imagens e as histórias inspiram e surpreendem, pela personalidade e estilo de liderança que elas apresentam...

Falar das mães é mergulhar e passear num mundo onde as imagens e as histórias inspiram e surpreendem, pela personalidade e estilo de liderança que elas apresentam: tocam suas vidas, o cotidiano e ainda cuidam das famílias. Nas palavras de Ronaldo Monte; "... um azul luminoso, um vento generoso e um espelho de mar ávido de horizontes... Mas, nossos passos andam alheios a qualquer destino..."

Como a mãe Lenita, que lembro andando pela cidade e que me leva a pensar nas voltas que a vida dá. Ontem, cuidava dos filhos. Hoje, os filhos cuidam dela. Em nove décadas ela acompanhou as mudanças e os ajudou a entender o que era importante e, no seu papel de mãe, mostrou coragem e amor; inspiração e emoção; vontade de ensinar e aprender, como valores para mudar um dia de cada vez e reconhecer o espaço em diferentes esferas da vida.

Aos 96 anos, passa seu tempo experimentando sabores e provocando reações que transformam seus dias. Num dia chuvoso, o seu aniversário. No outro dia, em sua



cadeira de rodas, senta-se junto à janela e ao olhar para a rua, indaga: “Observo a quantidade de carros que passam; de onde vem? Para onde vão?”. Presa em seu tempo, imagina as vidas que passam em cada sinal aberto ou fechado, como se olhasse no espelho as vidas desconhecidas. Conscientemente, sofre por que o corpo não a ajuda, nem mais acompanha a sua vontade; apenas reflete sobre novas experiências. Porém, com o Sol radiante, ouvindo Oswaldo Montenegro e Martinho da Vila, diz o quanto gosta da boa música e como arquiteta o seu pensamento na medida do tempo.

Um dia depois do seu aniversário de 96 anos, espia a esperança diante da janela que se tornou o seu mundo, seu vínculo de sobrevivência. Serena e perfumada, admirada com o que vê, pensa em Deus e agradece pela vida. Hermenegildo Bastos escreveu que “...a cada contrário,/“mas amo por amar que é liberdade.”//por todos os sons,/ encravados no tempo. //roucas as vozes, / horizonte elástico....”

Eu, na minha impotência, apenas a ajudo com palavras e sorrisos, com o que penso aumentar um pouco o seu horizonte, assim como, com a leitura que lhe fiz dos poemas de Hermenegildo Bastos, “Sonhar é o homem. contra./contra si próprio./mas somos humanos./é que nos invadimos...”;- “... e nós?/ quem somos? / arremessamo-nos à rocha. // entre a ferida e a beleza. / arrojamo-nos...”; - “... a história é o limite, /e somos, e a revolta.//vestidos de tempo./ e o tempo, uma caixa se abrindo...”.

A sua expressão de satisfação transforma os nossos horizontes. Ela reage como se fosse um novo dia; nova sensação em cada som e no vento que a cerca. A saudade e a lembrança refletem o seu horizonte, como nas palavras de seu filho Pedro Du Bois, “Penso no que me acalenta / minha mãe / como imagino tenha sido/no início da minha infância. //... Encontro em você/os sinais necessários/ao encerramento do ciclo / que começou há tempos / e se repete por inteiro”.

Questiono que o horizonte tem vários significados e está no que a pessoa alcança como significante: janela aberta, Sol brilhante, vida em movimento, chuva batendo na vidraça ou, simplesmente, o vento chegando com as palavras de T. S. Eliot, “o que poderia ter sido e o que foi / convergem para um só fim, que é sempre presente.”

Data : 27/09/2018

Título : HUBERTO MAURO: Retrato

Categoria: Crônicas

Humberto Mauro retratado como o Poeta do Cinema, foi o pioneiro do cinema brasileiro e inspirou o cinema novo. Segundo Noel Rosa, “O cinema falado / É o grande culpado / Da transformação / Dessa gente que pensa...” Ele iniciou no cinema com um curta de 5 minutos, o filme Valadião, o Cratera, em 1920. Logo depois fez dois longas metragens: “Na Primavera da Vida e Tesouro Perdido”, e o mais interessante foi que ele atuou como vilão, seu irmão Bruno como mocinho e a sua mulher, D. Bebê, como a donzela. Foi considerado o melhor filme brasileiro, pela revista Cinearte, em 1927. Dois anos

depois montou, dirigiu e fotografou o primeiro documentário, Cataguases, e produziu dois filmes dramáticos: Brasa dormida e Sangue Mineiro.

Em 1930 fez a comédia Lábios Sem Beijos, junto com Adhemar Gonzaga, que sofreu severas críticas moralistas. Três anos depois deu a volta por cima com o filme Ganga Bruta, que o consagrou como cineasta na visão de Nelson Pereira dos Santos e de Glauber Rocha, que declarou: “Mauro parece encerrar o impressionismo de Renoir; a força de Eisenstein; o humor Chaplin; a composição de Murnau”. Também produziu o musical Favela dos Meus Amores (1935), com um elenco especial: Ary Barroso, Custódio Mesquita, Silvio Caldas e Orestes Barbosa.

No ano seguinte, outro musical: “Cidade Mulher”, filme com letra e música de Noel Rosa (a música título do filme): “CIDADE MULHER, Cidade de amor e aventura / Que tem mais doçura / Que uma ilusão //... Cidade notável / Inimitável / Maior e mais bela que outra qualquer / Cidade sensível, / Irresistível, / Cidade do amor, cidade mulher...” O triste é que os dois musicais foram perdidos num incêndio, o que levou Humberto a ingressar no Instituto Nacional do Cinema Educativo, onde produziu mais de 350 documentários, entre eles: Cantos do Trabalho, que trata da cultura brasileira. Durante suas folgas, filmou a superprodução O Descobrimento do Brasil, retratando a chegada de Cabral.

Em 1974 fez seu último documentário: Carro de Bois, filmado em sua cidade natal, Volta Grande. Faleceu naquele mesmo ano.

Encantei-me com suas obras por trazerem cultura, criatividade, bom gosto, conhecimento e, ainda, por preservarem a nossa história. Documentários e musicais que até hoje são considerados obras de arte, devendo ser apreciados em cada ousadia de suas linhas e movimentos.

Luz, câmera e ação! Pura sensibilidade e emoção traduzidas em cada palavra, surpreendendo-nos com seu estilo transformador e renovador. Humberto deixou sua marca para que pudéssemos vivenciar o seu mundo de fantasias – verdadeiro universo de bem estar; e como disse o nosso poeta Vinícius de Moraes, “O cinema é infinito – não se mede / Não tem passado nem futuro. Cada / Imagem só existe interligada / À que o antecedeu a à que a sucede.”

Data : 09/09/2013

Título : IGUAIS

Categoria: Crônicas

Descrição: Em Pedro Du Bois a criatividade do poeta se alia à originalidade do tema, como a arte que o caracteriza em Iguais, sua reflexão sobre a realidade em suas passagens que, em boa hora, torna-se acessível ao leitor.

IGUAIS

Em Pedro Du Bois a criatividade do poeta se alia à originalidade do tema, como a arte que o caracteriza em Iguais, sua reflexão sobre a realidade em suas passagens que, em boa hora, torna-se acessível ao leitor.

Os poemas são traçados e retraçados diante dos olhos da igualdade entre os seres. O autor foi buscar nos Iguais a sua linha condutora: “A igualdade é pressuposto das diferenças. Doentia / forma de desconhecimento. Arma / e arremesso. Corpo anteposto / ao dia anterior: juventude / e infância. Infâmia / concretada. // Iguais em si mesmos almejam / o dia da chegada. // E ainda não / foram até a porta”.

A obra de Du Bois tem a ver com as observações sobre o que é social e, objetivamente, específico na criação poética e na crítica, o que dá à palavra a original pluralidade de seus significados. Descreve a problemática da igualdade versus desigualdade, como limites que separam o Ser e a verdade, e da aparência, como sombras da realidade, onde lemos que “O mágico contraste: luzes e sombras / alternadas em sombras e luzes. // Minha prédica observa / o dizer do acaso. // Somos iguais gritam as luzes / e as sombras me defendem / da indiferença”.

A percepção de Pedro mostra as características da sociedade para o social e as diversas faces da realidade, que se mesclam em relações e mudanças. O autor lança luzes sobre a paisagem dos Iguais, com o propósito de buscar ou esperar pelo direito da igualdade entre as pessoas. Aborda o tema como se fossem conversas sobre a destinação das ações e pensamentos em contínua reflexão sobre a pessoa no mundo; sobre o que fazer quando as luzes da razão iluminam os Iguais e, de alguma maneira, transmite ao leitor o mundo em nível de (des)igualdade, como criação, como faz notar, “... Iguais em reconhecimentos / transfiguro a noite em luzes / refletidas na inconsolável perda / da pessoa amada. / Amo // o intervalo entre os dias / do instante despercebido”.

A obra determina, através dos poemas, duas realizações: igualdade versus desigualdade, que são importantes e marcam a integração (e a interação) entre as pessoas, descrevendo de forma poderosa as dores do mundo.

Pedro procura traçar um fio de esperança com sua insistência em pensar Iguais, ao repensar o tempo como efeito projetado da história. Seguramente, os poemas desvendam a igualdade como consciência, natureza e significado histórico na importância de revelar o pensamento e as questões sobre cada escolha, ao mesmo tempo e no tempo todo, além da realidade que nos cerca. As vítimas do cotidiano são referência constante, por ele vislumbradas em Iguais, como traço essencial da condição humana, porque escreve que, “Igalado em temores sou a distração / do oráculo na concretização dos sonhos. // A brevidade: estame / estima / destino / e desatino. // Habito a efemeridade na igualdade / da sobrevivência e da memória”.

Data : 15/12/2020

Título : IMPRESSÕES DE LUZ: ARTE

Categoria: Crônicas

Descrição: Não importa a intensidade da luz, mas, o sentido da mesma quando expressa contato com o mundo.

Não importa a intensidade da luz, mas, o sentido da mesma quando expressa contato com o mundo. As razões para consagrar a luz tem valor semelhante ou superior aos questionamentos no nosso viver, como referências da liberdade e coragem. Isso pressupõe que nosso talento se destina as inquietações e propostas. As intenções e realizações na existência independente do palavrório com que pretendemos (nos) explicar. Mário de Andrade descreve a sua emoção ao posar para Anita Malfatti, em 1922, “Suas cores eram fantasmagorias simbólicas... Tons de cinza que era tristeza... Tons de ouro que era minha alegria milionária... Tons de fogo que eram meus ímpetos entusiásticos”.

No momento em que recriamos o caminho através da luz, estamos atentos às questões da arte com o viver. Para Rubens Gerchman, “Arte é, por natureza, a recriação do real, a concepção que o artista tem da imagem viva”. Esta concepção, no entanto, está embutida no desejo de descobrir e revelar a luz como impressão do que criar. Juarez Machado registra a sua marca no quadro Pele Pálida em Quentes Lençóis, pois, para ele “as mulheres revelam o mistério do sono, do cochilo, que estão entre o sono e a morte”, como jogo de luz.

A impressão de luz começa no momento em que surgem alternativas coloridas, quando nos vemos itinerários – quem é quem – em nova conjunção para fazermos parte do incentivo como eixo de atitudes. Tal predominância fortalece o nosso talento à custa da legitimidade da luz, como Jean-Baptista C. Carot (1796-1875) é lembrado pelo seu domínio da luz com a obra A Pequena Jeannette que, também não foge à beleza e vai ao encontro das ideias, isto é, as qualidades expressivas de cada um concentradas na sua eficácia, que não são feitas de sombras, mas, da claridade quando nos redescobrimos no (re)construir.

As luzes refletem sensações quando alcançamos o acréscimo à realidade, como a inventividade, a diversidade e o objetivo. Nas palavras de Carmen Presotto, “Quando as sombras se iluminam / em meu peito / - flores espalhadas - / abraço eterno // horizonte // que com Arte me revestes”.

Data : 25/03/2015

Título : IMPRESSÕES do AZUL

Categoria: Crônicas

Descrição: Azul do céu. Azul do mar. Brilho dos olhos azuis. Vestido azul. Pedra lápis lazoli. Amante da noite com seu luar, fico admirada ao ver os tons sobre tons que se lançam sobre a vida.

“Sou só um / a imaginar / azul / o silêncio / da aurora” (Fabrício Marques)

Azul do céu. Azul do mar. Brilho dos olhos azuis. Vestido azul. Pedra lápis lazoli. Amante da noite com seu luar, fico admirada ao ver os tons sobre tons que se lançam sobre a vida. Por razões que a razão desconhece, a cor é, absolutamente, equivalente ao estado de espírito da pessoa que escolhe. Entra em cena a ótica e o sentido próprio.

A cor azul parece se tratar, teoricamente, do encontro entre o céu e mar, onde se juntam definições poéticas, como a música Vesti Azul cantada por Wilson Simonal, “...dizendo que eu devia / vestir azul / Que azul é a cor do céu / E seu olhar também // Vesti Azul! / Minha sorte então mudou...”, e o Trem Azul de Lô Borges, Ronaldo Bastos cantado por Elis Regina.

Azul gera cor pontual que remete a tons de poesia, ao emitir a energia da arte e o brilho imponente, formando o contorno das palavras como mais uma das propostas inspiradoras dos escritores, como em Márcia Maia, o livro Um Tolo Desejo do Azul.

Sonia Regina em Tudo Azul, conta passagens da vida e da arte de Rodrigo de Souza Leão; Nilto Maciel em Luz vermelha que se azula, apresenta contos divididos em três partes: contos acolhidos, contos lembrados e contos da história.

As palavras compõem a arte literária, que por vezes, refletem a pintura capaz de interpretar personagens que atravessam os tempos. Assim como os poetas, principais personagens, que criam sobre a cor azul, espalhando os tons para ilustrar a vida. Como podemos ver em: Álvaro Moreyra, “A tristeza vem do azul da distância”; Ailton Maciel, “Minha mãe quando te vejo / No campo azul florestal / Entre um canto e um voejo / Do meu soluço lírio...”; Teresinka Pereira, “Ainda há / ondas no mar/ azul no céu / esperança no destino / e o silêncio na pedra./ Continuamos vivendo / e morrendo / como sempre.”; Geraldo de Menezes, “...no vago / remanso / azul/ do lago / a névoa / se esgarça...”; João Batista, “Minha caneta sangra / Tinta azul-voleta / ...Extraído do meu peito / vindo com os versos / Que escrevo para você...” e Vera Versiani “...O azul é o mesmo / Mas há uma alegria morna no aroma do café da / tarde...”

A cor azul é deslumbrante, uma cor criativa. Ao lançar o olhar azul como marca registrada que encanta e serve como elemento determinante à inspiração do escritor, ela dá personalidade à ele, porque pode mostrar que a cor azul é vinculada ao universo onde o avesso é direito, a noite é clara, a tristeza é alegria e a luz é azul, porque posso sentir a sensação de estar no céu aberto acentuando a visão colorida da vida. Haroldo de Campos pergunta, “...o azul é puro? / o azul é pus // ...a poesia é pura?”

Data : 19/07/2017

Título : INFELICIDADE

Categoria: Crônicas

Descrição: O sentimento é frágil e sempre está à beira do abismo ...

“a casa está ruindo // Mesmo sendo de pedras /  
a in / Fe / li / ci / dade / contaminou os alicerces”.

(Eunice Arruda)

O sentimento é frágil e sempre está à beira do abismo que, por vezes, não consigo ver, porque estou fechada de tanto respirar o cotidiano. Como canta Lupicínio Rodrigues, “fazendo da tristeza o bem maior”.

Hoje não me satisfaço com os estilhaços, penso diferente e cada dia que sento à beira mar, vejo a vida como um tempo imaginário, quase o último em tudo... Sinto que não encontro os contrastes na areia da praia e sim no vento forte que me surpreende com o destino. Dante Milano, expressa “que fazer a estas horas na rua? / Que solidão é a tua? / Que faz procurar / O cenário maior, / O de uma solidão maior que a tua?”

O amargo sentimento exerce fascínio sobre mim, quando percorro a aventura das palavras e das vozes interiores, beirando a infelicidade; para Nilma Gonçalves Lacerda, “Esta hora que fica sem nome, / tanta dor ela carrega. / Somente se sabe que é / um tempo de rasgar”.

Atrevo-me a dizer que sei o significado da infelicidade, mas sinto que ela representa (constante companheira) a derradeira instância de uma compreensão insuficiente na trama imaginativa do sofrer para viver. A saudade, por exemplo, me afeta sobremaneira e não sei explicar o quanto dói. Mas dói! Nas palavras de Sonia Regina, “... Estou cravada no mundo; / numa quietude geradora parto / das ruínas / sem milagres nas mãos...”.

Quais palavras descrevem a infelicidade? Falta de amor, solidão, inverdade? Não importa o idioma em que eu fale, sempre é mágica a triste sensação do sentimento. Deixo essa magia gritar no meu coração, porque não alcanço o amor quando o vento traz as lembranças dos tempos preciosos e minha alma se despe do desamor e da esperança. No desencontro, na desilusão do sonho, não tenho mais coragem de ouvir o vento e procurar por um abraço, porque caminho de pés descalços pela areia; Claudião demonstra, “silêncio nosso amor / Está morrendo / O coração sofrendo / A dura desilusão / De te ver nas mãos / De outro / Dói em mim / Meu coração / Pois siga o teu caminho / O caminho da ilusão”.

Data : 09/06/2015

Título : INFINITO ENQUANTO DURE

Categoria: Crônicas

Descrição: Viver ou sonhar? Com essa dúvida, passo a vida sonhando. Viver e sonhar. Com essa decisão, começo a viver meus sonhos. Namorar é um sonho, uma decisão e uma felicidade.

## “INFINITO ENQUANTO DURE”

por Tânia Du Bois

para Pedro

Viver ou sonhar? Com essa dúvida, passo a vida sonhando.

Viver e sonhar. Com essa decisão, começo a viver meus sonhos. Namorar é um sonho, uma decisão e uma felicidade. Felicidade é transformar o sonho em realidade. Para amar não é necessário pensar igual, nem preencher o sonho do outro. A relação amorosa leva à imperfeição, por isso, aceito e respeito a maneira diferente de pensar, ou o modo de ser do meu namorado. Existe uma fórmula para o namoro dar certo: querer. A única certeza que tenho é que tudo deve ser planejado com muito amor.

Para mim, namorar é estar junto. É a soma do prazer do compromisso com o ficar junto. É estar muito bem acompanhada; estar de mãos dadas, sentar-se ao lado, beijar, dançar, ouvir músicas e respirar fundo. É viver no dia seguinte a alegria da vida, suspirando o quanto estou apaixonada. Namorar é uma delícia, todo mundo concorda. Fazer tudo junto cria cumplicidade, troca de carinhos, e por aí vai um mundo de coisas boas.

Eu namoro, mas a vida continua, num dia chove e no outro faz sol. Sempre estou ciente de que nem todos os momentos – felizes ou tristes – dizem respeito aos dois que ficamos grudados e sujeitos às emoções. É preciso entender a tristeza e a alegria do outro, saber compartilhar e dar espaço para cada um viver as suas particularidades. Também levo em conta o que ele está sentindo e esperando, não esquecendo que o combinado é o acertado, que o prometido deve ser cumprido. O nosso relacionamento tem por base a confiança e o respeito, a conversa com sinceridade, a consideração pelo outro, sempre levando em conta a situação que estamos vivendo.

Não só acredito como acho muito legal namorar, me faz sentir querida, desejada, linda por dentro e por fora, de bem com a vida. Digo isso, porque namoro a mesma pessoa há 40 anos e, para mim, todo o dia é dia, e toda hora é hora para ser feliz.

Como escreveu Vinícius de Moraes, “... que seja infinito enquanto dure”, no Soneto da Fidelidade: “De tudo, ao meu amor serei atento/ Antes, e com tal zelo, e sempre e tanto/Que mesmo em face do maior encanto/Dele se encante mais meu pensamento...//Eu possa me dizer do amor (que tive):/Que não seja imortal posto que é chama/Mas que seja infinito enquanto dure.”

Data : 18/03/2019

Título : INSATISFAÇÃO

Categoria: Crônicas

Descrição: A insatisfação chega mostrando sua cara feia e ...

A insatisfação chega mostrando sua cara feia e nos fazendo de bonecos, porque torcemos a cara em cada mudança do vento. Aqui, cito Henfil que fazia denúncias através de seu trabalho, geradas pela insatisfação. “Ele por uma boa ideia arriscava a perder os amigos”.

Entendo que nem tudo pode ser satisfatório no nosso tempo, que é tempo de excessos, inverdades, falcatruas e consumismo extremo. Como diziam os antigos, quanto mais temos, mais queremos ter; quanto mais sabemos, mais nos decepcionamos com o poder. É a pressão em que convivemos; vivemos em exposição de sentimentos, como se estivéssemos perpetuamente numa vitrina no centro da cidade.

Fico atenta a tal comportamento, que gera insatisfação diária e se espalha por tudo, mesmo em situações que possam ter significados efetivos. Como na charge de Henfil, em que “um menino atende a porta e, diante de um esfomeado, grita para dentro de casa: Mãe, tão pedindo sobra de esperança...”.

Sinto que nossos movimentos são limitados e censurados, fazendo-nos sentir pressionados com cargas extras de sobrevivência.

Se não temos o sonho maior do que os nossos passos e se estamos prontos para batalhar por ele, então, conseguimos espantar a insatisfação e ter muito para recolher com nossos esforços; como Henfil, que andava na contramão do sistema vigente; cartunista com voz forte entre os que gritavam pela anistia “ampla, geral e irrestrita”.

Sempre imaginei que encontraria alguém insatisfeito na vida, quando a sua saúde estivesse ruim. Engano! Vejo insatisfação em nossos dias por alguém não ter o objeto desejado. Onde fica o ser? A compreensão exige convivência, respeito ordenado pelas leis e amor ao próximo. Nossa carência vivencial é grande, então, é importante a comunicação para intervir sobre a insatisfação, para não perdermos o sentido da realidade. Henfil dizia, “fica mudando porque não tem nenhuma raiz”.

A construção da vida está em nossas raízes, espalhadas para percebermos no mundo o dia ensolarado, o horizonte e o poema. Há satisfação maior? Querer algo sério não significa que não nos divertimos. Os desafios diários nos ensinam a ser flexíveis nas transformações sociais pela dinâmica do viver; é palco de muitas possibilidades. No livro de Henfil, A Volta da Graúna, ele demonstra a vontade de transformar o mundo para sair da insatisfação; defende com unhas e dentes suas verdades, expressando em desenhos os controvertidos sentimentos humanos.

Precisamos estar prontos para vivenciar o melhor, para perseguir as escolhas com nosso estilo e tom e afugentar a insatisfação.



Data : 19/10/2016

Título : INTERPRETAÇÕES

Categoria: Crônicas

Descrição: Será que as esperanças se cruzam anonimadamente na hora da interpretação? Há sentido na hora do recomeço? Interpretar seria o andamento desacelerado em...

Será que as esperanças se cruzam anonimadamente na hora da interpretação? Há sentido na hora do recomeço? Interpretar seria o andamento desacelerado em declarações e restrições contidas nos sentidos? Nas palavras de Umberto Eco, “A leitura de obras literárias nos obriga a um exercício de fidelidade e de respeito na liberdade da interpretação”.

Na repetição das noites ouço passos e sons, ainda não marcados pela mão da cigana que talvez interprete a vida em sustos diários; ou contem as horas com diferente olhar sobre a cena.

Na interpretação é permitida a imersão dos fatos e a dispersão das sequências das vidas expostas e colocadas de outras formas e cores, fossem dois pesos e duas medidas: a vida e a interpretação de cada um.

A interpretação em movimento recupera o olhar perdido, a imaginação e o talento de cada um, como em Pedro Du Bois, “... Revejo as fotos que compõem o livro, / procuro a ideia principal naquele texto enxuto, / retiro o lacre / abro páginas ainda úmidas, / entrevejo, na história, as desditas do mundo...”

Ao elevar o pensamento interpreto os atos e os fatos com olhar crítico, consideradas as situações pessoais e profissionais; assim, interpreto as mudanças, descubro palavras novas, sinto a poesia e conto histórias; torno-me ponte entre o meu viver e as ideias.

Momento de saber que tipo de interpretação faz diferença neste mundo que ele revela mais competitivo do que humanista. Ao refinar a escolha de acordo com a razão, descubro o caminho da sobrevivência cotidiana. Penso que o que faz sentido é a reflexão que pode romper com o padrão de comportamento ao se transformar em novo paradigma para a interpretação, de modo que me engrandeça. Segundo Agostinho Both, “Ninguém pode fugir à exigência de buscar o agrado. E quem não busca a vantagem de exhibir-se?”

Palavra certa no momento certo, no mundo competitivo, traz soluções e atitudes que me capacitam a projetar a vida; Mia couto reflete, “Quem proíbe o mel é a própria abelha”.

Data : 14/01/2021

Título : INTOLERÂNCIA

Categoria: Crônicas

Descrição: Na diversidade encontro a intolerância usada para cercear os valores culturais.

Na diversidade encontro a intolerância usada para cercear os valores culturais. É incrível como algo qualquer pode ser modificado radicalmente pelo olhar do intolerável. Verdade ou mentira? Para Márcio Almeida, “Não há escolha nesta troca de mentira, / a pressa corre e dá de cara com o perigo, / ninguém sabe se o que mata é fome ou tira, / se o que morre será mesmo inimigo?”.

Neste sentido, a intolerância se torna vigorosa, quando expõe as crises de identidade da sociedade e a extensa história de instabilidade emocional: verdade ou mentira? Márcio Almeida indaga, “De que é essa voz irritante que não identifica, / de antemão, suas câmaras de eco?”.

Penso que a razão e a sensibilidade possam contestar os intoleráveis, através das variadas expressões literárias e livre discussão, como condição para avaliarmos o mundo político, social e econômico, para trazermos a tolerância à nossa realidade. Verdade ou Mentira?

Sinto-me enfeitiçada para virar o jogo e fazer com que os intoleráveis enxerguem a verdade além das suas parcas, pobres e redundantes versões. Carlos Pessoa Rosa reflete, “ao poema / ofereço a podridão da elite / quem sabe / depois de longa depuração estática / possa – o poeta - / transformá-la em algo ético”.

Data : 23/11/2012

Título : INVERDADES

Categoria: Crônicas

Descrição: ?... eu me alumbro com a mentira, ela se deslumbra com a verdade? (Carpinejar) É o processo de socialização que define o que é aceitável ou não. Omissões voluntárias, inverdades e mentiras fazem parte da vida social.

“... eu me alumbro com a mentira, ela se deslumbra com a verdade” (Carpinejar)

É o processo de socialização que define o que é aceitável ou não. Omissões voluntárias, inverdades e mentiras fazem parte da vida social.

Toda verdade é relativa e devemos considerar “as mentiras” associadas ao desempenho de alguns papéis profissionais. Neles, podemos incluir os poetas que usam a “flexibilidade moral” para revelar os mistérios da literatura; dar vida a expressões mortas, criar palavras com sentimentos. Como afirma Mário Quintana, “A poesia é talvez a invenção da verdade”; e na tradução de Antônio Olinto, encontrada em seu livro *A invenção da Verdade*, “... a poesia acaba sendo a invenção da verdade ou a invenção de pequenas grandes verdades que, por momentos, elevem o homem acima da sua contingência.”

Maria de Lourdes Mallmann ao poetizar “Inverdades”, apresenta: “Na vida somos atores / representando papéis / que nos impedem de Ser.Vivemos uma inverdade / na prática de ações / que não queremos fazer.// ...Os sonhos são ilusões / enganando a todo instante / fraudando as esperanças. O artista mente, inventa / cria o que não existe / sobrevive da lembrança.” e comenta: “as mentiras do homem podem ser as verdades do poeta. Ou será que a poesia é uma mentira que o homem quer revelar como verdade? Na poesia é necessário perceber a grandiosidade do que expressam e refletir nos mistérios da vida e da existência.”

O que importa é a reflexão sobre as escolhas e descobertas, para viver a verdade em busca por sentido maior: uma nova perspectiva de olhar para a literatura, a poesia e a vida.

Umberto Eco, juntamente com Marisa Bonazzi, em “Mentiras que Parecem Verdades”, analisa a pluralidade dos significados num mesmo significante, sempre voltado ao pensamento filosófico, não perdendo o equilíbrio do discurso, e mostrando-nos a consciência crítica dos perigos do ilusionismo.

Pedro Du Bois baseia seu livro *Verdades e Mentiras* nas facetas da falsidade, onde revela a sinceridade e a insinceridade desencadeando jogo de mostrar e esconder, construção amparada no discurso da complexidade da verdade e da mentira.

Roberto Pompeu de Toledo, pergunta: “Que é a verdade? Que é a mentira? A mentira é o discurso que começa invocando a verdade a sustentar-se numa mentira.”

Os escritores não podem ter o senso do certo ou errado; inverdades, porque o que pode tornar a mentira uma questão moral é a intenção do mentiroso, e a flexibilidade moral pode ser a chave para o sucesso profissional.

Temos Fernando José Karl que retrata o que os poetas dizem por que não temem o que sentem: “O que é a verdade? Escutar maré de estrelas, // desistir da farsa, vocábulos, pavores / e, nas noites, soprar o carvão, / sabendo que nele o escuro é musical.”

Título : INVERNO

Categoria: Crônicas

Descrição: A vida é uma imagem das estações do amor; / e as estações são a imagem / da vida- diz – O presente é a forma /real de toda a vida

“A vida é uma imagem das estações do amor; / e as estações são a imagem / da vida- diz – O presente é a forma /real de toda a vida”.

(Joan Brossa)

Inverno, estação fria. Nossa disposição fica amarrada nos ventos vibrantes, que muitas vezes nos são penosos.

Procuramos ficar onde há aconchego para nos aquecer. Encontro no livro Fatos & Mitos 2 e 3 – Meteorologia de Gilberto Cunha,

“... A sociedade tem que estar preparada. Pois, todos de uma forma ou de outra acabarão sendo afetados...”.

A primeira vista é questão de desejar o melhor para nós, mas, na prática a história mostra indícios do inverno que nos leva à amarração e, ao mesmo tempo acreditamos que, ao convivemos com o frio, podemos desamarrar nossas vidas e nos concentrar para vivenciar novos dias.

Todo tempo questiono sobre como sobrevivemos das amarrações no viver, como meio de expressão. Nessa estação há variantes com o formato da quantidade de horas em dias curtos e escurecidos, principalmente, quando nos sentimos amarrados em ambientes fechados. Na incerteza da mudança e da variedade climática, consideramos o frio desconfortável e nos sentimos perturbados e preocupados com a impossibilidade de sair, como limitação. Chegamos ao ponto de reduzir nosso ritmo de vida, por não ser fácil desistir do aconchego. Procuramos nos convencer de que o inverno faz parte do nosso viver.

Inverno é estação que provoca tempestades e mistura nossas dúvidas, quando nos referimos às folhas secas com efeito repetido, o que significa que, mesmo assim, sonhamos em desamarrar a vida, passo a passo, com o vento inovador. Telmo Gosch expressa, “Quando clareou o dia / Logo me deu um estalo, / Naquela hora mais fria, //... De escrever uma poesia...”.

Data : 20/05/2013

Título : Janela Discreta

Categoria: Crônicas

Descrição: Na janela discreta está a marca do tempo, na paisagem e no vento.

“Atrás das vidraças / sujas da poeira / da rua // protegidos / e isolados / da poeira / da vida // escondidos / e transfigurados / na poeira / do tempo // guardados / e revelados / na poeira” (Pedro Du Bois)

Na janela discreta está a marca do tempo, na paisagem e no vento. O Sol brilha e a Lua se esconde entre nuvens. A poeira se desloca para todos os lados e com movimentos circulares se espalha. Mas o que importa é o que o vento traz ou o que revela do tempo onde se repete em palavras. A palavra é força da natureza que uma vez articulada vira ação. Segundo Mia Couto, “Varrer as avessas: em vez de limpar os caminhos, espalhávamos sobre eles poeiras...”

Todos tem uma essência, bagagem que vem das experiências vividas e trazidas pelo vento que, ao circular, faz a conexão com a dinâmica de quem vive: como símbolo, opera fazendo a ponte entre o mundo e a consciência, refletindo o modo de viver. Nas palavras de Donald Mello, “... Das sombras do passado, pó / ao futuro do presente: vida...”

A poeira trazida por ventos fortes vibra de tal modo que desperta a consciência criando a expectativa, não como força libertadora, mas como algo que estamos vendo pela primeira vez; como em Pedro Du Bois, “...o vento traduz / o tempo / rápido / em retrospectos / e revoltas // avança e retrocede / vidas não escamoteadas / do corpo dolente contra a parede / onde os olhos refletem o todo...”. Sentir o vento e decifrar o seu significado é a opção que traduz o desejo e o poder da palavra, como a poesia ao evocar a mágica do encantamento indo além da razão, que Jorge Tufic exemplifica da sua janela poética, que “A poesia é singular / e excludente: quanto menos / folhagem, mais fruto.”

Através da janela discreta ventos trazem a poeira e junto o horizonte, o que nos possibilita repensar o mundo e transformar o pensamento em expressão poética, como em Laura Esteves, “A poeira espanta o meu cotidiano. / A poeira sobe, se esparrama / e brilha à luz do sol...”

A poeira é a expressão do tempo na transgressão da história, no desenvolvimento e nas mudanças. Sentir a poeira é vivenciar o processo em nossa história pessoal, reveladora no seguir o olhar; dar razão à emoção e partilhar cada mistério. Júlio C. Peres escreveu que “Luto com a poeira.../ Quando menos se espera / lá está ela: / ...sobre o meu trabalho abandonado // ...A me chamar a atenção / sobre tudo o que devia / ter feito / e que até então / não me veio inspiração...”

A poeira pode ser a esperança por mais e mais histórias, para dar um panorama à vida. Somos sensíveis, criativos e singulares no que a poeira traz em outros amanheceres onde deixa a sua marca.

Na janela discreta, ao longo do tempo, descobrimos que a vida passa por todos os sentidos e sentimentos, restando apenas o pó como referência do homem para o entendimento do seu limite. Mario Quintana, expressa: “Quando eu for, um dia desses. / Poeira ou folha levada / No vento da madrugada, / serei um pouco do nada / Invisível, delicioso...”

Data : 10/12/2015

Título : JANELA, o instante da escolha

Categoria: Crônicas

Descrição: A janela é a abertura que conta histórias e amplia meus prazeres. Nela há a premissa do horizonte...

A janela é a abertura que conta histórias e amplia meus prazeres. Nela há a premissa do horizonte que quero ver e prender em imagens. Para Carlos Pessoa Rosa, “Da janela,... o clarão fatia o assoalho, ...A luz corta o céu, repousa na terra e na retina”. Reconheço-me na casa onde cada janela fala do encanto dos momentos da história. Minha imaginação é alimentada pela imagem vivida e a janela mostra o instante da escolha que se confunde com a paisagem, em prenúncio, como em Pedro Du Bois, “O segredo: abrir as janelas...//o segredo: permanecer diante da janela / sem que o gesto se concretize e o dia acabe”.

A janela se mostra forte e delineada, por bem retratar o meu momento de deleite diante do instante da escolha, que a reconheço na medida em que percebo a mágica refletida através dela.

A janela tem domínio sobre a arte de se comunicar com o mundo; observo e vejo o que acontece lá fora; ouço a voz interior dizendo do dom da janela em destrinchar paisagens e seus significados, como observou Ernani Rosas, “Da minha janela aberta,/vejo passar muita cousa! / Toda amargura liberta, / para a tristeza da lousa...”

Tenho a janela que me torna capaz de me realizar na vida, porque busco na paisagem a vontade e a paixão e passo a viver com esperança. Com ela aberta conquisto o meu espaço. Por vezes, abro apenas uma fresta, então se não prestar atenção não consigo ver as cores do amor e nem sentir a liberdade a mim destinada e acabo olhando para o lugar comum, como descreve Maria M. L. Althoft, “Tentei olhar da minha janela... / e de nada valeu, cansei. / Sentei, debrucei / Meu corpo cansado / E na soleira da janela, / A chuva esperei...”

Abro a janela, para me sentir livre da saudade e consciente do que desejo ver; vou ao sabor do vento que chega até mim, para renovar minhas ideias, o que significa que no fundo da alma o meu sentimento tem o poder de conquista no embate entre a razão e a emoção. Nas palavras de Antônio Olinto, “Eu te via, mãe, / Quando estavas sentada/olhando pela janela / Eu brincava...”. Digo que revejo a vida pela janela e redescubro o gesto a lembrança que me protege. É o instante da escolha, de ser quem pretendo, de apontar caminhos que gostaria de seguir. A partir desse ponto a paisagem se torna bonita ou feia, conforme a encarar; onde existe vontade, existe o caminho para o instante de escolha: no livro, Postigos, de Carmen S. Presotto, viajo pelo tempo através de janelas que me permitem espreitar a poesia, “Ao longe, / com nossa teia, / tomamos os remos / e feito postigos destes suspiros / desabitamos pessoa do nada...”

Data : 27/09/2018

Título : JOÃO DOS SANTOS: o Livro das Metades do João

Categoria: Crônicas

O Livro das Metades do João é literatura infantil escrito por João dos Santos, quanto tinha entre seis e sete anos de idade. João Albuquerque dos Santos, nordestino de Fortaleza, nascido em 1993. Segundo seu pai, Fabiano dos Santos, também escritor, “João gosta tanto de desenhar que, às vezes, penso que foi ele próprio que se desenhou quando ainda morava na barriga da sua mãe. Parece que nasceu com um lápis de cor na mão e com ele foi crescendo e desenhando o mundo”.

O livro nasceu quando João, ainda pequeno, mostrou ao seu pai os desenhos das metades, inspirados nas descontraídas tramas da vida, “do mundo que mora dentro da sua cabeça e do mundo que mora fora do seu corpo”. Fruto da sua imaginação, criou com descontração, e de acordo com o espírito da idade, verdadeiros mimos da alma transformados em desenhos. É interessante e diferente. Os desenhos, trabalhados com traços precisos do seu mundo infantil, onde mostra as metades criança de João e as metades “fora do corpo”, que brinca com as metades do escritor.

O livro tem ritmo iluminado. O menos é mais, porque traz movimentos com palavras marcantes, como seu espírito. É surpreendentemente criativo e atrativo: “Sou a metade feliz / sou a metade triste // Sou a metade nu / sou a metade vestido // sou a metade sem olho / sou a metade com olho // sou a metade acordado / sou a metade dormindo // sou a metade com osso / sou a metade sem osso // Sou a metade dia / sou a metade noite // sou a metade água / sou a metade fogo // Sou a metade viva / sou a metade morta //Sou a metade pedra / sou a metade areia // Sou a metade bicho / sou a metade homem // sou a metade flor / sou a metade gente // sou a metade negro / sou a metade branco...”

A educadora Luíza de Teodoro declarou: “o grande santo João, contou-nos o novo mundo e o novo homem. Ainda pequeno João nos mostra agora, o que a infância pode ver do que somos. Bendito sejas João dos Santos”.

Para as crianças, nada melhor do que apresentar João que, com um lápis de cor, foi desenhando o mundo, onde as leitoras Júlia e Luísa habitam: o mundo da imaginação.

Data : 10/02/2019

Título : JOGADAS DE SOBREVIVÊNCIA

Categoria: Crônicas

“Perto do ouvido / sussurrar verdades / imitar o ouvinte / mentir verdades // na vida a revisão das jogadas ingênuas / de sobrevivência: ao ouvido / o discurso o desacerto / não permitindo a esperança”

(Pedro Du Bois)

O título não deixa dúvidas; sobre quando vivenciamos jogadas de sobrevivência como descobertas para verificarmos os diferentes significados da verdade, conforme as ambições profissionais. Pedro Du Bois, no seu poema à epígrafe, mostra um dos efeitos colaterais: a desesperança em uma vida sem mentiras.

Quando presenciamos tais “desacertos” ocorre verdadeira sensação de mal estar. A mente começa agir e as respostas nos empurram para as jogadas da sobrevivência. São reações fortes que, às vezes, se dão de maneira inversa: agimos antes de pensar. Frei Beto declara que “os valores têm que ser construídos na temporalidade”.

Com o tempo, aprendemos a raciocinar para acumular vivências, para permanecer nas jogadas diárias e, assim, gerarmos expectativas de uma vida em busca de diferentes matizes: “aprendemos que o coração quebrado tem concerto”, mas a realidade da vida é poderosa e perturbadora; então, devemos deixar de ser ingênuos sobre os significados e as intenções emitidas. Como diz Elimar P. do Nascimento, “Utopia de fé. Em que poucos ainda acreditam, embora muitos sintam necessidade de acreditar”.

Nem por isso deixamos de perceber que os tempos são outros. A convivência diária com os “noticiários” gera dúvidas. Precisamos da certeza para decidir o futuro. Também, sei que não adianta fazer dramalhão de miudezas, nem abandonar a nossa intensidade em sermos pertinentes para com os assuntos. Estarmos frente à vida defendendo a nossa posição de cidadãos é sermos convictos com nós mesmos.

Jogadas de sobrevivência mostram a raiz da distorção, que reside no fato de revelar a mentira como verdade que, além do mais, acabam sendo extrapoladas nas demonstrações de poder.

Para nos manter nas jogadas devemos ter comportamento reconhecido pela nossa responsabilidade e senso de justiça, para podermos inovar através do saber; tipo de relação que nos torna mais humanizados para, quem sabe, podermos chegar à igualdade de condições, através da democratização social, sem a necessidade de jogadas de sobrevivência.

Data : 10/02/2019

Título : JOGO DA ILUSÃO

Categoria: Crônicas



O Poeta de Meia-Tigela expressa, “Mal-estar // acho que li um poema estragado”. Entre memórias e ficção em diferentes escritas - de amor e sexo, homem e mulher, detalhes e o todo, doce e amargo - em jogos diários de ilusão, que podem transformar as histórias em contos românticos, perpassando emoções que nos fazem sonhar esta realidade tão difícil de entender. Como expressa Jorge Tufic, “meu cotidiano / é um texto / anacrônico: / os nomes de cada / rua, praça / ou avenida, / são nomes de / minha história...”

O diferencial na realidade é que o jogo de ilusão pode ser recurso poderoso com regras a serem respeitadas; limites como estrutura fundamental para a astúcia, o improviso e o sentimento, tendo por propósito o coletivo na vibração da memória e do encontro de culturas em que a chance se movimenta como brincadeira, onde cada um tem que buscar seu próprio caminho. Paciência como repetição e a linguagem como criatividade. João Bandeira retrata, “a montanha insone/ agasalhada de névoa / a lagoa sonha”.

O extraordinário no jogo de ilusão é que somos capazes de ir além da imaginação; podemos interferir nas histórias de diversas formas, sem sermos rotulados nas circunstâncias impostas pela realidade. Ao contrário, o jogo de ilusão sofre influência do tempo, no realçar a beleza das palavras com seus efeitos colaterais, para sentirmos a sua diferença como bem estar; tal em Juliano Garcia Pessanha, “Na noite de uma dor que nunca passa, vou até a praça e a velha árvore me olha: ela, fincada no lugar, e eu, o animal arisco-do- lugar-nenhum”.

Temos a chance de reconhecer e conhecer o novo ao nos inspirar ao efeito de encantamento ou espanto, que se adapta a nossa rotina e contribui para que acreditemos no nosso potencial de viver o sonho como um jogo de ilusão. Nas palavras de Jorge Tufic, “Se meu coração é fenício, / minha letra/ é o Sol / no talhe das palmeiras”.

Data : 10/02/2019

Título : JOGO DA MENTIRA

Categoria: Crônicas

“Na mentira / expressa / sua vontade / ou sonho / o outro lado / do desejo / de que tudo pudesse / ser diferente / como feito / com efeito / afeição.” Pedro Du Bois, através do seu poema, mostra-nos como Carlos IX, rei da França, fez valer a sua vontade “com feito e efeito”.

Segundo a lenda, o dia da mentira surgiu em 1564, quando o rei da França determinou a adoção do calendário gregoriano, passando o ano a ter início em janeiro. Antes o ano novo era comemorado em 1º de abril. Alguns franceses resistiram à mudança ou se esqueceram dela, abrindo caminho para que os brincalhões pegassem peças, como

enviar presentes “esquisitos” e convites para festas, de mentira, em 1º de abril. A tradição se espalhou pela Europa e foi trazida para o Brasil pelos portugueses.

É uma brincadeira, como bem expressou Mario Quintana: “Mentira é uma verdade que se esqueceu de acontecer...” E, Leila Micollis escreveu: “Naturalmente devemos ter herdado este costume de algum país europeu sério, de política e idioma rígidos. Países para os quais um dia de mentira já é muito, e, assim mesmo, só de brincadeira. Entre nós, porém, em que a brincadeira de mentir é levada a sério, festejar a data como sendo especial, é — convenhamos — o máximo da troça. Está certo que nenhum Dia da Verdade vingaria por aqui: a nação ficaria vazia, com a população viajando em massa neste dia, debandando rápido, como se corresse de um iminente tufão, furacão ou qualquer outra calamidade pública. Daí, porém, a escarnecer do outro, me parece demais”.

Desde então, comemora-se o dia da mentira em 1º de abril, como o dia dos “trotes”: alegres e descontraídos, envolvidos com os amigos; em livres pensamentos, os poetas nos dão suas versões sobre a mentira: Henry Louis Mencken, “Creio que é melhor dizer a verdade do que mentir, sem saber do que ignorar, ser livre do que depender.” Paul Valéry, “Mesmo a mentira mais complicada é mais simples que a verdade.” Renato Russo, “Mentir para si mesmo é sempre a pior mentira.” Segundo Auggie Wren, “enquanto houver uma pessoa que acredite, não existe história que não possa ser verdadeira”.

Data : 10/02/2019

Título : JOGO DE AMAR

Categoria: Crônicas

O coração dos apaixonados gosta de ser surpreendido o tempo todo. Quem ama se sente beneficiado no jogo de amar ao perceber que, no dia a dia, um cuida do outro. Essa continuidade é o jogo que alicerça a relação amorosa. O filósofo Zygmunt Bauman, em *A Arte da Vida*, reflexiona os limites e condições que podem influenciar os projetos de vida. No jogo de amar revelo-me enamorado todos os dias; conversar; fazer planos e rir juntos; passear de mãos dadas. Com estas atitudes me asseguro para a felicidade construída dia após dia. Como se o tempo voltasse em desejos e necessidades amorosos, o que Adolfo Bioy Casares, parceiro querido de Borges, retrata no livro *Histórias de Amor*; com seu estilo diferenciado, o tema “amar” com suave ceticismo e discreto humor.

O amor duradouro concilia as atitudes para o bem estar da relação e a segurança na construção da minha história; por isso, a cumplicidade é jogo de viabilidade e estabilidade no meu relacionamento.

O importante no jogo de amar é cultivar atividades para ter a sensação de satisfação ao reencontrar sua essência. Vivo o amor de forma plena e sei que ele depende do meu comportamento (na tristeza, alegria, doença) para perdurar. O amor não é perfume que esvanece depois de um tempo. Rubem Fonseca demonstra formas de comportamentos, em seu livro Histórias de Amor.

No jogo de amar posso ganhar ou perder, porque são naturais as diferentes linhas de pensamentos, atitudes, discussões e cobranças. No geral, busco o bem-estar, harmonia e parceria, sem culpas. A vida à dois é feita de soma, divisão e multiplicação, como verdades maiores, como encontro no livro Para Viver um Grande Amor, de Vinícius de Moraes.

Jogo de amar é exercício de coragem; nele a essência é força para viver no mundo há cobrança apenas pelo sucesso, dinheiro, bens materiais e beleza estética. Às vezes, reencontro a felicidade na lembrança dos sonhos e gestos que escolhi e escolho para o caminho da libertação, como sabedoria na hora de jogar. Zygmunt Bauman questiona, “O que é felicidade? É possível alcançá-la definitivamente?... O que há de errado com a felicidade?... Sociedade... movida por homens e mulheres em busca da felicidade, estão se tornando mais ricas, mas não está claro se estão se tornando mais felizes...”

Data : 10/02/2019

Título : JOGO de APRENDER

Categoria: Crônicas

Pedro Du Bois pergunta, “De que distância somos feitos na desigualdade?”.

Acredito que, a distância da desigualdade, não se amplia quando há continuidade no processo de expansão pelo conhecimento.

Vivemos em rotina de aprendizagem e, na percepção do espaço, sentimos fascínio pelo novo. O único cuidado ao escolher os desafios e manipular imagens é manter a igualdade para todos sem lamentos e segredos. Caso contrário, o jogo de aprender se torna o quebra cabeça onde vozes se cruzam sem nexos e vazias.

Belo é seguir aprendendo, ousando, sonhando e realizando gestos de igualdade. Inúmeros são os motivos que nos levam a pensar o que é bom para todos e, assim, realizar o voo livre para conquistar espaços de igualdade e crescimento: jogo de aprender em novas emoções, palavras e inquietudes que nos oportunizam repensar os nossos projetos e de sentirmos os olhares acolhedores como instrumentos de transformação.

Jogo de aprender é o que desperta, em cada um de nós, a responsabilidade de não viver pelas recordações, como diz Pedro Du Bois, “ligados à infância de lamentos / onde segredos são despropósitos...”.

Ao identificar-nos com diferentes destinos, podemos cuidar da história e manter o mundo na igualdade para podermos resgatar as lembranças.

Data : 10/02/2019

Título : JOGO DE ARMAR

Categoria: Crônicas

Desafio o jogo de armar ao resaltar a poesia e a sua construção na arte. No jogo se destaca a inspiração como uma constante, que com formas sobrepostas e montadas, define o estilo do poeta. Nesse sentido, cada poeta é como se deixasse aparente o vão que compõe suas diferentes linguagens e variantes. Como demonstra T.S.Eliot, "... por quem de modo, foi isto concebido? / Pelo sortilégio sussurrado que permite / Trânsito livre aos fantasmas da mente? // Por ti; por aquelas cadências ilusórias / com as quais a métrica do povo se refina; / Pela arte consciente praticada com naturalidade..."

Na diversidade, percebo que os poetas favorecem sobremaneira a liberdade no buscar a luz de suas potencialidades expressivas, que lhes permite transformar e revelar o mistério da espontaneidade ao recriar, no jogo de armar, a inspiração como detalhe e acessório, no refinamento com que equilibram as palavras.

Para Otávio Paz, "A natureza histórica do poema se revela imediatamente pelo fato de ser um texto que alguém escreveu e que alguém lê... Em outra perspectiva, o contrário também é certo. Enquanto escreve, o poeta não sabe como vai ser o poema; só saberá quando o ler, já terminado. O autor é o primeiro leitor do seu poema e com essa leitura tem início uma série de interpretações e recriações. Cada leitura produz um poema diferente... O texto permanece, resiste às mudanças de cada leitura... A leitura nos faz regressar a outro tempo: ao poema... O tempo da leitura é um hoje e um aqui: um hoje que acontece em qualquer momento e um aqui que fica em qualquer lugar..."; como encontro em Antonio Olinto, no livro Tempo de Versos, "Diverso é o tempo do verso, //... Imerso é o tempo do verso / Imerso na palavra indominável //... Alheia a significados//... Adverso é o tempo do verso, //... Verso e universo em ritmo de presságio. / Perverso é o tempo do verso / Na sua aparente entrega //... Do corpo e do pensamento / Cada tempo envolvendo o outro, o outro... / De verso em verso diverso / Em cada novo pasmo / Entusiasmo / Orgasmo".

O jogo de armar consiste entre significado e significante, inspiração e estilo, palavras e expressões, o que me leva à vontade de mostrar como a poesia desempenha papel importante em nossas vidas, e faz por merecer o destaque, pois, basta citar a palavra "poesia" para ter o sentimento e o sentido da expressão da palavra com ritmo poético. Nas palavras de Otávio Paz, "a poesia nos coloca em sintonia com os ritmos do mundo"; ainda, T. S. Eliot retrata, "... Trazer nas mãos Amor, flores mais brancas / Do que a branca

neblina sobre o mar; / Não terás flores tropicais mais vivas / E de alma em fogo para me entregar?”.

Data : 19/08/2015

Título : JOGO de CORES

Categoria: Crônicas

Descrição: Sorria cores, misture olhares e descubra o poder dos quarenta ao explorar as sensações das cores na literatura.

Sorria cores, misture olhares e descubra o poder dos quarenta ao explorar as sensações das cores na literatura. Segundo Solha, “Há carisma, essa força estranha, também na presença da / Arte...”

Há quarenta maneiras de criar contrastes para deixar os tons da vida aparentes, pois, é impossível transformar o mundo sem acreditar que cores constantes tendem a deixar o efeito mais evidente.

W.J.Solha com tonalidade e talento, no livro Deus e os Outros Quarenta Problemas, pincela a vida com cores em retrospectiva e produz definições coloridas para refletirmos entre memória e ficção.

“A paixão pelo canário de Cesário Verde é psicótica, como a / que tem pelo azulão Mallarmé e pelo galo-de-campina / Dante, que canta numa gaiola / gótica...”

Certamente, o livro de Solha é arte investigatória na forma mais elevada e, ainda, central na “aventura humana” compartilhada, porque Deus e beleza ainda importam como a cor extra na vida.

Solha, com a poesia, recria o universo subjetivo do divino, para ousar no tempo que faz transparecer quarenta problemas, que dispomos hoje, como opções que equilibram as proporções emocionais nos tons do viver.

“Que fazer dos problemas de Demóstenes, de dicção; / dos de Beethoven, de audição? / e dos de Guignard - que tinha lábios leporinos -, e dos de / Sivuca e Hermeto Paschoal, / albinos?...// Miró, / à falta de controle motor (que o torna incapaz, veja só, de / nos laços do sapato dar nós), / deve o tranquilo primor do taquigráfico estilo...”

Solha retrata em sua obra que o jogo de cores na literatura é revelar e renovar a veracidade de gestos e expressões, enquanto, nós leitores, fazemos as vozes no esfumaçar as sombras.

“O que seria da Paraíba / sem Meninos do Engenho, /... Augusto dos Anjos, //... A Compadecida? //E da Bahia / o seria / sem Gabriela, Tieta e Dona Flor...? // E que terra seria a Inglaterra, sem Austen, Hamlet...? // Da Itália, o que seria, sem O Príncipe, A Divina Comédia...? // O que seria da França... sem Os Três Mosqueteiros... além de Sartre... Prost... Voltaire? //O que seria da Argentina sem Cortázar nem Borges? // E da Colômbia, sem Gabriel Garcia Marquez no alforje? E da América, o que seria sem Moby Dick...? // Pobre da Espanha sem Lorca... // Não há Rússia sem Dostoiévsky... // E o português não ressoa... sem Os Sertões e Os Lusíadas... Fernando Pessoa...”

O autor cria o impacto e o destaca na solução do problema contra o tempo, em versões capazes de aumentar as cores da vida e, até, deixar a natureza embaçada ao questionar quarenta problemas em cores impactantes, que se espalham na vida, ao refletirmos os problemas como movimentos de vai e vem, no dia a dia, até que os tons sejam mesclados em dégradé para chegarmos ao iluminador.

“O angélico Mario / Quintana / brilha / quando diz que o relógio de parede de sua casa já lhe co / mera três gerações da família...”

Data : 10/02/2019

Título : JOGO DE CORES (II)

Categoria: Crônicas

Após mergulhar o pincel na tinta, posso pintar palavras e as intercalar seguidamente em traços de vida, como caminho para revelar as “aquarelas” dos compositores, como na Aquarela, de Toquinho: “Numa folha qualquer / Eu desenho um sol amarelo / E com cinco ou seis retas / É fácil fazer um castelo...” Esta canção me sincroniza com o tempo, consumando na memória encontrar palavras que se enquadram no jogo das cores como forma de expressão do coração.

Por associação, construo minha lembrança em que as cores fazem parte da vida e me oferecem alternativas para eu pintar o tempo. Cada coisa ao seu tempo; então, escuto Aquarela Brasileira, de Martinho da Vila: “Vejam essa maravilha de cenário: //... Brasil, essas nossas verdes matas, / cachoeiras e cascatas do colorido sutil / E este lindo céu azul de anil / Emoldura em aquarela o meu Brasil”; tenho em mim visível entusiasmo,

pois, vivo neste País entre cores que representam gestos que simbolizam a minha alma e a alegria, que me permitem participar do jogo de cores.

Quero ser feliz e, para conseguir, preciso ouvir o meu tempo através das canções em que busco equilibrar a minha história, especialmente, se as tenho na lembrança sob a influência dos compositores, como Ary Barroso com a sua Aquarela do Brasil, "... Ah! Ouvem essas fontes murmurantes / Aonde eu mato a minha sede / E aonde a lua vem brincar / Ah, este Brasil / lindo e trigueiro / É o meu Brasil, brasileiro...".

Aquarelas são letras que provocam aproximação entre os fatos, que me trazem alusões nas relações afetivas e no imaginar tempos sem limites. Lembro-me dessas composições para dar sentido à minha interpretação, como sentimento que expresse o viver do meu ideal, no diferenciar a originalidade para atender a uma só finalidade: "... a tela do Brasil em forma de aquarela..."

Data : 10/02/2019

Título : JOGO DE DESIGUALDADE

Categoria: Crônicas

Na tentativa de retratar os recortes do nepotismo como jogo da desigualdade considero os problemas éticos, que formam o corpo da responsabilidade e me possibilitam, como leitora e cidadã, adquirir familiaridade com o tema recorrente do pensar na busca da relação entre a verdade e a desigualdade.

Desmascaro as imagens em que, com dificuldades, sobrevivo das frustrações e surpresas, pelo medo do futuro em que, quando no nepotismo, somos o retrato inquietante da cena de peixaria, a troca em uma mão lava a outra, ao se venderem pelo peixe ofertado. Aqui, lembro Baltasar Gracián, "O saber e o valor alternam grandeza... Homem sem luzes, mundo às escuras". Nesse sujo jogo, os princípios de liberdade e de justiça não sobrevivem, pois a mentira sempre se adianta e não deixa lugar para a verdade, nem o entendimento é posto a nu nas ações pautadas pelo processo utilitário de meios e fins, demonstrando que o nepotismo adquire realidade própria.

Minha visão irônica é de uma tragédia que se transforma em horror, visto que o jogo da desigualdade me provoca a típica reação de rir para não chorar, onde o nepotismo não é escondido, e eu pago o preço do destemor sem limite. Cabe-me encontrar o caminho para renegar a sua prática: essa troca de insignificâncias. Cada um precisa ter seu código de postura, ético e moral, medidas qualitativas para impedir que ocorra o nepotismo e, com esperança e coragem, denunciá-lo. Traduzo essa amarga visão, que é o nepotismo rascante e certo da irrecorrível condição humana, no sentido de me manter moral e eticamente sadia, como parte da sociedade. Digo que o fim é conseguir escapar dos danos causados pelo ato, mas o mais difícil é responder se existe esperança sobre seu o fim. Carlo M. Martini diz que "A esperança faz do fim, "um fim".

Vivo com a indiferença e a inconsistência em relação à prática do nepotismo, porque elas refletem a perspectiva da fictícia liberdade de escolha, em que o jogo da desigualdade muda de figura e sentido, confundindo o desempenho e o mérito com o parentesco, em cruel pesadelo. Percebo que hoje existe a vontade generalizada do povo em não se deixar enganar. O sentido da esperança e o problema da desigualdade podem dar lugar à mudança com exemplos que mostrem ao brasileiro haver a possibilidade e a capacidade de se dizer não ao nepotismo.

Data : 21/01/2019

Título : JOGO DE INTERESSES

Categoria: Crônicas

Descrição: Todo jogo de interesses é cruel, quando se trata da concorrência que envolve a sobrevivência.

Todo jogo de interesses é cruel, quando se trata da concorrência que envolve a sobrevivência. Sei que quem constrói uma sociedade melhor somos nós que a compomos. Aqui, o jogo de interesses é o movimento das palavras que se encontram e se entrecruzam nos pensamentos (de J.W.Solha e Pedro Du Bois). Justamente, poetas que constroem na literatura a função e a capacidade de ler o outro, na aliança irrestrita dos valores e questões afetivas e renovadoras.

Portanto, na literatura, lançamentos de livros se estendem em trabalhos conjuntos, que podem representar o jogo de interesses: valores não são mais discursos, mas, referências de cada poeta, que se refletem em suas escritas.

Poetas conVersam entre si e, às vezes, se inspiram com as leituras ao se expandirem na ideia do jogo de interesses. É irresistível assumir a recriação como ideia que vai além, estimulando princípios de interesses comuns.

Neste jogo de interesses desvelo J.W.Solha que, olhando em volta, leu o livro Tânia, de Pedro Du Bois e, por conta própria, em exercício da criatividade e de conhecimento literário, com consciência crítica, colocou no papel o desafio dos poemas de Du Bois, ao perceber que deles podia extrair outro poema: “Pedro, Tânia, Acabo de ler a bela série de poemas criada pelo amor entre vocês. Do total de versos grifados me resultou um dos mais altos cantos de um homem a uma mulher: Trazes no corpo / Emoldurado espírito. / Trazes no íntimo a luz / E a chama./ Iluminas e queimas trajetórias: levas / O incêndio ao clarão da rua. Agitas / O silêncio. / Ao passado concedes / A tentativa de ser permanência./ Sabes sair / E chegar: ouvir e escutar / E falar. / Transtornas / A irrealdade / Em fato consumado. / Sabes./ Sabes discernir o certo e o escuro./ Determinada em acontecimentos Não diriges a obra. Deixas que seja /



Construída ao sabor / Do vento / No relento./ Consomes o interesse / E o frio, / És a improbabilidade / Da ausência, / E o esforço / Desconcerta o alvoroço/Com que te quero./O tom te eleva/E o horizonte / Recoloca palavras / Em tua boca. / Trazes a filha / Que traz as filhas./ Na totalidade em que te divides / Demonstras o azul e o verde / O céu e o mar / A água./ És o todo / O pouco / A parte. / És partida / E a permanência grita teu nome”.

Uma vez que no caminho consegue transformar as palavras, como agora, fica fácil entender que a diferença e a empatia do escritor é atitude no perceber as intenções da convivência, mostrando a importância do conhecimento ao se preocupar em multiplicar e expandir a literatura como jogo de interesses na cultura.

Data : 10/02/2019

Título : JOGO DE MEMÓRIA (i)

Categoria: Crônicas

### JOGO DE MEMÓRIA (i)

Para a memória não existem regras, apenas a lembrança dos bons e maus momentos, que nos tocam como valor sentimental, ponto positivo válido pela experiência. Joaquim Cardozo coloca, “... Pois tudo que é vivido é apenas sabido / E tudo que é sabido é apenas sonhado //... viver é saber, sentir, sonhar...”

O jogo da memória traduz o aprendizado e a lembrança, estimulando reflexões do passado, refletidas no presente, na diversidade das expressões do coração. Jaime Labastida demonstra, “... Do mesmo manancial que o sonho, a memória? Este sonho é mais real... / Merece ser mais real, mais existente...”

Lembro-me da menina de oito anos participando em seu primeiro leilão de artes, à noite, realizando o seu desejo ao dar o lance vencedor na gravura A Boneca, de Gustavo Rosa. Naquela noite, forças mágicas e afins fizeram a sua vida entrar no mundo das artes plásticas. Ela, decidida ao interferir, levantando a sua mãozinha, como desafio. Foi belo, assisti-la! O leiloeiro confirmou o seu lance, a sua escolha, dando as três marteladas e gritando: vendido para aquela menina!

Percebi que a sua iniciativa e coragem alcançou a combinação de fatores que a levaram a se determinar por aquela obra específica, como sua verdadeira revelação. Ela, com sua curiosidade, encarou o público presente; escancarou com o seu gesto o entendimento das coisas d’alma e conseguiu o desejado. Com estilo, provou que o gosto pela arte não tem idade, chegando com ritmo ao resultado esperado, por haver acreditado em sua capacidade de se expressar e se expor. Nas palavras de Pedro Du Bois, “Na parede a obra / arte na profusão das ideias / e técnica do artista / atesta o passado / iluminando o contexto”.

O jogo da memória é a doçura que aproxima o passado e o presente através da arte, obrigando-me a ver detalhes na configuração da passagem da menina. Aquela menina cresceu, casou e constituiu família, mas, mantém-se em contato e harmonia com a arte. Repassou para as suas duas filhas o sentimento de admiração pelas obras de arte. Tanto que, cada uma, tem sua gravura de Gustavo Rosa (entre outras obras) e a sensação, tal como a mãe, pelo prazer de ver a vida através das artes.

A memória se faz presente quando a referência evoca a lembrança; aqui, minha referência foi evocada num consultório médico, pelo calendário contendo a reprodução de obras do Gustavo Rosa, sobre a mesa de atendimento do doutor. Revivi, após quarenta anos, que suas obras permanecem conosco, alegrando os dias e nos dando nas cores e formas as lembranças da vida, como jogo de memória. Pedro Du Bois completa, “O barulho ritmado / do martelo empurra o quadro // Lembramos a alegria da criança / na compra da obra de arte...”

Data : 10/02/2019

Título : JOGO DE MEMÓRIA (II)

Categoria: Crônicas

O jogo de memória reside na imagem, aprendizado e ideias. Como diz Millôr Fernandes, “Não é que as cicatrizes sejam poucas, e menos valiosas que as de vocês, mas estão todas profundamente enterradas num arquivo que só não é definitivamente morto, porque uma vez ou outra um acidente qualquer, um som, uma palavra, traz à tona alguma dessa dimensão...”

Memória é estímulo bom e saboroso, que me leva aos detalhes nas artes, como por exemplo, gravuras e quadros antigos evocam minhas lembranças, mesmo que configuradas de forma abstrata e figurativa; reproduzem minhas expressões do coração.

O jogo de memória estimula reflexões, quando questiono o tempo diante de cenas do viver, sobre as obras de arte, como no livro Tempo e Contratempo, de Millôr Fernandes, de 1988; curiosamente, ele o escreveu em duas etapas, separadas por 49 anos. A primeira, em 1949, reuniu textos e desenhos de Vão Gôgo; a segunda, dele, Millôr Fernandes; porém ambos são a mesma pessoa. Acontece que Millôr, a pessoa, revistou Vão Gôgo, o personagem, com novo olhar, em textos e desenhos sagazes e políticos.

O jogo de memória me permite participar do cotidiano e definir minhas lembranças ao deixar o olhar construir e completar, por associação, a informação como condição de especulação da vida. Penso que algumas pessoas, mesmo que aceitem o jogo, retiram de suas lembranças o que não traz alegria e prazer à fronteira da criação.

Ao a refrescar a minha memória revelo o poder mágico pela criação, como o que encontro no livro Impressões de Carybé, fruto das visitas do autor ao Benin, em 1969

e1987, pura arte brasileira, mesmo que retrate outro país e que o autor seja argentino de nascimento, mas, radicado na Bahia. Tenho na memória presente como jogo da saudade; que não requer limite de tempo; mostra que o imprevisto pode fazer explodir a lembrança, em alusão a outro estilo de vida: afetiva e imaginativa; indagação contrastante para ativar a lembrança, como permanência na interpretação das criações como o referido jogo.

Data : 19/02/2016

Título : JOGO DE POSSIBILIDADES

Categoria: Crônicas

Descrição: Todo mundo tem uma história do gênero para contar. Encontro o escritor Agostinho Both,..

“Apreciava ideias novas, como se fossem frutos após a chuva.”

Todo mundo tem uma história do gênero para contar. Encontro o escritor Agostinho Both, que sente prazer em escrever. É o que me permite como leitora a identificar histórias que garantem a sobrevivência dos enredos no romance “Para onde Vão Nossas Casas” (primeiro romance de Agostinho, 1990), com registros preciosos da época, nos quais faz ilações interessantes e atrativas como jogo de possibilidades.

“Estou aqui com uma mão na frente e outra atrás, sem saber qual delas eu tiro. Apenas uma ideia é que me dá um pouco de esperança.”

Agostinho reflete em palavras problemas da época, idiossincrasias, anotações e situações envolvidas em questões particulares: a simplicidade, a vontade de vencer os desejos e a luta pela terra são reproduzidas em detalhes na exposição de paisagens, com palavras gostosas de serem lidas.

“As horas tristes não deixam de ter suavidade. A fatalidade faz a gente deixar as intenções pessoais de lado. A vela se apaga e a manhã inicia meu novo caminho.”

O que tudo indica é que Agostinho, na tentativa de encontrar respostas e retratar o tempo, descreve novos ângulos de leitura sobre ideias necessárias para mostrar aquela realidade da feição colonizada do Brasil; conquistas como resultado do trabalho e da boa vontade do povo, na fervorosa extravagância do autor. Brilhante no que conta a seu modo a saga familiar, a passagem do tempo e o caráter do homem que lá se estabelece: a razão diante das questões do coração.

O contexto da obra é de inquestionável valor e o autor não se limita pela verdade “empírica” dos fatos. A história urge trazendo lembranças à luz do dia (de hoje), expressando não só o amor, mas a verdade como busca e permanência na imigração, resposta datada no que por si só se impõe: “Para Onde Vão Nossas Casas”.

“Quando minha consciência se abre para entender o que acontece, bem mais animada e certa se torna minha ação...”

Both, com palavras cuidadosas/escolhidas, descreve conflitos de modo a dar tom inédito a situações desconhecidas, com os sentidos se sobrepondo aos interesses para prevalecer a união dos imigrantes.

“... mais vale uma aldeia onde se tem um ao outro em razoável profundidade, que uma grande cidade, onde é revelado muito pouco de cada um...”

No desenvolvimento do romance, o autor resgata precursores no conceito “vontade e desejo na força do trabalho”, mostra diferentes variantes em forma de crença e descrença, como parte da conquista e exploração do novo espaço, da nova moradia, da nova cidade e do novo País. Assim, transmite à novas gerações suas memórias sentimentais, como jogo de possibilidades.

“... ao perceber dentro de si, a paixão trocando de cor e estado, como se fora a própria tempestade! Não poderia esquecer-se jamais das formas e do tamanho que tem o ser humano...”

“Para Onde Vão Nossas Casas” é leitura fluente, onde as emoções de cada personagem se apresentam em trechos de suas vidas, o que Agostinho Both concede, como jogo de possibilidades, ao recontar a história através da ilusão do amor, algo em que o autor acredita para as conquistas, no abrir caminhos em direção ao novo horizonte.

“Parece que a autonomia das pessoas sofre uma crise, pois entre elas algumas se encheram de vantagens e o sentido da igualdade foi perdido.”

Data : 10/02/2019

Título : JOGO DE SENTIMENTOS

Categoria: Crônicas

Ao longo dos anos aprendi quanto é fundamental amar e ser amada; concretizar os sonhos, mesmo que distantes, e acreditar na vida para esculpir a própria vida. Quando penso com o coração, toco a alma e transmito emoção; assim, posso refletir sobre o amor. Hilda Hilst revela, "... As coisas que procuro / Não têm nome./ A minha fala de amor / Não tem segredo..."

Ao realizar o sonho revelo ao mundo as expectativas do desejo, da vitória, da desilusão e da alegria como pretensão; com a esperança de descobrir que tudo é jogo de sentimentos. Para Cândido F. Ferreira, "Nesse jogo de sentimentos / Lutei por todos os momentos / e mesmo assim não consegui, / Por isso, parti..."

O que me assusta é a inversão de valores, sentimentos e sentidos. De ver o mundo em que a sociedade demonstra sua ignorância como fascinação, a mentira como verdade; a televisão vendendo sonhos no medo como drama e no sorriso falso.

Nesse jogo de sentimentos é difícil gritar "não"; arrancar do peito o desgosto; secar lágrimas quando não conquisto a liberdade e sofro com o segredo. Para Hilda Hilst, "... Queiram-me assim. / Tenho sorrido apenas. / E o mais certo é sorrir / Quando se tem amor dentro do peito...". No entanto, a sede de viver continua no olhar, na memória e na admiração pela possível perfeição da vida, em seu o futuro. Sigo o viver que amplio na imaginação, tomando o rumo da fantasia, felicidade e conhecimento, como jogo de sentimentos.

Escuto o mar, sinto o perfume do amado, a chuva tocar meu corpo e o carinho no beijo, eis que o tempo revela o jogo de sentimentos, refeito na mágica do meu viver. Cândido Fernandes Ferreira expõe, "... Porém a vida é tão inconstante / E teima em testar nosso sentimento / E somente o tempo pode nos contar / E quem sabe até nos dar um bom momento".

Data : 10/02/2019

Título : JOGO DE VIDA

Categoria: Crônicas

JOGO DE VIDA

## Sei do meu tamanho

para Suzana Einloft

Na feira do livro, reunidos para o cafezinho, a professora Suzana Einloft disse: “sei do meu tamanho”; sua realidade viva. É abrir as cortinas quando reconhecemos o “nosso tamanho” diante das situações. Também, autossuperação ao não espalhamos a fronteira construída de acordo com as nossas possibilidades e potencialidades, dentro do que percebemos. É o melhor que pode acontecer e, também, pode ser o pior, porque é o abrir as cortinas para o mundo, sacudindo a mesmice do momento. Para Getúlio Zauza, “... Tudo depende da consciência e seu alcance; / é preciso ser mais veloz do que a luz / e ser capaz de percebê-lo num relance...”

Chegado o momento em que, para desenvolver o pensamento e atingir os objetivos, precisamos do olhar diferenciado; do desejo de nos revoltar nos momentos em que abrimos a cortina e nos fazemos valer pelo “nosso tamanho”. É o retrato dos momentos em que rompemos com a rotina e nos renovamos, para sermos nós mesmos; nós e a nossa bagagem cultural, que representa o “nosso tamanho”, nem que seja para não passarmos despercebidos até que ressurjamos para atingir novas etapas, como exemplo de permanência. Nas palavras de Eduardo Alves da Costa, “... concentro-me olhando a vasta porta; / e à medida que avanço, decido / mais estreita me parece a abertura...”

É momento único o reconhecer o “nosso tamanho” como processo de liberdade de expressão, como base fundamental da importância de cada um sobre a preocupação literária e cultural, que paira sobre todos que rondam o processo criativo e promovem transcendências para mudar o âmbito das conquistas. Não trato da exatidão dos conteúdos, mas da linha para pensar que na vida “real” não há nada mais forte e mágico do que sermos nós, em nosso tamanho. Lou Albergaria retrata, “... Sim, você pode dizer / o que percebe / daí o seu mundo de superfícies / q’eu tô tão lá no fundo / de tudo / que até duvido, na verdade / se você aí fora existe...”

Revela a professora Suzana Einloft a preeminência no “sei do meu tamanho” que, ela completa, desperta crescente atenção ao explicar, sinteticamente, quais são seus limites de conhecimento, suas necessidades, inquietudes e anseios em relação à literatura como cultura. Manifesta-se ao revelar o que pensa e sente, para se elevar no nível mais alto e lá permanecer em cada movimento cultural de conhecimentos literários, que encontramos e criamos como símbolos do tempo. Como em Lou Albergaria, “A grife Hilda Hilst anuncia / camisetas e canecas e / até 3 vezes sem juro! // Entretanto / poesia é só à vista / e / é preciso coragem / pra vestir (em si mesmo) o gato morto.”

Data : 10/02/2019

Título : JOGO DO DESEJO

Categoria: Crônicas

O jogo do desejo está em nós como causa ou efeito? O fato é que toda a causa tem efeitos positivos e negativos. Todo efeito tem implicações em valores e preconceitos. Jorge Tufic questiona, “Quantos sinônimos / traduzem a paisagem?”

Quando a premissa é causa do desejo, deduzimos ser possível modificar o efeito; inventamos os próprios interesses e especulamos influências para determinar o efeito na descoberta e elevar a liberdade como determinação. Num modo individualista demonstramos nossa vontade a ser mantida como verdade. Assim em Jorge Tufic, “Perdoem se / nada traduzo / nem deixo gravado. / Pois tudo me agarra / e me puxa / evitando esse abismo. // Então me distraio / diante de algumas sobras / que inflam a quietude dos zéfiros, / detonam / meus sapatos de areia”.

Ao desejarmos demais, podemos confundir e transformar a verdade em promessa, tornando o jogo do desejo em mera ilusão impulsionada pela essência, onde a vontade se torna mais do que a questão de desejar, mas, até mesmo, de ideologia. O que queremos é autêntico, logo, a autenticidade é medida pela nossa escolha, para transformarmos o círculo vicioso em virtuoso. Jorge Tufic retrata, “Nada tenho de épico / nem de lírico, / A peça que / me coube levar / é o drama de todos. / Em preto e branco”.

O jogo do desejo é a necessidade de cada um, em seus interesses diferenciados; o que satisfaz quando nos esforçamos através das atitudes de que “amanhã será tudo diferente”. Esta perspectiva nos propõe alternativas para lembrar a dimensão da responsabilidade, da imaginação e do gesto com o objetivo de distinguirmos o certo do errado. Nas palavras de Tufic, “Amanheço furtado em / meus sentidos. / Ou será que há pássaros de menos / árvores de menos... // Me orienta a rota das / formigas, / que vão cortando folhas / onde tudo já / estava escrito”.

As possibilidades em manipularmos desejos em potencialidades são inúmeras e, ao concretizá-las, criamos novos desejos e seguimos na esperança de fazer a diferença entre os dias, aquietar as nossas mentes ao alcançar o desejado; o que nos torna reféns em nós mesmos que, por acaso, em jogos sentimentais e essenciais para o nosso cotidiano. Encontro em Leonardo Munk, A Instrumentalização do Desejo, como reflexão nas artes.

No desejar, guardadas as devidas proporções, jogamos com interesses, prazeres e intenções, enquanto razões principais que nos permitem buscar o respeito, o amor e a arte; contudo, precisamos compartilhar nossos desejos para, na determinação dos períodos de nossa vida, propor-nos a utilizar os sentidos para a realização.

Data : 10/02/2019

Título : JOGO do VIVER

Categoria: Crônicas

Minhas palavras são tecidas na eloquência: mulheres alegres, bem resolvidas e amadas, cantam, dançam, fazem e acontecem ao mandar recados ao mundo: somos tomadas pelo sentimento forte de felicidade, porque os homens estão nos escutando e, assim, nos valem sem máscaras.

Abrimos o jogo do viver em parceria com os homens; confiamos neles no partilhar as responsabilidades do cotidiano; consideramo-nos aliados. É mais fácil superar as dificuldades ao vivermos juntos, sem arcarmos com o peso de sermos sempre as “superpoderosas”.

Serge Hefez relata, “as conquistas das mulheres geraram uma crise masculina e estão forçando uma mudança”. Isto é, atualmente os homens estão dispostos a assumirem tarefas tidas como femininas. Vejo-os participando do nosso cotidiano e da vida dos filhos. De modo geral, os conceitos mudaram e eles estão se reinventando na relação ao adotarem atitudes que estabelecem maior conexão no jogo do viver.

Assim, sentimo-nos livres para sermos nós mesmas, o que implica, necessariamente, estarmos envolvidas na eloquência das vozes diversas: voz da flor, do tempo, da razão, da emoção, da prosa e da poesia.

Ao nos envolvermos nos escutamos e nossas vidas se sustentam no exercício dos mesmos papéis, sem precisar questionar a confiança e a identificação.

No jogo do viver, no tempo nas transformações, eles se revelam amorosos e atenciosos em relação à família; deixam claro que as mudanças acontecem por livre e espontânea vontade; opção para conquistar novas posições, como parceiros.

Bom sinal, estamos em processo de mudanças; quanto mais dispostos assumirmos estas constatações, mais valorizamos, admiramos e gostamos do novo cenário, para estabelecermos conexões a partir das necessidades comuns; percebermos o poder em nossas mãos com a finalidade de enriquecer nossas vidas. É através das palavras e gestos que nos envolvemos no jogo do viver, em que Webston Moura retrata, “assim é a vida – O que existe é uma conversa e, nela, nos entendemos, brigamos, rimos, temos graça e o absurdo são vozes que se cruzam”.

Data : 10/02/2019

Título : JOGO EMOCIONAL (I)

Categoria: Crônicas

A música é suspiro efêmero, mágica elevada aos céus e ao inferno; relembra momentos especiais e embala meu corpo no ritmo do prazer e da dor da saudade. Como em Geraldo Vandré, no Festival da Canção de 1968, “... caminhando e cantando e seguindo a canção / Somos todos iguais braços dados ou não / Nas escolas nas ruas, campos, construções...”.



A vida é feita de opostos que se completam: tendo a lembrança, como esquecê-la? Na música encontro o reconforto pelo que passou e restou apenas na sonoridade sentida como recordação. Por isso, reinvento o viver, musicalmente, para reconhecer o significado das palavras e o ritmo refletir o passado, para sentir o presente. Assim, na música Alegria, Alegria, de Caetano Veloso, “Caminhando contra o vento / Sem lenço e sem documento... // Eu tomo coca- cola / Ela pensa em casamento / E uma canção me consola / Eu vou //... Sem lenço e sem documento / Nada no bolso ou nas mãos / Eu quero seguir vivendo o amor...”; marco do movimento tropicalista ao ser apresentada, em 1968, no Festival da TV Record.

Quando escuto músicas, sou tomada pelo jogo emocional em cena de luzes, cheiros e sabores, onde meu pensamento se alia ao tempo que se amplia, fosse mar de sentimentos.

Os músicos constroem “arquiteturas” exuberantes, pois, conseguem retratar meu “clima envolvente” em cada canção, refletindo a alegria e a tristeza como momentos únicos, onde interiormente grito minhas saudades.

São inúmeras as vezes em que a música me ilumina em tons, que me permitem “fingir” que estou revivendo o jogo emocional; assim, o show de Bossa Nova, em 1960, intitulado a Noite Do Amor Do Sorriso e Da Flor, apresentada nas dependências da UFRJ, com a participação de João Gilberto; Ronaldo Bôscoli anunciou que “Esta é a noite do amor, do sorriso e da flor. E este é realmente o primeiro festival de bossa nova mesmo. Não se espantem...”

Sei o valor da música na vida; nela navego nos braços dos sentimentos; vejo o por do sol se refletir nas águas do mar, deixando claro esta vida de sombras. Então, sinto a importância da música, porque ela dá a sensação de poder envolver o passado nas lembranças presentes; como acontece quando escuto Elizeth Cardoso, na comemoração dos 50 anos de Bossa Nova, em Chega de Saudade: // “Chega de saudade/ Vai minha tristeza e diz a ele / Que sem ele não pode ser...”.

Momentos em que, ao resgatar detalhes no meu viver, sinto vontade de estar novamente dançando pelo tempo e ouvindo a alegria do coração, como proposta para capturar as “imagens” como jogo emocional. Evinha bem refaz, cantando “Eu vou voltar aos velhos tempos de mim / vestir de novo meu casaco marrom / Tomar a mão a alegria...”

Data : 10/02/2019

Título : JOGO MORTAL

Categoria: Crônicas

Jogo mortal é o dito pelo não dito: quem diz das razões, medos e sonhos? Da ilusão como mistério? Do embate mortal entre o doce e o amargo misturados, da roda viva parando, do sofrimento sem sentido e da diferença equilibrando os corações?

A manifestação sem meias palavras ultrapassa a barreira do abismo e retorna em essência: “ser ou não ser”, jogo mortal entre frestas mostrando a escuridão e a transparência no pensamento, eis que o homem se transfigura pelas palavras na real compreensão de seu valor.

O não dito se manifesta quando a vontade se expressa no impulso, sem despertar o esquecido e se deixa levar pela intolerância ao mostrar o significado da palavra.

Tudo depende do jogo que se encontra no caminho da intenção, como valor de desejo e na verdade de quem somos. Neste jogo mortal encontro o poeta Roberto Justí, “A escadaria ascende em três níveis distintos: / um é para tomar o absinto, o outro, minto, / pois a cada andar – ou passagem subterrânea, / não posso precisar tudo o que sinto”.

Data : 27/09/2018

Título : JORGE LUIS BORGES: Entretanto...

Categoria: Crônicas

Ator: Alain Delon, suspiros...

Cantora: Elis Regina, saudades...

Compositor: Chico Buarque, gênio...

Escultor: Bez Batti, a revelação...

Pintor: Joan Miró, a expressão livre...

Escritor: entretantos...o mestre Jorge Luis Borges.

Passeando em Buenos Aires pude desfrutar em cada livraria, reviver em cada pedaço da cidade, na rua com o seu nome, em cada canto a sua magia e, ao visitar o Centro Cultural Borges, a poesia se completa em “La Magia de Miró”.

Joan Miró foi um artista plástico que expressou suas ideias, fazendo convergir a doçura com a violência, a clareza com a obscuridade e a alegria...

Segundo Flora Süssekind: Miró tem sua linguagem pictórica, a objetivação indireta, via pintura, de questões estéticas decisivas voltadas para o seu trabalho poético. Preocupou-se com o tempo, o movimento e de uma forma estática de focalização seguido da observação da sintaxe constelatória, da linha solta, em ziguezague. Ele

trabalhava por meio do desdobramento e do tensionamento interno das imagens e do descentramento da observação e de seriais de composição.

Todas as suas obras possuem títulos. Depois de secar a tinta, ele desenhava símbolos que os levava à um significado, uma reflexão. Nas suas obras, se interpreta o fluído do inconsciente, antes que se faça consciente. E, para André Bretton, o inconsciente é a dimensão da existência estética.

Em sua apreciação, disse: “Trato de aplicar cores como palavras que formam poemas, como notas que formam musica”.

Miró foi igual a um poeta, plasmando seus sentimentos sobre o papel. Ele disse que “... a pintura e a poesia se acham como se acha o amor; um intercâmbio de sangue, uma entrega total, sem nenhuma prudência, sem nenhuma proteção.”

Assim, a fusão entre a poesia e a pintura dá maior ilustração à obra poética, tanto quanto a música e as estrelas ocupam um papel na poesia que se alheia à realidade.

No Centro Cultural Borges encontrei um mundo mágico, porque poético, do qual passei a fazer parte. Para criar esse novo mundo mais alegre do que a realidade, como fez Miró, trago a poesia de Borges, “... poderia ser a tarde de ouro, / o homem dispõe os livros nas prateleiras que aguardam / e sente o pergaminho, o couro, a tela / e o prazer que dão...// ... mas na tarde que é talvez de ouro / sorri perante o curioso destino / e sente essa felicidade peculiar das velhas coisas amadas.”

Data : 27/09/2018

Título : JORGE TUFIC: Coral de Abelhas, por que não?

Categoria: Crônicas

“Que imensa gruta / é o homem / quando / fecha os olhos”

Por que não reconhecer que ao ler o livro de Jorge Tufic, Coral das Abelhas salta razões para sentir que sua escrita é missão para enriquecer horizontes? Ou seja, que há passagem se abrindo onde encontramos poemas com certo mistério.

“Vejo este azul, / mas vê-lo não basta. / Ele que vai do inseto / ao forno das estrelas / - nas quais, universo, / devora-se e canta.”

Por que não se entregar a essa leitura e sentir que autor e leitor dialogam e juntos despertam o pensamento ao coração, permitindo ouvir o silêncio? “O silêncio e a rosa / perdem-se juntos.” Tufic entrega-se de alma ao bosque, às árvores e às pedras e nos faz sentir o prazer tomar conta da liberdade, como expressão da arte.

“As árvores do mogno, / a paineira / e a flor do mucunã, Testemunha que a pedra está grávida e sonha. //

Uma família inteira de pedras / conversa neste bosque. ”

Por que não desfrutar do livro que reflete sentimentos nobres e nos leva a pensar sobre o embalo do tempo, provocando a sensação de bem estar e de saudade?

“Do primeiro esquecimento / guardo a pitanga de chuva / a neblina dos rios amarelos / e a bolsa de prata / onde minha mãe também guardava / a solidão metálica / dos búzios.”

Por que não reconhecer que Coral das Abelhas abre espaço na literatura, na certeza de encontrarmos nas imagens de Jorge Tufic o sonho a ser revelado através da sua palavra?

“Poetas e girassóis / estão sendo moídos. //

E o pó dos seus dedos / Clareia moinhos.”

Por que não confiar em sua imagem e em suas palavras, onde a leitura é situação de ação? Por que não dizer que a poesia de Tufic traduz e perpetua a liberdade, o que a diferencia das razões e dos sentimentos? Por que não dizer que temos razões para acreditar que Coral das Abelhas é a leitura onde sentimos a brisa nos cabelos? Por que não?

Nos questionamentos residem as respostas, diante de um autor de imagens fortes, como refletido nas páginas do Poema - Coral das Abelhas.

Data : 27/09/2018

Título : JORGE XERXES: Ponto de Partida

Categoria: Crônicas

“Percebe com toda a tua força. / O além daqui, aqui mesmo.”

Jorge Xerxes é ponto de partida dentro da literatura despojada, onde revela vários aspectos da vida humana. Autor do livro “As Cinquentas Primeiras Criaturas”, em cinquenta textos: poemas, crônicas e contos.

Criaturas, por que trata do descalabro, da queda da humanidade, onde se manifesta de maneira incomum, com arte, sensibilidade e criatividade, “Talvez seja por isso que eu escrevo para o leão: No fundo, eu e ele sabemos que a melhor forma de comunicação é fingimento de uma compreensão forjada na preguiça de entender”.

O ponto de partida de Xerxes é que, com as mudanças aceleradas no cotidiano, os homens são mais resistentes ao pensamento, à criatividade, principalmente quando a abordagem é o tempo e o próprio ser humano, o crítico.

“Diogo era um homem pequeno. Simplório. Calejado. Abandonado na crosta terrestre. Deslocado da escória do ser humano.

Ele crescia para dentro. Há tanto tempo  
que dentro dele havia um gigante.”

Ao pensar em questões mais complexas, ligadas às atitudes das criaturas, Xerxes trata na sua obra os diferentes segmentos sociais, que simbolizam a capacidade criativa, convertidos em instrumento de lutas contra a exclusão e a discriminação no cotidiano.

“Outro dia fui abordado durante a refeição: Você sabe me dizer

se viu alguém levando garfos daqui deste recinto? Como não sei mentir, tive que apelar para uma linguagem metafórica: Você quer dizer componentes de discos voadores? Ao que o serviçal respondeu com um sorriso no rosto e uma pitada de ironia:

Essa foi boa! Deixa pra lá; um imbecil como você  
não seria capaz desse tipo de coisa”.

O ponto de chegada é ler o livro; literatura narrativa, no mínimo diferente e no máximo atrativa. Isso quer dizer que as palavras se integram entre ficção e realidade num pacote incomum, que engloba as histórias contadas do ponto de vista do autor, Jorge Xerxes, como desafiam suas palavras, “Escrever é a expulsão de uma dor absoluta. A nossa Terra tem inúmeras frestas para magníficas vistas: mas quão efêmeras! Todo resto é a mazela humana. Lama da qual o trabalhador vai se despojando. Fica registrado o anseio infinito, que de tanto querer, um dia depois do outro, é da matéria pensante que o futuro se molda”.

Data : 27/09/2018

Título : JOSÉ SARAMAGO: Todos os Nomes

Categoria: Crônicas

José Saramago faz parte das nossas vidas. E lembrá-lo através de TODOS OS NOMES é fazer referência ao setor cultural e desfrutar de sua companhia em todos os momentos.

TODOS OS NOMES é obra marcante pela sua criatividade, transmite uma literatura de qualidade, sem contar as mudanças positivas no seu modo de escrever: grandes parágrafos e grandes ideias. Trata da história de um escriturário do Registro Civil, José, que fazia coleção de nomes e de recortes de jornais. Certo dia agradou-se do nome de uma mulher e seu desejo de conhecê-la o levou a ignorar as regras do bom funcionamento dos serviços públicos; aproveita-se da vantagem de ser escriturário, para procurar em todos os arquivos dados que o levassem até a mesma. Não se detém ao ultrapassar a marca do permitido, para descobrir algo sobre a mulher com aquele nome.

“Pessoas assim como este Sr. José, em toda a parte as encontramos, ocupam o seu tempo ou o tempo que creem sobejar-lhes da vida a juntar selos, latas vazias, pedras...

vão tentando pôr alguma ordem no mundo, por um pouco de tempo ainda conseguem, mas só enquanto puderem defender a sua coleção...”.

Com coragem, o personagem passa pela porta do proibido e avança nos arquivos, copiando os dados, o que o deixa feliz e satisfeito ao ter conhecimento do todo. Ao viver de mentiras, que dão significado a sua vida, passa momentos de suplício ao se deparar com a data da morte constante nas anotações da desconhecida mulher.

O livro está recheado de conteúdo em sua beleza e profundidade com que aborda o silêncio e a solidão do personagem, dando qualidade intrínseca à importância e à significância do nome. O autor nos dá o valor absoluto do nome, como vida; o valor humano, profundo, que repousa na raiz da cultura.

“Conhecer o nome que te deram, não conheces o nome que tens”. “Além do seu nome próprio de José, o Sr. José também tem apelidos, dos mais correntes, sem extravagâncias onomásticas...”.

TODOS OS NOMES, em cada capítulo, nos faz sentir vivos, retratando o valor do nome no sentido da expressão humana. É sensível a ponto de envolver o leitor em toda a arte encontrada, para refletir que o nome é a nossa natureza, nossa alma, nossos sonhos, nosso inconsciente e, principalmente, a nossa história.

TODOS OS NOMES é SARAMAGO, escritor consagrado e inesquecível, que agora ganhamos (ou perdemos) para a eternidade.

Data : 27/09/2018

Título : JULIO CORTÁZAR: Poesia da Imagem

Categoria: Crônicas

Buenos Aires é especial e nos recomenda uma visita à Praça denominada Julio Cortázar. A praça tem esse nome em homenagem a um dos maiores escritores argentinos. Três manifestações de modernidade incidiram na formação de Cortázar: o romantismo, o existencialismo e o surrealismo. Sua principal obra é O JOGO DA AMARELINHA (RAYUELA), que o marcou de forma indissociável dentro da narrativa contemporânea: “... as fronteiras terminam e os caminhos se apagam...”

Na praça Julio Cortázar está concentrado restaurantes, bares e, principalmente, redutos de artistas alternativos, como os artesãos “chiques”. Encontram-se belas obras de arte e, entre elas, destaco o artista plástico MIGUEL MATEU com sua tela surrealista LA MODELO, os tons da paixão e de sentir o coração em liberdade; uma inspiração que ilumina, com certeza: uma verdadeira poesia da imagem.

Na surpresa da curva, abre-se para a Rua Jorge Luis Borges, com seu casario dos anos 30/40; parece suspensa como nas telas e bonita como um poema, digna da homenagem

ao nosso poeta Borges. E, ainda, regado ao som do maestro “tanguero” Astor Piazzolla: uma verdadeira imagem da poesia.

A praça Julio Cortázar brilha ao confrontar a participação do escritor, pintor e o músico, com os diversos modos de se encontrar com o público no mesmo espaço: uma verdadeira imagem da poesia.

É tradição a feira semanal; o encontro marcado com a cultura: poesia da imagem como encontramos nesse poema de Borges: “Um pintor prometeu-nos um quadro / ...senti, como outras vezes, a tristeza de compreender que somos como um sonho. / Pensei no homem e no quadro...// ... Pensei em um lugar prefixado que a tela ocupará./ Pensei depois: se estivesse aí, seria com o tempo uma coisa mais, ... qualquer cor e a ninguém vinculada./ Existe de algum modo. Viverá e crescerá como uma música e estará comigo até o fim...”

Data : 27/09/2018

Título : JÚLIO PEREZ: A Bolsa de Minha Mãe e Outros Contos

Categoria: Crônicas

Chegou a hora de realizar o desejo inconfessável: escolher o acessório que muda tudo e deixa a mulher mais poderosa e glamourosa. A bolsa revela o estilo da mulher, sintetiza os flagrantes do cotidiano e suas lembranças.

Uma bolsa pode transformar o visual; nela são guardados os segredos que soltam a imaginação e, sem medo de ser feliz, Júlio Perez desvela, o que A Bolsa de Minha Mãe e outros contos contém, “... Pois bem, estes contos representam um período da minha vida literária que começou magicamente no ano de 1995...”

Li e remexi n’A Bolsa de Minha Mãe não me fiz de rogada ao percorrer o ritmo das palavras. Percebi que o mistério para o autor não é algo para ser desvelado, mas, para ser refletido. Demonstra seu toque pessoal ao revelar ideias com olhar diferenciado, “A bolsa de minha mãe sempre exerceu um fascínio sobre mim... O fato, porém, é que essa bolsa monopolizava minha atenção todas as vezes que se apresentava a oportunidade de vasculhar o seu interior...”

Entre charmosos acessórios, a obra preserva as referências intelectuais do autor, encontradas entre um conto e outro, com estilo único, nas misturas mais improváveis: tons vibrantes que aquecem e personalizam as histórias; os diferentes looks que levam o leitor a prestar atenção no mecanismo de movimentação da narrativa, desvelando os mistérios como nos contos: A Caixa de Ferramentas, A Carta, O Interfone e A Bolsa de Minha Mãe.

O livro está centrado sobre a escolha do destino na trajetória inspiradora de Júlio Perez: descrever os contos com detalhes ao revelar o esforço do ser humano para com seu

ambiente social; que cada pessoa contém suas diferenças e quer chegar a lugares diferentes para renovar seus momentos na vida, tendo por ideia sugerir ao leitor deixar sua marca, com expressão e impressão, num espaço dedicado ao lazer.

Data : 19/10/2016

Título : JUNHO é TEMPO de QUERMESSE

Categoria: Crônicas

Descrição: Olho pela janela e vejo o vento assustando os passarinhos. É o inverno batendo à porta e com ele o frio, como retrata Carlos Pessoa Rosa...

Olho pela janela e vejo o vento assustando os passarinhos. É o inverno batendo à porta e com ele o frio, como retrata Carlos Pessoa Rosa, “farfalham / palavras nos varais / experimento / um frescor frio nos lábios / o vento /agita poemas em meus dentes”.

O mês de junho é tempo de quermesse. Comemora-se o dia de Santo Antônio (13), São João (24) e São Pedro e São Paulo (29). É cultura popular.

Com o tempo frio, pode-se brincar, cantar, dançar, comer pipocas e pinhões. As crendices populares estão ligadas a um pouco de magia, com velas, agulhas, bacias, bananeiras e fogueiras. É tradição pular fogueiras e tudo o mais que a criatividade e a crendice mandarem.

Ventos me levam à noite de 12 de junho, e nessa noite nada é mais propício do que namorar, trocar presentes e fazer adivinhações. Véspera de Santo Antônio, dia de muita fé.

Augusto Magalhães disse que “O santo casamenteiro está vivo e os namorados fazem hoje as adivinhações do amor...” Santo Antônio leva a fama de ser casamenteiro. É dia de Santo Antônio e com certeza mil e uma rezas, agulhas, bacias, velas, enfim, os objetos caseiros que uma vez por ano merecem atenção especial. O santo não olha a quem faz o milagre. Ir-se-á sair casamento, não se sabe– melhor perguntar ao santo. E, a meia noite em ponto, para valer a crendice, são feitas as adivinhações:

para saber se irá casar – alho: plantar um dente de alho, se no dia seguinte o alho brotar é sinal de casamento; pedrinhas de carvão: das cinzas que ficarem da fogueira, pegar duas pedrinhas de carvão e colocá-las, separadas, num prato virgem com água; se amanhecerem juntas, também é sinal de casamento; agulhas: colocar duas agulhas virgens num prato com água, se elas se juntarem, casamento à vista;

para saber o nome do(a) felizardo(a) – barquinho: fazer um barquinho de papel, depois, colar na borda de um prato virgem pequenos pedaços de papel contendo os nomes dos(as) pretendentes, encher o prato com água e colocar o barco e deixá-lo seguir o seu rumo e observar em que nome irá aportar; vela e bacia: à beira da fogueira,



a meia noite, deixar cair alguns pingos de vela numa bacia com água, os pingos irão se juntar com a forma da letra inicial do(a) desejado(a); bananeira: à meia noite, enfie uma faca virgem no tronco da bananeira, ao amanhecer, verificar que letra foi formada pelo leite escorrido no tronco, a inicial do nome com quem irá casar.

Segundo a crença, o santo é quem sofre com tudo isso, por que alguns preferem colocá-lo de cabeça para baixo, para que ele revele os segredos do amor; enquanto o santo está amarrado pelos pés, pendurado por uma corda, os namorados estão trocando carinhos. Ruim para o santo, bom para quem namora.

Ventos sopram nas credices populares e a natureza retorna como tradição e conserva a história da nossa história, segundo Luiz de Miranda, "O vento é onde vibra a luz / que o caminho eu invento /com tua mão dentro da minha / onde só a estrela seduz, /destino que sempre se alinha".

Data : 18/12/2012

Título : LABIRINTO de EMOÇÕES

Categoria: Crônicas

Descrição: Quem nunca se perguntou como se entra no labirinto de emoções? Enfrentamos no dia a dia o sentimento de estarmos, muitas vezes, perdidos em um labirinto de emoções.

Quem nunca se perguntou como se entra no labirinto de emoções? Enfrentamos no dia a dia o sentimento de estarmos, muitas vezes, perdidos em um labirinto de emoções. Processo causado pelas mudanças que passamos no cotidiano: sem tempo para o amor, o desejo, o compromisso e a dedicação à vida a dois.

O trunfo é revelar o que as emoções fazem para encontrarmos e conquistarmos o que queremos, o mistério e o charme são considerados consequência. Gestos de carinho, atenção, respeito e sensualidade sinalizam uma base amorosa e resistente, como podemos ler nas obras de Carlos Higgie, Caleidoscópio e Nebuloso Losango. O autor cria situações eróticas, sexuais e sensuais que fantasiam ao descrever a intimidade como refluxo da vida descoberta no labirinto das emoções.

Labirinto das emoções são os sentimentos, os sentidos que resgatam a motivação para cultivar os bons momentos. Quando falo de sentimentos, refiro-me que cada um formula suas hipóteses ao imaginar sobre os sentidos: as emoções ao trilhar o mesmo caminho refletem a vontade de ir além dos muros.

Na vida a dois é preservada a memória no processo de converter o eu em nós. A amplitude não se confirma nos temas pessoais e sim em labirintos de emoções: envolvidos com o dia a dia esquecemos a arte da conquista. Fazemos declarações de amor, trocamos presentes e elogios, demonstramos afeto que revelam o bem-querer. Sexo não tem idade, a sexualidade é sempre bem vinda; faz sentido quando na vida nos

envolvemos por amor. Respiramos emoções, compartilhamos sonhos e isto nos aproxima das realizações; cada pensamento emotivo atrai sensações e paixões. As emoções restauram a confiança e o prazer de amar. Conversamos com o parceiro: rir e sentir seu perfume nos abre a alma. Como em Paulo Monteiro, “Canto teus olhos quando estás / comigo como beijo teu corpo / quando estás comigo / assim nós dois seguimos / lado a lado enquanto posso / estar junto de ti...”

Ao contemplarmos os labirintos das emoções, percebemos quais cores e estilo de vida amorosa que desejamos ter. É poder delicioso e secreto que desperta a sensualidade, mantendo-nos encantados todos os dias e que nos leva a valorizar o charme da experiência, já que as emoções são adquiridas um dia após o outro, com pequenas e grandes alegrias no desafiar os labirintos.

Data : 28/08/2019

Título : LABIRINTO HUMANO

Categoria: Crônicas

## LABIRINTO HUMANO

Depois de me surpreender positivamente e ficar fascinada com a tela de João Alves, Labirinto Humano, senti a necessidade de buscar a outra ponta, de ajustar as culturas através dos elos da arte. Há diferenças. Trocamos olhares entre a beleza e a perplexidade, porque a obra se assemelha, desde o título, com a essência do nosso viver. Mostra o nosso papel nas incursões da capacidade do artista em pincelar detalhes da nossa fragilidade. Para Maria Lucinda Busato Bueno, “A vida é um constante processo de crescimento. Para cada momento vivido são acrescentados novos olhares,... novas compreensões de sentir a vida”.

O talento de João Alves gera em mim um novo olhar sobre as nossas vidas. Sinto o quanto sou pequena ante os labirintos diários. Na arte encontro o principal aprendizado: tecer a vida; aprender e ensinar na busca pela humanidade, com desejos e desafios. Nas palavras de Dan Dyckman, “... Há profundezas em todos os lugares que você olhar”.

O artista plástico João Alves, demonstra que a arte é sempre maior do que nós. No Labirinto Humano, as cores estão em todos os lugares, como linhas exclusivas da vontade de cada um; como motivo de paixão e compromisso com o (sobre)viver. É obra ácida e corajosa que me leva a questionar sobre os direitos humanos: seriam para todos? Com pinceladas escreve episódios revelando os lados do labirinto em dimensões ocultas.

Respiro no cotidiano, quando tento alcançar o que e quem faz a diferença. Defendo a igualdade através da apreciação e do incentivo às artes plásticas. Como em Dan Dyckman, “... ao acompanhar as linhas do labirinto... você estará olhando com linhas que

se interpretam...”. Linhas que reescrevem o viver; desfiguram os preconceitos e mantêm as relações com a nossa história. Ainda, expõem a contradição ao instigar a nossa consciência crítica. Arte apresentada como poema: em miragens e ilusões.

Data : 21/01/2021

Título : LABIRINTO HUMANO

Categoria: Crônicas

Descrição: Depois de me surpreender positivamente e ficar fascinada com a tela de João Alves, Labirinto Humano, ...

Depois de me surpreender positivamente e ficar fascinada com a tela de João Alves, Labirinto Humano, senti a necessidade de buscar a outra ponta, de ajustar as culturas através dos elos da arte. Há diferenças. Trocamos olhares entre a beleza e a perplexidade, porque a obra se assemelha, desde o título, com a essência do nosso viver. Mostra o nosso papel nas incursões da capacidade do artista em pincelar detalhes da nossa fragilidade. Para Maria Lucinda Busato Bueno, “A vida é um constante processo de crescimento. Para cada momento vivido são acrescentados novos olhares,... novas compreensões de sentir a vida”.

O talento de João Alves gera em mim um novo olhar sobre as nossas vidas. Sinto o quanto sou pequena ante os labirintos diários. Na arte encontro o principal aprendizado: tecer a vida; aprender e ensinar na busca pela humanidade, com desejos e desafios. Nas palavras de Dan Dyckman, “... Há profundezas em todos os lugares que você olhar”.

O artista plástico João Alves, demonstra que a arte é sempre maior do que nós. No Labirinto Humano, as cores estão em todos os lugares, como linhas exclusivas da vontade de cada um; como motivo de paixão e compromisso com o (sobre)viver. É obra ácida e corajosa que me leva a questionar sobre os direitos humanos: seriam para todos? Com pinceladas escreve episódios revelando os lados do labirinto em dimensões ocultas.

Respiro no cotidiano, quando tento alcançar o que e quem faz a diferença. Defendo a igualdade através da apreciação e do incentivo às artes plásticas. Como em Dan Dyckman, “... ao acompanhar as linhas do labirinto... você estará olhando com linhas que se interpretam...”. Linhas que reescrevem o viver; desfiguram os preconceitos e mantêm as relações com a nossa história. Ainda, expõem a contradição ao instigar a nossa consciência crítica. Arte apresentada como poema: em miragens e ilusões.

Data : 30/03/2015

Título : LAGO SEM MARGENS

Categoria: Crônicas

Descrição: Os dias passam ao lado, como reflexos na água. A vida é espécie de retratação onde possibilidades são postas em ordem no mundo das palavras.

Os dias passam ao lado, como reflexos na água. A vida é espécie de retratação onde possibilidades são postas em ordem no mundo das palavras. Por exemplo, a poesia quebra o discurso ao dar sentido à expectativa entre lagos: com margem e sem margem. É fator de continuidade, encontro mágico onde recolocamos o divino - a palavra e o humano – gesto; no rumo tomado há trocas que nos sensibilizam em sentido e significado. Encontro no livro Lago, Montanha, de Francisco Alvim, que “... vi sua vida fluir / como se tudo nele convergisse / para um lago do olhar - / um lago sem margens”.

O poeta navega em busca da unidade quando escreve sobre o amor e o simboliza em chuvas, tal um lago sem margens. O leitor, ao vivenciar a realidade do autor, de alguma forma, aposta na poesia para se valer das “verdades” produzidas e não alcançadas. Não faltam lágrimas ou abraços nas palavras que conferem diferenças nos momentos de leitura, o que também abre comportas e os cantos obscuros da nossa alma.

O poeta chega de mansinho em nossa vida e desenha dentro da palavra o lago sem margens. Usa da artimanha das palavras para revelar a ideia que corre como água no desejo de querer, como n’O Código das Águas, de Lindolf Bell, “... Ah! Não fosse este rio chamado amor / de peso feito, medida e saudade infinita / Não teria o homem medida / de sua própria medida finita”.

Lago sem margens é sonho que converte a palavra e seus significados em respostas ao espanto do pranto, da emoção em ver a correnteza das águas, como em Bruno Gaudêncio, “há uma margem de homem em cada rio, há uma margem de rio em cada homem”.

Dias chuvosos deixam lembranças que ligam e separam as águas nos lagos sem margens; o homem em sua memória de existir na fragilidade faz dessa fonte a sua inspiração, onde a imaginação não tem limite. Entre o contexto e o texto no rio da vida o poeta vive no lago sem margens e carrega entre águas as brumas da existência. José Eduardo Degrazia retrata, “Lago // Lágrima de deus / no meio do mundo / perdida: pranto / no cristal da terra”.

Na chuva escutamos o som da água regando o lago sem margens, navegado por escritores que embarcam nossos destinos através das águas; são transgressões literárias que nos permitem viver para deslizar na imaginação, como expressa Carmen Presotto, “... rios do amanhã / resenhas entre mãos / bailaremos / a um Cer(a)vante”, e Benedito C. Silva, “O rio tem mudado as pedras / Em seu percurso, / Levando-as adiante, / Visto que, na vida, é para a frente que se anda!”

Data : 23/03/2016

Título : LÁPIS: por Carmem e Glauder

Categoria: Crônicas

Descrição: "... Corro o lápis em torno / Da mão e me dou uma luva / E se faço chover / Com dois riscos / Tenho um guarda-chuva..." (Toquinho)

"... Corro o lápis em torno / Da mão e me dou uma luva / E se faço chover / Com dois riscos / Tenho um guarda-chuva..."

(Toquinho)

A literatura faz toda a diferença em nossas vidas, não importa se em verso ou prosa. Cada escritor cria um método de escrever com a visão individualizada, ao permitir que a pessoa leia de forma estimulante e supere os limites da imaginação.

Abordo a questão da criação sobre o Lápis – onde os escritores Glauder Arcanjo com Lápis nas Veias e Carmen Presotto com O Lápis, expõem suas sensações e experiências, dão significados decorrentes de uma elaboração íntima do exercício da leitura e de transmissão para a escrita.

A escolha do tema, é certo, limita o modo particular de descrever o conto. Ou seja, no momento que expressam conhecimento, encontro o ponto de escolha pessoal, que me reverte na ação do presente. Toda ação, para mim, significa a revelação do pensamento.

Uma vez que o motivo escolhido é o mesmo pelos autores, a inspiração é diferente, o ponto de vista é diverso, porque a vivência serve de base para a criação, como O Lápis de Carmen Presotto, "... as correções dos textos românticos e desculpa-se pela repercussão negativa de seu suicídio. Não incentivará jovens e coloridos lápis a uma síndrome existencial. Eles que façam suas histórias. Solta um ai retorcido para cair de lado e salvar sua ponta... Sobrevivente, aguarda confiante uma faxina de sexta-feira que o remeta ao ninho. Imagina-se logo nas alturas, atrás de uma orelha ou traçando sonhos coloridos..." e o Lápis nas Veias, de Glauder Arcanjo, "Sentia um frêmito, espécie de rabisco a enovelar-se em sua carne, lampejo de linhas a entrar por entre seus músculos, tomando-lhe o sangue, invadindo-lhe a mente, uma teia de palavras...E escrevia um mar de letras, páginas e mais páginas, como um êxtase... Um vício que poderia fazê-lo imortal, pois tinha lápis nas veias e papel no colo..."

Fixo minha leitura nesses contos e fico fascinada ao ver as diferenças no mundo da imaginação. A liberdade oferecida por Carmen e Arcanjo tem a intenção de tornar o encontro vivido pela mente de cada um, onde a liberdade é referência para a imaginação que busca o inesperado. Encontro arte e, desse modo, creio serem autores importantes

como elementos determinantes na construção do pensamento: na literatura como cultura.

Data : 27/09/2018

Título : LÊDO IVO: Paisagem

Categoria: Crônicas

Invente o seu feriado, para poder apreciar o campo coberto de flores amarelas, margaridas e bem-me-queres. Pare para sentir o vento tocar o seu rosto e perguntar: qual o lugar mais bonito do mundo? Essa pergunta parece difícil, mas tem apenas uma resposta, que é de todos nós: é a paisagem verde, aquela que podemos ver e sentir, pois é na sua composição que toda a poética do espaço incide. Aos olhos atentos, flui poesia no tapete verde, na linha do horizonte e encontramos no simbolismo o lugar, o ato da poesia.

Lêdo Ivo inventou o seu feriado e nos mostra o que de tão especial captou na paisagem que admirou: “Lá vai a formiga / perdida no campo / no imenso universo / de bosques e grama / no verde oceano / de folhas e troncos. / Ela vai sozinha / sem ninguém que a guie / nos sulcos e ramos. Pobre formiguinha / obrigada a andar / num mundo tão grande! / Rica formiguinha / errante e segura. / Por montes e vales / troncos e barrancos / e cercas e muros / ela já aprendeu / que tudo é caminho. / Indo no chão duro / ela também sabe / que hoje é o futuro. / Formiga perdida / e achada no campo”.

A poesia de Lêdo Ivo reconfigura os campos e revitaliza o nosso dia a dia. A natureza merece respeito e, para a nossa qualidade de vida, é uma consequência direta.

Considero que ao vermos um campo verde, colorido pelas flores, sentimos energia como se fosse um dos cartões-postais mais lindos do mundo.

Às vezes não é preciso inventar um feriado para admirar a paisagem, a humanidade é parte da rede da vida verde. Precisamos perceber como podemos valorizar a natureza, visto que os hábitos e as atitudes se entrecruzam e mesclam a paisagem e a memória.

Vale a pena aproveitar o seu feriado, para ter o prazer de conviver com a natureza e observar como tudo se transforma sem a ação direta do homem. É preciso agradecer pela beleza trazida pela paisagem: campos, bosques e jardins.

A paisagem dos “campos, verdes campos” nos nutre e é capaz de ancorar energias. Nela as imagens campestres revelam a condição humana, garantindo nossa sobrevivência à flor da poesia.

Data : 28/08/2019

Título : LIBERDADE II

Categoria: Crônicas

## LIBERDADE II

Após conquistar a liberdade vivo a aventura interior, para mudar o meu rumo: viver ou morrer? Com dificuldade, transito diversos estilos ao criar ritmos que me possibilitam cativar e surpreender no dia a dia.

Recolocada no viver, com as devidas adaptações, valorizo o significado da palavra liberdade: desejo experimentar, testar limites, desafiar e distinguir a fantasia e o real – com risco de vida. Nas palavras de Vinícius de Moraes, “... E as sombras se casam / Nos raios noturnos / Da rua perdida”.

Ser livre marca o meu viver com reverência, para sentir as “borbulhas do espumante”; ter a vida ao meu lado; ouvir e contar histórias através do olhar sensível e comovente, como o entardecer, para descobrir que, mesmo com as limitações do corpo, o coração é que faz a diferença: viver ou morrer? Para Vinicius, “... Num constante arremesso largo e aflito / Eu me espedaço em vão contra o infinito”.

Limitada aos momentos especiais, transporto-me ao mundo em que me permito ouvir a voz das revelações, na perspectiva de pensamentos livres e reflexões sobre valores que, metaforicamente, são sabedorias tecidas nas redescobertas da sensibilidade. Vinícius de Moraes retrata, “... Como ocultar a sombra em mim suspensa / Pelo martírio da memória imensa / Que a distância criou – fria de vida...”.

Descubro o óbvio: para haver vida em comum, com alegrias, desafios e dilemas, antes da liberdade, preciso me decidir: viver ou morrer?

Data : 25/04/2017

Título : LIVRO TÂNIA

Categoria: Crônicas

Descrição: O amor, segundo Fernando Andrade, “é sempre o motivo mais profícuo a inspirar os poetas.”

O amor, segundo Fernando Andrade, “é sempre o motivo mais profícuo a inspirar os poetas.” E, ao meu lado, tenho Pedro, poeta do livro *Tânia*, em homenagem ao nosso amor. São poemas que marcam momentos importantes e dão voz ao nosso relacionamento. Costumo dizer que para amar é preciso receber amor.

“Não escrevo / *Tânia* / escrevo *tânias* / tantos são os anos / compassados // junto as letras / o nome leve / solta o perfume / adocicado // sempre é o início / onde os corpos se confundem / nas descobertas // no final da tarde / na tranquilidade da casa / olho-te / como fosse o dia / do primeiro olhar entrelaçado”.

O livro é festa a celebrar o amor na revelação do segredo de nossa longa e eletrizante vida, ao buscar na literatura o ardor do nosso comprometimento, porque retenho o sopro do reflexo intenso das palavras, sempre presentes na sombra do seu olhar, onde desvela o meu sigilo e transfigura o viver, dando sentido ao nosso dia a dia.

“Tua proximidade insta o corpo / cúpida razão para me fazer bonito / em perfumadas roupas de domingo // tens a magia com que despertas o sexo / adormecido sonho de outras épocas // chega no que traz no ar: / próprio o perfume e o passo / leve gesto de longas horas // tens o murmúrio dos passados / respeitosamente abertos em espaços // tua proximidade acelera o canto / desencanta o tempo / ilumina o momento: / és deusa do começo trazes a luz / alva e alba era de chegadas // sou súdito igual que presença / em ti a estrela e a guia / corpo de mulher desenhado ao tempo.”

O livro *Tânia* é intenso, ousado, sonhador e romântico. Du Bois, reflete cenas que descrevem a nossa história construída com paixão, desejo, respeito e cumplicidade, ingredientes que fazem a diferença no nosso viver.

De que vale a vida sem carinho? Fascinada, encontro a desordem interior na ordem de fora, onde a vida se reflete na arte. O que sei do amor liga o impulso que me leva à paixão pelo simples estar em sua companhia; o simples estar na tarde; o sorriso, o toque, a pele e o perfume. Não há pressa, penso como gostaria de ficar parada em um beijo. Assim, classifico a vida como emocionante leitura que não perde o encanto e que me permite acreditar que possa existir tal literatura, como poder transcendental no amor.

“No encontro / esqueces o tempo / conversas // teu sorriso / atravessa o tempo / em que os sérios / ficam presos // teus gestos / traduzem a beleza / com que os sinos / embelezam as torres // leve o hálito / traduzindo o corpo / composto em amores // conversas teus assuntos tantos / enquanto os olhos me procuram / como sempre estou ao teu lado.”

Defendo que o amor (nosso amor) é exercício de vida com o que – ainda - romancemos o mundo.

Data : 26/08/2018

Título : LIVROS E LOMBADAS

Categoria: Crônicas

Descrição: Vocês já notaram que as pessoas quando entram em livrarias voltam-se apenas para os livros com lombadas?



“Nos livros / as lombadas / riem de nós / como nelas descobrir /  
suas verdades? // Nos livros / as lombadas / nos cansam /  
como estivéssemos a subir / andar por andar tentando descobrir /  
nos segredos do último pavimento / o que está dentro de nós.”  
(Pedro Du Bois)

Vocês já notaram que as pessoas quando entram em livrarias voltam-se apenas para os livros com lombadas? Nem percebem os sem lombadas. Até porque, não temos cultura, nem tradição, para considerar o livro apenas pelo seu conteúdo.

A principal parte de um livro não é o significado das palavras? É interessante, porque sempre pensei que a leitura se desse através do gosto pela literatura. Porém, dei-me conta de que muitas pessoas procuram livros para comprar através de dicas de revistas, da aparência e do que está na “moda”. Não é justo, muitos escritores brasileiros, bons, não têm acesso a essa divulgação e nem são alcançados pela mídia.

Conheço a história de um casal apaixonado pela literatura. Ele, poeta, edita seus livros de forma oficial: ISBN, ficha catalográfica; ela confecciona as capas dos livros em uma impressora HP, simples. O engajamento deles é tão grande que contagia a todos que estão por perto. Seus livros não são comercializados, talvez, por não terem lombadas; são doados, distribuídos em bibliotecas, colégios e entre os amigos. O retorno desse trabalho é gratificante, esperançoso e prazeroso.

Um dia, esse escritor resolveu participar de concurso de poesia, em São Paulo, com a apresentação de um livro, foi premiado com o primeiro lugar, reconhecido por mestres em literatura. Só então teve o seu primeiro livro com lombada.

Por incrível que pareça, nem ganhando o concurso e sendo divulgado, tornou-se conhecido; mesmo assim, não foi suficientemente mostrado para merecer a atenção da mídia. Isso não o abalou. Ele continua firme e forte, confeccionando artesanalmente os seus livros e, também, mantém a sua luta literária, escrevendo e divulgando seus textos com paixão.

A esperança persiste, como em Manoel de Barros, o que não o faz desistir. Manoel, no início da carreira, também confeccionou artesanalmente seus livros, com a ajuda da sua mulher; teve a persistência para manter-se poeta até ser descoberto pelos editores. Hoje é consagrado e tão inspirador que, com a sua poesia, leva-nos ao “estado de passarinho”, como no seu poema: “A poesia está guardada nas /palavras – é tudo que sei /... Poderoso para mim não é aquele que descobre o ouro...”

Data : 18/03/2013

Título : LIXO REVOLVIDO

Categoria: Crônicas

Descrição: Existe sentimento mais importante do que o de preservar a natureza? Você gostaria de ser o responsável pelo seu lixo?

Existe sentimento mais importante do que o de preservar a natureza? Você gostaria de ser o responsável pelo seu lixo? Pedro Du Bois responde que "... sabemos que nossos lixos precisam ser revolvidos, criamos mecanismos de defesa: máscaras, luvas, emborrachadas botas, óculos com escuras lentes. Fazemos o trabalho com destreza e prática. E, ao que restar como monturo, viramos as costas e esquecemos". Cada pessoa deve pensar no seu estilo de vida, nas suas escolhas de consumo, e o que os cansam na frágil vida da Terra.

Morar à beira mar, ver o mar quebrar na praia, relaxar na areia: andar, correr e brincar, isso é bonito, é bom e saudável. Dorival Caymmi, nos anos 70, compôs: "... o mar quando quebra é bonito...". Agora, no século XXI, precisamos anunciar que o mar não é depósito de lixo. Que o mar é essencial para a produção de chuvas, e que sem elas não há vida. Tudo o que é jogado no mar, na praia, é levado pelas marés e enchentes, como demonstra Du Bois, "Água renovada / barrenta / carregando terras / lixos / animais mortos / vida // represa em águas / de falso brilho / e transparência // o fundo / lodo / entulho // a sujeira em curso se decompõe / em novas vidas".

A resposta está no coração. Com ele no comando a vida resplandece e a diversidade pode ser superada com criatividade, bom senso e, sem motivo especial, em qualquer hora e em qualquer lugar, como reflete Reginaldo C. de Albuquerque: "O tempo passa...em nome do progresso, / mesmo cheio de glórias, já defeso, / o lago vergou ante a sorte hostil..."

Pensemos sempre nas maravilhas da natureza, muitas vezes esquecidas e violadas. A natureza não conhece fronteira. E a nossa saúde depende dos cuidados para com o lixo. A ética também está na limpeza moral, e lembramos que antigamente existiam placas – pelas cidades – alertando que, "Cidade limpa. Povo culto".

Pergunto: você é culto o suficiente para valorizar e preservar a natureza? Em cada flagrante, em cada pessoa, em cada sensação serão preservadas as belezas naturais, verdadeiros tesouros arquitetônicos para serem vistos e revistos... Nei Duclós lembra que "A forma do mar é teu rosto / e o som da areia teu passo..."

Data : 27/09/2018

Título : LUIZ OTÁVIO OLIANI: o Averso do Verso

Categoria: Crônicas

O livro de Luiz Otávio Oliani, entre-textos, faz descobrir o avesso do verso como desafio para seguir anunciando a poesia como o instante de diferença na vida do leitor, porque a voz do autor brota na impressão do poema do outro autor.

Entre-textos revela as tramas da palavra na sensibilidade dos poetas, revertidas na expressão da linguagem, realçando o avesso do verso como impulso literário, o que dá sentido, quando resgatadas no dia a dia, provocando reações emocionais ao conduzir o leitor para o caminho de lazer e prazer.

É leitura em que o leitor se beneficia da oportunidade de conhecer vários poetas na liberdade de seus pensamentos, dando à existência o sentido mágico, libertador aos olhos do entendimento; como no verso Poema, de Carmen Presotto: "... faz-se o verso, / tece-se a vida... / nossa estrada / e moradia // zigue zaguar de dedos / palavras pensamentos / parapeitos do ser // ecoam..." e no avesso Receita, de Oliani: "na mesa do poeta / rabiscos // guardá-los para quê? // o texto / a nascer / da memória // o poema / é libertação".

A obra mostra o reverso como avesso do verso, onde o verso é de variados estilos e autores e o avesso (reverso), de Oliani. Os textos divagam o sentido para reconhecer a literatura como um valor em si, ao oferecer ao leitor a essência dos poetas na poesia do autor; como o verso Epitáfio, de Rogério Salgado: "Aqui nasce um poema / enquanto o poeta / falece na composição amarga / de rasurar sua dor", e no seu avesso Epitáfio, de Oliani: "aqui jaz Oliani / cujos versos mínimos / traduzem / o verbo contido".

Também o leitor pode se situar como diante de espelhos que refletem perfeitamente as ideias e os ideais na diversidade dos temas. O que se vê é poesia de quem espera algo acontecer, na perspectiva de elevar a voz dos poetas e levar o leitor a folhear com requinte as páginas do entre-textos, na finalidade de resgatar a palavra como conceito e ideologia, no momento em que a arte e o pensamento são voltadas para os campos luminosos das peças da imaginação; assim, o verso Lição de Astronomia, de Ricardo Alfaya: "Certa lua tinha mil sóis. / Sem luz original alguma, / brilhava mais que todos", que recebe o avesso Lição de Português, de Oliani: "amar, verbo transitivo? / amar é verbo de ligação / entre dois sujeitos".

É com o olhar de entendimento em profundidade na natureza de poeta que o autor demonstra na obra a experiência que ultrapassa os limites até então convencionais: "projeto nascido no facebook... a literatura que encantou pelos vieses diferentes que autores produzem sobre a mesma temática".

Oliani repassa não apenas um novo conceito, mas a ferramenta que muda a consciência do leitor, sem descuidar da função artístico-literária, como no verso O Rosto, de Jorge Ventura: "Assim / o mim, / Em cada rosto / a ser exposto, / uma expressão. // Um turbilhão / de meus eus, / áureos e erros. / Duas faces, / dois disfarces. / Por que sou avaro? / Porque sou diário", e no avesso Controverso, de Oliani, "assim / o mim / sucumbe ao eu / e me expresso / em duas faces / não sou o tu / não me rendo / a outro disfarce".

Data : 23/03/2016

Título : LUZ NEON

Categoria: Crônicas

Descrição: "Quando triste / penso na luz de neon / que ilumina nas vitrinas / os manequins.// Entristecido / sei que o clarão do neon / atrai os olhares.

“Quando triste / penso na luz de neon / que ilumina nas vitrinas / os manequins.// Entristecido / sei que o clarão do neon / atrai os olhares.// Nada resiste ao neon / das luzes das cidades: / derrubam muros / cativam almas / ávidas pela claridade.//Triste / fujo à aproximação / do neon em luzes claras: / armadilhas mortais / em minha idade.” A poesia de Pedro Du Bois retrata a iluminação das fachadas dos estabelecimentos com luz de neon, que aos poucos foi substituída pelos painéis luminosos. O neon foi se tornando matéria prima para os artistas plásticos. Resgato o artista plástico e pioneiro em trabalhos especializados em luz de neon, o arquiteto e designer Jimmy Bastian Pinto. Ele produziu belas obras, buscou inspiração na sensualidade feminina, mostrando as “belas luzes” que o mundo pode ver; revelou sua habilidade no criar “poético” em esculturas como, As Pernas de Tina Turner na Terra do Aladim, o perfil de Madonna e Silhuetas de Casais Dançando. Em todas as peças usou neon (direto ou indireto) em linhas continuadas e coloridas. Em algumas das esculturas o neon dá sensação de movimento, como se a luz estivesse saindo da peça. Suas esculturas foram recriadas em vários tamanhos que variam de 30 centímetros a 2 metros.

Poesia visual dispensa palavras quando me refiro ao neon, luzes em aplicação nas esculturas. Fascinante, mas cada vez mais distante. Hoje, apenas considerado mais um estilo.

Data : 19/10/2016

Título : LUZES de OURO PRETO

Categoria: Crônicas

Descrição: No livro Luzes de Ouro Preto (uma raridade, sem ano de edição), que foi projeto da Associação Cultural Avelino A. Vieira...

No livro Luzes de Ouro Preto (uma raridade, sem ano de edição), que foi projeto da Associação Cultural Avelino A. Vieira, com o objetivo de homenagear Minas Gerais e retratar “o brilho e a luz de uma cidade iluminada”, com espírito natalino, são encontradas imagens que, iluminadas por artistas de sensibilidade, espelham Ouro Preto nas artes. Artistas esses que transformaram palavras e emoções através dos seus trabalhos. São eles: Carlos Bracher, Fani Bracher, Jorge dos Anjos, Fernando Lucchesi, Gê Fortes, Annamélia, Guilherme Mansur, Eduardo Trópia, Milton Trópia e Carlos Scliar. Poetas que fizeram da palavra, arte e memória, revelando as suas verdades. Entre tantos, cito Carlos Bracher, por admiração; pintor que obteve o “Prêmio de Viagem ao Estrangeiro”.

Todos os artistas, de certa forma, são considerados estrangeiros dentro da cultura; pois não são lembrados como deveriam ser: “poetas das artes”. Pedro Du Bois retrata o estrangeiro: “Resta a paisagem / onde os olhos distraem os sentidos:/o viajante pontua a passagem / em imagens.//... Resta o que vê de paisagem / nua e inquieta dos ventos: rotula o esboço / e o transforma no desenho virtual / do século prazado / sobreposta, a paisagem incorpora suas marcas...”

Pintar e poetizar são a melhor parte a ser visto e vivido. É o que de melhor o mundo considerado dos estrangeiros nos oferece como uma luz; segundo Ordes Fontela, em Teia: “A luz está em nós: iluminamos”.

Data : 27/09/2018

Título : MACHADO DE ASSIS: Lembrança

Categoria: Crônicas

Falar em Machado de Assis é lembrar o amor, as relações amorosas e os seus romances, como RESSURREIÇÃO (que foi o seu primeiro romance); os romances de folhetins, como A MÃO E A LUVA e HELENA; e IAIÁ GARCIA.

“Cada qual sabe amar a seu modo; o modo, pouco importa, o essencial é que saiba amar.”

Considerado o pai do realismo na literatura brasileira, escreveu vários livros de contos e, entre eles, destaque O ALIENISTA, em que discute a loucura, abrindo espaço para as questões psicológicas dos personagens. Nessa fase ele retrata o realismo literário, fazendo uma análise do ser humano.

Também, o livro MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS, que foi um dos marcos do realismo na literatura, num estilo pouco convencional da época e que se encerra com a seguinte frase, “Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado de nossa miséria”.

Machado tinha apenas 16 anos quando publicou o seu primeiro livro de poemas, “ELA” (já era um talento), escrevendo apenas no seu tempo livre, pois, era de família humilde e necessitava trabalhar; isso não o impediu de se tornar um grande escritor, um dos

fundadores da Academia Brasileira de Letras, da qual foi o seu primeiro presidente. Nela, como patrono, escolheu José de Alencar, por ter sido seu grande amigo. Por sua importância, a A.B.L. passou a ser chamada de a CASA DE MACHADO DE ASSIS.

“Não é amigo aquele que alardeia a amizade:

é traficante; a amizade sente-se, não se diz.”

Lembro-me, do escritor Machado porque ele sempre me coloca em sintonia, na literatura, com os ritmos do mundo, “Pensamentos valem e vivem pela observação exata ou nova, pela reflexão aguda ou profunda; não menos querem a originalidade, a simplicidade e a graça do dizer”; do escritor carioca, brasileiro e da sua obra, “Para as rosas, escreveu alguém, o jardineiro é eterno.” Viva o jardineiro da Literatura!

Data : 10/05/2014

Título : MÃE vida real

Categoria: Crônicas

Descrição: Homenageio o símbolo da continuação da criação humana e dou relevo à beleza da vida: ser mãe.

MÃE: vida real

“Se / Sêmen / Semente // vida” (Silmar Bohrer)

Homenageio o símbolo da continuação da criação humana e dou relevo à beleza da vida: ser mãe.

Partindo da premissa de que filho não vem com “manual de instruções”, as mães enfrentam situações e situações, principalmente porque, hoje em dia, elas precisam ser modernas e maternas, devendo compartilhar os dissabores, as alegrias, as dúvidas e os receios. Enfrentam o dia a dia com tudo de bom e de ruim que a palavra possa implicar

Quem é mãe sabe ser uma mulher múltipla... Tem de conciliar o filho e a carreira, o que, apesar da correria, do sofrimento e das preocupações, avalio como positivo.

Apenas a mãe consegue ter um momento mágico, mas que naturalmente a priva de outras atividades, como: dormir despreocupada e simplesmente acordar no outro dia; ir ao cinema, ler, mas isso e muitas outras coisas mudam. Aos poucos, a vida retoma o seu prumo, seu espaço vai se adequando e descobre inúmeras maravilhas que apontam para o caminho da realização, com coragem e felicidade.

Digo sempre que um filho significa alegria e amor; passa energia para se viver, que só uma mãe pode entender. Ele tem em nós, mulheres, mais do que uma mãe, têm a amiga que carrega os sentimentos do tempo.

A mãe representa o tempo, porque o tempo é vida, como nos mostra a gaúcha Ayda Bochi Brum, em seu poema Vida x Vida: “Ser mãe é sair do ventre novamente. /... E aprender nova linguagem / e sentir com mais intensidade: / que imortal é o amor / e a dor mais dor - / que o filho é energia segurando a vida / e transcendendo a transcendência / do que chamam morte. /... e não cansar de repetir / em cada filho / essa esperança nova / que faz a mulher viver / mais que uma vida /... E ser avó / é ser tudo isso novamente / sendo feto e alma / e coração e gente”.

Escolhi Ayda para ser lembrada na passagem do dia das mães, por ser ela mãe e poetisa, nascida em São Francisco de Assis, no Rio Grande do Sul, em 1941. Voltada para a arte da palavra e através do seu desempenho, conquistou, entre outros, o prêmio de mulher destaque do ano, o de mulher expressão do Rio Grande do Sul e o troféu Ana Terra. Resultados esses que refletem e representam a vitória das mães na vida real.

Data : 11/05/2019

Título : MÃE: vida real

Categoria: Crônicas

Descrição: Homenageio o símbolo da continuação da criação humana e dou relevo à beleza da vida: ser mãe.

“Se / Sêmen / Semente // vida” (Silmar Bohrer)

Homenageio o símbolo da continuação da criação humana e dou relevo à beleza da vida: ser mãe.

Partindo da premissa de que filho não vem com “manual de instruções”, as mães enfrentam situações e situações, principalmente porque, hoje em dia, elas precisam ser modernas e maternas, devendo compartilhar os dissabores, as alegrias, as dúvidas e os receios. Enfrentam o dia a dia com tudo de bom e de ruim que a palavra possa implicar

Quem é mãe sabe ser uma mulher múltipla... Tem de conciliar o filho e a carreira, o que, apesar da correria, do sofrimento e das preocupações, avalio como positivo.

Apenas a mãe consegue ter um momento mágico, mas que naturalmente a priva de outras atividades, como: dormir despreocupada e simplesmente acordar no outro dia; ir ao cinema, ler, mas isso e muitas outras coisas mudam. Aos poucos, a vida retoma o seu prumo, seu espaço vai se adequando e descobre inúmeras maravilhas que apontam para o caminho da realização, com coragem e felicidade.

Digo sempre que um filho significa alegria e amor; passa energia para se viver, que só uma mãe pode entender. Ele tem em nós, mulheres, mais do que uma mãe, têm a amiga que carrega os sentimentos do tempo.

A mãe representa o tempo, porque o tempo é vida, como nos mostra a gaúcha Ayda Bochi Brum, em seu poema Vida x Vida: “Ser mãe é sair do ventre novamente. /... E aprender nova linguagem / e sentir com mais intensidade: / que imortal é o amor / e a dor mais dor - / que o filho é energia segurando a vida / e transcendendo a transcendência / do que chamam morte. /... e não cansar de repetir / em cada filho / essa esperança nova / que faz a mulher viver / mais que uma vida /... E ser avó / é ser tudo isso novamente / sendo feto e alma / e coração e gente”.

Escolhi Ayda para ser lembrada na passagem do dia das mães, por ser ela mãe e poetisa, nascida em São Francisco de Assis, no Rio Grande do Sul, em 1941. Voltada para a arte da palavra e através do seu desempenho, conquistou, entre outros, o prêmio de mulher destaque do ano, o de mulher expressão do Rio Grande do Sul e o troféu Ana Terra. Resultados esses que refletem e representam a vitória das mães na vida real.

Data : 09/05/2020

Título : MÃE: vida real

Categoria: Crônicas

Descrição: Homenageio o símbolo da continuação da criação humana e dou relevo à beleza da vida: ser mãe.

“Se / Sêmen / Semente // vida” (Silmar Bohrer)

Homenageio o símbolo da continuação da criação humana e dou relevo à beleza da vida: ser mãe.

Partindo da premissa de que filho não vem com “manual de instruções”, as mães enfrentam situações e situações, principalmente porque, hoje em dia, elas precisam ser modernas e maternas, devendo compartilhar os dissabores, as alegrias, as dúvidas e os receios. Enfrentam o dia a dia com tudo de bom e de ruim que a palavra possa implicar

Quem é mãe sabe ser uma mulher múltipla... Tem de conciliar o filho e a carreira, o que, apesar da correria, do sofrimento e das preocupações, avalio como positivo.

Apenas a mãe consegue ter um momento mágico, mas que naturalmente a priva de outras atividades, como: dormir despreocupada e simplesmente acordar no outro dia; ir ao cinema, ler, mas isso e muitas outras coisas mudam. Aos poucos, a vida retoma o seu prumo, seu espaço vai se adequando e descobre inúmeras maravilhas que apontam para o caminho da realização, com coragem e felicidade.



Digo sempre que um filho significa alegria e amor; passa energia para se viver, que só uma mãe pode entender. Ele tem em nós, mulheres, mais do que uma mãe, têm a amiga que carrega os sentimentos do tempo.

A mãe representa o tempo, porque o tempo é vida, como nos mostra a gaúcha Ayda Bochi Brum, em seu poema Vida x Vida: “Ser mãe é sair do ventre novamente. /... E aprender nova linguagem / e sentir com mais intensidade: / que imortal é o amor / e a dor mais dor - / que o filho é energia segurando a vida / e transcendendo a transcendência / do que chamam morte. /... e não cansar de repetir / em cada filho / essa esperança nova / que faz a mulher viver / mais que uma vida /... E ser avó / é ser tudo isso novamente / sendo feto e alma / e coração e gente”.

Escolhi Ayda para ser lembrada na passagem do dia das mães, por ser ela mãe e poetisa, nascida em São Francisco de Assis, no Rio Grande do Sul, em 1941. Voltada para a arte da palavra e através do seu desempenho, conquistou, entre outros, o prêmio de mulher destaque do ano, o de mulher expressão do Rio Grande do Sul e o troféu Ana Terra. Resultados esses que refletem e representam a vitória das mães na vida real.

Data : 14/09/2016

Título : MÁGICA do CORAÇÃO

Categoria: Crônicas

Descrição: Aquela tarde de verão foi especial porque Júlia e Luísa Du Bois Araújo Silva descobriram o seu segundo ser dentro das expressões e juntas fizeram a letra de uma música e...

"...um escritor é alguém que pacientemente,

tenta descobrir o segundo ser dentro dele..."

(Ohran Pamuk)

Aquela tarde de verão foi especial porque Júlia e Luísa Du Bois Araújo Silva descobriram o seu segundo ser dentro das expressões e juntas fizeram a letra de uma música e, assim, mediram suas capacidades culturais e literárias. Sem medo de serem felizes, ousaram alcançar seus interesses quando da construção da poesia rimada: Vou Te Dar Meu Coração // Vou te dar meu coração / Vou te dar meu coração, / dentro dele há uma canção. / Posso qualquer coisa falar / para te impressionar. // Um poema pode recitar, / para me impressionar./ Venha vamos cantar e dançar! // Vou te dar meu coração, / dentro dele há uma canção. / Posso qualquer coisa falar / para te impressionar.// O amor irá te fazer cantar comigo. / E a amizade irá nos fazer encontrar um amigo. / E a felicidade te fazer dançar. // Vou te dar meu coração, / dentro dele há

uma canção. / Posso qualquer coisa falar / para te impressionar”. Segundo Alberto Martins, “Penso que o ponto de partida fundamental para um bom poema é o ritmo”.

O escritor é tomado por um sentimento, o que faz com que ele, de forma inexplicável, desvele o mistério no jogo de sedução das palavras. A questão é que, na hora da criação e da conquista, ele é o representante do coração. É isso mesmo, ele é sensível e está predisposto a notar tudo o que acontece ao seu redor, porque “enxerga” com o coração. E isso inclui os detalhes, como no livro infanto-juvenil, *Coração de Vidro*, de José Mauro de Vasconcelos, com histórias passadas na fazenda, onde o autor incita o leitor ao amor à natureza e as suas criações.

O que nem sempre corresponde à expectativa do coração, pode parecer uma incógnita para alguns e explicações para outros, é o enigma. De um lado o coração está ligado ao afeto e, de outro, ao instinto de sobrevivência e, isso aumenta as chances para escritor se inspirar. Maria Dinorah retrata no livro de poesias, *Coração de Papel*, para o pequeno leitor, “... E o coração da gente / é realejo / que ficou de banda / onde as crianças / brincam de ciranda...”. E o livro *Corações de Pedra*, de Ganymédes José, também de literatura infanto-juvenil, trata dos conflitos existenciais na vida de todos nós.

Sabe-se que o escritor, no jogo para desenhar palavras, usa a motivação como sinal de entendimento como o do envolvimento afetivo, para expressar o que considera relevante, como demonstra Érico Max Müller, “o que eu proponho é se erga de vós / a mágica do coração...”.

Impressionante como o pensamento pode decifrar o enigma: coração. Essa simples mágica marca o caminho percorrido como trajeto que dá a resposta desejada na busca pela essência das palavras, como em Hugo Mund Junior, no livro *Véspera do Coração*: “Pleno, o coração te acolhe. / Festivo, / faz-se lírio o dia. Agrado, atenções, coisas miúdas...”

Data : 23/03/2016

Título : mamãe e sua VALISE descolorida pelo tempo

Categoria: Crônicas

Descrição: para mãe Annita Diante da valise descolorida pelo tempo, lotada de lembranças, decido descobrir sobre mamãe.

para mãe Annita

Diante da valise descolorida pelo tempo, lotada de lembranças, decido descobrir sobre mamãe. Encontro perguntas que ocupam o coração e não podem se espremer dentro da valise, sobre o que é o tempo...

- perto da grandiosidade do seu coração?
- perto da mãe incrível que distribui generosidade?
- perto do carinho e atenção que dedica?
- perto das escolhas que faz para viver em paz?
- perto do acordar com alegria, iluminando vida?
- perto da sua preocupação para com a família?
- perto do que acredita e me repassa?
- perto da sua lealdade e honestidade?
- perto do seu ídolo Chico Buarque: “mulher vou te dizer o quanto te amo, cantando a flor / que nós plantamos”?
- perto dos preferidos Mario Quintana e Paul Auster?

Nas palavras de Noélio A. de Mello, “o tempo nos conta o que não queremos esquecer”. Então, brinco enquanto remexo em seus objetos que revelam as faces do tempo, porque o tempo significa a vida – o presente do passado na memória, o presente do presente no sentimento e o futuro na procriação.

Sigo remexendo na valise e encontro duas caixas desbotadas e logo penso em abri-las, mas Lindof Bell alerta que “Os cadeados / que o tempo carrega / carrego dentro de mim...” Tenho de abri-la para fazer valer o meu desejo: a caixa amarelada mostra que o melhor sobre o tempo é que ele acontece apenas uma vez, e me diz que a mãe é a responsável pelas mudanças, é a alma do tempo. Ela faz refletir sobre a minha trajetória, lembrando o que sempre ouvi: não espere a mudança, seja a mudança. Na outra caixa avermelhada vejo e digo: mãe, seu tempo é hoje! E o meu recado é o que Cora Laus deixou, “O belo é sentir o hoje”.

Estar com a minha mãe é comemorar o amor, partilhar da sua sabedoria e experiência, para realizar meus sonhos. Faço minhas as palavras de Luiz Delfino, “... é a mulher que me enleia e fascina, / É a mulher que eu chamo, / Entre todas gentil, é a mulher divina, / É a mulher que eu amo”.

Data : 13/11/2014

Título : Manoel de Barros

Categoria: Crônicas

Descrição: Crônica escrita em homenagem aos 90 anos do Poeta, hoje falecido, pouco antes de completar seu 98º aniversário.

## MANOEL DE BARROS: “O grande poeta de pequenas coisas”

por Tânia Du Bois

Faço desta, uma homenagem, para dizer algumas palavras de encantamento ao poeta Manoel de Barros que aniversaria em dezembro. Peço licença para homenagear o grande mestre. Peço licença, sim, porque sou amante da poesia e, entre os meus escritores, Manoel de Barros é um dos preferidos e, em tudo o que se escrever sobre ele, estaremos nos repetindo, mas a repetição será permitida por sua grandeza pessoal e pela grandiosidade da sua obra. É um prazer poder reler, rever e reviver o poeta dos “desacontecimentos”, o “poeta do pantanal”, o “lírico da ecologia”, o “virtuoso do realismo mágico”, “o grande poeta de pequenas coisas”. O que me permite repassar alguns fatos significativos da sua vida, como diz Pedro Du Bois, “... Escrevo histórias / recontadas em outros dias / de mesmas palavras.” e Orides Fontela, “a luz está em nós: iluminamos.” – podemos dizer que a luz está em Manoel de Barros: iluminando-nos.

A seguir, cito alguns textos sobre o poeta e sua obra.

Fabrizio Carpinejar, em “Manoel de Barros: poesia para reciclar”, dezembro de 2006, conta que o poeta está casado há 58 anos com Stella, seu grande amor. Ela é a primeira e única leitora de seus originais. É bem crítica. Se ela não gosta, diz: “Sobe e vai trabalhar mais”. Ele só dá por terminado o trabalho quando ela define que está bom, pois, conhece o seu estilo. Manoel de Barros editava as suas obras em tiragens artesanais e de escassa circulação. Teve o reconhecimento na década de 80, por críticos e personalidades, como o dicionarista Antônio Houaiss, o escritor Millôr Fernandes e o editor Ênio Silveira.

Manoel é poeta do simples e da delicadeza, que adota a autenticidade dos defeitos. Tem estima pelas coisas e homens jogados fora pela sociedade. Seu universo é o do cisco, dos gravetos, dos inutensílios e dos nadifúndios. O escritor atua no espaço faz de conta. Interessa-se pelos hábitos das lagartixas, lesmas e animais rastejantes. O poeta faz brinquedos verbais com osso de arara, canzil de carretas, potes furados, sabugos. A singularidade de sua poética reside em combinar a aguda percepção urbana com um repertório primitivo e rural. Para Barros, o que é descartado é jogado dentro do poema. E afirma que o verdadeiro conhecimento está na leitura do mundo. “Poesia é voar fora da asa” (O Livro das Ignoranças).

O editor Ênio Silveira, sobre o “Livro das Ignoranças”, mostra como o poeta nos toca pela magia de seus versos, o que nos leva a compará-lo na tentativa de defini-lo como: “grande poeta de pequenas coisas”, “o lírico da ecologia”, “poeta do pantanal”, “o virtuoso do realismo mágico...”. Deixamo-nos envolver pela sua poesia, em que nos encantamos, pela sua constante redescoberta das palavras.

Adélia Menegazzo, sobre a obra “Concerto a Céu Aberto”, aponta que a leitura de seus poemas vem preencher os vazios e descobrir que o poeta entrega ao leitor um concerto de sons... audíveis apenas no silêncio entre uns e outros. Porque, antes de tudo, MÚSICA! Cada verso seduz pelo desvio, pelas dissonâncias e revela a revolução das palavras, “Do canto das aves está posto o concerto em pauta”.

Paulinho Assunção, sobre “Poemas Rupestres”, apresenta este menino que “pegou um olhar de pássaro” e que “contraiu visão fontana”, este menino, sábio dos “desacontecimentos”, este é um menino-manoel. É um menino “com olhar – furado – das nascentes”, que gosta de atrelar palavras de rebanhos diferentes, com o intuito de “causar distúrbios no idioma...”. É preciso dizer: todos nós nos desabrimos em outras pessoas diante da poesia de Manoel.

Adalberto Müller Júnior, a respeito de “Matéria e Poesia”, traz que a originalidade do poeta consiste em elaborar liricamente, com as coisas menores, verdadeiras relíquias de linguagem. Manoel de Barros é capaz de transformar a matéria mais desimportante em poesia. E, Pedro Du Bois no livro “As Pessoas Nominadas”, presta homenagem ao poeta: Palavras // Um, santo de barro /outro, Manoel de Barros / de comum,/andor/ ardor/ com que santificam / palavras / ditas / escritas / jogadas ao vento / que as reproduz.”

Não posso deixar de expressar minha gratidão pela existência de Manoel de Barros, pois ele é palpitação em nossas vidas. O seu conhecimento vem através dos sentidos. Ele descreve os sons, dando-nos condições de, ao lê-los, poder ao mesmo tempo ouvi-los e senti-los. O poeta humaniza as coisas, o tempo e o vento. E mais, gosta das músicas de Chico Buarque e de Paulinho da Viola!

Ao completar 90 anos, recebeu o prêmio Nestlé de literatura, pelo livro “Poemas Rupestres”. Também conquistou outros dois prêmios: Jabuti e da Associação Paulista dos Críticos de Artes. Mas, o seu maior prêmio é ter a sua obra distribuída em todo o país.

Manoel de Barros se considera um “songo”, como fez constar em seu poema inédito de mesmo nome: “Aquele homem falava com as árvores e com as águas /ao jeito que namorasse //... Dizia que era abençoado pelas rãs e pelos / pássaros / A gente acreditava por alto / Assistira certa vez um caracol vegetar-se /na pedra ////... Era muito encontrável isso naquele tempo./ Até pedra criava rabo!/ A natureza era inocente.”.

Discordo quando o poeta, em seu autorretrato falado, em 1994, disse: “estou na categoria de sofrer do moral, porque só faço coisas inúteis...”. Prefiro quando ele diz que a “Poesia tem que ter palavras, uma feira de ideias.”.

Data : 06/08/2018

Título : MANOEL DE BARROS: o Grande Poeta de Pequenas Coisas

Categoria: Crônicas

Faço desta, uma homenagem, para dizer algumas palavras de encantamento ao poeta Manoel de Barros. Peço licença para homenagear o grande mestre. Peço licença, sim, porque sou amante da poesia e, entre os meus escritores, Manoel de Barros é um dos preferidos e, em tudo o que se escrever sobre ele, estaremos nos repetindo, mas a repetição será permitida por sua grandeza pessoal e pela grandiosidade da sua obra. É um prazer poder reler, rever e reviver o poeta dos “desacontecimentos”, o “poeta do

pantanal”, o “lírico da ecologia”, o “virtuoso do realismo mágico”, “o grande poeta de pequenas coisas”. O que me permite repassar alguns fatos significativos da sua vida, como diz Pedro Du Bois, “... Escrevo histórias / recontadas em outros dias / de mesmas palavras.” e Orides Fontela, “a luz está em nós: iluminamos.” – podemos dizer que a luz está em Manoel de Barros: iluminando-nos.

A seguir, cito alguns textos sobre o poeta e sua obra.

Fabrcio Carpinejar, em “Manoel de Barros: poesia para reciclar”, dezembro de 2006, conta que o poeta está casado há 58 anos com Stella, seu grande amor. Ela é a primeira e única leitora de seus originais. É bem crítica. Se ela não gosta, diz: “Sobe e vai trabalhar mais”. Ele só dá por terminado o trabalho quando ela define que está bom, pois, conhece o seu estilo. Manoel de Barros editava as suas obras em tiragens artesanais e de escassa circulação. Teve o reconhecimento na década de 80, por críticos e personalidades, como o dicionarista Antônio Houaiss, o escritor Millôr Fernandes e o editor Ênio Silveira.

Manoel é poeta do simples e da delicadeza, que adota a autenticidade dos defeitos. Tem estima pelas coisas e homens jogados fora pela sociedade. Seu universo é o do cisco, dos gravetos, dos inutensílios e dos nadifúndios. O escritor atua no espaço faz de conta. Interessa-se pelos hábitos das lagartixas, lesmas e animais rastejantes. O poeta faz brinquedos verbais com osso de arara, canzil de carretas, potes furados, sabugos. A singularidade de sua poética reside em combinar a aguda percepção urbana com um repertório primitivo e rural. Para Barros, o que é descartado é jogado dentro do poema. E afirma que o verdadeiro conhecimento está na leitura do mundo. “Poesia é voar fora da asa” (O Livro das Ignoranças).

O editor Ênio Silveira, sobre o “Livro das Ignoranças”, mostra como o poeta nos toca pela magia de seus versos, o que nos leva a compará-lo na tentativa de defini-lo como: “grande poeta de pequenas coisas”, “o lírico da ecologia”, “poeta do pantanal”, “o virtuoso do realismo mágico...”. Deixamo-nos envolver pela sua poesia, em que nos encantamos, pela sua constante redescoberta das palavras.

Adélia Menegazzo, sobre a obra “Concerto a Céu Aberto”, aponta que a leitura de seus poemas vem preencher os vazios e descobrir que o poeta entrega ao leitor um concerto de sons... audíveis apenas no silêncio entre uns e outros. Porque, antes de tudo, MÚSICA! Cada verso seduz pelo desvio, pelas dissonâncias e revela a revolução das palavras, “Do canto das aves está posto o concerto em pauta”.

Paulinho Assunção, sobre “Poemas Rupestres”, apresenta este menino que “pegou um olhar de pássaro” e que “contraiu visão fontana”, este menino, sábio dos “desacontecimentos”, este é um menino-manoel. É um menino “com olhar – furado – das nascentes”, que gosta de atrelar palavras de rebanhos diferentes, com o intuito de “causar distúrbios no idioma...”. É preciso dizer: todos nós nos desabrimos em outras pessoas diante da poesia de Manoel.

Adalberto Müller Júnior, a respeito de “Matéria e Poesia”, traz que a originalidade do poeta consiste em elaborar liricamente, com as coisas menores, verdadeiras relíquias de linguagem. Manoel de Barros é capaz de transformar a matéria mais desimportante em poesia.

Pedro Du Bois no livro “As Pessoas Nominadas”, presta homenagem ao poeta, “Palavras // Um, santo de barro /outro, Manoel de Barros / de comum,/andor/ ardor/ com que santificam / palavras / ditas / escritas /jogadas ao vento / que as reproduz.”

Não posso deixar de expressar minha gratidão pela existência de Manoel de Barros, pois ele é palpitação em nossas vidas. O seu conhecimento vem através dos sentidos. Ele descreve os sons, dando-nos condições de, ao lê-los, poder ao mesmo tempo ouvi-los e senti-los. O poeta humaniza as coisas, o tempo e o vento. E mais, gosta das músicas de Chico Buarque e de Paulinho da Viola!

Ao completar 90 anos, recebeu o prêmio Nestlé de literatura, pelo livro “Poemas Rupestres”. Também conquistou outros dois prêmios: Jabuti e da Associação Paulista dos Críticos de Artes. Mas, o seu maior prêmio é ter a sua obra distribuída em todo o país.

Manoel de Barros se considera um “songo”, como fez constar em seu poema inédito de mesmo nome: “Aquele homem falava com as árvores e com as águas /ao jeito que namorasse //... Dizia que era abençoado pelas rãs e pelos / pássaros / A gente acreditava por alto / Assistira certa vez um caracol vegetar-se /na pedra //... Era muito encontrável isso naquele tempo./ Até pedra criava rabo!/ A natureza era inocente.”.

Discordo quando o poeta, em seu autorretrato falado, em 1994, disse: “estou na categoria de sofrer do moral, porque só faço coisas inúteis...”. Prefiro quando ele diz que a “Poesia tem que ter palavras, uma feira de ideias.”.

Data : 09/12/2020

Título : MÃOS VAZIAS

Categoria: Crônicas

Descrição: Não estar de mãos vazias é estar cercada de amor e confiança...

Não estar de mãos vazias é estar cercada de amor e confiança; perspectivas e oportunidades; promessas cumpridas para assumir os desafios diários. Em Sophia de M. B. Andresen, “Apesar das ruínas e da morte, / onde sempre acabou cada ilusão, / A força dos meus sonhos é tão forte, / Que de tudo renasce a exaltação / E nunca as minhas mãos ficam vazias”.

Sinto atração pelo viver, onde encontro os resultados da minha dedicação. Contrariando o dito popular, planto ventos para não colher tempestades. Nas conquistas, a reflexão deixa claro que nunca estou com as mãos vazias.

Momento em que faço o balanço que me permite viver longe dos males do individualismo. Com independência, mantenho os sentidos para que a motivação leve a posicionar a realidade ao meu alcance, onde a técnica e a sensibilidade transformem e renovem o meu viver no visualizar a cena iluminada, porque tenho a liberdade em minhas mãos. Nas palavras de Sophia Andresen, “Perfeito é não quebrar / A imaginária linha // Exacta é a recusa...”.

Data : 28/08/2019

Título : MÃOS VAZIAS

Categoria: Crônicas

Não estar de mãos vazias é estar cercada de amor e confiança; perspectivas e oportunidades; promessas cumpridas para assumir os desafios diários. Em Sophia de M. B. Andresen, “Apesar das ruínas e da morte, / onde sempre acabou cada ilusão, / A força dos meus sonhos é tão forte, / Que de tudo renasce a exaltação / E nunca as minhas mãos ficam vazias”.

Sinto atração pelo viver, onde encontro os resultados da minha dedicação. Contrariando o dito popular, planto ventos para não colher tempestades. Nas conquistas, a reflexão deixa claro que nunca estou com as mãos vazias.

Momento em que faço o balanço que me permite viver longe dos males do individualismo. Com independência, mantenho os sentidos para que a motivação leve a posicionar a realidade ao meu alcance, onde a técnica e a sensibilidade transformem e renovem o meu viver no visualizar a cena iluminada, porque tenho a liberdade em minhas mãos. Nas palavras de Sophia Andresen, “Perfeito é não quebrar / A imaginária linha // Exacta é a recusa...”.

Data : 30/03/2015

Título : MAR

Categoria: Crônicas

Descrição: “Não tenho mares / tenho a garganta seca / e as palavras navegáveis.” (Lúcio Lins)

“Não tenho mares / tenho a garganta seca / e as palavras navegáveis.” (Lúcio Lins)

Pergunto pela autenticidade do mar. É justo perguntar, afinal, não se banha duas vezes nas mesmas águas. Já não sou a mesma jovem que viu a lua nascer e o sol morrer ao me ofertar nas delícias dos verdes mares. Geraldo Mello Mourão, em Invenção do



Mar, leva a descobrir o sentido das palavras, da poesia de origens com modulações, como as ondas do mar.

Imagine a sensação do mar em passadas saudades: é estar sensível à lembrança do mar no mundo que passa não passando, para quem o perdido se encontra. Os poetas sabem dizer, Lêdo Ivo, “O mar às avessas: / as constelações / são navios...”; Alcides Buss, “O mar ali,/ tentador de luzes mil / ou melhor traçado de luz...”; e Carmen Presotto, “No mar/ o repuxo // nos pés a liberdade // Nas mãos / a maresia // ao fundo, / luzes púrpuras de não ser mais o ser do acaso.”

O mar representa não apenas o modo de ser do tempo, mas o alcance da imaginação com a dimensão, a nitidez que qualquer um pode ver no reencontro dos mares, e que em algum lugar as águas guardam: “... O porto, a espera / a segurança / mais tua alma / quer o mar / na sensação desta viagem aventura / de viver (e se encontrar)”, em Violeta Formiga.

O mar é seleta matéria poética, com ritos que as marés impõem, maravilhando a todos. O poeta Pedro Du Bois projeta nos livros *Amare* e *Mar Aberto*, águas nunca antes navegadas. Traz poemas que exploram a beleza das praias, juntamente, com as histórias dos pescadores, “Da janela / sobre os edifícios / de Itapema vejo / o canto da praia e o morro do Cabeço. // Através da enseada / a beleza da ilha / das praias de Perequê / à ponta do Porto Belo. // Barcos singram as águas / ... O mar rendado homenageia a praia.”

Sensibilizo-me com a beleza do mar ao admitir conter a ilusão do amor e a força do silêncio nas palavras. Escuto por toda a parte a repetição das ondas, o som dos apaixonados e dos poetas. Ouço a voz do mar ao lembrar a vida.

Nei Duclós, em *No mar veremos*, desafia a expectativa silenciosa de achar respostas ao conversar com o mar, fazendo o tempo retroceder, mexer com a perplexa realidade.

Em *Águas Vivas*, de Miriam Portela, encontro *Maresias*, “são tumultos /são ondas / marés / motins. / São vagas / tão bruscos / os movimentos da água / onde eu navego.” e, *Entre Corais*, “Os cavalos marinhos/ com suas caudas torcidas / as medusas, os polvos / as arraias e as conchas / todo o universo / aquático / me convida a submergir / mas eu / eu respiro”.

O mar é poesia de reencontros que permite ir além do sorriso promissor; pincela ousadia ao conduzir o pensamento para a vida de maior sentido, nele ancorado, e garante encontrar o que procuro: alcançar a plenitude dos sentidos.

Data : 02/07/2014

Título : MAR

Categoria: Crônicas

Descrição: Pergunto pela autenticidade do mar. É justo perguntar, afinal não se banha duas vezes nas mesmas águas.

“Não tenho mares / tenho a garganta seca / e as palavras navegáveis.”

(Lúcio Lins)

Pergunto pela autenticidade do mar. É justo perguntar, afinal não se banha duas vezes nas mesmas águas. Já não sou a mesma jovem que viu a lua nascer e o sol morrer ao me ofertar nas delícias dos verdes mares. Geraldo Mello Mourão, em *Invenção do Mar*, leva a descobrir o sentido das palavras, da poesia de origens com modulações, como as ondas do mar.

Imagine a sensação do mar em passadas saudades: é estar sensível à lembrança do mar no mundo que passa não passando, para quem o perdido é encontrado. Os poetas sabem dizer, Lêdo Ivo, “O mar às avessas: / as constelações / são navios...”; Alcides Buss, “O mar ali, / tentador de luzes mil / ou melhor traçado de luz...”; e Carmen Presotto, “No mar/ o repuxo // nos pés a liberdade // Nas mãos / a maresia // ao fundo, / luzes púrpuras de não ser mais o ser do acaso.”

O mar representa não apenas o modo de ser do tempo, mas o alcance da imaginação com a dimensão, a nitidez que qualquer um pode ver no reencontro dos mares, e que em algum lugar as águas guardam: “... O porto, a espera / a segurança / mais tua alma / quer o mar / na sensação desta viagem aventura / de viver (e se encontrar)”, em Violeta Formiga.

O mar é seleta matéria poética, com ritos que as marés impõem, maravilhando a todos. O poeta Pedro Du Bois projeta nos livros *Amares* e *Mar Aberto*, águas nunca antes navegadas. Traz poemas que exploram a beleza das praias, juntamente, com as histórias dos pescadores, “Da janela / sobre os edifícios / de Itapema vejo / o canto da praia e o morro do Cabeço. // Através da enseada / a beleza da ilha / das praias de Perequê / à ponta do Porto Belo. // Barcos singram as águas / ... O mar rendado homenageia a praia.”

Sensibilizo-me com a beleza do mar ao admitir que ele contém a ilusão do amor e a força do silêncio das palavras. Escuto por toda a parte a repetição das ondas, o som dos apaixonados e dos poetas. Ouço a voz do mar ao lembrar a vida.

Nei Duclós, em *No mar veremos*, desafia a expectativa silenciosa de achar respostas ao conversar com o mar, fazendo o tempo retroceder, mexer com a perplexa realidade.

Em *Águas Vivas*, de Miriam Portela, encontro Maresias, “são tumultos / são ondas / marés / motins. / São vagas / tão bruscos / os movimentos da água / onde eu navego.” e, *Entre Corais*, “Os cavalos marinhos/ com suas caudas torcidas / as medusas, os polvos / as arraias e as conchas / todo o universo / aquático / me convida a submergir / mas eu / eu respiro”.

O mar é poesia de reencontros que permite ir além do sorriso promissor; pincela ousadia ao conduzir o pensamento para a vida de maior sentido, nele ancorado, e garante encontrar o que procuro: alcançar a plenitude dos sentidos.

Data : 03/01/2013

Título : MAR DE INVERNO

Categoria: Crônicas

Descrição: Tempo é fator fundamental na nossa vida. O inverno bate à porta e traz a preocupação de não sentir frio. A metáfora óbvia do inverno é o frio, essa gigantesca força da natureza que não podemos controlar.

Tempo é fator fundamental na nossa vida. O inverno bate à porta e traz a preocupação de não sentir frio. A metáfora óbvia do inverno é o frio, essa gigantesca força da natureza que não podemos controlar.

Quem de nós tem medo do inverno? Muitos enfrentam o difícil desafio, mas a principal arma para encarar as mudanças climáticas é não ter medo, não desistir de sonhar, questionar os hábitos e priorizar os valores.

É impossível não se deixar levar pelo espírito corajoso ao inventar dias chuvosos e sempre procurar uma maneira de garantir a harmonia entre o inverno e o bem estar, com a capacidade de ouvir o coração. Nas palavras de Carlos Alberto Lima Coelho, “Um vento sopra frio no quarto / Enquanto contemplo tua singeleza / Me vem uma doce lembrança / De como é belíssima a natureza...”

Nada é mais saudável para o espírito do que estar preparado para ir a busca de novas atitudes, novos hábitos, livros e autores, para amenizar os conflitos do inverno.

Ao abrir a porta dou passagem ao vento. Ele traz arrepios para o meu corpo. O casaco que estou usando é leve e curto. Estou sem guarda-chuva e está chovendo. Coloco a passagem do ônibus no bolso, para não gelar as mãos. Amanhã irei comprar um par de luvas. Gostaria de tomar uma sopa bem quentinha à noite. Tomarei um café quente e passarei manteiga de cacau para proteger os lábios do frio. É nesse mar de inverno que encontro “Dobras do Tempo” de Carmen S. Presotto, como razão, “Casa grande de imensas frestas / por onde ecoavam esperanças / que abrigavam meu frio. // Fabriquei fortes paredes. / Isolei o vento,... / Esfriei a alma... / Perdi as fendas da infância. / Dou aos olhos outros caminhos”.

Um olhar único sobre a vida. Através da porta fechada os ouvidos captam os sinais do vento, ecos desmemoriados trazem indisfarçada animação, onde brincadeiras simples e o encontro com os amigos se tornam diversão constante.

Ventania e conversas sobre a vida, ditas em segredo da alma é o sustento da paz e agasalho. Como em Orides Fontela, “Os extremos do vento / sons / partidos”.

Com a chegada dos ventos, na queda das folhas, nas temperaturas baixas, devíamos voar sob o mar de inverno em busca de um lugar bem quentinho, onde não entra o frio e a chuva, para não desfolhar o ser, como no poema de Virginia Woolf: “Sem nunca ser, mas sempre na orla do Ser / A minha cabeça, como a máscara da Morte, é transportada

no Sol / A sombra apontando o dedo à minha face / Movo os lábios para saborear, mexo as mãos para tocar / Mas nunca vou mais tocar, / Ainda que o espírito se incline para ver./ diante da rosa, o ouro, os olhos, uma paisagem admirada, / Os meus sentidos registram o ato de desejar, / Desejar ser rosa, ouro, paisagem ou um outro - / reclamando a plenitude no ato de amar.”

Data : 28/08/2019

Título : MARCADA HORA

Categoria: Crônicas

## MARCADA HORA

Arrumo tempo para cumprir as obrigações. Por que não há hora para assistir às mudanças que tanto busco ou para fazer algo que me dê prazer e me enriqueça culturalmente?

É necessário marcar hora para conversar com os amigos e encontrar os familiares, sem o celular na mão e os olhos na tela?

Penso no que não fiz e gostaria de ter feito, houvesse tempo. A corrida cotidiana e a preocupação por viver na ansiedade faz com que me envolva mais e mais. No dia a dia, encontro mais ônus do que bônus. Alzemi Lívio Vieira descreve, “O previsto e o imprevisível / Andam nas mesmas direções / Porque nos fatos consumados / são simultâneas as emoções...”.

Preciso marcar hora para desacelerar e poder me extasiar com cada dia. Contemplo o horizonte no presente. Expresso meu ponto de vista para resgatar o futuro? Destemida, desato o nó do dia sem marcar as horas?

Verdade que, para isso, preciso tempo para desmarcar as horas, aprender novas lições e me posicionar de outra forma para encarar a vida. Confesso que estou sempre acompanhada do medo, como constante na geração da dúvida: seria a hora certa para abordar tal assunto e realizar tal mudança?

Logo imagino o pior, as pessoas podem não gostar da minha atitude e fazer do momento, vendaval. O que é importante para um, poderá não ser para o outro. Não há como adivinhar, mas, posso arrumar tempo para conversar com o outro, sem estresse, e reacender a vontade de seguir em frente. Nas palavras de Alzemi L. Vieira, “... Já é hora da palavra / Cumprir bem a missão, / E fazer sua lavra / A melhor comunicação”.

Busco justificativas para adiar o lazer no desejo de me revelar em várias linguagens. Seria para driblar a saudade, a vergonha no palco, a outra opinião ou apenas espero pela hora certa?

Haveria hora marcada para conversar com os amigos e repensar que me encontrar com eles é algo espontâneo, rotineiro, não cerimonial. Em Alzemi, "... É uma noite divina / Que a vida propõe para nós, / Sem pensar qual o final / quero ouvir tua voz".

O convívio ensina a escutar mais do que falar. É fundamental em qualquer relação demonstrar quem somos e o que sentimos. Liberdade é poder mudar as palavras e contar novas histórias com confiabilidade, carinho, gentileza e verdade, sem hora marcada.

Data : 07/12/2013

Título : MÁRCIO ALMEIDA: o desafio da crítica

Categoria: Crônicas

Descrição: Crítica é o limite entre o não conseguir e o superar. Ela possibilita uma literatura mais ativa, por oferecer a visão e a qualidade da importância do livro.

Crítica é o limite entre o não conseguir e o superar. Ela possibilita uma literatura mais ativa, por oferecer a visão e a qualidade da importância do livro.

Acredito que a crítica me leva à curiosidade e, conseqüentemente, facilita a escolha pela obra e pelo autor; ajuda a questionar imagens e palavras em cada campo, que outros ângulos e nuances virão depois dos mais importantes. O objetivo é único: avaliar a obra e o novo, o que me parece ótimo desafio.

O crítico literário é a voz e o tom do livro que transmite a energia necessária para o criticado buscar inspiração e assim continuar a produzir. Também sei que uma crítica pode me derrubar como escritora em sua leitura, causando-me desconforto enquanto tento um tempo para digerir e retomar o processo da arte de escrever, pensando em melhorar fugindo da acomodação, como provado na crítica, ou me empolgando ao me dar conta de que – ainda – é um desafio o compromisso (sério) literário.

O livro fica marcado na minha vida e a crítica me ajuda a agregar valor ao trabalho de produção dos textos. Cabe-me avaliar o que significa a opinião com a qual tenho de conviver, pois ela equivale a uma declaração de amor ou um relato sincero sobre a minha obra.

Faço questão de reconhecer o conhecimento, a opinião e a visão do crítico literário Márcio Almeida, pois é quem desafia com comprometimento em favor da literatura e, principalmente, com a cultura. Merece destaque por que é desse "desafio" que nós escritores precisamos: a crítica com competência, transparência e honestidade, marcando com argumentos, justificativas e amplo conhecimento em suas análises sobre as obras literárias. Ele é diferencial muito além da simples leitura. Ao criticar meu livro de crônicas, Amantes nas Entrelinhas, me proporciona uma experiência interativa que,

com fundamento, engrandece a minha obra com seus conceitos e lapidações exclusivas. Guiado pelo saber, re(a)presenta o que seria a verdadeira alma das crônicas, em Amantes nas Entrelinhas, com o intuito de proporcionar visibilidade à beleza da obra; produz cultura e a desenvolve enquanto elabora a sua crítica na narração de diversas emoções e formas, com palavras para serem lidas e contempladas com o coração aberto.

Sou grata por ter Márcio Almeida em minha vida literária. Não, não vivo contos de fadas. Mas, é bom saber que não estou só no desafio diário pelos meus textos. Reconheço e valorizo suas palavras de construção em relação ao meu livro, como símbolo da busca da superação em mim mesma. Também sei, claro, que graças a sua opinião profissional, posso viver mais feliz.

Sinto-me à vontade e tenho o prazer em divulgar as palavras do crítico sobre meu livro:

“PREZADA TÂNIA,

MUITO GRATO PELO ENVIO DE "AMANTES NAS ENTRELINHAS."

SUAS CRÔNICAS-RELATOS TÊM ANTES DE TUDO A MARCA DA LEVEZA, COMUNICANDO-SE DE MODO INSTANTÂNEO COM O LEITOR.

HÁ NO TEOR DO SEU LIVRO UM CERTO REALISMO DOCE, PORTANTO POÉTICO, QUE SE ESPALHA PELA DIVERSIDADE DE ASSUNTOS, COM PREDOMINÂNCIA DA URBANIDADE E DA INTERATIVIDADE DE GRUPOS HUMANOS.

APRECIEI SOBREMANEIRA A BATEIA DE EXEMPLOS MUITO FELIZES COM QUE VOCÊ CONSTITUI COMO QUE UM CORPUS CULTURAL A INDICAR MUITA VIVÊNCIA DE LEITORA DE VIDA.

ALÉM DE SEREM VÁRIAS AS REFERÊNCIAS EM QUE CONFESSA AMOR À NATUREZA, ÀS ARTES, ÀS PESSOAS QUE TÊM A CULTURA COMO UM REFLEXO POSITIVO DA PRÓPRIA VIDA.

SEU LIVRO MERECE PLENA VISIBILIDADE, PORQUANTO ENRIQUECERÁ A VIDA DE TODOS QUE TIRAREM PROVEITO DE SUA LEITURA. CONGRATULAÇÕES POR OFERECER UM LIVRO DE MUITO BOM NÍVEL.

RESPEITOSAMENTE

Márcio Almeida “

Data : 27/09/2018

Título : MÁRCIO ALMEIDA: Sonhar

Categoria: Crônicas

Perco o prumo, saio do rumo, fico sem cor quando sonho com a vida. Gosto de ouvir o som do mar, dormir ao luar. Ao usar os sentidos percebo cada detalhe do mundo. Fico surpresa ao ler poesia e sentir mudanças, como novas maneiras de sonhar, como se reservasse um segredo. É o que encontro em Márcio Almeida, no poema Alívio. Ele transforma os padrões e me surpreende como dono do tempo – o presente no futuro – daí rompe os sentidos tão “sedentos” de sonhar. O meu rumo segue as palavras do escritor, como a leveza da brisa e a fúria do vento.

“Uma noite sem pernillongo... / uma chuvinha com raios e trovões em meio a madrugada, / um jornal de TV sem bala perdida, / um dia sem falta d’água, / um consenso no Congresso a favor do povo, / um dia sem apagão //... um programa de TV sem apelação do sexo, / um político pronunciando a palavra” nós”, / uma música que não seja só sertanoja ou funk, /... uma religiosidade sem as peias do fanatismo, / uma manifestação pública sem os excessos do rancor...”

O prumo do poeta é a esperança como luta pelo ideal. Mostra obstáculos intransponíveis e não trai seus princípios: justiça, liberdade e humanidade. Vejo que as nuvens encobrem o sol quando sonho uma vida sem barreiras, mas, tenho certeza de que o sol não desaparece, nem as ideias deixam de serem ares de esperança. Olho para o mar e vejo que Márcio não se encontra sozinho; seu poema representa a perseverança e a atitude, para não sofrermos sem necessidade na busca do sonho.

“... um único dia sem competitividade humana, / um único dia sem cometer devassa na natureza, //... um instante para lembrar que a poesia (ainda) existe”.

O Poeta “grita” em favor da vida, ao retratar palavras que espelham momentos de ambição capitalista e, assim, revela seus direitos.

“... um atendimento no SUS sem omissão, / uma ida ao supermercado sem inflação, / um livro bom que não seja best-seller, / uma taxa que não tenha desempregos, / uma redação do Enem que não tenha nota zero...”

No ar pesado e o mar denso, estremeço ao pensar que os homens tornam a vida em lugares vazios, onde o “sonho acabou”, como canta Gilberto Gil.

Insisto em sonhar porque acredito na existência da justiça, do amor e de palavras como “honra”, para eu descobrir o prumo e o rumo ao crer no ideal e, juntos, lutarmos por ele.

“... uma bandeira branca contra as guerras pelo mundo, /... um espelho para a transparência... / um instante para lembrar que a poesia (ainda) existe”.

Flutuo na brisa, navego em ondas onde encontro a poeira que espalha o sonho. Retorno e passo o tempo buscando a igualdade, a honestidade e a lealdade e, ao mesmo tempo, procuro descobrir porque a vida testa o meu sonho.

Data : 27/09/2018

Título : MARIO QUINTANA: o Poeta Diante da Sua Arte

Categoria: Crônicas

Estou em Porto Alegre, capital e coração do Rio Grande; a oportunidade para lembrar a intensa vida e o trabalho de Mario Quintana que, com emoção, possibilitou a realização integral de seus sonhos de liberdade e felicidade. O poeta amou a cidade que, desde sempre, lhe retribuiu esse amor.

Quintana foi poeta muito especial, o que nos permite penetrar no reino das palavras quintanares e passear pelos seus textos como quem conversa com a cidade de Porto Alegre.

A reunião de alguns de seus textos permite a visão do seu percurso, mostrando o poeta diante da sua arte:

1 – Preto no Branco - Quintana transfigura a imagem da cidade, nas metáforas de seus poemas.

“A arte de escrever é, por essência, inerte e tem sempre um quê proibido: algo assim como essa tentação irresistível que leva os garotos a riscar a brancura dos muros”.

2 - A Rua dos Cataventos - Mario Quintana, muitas vezes, confundido com a paisagem das ruas de Porto Alegre.

“Jogos de luz dançando na folhagem! / Do que eu ia escrever até esqueço... / Pra que pensar? Também sou da paisagem...”

3– De Sonetos e de Canções - Uma das características de Mario Quintana é a melodia de seus versos, símbolo que, ancorado na cidade, fez dela seu itinerário de canções.

4 – O Diálogo entre o Poeta e a Rua - A exploração de suas andanças pelas ruas de Porto Alegre.

“Dorme ruazinha... É tudo escuro... / Em meus passos, quem é que pode ouvi-los?”

5 – XI Passos da Cruz - O poeta funde em poesia a realidade e a imaginação: Porto Alegre é sua poesia.

“Não sou eu quem descrevo / Eu sou a tela E oculta a mão colore alguém em mim”

6 – O Mapa - Nesse poema ele fala de lugares, ruas, bairros e estão relacionados às suas diferentes lembranças sobre a cidade.

“Olho o mapa da cidade / Como quem examinasse / A anatomia do corpo... / sinto uma dor infinda / das ruas de Porto Alegre / onde jamais passarei...”

7– Na Volta da Esquina - O eu-lírico presente no texto, “sorrisos” com uma pitada sobre política, sua maneira de ajudar a refletir seu encanto por Porto Alegre:

“Os sorrisos mais encantadores que a gente recebe na vida são os desses candidatos em vésperas de eleições”.

8 – Ora Bolas - Segundo Luís Fernando Veríssimo, Quintana dizia muito “ora bolas”, que era o seu desabafo de mil utilidades – é um livro que reúne o humor cotidiano.

9 – Dos Livros - Aqui, Quintana revela a face secreta de Porto Alegre e de seus habitantes.

“A duas espécies de livros: uns que os leitores esgotam, outros que esgotam os leitores”.



10 – O Auto-retrato - “No retrato que faço / - traço a traço – / as vezes me pinto nuvem / as vezes me pinto árvore”.

Para Quintana, escrever sobre Porto Alegre, era a sua maneira de comunicar-se com o mundo e demonstrar seu amor pela cidade. Hoje, a certeza de que a mesma se reconhece em seus versos e ele está presente em sua paisagem.

Data : 04/02/2016

Título : MÁSCARA e MASCARADOS

Categoria: Crônicas

Descrição: Carnaval é a festa onde temos a oportunidade de fantasiar histórias reais, pelo menos por alguns dias, fazendo do mundo em que habitamos um mundo encantado.

“Brasileiro é alegre, um ser  
dotado de musicalidade incrível”  
(Bibi Ferreira)

Carnaval é a festa onde temos a oportunidade de fantasiar histórias reais, pelo menos por alguns dias, fazendo do mundo em que habitamos um mundo encantado. Aproveitamos o carnaval para descobrir momentos e passatempos com pessoas alegres, dançando e fazendo dançar nossas fantasias.

Chico Buarque em A Noite dos Mascarados, de 1967, canta o tema para brincarmos sem medo no carnaval, fugindo da determinação da vida e permitindo-nos viver o nosso querer e o colocar na passarela. “Quem é você // ... hoje os dois mascarados // ... Mas é carnaval / Não me diga mais quem é você // ... deixa o dia raiar / Que hoje sou eu / Da maneira que você quer/ O que você pedir / Eu lhe dou / Seja você quem for...”

A máscara esconde o tempo e o transforma, muitas vezes, em passado inesquecível, retornando em horas que chegam ao carnaval em plano pessoal, o que motiva, desafia e ainda diverte, como retratam Zé Kéti e Elton Medeiros: “... É só nos carnavais / encontrava-te sem encontrar este teu lindo / olhar... / na esperança de que tivesse esta máscara / que sempre me fez mal / mal que findou só / depois do carnaval.”

Os mascarados encontram inspiração para reinventar os dias de carnaval em cores de alegria, como símbolos da criação, como Carybé, um dos pintores que melhor retratou a beleza da alma e da vida baiana, sempre presente na arte popular. Também em Romero Brito, que através da sua arte alegre e colorida, criou personagens

inspirados no carnaval do Nordeste e do Rio de Janeiro. Assim, inspirado, Francisco Alvim descreve, “Carnaval // Sol //... O mundo, uma fantasia...”.

Os mascarados fazem do carnaval o espaço para se sentirem livres e transformarem aqueles dias no embalo pelas passarelas, durante os desfiles. O sucesso do carnaval reside na insistência e no prazer em participar e estrelar com personalidade e talento que, muitas vezes, falta nos dias comuns. É preciso ter vontade e coragem para ser carnavalesco, no entanto, com as máscaras, tornam-se desconhecidos para quem tudo se torna permitido: novos amigos, novos passos, muita purpurina e plumas, como na marchinha de Zé Kéti e Pereira Mattos, “Quanto riso, oh / Quanta alegria //... Na mesma máscara negra / que se esconde teu rosto / eu quero matar a saudade / vou beijar-te agora / não me leve a mal / hoje é carnaval.”

Data : 28/08/2019

Título : MASCARAR a RAIZ

Categoria: Crônicas

## MASCARAR a RAIZ

Chacrinha dizia, “vim aqui para confundir, não para explicar!”. Mascarar a raiz dos problemas, não é apurar e solucionar. Para Paulo Freire, “conhecimento não se transfere, se constrói”.

É inevitável que, no passar das horas, percebamos os “tantos” problemas que nos cercam diariamente, como a politicagem exposta aos quatro ventos, o cigarro dos outros, a poluição visual e sonora, as noites barulhentas e mal dormidas. Na opinião de Raul Seixas, “Preocupar-se em sobreviver é esquecer de viver”.

Depois de determinado tempo, os problemas se transformam em linhas aparentes em nossas vidas, deixando estragos como se fossem ecos de fortes ventos. Por vezes, roubam a nossa alegria, de tal forma, que ficamos com a aparência “opaca”, sem luminosidade para seguir em frente. De que vale perceber os problemas e apenas os mascarar?

Embarcamos no rumo de tijolo sobre tijolos, cimento, prédios que não ilustram a paisagem, o que nos deixa enrijecidos pela falta do verde e do ar puro. Guilherme de Brito e Cartola, em A flor e o Espinho, expressam desilusão, angústia e medo: “tire teu sorriso do caminho / Que eu quero passar com a minha dor”.

No entanto, usamos truques para mascarar no cotidiano a raiz dos problemas. Seria para recuperar a vontade, o vigor e o brilho pela vida, ou seria a solução para

encarar o problema e tomar a atitude correta, na hora certa, para fazer valer as nossas escolhas? Resolver problemas nos leva a reconstruir o viver que amanhã virá nos confortar.

Nosso viver e as experiências, boas ou ruins, nos encorajam a produzir, solucionar e combater os problemas na raiz. Até mesmo, repetir a dose na hora certa. Graciliano Ramos, na obra Memórias do Cárcere, descreve os tempos em que esteve na prisão, faz a análise psicológica do acontecido e, com realismo, retrata o Estado Novo, com seus militares e opressão.

Importante considerar o tempo em nossa vida, para evitarmos o uso das máscaras e fugirmos dos truques que podem mascarar a raiz dos problemas. Mário de Andrade, desgastado pelo trabalho, escreveu, “Estou Me Suicidando aos Poucos”.

A ação consiste no estímulo para retermos o conhecimento, o quadro, a opinião e conseguirmos a solução dos problemas sem o uso de máscaras. Manuel Bandeira diz que, “a poesia está em tudo – tanto nas coisas lógicas como nas disparidades”. Em razão da sua visão, em 1917, com recursos próprios, editou e publicou o seu primeiro livro, A Cinza das Horas.

Data : 23/03/2016

Título : MÁSCARAS

Categoria: Crônicas

Descrição: "Passado o futuro: tantas máscaras / O que dizer de um mascarado sem máscara? / Ou de uma máscara (Real)?"

“Passado o futuro: tantas máscaras / O que dizer de um mascarado sem máscara? / Ou de uma máscara (Real)?” No poema, Pedro Du Bois mostra que a máscara é tema central para viver sem medo, especialmente, porque atinge a todos. É necessário em determinado momento da vida se aproximar da verdade das pessoas.

A máscara esconde o tempo e o transforma em passado; retorna em horas perseguidas; chega ao futuro para impedir o conhecer. Desconhecido, o mascarado escuta “cantos onde há gritos e se diz maravilhado” – no olhar perdido ele se revela ao se descobrir mascarado, que ressalta as diferenças com algo que costuma afetar negativamente minha vida: a mentira.

A máscara mostra traços no rosto que significa o tempo passado, atende ao desejo da mentira como tão somente outra verdade. As histórias, os sonhos, o passado revivido ficam ameaçados pela solidão. A vida em longos dias revela que é inevitável esquecer que a mentira torna as pessoas sem amigos ou com inimigos. Estou alerta às escolhas, à reação em relação às pessoas e suas máscaras, porque conviver entre mascarados é o desafio que pode ser transformado em revelação no caminho escondido que chora

lágrimas de saudades e grita para retirar a máscara em que se refugia o poder; Du Bois revela no poema qual o relato que me daria a verdade dos fatos: “O que dizer de um mascarado sem máscara?”

Data : 27/09/2018

Título : MAX MARTINS: em Busca do Novo

Categoria: Crônicas

“Escrevo duro / escrevo escuro //  
Neste muro / o que procuro, furo”.

Max Martins, autodidata, poeta paraense, nasceu em 1926, em Belém do Pará, e morreu em 2009. Jovem se interessou pela poesia e foi em busca do novo. É dos maiores nomes da poesia nacional; despertou a atenção nacional, passando a limpo os conflitos agrários. Nas palavras de Elias Ribeiro Pinto, “Sua poesia é (in)tensa, possui um discurso poético que resulta da escavação linguística, verso rupestre moldando, no corpo do poema”.

A poesia de Max, como observa Benedito Nunes, nasce, renasce de rumores de crises – é no limite da página que o poeta supera seus limites. Conta o amigo Benedito, Max começou como editor e fabricava os livros datilografando seus poemas e os de Benedito. Essas tiragens caseiras de único exemplar corriam de mão em mão dentro de um pequeno grupo. Aprenderam a metrificar e a rimar os poemas com Jurandir Bezerra e Alonso Rocha, e a contar sílabas pelos dedos da mão direita. Naquela época honravam o parnasianismo e fundaram uma academia com espírito comum na maneira de sentir e de pensar o mundo real na literatura.

Seus primeiros textos foram publicados por Haroldo Maranhão no jornal escolar “O Colegial”, quando surgiu a amizade entre Haroldo, Benedito e Max, que perdurou mais de 50 anos. Juntos, participaram da “Folha do Norte”.

O conjunto de sua obra revela dois fatos que contribuíram para o desenvolvimento da sua poesia: a convivência intelectual com Robert Stock e o impacto do livro de Mário Faustino (O Homem e Sua Hora). O poeta Max ao lado de Benedito e Faustino viu chegar a modernidade na poesia brasileira.

Com a chegada do Modernismo, Max sofreu várias crises: a primeira, ele resolveu em O ESTRANHO (1952), recorrendo ao verso livre: “Não entenderás o meu dialeto / nem compreenderás os meus costumes / Mas ouvirei as suas canções...”. A segunda o levou para o ANTI-RETRATO (1960), foi nesse livro que a temática do amor carnal tornou-se o centro da sua obra: “Os seios não são como as ondas, / colo de pedra lisa, espuma e sal; / mas o corpo todo um pasto branco para o canto...”. O ANTI-RETRATO marcou suas relações “coletivas” com os poetas e romancistas nacionais e estrangeiros. Teve

em Bob Stock o seu mestre de poesia. A terceira crise surgiu entre H'ERAS (1971) – metamorfose do EU: “o amor tecido contra o muro”; o amor e o desamor, sim e não, passado e presente, nessa alegoria o poder das expressões fixa-se no “desenho” da palavra central (hera, era, eras), “a tarde era um problema...” – e o OVO FILOSÓFICO (1976). Os poemas desse livro trouxeram a resposta problemática. O autor nessa fase interpretou a sexualidade, o ideal da completividade e o significado das palavras, sempre mantendo a relação do poeta com a palavra ativa: “ovo e olho / raiz e velo / a um valo / paralelos”. O OVO FILOSÓFICO e O RISCO SUBSCRITO (1980), são poemas espaciais e líricos, reflexivos, misturando-se com visual discursivo: “na praia / o mar joga sua carta / ágrafa”. A quarta crise foi marcada pelos livros: “NÃO PARA CONSOLAR” e “MARAHU POEMAS”; neste a sua poesia sei desenvolve em surtos de criação. As transformações o leva a diferentes fases da poesia e à descontinuidade com modificações, em diversos ciclos, que caracterizaram a poética do “NÃO PARA CONSOLAR” (1992): “A velha matriz branca / de portas largas / sozinha na praça / olhando o rio sujo”. Max retorna à perspectiva da poesia como “trabalho de arte”, enquanto objeto estético do anônimo; o labor reflexivo do poeta com a matéria das palavras.

Na década de 40, Max recebeu a herança pós-modernista e, na década de 80, fez descobertas poéticas e escolhas intelectuais que homenageou com “A FALA ENTRE PARÊNTESES” (1982) – livro que enriqueceu a sua individualidade poética. Já em “CAMINHO DE MARAHU” (1983), a característica foi a fisionomia espacial e a forma epigramática, na sugestão do “haicai”, mudando a forma do poema moderno-tradicional. Essa alternância marca a sua escrita e trouxe como estilo, no livro–pochete: “... te insinua às sombras (que estão nos outros – e subsistem ao gráfico parêntesis: - Flechas ferindo-se no espelho. Reflexos / Dança indefinida... “.

A sua poesia traduz a habilidade em modificar a liberdade que o destino lhe colocou; é uma poesia iluminada por metáforas úmidas, tem como tema o processo da escrita e faz uso do lirismo como instrumento da língua. Como escreveu Amarílis Tupiassu, “Com ele a palavra sempre atinge além do possível. Forma, disposição da grafia, cor, ritmo, sonoridade, disjunção e conjunção de elementos significativos,... a palavra em sua integridade ou fragmento,... prefixos que ganham o mundo sozinhos desmembrados de seus radicais; colagens, grafismos, o desenho, a visualidade, a imagem, ... Poeta para quem a construção, a fruição da poesia é ato vital...”. Amostra do que seria a virtude poética de Max: “O rio que eu sou / não sei / ou me perdi”.

Data : 28/09/2013

Título : MEDO DE TER MEDO

Categoria: Crônicas

Descrição: Medo de ter medo, de estar desprovido de idéias, de recorrer ao velho hábito de ligar a televisão e assistir sem participar.

“A cada novo dia, / a vida me oferece / o tesouro das horas, / inteiramente minhas.”

(Helena Kolody)

Medo de ter medo, de estar desprovido de idéias, de recorrer ao velho hábito de ligar a televisão e assistir sem participar. De não ter e nem ouvir a melhor história de todos os tempos, em troca da TV. De não compartilhar nada de agradável a quem poderá me fazer companhia.

Luiz Coronel alerta que “A TV / é a vida / em máscaras contidas. // A TV / é uma metralhadora giratória / A câmara dispara imagens, estórias... // A TV / é a verdade entre aspas.”

Medo de ter medo de ser condicionado pela imagem e pelas palavras; e permanecer estático ante o ilusório, sem atenção e fascinado pela própria obsessão, não percebendo que esse hábito se transforma em solidão, como em Pedro Du Bois: “... Sem futuro //... sós / sozinhos / isolados / indeterminados // não desligamos a televisão.” “Nem mais um sussurro... / apenas a televisão ligada / e mãos nervosas trocando de canal, trocando de canal.”

Medo de ser um jogo alucinatório – de um canal para o outro – desencadeando sentidos que possam cobrir a razão. Rubens Rodrigues Toner Filho atesta que “cada gesto novo é o seu silêncio”. E Álvaro Pacheco ressalta, “No espelho / as imagens da noite / e, por trás delas, / a televisão: //... a concupiscência exata / atrás do espelho / que se esconde da noite / na televisão.”

Medo de ter medo de não saber aproveitar o tempo com as obras que os escritores oferecem para conhecer o medo através da arte e da literatura. E de reconhecer uma paisagem apenas pela televisão. E assim, se tornar um consumidor com carência para o bem viver; como na visão de Arnaldo Massari, “... O cultural e a cultura estão nos sebos. Contudo, na casa de cada um, a TV aberta ensebando ao que existe de pior...”.

De que perdidos gestos onde me alheio, encontro argumento para desvendar o medo de ter medo?

Data : 30/03/2015

Título : MEDO DE TER MEDO

Categoria: Crônicas

Descrição: Medo de ter medo, de estar desprovida de ideias, de recorrer ao velho hábito de ligar a televisão e assistir sem participar.

“fim de domingo / ao som da TV // a vida pelo ralo / desperdício de ser” (Frederico Barbosa)

Medo de ter medo, de estar desprovida de ideias, de recorrer ao velho hábito de ligar a televisão e assistir sem participar. De não ter e nem ouvir a melhor história de todos os tempos, em troca da TV. De não compartilhar nada de agradável com quem pode me fazer companhia.

Luiz Coronel alerta que “A TV/é a vida/em máscaras contidas.//A TV/é uma metralhadora giratória/A câmara dispara imagens, estórias... //A TV/ é a verdade entre aspas”.

Medo de ter medo de ser condicionado pela imagem e palavras, de permanecer estático ante o ilusório, sem prestar atenção, fascinado pela própria obsessão, não percebendo que esse hábito se transforma em solidão, como em Pedro Du Bois: “... Sem futuro//...sós/sozinhos/ isolados / indeterminados //não desligamos a televisão”; “Nem mais um sussurro.../apenas a televisão ligada/ e mãos nervosas trocando de canal, trocando de canal.”

Medo de ser um jogo alucinatório – de um canal para outro – desencadeando sentidos que possam cobrir a razão. Álvaro Pacheco ressalta, “No espelho / as imagens da noite/ e, por trás delas,/ a televisão: //... a concupiscência exata /atrás do espelho/que se esconde da noite/na televisão.”

Medo de ter medo de não aproveitar o tempo com as obras que os escritores oferecem para conhecer o medo através da arte e da literatura. E de reconhecer uma paisagem apenas pela televisão. E assim, me tornar um consumidor com carência para o bem viver; como na visão de Arnaldo Massari, “... O cultural e a cultura estão nos sebos. Contudo, na casa de cada um, a TV aberta ensebando ao que existe de pior...”.

De que, perdidos os gestos, onde me alheio, possa encontrar argumentos para desvendar o medo de ter medo?

Data : 14/07/2016

Título : MENINAS

Categoria: Crônicas

Descrição: Às vezes, me impressiono com as meninas, talvez porque carrego a lembrança desse período da vida, em que tudo é possível...

Às vezes, me impressiono com as meninas, talvez porque carrego a lembrança desse período da vida, em que tudo é possível, maravilhoso e por achar que a vida é feita de coisas simples. Muitas situações e posturas dos adultos são incompreensíveis quando se é apenas uma menina que vive intensamente suas fantasias e verdades, como forma de expressar a sua existência. A menina Júlia Du Bois, com sua imaginação,

navegou nos mares da história “A Menina e o Mar”, onde descreve “Uma menina nunca havia visto o mar. Quando o viu ficou impressionada...”; e sua irmã Luísa incorporou a espontaneidade ao escrever a história “A Fadinha e a Menina”.

As meninas são desveladas em cada passo no mundo afetivo, que se mistura com as reflexões do escritor Manuel Bandeira na obra “As Meninas e o Poeta”, caracterizada pela poesia refinada e delicada, plena de vida e de cor.

As meninas têm os sentidos latentes e manifestam-se de modo cristalino e inocente. Elas não têm (quase) nenhuma certeza, mas tudo se torna absolutamente relativo quando se instalam em todos os sentidos e por todos os sentidos, revelando o tempo das descobertas; dos erros e acertos; do deslumbramento dos sentimentos e do encantamento pela vida. Como demonstra Laura Esteves, “A Menina e a Lição // Mãe o que é medo? / Medo é: / pio no mato / porta rangendo / ... Medo, minha criança, é: / Subserviência /bajulação desconfiança / riso sem vontade mentira sem precisão. //... tome ciência, / medo todo mundo tem: / humano / instinto de sobrevivência...”. Ana Maria Machado reflete, no livro “A Menina bonita de Laço de Fita”, onde conta uma história sobre a beleza negra, sem espaço para o preconceito.

As meninas são “caixinhas de surpresas”, voltadas aos seus pensamentos e em busca da realização de seus sonhos; quando brincam de bonecas/casinha, elas reforçam a necessidade de olhar para a vida e, ao mesmo tempo, querem alcançar o mundo de uma só vez. Como retrata Roseana Murray, “A boneca e a menina / Boneca de perna fina, não faz manha senão apanha! / Come tudo para não levar cascudo! / Não fala tanto, que te boto no canto! / ... E a boneca de perna fina / em tudo obedece à menina”.

As meninas são especiais, principalmente, quando me refiro as Alices: Brueggemann e Soares, duas personalidades que se destacaram a partir dos anos cinquenta no cenário da pintura e do desenho. Lado a lado, elas impuseram emoção em suas telas e, com força criadora, espalharam a esperança, a alegria e a inspiração em cores. Alice Soares encaminhou-se para o desenho em crayon e pastéis e seu tema foi sempre a “criança universal”. Alice Brueggemann dedicou-se à pintura a óleo, com figuras humanas, paisagens e naturezas mortas. Ambas enfatizam o sentimento que desperta em nós a admiração pelas artes plásticas.

Voltando as Alices e outras meninas: uma no livro Ela é Alice, com fotos que desvelam Alice Liddell, a musa inspiradora do livro Alice no País das Maravilhas, considerado obra prima na literatura mundial. Outra Alice encontro no ensaio de Gilberto Cunha, Alice no país dos cientistas.

Todas as meninas são incentivos para as nossas vidas, por nos colocarem diante da fantasia versus realidade e espalharem palavras coloridas no cotidiano. Segundo Almedoro Vencato, “... belas e graciosas meninas,/desabrochando para a vida, / são elas, tão meigas...// Na vivência simples de suas juventudes, / mil sonhos resplandecentes e imaginosos, / despertam a curiosidade, moldando suas virtudes, / gravadas nas páginas ingênuas de seus diários...”.



Data : 19/10/2016

Título : MENTE BRILHANTE

Categoria: Crônicas

Descrição: Mente brilhante possui aquele que consegue transfigurar o nada ou o cotidiano em algo que nos surpreende pelo brilhantismo...

Mente brilhante possui aquele que consegue transfigurar o nada ou o cotidiano em algo que nos surpreende pelo brilhantismo.

Somos acomodados. Às vezes, sentimo-nos anos luzes distantes, quando percebemos que as pessoas não nos ouvem e nem querem saber das novidades na literatura e na cultura; muito menos possuem compromisso...

Será que vale morar num mundo sem mentes brilhantes? Vivemos apenas da rotina matematicamente imposta? A vida corriqueira nos leva, muitas vezes, a pensar que o travesseiro é a melhor companhia, pois, se ajusta ao corpo, é confortável, não reclama e nem nos pede nada.

Quer saber? Para viver precisamos de alarmes através de pessoas dotadas intelectualmente, que pensam com a certeza de que podem nos “cotucar” com suas impertinências, conhecimentos, curiosidades e criatividade para nos levar a enfrentar o dia a dia, antes de irmos para casa “conversar” com o travesseiro e excluir suas mentes brilhantes. Nesses momentos somos salvos da mesmice, não precisando mais do que uma fração de segundos para reconhecer termos a possibilidade de trocar outros olhares para com o mundo onde, possivelmente, encontraremos essas mentes brilhantes, porque talento não tem limites. A partir daí, temos motivos para mudar a nossa rotina no aproveitar boas ideias, como foi o caso de Fernando José Karl que, em 1997/98, ganhou o Prêmio Cruz e Souza de Literatura, com o livro de poemas, Travesseiro de Pedra; brilhantes título e texto.

Há graça em nos sintonizar com a cultura literária, pois, ela torna nossa convivência agradável e, com ela, podemos ir além da rotina. Também, podemos transformar o “talvez” em “sim ou não” para continuar a viver sem ficarmos indiferentes as mentes brilhantes, que são a garantia de muitas emoções, como em Laerte na charge “Você está cercado de ignorantes! Saia desse livro com as mão para cima!!”.

Data : 23/01/2018

Título : MENTES BRILHANTES

Categoria: Crônicas

Descrição: Mente brilhante possui aquele que consegue transfigurar o nada ou o cotidiano em algo que nos surpreende pelo brilhantismo.

Mente brilhante possui aquele que consegue transfigurar o nada ou o cotidiano em algo que nos surpreende pelo brilhantismo.

Somos acomodados. Às vezes, sentimo-nos anos luzes distantes, quando percebemos que as pessoas não nos ouvem e nem querem saber das novidades na literatura e na cultura; muito menos possuem compromisso...

Será que vale morar num mundo sem mentes brilhantes? Vivemos apenas da rotina matematicamente imposta?

A vida corriqueira nos leva, muitas vezes, a pensar que o travesseiro é a melhor companhia, pois, se ajusta ao corpo, é confortável, não reclama e nem nos pede nada.

Quer saber? Para viver precisamos de alarmes através de pessoas dotadas intelectualmente, que pensam com a certeza de que podem nos “cotucar” com suas impertinências, conhecimentos, curiosidades e criatividade para nos levar a enfrentar o dia a dia, antes de irmos para casa “conversar” com o travesseiro e excluir suas mentes brilhantes. Nesses momentos somos salvos da mesmice, não precisando mais do que uma fração de segundos para reconhecer termos a possibilidade de trocar outros olhares para com o mundo onde, possivelmente, encontraremos essas mentes brilhantes, porque talento não tem limites. A partir daí, temos motivos para mudar a nossa rotina no aproveitar boas ideias, como foi o caso de Fernando José Karl que, em 1997/98, ganhou o Prêmio Cruz e Souza de Literatura, com o livro de poemas, Travesseiro de Pedra; brilhantes título e texto.

Há graça em nos sintonizar com a cultura literária, pois, ela torna nossa convivência agradável e, com ela, podemos ir além da rotina. Também, podemos transformar o “talvez” em “sim ou não” para continuar a viver sem ficarmos indiferentes as mentes brilhantes, que são a garantia de muitas emoções, como em Laerte na charge “Você está cercado de ignorantes! Saia desse livro com as mão para cima!!”.

Data : 28/10/2016

Título : MEU ANIVERSÁRIO

Categoria: Crônicas

Descrição: Romeu não imaginava que Julieta teria vida eterna. Inspirada no amor deles penso nas situações do meu cotidiano...

“... O corpo em si revela a cor / a divisa de tinta ao tato / como quem quer apalpar o medo / como quem apalpa a dor / de envelhecer...” (Luiz de Miranda)

Romeu não imaginava que Julieta teria vida eterna. Inspirada no amor deles penso nas situações do meu cotidiano, em que é pertinente lembrar as pessoas do meu aniversário. Segundo Lígia A. Leivas, "... A vida é um dom maior...eternamente / Não importa quão devastadora sejam as horas / ou quão arrebatadoras as promessas..."

A vida turbulenta e a indiferença das pessoas são transtornos; comportamentos considerados não revelações, porque ressaltam a individualidade. E como tema central, com certa atenção, é possível perceber que não sobra tempo para as pessoas lembrarem o aniversário dos amigos.

Além da questão sentimental, enfrento a saudades dos encontros, das festas, onde era a energia da celebração; onde me movimentava para falar e abraçar os amigos. Nas palavras de IGdeOL, "...De olhar o calendário /...De recordar o aniversário / Daquela que me trouxe a vida! // ...Para não esquecer outra vez / Deixo o calendário marcado / Para nos anos vindouros / Recolher muitos tesouros / De alegrias, ao teu lado!..."

Meu aniversário: um dia sozinha. Dia sem novidades e sem notícias. Dia em que a campainha do apartamento não desperta. A refeição normal, sem balões e bolo. Um dia sem surpresas, sem presentes, sem leitura. Um dia diferente – derrubado. Dia sem música. Dia não encontrado... Como expressa Augusto de Abreu, "Mais um aniversário, / que tédio! / Mais um aniversário / sem ter nada para comemorar, / sem ter perspectiva de vida, / sem ter perspectiva de encontrar a mulher amada. / Sem ter perspectiva de ser feliz. / Mais um aniversário, / menos um dia na minha jornada, / mais rugas, / menos esperança, / mais dores no corpo, / mais cabelos brancos, / mais desejoso em voltar a ser criança."

Sábado com mais de cinquenta anos. Sinto-me trancada na minha privacidade e pressionada em meu pensamento. É meu aniversário e gostaria de não ter a sensação de um momento só meu. Entretanto, preciso acreditar na vida, sem maiores traumas, porque ainda assim tento pensar que a vida é mais importante e interessante do que o comemorar meu aniversário. Então, continuo a assistir Romeu e Julieta (pela centésima vez) que, como encontro em Luiz de Miranda, "hoje ou amanhã / o dia será / o que foi ontem /trazendo nos retratos / nas palavras / a luminosidade do tempo."

Data : 19/10/2016

Título : MEU TEMPO é QUANDO

Categoria: Crônicas

Descrição: Tempo para mim significa algo que tem duração predeterminada, permitindo a noção da hora. O tempo muda rapidamente. Procurar preservar os momentos...

Tempo para mim significa algo que tem duração predeterminada, permitindo a noção da hora. O tempo muda rapidamente. Procurar preservar os momentos. É preciso estar de bem comigo mesma para coordenar o tempo e tentar ser produtiva. Metas claras dão sentido ao tempo, permitindo a vida fluir em novas possibilidades e experiências. Como escreveu Manoel de Barros, “se o tempo não é humano, eu humanizo. Amarro o tempo no poste para ele parar”.

O mundo das cores e formas é visto através do pensamento que, um dia, comprovou haver mais mistérios no homem do que no Sol em todos os tempos: passado, presente e futuro. O passado une-se ao futuro, misturando a natureza à cultura; o mito no pensamento científico e a solidão criada pelo homem diante do mundo. Nas palavras de Pedro Du Bois, “... lembro a tua tristeza quando contigo não fiquei / era o seu tempo / e por ser tempo / passou”.

O tempo me transforma, leva-me a cultivar o que gostaria que germinasse; ações baseadas no amor, na paz e na ética. Esses valores criam novas perspectivas e posturas para enfrentar o momento. Mas, todas têm algo em comum: renovar e enriquecer a vida.

Como disse Vinícius de Moraes, “o meu tempo é quando”; isto é, a arte de viver bem é feita de cultura, importante para cultivar a vida individual e social: “De manhã escureço / De dia tardo / De tarde anoiteço / De noite ardo //... Nasço amanhã / Ando onde há espaço / - meu tempo é quando”.

Parafraseando o poeta, digo que o tempo é quando se torna “palpável e finito”. A representação do tempo me leva a refletir sobre todas as dimensões, indagações e nas infinitas possibilidades sobre estar aqui, no retrato dos meus sonhos, em desafios e conquistas.

Data : 27/09/2018

Título : MIGUEL GUGGIANA: Bar, um Olhar

Categoria: Crônicas

Nilto Maciel pergunta: “você acredita em amizade?” Taveira responde, “Não só acredito como não posso viver sem meus amigos”. A vida passa no instante em que encontramos os amigos na mesa do bar. Entre músicas, palavras e os múltiplos caminhos, o bar é o limite que dá sentido para quem procura outro sentido: contar histórias e ouvir mentiras satisfeitas e insuspeitas, como a lâmina da faca dá emoção às palavras sem compromisso, como as indagações na possibilidade de esconder e desvelar segredos – causos se cruzam nos espelhos.

Quando vejo o grupo de amigos reunidos na mesa de um bar, lembro o primeiro livro de Miguel Guggiana, “Garçon, a Saideira!”, presente no olhar com que detona velhas histórias tocadas em diferentes modos e públicos. Usa do senso de humor para personificar o espelhamento das circunstâncias sociais; recria com “realismo” o ambiente, lugar da trajetória das “enganações bregas”.

No olhar lançado ao garçom, de modo persuasivo e participativo, o autor o torna mais importante do que o fato dele trabalhar no bar; ele passa a fazer parte das histórias, vivo e vivido, no escutar as histórias de todos os dias (e noites). Segundo Guggiana, “Às vezes, notava-se nos olhos o desejo de sentar-se ali, beber alguma coisa e também contar a sua...”

“Garçom, a Saideira!” está construído através das ilusões, como causas das fantasias “reais” e convincentes. Mostra ao leitor que o mundo dos encontros é, ainda e sempre, a mesa de um bar. Conta Guggiana, “Bar do Moa // Reinou como “point” da tardinha passo-fundense por bem mais de uma década... Mesas de bar, ah!... Reginaldo Rossi cantando, “garçom, aqui nessa mesa de bar...”

Com o olhar percebo quando a ficção e a realidade, uma perseguindo a outra, apresentam “os causos” aos amigos do bar, desvelando o que há de mais valioso: a imaginação intensa, irretocável e intocável irradiada de cada pessoa ao se revelar por inteiro nos encontros (e desencontros), como no texto “Os devaneios da delegada Helô na delegacia da polícia da Vila Tunda de Laço”. Sem dúvida, o autor com seu olhar descreve as diferenças individuais e sociais, como acessório, para que o leitor sinta a exaltação através do estado libertador na arte.

É bem verdade que somos todos iguais, porém diferentes, quando dizemos: Garçom, a Saideira! Nas palavras de Guggiana, “Não digo? Nunca estão satisfeitos. Por favor, querem o quê? Causos do Machado de Assis? Que ele venha aqui tomar um trago com vocês. Chega por hoje. Garçom, a saideira! Das de garrafa”; assim, em dado momento, a alegria altera as cenas do cotidiano na satisfação com que o freguês, satisfeito, espera o garçom trazer a saideira.

Data : 14/01/2013

Título : MINUANO

Categoria: Crônicas

Descrição: ?Contra o dorso indefeso das coxilhas / o Minuano rígido arremete. // Com seus longos uivos...//... com seu ímpeto forte a sibilante / e o seu açoite rústico e gelado, / fecha e escancara portas e janelas, / por cerros e quebradas assovia, / por todas as passagens e aberturas / elástico e invisível se insinua...?

“Contra o dorso indefeso das coxilhas / o Minuano rígido arremete. //

Com seus longos uivos...//... com seu ímpeto forte a sibilante /

e o seu açoite rústico e gelado, / fecha e escancara portas e janelas, /

por cerros e quebradas assovia, / por todas as passagens e aberturas /

elástico e invisível se insinua...”

Mansueto Bernardi em seu poema mostra que o vento minuano faz a curva em travessas desconhecidas e canta em coro como desabafo. Ele é o vento misterioso de que sempre ouvimos nos causos. No sonho em que vivemos: a lembrança como movimento, espalhando coragem e alegria.

O minuano é sonâmbulo e por vezes represa mágoas; em outras, constrói a própria liberdade; corre do sul para o norte e na terra se embrenha. É o vento que repete a arte no prazer da ilusão em que sentimos, parados à sua espera, um fio de grito e o sussurro das folhas cobrindo a solidão. Como em Maura de Senna Pereira, “O vento sul chegou / desfolhando papoulas / vergando caules / sacudindo polens / agitando palmeiras. //... O vento sul chegou / abanando possesso / a minha velha cidade menina / roçando casas / virando esquinas / levando folhas...”

Minuano, vento gelado que penetra nos ossos e uiva nas veias desafiando a saudade. Permanece na transparência do vivido tempo. Presente no corpo, onde seu segredo não logra o gelo sobre a noite, quando sopra o pensamento. Segundo Pedro Du Bois, “O sentido do vento / na noite no barulho / sobre nossas cabeças / de corpos presos / é o que assusta...// O destino do vento / no renovar dos papéis.../ como textos.../ de poucas histórias / é o que assusta os adultos.”

O minuano canta versos fortes, estremecendo os dias e, ao penetrar nos corações, domina a eternidade, como na poética de Murilo Mendes, “Eu quero montar o vento em pelo, /Força do céu, cavalo poderoso / Que viaja quando entende, noite e dia”

Data : 27/11/2012

Título : MINUANO

Categoria: Crônicas

Descrição: Contra o dorso indefeso das coxilhas / o Minuano rígido arremete. // Com seus longos uivos...//... com seu ímpeto forte a sibilante / e o seu açoite rústico e gelado,

“Contra o dorso indefeso das coxilhas / o Minuano rígido arremete. // Com seus longos uivos...//... com seu ímpeto forte a sibilante / e o seu açoite rústico e gelado, / fecha e escancara portas e janelas, / por cerros e quebradas assovia, / por todas as passagens e aberturas / elástico e invisível se insinua...”

Mansueto Bernardi em seu poema mostra que o vento minuano faz a curva em travessas desconhecidas e canta em coro como desabafo. Ele é o vento misterioso de

que sempre ouvimos nos causos. No sonho em que vínhamos vivendo: a lembrança como movimento, espalhando coragem e alegria.

O minuano é sonâmbulo e por vezes represa mágoas; em outras, constrói a própria liberdade; corre do sul para o norte e na terra se embrenha. É o vento que repete a arte no prazer da ilusão de sentirmos, parados à sua espera, um fio de grito e o sussurro das folhas cobrindo a solidão. Como em Maura de Senna Pereira, “O vento sul chegou / desfolhando papoulas / vergando caules / sacudindo polens / agitando palmeiras. //... O vento sul chegou / abanando possesso / a minha velha cidade menina / roçando casas / virando esquinas / levando folhas...”

Minuano, vento gelado que penetra nos ossos e uiva nas veias desafiando a saudade. Permanece na transparência do vivido tempo. Presente no corpo, onde seu segredo não logra o gelo sobre a noite, quando sopra o pensamento. Segundo Pedro Du Bois, “O sentido do vento / na noite no barulho / sobre nossas cabeças / de corpos presos / é o que assusta...// O destino do vento / no renovar dos papéis.../ como textos.../ de poucas histórias / é o que assusta os adultos.”

O minuano canta versos fortes, estremecendo os dias e, ao penetrar nos corações, domina a eternidade. Na poética de Murilo Mendes, “Eu quero montar o vento em pelo, / Força do céu, cavalo poderoso / Que viaja quando entende, noite e dia”

Data : 10/10/2013

Título : MIRAGEM: reflexo ou reflexão?

Categoria: Crônicas

Descrição: Miragem é o jogo de reflexos que liberta as palavras. Todo reflexo é ancorado no pensamento formado por devaneios.

Miragem é o jogo de reflexos que liberta as palavras. Todo reflexo é ancorado no pensamento formado por devaneios. Segundo Pedro Du Bois, “O espelho reflete a imagem / Que tanto queria mostrar / Nos dias rasos / Em que sua vida / se esconde.”

O reflexo da imagem conduz a palavra espontânea ao poema instantâneo, ao som da voz do poeta em movimento na face da vida. A miragem de espelhos encantados, na luz transfigurada, reflete o cálido sopro, afligindo a sombra do próprio poeta.

Como entendemos o que vemos no espelho? Ficamos presos à imagem refletida? Márcia Maia no livro Espelhos, responde: “Vaga esperança / de / ficar // Existir. / Além de. // Apesar de. // Miragem refletida / por trás / do espelho / de todos os espelhos. / E são tantos...”

O reflexo, por muitas vezes, nos surpreende com a exatidão do gesto, como desejo que circula no coração do poeta e ao ser reconhecido desvenda o que há por trás do pensamento; na reflexão encontro o livro Espelho meu, de Belvedere Bruno "... Um espelho diante de mim parece inquirir sob meus sentimentos..." Procuramos a beleza na imagem porque fazemos parte de um mundo sem essência? A miragem é reflexo ou reflexão?

As perguntas resgatam o retrato emocionante e verdadeiro sobre os escritores que, enquanto poetas, são a miragem da linguagem enquanto reflexão. Ao produzir a obra nos construímos com os outros. Os escritores nos contaminam através das imagens, som e ritmo de palavras, aos se espelharem e se refletirem em suas obras. Eles, em seu processo criativo, expõem os sentimentos, como no livro Espelho Ardente, de Hugo Mund Júnior "... espelho / a miara / o impreciso / reflexo / de um narciso / a vogar."

Através dos poemas entramos no jogo de espelhos, na promessa do significado que, em dado momento, se transforma em miragem e nos oferecem a palavra em sua dimensão significativa, emergindo através do reflexo de outras palavras em outros sentidos e em continuados desdobramentos semânticos.

Helena Kolody teve a preocupação de movimentar as palavras, em seu livro Viagem no Espelho, que nos conduz a miragem dos poemas "Não sou a imagem no espelho / nem reflexo nos olhos alheios..."

E, conforme Maria Esther Maciel, "a prosa é agora o espelho da poesia,... donde lhe viria a luz, não fossem os espelhos?"

Data : 04/04/2013

Título : MIRIAM POSTAL: vida, luz e movimento.

Categoria: Crônicas

Descrição: Pintar é poetizar, ser vista e vivida. É conhecimento que, quando revelado, ilustra ideias, revela sentimentos e valores. Pietro M. Bardi já dizia que "Pintar também é escrever?".

Pintar é poetizar, ser vista e vivida. É conhecimento que, quando revelado, ilustra ideias, revela sentimentos e valores. Pietro M. Bardi já dizia que "Pintar também é escrever".

A arte plástica desvela o artista como criador, com sensibilidade, ao traduzir a vida em formas e cores. O contato com a arte leva ao processo espiritual, na consciência do que somos e do que escolhemos.



Saliento a arte de Miriam Postal, gaúcha de Passo Fundo, que encontrou nas artes plásticas a ligação entre o homem e a natureza em seus significados, mostrando a realidade e a verdade em temas, formas e cores, e nos surpreendendo com sua imaginação; inspiração com que passa para as telas a beleza do brasileiro, como expressão de emoção, movimento e sensibilidade.

A ação de suas pinceladas, em acrílico sobre tela, se faz notar pela presença de fortes cores e personagens, aproximando-se da liberdade formal e da potencialização de sua poética. Seus retratos são grandiosos, porque representam os “Joãos e Marias” na vida íntima do homem, cotejados no destino espalhado em poesia de brasilidade.

Sua obra constrói os espaços na busca de personagens em si mesmos, com formas sensuais e cotidianas, no transmitir seu texto poético-pictórico em momentos casuais: vida, luz e movimento.

Miriam, com sua arte, enfatiza a importância dos personagens, provavelmente como resultado de sua história, em contexto de autonomia e cores, nas cenas que traça aos interpretar como “o retrato da alma brasileira, em desenhos de estamparia dos tecidos populares”, fazendo o apreciador aproximar-se e gostar do que vê: vida, luz e movimento. Salta aos olhos o alto padrão com que condensa e transcende ao empírico na arte de viver, como em Pedro Du Bois, “Na poesia / desenho // sentimentos em palavras / amores em palavras / paixões //o traço exhibe / todas as curvas / carrega nas cores // amizades em cores / mulheres em curvas // na poesia / rabisco // e o desenho se faz presente / nos olhos de quem o vê”.

Miriam Postal é reconhecida internacionalmente pela importância de suas obras nas artes plásticas, bem como pelo seu desejo de popularizá-la. Além das telas, ela transforma sua obra temática em objetos e esculturas, para que cada apreciador tenha a possibilidade de interagir com a mesma. Assim, enquanto Miriam refletir a vida em seu trabalho, como expressão poética e movimento, será reconhecida e permanecerá como luz para os apaixonados pela arte.

Data : 10/02/2209

Título : MISTÉRIO reverso MISTÉRIO

Categoria: Crônicas

Lígia Fagundes Telles argumenta, “O mistério é inexplicável. Sortilégio? Magia?”; Rimbaud responde, “Vós nada compreendeis e eu nada poderei explicar-vos!”

Mistério maior é saber como surgem as ideias? Penso que algumas surgem da nossa visão sobre fatos e objetos, outras das imagens e palavras. Segundo Lígia Telles, “a memória devolve a frase intacta e ela se multiplica como o milagre dos pães”.

Mistério mesmo é a criação literária! Por exemplo, o livro de Lígia, Mistérios, de 1981: contos que oscilam entre o real e o imaginário, como verdadeiro desafio ao leitor.

Criar é importante; imaginar é importante. Sonhar é dar à vida a cura de qualquer dor, pois, ajuda a me iludir na realidade. Quando imagino, saio do prumo para não me sentir isolada no rumo. Mergulho sem medo no mistério, para conquistar e revelar as palavras e, neste movimento, espalho segredos em gritos de emoção, tal em Cândido F. Ferreira, "... transformar este mundo em um mundo melhor, / Não é ser um sonhador, / Mas, sim, possuir um sentimento pleno de humanidade".

Mistério é acreditar no ideal e lutar pelo outro; é amar e ser amada no amanhecer sem sol e encontrar a alegria no dia chuvoso.

Data : 06/12/2012

Título : MOMENTO DE DEFINIÇÃO: Colecionar Fotos

Categoria: Crônicas

Descrição: Chamo momento de definição quando sei para que e por quanto tempo desejo colecionar algo ou alguma coisa. O meu momento de definição ocorreu pelo meu encantamento por fotografias antigas.

Chamo momento de definição quando sei para que e por quanto tempo desejo colecionar algo ou alguma coisa. O meu momento de definição ocorreu pelo meu encantamento por fotografias antigas. Olho e sei; olho e decido. Não me arrependo da escolha, adoro! Pedro Du Bois expressa, "O retratista / conserva / o foco / de fotografia / no instante / do flash // depois o negativo."

Fotografias são como relatos de sombra e coragem, que ainda vivem e revelam a fabulosa história da vida. Busco por fotos antigas onde me deparo com provas contundentes para entender o mundo em que as pessoas viveram.

Colecionar fotos antigas acorda os sentidos de tal forma que me sinto passeando no tempo pelas lembranças. O que é visível se torna tátil, de maneira que o tocar a fotografia me aguça os sentidos. E como o toque é próprio, toma dimensão diferente, como se estivesse a tocar as lembranças. Há a sensação nova em olhar com as mãos e reavivar descobertas que só o tempo pode mostrar. Acompanhar os personagens das fotografias torna o momento em único, num dia especial.

Compreender as fotos pelos sentidos é redescobrir a maneira de poder ser e de reviver o momento em que elas me olham e tocam o coração. Como expõe o poeta Artemio Zanon, "Fotografia / da distante infância / me vejo tão útil, / ansiada esperança."

Em algumas fotografias apenas passo os olhos, como se estivesse olhando pelo vão da porta, onde a luz escapa e temo entrar. Fico imaginando o fato ocorrido e, por vezes, não tenho coragem de reencontrá-lo naquela imagem. Nesse momento, através de flash de memória, conto histórias através dos sentidos e, ao viver as palavras com sabor e toque, me entrego à realidade, assim como descreve Pedro Du Bois, em seu

poema, “Confisco imagens / em lembranças / descoloridas: onde deixei / o tempo fotografado / em imensidões ampliadas / de saudades.”

As fotos mostram a história ambientada, envolvente, em épocas mais diversas. Elas trazem perguntas e respostas sobre vários aspectos, situações e fatos. Olho, toco e vejo os segredos. Sinto que tais sensações e informações sobre cada uma faz com que eu desfrute ao máximo da coleção.

O momento de definição é escolher a fotografia, depois, juntá-la à coleção, onde se misturam tempos e lembranças, dando significância à minha vida: toco as fotos com os olhos e as olho com os sentidos. Quando a vida depende de segredos guardados em cada flash, torna-se uma aventura tocar a foto, com simplicidade, para colocá-la no álbum, porque vêm à tona fragmentos da sua história, dando voz ou se misturando com a minha história.

Data : 25/08/2015

Título : MOMENTO de DESPEDIDA

Categoria: Crônicas

Descrição: Este é um dos versos do poema Canção sem Título, o último escrito por Theodomiro Tostes, um pouco antes do seu falecimento, ocorrido em 20.03.1986.

“...Será esta hora infinita / quando os olhos fixos contemplam /por trás das palavras descidas / uma imagem que vem de dentro?...” (Theodomiro Tostes)

Este é um dos versos do poema Canção sem Título, o último escrito por Theodomiro Tostes, um pouco antes do seu falecimento, ocorrido em 20.03.1986. Até parece que foi ontem que nos despedimos, foi uma perda e um dia marcante. É impossível imaginar que, mesmo passado 25 anos, ainda é o momento mais forte da lembrança.

Realmente o tempo passa lentamente quando olhamos para trás e percebemos aqueles tempos: grande no tamanho e na insondável saudade, como escreveu Theodomiro, “...Será esta hora esperada? / Uma hora que já não passa / Quando as mãos sem cor cruzaram / passivamente sobre o peito / até que o frio as penetrasse?...”

Hoje sinto que em cada despedida, o momento se repete com tristeza. O mal-estar está implantado em meu interior. A memória se enche de fantasmas amigos, que os outros não veem e, no entanto, ali estão presentes com suas obras, poemas e palavras, dando a sensação dos gélidos minuanos que cortam a pele.

Reconheço o momento da despedida como algo que vai além dos sentidos. Apenas suporto a dor. A lembrança e o sentimento são maneiras para continuar com a expectativa de vida.

Certo dia, conversando sobre o momento de despedida, a imaginação exuberante me conduziu com detalhes à cena onde a realidade me mostra que, no fundo, sou solitária; mas também porque tive amor por tudo o que tivesse sabor de aventura. Tostes reflete, "...Será esta hora da estrela / pingo de luz no mar noturno / a guiar o alvor de uma vela / pelos roteiros da procura?..."

Quantas histórias escuto sobre despedidas? Quantas hipóteses e quantas versões, triste vivo? Segundo Theodomiro Tostes, "...Que o teu corpo descanse em paz / que o teu gesto repouse em paz / e que nesse olhar tão profundo / brilhe o fulgor da última estrela / na aventura do último rumo."

Quando nem mais imaginava que me pudesse voltar a lembrança, incendiando o meu pensamento, então a história se repete e ressuscita em busca de explicações, apertando o coração. Depois dos momentos angustiantes, me encontro correndo em variados rumos, para onde instalada a verdade nua e crua. Nem tão rápido que pareça medo e nem tão devagar que pareça delírio, mais do que a sucessão (dos episódios do tempo) dos momentos de despedida, como encontro em Tostes, "... Ou quem sabe não há mais horas / no relógio que move o mundo / e o voo do tempo está parado / no frúme dos lábios mudos?..."

Data : 28/08/2019

Título : MOMENTOS

Categoria: Crônicas

## MOMENTOS

A vida se revela em momentos de alegria e tristeza; emoções e sentimentos marcam os acontecimentos no cotidiano. Há momentos que representam a combinação entre a inteligência e a curiosidade, como, quando questiono as inverdades, em que a interiorização é retratada para se aproximar da verdade, que me leva além do surpreendente. Espanta-me a inversão dos fatos na falsa constatação do valor; momento em que sinto insegurança e medo nos meus dias. Para Amós Oz, "... a curiosidade é condição necessária para todo trabalho intelectual ou científico... A curiosidade também é uma virtude moral".

Entre bons e maus momentos há situações que me levam ao mundo de fatores extraordinários, sem o qual nada acontece. Nas palavras de T. S. Eliot, “em meu princípio está meu fim”. Então, busco momentos que tragam a história, junto com corretos valores e boas sensações, para que eu possa vencer cada etapa e obstáculo diário.

O fascínio do momento está no aprendizado e, assim, iniciar novas reflexões sobre o viver, até alcançar a expectativa e amadurecer a ideia, com o objetivo de não correr riscos de errar; mas, há momentos que posso reconstruir se acreditar que aprendo com os erros, o que pode ser provocativo e conflitante, sempre que há a possibilidade de vivenciar a decisão. Em Rodrigo Petrônio encontro que “... só os erros inscrevem um rosto humano no espelho”.

O momento é ponto de partida para opinar sobre o viver e suas nuances; para alcançar o resultado e me engrandecer por tentar e nunca desistir dos meus ideais. Considero estar à mercê da cada momento para encontrar no meu horizonte os desejos e as suas realizações. Como em Rodrigo Petrônio, “... Perco-me num emaranhado de imagens. / Estou além do que penso e aquém do que sinto...”.

A vida se constitui de momentos em que desenvolvo a capacidade e a habilidade para fazer minha vida magnífica e interessante, impulsionando a esperança para a formação do amanhã.

Sempre são dia e hora de assumir a vantagem por haver o momento para colher os frutos. Manuel Bandeira revela, “... horas há que marcam fundo... / Feitas em cada um de nós, / De eternidades de segundo, / cuja saudade extingue a voz...”.

Data : 19/10/2016

Título : MOMENTOS no TEMPO

Categoria: Crônicas

Descrição: As obras de arte ilustram nossos momentos no tempo através da linguagem, como na significativa representação dos gravadores de xilogravura...

As obras de arte ilustram nossos momentos no tempo através da linguagem, como na significativa representação dos gravadores de xilogravura, que vem a ser a técnica de gravação na pedra desenvolvida sem modismos. Carlos Martins escreveu que “o que tudo isso reflete, evidentemente, é uma concepção de arte que não se preocupa em andar na moda – e sim em encontrar e conquistar seu próprio espaço”. Na técnica da xilogravura, lembrando-me da arte como história, encontro os gravadores Lívio Abramo e Oswaldo Goeldi, que cultuaram a arte popular, assim considerada até os dias de hoje.

Momentos no tempo revela que Lívio Abramo detectou semelhanças na xilogravura, como arte versátil com elementos técnicos, próprios e característicos. Ainda,

disse que “a xilo é a arte da raiva”, porque os gravadores entalham com força na rigidez das linhas. Lívio também organizou o livro *Pelo Sertão*, de Afonso Arinos de Melo Franco, em 1946.

Um lado curioso do tempo é que com a xilogravura foram reveladas as culturas populares, principalmente, a nordestina, pois, a partir de século XX, a referida técnica passou a ilustrar os folhetos de Cordel.

Outro lado do tempo é lembrar o momento em que Mário de Andrade influenciou os xilogravadores a ilustrarem folhetos de Cordel, através do manifesto conduzido a uma geração de gravadores, onde a modernidade os ligou ao mundo quando a converteu em tema favorito, como arte popular. Para o cordelista Manoel Camilo dos Santos, “Lá não se vê mulher feia / e toda a moça é formosa / alva, rica e bem decente / fantasiada e cheirosa, / igual a um jardim / repleto de cravo e rosa”.

Momentos no tempo são percebidos através das obras de arte, que trazem essa marca registrada em cada performance e talento, como cultura tipificada através da xilogravura brasileira, expressada no Cordel. Arte que trata de um mundo mágico em diferentes nuances, ao ser composta em harmônicas linhas, palavras e formas que representam imagens populares, com detalhes, no revelar as várias facetas do nosso Brasil.

Essa mescla entre a gravura e a literatura chega até nós como cultura, e se destacam como arte, porque vai de encontro à realidade ao buscar retratar a si própria. O cordelista Leandro Gomes de Barros expressa, “O povo me chama grande / E como de fato eu sou / Nunca governo venceu-me / Nunca civil ganhou / Atrás da minha existência / Não foi um só que cansou”.

Data : 28/08/2019

Título : MORTE (I)

Categoria: Crônicas

## MORTE (I)

A morte é linguagem universal, nasce da imaginação. Expressamos inquietação sobre o assunto e as perguntas surgem sobre a estrutura do viver.

Quando olhamos para dentro de nós vemos a hesitação diante da morte como o vento da harmonia que, por vezes, não entendemos o significado. Nas palavras de Lya Luft, “viver como talvez morrer, é recriar-se a cada momento”.

A morte é espetáculo de agitação dos sentidos, como n’A Morte Feliz, romance que Albert Camus preferiu não publicar em vida, que se divide em duas partes: Morte

Natural e A Morte Consciente; Camus questiona, “como viver feliz a tal ponto que a própria morte seja feliz?”.

A estrutura e consequência da morte, mistérios da vida, chegam até nós como o ponto principal entre o mar e a montanha: difícil por nos gerar o desequilíbrio e nos exigir destreza ao estabelecer a conexão para aprendermos a lidar com a frustração e a saudade. Residimos o medo na inconsequência da certeza de que a morte nos encontre entre o mar e a montanha; um, a arte do viver e, outro, a solidão.

Vencer o desafio da morte é perceber o mundo em difíceis situações; jogar com a sensibilidade no momento crucial; aceitar a presença-ausência no conciliar o nosso pensamento ao nos vermos pequenos e perdidos ante a natureza, quando percebemos que a vida está impregnada do sofrimento.

Entre o mar e a montanha, caminho longo e misterioso; encaramos a morte sem direção e instrução para agirmos, pois, ela vem sempre na contramão. Adélia Prado demonstra, no livro *A Faca no Peito*, também dividido em duas partes, *Por Causa da Beleza do Mundo* e *Por Causa do Amor*, imagens que expressam o medo e o amor.

A morte é cena que gera dúvidas quando procuramos seus valores e não os encontramos; quando vivenciamos as dores no limite do significado da perda. Para Álvaro Moreyra, em *Cada Um Carrega Seu Deserto*, a morte é enfrentada tormenta que delimita a fragilidade, fossem ondas gigantescas do mar prestes a arrebentar como força contrária, o que nos desequilibra pelo mistério do silêncio.

Na configuração da morte, encontro na beleza entre o mar e a montanha, na dor e no amor, na reflexão de Álvaro Moreyra, “Então, por que teus olhos se apagaram... / Por que a tua voz na boca se calou... / Por que as tuas mãos no peito cruzaram... / Por que paraste... Então tudo acabou? // No fundo misterioso de um jazigo / Tantos anos de vida se enterraram? // Agora, anoiteceu. Estou sozinho. / Sozinho sim, mas nunca separado...”.

Data : 07/01/2014

Título : MOSAICO DE RUÍNAS

Categoria: Crônicas

Descrição: Tarde de domingo. Do mar, escuto o que diz em voz alta. A vida senta-se, desconfiada do mundo, ao perceber que a nossa história não está sendo ouvida ...

“Passei anos a olhar / para as coisas que se destroem. / Muros de pedra / casas antigas, alpendres estrangulado...//

Nem que o lugar / se tomasse de ruínas...” (Jorge Tufic)

Tarde de domingo. Do mar, escuto o que diz em voz alta. A vida senta-se, desconfiada do mundo, ao perceber que a nossa história não está sendo ouvida e pouco preservada e que as palavras caem como chuvas em chamas: as ruínas culturais, emocionais e materiais. Segundo Tatiana T. Coelho, “vivemos de ruínas... / por outrem descobrimos os que fomos, / buscamos encontrar o caminho e nos deciframos.”.

Ruínas, para mim, têm vários sentidos e um deles é o fim dos sonhos, das conquistas do equilíbrio pelo melhor caminho. Fica presente apenas o nosso medo, civilizatório. É sentimento difícil de se admitir, mesmo que, em algum momento, já tenhamos tido gestos em que “arruinamos a nossa vida”, como ajudar a alcançar as ruínas, desestabilizando até a mãe natureza; “como árvore velha desfolhada, //... guarda ainda / A saudade do tempo que foi linda / e teve seiva e ramos enflorados!” (Nicolau N. Nahas)

Ao constatar que a vida não é satisfatória, vale lembrar como alerta que a qualidade de vida pode significar libertação.

Pedro Du Bois, em seu livro *O Coletor de Ruínas*, mostra que é possível criar para o presente e o imprevisível, e olhar o que se esconde atrás do ponto cego, sobre a realidade e a percepção do mundo, como no poema: “sobre a terra / queimada / brota a planta / em sequência // (sustenta a fome / dos animais criados) // sobre a terra / insustentável / o vento trabalha sua parte”.

Dani Arrigucci Jr., em seu livro *O Cacto e as Ruínas*, de crítica literária, analisa dois poemas: *O Cacto*, de Manuel Bandeira e *As Ruínas de Selinunte*, de Murilo Mendes. *As Ruínas* de Murilo mostra a desordem das pedras caídas e a destruição, “Sobre o mar em linha azul, as ruínas / severas tombando //... Para a catástrofe, em busca / Da sobrevivência, nascemos”.

A literatura é uma das maneiras de ver o passado e, ao conviver com ele, diminuir as “ruínas do dia-a-dia”. Nesse caso, vale avaliar o que realmente é importante para nós. Quais as tradições que gostaríamos de manter e quais histórias queremos contar aos nossos netos. Também, devemos pensar como reagir diante das “ruínas”. Como evitar que elas aconteçam? Álvaro Pacheco, escreveu, “... Pois Camões cantava a glória / e eu canto o desespero / deste tempo poluído.” E Tatiana T. Coelho reflete, “Para onde foram os sonhos? / Ruínas levadas pela correnteza da vida”.

Os poetas declaram, como em Pedro Du Bois, “Fomos a descoberta – passo a passo – e somos o encoberto ser insatisfeito em necessidades. Alguns colecionam, outros coletam ruína”. Com tal perspectiva, só nos resta o tempo como desafio para evitarmos a “ruínas”, como em Octávio Paz, “La irrealidad de lo mirado / da realidad a la mirada.” (A realidade do visto / dá à vista realidade”).

Vida e realidade caminham juntas nas diversas formas de elevar o nosso mundo a uma nova dimensão, entre elas, as artes e os gestos, que nos levam a pensar em como evitar a construção do mosaico de ruínas.



Título : MOSAICO DE RUÍNAS

Categoria: Crônicas

Descrição: Tarde de domingo. Do mar, escuto o que diz em voz alta.

“Passei anos a olhar / para as coisas que se destroem. / Muros de pedra / casas antigas,  
alpendres

estrangulado...// Nem que o lugar /

se tomasse de ruínas...”

(Jorge Tufic)

Tarde de domingo. Do mar, escuto o que diz em voz alta. A vida senta-se, desconfiada do mundo, ao perceber que a nossa história não está sendo ouvida e pouco preservada e que as palavras caem como chuvas em chamas: as ruínas culturais, emocionais e materiais. Segundo Tatiana T. Coelho, “vivemos de ruínas... / por outrem descobrimos os que fomos, / buscamos encontrar o caminho e nos deciframos.”.

Ruínas, para mim, têm vários sentidos e um deles é o fim dos sonhos, das conquistas do equilíbrio pelo melhor caminho. Fica presente apenas o nosso medo, civilizatório. É sentimento difícil de se admitir, mesmo que, em algum momento, já tenhamos tido gestos em que “arruinamos a nossa vida”, como ajudar a alcançar as ruínas, desestabilizando até a mãe natureza; “como árvore velha desfolhada, //... guarda ainda / A saudade do tempo que foi linda / e teve seiva e ramos enflorados!” (Nicolau N. Nahas)

Ao constatar que a vida não é satisfatória, vale lembrar como alerta que a qualidade de vida pode significar libertação.

Pedro Du Bois, em seu livro O Coletor de Ruínas, mostra que é possível criar para o presente e o imprevisível, e olhar o que se esconde atrás do ponto cego, sobre a realidade e a percepção do mundo, como no poema: “sobre a terra / queimada / brota a planta / em sequência // (sustenta a fome / dos animais criados) // sobre a terra / insustentável / o vento trabalha sua parte”.

Dani Arrigucci Jr., em seu livro O Cacto e as Ruínas, de crítica literária, analisa dois poemas: O Cacto, de Manuel Bandeira e As Ruínas de Selinunte, de Murilo Mendes. As Ruínas de Murilo mostra a desordem das pedras caídas e a destruição, “Sobre o mar em linha azul, as ruínas / severas tombando //... Para a catástrofe, em busca / Da sobrevivência, nascemos”.

A literatura é uma das maneiras de ver o passado e, ao conviver com ele, diminuir as “ruínas do dia-a-dia”. Nesse caso, vale avaliar o que realmente é importante para nós. Quais as tradições que gostaríamos de manter e quais histórias queremos contar aos nossos netos. Também, devemos pensar como reagir diante das “ruínas”. Como evitar que elas aconteçam? Álvaro Pacheco, escreveu, “... Pois Camões cantava a glória / e eu canto o desespero / deste tempo poluído.” E Tatiana T. Coelho reflete, “Para onde foram os sonhos? / Ruínas levadas pela correnteza da vida”.

Os poetas declaram, como em Pedro Du Bois, “Fomos a descoberta – passo a passo – e somos o encoberto ser insatisfeito em necessidades. Alguns colecionam, outros

coletam ruína”. Com tal perspectiva, só nos resta o tempo como desafio para evitarmos a “ruínas”, como em Octávio Paz, “La irrealidad de lo mirado / da realidade a la mirada.” (A realidade do visto / dá à vista realidade)”.

Vida e realidade caminham juntas nas diversas formas de elevar o nosso mundo a uma nova dimensão, entre elas, as artes e os gestos, que nos levam a pensar em como evitar a construção do mosaico de ruínas.

Data : 30/01/2014

Título : MOSCA TONTA

Categoria: Crônicas

Descrição: Por escolha, Pedro Du Bois há muito tempo esvoaça para a sua poesia a imagem da vida que o cerca, com registro literário formado pelos tipos e situações vigentes;

Por escolha, Pedro Du Bois há muito tempo esvoaça para a sua poesia a imagem da vida que o cerca, com registro literário formado pelos tipos e situações vigentes; desenvolve uma arte que documenta os gestos e o distanciamento das pessoas, como mostra em seu poema Mosca Tonta: “Quem algum dia disse / que a luz escura não tem brilho / não lembra de quem um dia lhe disse: / saia desse caminho, siga por outra estrada, / ao lado, ornada por grandes árvores, / verdes, verdejante e não pálidas. // Ele esquece, eu me lembro da hora / em que me foi dito com a maior seriedade;/ fosse para ele, para mim, da maior seriedade. // Hoje, distante no tempo, no sentido / revejo a cena como nuvem sem brilho / e penso que tolo fui em não seguir o conselho.// Segui pela estrada errada, ontem, hoje, sempre e nada. Sou como a mosca tonta, sem saber da tua chegada”.

Nem sempre me dou conta da ousadia do poeta ao bater com força as suas asas, atraindo a minha atenção pela beleza dos seus gestos e dos seus poemas.

Documenta seus pensamentos, provocando a musicalidade existente em mim. Em instantes, o poeta conquista a minha vida. Em suas páginas, desperta os sentidos para que eu reflita, respire fundo e reserve um tempo só para mim e a sua poesia. Linhas que me dão acesso a alguns dos meus melhores momentos e trazem para a minha vida a sensação de ir a algum lugar sem saber o que irei encontrar - é estimulante e rejuvenescedor -, estonteante e esvoaçante como uma “mosca tonta”.

Data : 01/01/2013

Título : MOTIVOS PARA LER

Categoria: Crônicas

Descrição: É inevitável lembrar que a língua é patrimônio cultural. Que a língua é caráter. Ela une e identifica um povo; foi muito mais importante do que se pensa na história dos descobrimentos.

“Quando a primeira palavra / romper a mortalha da página, / a luz escapará...”

(Francisco Alvim)

É inevitável lembrar que a língua é patrimônio cultural. Que a língua é caráter. Ela une e identifica um povo; foi muito mais importante do que se pensa na história dos descobrimentos. Relembro que o domínio de norma culta é a marca da diferenciação social, sinal de boa formação e inteligência.

Segundo Luís Fernando Veríssimo, “o caráter de um povo decorre da sua língua” e, para Pedro Du Bois, “Livros //... / ele não faz parte da vida: / exige atenção, capricho, conhecimento / maior que o simples passar de olhos”.

Ler é um desejo, motivo que compartilho para a superação de maus momentos e de fazer entender uma situação real de fala, leitura e escrita. Luiz Prazeres disse que “A pessoa que lê com frequência se torna mais apta a enfrentar os desafios do mundo contemporâneo e a dialogar com ele. Em nossa sociedade letrada, ler é uma questão de sobrevivência.”

Viver o dia a dia com intensidade significa experimentar cada minuto que a leitura faz com você, mostrando como pode ser gratificante desvendar verdades ocultas e descobrir o mundo nas entrelinhas, criando expectativas e fatos. Confiar em seu poder facilita, amplia o conhecimento e o senso crítico.

Para viver bem é necessário simplificar a compreensão das coisas e dos fatos. Um livro abre mentes questionadoras que buscam se libertar de ideias pré-concebidas e verdades absolutas, para encontrar a felicidade baseada na razão. O importante é criar e nunca perder de vista o potencial do texto, como universo sem fronteiras para a imaginação, juntando desejo e ação. Utilizar-se da realidade que o cerca para apresentar suas impressões sobre o mundo, como em Salete Aguiar, “... Se os livros que escrevi / não forem lidos, // os vermes me expandirão pelo universo.”

O principal é ter iniciativa e acabamento para os dias de hoje. Segundo Stephen Kannitz, “Iniciativa é a capacidade que todos temos de criar, iniciar projetos e conceber novas ideias. Acabativa significa a capacidade de colocar em prática uma ideia e levá-la até o fim”, ou seja, enxergar à frente do que acreditamos e descobrir o que realmente nos cerca.

Algumas pessoas têm muita iniciativa e outras, poucas. Alguns possuem a capacidade de concluir o que começaram. Iniciativos são criativos e o acabamento é o ponto fraco deles. Existem mais pessoas com ideias do que pessoas capazes de implantá-las. O principal é valorizar as iniciativas, mostrando o potencial e valorizando cada passo e cada ação, porque “... a vida nos espreita / em cada volume / que deixamos de ler”, na visão de Pedro Du Bois.

Ler estimula o lado criativo e com coração nobre e talento é possível a realização de grandes sonhos, sempre valorizando a nossa língua. O livro é destinado a conquistar os corações e mentes dos leitores, como expressado por Gilberto Mendonça Teles, "... Tome este livro, toma e lê... / não só um tomo, a obra inteira soma / à solidão maior que te protege / como um corpo de baile no idioma. // E toma ao pé da letra o que combina / com teu gosto e prazer: / o cimo, a suma / de todos os sabores..."

Data : 27/09/2018

Título : MOVIMENTO dos DIAS

Categoria: Crônicas

A independência que temos nos dias atuais, na liberdade de ir e vir, como e quando queremos revela quem somos. Demonstra o movimento dos dias em nosso esforço, o que também fortalece a ideia e os ideais de que precisamos esperar a hora certa para tomar a iniciativa de novo confronto, outra conversa e até mesmo um simples convite. Rodrigo de Souza Leão declara, "... sou esquizofrênico... sou uma pessoa que necessita de certos cuidados: preciso tomar remédios específicos, viver uma vida diferente das outras e conseguir viver dentro das minhas "nóias". Tenho que saber que a minha paranoia é paranoia e aprender a conviver com ela... É a convivência com a diferença..."

Na hora "H", o rumo do movimento dos dias segue explicações reais, o que torna difícil para compreendermos os motivos e as circunstâncias envolvidas pela vontade ou necessidade. Entretanto, refletimos sobre o valor do que temos a dizer, para exprimir as palavras certas. Rodrigo S. Leão, no seu primeiro livro, Há Flores na Pele, escreve sobre sua loucura em forma de poesia. Depois, narra a trajetória de um homem internado no hospício, através da obra Todos os Cachorros são Azuis.

Ao escolher as palavras nos comprometemos com a força no expor experiências e formas de viver e agir diferentes; assim, espelhamos o movimento dos dias. Por exemplo, confidências sobre em que nos sentimos prisioneiros? Do fracasso na carreira ou da rejeição no amor? Dos fragmentos da lucidez? O sucesso depende do talento e da capacidade de fragmentação do ser humano. Às vezes, damos razões egoístas a um fato isolado, e nos sentimos presos ao coração, então, dizemos que são razões plausíveis decorrentes do movimento dos dias.

O que vale é saber que as pessoas não pensam do mesmo modo e valorizam atos e fatos diferentes, como os gestos que nos influenciam quando seguramos a mão de uma pessoa, como forma de frisar o sentimento. A melhor maneira para movimentar os dias é termos momentos de lucidez ao demonstrar nossa real intenção. Ainda em Rodrigo Leão, "A vida é excepcional. É o lugar onde tentamos construir sonhos. Vida é algo que foi dado e só você pode tirar... Porque eu fui nascer esquizofrênico?..."

Data : 11/03/2015

Título : MUDAR, agora?

Categoria: Crônicas

Descrição: Mudar é revolucionar a vida. A palavra mudança gera trabalho, esforço, alegria e tristeza, ...

Mudar é revolucionar a vida. A palavra mudança gera trabalho, esforço, alegria e tristeza, dependendo do ponto de partida e de onde se queira chegar. Luiz de Miranda enfoca que “A vida anda, / vive e respira, / longe da ira das palavras.”

Mudar representa a opção da pessoa, a expressão de um povo revelando sentimentos de poder pela beleza dos gestos. Nas palavras de Pedro Du Bois, “Mudar // Inverso: recolho da imagem / o tempo passado / e o remeto ao hoje // fotografado / no instante / da mudança.”

A mudança é considerada poderosa ferramenta, que exige a escolha de pensamento crítico, complexo e criativo; e ainda altera o panorama crítico sobre as questões ocorridas durante os impactos no setor cultural, mudando a paisagem. Na visão de Lima Coelho, “... extrema saudade! Tristeza que não se acalma, / Resumo doce e amargo de um sofrimento, / Que me faz meditar, a todo momento.”

Será que estou preparada para a mudança? Sinto-me no palco de um teatro: “ser ou não ser, eis a questão”- ir ou não ir, eis a reflexão. O momento de tomar a decisão é único, como se cada nova transformação refletisse a minha mudança interior. Mudança marcada por emoções difusas, entre elas, certo medo, que me leva a questionar se tomei a melhor decisão: o pensamento não para de propor novos desafios e questionamentos.

Mudar agora é estar à frente das novas configurações, que se unem tanto quanto se limitam, diante do meu comportamento vivido no ritmo das transformações e reflexões. Vivo a descontinuidade expressa ao mesmo tempo em que, por força da vida, dos homens e de suas opções, deixo meu universo preso à minha decisão; o importante é procurar melhorar a qualidade de vida, como em Alberto da Cunha Melo, “... Os homens não se medem / pelo tamanho de seus horizontes, / mas pela insistência em alcançá-los.”

Por trás de cada efeito de mudar, levo em conta que existe registro de vivência e interferência feitas acerca da minha vida. Entendo o quanto posso constituir vínculos diferenciados, espaços delimitados como início. Olho para as novas configurações de maneira flexível, tolerante ante o acontecido, mas não deixo de sentir, mesmo que por alguns instantes, saudades do tempo que ficava surpresa com a novidade. Exijo de mim paciência e dou tempo ao tempo para me adaptar e adequar a minha atitude em relação às nuances.

Sophia de Melo B. Andersen diz, "... A minha pátria é onde o vento passa, / A minha amada é onde os roseirais dão flor, / O meu desejo é o rastro que ficou das aves..."

Falar em mudar é como falar no tempo feito de demoras, na consciência da visão, no vulto complexo do reflexo, na preocupação do futuro, no transfigurar a saudade, no transgredir o espanto, no desvendar o sigilo ao pressentir e decidir ver outras faces no espelho que quebrou.

Data : 23/10/2013

Título : MULHER e... os desafios

Categoria: Crônicas

Descrição: Já pensou quantos desafios a mulher encara diariamente? Ela não para. Tem a vida atribulada e o seu dia a dia vai ficando barulhento.

"A vida é um fio/ Que se tece ou se rompe/ A cada desafio." (Rosália Miltsztajn)

Já pensou quantos desafios a mulher encara diariamente? Ela não para. Tem a vida atribulada e o seu dia a dia vai ficando barulhento. Muitas vezes falta tempo para si. Com frequência tenta frear tudo para dizer a si mesma: calma! Mas essa voz é sufocada pelos compromissos.

Chegado o momento para pensar, como fazer para sobrar tempo e desfrutar o que há de melhor? Para fazer escolhas e sentir-se bem? Então, aparecem os desafios: como mudar o ponto de vista prático e ser mais romântica? Como buscar a segurança? Valorizar-se? Buscar ser destacada pela iniciativa e sensibilidade, tentando dar brilho à vida? Gostar da vida e ter interesses? Vivenciar as experiências e os acontecimentos? "No jardim de inverno as folhas fechadas / em frios estames fixados em corolas, / as folhas murcham invernos: / vejo tempos antecipados / na cadeira ao fundo / e nela a mulher absorta / em folhas fechadas: flores / de nomes diferentes; a restauração / submersa ao frio: a mulher / se refere ao tempo de abrir as janelas". (Pedro Du Bois)

O desafio maior é quando, nós mulheres, fechamos os olhos e voltamos no tempo lembrando como a mulher conseguiu viver dentro "daquela caixinha (vidinha)". Ainda bem que, ao desafiar o tempo e os limites, crescemos e passamos a ter a exata dimensão dos prazeres da vida, como reflexo da nossa existência.

Esses desafios podem ajudar a nos libertar de antigos padrões e tentar deslanchar para as renovações que, junto com a harmonia e ampliando a nossa força interior, também manteriam o otimismo e, assim, nos permitiriam "mimos" para alimentar o ego e viver cada dia com intensidade. "Mulher, tu és a convergência de dois mundos. / Quando te olho a extensão do tempo se desdobra ante mim..." (Murilo Mendes)

Quando nós mulheres, ao enfrentarmos os desafios, conseguimos ser várias sem perder a essência, podemos, ainda, enfrentar o que há de mais justo na vida: a liberdade. Hannah Arendt escreveu que “o que proponho é uma reconsideração da condição humana à luz de nossas mais novas experiências e nossos temores mais recentes”.

Os desafios das mulheres são ter uma carreira, zelar pela família; ser mais que feminina, ser mãe atarefada e atarantada e, ainda, sentirem-se perfeitamente realizadas. Amar e ser amada são os principais e mais poderosos desafios; a maneira terna e emocionante de expressar carinho e compreensão. Mulher... Os desafios são o caminho para cada uma encontrar seu estilo de vida. “Fim do banho / creme no corpo / fragrância / um estalo...// teu olhar na janela / a me fazer a mais bela //... mulher!” (Carmen Presotto)

Data : 25/04/2017

Título : MULHER: MEMORÁVEL EMOÇÃO

Categoria: Crônicas

Descrição: Memorável emoção é o frescor do mar, o amor sentido no calor do sol

Memorável emoção é o frescor do mar, o amor sentido no calor do sol – isto parece o perfil de uma mulher, que sabe manter a conexão com a emoção no revigorar e fazer o tempo passar devagar, para curtir as lembranças do dia. Para Marina Du Bois, “Penso em ti / sempre que respiro... / E como é bom pensar / E lembrar / Breves momentos / Que não se apagam dentro de mim / como se tivessem / Vida própria / E ficassem pulsando, / A me enfeitiçar”.

A mulher exerce a razão de maneira prática, sensível, fácil e de seguros momentos; sente-se à vontade e, ainda, acerta no ponto (parafraseando Mario Quintana) de que nasceu para amar e ser amada. Ela, com sensibilidade, usa a de “vivavoz” para sonhar e compor a vida e a encaixar em sua meta: liberdade com responsabilidade, para sua memorável emoção.

A mulher se apaixona facilmente, porque acredita no amor e leva a sério a vida a dois. Sua experiência de vida é a razão que a faz respirar aliviada, quando pode confiar no seu(sua) amado(a). Fabiana F. De Carvalho reflete, “... Lembro de você / De como é bom te amar /. Trouxe uma nova razão de viver / Modificou meu modo de ser, / Acrescentando confiança / E a minha vida, ter mais esperança... // Você foi uma visão, //... Que se transformou em paixão, / Que trouxe emoção...”.

Memorável emoção é o que atende ao seu estilo do bem estar e a necessidade do seu bem viver: a história, em suas saudades, ganha versões eletrizantes, quando a escolha a faz importante e reluzente, a ponto de sentir a vida palpitar em sentidos e pensamentos. A melhor escolha da mulher é a que a torna feliz e faz com que se abram janelas, deixando quem é através da memória. Eliana W. Alyanak revela, “... Amo estar apaixonada / Amo a vida com fervor / Fervura de sentimentos / Fluidez de expressões // Desprendida / Nau ao léu / Baloçando / Ao sabor do vento...”.

A mulher se reveste em gestos ao viver o seu grande amor, mesmo que em sonhos, deixando transparecer em nuances a sua personalidade e reflexão. Constrói relações emanadas da emoção, que se modificam ao longo da vida. Mergulha sem medo em tudo o que sente e vivencia, sem defesa. Também, experimenta com intensidade a dor do amor e o sabor de se saber insignificante. Fátima Corrêa expressa, “A mulher em mim / É aquela que sofre calada; / É aquela que se esconde num sorriso...”. E, Marina Du Bois expõe, “Hoje tive medo / de te amar novamente, / pois vi nos olhos / de uma criança que cresceu / o que a dor do amor / pode fazer // Lembrei-me de como ela / nos torce e nos retorce / nos estilhaça o interior / e nos deixa um vazio / de membro amputado / que dói mesmo sem / a sua presença / um vazio “inocupável”, / a não ser por outro amor”.

A memorável emoção acontece quando a vida se apresenta em sabores e dissabores. É processo que envolve a mulher em sentimentos e lembranças, em que trata de forma livre as questões da emoção, respeitando suas normas, mesmo que às vezes as transgrida. Tempera o amor com fantasias românticas e descobre a real intenção de compartilhar sua satisfação com o(a) amado(a) – na conjunção desejada. Suas palavras de ordem para a vida são sentir prazer nos pequenos momentos: amar, renovar, doar e se envolver com certo mistério, para tornar os momentos em memorável emoção. Como mostra Pedro Du Bois no livro “Sempre Mulher”, “Mulheres breves / eternizadas / em infinito amor // Lábios carnudos tez de veludo. / Vontade de se saberem amadas. // Mulheres breves em sonhos e realizações”.

Data : 07/03/2016

Título : MULHER: o que mudou?

Categoria: Crônicas

Descrição: Gosto do poema de Cora Coralina: ?Muitas vezes, basta ser colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que acaricia...

Gosto do poema de Cora Coralina: “Muitas vezes, basta ser colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que acaricia...” Posso não perceber, mas a lembrança está em nós, está conosco o tempo todo, e não por acaso; está ali, pronta para saltar a qualquer hora do dia.

Quando confio na memória, pergunto-me o que mudou em relação à mulher neste mundo moderno. Nem preciso olhar para trás, a iniciativa de estampar as lembranças explica os versos que carregam brilhos nas nossas vidas. E, quando acredito com o coração naquilo que me proponho a fazer, entendo que cada movimento é o caminho da verdade. Percebo que o pensamento é importante porque dividir, contar e ouvir é aprender sempre. Até porque nós temos algo a mais: o jeito diferente de olhar e fazer as coisas; colocamos graça e emoção no que realizamos; somos firmes, mas



também agimos com o coração. Somos o resultado do contato com a realidade, sem tantas fantasias, mas é fundamental continuarmos sonhando.

As lembranças das mudanças impõem, às vezes, coragem e respeito, trazendo benefícios e palavras inspiradoras para enfrentar qualquer tipo de crise ou mudança. Não basta sonhar, é preciso ter clareza do que desejamos e entendimento do que lembramos.

Quando o objetivo é a construção de um mundo mais fraterno, no qual os direitos humanos sejam respeitados, devemos lutar e lembrar para preservar a história de cada mulher. Pois, um país sem lembranças, sem memória, é um país sem história e sem sorrisos.

O grande segredo é transformar sonhos, lembranças e memórias em resultados palpáveis, identificando prioridades; a primeira delas é sobreviver.

“fugir às regras / aniquilar a mesmice / do cotidiano... // o poeta rejeita ser mero cartão postal //

reinventar-se? // só lhe resta / fluir entre os postigos...” (Luiz Otávio Oliani)

Admito que nem sempre é fácil transmitir os nossos conhecimentos diante de um novo contexto, a mulher acredita e se reconhece na mudança. Junta as duas coisas, opina, une o compromisso com o idealismo, sem perder de vista as lembranças; procura espaço para a emoção e a ação; age com o coração, unindo ao universo masculino a sensibilidade do mundo feminino. Às vezes, sentimo-nos corajosas, dispostas a agir. Noutras, queremos receber e dar carinho, aquietar ou pedir colo. O que mudou?

Data : 07/03/2014

Título : MULHER: o que mudou?

Categoria: Crônicas

Descrição: Gosto do poema de Cora Coralina: ?Muitas vezes, basta ser colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que acaricia...?

Gosto do poema de Cora Coralina: “Muitas vezes, basta ser colo que acolhe, braço que envolve, palavra que conforta, silêncio que respeita, alegria que contagia, lágrima que corre, olhar que acaricia...” Posso não perceber, mas a lembrança está em nós, está conosco o tempo todo, e não por acaso; está ali, pronta para saltar a qualquer hora do dia.

Quando confio na memória, pergunto-me o que mudou em relação à mulher neste mundo moderno. Nem preciso olhar para trás, a iniciativa de estampar as lembranças explica os versos que carregam brilhos nas nossas vidas. E, quando acredito com o coração naquilo que me proponho a fazer, entendo que cada movimento é o

caminho da verdade. Percebo que o pensamento é importante porque dividir, contar e ouvir é aprender sempre. Até porque nós temos algo a mais: o jeito diferente de olhar e fazer as coisas; colocamos graça e emoção no que realizamos; somos firmes, mas também agimos com o coração. Somos o resultado do contato com a realidade, sem tantas fantasias, mas é fundamental continuarmos sonhando.

As lembranças das mudanças impõem, às vezes, coragem e respeito, trazendo benefícios e palavras inspiradoras para enfrentar qualquer tipo de crise ou mudança. Não basta sonhar, é preciso ter clareza do que desejamos e entendimento do que lembramos.

Quando o objetivo é a construção de um mundo mais fraterno, no qual os direitos humanos sejam respeitados, devemos lutar e lembrar para preservar a história de cada mulher. Pois, um país sem lembranças, sem memória, é um país sem história e sem sorrisos.

O grande segredo é transformar sonhos, lembranças e memórias em resultados palpáveis, identificando prioridades; a primeira delas é sobreviver.

“fugir às regras / aniquilar a mesmice / do cotidiano... // o poeta rejeita ser mero cartão postal // reinventar-se? // só lhe resta / fluir entre os postigos...” (Luiz Otávio Oliani)

Admito que nem sempre é fácil transmitir os nossos conhecimentos diante de um novo contexto, a mulher acredita e se reconhece na mudança. Junta as duas coisas, opina, une o compromisso com o idealismo, sem perder de vista as lembranças; procura espaço para a emoção e a ação; age com o coração, unindo ao universo masculino a sensibilidade do mundo feminino. Às vezes, sentimo-nos corajosas, dispostas a agir. Noutras, queremos receber e dar carinho, aquietar ou pedir colo. O que mudou?

Data : 19/10/2016

Título : MULHERES, MUSAS? QUEM SÃO?

Categoria: Crônicas

Descrição: Um time inspirador de poetisas e compositores provocam a beleza do viver através das palavras que, supostamente, retratam o auge de uma época de expectativas ao escreverem...

Um time inspirador de poetisas e compositores provocam a beleza do viver através das palavras que, supostamente, retratam o auge de uma época de expectativas ao escreverem sobre mulheres. Entre tantos, destaco Chico Buarque, com Carolina; Tom Jobim, com Luíza; Dorival Caymmi, com Marina; Cauby Peixoto, em Conceição; Ronaldo Monteiro de Souza e Ivan Lins, com Madalena; Mário Lago e Ataulfo Alves, com Amélia.

Fascinados pelas mulheres, se envolvem no enredo para representar o tempo, na influência dos símbolos como inspiração e na releitura da história que não se limita em misturar, mas, que se une ao nosso viver.

O curioso é saber quem elas representavam. Que significado tiveram na vida de cada compositor, escritor e poeta?

A canção Carolina foi classificada em 3º lugar no II Festival Internacional da Canção Popular, 1967: “Carolina // Nos seus olhos fundos / guarda tanta dor / A dor de todo este mundo //... Lá fora, amor / uma rosa morreu / uma festa acabou / Nosso barco partiu...”. Diz Humberto Werneck que a canção nasceu a partir da proposta conciliatória feita por Walter Clark, em nome da Rede Globo de Televisão de que a emissora dispensaria a multa contratual em troca da inscrição de uma canção do Chico no FIC (1967) e daria, assim, por encerrado o processo judicial. Chico aceitou a proposta e compôs a canção Carolina durante um voo. Interpretada por Cynara e Cybele, do Quarteto em Cy, Carolina perdeu para Margarida, de Gutemberg Guarabyra e Travessia, de Milton Nascimento.

Luiza é a canção de Tom Jobim, feita para a abertura da novela “Brilhante”, da Rede Globo, nos anos 1981 e 1982. A musa inspiradora da canção foi Vera Fisher, que era a protagonista da novela com o mesmo nome. “... Vem cá Luiza / Me dá sua mão / o teu desejo é sempre o meu desejo //... E um raio de sol / Nos teus cabelos / como um brilhante que partindo a luz / explode em sete cores / revelando então os sete mil amores...”

A Rádio Rio Verde FM conta que a morena Marina nunca existiu; que a letra foi composta de trás para frente. Numa tarde, Dorival Caymmi estava indo para a rádio e, por qualquer motivo, um dos seus filhos estava bravo com ele. O compositor mesmo assim seguiu para a rádio, quando o menino disparou: “Estou de mal”. A frase com a cara aborrecida do filho ficou na sua cabeça. No caminho da emissora, Dorival não pensava em outra coisa. É ele mesmo quem narra: “Na rua, essa frase ficou martelando na minha cabeça: “Estou de mal, estou de mal, estou de mal”... “Marina, morena / Marina você se pintou... / Mas faça um favor / Não pinte esse rosto que eu gosto / ... Me aborreci, me zanguei / Já não posso falar / E quando eu me zango, Marina / não sei perdoar...” Ao fim do dia, o clássico estava pronto e termina com uma sentença fascinante: Desculpa, Marina morena, mas eu tô de mal”.

A letra de Madalena foi composta por Ronaldo Monteiro de Souza em parceria com Ivan Lins. Retrata a dor de um término de namoro. de quem para se consolar foi a um bar de Copacabana; lá, olhando o mar, surgiu a frase que daria início à música: “o mar é uma gota, comparado ao pranto meu.” O resto da letra foi escrito num guardanapo, ali mesmo. A musa Vera Regina, só ficou sabendo da homenagem tempos depois. Mas, por que o nome Madalena? Diz Ronaldo que não queria usar o nome de Vera Regina e que Madalena foi o primeiro nome que lhe ocorreu. Foi sucesso e se consagrou na voz de Elis Regina: “... Oh! Madalena / O que é meu não se divide / Nem tão pouco se admite / Quem do nosso amor duvide...”

Há passagens na vida que apenas notamos quando estamos sozinhos, como prestar atenção nas letras das músicas e passar a considerá-las como diferenças em nossos dias, pois nos devolvem há outros tempos, valores e gostos. A mulher é elemento que se revela na beleza da inspiração e criação, ao ser demonstrada a individualidade de cada uma dessas musas. Como Amélia (1941), letra de Mário Lago e música de Ataulfo Alves. “Qual nada, Amélia é que era mulher de verdade. Lavava, passava, cozinhava...” Logo, Lago fez o samba que começou com “Ai que saudades da Amélia.” Segundo Severiano e Zuza Homem de Mello, “a canção nasceu de uma brincadeira de Almeida, que sempre que falavam em mulher costumava brincar.”

Dizem que Amélia existiu e, possivelmente, ainda vivia à época da canção. Era uma antiga lavadeira que serviu à família do Almeidinha. Em 1956, Cauby Peixoto lançou nas rádios a sua interpretação de Conceição que é sucesso até hoje: “Conceição / Eu me lembro muito bem / vivia no morro a sonhar / com coisas que o morro não tem...”

Verdade seja dita, quem melhor do que esse time para retratar as mulheres como inspiração poético-musical? Afirmando por considerá-los marcantes e por terem concretizado no papel, passo a passo, verdades sobre suas conquistas, na imagem da mulher com a força das palavras.

Tais obras de arte ao esboçarem suas escolhas, são lançadas na eternidade por refletirem o nosso olhar para com elas, onde ganham vida por serem retratadas nas artes além de suas épocas, na tentativa da construção de um mundo que, mesmo não sendo perfeito, traz a valorização da realidade da mulher. Como “embriaguez” imaginativa: o lugar, o momento, a musa e o êxtase pela criação, onde encontramos a luz e ao louvamos a mulher em cada canção, que, com certeza, de uma forma ou de outra, marcam as nossas vidas.

Data : 10/02/2019

Título : MULHER... AS LEMBRANÇAS

Categoria: Crônicas

Lembro-me de Maria de Lourdes Cardoso Mallmann, quem, com força criativa, refletiu a confiança em nós mulheres com conceitos de beleza, autoestima, dinamismo e sentimentos. Ela é representante da arte literária, onde, com sensibilidade ensinou a dar brilho à vida, deixando como marca a alegria de viver. Seu recado para todos foi “penso que todo o livro deixa uma lembrança boa e acrescenta algo na pessoa que o lê.”

Muitas vezes percebemos que a lembrança está em nós e, não por acaso, encontro a sua mensagem de que “A vida é uma dádiva divina e vivê-la com alegria e aceitação é a maneira mais certa de retribuição.”. Esta mensagem traz coragem e respeito, benefícios e palavras inspiradoras para enfrentar qualquer tipo de mudança.

Vejo estampada a lembrança de Mariazinha, como carinhosamente era conhecida, na mulher, amiga, professora, cronista, contista, romancista, articulista e poeta que dedicou sua vida a arte de escrever e ler; bem como a esposa, mãe, avó e bisavó, sempre rodeada pela sua família.

Minha vontade é transformar as lembranças da escritora Maria de Lourdes em memória, onde possamos nos identificar com o coração, propondo-nos a entender que cada movimento dela foi caminho para as palavras, trazendo o sonho como realidade, como registrou, “A mais profunda paixão sempre foram os livros e a escrita. Minha maior surpresa era descobrir a cada dia novas possibilidades de ser feliz.”

Há momentos em que podemos nos permitir um mínimo de exclusividade, para alimentar as nossas vidas, sem perder a essência de nossa missão como defensores da cultura e ainda desfrutar o que há de melhor, para vivermos bem, como na poesia de Maria de Lourdes onde, “As lágrimas dos meus olhos / Pelas faces a rolar / São lembranças, são saudades / Do que nunca vai voltar//... As lágrimas que brilham / Sem correr e sem rolar / São emoções não contidas / Que me fazem recordar //... Lágrimas benditas lágrimas / Que escorrem sem marcar / Mostram fragilidade / E capacidade de amar!”

Admito não ser fácil driblar a saudade, acredito que podemos nos reconhecer no compromisso para com o idealismo, sem perder de vista as histórias que lembram a Mulher escritora em verso e prosa, porque nela vejo a harmonia necessária para ampliar a nossa força interior; porque tinha algo a mais na maneira de olhar e fazer as coisas; colocava graça e emoção no que realizava. Era firme, agia com o coração. Foi resultado do contato com a realidade e os sonhos e nos deixou com o fundamental, as lembranças. Aplaudo Mariazinha, e escrevo, parafraseando Mario Quintana, que ela nasceu para ser amada.

Data : 10/02/2019

Título : MUNDO EM RUÍNAS?

Categoria: Crônicas

Na reunião com escritores - cafezinho vai, papo vem - alguém pergunta: para quem escrevemos? Para nós?!? Ninguém nos lê! Não vendemos os livros e, assim mesmo, ainda trocamos ideias e continuamos produzindo novos textos. Não nos esquecemos dos autores que nos influenciaram; autores de tempos passados. Nós, aqui e agora, falamos da literatura como cultura; ouvimos entre nós novidades sobre o próximo livro. O problema é que somos sempre nós, nós e nós. E os outros, continuam ou não a ler? A quantos de nós nos referimos? De quantos desejos, razões e desrazões estamos cercados?

Sentimos na pele que a literatura como cultura está ligada ao mundo em ruínas. Bem sabemos o quanto é difícil vender livros, como escreveu Mia Couto: “Publicar poesia é ir contra a corrente, porque os livros tem que ser mercadorias – no ponto de vista dos editores”.

De outro lado, contatamos que, nunca se leu tanto como hoje, através da internet. É ponto positivo, porém os livros físicos continuam na prateleira da “fantasia”, por terem sido banidos do mundo dito da razão e do desejo cultural.

Digo serem apenas incertezas, talvez, incontornáveis situações que se desdobram na realidade do mundo literário, como o avesso à razão. A resistência ao ato de adquirir/comprar livros literários; por exemplo, “Murilo Mendes, um dos grandes poetas

modernistas, foi o mais maltratado pelo mercado. Praticamente inexistiram reedições de seus livros”.

A essência da obra se concentra no mundo da sensibilidade, com os olhos voltados para as emoções e os fatos, que para Paulo Monteiro, “Quem lê, vê o invisível aos olhos dos medíocres”.

Hoje, vejo as pessoas desprovidas de alma e pouco suscetíveis ao universo das artes, o que pode se propagar para um mundo em ruínas: sem cultura, sem imaginação, sem curiosidade de conhecer as artes, como meio e forma de reencontro com a cultura, impossibilitando o acesso à construção intelectual como força de trabalho (diário) do homem; mesmo que encontremos, em Umberto Eco, que “Não se pode dizer que algumas belas páginas podem, sozinhas, mudar o mundo”.

Data : 27/09/2018

Título : MUNDO MÁGICO: ser Pai

Categoria: Crônicas

Mundo mágico é a história sobre um pai no tempo dos quintais, quando havia tempo para acompanhar os filhos em suas atividades e brincadeiras.

Era uma vez um pai que nunca teve medo da sua função. Sempre soube da responsabilidade e, com o passar dos anos, foi adquirindo experiência e se sentindo mais participativo e seguro com os seus filhos; ajudando-os a se tornarem responsáveis, autônomos, autoconfiantes e afetivos.

A educação sempre foi um desafio para ele e, cada vez mais, buscou construir e desenvolver nos filhos suas singularidades na diversidade, para que conseguissem lidar com este mundo de constantes transformações.

Através do diálogo, sobre os desafios do dia a dia, atendeu as necessidades dos filhos, na infância e na adolescência e, com uma “mãozinha” amiga, transformou o seu lar em algo encantador e mágico.

Ele não tinha talento para criar novas brincadeiras, mas sempre contou histórias, falou dos sonhos, dos amigos e dos livros (toda criança tem uma terra do nunca em sua imaginação).

Foi um pai que mostrou aos seus filhos o amor que por eles sentia, mas percebeu com o tempo que não era fácil medir o amor.

E o desafio para as crianças dormirem? Verdadeira passagem secreta, repleta de mistérios e aventuras, com poderes mágicos e muito mais. Um mundo de descobertas para os filhos e para ele – o que o levou a perceber, de maneira carinhosa, como esse

momento pode ser interessante. Aprendeu a criar um cenário perfeito, especial, para participar desse momento único.

A vida desse pai foi transformada em palco de encenações; com a ajuda dos filhos, montou diversos shows para a família e os amigos. Tornaram-se personagens que se integravam em vida. Sonharam serem “livros” de aventuras, onde aprenderam o sentido da verdadeira amizade.

Até hoje ele mantém ótimo relacionamento com seus filhos. Estão todos casados. Ele é pai, sogro e avô. E sempre repete aos filhos para que preservem a originalidade de suas ideias e busquem a felicidade.

Mostra que todos têm o direito de sonhar e realizar os seus sonhos. Ajuda a fazerem a escolha certa; a perceberem os sentimentos, de acordo com os contextos que se apresentam.

É um pai que até hoje vive uma grande aventura com os seus filhos, estimula as diferenças e a diversidade, adora brincar, aprender, contar e ouvir histórias, neste mundo mágico.

Data : 03/04/2013

Título : MURAL

Categoria: Crônicas

Descrição: Mural é quadro de visualização. Mural é instrumento da cultura. Mural não é armário, apenas mudança de atitude dentro da linguagem.

“Fala o homem para o muro / Fala o muro para o homem.” (Jorge Tufic)

Mural é quadro de visualização.

Mural é instrumento da cultura.

Mural não é armário, apenas mudança de atitude dentro da linguagem.

Mural cria eixo de afinidades entre as pessoas.

Mural fala com as pessoas.

Mural é espaço da linguagem.

Mural é trem: língua que nos leva para lá e para cá, permitindo olhares.

Mural liberta a linguagem em qualquer instância da realidade.

Mural desperta e representa os desejos através de imagens.

Mural é ferramenta de apoio: portas sensoriais abertas ao desejo de ler textos, bilhetes, recados, lembretes, etc.

Dizem que uma imagem vale mais do que mil palavras, mas a palavra vale a totalidade das imagens. A cultura é substrato da vida. E o mural é a visualização que ativa os mecanismos da conquista, como as palavras de Helena Kolody, “Meu nome / desenho a giz / no muro do tempo...”

O mural é forma de se estabelecer contato com platéias diversas e distantes; é encontro entre pessoas, em mão dupla: contribuição de interesse, onde a palavra é o grande produto da comunicação. As pessoas se comunicam de várias formas de linguagem, sendo a obra o processo em si reproduzível. Mário Quintana, expressa que, “Só nos muros.../ Desenham-se hieróglifos... Só na parede.../ Aparecem mensagens...”

Todos os que usam o mural, ocupam espaços onde acontece algo fascinante: arte, linguagem visual, língua magnificamente manipulada como recriação do universo, mostrando as diferenças; de como o mural sai de algo local e se transforma em universal. Lêdo Ivo reflete, “... Como um sol que sustenta / o dia triunfante / uma mancha num muro / ilumina a cidade.”

As pessoas devem ser inclusivas e gerais, porque há possibilidade de diálogo entre elas. Os vínculos estabelecidos pela cultura passam pelo mural. Ele representa o homem para o homem se ver, atendendo à suas expectativas e necessidades, trazendo tais vínculos para dentro de suas vidas. Como em Vania Lopes demonstra, “... ando construindo muros / para amparar minhas escadas escorregadias / meu desatino / deixo como pintura no muro / sem assinatura /para não correr o risco de me perder. “

Cada participante do mural busca o seu espaço em novos patamares e formas para impactar, divulgar e informar as pessoas através da linguagem.

O mural é simbolicamente importante em nossa cultura, pois é expressão artística desenvolvida pelo homem, onde as palavras deslizam em seus significados e produzem ação continuamente alcançável, como descreve Pedro Du Bois, “... última viagem da memória / sem alarde ou notícia // na parede o bilhete / de despedida.”

Data : 19/10/2016

Título : MUSA(S)

Categoria: Crônicas

Descrição: “Seu amor canta poemas / seu amor é poeta / Dito, consagrado, proclamado / por loucos e ouvidos e comendas...

“Seu amor canta poemas / seu amor é poeta / Dito,  
consagrado, proclamado / por loucos e ouvidos e comendas.



// Mas tu és dele a musa / et tu l'amuses / uma musa discreta,  
// verdadeira elegância que ri / como menina nos campos e  
mares / Ah! Feliz do poeta que teus ares respira, // como ave  
que voa tranquila nas alturas / pensadas e abertas! Se ele te  
usa, / minha cara, só tu, razão e beleza, o inspiras..."

(Fernando Andrade)

Musas são como o vento forte contra a poeira; dominam os papéis literários, as obras de arte; são como palavras escritas em telas, como a cor e a sensibilidade das formas.

O pintor paraibano Flávio Tavares mostra-nos que domina as mulheres em suas telas, põe em seus quadros o símbolo da fertilidade: as mulheres sobressaem. Elas são representadas como santas, pastoras, grandes amantes, domadoras, protetoras e anjos. Ele usa com adequação o colorido para expressar o belo, conseguindo efeitos significativos: a tristeza da mulher enfeitada; puxar o véu para junto de si e saber que será levada pelo vento: seduzir, ser vencida; ser jovem, ficar velha. Por fim, Flávio Tavares conhece as mulheres. Mas, será que Tavares teve a oportunidade de, entre todas as suas mulheres, conhecer as Alices? Alice Brueggemann e Alice Soares: as mulheres que dominaram as telas, as musas gaúchas da pintura.

As duas Alices, artistas plásticas, com muita afinidade e convivência artística, foram trabalhar no mesmo atelier, chamado "Aliciano" pelo pintor Ado Malagoli, incentivador do agrupamento, para alcançar o caminho da profissionalização e comercialização das obras.

Elas, ao reunirem pintura e desenho, lado a lado, em busca de aprimoramento, expressando emoção e sensibilidade, passaram a conviver com a nova perspectiva e o pensamento artístico comum.

Alice Soares, com seus crayon e pastéis, tendo como tema a criança universal; Alice Brueggemann, com seu olhar, tem por tema a figura humana, a natureza morta e as paisagens.

Diante da mesma imagem, as musas de Flávio Tavares e as Alices estão vinculadas à persistência, à criatividade e aos sentidos em ação. Uma verdadeira festa de tintas e cores, desenhos e figuras, onde podemos descortinar imagens como as do poema de Fernando Andrade.

Data : 10/02/2019

Título : MUSAS E MÃES

Categoria: Crônicas

Em homenagem às mães, escolho Martha Rocha para ser lembrada, pois, todas as mães brasileiras são bonitas por dentro e por fora e têm uma beleza irrepreensível, desnudando a alma da mulher. Martha colaborou para deixar marcada aquela época como dos “anos dourados”, como gostamos de nos referir às nossas mães.

Lembrando, a baiana Martha Rocha foi eleita Miss Brasil, em 1954, aos 21 anos de idade. O júri era composto pelo poeta e acadêmico Manuel Bandeira, o pintor Santa Roza, o romancista e deputado Armando Fontes, a escritora Helena Silveira, o escritor Fernando Sabino, o cronista e poeta Paulo Mendes Campos e o jornalista Pompeu de Souza.

Por arte de magia, Manuel Bandeira declarou: “Martha Rocha reúne as qualidades para lutar pelo título. Os olhos da baiana são um poema, o corpo é de uma plástica irrepreensível, os cabelos são louros e o sorriso é admirável”. O poeta estava mesmo com razão.

Sentimos saudades daqueles tempos um tanto ingênuos que, ainda hoje, quando os lembramos, empolga todos nós e valoriza as mulheres; Martha foi escolhida a mais bela por intelectuais e celebridades, recebendo total consagração popular.

Os cronistas Carlos Leonan e Ana Maria Badaró perguntam: quem contesta a musa Martha Rocha? Seria o mesmo que perguntar: quem é a mãe? Todas são mães e musas.

Mãe é aquela que tem amor materno e passa para o seu filho confiança, independência e autonomia, para que ele esteja preparado para traçar a sua linha de vida, fazer as suas escolhas e superar as suas frustrações, até o dia em que se torne adulto, construa sua família... abrace seu filho e o saiba confortar nas horas difíceis.

A vitória de Martha é a vitória das mães, ambas alcançadas por seus desempenhos e qualidades. Elas serão sempre nossas eternas musas, como apresenta Pedro Du Bois, “Sabe da vida / razões explicitadas / no que faz durante os dias // recebe e oferece / o contido / o inconstituido / o recolhido / e o extravasado // tem o amor inteiro e completo / no suave perfume invadindo o ambiente // concede o afeto / e o torna perto / em sua verdade // sente o corpo descansar / e se refaz inteira / na integridade”.

Data : 10/02/2019

Título : NA BRUMA DO TEMPO

Categoria: Crônicas

Encarar o tempo é diferente de pensar: errar é humano. No popular, dizem que “é errando que se aprende”. Na bruma do tempo, o erro que tentamos esconder, através de joguinhos no cotidiano, nos segue pelo caminho. Não dá para controlar quando em

retrocesso o erro virá à tona. Mas, o jogo é virado em movimento relacionado com a cultura, fosse um “golpe”, já que “errar em algo, não faz de nós a pior pessoa”. Aliás, deve ser encarado como algo determinante para a chance de mudança. Helena Rotta de Camargo retrata que “Cada um de nós constrói e estrutura sua própria existência, que se revela uma travessia de mão dupla: tanto pode guindar-nos ao paraíso, quanto enterrar-nos no lodo”.

Na contramão do tempo, o erro é banalizado e, até, não levado em conta, por não atender de maneira adequada ao grito ou a crítica, evolutivos nas entrelinhas para a construção da verdade.

Na bruma do tempo a relação entre o erro e o acerto faz parte de um plano de responsabilidade e desafios, como conflito entre o querer e o poder, quando no âmbito pessoal. Agostinho Both questiona se “... De fato, o frágil pensamento é feito de pó... que tempo é esse no qual as intempéries machucam até os santos?...”.

O tempo é ferramenta para as mudanças e nos dá a ideia de um mundo humanizado, em que a garantia do perdão pelo erro cometido está na compreensão de ser encarado como “oportunidade” para alcançar o objetivo. Nas palavras de Ari Ferrão, “... vivemos num momento de total inversão de valores:/ cresce o desamor... ódio e maldade / Não há perdão;... essa é a realidade...”.

Na bruma do tempo não conseguimos introjetar tal ideia; encontramos diariamente reações com pouca receptividade. Mais, colegas/amigos se aproveitam do nosso erro para “subirem” na carreira/vida sem precisarem obter suas respostas. Assim, em Agostinho Both, “... A maldade parece dar lugar de se ir além. A austeridade com que olho a história me deixa descontente. Não posso, todavia incriminar como se fosse o maior virtuoso e justo dos humanos... A natureza é ainda a mesma. O tempo é que a regula...”.

É difícil encarar os contrastes de opiniões, que se tornam ameaçadores na medida em que o erro nos tira do conforto e abala a nossa confiança, ainda, nos faz permanecer em risco de exposição. Helena R. de Camargo revela que “viver é desafiar o tempo e suas maquinações”.

Na bruma do tempo o erro é refletido como lembrança indesejável em nossa vida, sempre que no jogo emotivo a crítica carrega as palavras sem apurar as diversas e circunstâncias elementos que consubstanciam os fatos.

Data : 20/11/2020

Título : NA CONTRAMÃO: A DESCULPA

Categoria: Crônicas

Muitas pessoas andam na contramão, carregadas de desculpas. Não conseguem se desamarrar para se livrarem de inventar desculpas para tudo e a todo o momento.

Buscam a nudez da palavra para o fato, sem se preocupar com o ato, com o acontecido: fica a espera sob a janela com os nervos à flor da pele.

A tristeza é descobrir que essas pessoas passam do ponto da verdade e investem na desculpa, sem sobressaltos, ao arrulharem justificativas para os seus gestos. Nas palavras de Wislawa Szymborska, “Repenso o mundo segunda edição... / aos idiotas o riso / aos tristes o pranto...”.

Amarrados nas desculpas de ontem, não vivem o hoje. Tornam a conversa vazia como se estivessem enredados sem honra e sem compromisso; como se trabalhassem apenas por serventia e não por conveniência e convivência. Invadem o campo da ilusão e tornam seus caminhos obscuros. Para Wislawa, “... que da treva emerge e na treva some. //... perguntas a postergar e iluminações tardias... / tinha que ver claro, antes que a claridade chegasse, / e ouvir toda voz, antes que ela se propagasse. // O bem e o mal...”.

Quem se amarra em desculpas, perde a ética e a moral, como se isso o pudesse trazer-lhe benefícios próprios; por isso cobrem seus rostos com a máscara da inverdade e não da vergonha. Jorge Ventura questiona, “... Duas faces / dois disfarces. / Por que sou vários? / Porque sou diário”.

Por quê? Para quê? É perplexo presenciar a vida amarrada em desculpas como revelação do ser sem rumo e, quem sabe, de que no impulso o amanhã poderá desvelar a verdade frente a uma desculpa. Luiz Otávio Oliani reflete, “Como posso resgatar / o que não existe em mim?...”.

Somos como as flores, precisamos colorir o todo para renovar as sementes e acreditar que a verdade vale para todos. Questionar os fatos para responder sem recortes e enfeites. Usar luvas para proteção no saber que o sangue que corre nas veias é vermelho. Segundo Maiakóvski, “o difícil é viver a vida e seu ofício”.

Data : 25/04/2017

Título : NA CONTRAMÃO: A DESCULPA

Categoria: Crônicas

Descrição: Peguei todas as suas mil desculpas / e as deixei no portão da casa. // O aspecto delas é feio, não se assuste.

“Peguei todas as suas mil desculpas / e as deixei no portão da casa. // O aspecto delas é feio, não se assuste. / São mil desculpas esfarrapadas! // ...Recolha-as, restaure-as / e use-as com outro menos escolado”.

(João Proteti)

Muitas pessoas andam na contramão, carregadas de desculpas. Não conseguem se desamarrar para se livrarem das desculpas para tudo e todos os momentos.

Buscam a nudez da palavra para o fato, sem se preocuparem com o ato, o acontecido: fica a espera sob a janela com os nervos à flor da pele.

A tristeza é descobrir que essas pessoas passam do ponto da verdade e investem na desculpa, sem sobressaltos, ao arrulharem justificativas para os seus gestos. Nas palavras de Wislawa Szymborska, “Repensar o mundo segunda edição... / aos idiotas o riso / aos tristes o pranto...”.

Amarrados em desculpas, não vivem o hoje. Tornam a conversa vazia como se estivessem enredados sem honra e sem compromisso; como se trabalhassem apenas por serventia e não por conveniência e convivência. Invadem o campo da ilusão e tornam os caminhos obscuros. Para Wislawa, “... que da treva emerge e na treva some. //... perguntas a postergar e iluminações tardias... / tinha que ver claro, antes que a claridade chegasse, / e ouvir toda voz, antes que ela se propagasse. // O bem e o mal...”.

Quem se amarra em desculpas perde a ética e a moral, como se isso o pudesse trazer benefícios próprios; por isso cobrem seus rostos com a máscara da inverdade e não da vergonha. Jorge Ventura questiona, “... Duas faces / dois disfarces. / Por que sou vários? / Porque sou diário”.

Por quê? Para quê? É perplexo presenciar a vida amarrada em desculpas, como revelação do ser sem rumo e, quem sabe, de que o amanhã poderá desvelar a verdade frente à desculpa. Luiz Otávio Oliani reflete, “Como posso resgatar / o que não existe em mim?...”.

Somos como as flores, precisamos colorir o mundo para renovar as sementes e acreditar que a verdade vale para todos. Questionar os fatos para responder sem recortes e enfeites. Usar luvas para proteção por saber que o sangue que corre nas veias é vermelho. Segundo Maiakóvski, “o difícil é viver a vida e seu ofício”.

Data : 24/07/2017

Título : NA LINHA DO TEMPO: Solha & Mulheres Notáveis

Categoria: Crônicas

Descrição: W. J. Solha, no ensaio Mulheres Notáveis, mostra o sentido da vida, mesmo repetida, ...

W. J. Solha, no ensaio Mulheres Notáveis, mostra o sentido da vida, mesmo repetida, em cada mulher “notável”, provando-as na mobilidade de gestos ao reproduzir verdades como realizações. O que nos leva a continuar com o “projeto vida”, no tempo

em que as incertezas instantâneas são paradoxos: luzes que iluminam cada feito, revelando sermos muitas e única ao mesmo tempo.

As mulheres notáveis emergem do passado em suas memórias e vão além das lembranças nas palavras de Solha, fazendo-se presenças no presente.

O ensaio está encaminhado por um espaço em forma de aproximação – palavras e imagens – como algo diferente, na conotação apoiadora da ação das mulheres como notáveis. O autor relata com entusiasmo e divide, com nós leitores, suas vivências e experiências. Descreve-as com clareza e objetividade citando suas histórias, como se fossem nossas. Conta a respeito de uma época, um tempo das mulheres, com novas interpretações, o que nos permite pensar no dia de amanhã.

É ensaio “atraente” nas qualificações e ilustrações. Expressa as mulheres como notáveis, quando se refere ao âmbito profissional de seus talentos e aptidões.

Através das palavras de Solha temos a oportunidade de reconhecê-las notáveis, que ele relata com propriedade, articulação e ilustrações na linha do tempo.

Refiro-me à palavra “vencer”, ao nos incluirmos nas lembranças dessas mulheres ilustradas: da criação aos grandes desafios, com estilo e autenticidade, que Solha usa para nos lembrar da história e nos aproximar dos fatos. Nas palavras de Mário Brito “...a verdadeira arte não tem dono, não pertence a um tempo e não tem limites geográficos: ela é universal, atemporal e sem fronteiras”.

Data : 17/08/2020

Título : NA LUZ

Categoria: Crônicas

Descrição: A luz como último objetivo:...

A luz como último objetivo: dou a mão para acreditar que tudo acontece quando revelo minha personalidade, na existência de minha independência: exponho palavras sem medo.

Com a luminosidade volto meu olhar para único caminho, da sinceridade e humildade. Questiono-me como livrar-me do passado e narrar apenas o presente onde favelas não são cartões postais? Torquato Neto reflete, “as luzes refletem inconscientes / as sombras de desgraças espalhadas”.

Digo da tristeza e de meus desejos para apropriar-me das respostas e atravessar a luz da esperança, pois, quando o Sol se põe, a sombra invade o meu espaço, como em Alcides Buss, “... Transformam / imagens em névoas / sob o frágil abrigo / dos olhos”.

Busco na luz olhar além das sombras incessantes das palavras sobre meus sentimentos: conservar os amigos é me abrir para o mundo; iluminar o caminho para não me sentir sem voz e apática como estátua. Encontro no livro de Pedro Du Bois, A Luz Despossuída, que // Na luz ressurge / surge e desaparece //... Sem alarde conta a história / como personagem / indelével // não há luz em seus olhos”.

Data : 28/08/2019

Título : NA LUZ

Categoria: Crônicas

A luz como último objetivo: dou a mão para acreditar que tudo acontece quando revelo minha personalidade, na existência de minha independência: exponho palavras sem medo.

Com a luminosidade volto meu olhar para único caminho, da sinceridade e humildade. Questiono-me como livrar-me do passado e narrar apenas o presente onde favelas não são cartões postais? Torquato Neto reflete, “as luzes refletiam inconscientes / as sombras de desgraças espalhadas”.

Digo da tristeza e de meus desejos para apropriar-me das respostas e atravessar a luz da esperança, pois, quando o Sol se põe, a sombra invade o meu espaço, como em Alcides Buss, “... Transformam / imagens em névoas / sob o frágil abrigo / dos olhos”.

Busco na luz olhar além das sombras incessantes das palavras sobre meus sentimentos: conservar os amigos é me abrir para o mundo; iluminar o caminho para não me sentir sem voz e apática como estátua. Encontro no livro de Pedro Du Bois, A Luz Despossuída, que // Na luz ressurge / surge e desaparece //... Sem alarde conta a história / como personagem / indelével // não há luz em seus olhos”.

Data : 03/03/2013

Título : NA MOLDURA DA JANELA: A COR DA FLOR

Categoria: Crônicas

Descrição: Abro a janela e olho o horizonte: um jardim de primavera. Deixo o meu rosto descrever a luz do campo dos girassóis: ?... Um campo de girassol / Parece um sol em poesia /

Abro a janela e olho o horizonte: um jardim de primavera. Deixo o meu rosto descrever a luz do campo dos girassóis: "... Um campo de girassol / Parece um sol em poesia / Inundando de beleza / com seu amarelo ouro / Enche os olhos de alegria." (Helena Serena)

A primavera é como um girassol que envolve a todos com sua imponência, com seu porte majestoso e resistente que produz a flor, compondo a paisagem. E da janela reitero o desejo de um horizonte inatingível, como expressa Orides Fontela: "... variando de horizonte / porém sempre / andazmente fiel / fitando a luz intensamente..."

Girassol: flor do sol que no jardim de primavera exhibe alegria com sua cor e fantasia; sua intrigante rotação, sempre voltada para o sol. O girassol é muito mais que uma flor, parece um carrossel que gira transmitindo sentimentos, emoções e ritmo, como nós, sempre em movimento, sem parar de experimentar a vida.

"Sempre que o sol / Pinta de anil / Todo céu / O girassol /  
Fica um gentil carrossel //... - Roda, roda, carrossel //  
Gira, gira, girassol / Redondinho como o céu / Marelinho como o sol. //  
E o girassol vai girando dia afora..." (Vinícius de Moraes)

Vejo a primavera como um girassol: com vida e dinamismo, que olha para os lados, para frente e atrás, lembrando a busca pelo novo e de como misturar a paisagem poética e a memória que traduz o lirismo: "Corri a porta, mas não pude abri-la. / Tinha as mãos ocupadas / Carregando flores. / Joguei-as fora e abri a porta. / Do outro lado / Havia um enorme campo / de girassóis." (Dalva Agnes Lynch)

A primavera é a estação que completa a paisagem, altera as imagens que por vezes revelam a condição humana, inusitada em flor de poesias, como na visão de Jorge Tuffic, "Desenho um girassol, / e o mundo todo / compreende, / mas não aplaude. //  
Escrevo um girassol, / e o mundo todo aplaude, / mas não compreende."

Emoldurar a paisagem é revitalizar as palavras de Luiz Coronel: "Cada estação tem sua cena, que cabe numa moldura. A primavera é uma menina brincando de amarelinha..."

O bem e a beleza que há no jardim vêm do meu olhar quando vejo um girassol sorrindo ao sol. No mesmo instante a flor vai se inclinando sobre o meu espírito. Sinto-me como quem sempre as contempla na moldura da janela: a cor da flor.

Data : 28/08/2019



Título : NA SOMBRA DOS SENTIDOS

Categoria: Crônicas

Socialmente falando, desempenhamos papel fundamental no mundo dos sentidos, ao discutirmos sobre a nossa “difícil” existência e convivência. A condição de “difícil” decorre de nos encontrarmos na igualdade e nas diferenças, o que não é compreendido com facilidade; há quem se sinta vitimado pelo preconceito dos “radicais”, o que penso ser fruto da intransigência e, até mesmo, da violência. Nas palavras de Ivaldino Tasca, “... Por que a gente demora tanto para superar alguns traumas?... Agora, livre, tinha a incompreensão de que poderia ter se libertado antes do fardo. Pura bobagem, a gente se livra quando a gente consegue, nem antes, nem depois...”.

Na sombra dos sentidos a intolerância se descobre no desejo não realizado e na incompreensão social e política, mais precisamente, na dúvida da individualidade vivenciada de maneiras diferentes e com resultados opostos; a cultura questionando valores frente ao universo da sensibilidade e do reencantamento pelo mundo através da ética e da moral. Agostinho Both questiona, “... E quem somos nós diante do universo? Com certeza, não muito mais que um grilo no campo, entretanto, ele canta para as estrelas...”.

Na sombra dos sentidos, pergunto: a razão está em descrédito na visão do mundo? A racionalidade foi engolida pela politicagem frente ao cenário de ruínas? Dançamos a música que acoberta os indícios ético-políticos na sombra dos sentidos da nossa existência?

Assim, sobrevivemos na imperdoável afronta à moralidade, como provocação aos sentidos; ponto virado em polêmicas decorrente da crise de valores. A respeitabilidade das opiniões se encontra em profunda contradição, onde o nosso relacionamento pessoal é conflituoso, que o saber questiona o poder. Perseu Abramo indaga “circunstância ou tendência”?

Data : 25/11/2017

Título : NADA? ESSE É O SEGREDO

Categoria: Crônicas

Descrição: Você não sabe dizer não. Está disponível para tudo. Na sua vida, tudo é nada.

NADA? ESSE É O SEGREDO

por Tânia Du Bois

“São tantas as palavras amassadas em amarguras /  
que até na Lua / se ouve o pranto desse mundo”

(Carmen Presotto)

Você não sabe dizer não. Está disponível para tudo. Na sua vida, tudo é nada. Entendo que a acusação é forte; ela revela exatamente o que você é: tem problemas em persuadir o homem ou se tornar irredutível à decisão de reagir com violência. Nas palavras de Lígia A. Leivas, “... Essa tristeza recolho-a e a afago: / Só ela prova insofismável / de que neste real mundo demente / Somos todos simplesmente nada”.

Por que você não esquece o mal entendido e tira essa expressão sombria do rosto, que num impulso transforma em defesa? Impressiono-me com as pessoas que recuam quando se sentem ameaçadas e, em movimento automático, começam a sentir o coração borbulhar, tal as luzes de alerta piscando como força sobre-humana. Ainda, em Ivaldino Tasca, “... Muitas vezes diferença não há, a lenda é apenas a versão do fato que ganhou cor na imaginação...”

Vejo o caminho da agressividade como cópia da forma humana, onde a natureza clama por mais ação. Uma lástima não poder dizer que são apenas contratempos que os deixam exausto e, ao mesmo tempo, os revelam desiludido, quando a mentira cobre o seu pensamento dificultando a vida. Rubens Jardim expressa, “... Sou hostil ao tempo: / não uso relógio / e não suporto o mundo”. Carmen Presotto retrata, “... Ninguém é perfeito, e melhor é imaginar demências em outros. Enquanto borbulhamos cegas verdades, somos normais. Não fugimos e encaramos a realidade sem dramas...”

Sua ideia ocorre em desordem ao pensamento; muitas vezes, chega ao ponto de desvelar gestos mal encarados; com os olhos fixos e a voz áspera embriagando-se com o destino, assim, em Gregório Mattos, “... O meu ódio é mais valente, / pois sou só, e eles são tantos”.

Apesar de você não ter amigos, ainda assim, pensa em algo sombrio, que beira a maldade e a infelicidade, quando a bebida não permite que você partilhe os segredos. Então traz munição para olhar ao seu redor e se converter em espírito maligno, onde o pensamento se parte, rasga, quebra com o choque, quando puxa o gatilho das lembranças. Glauber Rocha demonstra, “Não anuncio cantos de paz / nem me interessam as flores do estilo. / Como por dia mil notícias amargas / que definem o mundo em que vivo. //... A minha loucura é a minha consciência / e a minha consciência está aqui. / No momento da verdade, / na hora da decisão, na luta... // Não se muda a história com lágrimas...”

Data : 03/08/2018

Título : NÃO SEI...

Categoria: Crônicas

Descrição: Primeiro o essencial, determinar o que é importante para nós.

Primeiro o essencial, determinar o que é importante para nós. Temos obrigações e responsabilidades, o que nos faz pensar antes de agir e responder. Por vezes, dizemos “não sei” por medo de errar. É limitante dizer “não sei” para o novo. Não é perfeito, nem equilibrado quanto às expectativas. Basta continuar tentando acertar.

Errar é humano e pode ser corrigido; também, temos disponibilidade para aprender errando, o que provoca menos danos no viver. Estamos convencidos de que o novo provoca a sensação de prazer e felicidade, através do conhecimento. Que, para Lúcio Lins, “A verdade / Do Ser / É estar / Sendo”.

Ao longo da vida fazemos escolhas certas e erradas, que marcam nosso dia a dia e carregamos sempre a vontade de acertar. No entanto, temos de desvendar como usar a expressão “não sei” para o nosso bem estar.

Fujo da complexidade do “não sei”, através de leituras; aceito a margem de erro como aprendizagem e para evitar decisões instantâneas ao estabelecer meus limites.

Esta atitude é suficiente para não me deixar envolver com a ansiedade do “não sei” e encontrar respostas para alcançar minhas metas. Como em Lúcio Lins, “... dos meus / nada sei / salvo o talvez / tenham ido / nos barcos de antes...”.

Na Feira do Livro de Passo Fundo, em 2017, crianças com câncer apresentaram seus textos e poesias; surpreendidas pela descoberta de que a morte pode ser real, por vontade própria, procuraram outro caminho de expressar seus sentimentos. Determinadas a viver um dia de cada vez, pensaram em se revelar por inteiro em suas aquisições individuais, não usando o caminho mais curto: “não sei”. Lúcio Lins expressa, “... triste daquele / que se contenta / só com a paisagem / emoldurada na janela...”.

Aquelas crianças, por motivo de força maior, convivem diariamente com questões repletas de angústia e sofrimento: não sabem se o tratamento dará resultado; não sabem até quando suportarão tamanha dor. Procuram saltar as dúvidas se fortalecendo com a arte de escrever, usando a imaginação como recarga emocional, com que fortalecem suas autoestimas. Convivem com o “não sei”, diariamente, mas o transformam em alavanca para alcançar novos patamares, resultados e a esperança de continuar a ver o Sol raiar. Lúcio retrata, “... navegar / é livre pensar/ pelas águas...”.

Quando encontramos equilíbrio no processo de aceitação da realidade, a tendência é compartilhar a vida estabelecendo parcerias promissoras, mesmo sem termos certeza do amanhã. Nas palavras de Lins, “... meu peito é porto / (sou partida) / coração que não se basta / ancorado à vida...”.

Data : 19/10/2016

Título : NATAL: TEMPO dos DESEJOS

Categoria: Crônicas

Descrição: “O nosso menino / Nasceu em Belém. / Nasceu tão somente / Para querer bem...

“O nosso menino / Nasceu em Belém. /  
Nasceu tão somente / Para querer bem...”  
(Manuel Bandeira)

Um piscar de olhos e estamos no Natal: dezembro, mês da reflexão e dos desejos. É o momento para recriar e inovar caminhos, para aumentar o nosso bem estar com a satisfação por fazer parte da vida.

O Natal tem a cor da alegria; encanto da magia que se mistura com nossos desejos. Seu espírito tem o dom de espalhar o amor. Como no livro infantil “A Véspera de Natal” – uma história para tocar e sentir, de Clement C. Moore e Debora Jones.

Todos os anos se repete o brilho do Natal em nossos corações: sentimos a felicidade no suspiro da emoção. Pensamos em dias melhores, em que as horas passam sem percebermos o tempo, onde vidas se cruzam enquanto nos confraternizamos no Natal. É legal customizar os nossos desejos: amando, entendemos o gesto puro, quando doamos o tempo, sorrimos e oferecemos um abraço. Para Armindo Trevisan, “... o Natal deve ser uma festa alegre... O que torna feliz o homem é a fé, a esperança e o amor... Compreendamos, sem retórica, que o Natal é a festa da intimidade... que nos liga à nossa infância, e que nos conduz da vida que hoje vivemos,... verifico que esse maravilhoso fio nos conduz sempre a uma “outra vida”, a uma outra infância: a que desejaríamos ter vivido”.

Lembro-me dos natais em que reuníamos amigos e familiares. A árvore era grande, colorida e decorada. O Papai Noel chegava carregado de presentes. A ceia servida a todos e assim sentíamos a leveza no desejo pela comemoração: união e carinho.

Sabemos que sempre haverá uma lágrima para sentirmos ser o tempo passado lembrado com a mensagem do Natal, onde o sonho e a poesia descrevem o tempo da magia na luz brilhante da estrela guia. No reflexo da lembrança que o desejo nos embala no Natal e renascemos na canção do vento. Armindo Trevisan disse que “Como poeta, também me arrisquei a escrever poemas de Natal. Como não escrevê-los uma vez que o poeta também foi criança?...”. Charles Baudelaire completa ser “A poesia é a infância reencontrada”.

O símbolo mais natalino reside no desejo de cada um; é referência, fantasia e magia de infância. São bons momentos, aliados à transmissão de valores sentimentais e fundamentais, que alimentam a nossa alma e dão à imaginação plenos poderes para que enfrentemos os desafios da realidade. Revivemos a magia da infância ao confirmar a solidez dos traços que nos unem no Natal, como em Ruben Braga no livro Nós e o Natal.

Ao dizermos em palavras simples que o Papai Noel representa a bondade e a solidariedade, estamos nos encorajando a reviver o encanto do Natal e, misteriosamente, surpreendemo-nos na descoberta da verdade: Papai Noel não existe e, mesmo assim, alimentamos a imaginação das crianças ao ajudá-las a lidar com a realidade, porque

experimentam a sensação de enfrentar novas situações e mistérios do que ainda não compreendem; atitude que lhes permite olharem para o lado da fantasia, no trabalhar, antes das significações e dos conceitos, o desejo de existir.

O Natal é reviver a magia da infância; a ilusão que ilumina e clareia nossas vidas, como demonstra Cris Dakinis, “Um feliz Natal / pro povo do bem / pra quem é alguém / que se for igual / ao Próximo que vem, //... sonhos ideais... /São anos iguais? ////... Pro ano que vem, / sonhe com vontade /um Natal de verdade /e Amigos Iguais. / Precisa de mais?...”

Data : 21/12/2015

Título : NATAL: tempo dos desejos

Categoria: Crônicas

Descrição: Um piscar de olhos e estamos no Natal: dezembro, mês da reflexão e dos desejos

“O nosso menino / Nasceu em Belém. / Nasceu tão somente / Para querer bem...”  
(Manuel Bandeira)

Um piscar de olhos e estamos no Natal: dezembro, mês da reflexão e dos desejos. É o momento para recriar e inovar caminhos, para aumentar o nosso bem estar com a satisfação por fazer parte da vida.

O Natal tem a cor da alegria; encanto da magia que se mistura com nossos desejos. Seu espírito tem o dom de espalhar o amor. Como no livro infantil “A Véspera de Natal” – uma história para tocar e sentir, de Clement C. Moore e Debora Jones.

Todos os anos se repete o brilho do Natal em nossos corações: sentimos a felicidade no suspiro da emoção. Pensamos em dias melhores, em que as horas passam sem percebermos o tempo, onde vidas se cruzam enquanto nos confraternizamos no Natal. É legal customizar os nossos desejos: amando, entendemos o gesto puro, quando doamos o tempo, sorrimos e oferecemos um abraço. Para Armindo Trevisan, “... o Natal deve ser uma festa alegre... O que torna feliz o homem é a fé, a esperança e o amor... Compreendamos, sem retórica, que o Natal é a festa da intimidade... que nos liga à nossa infância, e que nos conduz da vida que hoje vivemos, a ela, verifico que esse maravilhoso fio nos conduz sempre a uma “outra vida”, a uma outra infância: a que desejaríamos ter vivido”.

Lembro-me dos natais em que reuníamos amigos e familiares. A árvore era grande, colorida e decorada. O Papai Noel chegava carregado de presentes. A ceia servida a todos e assim sentíamos a leveza no desejo pela comemoração: união e carinho.

Sabemos que sempre haverá uma lágrima para sentirmos ser o tempo passado lembrado com a mensagem do Natal, onde o sonho e a poesia descrevem o tempo da

magia na luz brilhante da estrela guia. No reflexo da lembrança que o desejo nos embala no Natal e renascemos na canção do vento.

Armindo Trevisan disse que “Como poeta, também me arrisquei a escrever poemas de Natal. Como não escrevê-los uma vez que o poeta também foi criança?...”. Charles Baudelaire completa ser “A poesia é a infância reencontrada”.

O símbolo mais natalino reside no desejo de cada um; é referência, fantasia e magia de infância. São bons momentos, aliados à transmissão de valores sentimentais e fundamentais, que alimentam a nossa alma e dão à imaginação plenos poderes para que enfrentemos os desafios da realidade. Revivemos a magia da infância ao confirmar a solidez dos traços que nos unem no Natal, como em Ruben Braga no livro Nós e o Natal.

Ao dizermos em palavras simples que o Papai Noel representa a bondade e a solidariedade, estamos nos encorajando a reviver o encanto do Natal e, misteriosamente, surpreendemo-nos na descoberta da verdade: Papai Noel não existe e, mesmo assim, alimentamos a imaginação das crianças ao ajudá-las a lidar com a realidade, porque experimentam a sensação de enfrentar novas situações e mistérios do que ainda não compreendem; atitude que lhes permite olharem para o lado da fantasia, no trabalhar, antes das significações e dos conceitos, o desejo de existir.

O Natal é reviver a magia da infância; a ilusão que ilumina e clareia nossas vidas, como demonstra Cris Dakinis, “Um feliz Natal / pro povo do bem / pra quem é alguém / que se for igual / ao Próximo que vem, //... sonhos ideais... / São anos iguais? //... Pro ano que vem, / sonhe com vontade / um Natal de verdade / e Amigos Iguais. / Precisa de mais?...”

Data : 05/01/2014

Título : NAVEGAR é PRECISO

Categoria: Crônicas

Descrição: Ventos a favor quer dizer navegar, senão com mais romantismo, ao menos com eficiência. Novos ventos se encontram na poesia de Leminski, a quem se atribui ?função libertadora?.

“NAVEGAR é PRECISO”

Ventos a favor quer dizer navegar, senão com mais romantismo, ao menos com eficiência.

Novos ventos se encontram na poesia de Leminski, a quem se atribui “função libertadora”. A poesia leminskiana se manifesta através da lucidez poética, abrindo-se para os improvisos da imaginação. “Pensa dentro de mim / o idioma que não fiz / aquela língua sem fim / feita de ais e aquis.”

Pedro Du Bois faz referência à Leminski, que sempre soube dar vida às palavras e revelar habilidade filosófica no criar poético: “Curitiba // Leminski / tinha razão / muito mar / passou por aqui. // Leminski / tinha razão / na eternidade / de juventude. // Leminski / não teve razão / ao ir embora / antes que o mar voltasse // antes findasse / sua eterna juventude.”

Como os ventos, os caminhos se cruzam para buscar uma produção literária sem barreiras na universalização das artes.

Vento, vela, vida, me levam ao contista Marcelo Mirisola, do qual Nelson Oliveira avisa aos navegantes: o estilo do autor está calcado no anacoluto. E de acordo com Napoleão Mendes de Oliveira, anacoluto significa figura de regência em que o termo da oração vem solto, sozinho, sem nenhuma relação sintática com os outros termos.

Mirisola escreveu muitos contos e, entre tantos, vejamos uma amostra de como ele também tem uma “função libertadora” usando palavras “soltas”, como no conto Joana e as Gôndolas: “... Passaríamos as férias num balneário catarinense onde Décio Piccinini tem a idade do meu pai. Carros coreanos e pufes sugeridos. Um lugar sem livros. Onde a velha cobra com dentes de cavalo vive amigada com um polaco oblíquo e pornográfico, estou falando da minha sogra imaginária, e do seu amante, o polaco. Também tem um Cristo que irradia flashes de raio laser depois da meia noite”.

Os ventos é o ponto de partida para o texto, da mesma maneira que a liberdade de expressão é pretexto para se viver. Navegar é preciso.

Data : 27/09/2018

Título : NILTO MACIEL: a Magia se Renova

Categoria: Crônicas

Inspiração é a expressão que me faz acreditar que a boa literatura me ensina a viver neste mundo e a sobreviver na expressão literária como força libertadora. Como exemplo, a magia se renovou com os autores que lutaram pela liberdade de expressão: Carlos Drummond de Andrade; José de Alencar; Guimarães Rosa; Augusto dos Anjos e, agora, com Nilto Maciel no site Literatura sem Fronteiras e entre várias obras literárias de diversos gêneros.

Nilto Maciel é feito de palavras: a magia com ele se renova no instante de ser a transparência das palavras; na transformação do pensamento em desejos, para revelar escritores que tem a palavra como bandeira da liberdade de expressão e da liberalização dos costumes em favor da cultura, como “Alheio à palavra de ordem / poesia deve ser um jeito de denúncia”.

A magia se renova quando Nilto abre as portas para o leitor conhecer quem sustenta a boa literatura e assim, a poesia e a prosa fica como instrumento de sedução, onde o estilo e a inspiração oferecem ao leitor a imediata sensação de bem estar, até porque o bom leitor procura por novidades. E, a redescoberta por Nilto de tantos escritores esquecidos, desconhecidos e desconsiderados pelo mundo editorial, enriquece e espalha pelo mundo a mágica renovada em “padrão” de textos consagrados, fazendo do leitor o seu ponto de encontro.

“Por extensão, a palavra é, ainda, pedra no meio do caminho e nela o poeta tropeça para descobri-la. A palavra existe em abundância e ao poeta cabe alcançá-la”.

É efeito e tanto; fatia da literatura para enfrentar a realidade diária. Esse tipo de postura gera impasses: emoção versus razão e liberdade versus criação, onde a magia se renova.

Nilto Maciel, ao desenhar palavras que sente e rerepresentar autores que considera, rompe com a norma e a transgride na literatura e, algumas vezes, no comportamento, porque ao criar mostra diversas nuances ao mesmo tempo, que revelam a sua manifestação cultural. “Até onde ou quando somos sempre outros?”

Ele renova a magia com as observações e personifica sua escrita no desvelar autores e transmitir suas sensações, que variam de acordo com o momento da leitura e da época, como expressa W. J. Solha: A Lucidez Possível.

Nesse sentido, a literatura é dinâmica de inspiração, onde Nilto Maciel registra aquilo em que acredita: obras com liberdade de expressão onde a magia se renova. Ainda, mostra que mesmo as coisas mais simples podem se tornar sublimes na escrita.

A magia se renova nas obras, porque tem o que dizer sobre todos os tempos; resgata emoções e recupera valores em épocas de incertezas. Nilto deixa claro que o escritor mais indicado é aquele que consegue conter a alma da obra e refletir os sonhos na literatura.

Ao sobrepor os poemas, Oliani comunga o tema em ideias e estilos diferentes ao espelhar a importância de cada um dos autores, reconhecendo na arte de escrever o respeito mútuo inerente a cada poema, o que proporciona ao leitor o deleite e o diálogo na liberdade consentida através da passagem para desvelar o verso em seu avesso.

Data : 19/10/2016

Título : NO RITMO, em TEMPO



Categoria: Crônicas

Descrição: “Há algo maior / que escrever / poesias // dançar” (Pedro Du Bois)...

“Há algo maior / que escrever / poesias // dançar”

(Pedro Du Bois)

Desde tempos remotos, homens e mulheres são fascinados pela dança em salões iluminados. Usamos os sentimentos e respeitamos o nosso ritmo, que rodopia a alma e harmoniza a mente. Segundo Maria Helena Latini, roda constante / Redemoinho? Rodopio / Gente gestos rostos /... Fotos cores lembranças / caderno ternura canções /... Danças promessas encontros / Desencontros mágoas / ritmo riso rascunhos...”

Dançar é descobrir o próprio ritmo e ter a sensação que se confunde com provocação e diversão, na sequência de ações que se completam e, ao mesmo tempo, inspiram, no dia a dia, ritmos com passos traçados em riscos, do envolvimento passado a se fazer presente. Como retrata Guillermo G. Infante, no livro Delitos por Dançar Chá-chá-chá, contos que refletem o sentimento da lembrança, do amor e da nostalgia, com ritmos harmônicos. Para Pedro Du Bois, “O espaço reservado aos passos revolve o tempo e me confunde em movimentos; sou quem ouve a música no silêncio concentrado entre ouvir e ter a leveza do corpo ao me saber presente. Danço”.

Qual o sentido real no experimentar a inquietação da dança como encontro e o desencontro, da entrega e recusa, e qual a satisfação que traz ao ser executada?

Cultivamos a prática da dança e a interiorizamos com a finalidade de vislumbrar sentido maior para a vida: seduzir a imaginação musicando ritmos para definir o que queremos em relação ao outro, porque criamos a necessidade de buscar a dança como divertimento. Encontro em Armindo Trevisan os contos do livro A Dança do Fogo, retratando movimentos eróticos.

De outro lado, a música tem vida e, quando dançamos, estabelecemos relação entre ela e nós, como prazer e lazer, ao sinalizar o desejo de conviver com outras pessoas. Como em Igor Fagundes, onde “O poeta dança com as palavras / inventa passos / coreografias / ritmos // até // o primeiro tombo”.

Assim como letra, música e poesia combinam, surge de forma perfeita, o que nos faz acreditar que a força do poema é onda universal na música. A música ao se valer da poesia (tornam-se parceiras) nos atrai para o movimento dos corpos na dança. Ao sentirmos o corpo flutuar; pés e mãos a girar se tornam a expressão do encontro, onde a solidão se desfaz, como nos livros: A Recriação da Mágica, de Pedro Du Bois e o Livro da Dança, de Gonçalo Tavares. Sempre, o corpo em movimento é a tradução do ritmo na música.

Data : 30/03/2015

Título : NO SILÊNCIO DA DÚVIDA

Categoria: Crônicas

Descrição: “Não era o poema uma secreta transação, uma voz respondendo a outra voz?” (Virginia Woolf)

“Não era o poema uma secreta transação,  
uma voz respondendo a outra voz?” (Virginia Woolf)

Nada é pior do que o silêncio da dúvida. Odeio a dúvida! É comum passarmos por períodos de dúvidas. Mas, qual a razão para tantas dúvidas, senão a fantasia do viver o amor, o sucesso e o medo, contribuindo para as preocupações do dia a dia e a falta de dinheiro? Gilberto Cunha pergunta: “Quem somos nós? – Difícil ter clareza de que aquilo que somos, em um dado momento, não pode ser dissociado do nosso entorno (coisas e pessoas); ou, “Porque os sabiás cantam?”

Tentar compreender a influência desses fatores pode trazer de volta a certeza. A comunicação, o cuidado ao falar sem julgamento prévio ou precipitado tem efeito mágico no silêncio da dúvida. O desejo de liberdade - não cobrar e nem impor atitudes - revê a dúvida para se identificar. Trocar ideias com os amigos sem perder a poesia, resolver os imprevistos e com eles a dúvida do sim e não. Resolver pendências e se colocar à frente da situação pode não evitar a dúvida, mas, impede alguns incômodos. Resolver as diferenças em vez de cultivá-las, faz desaparecer a dúvida. Carmen Presotto diz que “A vida é esta dúvida/que agora me pergunta //- onde caibo em ti?”

Quantas vezes suspiramos dúvidas em silêncio? Qual o segredo para se libertar de antigos padrões e ganhar autonomia para superar a dúvida? Ao esclarecer as pendências, evita-se o silêncio da dúvida e o confronto com os desafios: amar a si mesmo para ser amado; concentrar-se no objetivo e planejar é buscar recursos para a decisão. Manoel de Barros reflete, “... Pois como não tomar banho nu no rio entre pássaros?”

No silêncio da dúvida a verdade muitas vezes tem gosto de sal grosso ao descobrirmos que, para acreditar, é necessário construir o pensamento tendo a certeza como princípio, transparência e aceitação, por que quando estamos em dúvida os valores servem de escudo e irradiam a visão claríssima da certeza e da energia criadora.

Tudo se define ao rever o modo como lidamos com a dúvida: “na dúvida, não ultrapasse”, ou ao não se fechar entre os dias, o que depende da habilidade para enfrentá-la: fase marcada por mudanças, na visão de Antônio Olinto, “... Por que ter/ser Determinada forma/pele/capa / De vida... // Nu, frágil e só,/Desfazer o nó/Das coisas?”

Data : 10/02/2019

Título : No TEMPO o reverso de SAUDADE

Categoria: Crônicas

Acordo e sei que não deixarei de pensar em você. Sinto no tempo o reverso da saudade que se apresenta longo; chega à memória acompanhada dos ponteiros que marcaram o nosso viver, colocados para sentir a vida sem você, em estado de êxtase, pois, não me é permitido o tempo para voltar “àquela época de felicidade”, na qual a saudade não se fazia presente e eu estava descobrindo o nosso amor e captando a sua alma.

Hoje, tenho coragem para inventar o tempo ao contar a nossa história com o objetivo de guardar na lembrança a harmonia, o respeito, a alegria, a admiração e o amor. Pergunto se existe sentimento tão difícil quanto a saudade. Tom Jobim e Vinícius de Moraes respondem, “... chega de saudade / A realidade é que sem ela / Não há tristeza e melancolia / Que não sai de mim...”

Revivo o tempo para me encaixar na atualidade, em que a saudade dá sentido a nossa história e aos melhores momentos. Não me esqueço dos piores, guardados em mim e igualmente importantes em seus significados.

O tempo providencia retornar a lembrança com saudade. Sinto-me perdida pela sensação de que podia ter sido diferente; como encontro no livro de Ruy Castro, em que ele “faz uma narrativa que se lê como um romance a vida boêmia e cultural dos tempos da Bossa Nova”.

A saudade que carrego me leva a sentir que a vida romântica ficou no passado e que os personagens foram embora; não mais existem, pois, não há registro dos nossos encontros. Resta a lembrança das sensações vividas na expectativa do tempo no reverso da saudade.

Preciso fazer o que me dá a certeza de que a saudade passará ao resistir à tentação de voltar a procurar você no cenário daquele grande momento, onde referencio a nossa história; juras de compromisso; livros de registros do nosso amor e a música no ritmo do coração. Embora não possa fugir à dura realidade, nem fazer da minha hora o nosso tempo passado, continuo a sentir você no reverso da minha saudade.

Data : 28/08/2019

Título : NÓS

Categoria: Crônicas

Como é possível ignorar que na nossa vida o tempo se transforme, tão somente, em pensamentos? Como diz Jorge Luis Borges, “Somos feitos de tempo, e o sentimos imediatamente, como os sabores e as cores. Se tentarmos defini-lo, ficará diluído em outras palavras”.

Estamos acostumados a nos surpreender com a novidade? Ou apenas com a sensação decorrente do montante de novidades que surgem diariamente? Consideramos mais importante o que se repete? Quantas vezes nos pronunciamos com nossos valores pessoais? Somos capazes de nos encantar com riquezas que nem imaginamos ou, simplesmente, percebemos nossos dons nas variações das ações?

Como novidade, encontro o valor de Thomaz Albornoz Neves, quando retrata o real e o místico na história contada no livro Golfe, em que declara, “... Se tivéssemos mais ternura na derrota não competiríamos contra o fracasso, nem despertaríamos através da competição os instintos mais primitivos da sobrevivência”. Albornoz não ficou apenas nas palavras; partiu para ação ao se conceder e se fazer presente na criação, montagem e manutenção de escola para ensinar crianças carentes de Santana do Livramento a jogar golfe. Atitude preciosa em que, por certo, situa palavras para o momento daquela descoberta, como projeto de vida daqueles jovens, como eixo e porto seguro a auxiliar no sustento de suas existências.

O pensamento resiste quando surpreende o coração; Albornoz surpreende e resiste quando considero que o que ele está plantando no o viver das crianças é riqueza e encantamento. Incorpora atitudes simples e positivas no dia a dia daquelas crianças, ajuda para garantir uma rotina saudável e criar esperanças pelo futuro. Assim, é possível fazê-los crescer em igualdade que, com o tempo e através dos gestos, possibilitará desenvolver a vida que existe em cada um. Mauro Eduardo Pommer revela, no livro O Tempo Mágico de Jorge Luis Borges, “... seria o homem um viajante no tempo, a escolher suas trilhas existenciais entre as possibilidades oferecidas por um mundo já pronto de universos paralelos?...”.

Data : 26/05/2019

Título : NÓS

Categoria: Crônicas

Descrição: Como é possível ignorar que na nossa vida o tempo se transforme, tão somente, em pensamentos?

Como é possível ignorar que na nossa vida o tempo se transforme, tão somente, em pensamentos? Como diz Jorge Luis Borges, “Somos feitos de tempo, e o sentimos imediatamente, como os sabores e as cores. Se tentarmos defini-lo, ficará diluído em outras palavras”.

Estamos acostumados a nos surpreender com a novidade? Ou apenas com a sensação decorrente do montante de novidades que surgem diariamente? Consideramos mais importante o que se repete? Quantas vezes nos pronunciamos com nossos valores pessoais? Somos capazes de nos encantar com riquezas que nem imaginamos ou, simplesmente, percebemos nossos dons nas variações das ações?

Como novidade, encontro o Valor de Thomaz Albornoz Neves, quando retrata o real e o místico na história contada no livro *Golfe*, em que declara, "... Se tivéssemos mais ternura na derrota não competiríamos contra o fracasso, nem despertaríamos através da competição os instintos mais primitivos da sobrevivência". Albornoz não ficou apenas nas palavras; partiu para ação ao se conceder e se fazer presente na criação, montagem e manutenção de escola para ensinar crianças carentes de Santana do Livramento a jogar golfe. Atitude preciosa em que, por certo, situa palavras para o momento daquela descoberta, como projeto de vida daqueles jovens, como eixo e porto seguro a auxiliar no sustento de suas existências.

O pensamento resiste quando surpreende o coração; Albornoz surpreende e resiste quando considero que o que ele está plantando no viver das crianças é riqueza e encantamento. Incorpora atitudes simples e positivas no dia a dia daquelas crianças, ajuda para garantir uma rotina saudável e criar esperanças pelo futuro. Assim, é possível fazê-los crescer em igualdade que, com o tempo e através dos gestos, possibilitará desenvolver a vida que existe em cada um. Mauro Eduardo Pommer revela, no livro *O Tempo Mágico de Jorge Luis Borges*, "... seria o homem um viajante no tempo, a escolher suas trilhas existenciais entre as possibilidades oferecidas por um mundo já pronto de universos paralelos?...".

Data : 07/03/2013

Título : NÓS & nó(s)

Categoria: Crônicas

Descrição: ?... o tempo não pode viver sem nós, para não parar.? (Mário Quintana)  
Lendo alguns poemas, percebi que certos poetas gostam de desamarra a linguagem.  
Desbravar caminhos sem medo de assumir a poesia,

“... o tempo não pode viver sem nós, para não parar.” (Mário Quintana)

Lendo alguns poemas, percebi que certos poetas gostam de desamarra a linguagem.  
Desbravar caminhos sem medo de assumir a poesia, como Pedro Du Bois, “desfaz os nós / desamarra/ solta / na liberdade do corpo / dança / anda / corre / no livre pensar/ esconde as razões // refaz os nós / amarra/ prende / o corpo ao começo”.

Na essência para transformar os nós, em nós, Helena Kolody no poema os “Nós”, revela que “Fomos duas árvores castas./ Não misturamos as raízes./ Apenas enlaçamos / os ramos/ e sonhamos juntos”.

O que leva o leitor a acreditar que mudanças são necessárias, desde o trabalho de criação até os principais feitos da vida: a esperança num universo de valores únicos, como se o tempo fosse transformado para nós e tudo que está em volta “De Nós // pelo poço sem fundo / chegamos ao nada/ porque somos ecos / (não imagem) / e o mergulho fatal / nos retorna à origem” (Pedro Bertolino)

Nesses poemas que são, sobretudo, um ressoar, os poetas colocam em xeque as indiferenças que registram no cotidiano. “No meio da palavra / o nó // o meio da palavra / no pó // No coração o nó // Na garganta / o nó // Entre meu olhar / e teu olhar/ o nó / navalha...” (Lindolf Bell)

Pergunto se “Neste Embrulho de Nós” (livro de Marco Aqueiva), no ressoar os sonhos, os nossos filhos e netos ressoarão por nós. E Lindolf Bell responde que, “Existe em nós não o novo / mas o renascido. / Pesamos por isto as verdades / sobre a balança sem pêndulo”

Os poetas com seus talentos abrem caminhos para todos. Mário Benedetti, em “Quem de Nós”, revela uma história de amor, entre três amigos.

O amor, sempre o amor, desembrulha os nós, porque a relação amorosa leva à imperfeição e, por isso, respeitamos as diferentes maneiras de pensar. E como precisamos uns dos outros, compartilhar com os escritores no tempo em que cada um de nós instiga quem os lê, no descobrir as diversas facetas das atitudes de nós e dos nós, como passaporte para existências sem percalços.

Quem de nós, ama a verdade? Vive o amor eterno? Sonha com as palavras? Acredita em si? Os Nós estão feitos! Alphonsus de Guimaraens Filho publicou seleção de poemas, reunindo três livros inéditos, que intitulou NÓ e, neles, encontramos. “Por que fizeste de mim um nó? / Por que ao só / adivinhá-lo, sem desfazê-lo, / todo estremeço? //... Dize se estou! / Dize se tudo / não é só / este crespo, irritante nó...”

Costumo dizer que o tempo é pouco, porque quando estou lendo poemas não tenho hora para acabar; viajo entre os autores e durante a leitura vejo flashes de nós e do(s) nó(s) pelas passarelas.

Data : 30/01/2014

Título : NÓS & NÓ(S)

Categoria: Crônicas

Descrição: Lendo alguns poemas, percebi que certos poetas gostam de desamarrar a linguagem.

“... o tempo não pode viver sem nós, para não parar.”

(Mario Quintana)

Lendo alguns poemas, percebi que certos poetas gostam de desamarra a linguagem. Desbravar caminhos sem medo de assumir a poesia, como Pedro Du Bois, “desfaz os nós / desamarra / solta / na liberdade do corpo / dança / anda / corre / no livre pensar / esconde as razões // refaz os nós / amarra / prende / o corpo ao começo”.

Na essência para transformar os nós, em nós, Helena Kolody no poema os “Nós”, revela que “Fomos duas árvores castas. / Não misturamos as raízes. / Apenas enlaçamos / os ramos / e sonhamos juntos”.

O que leva o leitor a acreditar que mudanças são necessárias, desde o trabalho de criação até os principais feitos da vida: a esperança num universo de valores únicos, como se o tempo fosse transformado para nós e tudo que está em volta “De Nós // pelo poço sem fundo / chegamos ao nada / porque somos ecos / (não imagem) / e o mergulho fatal / nos retorna à origem” (Pedro Bertolino)

Nesses poemas que são, sobretudo, um ressoar, os poetas colocam em xeque as indiferenças que registram no cotidiano. “No meio da palavra / o nó // o meio da palavra / no pó // No coração o nó // Na garganta / o nó // Entre meu olhar / e teu olhar / o nó / na-valha... ” (Lindolf Bell)

Pergunto se “Neste Embrulho de Nós” (livro de Marco Aqueiva), no ressoar os sonhos, os nossos filhos e netos ressoarão por nós. E Lindolf Bell responde que, “Existe em nós não o novo / mas o renascido. / Pesamos por isto as verdades / sobre a balança sem pêndulo”

Os poetas com seus talentos abrem caminhos para todos. Mário Benedetti, em “Quem de Nós”, revela uma história de amor, entre três amigos.

O amor, sempre o amor, desembrulha os nós, porque a relação amorosa leva à imperfeição e, por isso, respeitamos as diferentes maneiras de pensar. E como precisamos uns dos outros, compartilhar com os escritores no tempo em que cada um de nós instiga quem os lê, no descobrir as diversas facetas das atitudes de nós e dos nós, como passaporte para existências sem percalços.

Quem de nós, ama a verdade? Vive o amor eterno? Sonha com as palavras? Acredita em si? Os Nós estão feitos!

Alphonsus de Guimaraens Filho publicou seleção de poemas, reunindo três livros inéditos, que intitulou NÓ e, neles, encontro. “Por que fizeste de mim um nó? / Por que ao só / adivinhá-lo, sem desfazê-lo, / todo estremeço? //... Dize se estou! / Dize se tudo / não é só / este crespo, irritante nó...”

Costumo dizer que o tempo é pouco, porque quando estou lendo poemas não tenho hora para acabar; viajo entre os autores e durante a leitura vejo flashes de nós e do(s) nó(s) pelas passarelas.

Data : 08/01/2021

Título : NOTÍCIA RUIM

Categoria: Crônicas

Descrição: Diariamente, penso em tudo o que há para fazer. Mesmo sendo atividades que me dão prazer em suas execuções, tento organizar o dia para ficar com a sensação do dever cumprido.

Diariamente, penso em tudo o que há para fazer. Mesmo sendo atividades que me dão prazer em suas execuções, tento organizar o dia para ficar com a sensação do dever cumprido. Mas, nada se compara à notícia ruim. Nem assim brigo com o relógio que corre em horas paradas. Nas palavras de Sidnei Olívio, "... Perdi o vento do outono / na curva fechada das dúvidas - / quem teve asas e certezas, voou...".

Não vivo o dia como se fosse único, porém, quando recebo notícia ruim, fico desconfortável, inquieta e com incertezas para o amanhã. Repenso a formação de valores que me chegam de diferentes fontes. Não posso fazer de conta não haver escutado, lida ou percebida a notícia, o que torna perturbadora a minha situação, por saber estar além das minhas possibilidades de agir ou contestar. Tanussi Cardoso retrata, "... palavra cítrica / que lodo / em enganos se expira - // Sede / de sal / em suas linhas...".

A notícia ruim me coloca fora da zona de conforto. Encaro-a como desafio. Proponho-me a olhar e ver o quadro atual, em que somos injuriados e injustiçados. Diante dos fatos, sinto-me presa na realidade que bate à porta trazendo o medo do dia seguinte. Circunstância que me obriga a reconhecer os acontecimentos cada vez mais próximos e, embora escolha meu próprio caminho, ainda assim, continuo presa para viver o futuro.

A notícia ruim retira o propósito e faz sentir o estranhamento no impacto que revira meus planos do viver, como em Sidnei Olívio, "... (Há dias sentia) / a água mais gelada / a cama mais gelada / o dia mais urgente...".

Não é fácil encarar a notícia ruim, que mexe com a sensibilidade pelo que está em jogo, na medida com que busco formas de sobrevivência, pontuando as referências que marcam e contam a minha história.

Os efeitos da má notícia são insuportáveis e irrecuperáveis, pois, tornam degradantes a capacidade de compreensão ética e moral. Alteram o estado emocional, fazendo com que reflita sobre o sentido da vida, pelas injustiças sofridas, e reconsidere a necessidade de uma rotina confiante e esperançosa.

O tempo ameniza o choque causado pela notícia ruim; faz aumentar a distância entre a notícia, a vida, o trabalho e o fato relatado. Por vezes, traz a coragem e leva à reforma geral, para aceitar o desafio sem perder de vista o meu propósito: aposentar-me.



Data : 26/02/2019

Título : NOTÍCIA RUIM

Categoria: Crônicas

Descrição: Diariamente, penso em tudo o que há para fazer. Mesmo sendo atividades que me dão prazer em suas execuções, tento organizar o dia para ficar com a sensação do dever cumprido. Mas, nada se compara à notícia ruim.

Diariamente, penso em tudo o que há para fazer. Mesmo sendo atividades que me dão prazer em suas execuções, tento organizar o dia para ficar com a sensação do dever cumprido. Mas, nada se compara à notícia ruim. Nem assim brigo com o relógio que corre em horas paradas. Nas palavras de Sidnei Olívio, "... Perdi o vento do outono / na curva fechada das dúvidas - / quem teve asas e certezas, voou...".

Não vivo o dia como se fosse único, porém, quando recebo notícia ruim, fico desconfortável, inquieta e com incertezas para o amanhã. Repenso a formação de valores que me chegam de diferentes fontes. Não posso fazer de conta não haver escutado, lida ou percebida a notícia, o que torna perturbadora a minha situação, por saber estar além das minhas possibilidades de agir ou contestar. Tanussi Cardoso retrata, "... palavra cítrica / que lodo / em enganos se expira - // Sede / de sal / em suas linhas...".

A notícia ruim me coloca fora da zona de conforto. Encaro-a como desafio. Proponho-me a olhar e ver o quadro atual, em que somos injuriados e injustiçados. Diante dos fatos, sinto-me presa na realidade que bate à porta trazendo o medo do dia seguinte. Circunstância que me obriga a reconhecer os acontecimentos cada vez mais próximos e, embora escolha meu próprio caminho, ainda assim, continuo presa para viver o futuro.

A notícia ruim retira o propósito e faz sentir o estranhamento no impacto que revira meus planos do viver, como em Sidnei Olívio, "... (Há dias sentia) / a água mais gelada / a cama mais gelada / o dia mais urgente...".

Não é fácil encarar a notícia ruim, que mexe com a sensibilidade pelo que está em jogo, na medida com que busco formas de sobrevivência, pontuando as referências que marcam e contam a minha história.

Os efeitos da má notícia são insuportáveis e irrecuperáveis, pois, tornam degradantes a capacidade de compreensão ética e moral. Alteram o estado emocional, fazendo com que reflita sobre o sentido da vida, pelas injustiças sofridas, e reconsidere a necessidade de uma rotina confiante e esperançosa.

O tempo ameniza o choque causado pela notícia ruim; faz aumentar a distância entre a notícia, a vida, o trabalho e o fato relatado. Por vezes, traz a coragem e leva à reforma geral, para aceitar o desafio sem perder de vista o meu propósito: aposentar-me.

Data : 12/02/2019

Título : NOTÍCIAS

Categoria: Crônicas

Descrição: Diariamente fico enjoada com tantas notícias falsas.

Diariamente fico enjoada com tantas notícias falsas. Não tenho complacência e nem quero ficar num quarto escuro e fechado, então, traço planos para conviver com a luz presente nas histórias recontadas.

É impressionante como a fake news exige tempo e atenção e, mais, expande e abrange além do esperado, alterando a minha percepção original. Converte o tempo e o espaço em algo que altera o campo de construção do processo. Em outras palavras, a falsidade e o interesse manipulam a minha percepção, intervindo na interpretação e composição dos fatos. A proliferação de notícias falsas revela o cenário em que é difícil conviver ou ignorar. O conhecimento decorrente desse processo não traz benefícios, direitos e domínios sobre os assuntos abordados; não entendo o procedimento, apenas faço a leitura das “inverdades”, o que me leva a desdobrar meu conhecimento e sentidos para compreender a quem interessa tal comportamento. Cada vez mais percorro na busca incessante da verdade. Carlos A. Franzoi diz que “é preciso para, respirar, ir para o mundo do sensível, do simbólico, para então, arquitetar e reinventar metáforas para a vida”.

É triste. Vivemos em paisagem rotineira de demandas; meros figurantes tumultuando o espetáculo da vida. Sinto que ignoram e não acreditam na realidade em que vivem; subestimam as forças e a capacidade de transformar o falso em verdadeiro e a injustiça em direito.

Gostaria de estar enganada, de pensar que devesse conhecer mais sobre mim mesma, para argumentar sobre os fatos. O problema é que as notícias falsas circulam no meu dia a dia; também, sei que “uma andorinha só não faz verão”. Preciso atuar – mais e mais - no palco da vida para ganhar dignidade e fugir da desonestidade. Talvez seja melhor ignorar a falsidade e mudar de assunto? Que tal um cafezinho, sem jornal? Ou empurrar a porta com seus rangidos e reconhecer a verdade com seus refletores?

Data : 19/10/2016

Título : NOVAS ESCOLHAS

Categoria: Crônicas

Descrição: É tempo de mostrar excelência e deixar nascer a liberdade para agir e fazer novas escolhas, o que pode me levar a nova etapa na vida ao deixar de lado o medo e o preconceito...

É tempo de mostrar excelência e deixar nascer a liberdade para agir e fazer novas escolhas, o que pode me levar a nova etapa na vida ao deixar de lado o medo e o preconceito.

Li que “a ação vivifica, mas limita”. Isto é, tenho condição de sentir o que faço no desafiar o medo existente entre os perdedores. A esperança adia o fracasso, que considero a contingência do nada. Acredito na vida e tento não crer no medo e nem duvidar das minhas certezas. Lúcio Costa escreveu que mesmo “Quando tudo muda para ti, a natureza é a mesma e o mesmo sol se levanta sobre teus dias”.

Não posso deixar de fazer o que gosto, mas, tenho consciência da ação e reação: se está tudo bem, ninguém critica e julga. Se a coisa vai mal, tudo muda. Por isso, preciso continuar a fazer o melhor para levar adiante a minha nova escolha. Mesmo que os conservadores, ditos donos da razão, não tenham coragem para assumir suas posturas no reconhecer e perceber a responsabilidade e a repercussão da minha nova escolha. Nas palavras de Pedro Bandeira, “Lá na rua que passava / tinha uma livraria / bem do lado da farmácia. / Todo mundo ia a farmácia / comprar frascos de saúde. / E depois ia ao lado / para comprar a liberdade”.

O mundo está voltado para eu fazer o caminho no reencontrar o melhor e, assim, enfrentar a hipocrisia e levar em conta a realidade como época de mudanças sociais. Com sensibilidade, vejo a dimensão da ação refletida em cada opção que dá continuidade à liberdade. Como em Carmen Presotto, “novos rumos / instante / rotas / recordações // Um único beijo / é o que busco da / firme Terra”.

Busco na liberdade de escolha entender e dialogar com a vida. Também para me arriscar e não ter medo do contato com o mundo, ao trabalhar para conscientizar as pessoas de que podem escolher como viver e modificar cada projeto escolhido. Dessa ação resulta detectar e avaliar cada opção, marcada pelos efeitos da ação percebida através da conquista.

Saber combinar o sucesso sem medo das barreiras invisíveis, no desafio de falar sobre o novo assunto, é me colocar em pauta para discutir abertamente o que de melhor posso fazer no momento da escolha. W.J.Solha reflete, “... pode-se dizer que a tropa de flores, / de anônimas Olga, camélia e margarida, Hortência, rosa, magnólia, violeta e / dália, / exige um só jardineiro...”

Ouso escolher e realizar no optar por não sentir falta do outro lado. Quero viver num mundo em que os filhos possam exercer suas opiniões: sim e não, pois, é importante questionar antes de julgar e definir e, ao se denunciarem, poderei perguntar: se agirem assim e assado, como serão considerados?

Acredito que tal tipo de reflexão e comportamento faça a diferença e, ainda, leve a assumir as novas escolhas para chegar à realização. Em igual proporção há um tempo flexível para que eu reconheça o que os desafios podem me desvelar o que de melhor existe para avançar na vida: novas escolhas, como a que aqui transcrevo, “Não quero saber como as coisas se comportam. / Quero inventar comportamento para as coisas”.

Data : 10/02/2019

Título : NÚMERO UM reverso NÚMERO DOIS

Categoria: Crônicas

Lembramos:

- o primeiro número da senha para...
- o primeiro aluno, filho, neto a primeira professora
- o primeiro professor
- o primeiro emprego
- o primeiro salário
- o primeiro carro
- o primeiro a contrair a doença
- o primeiro a perder
- o primeiro passeio de barco
- o primeiro cigarro
- o primeiro gole
- o primeiro café
- o primeiro susto
- o primeiro tombo
- o primeiro fora do namorado
- o primeiro beijo a primeira carta.

Todos querem ser o número um, o primeiro em:

- ... atendimento
- ... amor
- ... lembrança
- ... amor platônico
- ... satisfação pessoal
- ... alegria
- ... vermelhar

... fotografia  
... luta  
... desespero  
... vômitos  
... enjoo  
... amargura  
... descoberta  
... medo  
... risos  
... desencanto  
... emoção  
... vida.

Agora, passamos para o número dois, o segundo qualquer coisa.

Quem sabe dizer o que cada coisa é? Ou a coisa que a coisa é? Segundo dizem, há coisas que são, como se as coisas do mundo fossem. Inventamos coisas para reconhecer cada coisa como ela mesma. O segundo qualquer coisa desaparece e o que fica é o rastro por onde a coisa passa...

Data : 25/04/2017

Título : NÚMEROS

Categoria: Crônicas

Descrição: Evidenciamos os números em nossa vida como elo para a vida exterior.

Evidenciamos os números em nossa vida como elo para a vida exterior. Não é à toa que estamos amarrados em senhas para tudo, consideradas como o sentido elevado da comunicação com o mundo e que nelas evidenciamos o progresso; tipo de mundo que chegou – uso expressão áspera – ao tempo feroz. Nas palavras de Pedro Du Bois, “... confusos tempos recontados / em números díspares / pares ímpares primos entre si... // entre fios finos de verdades...”.

Os números nos fundem ao marcarem a mistura do cotidiano com a transposição pelo espaço e tempo. É maneira de existirmos aqui e agora; por exemplo, o CPF, que define com exatidão quem somos, perante o público em geral, expressa na sua linguagem o tipo de vida amarrada que temos. Como demonstra Joan Brossa, “... vejo o meu nome verdadeiro, / que quero que permaneça secreto/ seu número de letras...”. Os números

salariais também marcam o nosso tempo e indicam a nossa posição na linha do viver social.

A idade ocupa a mesma posição, que nasce conosco e que não podemos renegar e nem desamarar, ela surge explícita na face e serve de testemunha para explicar quanto tempo vivemos amarrados. Em Pedro Du Bois, “Ter idades / no mesmo rosto /insensível aos fatos / decorridos... // ter a idade necessária e não se dizer de fora...”. Augusto de Campos retrata, “Até logo companheiro / guardo-te no meu peito, e te asseguro: / o nosso afastamento é passageiro / É sinal de um encontro futuro. // Adeus amigo, sem mãos nem palavras. / Não faço abrolho pensativo. / Se eu morrer, nesta vida, não é novo, / Tampouco há novidade em estar vivo”.

Data : 20/05/2016

Título : NÚMEROS: conexão e desafios

Categoria: Crônicas

Descrição: Para que servem os números em nossas vidas? O que há para refletir sobre eles?

“rolam números sobre / a existência... / de ubíqua equação se cobre / o coração...”

(Adriano Nunes)

Para que servem os números em nossas vidas? O que há para refletir sobre eles? O que os números e a vida têm em comum? Cada vez mais os números fazem conexão com nossas vidas e nos desafiam. Eles ganham “status” na hora da escolha, porque não há o certo ou o errado. Mantemo-nos num mundo individual e com os nossos sentimentos escolhemos recontar as nossas vidas, como demonstra Lêdo Ivo, “Ando sempre seguido / por vozes e cartazes // e minha mão segura // uma ficha com um número / de ordem e chamada. // Ninguém sabe meu nome. //.. no sonho ou no mercado sou simples estatística // Líquete, chapa ou ficha. //.. Com a ficha na mão // Mostro o cartão. // Provo que sou humano. //... o alto falante // me chama em toda a parte / por meus diversos nomes: // Ficha azul! Dezessete! // E, na fila do mundo, / um número entre os números, / avanço, logo existo”.

Existe a necessidade de juntar o sentimento com os números. A maneira mais adequada é levar em consideração o significado da palavra revelada pelo escritor. Ele aponta e incorpora em versos os algarismos, soma prazer e previsão, como revela Ziza de Araújo Trein, “Trinta e três anos / Idade simbólica! / “Idade de cristo” costumam dizer / Quando o homem em plena juventude / Também atinge plena maturidade, / Quando os ideais, os sonhos de menino / Não são mais sonhos, só realidade”. E Licurgo Costa descreve suas memórias no livro “Um homem três séculos”

O que os autores apontam em termos de numerais é o que a soma de suas palavras tem a dizer, quando abrem caminhos e conversam com o leitor, ao compartilharem seus segredos e necessidades. Nesse sentido não importa qual é o número, mas é a revelação do segredo que conduz o encontro para a reflexão, como demonstra Chacal, “20 anos recolhidos”, e Gilberto Mendonça Teles, em “7 Resmungos”, “(sete vezes gritar o seu nome, / mas evitando abrir os seus segredos; / sete vezes acordar com fome, / roendo as unhas e lambendo os dedos)...” Suas ideias parecem paisagens que apenas o leitor avista e, na medida em que são enumeradas, descobre seus movimentos na elaboração de cada verso, como em José Enrique Barreiro, “Três motivos para não te amares”. Ainda, Ivaldino Tasca, conta a história dos “15 dias que abalaram Passo Fundo”.

Os poetas cultivam e criam palavras com as técnicas do tempo e as conjugam no passado, no presente e no futuro. Pairam dúvidas: o que o tempo dita sobre a inquietação? Quais as versões dos números que as guiam? Pedro Du Bois diz que, “Tempo // Apenas o minuto é rápido // os segredos / multiplicados / toques / alongam os sentidos”. Esta talvez, seja a principal reflexão e motivação que os números provocam nos escritores, desafiando suas inquietudes. Segundo Pedro Tozzeto Neto, “Existem três sentimentos que são importantes para a nossa vida: // a bondade, a alegria e a tristeza. // A tristeza ninguém gosta / A alegria vem sempre com uma coisa boa. // E fico com a bondade / ...pois mesmo triste ou alegre / você pode ser bondoso”.

Os escritores ao descreverem palavras exatas que precisam o tempo para existir, mostram que os números servem para nos conectar como fios da memória, quando há o sentido da vida, como demonstra Gilberto Cunha no ensaio O número 88. Então, podemos ler as sensações e as estações, os murmúrios e acreditar que tudo que vivemos e esquecemos, apenas lembramo-nos dos números como marco de tantas vezes, que ficou dos instantes do dia. Maria Alvim retrata, “Três pedras // uma casa / um cachorro / um poeta //responderão por mim”.

Os escritores enumeram em expressões e palavras. Sem sossego demonstram em incertos lampejos a luz da criação e a precisão da linguagem ao descreverem e amarem sem medida, quando revelam suas almas. Pedro Du Bois diz que aos números recontamos nossas vidas, “Após cinco anos / em distanciamento crítico // a pergunta / que sobra dos anos / mil e novecentos // avião / foguete / AIDS / viagem à Lua / duas grandes guerras / Kennedy e Krushchev / Hollywood / fast-food / computador pessoal / internet //exceto pelos últimos / o que mais sobrevive ao século?”

Data : 27/09/2018

Título : NUNO DAMPSTER: a Lua

Categoria: Crônicas

O poeta Nuno Dempster carrega a LUA no seu poema, onde mostra que dentro de você a vida se torna possível (mesmo sem esperança) e mesmo assim a luz (luar) pode invadir a janela d'alma.

“Tenho de repensar a minha vida, / disse-me e acrescentou: /

ser-se feliz é não ter esperança”.

A esperança é única. Aliada a um estilo de vida torna os desafios do presente em detalhes e faz acreditar, sempre, em cada descoberta.

“Lembrei-lhe o sol e o mar / que hoje vejo sozinho aqui na praia /

e respondi que não há quem viva assim, /

ainda que a esperança não exista.”

Nesse viver de encontros e desencontros as histórias são as mesmas, mas, o que muda é a maneira de contá-las e vivê-las.

“Mas vi-a olhar para o céu, / dizendo que a sorte é termos a Lua / -rege-nos as marés e o corpo -, / e que amava seu rosto claro, / um espelho de luz na noite / onde se olhava já sem sonhos.”

Parar e olhar no espelho, ver o reflexo d'alma, com altos e baixos, como alternativa e possibilidade de sentir a esperança. A luminosidade traz a energia que não cabe em você. A luz do luar invade você que persegue as ideias com a intenção de fazer e se sentir melhor.

“Nem suspeitou ser isso a esperança, / a lua e os espelhos

sem mais nada, / a música que ouvíamos e o

mar além, atrás das dunas.”

Dempster no poema a LUA, revela encontrar o respeito, os limites de si à procura do espaço para fazer o menos ser mais, o pensar ser o sonhar. E que hoje o realismo mágico é pano de fundo para acreditar em ser feliz, porque ao olhar para o céu verá a Lua.

O poeta cria um lado consagrado e irreverente com o poema. Mostra a contribuição da imagem da Lua, que atua quando o envolvimento com a vida é considerado variante da esperança. Deixa o leitor, também espectador, sentindo a luz do luar refletir seus pensamentos.

Data : 16/01/2018

Título : O TOM da IMPRESSÃO

Categoria: Crônicas

Descrição: É hora de refletir sobre os tons das impressões que temos e que podem melhorar o nosso viver.



É hora de refletir sobre os tons das impressões que temos e que podem melhorar o nosso viver. É difícil falar sobre impressões, pois elas são tantas, umas positivas e outras não. Criamos meios para com elas concretizarmos nossas aspirações e traçar os projetos de vida. É importante saber respeitar o tom que cada impressão causa em nós. Nas palavras de Ivaldino Tasca, “Sentimentos, vivências, experiências, relações não são facilmente compreendidos, assimilados e verbalizados quando mergulhados na infinitude de tons com que batem, desdobram-se e rebatem os nem sempre ponderáveis componentes da essência do ser”

A impressão que fica das leituras é que me inspira no amparar as mudanças; recarregar as energias e repensar como lidar com o sonho que se tornará realidade. Por exemplo, o poema de Tanussi Cardoso, “Plástico, Matéria Plástica”, causa a impressão de comoção, com a voz tímida (imersa em silêncio) e ao mesmo tempo tocante, serena e profunda: “na página do livro / a letra da minha irmã/ viveu mais do que ela // - traços mais que um corpo // vive a letra a escrita e a palavra / - onde a alma a pele o rosto?// Mais viva que a morte / osso nu / desconstrução do gosto / a memória da morta / insiste / existe / na letra na palavra / na poesia do livro”.

Tanussi busca, no mistério da saudade e da morte, o reencontro com a irmã através da palavra. Aprofunda-se na melhor poesia, ao traduzir o sentimento como fogo em chama. Mostra o essencial como força da imagem transposta no tempo como contraste entre a percepção e a expressão, causando a impressão que beira ao real.

Ele, ao descrever a hora ante a saudade absorta com a ausência, revela o sonho em cada palavra e a impressão perpetua no espaço como eco a expandir a linguagem, como é o poema, retrato das suas sensações.

Ao ler estou ligada aos sentidos, que o poema afeito ao argumento é irrefutável impressão como influência; afinidade com vínculos sentimentais, um pouco mais ou menos e, por vezes, na medida certa. Há o meu olhar que precede a reflexão no foco do poema em que embarco na sensação de novas possibilidades de leitura: a força da poesia de Tanussi, como experiência e perspectiva, que se revela em arte, onde a impressão se apossa e se transforma no tom desejado.

Segundo as impressões de Thomaz Albornoz Neves, “Recorda e terás esquecido / nada ocorre por acaso / não há destino escrito” e, José Eduardo Degrazia, “O poema entrou em mim // como se / derrubasse a porta / de uma casa //... e caísse sobre o peito / de um homem”.

Data : 09/07/2014

Título : O ANÔNIMO

Categoria: Crônicas

Descrição: Anônimo é aquele que não revela seu nome; dentro de suas características encontramos aquele que “faz o bem sem saber a quem?”, ...

“Passado o futuro: tantas máscaras / o que dizer de um mascarado sem máscara? / ou de uma máscara (Real)?” (Pedro Du Bois)

Anônimo é aquele que não revela seu nome; dentro de suas características encontramos aquele que “faz o bem sem saber a quem”, e aquele que não enfrenta o sentimento, com medo de viver e usa a máscara para se esconder num mundo obscuro, sem perceber quando em determinado momento da sua vida se aproxima da verdade das pessoas. Segundo Alberto da Cunha Melo, “Anônimos // Bem-aventurados os mitos, / em seu tranqüilo anonimato, / que sequer se sabem anônimos, / como a moldura de um retrato...” .

O anônimo ressalta a diferença em algo que costuma afetar negativamente a sua vida: sua intenção é estar alerta em relação a sua pessoa e ao seu anonimato, porque conviver entre eles é desafio que pode se transformar em agradável, ou não, revelação. Como em Pedro Du Bois, “... somos máscaras sobre o rosto / sem despertar suspeitas / personagens ambulantes / desempenhando papéis menores”.

Quem saberá os limites da vida em face oculta? O anônimo que fere as palavras esconde o tempo e impede de ser reconhecido. Escuta “cantos onde há gritos e se diz maravilhado” – nos surpreendendo com seu falso lado, ao se apresentar de maneira detalhada, deixando de ser quem é ao revelar sua falta de coragem para se identificar e assumir sua postura, sem deixar as palavras caírem no chão. Nas palavras de Alphonsus Guimaraens Filho, “... Toma coragem, vai buscando a face / mais oculta das coisas, de onde nasce / a luz que restará inapagada”.

No anonimato, nunca sabemos qual relato nos dá a verdade dos fatos; o sentido do desejo; as histórias – passado ou futuro; as ameaças pela solidão; mas a vida em longos passos mostra ser inevitável esquecer que o anônimo pode se tornar amigo ou inimigo, e que o momento revivido é marcado pela boa ação e ameaçado pela má. Ficando a reflexão de Pedro Du Bois, “o que dizer de um anonimato sem máscara?”

Data : 31/05/2017

Título : O ATRASO... (II)

Categoria: Crônicas

Descrição: Escolher ser feliz nas pequenas coisas, no dia a dia, todos os dias, é encontrar a...

“... O tempo? inclemente / pesando / na mente...” (Antônio C. Osório)

Escolher ser feliz nas pequenas coisas, no dia a dia, todos os dias, é encontrar a forma de não se atrasar, porque a vida é processo contínuo de trocas. Isso significa muitas coisas; se pudermos valorizar a importância em cultivar os interesses pessoais, em estar disponível, então o combinado é o acertado, sem atraso. Mas, às vezes, os desafios se avolumam à nossa frente que, por muitas vezes, nos atrasamos para os compromissos.

O atraso é falta e só depende da vontade que podemos encontrar em nós para que não aconteça, pois, como diz Paulo Leminski, “em cima / da hora / tudo piora”.

Se não cumprimos com os compromissos, nas horas marcadas, ficamos com a falsa impressão de melhorar o nosso tempo, como em Luiz Otávio Oliani, “O tempo não se rende / a nada que o prenda // embora não corra / abocanha os homens / silenciosamente”.

Que tal revermos em que prevalece o atraso, que se mantém em nossas vidas no dia a dia? Isso significa muitos atrasos, como o dos pais que chegam tarde para o jantar e, mesmo assim, as crianças ficam felizes ao vê-lo em casa.

As noivas organizam seus casamentos de acordo com seus estilos e gostos, marcam a hora mais apropriada para a realização e, quando chega o momento sagrado... se atrasam.

Médicos, profissionais que valorizam seu trabalho, telefonam aos pacientes confirmando dia e hora da consulta; de nada adianta, quando chegamos ao consultório, o atraso é confirmado.

Vamos viajar! Compramos a passagem dia tal/tal hora; com entusiasmo fazemos o check-in em casa. Ao chegarmos ao aeroporto, o desânimo sobressai porque o voo está atrasado.

A hora marcada no salão de beleza, mas, a cliente anterior se atrasou, o que atrasará os atendimentos nos demais horários. A beleza está em lermos para passar o tempo, prazerosamente, sem nos incomodar com a espera adicional. Encontro revista com chamadas para o espetáculo, com informações sobre ingressos, dia e hora; para variar, não honram o horário previsto para começar o show.

O atacante, no futebol, após a armação da jogada pelos companheiros, chega atrasado para a conclusão do lance e perde o gol. Os torcedores choram.

No amor, quando resolvemos nos declarar, muitas vezes, é tarde demais. A indecisão foi o obstáculo. Não assumirmos as fraquezas abertamente e corremos o risco da perda pelo atraso. Nas palavras de Luiz Otávio Oliani, “as horas voam / e me perco / entre os ponteiros do relógio...”

Erasmus Carlos, na música Coqueiro Verde, revela o atraso de Narinha, “Em frente coqueiro verde / Esperei uma eternidade / Já fumei um cigarro e meio / E Narinha não veio // Como diz / Leila Diniz / O homem tem que ser durão / Se ela não chegar agora / Não precisa chegar...”

Assim, a vida moderna é sinônimo de atraso. Agendas cheias, precisamos criar estratégias para minimizar o nosso tempo ao assumirmos horários e compromissos.

Um dia, escolheremos ser felizes enquanto abraçamos os filhos, visitamos os parentes e amigos, amamos o parceiro. Ou talvez possamos simplesmente honrar os horários, sem atraso.

Data : 18/06/2014

Título : O AVESSE do VERSO

Categoria: Crônicas

Descrição: O livro de Luiz Otávio Oliani, entre-textos, faz descobrir o avesso do verso ...

O livro de Luiz Otávio Oliani, entre-textos, faz descobrir o avesso do verso como desafio para seguir anunciando a poesia como o instante de diferença na vida do leitor, porque a voz do autor brota na impressão do poema do outro autor.

Entre-textos revela as tramas da palavra na sensibilidade dos poetas, revertidas na expressão da linguagem, realçando o avesso do verso como impulso literário, o que dá sentido, quando resgatadas no dia a dia, provocando reações emocionais ao conduzir o leitor para o caminho de lazer e prazer.

É leitura em que o leitor se beneficia da oportunidade de conhecer vários poetas na liberdade de seus pensamentos, dando à existência o sentido mágico, libertador aos olhos do entendimento; como no verso Poema, de Carmen Presotto: "... faz-se o verso, / tece-se a vida... / nossa estrada / e moradia // zigue zaguar de dedos / palavras pensamentos / parapeitos do ser // ecoam..." e no avesso Receita, de Oliani: "na mesa do poeta / rabiscos // guardá-los para quê? // o texto / a nascer / da memória // o poema / é libertação".

A obra mostra o reverso como avesso do verso, onde o verso é de variados estilos e autores e o avesso (reverso), de Oliani. Os textos divagam o sentido para reconhecer a literatura como um valor em si, ao oferecer ao leitor a essência dos poetas na poesia do autor; como o verso Epitáfio, de Rogério Salgado: "Aqui nasce um poema / enquanto o poeta / falece na composição amarga / de rasurar sua dor", e no seu avesso Epitáfio, de Oliani: "aqui jaz Oliani / cujos versos mínimos / traduzem / o verbo contido".

Também o leitor pode se situar como diante de espelhos que refletem perfeitamente as ideias e os ideais na diversidade dos temas. O que se vê é poesia de quem espera algo acontecer, na perspectiva de elevar a voz dos poetas e levar o leitor

a folhear com requinte as páginas do entre-textos, na finalidade de resgatar a palavra como conceito e ideologia, no momento em que a arte e o pensamento são voltadas para os campos luminosos das peças da imaginação; assim, o verso Lição de Astronomia, de Ricardo Alfaya: “Certa lua tinha mil sóis. / Sem luz original alguma, / brilhava mais que todos”, que recebe o avesso Lição de Português, de Oliani: “amar, verbo transitivo? / amar é verbo de ligação / entre dois sujeitos”.

É com o olhar de entendimento em profundidade na natureza de poeta que o autor demonstra na obra a experiência que ultrapassa os limites até então convencionais: “projeto nascido no facebook... a literatura que encantou pelos vieses diferentes que autores produzem sobre a mesma temática”.

Oliani repassa não apenas um novo conceito, mas a ferramenta que muda a consciência do leitor, sem descuidar da função artístico-literária, como no verso O Rosto, de Jorge Ventura: “Assim / o mim, / Em cada rosto / a ser exposto, / uma expressão. // Um turbilhão / de meus eus, / áureos e erros. / Duas faces, / dois disfarces. / Por que sou avario? / Porque sou diário”, e no avesso Controverso, de Oliani, “assim / o mim / sucumbe ao eu / e me expresso / em duas faces / não sou o tu / não me rendo / a outro disfarce”.

Ao sobrepor os poemas, Oliani comunga o tema em ideias e estilos diferentes ao espelhar a importância de cada um dos autores, reconhecendo na arte de escrever o respeito mútuo inerente a cada poema, o que proporciona ao leitor o deleite e o diálogo na liberdade consentida através da passagem para desvelar o verso em seu avesso.

Data : 11/03/2013

Título : Ó BELEZA! ONDE ESTÁ A SUA VERDADE?

Categoria: Crônicas

Descrição: A fórmula que faz você bonita por mais tempo é mágica que mexe com a imaginação e com os sentidos, e que pode ser alcançada através da leitura.

A fórmula que faz você bonita por mais tempo é mágica que mexe com a imaginação e com os sentidos, e que pode ser alcançada através da leitura.

Não é necessário ser novo para ser bonito, mas é preciso ler para adquirir cultura e “flutuar na magia”.

Essa é a verdade!

O maior desafio é modificar uma geração. É ir derrubando uma a uma as imposições até não pairar nenhuma dúvida na cabeça do leitor de que, finalmente, é com

seus próprios recursos que baseará a sua independência e a liberdade, sempre investidas nos valores de um bom escritor.

Essa é a verdade!

Para respondermos que sim, precisamos multiplicar a confiança com ousadia, sem perder a segurança, desbravando novos escritores e novas leituras.

Ler: ó beleza!

Onde está a sua verdade?

Aqui, abre-se a polêmica sobre obras e autores, entre o que tem valor e o que é descartável ou duradouro.

Segundo Harold Bloom: “Pode ser uma arte em extinção a de ler atentamente com amor, com a emoção de ver como o texto se desdobra. Mas, todo o mundo tem, ou deveria ter uma lista de obras que lhes serviriam de companhia numa ilha deserta.”

A ideia de escolher obras é estimular a leitura de maior número de livros. A compreensão do que seria importante para a cultura, o que varia de um para outro intelectual. Por exemplo, não é possível que alguém que queira conhecer um país através dos livros, não leia nada sobre a sua flora e fauna.

Outra maneira de se compreender a leitura é começar pelos ensaios, para depois chegar à ficção. Antônio Medina Rodrigues recomenda a leitura de Drummond, que considera “a síntese mais fina e profunda da cultura brasileira”. “... Como viver o mundo / em termos de esperança? / E que palavra é essa / que a vida não alcança?”

A nossa verdade é discutível, pois não basta ler ou reler uma obra; é preciso que o livro seja rico em informações, com imagens bem construídas e que tenha narrativa eficaz, para que os leitores lembrem alguns trechos como constatação definitiva.

Nas palavras do escritor Francisco Alvim: “... mas, tudo isso não é mais sociologia, é agora poesia, essa figurinha difícil que o poeta, sábio colecionador, nos apresenta com suas marcas de possuidor”.

Navegando a ideia da proximidade entre o autor e o leitor, chego à condição literária da beleza comvente do texto de Drummond: “Pois é o amor unidade / multiplicada, e a vida / quando se recolhe aos livros / é para voltar mais vida / em 50 anos de letras / uma flor desenha as pétalas / de amoroso convívio:/ o homem livre e ligado / livre e ligado ao seu próximo / na larga avenida humana / em que beleza e justiça / fazem da espera, esperança”.

Data : 25/04/2017

Título : O BELO é SENTIR o HOJE

Categoria: Crônicas

Descrição: “... não conhecia poemas /nem muitas palavras belas / mas ele foi me levando pela mão” (Chico Buarque)

“... não conhecia poemas /nem muitas palavras belas / mas ele foi me levando pela mão”  
(Chico Buarque)

Chico Buarque tem razão, a poesia me levou até Cora Laus, autora da frase “o belo é sentir o hoje”, que nos leva a pensar em nosso trabalho para que busquemos no amor a solução dos problemas e, na nossa realização, a vitória em cada momento alcançado.

Cora Laus está entre os poetas jardineiros. Foi escritora pouco conhecida e seu único livro editado foi “A Saudade Olhada de Perto” – Poesia e Crônica, publicado pela Editora Laus. Era irmã de Ruth e do querido e consagrado escritor catarinense Harry Laus que, para Miguel Salim, “Harry Laus é um nome bastante respeitado... no âmbito nacional devido a sua atividade como crítico de artes plásticas.” Ruth Laus era mulher de forte personalidade e grande batalhadora pela cultura, sempre planejando alguma atividade intelectual. Dedicada à memória do seu irmão, Harry, reeditou depois de sua morte toda a sua obra literária. Também, pesquisou sobre a vida dos seus irmãos e irmãs e, entre elas, Cora Laus, editando em livro o passeio em que registra a passagem da linhagem Laus pela Terra.

O livro “O Jardim de Judith” foi organizado em homenagem a sua irmã Judith Laus Bayer (Didi). Através desse livro, conheci Cora Laus Simas – que nasceu em Tijucas-SC, em 23 de julho de 1916 e faleceu em 03.01.1969; foi estilista, jornalista, cronista e poeta.

Cora Laus Simas é a autora da frase “O belo é sentir o hoje”, citada por Zahidé L. Muzart, em A Décima Carta, de Ruth Laus. A frase ilumina e multiplica nossas forças, colocando-nos em defesa do que abraçamos com o coração e, indiscutivelmente, é o que colhemos no dia a dia. Então, lembro fragmento de seu poema Sinto e Bendigo: “... E se não fui feliz – por que chorar? Bendigo / ter sobrado à minha pele, d’algum amigo, / o cheiro da felicidade verdadeira.”

Data : 30/03/2015

Título : O BURACO

Categoria: Crônicas

Descrição: “Escrevo duro / escrevo escuro / Neste muro / o que procuro, o furo.” (Max Martins)

“Escrevo duro / escrevo escuro / Neste muro / o que procuro, o furo.” (Max Martins)

Através da palavra é possível redescobrir na expressão o nome como reconhecimento de que o buraco existe e significa, segundo o dicionário, abertura, intervalo, orifício artificial ou natural, orgânico, geológico, planetário, cósmico estelar, concreto e mesmo

abstrato. Lêdo Ivo questiona, “Que pretende Deus/ com tantas estrelas / e buracos negros /no espaço infinito?”

É imprevisível o destino que encontro na palavra buraco. Cada mudança indica o objetivo de situar a palavra na realidade, no comportamento e, ainda, alcançar a concisão. Contudo, ele é considerado símbolo em várias áreas e assuntos: buraco (jogo de cartas); buraco da fechadura; buraco negro; Buraco na Sombra (refúgio para sobrevoar o esquecimento); O Buraco de Máluca (interrupção das camadas da retina na área central da visão). Também, existe o mito de que sonhar com buraco no solo representaria aspectos escondidos da vida, e sonhar que caiu no buraco simbolizaria problema em sua vida.

A palavra buraco apresenta inúmeros sentidos através das várias linguagens. Saliento a literária, como o best-seller de Ken Follett, O Buraco da Agulha, de 1978, em que o autor conta uma fração da história da Segunda Guerra Mundial, seguindo temática entre a ficção política e a trama de espionagem, ou O Buraco do Espelho, de Arnaldo Antunes, “O buraco do espelho está fechado /agora eu tenho que ficar aqui / com um olho aberto, outro acordado /no lado de lá onde eu caí...” Há também o livro de contos de Rubem Fonseca, O Buraco na Parede, “ao remover o quadro descobri um pequeno buraco na parede. Olhando pelo buraco vi a banheira com chuveiro e uma parte do vaso sanitário... Você não fala nada a ninguém sobre o buraco na parede?...” Na literatura infanto-juvenil, Sérgio Caparelli oferece O Buraco do Tatu, “O tatu cava um buraco /a procura de uma lebre / quando sai para se coçar, /já está em Porto Alegre...”, e Tony Bellotto, com humor, traz o romance detetivesco No Buraco.

Escritores revelam em imagens os mistérios do buraco, como em Benedito C. Silva, “Buraco Negro // De tão perdido/Fui consumido / sem nenhum sentido”. Considero ser o estilo, na arte literária, o alargar de seus domínios semânticos por meio de criações que o alimenta em formas sinuosas e gestos, no intuito de exigir a nossa participação na contemplação, na leitura e na crítica que, aos poucos, acompanham a transformação do significado das palavras. Na eterna competição entre eus significantes e na transfiguração da sua tradução, com a finalidade de atingir o leitor.

As artes se fundem e aumentam o ilusionismo das inspirações em palavras e imagens que refletem as diferentes interpretações e desdobramentos do que seja, efetivamente, o buraco.

Data : 28/08/2019

Título : O DESENREDO

Categoria: Crônicas

Dori Caymmi e Paulo César Pinheiro na música Desenredo, “... A cera da vela queimando / O homem fazendo seu preço...”, demonstram que em nossos dias, as situações se apresentam com mistério ao sermos influenciados nas devidas



oportunidades, necessidades e/ou vaidades. Nem sempre são posturas comas quais nos surpreendemos sem nos desiludir, porque vem embalada de embaraços e engodos. Carlos Nejar retrata, "... Eis o preço: ser mortal. / E suportar"; e Pedro Du Bois no livro *Desenredo* revela, "No engano / o engodo / se apresenta / nu / no mundo / esperançoso / de gestos / antes / e artimanhas. // Sofre / o sofrimento vil // retém o susto / em apostas...".

Num cenário, em que alguns, por holofotes ou pelos quinze minutos de fama, são capazes de divulgar avidamente a ideia de estarem enredados e deslumbrados para investir em valores. Então percebo que o conceito de cada um está em fazer o seu preço; o que considero relativo, subjetivo e individual. Sem contar o quanto é difícil encarar e entender tal atitude e intenção de quem faz seu preço e de quem paga o valor. Nelson Rodrigues afirma, "O dinheiro compra tudo. Até o amor verdadeiro"; Cristina Fonseca alerta, "... aqui a contracultura é rapidamente absorvida pelo sistema... não é que o sujeito se venda, mas de fato... significa que pode sobreviver...".

Surpreendo-me com o (des) gosto pessoal, sem solidez e contramão. Descubro que, nesta situação, os dias ficam pródigos na falta de padrões-conduta-moral-ética- onde tudo piora ao não desfazer o enredo: qual é o seu preço? De quanto (valor) estamos falando? Qual é o preço do nosso viver? Carlos Nejar responde, "viemos pela mão das coisas, //... Os caminhos em nossa mão / rendidos, segregados // viemos / por nosso suprimento / de manhãs...".

A vida conspira para cada um fazer seu preço, porque há o reflexo da rota da concorrência; do jogo de palavras; das fofocas do negócio e do consumismo. Porém somos únicos e podemos evitar tal assombro em nosso viver.

Com rigor lidamos com nós mesmos para criar uma maneira de nos valorizar pela competência, talento, honestidade e sentimentos; onde cada etapa é crucial para definir os ímpetus criativos. Segundo Marshall McLuhan, "todos os meios agem sobre nós de modo total, eles são tão penetrantes que suas consequências pessoais, políticas, econômicas, estéticas, psicológicas, morais, éticas e sociais não deixam qualquer fração de nós mesmos inatingida, intocada ou inalterada" e Carlos Nejar ressalta que, "... equilibramos os anjos / com a asa dos demônios...".

O valor do nosso viver está em cumprir ao que nos propomos e, assim, aumentar a autoconfiança junto com o conhecimento, onde o ganhar dinheiro, obter sucesso e ser feliz é o preço da vida. Pablo Neruda reflete, "Que pássaros ditam a ordem / do seu bando quando voam?".

Data : 30/03/2015

Título : O FATO NA FOTO

Categoria: Crônicas

Descrição: A foto chama a atenção pela força da imagem; mostra o reflexo da lente, onde tudo parece possível, porque revela a lembrança, a ilusão e a saudade.

“A sua imagem / à minha frente, / chamando por mim... / É o mesmo sorriso / que me envolvia...” (Thereza F. Vieira)

A foto chama a atenção pela força da imagem; mostra o reflexo da lente, onde tudo parece possível, porque revela a lembrança, a ilusão e a saudade. Como em Maria de L. C. Mallmann, “No álbum de fotografias/vejo a vida passar/como um filme colorido /a se revelar... //os registros que ali estão/são de festas,/ da alegria que passou... /só que os dias que eu sofri,/ que chorei... / ninguém fotografou! // Não se guarda a tristeza / numa foto, num cartão./Ela fica registrada /no fundo do coração!”

O fato é que olhar a fotografia é deslizar no momento vivido e sentir a sua companhia. A foto resiste ao tempo na lembrança de quem foi importante e de quem aparece como a luz na sombra. Álvaro de S. Gomes Filho, diz em seu poema Fatos/Fotos, “... procurei o retrato /Que te mostrava sorrindo/Enquanto eu te abraçava/Por sobre um manto de amor...”.

Relembrar o fato na foto é gostar de viver. Vivo na imagem ao rever o amigo no instante do flash; basta que aquele instante tenha existido feito luz na memória. Em Carmen Presotto encontro que “paredes /olhos/suores // saem da lente como quem sai da foto // ...são figuras/ imagens/ fotografias/ sombras// olhares que desabitam em vida...”

O fato é que a luz começa a sumir quando a sombra ocupa o espaço e se espalha pela casa em molduras, onde em voz baixa a presença é presa recordação. Muitas vezes, a foto remete ao momento singelo de outrora. Outras vezes, encontro na história a realização do desejo, assim, em Pedro Du Bois, “Somos distribuídos pelos momentos: avessos, retroversos, incólumes, desbotados onde nos reencontramos em pedaços estabelecidos como verdades. Na realidade, como retratos somos a parte sensibilizada da existência”.

O fato na foto evoca uma atmosfera onírica, sensação potencializada pelo conforto para com a imagem que ilustra a vida; história onde laço os sentidos e reconheço o motivo. Toco na foto como se estivesse sonhando, mesmo acordada. Faz sentido, por que sinto falta do meu amigo e do lugar da cena marcante na imagem, que é apenas a realização do meu desejo. Ela me permite, magicamente, descobrir o significado da liberdade interior no silêncio e na dor da solidão; assim poetiza Gilberto Mendonça Teles, “Retrato//cada coluna protege seu paradigma/de confrontos, seu modelo de sombras /no ladrilho. Cada coluna desenvolve/o sentido de sua própria exaltação...”.

Data : 21/10/2015

Título : O FORASTEIRO

Categoria: Crônicas

Descrição: Sentada no banco da praça, em frente à Catedral e a Feira do Livro, ouço o sino bater a cada hora, marcando a história do seu povo

Sentada no banco da praça, em frente à Catedral e a Feira do Livro, ouço o sino bater a cada hora, marcando a história do seu povo. Nesse momento, passa o forasteiro pela cidade pequena e de pessoas simples. Segundo Fernando Andrade, “...Não fossem minha língua e a deles,/Seria capaz de ver/tudo a distância: tudo diferente/ E tão parecido, às vezes...”

É o novo estranho que troca olhares com o povo, e sua imagem se desfaz, antes mesmo de falar. Curiosos, todos o seguem com os olhos na esperança de dar uma palavra e assim descobriremos a que veio até ali. Seria para a Feira do Livro? Para a tarde de autógrafo do escritor Paulo Monteiro? Ou está apenas de passagem?

O futuro é grande mistério e o povo está desconfiado de que ele traz a forma abstrata do segredo. Mas, qual segredo? Os enredos mágicos? Estranhos costumes? Ele povoa o imaginário das pessoas ao não se desvendar.

Pedro Du Bois, no livro *Incerteza da Vida*, mostra sua visão, “Sou estrangeiro / estranho personagem / vindo de remotos cantos // não trago palavras conhecidas / nem louvo os feitos históricos / faço desconhecidas as glórias/ e abstraio os mitos e deuses // não me reconhecem na igualdade/as mãos são recolhidas /sorrisos fechados/ cerradas as portas// sou estrangeiro com desconfiança...//não trouxe palavras de alento / nem a rima a métrica e o motivo.”

Vejo que o forasteiro encara a vida onde carrega a sua fome e, dentro da mochila, traz a história e a desconfiança. Passa para as pessoas, entre tantos, o medo para com o estrangeiro, levando-as a esquecer dos gestos de igualdade, porque não o acolhem. Sentem-se invadidas em seus espaços. Procuram explicar-se pelos difíceis caminhos da incompreensão, marcados pela sinceridade com que demonstram serem incapazes de perceber o estranho em si mesmas. Nada lhes escapa: o modo de vestir, de andar, a cor dos olhos, o comprimento do cabelo, o cheiro, a sujeira e a falta do nome. O forasteiro alterna os tempos das passagens na revelação do segredo: a verdade aos olhos da incerteza, onde as memórias se confundem como n’O Forasteiro de Waldir Ayala, com ilustração de Siron Franco (Coleção Arte para Criança).

Esse mundo feito de palavras e cenas que se transforma pela qualidade da prosa e poesia, o forasteiro é alguém que subitamente chega a um lugar sem voz e espalha sua imagem com seu estilo, reivindicando espaço como personagem e buscando algo ainda diferente numa sociedade que “pensa” se tornar cada vez mais igual.

Nas palavras de Ailton Maciel, “Numa noite calma de algidez cortante,/de téticas visagens a vagar,/passava assobiando um viandante/entre insetos noctívolos a voar!// De repente... parou por um instante/e, tácito, ficou a meditar:/Pra onde irei em passo ofegante,/se não tenho um casebre onde pousar!?!//Pra onde irei? todos me querem um dia,/depois me deixam sem pousadia,/à procura de um lar sempre a errar?!// ...E saiu a correr o viajar./ O seu nome reluzente era o amor,/meu coração, coitado, era o seu lar.”

Título : O HOMEM QUE COLECIONA VERBOS

Categoria: Crônicas

Descrição: Episódio curioso, nas tramoias da vida a dor tece o sorriso piedoso, a nebulosidade polêmica...

O homem coleciona os verbos ter, vencer, destruir, enriquecer, gastar, exibir e mentir, para garantir seus investimentos e viver a sua história intensamente. Mas, a vida dá reviravoltas e, em determinado momento, ele sente a necessidade de alcançar novos verbos: dividir, multiplicar investir, respeitar, assistir e reconstruir para chegar ao seu objetivo.

Não satisfeito com o resultado, passa a procurar os verbos esconder, falsificar, esnobar e viajar, para completar sua coleção.

O que ele não sabe é que a vida dá respostas sem se preocupar com a nossa natureza, de maneira crua e feroz, como as pandemias.

Com a chegada do Covid19, ele se vê fechado em si e começa a revelar com más intenções as suas ideias e ideais; chega à conclusão de que, mais do que nunca, necessita conjugar os verbos: mudar, arrepender, conciliar, recriar, esperar, compreender, ajudar e amar, para conviver em paz.

Como sempre, sabemos que cada um faz as suas escolhas de como viver neste mundo complicado e corrido e agora sofrido.

Penso como é triste viver sem a companhia de Tom Jobim e Dominginhos. Bom é ter Chico Buarque traduzindo as angústias e as alegrias do nosso cotidiano em Cálice e Feijoada Completa. Encantador é saber que Nelson Cavaquinho conquistou o seu direito de sonhar. Prazeroso é ouvir Tim Maia cantar Primavera e, Nara Leão, Liberdade Liberdade, de João do Vale e Augusto Boal.

O homem cria os sonhos e deles gostaria de viver, então, cria condições para aumentar a sua coleção com os verbos: amar, evoluir, reconhecer e ter o prazer de considerar a vida como fruto do seu desempenho.

Data : 10/02/2019

Título : O JOGO instantânea fascinação

Categoria: Crônicas

Encontro em Pedro Du Bois que, “Quando menos esperamos os jogos traduzem em sortes. Ou azares. Por isso, somos tentados a acreditar, suspendendo a hora, até que a

nossa (ir)realidade se faça aparente e nos conforte”. A vida se revela como expressa Du Bois. Cada vez mais em longas jogadas buscamos na sorte o sonho.

Jogar é assunto que desperta expectativas, sobre as quais seria bom que houvesse respostas reais. Certas perguntas martelam a minha cabeça, como, por exemplo: qual o mistério que leva a pessoa a jogar? Quais são os jogos de “guerra” urbana e social? Qual verdade sobre o jogo é real ou manipulada? Quantos tipos de jogos são diariamente transmitidos pela ganância e arrogância? Que tipo de jogo leva à diversão? Quando o jogador perde, onde fica o vício?

O vício faz com que o jogador responda o que as pessoas querem ouvir, para aceitar sua posição. Nem comentários e argumentos conseguem diminuir a fascinação pelo jogo (com que sustenta o olhar na hora da jogada). O jogador pensa no jogo e sente-se dominado por instantânea fascinação; angústia e realização, repressão e estremecimento ante o adversário, até ultrapassar o ponto em que o sonho se desfaz. Iludido, joga para ganhar. Perdas e conquistas são tratadas como instantes de sobrevivência; distorce a verdade para se valer da oportunidade de apostar em dias sem resultado. Pedro Du Bois, no livro *A Hora Suspensa*, pergunta, “... há alarme para corações / amores e apostas?...”

O tempo é indispensável para perceber que em cada jogada esquece o peso do relógio, pois, acredita apenas na engrenagem da hora soando em sua cabeça, isto é, o jogador se perde pelo instante da fascinação. Como revela Pedro Du Bois, “Aposta / o futuro / na roleta // perde o presente // aposta / a vida / em jogatinas // perde o que tem”.

O instante da fascinação é o que deixa o jogador com a história presa na garganta. Nem tudo que diz é verdade, traído pela voz que o surpreende no retificar a aposta; esconde-se na arrogância e entrega-se à ganância como vício. Terá o apostador consciência de que a sorte ri da sua aflição? Ou que a sorte é nuvem passageira? Para Hermes Aquino, “Eu sou nuvem passageira / Que com o vento se vai / Eu sou como um cristal bonito/ Que se quebra quando cai...”.

Data : 04/12/2018

Título : O Lado de LÁ...

Categoria: Crônicas

Descrição: Na cidade o mar está do lado de lá. No rio a ponte está do lado de lá.

O Lado de LÁ...

por Tânia Du Bois

“... Somos o infinito / de vez em quando revelado / nesses rasgos / da alma / nessas agonias / quando o espírito espreita / do lado de lá / e já / não lhe basta mais o dia / a monotonia / do seu estado atual. // Quer navegar!”.

(Júlio Perez)

Na cidade o mar está do lado de lá. No rio a ponte está do lado de lá. No caminho há desenhos geométricos que me levam para o lado de lá. Na floresta o espaço infinito do mundo é do lado de lá das coisas. Carlos Job diz, “... Esta terra encantada, também sofreu seu revés. Os sábios, ainda hoje, discutem de quem é a culpa. Se dos moradores do além da floresta ou dos do lado de cá...” Na escultura o lado do sonho é o lado de lá. No quarto, pelo buraco na parede, entra o sol do lado de lá e mostra o seu reflexo. Na imagem do homem o mundo está do lado de lá. No céu azul aparece a garça branca do lado de lá e, no lado de cá, Uma Garça no Asfalto, de Cláudio Arcanjo. A grade não prende, porque há espaço do lado de lá. Meu pensamento passa do lado de lá como se fosse objeto do mundo, que empilha vazios como empilha nuvens do lado de cá.

Será que existe diferença no lado de lá entre ver e olhar?

O lado de lá fica marcado por que desemboca num só lugar – na imaginação. E, quando somos as descobertas, chegam iniciativas em diversos ângulos do fim da ilusão e da libertação; o reconhecimento das prioridades e os dilemas na administração do tempo. Vejo o lado controverso que envolve culpas e vitórias. Também, articulo interesses contraditórios: o lado de lá e o lado de cá como fronteiras entre o setor pessoal e profissional. Adiciono isso ao fato de que a vida é dinâmica e me considero apta para desejos e limites. Mas, só com o (auto)conhecimento é que compreendo o lado de lá... Como demonstra Helena Rotta de Camargo, “Canto e gemido; sorriso e lágrima; dinamismo e apatia; aconchego e solidão: eis a cara da realidade”.

O palco da vida apresenta dois lados: o da desigualdade e o lado de lá, o das mulheres e o lado de lá, o futebol e o lado de lá. Eu assisto sempre do lado de lá... Como se seguisse o caminho natural para descobrir que é possível determinar a minha necessidade e a paz para melhor viver. O fato é que na vida encontro o outro lado. É como inspirar e expirar nas reações do corpo.

O lado de lá existe, mas, exige concentração para a vista alcançar o outro lado e investir nos sonhos. Ainda em Helena Rotta de Camargo, “Da outra margem do tempo, a velhice observa a correnteza, que vai levando, de roldão, as últimas gotas da juventude que se exauriu”.

Data : 22/08/2019

Título : O LIVRO (NÃO ABARCA O MUNDO)

Categoria: Crônicas

O livro carrega vozes e fragilidades; evoca sombras e atravessa caminhos enquanto reverte o silêncio; corta e pulsa o tempo presente.

Acredito que o livro intensifica o diálogo ao percebermos com clareza que as palavras são limitadas e, por vezes, não abarcam o mundo como forma de expressão.

O estilo e o gênero literário revelam o tempo de crise em que vivemos, pois, as palavras movimentam o mundo com alarde. Para Vera Lúcia de Oliveira, “as palavras tombadas / na folha são / pingos de chuva //... pingos amanhecidos // enxurrada de imagens / represa de sonhos raivas coisas e / tumulto...”.

São consequências da crise os diversos formatos para confabular através do livro, que espio para ver nas folhas as palavras que podem cair como ramos, porque rabiscam formas de lucidez, verdades e mentiras marcando a partida, os vícios e a criação, fosse o espinho rasgando as palavras. Vera Lúcia revela, “... a dor só gosta do presente / do verbo / rasgar...”.

Há palavras expressadas no livro que dizem respeito à dor, às asas das borboletas, à escritura do nome e à falsidade que, aos poucos, se transformam em amanheceres mais dificultosos, como se vivêssemos tempos sem identidade própria. As palavras ciosas acontecem de acordo com o que vivemos – nos olho de quem vê – e, quem hoje vê, sente o excesso de linguagem no romper a história mal contada e na experimentação, como perspectiva de atos em que o livro não abarca o mundo.

Data : 24/12/2020

Título : O NATAL

Categoria: Crônicas

Descrição: Quantas vezes o Natal nos inspira e nos une em sorrisos, ...

Quantas vezes o Natal nos inspira e nos une em sorrisos, brilhos e perfumes, que nos envolvem com amor ao compartilharmos a alegria de seus significados. O abraço pela passagem da data e o reencontro com quem convivemos; vontade para dizer aquilo que não temos tempo no cotidiano; a brincadeira do amigo secreto: verdades com dicas em que sobressai o nosso melhor. Nas palavras de Apparício Silva Rillo, “Eis que é dezembro, Ernesto! // Ontem, / Natal: a breve ceia, /o naco de pão doce, / a oração de graças recitada / e a lembrança – cálido brinquedo...”.

Buscamos o equilíbrio que precisamos, para seguir admirando as cores ao saber como misturar os tons natalinos que se apresenta, por vezes triste e, em outros momentos emocionante. É com força de vontade que percebemos os percalços na comemoração e descobrimos a vida como retrata Pedro Du Bois, “As luzes que se vão /

acendendo na cidade para / o Natal não podem / substituir a luz do amor / que deve iluminar o nosso relacionamento”.

O espírito natalino nos leva a revelar o que de bom temos, quando comparados aos arranjos de cores vibrantes, dourados e prateados, dando brilho à companhia e valor ao carinho; quando cogitamos conviver com nossas conquistas na inspiração e diversidade de misturar os desejos ao nos reencontrar para celebrar a vida. Para Elita Treviso, “Fazei-nos compreender / A cor e o sabor das palavras / Largadas ao vento...”.

Por que precisamos nos ancorar em datas para confraternizar o amor? Presenteamos um ao outro somente, para nos lembrar dos laços? Pedro Du Bois revela, “Diante das caixas de presentes / seu sorriso encantador. // Sobre suas mãos / minhas mãos. // É Natal / não estamos sós”.

Os dias passam e o tempo é curto quando se apresentam as tarefas diárias. Mas, não podemos esquecer que todo dia é dia de poesia; que o espírito natalino vale para todo o ano e que a vida deve ser comemorada com a vida.

Data : 18/12/2017

Título : O NATAL e sua MAGIA...

Categoria: Crônicas

Descrição: Vivemos da magia. A magia do Natal está nas palavras que iluminam os nossos corações,...

Vivemos da magia. A magia do Natal está nas palavras que iluminam os nossos corações, assim como a magia da vida se encontra no poeta, porque ele é o representante do sentimento do mundo e nos leva à admiração simbólica da nossa presença no Natal. Também, une a tradição natalina aos seus conhecimentos literários, expressando o sentido da exaltação, transformando o Natal em momento mágico e feliz.

Mario Quintana: “Cantemos a canção da vida / na própria luz consumida...”.

Leopoldo Scherner: “Ando a procura da luz / como quem procura um nascimento:

/ um vão / uma fresta / o mundo” .

Pedro Du Bois: “... O homem / ilumina / o homem / próximo...”.

Armindo Trevisan: “... Na luz imaginada / de um infinito amor...”.

Os poetas mostram através das palavras que o homem pode exprimir seus ideais: comunica-se, liberta-se e reinventa o novo ao se despedir do ano velho. A chegada do ano novo é o transformar em renovação, enredar-se nas palavras para ir além do encontro com os amigos e os familiares, porque as palavras representam os sonhos e fazem a magia da noite.



É importante o “eco” das festas, pois contrasta a superação do ano velho na presença simbólica do novo. A partir dessa perspectiva, transversalizo a multiplicidade dos olhares poéticos que nos estimulam nas festas comemorativas e, ainda, cultivam a sensibilidade na criação e na recriação de imagens em palavras com múltiplas nuances, onde “a poesia sim, se verte à prosa da vida”, no dizer de Fernando Paixão;

Lindolfo Bel: “Existe em nós não o ano novo / mas // o renascido...”;

João Cabral Melo Neto: “O amor minha paz e minha guerra. Meu dia e minha noite.  
Meu inverno e meu verão...”;

Pedro Du Bois: “... a luz denuncia.../ amizade, ternura, amor.../ palavras/ sinais  
multiplicados de entendimentos / avisos luminosos da nossa  
esperança.”;

Benedito Cesar Silva: “... A esperança lançada / visto que o desejado / encontra-se  
dentro da própria alma”.

A renovação é esse encontro na recondução dos sentidos, para o que é visto todos os dias, ao utilizarmos os recursos dos versos na construção de poemas que saúdam as mudanças: poema e liberdade; ano novo e poesia. Buscamos a visão do belo que nos permite direcionar para uma vida alegre em sintonia com as perspectivas do novo ano, despertando o desejo de olhar o mundo com admiração ao desvendar o sentido da vida e transformar o Natal em felicidade e magia.

Data : 29/06/2016

Título : o OBJETO

Categoria: Crônicas

Descrição: De cada cidade que visito sempre trago uma lembrança, um objeto...

“O objeto // Mudará o objeto? //... Que outros objetos / Guardarão lembranças.../  
Do tempo afeito / A novas mudanças?” (Antônio Olinto)

De cada cidade que visito sempre trago uma lembrança, um objeto para me reportar ao lugar por onde passei. Ao olhar para ele percebo o lugar e registro o nome e a história. São momentos para ter inspirações e sentir novas sensações, sem limites. Costumo dizer que a escolha do objeto vem ao encontro da minha essência, como se fosse um retorno às origens. Dentro desse espírito, o valor simbólico do objeto é a ilusão da vida. Nas palavras de Pedro Du Bois, “... humanizamos as coisas e os objetos, até que eles se confundam conosco e nos integrem em seus novos mundos...”

Para viver bem, redescubro o livro como valor do objeto, que traz a viagem para dentro de casa com mistério onde vou descobrindo os segredos de cada lugar. Nova experiência que faz intercâmbio com a literatura, permitindo-me mergulhar em um mundo de novas possibilidades e aventuras. Hoje, as cenas da minha vida se passam através das obras que encontrei: Os Objetos Difíceis de Alexandre Rodrigo da Costa, "... Os objetos continuam / a eleger/a dor/mais improvável..."; Os Objetos e as Coisas de Pedro Du Bois; Objetos Inquietantes de Nicolau Saião, "As coisas multiplicam-se / muito mais que as pessoas. Só elas / possuem o segredo.../ as coisas repousam / ou subitamente iluminadas / gritam e falam-nos com movimentos..." E, em Antônio Olinto, com o poema, Deus Mora no Objeto, "O objeto existe. / Existe e marca existência no espaço. //... O objeto, visto por todos, mostra sua pureza do ser. // ...O mundo flui e reflui, deles e para eles, objetos e homens. //...Nesse movimento de posse e de amor, o homem começa a colecionar objetos / Surge, então, entre o homem e cada objeto colecionado, um novo relacionamento..." Tais obras simbolizam característica única, verdadeiramente especial; minha escolha no momento da aquisição, com que marcam a ocasião.

O objeto não se esgota na compra e fica cada vez mais próximo de mim; vira parceiro e companheiro, porque na minha solidão falo com ele e o conservo para vê-lo no amanhã. O que poucos imaginam é que o objeto traz consigo minha carga emocional vivida nos passeios. De certa forma renova o meu coração e, ainda, me possibilita viver com as lembranças. Tenho uma condição, como escrevi certa vez, Pedro convive com as pequenas coisas, sem precisar se transformar em objeto. Essa a condição, devo buscar nos objetos apenas a identificação como tradução da minha vida.

Data : 07/11/2014

Título : O poder da LICENÇA POÉTICA

Categoria: Crônicas

Descrição: O ponto de partida é o mesmo, tudo influencia o escritor a se inspirar e, assim, muitas vezes, usa da licença poética como recurso...

"quem sabe quanto é estranho / riscar em linguagem //  
um amor que se quer significa: / apenas é, age?..."  
(Alberto Martins)

O ponto de partida é o mesmo, tudo influencia o escritor a se inspirar e, assim, muitas vezes, usa da licença poética como recurso, assim em Benedito Cesar Silva: “Da métrica refeita, / Da rima imperfeita / Um bom papo com os amigos”.

Licença poética nada mais é do que “a liberdade que toma o poeta, às vezes, de desprezar as normas da gramática para sacrificar a versificação”. Na literatura é utilizada como “adorno”, dando poder à palavra e significado à expressão, pois, nenhum escritor pode realizar seu potencial, sem ser livre.

João Carlos Meireles Filho teve os olhos voltados para a sua obra Licença Poética – com ilustração de Arcângelo Ianelli – onde expõe nos poemas o seu pensamento em perspectivas que priorizam o momento em estilos diferentes, “... Um dia tanto escreveu / que uma árvore ali nascera. / Um pássaro fez um ninho / e um peixe um rego”.

A diversidade beneficia o leitor levando-o a conhecer e discutir o significante poder na licença poética, e a trabalhar com questões do gênero, que cada um persiste num ponto misterioso como em Pedro Du Bois, no livro Palavras Desenhadas: “Os olhos dizem / o que as palavras calam // os olhos / seguem o corpo / em retirada; a boca / balbucia / palavras / desconexas”; com a capa ilustrada por Eduardo Barbossa.

Desejamos poder maior que o contido na licença poética? Ela trata a palavra no seu momento mais inspirado, no inteligente jogo entre significado e significante. Cada leitor sente o poder da palavra, e magicamente vivencia as emoções. Para Miguel Sanches Neto, “cada escritor cria seu dicionário próprio, apresenta-nos seu universo poético-ficcional”.

É possível transformar a palavra, basta acreditar na inspiração e buscar o lado poético da vida. Palavras são destinadas ao dia a dia e o escritor (principalmente o poeta) de alguma maneira as converte em algo mágico, levando o leitor a despertar para a vida na certeza de mudar a sua rotina, como em João Carlos Meireles Filho, “... Poesias vão se juntando / num ninho de barro e água / restos de folha /estórias pra se contar / onde nada está errado...”.

A licença poética cria a realidade até então inexistente, o que significa buscar o entendimento e manter o poder de nos tornarmos eternos através da admiração e paixão, que a poesia trabalha em seu estado de nomeação do mundo. Tenho convicção de que sentimos a beleza do poema antes de pensarmos a linguagem como sentida. Somos protagonistas das nossas histórias e a licença poética existe para traduzir a imaginação.

Enquanto houver licença poética em movimento na literatura ela será lida e ouvida, sobrevivendo como arte para todos, como expressado por Meireles Filho, “E eu termino aqui / o que não tem começo, / o que se faz em migalhas / para trespassar as grades / e fundir-se no ar / em forma de esperança...”.

Data : 30/03/2015

Título : O PODER DOS CINQUENTA

Categoria: Crônicas

Descrição: A história e a inspiração dão significado à tradução dos instantes, em números: aniversário, nascimento e morte.

“Tornamos os números a invenção soberana da soberba...” (Pedro Du Bois)

A história e a inspiração dão significado à tradução dos instantes, em números: aniversário, nascimento e morte.

Reconto em números a minha trajetória: datas questionam onde a vida se multiplica e divide o sentido simbólico aprisionado em números, que refletem o tempo na contagem dos dias ao reter na memória a história.

Incontáveis sonhos são a janela da alma, onde encontro riquezas culturais com suas diferenças nas histórias (in)comuns.

Números são importantes para ordenar, classificar e quantificar os fatos através das lembranças. Os cinquenta anos de casados, por exemplo, marcam o amor que envolve a arte da convivência e as inúmeras alegrias vividas. Ao deixar me consumir pelos cinquenta anos, o espírito guarda o frescor e a liberdade em ritmos repetidos ao som do começo, como retrata Pedro Du Bois, “festa de quinze anos / bodas de prata / aposentadoria // presentes da vida interior”.

Particularmente, gosto do número cinquenta, porque é marco mágico e simpático. Ele vem a ser, probabilisticamente, a metade do todo, em função dos fatos contabilizados: a vida, o dia ensolarado, o amor, o jogo do nada, o preço a pagar e a receber, os volumes da obra literária, o sorriso da criança e a arte de voltar a ter esperança. Manuel Bandeira, ao completar 50 anos, apresentou sua obra *Lira dos cinquent’anos* (1944).

Através do número cinquenta posso ir além até encontrar na literatura as histórias fantásticas, intrigantes e instigantes, como em Rubem Braga, no livro *50 Crônicas Escolhidas*; considerado um dos maiores cronistas brasileiro, mostra suas ideias políticas, cotidianas e poéticas, definindo sua face de homem e escritor como “uma identificação da alma”.

Outra obra é a do escritor W. J. Solha; ensaios, resenhas e artigos que descrevem a arte dos escritores de maneira instigante e atraente, em *Sobre 50 Livros Que Eu Gostaria de Ter Assinado*. Leva o leitor a sonhar com profundidade filosófica, pois, reflete a busca pela descoberta de novos autores e a referenciar seus valores. Solha desvela que a verdade precisa ser lida, vivenciada e vista; por isso, sua apreciação de 50 livros. A obra atinge a necessidade do inconsciente coletivo, qualidade versus literatura, ao retratar personagens complexos e fascinantes, com fôlego criativo e narrativo. Ele também conduz o leitor a pensar, aprender e a se surpreender com seu talento na arte de escrever.

Encontro em Jorge Xerxes a literatura despojada que revela vários aspectos da vida humana em seu livro *As Cinquentas Primeiras Criaturas*; são poemas, crônicas e contos. *Criaturas*, por que trata do descabro e da queda da humanidade, manifestados de maneira incomum, mas com arte, sensibilidade e criatividade. E, Sueli G. Frosi, no ensaio *Cinquenta Tons de Alguma Coisa*, descreve o ponto de vista da vida sexual.

Busco nos números a iluminação como guia de orientação sobre a ascensão. Mais do que interpretar a vida, revelo o poder dos cinquenta, como reflexão sobre escolhas e

sentimentos. O poder dos cinquenta representa os fios da verdade na qual a metade é desenrolada pela vida que ainda está por ser vivida. O poeta Pedro Du Bois questiona, “Quantos cinquenta anos / precisarão ter / enquanto / as mães / os olham como crianças?”

Data : 27/11/2014

Título : O poder dos CINQUENTA...

Categoria: Crônicas

Descrição: A história e a inspiração são o que dão significado à tradução dos instantes, em números: aniversário, nascimento e morte.

“Tornamos os números a invenção soberana da soberba...” (Pedro Du Bois)

A história e a inspiração são o que dão significado à tradução dos instantes, em números: aniversário, nascimento e morte.

Reconto em números nossa trajetória: datas são questionamentos onde a vida se multiplica e divide o sentido simbólico aprisionado em números, que refletem o tempo na contagem dos dias ao reter na memória a história.

Incontáveis sonhos são a janela da alma, onde encontro riquezas culturais com suas diferenças nas histórias (in)comuns.

Números são importantes para ordenar, classificar e quantificar os fatos através das lembranças. Os cinquenta anos de casados, por exemplo, marcam o amor que envolve a arte da convivência e as inúmeras alegrias vividas. Ao deixar me consumir pelos cinquenta anos, o espírito guarda o frescor a liberdade em ritmos repetidos ao som do começo, como retrata Pedro Du Bois, “festa de quinze anos / bodas de prata / aposentadoria // presentes da vida interior”.

Particularmente, gosto do número cinquenta, porque é um marco mágico e simpático. Ele vem a ser, probabilisticamente, a metade do todo, em função dos fatos contabilizados: a vida, o dia ensolarado, o amor, o jogo do nada, o preço a pagar e a receber, os volumes da obra literária, o sorriso da criança e a arte de voltar a ter esperança. Manuel Bandeira, ao completar 50 anos, apresentou sua obra Lira dos cinquent’anos (1944).

Por meio do número cinquenta, posso ir além, até encontrar na literatura as histórias fantásticas, intrigantes e instigantes, como em Rubem Braga, no livro 50 Crônicas Escolhidas. Considerado um dos maiores cronistas brasileiro, mostra suas

ideias políticas, cotidianas e poéticas, definindo sua face de homem e escritor como “uma identificação da alma”.

Outra obra é a do escritor W. J. Solha; ensaios, resenhas e artigos que descrevem a arte dos escritores de maneira instigante e atraente: Sobre 50 Livros Que Eu Gostaria de Ter Assinado. Leva o leitor a voltar a sonhar com profundidade filosófica, pois reflete a busca pela descoberta de novos autores e o referenciar de seus valores. Solha desvela que a verdade precisa ser lida, vivenciada e vista; por isso, sua apreciação de 50 livros. A obra atinge a necessidade do inconsciente coletivo, qualidade versus literatura, ao retratar personagens complexos e fascinantes, com fôlego criativo e narrativo. Ele também conduz o leitor a pensar, aprender e a se surpreender com seu talento na arte de escrever.

Encontro em Jorge Xerxes a literatura despojada que revela vários aspectos da vida humana em seu livro As Cinquentas Primeiras Criaturas; são poemas, crônicas e contos. Criaturas, porque trata do descalabro e da queda da humanidade, manifestados de maneira incomum, mas com arte, sensibilidade e criatividade.

Busco nos números a iluminação como guia de orientação sobre a ascensão. Mais do que interpretar a vida, revelo o poder dos cinquenta, como reflexão sobre escolhas e sentimentos. O poder dos cinquenta representa os fios da verdade na qual a metade é desenrolada pela vida que ainda está por ser vivida. O poeta Pedro Du Bois questiona, “Quantos cinquenta anos / precisarão ter / enquanto / as mãos / os olham como crianças?”

Data : 30/03/2015

Título : O PREVISTO E O IMPREVISTO

Categoria: Crônicas

Descrição: Sinto o frescor do mar no imprevisto e a energia solar prevista na fórmula da vida. Faço as travessias para que o dia com menos imprevistos seja de conquistas.

Sinto o frescor do mar no imprevisto e a energia solar prevista na fórmula da vida. Faço as travessias para que o dia com menos imprevistos seja de conquistas. Segundo Mario Quintana, “Previsto, despertar e ficar um momento de olhos fechados sabendo que existe a luz... Quanto ao imprevisto... deves tu mesmo procurá-los na memória”.

O encanto pela vida gira em torno do previsto e do imprevisto; com eles determino o ritmo e diferencio os momentos. Mesmo nas horas previstas e corriqueiras do dia a dia o imprevisto se apresenta. Maria Helena Latini descreve, “O sonho / o baque / a brevidade // O relâmpago assustador / entre o isto e aquilo”; e Cecília Meireles desenha as palavras do (im)previsto no livro “Isto ou Aquilo”.

Vejo com curiosidade que o escritor convive com o imprevisto ao tornar inevitável as suas palavras; prevejo a literatura em minha vida como algo que respiro, para quebrar o

silêncio e fugir da solidão. Gracia Levine retrata, “Vida curta, / vida longa. / Qual deve ser o comprimento de uma vida? / O de um barbante? / Ou de uma fita métrica?”.

Enfrentar o imprevisto é exercício para quem deseja viver em processo contínuo e evolutivo, que o pensamento reflete a nossa forma de ser. Como o céu e o mar são linhas inseparáveis da paisagem, a mente desenha pensamentos e o corpo conquista o mundo. O aberto e o fechado são medidas imprevistas, que abrem ou fecham o caminho. O bem e o mal são imprevistos em que o mundo se desdobra em recomeços. Superar o imprevisto é acreditar na projeção para dar atenção à emoção ao manter a mente aberta para escutar a intuição e perceber aquilo que une, em vez de salientar o que separa. Como em Rubéns R. Torres Filho, “Corre o verso pelo inverso / e o delírio pelo lírio / na lírica do extravio...”

Viver na previsibilidade é controlar o entusiasmo pelo desejo de se comprometer com a integridade da escolha e estar ciente que os atos têm consequências e que há retornos ao serem executados. A vida não exige que se renuncie aos seus encantos, ao contrário, permite buscar força vital e criativa para se confrontar com o verdadeiro e identificar o falso, para sustentar o que é insustentável: o imprevisto.

Em cada passo da jornada mostro a importância em desafiar a mim mesma sem desperdiçar a chance do previsto. O que faço? Respiro fundo e sinto o sol. Saio de cena para me reencontrar no tempo. Rodrigo Petrônio demonstra, “... Muitos e muitos eus se despregam de minhas dobras. / Quanto mais queira me achar mais e mais me perco no esmo. / Só na entrega irrestrita a liberdade gera obras. / A flor congela no espelho e o ser é igual a si mesmo”. Ao expressar a liberdade estou me permitindo abrir espaço no coração, para que o imprevisto faça parte da vida. Mas, na obtenção de resultados ajo de modo diferente, quanto mais criativa, mais redefino o objetivo para alcançar o previsto e enfrentar o imprevisto. Como mostra Adriano Nunes, “... Quem se importa / Explorar-se / Contorcer-se / Constrói-se / À porta / Do sonho / Declama o / Instante / Distante / Distrai-se / Que susto...”.

Os encantos na vida são truques para me manter presa na visibilidade trazida por ela, onde posso criar e recriar diante do previsto e do imprevisto, em sintonia com os meus sentimentos e com os passos que cada momento pede. Nas palavras de Domingo Pellegrini, “... E na porta do impossível / espiona o imprevisto // mas a coincidência ri / descobrindo por acaso que / viver é grandioso e é só isto”.

Data : 25/11/2012

Título : O QUE FAZ VOCÊ FELIZ?

Categoria: Crônicas

Descrição: Felicidade é o sentido que trata do estado de espírito ? alegria. Ela deve se irradiar por todos os lados, para todos os cantos, em todos os momentos da nossa vida. ?O sorriso está escasso / nessa tal modernidade, / é preciso dar um passo / e mudar essa verdade.? (Eliana R. Jimenez)

Felicidade é o sentido que trata do estado de espírito – alegria. Ela deve se irradiar por todos os lados, para todos os cantos, em todos os momentos da nossa vida.

“O sorriso está escasso / nessa tal modernidade, / é preciso dar um passo / e mudar essa verdade.” (Eliana R. Jimenez)

É verdade, precisamos lembrar que muitas vezes não damos valor à alegria, talvez, porque pensemos ter coisas mais sérias para fazer, do que simplesmente abrir uma janela para sermos felizes.

“Um sorriso aquele dia / Era tudo que eu precisava. / Era tudo que eu queria, / Era tudo que eu sonhava.” (Mafalda N. Góes)

Também, sabemos que existe “aquele dia”, e que alguns lugares tendem a nos entristecer. O que não podemos esquecer é que a alegria é parte da filosofia da vida, é melhor sentirmos a alegria do que a tristeza, até porque, tentar ser e fazer alguém feliz é a mais prazerosa sensação existente. Acredito que as pessoas podem “passar adiante” esse espírito de alegria e, assim, enfrentar melhor as tristezas.

“Aquele belo sorriso / impossível não olhar, / sei agora o que preciso: / é só parar de chorar.” (Lucas Barbosa)

Isso não significa que uma pessoa alegre não tenha problemas, mas, talvez a alegria a ajude a se recuperar mais rápido. Como disse Nietzsche: “O que não me mata, só me fortalece.”

“O sorriso moldura o rosto / mostra o que a pessoa tem, / ele está sempre disposto / a escutar quem perto vem.” (Tamara Kaufmann)

O que realmente deveria fazer você feliz é tratar a alegria como se fosse algo superior, pois, no nosso mundo, ela pode nos unir, tornando os nossos dias em momentos felizes.

“O teu sorriso menina, / entusiasma o meu viver. / Meu coração desatina / meu juízo põe a perder”. (Ivo Gomes de Oliveira)

Basta sorrir e lembrar, hoje e sempre, das palavras de Fernando Pessoa: “Tudo vale a pena se a alma não é pequena”.



Data : 25/04/2017

Título : O QUE FAZER?

Categoria: Crônicas

Descrição: O que fazer quando somos invadidos por e-mails indesejados?

O que fazer quando somos invadidos por e-mails indesejados? Bloqueamos e esperamos que não se repitam, pois, além de indesejados são constrangedores e, ainda, chegam com desconhecida maluquice e insistência. Não receber esse tipo de mensagem é o que realmente importa. Como em Roberto e Erasmo Carlos, "... esse sol que queima o meu rosto neste resto de esperança // ... Preciso acabar logo com isto..."

Através da internet nos relacionamos com o mundo. Eu, somente na área literária e cultural. Confesso que ainda me surpreendo com casos como dessa mulher, que se diz "presidente de uma academia de letras"; não se trata de pessoa sem cultura, mas, do pior estilo: a que assedia. O que não entendo é o seu discurso diário em que se declara sem (re)conhecer o destinatário. Para Hilda Hilst, "Não haverá um equívoco em tudo isto? / O que será em verdade a transparência / se a matéria que vê, é opacidade?..."

Esse tipo de invasão traz aborrecimentos para o meu dia. No momento em que abro os emails, canso de suas palavras vazias; novamente tento me prevenir e a bloqueio. Nada resolvido! Lindolf Bell expressa, "Muito aprendi / da palavra engolida em seco. / e da palavra abatida / por palavras de equívoco / e sutis alvenarias de cinismo..."

O que fazer se as mensagens continuam e extrapolam a realidade da criatura, na ficção além de sua imaginação? Hilda Hilst ressalta, "... Como os humanos temem suas trevas! / Como temeis em vós a criatura!..."

Na esperança de que possa terminar com esse tipo de invasão, bloqueio novamente o seu "endereço", novamente e novamente e, mesmo assim, suas mensagens continuam a chegar, insistentemente, para a minha inquietação.

Que fazer? A questão contracenava com o bom senso e a responsabilidade do provedor do meu endereço virtual: se bloquear é vedar, por que não funciona definitivamente? Sinto na pele a tradução literal da expressão "invasão de privacidade".

O que mais posso fazer?

Data : 25/04/2017

Título : O QUE FAZER? (II)

Categoria: Crônicas

Descrição: Lamento não saber dizer, exatamente, o que estou passando, por não saber o que fazer em tal situação. Sei que o vaso está sem flores.

Lamento não saber dizer, exatamente, o que estou passando, por não saber o que fazer em tal situação. Sei que o vaso está sem flores. As vozes estão alteradas. As frases são repetitivas, sem início e fim. A dúvida é entender o que fazem no escuro num dia de Sol. O que fazem com as horas se o pêndulo do relógio está parado? O que fazem se o telefone desperta e ninguém atende? Por que perguntam se não há respostas? Por que estão com a arma na mão? Juan Gelman questiona, “este caminho / é só para mim? / esta paixão? / esta faca? /... estes cravos que cravam / são para mim?...”.

Estou presa às emoções do momento. Não posso enfatizar as minhas indagações, porque não sei qual atitude tomar; não conheço os fatos e continuo ouvindo os gritos.

Diante da situação me encontro sem saber o que fazer, torno-me ansiosa e em agonia. Preciso olhar para os cravos do jardim que colorem a paisagem. Redesenham o quadro dos anos dourados; calmas estruturas entremeadas nos dias que se resumem na constatação de que, sem seus perfumes, reproduzem a tristeza como desenho preconcebido. Nas palavras de Juan Gelman, “... como viver tantos resplendores? / tanto deleite / medo / de ter-te/ perder-te / por que às vezes ris / outras choras?...”.

Sento-me ao redor dos cravos, em sossego, entre canteiros simétricos como a vida; no entanto, observo situações lamentáveis de dor; ao mesmo tempo, escuto a música de Chico Buarque, Brejo na Cruz, como ponto assimétrico onde “as crianças comiam luz”; expressar a minha tristeza nesta situação é fazer vaga a realidade.

A precariedade do presente se revela na situação emocional derramada, na medida em que a voz retrata cenas da vida, fossem nós no peito. Fico diante da pergunta indubitável: o que fazer? Que atitude tomar para que a (in)justiça e a (des)igualdade se transformem em canteiro colorido e perfumado, para que todos desfrutem do jardim? Juan Gelman encaminha a resposta, “... onde posso respirar / o que tenho além de minha fé no amanhã? / meu coração não pensa / sangra em tua luz de ontem...”.

Data : 25/02/2015

Título : O reflexo complexo em si: A LUCIDEZ

Categoria: Crônicas

Descrição: As palavras de Nilto Maciel, “a lucidez possível?”, me faz refletir sobre a lucidez como assunto que vem à baila: algo que se lembra, ...

“Inquietos são os momentos de lucidez / Pacíficas as ameaçadoras loucuras”

(Carmen Presotto)

As palavras de Nilto Maciel, “a lucidez possível”, me faz refletir sobre a lucidez como assunto que vem à baila: algo que se lembra, que se ouve, qualquer coisa que se lê. Pois, nas lembranças, encontro Orides Fontela que poetizou que “A lucidez, alucina”. É claro que o sentimento às vezes se desvia completamente da ideia, como em José Castello, “A lucidez absoluta é uma mentira sinistra: todos vivemos um pouco no escuro. O importante é que cada passo esteja sincronizado com o que se sente. E sentimentos são sempre confusos e imperfeitos.” Personagens delirantes apresentam histórias de lucidez: lúcido em emocionantes momentos de delírios, como em Carlos Higgin, “...Num instante de lucidez, Marcelo passou a raiva, dos ciúmes mastigados e afogados, para a sensação de vitória e, depois, de piedade...”.

No seu livro de poemas, Brevidades, Pedro Du Bois expõe (suas) brevidades, revelando tipos obsessivos, frutos de suas observações sobre a lucidez, o equilíbrio, a natureza e o sentimento, “Permito-me a lucidez: vejo a árvore e os frutos;/ ...A lucidez contém luzes enfeitadas de verdades. / A lucidez é o meu cansaço.”

A lucidez é (ou não) abrir a janela a vários estados de consciência: mergulhar no desconhecido; ter forte lembrança de como fazer a vida; fazer o link com a infância; saber lidar com a loucura; ter vida diferente das nórias. Enfim, a loucura é igual para todos ou seria a lucidez o reflexo complexo em si, algo a ser definido, porque as pessoas têm comportamento mitificado na loucura? Para Michel Foucault, “definir loucura é não saber como se está no mundo.” Não creio que existam loucos com noção do que seja a lucidez. Penso que a lucidez está misturada ao lugar onde tentamos construir os sonhos, como encontro no livro Lucidez Embriagada de Hélio Pellegrino.

Rodrigo de Souza Leão, no livro Há Flores na Pele, fala de loucura. E o Carbono Pautado, também obra de Rodrigo, revela a lucidez em difíceis tempos e revela que “Nós vivemos em tempos esquizofrênicos. Muita gente tem depressão ou síndrome do pânico. É uma sociedade que está doente porque dá valor ao que não se deve: o dinheiro. O ser humano viveria muito mais se parasse com essa babaquice de querer dominar o outro.”

Em Augusta Faro, n'A Friagem, encontro contos que levam o leitor a viajar num mundo de contradições e absurdos. Segundo Stella Leonardos, “o forte do livro é a fatalidade do destino”. Augustinha, como conhecida, faz poesia e prosa em matizes que mesclam o real e o absurdo; o imaginário e o simbólico, arquitetado, direcionado e moldado pela razão, Travessia // Transpassada / trespassada / tripartida / tropeçada / truncada. / Isso lá é vida?”

Data : 30/03/2015

Título : O REFLEXO COMPLEXO EM SI: A LUCIDEZ

Categoria: Crônicas

Descrição: As palavras de Nilto Maciel, “a lucidez possível”, me faz refletir sobre a lucidez como assunto que vem à baila: algo de que se lembra, que se ouve, qualquer coisa que se lê.

“Inquietos são os momentos de lucidez / Pacíficas as ameaçadoras loucuras”. (Carmen Presotto)

As palavras de Nilto Maciel, “a lucidez possível”, me faz refletir sobre a lucidez como assunto que vem à baila: algo de que se lembra, que se ouve, qualquer coisa que se lê. Nas lembranças, encontro Orides Fontela, que poetizou “A lucidez, alucina”. É claro que o sentimento, às vezes, se desvia completamente da ideia, como em José Castello, “A lucidez absoluta é uma mentira sinistra: todos vivemos um pouco no escuro. O importante é que cada passo esteja sincronizado com o que se sente. E sentimentos são sempre confusos e imperfeitos.” Personagens delirantes apresentam histórias de lucidez: lúcido em emocionantes momentos de delírios, como em Carlos Higgie, “...Num instante de lucidez, Marcelo passou a raiva, dos ciúmes mastigados e afogados, para a sensação de vitória e, depois, de piedade...”.

No livro de poemas, Brevidades, Pedro Du Bois expõe (suas) brevidades, revelando tipos obsessivos, frutos de suas observações sobre a lucidez, o equilíbrio, a natureza e o sentimento, “Permito-me a lucidez: vejo a árvore e os frutos; /... A lucidez contém luzes enfeitadas de verdades./A lucidez é o meu cansaço”.

A lucidez é (ou não) abrir a janela a vários estados de consciência: mergulhar no desconhecido; ter forte lembrança de como fazer a vida; fazer o link com a infância; saber lidar com a loucura; ter vida diferente das nórias. Enfim, a loucura é igual para todos ou seria a lucidez o reflexo complexo em si, algo a ser definido, porque as pessoas têm comportamento mitificado na loucura? Para Michel Foucault, “definir loucura é não saber como se está no mundo.”

Não creio que existam loucos com noção do que seja a lucidez. Penso que a lucidez está misturada ao lugar onde tentamos construir os sonhos, como encontro no livro, Lucidez Embriagada, de Hélio Pellegrino.

Rodrigo de Souza Leão, no livro Há Flores na Pele, fala da loucura. E o Carbono Pautado, também obra de Rodrigo, revela a lucidez em difíceis tempos e revela que “Nós vivemos em tempos esquizofrênicos. Muita gente tem depressão ou síndrome do pânico. É uma sociedade que está doente porque dá valor ao que não se deve: o dinheiro. O ser humano viveria muito mais se parasse com essa babaquice de querer dominar o outro”.

Em Augusta Faro, n’A Friagem, encontro contos que levam o leitor a viajar num mundo de contradições e absurdos; segundo Stella Leonardos, “o forte do livro é a fatalidade do destino”. Augustinha, como conhecida, faz poesia e prosa com matizes que mesclam o real e o absurdo; o imaginário e o simbólico, arquitetado, direcionado e moldado pela razão: “Travessia// Transpassada/ trespasada/ tripartida/ tropeçada / truncada. / Isso lá é vida?”.

Data : 30/01/2014

Título : O REFLEXO das VOZES

Categoria: Crônicas

Descrição: Espelho, espelho meu, existe voz que reflita mais do que o Projeto Passo Fundo?

Espelho, espelho meu, existe voz que reflita mais do que o Projeto Passo Fundo?

O reflexo das vozes é o Projeto Passo Fundo; site que faz a diferença por oferecer, entre tantas formas de cultura, a literatura. É contato legítimo com a cultura. Reflete autores, épocas e estilos em diferentes obras. Não se limita em apenas apresentar os escritores, também faz uma explanação refinada, imparcial e absolutamente transformadora ao refletir as vozes dos autores do passado, presente e projetar as do futuro.

Na verdade, o site se apresenta com sucesso: revelador e transformador que ocupa lugar de destaque na cultura. A conquista deve-se à dedicação do Ernesto Pedro Zanette, com seus colaboradores; mas, muito mais ao idealizador do Projeto por ser o suporte na importante divulgação e no reconhecimento dos autores/obras, o que nos transmite a certeza de que podemos continuar produzindo para refletir as ideias e os ideais do Projeto.

Na voz de Júlio Perez, “o Projeto Passo Fundo é um portal da internet sobre tudo o que produz em cultura em Passo Fundo, RS. Fotos, imagens antigas e atuais, relatos históricos, biografias de personalidades locais... Se destaca em reunir a produção literária local, aproximando os autores da cidade”.

As postagens são ações e pensamentos em contínua reflexão, sobre o que e quando as luzes da razão e da emoção fazem com que as ideias se entrelacem com a realidade e, de alguma forma, o leitor, o participante e o colaborador sente o reflexo da história, da criação e da possibilidade de mudança.

O Projeto Passo Fundo é reflexo das vozes na imagem linguística, artística e histórica, correspondendo a cada sentimento em seus movimentos, tornando-se único no imaginário dos leitores. Quanto mais nos dedicamos a ler e escrever para o Projeto, mais descobrimos as vozes do tempo, desafiando-nos. Ainda em Júlio Perez, “o Projeto é justamente isso: ele faz o resgate das obras dos autores que já não estão mais entre nós, através da digitação de livros antigos e a disponibilização para consulta e aquisição em formato e-book; ele patrocina o lançamento das obras dos autores vivos e ele prospecta novos autores, através da disponibilização dos seus escritos no portal do Projeto – [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br). E não só: além de ajudar na publicação das obras de autores de Passo Fundo, o Projeto as faz circular, através da empresa amiga da cultura, do clube do livro, do Google Livros e do domínio público do MEC.”.

O reflexo das vozes: Projeto Passo Fundo, merece aplausos e “ganhar o mundo” fazendo arte e mostrando a diferença em nossos dias e em nossas atitudes ao considerar o passado no presente, para transformar o futuro. É site de vozes criativas, que refletem no seu espaço talentos cultivados com liberdade, refletindo pensamentos tornados realidade.

Data : 25/04/2017

Título : O REGRESSO

Categoria: Crônicas

Descrição: O desafio em voltar está em entender as razões que me levaram embora; as dificuldades que atravesso em sucessivas horas, como as palavras do poeta à epígrafe.

“Aprendo a voltar / e me perco / em recordações: / os passados / petrificados / em passos / os retornos / fechados / em acasos // aprendo ser a volta / o pior encontro // o rasgo instantâneo / do corpo / ao mistério” (Pedro Du Bois)

O desafio em voltar está em entender as razões que me levaram embora; as dificuldades que atravesso em sucessivas horas, como as palavras do poeta à epígrafe. Neste desassossego encontro a voz que representa o arrependimento e os desacertos. Sigo na esperança de que as lembranças, os gritos, o silêncio e as palavras retornem na certeza do caminho a ser trilhado; como em Maria Hilda De J. Alão, “... voltaste, confiante do perdão, para o ninho, / antes desprezado.../ encontrei-me diferente, / pois encontrei a paz de espírito perdida, / e fiz da razão meu baluarte de vida...”

Ao regressar estendo os passos e os transcrevo em palavras: o beijo, a saudade, a voz, o olhar e as folhas de outono. Trago as incertezas, os endereços desaparecidos, as janelas vazias e as portas fechadas. Começo aprender a voltar, quando me vejo cercada da poeira que simboliza o tempo e a lembrança. Para Luiz Fernandes da Silva, “Trago dentro de mim / o eco de todas as tuas palavras / e as cicatrizes de tuas lembranças. //... Trago dentro de mim / o teu retrato amarelado / dentro do álbum / onde estão presos / os nossos remorsos / e a esperança...”

A volta aumenta minha sensação desconexa, porque não vejo e não escuto, mas, sinto a luz e o vento em contentes momentos de reencontro pela descoberta do sentido da vida: o amor. Percebo que regresso de caminhos variados: distância, sentimento, atraso, passagem, persistência e verdade: que o reencontro é imagens trazidas comigo, projetadas de dentro para fora e reveladas no momento da entrega.

Posso na liberdade de escolha, ter a certeza de repetir os atos e voltar para onde enredei o amor na lembrança, e cristalicei os motivos que me fizeram regressar. Em passos silenciosos, recorro ao tempo para encurtar a distância e seguir o caminho de regresso. Nas palavras de Benedito C. Silva,

“Confesso / Passei do tom. / Exagerei. / Errei a hora - / Você me deixou! / Agora, / Espero ansiosamente pela sua volta!”.

Encontro em Pedro Maciel que “Retornar com os Pássaros” é romance que foge a estrutura convencional: “...Vislumbro coisas invisíveis. Quero o que era infinito. Retorno com os pássaros...Nem sempre regresso de minhas viagens”.

Data : 10/02/2019

Título : O reverso do MOMENTO

Categoria: Crônicas

Reparo que os detalhes da vida são semelhantes aos gostos e cores. Não podemos buscar apenas a palavra e a cor sem valorizar o que gostamos como a leitura da obra literária, em única cor, que denomina as diferentes posições, com variações suficientes para nos entusiasmar em ideias; inspirando-nos para que tais palavras se multipliquem, dinamizando na arte literária os detalhes da vida.

A palavra representa o significado do quanto gostamos, ou não, de uma obra literária, que ainda tem o poder de se manifestar na construção de poemas de rara beleza. É o caso de Luiz Otávio Oliani, em relação ao meu livro de crônicas, Comércio de Ilusões/2015, em que ele, no momento de criação fez o reverso da leitura: COMÉRCIO de ILUSÕES, “não ter quem o leia / não frustra o poeta // na contramão do mundo / produz versos / à revelia do sistema / quem o calará? / quem o trará de volta a realidade?”

O poema nasceu pelo gosto e cores na inspiração de Oliani que, por detrás das crônicas, em interpretação única, fez o reverso do momento na busca, no encontro singular para com a leitura e com ele mesmo; para melhor desfecho trouxe-me a possibilidade de ver a vida em detalhes que me permitem traçar caminhos para escrever novos textos com maior profusão de cores.

Data : 19/10/2016

Título : O SILÊNCIO da PEDRA

Categoria: Crônicas

Descrição: Encontro no livro de Donizete Galvão: Do Silêncio Da Pedra, de 1996, poemas que dizem que a pedra é silenciosa e dela brota água...

Encontro no livro de Donizete Galvão: Do Silêncio Da Pedra, de 1996, poemas que dizem que a pedra é silenciosa e dela brota água, representando a vida: "A pedra cala / o que nela dói". O autor busca na pedra algo de eterno e nos mostra como extrair

lições de permanência dos minerais, “Quem diante dessa força bruta / batida por séculos de vento /... vindo de onde ninguém tocou?”

Os poemas mostram que a linguagem da água nasce dos seus embates com o leito de rochas, dando uma voz a realidade; ricos em metáforas. “No mundo das pedras lisas não cabe a dor.”

A pedra além de ser uma fonte de inspiração, ela pode ser trabalhada. A artista plástica Renina Katz nos diz que sim, e vejo a poesia refletir a arte quando trabalhada a pedra. Torna-se fascinante ao se juntar com a litografia de Renina, como a ilustração do livro, num estilo que nos faz pensar e despertar a imaginação, permitindo oscilar entre o tom da palavra e a contemplação do traço. “Pedras de sombra /... Rebanho em negro / Montanha abaixo / Notas tocadas / por um fio de água /... que no miolo da pedra / Fizeram sua morada”.

Nas artes, os poderes se interconectam e se materializam em cenas de encanto, entre a poesia e a arte, como a busca do homem pelo sentido da vida ao se descobrir nesses dois mundos, há força na liberdade rompendo barreiras. Como escreveu Almandrade, “Um dia / fantasma / amor / sem sujeito / impossível / falar / silêncio de pedra” .

Data : 30/01/2014

Título : O SILÊNCIO não SILENCIA

Categoria: Crônicas

Descrição: Por que o silêncio não silencia? É verdade que quando estou em silêncio sempre ouço algo. Como um mosquito? Uma abelha? O vento?

Por que o silêncio não silencia? É verdade que quando estou em silêncio sempre ouço algo. Como um mosquito? Uma abelha? O vento? Mas, não é só isso. O meu silêncio é incapaz de se calar, principalmente à noite, ao encostar a cabeça no travesseiro – os barulhos da casa não permitem o silêncio. E a chuva? Então ouço os pingos escorrendo nas vidraças, os trovões fortes e fracos explodindo sempre muito perto, assim parece. Contudo, chega um dia em que falo: hoje preciso do silêncio total. Um silêncio que realmente silencie a minha vida, o meu ritmo, o meu canto. Esse silêncio sem eco, sem zumbidos, sem gritos; esse que dificilmente consigo ter. Porém, desejo o silêncio que lembre o vento na cara, lembre a paisagem imensa e verde, um sorriso, um belo gesto, um abraço e um muito obrigado.

Mas, insisto em dizer que o silêncio não silencia – mesmo com tudo e todos paralisados -; um tiro é o barulho que vem acompanhado de outro barulho, o choro de quem não consegue silenciar.



E eu, finalmente, venci o silêncio que não silencia, estou no silêncio profundo..., agora, o silêncio calou-se e eu não posso mais descrevê-lo. Nas palavras de Vinícius de Moraes, “Cala; escuta o silêncio / Que vos fala”.

Data : 16/09/2015

Título : O SUICIDA

Categoria: Crônicas

Descrição: ... a vida é passagem sem retorno, mas que, acima de tudo, carregamos a angústia e o temor à ela, sem esperanças...

“Não restará na noite uma estrela. / Não restará a noite. / Morrerei, e comigo a soma / do intolerável universo. / ... Apagarei a acumulação do passado. / Transformarei em pó a história, em pó o pó. / Estou virando o último poente. / Ouço o último pássaro. / Deixo o nada a ninguém”; Jorge Luís Borges mostra no poema que a vida é passagem sem retorno, mas que, acima de tudo, carregamos a angústia e o temor à ela, sem esperanças; que apenas lutamos contra o tempo e nos escondemos no âmago do desespero. Nas palavras de Pedro Du Bois, “...o grito antecede / ao silêncio / onde a vida / estanque / mede o compasso / e desenha em ares / outros tempos.”

Onde está a vida que se renova e acaba em agonia? Um impulso poderoso deixa apenas o silêncio... Onde flores não são entregues e morrem, pássaros interrompem seus voos e eu fico diante da porta fechada, comandando a morte na incerteza do grito; para Carlos P. Rosa, “...criamos a fantasia da imortalidade. Logo, se alguém dela foge, com certeza está fugindo da vida. O equilíbrio entre o viver e a angústia da morte...suicidas, determinará os limites do indivíduo. Repensar a vida passa obrigatoriamente pelo repensar a morte.”

Tenho a música de Tom Jobim e Vinícius de Moraes, que reflete meus sentimentos: “Eu sei e você sabe, já que a vida quis assim /... Não há você sem mim / Eu não existo sem você...”. O meu amor se fere e se perde diante do que traz escondido. Fugitivo de si, insatisfeito com o voo sonhado, distorce a imagem e despedaça os sonhos. Sem acreditar no sentimento, creio que o mundo é melhor sem ele, como em Antônio Cícero “... Seu fastio / é enorme: despreza a vida e a gravidade/ com que a encaram. Pondera o suicídio / e se sente mais leve...”.

Suspiro sua ausência e me calo em ecos de pesadelos, que irrompem em mim para dizer que o nosso amor é intenso. Agora, preciso do silêncio para ver as luzes do amanhã, de tantas cores que um dia foi... O homem, companheiro, meu grande amor, que me dá notícias inexistentes para nos equipararmos aos que admiramos, drenando nossas forças, como no poema de Pedro Du Bois: “O tempo findo / a morte / é socorro /... a morte entalha caminhos / e nos carrega em lembranças //... na falta que fazemos...”

Não deixo que a dor e o medo mostrem a face oculta do segredo e na ausência ouço a sua voz, misteriosamente trazida pelo vento. Preciso enfrentar, porque a ilusão

de pensar passa quando você se une à morte. No entanto, palavras vêm ao meu pensamento: saudade e melancolia – tão grande é a dor que não posso viver.

Data : 12/03/2013

Título : O Tempo de Iluminadas Palavras

Categoria: Crônicas

Descrição: O tempo pede palavras de luz. O amor, a dúvida, a dor e a luz estão presentes no sentimento sobre a vida e a condição humana.

“Na manhã iluminada de lembranças refila a cor do sentimento...” (Carlos Vogt)

O tempo pede palavras de luz. O amor, a dúvida, a dor e a luz estão presentes no sentimento sobre a vida e a condição humana. Criamos a ilusão da luz por uma questão organizacional e vivemos em função do tempo.

“As luzes acesas / as portas abertas / as janelas acesas /  
todas as coisas acesas. // Bem aceso o viver.” (Álvaro Pacheco)

A luz atravessa o tempo e, ainda assim, permanece dentro de nós com real importância. O objetivo fundamental é preencher o vazio com a luz que encontramos na arte literária, como em Lindolf Bell: “Seja o poema/ o homem devorado pela luz...”; em Gilberto Mendonça Telles: “... E deve haver os sentidos latentes/ que vão dando luz/ às coisas ausentes.”; em Jorge Tufic: “... mas é o imenso/ que de mim/ se ilumina.”; e em Luiz de Miranda: “A vida traz a luz/ sem a penúria de perder/ o azul/ na avidez do corpo.”

As palavras iluminadas podem ser a chave para entendermos os aspectos da vida, como a ideia que temos do tempo. A luz é transitória e está sempre em processo contínuo, desafiando os limites do tempo e do espaço, mostrando a importância das atitudes e reflexões sobre a força que cada um carrega dentro de si. A busca pela luz na temporalidade é desafio no olhar dos poetas. Visando salientar a proporcionalidade da importância das palavras iluminadas, influenciando muito a vivência pessoal na poesia. Nesse enfoque, revelo poetas a quem não faltam inquietações impregnadas na expectativa

: “Quando os homens viram os olhos dos poetas,/ acharam em sua luz a luz do próprio olhar.” (Helena Kolody)

: “Na visão exuberante e bela/ Da luz da felicidade/ sou consumido na veracidade/ da saudade que nutro por ti.”(Benedito C. Silva)

: “... Saberei tocar a luz com a mão/ e no contato/ respirar o tanto/ desproporcional/ ao tempo de estio...”( Pedro Du Bois)

Os poetas são responsáveis por despertarem a atenção, bem sucedida, quanto à luz. Eles reforçam a importância e a forma de se relacionarem com ela, levando-nos a compartilhar, manter e estabelecer o tempo. Ao nos sentirmos em busca das iluminadas palavras, somamos no desafio da liberdade e independência, coisas fantásticas que nos levam às escolhas. E, certamente, se pudéssemos contar com o tempo, recomençaríamos colocando a luz em nosso horizonte, como em Francisco Alvim: “A luz saindo pelos ares/ janelas se abrindo.”, e em Luiz de Miranda, “O horizonte é a luz dos meus dias.”

Data : 19/10/2016

Título : O TEMPO e o CONTADOR de HISTÓRIAS

Categoria: Crônicas

Descrição: O tempo confunde o contador de histórias ou o contador de histórias se confunde com o tempo? Noto que as histórias quando recontadas mudam de época e...

O tempo confunde o contador de histórias ou o contador de histórias se confunde com o tempo? Noto que as histórias quando recontadas mudam de época e de rumo. Fica confuso o que ele está tentando contar. O ouvinte diferencia uma da outra, mas, o contador de histórias mistura os fatos com a ficção e vice-versa. Encontro em Agostinho Both o conto, O Tempo é Consequente, que cita, “... Carrego a ternura densa em mim. Que cada um tenha pra seus cuidados e para os seus o tempo necessário...”

O contador de histórias que fica a mercê da memória é compreendido; mas o que fica a mercê da lembrança, se repete como se fosse em outro tempo. Não percebe a exatidão dos acontecimentos e, se distancia em seus pensamentos. Para Getúlio Zauza, “O tempo é um raio / e se escoia num momento...”

O contador de histórias diz do que lembra e, por vezes, lembra só o que quer ou o que gostaria que tivesse acontecido; pois, o tempo quando no passado lhe prega peças ao misturar as “estações”, o que o leva a transmitir em primeiro lugar as emoções e depois as reflexões sobre a história. Na verdade, por instantes, seu pensamento deveria se encontrar ou se situar no tempo, como Clarice Lispector retrata, “Eu te invento, ó realidade”.

Há momentos em que o contador se depara com a “cruel verdade”, ao provar da própria vida e do quanto de espaço ocupa no viver, como demonstra Pedro Du Bois, “Na verdade nos preocupamos com o tempo: / e o nosso / tempo permanece / intocado na / infinitude do espaço, onde os / escolhidos / se lançam / em eternidades”.

É isso mesmo, o contador pensa que conduz o tempo com as histórias e se recorda da vida com a certeza que lhe é permitida, para conviver ou sobreviver com as diversas exceções que se refletem no pensamento, como diz Cândido F. Ferreira, “As mentes marcadas pela surpresa / De vidas desamarradas”.

Data : 19/10/2016

Título : O TEMPO não APAGOU

Categoria: Crônicas

Descrição: Um país sem memória, não tem história. A história deve ser conhecida e construída com interesse cultural. Por isso...

Um país sem memória, não tem história. A história deve ser conhecida e construída com interesse cultural. Por isso, vale lembrar o poeta afro-descendente Francisco Solano Trindade (24.06.1908), o “poeta do povo”.

Foi o primeiro poeta brasileiro que soube interpretar com sentimento o verdadeiro sentido da poesia afrodescendente; fundador do Teatro Experimental do Negro (1945) e, ao lado do sociólogo Edson Carneiro, e do Teatro Popular Brasileiro (1950). Segundo o crítico Sérgio Milliet: “... poucos fizeram tanto quanto ele pelo ideal da valorização do negro”.

O primeiro livro de Solano foi Poema de Uma Vida Simples. Depois, lançou Seis Tempos de Poesia, Cantares ao Meu Povo e, por último, Canto de Esperança, onde deixou para nós algumas palavras mágicas: “Estou conservado no ritmo do meu povo / Me tornei cantiga determinante. / E nunca terei tempo para morrer”.

Nas palavras de Mario Quintana: “O livro traz a vantagem de a gente estar só e ao mesmo tempo acompanhado”. Então, sempre estaremos acompanhados de Solano Trindade, que nos deixou em 19 de fevereiro de 1974.

Ao resgatar a memória de Solano Trindade e a sua poesia, vejo grande oportunidade para conhecer melhor a genialidade de artistas que marcaram aquela época.

Para consagrar o inesquecível poeta, presto homenagem através do nosso querido sambista, Paulinho da Viola em O Tempo não Apagou: “... teu nome em chamas no meu pensamento / Enquanto houver esta saudade / no meu peito / Só resta ao vento minha dor”.

É com alegria que celebro esse encontro, pois, são pessoas como eles que valorizam a raça e tornam a nossa poesia literatura inesquecível e, na história, uma lembrança que não se apaga.

Escolhi Solano Trindade, para homenagear todas as pessoas que lutam contra a discriminação racial, porque numa escala de importância, ele, através dos seus poemas

e das suas atitudes e ações, relacionou e fortaleceu valores relevantes. O desafio está no coração e, com exemplos como os de Solano, a vida resplandece e as dificuldades podem ser superadas com criatividade, investindo-se cada vez mais no conceito de valorização da vida e de cuidarmos melhor das ideias.

Data : 27/09/2018

Título : O TOM da IMPRESSÃO

Categoria: Crônicas

É hora de refletir sobre o tom da impressão que tenho e que pode melhorar o meu viver. É difícil falar sobre impressões, pois elas são tantas, umas positivas e outras não. Crio meios para com elas concretizar as aspirações e traçar o projeto de vida. É importante saber respeitar o tom que cada impressão causa em mim. Nas palavras de Ivaldino Tasca, “Sentimentos, vivências, experiências, relações não são facilmente compreendidos, assimilados e verbalizados quando mergulhados na infinitude de tons com que batem, desdobram-se e rebatem os nem sempre ponderáveis componentes da essência do ser”.

A impressão que fica das leituras é que me inspira no amparar as mudanças; recarregar as energias e repensar como lidar com o sonho para se tornar realidade. Por exemplo, o poema de Tanussi Cardoso, “Plástico, Matéria Plástica”, causa-me a impressão de comoção, com a voz tímida (imersa em silêncio) e ao mesmo tempo tocante, serena e profunda: “na página do livro / a letra da minha irmã / viveu mais do que ela // - traços mais que um corpo // vive a letra a escrita e a palavra / - onde a alma a pele o rosto?// Mais viva que a morte / osso nu / desconstrução do gosto / a memória da morta / insiste / existe / na letra na palavra / na poesia do livro”.

Tanussi busca, no mistério da saudade e da morte, o reencontro através da palavra. Aprofunda-se na melhor poesia, ao traduzir o sentimento como fogo em chama. Mostra o essencial como força da imagem transposta no tempo como contraste entre a percepção e a expressão, causando a impressão que beira ao real.

Ele, descreve a hora ante a saudade absorta com a ausência, revela o sonho em cada palavra e a impressão perpetua no espaço como eco a expandir a linguagem, como é no poema, retrato das suas sensações.

Ao ler estou ligada aos sentidos, que o poema afeito ao argumento é irrefutável impressão como influência; afinidade com vínculos sentimentais, um pouco mais ou menos e, por vezes, na medida certa. Há o meu olhar que precede a reflexão no foco do poema em que embarco na sensação de novas possibilidades de leitura: a força da poesia de Tanussi, como experiência e perspectiva, que se revela em arte, onde a impressão se apossa e se transforma no tom desejado.

Segundo as impressões de Thomaz Albornoz Neves, “Recorda e terás esquecido / nada ocorre por acaso / não há destino escrito” e, José Eduardo Degrazia, “O poema entrou

em mim // como se / derrubasse a porta / de uma casa //... e caísse sobre o peito / de um homem”

Data : 04/01/2014

Título : O VERDADEIRO ANALFABETO é AQUELE que SABE LER e NÃO LÊ.

Categoria: Crônicas

Descrição: Quanto tempo você tem para ler no seu dia a dia?

“O VERDADEIRO ANALFABETO é AQUELE que SABE LER e NÃO LÊ.”

Quanto tempo você tem para ler no seu dia a dia?

ANA: arruma tempo no dia em que não trabalha para praticar esportes, ver os amigos, ir ao cinema, mas... ler?

JOANA: começou a praticar ioga quando sentiu que estava faltando alguma coisa na sua vida; mas... ler?

DÓRIS: leva a vida a caminhar, vai trabalhar e, depois volta para casa e pede comida; mas.. ler?

RUTH: se sai mais cedo do trabalho, faz massagens, senão vai direto jantar e dormir; mas.. ler?

JOÃO: nas horas vagas, primeiro assiste futebol na televisão e depois vai correr; mas... ler?

Sejam quais forem as razões para não se ter o gosto pela leitura, constato que todos reclamam não ter tempo para mais nada além das atividades cotidianas.

Como diz Manoel de Barros “Todo mundo se ocupava da tarefa de ver o dia atravessar. Pois afinal as coisas não eram iguais às cousas?”

Podemos dizer que cada um tem uma incrível vida dentro de “caixas”, porque, para sentir da vida mais do que ela nos oferece, seria bom caminhar ao lado da literatura; um bom livro retribui a você todo o tempo que lhe foi dedicado (geralmente faz as vezes de uma bela companhia), principalmente, quando fala de poesia. E mesmo assim, sentimos sem perceber a sua influência nas novas expressões adquiridas.

A dedicação à leitura leva-nos a transformar as informações em conhecimentos úteis e apaixonantes. Helena Kolody diz, nos poemas, SIGNIFICADO, “No poema / e nas nuvens / cada qual descobre / o que deseja ver” e HOJE, “Momento a momento / muda o mundo / a vida acontece / germina o futuro”

Resumindo, resta-nos a esperança de mudar, de apreender e de aprender a temperar melhor o nosso tempo. O importante é permanecermos sempre com o sentimento de sonhar e acreditar que a leitura irá nos trazer sabedoria e prazer.

Permitimo-nos desfrutar da deliciosa sensação da leitura, saboreando o livro A Duas Vozes- Hannah Arendt e Octávio Paz - de Eduardo Jardim. O livro descreve que a voz de Octávio Paz é a do amor e da poesia, "A arte de criar imagens que aproximam ou conjugam realidades opostas, indiferentes ou distanciadas entre si, é própria do poeta e do pensador...". E, Hannah Arendt expressa seu pensamento e a sua ação, "O principal recurso linguístico do pensamento é, sobretudo a imaginação – a base de todo empreendimento compreensivo... Com certeza ele tem a ver com o lidar com a linguagem, com a capacidade de libertar as palavras das teias de significados usuais e com a descoberta de conexões inesperadas entre elas..."

Lembremos sempre de Mario Quintana, ao escrever "Que o verdadeiro analfabeto é aquele que sabe ler e não lê".

Data : 23/03/2016

Título : OBJETO, emprestar: dilema meu, seu ou nosso?

Categoria: Crônicas

Descrição: "A vida é feita de indagações / e elas realmente existem,/ por que será tantas opiniões / nunca jamais mudam, persistem?"

"A vida é feita de indagações / e elas realmente existem,  
por que será tantas opiniões / nunca jamais mudam, persistem?"

(Silmar Bohrer)

Qual a razão para emprestar o objeto? E qual a receita para devolver o que pego emprestado? Luis Câmara Cascudo diz que "Quem empresta nem para si presta".

A preocupação tem fundamento. Emprestar um objeto exige confiança recíproca e responsabilidade para devolução, além de investimento em tempo e afeto.

Ao emprestar estou anunciando um tempo de transformações em que me pergunto: é um desafio? Mas, em pleno gesto, empresto com coragem e coração aberto para os dilemas que virão: o momento apostado na devolução.

Numa sociedade imediatista, nem sempre a pessoa leva em conta o que promete. A melhor maneira de encaminhar o assunto é com sinceridade e pés no chão. O sucesso, pela devolução, ao emprestar o objeto depende da atitude de quem pede emprestado

ao desempenhar com seriedade a palavra assumida de que está mantendo o relacionamento.

Uma conversa entre amigos sobre emprestar ou não, marca uma nova fase: a inquietude da espera para desatar o nó.

É necessário refletir: emprestar ou não? O limite é emprestar, superar é devolver. É decisão pessoal que deve preservar a história do objeto a ser emprestado. Combinar a devolução é essencial para preservar a amizade. Ainda em Câmara Cascudo, "... cada objeto impregna-se do espírito da pessoa que o possui. Participa de todos os fluídos e forças anímicas." A crença popular diz que quando se empresta, a influência fica com o novo "dono" e os valores místicos ocorrem para o legítimo dono.

Muitas vezes, emprestar causa em mim desconforto, medo, e não encontro desculpas para interromper o prazo concedido para a devolução. Em dias alternados penso no objeto emprestado e sinto incômodos que se resumem numa dor de cabeça e de cotovelo.

O conceito de emprestar tem significado bom ou ruim? É verdade que quem empresta dá adeus? Empristo o livro, ganho ou perco a amiga? Muitas vezes, empristo palavras e elas retornam em gestos carinhosos. Empristo o meu tempo ouvindo histórias dos amigos e cedo meu ombro para suas lágrimas.

Emprestar representa um dilema meu, seu ou nosso, porque pode significar esquecer o que foi emprestado na literalidade da palavra. Fico com a sensação e a desconfiança de que os encantos da individualidade não serão preservados, desaparecerão. É atitude comum à insegurança e a insatisfação em relação ao objeto emprestado de que a peça perca seu valor real e pessoal. Sendo ousada a saída é avaliar os ganhos e perdas. O diálogo me leva a questionar na escolha do momento, do amigo e do objeto.

Data : 10/02/2019

Título : OLHAR PARA TRÁS

Categoria: Crônicas

Vivo provisoriamente em qualquer momento; sinto-me incompatível com o tempo ao me apresentar nesta vida "moderna". Vejo pessoas amarguradas, com poucas ideias e, sempre, olhando para trás; iludidas em sentimentos nas ações "corridas" do cotidiano; sem tempo para ler, ouvir e se divertir. Elas não têm ideia do que representam para nós: são essenciais em seus alumbramentos.

A mim impressiona que aceitem suas amarguras como destino e verdade, sem estruturar a ordem de não olhar para trás. Para Pedro Du Bois, "... O mundo em melhores horas / supera o desgosto nas flores colhidas..."



Sei que elas poderiam ter sido o que não foram. Agora, a idade chega para viverem outra vida ao sentirem suas descobertas e esquecerem as insatisfações, revoltas e angústias; ao mesmo tempo, darem significado à suas escolhas e construções.

Manuel Bandeira fez “versos como quem morre” e, Pedro Dantas, replicou, que se ele tivesse dito, “eu faço versos como quem vive”, teria sido a mesma coisa. O que vale é a concepção ao traduzir de todas as formas a vida. Juca Chaves canta que “ser jovem é saber envelhecer”; este é o ponto para não olhar para trás com pesar; sim, como momentos felizes onde cumprimos as promessas e colocamos em prática princípios sem nenhuma distinção entre o antes e o moderno, apenas brincando pela vida. A relação das coisas em si, na compreensão e beleza da palavra que se completam e acentuam a ascendência de uma sobre a outra, como aceitação da vida moderna.

Olhar para trás é apenas reflexo, forma para sermos capazes de conquistar e sermos conquistados num mundo onde precisamos escrever, pintar, cantar; formulando o que não se repete, mas, palavras, notas e gestos com que damos continuidade no reforçar a harmonia da vida.

Data : 30/03/2015

Título : OLHAR SEM LIMITE

Categoria: Crônicas

Descrição: “Os olhos são da alma as janelas, / Refletem do interior as emoções, / Mostram o furor das íntimas procelas / E algo do que sentem os corações...” (Mário V. Da Costa)

“Os olhos são da alma as janelas, / Refletem do interior as emoções, / Mostram o furor das íntimas procelas / E algo do que sentem os corações...”

(Mário V. Da Costa)

Olhar é palavra chave para entender que, às vezes, preciso buscar na reflexão o que existe em mim que, muitas vezes olho e não vejo, faço vistas grossas por medo ou tristeza. Pedro Amaral diz que, “...meu olhar é triste: //...É tristeza (assim veja) / De alguém que viu/ ...E não deteve o espanto.” E, no romance O Homem Que Olha, de Alberto Moravia, “...Silvia não fala, fixa-me com olhos arregalados, mas parece que não me vê...”

O olhar é mais do que postura e atitude que revela como olho no determinar o que procuro e persigo. É momento em busca do desvendar e enxergar novos rumos. Encontro n’O Dia nos Olhos, de Álvaro Moreyra, “Acordei com o dia nos olhos. E até

agora tenho sido um cartaz de bom humor... Olhei, agradecido, as areias, as árvores, as janelas, as nuvens. Nunca vi mulheres tão bonitas!...”

A graça da vida está no olhar sem limites e procurar sem tréguas algo e alguém que me leve a crer que o desejo é a miragem da perspectiva esperada. Trago na lembrança muito do que vi desde a infância, em que certas paisagens ficaram arraigadas. A imagem que me vem à mente é a releitura do meu olhar sem limites, que derruba a incerteza e me seduz no redescobrir a beleza e o significado da vida; com isso, renovo as energias e aumento a minha capacidade de realização, como em Augusto Branco, “... A beleza está nos olhos de quem vê... O mundo é o que você enxerga, mas principalmente o que você quer enxergar e o que você quer fazer dele”.

Olhar sem limites é olhar para o interior e decidir o que é importante na vida; olhar a paisagem e recompor as imagens saborosas; ato capaz de iluminar a emoção que encontro nas palavras, como no livro de poesias de Miriam Portela, No Fundo dos Olhos.

Só que os tempos são outros, de diversidade, flexibilidade e artes. Estou pronta para olhar (sem limites) as novas paisagens? É próprio das pessoas vislumbrar o futuro; lembro-me de Jaime Vaz Brasil, em os Olhos de Borges, “... (onde o parto dos escritos/não nascidos pelos olhos?)...”

Muitas vezes olho e não gosto do que vejo, causa-me inquietação e insatisfação. Cada olhar, nesse sentido, altera a emoção e a mente fica sobrecarregada de preocupações; posso dizer que hoje estou estressada. Em Lígia A. Leivas, “Um olhar que se despede, perpassa a porta entreaberta...”.

Em vez de ficar paralisada, procuro olhar para o outro lado da porta na sensação de ser visível, de ver o colorido da natureza e me abrir em opções. A palavra de ordem é olhar sem limite para ver o mistério revelado e obter as conquistas desejadas na vida pessoal. Benedito César Silva pergunta, “Só com olhos de poeta é possível ver?”, e Murilo Mendes responde, “Meu novo olhar é o de quem já sabe/Que a alegria e ventura não permanecem...”.

Data : 22/08/2019

Título : OLHAR sobre a ARTE

Categoria: Crônicas

Revela Anésia Pacheco e Chaves, artista plástica, que “o desenho pode ser apenas uma marca, criada para carimbar a própria presença”. A arte demonstra o gosto e a personalidade em diversas inspirações; ao dar visibilidade ao vínculo na criação do artista, aprendemos e apreendemos o seu valor. Resalto o escultor e fotógrafo Frans Krajcberg, que defende a natureza porque acredita que (ainda) há salvação.

A influência da arte leva a reflexões sobre os desdobramentos da vida como referências que, por vezes, nos emocionam pela singularidade; é o caso de Frans

Krajcberg que construiu obras com os esqueletos de árvores queimadas na Amazônia e no sertão da Bahia. O que há de mais significativo é apreciar a transformação, a ilusão e a sensibilidade nas composições. Mariana Ianelli descreve, "... Da árvore / O tronco desfolhado / De mil galhos, mil oportunidades, / O curvar-se brandamente para o oeste, / Regalia sob a neve o que no verão foi armazenado...".

A busca da arte nas cores e traços torna a peça a chave que, como forma e captação, leva-nos à criatividade na elaboração das suas composições através dos detalhes que edificam a identificação do autor no processo de desenvolvimento.

Para cultivar o olhar sobre a arte é necessário gostar, para entender seu real valor. Encontro em Gilvan Cabral, "recolheu folhas tombadas, em aramados que figuram lesmas e pássaros gigantes" e, escreve Alcione Guimarães, "monta paisagens com crânios de bois"; Agnaldo Coelho construiu uma panela espelhada "montando a palavra FOME".

Interessante descobrir sobre o olhar na relação para com a arte, seja em questionamentos, curiosidades ou na superação, sempre em busca de respostas para a diversidade: o que ilustra o quê? As obras possibilitam desmontar os "ranços" comportamentais e o olhar ajuda nossos comportamentos, desejos e críticas ao expandirmos os limites e cultivarmos as ilustrações na vida. Toda obra de arte é algo inusitado e, em certas situações, apenas simples beleza abstrata.

Não é responder as questões, que a criatividade como arte se esparrama entre as fendas do viver e envolve imagens em leituras da cultura sobreposta em cores que retratam a história. Nas palavras de Pedro Du Bois, "Sombra da obra // nova // projetada / sobre a cultura // anterior // Obscurece / engloba / transforma // ilumina".

Saliento a arte pública, aquela exposta em locais abertos, incomuns e que nos instigam pela criação e localização. Isa Costa "descortina sua ferida ogival, mostrando numa escultura de dois centímetros, vermelha feita de cera".

Olhar pelas artes emoldura nossos limites em formas que desnudam a nossa consciência, ainda, evocam possível interrogação futura: fixaremos o olhar nas falhas, na profusão de ideias decorrente dos deslizamentos na vida?

Data : 30/08/2018

Título : OPINIÃO:PÚBLICA ou PUBLICADA

Categoria: Crônicas

Descrição: Não concordo quando se referem à opinião publicada como se fosse a real versão da opinião pública.

Não concordo quando se referem à opinião publicada como se fosse a real versão da opinião pública. Thomaz Albornoz Neves opina, “O que percebo da realidade / veda minha percepção / da realidade.

Perco muito tempo tentando acreditar na opinião da mídia, que se encontra conflitante com a visão do público. Nesta linha encontro o livro *A Corrupção da Opinião Pública*, de Juarez Guimarães e Ana Paula Amorim.

Gosto de pensar que a opinião pública, em determinados momentos, marca posição para ser ouvida e não permite a imposição da mídia, havendo até discordâncias; mas, dentro das possibilidades, ouvimo-la para trazer à tona a verdade. Segundo Umberto Eco, “... a única força que move o intelecto... é a verdade”.

Acredito que o respeito pela opinião pública deve ser exercido pela vida, porque mexe com o viver, cujo sentimento está vinculado a todos. Hannah Arendt reflete, “... é com palavras e atos que nos inserimos no mundo... A ação é a fonte do significado da vida humana”.

Pergunto-me em quantas bobagens publicadas acredito sem analisar serem falsas ou verdadeiras. Fico à mercê da mídia, entre tantas possibilidades, na dúvida de cada fato ou versão exposta como especulação.

Encontro de um lado o poder das palavras na opinião publicada e, de outro, a expressão da vida revelada pela opinião pública, como demonstra Hilda Hilst, “... Nem sempre há de falar-nos um poeta. / E ainda que minha voz não seja ouvida / Um dentre vós, resguardará (por certo) / A criança que foi...”

A “verdadeira” opinião pública estremece com a persistência da opinião publicada em desafiar diferenças entre o verso e o reverso do fato. Nas palavras de Hilda Hilst, “... Meu dizer é de bronze / E essa teia de prata / A mim mesma me espanta”.

A opinião pública não está em busca de flores e sim de respostas honestas, visto o descrédito da opinião midiática. Márcio Almeida retrata, “Alvío //... um jornal sem a convivência com o poder...”

Para manter a opinião do público, e a vida no campo do bem estar e do respeito, é importante ter presente a crítica em relação à opinião publicada, com a abrangência da pluralidade do olhar: nem tão de perto que não possa ver o todo, nem tão de longe que possa perder o rumo das palavras. Hilda Hilst completa, “que mistério tão grande te aproxima / Deste poeta irreal e sem mágica? / De onde vem este sopro que me anima / a olhar as coisa com o olhar que as cria...?”.

Data : 29/03/2020

Título : OS APLAUSOS

Categoria: Crônicas

Descrição: O aplauso é manifestação em reconhecimento ao objetivo para ajustar o nosso foco interior...

O aplauso é manifestação em reconhecimento ao objetivo para ajustar o nosso foco interior; com valor intrínseco, faz-nos sentir conectados à vida: desfrutamos das escolhas na aceitação do que nos trás paz e alegria.

Através do aplauso encontramos a satisfação pessoal, individual e intransferível. Não há fórmula que funcione para todos; aplaudimos o ato marcante nas artes, ideias e em alguém como Juan Gelman, no livro *Isso*, em que retrata o “mundo // da rosa que amo / como cuidarei? / não lhe faço mal? / não a estrago? / não lhe corto os pés? // e este acabar? / este estar como não estar? / e como ir-se a ti / rosa?...”.

Aplaudimos a verdade, como agora aplaudimos os profissionais da saúde em reconhecimento ao trabalho no combate ao vírus que nos atormenta. A vida em sociedade implica escolhas feitas no desempenhar importante papel para o nosso bem estar.

Aplaudimos quando envelhecemos, com o corpo e a mente equilibrados e lúcidos; quando não sofremos em busca da serenidade. Nas palavras de Juan Gelman, “temos pés para irmos / para não irmos / ninguém nos pede nada / nós pedimos / nos abraçamos / ficamos...”.

Aplaudimos quando nos sentimos satisfeitos, fosse a felicidade compreendida em que nos revelamos; quer dizer, que precisamos buscar o estilo de vida que nos faça sentido, como aplaudirmos as ocasiões que revivemos nos amanheceres.

Data : 08/04/2020

Título : OS APLAUSOS

Categoria: Crônicas

Descrição: O aplauso é manifestação em reconhecimento ao objetivo para ajustar o nosso foco interior...

O aplauso é manifestação em reconhecimento ao objetivo para ajustar o nosso foco interior; com valor intrínseco, faz-nos sentir conectados à vida: desfrutamos das escolhas na aceitação do que nos trás paz e alegria.

Através do aplauso encontramos a satisfação pessoal, individual e intransferível. Não há fórmula que funcione para todos; aplaudimos o ato marcante nas artes, ideias e em alguém como Juan Gelman, no livro *Isso*, em que retrata o “mundo // da rosa que amo / como cuidarei? / não lhe faço mal? / não a estrago? / não lhe corto os pés? // e este acabar? / este estar como não estar? / e como ir-se a ti / rosa?...”.

Aplaudimos a verdade, como agora aplaudimos os profissionais da saúde em reconhecimento ao trabalho no combate ao vírus que nos atormenta. A vida em sociedade implica escolhas feitas no desempenhar importante papel para o nosso bem estar.

Aplaudimos quando envelhecemos, com o corpo e a mente equilibrados e lúcidos; quando não sofremos em busca da serenidade. Nas palavras de Juan Gelman, “temos pés para irmos / para não irmos / ninguém nos pede nada / nós pedimos / nos abraçamos / ficamos...”.

Aplaudimos quando nos sentimos satisfeitos, fosse a felicidade compreendida em que nos revelamos; quer dizer, que precisamos buscar o estilo de vida que nos faça sentido, como aplaudirmos as ocasiões que revivemos nos amanheceres.

Data : 28/08/2019

Título : OS DIAS...

Categoria: Crônicas

Os dias passam depressa e quando percebemos é amanhã. No meio da noite acordo com as preocupações do dia a dia.

As crianças crescem feito fermento e a cada dia parecem mais tristes, presas em pensamentos, em vez de assistirem em liberdade a passagem das horas. Penso que sejam as mudanças corporais, os hormônios, os novos amigos, a tecnologia, até a semana repleta de compromissos, que as leva a pensar e repensar no como, quando e por quê. Questões presentes em seu viver. O bonito ou o feio, o certo ou o errado, construídos através dos dias, sempre corridos, até descobrirem se suas opções estão certas.

É através de seus olhares e atrás das suas palavras que demonstram suas necessidades e cuidados. Por vezes, sentem a incompreensão por viverem em torno de seus desejos e vontades. Para Gabriela Ziegler, “O vento é feito / com seus movimentos / E me faz sentir/ A palma da alma”.

Os dias passam e as conversas entre as crianças se tornam mais misteriosas, pois, ocorre o desalinho entre o tempo livre e as responsabilidades, sem contar suas atitudes e desejos, entre pensamentos.

As crianças escutam as ideias sobre o viver e, a partir daí, constroem no tempo suas vozes em busca de serem ouvidas, fossem a torneira que pinga água continuamente, até que possa ser esclarecida sobre, “afinal, que diabos estão querendo dizer sobre a vida”? Ainda em Gabriela Ziegler, a reflexão: “... Faço perguntas a mim mesma / E o vento me cochicha respostas // E segredinhos que nem mesmo eu / ou qualquer outro poeta sabe ou / Sabia, só conversando com o vento...”.

Os dias voam e cada criança carrega seus segredos que, por vezes, rói a imaginação e, outras vezes, arde no decorrer do vento. Então, fico a pensar sobre o que haveria de tão horrível para as crianças expressarem: “não posso viver, mas não quero morrer”. Hoje, elas são novas para compreenderem as mudanças. Amanhã, adultas, lembrarão os dias da infância com coragem e reconhecerão a aprendizagem em pensamentos realistas, para viver feliz e contemplar o luar e as flores, enquanto suas vozes ainda gritarão: salvem-nos das horas, queremos dormir! Dormir é alcançar o amanhã com opções e realizações.

Os dias param para eu escutar as crianças expressarem seus desejos, seus assuntos da hora, enquanto moldam esculturas em suas vidas. Nas palavras de Gabriela Ziegler, “Quando o céu se pinta é arco íris / Quando voa é anjo / Quando dorme é sonho”.

Data : 06/12/2019

Título : OS MISTÉRIOS entre VER e OLHAR

Categoria: Crônicas

Descrição: Qual é a diferença entre ver e olhar? Existindo diferença, ela é sorvida pelo fio da lucidez que, por vezes, altera as imagens e revela a condição humana.

Qual é a diferença entre ver e olhar? Existindo diferença, ela é sorvida pelo fio da lucidez que, por vezes, altera as imagens e revela a condição humana.

Olho só para a luz que mostra o que quero ver? Ao olhar para algo, trago para perto de mim. É o caso de Israel Nicolay que volta o seu olhar para o ferro-velho, com a intenção de encontrar uma peça para transformá-la em bicicleta. Ele é inventor e artista plástico. Seu maior prazer é construir bicicletas (já inventou 88). Tudo começou quando viu um estrado de cama no ferro-velho e logo imaginou uma bicicleta. Desde então suas buscas não tem fim; olha e vê a peça certa para realizar sua obra de arte.

Entre ver e olhar sigo confiante de que certo olhar atrai mais, porque nele descubro a resposta que procuro. Ver é apenas a reação que serve para identificar os mistérios do mundo de forma diferenciada.

Quando olho para uma obra de arte digo que estou lendo a imagem e, quando vejo a arte, estou passeando pela ideia do autor. A experiência adquirida é que mantém o mistério entre ver e olhar.

Meu caminho é construído por imagens que contam a história. Com o olhar posso ver o que se revela em cada cena. Somos todos iguais, mas, ao franzir os olhos aprendo que não é preciso ter para ser. É preciso entender cada olhar, o silêncio e o que está por trás das cenas da vida.

Volto meu olhar para o ano de 1870, onde encontro o primeiro palhaço negro brasileiro. Seu nome, Benjamin de Oliveira, acrobata, produtor e ator; dramaturgo e instrumentalista; considerado um dos precursores do circo-teatro no país. Escreveu as peças Vingança Operária, Matutos de Cidade e A Noiva do Sargento, e as encenou no picadeiro. Também, em 1908, dirigiu um dos primeiros filmes do cinema brasileiro Os Guaranis. Benjamin com seu olhar criativo formou sua imagem intelectual. E, sem dúvida, vejo com emoção os sentimentos longe dos preconceitos..

Por que muitas vezes o que olho não é o que vejo? Se busco a imagem como resultado dentro do contexto, olho com o coração; em outras vejo com a razão. Ambos os gestos revelam puro mistério, talvez por ser tomada pela vontade de selecionar o fato que me levou à inverdade do ato. Como se me censurasse ou me submetesse a um olhar maior; como se não estivesse olhando para dentro, mas, vendo apenas o lado de fora. É como aprendi: ver o que é melhor para mim.

Sob o prisma do mistério, o olhar simbolicamente compõe a paisagem ao captar nuances e diversidades nas cenas da vida. Contudo, não apenas reitero o desejo de ver, como torno o registro do olhar na representação do que me revitaliza e relembra a busca incessante pelo novo e desconhecido.

Data : 10/02/2019

Título : OS MISTÉRIOS ENTRE VER E OLHAR

Categoria: Crônicas

Qual é a diferença entre ver e olhar? Existindo diferença, ela é sorvida pelo fio da lucidez que, por vezes, altera as imagens e revela a condição humana.

Olho só para a luz que mostra o que quero ver? Ao olhar para algo, trago para perto de mim. É o caso de Israel Nicolay que volta o seu olhar para o ferro-velho, com a intenção de encontrar uma peça para transformá-la em bicicleta. Ele é inventor e artista plástico. Seu maior prazer é construir bicicletas (já inventou 88). Tudo começou quando viu um estrado de cama no ferro-velho e logo imaginou uma bicicleta. Desde então suas buscas não tem fim; olha e vê a peça certa para realizar sua obra de arte.

Entre ver e olhar, sigo confiante de que certo olhar atrai mais, porque nele descubro a resposta que procuro. Ver é apenas a reação que serve para identificar os mistérios do mundo de forma diferenciada.

Quando olho para uma obra de arte digo que estou lendo a imagem e, quando vejo a arte, estou passeando pela ideia do autor. A experiência adquirida é que mantém o mistério entre ver e olhar.

Meu caminho é construído por imagens que contam a história. Com o olhar posso ver o que se revela em cada cena. Somos todos iguais, mas, ao franzir os olhos aprendo que



não é preciso ter para ser. É preciso entender cada olhar, o silêncio e o que está por trás das cenas da vida.

Volto meu olhar para o ano de 1870, onde encontro o primeiro palhaço negro brasileiro. Seu nome, Benjamin de Oliveira, acrobata, produtor e ator; dramaturgo e instrumentalista; considerado um dos precursores do circo- teatro no país. Escreveu as peças Vingança Operária, Matutos de Cidade e A Noiva do Sargento, e as encenou no picadeiro. Também, em 1908, dirigiu um dos primeiros filmes do cinema brasileiro Os Guaranis. Benjamin com seu olhar criativo formou sua imagem intelectual. E, sem dúvida, vejo com emoção os sentimentos longe dos preconceitos.

Por que muitas vezes o que olho não é o que vejo? Se busco a imagem como resultado, dentro do contexto, olho com o coração; em outras vejo com a razão. Ambos os gestos revelam puro mistério, talvez por ser tomada pela vontade de selecionar o fato que me levou à inverdade do ato. Como se me censurasse ou me submetesse a um olhar maior; como se não estivesse olhando para dentro, mas, vendo apenas o lado de fora. É como aprendi: ver o que é melhor para mim.

Sob o prisma do mistério, o olhar simbolicamente compõe a paisagem ao captar nuances e diversidades nas cenas da vida. Contudo, não apenas reitero o desejo de ver, como torno o registro do olhar na representação do que me revitaliza e relembra a busca incessante pelo novo e desconhecido.

Data : 10/02/2019

Título : OSSOS DO OFÍCIO

Categoria: Crônicas

“O significado da expressão ossos do ofício remete para a realização de uma tarefa incômoda ou que implica um esforço extra, na sua execução.” Difícil compreender, mas, todos fazem parte das obrigações do dia a dia, como diziam os antigos, são os ossos do ofício. Segundo Agostinho Both, “A natureza humana busca a diferença, a liberdade e a vantagem”.

Em cada profissão há sempre algum desalinho que, por vezes, toleramos, eis que são os ossos do ofício. É de se esperar que, mais do que respeitar o trabalho, conviver com ele é incorporar as dificuldades e os incômodos, como fonte de receptividade e diversidade. Agostinho Both salienta que “O mérito... estava em suas próprias mãos e não na sorte que o Senhor pudesse conferir”. No entanto, reconheço como é difícil contribuir, em grande parte, com a (in)tolerância que tem se transformado em ato de discordância, quando no trabalho não somos espontâneos e as tarefas se multiplicam.

De onde vem a vontade de não se queixar sobre os ossos do ofício? Agostinho diz que “... sobre muitas coisas se sonha e, geralmente, o sonho perde para a realidade”.

Acredito que o entusiasmo vem da criatividade e da responsabilidade que temos pelo trabalho. Com dedicação permitimo-nos fazê-lo, conscientes de que nos entregamos para mostrar o nosso talento e contribuir para fortalecer a nossa identidade. Both alerta que “... tudo o que está fora do homem, está também dentro dele... a natureza e sua paisagem instruem a alma humana”.

Falo em ossos do ofício, logo penso no poeta que, por sua vez, trilha caminho próprio em que atua e assume posições-chave, pois, tem condições de conquistar o seu espaço ao compilar as ideias; então, encontro em Vera Lúcia de Oliveira, no livro *Entre as Junturas dos Ossos*, poemas que retratam, “o que está entre as juntas dos ossos é o que temos de mais profundo no corpo vivo...” – “fui aos poucos / tirando as cascas / do osso / derrubando muralhas / de artelhos...”. Ela evidencia que, na hora de trabalhar, realiza a ação expressando ideias, no sentido de provar que o esforço engrandece a todos: que se a poesia não é imprescindível, é desejada.

Somos moldados pelas referências e, quando do nosso interesse, as incorporamos. Ainda em Agostinho Both, “o nosso pensamento está livre para representar um novo tempo e para que possamos fazê-lo, a exemplo do que se passa em nosso espírito. Que nossos braços tenham a força para cumprir nossas palavras”.

Ao acreditar em nosso talento, consideramos os ossos do ofício e mostramos que somos bons no que fazemos. O truque é desafiar as diferentes interpretações, certas ou erradas e não perder a noção do quê e como fazer o trabalho.

Data : 28/02/2018

Título : Outra Carta

Categoria: Crônicas

Descrição: Obrigada pelas palavras. Agradeço sempre que, ?esta mensagem leva meu coração?...

Carta,

Outra Carta

Obrigada pelas palavras. Agradeço sempre que, “esta mensagem leva meu coração”; recebi o cartão e não devolvo o seu coração.

Tempestivamente, meu pensamento procura o seu, desde o recebimento do cartão, para identificar a sua chamada em meu coração. Nas palavras de Guilhermino Cesar Filho, “... Os caminhos se enroscam / no solene debaixo do jardim / enquanto meu passo ecoa / solitário sobre o limo”.

Busco a sua presença em outros rostos e volto com a certeza de quanto me dói não enviar as cartas para você. Guardo-as comigo para evitar maior constrangimento em

relação a nós dois, em consideração aos nossos pais. Porém, sinto-me desabitada, desativada e tantas outras sensações, até poder a sentir sua presença, seu perfume, ouvir sua voz e ler seus poemas.

Sou a referida pendência em relação aos nossos sentimentos. Estou no aguardo de sua pronta manifestação. Quando me serão enviadas as cartas? Ainda em Guilhermino Cesar Filho, "... (Por que para andar conmigo / me bastam mis pensamientos)".

Sofrendo com a saudade,

sua amiga de sempre para sempre.

Data : 10/05/2016

Título : PACIÊNCIA: Luxo ou Necessidade

Categoria: Crônicas

Descrição: minha crônica, em:

<http://saber-literario.blogspot.com.br/2016/04/paciencia-luxo-ou-necessidade-tania-du.html>

Data : 30/03/2015

Título : PACIÊNCIA: LUXO OU NECESSIDADE

Categoria: Crônicas

Descrição: Luxo é ter paciência ou a paciência é uma necessidade? Com essa indagação, vejo como é fácil o pensar e difícil o agir; a vida só nos pertence se soubermos unir pensamento e ação.

Para Machado de Assis, "A vida é cheia de obrigações que a gente cumpre por mais vontade que tenha de as infringir deslavadamente".

Luxo é ter paciência ou a paciência é uma necessidade? Com essa indagação, vejo como é fácil o pensar e difícil o agir; a vida só nos pertence se soubermos unir pensamento e ação. Nesta altura dos acontecimentos, percebo ser a paciência a virtude que pode reverter vários quadros, em diferentes preocupações, inquietações e decisões

em relação à forma de viver. Ela é instigante porque nos surpreende e faz com que paremos para pensar, como demonstra Nilto Maciel em sua crônica Paciência e bom senso, "... nunca recebi tantos impressos quanto nesta era da internet... Ora bolas! Se fosse apenas para ler, seria ótimo... Se falamos em ler meus contos, poemas ou romances? Nem pensam nisso. Eu seria para eles ...apenas instrumentos para a sua glória, a sua riqueza, a sua empáfia.Desconhecem (e nem se interessam em conhecer) minha fortuna crítica: alguns prêmios literários e publicações analisada por leitores especiais...Haja paciência (em mim)! Haja bom senso (neles)!"

No cotidiano, a paciência é a necessidade que pode nos levar a melhorar a relação com o tempo e as pessoas. Ela se manifesta de várias formas e não tem normas a seguir, por que é pessoal. Mas, na maioria das vezes, sabemos que ela é a solução em um ou mais momentos por nos permitir compartilhar ideias com os outros; como em Carlos A. Lima Coelho, "A inquietude toma conta da calma/ Pois sem estar vendo todo dia você / Não há como serenizar a minh'alma..."

Ter paciência não é fácil, pois ela nos deixa à espera do instante; é algo que perseguimos e o resultado pode levar à nossa satisfação. A paciência não nos anula, faz-nos refletir que as mudanças são perceptíveis e resistentes. Aumenta o prazer pela convivência e, em evolução, busca a harmonia entre as pessoas. É o mistério em se deparar com o outro, para trazer entendimento entre todos. Sempre penso em quatro ações que não se recuperam, quando tenho de exercitar a paciência: a pedra, depois de atirada; a palavra, depois de proferida; a oportunidade, depois de perdida e o tempo, depois de passado; como nos diz o poema de Murilo Mendes, "Meu novo olhar é o de quem já sabe /Que alegria e ventura não permanecem./Meu novo olhar é o de quem desvendou os tempos..."

A arte de comprimir ou alongar o tempo é obtida através da paciência. Ao pensarmos nela como virtude, acreditamos nas mudanças. O luxo é ter paciência. Ao abordar essa questão, acredito que podemos fazer escolhas; encarar a vida de forma mais leve, com a opção do movimento: menos cobranças e maior compreensão, como nas palavras de Jaime Vaz Brasil, "A paralela dos olhos / amarra o fio /do poema. //Desfila o tempo / e costura as paredes do silêncio..."

A fronteira entre o luxo (sonho) e a necessidade (realidade) são as vozes, os olhares e a atenção que dedicamos ao tempo. A dúvida é se quando a paciência revela o caráter, com boas energias e otimismo, para alcançarmos os objetivos, se tornará luxo? E se não conseguirmos atingir ao que nos propomos, será necessidade? Sonho ou realidade? É preciso ter consciência para alcançar o melhor em nossas vidas, sem ferir os sentidos e os sentimentos, preservando a paciência, sempre, como luxo e necessidade.

Data : 18/01/2013

Título : PAISAGEM: aquarela de cores

Categoria: Crônicas

Descrição: A natureza sabe posar para nós, falar com cada um e ainda capturar os sentimentos. Ela revela, aos sensíveis, a poesia. E, a partir da paisagem, podemos repassar e continuar com ela ao nosso lado: horizonte a horizonte.

A natureza sabe posar para nós, falar com cada um e ainda capturar os sentimentos. Ela revela, aos sensíveis, a poesia. E, a partir da paisagem, podemos repassar e continuar com ela ao nosso lado: horizonte a horizonte.

A arte é manifestação ligada ao espírito humano, onde o homem busca dar aos objetos que cria formas que independem da utilidade, mas, sim, que satisfazem as necessidades de harmonia e beleza.

Na arte, segundo Silvia Roger... "quase todos os grandes artistas plásticos foram seduzidos pela aquarela...", como o quadro "Paisagem com Casas", de Anita Malfatti, que transmite relaxamento e ajuda a esvaziar a mente, porque é inspiração que permite a gestação do novo.

Através do contato com a natureza, os artistas cultuam as suas obras, fazendo a diferença em suas representações, transformando e ampliando as suas composições. Eles têm a liberdade e a perspectiva de representar os aspectos da natureza, tal como vistos, mostrando suas deformações.

José Zaragoza recriou a paisagem e nos mostra "As Paisagens Negras", que são as florestas queimadas. Nas telas, uma crítica que alerta e premedita o futuro, onde perderemos o contato com a natureza.

O contato com a natureza faz a diferença, torna-se período criativo, de transformação, ampliando a nossa força, onde a natureza, juntamente com nós, se liberta. Nas palavras de Pedro Du Bois, "O cinza / o chumbo / o verde água / o verde musgo / o azul desaparecido / o dourado ambiente / o vermelho reticente / das queimadas // atravesso a rua e compro / a prova da existência // o negro carvão oferece abrigo / e me instalo: branco"

A natureza é aquarela que mistura as cores, define a arte, impulsiona os nossos atos e abre portas para a sensibilidade, refletindo a variação emocional que dá à vida conexão entre corpo e alma.

É na paisagem que todos os momentos da vida são construídos, porque faz-nos sorrir, chorar, amar e viver o amanhã. Ela merece o nosso aplauso.

"... Lá estende-se o alegre e verde prado / De policromas flores matizado / Onde adejam falenas multicores." (Geraldo Atto De Azevedo)

Data : 20/05/2013

Título : Paixão em ordem

Categoria: Crônicas

Paixão em ordem

"Pego a palavra amor e dentro / dela semeio meu sigilo: / este rumor do mar batendo, / esta paixão, este suspiro"

(Gilberto Mendonça Teles)

Quão poderosa é a paixão? Para responder a essa pergunta é preciso ordenar os sentimentos, encontrar o amor, a cura da alma e buscar o sonho. Apaixonamo-nos muito, de forma desordenada e desesperada, quando jovens. Com o passar dos anos a paixão é mais aberta, madura para amar uma pessoa como ela é. Encontro em Paola Rhoden que "A felicidade está em fazer de cada pequeno instante // um grande começo, / e confesso, / que não fiz deles, // uma ponte de sucesso..." e, em Frederico Barbosa, "...sentimento: forma que reforma dentro."

A paixão muda o comportamento, as atitudes e estabelece preferências, como conversar olho no olho. É poderoso sentimento que desafia e acalenta o coração. Os sentidos entram em comunicação, permeando e transmutando impressões e sensações. Essa desordem sensorial é a paixão. O apaixonado faz gênero sensível, como amante do risco tem a coragem para combater o medo e enfrentar as diversidades. Estar apaixonado é se relacionar verdadeiramente e expressar emoções mais profundas. É falar sem palavras, produzindo estímulos que levam ao que realmente somos ou sentimos. Nas palavras de Pedro Du Bois, ...amantes, na comunicação / com que se elevam, beijos / e contatos, a paixão entregue / ao anunciar dos desejos..."

Como quesito do sentimento na poesia, lembro o Poeta da Paixão, Vinicius de Moraes, por dois motivos: a importância da sua obra poética e por ter sido um homem que viveu intensamente, entrelaçando sua vida, acionando os sentidos, como em Onde está Você, Soneto de Fidelidade e A Luz dos Olhos Teus. Também, saliento o livro de Luis Augusto Cassas, Liturgia da Paixão, que fala dos mistérios da paixão e do amor em sua pluralidade —"...De pequenos e grandes gestos / renasce o amor: / fogo no coração, / chuva na emoção, / até ressurgir a luz / cristalina da paixão." E Carlos Higgie, no livro Caleidoscópio, conta que a paixão é sentimento que não tem limites, "...de cara para o mar, abraçados, os olhos perdidos no horizonte, olhavam como o sol pintava o céu...Era emocionante para ela, sentir a mão firme do rapaz na sua, as pernas quase se tocando, ele recitando uma poesia de Neruda e a natureza brindando-lhes com aquele maravilhoso espetáculo..." E, ainda Paulo Monteiro com a poesia, Paixão do livro Eu resisti Também Cantando.

Numa paixão o essencial é transformar o relacionamento em acontecimento: unir respeito e carinho. O segredo é se sentir em mudanças ao desejar a paixão como desordem dos sentimentos; ordenar as relações sabendo prestigiar a si mesmo para

amar o outro: somar, dividir e multiplicar o amor. Como no livro Cantar de Amor – entre os escombros, de Frederico Barbosa, com poemas de amores que se multiplicam em encontros e desencontros, fugindo da ordem da paixão.

Data : 02/03/2013

Título : PALAVRAS (mal) DITAS

Categoria: Crônicas

Descrição: Um mundo pontuado por informações instantâneas me faz pensar na articulação intelectual e oratória, e me remete ao valor da palavra (mal) dita das histórias narradas pela televisão.

HHHHHHHHHHHHHHHHHHHHHH

Um mundo pontuado por informações instantâneas me faz pensar na articulação intelectual e oratória, e me remete ao valor da palavra (mal) dita das histórias narradas pela televisão. Pulando os canais de TV entre um jornal e outro, ouço descrições absurdas, como nessas frases: “Morreu o maior escritor português vivo”; “... vai ajudar a divulgação internacional, lá fora”; “Movimentos, balanços movimentados”; “Os médicos interessados devem ter registro médico”; “A bola saiu para fora”; “A notícia saiu no jornal local daqui”.

Palavras ditas! Palavras escritas! Palavras (mal) ditas! Como “A hora dos maus dizeres...”, de Nilma Gonçalves Lacerda.

O ato de escrever nem sempre comporta respostas. Muitas organizações têm por fonte de inspiração a mensagem que expressa forma de ação. A humanidade se singulariza em constante mudança na busca do contato verdadeiro com algo que a faça sentir-se realizada e completa. O importante é entender em profundidade algumas ideias e não chafurdar em erros.

A televisão em sua trajetória por vezes dá a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre os fatos, desde que sejam desvendados com sabedoria e objetividade. O mágico (trágico?) mundo das notícias poderia facilitar a vida de quem dispõe de pouco tempo, mas o ideal seria que a elaboração fosse apresentada como obra de arte.

É o caso de Otto Lara Rezende, sempre lembrado como genial frasista, que ficou conhecido pelo espírito ágil e capaz de criações instantâneas. Foi o autor de frases que fizeram história, como: “O mineiro só é solidário no câncer”, a mais famosa das suas frases, celebrizada por Nelson Rodrigues, na peça “Bonitinha, mas ordinária”. Otto faz ironia com a sua terra natal, do que só os mineiros são capazes.

Frases são palavras ditas. Basta uma frase para conciliar a ordem, assumir um ato e dizer, como Letícia R. Ferreira que “A poesia faz de cada palavra um centro ao somar ao seu sentido frasal, ou, como Orides Fontela, para quem “... Fatos são palavras / ditas pelo mundo.”

Este simples e pequeno registro é para ir além, porque é importante trabalhar para alcançar a realização plena e deixar cada espectador viver momentos de sabedoria, aceitação e alegria, atendendo à necessidade básica de descobrir mais sobre os fatos.

As palavras ditas, vistas de várias maneiras, apresentam o que há de melhor sobre a vida, na possibilidade de serem mudadas todos os dias, atendendo aos dizeres de Lindolf Bell: “Palavras são seda, aço. / Cinza onde faço... me refaço.”

Data : 20/01/2013

Título : PALAVRAS CIFRADAS

Categoria: Crônicas

Descrição: As palavras restringem os nossos sentimentos e, por isso, muitas vezes usamos o chavão: “Não tenho palavras?”. O sentimento vai além do que poderia ser descrito.

As palavras restringem os nossos sentimentos e, por isso, muitas vezes usamos o chavão: “Não tenho palavras”. O sentimento vai além do que poderia ser descrito.

O poeta Oliveira e Silva, pergunta: “Quem somos nós, senão a chuva e o vento, / Quando, por acaso, dialogamos, / sob um céu vago, às vezes pardacento, / Ao gemerem as árvores nos ramos?” Assim, ele indaga sobre o sentido da vida e nos mostra que ela é feita de palavras que podem ser inadequadas, opostas, reparadoras, carinhosas, famosas, educativas, deslocadas, coloridas, surpreendentes e cifradas.

Palavras cifradas, misteriosas, palavras que riem. Reflexão, rigor, concisão, ironia, coerência – o desejo comunicável, o invisível grito em que o escritor com suas próprias palavras cria a arte e o mistério, marcando a sua existência, como em Juan Gelman “dizes palavras com árvores / tem folhas que cantam...// teu silêncio / desperta / os gritos do mundo.”

Novas cores. Novas palavras acarretando modificações e revelando o desejo de cada escritor. Num mundo de mensagens escritas surgem palavras “novidades”, ou seja, há código próprio de escrita criando possibilidades de interação, permitindo que as pessoas “teclêm” com amigos do mundo todo. Porém, é preciso ter cuidado com a utilização em demasia do computador, gera individualidade sem intimidade, restando apenas palavras cifradas. Pedro Du Bois mostra em seu livro, A palavra do Nome, “o nome adequado: a epopeia / lança o encontro / entre o corpo e a palavra”. Ele faz alusão ao sentido, na forma, na beleza e na profundidade, com a qualidade intrínseca da importância e significância do diálogo.

Sob várias formas a palavra reduz os sentidos do que é visto todos os dias. A palavra é o caminho para o conhecimento e chega a todos, transporta resultados que



dão significado à vida. Ela abre um novo panorama e, em cada poema, nos faz sentir vivos e não cifrados.

Rubens Jardim completa, fazendo reflexão sobre a palavra: "... E eu fico aqui me perguntando / onde está a palavra antes da palavra? / Aquela que nos desenvolve sem cessar / a consciência da total ambivalência? / Aquela que rompe com os marcos / da duração e estabelece a hora imóvel / que os relógios não marcam?".

Data : 30/01/2014

Título : PALAVRAS DESLOCADAS

Categoria: Crônicas

Descrição: Na vida, dividimos o tempo com as obrigações e o lazer, mas, em todas as situações, reconhecemos que as palavras bem colocadas abrem caminhos.

Na vida, dividimos o tempo com as obrigações e o lazer, mas, em todas as situações, reconhecemos que as palavras bem colocadas abrem caminhos. Cabe a nós perceber que as palavras bem usadas causam reações e, por isso, devemos pensar em quais as falas e atitudes que nos mantém unidos, aumentando a compreensão dos fatos e a cooperação para a autonomia.

Quando a palavra está deslocada, muitas vezes, transforma o comportamento da pessoa que ouve, para melhor ou pior. E, ao mesmo tempo, devemos levar em consideração as circunstâncias e os fatos, ao ouvir o que não gostaríamos, por exemplo: "Acúmulo de medidas" – quando ouvi esta frase junto com o Pedro ele comentou: "parecem trilhas suspensas nas copas das árvores"; logo, lembrei-me de Lindolf Bell, "Feriu-se de palavras / me feriu, / me faliu..." Isso mesmo, há perda de sentido quando a pessoa diz ou escreve palavras deslocadas. É preciso ficar alerta e atenta para não se assustar com as palavras ditas fora dos contextos, inclusive provindas de pessoas do dito meio cultural.

Deslocar, desmedir as palavras, mexe com os sentimentos, não nos permitindo ter a compreensão, porque mudam os significados e não as entendemos. Outro exemplo, ouvi dispensar, como dispensar alguém. Mudou totalmente o significado da frase. Então, impor limites nas palavras é mostrar que nos importamos com o que dizemos: é explicar, saber e entender o que falamos.

Será que encontramos equilíbrio nas palavras deslocadas? Essa questão me leva a pensar que depende muito do bom senso, além do conhecimento. Se os jornais, TVs, outdoors, placas, anúncios etc e tal, forem escritas e/ou ditas de forma incorreta e sem sentido, perdemos o controle sobre a qualidade de vida. Não há meio termo para o

correto. Temos de suportar os deslocamentos e isto nos traz insegurança e questionamentos.

Volto ao “Acúmulo de não medidas”, que apenas nos transmite manipulação, para terem o que querem: audiência. Buscamos por respostas dos responsáveis e não obtemos. Por isso, digo que é questão de bom senso. Usar, ler, ouvir palavras deslocadas, desequilibra a vida e nos transforma em alguém que nunca imaginamos ser: aculturados.

De qualquer maneira, usamos a palavra como recurso, logo, estamos vinculados à arte de complementar a vida cultural, pois devemos usar a crítica construtiva e repetir, da forma exata todos os dias, até que reconheçam corretamente o significado das palavras e façam da expressão gramatical um elo entre nós, valorizando tudo o que temos para oferecer: a arte de escrever; a arte de contar e a arte de ler.

Acredito que viver com qualidade e sucesso se deve ao fato das pessoas perceberem e terem consciência (inclusive política) para entender quando as palavras estão deslocadas; e cabe a nós dizer: sim ou não!

Data : 19/10/2016

Título : PALAVRAS e ARTES em VIA RÁPIDA

Categoria: Crônicas

Descrição: Via Rápida é livro de poemas de Pedro Du Bois. O livro é arte e lazer. Nesta obra o poeta marca encontro com os escritores...

Via Rápida é livro de poemas de Pedro Du Bois. O livro é arte e lazer. Nesta obra o poeta marca encontro com os escritores: Paulo Monteiro, no prefácio; Geraldo Fernandes, no posfácio; Gilberto Cunha, na quarta capa; Marco Damian na orelha; e Eduardo e Layla Barbosa, nas ilustrações.

Du Bois não se curva, faz a sua poesia e não a dos outros. Ele não segue a moda, que é o modo mais rápido de vencer na literatura. Porém, as portas se abrem, agora, com o Via Rápida, que representa um passo a frente no rumo poético: seu estilo, ao empregar as palavras é de quem sente as vibrações entre o som e o significado na busca da poesia reflexiva. Diria até que não se entrega a primeira leitura e, também por isso, é necessário elogiar a sua obra. Não há meias palavras para descrever a grandeza da obra; sob os traços do Eduardo, os poemas se destacam na influência da luz dos dias.

“Exigem o traço reto em réguas / dividindo o espaço: a permissão / entre as proibições de sempre // o espaço desregrado do espírito inquieto: completa a cena / no sarcasmo característico dos corpos destruídos”

Já como influência consolidada, o autor mostra o passar das horas na medida em que vai sentindo sua origem, embora escondida na lembrança; as palavras entregam indícios de seu talento no misturar ficção e inspiração, para descrever a liberdade em Via Rápida.

“... Reorganiza ideias: sorri o lado / de fora e pensa a rapidez da aurora / onde amanhece em silêncio.”

As ilustrações dos poemas aumenta o desafio à participação do leitor, dando vazão para garantir a leitura no desfrutar as ideias e sentir que não há limites estanques nas criações. Tanto a arte literária como a plástica se norteiam pela qualidade, voltadas para tempos mais humanos, com a visão de conquistar e entender o mundo em novas dinâmicas.

Pedro e Eduardo fazem arte marcante na cultura, onde ocupam espaço através de seus processos de criação, trazendo para o dia a dia o poder de encantamento, reflexão e beleza.

“Encosta o corpo / no corpo vago da passagem // escuta o som sussurrado // com os olhos fechados relembra / acontecimentos: corpos / selados em silêncio.”

O livro é jornada que se desenrola de forma arrebatadora, porque traz arte literária em conjunto com a plástica, e isso faz a diferença, já que a tendência da mente é a de viajar e viver o presente. É, também, gratificante, desafiador e instigante: expressa que o viver passa em Via Rápida em diferentes pontos de vista, ampliando a nossa visão cultural.

“O lugar vazio / a máquina desligada / o olhar absorto //  
a primeira vez // a contestação silenciosa /  
a constatação do fato”.

Data : 03/08/2016

Título : PALAVRAS em MOVIMENTO

Categoria: Crônicas

Descrição: Carlos Pessoa Rosa pergunta, ?para quem o autor escreve? -...

Carlos Pessoa Rosa pergunta, “para quem o autor escreve? -... aquela imediasidade entre o poema e o leitor é um prazer dos poucos”.

Acredito no movimento das palavras para mudar o mundo e as pessoas. Segundo Adélia Prado, “a literatura é uma expressão pura: ela não serve para nada, no sentido de que não posso nem devo usá-la como instrumento para ideologias políticas, filosóficas ou religiosas. Um bom texto é como uma rosa no pé, um gato, uma cachoeira, um corpo; é expressão pura. Pode decorrer de sua contemplação, uma descoberta... Afinal, a arte é um espelho. Podemos levar um susto com o que vemos”.

Tudo é uma questão de dosagem. É com a literatura que adquire cultura, que aprendo sobre minhas capacidades e dificuldades. Mas, não posso deixar a mercê do que todos esperam de mim. Preocupo-me em corresponder à expectativa, como leitora, de maneira saudável e prazerosa de viver. É de grande valia imaginar, enquanto leio. Orgulho-me dos talentos escolhidos, por acreditar piamente no movimento das palavras e sentir o gosto pela vida e, muitas vezes, a saudade como conforto. Pedro Du Bois, com olhar diferenciado, no livro *O Movimento das Palavras*, revela que “A diferença reside / Entre os que praticam / Jogos // E os guerreiros // Não há guerra / Há disputa // Vence o melhor / Não o mais feroz”.

Palavras em movimento criam novos horizontes; facilitam qualquer trabalho e mais, cristalizam-me a nunca deixar de ler, porque transparecem meus limites e a minha satisfação. É uma performance inquestionável que combina com a minha vida e que se diferencia na resposta. Segundo Öhran Pamuk, “... quando eu falo de escrita, a primeira coisa que me vem à cabeça não é uma novela, um poema ou tradição literária, é uma pessoa que fechou a si própria num quarto, sentou-se a uma mesa, e, sozinha, volta-se para dentro; por entre as suas sombras, ela constrói um novo mundo com palavras”.

De acordo com os escritores, palavras em movimento geram ação, como um rio sendo levado pela correnteza das águas – para mudar a direção do barco preciso do impulso e de um plano de ação – para avaliar o que realmente importa e em qual medida de dosagem. É o meu compromisso pessoal.

Sei que posso espalhar palavras e tornar o meu viver prazeroso. O que significa conquistar o coração do leitor. Jorge Forbes demonstra que “a poética não visa ser compreendida, visa ser sentida. Ela toca o corpo além do conhecimento”. E, Amós Oz questiona, “... Por que você escreve exatamente desta maneira? Se você quer influenciar seus leitores. E se quer – em que sentido tenta influenciá-lo. Que função exerce suas histórias...”

O fato é que essa é uma das formas de mudar o mundo e, assim, sinto-me estimulada a seguir o caminho literário e cultural, como em Jorge Luis Borges, “Um grande escritor cria seus precursores. Cria-os e de algum modo os justifica”.

Ler me torna capaz e me faz fugir da banalidade, já que me importo com a qualidade de vida; a pressão arterial diminui e o grau de felicidade cresce; aumenta a autoconfiança e a esperança de, assim, responder a pergunta inicial de Carlos Pessoa Rosa.

É possível com as palavras alcançar o objetivo desejado, depende do quanto quero olhar sobre os talentos da literatura e do quanto sinto o vento da mudança: vontade de descobrir e desvendar a cultura. Um bom livro continua ocupando lugar de honra nas prateleiras da minha casa. Em tempo: 29 de outubro foi escolhido para comemorar o Dia Nacional do Livro, porque nesse dia, no ano 1810, a Real Biblioteca Portuguesa foi transferida para o Brasil, fundando a Biblioteca Nacional.

Data : 30/03/2015

Título : PALAVRAS MORTAS

Categoria: Crônicas

Descrição: Escolho os livros e me deparo com autores de vários estilos, sinto que são sensíveis, criativos, imitadores da natureza e aprendizes do tempo.

para Paulo Monteiro

Escolho os livros e me deparo com autores de vários estilos, sinto que são sensíveis, criativos, imitadores da natureza e aprendizes do tempo. Eles têm hora marcada comigo, na minha leitura. Às vezes, deixo de fazer algo da minha rotina para continuar lendo e, conseqüentemente, vivenciar as palavras.

Sempre me pergunto o que significa talento. Nilto Maciel responde que “são chamados de escritores talentosos aqueles que em vez de ter vida social, preferem livros. Nada inventam, porém sabem descobrir modelos (que a maioria nem percebe), artifícios de linguagem, entradas e saídas (labirintos), técnicas de narrar e compor poemas...”.

A ideia é a respiração do autor na imaginação do leitor como possibilidade individual para encontrar resposta para um dos maiores mistérios do universo: o que há por trás do pensamento?

O escritor e historiador Paulo Monteiro diz que quando o autor coloca as ideias no papel elas se tornam palavras mortas. Essa perspectiva leva ao entendimento de que o leitor ressignifica o caminho histórico e reflexivo entre o passado e o presente. Também, referencia os conceitos de liberdade e expressão, chamando a atenção para os valores e a acolhida das palavras, na conquista para transformar a razão em viés intelectual, transfigurada na busca entre vozes em leituras de visibilidade, onde a retórica do escritor é o mundo na representação do exercício para a definição da verdade. Encontro no ensaio de Gilberto Cunha, “O nascimento do leitor”, Ronald Barthes com “A morte do Autor, O nascimento do leitor tem de pagar-se com a morte do Autor” e, Gilberto Cunha completa que “É o leitor essa figura que surge com a morte do autor, que vai dar a um texto as suas múltiplas significações”.

A voz do leitor evidencia que a liberdade de expressão fornece bases para a fundamentação consistente no entendimento do significado e do ressignificante na palavra, intimamente, conectada à cultura. Nilto Maciel expressa, “... tudo existe por uma necessidade. Nada se cria para ser inutilidade. Mesmo aquilo que alguns (ou a maioria) abominam... A linguagem também cria ou recria continuamente, por necessidade de comunicação”.

Assim, o autor assume a construção e o ineditismo no modo como explora o assunto ao desenvolver o pensamento: palavras mortas que por sua vez reforçam a escrita como ponto de referência. Segundo Cunha, "... a relevância de um texto não resistir em sua origem (o autor), mas sim o seu destino (o leitor)".

Talvez seja pertinente refletir o mundo como livro a ser reescrito; como se pudesse haver tal mundo à parte da obra, embutido no inverso sentido, no eclodir a culminância da linguagem frente a versões cerceadoras, fosse manifesto de impressões. Na visão de Gilberto Cunha, "autor morto, leitor posto... apagou a leitura do autor em proveito do escritor, que morre ou encerra seu papel quando o texto é posto em circulação..."

As palavras mortas se inserem na vida do escritor e do leitor, através do talento de cada um que, por sua vez, reforça o caráter, a criatividade e a responsabilidade pela construção, ao levar as palavras para reforçar, na leitura, a predisposição para a participação do leitor nas ações reflexivas do autor. Como demonstra Paulo Tarso, "a letra mata, o espírito vivifica".

Data : 25/02/2019

Título : PALESTRAS

Categoria: Crônicas

Descrição: Assisto a tantas palestras que tenho bons motivos para arguir: ...

Assisto a tantas palestras que tenho bons motivos para arguir: quando reconheceremos que as palestras não são executadas conforme planejado e no assunto combinado? Foed Castro Chamma diz que, "“ A dúvida limita, a fuga estende / o vácuo...”.

Para dar sentido ao momento da palestra, no mínimo, o palestrante deve trabalhar de acordo com o contrato, respeitando a plateia, além de criar e inovar através de novos ângulos sobre a matéria apresentada.

Ele necessita sentir que o processo é sua conquista e o seu papel exerce influência através do conhecimento e das suas referências na construção da literatura. Chamma retrata, "... dentro / de cada ação há um desdobrar de lados /ocultos recompondo a face exata / do que se vê no instante revelado...".

Em tais posicionamentos, percebo que o palestrante teima ao expor os seus "eus", suas obras e experiências pessoais, definindo o distanciamento do assunto proposto, no caso, a literatura gaúcha.

O meu tempo é precioso para ficar ouvindo suas perspectivas pessoais. O que me leva a comentar que ele poderia ter a iniciativa de honrar o compromisso.

Destaco quatro observações negativas das palestras: desorganização, atraso para iniciar, ausência do palestrante sem justificativa e repetição do discurso. Foed Chamma

resalta, “... engolir o silêncio... / ou a face real da verdade // concentrar-se no brilho da beleza /... ao brilhar nunca reflete na luz sua face verdadeira...”.

Sem contar que escuto muitas vezes sobre o algum novo modelo. Que novo modelo, se iniciam dizendo: “estava pensando... eu acho...”. O achismo é o primeiro passo para eu fugir do escritor como palestrante, que aparenta e declara sua falta de preparo sobre o assunto; ou que não tem o prazer de ali estar discorrendo sobre a literatura. Chamma salienta que, “se escutam presos ao cordão / da voz que declara o pensamento...”.

Como ouvinte, não controlo o discurso do palestrante, até porque ele considera importante ter vivido sem determinar o que faz diferença em nossas vidas. Então, classifico a palestra como palco de (falta de) talentos em exibição. Como em Foed Castro, “... se negam pela afirmação / da imagem que concentra movimento...”.

Negativos, também, os exemplos usados, que partem do particular para o geral, quando, deve ser o contrário e, ainda, se atém a rótulos trânsfugas do foco.

Na lenga, lenga, perco meu tempo ouvindo: “o homem serve de espelho”, “no meu livro...”. Não escuto nada sobre a construção do conhecimento e de projetos que projetem novas realidades, que seriam as propostas das palestras. Então, fico na dúvida de o crescimento e o desenvolvimento depender exclusivamente do esforço individual.

Planejo assistir as palestras para elevar o conhecimento em processo de aprendizagem e na busca de afirmação literária. Infelizmente, os temas programados, não rendem discussões e desafios. Assim que, quando as dores comuns são compartilhadas e não as vitórias, emerge o agravante da desigualdade. Não há reflexões nem a força simbólica da troca de informações. Permanece a dúvida: palestrantes são parceiros pelo amor que tem pela literatura? Chamma conclui, “... solto dentro / do pensamento, está/ do lado oposto, como / o deserto, o nada, o vácuo...”.

Data : 13/04/2016

Título : Papel & Imaginação

Categoria: Crônicas

Descrição: Um simples pedaço de papel mostra vários significados e, junto com a imaginação e a simbologia, sentimentos e sentidos,...

Um simples pedaço de papel mostra vários significados e, junto com a imaginação e a simbologia, sentimentos e sentidos, as palavras têm significado e representações únicas para cada escritor/leitor. Para Gilberto Cunha, “... Somos herdeiros de conhecimento. Isso equivale a dizer que, recebendo conhecimento de outros, também podemos herdar visões do mundo...”.

No papel as palavras adquirem força imagética ao se difundirem para a sociedade e se tornarem símbolos: escrevo aqui, leio ali, imagino lá e pronto: o papel e

a imaginação são cúmplices da minha arte. Trazem dias de coragem e conquistas diante do cotidiano, ao agilizar as tarefas. Harry Laus bem retrata, no livro *Os Papéis do Coronel*, a questão de escrever na formação das imagens e na questão das influências no processo da escrita.

Confio na sensibilidade dos escritores e acolho estilos que reforçam vínculos com o que quero e gosto, dando-me aconchego na vida. Sérgio Buarque de Holanda expressa, “em outras palavras, seu pensamento é de fato sua forma” e Gilberto Cunha reflete, “... Que aconteceria caso tudo o que foi publicado no mundo, até hoje, fosse impresso em escala nanométrica? Simplesmente, toda a informação que a humanidade já registrou na forma escrita poderia ser transferida para um panfleto (estilo anúncio de supermercados), não escrito em código, mas na forma de reprodução de imagens e estampas originais e tudo mais, sem perder a resolução...”. Indago sobre o saber ao ler o que o autor tem para dizer, ou seja, se suas ideias são compreensíveis. Uso a informação para bem viver e assim alimento a minha autoconfiança. Na visão de Carlos Maria Domínguez, “Os livros são perigosos: mudam o destino das pessoas”.

Busco nos livros (e panfletos?) prazer e criatividade, para organizar os sentimentos. Em que, ao diminuir a intensidade emocional, posso dimensionar a vida com clareza, como em Geraldo Vandré, “... A certeza na frente, a história na mão...”.

Para quebrar a rotina e ter atitudes que favoreçam a lógica, harmonizo o meu dia a dia, com os escritores e suas obras, como em Jaime Vaz Brasil, “... Quando a palavra / amanhece // desaba /e fusiona tudo // à fenda de um pesadelo / que espia seu conteúdo”.

A arte de ler e escrever é via de mão dupla, torna-me cúmplice e parceira da literatura. Sob a influência da imaginação a leitura se torna urgente em minha vida. O bom é que aproveito o luxo de haver tempo para ler. A diferença é que quem dita o ritmo da vida sou eu ao escolher o que ler e o que não ler; assim, encontro Carlos M. Domínguez na obra *A Casa de Papel*, que descreve “o amor destemido pelas bibliotecas e pela literatura” e Guillaume Musso que demonstra no livro *A Garota de Papel*, uma história de amor que se desenvolve no encontro entre o real e o imaginário.

Escritores e obras representam desafios intelectuais e se tornam invencíveis quando se juntam à imaginação. Fico impressionada com a “faxina” emocional que faço ao descobrir a importância das palavras colocadas no papel como chama de vida. Paulo Monteiro revela, “perdi o sono / enquanto isso / escrevo poemas /... e minha insônia / será que sonha?”.

Data : 25/04/2017

Título : PARCEIRA DO TEMPO

Categoria: Crônicas

Descrição: Fazer referência à dona de casa é dizer da heroína trabalhadora e parceira do tempo.



“O que a memória ama, fica eterno. Te amo como memória, imperecível.”

(Adélia Prado)

Fazer referência à dona de casa é dizer da heroína trabalhadora e parceira do tempo. Não quero apenas jogar confetes, mas, dizer que trabalhar como dona de casa é fazer parte integrante dos usos, costumes, hábitos, emoções e da vida das pessoas, porque compartilha respostas, situações e problemas de todos no cotidiano. Para Nei Duclós, “Uma dona de casa... / Levanta histórias do passado / e descobre a natureza do pó / que invade a sala...”.

Ser dona de casa é dominar um pouco de tudo, como bom humor, inteligência, precisão, competência, compreensão, carinho e amor. Participar do dia a dia enfrentando as impertinências e, mesmo assim, detalhadamente, dar conta do recado; acreditar, deduzir, presumir e adivinhar a graça da descoberta e cumplicidade na busca da origem para desempenhar seu trabalho com estilo. Ainda em Duclós, “Uma dona de casa está atenta / com os faróis acesos / na escuridão da estrada...”

Acredito que a dona de casa captura a nossa alma e impressiona observar como se torna indispensável e importante em nossas vidas; mergulha na história familiar e é cúmplice do tempo em que vive como se ele fosse questões envolventes em cada motivo, para aproximar as pessoas. Reaviva a consideração com que faz sempre renovado o relacionamento.

Não são poucas as histórias sobre as donas de casa; a palavra é reconhecer e agradecer pela parceria no tempo e no coração, pois, são quem se relacionam com a organização doméstica, na necessidade pessoal de aquecer a alma e proteger o lar. Vera Costa Vianna expressa, “Seus sonhos e a esperança, a fortuna, a beleza, / tudo fosse ilusão e não restasse nada, / E eu só tivesse a Ti, / ... Eu seria feliz!”

Data : 04/03/2013

Título : PAREDES QUE FALAM

Categoria: Crônicas

Descrição: Você imagina e realiza. Uma parede com retratos de familiares e amigos. Fotos no quarto, no corredor, na sala, aonde der: pura emoção. São registros de viagens, brincadeiras de amigos e de momentos preciosos.

Você imagina e realiza. Uma parede com retratos de familiares e amigos. Fotos no quarto, no corredor, na sala, aonde der: pura emoção. São registros de viagens, brincadeiras de amigos e de momentos preciosos. São imagens espalhadas pela casa, que reassumem as lembranças, como em Pedro Du Bois, “Meço a distância dos amigos,

esmaecidos / amarelecidos // amigos resistem / nas fotografias / e eternizados em juventudes // meço a memória dos amigos / nas brincadeiras de antes // conversa fácil, / atualizando a vida, / desde quando fomos distanciados”.

Paredes que falam, porque todos os que são amados aparecem nela. São fatos e fotos marcantes, colecionados com amor e carinho, com valor sentimental. São retratos que estampam poemas, coisas juntadas ao longo da vida. Segundo Murilo Mendes, “... O retrato revelou: / visão da poesia humana / clarificada em doçura,...”

Paredes que falam, reúnem lembranças que conversam: o espaço é literalmente um ponto feliz. A fotografia paralisa e eterniza como recorte da realidade. Os retratos trazem a energia dos momentos que vivemos. O segredo está no uso de peças queridas na decoração, apenas para criar um novo e único mundo.

Lembro-me de Thomaz Farkas, o pioneiro da fotografia moderna no Brasil. Farkas, nas suas fotos capta, entre outras, cenas do cotidiano e, principalmente, os olhares; privilegia o elemento humano, ou o que é produzido pelo homem. É o fotógrafo que “eterniza cenas que palavras jamais definiriam...” Segundo ele, na fotografia, temos o olhar e o momento, e o segredo é como juntar os dois.

Data : 19/04/2014

Título : PÁSCOA

Categoria: Crônicas

Descrição: Mais uma vez, estamos vivendo o espírito da Páscoa, um dos mais alegres momentos religiosos, em especial, por festejarmos a Ressurreição do Filho de Deus.

Mais uma vez, estamos vivendo o espírito da Páscoa, um dos mais alegres momentos religiosos, em especial, por festejarmos a Ressurreição do Filho de Deus. A Páscoa tem sentido de libertação, “Conheceis a verdade e a verdade vos libertará” (João, 8:32); de ressurreição e de renovação.

Comemoramos a Páscoa no primeiro domingo depois da lua cheia do equinócio de março, com a certeza que em Cristo é celebrada através de símbolos: vida, luz e a alegria de viver, que apresentam significados específicos. Os principais são: o cordeiro representa a libertação; o girassol, a busca da luz da verdade; o pão e o vinho, o corpo e o sangue de Cristo; a colomba pascal, a paz; o sino, pelo som alegre e festivo, anuncia a sua ressurreição; o círio pascal, o renascimento; o coelho, a fertilidade; e o ovo, o símbolo da nova vida.

A história é sensível e emotiva e, ainda, está intimamente ligada ao tempo, ao nosso tempo como força da liberdade. Possui alcance atemporal porque é sopro de vida. Segundo Luiz Coronel, “... A história / é o rosário / da memória. // A história / é o povo / propondo o novo...”.

De todos os símbolos, a história mais interessante para mim, e a mais esperada pelas crianças, é a do “ovo”; conforme a lenda, os persas acreditavam que a terra havia caído de um ovo gigante, tornando assim os ovos sagrados. Para os pagãos os ovos tinham o sentido de nova vida, por isso os presenteavam aos amigos, desejando-lhes boa sorte.

Ainda, diz à lenda que os ovos eram cozidos e pintados com as cores da primavera; bentos, eram doados pela Igreja aos fiéis, na celebração da Páscoa. Com o passar dos anos, os ovos das aves foram substituídos por ovos de chocolate, por causa da quaresma; e pelo surgimento da indústria de chocolate, na Inglaterra, em 1830.

No pensamento de Thiago de Mello, “... A lenda, porque lenda, é verdadeira. / Pois o próprio das lendas é a verdade, / como o próprio do amor que não se acaba, / que seja fundamento de si mesmo / e fundamente a vida de quem ama”.

Hoje, o dia da Páscoa é colorido como a primavera e tem o brilho do sol, mesmo que para nós aconteça no início do outono. Encontramos ovos de chocolates de todos os tamanhos e cores, fazendo a alegria das crianças e dos adultos.

Diz Hélio Pedroso que “O significado desta data religiosa é tão rico de mensagens, que encantou todas as culturas”. Isto é, novas mensagens são criadas e a adesão, a continuidade em acreditar na representação da morte e da ressurreição de Cristo, nos dá a certeza de que estamos no caminho certo: da liberdade e, assim, temos a oportunidade de encontrar a poesia de Antônio Olinto, “... No colher os dias e saber / Renascer no renascimento. / Na hora da paixão...”.

Data : 10/04/2020

Título : PÁSCOA em CASA

Categoria: Crônicas

Descrição: Estamos em confinamento por causa da pandemia. Então, nosso estilo de vida foi alterado; mas, ganhamos forças quando ancorados na família e amigos.

Estamos em confinamento por causa da pandemia. Então, nosso estilo de vida foi alterado; mas, ganhamos forças quando ancorados na família e amigos.

Como resultado de como vivemos festejaremos a Páscoa em nossos lares; atitude consciente que se revelará prazerosa na preparação da celebração e na rememoração do seu símbolo religioso, festivo e alegre no domingo da Ressurreição de Cristo.

Neste ano o domingo de Páscoa será comemorado pelas famílias no confinamento em suas casas e na virtualidade permitida pela tecnologia, com a alegria por estarmos

bem e por podermos diferenciar e separar a necessidade do desejo no consumo dos valores e na reflexão sobre o desnecessário.

Ao descobrirmos a atualidade, entenderemos que o importante é termos a liberdade para pensar e agir de acordo com a gravidade da situação. Tenhamos certeza de que a nossa – pouca – liberdade de ir e vir, não nos tolherá a comemoração, pois, seu significado será sempre prazeroso e nos permitirá perceber que ser simples é bom e beneficia a nossa saúde, assumindo a vida com suas possibilidades e aprendendo a lidar com o confinamento, sem mecanismos de fuga, mas reativando a luz que nos traz o amor, como verdadeiro sentido para nós.

Simple assim. Picasso disse que “a arte é a eliminação do desnecessário”; Leonardo da Vinci afirmou que “a simplicidade é o mais elevado grau da sofisticação”.

FELIZ PÁSCOA!!!

Data : 15/04/2017

Título : PÁSCOA: criar é renovar

Categoria: Crônicas

Descrição: Mais um ano passou e, agora, é o momento de refletir...

“Páscoa é vida nova / Esperança... luz.../ A presença de Jesus /  
Que em todos se renova...” (Walter Pereira Pimentel)

Mais um ano passou e, agora, é o momento de refletir: é comum associar a criatividade como forma de renovação. Na passagem da Páscoa, um dos alegres momentos religiosos, criamos diferentes formas de comemorar a Ressurreição do Filho de Deus.

A Páscoa tem sentido de libertação, então, acredito que colocamos em prática a nossa capacidade de agir, realizar e existir como pessoa. Procuramos experimentar novos caminhos no impulso de, conscientemente, mudar: as emoções são estabelecidas pelos comportamentos no momento em que enfrentamos os constantes desafios. Mas, mesmo assim, o renascimento nos inspira a usar a criatividade como luz e alegria de viver, como novo caminho e maneira de comemorar o dia da Páscoa.

O mais interessante é que temos liberdade para renovar a tradição e celebrar com novo significado e dimensão: repensar as nossas vidas e muitas vezes trazer de volta os sentimentos esquecidos. Além disso, é oportunidade para criarmos sensações que fazem ver o próximo com novo olhar, e de tornar em cada ano o dia da Páscoa como novo dia, com promessa de novidades; um dia colorido porque estaremos prontos para receber, conhecer, aprender e muito a dar. Nas palavras de Celso Gabriel de Toledo e Silva, “... Coelho da páscoa, o que trazes pra mim? / Eu trago em meus achados e

perdidos / O sorriso da criança, / O gesto caloroso do amigo sincero, / A clareza dos sentimentos entre as pessoas;...”

Encontramos na Páscoa que o tempo de criar é renovação, posso dizer que está em nós a capacidade de transformar o mundo em nossa volta, começando pelo cotidiano – criar e recriar os dias - pois, a mudança de atitudes, a busca por novidades e a descoberta de novos amigos são fatores que modificam os símbolos da vida.

O importante é passarmos a Páscoa assumindo nossas verdades, realizando nossos desejos, para termos nos símbolos, como os ovos de chocolates de todos os tamanhos e cores, a nossa alegria e a das crianças. A Páscoa é reflexo do ambiente familiar e, na poesia, encontro dados impressionantes que colhem esta passagem, onde a Páscoa tem sentido de libertação, de ressurreição e renovação, segundo Mirella Luchinytz, “... Desejo que a Páscoa / traga, ainda mais, felicidades para você. // Paz, esperança, doçura e profunda alegria, / como a que você traz e me dá. //Que o nosso amor também “renasça” / mais intenso todos os dias!”

Data : 11/01/2013

Título : PASSAGEM DO TEMPO: lembranças

Categoria: Crônicas

Descrição: A passagem do tempo é uma releitura dos fatos da nossa história. São tantos os acontecimentos que, por vezes, lembramos como, onde e quando aconteceram. Outras vezes, se revelam em desordem que solapa a memória

“... o que parou no passado: / tenras lembranças, sentidas / Que na vida transitória / Lá no fundo da memória / A gente tinha guardado”. (Tenebro dos Santos Moura)

A passagem do tempo é uma releitura dos fatos da nossa história. São tantos os acontecimentos que, por vezes, lembramos como, onde e quando aconteceram. Outras vezes, se revelam em desordem que solapa a memória. Como em Carlos Pessoa Rosa: “... sabemos como a memória traz a tona recalques cuja existência muitas vezes ignoramos e que poderá turvar ou distorcer o que tínhamos como certo...”

É bom sabermos que a memória é uma espécie de selo de qualidade. Porém, mais cedo ou mais tarde, de uma forma ou de outra, ela falha para todos nós e deixa nossos dias vazios, sem recursos para pensar sobre as questões pessoais, interrompendo a nossa rotina.

São tantos os momentos para lembrar em minúcias e as decisões para tomar, que nos sentimos sobrecarregados por não contarmos mais com a memória. Então, buscamos limites em nós e recordamos as boas escolhas em prol da qualidade da existência. Nas palavras de Ivo Gomes de Oliveira, “... lembranças e saudades, sentimentos ligados à

memória / que fazem o homem descortinar outras sensações / que se encontram ocultas dentro de si.”

É na passagem do tempo que percebemos como perdemos a beleza e ganhamos a tolerância junto com a felicidade e o amor, que pedem passagem e em histórias paralelas lembram a paixão e a desilusão, num só reflexo. A sensação é de que ao lembrarmos dos fatos e atos acrescentamos algo significativo aos nossos dias. Benedito Cesar Silva expressa, “Na paisagem no espelho. / Uma releitura, / visto que o tempo passou, / E, na face, marcou / os caminhos da felicidade.

É bom estar ciente de que a vida é desafio e que um gesto pode nos fazer ganhar tempo e movimento, como o amor revela o tempo em lembranças. As imagens, os sons e as sensações podem fortalecer a memória, como em Pedro Du Bois, “Na memória / gestos e tempos / perdidos / em lembranças. // Minha lembrança / quer o tempo parado // no mesmo banco da praça.”

A passagem do tempo é cortina, momento de suspense, e que ao abri-la deparamo-nos com as lembranças, seus significados e seu efeito restaurador, capazes de elevarem o nosso sentimento para seguirmos em frente vivendo nossa singularidade e buscando o tempo que nos permita sermos felizes. Quando não esquecemos é como termos encantamento pelas páginas da vida. Não podemos perder a chance de reviver as lembranças e de merecermos conservar os fatos. Pedro Du Bois revela que, “... o homem é a sua verdade / em todas as fases / dos seus sonhos / e na ilusão da realidade”.

Data : 21/01/2013

Título : PASSAGEM DO VENTO

Categoria: Crônicas

Descrição: Passagem do vento são as lembranças, os encontros e os reencontros: como redescoberta do sonho permitido à ilusão do Trajeto Inverso, de Pedro Du Bois, “sobre minhas lágrimas / muito: cisos trazidos pela vida / na passagem do vento / pelas casas onde um dia / tentei ficar...?; e do livro Vento nos Ossos, de Carlos Higie.

“A minha pátria é onde o vento passa, / A minha amada é onde os roseirais dão flor...” (Sophia de Mello Breyner Andresen)

Passagem do vento são as lembranças, os encontros e os reencontros: como redescoberta do sonho permitido à ilusão do Trajeto Inverso, de Pedro Du Bois, “sobre minhas lágrimas / muito: cisos trazidos pela vida / na passagem do vento / pelas casas onde um dia / tentei ficar...”; e do livro Vento nos Ossos, de Carlos Higie.

Na passagem do vento reedifico os encontros que ainda me são permitidos: mergulhar em pensamento ensurdecido dos tambores, fechando-me em mim, como

mostra Manoel de Barros, “Queria transformar o vento. / Dar ao vento uma forma concreta e apta à foto. / Eu precisava pelo menos enxergar uma parte física / do vento...”

Esquecer o último olhar, desistir da espera ou sentir o vento? Aversa, arremesso do coração. Não espero. Na porta, olho para fora e não há nada, nem ninguém. Apenas o vento passando. Oliveira e Silva diz, “O vento assovia e vaia, violento. / Não nos enxuga as lágrimas o vento, / O vento se espedaça e desmoronamos.”

Meu olhar se desespera, espera e deseja voltar no tempo, escorrer no caminho escolhido, e fazer o caminho de volta. Fazem portas, fazem janelas, e não fazem onde guardar a solidão que vai aumentando com as lembranças, e me sufocando mais do que me protegendo.

A passagem do vento desloca gritos fechados em si mesmo no reencontro com a vida. Nos dias, como vivo, temo a ingloria de não fazer falta. As mudanças, os convites dispersos: convivo com a saudade, a melancolia dos caminhos construídos, e recolho os amigos pelas passagens. Reflito no retorno como partida e revelo as lembranças trazidas pelo vento. “Invento histórias onde me insiro / personagem. Repito cenas. / Reporto a cena irreal. / Refaço a irrealidade. / Preciso estar em algum lugar. / ...Reinvento a descoberta. / Os horários / difusos das músicas. Desoriento / as rosas e os ventos se espalham.” (Pedro Du Bois)

Data : 19/10/2016

Título : PÁTINA do TEMPO

Categoria: Crônicas

Descrição: Pátina do tempo é o movimento das palavras que dá significado à obra literária: estilo e detalhes, onde palavras soltas, despojadas...

Pátina do tempo é o movimento das palavras que dá significado à obra literária: estilo e detalhes, onde palavras soltas, despojadas, dão o toque pela mistura de ideias e cores, formando uma ação perfeita.

Pode a literatura “despoluir” ao abrir o seu espaço? Penso que sim, porque ler é o encontro consigo mesmo; é uma das maneiras de treinar o olhar sobre a realidade e seus desafios. Por exemplo, Dyonélio Machado, escritor gaúcho que tem sobre si a expressão da literatura; pela ação do tempo; também, lembro Machado de Assis e quanto a sua escrita é contemporânea, porque toca as questões éticas e filosóficas inerentes ao ser humano em todas as épocas.

Porém, precisamos ir em frente, sem as constrangedoras obras de maus livros, que refletem prisões de outrora. Hoje, nas livrarias, encontramos mais volumes de maus livros do que de obras verdadeiramente literárias. Como disse Schopenhauer, “Os maus livros são um veneno intelectual que destrói o espírito. Porque a maioria das pessoas,

em vez de ler o melhor que se produziu nas diferentes épocas, limita-se a ler as últimas “novidades”, os escritores limitam-se ao círculo estreito das ideias correntes, e o público afunda cada vez mais profundamente em seu próprio barro”; e, Márcio Catunda afirma “Em livrarias que são cemitérios da cultura, / há editores assassinos da literatura //... Letras lidas com enfado, artes de enganar safado”. Ainda, encontro em Gilberto Cunha, “Um louco chamado Erasmo”, ensaio sobre o livro de Erasmo de Rotterdam, que ele diz ser um dos livros mais famosos e, possivelmente, menos lidos da história da literatura. Esse jogo da literatura versus Maus livros é destacado pela incrível manipulação do tempo, levando-nos à finalização dos atos.

Saliento ser possível mudar quando se sabe aonde chegar; é ferramenta poderosa, mas, o que realmente importa é a qualidade da obra. Louis de Bonald ressalta que “A literatura é uma expressão da sociedade, como a palavra é a expressão do ser humano”.

Na contramão, passo boa parte do tempo em companhia dos livros; fujo da mesmice, que a obra literária vem sempre acompanhada de vários tons, onde os escritores surpreendem pela profundidade das palavras e dos sentimentos. Deixo a emoção tomar conta, enquanto o olhar assume a sua postura e a minha voz se ausenta, como em Pedro Du Bois, “Quando minha voz / se fizer ausência, entenda o silêncio / como prova da verdade. //Arrume as palavras deixadas / entre folhas, faça frases // e desordena parágrafos. // Minha voz ausente / estará diante / do esforço. Concentre sua hora / na descoberta dos traços”.

Na pátina do tempo o viés de cada escritor varia com a imagem de suas referências e do movimento dado às palavras; todo processo de trabalho provém do universo criativo; aqui, cito Max Martins cuja obra, “Para não Consolar”, representou a renovação da literatura brasileira.

Escolher o que ler aguça a minha sensibilidade e me coloca no ritmo das palavras que desenham o pensamento do autor, assim, percebo a pátina do tempo, isto é, acrescento conhecimentos, exprimo emoções e, aos poucos, construo ideias e valores que dão graça ao dizer e viver; como encontro na crônica “Para quem o autor escreve?”, de Carlos Pessoa Rosa e, também, no texto de T. S. Eliot, de que “Ao ano passado pertence a linguagem do ano passado. E as palavras do próximo ano esperam por uma nova voz”.

Ao deixar o tempo passar, tenho a oportunidade de verificar o que ele traz e, assim, sobreviver na expressão literária, como força libertadora. Esse é o poder da literatura, que permite ao leitor interpretar seus interesses, modificando seu viver – com deleite – no que retira de cada página. Para Luiz Fernando Emediato, “Por onde anda o poeta, que poucos, senão uns iluminados conheciam?”.

Data : 19/09/2017

Título : PÁTINA DO TEMPO

Categoria: Crônicas



Descrição: Pátina do tempo é o movimento das palavras que dá significado à obra literária:...

Pátina do tempo é o movimento das palavras que dá significado à obra literária: estilo e detalhes, onde palavras soltas, despojadas, dão o toque pela mistura de ideias e cores, formando uma ação perfeita.

Pode a literatura “despoluir” ao abrir o seu espaço? Penso que sim, porque ler é o encontro consigo mesmo; é uma das maneiras de treinar o olhar sobre a realidade e seus desafios. Por exemplo, Dyonélio Machado, escritor gaúcho que tem sobre si a expressão da literatura; pela ação do tempo; também, lembro Machado de Assis e quanto a sua escrita é contemporânea, porque toca as questões éticas e filosóficas inerentes ao ser humano em todas as épocas.

Porém, precisamos ir em frente, sem as constrangedoras obras de maus livros, que refletem prisões de outrora. Hoje, nas livrarias, encontramos mais volumes de maus livros do que de obras verdadeiramente literárias. Como disse Schopenhauer, “Os maus livros são um veneno intelectual que destrói o espírito. Porque a maioria das pessoas, em vez de ler o melhor que se produziu nas diferentes épocas, limita-se a ler as últimas “novidades”, os escritores limitam-se ao círculo estreito das ideias correntes, e o público afunda cada vez mais profundamente em seu próprio barro”; e, Márcio Catunda afirma “Em livrarias que são cemitérios da cultura, / há editores assassinos da literatura //... Letras lidas com enfado, artes de enganar safado”. Ainda, encontro em Gilberto Cunha, “Um louco chamado Erasmo”, ensaio sobre o livro de Erasmo de Rotterdam, que ele diz ser um dos livros mais famosos e, possivelmente, menos lidos da história da literatura. Esse jogo da literatura versus maus livros é destacado pela incrível manipulação do tempo, levando-nos à finalização dos atos.

Saliento ser possível mudar quando se sabe aonde chegar; é ferramenta poderosa, mas, o que realmente importa é a qualidade da obra. Louis de Bonald ressalta que “A literatura é uma expressão da sociedade, como a palavra é a expressão do ser humano”.

Na contramão, passo boa parte do tempo em companhia dos livros; fujo da mesmice, que a obra literária vem sempre acompanhada de vários tons, onde os escritores surpreendem pela profundidade das palavras e dos sentimento. Deixo a emoção tomar conta, enquanto o olhar assume a sua postura e a minha voz se ausenta, como em Pedro Du Bois, “Quando minha voz / se fizer ausência, entenda o silêncio / como prova da verdade. //Arrume as palavras deixadas / entre folhas, faça frases // e desordena parágrafos. // Minha voz ausente / estará diante / do esforço. Concentre sua hora / na descoberta dos traços”.

Na pátina do tempo o viés de cada escritor varia com a imagem de suas referências e do movimento dado às palavras; todo processo de trabalho provém do universo criativo; aqui, cito Max Martins cuja obra, “Para não Consolar”, representou a renovação da literatura brasileira.

Escolher o que ler aguçava a minha sensibilidade e me coloca no ritmo das palavras que desenham o pensamento do autor, assim, percebo a pátina do tempo, isto é, acrescento conhecimentos, exprimo emoções e, aos poucos, construo ideias e valores que dão graça ao dizer e viver; como encontro na crônica “Para quem o autor escreve?”,

de Carlos Pessoa Rosa e, também, no texto de T. S. Eliot, de que “Ao ano passado pertence a linguagem do ano passado. E as palavras do próximo ano esperam por uma nova voz”.

Ao deixar o tempo passar, tenho a oportunidade de verificar o que ele traz e, assim, sobreviver na expressão literária, como força libertadora. Esse é o poder da literatura, que permite ao leitor interpretar seus interesses, modificando seu viver – com deleite – no que retira de cada página. Para Luiz Fernando Emediato, “Por onde anda o poeta, que poucos, senão uns iluminados conheciam?”.

Data : 13/12/2017

Título : PAULO MONTEIRO reverso VERGÍLIO A. VIEIRA

Categoria: Crônicas

Descrição: Palavras mostram o caminho da liberdade dando sentido à arte de escrever e ao viver na poesia.

Palavras mostram o caminho da liberdade dando sentido à arte de escrever e ao viver na poesia. Escritores atuam como apresentadores ao desfilarem palavras na passarela da cultura.

É através da literatura que indago o sentido da vida, quando é feito de palavras provocativas e renovadoras que me inspiram e permitem que eu reflita sobre a realidade.

Paulo Monteiro e Vergílio Alberto Vieira exercitam a arte de poetizar como instrumento da liberdade e, ao lê-los, percebo suas influências no meu pensamento; assim, reconheço no encontro entre os dois poetas, suas diferenças nas semelhanças e no pluralismo das ideias como desafio.

Paulo Monteiro, com a poesia, “antipoema // logo as portas do cadafalso se abrirão / e não mais serei escravo de ninguém / voarei como um pássaro / nem sei para onde / mas será um lugar melhor do que este / aliás qualquer lugar é melhor do que este // nem enterrem meu coração na curva do rio / lancem minhas cinzas no rio da minha infância / entre as pedras do pinheiro torto / lá onde a jaguatirica e seus filhotes vão beber a água / nos três potes quebrados pela saracura // à noite os vagalumes voarão em curvas sobre as águas / o corujão-de-orelhas lançará seus gritos de alerta / e minha alma / esta sacha de todos os poetas / ao lado da alma de manuel bandeira / ouvirá o chilrear do pardalzinho”.

E, Vergílio A. Vieira, com o poema, “Arte Poética // Já perto da boca / ardem as arcas // e ainda o sigilo das águas / mal do corpo // ágil se despede Quem / tão lentamente

// entre sinais de fogo / desarma o coração // Pelos vestígios da hera / retomo a criação  
//do rosto o rosto / apenas chamo // a soltar a terra / onde o nome // das aves // branco  
se anuncia”.

Não restam dúvidas, frente a frente, eles permanecem em diferentes sensibilidades e no mesmo plano intelectual. Razão para relacioná-los como escritores que demonstram ser a habilidade de expressar emoções algo que torna o leitor especial; os movimentos de suas palavras levam-me a refletir sobre a interação arte & cotidiano e, a partir daí, anunciar-me, não apenas para reinventar-me, mas também para lidar com as ilusões ao me traduzir.

Prova disso, de encontro ao meu cotidiano, transponho em imagens as ideias de Paulo e Vergílio e vou ao âmago da questão: sinto que a palavra rompe marcos e dá sentido à vida.

Data : 27/09/2018

Título : PAULO MONTEIRO: o Poeta da Cor do Tempo

Categoria: Crônicas

Não sem razão, Paulo Monteiro escolheu o título, eu resisti também cantando, para seu livro. A consciência do autor se manifesta através dos poemas onde retrata sua resistência possível em relação aos anos de chumbo. É nesse sentido que causa efeitos semânticos e atemporais.

Seus poemas cantam a própria história onde estão presentes as inquietações de quem sempre lutou pela democracia e não deixou esvaír seu canto.

“ dizem que sou poeta não sei não / a vida é dura demais  
para a poesia / a vida é crua e nua demais para a poesia /  
a sobrevivência exige inventividade / astúcia vivacidade  
demais para a poesia / por isso o poema é duro cru e nu...”

Paulo evoca poeticamente os anos vividos em Passo Fundo, mostra os momentos de amor; sua relação com o passado resgata os labirintos do tempo. Ele possui a poesia, como também é possuído pela lembrança na leitura de cada poema, revelando a cor do tempo.

“há quantos anos não vejo / quem foi meu primeiro amor /  
hoje só vejo meus sonhos / pelas janelas da dor...”

Tempo em que o autor cantava a palavra do tempo, agora que a história ficou no passado; no livro, encontro o tom – além do tempo - como lembrança desejada em que podemos descobrir os olhos do poeta em vagos mistérios: as palavras se desamarram, os poemas desbravam e as histórias se encontram.

O leitor é conduzido pelas reações encontradas nos registros, que (re)criam a perspectiva do tempo ao desnudar véus revelados em cicatrizes, e isto nos faz sentir pulsantes no processo da vida.

A dinâmica com que o poeta se apresenta, sacode o leitor com o passado e, com a consciente leitura no presente, o envolve em várias direções: semântica, lírica, amorosa e política.

Sua poesia está além do encantamento, do domínio e da sabedoria, documentada em seus “cantos de resistência” durante a ditadura militar, no tempo, no espaço e na formação da sua consciência. No amor é inspirador e ponto de convergência e sobrevivência como homenagem e divisa do significante e do significado em sua vida.

“olha/ que tenho marcas / de ferro nos pulsos / e nos tornozelos / não me apertes desse jeito / mulher / entre teus braços e pernas / pois as velhas cicatrizes / podem romper-se algum dia...”

O poeta Paulo Monteiro é fruto da história social e individual, que alcança proporção significativa com suas memórias, e que o remete ao universo de reconhecimento enquanto ser criativo, visto ser professor e historiador por excelência. Também, determina novos tempos ao seguir a sua hora “interior”. Ao expor seus ideais e sentimentos, sua poesia se confunde com a vida, descrita nas indagações que ela lhe coloca: a cor do tempo.

Data : 21/12/2012

Título : Paulo Monteiro: o Poeta da cor do tempo

Categoria: Crônicas

Descrição: Não sem razão, Paulo Monteiro escolheu o título, Eu resisti também cantando, para seu novo livro. A consciência do autor se manifesta através dos poemas onde retrata sua resistência possível em relação aos anos de chumbo.

Não sem razão, Paulo Monteiro escolheu o título, Eu resisti também cantando, para seu novo livro. A consciência do autor se manifesta através dos poemas onde retrata sua resistência possível em relação aos anos de chumbo. É nesse sentido que causa efeitos semânticos e atemporais.

Seus poemas cantam a própria história onde estão presentes as inquietações de quem sempre lutou pela democracia e não deixou esvair seu canto.

“ dizem que sou poeta não sei não / a vida é dura demais para a poesia /  
a vida é crua e nua demais para a poesia / a sobrevivência exige inventividade /

astúcia vivacidade demais para a poesia / por isso o poema é duro cru e nu...”

Paulo evoca poeticamente os anos vividos em Passo Fundo, mostra os momentos de amor; sua relação com o passado resgata os labirintos do tempo. Ele possui a poesia, como também é possuído pela lembrança na leitura de cada poema, revelando a cor do tempo.

“há quantos anos não vejo / quem foi meu primeiro amor /  
hoje só vejo meus sonhos / pelas janelas da dor...”

Tempo em que o autor cantava a palavra do tempo, agora que a história ficou no passado; no seu livro encontro o tom – além do tempo - como lembrança desejada em que podemos descobrir os olhos do poeta em vagos mistérios: as palavras se desamarram, os poemas desbravam e as histórias se encontram.

O leitor é conduzido pelas reações encontradas nos registros, que (re)criam a perspectiva do tempo ao desnudar véus revelados em cicatrizes, e isto nos faz sentir pulsantes no processo da vida.

A dinâmica com que o poeta se apresenta, sacode o leitor com o passado e, com a consciente leitura no presente, o envolve em várias direções: semântica, lírica, amorosa e política.

Sua poesia está além do encantamento, do domínio e da sabedoria, documentada em seus “cantos de resistência” durante a ditadura militar, no tempo, no espaço e na formação da sua consciência. No amor é inspirador e ponto de convergência/sobrevivência como homenagem, como divisa do significante e do significado da vida.

“olha/ que tenho marcas / de ferro nos pulsos / e nos tornozelos /  
não me apertes desse jeito / mulher / entre teus braços e pernas /  
pois as velhas cicatrizes / podem romper-se algum dia...”

O poeta Paulo Monteiro é fruto da história social e individual, que alcança proporção significativa com suas memórias, e que o remete ao universo de reconhecimento enquanto ser criativo, visto ser ele professor e historiador por excelência. Também, determina novos tempos ao seguir a sua hora “interior”. Ao expor seus ideais e sentimentos, sua poesia se confunde com a vida, descrita nas indagações que ela lhe coloca: a cor do tempo.

Data : 04/03/2021

Título : PAUTAS PARA REFLEXÃO

Categoria: Crônicas

Descrição: "Quem compreende a importância da verdade não se cala que a ética "fala" mais alto.

por Márcio Almeida

"Qual o futuro da humanidade? O futuro só nasce quando a ideia de progresso se impõe como mais significativa do que a do passado. E isso é moderno, não é bíblico ou milenarista. O futuro é uma ideia nova na experiência do homo sapiens tão nova que não temos clareza de que só existe quando há a possibilidade mesma do progresso técnico. Ainda que esse progresso não seja o controle absoluto do nosso destino, tampouco da natureza, da contingência ou do Sistema Solar, nosso tempo contemporâneo é devorado pela crença de que o futuro nos espera no horizonte como um dado da própria natureza das coisas. O ser do universo é diferente ao nosso tempo, e para ele não existe o nosso futuro (...). A eternidade é indiferente ao nosso sofrimento" (Luz Felipe Pondé).

"Quem compreende a importância da verdade não se cala que a ética "fala" mais alto. Aquele que não se cala poderá ser prejudicado pelo poder, pela ditadura. Dizer a verdade ou dar opinião poderá nos colocar contra os poderosos, donos da (in)verdade, o que nos faria desabar ante os interesses - quem diz a verdade - se é que existe única e imutável - poderá desaparecer como passe de mágica. Não somos feitos de violência, mas, sim, da angústia por não termos liberdade para intervir na busca da verdade" (Tânia Du Bois).

"Somos transição, somos processo. E isso nos perturba. O fluxo da vida serve para crescer e acumular. Dessa perspectiva nos tornaremos não servos, [mas] pessoas, não pequenos animais atordoados que correm sem saber ao certo por quê. Se meu leitor e eu acertarmos nosso tom recíproco, este monólogo inicial será um diálogo - ainda que eu jamais venha a contemplar o rosto do outro que afinal se torna parte de mim. Então a minha arte terá atingido algum tipo de objetivo" (Lya Luft).

Fica decretado que todos os amantes, de qualquer sexo, fiquem alertados que o amor, além de ser uma benção, é algo também extremamente perigoso, imprevisível, capaz de acarretar danos sérios. Consequentemente, quem se propõe a amar deve saber que está expondo seu corpo e sua alma a vários tipos de ferimentos, e não poderá culpar seu parceiro em nenhum momento, já que o risco é o mesmo para ambos" (Paulo Coelho).

"Temos taxas elevadas de inflação e desemprego, temos uma crise energética, uma crise na assistência à saúde, poluição e outros desastres ambientais, uma onda crescente de violência e crimes...Tudo isto são facetas diferentes de uma só crise, que é, essencialmente, uma crise de percepção. A sobrevivência de toda a nossa civilização pode depender de sermos ou não capazes de realizar tal mudança radicalmente diferente, uma revolução cultural na verdadeira acepção da palavra" (Fritjof Capra).

"A palavra é uma adaga. Finamente afiada. Finamente calculada para ser veneno ou remédio. Só entenderemos quando for falada. O falar é a versão não escrita pra ser um paralelo ao pensar ser sensível e ao mesmo tempo intransponível. A palavra é uma

adaga cunhada em fornalhas temperadas, mas que retém o calor dos sonhos. Tem o poder de despedaçar. Ela é a cifra não compartilhada com a natureza. A certeza que pode terminar com a incerteza. É a vontade não depurada pela vida; a palavra é pesar e paixão, pretendida marca da evolução (...). A palavra é a adaga que não fixou ao molde a espada que o ferreiro não forjou, a receita não compartilhada pelos trovadores. (...) É a bainha metamorfoseada em alforje para que a adaga seja conhecida pelas mesmas cores com as quais a palavra transforma tolos em senhores"( José Nilton Silveira Filho).

"Acreditar não é vão nem vil, viu? Achei, do nada, uma saída - Abriria abril. Abriu! (...) Escrevo, não nego, apago quando puder" (Jorge Emil).

"A poesia é agora um novo estado de consciência. Lemos o ilegível. Não é decifrar um enigma, mas vivê-lo. A poesia é como o verdadeiro rosto da história. Charles Fourier dizia que molhava sua pena no arco-íris. A leitura é o destino humano. É a destruição da fronteira entre sensação e pensamento. As palavras são sensualidades incorporadas" (Andres S.Robayna).

Espero que a poesia ainda testemunhe - sempre - a anarquia, a revolução" (Edoardo Sanguinetti). "O poeta é um transgressor" (Adalberto Müller Jr.).

Data : 23/03/2016

Título : PEDRAS de toque

Categoria: Crônicas

Descrição: Quando a poesia é especial, a vida ganha toques de suavidade, como em Cora Coralina, "... Do perdido tempo / Do passado tempo / escuto a voz das pedras: // volta... volta.../ E os morros abriam para mim / imensos braços..."

Quando a poesia é especial, a vida ganha toques de suavidade, como em Cora Coralina, "... Do perdido tempo / Do passado tempo / escuto a voz das pedras: // volta... volta.../ E os morros abriam para mim / imensos braços..."

Pedras de toque, porque tocam a todos. Pedras por serem concretas, palpáveis e não terem fim. Levam-me a refletir sobre o tempo em todas as dimensões; sobre o ato de criar em si mesmas, como coloca Orídes Fontella: "A pedra é transparente: / o silêncio se vê / em sua densidade".

Em desafios e conquistas levo vida trepidante, questionando o valor do tempo e o peso da sua escassez. Nas palavras de Pedro Du Bois, "Sou pedra / lançada / contra o vento // ...onde se perde / o tempo // ... de que vale a mim / pedra arremessada / através do tempo / como consciência / e crítica / se ao vento / não cabem palavras?"

Reflieto sobre o tempo ao ver pessoas correndo atrás de seus compromissos; não dão atenção à palavra amiga; perdem a hora certa - um dia após o outro (pedra sobre pedra)

sempre com a maior urgência... Para quê? Sidney Miller cantava: “Quem tem mais pressa que arranje um carro / Prá andar ligeiro, sem ter por que / Sem ter prá onde, pois é pra quê?”

Descortino a pedra na hora de começar a abrir mão do que não é mais necessário. Para isso, preciso crescer interiormente, onde hábitos cotidianos sejam simplificados e relacionamentos se tornem especiais. Segundo Jorge Adelar Finatto, “Andamos pela vida como seres de pedra / Habitamos as noites de vento / ... o olhar parado em algum lugar vago / um rosto que passou...”.

Lembro que a transformação está nas pequenas coisas, como na leitura, no amor, na tolerância, na paz, na ética e no toque da pedra. Fica a sensação de que sei das coisas, o que me conforta e me permite sentir a leveza do traço.

Os desafios são as pedras do caminho, que podem ser esculpidas e desvendadas: com tempo para agir, faço algo construtivo; tenho capacidade de reviver na liberdade em conexão com os ciclos da natureza, como fragmentos das pedras que revelam parte da vida e me mantém na dimensão poética, como em Mario Quintana, “... um dia as pedras se iluminarão milagrosamente por dentro, / porque só termina, para todo o sempre o que foi artificialmente construído...”.

Data : 06/04/2016

Título : PEDRAS DO DIA

Categoria: Crônicas

Descrição: Pedras do dia são as que procuro para viver; como razão vivencial em que o jogo silencioso do pensamento...

“No meio do caminho tinha uma pedra/  
tinha uma pedra no meio do caminho”.

(Carlos Drummond de Andrade)

Pedras do dia são as que procuro para viver; como razão vivencial em que o jogo silencioso do pensamento, a poesia do tempo e a voz da música dão sentido e deflagram diferenças entre o brilho e a aspereza das pedras do caminho. Para Márcio Almeida, “A gente tem que se amar/ duas vezes mais:/ porque somos diferentes / e porque somos iguais”.

Ao procurar as pedras no caminho exercito a liberdade que aflora na sensibilidade para ver o outro lado da história; o voo do pássaro sem repetições e os caminhos de pedregulhos. Pedro Du Bois retrata, “Tantas vezes chutei meu destino/ como são



chutadas as pequenas pedras/que encontramos no passeio... // Só fui o que tive por companhia. As outras vidas foram apenas/ as pedras que chutei”.

Pedras do dia se instauram na manhã que enfeita a paisagem deslocada pelo viver, ao perceber os momentos como feridas abertas, onde não há luz e sigo o caminho para senti-las. Então, a dor me invade fundindo o tempo, cerrando a janela e se alojando em mim. Nas palavras de Walmyr Ayala, “Nunca a mesma ilha. / A volta, sim, / mas não a mesma pedra, / nem o mesmo passeio ...”

No caminho das pedras há a marca dos dias em que conceitos se fundem em palavras e gestos; por vezes, estou fechada em mim e, nestes momentos, penso nas pedras apenas como adorno; noutros, percebo o brilho do coração para vencer o silêncio.

Encontro pedras com luz própria, que traçam meu espaço quando tudo parece vida sem valor, o que me mantém na caminhada a passos largos no mundo onde as pedras estão no lugar certo, alastrando a paisagem diária e jogando palavras ao vento, como em Carmen Presotto, “Mesmo que haja pedras em minhas fronteiras / Mesmo que haja humanos soldando meu sangue / Basta... Quero viver! ”.

Data : 30/03/2015

Título : PENSAMENTOS

Categoria: Crônicas

Descrição: O que quero para a minha vida? Penso no que preciso mudar em minha vida.

O que quero para a minha vida? Penso no que preciso mudar em minha vida.

Um truque para driblar o pensamento é lhe dar ares surpreendentes, como abrir mão de algo para ter a vida com raízes; sentir o cheiro do café; ver o dia ao contrário; escolher as cores; folhear páginas e agrupar dados literários, considerando autor, estilo e gênero do livro. Quando me encontro, coisas incríveis acontecem: o segredo do pensamento é revelado. Nas palavras de Carmen Presotto, “Se sou o que,/onde está o que sinto?//... silêncio!//Ajude esta mão a caminhar pela vida.”; Gilberto Cunha pergunta “Que é vida?... A característica chave de uma rede viva é que ela produz continuamente a si mesma... E o processo da vida é, em essência, a cognição (o processo de conhecer)... Em que se exige uma concepção diferente e inovadora de mente...”.

Penso todos os dias em realizar meus planos. Sinto, pondero e compreendo a falta de tempo. Tenho a intenção e a ação. Coragem e tenacidade para o papel a desenvolver na vida. Audácia e temor para me dedicar à fantasia e aos fatos, com criatividade e a finalidade de aproveitar a natureza. Com otimismo, me renovo, mas nem sempre a vida prospera como planejado, como na dúvida de Octavio Paz, “... - a vida, quando foi nossa de fato?/ de fato, quando somos o que somos?”.

Penso ter o carinho necessário para reescrever o mundo e ser o ilimitado espírito para enfrentar, me aproximar e redescobrir o caminho no reencontro do sonho, mesmo após a partida.

Penso que ao partir a tristeza invade a mente e, mesmo assim, preciso da lembrança, por que estou com medo. Só o tempo ensina a contornar o pensamento e a vontade de gritar: quero ser feliz! Raymundo Neto ressalta, “Mas, tem que cair no fundo do poço primeiro para saber o que é felicidade.”

De tanto ouvir os pensamentos, percebo que a felicidade vem com o vento e atinge as linhas de raciocínio, onde se encontra a multiplicação do ser com o gosto de conquista.

Penso na repetição do nada, no mistério que, nem dormindo, faz o pensamento descansar e, muitas vezes, se perde em tempo sem peso e medida, como se viesse do fundo do coração e se partisse em palavras, como em Paulo Monteiro, “... toda essa tua coragem/é medo e covardia/entanto tremo esse combate //com medo de perder e de vencer”.

Penso que a minha vida rola solta e apreende segredos em jogo de sedução, entre o olhar e o sorriso, que transforma os pensamentos, tal como revela Pedro Du Bois, “... a vida segue sua intermitência/onde vencedores e perdedores/se igualam”.

Data : 22/08/2019

Título : PERDÃO

Categoria: Crônicas

Mário Lago dizia que o “perdão foi feito para a gente pedir”. Ao perdoar, vivo a história sem preço a pagar ou a receber; arrependo-me dos atos para manter o olhar sobre a verdade.

Expor a verdade ante o significado do perdão é dinâmica para conceber e ser perdoado. Nas palavras de Eduardo Alves da Costa, “Aos que trazem o coração em sobressalto / recomenda-se que ponham mão ao lado / e deixem para depois o que poderiam / fazer agora, pois a demora, além de ser / uma arte, aprimora a ação...”.

Quando me proponho a discutir as atitudes em relação ao perdão, posso abordá-lo como assunto do dia, pois, no perdão são transmitidos os sentimentos de minha vida interior, carregados e apresentados como fontes tocantes nos dias em que necessito de dose de sinceridade e carinho, para evitar a solidão. Como questiona Eduardo da Costa, “De que serve a lucidez / se estás sozinho quando vês?”.

Considero o perdão ser ato misterioso que explica a razão da mudança, mesmo não sabendo quais serão os resultados que poderei alcançar em relação a determinado ato. Para Eduardo, “A melhor amiga do homem é a despreocupação...”. Acredito que todos têm interesse em perdoar, de certa forma, para a sobrevivência, já que a vida diariamente nos surpreende de alguma forma.

Perdoar e ser perdoado são formas conectadas que mexem com os sentidos e tem a ver com o bem estar. No perdão não há modismos, nem a máscara certa para vivenciar tal decisão. Eduardo da Costa completa, "... Se eu soubesse fluir seria um rio / e não estaria a lhe dizer o que fazer".

É difícil ver o mundo desabar de uma hora para outra, por não caber o perdão no cotidiano, ou seja, quando me revelo contra o tempo e os sentidos. Com o perdão posso viver o grande amor e existir enquanto sonho; atitudes que me deixam alegre e aliviada, por renovar a compreensão sobre a vida, o que me leva a refletir sobre as questões presentes em meus dias: há perdão para todos?

Data : 30/09/2013

Título : PERGUNTAS sobre o AMOR

Categoria: Crônicas

Descrição: Vale o amor. Vale amar para sentir o vento, a paisagem e ver as cores da natureza e, assim, comprovar que temos mais do que o jardim da casa; que amar e ser amado faz-nos sentir inspirados.

Vale o amor. Vale amar para sentir o vento, a paisagem e ver as cores da natureza e, assim, comprovar que temos mais do que o jardim da casa; que amar e ser amado faz-nos sentir inspirados.

Amor, esse sentimento nos energiza, inquieta e dá a sensação de que sempre falta algo para se chegar aonde quer que seja, gerando perguntas e mais perguntas... Será que somos capazes de amar e entender o amor? Ouvir sinos, sentir o frio correr na espinha, seria amor? "O que será / um contínuo estado de felicidade?", conforme Egberto Penido. A felicidade de amar e sermos amados se compara aos sons do vento? Há como recolher a sombra de si mesmo na lembrança do amor? "Triste? / Por que estou triste? / Estou triste por amar", como em Marina Du Bois, "Penso: foi em te ignorar / A minha forma de amar?", nas palavras de Eduardo Barbosa. "... Que palavras / sussurras / ao coração / que as lágrimas cobrem?", nas dúvidas de Armindo Trevisan. "Por que o amor não continua? / Que força maior o extermina?", na visão de Alberto da C. Melo. "Amor, amor aquele e aquela, / se já não são, para onde foram? // Ontem, ontem disse a meus olhos / quando voltaremos a ver-nos?...", no questionamento de Pablo Neruda. "Entre os teus beijos.../sorrindo e soluçando de delícia, / quando te abraçarei na Eternidade?", na versão de João de Cruz e Sousa.

Nas lembranças, as percepções do amor são como encontrar o caminho para criar um poema? Jorge Reis-Sá disse que "Não se pode perguntar a um poema o que pensa do amor. O poema é parco em respostas" E Nilto Maciel questiona, "Pra que fazer poemas de amor, / se já os há em demasia?"

Então, respondo que parar diante da paisagem e ficar horas esquecida de mim, juntar frases e poemas com palavras de amor, dançar no jardim e receber flores do amado, é perceber o futuro na próxima manhã, poder olhar o horizonte e enxergar além... E, além de viver o momento de felicidade, é também ter o privilégio de poder ler o livro "Amor que serena, termina?", de Juan Gelman, onde ele constrói uma paisagem irretocável. Por isso, pergunto: procurando o amor? Patrícia Hoffmann responde, "Não procures o amor / na solidez do teu vazio." Nilto Maciel, mostra o lado refletido diante de um olhar carinhoso, "...assim é o amor: vives zombando, / eu te falei de amor, não me escutaste / e os ouvidos, sorrindo, tu vendaste!" // Mesmo assim continuo ainda te amando, / que embora só desprezo tu me dando, / somente com um olhar me consolaste!"

Data : 23/03/2016

Título : PÉROLAS

Categoria: Crônicas

Descrição: Na caixa do tempo encontro a beleza: pérolas. As horas passam e o sentimento paira sobre mim. Nilza D. Piagge diz, "Ai de mim, sem ti! / transformação de colar de pérolas... / Me abraço / Solitária te busco em mim //..."

Na caixa do tempo encontro a beleza: pérolas. As horas passam e o sentimento paira sobre mim. Nilza D. Piagge diz, "Ai de mim, sem ti! / transformação de colar de pérolas... / Me abraço / Solitária te busco em mim //... Procuro entender as formas / as cores..."

Cubro o rosto e a imagem do colar de pérolas fica na saudade. As lembranças ao tocá-lo voltam em forma de luzes a manter o meu sorriso. Para Igor Fagundes, "... em sorrisos sempre o tempo se eterniza / e as histórias... se confundem/ desaba a tarde e a manhã de novo ali / no meu espelho ..."

Sobrevivo às armadilhas da vida porque não me rendo às pérolas, apenas traduzo no olhar que não retém a lágrima e nem a linha do destino. Mário Benedetti escreveu, "... pérolas é segredo / e é brilho pranto festa cavidade / e outras alegorias..."

O colar de pérolas marca o compasso do tempo e não é descartável, pois, sou autêntica em mim mesma. É a minha identidade ao toque, como o véu em sonhos. É ilusório quando meus sentidos murmuram falsas promessas, como se não tivesse valido a pena guardá-lo. Mas, é guardando que espero revelar o meu dia ao relembrar a história, como o grito no horizonte onde retenho a palavra secreta sobre o silêncio.

As pérolas lembram as noites em que o brilho dos seus olhos estiveram sobre mim. Flores e espinhos me conduzem adiante do tempo ao modular minha face e fase. Entre momentos, certezas e incertezas, o tempo guarda o colar ornando o meu retrato desgastado. Contemplo o instante guardado que se desintegra em mim, como em Yun Jung Im, "... Se a insônia me persegue... / em que sonho / poderei ver-te?"; e em Sonia

Regina, “entre o avanço e o recuo sou eu / um corpo abafado pelo orgulho. / meio surda medro como uma planta. / minha voz cresce sem consentimento...”.

As pérolas trazem na veste a cena na incerteza do encontro, juntamente com o sorriso saudoso refletido quando avisto a caixa do tempo. Lindolf Bell alerta, “... em armazéns do tempo / as coisas permanecem / mais tempo / que o tempo destinado...”

Data : 02/02/2013

Título : PINTAR TAMBÉM é ESCREVER

Categoria: Crônicas

Descrição: Os poetas produzem belos poemas, mostrando as “belas cores” que o mundo tem.

“Sombra da obra / nova / projetada / sobre a cultura / anterior / obscurece / engloba / transforma / ilumina”.

(Pedro Du Bois)

É preciso compreender o fundamento e o significado da nossa identidade, e o contato com a arte favorece o processo de reordenamento espiritual – nossa consciência a respeito do que somos e do que queremos. Ela também nos enriquece culturalmente, revelando os sentimentos, os comportamentos e os valores: o que é visto, sentido e discutido. Como demonstra W. J. Solha, “... Palavras, Words, / Palavras! / Pode-se encher com elas um bosque de criaturas / como as dos quadros de Bosch. //... Miguelângelo a pôr chifres no Moisés, não luz //... E espalham-se - com os navegantes, por terras / nunca vistas antes – naturalistas / com mestre do bico de pena, pintores, / aquarelistas...”.

Os poetas produzem belos poemas e os pintores mostram “belas cores” que o mundo tem. A arte de pintar, que também é escrever, adquire poder imaginário que contamina o pensamento e o traduz em imagens, cores, ideias e em ideais da sociedade. Segundo P. M. Bardi, “um pintor de talento é sempre um escritor”.

Os artistas plásticos possuem a forma velada das cores que se incorporam em jogos de formas delas oriundas com que criam os seus trabalhos. Como disse Paul Klee, “A cor me possui não preciso conquistá-la. Somos uma só”. Ele conciliava arte e música; possuía em seu ateliê, no lugar das telas, partituras; transformava a palavra e o gesto. Segundo ele, a função da imagem seria exprimir um sentido, como em Murilo Mendes, “Qual a forma do poeta? / Qual o seu rito? / Qual sua arquitetura?”

Pintar é conhecimento que, quando revelado, no segredo das formas nos impõe a condição de observador, para que o espírito e a inteligência se relacionem na sua leitura.

Pintar também é escrever o que, por vezes, gera inquietação e chega à realidade que faz do artista, criador com sensibilidade para exprimir em palavras, traduzir as cores e as formas.

A arte ilustra a nossa vida e nos faz entender mundos quase inatingíveis. Mas é na leitura cuidadosa e penetrante, que tenta dizer da impressão com que produz a partir do que "lemos", ao vê-la.

Destaco Miriam Postal, artista plástica de Passo Fundo (RS), que usa a força criativa para transformar sua produção em imagens que resgatam a brasilidade, marcando o encontro entre a diversidade das linhas no reproduzir registros que tocam nosso coração e proporcionam a reflexão. Vejo em sua obra o compromisso com a sensibilidade e a revelação da criatividade, na trajetória do momento marcante à margem da arte, em que sentimos o desejo de liberdade provocado pelos movimentos dos traços e do equilíbrio entre as cores e a beleza estética. Encontro cultural capaz de condensar as aspirações com que a sua arte ganha ressonância em nossa memória.

É preciso encontrar tempo para contemplar e perceber que a arte está em nossa volta para a manutenção da vida; que traz a voz que renova a palavra, passando pelo processo de transformação, em sempre conservada unidade de natureza poética.

Percorrer os caminhos da arte é vivenciar e apreciar o elo criativo entre obras de períodos diversos. As imagens e as cores espreitam o momento para romper os limites e extravasar a imaginação através do espaço e tempo.

A presença dos artistas em nossa vida representa o subsídio para reconhecer por outras vias, que pintar também é escrever, como bem escreveu Benedito Cesar Silva, "Ela é uma flor. / Como pode? / Não tem a beleza, a suavidade, nem / mesmo a cor. / Como pode? / Não se chama Rosa, Margarida, ou Hortência. / Serão os espinhos? / A amargura, o ressentimento, o desdém, o tempo fixou. / Se nem mesmo a essência, / como pode? / Ela é uma flor. / A linguagem a transformou".

Data : 22/06/2016

Título : PLACAS

Categoria: Crônicas

Descrição: Pedro Du Bois pergunta, "... escrevia ?placa? ou ?cartaz?. Será que há alguma diferença entre uma palavra e outra?

Pedro Du Bois pergunta, "... escrevia "placa" ou "cartaz". Será que há alguma diferença entre uma palavra e outra? Não caberia aqui tentar estabelecer a diferença gramatical – ou de dicionário - entre uma e outra?..." Desde tempos remotos, usam-se placas para anunciar e informar. A placa demarca o colher e o cultivar. Está relacionada à cultura e faz diferença quando transmite ao leitor consumidor o seu real sentido, por

que os leva a entender e conhecer o que está anunciado. Claro, se estiver escrito corretamente. Erros gramaticais nas placas são vistos como falhas no processo de desenvolvimento do local onde são encontradas, a embaraçar bruscamente a visão. Como diz Helena Rotta de Camargo, “A tentativa de abrir a porta do sucesso, com uma chave falsa, acaba por emperrá-la definitivamente”.

A pergunta a ser feita é: o que mudou? Foi o grau de instrução ou a formação cultural de quem faz as placas e não as consegue ler corretamente? Não há como sustentar erros de grafia. É preciso apostar na manutenção cultural. Também não dá para insistir na tese de que tudo é válido, como se fosse “detalhe esquecido e não lembrado”; impossível por que dissemina a ideia de um mundo jogado ao mercado capital, sem preocupação cultural.

Na placa, o importante é que seja transmitida a mensagem em corretas palavras e sentido, para que se faça compreensível na leitura das pessoas. A presença do produto anunciado ou a indicação e a informação seja, de fato, a representação fiel e clara do seu propósito inicial. As linhas do desenho, juntamente com as palavras, devem significar o anunciado e, ainda, demonstrar reflexo cultural; a placa é oportuna demonstração de nova e ampla consciência global, dando sentido à inquietação ou satisfação com o que pretende representar; caso contrário, mostra indevida coexistência com o precário em cada palavra mal escrita; como expressa Helena Rotta Camargo, “Deus me livre conviver com a nudez intelectual, os sonhos mirrados... / Nessa desordem, o que haverá para regalar-se ou saciar o ímpeto dos sentimentos?”

Quando olho e leio o conteúdo da placa, percebo ser cada uma a porta-voz do povo, cartão de visita, espelho cultural. No entanto, certas placas demonstram o quanto, ainda, precisa-se percorrer até que a ignorância, seja efetivamente, erradicada. Assim, “Na compra de um coxão ganhe um trabeceiro de brinde”; “Todos os produtos desta mesa contém glúteos na composição”; “Panetone Pulmão”; “Roupas de inferno infantil”; “Frango bovino” (Coisas do Brasil/maio/2015).

Atualmente, vivemos num mundo digital, onde tudo acontece rápido e as pessoas estão sempre atualizadas, ligadas nas notícias em tempo real. Aí, precisa entrar a consciência em “denunciar” ao órgão responsável a necessidade da correção das “palavras indecifráveis” nas placas; conviver com os procedimentos para prevenir e ajudar a combater esse problema cultural, alertando-se para garantir “a mão que escreve” e contribuir para a correção da escrita nas placas.

Data : 05/11/2016

Título : PLURAL de LEITURAS

Categoria: Crônicas

Descrição: As histórias começam parecidas... Apesar do enredo, ideia e construção serem semelhantes, cada escritor tem o seu modo, estilo e tempo de escrever ? o que chamo de plural de leituras...

As histórias começam parecidas... Apesar do enredo, ideia e construção serem semelhantes, cada escritor tem o seu modo, estilo e tempo de escrever – o que chamo de plural de leituras, onde a arte de escrever se reflete na inspiração como expressão. Escrever é ato imprevisível que exige entrega e desprendimento, em que cada escritor leva o leitor a repetir o slogan de “quem lê viaja” e de “quem não lê não vê”. Isto é, aproveitamos o nosso interesse para ler uma obra de qualquer época e estilo de linguagem e, assim, construímos novos conceitos para ir além das diferenças culturais. Para Pedro Du Bois, “cinco minutos / tudo o que peço // só cinco minutos / separando minha necessidade / da vida normal que passa / entre todas as horas...”

Muitas vezes, em nossas vidas, o calendário corre na velocidade que não alcançamos. Então, questionamos os dias e as noites, onde os números representam o nosso tempo. Recontamos os anos que se repetem: a infância, juventude, meia idade e a melhor idade. Ousamos pensar ter alcançado a verdade ao nos permitir refletir sobre a vida literária em relação aos números, como no livro 150 Momentos mais importantes de Passo Fundo, obra que retrata o plural de leituras da Academia Passo-Fundense de Letras e os fatos marcantes da cidade.

Recontamos as experiências e nos permitimos abordar as suas múltiplas riquezas; assim, conseguimos, no plural de leituras, impor nossas próprias ideias. Nada é definitivo: fugas, comoções e novos horizontes. A certeza de seguir se faz através dos números, como W. J. Solha demonstra em seu livro “Sobre 50 Livros (Brasileiros e Contemporâneos) Que Eu Gostaria de Ter Assinado”.

Encontro o livro de Machado de Assis, Um Apólogo, onde ele conta a importância da função de cada um através de linhas e agulha, levando-nos a perceber quantas vezes servimos de agulha na vida...

As escritas são diversificadas em suas construções e nos impressionam pelas fantasias e ilusões, porque trazem à luz a hora mágica em que se misturam com a realidade. O ocaso do acaso não irradia a solução dos tempos, porque não há hora para a inspiração, começo e término de cada obra.

Há atos e fatos que resumem a vida. Quantos? Quantas vezes, com dúvida ou sem dúvida, compartilhamos ideias com alguém para suprir nossas vidas agitadas? Agendamos nossas vidas em compromissos e preços. Proclamamos virtudes aos quatro ventos, como fazem os escritores Rubem Braga, com 200 Crônicas Escolhidas; Apparício da Silva Rillo, com Doze Mil Rapaduras e outros Poemas; Dalton Trevisan, com 111 AIS (minicontos); Sérgio Capparelli, com 111 poemas para Crianças e Nilma G. Lacerda, com Dois Pássaros E o Voo Arcanjo.

Lembramos-nos dos números como plural de leituras, na marcação dos passos nas histórias. Os momentos de criação nos mantém vivos e podem estar perto ou longe da plenitude, mas, o mais importante é que contamos as estrelas e os dias de trabalho;



acertamos o relógio e numeramos os milagres; relembramos o primeiro beijo, filho, livro, neto. A primeira carta, fotografia, música, pergunta e descoberta. Lorenzo G. Ferrarri demonstra, “Nosso amor tem um dia especial, / Ele anda lentamente, / E ao mesmo tempo segue rápido, / Nosso amor tem vinte e cinco horas...”

Assim, desfrutamos o encantamento do tempero da vida nos estilos de linguagem, formando o plural de leituras. Nas palavras de Pedro Du Bois, “Faço contas números / de agradecimentos e louvor / ao horror de contar até dez / sabendo que a vida termina nove fora //... confusos pares e ímpares / primos entre si / na improbabilidade de serem corretos...”.

Data : 13/02/2019

Título : PODER DO DESEJO

Categoria: Crônicas

Descrição: Não acredito ser apenas um corpo; sou muito mais que o poder do desejo...

Não acredito ser apenas um corpo; sou muito mais do que o poder do desejo, por isso entendo certos comportamentos, como, por exemplo, a atenção e o carinho para com o outro, que garantem a construção do vínculo. José Enrique Barreiro diz que, “... sentido e afeto que espero - / a vida humana vista como seta / em direção à luz que tanto quero”.

No entanto, em certos momentos, como diferenciar o carinho do assédio sexual, a atenção do professor para com o aluno, o abraço amigo, o cuidado com as crianças e a conquista do homem apaixonado? Por melhor que sejam as intenções, não há garantia de que esses gestos possam ser medidos, tipificados, descritos e anunciados como assédio. Em Paulo Leminski, “o barro / toma forma que você quiser // você nem sabe / estar fazendo apenas o que o barro quer”.

Peço permissão para defender os atos de amizade e cumplicidade, entre as pessoas, já que estou pressionada para pensar diferente, impedindo-me de receber e retribuir atenções e atitudes merecidas. É meu direito expressar os sentimentos, mesmo passíveis de danos, se os utilizo alimentados pela alma e a bondade.

Para julgar o assédio é necessário avaliar a atitude e o tom da conversa, depois, repensar a convivência entre os envolvidos, o que exige dedicação, que todos merecem atenção e afeto. É essencial a aproximação com os amigos para sentir o impacto que a vida oferece, fazendo com que se busquem fontes que tragam boas sensações no viver. Mas, se considerarmos todos os atos e gestos como assédio, como viver longe de todos? A solidão é péssima companheira. Nas palavras de Juan Gelman, “... somos os que acendem o amor para que dure, / para que sobreviva a toda solidão...”.

Volto ao passado, quando o garoto conquistava a sua “futura” namorada, mesmo que parecesse utopia. Todos ganham ao resgatar o ritmo de amar e ser amado, da amizade verdadeira e do conviver de forma saudável. Como diz o poeta, “Em vez de reclamação, ação e movimento, aqui bate um coração que se espalha pelo mundo”.

É a velha história em que me sensibilizo com o que vivencio; quando me perguntam como foi o meu dia, preocupam-se com a minha alegria e não se furtam ao abraço.

O que me faz feliz é a possibilidade da convivência associada aos contatos, cumprimentos amáveis e a confiança mútua, que permite me apropriar dos conceitos positivos, para oferecer saltos de liberdade sem o risco da maldade. José E. Barreiro reflete, “... A lógica do amor agora é conhecida; / podemos ler o claro texto da escritura, / riscar ou acender a chama da procura / o sentido da vida.”; e mais, “... Interessa-me a verdade, / o sentido íntimo do absurdo, / a fonte luminosa / da verdade”.

Data : 11/02/2019

Título : PODER SE REINVENTAR

Categoria: Crônicas

Descrição: A vida não é jogo de dados onde se espera pela sorte para buscar a realização.

A vida não é jogo de dados onde se espera pela sorte para buscar a realização. É preciso descobrir um novo viver, porque cada dia é recomeço.

Cuidar da vida é poder se reinventar. É se identificar ao dia seguinte. Prender-se nos detalhes que inspiram para recomeçar em nova espera. Leonard Cohen diz que, “... Aprendi a escrever / o que pudesse ser lido / em noites como essa / por alguém assim como eu”. Não se trata de sorte ou azar, mas, de concentração nos momentos que julgamos especiais, com agilidade e segurança.

José Mojica, diretor de cinema, nasceu em 13 de março de 1936, uma sexta feira. Ele teve sorte ou azar ao se reinventar? No seu primeiro filme, O Juízo Final, ele escolheu uma moça com muitos irmãos para namorar, então, todos trabalharam como atores no filme. Quando o namoro terminou ele ficou sem equipe para trabalhar. No passar dos anos, transformou-se em grande realizador brasileiro de filmes de terror.

É alentador perceber ao longo dos dias que sempre há maneiras de se reinventar, independente do tempo, para se libertar das ideias predeterminadas. Prova disto são os resultados descritos em páginas, palavras, ações e traços na reflexão de quem queremos ser agora e no futuro.

Nosso mundo sabe ser doloroso e competitivo. Só com muito trabalho e devoção somos capazes de reinventar as cenas do cotidiano, de maneira compreensível. Não faz

sentido trabalhar apenas para ganhar dinheiro; é necessário fazer algo para reinventar a conexão com as pessoas, para reaprendermos a dividir o espaço de forma acessível, por acreditar naquilo que nos encanta.

As perdas e ganhos trazem o segredo como parceria para se mudar o viver, com novas criações e adaptações no cotidiano. Leonard Cohen expressa, “Perdoe-me companheiros, / Eu canto isso apenas para aqueles / que não se importam com quem ganha à guerra”.

A vida pede que se explore a paisagem como sobrevivência, para seguirmos em frente, que o processo de recriação é satisfatório para os sentidos quando alcançam a conquista.

Não é jogo de sorte ou azar, é quebra-cabeça que nos mostra a mistura de peças, em diferentes formatos, com a possibilidade de aproveitarmos a luz do dia e o beijo dos filhos; vivenciarmos o silêncio e reconhecermos a ruindade. Assim, a vida é cotidiana reinvenção, para sermos capazes de lidar melhor com a nossa realidade; como em Cohen, “... Agora navego de céu em céu / E toda a escuridão passada / canta contra o bote que fiz / Das asas mutiladas...”.

Data : 22/08/2019

Título : PODER SE REINVENTAR

Categoria: Crônicas

A vida não é jogo de dados onde se espera pela sorte para buscar a realização. É preciso descobrir um novo viver, porque cada dia é recomeço.

Cuidar da vida é poder se reinventar. É se identificar ao dia seguinte. Prender-se nos detalhes que inspiram para recomeçar em nova espera. Leonard Cohen diz que, “... Aprendi a escrever / o que pudesse ser lido / em noites como essa / por alguém assim como eu”. Não se trata de sorte ou azar, mas, de concentração nos momentos que julgamos especiais, com agilidade e segurança.

José Mojica, diretor de cinema, nasceu em 13 de março de 1936, uma sexta feira. Ele teve sorte ou azar ao se reinventar? No seu primeiro filme, O Juízo Final, ele escolheu uma moça com muitos irmãos para namorar, então, todos trabalharam como atores no filme. Quando o namoro terminou ele ficou sem equipe para trabalhar. No passar dos anos, transformou-se em grande realizador brasileiro de filmes de terror.

É alentador perceber ao longo dos dias que sempre há maneiras de se reinventar, independente do tempo, para se libertar das ideias predeterminadas. Prova disto são os resultados descritos em páginas, palavras, ações e traços na reflexão de quem queremos ser agora e no futuro.

Nosso mundo sabe ser doloroso e competitivo. Só com muito trabalho e devoção somos capazes de reinventar as cenas do cotidiano, de maneira compreensível. Não faz sentido trabalhar apenas para ganhar dinheiro; é necessário fazer algo para reinventar a conexão com as pessoas, para reaprendermos a dividir o espaço de forma acessível, por acreditar naquilo que nos encanta.

As perdas e ganhos trazem o segredo como parceria para se mudar o viver, com novas criações e adaptações no cotidiano. Leonard Cohen expressa, “Perdoe-me companheiros, / Eu canto isso apenas para aqueles / que não se importam com quem ganha à guerra”.

A vida pede que se explore a paisagem como sobrevivência, para seguirmos em frente, que o processo de recriação é satisfatório para os sentidos quando alcançam a conquista.

Não é jogo de sorte ou azar, é quebra-cabeça que nos mostra a mistura de peças, em diferentes formatos, com a possibilidade de aproveitarmos a luz do dia e o beijo dos filhos; vivenciarmos o silêncio e reconhecermos a ruindade. Assim, a vida é cotidiana reinvenção, para sermos capazes de lidar melhor com a nossa realidade; como em Cohen, “... Agora navego de céu em céu / E toda a escuridão passada / canta contra o bote que fiz / Das asas mutiladas...”.

Data : 26/03/2014

Título : POEMAS FAMINTOS: Valmor Bordin

Categoria: Crônicas

Descrição: Poemas Famintos, de Valmor Bordin, é um livro envolvente tanto pelo lado tocante dos poemas, quanto pelo talento do autor ao descrever suas percepções ...

Poemas Famintos, de Valmor Bordin, é um livro envolvente tanto pelo lado tocante dos poemas, quanto pelo talento do autor ao descrever suas percepções e mostrar o que nos cerca no curso dos acontecimentos da vida. Segundo Armindo Trevisan (que faz a apresentação do livro), “... Existe nos poemas de Bordin, um sopro novo de vida, uma pulsação terruña, uma cintilante exuberância... Bordin não tem medo de sentir o que sente, nem de sentir mais que o comum dos imortais...”

O livro cresce em dois rumos: revela as razões dos gestos e as razões ocultadas sobre o ato, “...Peço um mundo /onde o desejo não seja pecado mortal / e o beijo não precisa ser triste”.

O autor mostra o segredo e a fórmula para ligar os traços da vida ao poetizar histórias, lições de vida, valores e conquistas. Também, considera a fonte de poder – o equilíbrio e a felicidade – como fator na conquista pessoal e na busca de imagens e fantasias, algo que pode dar a chave para a reflexão. “...Juro! / Não mover músculo algum

/ até que os papéis das gavetas / rebocadas de escuridão / confessem seus segredos / palavra por palavra”.

A obra traz novo olhar, através da transparência das palavras, que tem a ver, de alguma forma, com a vivência do autor na área médica. Há, na literatura de Bordin, expressões demonstradas em atitudes transformadoras como tarefa difícil, mas possível. Que é possível mudar e/ou ajustar os pontos dos impulsos famintos, sobre como equilibrar as forças para enfrentar as mudanças. “... Abro tua gaiola / o que enxuga a vida. // Também queres voar? // Teu fôlego é ferido? / Arrisca! / Faz tua asa cortar ventos / para ser livre Val o risco”.

Poemas Famintos são ideias tecidas com linha de fina poesia. É um passeio pelo mundo da inspiração, marcado pelo estilo e sensibilidade na percepção apurada e profunda do autor. É o retrato criativo que desperta no leitor o imaginário que busca na aceitação as relações afetivas e a resposta para deliberar sobre a vida com os sonhos, medos, ilusões e esperanças. “...Sonhando sonhos / pisando mil estradas / cinzas de fumaça / num dia só / milhares de sementes vivi...”

Valmor Bordin tem a sua arte esboçada com a magia que se mostra nas entrelinhas da poesia, realidade e fantasia.

Data : 19/10/2016

Título : POESIA da IMAGEM: ARTE

Categoria: Crônicas

Descrição: Buenos Aires é especial e nos recomenda uma visita à Praça denominada Julio Cortázar; tem esse nome em homenagem a um dos maiores escritores argentino...

Buenos Aires é especial e nos recomenda uma visita à Praça denominada Julio Cortázar; tem esse nome em homenagem a um dos maiores escritores argentino. Três manifestações de modernidade incidiram na formação de Cortázar: o romantismo, o existencialismo e o surrealismo. Sua principal obra é O Jogo Da Amarelinha (RAYUELA), que o marcou de forma indissociável dentro da narrativa contemporânea: “... as fronteiras terminam e os caminhos se apagam...”

Na praça Julio Cortázar está concentrado restaurantes, bares e, principalmente, redutos de artistas alternativos, como os artesãos “chiques”. Encontram-se belas obras de arte e, entre elas, destaco o artista plástico Miguel Mateu com sua tela surrealista La Modelo nos tons da paixão e de sentir o coração em liberdade; uma inspiração que ilumina a verdadeira poesia da imagem.

Na surpresa da curva, abre-se para a Rua Jorge Luis Borges, com seu casario dos anos 30/40; parece suspensa como nas telas e bonita como um poema, digna da homenagem ao nosso poeta Borges. E, ainda, regado ao som do maestro “tanguero” Astor Piazzolla, verdadeira imagem da poesia.

A praça Julio Cortázar brilha ao confrontar a participação do escritor, pintor e o músico, com os diversos modos de se encontrar com o público no mesmo espaço, uma verdadeira imagem da poesia.

É tradição a sua feira semanal; o encontro marcado com a cultura, verdadeira poesia da imagem; como encontramos nesse poema de Borges, “Um pintor prometeu-nos um quadro /... senti, como outras vezes, a tristeza de compreender que somos como um sonho. / Pensei no homem e no quadro...//... Pensei em um lugar prefixado que a tela ocupará./Pensei depois: se estivesse aí, seria com o tempo uma coisa mais,... qualquer cor e a ninguém vinculada./ Existe de algum modo. Viverá e crescerá como uma música e estará comigo até o fim...”

Data : 10/02/2019

Título : POESIA: RESGATE MERECIDO

Categoria: Crônicas

“Sem autoria e sem versos a poesia será encontrada na pedra / no rosto / na copa das árvores ensimesmadas...” (Fernando Paixão)

Limito-me a resgatar a poesia, os poetas e seus livros, onde encontro páginas de construção de linguagem em processo artístico. A magia poética na expressão do momento que marca, profundamente, o leitor e o escritor e se entende até o final da vida. Carlos Drummond de Andrade disse que “a poesia é uma forma de conhecimento. A ser assim, parece viável, equiparar o poeta ao filósofo, pois ambos partem em busca da essência das coisas, dando-lhes uma explicação e um sentido”.

Faço o resgate merecido porque o público brasileiro não é consumidor de poesia; gênero que perde importância ante outros de mais fácil leitura. Lêdo Ivo demonstra, “Leitura de Poema // Eis o modo certo / de ler um poema: / com um olho fechado / e o outro aberto”.

O poeta, com sua inspiração, insere-se no poema e empresta a linguagem, a voz e a visão transformadora, para que venha a ser lido com prazer, como expressa Álvaro Pacheco, “Quanto tempo leva a Poesia / para descobrir sua única palavra? Quanto tempo / leva a terra para se cobrir de húmus e ter um esperma estéril?...”

Na poesia encontra-se a inesgotável riqueza do universo das significações sociais, afetivas e culturais. Para Ferreira Gullar, “O poema, ao ser feito, deve mudar alguma coisa, nem que seja o próprio poeta. É certo que o leitor, neste caso, está montado na experiência e nas aspirações do poeta”.

Quem quer viver sem inspiração? Ela permite contemplar a criação que, muitas vezes, traduzem em palavras sinais para compreender o mundo que nos cerca; renovar e transformar lágrimas em risos e a desilusão em esperança. Júlio Perez, no livro “Expresso instantâneo”, revela a poesia como reflexão do mundo, “Se ver é existir / basta-

me / a imaginar”. Ziza de Araújo Trein, na sua obra Vida e Poesia, de 1923, relata sua vivência, desde as mais ingênuas até as mais críticas, “Sol // Eu o odeio! (nem sei bem o termo exato) /A esse sol tão ardente e sobranceiro, / Que bem igual a um conquistador barato / Tem o fogo no olhar como braseiro...”.

A poesia transfigura a cor, a dor e ilumina o pensamento. A inspiração vence o tempo, caracteriza o poeta e o leva à plenitude na descoberta do mundo, onde exprime sua criação e oscila entre a totalidade dos sinais da vida e o fragmento do homem. Está ligada diretamente à literatura em perspectivas diferenciadas da nossa cultura. Reflete o espírito do poeta como expressão humanística. Neste sentido, resgatar a poesia é retomar as origens da linguagem e preservar os poetas com merecidos critérios. É importante no resgate da poesia a sensibilidade e o estilo do escritor, definindo que o conjunto representa jogos conceituais de palavras e ideias; imagens e símbolos; tudo com a pretensão de reconquistar os brasileiros para a leitura de obras poéticas, como sedução da vida. Encontro em Adélia Prado, no livro Poesia Reunida, o capítulo “Qualquer coisa é a casa da poesia”

O poeta que faz, cria, inventa, ousa e sugere, sem medo de expor seus sentimentos, leva o leitor a mergulhar na liberdade e desafiar qualquer fronteira, como demonstrado no livro Quando Nem Freud Explica, Tente a Poesia, “Seja qual for o caminho que eu escolher; / um poeta já passou por ele antes de mim”, escreveu Sigmund Freud. A poesia é resgate merecido! Ivan Junqueira pergunta, “... Que seria o poema: / uma voz que clama? / Ou a dor que algema?”.

Data : 20/04/2014

Título : Polêmica: as mudanças

Categoria: Crônicas

Descrição: Passamos muitas horas nos preocupando com o tempo, com o clima que encontraremos amanhã: calor demais ou chuvas?

Passamos muitas horas nos preocupando com o tempo, com o clima que encontraremos amanhã: calor demais ou chuvas? E, em proporções incontáveis, talvez uma tragédia econômica, que poderá ameaçar o nosso futuro e quem sabe despertar a “ira planetária”. Em que poderá atrapalhar o nosso cotidiano as mudanças climáticas? Quem não procura saber como estará o tempo no próximo dia, para se organizar? Faça chuva ou faça sol, a vida continua... Não é bem assim, que a mudança no clima pode atrapalhar o nosso humor e os nossos planos.

As mudanças nos impulsionam quando apostamos no nosso interesse intelectual; por exemplo, ler o livro Meteorologia: fatos & mitos 3, escrito por Gilberto Cunha. A obra mostra medidas arrojadas necessárias para frear as mudanças climáticas; receoso para com o futuro tenta com boa vontade, competência e austeridade racional legitimar tais

mudanças, que se alastram, dia após dia, demonstrando que “o tempo é de fato o que ocorre”.

No livro encontramos artigos enriquecedores na área de ciências, porque apresentados na fronteira do conhecimento: fatos versus mitos; informação empírica versus informação científica que, com efeito, levam-nos a relativizar as nossas “verdades”, na medida em que nos ajudam a entender o fenômeno da vida por outros ângulos, na benevolência da natureza, além da conta, de que podemos chegar ao próximo dia sem sermos sufocados pela ameaça de temperaturas elevadas e fora de época.

O autor nos coloca diante de algo novo como literatura ao nos facilitar a compreensão, através da coerência, de que podem acontecer mudanças em nós ao adquirir conhecimento e informação sobre meteorologia e, ao mesmo tempo, que devemos nos conscientizar ao integrar tais informações na nossa vivência; como expressa, “... diante das evidências temos que começar imediatamente antes que seja tarde demais, a construir a nossa capacidade de lidar com as mudanças climáticas globais e sua variabilidade associada...”.

De uma maneira ou de outra, a polêmica das mudanças nos atrai pelo desconhecimento, gerando dúvidas, questionamentos, dividindo opiniões e provocando emoções. Desafios que temos de enfrentar ao nos dispor as mudanças ao assumirmos o novo com as inseguranças trazidas por ele, sem amedrontamento, que o medo também é parte do desconhecido.

Nas palavras de Cunha, “... Interpretações as mais variadas possíveis, mas pelo menos uma fica evidente: que temos que acreditar naquilo que fazemos, pois na vida, depois das coisas feitas, não há possibilidade de repetição”. Digo mais, nem de nos arrependermos pelo não feito. Jogo que marca o significado do encontro na hora de olhar para a realidade na polêmica das mudanças, retratada no artigo Dedique Um Tempo Para Sentir O Perfume Das Rosas, “... ando gastando tempo demais olhando para o futuro e acabo esquecendo de pensar / viver o presente”.

O importante é incorporarmos as mudanças como informação significativa para mantermos o interesse pelo fascínio da vida, sem desviarmos o olhar do tempo, vez que os acontecimentos se apresentam naturalmente e fazem com que o nosso destino seja diferente e a praia tenha de ser adiada, que só o tempo consegue deixar a sua marca em nossas vidas.

Data : 30/03/2015

Título : PONTO FINAL

Categoria: Crônicas

Descrição: O ponto final corresponde no percurso ao dizer que a luz não passa; a ideia que chega ao fim; o relacionamento que termina; a carta que se encerra e a vida que se acaba.



“A ambição de todo ponto de vista é se tornar, sem cerimônia, um ponto final. E ponto!”  
(M.M.Soriano)

O ponto final corresponde no percurso ao dizer que a luz não passa; a ideia que chega ao fim; o relacionamento que termina; a carta que se encerra e a vida que se acaba. Nas palavras de Mayna Nabuco, “Na vida também é estranho quando o ponto final vem antes da hora.” E Hilda Mendonça salienta, “... entre o esquecer e o lembrar / Sol e chuva calor e vento / solidão de deserto / minh’alma se aloja / à espera do temível ponto final “.

Segundo Pablo Neruda, “Escrever é fácil. Você começa com a letra maiúscula e termina com o ponto final. / No meio coloca ideias”. A verdade é que no momento em que colocamos o ponto final, sentimos-nos transgredidos e, ao mesmo tempo, com a certeza de que toda a história tem um fim, como demonstra Getúlio Zauza no poema Em direção ao Fim; e Caio Riter na antologia Antes do Ponto Final.

Por vezes, provocamos o ponto final, ficando sujeitos na meditação de a expressão sobrevoar a realidade, por que guardamos os momentos inesquecíveis no fundo da memória e do coração, como em Mara da Graça Carpes do Valle, “Buscas constantes. / Questionamentos. / Identificações. / Indagações. / Sonhos, projetos, realizações...// reflito e revejo num lampejo, tantos quadros. / Constato serem essas a minha história / que a própria vida escreveu. // mas quem disse que tem ponto final?...”

Em muitas situações não colocamos ponto final, mesmo que ele tenha máxima carga de significação: reinventa o limite das realidades naturais e culturais, como demonstra o poema: “És poeta os ventos já sabem / Quem os calará? Camões? / Fernando Pessoa? / Jorge Luis Borges? / Francisco Carvalho? / Drummond? /Ferreira Gullar? / Procede minha afirmação / e ponto final”.

João Carlos Pecci descreve a vida e a obra de Vinícius de Moraes no livro Vinícius sem Ponto Final. Mas tudo na vida tem início e fim. A vida é feita de lembranças, saudades e fragmentos que juntamos para dar um ponto final.

O primeiro traço notável do ponto final é o resultado da reação do passado para com o presente. É significativo tanto por sua qualidade, quanto por sua influência no sentido de representar as características do fim, como expressa Cora Coralina, “O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada. Caminhando e semeando, no fim terás o que colher”.

O jornalista Mikal Gilmore, no livro de crônicas, Ponto Final, traça o perfil da geração que transformou os anos 60 num mundo de sexo, drogas e rock’n’roll. E, J.H.Bragatti, em Ponto Final, descreve a dor, a miséria e a solidão no dia a dia dos homens que vivem com a certeza da morte.

No modo como se forma a personalidade, como se descreve ou se representa a arte, como na vida em si, às vezes, é possível ajustar ou mudar o ponto fraco e forte de cada um, para chegar, conforme o desejo, ao ponto final.

Muitas vezes o cotidiano não nos deixa alcançar o objetivo proposto por várias razões e, entre elas, os mitos e as concepções errôneas em torno do assunto; José Goldenberg fala dos mitos no livro Coluna - Ponto e Vírgula – Colocando um Ponto final Nas Dúvidas... Tudo o que vivemos é fruto de escolhas, da forma como vemos a vida. Todo processo de construção da nossa realidade tem o ponto final como foco. Joaquim Cardozo pergunta, “... o que está depois da luz, o que está no Apagado?”

É pensando no término das ações e realizações pessoais que sentimos a sensação do prazer e bem estar por ter executado a tarefa e poder desfrutar o resultado. Esse sentimento desperta a atenção e deve ser respeitado e destacado como único. Com essa percepção, o ponto final se torna objeto de desejo para todos que querem inovar; que acham possível realizar o que seriam seus sonhos. Melhor dizer que na vida tudo é “costurado” para se chegar ao ponto final. Charles Chaplin escreveu, “O tempo é o melhor autor; sempre encontra um final perfeito.”

Data : 10/01/2017

Título : PONTOS de INTERROGAÇÃO

Categoria: Crônicas

Descrição: Ouvi a expressão, “piranhas no andar de cima”; porém, hoje, andam contando os passos no térreo e colhendo aplausos?

Ouvi a expressão, “piranhas no andar de cima”; porém, hoje, andam contando os passos no térreo e colhendo aplausos? Castelmann expressa, “A caça da onça é sempre divertimento, o combate ao jacaré, um simples passatempo, o encontro com as serpentes venenosas é um acontecimento diário, mas falei-lhes de piranhas e vereis que seu rosto se contrai exprimindo horror”; Pablo Neruda pergunta, “Por que o tubarão não ataca / as impávidas sereias?”

Somos a embarcação flutuante que navega direito, apenas a naufragar nas águas frias e salgadas? O discurso segue o caminho que nos conduz à formação rochosa? Na passagem do tempo ficamos assistindo o empilhamento de pedras em várias alturas no equilíbrio possível?

Quando será suspenso o “concurso” de mentiras? Se os dias são iguais, por que tropeçamos no primeiro de abril? Há prêmio para quem criar “invencionices inusitadas”? Ou para quem detalhadamente constrói através da mentira? Quantas artimanhas são utilizadas para alcançar o poder? Há recompensa para quem ao ludibriar os fatos gere “cascatas” que resistam ao tempo?

Prestemos atenção, as cores do dia são pintadas com tons contrastantes, vibrantes e conflitantes; então, quantas composições diferentes se multiplicam aplicando a inverdade e dinamizando a maldade? Pablo Neruda completa, “Se fundirá tua destruição / em outra voz e em outra luz?”

Considerar o fato como capricho é pontuar o semelhante e o desprezar? A verdade deve vencer a mentira? Cada coisa tem sua hora e lugar, certo? É possível dizer as palavras certas no seu devido tempo, sem inventar palavras que atropelem o tempo? Agir por vontade própria, com gosto, cor e uso é descumprir a lei? É desfiar o distorcido com a técnica da execução? Neruda questiona, “que coisa irrita os vulcões / que cospem fogo, frio e fúria?” e “Com que direito numeraram as uvas do cacho?”

Alguém escreveu que “A araucária nos acompanha do berço até o momento em que descarnamos. Traz renda e benefícios para todos... tem fazendeiro destruindo essa espécie fantástica. Se ele cortar a araucária crescida pode ir preso. Criou-se um desamor à espécie. A lei é burra – só proíbe e não busca soluções. Só falta vontade política... a cutia, boa de ouvido, não perde o ruído da pinha caindo”.

Não temos dentes, nem garras para abrir o pinhão. Como fazer da vida a “luta” diária que nos mantenha vivos? Pablo Neruda pergunta, “É verdade que as esperanças / devem regar-se com orvalho?”

Data : 28/10/2015

Título : POR QUE NÃO?

Categoria: Crônicas

Descrição: Por que não reconhecer o que está sentindo? E quais as razões desses sentimentos?

Por que não reconhecer o que está sentindo? E quais as razões desses sentimentos?

Escolher viver honestamente os sentimentos é uma missão, uma opção para continuar sempre motivado e enriquecendo horizontes. Ou seja, é desafio permitir se reconhecer e uma possibilidade que se abre para encontrar sua história com certo mistério.

A arte de pensar e de sentir, desperta os sentimentos como sofrer, amar, sorrir e beijar, e isso os diferencia para uma vida plena.

A arte de ler eleva o pensamento ao coração. Permite a imaginação ir e vir espontaneamente. Entregar-se de corpo e alma à leitura nos faz sentir o prazer de tomar conta da liberdade; manter a expressão é sonhar o melhor despertar.

Por que não reconhecer que os sentimentos são nobres?

Respirar fundo, repensar e optar são atitudes e razões para expressar as preferências e os desejos marcando posições. Eduardo Barbosa escreveu: “... a razão é o presente que a nossa consciência quer receber por toda a vida, e adverte-nos acerca das razões a que estamos sujeitos...”. Diversas são as razões que nos levam a pensar sobre escritores que nos embalam no tempo, provocando sensação de bem estar. Por que não desfrutar da razão de Ernani Rosas? “Eis a razão de tudo colorido: / olfato, paladar, ouvido, olhar.../ rompe da sacada, assim como um gemido! // É uma forma de ser mais singular.../ que anseia muito além do meu sentido,...”

Por que não procuramos a forma própria de viver e abrir espaço para a realização? As razões nos levam a aprender a recusar e a reservar o tempo para nós e escolher quem e o que pode partilhar a nossa vida. Por que não reconhecer que não podemos ser quem somos ou ver como vemos a vida, sem a contribuição dos escritores? João Cabral de

Mello Neto expõe suas razões: “Como não invocar, /sobretudo, o exercício / do poema, sua prática, /sua lânguida horti- / cultura?...”.

Por que não reconhecer que poesia é sentimento e faz parte das nossas vidas? As razões desse sentimento estão na criação, na arte que exprime ideias, desnudando a alma do escritor solta em sua imaginação, mostrando-nos semelhanças em pessoas diferentes, levando-nos a mares nunca dantes navegados, revelando-nos novidades e, ainda, permitindo-nos permanecer no rito constante da magia, como em *Comportadas Razões* de Pedro Du Bois, “... Procura razões / para ser assim / razões para o futuro / razões para não ser exterminado / razões para acreditar / razões para aproveitar / razões para ter chegado / até aqui // desarrazoado corpo / sente a brisa / sobre os cabelos.”

Data : 30/01/2014

Título : POR QUE os HOMENS não ESCUTAM as MULHERES?

Categoria: Crônicas

Descrição: A desatenção é um problema na vida do casal. A mulher sente na pele quando o homem não a escuta ou dá respostas evasivas.

A desatenção é um problema na vida do casal. A mulher sente na pele quando o homem não a escuta ou dá respostas evasivas. É costume pensar que é descaso. Tem homem que finge estar distraído para evitar o assunto; dorme no meio da conversa, ou só aceita conversar em determinado horário. Se a mulher insistir, retruca com algum assunto que não tem nada a ver, ou se cala, não participando mais.

Podemos pensar que o homem gosta de fazer uma coisa por vez; que é objetivo e, muitas vezes, impaciente com os “floreios” da mulher. Mesmo que depois ele venha a perguntar: “Por que não falou antes?” Se ele escutasse com atenção, poderia evitar muitos conflitos. Como em Carlos Higgin, “... E ele, pobre humano, não tinha respostas. Mais trágico ainda: não tinha perguntas. Soube, naquele instante crucial, que toda a caminhada, todos os medos, todas as malditas batalhas vencidas ou perdidas, não valiam nada. Por que ele não tinha respostas. Nem perguntas”.

O diálogo mantém o encontro do casal e resulta em nova mulher que pode ajudar o homem a compreender a vida com as mudanças e aberturas entre duas pessoas com sentimentos. O dom da palavra nos leva à relação, um momento, e até a um bom livro – novo encontro, nova oportunidade de sentir o mundo.

Toda mulher quer ser ouvida o ano inteiro pelo seu amor. Segundo Carmen S. Presotto, “Se com minhas palavras te redesenho / aproximo minha alma / e nela, / escuto teu coração dizendo / o que sempre me digo...”

Há a “turma” de mulheres que se queixam dos homens que não as escutam e opinam que é interessante abrir espaço para o homem participar dos cuidados, do cotidiano; curtir a vida e, quem sabe, poder ver no por do sol a imagem refletida do homem dando

atenção à mulher e facilitando as escolhas diárias. Carlos Drummond de Andrade expressa, "... Ah, se um dia respondesses / ao meu bom-dia: bom dia! / Como a noite se mudaria / no mais cristalino dia!"

Recriar o tempo, em vez de acrescentar horas ao dia; fazer uma pausa, desligando o botão da rotina; certamente há chances de os homens escutarem cada minuto com sabedoria; a mulher terá certeza de estar viva e que a vida a dois vale a pena. Murilo Mendes expressa, "Onde o homem e a mulher são um, / Onde espadas e granadas / Transformam-se em charruas, / E onde se fundem verbo e ação".

Data : 04/01/2013

Título : POR QUE PASSAR A VIDA SEM SER NOTADO?

Categoria: Crônicas

Descrição: Podemos ser notados de muitas formas na vida. Algumas boas, outras ruins. Ambas ficam marcadas para sempre, como nesta frase, dita num encontro: "Me orgulho de chegar até aqui, sem ter lido um único livro.?"

"O que é um livro em si mesmo? / É um conjunto de símbolos mortos. /

Então aparece o leitor / certo, e as palavras saltam para a vida"

(Jorge Luis Borges)

Podemos ser notados de muitas formas na vida. Algumas boas, outras ruins. Ambas ficam marcadas para sempre, como nesta frase, dita num encontro: "Me orgulho de chegar até aqui, sem ter lido um único livro."

Foi um susto! Um susto em ouvi-la; um susto em saber que ainda existem pessoas que não lêem; um susto por as pessoas acharem natural tal afirmação.

Passei mal! Mas, pensei... Será que aqui e agora é permitido pensar? Ou serei notada por estar pensando, e expulsa do encontro? Sim, porque aquelas pessoas só conseguem ser notadas pelo TER, e não pelo SER.

Por que passar a vida sem ser notada, quando é tão prazeroso ler? "Ler é uma questão de sobrevivência."

Gostaria de poder passar às pessoas a transformação que um livro pode causar, através do hábito da leitura; que o conceito de riqueza vai além do dinheiro, e inclui literatura e cultura, como em Pedro Du Bois: "... nas bibliotecas / a vida esperta / em cada volume / que deixamos de ler."

A busca de um modo de vida mais focado na literatura prevê a necessidade de mudar, transformar e se descomplicar de forma consciente e livre. Através da leitura, as pessoas podem superar seus maus momentos e se deliciarem com os bons momentos: a tônica é descobrir o prazer da leitura. Difícil? Talvez, mas muito compensador. Sem livros é difícil viver porque se revela o vazio. E Benedito Cesar da Silva, coloca: “Não quero fazer de meus versos / Armas para a batalha. / Mas, sobretudo, hei de fazê-los / Como brinde à vida,...”

É preciso mudar e priorizar a qualidade de vida, ou seja, dar mais atenção aos escritores que revelam, a cada minuto, em suas obras, toda a riqueza de detalhes, para que possamos flutuar e viajar neste mundo sem tempo, como no poema de Benedito Cesar da Silva: “O rio tem mudado as pedras / Em seu percurso, / Levando-as adiante, / Visto que, na vida, é para frente que anda.”

Trabalhemos com o tempo, arrumemos tempo para viver e contagiar a todos do valor do escritor e da sua obra: o livro.

Imaginemos como seria viver sem os escritores e os seus livros?

O que notaríamos?

Monteiro Lobato alertou que “Quem não lê, mal ouve, mal fala, mal vê.”

Data : 22/08/2019

Título : POR QUE VOCÊ NÃO SAI DA JANELA?

Categoria: Crônicas

Fico impressionada quando passo, diariamente, no final da tarde, pela rua Bento Gonçalves, em Passo Fundo, e o vejo debruçado na janela. Resta-me o murmúrio do silêncio encorpado de mistério. Como Maria Helena Latini retrata, Olho a janela: / a vida pulsa / na plácida paisagem”.

Ouçó história que dizem do seu passado. Em minha visão, você ousa alcançar a paisagem onde pode encontrar o lugar da verdade sem se importar em retornar, como consolo no mastigar a essência do tempo.

Sinto a sua sombra como a necessidade de ali estar, faça sol ou chova. Tento tematizar sua essência através do seu triste olhar. Seria inverter o sentido da vida como parte do seu próprio ser em sua verdade, ou determinar o tempo diluído em dias pela permanência na janela? Qual será a sua verdadeira história? Enquanto na janela, debruçado no parapeito, cria asas? Será que me vê? Latini expressa, “... Minha janela é mais/ um buraco / geométrico /nessa cidade...// Vezes penso: / Não quero mais o vício da paixão”.

Na medida em que apenas o vejo na janela, especulo os motivos da sua diária contemplação: ser confinado em pensamentos e na essência de sua vida amarrada.

O fato é que a sua existência me impõe o acontecer, impregna-me da configuração do destino e determina o sentido da sua essência em minha verdade: por que você não sai da janela? Segundo Leonard Cohen, “Quando olho os prédios de madrugada / juro que vejo um rosto em cada janela / que me olha de volta...”.

Data : 30/03/2015

Título : POR UM AMANHÃ

Categoria: Crônicas

Descrição: Amanhã? Quando será amanhã? Caio Fernando Abreu responde, “Amanhã é outro dia, aprendi isso ontem”.

Amanhã? Quando será amanhã? Caio Fernando Abreu responde, “Amanhã é outro dia, aprendi isso ontem”. Chico Buarque, completa, “... Amanhã há de ser outro dia/ Você vai ter que ver/A manhã renascer/ E esbanjar poesia...”

Com palavras, compartilho o amanhã comigo mesma. Grito frases de ordem lírica e vislumbro caminhos para me aproximar da porta do amanhã e reencontrar a passagem para o mundo, na mudança que transforma por fora, mas também renova a alma. Segundo Álvaro de Campos, “... Hoje não me resta.../Senão saber isto:/Grandes são os desertos.../volta amanhã, realidade!...”

É muito bom mudar e viver pelo amanhã, sentir o desafio: quando será amanhã? Amanhã é redesenhar o projeto em tempo; trazer informações relevantes e objetivas, com o interesse em se espelhar nas histórias de vida, como em Peninha, “... Tenho um sonho em minhas mãos / Amanhã será um novo dia / Certamente eu vou ser feliz.” e, Benedito C. Silva, “... coberto e atormentado por todos os pensamentos inúteis/ sobre algo imutável, e quem sabe, amanhã, já não serei/eu mesmo.”

Mas, quando será amanhã? Amanhã é o entusiasmo que nasce da força excepcional para conduzir o destino. É construir com alegria o ponto de chegada e partida, reavaliando os rumos e me concentrando no momento de semear. O amanhã promete a colheita do esforço, do bem-estar nas relações e no usufruir o carinho dos amigos. Para Vera Casa Nova, “Não deixo para amanhã/o que posso fazer hoje./ Pois amanhã é o amanhã /Quero preparação do amanhã /Pelo dia de hoje/A conquista de hoje/É a conquista do amanhã/... Qual o saber no amanhã revelará meu dia?” Compreendo que a liberdade depende do empenho e atitude para se viver o amanhã com reconhecimento, como expressa Helena Rotta de Camargo, “... Não adie para amanhã a confissão do afeto, o gesto de bondade... Talvez o amanhã chegue indisposto, sem a mínima vontade de cooperar com as suas boas intenções”.

Manhã de céu nublado. O vento sopra na praia. A esperança de que amanhã será um dia ensolarado, mesmo na incerteza como tempero da vida, onde terei muito para

aprender em cada conquista; o amanhã, como retrata Pedro Du Bois... “pela areia sigo os passos/de quem vai à minha frente //é preciso amor...//é preciso sorriso e alegria /caminhar exige atenção / voltar não é só retornar os passos // no encontro da areia e a água / renascem as esperanças do amanhã”.

Hoje, espero pelo amanhã. Tenho certeza de que ele será melhor do que o hoje e, ao fazer escolhas, construo o meu caminho. Álvaro Pacheco, escreveu que “em algum lugar do mundo o dia de hoje /é ontem – em outros /será amanhã...”.

Data : 07/02/2015

Título : Por um AMANHÃ

Categoria: Crônicas

Descrição: Amanhã? E quando será amanhã?

Amanhã? E quando será amanhã? Caio Fernando Abreu, responde, “Amanhã é outro dia, aprendi isso ontem”. E Chico Buarque completa, “... Amanhã há de ser outro dia / Você vai ter que ver / A manhã renascer / E esbanjar poesia...”

Com palavras, compartilho o amanhã comigo mesma. Grito frases de ordem lírica e vislumbro caminhos para me aproximar da porta do amanhã e reencontrar a passagem para o mundo externo, como mudança que transforma por fora, mas também renova a alma. Segundo Álvaro de Campos, “... Hoje não me resta.../ Senão saber isto:/ Grandes são os desertos e tudo é deserto.../ volta amanhã, realidade!...”

É muito bom mudar e viver por um amanhã, sentir o desafio: quando será amanhã? O amanhã é redesenhar o projeto em tempo; é trazer informações relevantes e objetivas para a vida, com o interesse de se espelhar nas histórias de vida; um bom livro do autor escolhido. Como em Peninha, “... Tenho um sonho em minhas mãos / Amanhã será um novo dia / Certamente eu vou ser feliz.”, e Benedito C. Silva, “... coberto e atormentado por todos os pensamentos inúteis / sobre algo imutável, e quem sabe, amanhã, já não serei / eu mesmo.”

E quando será amanhã? Amanhã é o entusiasmo que nasce da força excepcional para conduzir o destino. É construir com alegria o meu ponto de chegada e partida, reavaliando os rumos e me concentrando no momento de semear. O amanhã promete a colheita do esforço, do bem-estar nas relações e de usufruir o carinho dos amigos. Nas palavras de Vera Casa Nova, “Não deixo para amanhã /o que posso fazer hoje. / Pois amanhã é o amanhã / Quero preparação do amanhã / Pelo dia de hoje / A conquista de hoje / É a conquista do amanhã /... Qual o saber no amanhã revelará meu dia?” Compreendo que a liberdade depende do empenho e da atitude para viver o amanhã, com reconhecimento, como expressa Valmor Bordin, “... Queria a ti pertinho de mim / é que o amanhã / eu não conheço...”



Manhã de céu nublado. O vento sopra frio na praia. A esperança de amanhã ser um dia ensolarado, na incerteza como tempero da vida, onde tenho muitas coisas para aprender e em cada conquista, um amanhã.

Encontro no poema de Pedro Du Bois, “É preciso força e vontade / caminhar exige esforço / acordar não é só abrir os olhos // pela areia sigo os passos /de quem vai à minha frente // é preciso amor e coragem / caminhar exige respeito / dormir não é só fechar os olhos // vejo na água o corpo / nadando em largas braçadas // é preciso sorriso e alegria / caminhar exige atenção / voltar não é só retornar os passos // no encontro da areia e a água / renascem as esperanças do amanhã.”

Hoje, espero por um amanhã. Tenho certeza de que o amanhã será melhor que o hoje e, ao fazer escolhas, construo o meu próprio caminho. Álvaro Pacheco, escreveu que “em algum lugar do mundo o dia de hoje / é ontem – em outros / será amanhã...”.

Data : 25/04/2017

Título : PORQUE LER POSTIGOS

Categoria: Crônicas

Descrição: “Redesenho o cotidiano // pontos / e tramas // - corda absurda - / me ouço em outros poemas / feito sussurro ao vento.”

“Redesenho o cotidiano // pontos / e tramas // - corda absurda - / me ouço em outros poemas / feito sussurro ao vento.”

Dê uma pausa no seu cotidiano para ler POSTIGOS; um ato invariavelmente ligado à emoção na possibilidade de ver a poesia com estilo na palavra, e de mergulhar no prazer da arte literária.

POSTIGOS não é apenas conquista, mas, também desafio que nos mobiliza para seguir lendo poesia. Essa é a essência que a obra de Carmen nos lega: o prazer de momentos poéticos e mágicos na inspiração de novas e emocionantes experiências linguísticas. “Ao longe, / com nossa teia, / tomamos os remos / e feito postigos destes suspiros / desabitamos pessoa do nada...”

POSTIGOS é poesia diferenciada, desenvolvendo o apuro para com experiências expressivas, onde realimentamos a capacidade de alterar preferências – incrível viagem ao tempo através de janela que nos permite espreitar a arte.

“Leitura // sem sol / nem lua // sangue aquático / Claroscuro momento // Livros / semânticas poeiras / fluindo corpos em nomes, / eternas viagens...”

Há poesia no viver o cotidiano, porque buscamos o equilíbrio entre a vida e a leitura; POSTIGOS acende a luz do nosso dia a dia, melhora e ativa a arte entre atos e palavras, para buscarmos a liberdade.

Poesia é a linguagem da liberdade; com ela, podemos ser o que quisermos. O que sonhamos é poesia. Os momentos que vivemos é poesia. A música que ouvimos é poesia.

“Há dias tão cinzas / que assombro céus / condenso paredes / escuto fantasmas / nas folhas em pauta / me reencosto à Lua.”

POSTIGOS é opção para quem gosta de desafios. É também estar na companhia de Cecília Meireles, “... com teus lábios danço / tomo páginas / e me reescrevo luas em clara idades...”, e de Gullar, “... em minhas mãos / giros de folhas / retocam a face do tempo...”.

O livro é dividido entre os Postigos Naturais e os Postigos Lunares, juntamente com poetas convidados, que (con)versam com o livro e com Vidrúguas, onde revelam a força da poesia de Carmen Sílvia Presotto. “Entre / o fim e o serei / está o é / - flor umedecida d’eus - /desensimesmando-se por viver...”

Data : 25/01/2016

Título : PORTA (aberta para a poesia)

Categoria: Crônicas

Convido para olhar através da porta, por onde a luz escapa. Procuo levar o leitor a invadir, encenar, sentir e saborear palavras que representam o palco de detalhes com criatividade, realçando o lirismo e a força da poesia. Então, abro a porta para espiarmos: Lêdo Ivo, “Paredes têm olhos / Portas têm ouvidos.”- “E a vida vai se abrindo

/ em portas e janelas / como se fora flor...” // “Onde está a outra porta? // A porta que busquei /... é esta: aberta para a vida...”; Orides Fontela, “A porta está aberta. //... Para além do que é humano o ser se integra / e a porta fica aberta...”; Mário Chamie, “... nem se espanta /... se uma porta atrás da outra se desdobra...”; Nei Duclós, “Eu só preciso de uma coisa: / contar toda a verdade / e esperar pela resposta // repetir o verso em cada porta”. Os poemas latejam metáforas da palavra vida e que, ao abrir a porta, posso ver o nascer e a vida obstinada dos poetas.

A porta compõe a minha vida, resguarda o meu direito de ir e vir de forma harmonizada, porque nela reside a analogia com a linguagem e com a arte. Poetas são responsáveis por essa sinfonia, eles têm ritmo próprio, personalidade exclusiva, como o design de cada porta. Por exemplo, a porta da frente traz a vibração e a alegria do poema, a porta do coração representa a abertura para os sentimentos e a porta dos fundos reflete o espírito irreverente da criação; como em Vinícius de Moraes, “... Só a poesia pode salvar o mundo de amanhã... o povo poderá cantar seus próprios cantos, porque os poetas serão em maior número e a poesia há de vela”.

A porta dá passagem para quebrar as regras, reinventar o vocabulário e permitir que autores a apontem como se fosse uma grande estrela. A sensação está em abrir a porta

e se deparar com a poesia de Mario Quintana, “Todo poema é para mim... algo carregado de emoção. O tema é o ponto de partida para um poema e não o ponto de chegada, da mesma forma que a bem-amada é o pretexto para o amor.” E digo, viva a poesia! Sem ela não há liberdade para atravessar a porta e ouvir Paulinho da Viola, “... Eu até achava inspiração / Quantas vezes eu cantava / Quando não podia nem falar / É que meu violão me ajudava / A trazer esperança / Dentro de um poema”.

Data : 22/08/2019

Título : PORTA-RETRATOS SEM FOTO?

Categoria: Crônicas

## PORTA-RETRATOS SEM FOTO?

para Dra. Dóris Weiss

Na entrevista, noto sobre a mesa de trabalho, o porta-retratos prateado sem foto. Chama-me atenção, porque no mínimo é diferente no máximo é marcante. É a comprovação estrita de que o trabalho está ultrapassando no tempo da vida do entrevistador? Sueli Gehlen Frosi expressa, “A vida não foi feita para os sábios, mas para as pessoas que sentem”.

Todos desejamos um tempo livre, mas é difícil fechar o foco quando nos desafiamos com determinação aos objetivos do trabalho. Isto pode nos levar a surpresas no trajeto de como falta-nos tempo para, até, escolher uma fotografia para o porta-retratos. Helena Rotta de Camargo reflete, “reserve um tempo para rever as fotografias... trocar ideias com o passado. O saudosismo é um excelente bálsamo para os desencantos da alma”.

A ausência da fotografia no porta-retratos, pode representar o modo de reconhecimento da minha parte, como entrevistado. Ou, simplesmente, espelho que, talvez, a saudade seja grande, que o entrevistador não consegue permanecer com a lembrança, através do retrato, na mesa de trabalho.

Reconheço e respeito os limites, as necessidades, os planos e as possibilidades da realização dos desejos como um dia depois do outro, uma coisa de cada vez e tudo ao seu tempo. Sueli Frosi alerta, “vivemos tempos em que é imperativo aprender a desaprender para aprender de novo”.

Tal situação me convida a trazer um pouco de fantasia, para contrapor a regra do porta-retratos, que vai do mínimo ao máximo; do sutil ao notório sem perder a cena: ele está de frente para mim (entrevistado) e sem foto. O que me leva a pensar na forma como olho para ele vazio e vejo o nada? Ou posso imaginar alguém que desejo por

perto? Eduardo Alves da Costa demonstra, "... Pensam no futuro, na posteridade e têm necessidade da fotografia...".

Priorizamos em nossa vida a maneira simples e direta sobre as relações, mas por vezes, deixamos nos levar pela dedicação ao trabalho e, neste momento, não percebemos a importância da foto no porta-retratos.

Confronto a realidade com metáforas em diferentes contextos, como "o que os olhos não veem o coração não sente". Ou, que vazio preenche o porta-retratos, se ele está entre papéis? Significa apenas o objeto sem retrato ou sem a passagem para a memória como história?

Considero que o porta-retratos na mesa de trabalho, é para colocar a fotografia que atesta o nosso interesse por alguém que julgamos importante em nossa viver. Também, tenho a sensação de quem olha para o porta-retratos, sente a presença de quem desejamos por perto; isto vai além dos nossos limites da emoção.

Esta situação tem formato diferente e me leva a nova forma de pensamento: reflito sobre o estilo de vida, mesmo que eu não saiba como atuar diante do porta-retratos vazio.

Nas palavras de Agostinho Both, "... nosso pensamento está livre para representar um novo tempo...Que nossos braços tenham força para cumprir nossas palavras".

Data : 19/10/2016

Título : PORTINARI, ENTRE TRAÇOS

Categoria: Crônicas

Descrição: "A pintura é uma poesia... / A poesia é uma pintura..." (Mansueto Bernardi)...

"A pintura é uma poesia... / A poesia é uma pintura..."

(Mansueto Bernardi)

A arte nos possibilita adquirir informações sobre o cotidiano e, a partir desse momento, passamos a nos conscientizar do valor da cultura, enfatizando a importância da obra como diálogo entre diversos olhares sobre os traços, como cenário.

Um dos ícones no Brasil foi Cândido Portinari (1903/1962). Artista paulista, de origem humilde, representou as mazelas do povo brasileiro, a partir de pequenos esboços até em grandes murais.

A arte propõe um diálogo entre a pessoa/leitor e o pintor/autor na convergência de estilos, técnicas e sensibilidades e interesses para dar nova leitura desse importante gênero na arte.

João Montanha faz uma homenagem ao mestre, com o poema Despejados de Candido Portinari, “Desorientados / À beira da linha / Onde o poema passa / Eles... / Que sem onde / Deixam-se ficar // À margem / Despejados dos parágrafos.”.

Cândido Portinari será lembrado como um condutor para o enobrecimento da realidade, porque não perdeu de vista a face imutável do homem brasileiro. Ele deixou um imenso acervo (quase cinco mil obras), para apreciarmos e nos conscientizarmos do seu valor; ainda hoje uma das obras mais representativas da brasilidade encontradas nos museus. Também inaugurou a sociedade dos Cem Bibliófilos do Brasil.

Portinari é a representação profunda do povo brasileiro, que mostrou a nossa realidade, misturando vidas, cores e traços, como a reflexão de Pedro Du Bois, “Quantos momentos / podemos fazer / contar num único / quadro emoldurado / dependurado na parede / como caminho aberto para o outro lado?”.

Data : 10/02/2019

Título : POSITIVO & NEGATIVO

Categoria: Crônicas

O bem estar é uma conquista. O tempo, medida provisória. A idade concentra passagens em que envelhecer para uns é positivo e para outros é negativo.

Com o passar do tempo, cada vez mais, entendo o valor dos atos e fatos, assim, procuro me concentrar nos atos, tanto passados quanto presentes, priorizando mais os positivos do que os negativos.

A expectativa positiva oferece a compreensão na dimensão do tempo. O passar da idade manda recados, por isso, tento alcançar e realizar o que me faz feliz, mesmo que o dia seja difícil; ainda assim, olho para o todo e me reconheço. Até quando passo por situações difíceis olho para o lado positivo, para me obrigar me conectar com o tempo e perceber os benefícios da vida. Na antologia, Idosos Letrados – Versos e Relatos, encontro desafios desvendados para se conviver com a velhice.

Enquanto alguns pensam na velhice como o fim das atividades, eu me preocupo em aproveitar o momento produzindo e sorrindo; posso reconhecer e mostrar ao outro o significado de viver e envelhecer ao amar e ser amada. Sei que só isto não reflete a realidade e, então, temos a comparação com o ideal ao definirmos que o tempo pode ser escolha diária por julgar positivo ou negativo.

O processo gera a busca por respostas; quando o lado negativo se apresenta, nem sempre fico à vontade para resolver as questões diárias. Como armar algum quebra-cabeça, onde tenho o dito pelo não dito; o tempo confrontado pelo sentimento em relação

a me sentir melhor ou pior de que no dia anterior. Agostinho Both, no livro Feições das Horas, revela memórias como momentos de sensibilidades nas lembranças que iluminaram suas horas.

Quando fico ao lado de quem muito se queixa das marcas do tempo, corro o risco de ser contagiada, porque a queixa contraria a natureza e, para envelhecer com dignidade, tenho o propósito de desvendar os temores adormecidos.

O tempo se encarrega de me enviar lembretes diários que, por vezes, me assombram, mas que são essenciais no reconhecimento de ser o melhor presente, pois, transformam magicamente os movimentos em positivo ou negativo.

A questão está em saber o quanto é negativo ou o tanto que é positivo, para isso, preciso conviver ou descobrir, quanto tempo tenho?

Destaco Agostinho Both por descrever vivências, experiências e reflexões sobre envelhecer nas obras: Frutos do Inverno; Sessentões e Contos do Envelhecer. O autor afirma, "... O potencial inesgotável da velhice; o saber envelhecer entre o nascer e o morrer e, as mudanças substanciais, as diferenças à velhice, sobre a qual tem muito que aprender..."

Vivenciar e avaliar o lado positivo e o negativo é conviver cuidadosamente; não há nada mais cansativo do que estar ao lado de quem se queixa da vida o tempo todo. Nas palavras de Joana Flaiban, "Foi mais um dia, / Que passamos. / Mais uma esperança, / que eu matei // ... e se o mundo é traiçoeiro / e quer matar minha alegria. / Eu tenho uma esperança, / Pra matar a cada dia".

Data : 27/01/2021

Título : POSITIVO e NEGATIVO

Categoria: Crônicas

Descrição: O bem estar é uma conquista. O tempo, medida provisória.

O bem estar é uma conquista. O tempo, medida provisória. A idade concentra passagens em que envelhecer para uns é positivo e para outros é negativo.

Com o passar do tempo, cada vez mais, entendo o valor dos atos e fatos, assim, procuro me concentrar nos atos, tanto passados quanto presentes, priorizando mais os positivos do que os negativos.

A expectativa positiva oferece a compreensão na dimensão do tempo. O passar da idade manda recados, por isso, tento alcançar e realizar o que me faz feliz, mesmo que o dia seja difícil; ainda assim, olho para o todo e me reconheço. Até quando passo por situações difíceis olho para o lado positivo, para me obrigar me conectar com o tempo

e perceber os benefícios da vida. Na antologia, *Idosos Letrados – Versos e Relatos*, encontro desafios desvendados para se conviver com a velhice.

Enquanto alguns pensam na velhice como o fim das atividades, eu me preocupo em aproveitar o momento produzindo e sorrindo; posso reconhecer e mostrar ao outro o significado de viver e envelhecer ao amar e ser amada. Sei que só isto não reflete a realidade e, então, temos a comparação com o ideal ao definirmos que o tempo pode ser escolha diária por julgar positivo ou negativo.

O processo gera a busca por respostas; quando o lado negativo se apresenta, nem sempre fico à vontade para resolver as questões diárias. Como armar algum quebra-cabeça, onde tenho o dito pelo não dito; o tempo confrontado pelo sentimento em relação a me sentir melhor ou pior de que no dia anterior. Agostinho Both, no livro *Feições das Horas*, revela memórias como momentos de sensibilidades nas lembranças que iluminaram suas horas.

Quando fico ao lado de quem muito se queixa das marcas do tempo, corro o risco de ser contagiada, porque a queixa contraria a natureza e, para envelhecer com dignidade, tenho o propósito de desvendar os temores adormecidos.

O tempo se encarrega de me enviar lembretes diários que, por vezes, me assombram, mas que são essenciais no reconhecimento de ser o melhor presente, pois, transformam magicamente os movimentos em positivo ou negativo.

A questão está em saber o quanto é negativo ou o tanto que é positivo, para isso, preciso conviver ou descobrir, quanto tempo tenho?

Destaco Agostinho Both por descrever vivências, experiências e reflexões sobre envelhecer nas obras: *Frutos do Inverno*; *Sessentões e Contos do Envelhecer*. O autor afirma, "... O potencial inesgotável da velhice; o saber envelhecer entre o nascer e o morrer e, as mudanças substanciais, as diferenças à velhice, sobre a qual tem muito que aprender..."

Vivenciar e avaliar o lado positivo e o negativo é conviver cuidadosamente; não há nada mais cansativo do que estar ao lado de quem se queixa da vida o tempo todo. Nas palavras de Joana Flaiban, "Foi mais um dia, / Que passamos. / Mais uma esperança, / que eu matei // ... e se o mundo é traiçoeiro / e quer matar minha alegria. / Eu tenho uma esperança, / Pra matar a cada dia".

Data : 30/03/2015

Título : PRIVACIDADE: ON OU OFF

Categoria: Crônicas

Descrição: Existe privacidade atualmente? Pergunto por ser cada vez mais comum as pessoas contarem seus segredos e intimidades nas ditas redes sociais.

“Resta / único segredo / Não saber / Que todos conhecem / Nossos segredos”. (Pedro Du Bois)

Existe privacidade atualmente? Pergunto por ser cada vez mais comum as pessoas contarem seus segredos e intimidades nas ditas redes sociais. Chego a pensar que a privacidade se tornou valor ultrapassado, já que em tempo integral e real são postados dores, alegrias, opiniões, fatos e fotos da vida pessoal, sem constrangimento. “Acabou o off - escondido; agora é tudo on”.

Na visão de Carmen Presotto, “A diferença de outros tempos, é agora ter o aval social para reinar entre a tantos “chats”, pois se quebrou a barreira do tempo e do espaço para se chegar ao intransponível”. Minha maior inquietação é a medida de exposição, no quanto e como. Nas palavras de Pedro Du Bois, “...muitos habitam nossas imaginações// deles tiramos o que personalizamos de ruim ou pior // no que somos expostos”.

Reconheço que hoje as pessoas se expõem no sentido de se mostrarem como algo a ser exibido e visto/mostrado nas telas com o objetivo de desvelar suas vidas. Acredito que as pessoas nas redes sociais mudaram o significado da palavra “privacidade”, dando-lhe outro valor ao postarem em detalhes suas intimidades.

Minha dúvida é se os valores transmitidos não mais existem em resguardo próprio. Dignidade? Fidelidade? Pudor e respeito pelo próximo? Resta algum caminho ou sentido? E os momentos de intimidade que geram confiança mútua, ainda somos capazes de guardar essas experiências e as emoções em nossos corações? Ou nos sentimos tão sós que necessitamos compartilhar nossa vida íntima nas redes sociais? Mas, o que lucramos e o que perdemos? Oscar Wilde escreveu que “Vivemos num tempo em que as coisas / desnecessárias são as nossas únicas / necessidades. // Hoje, sabemos o preço de tudo e o / valor de nada”.

Penso nisso e tenho preocupação para com as atitudes das pessoas, com a segurança da família e com a ilusão de ser real a mentira, confundida com a verdade. Tudo acontece muito rápido e não temos como nos arrepender disto ou daquilo, que não há como voltar atrás. Tudo funciona como extensão da mente, quando os momentos de plenitude parecem estar certos e, ao mesmo tempo, pode acontecer de eles estarem errados e distantes; parece ser apenas uma chance para teclarem o que desejam transmitir, fazendo de conta que têm o controle da situação.

Na era da informação o bom é ter cuidado no diferenciar a ficção da realidade; a verdade da mentira; que se misturam e muitas vezes invertem a situação de acordo com interesses pessoais. Ter consciência sobre o que transmitir nas redes, que o destino é desconhecido e não há como controlar o que é postado. Considerar autenticidade e transparência como valores importantes. Ter visão crítica do conteúdo que recebemos e perceber quais os relacionamentos superficiais. Considerar ser a convivência “virtual” mero passatempo, no qual nem sempre podemos acreditar com o que/quem estamos conectados. Não esqueçamos que “nem tudo que reluz é ouro”. Elbanice Vargas revela, “Criam-se situações pelo fato de terceiros invadirem a privacidade alheia com o intuito de interferir”.

É interessante descobrir o que somos capazes de carregar para nos fortalecer. O correto é decidir o que realmente importa na nossa privacidade. On ou off? Podemos perceber a nova maneira de ver a vida e rever os princípios ao manter coerência entre discursos e atitudes. Ainda existem valores a serem preservados.

A privacidade não tem bula, nem manual de instruções, somente o desejo de tê-la ou não e de querê-la on ou off nas telas da vida.



Data : 10/02/2019

Título : PRÓ(S) & CONTRA(S)

Categoria: Crônicas

Palavras são tecidas com eloquência, fosse o único canto a provocar transformações nas coisas e em seus deslizes e, ainda, na modificação do homem visto na banalidade que o rodeia; como em Joaquim Cardozo, "... Não sei se és tu, se eras outra, / Não sei se és esta ou aquela, / A que não quis nem me querer...".

Pró: a ascensão feminina faz o homem participar das lides caseiras.

Contra: a sociedade atual é conduzida pelo consumo.

Pró: o horizonte está mais unissex.

Contra: a aparência para sobreviver no trabalho: cabelos brancos, não!

Pró: convidar alguém para ir ao cinema.

Contra: temer a conquista da independência.

Pró: lavar a louça depois da festa.

Contra: quebrar as taças de estimação.

Pró: buscar afetividade e lealdade no relacionamento.

Contra: repetir o discurso retrô: "homem é assim mesmo!"

Pró: saborear sonhos recheados de creme.

Contra: assistir TV, na sexta feira a noite, como opção.

Pró: desafiar para amar e ser amada.

Contra: não dançar.

Pró: Pai, um palpitar nos gestos.

Contra: meias brancas com sapatos marrons.

Pró: arriscar para viver e, por vezes, sobreviver.

Contra: sobreviver em doces incertezas.

Pró: características surgem com o tempo de convivência.

Contra: não pensar que "quando casar sara"; nada muda, refina.

Pró: alçar voos maiores que os de hoje.

Contra: deixar no piloto automático.

Pró: descobrir vontades e cores.

Contra: prestar atenção na vida alheia.

Pró: correr nas planícies.

Contra: o tempo passa rápido.

Nas palavras de Joaquim Cardozo: pró: “Para onde vão as pessoas?” /

Contra: “Ora bolas! Vão... para o cemitério!”.

Data : 27/11/2020

Título : PROVOCAÇÃO

Categoria: Crônicas

Descrição: Provocar a reflexão sobre como podemos atingir a qualidade na vida...

Provocar a reflexão sobre como podemos atingir a qualidade na vida é investir na importância dos atos, tomar coragem e se empoderar, para superar o medo nos desafios diários. Mário Faustino revela, “Eu quero uma coroa que não esmague a cabeça”.

Contrariar e mostrar o outro lado pode desfazer a imagem de conservadorismo e, ao mesmo tempo, revelar o quanto podemos crescer cuidando dos detalhes rotineiros e ter uma vida mais equilibrada; aprender e ensinar a ir devagar sem desanimar; experimentar a desconstrução e a reconstrução do viver, a ser convertido em algo bom e justo para todos. Mário Faustino questiona, “Que pé terá batido esse compasso, / que água suavizou vossos gorjeios?” e “... Que vale o lenço impuro de elegia / sobre teu rosto, lúcida alegria?”.

A pluralidade nas provocações são características marcantes, para se alcançar o resultado no conjunto variado da diversidade do pensamento em seus paralelos históricos. Em Clarice Lispector, “Somos criadas para competir, mas juntos somos mais fortes”.

A provocação é válida para a mudança, como defesa e proteção no cotidiano, em contraponto ao ódio implantado como linguagem. Ao buscar tal determinação, descubro quem está perto e quem poderá se juntar aos nossos esforços por uma vida digna.

O desejo de mudar para o que considero essencial é provocado pelo olhar para fora, que nos permite a visão interior e serve para refletirmos pela ordenação do “caos” e, assim, poderemos melhorar o mundo. Mário Faustino declara, “... O mundo que venci deu-me um amor / Amor feito de insulto e pranto e riso //... Amor que dorme e treme. Que desperta / E torna contra mim, e me devora / E me ruma em cantos de vitória.../ As trêmulas imagens de seus anos...”.

Data : 22/08/2019

Título : PROVOCAÇÃO

Categoria: Crônicas

Provocar a reflexão sobre como podemos atingir a qualidade na vida é investir na importância dos atos, tomar coragem e se empoderar, para superar o medo nos desafios diários. Mário Faustino revela, “Eu quero uma coroa que não esmague a cabeça”.

Contrariar e mostrar o outro lado pode desfazer a imagem de conservadorismo e, ao mesmo tempo, revelar o quanto podemos crescer cuidando dos detalhes rotineiros e ter uma vida mais equilibrada; aprender e ensinar a ir devagar sem desanimar; experimentar a desconstrução e a reconstrução do viver, a ser convertido em algo bom e justo para todos. Mário Faustino questiona, “Que pé terá batido esse compasso, / que água suavizou vossos gorjeios?” e “... Que vale o lenço impuro de elegia / sobre teu rosto, lúcida alegria?”.

A pluralidade nas provocações são características marcantes, para se alcançar o resultado no conjunto variado da diversidade do pensamento em seus paralelos históricos. Em Clarice Lispector, “Somos criadas para competir, mas juntos somos mais fortes”.

A provocação é válida para a mudança, como defesa e proteção no cotidiano, em contraponto ao ódio implantado como linguagem. Ao buscar tal determinação, descubro quem está perto e quem poderá se juntar aos nossos esforços por uma vida digna.

O desejo de mudar para o que considero essencial é provocado pelo olhar para fora, que nos permite a visão interior e serve para refletirmos pela ordenação do “caos” e, assim, poderemos melhorar o mundo. Mário Faustino declara, “... O mundo que venci deu-me um amor / Amor feito de insulto e pranto e riso //... Amor que dorme e treme. Que desperta / E torna contra mim, e me devora / E me ruma em cantos de vitória.../ As trêmulas imagens de seus anos...”.

Data : 19/10/2016

Título : PRÓXIMA CONQUISTA: CONVERSAR

Categoria: Crônicas

Descrição: Conversar é, sem dúvida, um exercício sem rótulos e com liberdade no sentido amplo da palavra. É falar sobre coisas que fazem parte do universo de alguém que...

Conversar é, sem dúvida, um exercício sem rótulos e com liberdade no sentido amplo da palavra. É falar sobre coisas que fazem parte do universo de alguém que recria o mundo ao suprir a “necessidade” de determinado tipo de expressão. Neste sentido, exige investimento de tempo e atenção; e o tempo é sempre o dono da possível dinâmica da conversação.

A conversa tem por característica a forma simples de expressar a opinião sobre determinado assunto, desde que a verdade esteja exposta junto com o conhecimento. Leandro Gomes de Barros diz, “Se eu conversasse com Deus / Iria lhe perguntar: /... Quem foi temperar o choro / E acabou salgando o pranto?”

Observo que as pessoas reclamam não ter mais tempo para conversar. As famílias não conseguem mais se encontrar nas refeições, onde havia diálogo para saber como foi o dia de cada um; as novidades, dúvidas e o apoio entre as partes. Vamos combinar: que saudades dos encontros acolhedores, até dos discursos vazios e das discussões sobre determinado assunto. Além de divertido, na maioria das vezes, podíamos mascarar o nervosismo e até a tensão, como em Carlos Drummond de Andrade, “... Há sempre / uma família na conversa //... A conversa o restaura e faz eterno”.

Nos dias de hoje é impossível abraçar tudo; na verdade, é difícil conciliar profissão com família, porque vivemos no “drama” do que chamo “tempo”. A flexibilidade dos horários nem sempre é uma opção, porque não escolhemos onde e como a podemos encaixar na rotina o quanto e quando queremos ou podemos conversar com os amigos.

A conversa descortina corações, como mostram os poetas: Filomena, em *Conversa com Deus*; Welson Santos, em *Conversa entre o amor e a amizade*; Sidónio Muralha, em *Conversa de Tatus*; Zé Laurentino, em *Conversa de Passageiro* e Basilina Pereira, em *Conversa com o Mar*.

Sonhamos com a liberdade que até esquecemos como evitar as armadilhas, como por exemplo, quando é para conversar, ficamos calados; quando é para ouvir, conversamos. Isso ocorre em palestras, teatro, cinema e saraus poéticos. É intrigante, pois são momentos únicos e o tanto de conversas paralelas é assustador, parecendo *Conversa de Hospício*, “Conversemos então, mas sobre o quê? / O não e o nada, puxa vida! / Nada mais simples de dizer, do que sim por eles; / Contudo; / Sem mais para dizer, afirmo...” ou *Conversa sem Fim*, de Sylvania Amaral, “... Meu lugar não sei onde fica / Onde estou? / Somente a certeza que não é aí. // *Conversa sem meio / Nem fim / Arco-íris sem cor...*”.

O essencial é preservar o momento em que a vontade causa sensação diferente, como quando a criança quer falar e o adulto não a escuta, então ela em dose extra de necessidade, grita: quero falar! HSerpa reflete, “Sem televisão / chama para uma conversa / Acende a nossa chama / Sem nos cegar...”. Particularmente no mundo cuja rotina exige tempo, que muitas vezes, perdemos em deslocamentos, é vital “multiplicar as horas” para mantermos o diálogo, como em Cláudia Liz, “Vem tomar um café comigo?”

/ Nessa tarde ensolarada / Pra podermos conversar / Relembrar a adolescência / Nossos contos aventuras / Que faz bem ao coração...”.

Preservar momentos para conversar é importante, já que os interesses e os desejos do outro são fundamentais para vivermos em sociedade e, juntos, definirmos o rumo na vida. O diálogo entre amigos flui e colore a vida, onde as histórias e os resultados são apreciados por todos e, assim, esquecemos a ideia de que é preciso passar horas olhando através da vidraça; T.S.Eliot em *Conversa Galante* divaga conversando com a Lua.

Somos responsáveis pela condução da conversa e, muitas vezes, expressamos termos, tempos e palavras erradas, deslocadas do contexto, dificultando o poder de dialogar e de entender o rumo da conversação.

Conversar é dialogar ao entender o seu objetivo; o rumo que ela segue deve prender a nossa atenção. Mas, é necessário se policiar no que iremos dizer, pois a palavra - (mal)dita - que fere, também pode unir e transformar a vida das pessoas.

Quantas vezes, numa discussão, alguém chega perto e diz: “calma, é conversando que a gente se entende” e, como dizem os poetas, “um relacionamento feliz é uma conversa longa que sempre parece curta demais”. Quantas vezes, depois do encontro, na despedida, ouvimos, “a gente vai conversando”.

Então, questiono: quantos tipos de conversa encontramos pelo caminho? Conversa afinada, afiada, fiada, rimada, pessoal, sentimental, temperada, virtual, banal, de bar e tantas outras; para Zaymond Zarondy, “A poesia é uma forma de conversar com o mundo e com as pessoas. // Vamos conversar então?”

Conversar é arte ou manifestação filosófica? Se através do diálogo podemos dar e receber atenção dos amigos com argumento para desenvolver ou esclarecer um assunto, por razões diferentes, as pessoas procuram a felicidade; ao conversar com alguém fugir da solidão e do estresse, como refletido no livro *Prá início de Conversa*, poesias de Zaymond Zarondy.

Conversar é a conquista que estimula a alcançar o desejado e que faz nos sentirmos especialmente bem, ao desfrutarmos da companhia e das coisas simples, como lidar com a opinião oposta.

Data : 30/03/2015

Título : QUAL É O NOSSO LIMITE?

Categoria: Crônicas

Descrição: A pergunta provocativa norteia a vida. O desejo é o mais consciente dos sentimentos; ele forma a teia de expectativas que aos poucos alastra a alma para alcançar ou ultrapassar o nosso limite.

A pergunta provocativa norteia a vida. O desejo é o mais consciente dos sentimentos; ele forma a teia de expectativas que aos poucos alastra a alma para alcançar ou ultrapassar o nosso limite.

Faço dessa pergunta o mote das intervenções. Com ousadia, endosso as artes, por exemplo: o compositor Noel Rosa, pela excelência de suas letras e músicas e, por sua postura inquieta, explorou ao máximo os recursos da tecnologia – no caso, o rádio – para levar ao maior número de pessoas a sua produção. Chegou ao limite quando foi considerado o patrono da inovação na arte brasileira.

Algumas pessoas são metamorfoses ambulantes; em busca de seus limites se tornam incomparáveis e têm suas quebras de paradigmas em áreas que transcendem ao cotidiano. Isto se dá por razões que nos permitem arcar com alto grau de visibilidade e criatividade. Assim, é possível meditar sobre o que mudaria a nossa visão de mundo, para saber qual é o nosso limite. Como demonstra Paulo Monteiro, “jamais serei poeta apenas sou /um simples operário que procura/ de si por seus irmãos compor as dores/e o pranto e o desespero e a vil tortura...”

O escritor demonstra o limite de forma criativa e brilhante, que é o perfeito artista que faz referências a épocas e fatos; mostra os rastros do tempo ao espalhar suas palavras ao vento e o seu limite, no modo com que representa os símbolos da linguagem: atemporais e universais. Nesse sentido, a descrição e a composição vêm acompanhadas da solidão, ancorada na imaginação pelo fazer literário. Encontro Manuel de Barros que explora o simples e o tem por limite no transgredir, na poesia, como demonstra em “Desbiografias //Bernardo morava de luxúria com a sua lesma./Não era fácil ficar ao seu lado sem receber algum contexto de lesma./ Nossa linguagem não tinha função explicativa – mas só brincativa./Tipo assim: Eu vi uma pedra emocionada de borboletas.../ ... gente queria com as nossas visões afastar do bom senso o que fosse racional./E cair no absurdo que faz a beleza da poesia: tipo assim: Nós vimos um sapo ajoelhado/ no próprio abandono...”

Até que ponto temos consciência de que estamos no limite? Talvez o pensamento expresse a construção e a desconstrução das palavras, dos sentidos, enfim, do viver e exercer nossa humanidade. Penso que o nosso limite está atrelado a inúmeras páginas de experiências e rascunhos de ideias, que podem reescrever os mistérios da vida. Helena Rotta de Camargo afirma, “Quem disse que o céu é o limite estava equivocado. O limite é o amor, com seu séquito de benquerenças”.

Criar é um dos segredos para a constante mistura de satisfação e limites, que nos consome com a certeza de mudar a realidade (sempre tão complicada). A realidade, ao mesmo tempo em que provoca a nossa exaltação, faz com que, definitivamente, não possamos conceber a vida sem sermos abraçados pelo nosso limite.

Para saber qual o nosso limite, basta não desistirmos dos ideais e das ideias; é na diferença que crescemos, transformamos e corremos atrás das obras literárias, que nos fascinam por ultrapassarem os limites do cotidiano ao misturarem as vozes que tecem e entrelaçam trajetórias ilimitadas.

Data : 15/01/2013

Título : QUANTO CUSTA UM SONHO?

Categoria: Crônicas

Descrição: Um sonho não custa nada, mas requer investimento em tempo, criatividade e afeto. Gestos e palavras revelam um pouco da alma e da experiência, fazendo conexão com a linguagem do inconsciente: nossos sonhos.

“Quando sonho sou outra / Inauguro-me.” (Helena Kolody)

Um sonho não custa nada, mas requer investimento em tempo, criatividade e afeto. Gestos e palavras revelam um pouco da alma e da experiência, fazendo conexão com a linguagem do inconsciente: nossos sonhos.

“Persegui a luz? / Mal segui-a, tendo / onde o sonho pus, /  
uma flor morrendo...” (Alphonsus de Guimaraens Filho)

É fundamental considerar o sentimento como a mais difícil tarefa: lidar com as emoções, coloca equilíbrio no dia a dia. Muitas vezes temos a audácia de interpretar os sonhos, mas a graça não está em desvendá-los, mas em vivê-los. Peninha escreveu Os sonhos, que Caetano Veloso interpreta "... Tenho um sonho em minhas mãos, amanhã será um novo dia ..."

O ideal é sonharmos com a opção que mais combina conosco; repensar as experiências e fantasias, pois o poder de escolha nos dá a oportunidade de nos reconhecermos e, ainda, de vivermos onde podemos abrigar os nossos sonhos: verdades, o ter, o ser e o amor, porque achamos que há espaço em nossas vidas. Segundo Jorge Tufic, “Agora, sim: / para onde eu flor / carrego meu sonho”,

A iniciativa é o verdadeiro presente que nos faz sentirmos amados, desencadeando alegrias. O desafio está no plano emocional, por isso, temos de descobrir realmente o que estamos sonhando. Viajarmos um pouco na realidade, com os sonhos, é vivermos em paz e termos a dimensão da vida. Khaled Ghoubar escreveu, “Sonhar // como gosta a noite / a escurecer os dias / para os sonhos acordarem / dentro da nossa alma / a contar segredos e mistérios.”

No meio de bombardeio de ofertas, de novidades nas vitrines, vivemos num mundo em que os apelos de consumo estão por toda a parte. É preciso lembrar que a tarefa é darmos tempo ao tempo, porque não conseguimos tudo o que queremos o tempo todo, como em Pedro Du Bois, “Sonho //... restitui a lembrança do esquecido / gesto não realizado: nos sonhos / a incompreensão dos fatos”.

Nesta investigação, o coração aperta e muitas vezes o orçamento pressiona... um dia cai a gota d'água e entramos em curto circuito. Desabamos em rompantes de emoção

e, nesse instante, entre o acontecido e a vontade de explodir, o desafio está em sabermos: quanto custa um sonho?

Data : 23/03/2016

Título : quanto tempo conseguimos ficar sem o CELULAR?

Categoria: Crônicas

Descrição: na praia Sento-me à beira-mar para admirar a paisagem, o Sol e mar.

na praia

Sento-me à beira-mar para admirar a paisagem, o Sol e mar. Maneira para descansar a cabeça e obter novos pensamentos. Chama a minha atenção pessoas que estão caminhando com os pés na água e, ao mesmo tempo, falando ao celular. Como elas conseguem relaxar se estão atendendo ao celular? Márcio Almeida indaga, "... Você consegue se desgrudar do celular por um minuto do dia? Ou o celular te controla?" O toque do celular na beira-mar é um impacto contra a natureza, causado pelo processo "vício", capaz de transformar o céu aberto em plataforma de serviços. Márcio Almeida reflete, "... Você tem consciência realmente de que o celular faz com você..."

Busco meu interior quando estou na praia e me inovo na beleza da natureza. Faz-me sentir confiante e saudável, para a vida fazer sentido na rotina. Sinto-me feliz ao respeitar o meu lazer sem precisar mudar a minha vida; com apenas um gesto, deixo o celular em casa. Para Luiz Coronel, "Embriagados de euforia, / esquecemos / que o tempo e a humildade / apitam os jogos..."

no encontro

Num encontro com amigos, o anfitrião nos recebe na porta e, logo após os cumprimentos de boas vindas, oferece uma bandeja para deixarmos nossos celulares desligados (e os pegarmos na saída).

Alguns se espantam, outros perguntam, que maneira é essa de nos receber? É uma brincadeira? A resposta é direta: é a única maneira de a conversa fluir sem interrupções. Todos se conhecem e suas sensações pessoais é que rendem um bom encontro.

Como as coisas se misturam e movimentam a vida em novas escolhas, na realidade, são poucas as pessoas que conseguem se desligar do celular. Márcio Almeida questiona, "Uma vez pelo menos você parou para pensar na dependência que tem desse aparelho eletrônico?..."

Talvez meu amigo tenha razão, chegada a hora de mudar o jogo e pensar na simplicidade, para reconhecer como são importantes os encontros e os amigos, sem a interferência do toque do celular.



no cinema

A combinação filme, emoção e celular é poderosa, no mau sentido, porque deixa o espectador enlouquecido quando o celular o traz à realidade com o seu “barulho”. Márcio Almeida pergunta, “Você seria capaz de conceder alguns minutos de privacidade sem o estorvo da companhia do celular?...”

Cinema é lazer e entretenimento e não combina com conversas ao celular. O filme apresenta efeitos especiais, eleva a nossa imaginação e, sem exagero, o clima é quebrado com o toque do celular. Nas palavras de Luiz Coronel, “O conflito / é um grito / rasgando a dimensão / do infinito”.

Filme e celular, par imperfeito; contraste ruim e de xingamentos, estragando a expectativa da plateia. Para evitar esse jogo de opostos é melhor desligar o celular antes de entrar no cinema e curtir o filme com pipoca.

na sala de aula

Aprendi com os mestres que não devemos deixar o celular ligado durante as aulas, porque perdemos sem nos dar conta de quanto ele nos distrai ao interromper o aprendizado.

Pensamentos e ansiedades nos enfraquecem quando abalam o padrão de comportamento; o celular é o objeto que mais nos distrai com suas atrações, sem contar que estamos totalmente “viciados” e ligados nele. Ainda, Márcio Almeida, “... você já se deu conta de que é um (a) viciado (a) em celular? E que por isso pode estar sujeito (a) a contrair uma doença chamada fobia, que significa o medo de ficar sem celular?...”

Também sei que nos prejudicamos com o “vício”, que nos leva a perder o foco nos estudos. Para Luiz Coronel, “Qual teimoso arbusto, / entre as pedras, / a verde esperança renasce”.

Para usar o pensamento é preciso ter concentração e, a partir desta premissa, é necessário dispensarmos acessórios, como o celular em sala de aula, para que, sem teimar com a lógica, conseguirmos manter o foco no estudo e alcançar os objetivos que queremos. O desafio é saber por quanto tempo conseguiremos ficar sem o celular. Márcio Almeida desafia, “Você conseguiria deixar o celular em casa por 24 horas?”

Data : 30/03/2015

Título : QUÃO PODEROSA É A EMOÇÃO?

Categoria: Crônicas

Descrição: A emoção se confronta com a lógica. O estado emocional revela o momento de se ir ao encontro da felicidade, como desafio, no reconhecer os próprios limites.

A emoção se confronta com a lógica. O estado emocional revela o momento de se ir ao encontro da felicidade, como desafio, no reconhecer os próprios limites. A forma como se lida com a emoção pode mudar com o surgimento dos desejos no amor, no trabalho, no cotidiano, enfim, no mundo criativo e na realização pessoal, ao manter o equilíbrio emocional. Essa passagem gera conforto, evocando os sentimentos que são objetos de reflexão. Gilberto Cunha expressa, "... Os diálogos dos sentimentos envolvem emoções... A grande questão é como lidar com os sentimentos?... Entre os maiores desafios dos seres humanos estão compreender os sentimentos, falar sobre os sentimentos e manipular sentimentos..". A emoção é o abrir as portas para que se vislumbre o sentido da vida: mais harmonia e menos conflitos. É preciso estar consciente das próprias emoções e, assim, trazê-las à tona e compreendê-las, para melhor sentir e cultivar os relacionamentos, na necessária criação de valores sólidos, com a finalidade de desfrutar a convivência com prazer e alegria, como em Mário Faustino, "... O mundo que venci deu-me amor/Amor feito de insulto e pranto e riso,/Amor que força as portas do inferno,/ Amor que galga o cume ao paraíso./ Amor que dorme e treme./que desperta /E torna contra mim e me devora/E me ruma em cantos de vitória..."

O emocional é responsável pela flutuação dos sentidos ao focar a busca pela estabilidade e o desejo da motivação pela satisfação; o que exige cuidado ao desejá-la, pois, o estado emocional influencia sobremaneira as oscilações ao sentir e aprender a lidar de forma saudável com a dicotomia da emoção versus satisfação; nesse movimento nasce o crescimento que se destaca no campo afetivo: atitudes de respeito à escolha e à valorização do outro e pelo outro, como etapa que se encaminha para o fortalecimento da emoção.

Para me sentir recompensada emocionalmente,

descortino o coração, gero condições para a decisão e busco a liberdade como caminho de maior sentido à vida. Gilberto Cunha revela que "As nossas escolhas definem a posição que ocupamos nessa espécie de gangorra da vida".

Acostumada ao papel emotivo, não penso duas vezes para aceitar o desafio proposto pela sensibilidade, quando o sentimento vira a paixão-emoção que trago para a realidade; mas que também tem suas imperfeições e magias. Lígia Antunes Leivas, em o Senhor Guerreiro das Emoções, retrata que "O ser humano existe para a vida, para a sensibilidade, para amar./O ser humano existe para a criatividade, para fascinar-se, emocionar-se./E quando o emocional domina, é preciso ir adiante..." Carlos Higgin, no livro Caleidoscópio demonstra, "... Não tinha medo, mas tremeu quando ele se aproximou, quando ele caminhou os dois passos que os separavam, escasso espaço dentro do elevador..." E Creci Dinarte, no livro Emoções, ressalta, "O que são emoções, //Senão sentimentos que nos dominam em certas ocasiões: sejam de saudades, alegria, paz, dor e amor.As emoções são superiores a nossa vontade... Emoções é viver e reviver nas nossas recordações".

No dia a dia, a emoção revitaliza os sentidos como força maior, significando que, quanto mais resolvida emocionalmente, mais segura e confiante me sinto para conquistar, realizar e ter a chance de viver em paz e sentir quão poderosa é a emoção; assim, em Ivaldino Tasca, "Por que disfarçar/a emoção que nasce / de outra emoção, / sendo ela a / única coisa que nos faz felizes?//... Por que disfarçar a emoção/Se ela é tão rara, embora seja / a coisa mais importante da vida?"

Data : 17/04/2013

Título : QUE HISTÓRIA É ESSA?

Categoria: Crônicas

Descrição: Reunimos um seletto grupo de amigos, pessoas com os mesmos interesses, mesmas manias, que pensam politicamente do mesmo jeito e tem os mesmos gostos e opiniões.

Amiltinho)

(Para

Reunimos um seletto grupo de amigos, pessoas com os mesmos interesses, mesmas manias, que pensam politicamente do mesmo jeito e tem os mesmos gostos e opiniões. Nessa reunião com os amigos, conversa vai, conversa vem, alguém perguntou: que história é essa?

Antonio Risério escreveu: “Bobagem. Nenhum capitalismo é selvagem//... Nem a vida, feroz./ O homem é o homem do homem./ Todos juntos a uma só voz... “

As histórias são a alma das lembranças de que todos conversam e sonham. Acreditam que podem salvar o mundo com o incrível poder de mascarar as diferentes situações. Mas, há os que gostam de fingir que são mágicos e, às vezes, acreditam ter o poder de pensar e compreender ou criticar qualquer situação. Virtudes como tolerância, respeito e curiosidade intelectual não são mais discutidas, mas vivenciadas.

Mia Couto escreveu: “viver é cumprir sonhos, esperar notícias.”

A grande liberdade entre os amigos é poder fazer com que a moral se transforme em ficção. Ou seja, aos amigos é permitido, por exemplo, comunicar que compraram os mesmos livros e que estão abertos a novas idéias, e a um sorriso encantador. É fascinante como, com perfeito domínio e curiosidade, vem a pergunta: que história é essa?

No meio do encontro, um relata a ocorrência “deixando as palavras caírem no chão”. Com idade avançada e talento, conta a melhor fofoca, “ferindo-se de palavras”.

Eles são responsáveis por um estilo de vida, com surpresas impostas pelas suas forças. E, através de atitudes e pensamentos, expressam um gênero pessoal que transpõe o destino. Vão além e até falam dos problemas dos outros, restando apenas a pergunta: que história é essa?

Mário Quintana escreveu: “O tempo não pode viver sem nós, para // não para.”

A cumplicidade entre eles é a grande manifestação e, em geral, cada um tenta comprovar quem é tendo por cúmplice o tempo que constrói a intimidade e revela as afinidades e a confiança entre eles. Quando se encontram, nunca falta assunto, conseguem conversar, cantarolar, criticar, conversar sobre tudo, isto é, mantêm interesse nas histórias dos companheiros. Esse é o momento em que as máscaras são deixadas de lado, sobrando as pessoas, de coração aberto, uma admirando a outra.

Nessa reunião entre amigos, a possibilidade de trocarem confidências entre si é o que facilita a pergunta: que história é essa?

Mia Couto escreveu: “Não é segurando nas asas que se ajuda um pássaro.”

A amizade é o maior teste de alma e fazer parte da memória do outro é a maneira de sabermos que as pessoas entram na nossa vida e a história se faz mutuamente.

Data : 08/08/2015

Título : Que tipo de PAI é você?

Categoria: Crônicas

Descrição: Como filho, aprendi com meu pai que, quando se fica muito tempo fora de casa, é preciso arrumar uma maneira para passar algum tempo livre com os filhos.

Que tipo de PAI é você?

“Sabeis por que acho na velhice encanto?

Porque é velhinho o pai que sei amar,

E em cujo peito vou esconder o meu pranto”

(Dez/1924 Ziza de Araújo Trein)

Como filho, aprendi com meu pai que, quando se fica muito tempo fora de casa, é preciso arrumar uma maneira para passar algum tempo livre com os filhos. Meu pai acredita que os problemas se resolvem apenas vivendo num mundo mágico, que é quando ele tem tempo para acompanhar o filho em suas atividades e brincadeiras.

Nesse mundo mágico, o pai não tem medo da sua responsabilidade e, com o passar dos anos, sente-se mais participativo e seguro para ajudá-lo a se tornar responsável, autônomo, autoconfiante e afetivo, com o objetivo de enfrentar o mundo real. . Nas palavras de Pedro Du Bois, “Pai presente... // Lembrança do tempo / Em que estivemos / Juntos // Sua presença / preenche claros medos...”

A educação foi um desafio para o meu pai e, cada vez mais, ele buscou construir e desenvolver em mim as singularidades na diversidade, para que eu conseguisse lidar com o mundo em constante transformação. Também, mostrou-me o amor que sentia e, através do diálogo, os desafios do dia a dia, sempre atendendo as minhas necessidades na infância, na adolescência e até hoje, o que faz do nosso lar algo mágico. Segundo Lima Coelho, “Ser Pai //... É saber utilizar com maestria as ferramentas de precisão, aferindo oportunidade e valores para as lições que o conduzirão na vida...”

Assim, a nossa vida – pai e filho – tem se transformado em palco de encenações onde juntos montamos shows para a família e os amigos. Tornamo-nos personagens que interpretam em vida e sonhamos sermos “livros” de aventuras, onde aprendemos o sentido da verdadeira amizade e cumplicidade, como em Miguel Cadaval, “... Nos mais bonitos dos gestos / Quero me parecer contigo / E nos teus braços meu pai / Que encontro meu abrigo / Vou gritar que o mundo ouça / Meu pai meu melhor amigo.”

Hoje, ele me perguntou: Que tipo de pai é você?

Eu respondi que graças a ele sou do tipo participativo e que mantenho ótimo relacionamento com a minha filha. Mostro que ela tem o direito de realizar os seus sonhos e fazer as suas escolhas, percebendo os diversos sentimentos, de acordo com os contextos que se apresentam. Sempre repito isto, para que ela preserve a originalidade de suas ideias e busque a felicidade.

Sinto até hoje viver uma grande aventura. Adoro brincar, aprender e contar histórias, deste mundo que é mágico, para a minha filha. Encontro em Salete Aguiar, “Na cadeira de meu pai estou sentado, / mas filhos não querem colo, / querem asas”

Data : 27/09/2018

Título : QUE tipo de PAI é VOCÊ?

Categoria: Crônicas

“Sabeis por que acho na velhice encanto? Porque é velhinho o pai que sei amar, E em cujo peito vou esconder o meu pranto”

(1924 / Ziza de Araújo Trein)

Como filho, aprendi com meu pai que, quando se fica muito tempo fora de casa, é preciso arrumar uma maneira para passar algum tempo livre com os filhos. Meu pai acredita que os problemas se resolvem apenas vivendo num mundo, que é quando ele tem tempo para acompanhar o filho em suas atividades e brincadeiras.

Nesse mundo mágico, o pai não tem medo da sua responsabilidade e, com o passar dos anos, sente-se mais participativo e seguro para ajudá-lo a se tornar responsável, autônomo, autoconfiante e afetivo, com o objetivo de enfrentar o mundo real. Nas palavras de Pedro Du Bois, “Pai presente... // Lembrança do tempo / Em que estivemos / Juntos // Sua presença / preenche claros medos...”

A educação foi um desafio para o meu pai e, cada vez mais, ele buscou construir e desenvolver em mim as singularidades na diversidade, para que eu conseguisse lidar com o mundo em constante transformação. Também, mostrou-me o amor que sentia e, através do diálogo, os desafios do dia a dia, sempre atendendo as minhas necessidades na infância, na adolescência e até hoje, o que faz do nosso lar algo mágico. Segundo Lima Coelho, “Ser Pai //... É saber utilizar com maestria as ferramentas de precisão, aferindo oportunidade e valores para as lições que o conduzirão na vida...”

Assim, a nossa vida – pai e filho – tem se transformado em palco de encenações onde juntos montamos shows para a família e os amigos. Tornamo-nos personagens que interpretam em vida e sonhamos sermos “livros” de aventuras, onde aprendemos o sentido da verdadeira amizade e cumplicidade, como em Miguel Cadaval, “... Nos mais bonitos dos gestos / Quero me parecer contigo / E nos teus braços meu pai / Que encontro meu abrigo / Vou gritar que o mundo ouça / Meu pai meu melhor amigo.”

Hoje, ele me perguntou: Que tipo de pai é você?

Respondi que, graças a ele, sou do tipo participativo e que mantenho ótimo relacionamento com a minha filha. Mostro que ela tem o direito de realizar os seus sonhos e fazer as suas escolhas, percebendo os diversos sentimentos, de acordo com os contextos que se apresentam. Sempre repito isto, para que ela preserve a originalidade de suas ideias e busque a felicidade.

Sinto até hoje viver uma grande aventura. Adoro brincar, aprender e contar histórias, deste mundo, para a minha filha. Encontro em Salete Aguiar, “Na cadeira de meu pai estou sentado, / mas filhos não querem colo, / querem asas”

Data : 30/03/2015

Título : QUEIXAS

Categoria: Crônicas

Descrição: Queixar-se é manifestar descontentamento. É impulso e emoção; a iniciativa que move as pessoas rumo a uma vida mais justa em prol do seu bem-estar.

“Para que tanto queixume //... da Saudade / coração que a dor invade / numa onda de perfume...” (Ernani Rosas)

Queixar-se é manifestar descontentamento. É impulso e emoção; a iniciativa que move as pessoas rumo a uma vida mais justa em prol do seu bem-estar. Ao me queixar não estou colaborando para o crescimento pessoal e cultural, que o importante não é reclamar, mas, denunciar o mal e ter consciência dos atos.

A queixa é instrumento pelo qual não posso conquistar o que desejo e nem transformar em aprendizado e produção essa inquietude interior, como revela Pedro Du Bois, “Aos que se queixam/da rapidez das horas//desdigo/ a eternidade /esvaziada / em corpos/e almas //o esquecimento/ se apropria da ideia /e permanece.”

A diferença está na consciência, por que uma coisa é usar a queixa em meu favor, para equiparar a perda/ofensa, outra, é medir forças só com palavras: reclamar e não tomar nenhuma atitude. Esse processo não me estimula a enfrentar as situações que a vida apresenta. Helena Kolody escreveu: “Queixa//Tu, Senhor, que repartes os destinos:/ Por que me deste o ávido quinhão/Do sonho, de tristeza e solidão?”

Percebo que os poetas dão significado às queixas ao repercutirem sentimentos e os reais problemas no decorrer de seus convívios em vivenciadas crises, como em Lêdo Ivo: “Queixa do editor de poesia // Poesia não se vende, /ninguém entende! / – suspira o editor./Poesia! Poesia!/Ninguém te entende./És como a morte e o amor.” Os poemas respaldam o relatar das queixas, onde encontro a mudança desfrutando da literatura como guia de vida entrelaçada ao questionamento, como reclamação da realidade.

Ao olhar sobre as situações percorridas em caminhos diversos o importante é reagir à dor, ao vazio e a todos os tipos de preconceitos, como disse Nilto Maciel: “Efêmera existência,/a cadeia de ilusões.//... quando cuidamos, /tudo termina em nada, / tão ilusoriamente / como uma queixa efêmera.”

Data : 30/10/2013

Título : QUEIXAS

Categoria: Crônicas

Descrição: Queixar-se é manifestar descontentamento. É impulso e emoção; a iniciativa que move as pessoas rumo a uma vida mais justa em prol do seu bem-estar.

“Para que tanto queixume //... da Saudade / coração que a dor invade / numa onda de perfume...” (Ernani Rosas)

Queixar-se é manifestar descontentamento. É impulso e emoção; a iniciativa que move as pessoas rumo a uma vida mais justa em prol do seu bem-estar. Ao nos queixar não estamos colaborando para o nosso crescimento pessoal e cultural, porque o importante não é reclamar, mas sim denunciar o mal e ter consciência dos atos e fatos. A queixa é instrumento pelo qual não podemos conquistar o que desejamos e nem transformar em aprendizado e produção essa inquietude interior, como revela Pedro Du Bois: “Aos que se queixam / da rapidez das horas // desdigo / a eternidade / esvaziada /em corpos / e almas // o esquecimento / se apropria da ideia / e permanece.” Ou Álvaro Pacheco, “A vida // Não podemos nos queixar //...Pelos resultados / não podemos nos queixar.”

A diferença está na consciência das pessoas, porque uma coisa é usar a queixa em nosso favor, para equiparar a perda /a ofensa, outra coisa é medir forças só com palavras: reclamar, reclamar e não tomar nenhuma atitude. Esse processo não nos estimula a enfrentar as situações que a vida nos apresenta. Helena Kolody escreveu: “Queixa // Tu, Senhor, que repartes os destinos: / Por que me deste o ávido quinhão / Do sonho, de tristeza e solidão?”

Percebo que os poetas dão significado às queixas ao repercutirem seus sentimentos e os reais problemas apresentados no decorrer de seus convívios e vivenciados em suas nas crises, como em Lêdo Ivo: “Queixa do editor de poesia // Poesia não se vende, / ninguém entende! / – suspira o editor. / Poesia! Poesia! / Ninguém te entende. / És como a morte e o amor.”

Os poemas respaldam o relatar das queixas, onde encontro a mudança, desfrutando a literatura como guia de vida entrelaçada ao questionamento como reclamação da realidade. Luis Delfino dos Santos coloca: “Queixa // Mulher, confias muito em tua eternidade: / Pensas que há-de prender nas mãos a primavera, / Que as rosas da manhã durarão, que não há-se / Ter para ti o tempo o rugido da fera...”

Ao olhar sobre as situações percorridas em caminhos diversos o importante é reagir à dor, ao vazio e a todos os tipos de preconceitos, como disse Nilto Maciel: “Efêmera existência, / a cadeia de ilusões.// ...quando cuidamos, / tudo termina em nada, / tão ilusoriamente / como uma queixa efêmera.”

Data : 20/05/2013

Título : Quem Conta um Conto aumenta um Ponto

Categoria: Crônicas

Descrição: A cena é familiar, a roda de chimarrão e o grupo contando causos para as crianças.

A cena é familiar, a roda de chimarrão e o grupo contando causos para as crianças. Literatura de tradição oral, contos antigos, sendo transmitidos para as novas gerações.

Um processo enriquecedor e produtivo, onde as crianças aprendem a conhecer, a ser, a conviver e a ler; ou seja, abrir um livro para estimular a imaginação e a criatividade, para que possam explorar novos sentidos e significados.

Repensar poeticamente, semeando crenças e tradições para as crianças, retratando a condição e as manifestações culturais em busca das raízes, para serem reconhecidas como a época de períodos histórico-literários, que permanecem em obra.

É trajetória com muitas curiosidades sobre causos contados por nossos pais, amigos e escritores, mapeando de modo instigante a presença e a relevância do nosso folclore. Fruto da imaginação dos homens do passado, que gostavam de contar histórias. Essa é



a atitude movida pela inquietação que posteriormente é encontrada nos livros – trata-se de reflexão sobre o significado dos causos da vida dando especial sabor à leitura.

Histórias de um povo, na preocupação em transmitir às crianças suas lendas, canções e costumes; herança que passa para os livros e fica ao alcance de todos os olhares.

Destaco uma lenda muito popular no Rio Grande do Sul, “O Negrinho do Pastoreio”, descrita por Simões Lopes Neto no seu livro “Contos Gauchescos & Lendas do Sul”. Lenda que desafia o pequeno leitor, por que traduz as crenças como mistério e, para as crianças, o mistério resiste, porque elas estabelecem um novo olhar sobre as questões culturais, motivado pela curiosidade e desejo em desvendá-los.

Nos momentos em que as histórias são lidas e contadas, há magia no ar e um encantamento, que só a imaginação consegue ao contar um conto, aumentar um ponto.

Data : 18/11/2012

Título : QUEM CONTA UM CONTO, AUMENTA UM PONTO

Categoria: Crônicas

Descrição: A cena é familiar, a roda de chimarrão e o grupo contando causos para as crianças. Literatura de tradição oral, contos antigos, sendo transmitidos para as novas gerações.

A cena é familiar, a roda de chimarrão e o grupo contando causos para as crianças. Literatura de tradição oral, contos antigos, sendo transmitidos para as novas gerações.

Um processo enriquecedor e produtivo, onde as crianças aprendem a conhecer, a ser, a conviver e a ler; ou seja, abrir um livro para estimular a imaginação e a criatividade, para que possam explorar novos sentidos e significados.

Repensar poeticamente, semeando crenças e tradições para as crianças, retratando a condição e as manifestações culturais em busca das raízes, para serem reconhecidas como a época de períodos histórico-literários, que permanecem em obra.

É trajetória com muitas curiosidades sobre causos contados por nossos pais, amigos e escritores, mapeando de modo instigante a presença e a relevância do nosso folclore. Fruto da imaginação dos homens do passado, que gostavam de contar histórias. Essa é a atitude movida pela inquietação que posteriormente é encontrada nos livros – trata-se de reflexão sobre o significado dos causos da vida dando especial sabor à leitura.

Histórias de um povo, na preocupação em transmitir às crianças suas lendas, canções e costumes; herança que passa para os livros e fica ao alcance de todos os olhares.

Destaco uma lenda muito popular no Rio Grande do Sul, “O Negrinho do Pastoreio”, descrita por Simões Lopes Neto no seu livro “Contos Gauchescos & Lendas do Sul”. Lenda que desafia o pequeno leitor, por que traduz as crenças como mistério e, para as crianças, o mistério resiste, porque elas estabelecem um novo olhar sobre as questões culturais, motivado pela curiosidade e desejo em desvendá-los.

Nos momentos em que as histórias são lidas e contadas, há magia no ar e um encantamento, que só a imaginação consegue ao contar um conto, aumentar um ponto.

Data : 16/08/2015

Título : QUEM INFLUENCIA QUEM...?

Categoria: Crônicas

Descrição: Sofrer influência, adotar a peculiaridade como linguagem, investigar os vazios, as palavras e folhear livros é fazer constatar a história ...

“... o poeta / vê no vôo da borboleta /  
a possibilidade de dar asas / ao poema.” (Carlos P. Rosa)

Sofrer influência, adotar a peculiaridade como linguagem, investigar os vazios, as palavras e folhear livros é fazer constatar a história, e se tornar amante da ilusão onde encontro refúgio. Em outras palavras, esse lugar é a passagem sobre o movimento das palavras. “Embora poucos se deem conta, que a influência de opinião na vida das pessoas é enorme. Opinar é um modo de expressar a relação entre eu e o mundo” ressalta Carlos Matheus, em seu livro: As Opiniões se Movem nas Sombras.

A influência é o equilíbrio dinâmico que se reverte em conhecimento, onde os volumes delineados estabelecem a contraposição em conjunção das palavras, e nelas coloco o meu olhar através do sentimento e da troca pela criação.

O escritor com estilo definido é escolhido por mim, leitora, em razão de sua capacidade criativa de me reter a atenção. Não o deixo passar despercebido ao notar que ele está em busca de transcender os limites convencionais, ao passar pela elaboração de um estilo grandioso para a escala de simplicidade e aí o diálogo é traçado e a influência se torna força natural entre leitor e autor. Mas, quando penso na obra como suporte, adoto a influência como expectativa. Por exemplo, as obras que perduram, famosas, me mostram os acabamentos convencionais como manifestação da influência.

Influenciada pelo escritor, sigo o curso do rio da arte e percebo que, em tempos crus e diretos, a consequência é um autor influenciar o outro, ao conquistar seu lugar especial, expressando a sua marca e, por atração, sobrevoar os estilos como logotipo.

O livro é o retrato incisivo da vontade e do desejo do leitor em se tornar influenciado. Com a ideia de sermos influenciáveis, talvez a criação como conhecimento, deixe claro, com o espalhamento de estilo, que o olhar e o sentido podem, com o texto, fazer ressurgir palavras que atingem a plenitude.

Do outro lado, a influência é a dimensão que o escritor/leitor parecem reinventar – tornam incomum na arte do tempo o sentido transcendente em favor da arte literária. Dentro dessa linha, tanto quem influencia, quanto quem se deixa influenciar, em alguns momentos facilitadores da arte literária, aproxima a grandeza artística a quem merece seja atribuída.

Lima Coelho, influenciado pelo amor, escreveu, "... Pensei em elaborar uma bela poesia / Que citasse tudo sobre o amor / Que passasse mensagens de alegria / Da musa inspiradora com primor // Pensei compor uma bela canção / Inspirado nesse grande sentimento / Falando tudo que sente o coração / E do que rola no pensamento..."

Data : 02/10/2016

Título : QUEM NÃO LÊ, VÊ FIGURA?

Categoria: Crônicas

Descrição: Nilto Maciel pergunta, "Por que não investir na leitura, na formação de leitores"?

Nilto Maciel pergunta, "Por que não investir na leitura, na formação de leitores"?

Vivemos em constante fingimento, porque carregamos a escuridão interior ao não ler. A falta da leitura costura fios dispersos na ilusão de que o impossível pode se tornar visível. Segundo Domingos Pellegrini, "... A diferença entre olhar e ver é como passar de trem e passar a pé".

A história é tecida pela imagem da cultura. Sempre temos livros para ler, mas nem sempre temos a oportunidade, a liberdade e o tempo. Escutamos palavras a pregar o tempo, onde os gritos cortam a nossa alma. Mas, o tempo é do tamanho da poeira, basta um sopro e nada fica, nem um dia por acaso. Santo Agostinho em suas confissões descreve, "O que é por conseguinte o tempo? Se ninguém me perguntar, eu sei; se quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei".

Questiono o leitor, por que ficar na agonia que o sufoca no livro fechado? Encontramos a resposta nas palavras em poemas; na memória do tempo, escondida; na luz da razão que nos cala em livros fechados, porque velamos diferentes significações num pensamento de lâmina por não ler tudo o que queremos, por correr atrás do tempo e do livro fechado. W.J.Solha alerta, "quem não lê, vê figura". E, Pedro Du Bois, no Livro Fechado, retrata a relação do homem com o livro, "... Novo padrão do produto livro / livre de significados // e ditado/ impresso / acabado // em si mesmo".

Mas, quem explica a falta da leitura como descaso e sofrimento? O doce sabor das amargas passagens na vida. Como tropeçar em palavras e não saber dizer o quanto são sensíveis os livros descritos com os sentidos, ou quanto vale o livro aberto em nossas vidas. Júlio Perez indaga, "... De quantas vestes / pode um homem se despir? / Até onde pode chegar / seu mais radical desnudamento?"

A leitura gera a diferença entre os homens e nos torna mais presentes, como se estivéssemos aguardando na esquina da curiosidade os mudos recados da paisagem; o olhar do sol e a vida se fazer espanto. Nas palavras de Pedro Du Bois, "Se não atentarmos à cultura que se desfaz em descobrimentos e invenções, somos breves, estéreis e áridos gestos de tardios arrependimentos".

O prazer de saber ler é, antes de tudo, experiência única. A cada leitura recriamos e redescobrimos o poder das palavras, como expressa Jorge Luis Borges, "Que outros se gabem dos livros que escreveram, eu me orgulho dos que li".

Data : 22/10/2013

Título : QUEM NÃO se COMUNICA, se TRUMBICA

Categoria: Crônicas

Descrição: A língua é passaporte. Através dela identifica-se o indivíduo, mostrando, refletindo, de onde vem a pessoa que a postula.

A língua é passaporte. Através dela identifica-se o indivíduo, mostrando, refletindo, de onde vem a pessoa que a postula. Chacrinha já dizia: "quem não se comunica, se trumbica." A língua é o foco da nossa capacidade de expressão. É importante ficarmos atentos à força das palavras e do pensamento. Como em Pedro Du Bois, "Se as palavras encantam / o menino / sai a brincar com elas / algo maior acontece..."

A comunicação escrita e oral ganhou suportes transformadores e se espalhou pelas cidades com intensidade crescente, propondo novo olhar sobre seu povo e sua língua, que simboliza a voz interna do bom senso, favorecendo a troca de ideias. Ela potencializa nossa inteligência para os fatos.

A língua, como sentido das palavras, se transforma a partir do significado concreto para o abstrato. Ela é o mistério. Como deixou Ludwig Wittgenstein, para reflexão: "os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo." Quer dizer que podemos traçar nossa linha com base na educação, aspiração e ideologia, numa forma de expressar-se para a vida social, porque a língua inicia o ciclo de mudanças que se estendem a explorar os verdadeiros potenciais, com reciprocidade; faz existir a possibilidade de abrir portas para o novo, de espelhar a auto-imagem e diferenciar a comunicação.

E mais, a forma de escrever e falar se manifesta sem que sejamos diferentes, apenas devemos nos adequar às questões locais. A língua se distingue do acordo para

com a classe social, a experiência de vida e a região geográfica; suas estruturas e formas são inseparáveis da história de seus falantes, sinalizando a mudança rumo ao pensamento. Na visão de Leandro Karnal, “A língua é rica em sons e ideias e produz ações.” A linguagem também representa a revolução na produção literária, trazendo novas palavras, expressões e significados.

A comunicação é viver o renascimento de expressar as emoções e fazer ajustes no desejar: o diálogo para que a comunicação se realize, lembrando que a língua é patrimônio cultural. É caráter. Ela une e identifica um povo. Segundo Pedro Du Bois, “A língua universaliza / as palavras: sabemos / os significados...” e, Luís Fernando Veríssimo, diz que “o caráter de um povo decorre de sua língua”, marcando a notável expansão da consciência a refletir a criatividade no cotidiano. Clauder Arcanjo mostra, “... Farei meus textos com o colhido nas ruas, por entre os homens, por entre a vida, e não por entre as páginas do Latim, por entre a consulta das palavras mais difíceis no fundo dos dicionários”

Data : 07/01/2021

Título : QUEM SOU AGORA?

Categoria: Crônicas

Descrição: Sou como meus pais? Impossível, ?as águas não voltam iguais as fontes?, como diz Virgílio López Lemus.

Sou como meus pais? Impossível, “as águas não voltam iguais as fontes”, como diz Virgílio López Lemus.

A maturidade fez de mim protetora e corajosa mulher, com características (in)comuns que me diferenciam na arte da vida. Luis Martins da Silva questiona, “porque bebo lembranças? / porque me aprisiono? / no paleopolítico sentimental?”.

Descubro o mundo diariamente ao analisar o caminho que seguimos: pouco afeto e muita importância ao dinheiro. Entender é difícil, pois, são dois divisores fortes e importantes para a sobrevivência. Porém, só despertam o nosso lado interesseiro e ganancioso, como retrata Luis M. da Silva, “Vem hoje / e sempre mais jovem / o passado / efetuando passes / misturando símbolos...”.

Não me refiro à sedução, mas, a encarar o dia seguinte com a bagagem necessária e fundamental para as relações: amor e caráter. Nesta cumplicidade podemos disputar e estabelecer as responsabilidades cotidianas. Luis Martins constata, “o passado está ali / presente sentado à mesa”.

Ser como nossos pais é enumerar as horas e novidades que aprendemos apenas com a experiência que coexiste em nossa memória. Elis Regina já cantava, Como Nossos Pais, música de Belchior.

Vivo as mudanças e constato que as afinidades e o carinho estão juntos com a mágoa e o rancor. Estas passagens se juntam, em mim, reafirmando nossas identidades pela observação das reações peculiares, que tenho em comum com meus pais, e me emociono. Nilto Maciel diz que, “É na memória onde tudo de guarda e se acha... O homem é seu passado”.

Gosto de quem sou. Com coragem, enfrento os entraves em que a vida atinge sua complementaridade (im)perfeita no mundo, tornando o futuro falso, aflito, confuso e desonesto, como no poema de Virgílio López Lemus, “Eu sou a anciã que tem medo do tempo / e o jovem que tem medo da vida”.

Data : 10/02/2016

Título : QUESTIONANDO a LEMBRANÇA

Categoria: Crônicas

Descrição: Tenho reminiscências duvidosas; natural e evidente porque trago algumas lembranças: umas boas, outras talvez...

Tenho reminiscências duvidosas; natural e evidente porque trago algumas lembranças: umas boas, outras talvez... Miguel de -Unamuno salienta que “vencereis mas não convencereis.”

Dentre as frases que nunca esqueci está a declaração: “me orgulho de nunca ter lido um livro”. No mínimo é estranho, já que encontrei tal pessoa no último lançamento de livros na cidade. O que ela fazia lá se não iria ler o livro? Politicagem social? Qual o sentido para comparecer à noite de autógrafos? Apenas pretendia comprar o livro autografado? Ou foi deixar claro para o escritor do seu (des)interesse pela obra? Ou comprou o livro para presentear alguém? Egberto Penido alerta, “... fecho os olhos / e sem me despertar / continuo procurando nos recessos do meu coração / a senda que poderá me levar / a libertação de mim mesmo”.

Reconheço que o gesto da compra demonstra respeito pelo autor, assim como o comparecimento e os cumprimentos expressam gentileza. O que questiono é o fato de ela se mostrar orgulhosa por sua falta de interesse pela literatura, aqui tomada como parte da cultura, já que quando não há interesse, não há a “obrigação” de comprar o exemplar. Ela podia simplesmente cumprimentar e abraçar o autor e, como dizem minhas pequenas netas, “dar companhia” aos presentes.

Para o escritor, sua maior realização é levar as pessoas a algum tipo de envolvimento ao lerem a sua obra, proporcionando a experiência única de poderem evadir-se no tempo, já que ele não consegue mensurar com exatidão o que a sua obra pode refletir no leitor.

Ao reunir esses ingredientes e embalada pela lembrança tenho a pretensão de dizer que não ler gera expectativa não realizada e frustrada; a repetição mecânica das ideias,

além do fato de o não leitor nada poder dizer sobre a obra, como nas palavras de Rubens R. Torres Filho, “Palavra puxa palavra, / tristeza puxa tristeza / e o mundo, de tão redondo, / vai ficando uma repressa...”.

Existe momento mais triste do que esse tipo de lembrança? Pois é, convivo com isso todos os dias e me questiono: como essa pessoa irá descobrir o mundo? Cantarolar a música? Apreciar uma obra de arte? Imaginar o que os autores escrevem ou desenham nas palavras? Uma coisa é certa, ela nunca terá o horizonte à sua frente, que a vida vai passando e estampando os fatos, traduzidos em livros, que questionamos nas lembranças.

Então, chega a hora de vestir a máscara do faz de conta que você gosta de ler: imagine livros em sua casa, equivalentes ao seu gosto. Para a sua felicidade, em parceria com você; por exemplo, Jorge Luis Borges, Mário Quintana, Humberto Eco, Cecília Meireles, Orídes Fontela, Gilberto Cunha, Ferreira Gullar, Mia Couto, Pedro Du Bois, Paul Auster, Paulo Leminski e tantos outros. O que importa é a escolha, o que vale é a obra e o autor escolhido, e o espaço que você determina para eles. Na companhia dos autores preferidos ampliamos nossas ideias, cores e horizontes. Tudo é questão de estilo e gosto pessoal, e do que pretendemos transmitir com a leitura que fazemos.

Manusear o livro é dar vida a ele de modo mágico. Ler e entender de forma pessoal são emoções. Ler e imaginar são viver momentos de sabedoria em fonte colorida de palavras. Ter vontade de ler é fascinação. Ler é conquistar o nosso espaço através das próprias ideias e opiniões; resolver os desafios e principalmente ter liberdade para questionar as lembranças. Segundo Helena Kolody, “As palavras tem sentido / num código particular. / Cada qual é singular / em sua maneira de ler.”

Data : 24/06/2020

Título : QUESTÕES

Categoria: Crônicas

Descrição: Estamos vivendo um momento, simbolicamente, difícil, marcado pelo Covic-19.

Estamos vivendo um momento, simbolicamente, difícil, marcado pelo Covic-19. Gastamos tanto tempo nos cuidando e ouvindo sobre a pandemia, que nos esquecemos de refletir sobre as questões do viver.

Os percalços são nossos conhecidos, pois estamos suportando a força bruta quando se referem às mortes, como se as pessoas fossem cartas descartáveis. Quem tem coragem de desmascara a ostentação do mal?

A tristeza é a nossa atual paisagem, está rodeada por desgraças e tragédias com proporções abomináveis. Quem tem coragem de acreditar nesta humanidade desvairada?

Outros se preocupam apenas com o financeiro, com o comércio fechado sem dar valor aos gritos dos cadáveres armazenados. Quem tem coragem de produzir a nossa própria desgraça?

Na melhor das hipóteses sempre seremos os perdedores, pois somos manipulados por enganadores que não dão espaço para as vozes dos profissionais da saúde. Quem tem coragem de dizer, a quem interessa, de que não somos uma máquina de matar?

A cada notícia, a cada minuto, o Covic-19 mata pessoas. Os competitivos transformam o tempo de vida em abstrato, em dinheiro enquanto os parentes dos mortos saboreiam a solidão e a dor. Quem tem coragem de levar ao tribunal tais controvérsias?

Por que temos que nos submeter a este paradoxo e a estas insanas e insaciáveis mentes?

Data : 30/06/2020

Título : RE-VISTA

Categoria: Crônicas

Descrição: Lendo online o exemplar da revista, percebo incontáveis razões para a que ela seja re-vista.

Lendo online o exemplar da revista, percebo incontáveis razões para a que ela seja re-vista.

Os temas abordados fogem do contexto real, com os problemas e ameaças que sofremos no cotidiano. Discutir como agir diante deles faz parte do viver sem nos entregar, nem perder as esperanças de um mundo melhor.

A revista não mostra as nossas conquistas, nem o nosso lugar no mundo. Apenas revela a vida das celebridades, em versões assustadoras do Ser e o alto preço para viver. Como em Ferreira Gullar, “Não saiu notícia em jornal algum / Foi apenas a morte de um homem comum”.

Tão irreal que perco o fôlego ao pensar que as pessoas acreditam no que leem. Ferreira Gullar alerta, “E porque ninguém notificou o fato / fazemos aqui este breve relato”.

Vivemos tempos de turbulência, violência e desrespeito para com o próximo; como nos tranquilizar lendo que devemos confiar nas leis dos homens, que nem sempre são



cumpridas pelas próprias autoridades? A vida é curta para não usufruirmos da verdade. Gullar revela, “Volto do trabalho, a noite em meio, / fatigado de mentiras”.

Quem se importa com as notícias que desrespeitam os nossos direitos? Quem conhece os mestres das artes e letras? Quais as histórias que contaremos aos netos? Quantas dores suportamos diariamente? Por que somos discriminados por esta sociedade? Quando aparecerá nas revistas o bom senso, a ética e a veracidade dos atos? Quando leremos sobre a tempestade que estamos vivendo?

A razão das questões é a linha editorial, que só defende interesses negociais, como a reportagem “comer juntos alimenta a felicidade”. Seria felicidade se o povo tivesse comida à mesa: como escreveram, “Não há questão cotidiana que resista a uma conversa aquecida por um prato caseiro”. É a campanha daquele refrigerante: “Os valores que a refeição em família pode trazer”. A que famílias exatamente se referem? Necessário proporcionar educação ao povo, para valorizar as suas vidas.

Só aprendemos vivenciando o cotidiano e a realidade mostra as dificuldades da população pela falta de educação, condições e informações corretas. Ainda em Gullar, “E a luta de resistência / se trava em todo lugar: / por cima dos edifícios / por sobre as águas do mar”.

Como discutir sobre a fome, a solidão, os sonhos e o futuro, se nos (d)escrevem apenas cenas irreais?

Data : 06/11/2013

Título : Recados: O LIVRO

Categoria: Crônicas

Descrição: "Os livros // É proibida a entrada a quem não andar espantado de existir"; José Gomes Ferreira,

“Os livros // É proibida a entrada a quem não andar espantado de existir”; José Gomes Ferreira, com seu poema “Os Livros”, mostra que basta abrir um livro para ver as histórias que nele pousaram... Ao descobrir o segredo, pode-se viver uma aventura, emocionar-se, aprender sobre a vida e ainda viver o sonho, como em Jorge Luis Borges, no Livro dos Sonhos, que conduz os leitores ao mais antigo e complexo gênero literário e o tenta definir, dando algum sentido aos sonhos (da noite e do dia).

Uma das imagens que me vem à mente quando pego um livro é a revelação que as palavras armazenam, como em Manoel de Barros, no Livro das Ignorâncias. Ele diz que as palavras têm sedimentos e assim, podemos redescobri-las. José Saramago, com sua obra, indaga: Que Farei com Este Livro? Para quem acha que os livros estão em desuso, que são meras peças de decoração, digo que isso passou e faz tempo. O livro por si só

é figura carismática e se fizer parte da nossa vida, aí sim, nos acostumamos a ler e nos apegamos à ele.

Saliento a importância em se abrir um livro, através dos recados:

Charles W. Elliot, “os livros são os mais silenciosos e constantes amigos; os mais acessíveis e sábios conselheiros; e os mais pacientes professores”.

Jorge Luis Borges, “o livro é uma dessas possibilidades de felicidade de que dispomos”.

Leila Maria Barbosa, “às vezes um texto muito interessante passa despercebido porque não sabemos ler. Saber ler não é simplesmente ser alfabetizado. Saber ler é poder junto pensar com o autor, compreendê-lo e criticá-lo”.

Marina Colasanti, “o livro é algo que forma uma pessoa, que muda uma pessoa”.

Oscar Wilde, “é o que você lê quando não tem que fazê-lo que determinará o que você será quando não puder evitar”.

André Maurois, “a leitura de bom livro é um diálogo incessante: o livro fala e a alma responde”.

Pedro Du Bois, em seu Livro Fechado, convida o leitor para abrir um livro e mergulhar em emoções, com fatos, ilustrações e palavras; com o objetivo de revelar soluções criativas e ideias novas, “... Livro / sobre a mesa. // Livro aberto. // Orelhado / lido / rabiscado / rasurado / desenhado. // Número de telefone / escrito na contracapa. // Sobre a mesa, livro fechado”.

O livro aberto é capaz de levar o leitor a silenciosa viagem ao mundo da poesia, do romance, do conto, dando-lhe asas para a liberdade.

Abrir um livro é a justificativa da nossa existência. Não abrir um livro é a não comunicação com o mundo, a negação dos sonhos e da possibilidade de poder conhecer o novo. E para você, o que significa um livro? Qual o seu recado para o objeto livro?

Data : 23/03/2016

Título : reclame da VALISE Bildhauer

Categoria: Crônicas

Descrição: O publicitário faz o possível para focar a propaganda no que deseja vender e não desperdiça sua criatividade ...

O publicitário faz o possível para focar a propaganda no que deseja vender e não desperdiça sua criatividade e segurança ao lançar um novo produto; por exemplo, o reclame que criei para a valise Bildhauer; produto, diga-se, fruto da minha imaginação:

A nova marca de valise – Bildhauer - leva ao mundo a ousadia estética e o compromisso social: investimento (em diversidade de cores, tamanhos, modelos e preços).

A valise Bildhauer é apaixonante e busca a permanente superação das concorrentes, objetivando transformar as viagens, passeios e encontros em elementos essenciais no dia a dia.

Aos poucos, a moda movimenta mais valores e curiosidade. De olho nisso, criei um manual de estilo de viagens para as pessoas bem sucedidas. Entre os destaques, a valise Bildhauer como perfeita receita: couro modelado.

Apresento a top de linha em termos da autenticidade do produto, ousadia e praticidade. Posso associar a expressão “Quando menos, é mais” e estou convencida de que isso é verdadeiro quando da aquisição de uma valise Bildhauer, porque a sua performance é diretamente influenciada pela relação entre tamanho e beleza.

O design da valise Bildhauer é moderno e prático; um pouco mais larga para acomodar os segredos do proprietário. Permite ao comprador um efeito além da simples suficiência; com pressão, permite viajar e andar “de cabeça para baixo” – viver na pura ficção; isso será possível... Tentar alcançar a vida que escapa pelos ponteiros dos relógios que insisto em adiantar.

Comprada a valise: vontade de viajar. Encontrar-se nas reflexões, sensações, instantes e recarga de energias. Descanso. Paz. Pausa. Nada complicado, apenas momentos em que me delicio com as recordações das últimas férias, do novo amor, do aumento de salário e do novo livro.

Onda? Na verdade, não se trata de moda, de algo passageiro: o hábito de usar a valise Bildhauer está instalado nas mais diversas partes do mundo. Especialistas dizem que o principal fator foi a tomada de consciência dos cidadãos a respeito da propaganda relacionada à praticidade em se levar uma valise: em tempos modernos a bagagem de mão, como é carinhosamente chamada, está em alta, porque facilita e agiliza os embarques e desembarques. Mas essa explicação não basta! Em todas as situações a valise Bildhauer tem a leveza de quem não precisa de outros efeitos para ser marcante. Esse o segredo do sucesso da valise Bildhauer: ela é cuidadosamente esculpida para você.

Data : 27/05/2014

Título : Recortes do NEPOTISMO: jogo da desigualdade

Categoria: Crônicas

Descrição: Na tentativa de retratar os recortes do nepotismo como jogo da desigualdade, ...

Recortes do NEPOTISMO: jogo da desigualdade

Na tentativa de retratar os recortes do nepotismo como jogo da desigualdade, considero os problemas éticos que formam o corpo da responsabilidade e me possibilitam, como leitora e cidadã, adquirir familiaridade com o tema recorrente do pensar na busca da relação entre a verdade e a desigualdade.

Desmascaro as imagens em que, com dificuldades, sobrevivo das frustrações e surpresas, pelo medo do futuro em que, quando no nepotismo, somos o retrato inquietante da cena de peixaria, a troca em uma mão lava a outra, ao se venderem pelo peixe ofertado. Aqui, lembro Baltasar Gracián, “O saber e o valor alternam grandeza... Homem sem luzes, mundo às escuras”. Nesse sujo jogo, os princípios de liberdade e de justiça não sobrevivem, pois a mentira sempre se adianta e não deixa lugar para a verdade, nem o entendimento é posto a nu nas ações pautadas pelo processo utilitário de meios e fins, demonstrando que o nepotismo adquire realidade própria.

Minha visão irônica é de uma tragédia que se transforma em horror, visto que o jogo da desigualdade me provoca a típica reação de rir para não chorar, onde o nepotismo não é escondido, e eu pago o preço do destemor sem limite. Cabe-me encontrar o caminho para renegar a sua prática: essa troca de insignificâncias. Cada um precisa ter seu código de postura, ético e moral, medidas qualitativas para impedir que ocorra o nepotismo e, com esperança e coragem, denunciá-lo. Traduzo essa amarga visão, que é o nepotismo rascante e certo da irrecorrível condição humana, no sentido de me manter moral e eticamente sadia, como parte da sociedade. Digo que o fim é conseguir escapar dos danos causados pelo ato, mas o mais difícil é responder se existe esperança sobre seu o fim. Carlo M. Martini diz que “A esperança faz do fim, “um fim”.

Vivo com a indiferença e a inconsistência em relação à prática do nepotismo, porque elas refletem a perspectiva da fictícia liberdade de escolha, em que o jogo da desigualdade muda de figura e sentido, confundindo o desempenho e o mérito com o parentesco, em cruel pesadelo. Percebo que hoje existe a vontade generalizada do povo em não se deixar enganar. O sentido da esperança e o problema da desigualdade podem dar lugar à mudança com exemplos que mostrem ao brasileiro haver a possibilidade e a capacidade de se dizer não ao nepotismo.

Data : 28/08/2019

Título : REDE DE PROTEÇÃO

Categoria: Crônicas

Li que “meu pai se atirava no mundo sem rede de proteção”. Interpreto que a pessoa com tal coragem se distingue pelo caráter permissivo e sossego; criado com rédeas soltas e o coração aberto para assumir suas atitudes e justificar suas ações. Como demonstra René Char, “Não sabendo mais de tanta seiva triunfante devia cantar ou calar, abri o punho do Tempo e apanhei sua colheita”.

Por outro lado, tenho motivos para acreditar que essa pessoa pode ser avessa às convenções e às regras do viver; indisciplinado que, talvez, sofra menos com a perda. O que me intriga é como essa pessoa lida com a culpa e a surpresa? Com a verdade e o tempo? Para René Char, “Temos em nós extensões imensas que jamais chegaremos a pisar; mas elas são úteis à aridez de nossos climas, próprios tanto ao nosso despertar como as nossas perdições”.

Cair no mundo atual sem rede de proteção me faz vislumbrar a face cruel da vida na proporção desigual do cotidiano; das traições, restrições e percalços no decorrer das horas. Tal comportamento pode ofuscar a tranquilidade e desvendar as demandas que, certamente, toham a liberdade. Nas palavras de Char, “Idêntica sabedoria, tu que compões o futuro sem crer no peso que desanima...”.

Lançar-se ao mundo é encantar-se pelo desafio de reconstruir o viver. Refiro-me a quem em que uma coisa reforça a outra com empolgação, deslizos e limitações impostas pelo tempo. René expressa, “O tempo rasga e poda. Um clarão dele se afasta: / nossa faca”.

Para sair mundo a fora sem rede de proteção é preciso confiar em si para presenciar a injustiça e se envolver com a preocupação do outro. Assim, podemos lidar com as complexidades da vida que, com certeza, encontra-se na difícil tarefa de definição do melhor do mundo. A vida redefine as questões: como aceitar apenas uma versão dos fatos? Como definirmos a verdade no que há o verdadeiro sentido? Como decidirmos o hoje no momento presente? Como será o tempo de vivermos sem a rede de proteção? Ou será que a sensação imitará o trapezista no salto mortal? Ana Maria Lopes retrata, “Trapézio sem rede, / corda bamba que treme / viver sem medo / amar sem sede // nunca mais”.

Data : 30/12/2012

Título : REDESCOBRINDO CENAS DA VIDA -Galileu é meu pesadelo

Categoria: Crônicas

Descrição: O livro de ensaios ?Galileu é meu pesadelo?, de Gilberto Cunha, apresenta o homem diante da vida como um convite à reflexão sobre as diversas situações humanas, conduzido pelos fatos históricos, ao encadear, cuidadosamente, a luz incandescente das palavras.

O livro de ensaios “Galileu é meu pesadelo”, de Gilberto Cunha, apresenta o homem diante da vida como um convite à reflexão sobre as diversas situações humanas, conduzido pelos fatos históricos, ao encadear, cuidadosamente, a luz incandescente das palavras. Com essa missão, ele descreve razões ao lançar olhares ao passado como fonte de inspiração. “Depois daquele olhar... Nosso conhecimento científico, que nos permite usar informação de forma discriminada, é um conhecimento humano de mundo. Formatamos mentalmente um universo humanizado.”

No silêncio das páginas, contemplo a dança das ideias, que define o autor pelo fascínio em apresentar a reflexão filosófica sobre assuntos complexos em que, aos gritos, chama o leitor para refletir sobre a realidade: “Quem somos nós? – Difícil é ter clareza de que aquilo que somos, em um dado momento, não pode ser dissociado do nosso entorno (coisas e pessoas)... Somos produto do meio que vivemos ou, melhor ainda, do contexto em que nos inserimos... O mundo que encontramos pela frente... é um lugar que nos engajamos e ajudamos construir. Portanto, queiramos ou não, temos responsabilidade com as nossas realidades.” Em cada ensaio encontro panorama único que desafia os limites da coragem, com o tempo diferente que descortina as cenas da vida transformando a forma de reavaliar o mundo.

Permaneço atraída pelos ensaios recobertos de camadas cinzentas, onde a palavra representa e apresenta em desabafo um modo de renascer e sair de momentos sombrios, mas, mesmo assim, envolvo-me, alimentada pela luz de Gilberto Cunha, quando da leitura que me conduz à percepção do conjunto de fatores, como “Construtores da Realidade -... Conceituar, abreviar, tornar realidade apreensível ao intelecto é sinal de identidade que une e nos humaniza... O que buscamos com o ato de conceituar é compreender o mundo na sua plenitude (ideal inatingível)... Nossas obras são reflexos de nossas mentes e de suas relações com o mundo exterior.”

O autor revela-se com a marca inovadora do tempo: cria fórmulas de redescobrir as cenas da vida que atendam às necessidades específicas do ser humano, que de questionamentos nasce a diversidade como fonte de conhecimento.

Os ensaios reunidos em Galileu é meu pesadelo, Gilberto amplia e aprofunda em jogo de luzes: perspectiva histórica versus cenas da vida, fundindo mais uma vez a realidade. O que interessa ao escritor não é emitir juízos definitivos, mas mostrar que podemos participar, cuidar e criar a nossa realidade. A obra retrata o que o homem pode fazer movido pelo conhecimento e, a partir dele, permear a vida.

Data : 20/03/2013

Título : REINVENTE A BELEZA: a ponte

Categoria: Crônicas

Descrição: A ponte reinventa a beleza em suas formas espetaculares de tons intensos, dando significado ao que nos faz sentir livres.

“Uma ponte/ uma história // recortes de tempo / suspensos pontos /

marcam o imaginário...//: aqui somos passagens....” (Carmen Presotto)

A ponte reinventa a beleza em suas formas espetaculares de tons intensos, dando significado ao que nos faz sentir livres. Ela reinventa o homem e o leva ao questionamento após a passagem na sensação específica das necessidades de cada um.

A ponte conquista o lugar, o espaço ao ser frequentada e, ainda, favorece a busca de um novo olhar. É preciso ter consciência de que não existe ponte sem que se vejam os sinais que ela oferece, como o relacionamento que atravessa momentos decisivos e deixa claro qual a direção a seguir. Reconhecemos, por exemplo, esses valores nos filmes, “As Pontes de Madison” (uma história de amor) e na “Ponte para Terabítia” (emocionante aventura). Com ousadia cruzamos a ponte e, como conquista, temos a visão de dois pontos, um une futuros e o outro implanta simbolicamente parcerias: sentimentos e palavras, como em Pedro Du Bois: “Vivemos entre pontes, / saltando rios e lagoas //.. sobre pontes majestosas,/ nossos sonhos se apresentam...”

Acredito que ao admirarmos a ponte, temos a oportunidade de fazer a relação com os poetas em suas inspirações, porque utilizamos a emoção que passa a fazer parte das nossas vidas e transforma o gosto pela liberdade na maneira de encarar o desafio de ir e vir, sempre medindo nossas forças.

“Da corda e da pedra / A beira da ponte / Imensidão de temeridade / E tenra idade...”  
(Eduardo Barbosa)

Ao garantir a passagem com elevada tolerância na incerteza, podemos viver do indefinido e acreditar que atravessamos a vida como algo inevitável: a ponte entre o conhecimento e a fragmentação do ser humano.

Como disse o poeta Mário Quintana, “ora bolas...”, as pessoas em geral gostam do que fazem e colocam o sentimento como fonte de suas vidas; logo, a ponte que significa união, traz como símbolo novos valores: a liberdade de ir e vir a bel prazer, onde a cultura e o conhecimento fazem a diferença, favorecendo a vida do homem no que é indispensável, como o eixo da ponte.

“Herr Allesweisser fez um castelo de livros e, sem delongas, instalou-se nele; ponta a ponta, foi lendo sua casa e, lendo, sentia-se feliz. Um dia de tanto ler paredes e pilares, o castelo ruiu; e Herr achou-se soterrado sob sua cultura e viu-se nu, com fome, sede, exposto à bruta cruzeza do Mundo. Hoje, Herr Allesweisser é um sem abrigo e vive debaixo da ponte...”

A ponte liga vários mundos e metaforicamente incentiva as atitudes, como as de tráfegar no indevido tempo. Ela demonstra ser protagonista da vida e autora de si mesma, ao oferecer o caminho e permitir ser o lugar dos sem lugares e também gerar reflexão sobre não haver respostas prontas: é preciso reinventar a beleza.

Data : 05/12/2012

Título : REPENSAR A MORTE

Categoria: Crônicas

Descrição: Preciso exercitar o viver, porque tudo na vida são fases. Muitas vezes, fico pensando, cadê minha vida? Arrumo tempo para construir e produzir, é um tipo de exercício para projetar o viver a vida.

(Para Carlos Pessoa Rosa)

Nossas imaginárias linhas, justificando a vida e a morte. (Pedro Du Bois)

Preciso exercitar o viver, porque tudo na vida são fases. Muitas vezes, fico pensando, cadê minha vida? Arrumo tempo para construir e produzir, é um tipo de exercício para projetar o viver a vida. Com o passar do tempo, volto a dar atenção e curtir as coisas de que gosto. Vivo em paz comigo mesma, com os amigos e familiares, o que já considero um grande projeto.

Hoje, estou passando pela fase de repensar a morte. A palavra em seu significado. A ausência dos entes queridos. A saudade da juventude. O descaso das pequenas políticas. A importância da dimensão humana. Penso e repenso onde a morte se encaixa na vida. Lembro que os antigos diziam, basta estar vivo para morrer; ganhar para perder; amar para ser amado; ler para aprender, ver para crer... Assim, digo que a vida parece um ensaio. E, por falar em ensaio, encontro em Carlos Pessoa Rosa, *Mortalis*, "... a morte cria diversos sentimentos... permitindo vivenciar a emoção do amar quem vai partir e odiá-lo por se permitir isso"; e mais, "Diariamente o homem toma decisões, assume posturas novas, dele nasceu ideias, abrem-se caminhos cheios de emoções, e nada disso ocorre sem que a morte o acompanhe".

Ausente, espelho a morte como recurso ou conflito da presença na poética. Ao mesmo tempo, me pergunto: como posso me sentir inspirada e entusiasmada ao ler o ensaio de Carlos Rosa, que pondera sobre a morte? Mas, ele me passa a sensação de que o cuidado para não morrer abre a cortina da revelação para com o mundo interno e externo. A essência se torna real. A noção de perigo, irreal por pensar que nunca acontecerá algo de ruim conosco. Gilberto Cunha salienta que "Pensar na vida, não é algo que pode ficar restrito a um mero ato introspectivo, uma vez que, com relativa facilidade, podemos constatar que há uma multidão de organismos vivos que são diferentes de nós..."

Procuro ser presente e atenta quando percebo algo de bom, ruim e necessário ao tempo. Tento manter a postura ao abrir concessões nas vezes em que repenso a morte como compreensão do mundo. Pedro Du Bois, no livro *A Ausência Inconsentida*, configura, "A morte assoma horrenda face / amiga das horas amargas...// o que assusta a impossibilidade / do retorno e a dor da saudade." O que mais me impressiona na morte, é o fato de ela estar ligada à essência da vida, e não ser como exercício de concentração para quebrar padrões no palco da vida. Repensar a morte é sentir a angústia de estar vulnerável, como em Carlos P. Rosa, "... é a morte uma mãe que ao mesmo tempo em que nos oferece a vida, também a roubará. Não temos opções, ela é certa e inexorável"; Álvaro Moreyra completa, "ausência enche a casa toda." e Wittgenstein alerta, "A morte não é uma experiência de vida; morte não pode ser vivida".



Data : 12/10/2013

Título : Resenha, Artigo, Crônica, Conto

Categoria: Artigos

Descrição: Pequenas definições desses gêneros literários para melhor compreender sua estrutura.

RESENHA LITERÁRIA é a apreciação breve de um livro ou de um escrito, composta por uma apreciação com a finalidade de fazer uma análise, um exame; e emitir um julgamento, uma opinião. Deve ser breve, um texto rápido, pequeno, fazendo a análise e emitindo o julgamento em tempo consideravelmente restrito. E a expressão, de um livro ou de um escrito, significa que são resenhados apenas textos e obras.

ARTIGO pode ser definido como a ampliação de uma notícia jornalística, algo escrito que compõe um texto, uma análise mais aprofundada sobre o tema; uma obra que possui início, meio e fim, conforme o desenvolvimento dado ao texto pelo autor que, com seu estilo, procura deixar marcada a sua característica pessoal.

CRÔNICA: Gênero híbrido que comporta ficção e realidade; é manifestação de linguagem, em que acontecimentos do dia-a-dia transformam-se em literatura. É assim o resultado da visão pessoal e subjetiva do cronista que, através de uma linguagem coloquial, aproxima-se bastante do leitor, e, em geral, inaugura outro olhar sobre um fato qualquer do cotidiano ou do noticiário do jornal. Millôr Fernandes diz que "a estrutura da crônica é uma desestrutura; a ambiguidade é sua lei."

A Crônica assim como o conto é um texto curto, normalmente baseado em fatos cotidianos (fictícios ou não) do autor. Após cercar-se desses acontecimentos diários, o cronista dá-lhes um toque próprio, incluindo em seu texto elementos como ficção, fantasia e criticismo.

A Crônica, na maioria dos casos, é um texto curto; o próprio escritor está "dialogando" com o leitor. Isso faz com que a crônica apresente uma visão totalmente pessoal de um determinado assunto: a visão do cronista. Ao desenvolver seu estilo e ao selecionar as palavras que utiliza em seu texto, o cronista está transmitindo ao leitor a sua visão do mundo. Ele está, na verdade, expondo a sua forma pessoal de compreender os acontecimentos que o cercam. Geralmente, as crônicas apresentam linguagem simples, espontânea, situada entre a linguagem oral e a literária. Isso contribui também para que o leitor se identifique com o cronista,...

POESIA: A ocorrência da criação de vocábulos, da criação de novas relações sintáticas, da criação de novas matrizes metafóricas, da tentativa de renovação de frase musical dentro ou fora da tradição do idioma e da capacidade evocativa. (Mário Faustino, em O Homem e sua Hora)

CONTO: História completa e fechada como um ovo. É uma célula dramática, um só conflito, uma só ação. A narrativa passiva de ampliar-se não é conto. Poucas são as personagens em decorrência das unidades de ação, tempo e lugar. Ainda em

consequência das unidades que governam a estrutura do conto, as personagens tendem a ser estáticas, porque as surpreende no instante climático de sua existência. O contista as imobiliza no tempo, no espaço e na personalidade (apenas uma faceta de seu caráter). O conto se semelha a uma tela em que se fixasse o ápice de uma situação humana.

A Estrutura é essencialmente objetiva, horizontal e narrado em 3ª pessoa. Foge do introspectivismo para a realidade viva, presente, concreta. Divagações são escusadas. Breve história. Todas as palavras têm de ser suficientes e necessárias e devem convergir para o mesmo alvo. O dado imaginativo se sobrepõe ao dado observado. A imaginação, necessariamente presente, é que vai conferir à obra o caráter estético. Jamais se perde no vago. Prende-se à realidade concreta. Daí nasce o realismo, a semelhança com a vida.

A Linguagem é objetiva, utilizar metáforas de imediata compreensão para o leitor, despe-se de abstrações e da preocupação com o rebuscamento. O conto desconhece alçapões subterrâneos ou segundas intenções. Os fatos devem estar presentes e predominantes. Ação antes da intenção. Dentre os componentes da linguagem do conto, o diálogo é o mais importante de todos. Está em primeiro lugar; por dramático, deve ser tanto quanto possível dialogado. Os conflitos, os dramas residem na fala das pessoas, nas palavras ditas, não no resto. Sem diálogos não há discórdia, desavença ou mal – entendido e, sem isso, não há conflito e nem ação. As palavras como signos de sentimentos, de ideias, emoções, podem construir ou destruir. No conto, predomina o diálogo direto que permite uma comunicação imediata entre o leitor e a narrativa.

Outro expediente linguístico é a Narração, que deve aparecer em quantidade reduzida, proporcional ao diálogo. O conto não se preocupa em erguer um retrato completo das personagens, mas centram-se nos conflitos entre as personagens. A descrição da natureza, ou do ambiente, ocupa ainda mais modesto, pois o drama expresso pelo diálogo dispensa o cenário. O drama mora nas pessoas, não nas coisas e nem na roupa.

A Trama é linear, objetiva. A cronologia do conto é do relógio, de modo que o leitor vê os fatos se sucederem numa continuidade semelhante à vida real. O conto, ao começar, já está próximo do epílogo. A precipitação domina o conto desde a primeira linha. No conto, a ação caminha claramente à frente. Todavia, como na vida real, que pretende espelhar, de um momento para o outro deflagra o estopim e o drama explode imprevistamente. A grande força do conto e o calvário dos contistas consistem no jogo narrativo para prender o interesse do leitor até desenlace, que é, regra geral, um enigma. O final enigmático deve surpreender o leitor, deixar-lhe uma semente de meditação ou de pasmo perante a nova situação conhecida. A vida continua e o conto se fecha sem sequência.

O Foco Narrativo na 1ª e 3ª pessoas. O conto transmite uma única impressão ao leitor. Começo e epílogo: O epílogo do conto é o clímax da história. Enigmático por excelência, deve surpreender o leitor. O contista deve estar preocupado com o começo, pois das primeiras linhas depende o futuro do resto, do que terminar. O começo está próximo do fim. E o contista não pode perder tempo com delongas que enfastiam o leitor, interessado no âmago da história. O início é a grande escolha. A posição do leitor diante do conto é de quem deseja, às pressas, desentediado – se. Ele procura no conto o desenfado e o deslumbramento perante o talento que coloca em reduzidas páginas tanta humanidade em chama. O contista sacrifica tudo quanto possa perturbar a ideia de completude e unidade.

Data : 28/08/2019

Título : RESULTADO ESPERADO

Categoria: Crônicas

Posturas e atitudes são focos que desenvolvemos para alcançar o resultado desejado. Traçamos planos na complexidade das atividades diárias, que ajudam a eliminar as dificuldades e atingir as nossas metas. Como diz José Saramago, “Tentei não fazer nada na vida que envergonhasse a criança que fui”.

A representação fiel a nós mesmos é capaz de interferir e comprometer a nossa comunicação para chegar ao resultado esperado. Manuel Onofre Jr. demonstra: “quantas vezes vivenciamos, no cotidiano, momentos de poesia, que não sabemos transpor para a escrita”.

Construir e reconstruir nos permite permanecer junto de quem amamos, de fazer o que gostamos, de estender a mão ao próximo e de manter posturas que resgatam o equilíbrio junto ao tempo. Também, são atitudes que nos beneficiam por nos conscientizar da postura para o melhor resultado cotidiano. O que Drummond sintetizou ao escrever que “Tenho apenas duas mãos e o sentimento do mundo”.

Executar e acolher novas ideias permite que nos reposicionemos na estrutura do viver. Claro, cada um com a sua posição, opinião, alinhamento e alterações, que estão relacionados com o bem viver e a informação, cada dia mais acessível para todos. Nelas encontramos as respostas para as dúvidas e o encaminhamento ao resultado concretizado. Nas palavras de Gabriel Garcia Marquez, “Aprendi que o homem só tem o direito de olhar um outro de cima para baixo para ajudá-lo a levantar-se”.

Atualmente, as palavras alcançar e resultado, são tentativas de estabelecer prioridades, por vezes ilusórias, nos processos que dão sentido em nossas vidas, como o tecnológico, por exemplo.

Importante perceber que, na nossa rotina, podemos viver com simplicidade, mesmo considerando os sintomas, atos, respostas, sentidos, sentimentos, palavras e ações em relação ao tempo e espaço, quando refletimos a possibilidade de chegar ao resultado construído; ou, até mesmo como boa chance na espera pelo desfecho favorável. Manuel Onofre Jr retrata, “Todo curriculum vitae deveria ter, imprescindível, o lado sombra, o lado humano verdadeiro, de cada um”.

Data : 19/11/2015

Título : RETRATO de Humberto Mauro

Categoria: Crônicas

Descrição: Humberto Mauro: Poeta do Cinema; pioneiro cinema brasileiro e inspirador do cinema novo.

“O cinema falado / É o grande culpado /

Da transformação / Dessa gente que pensa...” (Noel Rosa)

Humberto Mauro: Poeta do Cinema; pioneiro cinema brasileiro e inspirador do cinema novo. Iniciou com um curta-metragem de 5 minutos, Valadião, o Cratera, em 1920. Logo depois fez dois longas: Na Primavera da Vida e Tesouro Perdido; o mais interessante foi que ele atuou como vilão, seu irmão Bruno como mocinho e a sua mulher, D. Bebê, como a donzela. Foi considerado o melhor filme brasileiro pela revista Cinearte, em 1927. Dois anos depois montou, dirigiu e fotografou o primeiro documentário, Cataguases, e produziu dois filmes dramáticos: Brasa dormida e Sangue Mineiro.

Em 1930 fez a comédia Lábios Sem Beijos, junto com Adhemar Gonzaga, que sofreu severas críticas moralistas. Três anos depois deu a volta por cima com o filme Ganga Bruta, que o consagrou como cineasta na visão de Nelson Pereira dos Santos e de Glauber Rocha, que declarou: “Mauro parece encerrar o impressionismo de Renoir; a força de Eisenstein; o humor Chaplin; a composição de Murnau.” Também, produziu a musical Favela dos Meus Amores (1935), com um elenco especial: Ary Barroso, Custódio Mesquita, Silvio Caldas e Orestes Barbosa.

No ano seguinte, outro musical: Cidade Mulher, filme com letra e música de Noel Rosa (a música título do filme): “CIDADE MULHER // Cidade de amor e aventura / Que tem mais doçura / Que uma ilusão //... Cidade notável / Inimitável / Maior e mais bela que outra qualquer / Cidade sensível, / Irresistível, / Cidade do amor, cidade mulher...”

O triste é que os dois musicais foram perdidos num incêndio, o que levou Humberto a ingressar no Instituto Nacional do Cinema Educativo, onde produziu mais de 350 documentários, entre eles: Cantos do Trabalho, que trata da cultura brasileira. Durante suas folgas, filmou a superprodução O Descobrimento do Brasil, retratando a chegada de Cabral.

Em 1974 fez seu último documentário: Carro de Bois, filmado em sua cidade natal, Volta Grande. Faleceu naquele mesmo ano.

Encanto-me com suas obras por trazerem cultura, criatividade, bom gosto, conhecimento e, ainda, por preservarem a história. Documentários e musicais que até hoje são considerados obras de arte, para serem apreciados em cada ousadia de suas linhas e movimentos.

Luz, câmara e ação! Pura sensibilidade e emoção traduzida em cada palavra, surpreendendo-me com seu estilo transformador e renovador. Humberto deixou sua marca para eu vivenciar o seu mundo de fantasias – verdadeiro universo de bem estar;

e como disse o poeta Vinícius de Moraes, “O cinema é infinito – não se mede / Não tem passado nem futuro. Cada / Imagem só existe interligada / À que o antecedeu a à que a sucede.”

Data : 20/05/2013

Título : Retrato do Povo Brasileiro -em Cor e Poesia

Categoria: Crônicas

Descrição: Mario Quintana escreveu, “Nós fazemos parte da paisagem.”

“... Seu olhar inscreve-se em mim / juntos enredamos a história: /ora sem luz, / ora sem escrita...”

(Benedito Cesar Silva)

A arte estabelece o diálogo entre diversos olhares sobre o cotidiano, sobre a paisagem como cenário, enfatizando a sua importância como fonte de inspiração poética. Mario Quintana escreveu, “Nós fazemos parte da paisagem.”

Aqui, encontro dois artistas: um, o pintor Cândido Portinari, que Raymundo O. de Castro Maya, seu melhor amigo, assim descreveu: “com a cor e a poesia, Cândido Portinari foi quem melhor retratou a identidade do trabalhador e do povo brasileiro”. Portinari, em seus trabalhos, descreveu o caráter imaginativo, representado por elementos fantásticos, figuras líricas e criaturas místicas. Ele acreditou nessa proposta e se tornou um “organismo vivo”, que abrigou ideias e pensamentos na formatação de suas obras.

Ganhou a admiração de Alphonsus de Guimarães Filho, “... no seu jeito de estar. / Toda alegria, / toda a luz, a manhã que tudo aclare / investe sobre o inquieto Portinari, / dá-lhe viver a sensação de um dia / que é toda vibração. / Eis vai Candinho...”, e de Vinícius de Moraes, “O pintor pequeno / o grande pintor / ruim como veneno / bom como a flor.../ É cor de pintura / dentro da moldura / de um quadro de aurora...”

O outro é o poeta Ferreira Gullar, conhecido e reconhecido nas manifestações artísticas como o “poeta nacional”; foi quem abriu caminho para o movimento da cultura popular, refletida em sua poesia. Seus versos são sensíveis à problemática do povo, porque abrange todas as vitórias, derrotas e esperanças do homem brasileiro.

Portinari e Gullar, através de suas artes (pintura e poesia), demonstraram a necessidade de se lutar contra a injustiça e a opressão. A partir desse momento nós, “paisagem e povo brasileiro”, passamos a nos conscientizar do valor da cultura e da sua contribuição para a compreensão da sociedade.

Ainda, encontro em Gullar, em versos sensíveis à problemática da vida do homem brasileiro, “... dizem, tudo dizem / eles nasceram para falar / para contar histórias, / para comentar / a cor de cada / fato sem cor...”

Data : 19/01/2013

Título : RETRATO DO POVO BRASILEIRO: EM COR E POESIA

Categoria: Crônicas

Descrição: A arte estabelece o diálogo entre diversos olhares sobre o cotidiano, sobre a paisagem como cenário, enfatizando a sua importância como fonte de inspiração poética. Mário Quintana escreveu, “Nós fazemos parte da paisagem.”

“... Seu olhar inscreve-se em mim / juntos enredamos a história: / ora sem luz, / ora sem escrita...” (Benedito Cesar Silva)

A arte estabelece o diálogo entre diversos olhares sobre o cotidiano, sobre a paisagem como cenário, enfatizando a sua importância como fonte de inspiração poética. Mário Quintana escreveu, “Nós fazemos parte da paisagem.”

Aqui, encontro dois artistas: um, o pintor Cândido Portinari, que Raymundo O. de Castro Maya, seu melhor amigo, assim descreveu: “com a cor e a poesia, Cândido Portinari foi quem melhor retratou a identidade do trabalhador e do povo brasileiro”. Portinari, em seus trabalhos, descreveu o caráter imaginativo, representado por elementos fantásticos, figuras líricas e criaturas místicas. Ele acreditou nessa proposta e se tornou um “organismo vivo”, que abrigou idéias e pensamentos na formação de suas obras.

Ganhou a admiração de Alphonsus de Guimarães Filho, “... no seu jeito de estar. / Toda alegria, / toda a luz, a manhã que tudo aclare / investe sobre o inquieto Portinari, / dá-lhe viver a sensação de um dia / que é toda vibração. / Eis vai Candinho...”, e de Vinícius de Moraes, “O pintor pequeno / o grande pintor / ruim como veneno / bom como a flor... / É cor de pintura / dentro da moldura / de um quadro de aurora...”

O outro é o poeta Ferreira Gullar, conhecido e reconhecido nas manifestações artísticas como o “poeta nacional”; foi quem abriu caminho para o movimento da cultura popular, refletida em sua poesia. Seus versos são sensíveis à problemática do povo, porque abrange todas as vitórias, derrotas e esperanças do homem brasileiro.

Portinari e Gullar, através de suas artes (pintura e poesia), demonstraram a necessidade de se lutar contra a injustiça e a opressão. A partir desse momento nós, “paisagem e povo brasileiro”, passamos a nos conscientizar do valor da cultura e da sua contribuição para a compreensão da sociedade.

Ainda, encontro em Gullar, em versos sensíveis à problemática da vida do homem brasileiro, "... dizem, tudo dizem / eles nasceram para falar / para contar histórias, / para comentar / a cor de cada / fato sem cor..."

Data : 26/11/2012

Título : RETRATOS A ÓLEO: PASSAR É FICAR SEMPRE

Categoria: Crônicas

Descrição: "Que o tempo passa, vendo "retratos" no lugar que está, sentindo a vida desconhecida nascer em mim, procurei encontrar o que o mesmo foi esquecido..."

"Que o tempo passa, vendo "retratos" no lugar que está, sentindo a vida desconhecida nascer em mim, procurei encontrar o que o mesmo foi esquecido..." Lêdo Ivo

Sobre o livro "Imagens Negociadas", de Sérgio Miceli, traço algumas pinceladas. O livro faz uma análise mais sociológica do que artística. A tese de Miceli é a de que o retrato brasileiro é uma espécie de coluna social feita a óleo; defende que o retrato é sempre uma "imagem negociada" e que funciona como arma de marketing pessoal.

Ao tirar essa máscara, pergunto, será que não encontramos arte verdadeira nesses retratos pintados? Por exemplo, o retrato da Mona Lisa é sinônimo de arte.

Antigamente os pintores tinham a pretensão de fazer arte quando produziam retratos, mas nem sempre o retrato foi feito de forma adulatória. Mário Quintana mostra: "Há uma cor que não vem nos dicionários. É essa indefinível cor que têm todos os retratos, os figurinos da última estação, a voz das velhas damas, os primeiros sapatos, certas tabuletas, certas ruazinhas laterais: - a cor do tempo..."

Mário de Andrade, por exemplo, foi retratado por divas como Anita Mafalhti e Tarsila do Amaral e, no caso, em troca de notas jornalísticas avalizando os dotes artísticos das retratistas; mas cada pintora colocou na tela o Mário que desejou, sem perder sua criatividade, porque, mesmo assim, seus trabalhos são considerados como arte. Tanto a arte de pintar, quanto a arte de escrever de Mário de Andrade .

Até o grande Portinari pintou Getúlio Vargas, nos anos 30, e seu modelo foi uma fotografia, o que também pode ser chamado de arte. E qualquer traço vindo do mestre Portinari é e sempre será arte.

Também nos anos 30, Flávio de Carvalho fez bons retratos e conseguiu impor sua marca expressionista; reconhecida e valorizada até hoje. Sem contar que muito do que se produziu na pintura, até o final do século passado, foi composto por retratos.

Atualmente o retrato é desprezado e é tão caro que talvez não sejam feitos mais, porém, será sempre considerada obra de arte.

O retrato teve o seu papel no passado, de funcionar como coluna social, de ser feito apenas pela elite e de retratar, como vejo hoje, as pessoas com quem os pintores se relacionavam.

Enfim, mesmo o retrato sendo negociado, não perde o seu valor artístico. Expressar, pintar, pincelar, captar as linhas, demonstra criatividade: quem sabe olhar o real geometricamente retrata para sempre. Pedro Du Bois conduz em palavras poéticas: “Imagens / figuras traduzidas / iconográficos / retratos inacabados / ao abrirem as luzes // a modelo / nua / se adianta à roupa / não contida na pintura // o retrato guarda / a instantânea forma / de se dizer eterno / de se dizer duradouro / de se permitir esmaecer / na sobriedade da pose”.

Data : 13/05/2015

Título : RETRATOS da VIDA

Categoria: Crônicas

Descrição: Clauder Arcanjo, em suas convivências, encontra a divergência e a diversidade para retratar a vida, no livro Uma Garça no Asfalto.

Clauder Arcanjo, em suas convivências, encontra a divergência e a diversidade para retratar a vida, no livro Uma Garça no Asfalto. Nas suas palavras,... cronista... deixa-se de viver, passando a ser antena receptora dos causos da vida... Por uma questão de amor à vida, vamos de catador dos fatos do cotidiano”.

Na obra, a rotina torna sua mente aberta e criativa. Vê tudo ao seu redor e retorna em prosa as suas sensações, passando a impressão de conexão consigo mesmo e com os fatos. Também, enfatiza a importância do seu olhar observador sobre os retratos do viver, ao apontar as diferenças como novos desafios.

“... De repente preso na gaiola do hospital, ouviu o canto da juriti. Que coisa linda!...”

Uma Garça no Asfalto está escrito em linguagem bem humorada. O autor brinca com as situações ao se deparar com os retratos dos personagens em seus dia a dia, demonstrando em ótimas ideias o que é vivido por eles.

“... É isso! Se não posso correr. Se não posso mais desembestar pelo mundo afora. vou fazer cantos! Versos em Cordel! Versos que vão correr o mundo...”

Clauder traz à tona suas histórias, não como sombras, mas, como lembranças que dão sentido ao viver; como encontramos, por exemplo, n’A Beleza venceu a Física – revelado por ele em perspectiva de humor e n’As Plantadoras de Jornais – em que descreve a importância (e o inusitado) da divulgação da leitura, permitindo pronunciar o meu encanto pela atitude. Segundo o autor, “... Ler é preciso... Engrandece-nos e faz-



nos mais... Quando leio, esqueço o tempo, transponho-me para outro mundo. Coisas da paixão”.

Arcanjo, magicamente, surpreende com a prosa, como o tempo que não volta, deixando na minha mente o revelar da emoção na existência, onde tudo é permitido: o amor, o gesto em seu significado e a sustentabilidade de cada personagem.

“... Pretendia gravar neste branco papel, o azul arco-íris que habitou minha face, até então cabisbaixa, quando te vi...”

Suas palavras me sustentam no desejar o passar do tempo em imagens reflexivas – o passado no presente – como retratos da vida, o que me leva ao mistério e ao encantamento das histórias.

“... Dirigia-me para o trabalho,... quando um vulto de uma brancura ímpar circunvoou sobre meu carro... Parei e refleti  
“Uma garça perdida neste mundo de asfalto!...”

Clauder Arcanjo demarca limites nas possibilidades humanas ao retratar suas fronteiras com o cotidiano. Uma Garça no Asfalto traz a vontade de saber “quem é quem” e, assim, descobrir os caminhos na imagem da realização, onde as histórias me permitem refletir sobre “quem somos”.

Data : 29/10/2014

Título : Revelação: o ANTIPOEMA

Categoria: Crônicas

Descrição: Os dias são repletos de segredos e surpresas, como significado para manter, renovar, melhorar, mudar e recomeçar ...

Os dias são repletos de segredos e surpresas, como significado para manter, renovar, melhorar, mudar e recomeçar o que considero importante em busca do essencial, da sensação do viver, como canta Simone, “... vestidos de saudades vivas”.

Segredo é o que se revela a alguém, algo importante para a vida. A dúvida permanece quando o segredo deixa de ser, por que foi revelado quando era para ser reservado. Já a surpresa pode ser agradável e, por vezes, contribuir para causar ótima impressão em outra pessoa.

Segredo e surpresa são palavras que desvelam e definem o estilo de vida; assim, nada mais natural do que compartilhar tais momentos com os amigos, o que de alguma forma impõe limites e adiciona confiança ao círculo de amizade; além de dividir as emoções no prazer de conviver com quem queremos estar no mundo real.

Na semana das Letras, em Passo Fundo (RS) fui surpreendida pelo amigo e Poeta Paulo Monteiro, com um antipoema. Entregou-me dizendo, “fiz agora”. E eu agora revelo

as suas palavras: “antipoema // logo as portas do cadafalso se abrirão / e não mais serei escravo de ninguém / voarei como um pássaro / nem sei para onde / mas será um lugar melhor do que este / aliás, qualquer lugar é melhor do que este // não enterrem meu coração na curva do rio / lancem minhas cinzas no rio da minha infância / entre as pedras do pinheiro torto / lá onde a jaguatirica e seus filhotes vão beber água / nos três potes quebrados pela saracura// à noite os vagalumes voarão em curvas sobre as águas / o corujão-de-orelhas lançará seus gritos de alerta / e minha alma // esta sacha de todos os poetas / ao lado da alma de manuel bandeira / ouvirá o chilrear do pardalzinho”.

A surpresa, por vezes, revela o segredo como válvula de escape, onde o sentimento se traduz em mágicas palavras. Criamos à procura do reconhecimento? A resposta encontramos dentro de nós, como a palavra que move todos os dias, não é senão o resultado do significante em que nos sustentamos desde sempre. E, assim surgem expressões para contestar e justificar as atitudes como reação, como reflexo de projetos pessoais.

Ao ser revelado o segredo ou se fazer surpresa, a sensação e a condição de exercício do poder têm o efeito de enaltecer a sensibilidade diante da realidade, onde tudo pode ser mascarado na arte de escrever; do sentimento sem desconfiança, para termos o prazer de viver preso nas palavras que retratam a realidade. As palavras saúdam e guardam o inédito em significações enquanto produção literária.

O pitoresco no segredo e na surpresa é que ambos captam as histórias na linguagem que atravessa o cotidiano como invenção humana; o que me faz próxima do escritor ao considerar a surpresa na revelação das palavras no poema e em suas entrelinhas.

Data : 14/09/2017

Título : RISCAR O VIDRO DA JANELA

Categoria: Crônicas

Descrição: A chuva risca o vidro da janela enquanto o interior do quarto está em silêncio.

pela memória de Carmen Sílvia Presotto

A chuva risca o vidro da janela enquanto o interior do quarto está em silêncio. Escuto meus pensamentos despertados pelo trovão, como grito da minha solidão. Nas palavras de Pedro Du Bois “não tendo você comigo nas horas tardias, / nada terei quando o amanhã chegar...”.

Estou fragilizada em recordações quando o barulho da chuva riscando o vidro traz a realidade: a morte de Carmen Sílvia Presotto, minha amiga de sempre: Tita. Por

algum tempo, roda a minha mente e a dor aperta entre lembranças nas imagens de gestos e horas que não passam.

Em outros tempos era você, minha amiga, que estava por perto com novidades, colocando a literatura poética no centro da cultura pelos quatro cantos da vida. Conversávamos neste quarto, agora vazio. Sem a sua presença, sinto-me sem luz. Lembro ouvirmos os discos de Chico Buarque e Elis Regina, a última revelação era Maria Betânia, no pequeno e monofônico toca-discos do Pedro. Saudades! Bons tempos em que as novidades trazidas pelo seu irmão, que estudava na capital, alegravam nossas vidas. Dividimos sentidos e sentimentos que, para Pedro Du Bois, “falam das emoções / inesgotáveis dos amores/ e das sensações individuais/ da vitória”.

Hoje, o riscar da chuva no vidro da janela revela a saudade nos símbolos da nossa amizade. Outra angústia pela sua partida. Angústia de não mais rever o seu sorriso largo, fosse meu sol brilhante. Neste mundo, a chuva na janela são lágrimas que contornam o tempo ameaçador e condutor da tristeza e desânimo para iniciar a riscar a página em branco.

Momento de dor e angústia em que escuto Leonardo Cohen, com sua voz rouca e grave, cantando Aleluia, Aleluia. Em homenagem, repito e repito a música na certeza de estar lhe dando forte abraço de despedida, na esperança de que nossos sonhos façam eco em outras vidas. Como escreveu Pedro Du Bois, “temos que ser a memória infinita / compensando tempos eternos”.

Saio da penumbra do quarto, diante da janela choro a sua ausência; risco no vidro o seu nome. Ao meu redor tudo está triste. Carmen, seus livros: Dobras do Tempo, Encaixes e Postigos estão e estarão ao meu lado, fazendo-me companhia e conversando comigo. Como em Milton Hatoun, “Hoje ressurgue na minha memória como uma câmara de luz”.

Data : 28/08/2019

Título : RITMOS (I)

Categoria: Crônicas

O poeta Pedro Du Bois diz que “... Algumas pessoas se limitam. / Não permitem que o outro seja / sua infinitude. Guardam em pedaços / a impropriedade de serem únicos / a (re)descobrir a multifacetada ordem / de quem se recolhe...”.

Há muito tempo o poema e a música balançam meus sentidos e levam a desejar o efeito do antes, acelerando o ritmo do meu coração.

A rotina é a primeira a passar por mudanças, para priorizar o viver livre, leve e solta no fazer o que me dá prazer. Sou como o vento em que o tempo passa e justifica a consequência natural de viver para envelhecer.

Acredito que o ontem se revela no hoje; justo, onde entra a parte em que olho para trás sem medo e vejo o quanto de lembranças relevantes acumulei ao longo dos anos, ditando o ritmo do meu viver; como as artes, as palavras significam a minha memória.

Tenho a ideia de que tudo gira em torno dos ritmos, seja nos encontros e desencontros, simplificando o meu cotidiano e dando-me a certeza de que me benefico quando admiro a obra de arte “Ritmos”, do artista plástico Claude Lorin.

De fato, tenho o poder de desejar sem sofrer; de tecer o viver com amor ao perceber que posso transformar a realidade em que me insiro; mesmo nas noites mal dormidas defino o meu ritmo entre as horas. Nas palavras de Pedro Du Bois, “Algumas pessoas findam / na magia de quebrar o encanto / ao desenlace. Nada a ser recriminado. / Apenas o desdém com que tratam o desprovido / em suas inigualáveis pertinências...”.

Todas as vezes que sinto falta do ritmo, no brilho do ritmo acelerado, procuro controlar a emoção através das lembranças; imagens que representam ao longo dos anos o significado dos sentimentos ao rever os momentos vencidos na barreira do tempo.

A mágica é o ritmo de Tim Mais na música, “É Primavera // Te amo // Meu amor / trago esta rosa / Para te dar / Meu amor / Hoje o céu está tão lindo...”.

Mais um dos tantos “truques” que exercito para envelhecer com alegria e me sentir merecedora do tempo. Abro caminhos para sorrir nos momentos em que me posiciono para amar, mesmo com as mudanças temporais à flor da pele.

Data : 25/01/2021

Título : RITMOS (I)

Categoria: Crônicas

Descrição: Há muito tempo o poema e a música balançam meus sentidos e levam a desejar o efeito do antes, acelerando o ritmo do meu coração.

O poeta Pedro Du Bois diz que “... Algumas pessoas se limitam. / Não permitem que o outro seja / sua infinitude. Guardam em pedaços / a impropriedade de serem únicos / a (re)descobrir a multifacetada ordem / de quem se recolhe...”.

Há muito tempo o poema e a música balançam meus sentidos e levam a desejar o efeito do antes, acelerando o ritmo do meu coração.

A rotina é a primeira a passar por mudanças, para priorizar o viver livre, leve e solta no fazer o que me dá prazer. Sou como o vento em que o tempo passa e justifica a consequência natural de viver para envelhecer.

Acredito que o ontem se revela no hoje; justo, onde entra a parte em que olho para trás sem medo e vejo o quanto de lembranças relevantes acumulei ao longo dos anos, ditando o ritmo do meu viver; como as artes, as palavras significam a minha memória.

Tenho a ideia de que tudo gira em torno dos ritmos, seja nos encontros e desencontros, simplificando o meu cotidiano e dando-me a certeza de que me benefico quando admiro a obra de arte “Ritmos”, do artista plástico Claude Lorin.

De fato, tenho o poder de desejar sem sofrer; de tecer o viver com amor ao perceber que posso transformar a realidade em que me insiro; mesmo nas noites mal dormidas defino o meu ritmo entre as horas. Nas palavras de Pedro Du Bois, “Algumas pessoas findam / na magia de quebrar o encanto / ao desenlace. Nada a ser recriminado. / Apenas o desdém com que tratam o desprovido / em suas inigualáveis pertinências...”.

Todas as vezes que sinto falta do ritmo, no brilho do ritmo acelerado, procuro controlar a emoção através das lembranças; imagens que representam ao longo dos anos o significado dos sentimentos ao rever os momentos vencidos na barreira do tempo.

A mágica é o ritmo de Tim Mais na música, “É Primavera // Te amo // Meu amor / trago esta rosa / Para te dar / Meu amor / Hoje o céu está tão lindo...”.

Mais um dos tantos “truques” que exercito para envelhecer com alegria e me sentir merecedora do tempo. Abro caminhos para sorrir nos momentos em que me posiciono para amar, mesmo com as mudanças temporais à flor da pele.

Data : 24/02/2014

Título : ROBERTO CIDADE: a expressão gaúcha no espaço vazio

Categoria: Crônicas

Descrição: Roberto Cidade - Roberto Augusto Machado Cidade -, reconhecido criador nas artes plásticas, representou a expressão que revela os sentimentos através de suas esculturas,...

“... a morte entalha os caminhos/ e nos carrega em lembranças //... na falta que fazemos ao tempo

decorrido / reside à dúvida da continuação / em vazios espaços...” (Pedro Du Bois).

Roberto Cidade – Roberto Augusto Machado Cidade –, reconhecido criador nas artes plásticas, representou a expressão que revela os sentimentos através de suas esculturas, escolhendo o metal na sua trajetória artística. O escritor Armindo Trevisan apresentou o trabalho de Roberto, com reproduções, em Escultores Contemporâneos do Rio Grande do Sul. Escultor com participações e distinções em diversos salões e exposições no Brasil e no exterior.

Roberto Cidade foi um escultor que manifestou o sentido da liberdade através de suas obras, com a utilização de sucata, fundida em bronze, que desnudam a natureza humana quando diante dos espaços vazios.

Pensar na razão por que alguém ocupa ou determina a hora da morte, ou de atacar o autor dos “Guerreiros”, é estar diante da reação em relação ao espaço vazio em

que se encontra; é perder a sensibilidade, a essência e retornar em vazios onde o tempo, as lembranças e as artes plásticas sucumbem vítimas da barbárie.

São dolorosas e amargas as palavras do amigo Armindo Trevisan: "Como choro agora... pelo Roberto trucidado na presença do filho, de oito anos, que dormia no mesmo quarto! Foi esse garoto quem descreveu à polícia a reação do pai à tentativa do roubo".

O fato revela que o gesto é a sombra que nos leva e torna os espaços vazios em claridades – ou as razões para entender o fato, com a finalidade de nos fazer acreditar que podemos ocupar o espaço vazio como lembrança: as esculturas de Roberto Cidade, deixadas como mosaicos na história das artes.

Indignada pela perda do grande escultor, consolo-me admirando sua escultura "Guerreiro" depositada em minha sala. Choro ao pensar que ele não mais produzirá suas obras; choro ao sentir que ele não mais se encontra aqui e que, tendo se situado no mundo através da sensibilidade, foi vítima da violência.

Livro ebook em construção disponível em OneDrive para o Autor

Data : 27/09/2018

Título : ROBERTO PIVA: Além das Letras? Há Vida

Categoria: Crônicas

A vida é feita de pequenos momentos e grandes voos. Na busca por livros; na busca pela qualidade da literatura; na busca pelas obras de que mais gostamos, os escritores podem garantir agilidade que nos fazem voar cada vez mais, simplesmente.

Seja pela leitura, por autores independentes, juntos voaremos ainda mais alto, quando nos lembramos de autores como Roberto Piva, que com competência revolucionou a linguagem-escrita em forma de criatividade e novidades. Seus primeiros poemas foram publicados em 1961, quando tinha 23 anos. Piva formou-se em sociologia e foi professor de Estudos Sociais e História.

Segundo João Silvério Trevisan, "em suas aulas aos adolescentes do segundo grau, costumava trabalhar as matérias a partir de poemas que os fazia ler e interpretar".

A criação dos poemas de Roberto Piva teve rara influência na literatura brasileira, porque seus textos aliam transgressão a um notável conhecimento e saber. Sua obra é referenciada pelos filósofos e poetas que extrapolam os limites da expressão racional, como podemos ver no seu poema Libelo:

"Não mais trarei justificações / Aos olhos do mundo. / Serei incluído / "Pormenor esboçado" / Na grande bruma. / Não serei batizado, / Não serei crismado, / Não estarei doutorado, / Não serei domesticado, / Pelos rebanhos / Da terra. / Morrerei inocente / Sem nunca ter /Descoberto / O que há de bem e mal /

De falso ou certo / No que vi.”

Piva é grande apreciador do jazz e da bossa nova. João S. Trevisan diz que “o traço marcante na obra de Piva é o total desmantelamento da versificação métrica... na tentativa de transpor para a poética escrita o ritmo sincopado do jazz e a respiração do músico de jazz.”, como no poema:

“Não vale / sair / com asas / onde / o cra cra cra cra cra cra / cra cra cra cra cra / se amassava / nas / velas apagadas / quem quer / o telhado / de lágrimas? ...”

A única certeza que tenho é a de que Piva veio para transgredir na vida e na poesia; seus textos refletem musicalidade, ritmos e delírio expressivo. Na sua vida incorpora o intelectual e o erudito, conhecedor de arte, literatura e filosofia. Ainda hoje, é referência de transgressão e crítica que se faz marcante tanto em sua poesia, quanto em nossas vidas.

Não permitamos sermos um país sem memória, deixando raridades intelectuais, como Roberto Piva, pelos corredores da vida, porque concordo quando Leila Míccolis diz que “Além das Letras? Há vida”.

Data : 09/08/2017

Título : RODA VIVA

Categoria: Crônicas

Descrição: O que é roda viva? Roda viva significa, de acordo com o dicionário, movimento incessante. Parece mágica.

"A existência maior símbolo" (Fernando Pessoa)

O que é roda viva? Roda viva significa, de acordo com o dicionário, movimento incessante. Parece mágica. Concordo que não exista fórmula para se viver na roda viva, porque ela impede que comandemos o nosso coração e escolhamos qual caminho seguir para transformar o tempo.

A roda viva nos coloca sujeito ao seu tempo de desbravar o mundo em fragmentos do sentimento e na história como esforço humano. Chico Buarque, na composição Roda Viva, de 1967, expressa a ação no desejo de ser personagem da própria história; querer ter “voz ativa”, como demonstra, “Tem dias que a gente se sente / Como quem partiu ou morreu / A gente estancou de repente / Ou foi o mundo então que cresceu / A gente quer ter voz ativa / No nosso destino mandar / Mas eis que chega a roda-viva / E carrega o destino prá lá...”.

Em sua forma mais dinâmica ela seria a descrição sob o ponto de vista político, social e cultural. Para isso, busca fazer com que tudo se transforme em criatividade ou se transporte para a criatividade e, ainda assim, a roda viva nos impõe o navegar e ser parte de um mundo sem liberdade e sem independência; apenas com a vontade de conhecer a expressão como desejo de conquista; como Chico resgata, "... Roda mundo, roda-gigante / Rodamoinho, roda pião / O tempo rodou num instante / Nas voltas do meu coração // O samba, a viola, a roseira / Um dia a fogueira queimou / Foi tudo ilusão passageira / Que a brisa primeira levou / No peito a saudade cativa / Faz força pro tempo parar / Mas eis que chega a roda-viva / E carrega a saudade prá lá..."

Entretanto, a obra se destaca como referência da vida em seguir adaptada e atual aos dias de hoje, num mundo cada vez mais rápido e instantâneo em que tentamos viver a realidade que o relógio manda. Para Mia Couto, "Não é voarmos sobre os lugares que marca a memória. É o quanto esses lugares continuarão voando dentro de nós".

A roda viva não nos motiva a sonhar na companhia de um livro, nem a olhar a história para rever os pensamentos, atitudes e desejos; assim, impede que criemos parceria com a literatura, a cultura e o tempo. Chico Buarque cria uma analogia na letra que vai ao encontro da vida, "... Roda mundo, roda-gigante / Rodamoinho, roda pião / O tempo rodou num instante / Nas voltas do meu coração // A gente vai contra a corrente / Até não poder resistir / Na volta do barco é que sente / O quanto deixou de cumprir / Faz tempo que a gente cultiva / A mais linda roseira que há / Mas eis que chega a roda-viva / E carrega a roseira prá lá..."

Temos uma bagagem quando resgatamos a cultura, mas, ao mesmo tempo, temos quebrado o dia com a intervenção da roda viva, por não investir em nós mesmo; ela se apresenta em tons de contraste, sombra e luz, onde o poder domina e não temos a oportunidade de destacar a nossa marca no tempo, nem ocupar nosso lugar de referência na motivação, nem de exercer nossa crítica em tempo de mudanças, nem realizar os objetivos na clareza dos atos. Assim, cada vez retornamos e, ao mesmo tempo, seguimos o caminho percebendo a vida como ela não é; fosse apenas uma saga de sorrisos. Nas palavras de Pedro Du Bois, "... A lucidez contém luzes enfeitadas de verdades. / A lucidez é o meu cansaço".

Data : 13/09/2019

Título : ROTULAR

Categoria: Crônicas

Descrição: Ao perceber algo ou alguém diferente, logo você o rotula ciente de que poderá melhorar ou mudar tal conceituação.

Ao perceber algo ou alguém diferente, logo você o rotula ciente de que poderá melhorar ou mudar tal conceituação. É a pior atitude por que antes de rotular é preciso



conhecer a história de cada um e contextualizar o fato de acordo com a trajetória percorrida. Luiz Coronel demonstra, "... Minhas virtudes / são um gato / que se esconde no telhado / ou sob a cama. // Dele mais sei / pelo miado / do que pela presença".

Acredito ser difícil de falar sobre o assunto com você, que não consegue se libertar dos rótulos, como desejos reprimidos e verdades impostas em tantas ocasiões, que o leva a essa atitude estranha de rotular o diferente. Ainda nas palavras de Luiz Coronel, "... O que a mão direita rege, / a mão esquerda destoa. / E como choram teus olhos / enquanto a boca caçoa..."

Em certo momento, pergunto por que você rotula as pessoas, maquia as declarações, acredita ser a mentira, verdade? Você se deixa influenciar pela aparência e pelo bom tom? Isso é idiotice completa!! A referência o leva as palavras que estão em vigência, de acordo com a época e com o fato, por que deve investir o seu tempo na apuração da informação, para evitar o pior: rotular em pré-conceito.

Primeiro não há problema algum em as pessoas demonstrarem o que realmente são como, por exemplo, Carmen Miranda, que ficou conhecida "como se a própria Carmen Miranda fosse a Lapa: católica de dia; boêmia à noite". Ela que se consagrou cantando sambas de Vicente Paiva e Caymmi.

Segundo que a fofoca vinda de lá para cá é que resulta no rótulo. Mas, você deve se importar com a formação da opinião como registro sobre o fato. Infelizmente, noto que é através da comparação que você escolhe a quem e o que rotular. Certamente, depois de pensar na sua essência que resiste ao tempo e nele encontra as diferenças.

Além disso, rotular significa não olhar nos olhos e não tentar entender o que o outro deseja. Sua atitude de distanciamento fica a mercê do seu olhar para com o outro, como julgamento. Você que não tem referência e não admite, em qualquer esfera, que a atitude certa seria dizer a verdade, sem julgar ou rotular. Segundo Luiz Coronel, "... Que se há de fazer / se em teu olhar há chamas / e em cada gesto / vertiginosas danças?..."

Terceiro, ao rotular você corre o risco de buscar nos personagens desafios para todas as horas, como demonstram Débora Bloch, que encantou o público representando "Verônica" da avenida Brasil, Carmen Miranda cantando "O que é que a Baiana tem?", Grande Otelo em Macunaíma, e o Auto da Compadecida de Ariano Suassuna. Como rotular os atores? Essa obsessão que você tem em rotular os diferentes traz o pior cenário para o nosso viver e, ainda, soa como ameaça aos talentos, porque vulgariza a memória e a história de cada um. Luiz Coronel reflete que "... A realidade modelou / não o rosto, / e sim uma grotesca / caricatura..."

Sei o significado da rotulação e o quanto atrapalha no desempenho das pessoas e na ausência do sonho. Vitor Hugo perpetua em palavras, "Julgaríamos com muito mais certeza um homem pelo que sonha do que pelo que pensa".

Data : 15/01/2019

Título : ROTULAR

Categoria: Crônicas

Descrição: Ao perceber algo ou alguém diferente, logo você o rotula ciente de que poderá melhorar ...

Ao perceber algo ou alguém diferente, logo você o rotula ciente de que poderá melhorar ou mudar tal conceituação. É a pior atitude por que antes de rotular é preciso conhecer a história de cada um e contextualizar o fato de acordo com a trajetória percorrida. Luiz Coronel demonstra, "... Minhas virtudes / são um gato / que se esconde no telhado / ou sob a cama. // Dele mais sei / pelo miado / do que pela presença".

Acredito ser difícil de falar sobre o assunto com você, que não consegue se libertar dos rótulos, como desejos reprimidos e verdades impostas em tantas ocasiões, que o leva a essa atitude estranha de rotular o diferente. Ainda nas palavras de Luiz Coronel, "... O que a mão direita rege, / a mão esquerda destoa. / E como choram teus olhos / enquanto a boca caçoa..."

Em certo momento, pergunto por que você rotula as pessoas, maquia as declarações, acredita ser a mentira, verdade? Você se deixa influenciar pela aparência e pelo bom tom? Isso é idiotice completa!! A referência o leva as palavras que estão em vigência, de acordo com a época e com o fato, por que deve investir o seu tempo na apuração da informação, para evitar o pior: rotular em pré-conceito.

Primeiro não há problema algum em as pessoas demonstrarem o que realmente são como, por exemplo, Carmen Miranda, que ficou conhecida "como se a própria Carmen Miranda fosse a Lapa: católica de dia; boêmia à noite". Ela que se consagrou cantando sambas de Vicente Paiva e Caymmi.

Segundo que a fofoca vinda de lá para cá é que resulta no rótulo. Mas, você deve se importar com a formação da opinião como registro sobre o fato. Infelizmente, noto que é através da comparação que você escolhe a quem e o que rotular. Certamente, depois de pensar na sua essência que resiste ao tempo e nele encontra as diferenças.

Além disso, rotular significa não olhar nos olhos e não tentar entender o que o outro deseja. Sua atitude de distanciamento fica a mercê do seu olhar para com o outro, como julgamento. Você que não tem referência e não admite, em qualquer esfera, que a atitude certa seria dizer a verdade, sem julgar ou rotular. Segundo Luiz Coronel, "... Que se há de fazer / se em teu olhar há chamas / e em cada gesto / vertiginosas danças?..."

Terceiro, ao rotular você corre o risco de buscar nos personagens desafios para todas as horas, como demonstram Débora Bloch, que encantou o público representando "Verônica" da avenida Brasil, Carmen Miranda cantando "O que é que a Baiana tem?", Grande Otelo em Macunaíma, e o Auto da Compadecida de Ariano Suassuna. Como rotular os atores? Essa obsessão que você tem em rotular os diferentes traz o pior cenário para o nosso viver e, ainda, soa como ameaça aos talentos, porque vulgariza a memória e a história de cada um. Luiz Coronel reflete que "... A realidade modelou / não o rosto, / e sim uma grotesca / caricatura..."

Sei o significado da rotulação e o quanto atrapalha no desempenho das pessoas e na ausência do sonho. Vitor Hugo perpetua em palavras, “Julgaríamos com muito mais certeza um homem pelo que sonha do que pelo que pensa”.

Data : 28/08/2019

Título : RUA

Categoria: Crônicas

A vida se agita em paixões que se equivalem nas lembranças. Para mim é a importância das brincadeiras de rua.

Tudo nasce do contraste, no tropeço em alguém na rua. São intervenções de que, por vezes, temo sair “chamuscada” em ações e reações. No sentido existencial a vida na rua já foi mais segura e bonita. Algo diferente, admirável e tranquilo do que temos hoje, em que, para sair pelas ruas temos que ser prudentes todo o tempo. Como no poema Rap Hour, de Márcio Almeida: “... se vale a pena a correria para nada, / em cada rua uma oferta de trouxinha, / pra comer, a menor tira a calcinha. // hora do rush faz o transe da babel, / em cada esquina um assalto de tocaia: / o caos urbano cheira crack e a xarel, / loura gelada, muito sexo e só gandaia...”.

Meu propósito não é criticar a segurança, mas, expor as preocupações: a primeira, de que a conquistada liberdade de ir e vir se resume em não sair às ruas; teoricamente, deveríamos andar pelas ruas com a leveza do vento. Na prática, saímos com medo e por necessidade, sentindo-nos inseguros, sempre cuidando quem está por perto. Seguramos nossos pertences junto ao corpo, fosse alguém nos atacar. Márcio Almeida revela, “É mais um dia de perda de sentido, / família, Deus, o mercado – tudo é pressa, / nessa mistura fast-food com bandido, no correr atrás da vida que não pensa //... Não há escolha nessa troca de mentira, / a pressa corre e dá de cara com o perigo, / ninguém sabe se o que mata é fome ou o tira, / se o que morre será mesmo o inimigo”.

A interpretação que faço do perigo nas ruas decorre de a vida moderna exigir atitudes de proteção para evitar possíveis tensões, frustrações e desgraças. O significado pode ser inverso, quando lembramos os tempos em que passear pelas ruas tinha importância, poder e glamour; como dizíamos, com “toda a pompa”. Bastava pensar com quem nos encontraríamos, nos olhares e na romântica situação, mesmo platônica. Podíamos sonhar com o amanhã.

Hoje, saímos quase por pura necessidade e torcemos para não vivenciar os percalços, como constante amarração. Noto que poucos sorriem e muitos nem respondem aos cumprimentos; não reparam se ainda é dia. São movidos pela pressa e o medo. Nas palavras de Márcio Almeida, “Hora de Ângelus quer dizer adrenalina, / o desafio é chegar inteiro em casa, / herói urbano com nervos de gasolina, / que a contramão dessa briga cria asas. // Aperte o cinto que a noite é de pega, / a fauna solta

vem malhando o arrastão, / o bebum louco liga o farol que cega, / a avenida vira pista de avião”.

Tenho a sensação de que tanta violência, impacto e susto, por assim dizer, nos leva a olhar com resguardadas proporções, pois, somos sugestionados e dirigidos pelo medo, porque concluo que a rua, hoje, serve apenas para retornarmos para casa, confiando na sorte. Ainda em Márcio Almeida, “... A maioria se espreme no busão, / e não se livra da gangue à mão armada; / daqui a pouco preso mora em camburão, / a violência é só oferta com porrada. //... Vidro suspenso que lá vem o trombadinha, / na sequencia bando troncho de pivetes, / e o táxi por sequestro sai da linha, / você decide: um balaço ou canivete. // Quem vai de carro curte sarro com o estresse, / e como pária foge do engarrafamento, / chuva miúda, óleo na pista, a curva em S, / a tevê mostra os presuntos do momento...”.

Se formos passear pelas ruas correremos o risco, provindo das profundezas do perigo que nos espreita, de a qualquer momento, toparmos com as verdades que nos farão reféns, fantasmas e habitantes, sem termos direito ao nosso caminho. Independente de estar ou não confortável na rua, finjo não perceber o perigo; corro muitas vezes, noutras, disfarço o medo, olhando a natureza e a arquitetura da cidade.

Iludo-me ao acreditar que possam existir ruas que apresentem a esperança e que, repentinamente, se transformem no cenário e na passagem de caminhos iluminados e livres. Mas, o poeta Márcio Almeida, novamente me traz a realidade ao escrever que, “... E viva a vida na vã veloz cidade, / onde escapar é o prêmio que alerta: / pisar mais fundo é sentir a liberdade / e o inferno tem a porta sempre aberta.”

Data : 12/02/2019

Título : RUA GENERAL BENTO GONÇALVES

Categoria: Crônicas

Descrição: Cerco-me de lembranças em relação à Rua General Bento Gonçalves, perto da antiga gare da viação férrea, em Passo Fundo.

Cerco-me de lembranças em relação à Rua General Bento Gonçalves, perto da antiga gare da viação férrea, em Passo Fundo.

Dela tenho apenas a imagem estampada em meus dias, como metáforas entranhadas na minha história – causalidade ao sentir o tempo quando por lá volto a caminhar. Saudades da sorveteria. Lastimo o incêndio do prédio dos Ughini.

Lembro-me das caminhadas, calmas em qualquer horário. Os moradores se postavam nas portas, janelas, jardins e calçadas de suas casas e saudavam os vizinhos e transeuntes com acenos, gestos e palavras. Sentíamos-nos populares e respondíamos com sorrisos as saudações.

Outra recordação, quando elevei a voz por duas vezes para chamar o amigo que atravessava a rua. Ele olhava para todos os lados e eu brincava de esconder. Os passantes nada entenderam.

Fatos que afloram e, pouco a pouco, as cenas desapareceram e passamos a reclamar do movimento, a alegar barulhos e, ao mesmo tempo, tornarmos minúsculas figuras a caminhar pela Rua General Bento Gonçalves. O que me traz a cantiga popular, “Se essa rua fosse minha //... Eu mandava ladrilhar / com pedrinhas de brilhante // Para meu amor passar...”.

Hoje, o trânsito da Rua General Bento Gonçalves segue em linha reta; o vento solitário se junta à minhas inquietações e me trazem as recordações, tal como encontro na valsa, Deusá de Minha Rua, de 1939, composição de Newton Teixeira, com letra de Jorge Faraj. Música que mostra os contrastes entre a beleza da musa e a pobreza da rua, “Minha rua é sem graça / Mas quando por ela passa / Seu vulto que me seduz / A ruazinha modesta / É uma paisagem de festa / É uma cascata de luz...”.

Olho para a bem movimentada Rua General Bento Gonçalves, com seus prédios antigos e novos; não dá mais para andar de bicicleta com os olhos fechados e sem as mãos no guidon.

Lembranças que, apesar de suas complexidades e fantasias, se juntam ao som dos ventos que nós cultivamos na liberdade e no amor pela Rua em que vivemos. Como diz Chico Buarque, “Junto a minha rua havia um bosque / Que um muro alto proibia / Lá todo balão caía, toda maçã nascia...”.

Data : 11/12/2012

Título : SALA DE JANTAR

Categoria: Crônicas

Descrição: Por costume, a casa tem sala de jantar. Espaço a garantir que ela seja ocupada em momentos importantes: o consumo e a reunião ao redor da mesa, onde o ar atravessa a cortina como fruto do encontro

“Sala de jantar // A mesa diz: sim, mas você tem que se cuidar um pouco mais //

... E há também um bufê cheio / de taças. O que quer que digam, / diz, creio que ficarei satisfeito...”(Joan Brossa)

Por costume, a casa tem sala de jantar. Espaço a garantir que ela seja ocupada em momentos importantes: o consumo e a reunião ao redor da mesa, onde o ar atravessa a cortina como fruto do encontro. Jorge Tufic poetiza, “... Lá fora o vento morno

impõe o riso / de quem degusta estrelas: e há licores / na sombra onde comer não é preciso...”

Na sala de jantar podemos alternar ideias com camadas de alta reflexão ao adicionarmos pitadas de alegria e carinho, em embalagem longa vida. E não podemos deixar faltar iniciativa e criatividade, o que geralmente é demonstrado através da poesia, por vezes inspirada na alma da sala de jantar.

Pedro Du Bois em seu livro *Os objetos e as Coisas*, mostra que “... da transformação da matéria terá o objeto transitado como coisa, antes ideia...”. Segundo Marco Aqueiva, “Os objetos e as coisas são dotados de significação afetiva, provocando em cada ser humano reações emocionais de caráter subjetivo.” Márcio Almeida reflete, “Que objeto é objetivo (referencial) e desconstruído pelo sujeito que o tem sob a educação dos sentidos?”, enquanto J. Lourenço de Oliveira pergunta, “o objeto impõe o espaço ao sujeito e o sujeito impõe o tempo ao objeto?”

Quantas serão as salas de jantar que têm a proeza de deixar o vento refletir-se nas pessoas ao redor da mesa? Jorge Tufic responde, “Somente os grandes poetas / me fazem sentar à mesa/ e libertar meus dedos da ferrugem, //... somente os grandes amigos/ me fazem trocar tudo, tudo mesmo, / por um cavaco de prosa.”

E nós, ao nos envolver, pensamos em plantar sonhos: criar e recriar os objetos. É nesse ponto que tomamos um caminho diferente, que aceitamos o convite para as grandes aventuras do intelecto, onde cada pessoa reinventa o prato em seu cotidiano, passando pelo desafio de frequentar a sala de jantar. “... Não é tanto o prato que os atraí, / mas a sutileza da sintaxe...” diz Alexandre R. Da Costa.

Não importa qual prato é servido, mas sim, a reunião das pessoas e, o que se ensina e aprende. Por isso, na sala de jantar podemos imaginar que ao dividir a mesa com os outros, eles mostram suas ideias detalhadamente e tentam transformar e modelar suas experiências por estarem na sala de jantar, tendo o conhecimento como criação. Alexandre R. Da Costa salienta, “Alguns dizem que se deve ler à mesa / sem essa tal sutileza da sintaxe, dando à refeição / certa distância...”

A sala de jantar é o objeto do processo onde a compreensão do pensamento desemboca em uma situação, tarefa que nos conduz a raros momentos em que as palavras são inventadas para esconder o cotidiano.

Data : 08/05/2019

Título : SALA OITO

Categoria: Crônicas

Descrição: A Sala Oito não estava nos meus planos.

A Sala Oito não estava nos meus planos. Certamente, foi meu sofrimento. Assisto uma sociedade que tenta manter a imponente fachada da boa forma.

Na Sala Oito encontro o desafio dos doentes em todas as minhas expectativas, com a sensação de entrar num quarto escuro e sem saída. Grito ante o meu sufoco por não saber quando e o que será feito. Todos conversam baixinho, olhando de lado. Há suspiros e dúvidas. Esperam o chamado para atravessarem a porta sem hesitação, apenas, temem suas insistências em viver.

Temores infundados ferem a minha sensibilidade, fazem da Sala Oito meu último apelo por socorro. Enquanto espero, crio e invento frases para causar efeito no tempo ensurdecedor. Como em Tito Iglésias, “Eu imigrante, grito: / - palavrão – breve! / Não aquento esta vida medíocre!”.

Tanta é a espera que concluo que a Sala Oito seja a passagem positiva a me oferecer ajuda, abrindo a possibilidade de indicar o caminho a seguir para não mais sentir dor. Digo que nesta hora nem as orações solucionam o meu pranto e não me ajudam a suportar o tempo (que não passa), sem pensamentos e vontades, apenas, com o emocional exacerbado. Paulo Becker ressalta, “... tudo é luta entre a sombra e a luz / tudo é jogo, mas jogo tão fluído / que se perde o que é logro, / o que é perda. / E o morrer que simula, no escuro, / não é seu: é do homem que oculta...”.

O complicado é a verdade que aparece em cada chamada e que concentra a rotina como alternativa; configuração que atrai as atenções e tira o meu sossego.

Realidade que indica o caminho do sofrimento em que as equipes assistenciais, obedecendo aos seus superiores, criam o ciclo que faz meus sonhos regredirem e as portas serem fechadas. A coerência e a contradição, são atitudes que, simultaneamente, bloqueiam minhas ideias. O sentimento de medo busca o aconchego do ombro amigo, na promessa de ser chamada para o outro lado, da luz e da porta aberta ao bem, gerando agito no meu coração. Segundo Paulo Ricardo Becker, “... ser vivo é ser mais um ferido. // no coração o engano / nas mãos, o limite // defende a vida corpo e planos // onde só conta / resistir, homem...”.

Data : 14/02/2019

Título : SAUDADES III

Categoria: Crônicas

Descrição: Sinto saudade das palavras de Nilton Maciel, das brincadeiras de Hamilton Dipp ...

“Só se transforma em saudades a perda de quem se amou”

Helena Rotta Camargo

Sinto saudade das palavras de Nilton Maciel, das brincadeiras do Hamilton Dipp, dos encontros com Gilberto Oliveira Borges, o Gigi, e da poesia de Carmen Presotto. Pessoas que faziam significar as palavras: amizade, competência, ironia, sinceridade, companheirismo e sentimento. Faziam do desejo, ação. Cruzavam as expressões com suas marcas pessoais, dando ritmo ao cotidiano. Conquistaram a minha atenção ao apresentar, no jogo da vida, novos caminhos para a prevenção do inesperado.

O inesperado aconteceu e ainda sofro com suas ausências. Não sei driblar a saudade que dói e me fragiliza a ponto de me fazer buscar melhores argumentos, para posicionar a continuidade do meu viver.

Procuro limitar as saudades e a ansiedade através das lembranças e fantasias, sobre a vida de cada um. Infelizmente, preciso manter os pés no chão; sinto o peso do mundo em meus ombros, quando “converso com eles e não obtenho respostas”.

Não mais momentos juntos. Silêncio. Só posso relembrar as histórias que passamos. Acredito no consolo, nostalgia e conexão presentes nos sentimentos, para tornar a vida menos sofrida com suas ausências. Mesmo assim, sinto suas faltas nas conversas e na amizade, sempre presentes na compreensão de todos.

Então, coloco-os em perspectiva para acalmar o meu coração: exploro a poética da Carmen, leio a prosa do Nilton, lembro os valores éticos e morais do Gigi e as histórias do Hamilton. Para Helena Rotta de Camargo, “Guardar lembranças é uma forma de reter o passado e fazer com ele um pacto de renovação. Elas, por sua vez, se apegam a nós, fortalecendo os vínculos e maturando os sentimentos”.

Data : 31/08/2016

Título : SE NÃO FOSSE...

Categoria: Crônicas

Descrição: Se não fosse... É expressão com forte imagem.

Se não fosse... É expressão com forte imagem. Passa a impressão de quem espera por algo que muito quer e não alcança, por que ao buscar pela imagem não tem certeza de que terá o melhor aproveitamento, por ser impedido pela condição: se não fosse... Djavan retrata, na música “Se //... você tem que largar a mão do não / Soltar essa louca, arder de paixão / Não há como doer pra decidir / Só dizer sim ou não / Mas você adora um se...”

Defendo características comportamentais como decorrência do gênero cultural. De modo que, simplesmente, a vida se repete e se transforma em linguagem, para provocar a reflexão sobre o pré-julgamento no entender o sentido da vida: se não fosse...



A solidão como segredo, a rosa com espinho, o sonho virar pesadelo, o relógio perder as horas, a lâmina na faca, o grito de dor e os erros repetidos.

Se não fosse... é variante da vida, personalizando cada ato, em fatos. Sem contar que cada escolha é o detalhe que demonstra a (des)construção e, ao mesmo tempo, desperta a curiosidade, mesmo instantânea, quando se forma em voz dissonante, como em Foed Castro Chamma, "...Se a porta está fechada / Se o muro cerca / Se o medo me repele // eu atravesso // um a um // espaço porta muro medo..."

Se não fosse... a inteligência, a maneira de falar, o senso de humor afiado, escolheria o direito à liberdade e agregaria ideias para contar histórias.

Se não fosse.. o passado, o mundo não seria gerado pelo patrimônio cultural, literário e musical.

Se não fossem... as atitudes criativas, como brotariam soluções inovadoras? Alberto Martins reflete, "... onde inicia o poema? / onde termina? // se tudo em volta é poeira?"

Se não fosse... a realização pessoal e a dignidade, para sentir os efeitos das transformações, da emoção e da razão, não sobreviveria às próprias decisões.

Se não fosse... o mundo de luxo, poder e glória, optaria por um estilo de vida simples.

Se não fosse... pensar no que faz sentido para a minha vida, não entenderia o que é coerente com a minha essência; como em Pedro Du Bois, "... olhares: o que vê / resulta na dúvida original / de que o todo e o nada / sejam entre os caminhos / irresolutos modos / de nos perdermos".

Se não fosse... a ostentação, não perceberia o caminho para o vazio, a me mostrar que, quanto mais tenho, mais preciso para sentir a felicidade.

Se não fosse... pelos maus momentos e os limites dos bons, não descobriria o que é importante para sonhar em vida. Na visão de Evandro J.B. de Camargo, "... Quando enfim, acordar... / Pisará devagarinho, procurando por um abraço, / Por um afeto ou apenas um beijo / E se encontrares apenas espinhos... / Não te preocupes, uma rosa maior guiará o teu caminho".

Se não fosse... o rio refletir as imagens da natureza como espelho, não veria que o céu nem sempre é azul.

Se não fosse... o barulho do dia ouviria a algazarra dos pássaros e realizaria um trabalho consciente com determinação.

Tento imaginar como seria a vida que não pude viver, o que pensaria, como lidaria sem a condição do se não fosse... na trajetória teria me envolvido em qual jogo da vida? Como seria o desfecho do meu projeto vida: as imagens seriam coloridas ou em preto e branco? Dúvidas não têm hora marcada; não é hobby; não têm patrocínio e vivem eternamente no meu pensamento, dentro da "gaveta". Jairo Martins reflete, "Sabe o que é problema? Sabe o que é solução? A vida é um teorema, do qual não há decifração..."

A expressão se não fosse.. é a síntese da história não terminada, em que por muitas noites me senti sozinha, com insônia ao pensar se não roubei anos da minha vida; se tenho memória para viver as lembranças e se sou capaz de me concentrar e pensar... se não fosse a minha idade avançada sonharia cores únicas, amores, mares e ficaria de olho no tempo.

Data : 08/11/2013

Título :        SEGREDOS DE LIQUIDIFICADOR

Categoria:   Crônicas

Descrição:  Lembro o som do liquidificador. É um som ?barulhento?. Imagino o aparelho batendo as palavras e os pensamentos, viram segredos de liquidificador,

Lembro o som do liquidificador. É um som “barulhento”. Imagino o aparelho batendo as palavras e os pensamentos, viram segredos de liquidificador, com som de poesia, fazendo parte do meu cotidiano. Sim, porque letra e música se combinam e aparecem de forma perfeita para os interessados na cultura, ambas desfilam poesia, como cantava Cazuzza “... pra poesia que a gente não vive / transformar o tédio / em melodia...” e, encontro em Ofélia T. Baldan, “A música é a poesia da alma / A poesia é a música no coração / nos mostra sutileza ao ouvi-la / emoção em sua composição.”

Posso sentir a poesia no dia a dia, mesmo quando ouço os segredos de liquidificador. Mas, não percebo que perco a capacidade de analisar, avaliar os poemas e as palavras do momento, quando acredito que a força do poema se torna onda universal, presente em minha vida, como em Ronaldo Monte de Almeida, “Ao liquidificador // novo galo das manhãs //... de casa em casa / teu ronco prosaico / arranca //... do homem o melhor dos sonhos.”

A música e a poesia poderiam ter mais espaço e consideração como cultura e, ainda, fazer parte da história para aqueles que gostam e querem conhecer e sentir a paixão pelas artes, ou talvez pela magia da palavra, ou também pelo sentido do som na poesia, como traduz Jorge Luis Borges, “Música da palavra ou magia da palavra, do sentido e do som na poesia... de fato, contribuem para a singularidade e a beleza.”

A poesia trata a palavra em seu momento mais inspirado, no inteligente jogo de significado e significante. Segundo Milton Hatoum, “A função da literatura na vida cotidiana de cada um é alimentar a alma. Ela nos conduz ao conhecimento de nós mesmos e dos outros.” e, como cada um de nós ao ler um poema sente esse significado?

Se a poesia é instrumento da alma, não a posso deixar como o silêncio que grita por espaço na literatura. Aí, de fato, digo que depende do modo como leio a poesia ou ouço a música; participo vivencio momento de emoção, despertando a atenção para se transformar em magia. Helena Kolody escreveu: “As palavras tem sentido / num código particular. / Cada qual é singular / em sua maneira de ler.” E Fernando Pessoa disse que “Quem não vê bem uma palavra, não pode ver bem uma alma”.

Muitas vezes me descubro moldada para escutar o som barulhento do dia a dia, onde leio o manual de sobrevivência e nada me acontece, sobrando apenas o som do liquidificador, sem segredos.

Data : 18/02/2014

Título : SEGREDOS ENTRECORTADOS

Categoria: Crônicas

Descrição: Faz sentido os homens se perderem na poeira? Pedro Du Bois responde, ?... o sentido perde / a razão e o irracional / supera / o consentimento?.

Faz sentido os homens se perderem na poeira? Pedro Du Bois responde, "... o sentido perde / a razão e o irracional / supera / o consentimento".

Poeira é a expressão do momento que destaca o ódio que, ao nele se perder, o homem declara que limpar a poeira é fazer faxina na palavra, na qual se reinventa e a comanda entrecortando segredos. Segundo Jorge Luis Borges, "...Transformarei em pó a história, em pó o pó. / Estou mirando o último poente. / Ouço o último pássaro. Deixo o nada a ninguém."

O homem ao se perder na poeira interfere nos sentidos e entrecorta o segredo, o que pode significar medo de avaliar suas fraquezas e de sentir ódio. Como em Gregório Matos, "... E querendo eu mal a quantos / me têm ódio veemente / o meu ódio é mais valente, / pois sou só, e eles são tantos."

Se perder na poeira é deixar o vento transformar em odioso o que está em sua volta; como passar a vida sem notar que ela desperta bons sentimentos. O ódio deixa a marca na poeira e, nos pensamentos, reprime a razão, sendo o ressentimento trazendo lembranças indesejáveis.

O homem ao se sentir perdido na poeira fica imerso no próprio pensamento, apenas prestando atenção nos segredos entrecortados, como em Carlos Pessoa Rosa, "...Pedras sobre a ação do sol / não derretem, não formam larvas quentes a escorrer até o mar... O ódio, sim, é vulcânico, tem calor e queima."

Nos segredos entrecortados, o homem tem a maneira peculiar de se expressar, porque é fonte de raciocínio, mas, também apresenta dificuldades proporcionadas pelos problemas do dia a dia, em diferentes situações. Nas palavras de Vera Casanova, "...Deixa meu rastro de dor / Misturado à paisagem / Desenhando o finito no infinito..." e Álvaro de Campos, "...a emoção intensa não cabe nas palavras: tem que baixar ao grito ou subir ao canto."

Quando o homem está perdido na poeira, não compreende ou detecta o quanto é incapaz de amar, porque carrega o ódio como enigma a ser desvendado. O mistério entre a razão e a emoção determina o desejo e o objetivo do homem de corresponder às suas expectativas. O que pode parecer como a incógnita que vem a confirmar o enigma: o ódio entrecortando o segredo. Nas palavras de Maria de Lourdes C. Mallmann,

“Não se guarda a tristeza / numa foto, num cartão. / Ela fica registrada / no fundo do coração.”

O homem pode se transfigurar ao sentir ódio e perder a compostura ao se envolver emocionalmente. Pois, esse sentimento deixa a pessoa amarga e, às vezes, agressiva, fazendo com que dê preferência às respostas doloridas e ofensivas, como a poeira que em ventos fortes parece cortar a pele.

Quando as palavras amargas são jogadas ao vento, entrecortam-se os segredos e identificam-se os valores que reforçam a sensação de se perder na poeira. Fenômeno incompreensível, já que o homem passa horas sem perceber que está tomado pelo ódio. Resta apenas esperar que o tempo como construção do pensamento, mostre que sua liberdade e individualidade é a forma necessária para se desligar das pressões do cotidiano, para ganhar o sentido do tempo, enquanto entrecorta os segredos. Como expressa Pedro Du Bois, “Nada valerá o amor / ...nossos atos / desmentirão as palavras //... ódios estarão em nossos olhos / lutaremos uns contra os outros / os mais fortes sobreviverão // ...aumentarão o ódio expressado / e chamarão a tudo de evolução.”

Data : 10/12/2012

Título : SEM MÁGICA: NÃO, NÃO e NÃO...

Categoria: Crônicas

Descrição: Não, não e não. Essa fórmula é mais uma das minhas invenções sem nenhuma base científica. O desafio de tomar atitudes e adotar valores por conta própria: as mudanças.

Não, não e não. Essa fórmula é mais uma das minhas invenções sem nenhuma base científica. O desafio de tomar atitudes e adotar valores por conta própria: as mudanças.

Quem há de negar que a fase mais emocionante da vida é aprender que os sonhos dependem dos nossos gestos e palavras? Através do poema de Pedro Du Bois posso ver a marca da diferenciação, sem mágica. “Onde repousa a justiça/ se não na liberdade? Onde maior autoridade/ do que no exercício da razão? Onde encontrar a responsabilidade/ se não houver virtude? Assim, podemos dizer não, não e não”

Poder dizer não é liberdade e escolha; é liberdade vigiada. A liberdade verdadeira me permite ir ao encontro das minhas respostas e dos meus desejos, como se fossem únicos, revelando novas afinidades, expectativas e fatos.

Ter a opção do Não é direito de cada pessoa e sem essa chance de desistência não há liberdade. No entanto, vivo num mundo veloz e burocrático que não me permite vacilar, levando-me a ter respostas na ponta da língua e aonde desejo chegar. Por vezes, me pergunto, estou pensando com a própria cabeça e seguindo meu coração? Segundo

Vera Casa Nova, "...O vazio espreita o tempo e o espaço. / E muitas vezes tu não tens coragem / De rir e / Secretamente dizes não..."

Quando falo em sentimentos, decifrar o coração é o desafio mais difícil, porque ele não tem qualquer compromisso com a lógica, com a clareza e com o bom senso. O coração é o lugar da contradição. É a inteligência que inclui sempre boa dose de cuidados e de esperanças. O importante é sincronizar cada passo com o que estou sentindo. Muitas vezes sei apenas que estou gostando do caminho, sem ter noção do meu destino. Seguindo apenas a sensibilidade para ver as semelhanças em pessoas diferentes.

Penso diferente, digo não sem magia; é uma das maneiras de exercitar a minha liberdade e me preservar. Isso na vida faz valer a pena. E ainda, lembrar do que não quero para mim, ter consciência para equilibrar desejo com ação, como mostra Telenia Hill, "Para ser livre o homem precisa ter coragem de negar..."

A importância de negar reside no modo como digo Não. Representa um freio ao meu desejo; mas é possível aprender e identificar o significado do "não" e a lidar com as mudanças. O principal é ter iniciativa para os dias de hoje, ter a capacidade de colocar em prática a minha ideia e opção. A cada torpedo negativo da mente, retruco com um positivo; lembro das conquistas pessoais e dou a justa medida a cada desafio, valorizando cada passo e cada negação, sem mágica.

Data : 28/08/2019

Título : SEM MEDO

Categoria: Crônicas

Sentimentos de alegria e tristeza, às vezes, se misturam como desejos ao agirmos com emoção. Assim escreveu Cândido F. Ferreira, "... Vou mergulhar / sem nenhum medo. / Vou lhe falar / do meu segredo".

Reconheço que os sentimentos dependem da situação em que nos encontramos, mas, não podemos escolher só pelos sentidos. Precisamos pensar o que fazer com eles em relação às conquistas, o que não significa não sabermos cuidar de nós mesmos, sem medo. Construimos o viver ao ajustar o olhar na direção certa. Mia Couto expressa, "A idade é isto: o peso da luz / com que nos vemos".

Conversar abrindo o coração, para entender o que acontece ao nosso redor, é atitude para compreender a razão de num minuto estarmos alegres e tristes no outro. Cândido Ferreira questiona, "... o que fazer / Quando o amor mete medo / um medo escondido, que parece segredo...".

Um dos cuidados para agir sem medo é não entrar em conflito com os sentimentos ao nos dedicar ao que nos dá prazer. Outro é ficar longe das situações desagradáveis. Muitas são as alternativas, mas, não podemos confundir valores e

comportamentos. Temos poder para decidir, sem medo de ser feliz, qual o melhor caminho a seguir e até nos surpreendemos com a nossa força, como em Cândido Ferreira, “Não quero mais chorar nem ficar tonto / tento acreditar que já estou pronto / Para recomeçar de um novo ponto. / E outra vez criar um lindo conto”.

Um ponto é certo, não podemos fugir ao que nos amedronta; precisamos medir os conflitos, atitudes e os valores para impor a nossa posição: triste ou alegre, difícil ou fácil, verdade ou mentira. Assim, trataremos o medo sem desviar da questão principal, podendo analisar as possibilidades e as impressões sentimentais como mero estoque argumentativo e coragem para defender os nossos interesses, ou seja, acordarmos os sentidos para conquistarmos posição melhor no futuro. José Castello retrata, “A saudade não é a falta do que fomos, mas do que nunca fomos. Diante dela, só temos a palavra, a mentira, a invenção como consolo”.

Data : 18/01/2021

Título : SEM MEDO

Categoria: Crônicas

Descrição: Sentimentos de alegria e tristeza, às vezes, se misturam como desejos ao agirmos com emoção.

Sentimentos de alegria e tristeza, às vezes, se misturam como desejos ao agirmos com emoção. Assim escreveu Cândido F. Ferreira, “... Vou mergulhar / sem nenhum medo. / Vou lhe falar / do meu segredo”.

Reconheço que os sentimentos dependem da situação em que nos encontramos, mas, não podemos escolher só pelos sentidos. Precisamos pensar o que fazer com eles em relação às conquistas, o que não significa não sabermos cuidar de nós mesmos, sem medo. Construimos o viver ao ajustar o olhar na direção certa. Mia Couto expressa, “A idade é isto: o peso da luz / com que nos vemos”.

Conversar abrindo o coração, para entender o que acontece ao nosso redor, é atitude para compreender a razão de num minuto estarmos alegres e tristes no outro. Cândido Ferreira questiona, “... o que fazer / Quando o amor mete medo / um medo escondido, que parece segredo...”.

Um dos cuidados para agir sem medo é não entrar em conflito com os sentimentos ao nos dedicar ao que nos dá prazer. Outro é ficar longe das situações desagradáveis. Muitas são as alternativas, mas, não podemos confundir valores e comportamentos. Temos poder para decidir, sem medo de ser feliz, qual o melhor caminho a seguir e até nos surpreendemos com a nossa força, como em Cândido Ferreira, “Não quero mais chorar nem ficar tonto / tento acreditar que já estou pronto / Para recomeçar de um novo ponto. / E outra vez criar um lindo conto”.

Um ponto é certo, não podemos fugir ao que nos amedronta; precisamos medir os conflitos, atitudes e os valores para impor a nossa posição: triste ou alegre, difícil ou fácil, verdade ou mentira. Assim, trataremos o medo sem desviar da questão principal, podendo analisar as possibilidades e as impressões sentimentais como mero estoque argumentativo e coragem para defender os nossos interesses, ou seja, acordarmos os sentidos para conquistarmos posição melhor no futuro. José Castello retrata, “A saudade não é a falta do que fomos, mas do que nunca fomos. Diante dela, só temos a palavra, a mentira, a invenção como consolo”.

Data : 18/03/2020

Título : SEM PÉ, NEM CABEÇA

Categoria: Crônicas

Descrição: Expressão a que me refiro para as atitudes sem fundamento, sem razão de ser, como barco sem âncora e jardim sem flores.

Expressão a que me refiro para as atitudes sem fundamento, sem razão de ser, como barco sem âncora e jardim sem flores.

Infelizmente, hoje, é o que mais escuto: discursos sem pé, nem cabeça; vomitam palavras de que desconhecem os significados, promessas que não cumprem e não há qualquer preocupação com a gravidade e do peso do que falam. Pior é que em cada momento escuto e nada posso fazer, porque eles não têm desconfiômetro (honestidade) e arriscam a nossas vidas com seus discursos vazios. Para Helena Rotta de Camargo, “Quando a convivência /é uma merda repulsiva / não há diplomacia eficaz”.

Em desespero, temo pela nossa existência; recolhemos fragmentos dos sentidos ao respirar a fumaça do poder da maldade que resiste em nosso cotidiano.

Tenho medo quando recolhem nossas palavras e cortam nossas vidas; logo questiono, qual o valor do viver se não nos deixam ser, estar, decidir e participar? Júlio Perez retrata, “Eu /Quem sou eu?/ Posso perguntar? / Responder então...?/ Nem pensar”.

No compasso dos dias, meu pensamento e minha esperança se esvai em cada golpe sem pé, nem cabeça. Contorço-me em acordes cortante e gritos calados. Embalo a tristeza pelas falsas promessas e mentiras. Vivo os escombros do mundo vazio e preconceituoso ao procurar contornar os “enganos”. Vago no limite para ouvir vozes e contemplar os dias incompletos, avessos à verdade, à ética e à moral. Esqueço os sonhos e habito paisagens discriminatórias e egoístas. Como demonstra Chico Alves d’ Maria, “Quantas rugas / quantas cicatrizes / o ego esconde... / Até onde? / Enquanto os espelhos / do umbigo não se quebram, / os olhos de vidro / cegam...”.

Data : 06/08/2020

Título : SENHA DOS SENTIMENTOS

Categoria: Crônicas

Descrição: ...Acredito que, quando fazemos algo com sentimento, somos especiais.

Moacir Araldi retrata, “Prefiro... gente que tenha a senha dos sentimentos tatuada nas suas ações”. Acredito que, quando fazemos algo com sentimento, somos especiais. Podemos influenciar com os sentidos desde que não esqueçamos a senha como caminho independente, para não gerar dúvidas e, sim, usar a autoconfiança no buscar novas formas de viver. Em Pedro Du Bois, “Ordenamos. Classificamos. Tornamos os números a invenção soberana de soberba. Qualificamos as tragédias. Recordamos os fatores ainda não acontecidos. // Aos números, recontamos nossas vidas”.

Com o tempo, a prática e o conhecimento fazem de nós pessoas emocionalmente controladas e fortes, porque aumentamos nosso nível de satisfação pessoal.

Ficamos satisfeitos quando absorvemos a situação e colocamos em pauta o desejo real, para ficarmos concentrados neste mundo de diversidades. Usamos os sentidos para pesar os prós e contras das ações, ao alcançar a condição de pensar com o coração, levando em consideração a intuição. Como diziam os antigos, “na dúvida escute o seu coração”. Nas palavras de Virgínia Woolf, “... sempre na orla do Ser //... Diante da rosa, o ouro, os olhos, uma paisagem / Os meus sentidos registram o ato de desejar, / Desejar ser rosa, ouro, paisagem ou um outro - / reclamando a plenitude no ato de amar”.

A senha dos sentimentos só adquire quem, em inúmeras ações, contribui para se lapidar emocionalmente. A ideia é sentir a reação e os reflexos dos outros em nós; dar atenção ao que nossos sentimentos nos dizem. Muitas vezes, a nossa natureza aponta o caminho da sensibilidade, como sinal para a hora de mudar e tornar o momento essencial. Como Leila Mícolis escreve, “teu exigente sentir / que quanto mais me quer, / me faz ousar descobrir, / criar, moldar, esculpir / mil formas de ser mulher”.

A senha dos sentimentos é como ter em mãos o impacto da vida: saber o que é importante para preservarmos ou descartarmos. Processo minucioso em que desenvolvemos pessoalmente, para que possamos tomar a direção certa na compreensão do que está em jogo nas nossas vidas.

Data : 28/08/2019

Título : SENHA DOS SENTIMENTOS



Categoria: Crônicas

Moacir Araldi retrata, “Prefiro... gente que tenha a senha dos sentimentos tatuada nas suas ações”. Acredito que, quando fazemos algo com sentimento, somos especiais. Podemos influenciar com os sentidos desde que não esqueçamos a senha como caminho independente, para não gerar dúvidas e, sim, usar a autoconfiança no buscar novas formas de viver. Em Pedro Du Bois, “Ordenamos./ Classificamos./ Tornamos os números a invenção / soberana da soberba. Qualificamos as tragédias./ Recordamos os fatores/ ainda não acontecidos. // Aos números recontamos nossas vidas”.

Com o tempo, a prática e o conhecimento fazem de nós pessoas emocionalmente controladas e fortes, porque aumentamos nosso nível de satisfação pessoal.

Ficamos satisfeitos quando absorvemos a situação e colocamos em pauta o desejo real, para ficarmos concentrados neste mundo de diversidades. Usamos os sentidos para pesar os prós e contras das ações, ao alcançar a condição de pensar com o coração, levando em consideração a intuição. Como diziam os antigos, “na dúvida escute o seu coração”. Nas palavras de Virgínia Woolf, “... sempre na orla do Ser //... Diante da rosa, o ouro, os olhos, uma paisagem / Os meus sentidos registram o ato de desejar, / Desejar ser rosa, ouro, paisagem ou um outro - / reclamando a plenitude no ato de amar”.

A senha dos sentimentos só adquire quem, em inúmeras ações, contribui para se lapidar emocionalmente. A ideia é sentir a reação e os reflexos dos outros em nós; dar atenção ao que nossos sentimentos nos dizem. Muitas vezes, a nossa natureza aponta o caminho da sensibilidade, como sinal para a hora de mudar e tornar o momento essencial. Como Leila Mícolis escreve, “teu exigente sentir / que quanto mais me quer, / me faz ousar descobrir, / criar, moldar, esculpir / mil formas de ser mulher”.

A senha dos sentimentos é como ter em mãos o impacto da vida: saber o que é importante para preservarmos ou descartarmos. Processo minucioso em que desenvolvemos pessoalmente, para que possamos tomar a direção certa na compreensão do que está em jogo nas nossas vidas.

Data : 19/11/2012

Título : SENHOR DAS ÁGUAS: Yamandu Costa

Categoria: Crônicas

Descrição: ?Cordas entre dedos ágeis coordenados

“Cordas entre dedos  
ágeis  
coordenados

cordas entre sentimentos  
rápidos  
extremados

cordas entre mãos  
leves  
diáfanas

Yamandu entre cordas  
sentimentos  
dedos  
mãos”. (Pedro Du Bois)

Yamandu significa, em Tupi-Guarani, senhor das águas. Considerado o gênio das 7 cordas; o virtuoso do violão; o fenômeno dos pampas. Estou falando de Yamandu Costa, jovem gaúcho, de Passo Fundo, que entrou para o rol dos "monstros" da música instrumental brasileira.

É também chamado de o novo Raphael Rabello, mas com raízes diferentes. Raphael se criou a partir do choro. Yamandu com a música regional do sul. A semelhança entre eles está na maneira de tocar.

Yamandu é uma das maiores revelações da música brasileira, emocionando platéias com seu violão de 7 cordas. Fez seu aprendizado e teve a sua inspiração junto ao violonista argentino Lúcio Yanel.

Pedro Du Bois, com admiração, o homenageia em mais um poema:

"O golpe seco  
leva a corda  
ao silêncio

dedos dedilham  
deslizam

encontram cordas  
exatas  
cravelhas ajustadas  
golpeia  
leve com a mão  
  
brinca  
onde outros se esforçam  
  
sorri em agradecimento."

Data : 28/08/2019

Título :       SENSAÇÕES

Categoria:   Crônicas

Sentada no banco da praça vejo a vida complexa e tensa, razão que me leva à reflexão e ao caminho das sensações até a injustiça turbulenta, a fragilidade do idoso e a consciência de que o mundo está longe do possível e não é suficiente para nós, os idosos. Tomaz Albornoz Neves expressa, "se a tacada é perfeita, não a sinto minha. O erro sim é sempre meu".

Com as carências impostas, procuramos nos equilibrar entre medos, para sermos respeitados com nossas dores e esperanças: procuramos fugir do empobrecimento da formação moral. Nas palavras de Albornoz, "... Todo o resto é resquício, vestígio, daquela integridade. Eu era eu sem ter ainda vivido. E esse pensamento, ou aquele outro, vem a mim batendo bola...".

Data : 30/03/2015

Título :       SENTIDOS

Categoria:   Crônicas

Descrição: "Não sei se a vida é curta ou longa demais para nós. Mas sei que nada do que fazemos tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas". (Cora Coralina)

para Sória Dipp

"Não sei se a vida é curta ou longa demais para nós. Mas sei que nada do que fazemos tem sentido, se não tocarmos o coração das pessoas".

(Cora Coralina)

Sinto a casa vazia. Lembranças brotam em mim. O silêncio se espalha. Vultos correm para cá e para lá. Ouço passos e risadas. A batida do coração é forte. Sinto o momento no tempo, como em Álvaro Moreyra, "A ausência enche a casa toda." Nem se foram e já sinto saudades. Canto e brinco de roda como se ontem fosse: revejo a filha nas netas.

A alegria conduz a vida na passarela, na semelhança do andar, dançar e falar. Ela dignifica e reverte o tempo que sinto parar, em sonho. O carinho, o abraço, o beijo. Sinto o amor que glorifica o meu estar aqui e agora.

As flores amarelas colhidas com suas pequenas mãos. Lindas como seus sorrisos. Iluminadas como seus corações. O vaso da tataravó. As flores ficam... Sinto a casa repleta de alegres vozes. As lembranças são poderosas sensações que me fazem conviver com o tempo, sem contar que se irradiam pelos momentos e fortalecem os meus dias; a leveza da poesia de Helena Kolody me acompanha: "Tudo o tempo leva./A própria vida não dura./ Com sabedoria,/ colhe a alegria de agora / para a saudade futura".

Resgato velhos sonhos onde posso aproveitar as expectativas, como também os espaços vazios e me recuperar no "ser para o próprio ser", como em Álvaro Moreyra "... Criará gente do coração bom, cabeça risonha. Gente que discuta apenas para não parecer que está só... Para distrair as horas vagas..."

Falo... Tudo está na minha cabeça, e isso ninguém me tira. Não tenho medo; ao contrário, há muito blá, blá, blá. Mas, quando tenho de escolher, os sentidos se manifestam. Então, começo a mentir para mim mesma.

Nesse momento a vida exige carinhos e sinto a necessidade da escolha para manter a felicidade. Olho para o passado e tento compreender o presente como oportunidade para mudar o destino. Minha palavra de ordem: quero voltar para casa.

Data : 28/08/2019

Título : SENTIMENTOS II

Categoria: Crônicas

Estou feliz? Triste? Saudosa? Com vontade de chorar? Confúcio questiona, “Por que estais chorando, boa mulher? Por que não hei de chorar?”. Descontar as emoções na vida rotineira não é saudável. Não devo atribuir ao dia a dia o meu infortúnio.

Acredito reconhecer as emoções e sensações de acordo com as características do meu viver, para me permitir uma doce semana de trabalho e satisfação pessoal. Com bom senso e tranquilidade, a vida se torna interessante pelo que oferece através de fatores sociais e psicológicos em que me envolvo, o que me deixa propensa a novas experimentações; assim, posso encontrar prazer e alívio. Darwin revela, “Que cada homem espere e creia no que puder”; Isaac Newton diz que, “o valor da vida não se mede pelo peso das quinquilharias acumuladas”.

Julgo importante arrumar tempo para conversar e compartilhar meus sentimentos, pois eles estão associados aos momentos de luz e vento. Na verdade, das melhores maneiras de prevenir o stress, a ansiedade e a saudades. Preservando os sentidos como qualidade de vida nos situamos de imediato fora do estado de irritabilidade e, melhor, criamos parcerias e multiplicamos o companheirismo. Rumford expressa, “Compreender é ver o que os outros não veem, abarcar os fatos em conjunto, desvendando manifestações de um princípio único em fenômeno diversíssimo”.

Os sentimentos não estão sujeitos ao tempo, nem marcam hora para se manifestarem, em sorrisos ou lágrimas; mostram o mundo ao redor, onde revelamos nossos ritmos de vida.

A interpretação dos sentimentos se manifesta de acordo com nossas funções: disciplina e rotina. O principal é considerar que o excesso pode trazer incômodos, pois, ao perdermos o controle somos desestabilizados. Por isso, exercitamos os sentidos, engrenagem indispensável para aproveitar a vida. O mundo melhora quando há oportunidade para todos sentirem o brilho da luz e a força do vento, que traz a poeira do viver. Voltaire reflete, “Já que nascemos para sofrer aprendamos a rir”.

Data : 23/11/2020

Título : SENTIMENTOS III

Categoria: Crônicas

Descrição: Levo a vida com desejo: o amor sempre me faz bem.

Levo a vida com desejo: o amor sempre me faz bem. Tenho em mente que as emoções resultam do mesmo peso da minha razão, faz-me sentir a vida real. Nas palavras de Dilan Camargo, “... Alguma coisa amplia o horizonte / desperta as luzes da eternidade / e reflete o nascimento dos dias...”.

A convivência me leva a questionar: quem consegue pausar e suspender o sentimento? Penso que ninguém, que o sentimento traz equilíbrio para o nosso viver.

Não exagero tal questão, ter sentimentos dá ânimo para enfrentar o dia a dia e energia para recomeçar no amanhã. Podemos conviver com as situações, com clareza, na medida em que exercemos nossa empatia. Encontro no livro de poesias, O Amor esta Palavra, de José Eduardo Degrazia – coleção petit poa, que “... O profundo rito / da palavra amor. / o amor esta palavra. // Há um abismo na palavra / de ser homem. / Nela o que importa é ser / a própria essência do ato. // Da tristeza de ser vem a alegria / de ser para o outro...”.

O problema que vejo na atualidade, em relação ao sentimento, é que os amigos rompem por divergências políticas, os casais por ciúmes, enquanto as redes sociais potencializam emoções para agirmos através da competitividade. João Ângelo Salvadori retrata, “o meu coração / quer brilhar / outro amor...”.

Com o sentimento não tenho o vazio para preencher, porque convivo com a percepção de que as sensações de conforto emocional me conduzem.

O sentimento é âncora para o meu pensamento, eleva a minha autoestima, leva-me ao prazer das lembranças e ao bem estar da convivência presente no amar e ser amada.

Data : 27/09/2018

Título : SER PAI: um talento

Categoria: Crônicas

Posso dizer muitas coisas sobre os pais: o quanto são importantes para nós e como aprecio os seus talentos. Eles são obras de arte, peças únicas de valor, lindos e cada um dentro da sua moldura. Ser pai também é “padecer no paraíso”, ainda mais quando é considerado como:

MANUEL BANDEIRA: pai da poesia moderna brasileira; o primeiro a fazer versos livres, como encontramos no livro “Libertinagem”.

JOÃO GILBERTO: descobriu uma nova “batida” para o violão; mestre da Bossa Nova junto com Tom Jobim.

ÉRICO VERÍSSIMO: consagrou-se como uma das maiores expressões da moderna ficção brasileira.

OSWALDO DE ANDRADE: escritor, um dos idealizadores da Semana da Arte Moderna, em 1922.

MACHADO DE ASSIS: considerado o pai do realismo na literatura brasileira.

NÁSSARA: pai da moderna caricatura brasileira e compositor de ALÁ-LÁ-Ô, sucesso carnavalesco até hoje. Seu traço é uma mistura de cubismo com confete.

RUBEN FONSECA: considerado um grande escritor, “dos sem prefácios nem posfácios”.

LUIZ GONZAGA: pai do “baião” foi quem pôs a música nordestina no mapa. Pai de Gonzaguinha.

JORGE AMADO: escritor baiano, pai do romance nordestino.

CARTOLA: considerado o “mestre divino do morro”, um dos maiores nomes da MPB.

DI CAVALCANTI: um dos primeiros artistas plásticos brasileiros a voltar a sua atuação para temas nacionais.

GUIMARÃES ROSA: revolucionou a prosa brasileira, apresentou ao leitor (quase) um novo idioma para contar histórias da gente do sertão.

DORIVAL CAYMMI: mestre dos mestres; presenteou o samba com os hábitos, as tradições e os costumes do povo e a paisagem baiana. Pai de Nana, Dori e Danilo.

RAUL SEIXAS: pai do rock brasileiro, com forte influência sobre os novos roqueiros, o “Maluco Beleza”.

CHICO BUARQUE: consagrado nos festivais, ganhou fama nacional com “A Banda”. Atualmente divide seu tempo entre a música e a literatura.

Este texto tem a pretensão de deixar uma mensagem, representada nessa pequena amostra, de como os nossos pais conseguiram mudar, ajudar, ocupar seus lugares nos transmitindo “recados”. Na verdadeira obra de arte, um é o outro, interagindo. É inevitável, pela legitimação e qualificação, reconhecer o trabalho dos pais.

Todos fazem arte consciente de sua função no universo, invadindo carinhosamente o nosso espaço, fazendo a diferença em nossos dias. Por isso são especiais, capazes de sempre despertarem em nós a exclamação: parabéns, papai! É a mensagem aos pais que são nosso porto seguro em formatos distintos; cada um, recoberto com a sua cor e moldura são parte de um quadro, junto um cartão com os dizeres: Pai, obrigado por fazer parte e ser a diferença na minha vida. Eu te amo!

Data : 12/02/2015

Título : Será Que Ele É?

Categoria: Crônicas

Descrição: Trinta anos depois, relato o meu melhor carnaval.

“Brasileiro é alegre, um ser dotado de uma musicalidade incrível”. (Bibi Ferreira)

Trinta anos depois, relato o meu melhor carnaval. Essa história transcorreu numa época em que a maioria das pessoas “pulava” carnaval nos clubes de suas cidades. Os bailes eram luminosos, elegantes e muito alegres.

Num verão, com os amigos e parentes, conversando sobre a próxima noite de carnaval, eu falei que as mesas e a entrada no clube seriam gratuitas se formássemos um bloco. Todos adoraram a ideia, mas com qual fantasia? Não tínhamos nada preparado ou organizado. E era para hoje!

Na praia de Albatroz não havia loja de tecidos e, muito menos, loja que vendesse fantasias. Também, não tínhamos pensado em um nome para o bloco.

Pensamos primeiro nas fantasias. Sugeri que arrancássemos as cortinas da minha casa e com o tecido confeccionássemos as nossas fantasias. Em mutirão, sem máquina de costura, todos trabalharam. Costuramos à mão, com a participação de todos, cada uma das fantasias.

De maneira pouco convencional, mas divertida, todos pareciam ter vida interior, como estrelas que brilhavam, quando completamos o trabalho. Foi um momento único de muita “serpentina e purpurina”. Muita alegria devida à união entre os participantes; a satisfação de realizarmos um “capricho” e, ainda, guardarmos um “fiapo” de fôlego para começarmos os “feitos” no baile.

Prontas as fantasias, passamos para a escolha do nome do bloco. Escolhemos “Será Que Ele É?”. É o refrão do clássico carnavalesco “A Cabeleira do Zezé”. Todos sabiam cantar e os homens – na época – usavam cabelos compridos.

A bem da verdade, o nome foi escolhido porque não tínhamos certeza de que seríamos considerados como bloco. Também, porque a estrutura fonética, a voz, o som, o uso das palavras, tinham sentido inovador, “pra frente”, como era o nosso pensamento. A marchinha foi lançada em 1964 e continua sendo cantada, transmitida de geração em geração.

Conseguimos os ingressos e as mesas. Nosso bloco fez o maior sucesso, fazendo com que nos sentíssemos modernos e “pra frentex”.

Em tempos momescos essa lembrança ficou para sempre como carnavais que não voltam mais: “Será Que Ele É?": “Será que ele é bossa nova?/Será que ele é Maomé?/Parece que é transviado,/Mas isso eu não sei se ele é...”

Data : 30/01/2014

Título : SILÊNCIO

Categoria: Crônicas

Descrição: O silêncio é fonte de inspiração? Muitas vezes o comportamento tem formas impactantes que lembram a inspiração, como bem tratou Carlos Higgie...



O silêncio é fonte de inspiração? Muitas vezes o comportamento tem formas impactantes que lembram a inspiração, como bem tratou Carlos Higgie, "... O silêncio é terapêutico. / O silêncio é um grito afogado. / É o afogamento do grito. / É a raiva sufocada. / A maldição do barulho... Tinha plena consciência de que as coisas estavam mudando, que o silêncio estava se perdendo, afogado por sons diversos, pelos gritos imperativos da realidade".

O gesto silencioso é o reconhecimento da nossa excelência, como suporte para manter vivo o sonho e imaginar o que sentimos quando separados pelo tempo, mas, juntos na paixão e no espírito para construir a história e, por influências, relacionar o interior com o exterior, tornando-os atrativo em determinados momentos, fazendo de nós o espaço onde o pensamento levita. Carlos Vogt mostra que "o silêncio é de moscas ausentes, / completo, geral, irrestrito, / por isso, de ouro, / quebrado apenas pelo atrito / com o silêncio do outro."

Não é de hoje que o silêncio é considerado instigante; sequência de momentos expressada de diversas formas pelas pessoas. Não falam para fazer jogo de cena ou porque estão preocupadas consigo mesmas ou construindo uma história, uma lembrança, como a trama envolvente e repleta de referências ao momento do acaso, nas palavras de Carmem Silvia Presotto "... Silêncio / que arquiteta o sonho...".

O silêncio ao arquitetar o sonho tem por objetivo treinar o olhar na medida do tempo, com novas ideias, e refletir sobre as novas experiências culturais, como os poemas de Paulo Leminski, "no centro / o encontro / entre meu silêncio / e o estrondo."; Armindo Trevisan, "Do silêncio nasce a palavra"; Lindolf Bell, "... tudo sobre a verde palavra / toda inteira / como um silêncio" e Antônio Rosa, "... tudo o que no silêncio nasce / e morre sem cessar. Talvez / renasça no poema."

O silêncio é forma de sobrevivência? Somos conhecidos por criar formas de sobrevivência e em nos tornar objeto na arte de viver, desvendando o silêncio através da escrita que, além de nos desnudar, seja nossa tradução literal; uma das tantas maneiras de viver, criar fatos, deixar parecer irreal o real e, talvez por isso, o silêncio se aproxime tanto do universo poético. Como demonstram os poetas Pedro Du Bois, "... procuro o barulho / que alivie minha alma / cessando o silêncio... // quero o vento trazendo/ ondas sonoras/ e o cantar dos pássaros..." e Lêdo Ivo "... Segredo e silêncio / são engano e vento".

Data : 23/03/2016

Título : SÍMBOLOS do natal: de onde vêm essas tradições?

Categoria: Crônicas

Descrição: Decorar a casa com arranjos natalinos é demonstração de carinho para com os familiares e os amigos. As crianças, desde cedo, aprendem a cultivar essas tradições.

Decorar a casa com arranjos natalinos é demonstração de carinho para com os familiares e os amigos. As crianças, desde cedo, aprendem a cultivar essas tradições. Escolher e montar os enfeites são momentos de reunião e magia. Mas, de onde vêm essas tradições? Sandra Siciliano, estudiosa da simbologia, diz que os objetos e adereços têm significados especiais e explica as origens dos sinais marcantes do Natal: Dezembro: o solstício de inverno (no hemisfério norte). A estação representa o começo do ciclo e a preparação para o nascimento do rei sol, que traz a luz. Árvore de Natal: eram utilizadas para reverenciar as divindades, na mitologia grega. Conta a lenda que havia três árvores próximas ao presépio: uma oliveira, uma tamareira e um pinheiro. A oliveira oferecia azeitonas; a tamareira, suas tâmaras; mas o pinheiro não tinha nada para ofertar. Lá do alto, as estrelas desceram do céu e pousaram sobre os galhos do pinheiro oferecendo-se como presente. Velas: o fogo é usado por diversos povos para exorcizar os maus espíritos. Guirlandas: representam a mandala, diagrama de círculos e quadrados, considerada a chave para que o homem se conscientize das qualidades que o pendem ao eterno ciclo de nascimento e morte. Folhas: o azevinho simboliza o flagelo de Cristo; o visco e a hera eram considerados plantas mágicas pelos druidas, antigos sacerdotes gauleses e bretões, porque se mantêm verdes em pleno inverno. Estrelas: simbolizam a luz permanente. Presentes: durante as festas em honra ao rei Saturno, dos romanos, em dezembro, eram distribuídos presentes ao longo do mês. Cores: o ouro e os metais dourados são associados ao Sol. O verde é a renovação, cor que tem o poder de regeneração e de se transformar em energia vital. O vermelho está associado ao fogo e ao amor divino. Papai Noel: o ancestral do Papai Noel é São Nicolau, que foi bispo de Myra, no século IV. Era homem bondoso que se comprazia em presentear os pobres. Foi o cartunista Thomas Nast, no século XIX, quem criou as feições rechonchudas e o figurino que conhecemos hoje. Cartões de Natal: foram impressos pela primeira vez na Inglaterra, por volta de 1845, pelo artista W.C.T.Dobson. No Natal daquele ano, ele enviou aos seus amigos litografias com mensagens de felicitações. Presépio: o verdadeiro significado do Natal retrata o nascimento de Jesus.

As tradições natalinas enfeitam as festas com o toque dos arranjos, transformam a casa em espaço mágico. No Natal reúne-se a alegria e a celebração que encantam o mundo. Cada pessoa, cada família comemora o Natal através desses símbolos que, em poucas palavras, demonstram que o Natal é reflexão. Natal é espírito lúdico. Natal é encontro marcado. Natal é dar e receber. Natal é paz e alegria. Natal é amar e ser amado.

Data : 10/02/2019

Título :       SIMPLES E COMPLEXO

Categoria:   Crônicas

Pode algo, ao mesmo tempo, ser simples e complexo? O paradoxo, simples e complexo, pela lógica não pode acontecer ao mesmo tempo. É interessante, pois, algo que é

simples para alguns, pode ser complexo para outros. Através da motivação podemos descobrir o que é simples e complexo para nós.

Em termos de inspiração, na ação, sentimo-nos sós ao avaliar a nossa força. Somos diferentes e temos vidas sobre pilares diferenciados; cada qual segue seus interesses e objetivos. Pouco a pouco descobrimos maneiras para avaliar se algo é simples ou complexo.

A simplicidade contempla aspectos estabelecidos pela cultura. A complexidade, ao contrário, se apresenta através de meios aparentemente simples, porém complicados. A questão maior, então, é o trabalho versus a vida.

Esta mescla faz com que acreditemos que podemos tratar de tudo, até dos assuntos mais complexos, já que misturamos vida pessoal com profissional.

Hermeto Paschoal com sua criatividade inova e revoluciona na a obtenção sons inusitados. Em suas descobertas, manipula e improvisa objetos diferentes e incomuns, com os quais obtém efeitos sonoros especialíssimos.

É simples ou complexo manter os valores ao tornar conscientes os nossos atos? Sim, mesmo que, por vezes, gerem as mais diversas opiniões, desde que mantivermos a essência da nossa inspiração. Realmente, ao dar o nosso melhor, temos a chance de nos tornar simples, na aceitação do fato de sermos diferentes. Até porque os caminhos trilhados são diferentes, por existirem novos e revolucionários “modelos” para atingir o que desejamos.

Ao mostrar o trabalho e as ideias, colocamo-nos na “vitrine”, onde os resultados são compartilhados com pessoas de diversas opiniões, trajetórias e crenças. Então, necessariamente, o simples pode ser complexo e vice versa. Mas, algo de cada vez e não ao mesmo tempo.

O Poeta Manuel de Barros é considerado o poeta das pequenas grandes coisas. A característica marcante da sua obra é explorar o pequeno e insignificante, matéria prima para engrandecer o cotidiano. O que é complexo para nós, para Manuel é simples.

O foco é irmos ao encontro do que faz sentido para nós, o que queremos; desta forma estaremos simplificando o caminho da escolha e da realização.

O artista plástico Washington Santana, recolhe no lixo o material para a sua arte. Cria com objetos recolhidos no lixo. É conhecido pela crítica como o Gari da Arte. O que é simples para Santana, para nós é complexo.

Para fins de curiosidade, da qual não podemos fugir: é na condição da vida simples que pensamos a complexidade do cotidiano. Nas palavras de Adélia Prado, “... Porque sempre há quem diga / no meio da minha alegria: / “põe o agasalho” / “tens coragem?” / “por que não vais de óculos?”...”.

Somos uma sociedade que retrata a simplicidade e a complexidade como coragem, desenvolvimento e determinação e, em cada combinação, alteramos a interpretação através dos sentidos e sentimentos distribuídos pelas páginas de nossas vidas.

Data : 28/08/2019

Título : SINAL FECHADO

Categoria: Crônicas

A vida parece perder o sentido quando o sinal de trânsito fecha, porque o medo se apresenta em qualquer hora e situação. Parece rótulo, mas, é realidade. Tudo pode acontecer durante o sinal fechado: abordagem de ladrões, vendedores ambulantes, malabaristas, pedintes, ofertas da Bíblia e, até, pessoas fingindo ser paraplégicas, em cadeiras de roda, esmolando.

Digo estar perdendo o sentido, pois não podemos esboçar reações. O medo comporta nossas atitudes em relação à maldade que poderemos sofrer. Thomaz Albornoz Neves expressa, “Em silêncio / a passagem // Sol sem imagem”.

Ando pelas ruas em agonia. Não tenho mais o prazer de apreciar a arquitetura dos prédios, a jardinagem, as praças, nem o vento através da janela aberta do carro. Sempre com a preocupação de me cuidar no sinal, quando fechado. Silvio Duncan pergunta, “... porque somos as vítimas / deste tempo perdido?”.

Até quando seremos reféns do medo? Até quando nos manteremos presos em nossas gaiolas? Até quando espiaremos a vida pelo vidro da janela? Até quando ficaremos no silêncio assustador? Criaremos coragem para desafiar a desesperança e nos encontrar sem medo de ser feliz?

Sempre espio todos os lados, no sinal fechado, pelo medo de ser abordada para nada. Medo que interfere na hora da decisão e, pior, cria mistérios pela desconfiança dificultando a rotina.

Parece demagogia, mas, não nos sentimos seguros, no momento em que paramos nos semáforos e alguém nos encara; o pensamento vasculha a lembrança na procura da exceção como garantia de vida. Outra vez o que encontro é o medo da violência sem motivo. Gilberto Gil e Caetano Veloso compuseram que “... Tudo é perigoso / tudo é divino e maravilhoso //... É preciso estar atento e forte / Não temos tempo de temer a morte...”.

Perco o sono pensando maneiras de conferir dignidade aos desfavorecidos, sem ideologia ou desesperança, para que todos possam proteger a liberdade e, assim, possamos contar histórias aos nossos bisnetos. Paulinho da Viola, na composição do Sinal Fechado revela, “Olá como vai? //... - tudo bem! Eu vou indo, correndo pegar meu lugar no futuro... E você?/ - tudo bem! Eu vou indo, em busca de um sono tranquilo... Quem sabe?...”.

Entre a ironia da vida e a rotina, deparamo-nos no trânsito com o sinal fechado, levando-nos a temer pelo o que poderá nos acontecer.

Data : 23/01/2021

Título : SINAL FECHADO

Categoria: Crônicas

Descrição: A vida parece perder o sentido quando o sinal de trânsito fecha, porque o medo se apresenta em qualquer hora e situação.

A vida parece perder o sentido quando o sinal de trânsito fecha, porque o medo se apresenta em qualquer hora e situação. Parece rótulo, mas, é realidade. Tudo pode acontecer durante o sinal fechado: abordagem de ladrões, vendedores ambulantes, malabaristas, pedintes, ofertas da Bíblia e, até, pessoas fingindo ser paraplégicas, em cadeiras de roda, esmolando.

Digo estar perdendo o sentido, pois não podemos esboçar reações. O medo comporta nossas atitudes em relação à maldade que poderemos sofrer. Thomaz Albornoz Neves expressa, “Em silêncio / a passagem // Sol sem imagem”.

Ando pelas ruas em agonia. Não tenho mais o prazer de apreciar a arquitetura dos prédios, a jardinagem, as praças, nem o vento através da janela aberta do carro. Sempre com a preocupação de me cuidar no sinal, quando fechado. Silvio Duncan pergunta, “... porque somos as vítimas / deste tempo perdido?”.

Até quando seremos reféns do medo? Até quando nos manteremos presos em nossas gaiolas? Até quando espiaremos a vida pelo vidro da janela? Até quando ficaremos no silêncio assustador? Criaremos coragem para desafiar a desesperança e nos encontrar sem medo de ser feliz?

Sempre espio todos os lados, no sinal fechado, pelo medo de ser abordada para nada. Medo que interfere na hora da decisão e, pior, cria mistérios pela desconfiança dificultando a rotina.

Parece demagogia, mas, não nos sentimos seguros, no momento em que paramos nos semáforos e alguém nos encara; o pensamento vasculha a lembrança na procura da exceção como garantia de vida. Outra vez o que encontro é o medo da violência sem motivo. Gilberto Gil e Caetano Veloso compuseram que “... Tudo é perigoso / tudo é divino e maravilhoso //... É preciso estar atento e forte / Não temos tempo de temer a morte...”.

Perco o sono pensando maneiras de conferir dignidade aos desfavorecidos, sem ideologia ou desesperança, para que todos possam proteger a liberdade e, assim, possamos contar histórias aos nossos bisnetos. Paulinho da Viola, na composição do Sinal Fechado revela, “Olá como vai? //... - tudo bem! Eu vou indo, correndo pegar meu lugar no futuro... E você?/ - tudo bem! Eu vou indo, em busca de um sono tranquilo... Quem sabe?...”.

Entre a ironia da vida e a rotina, deparamo-nos no trânsito com o sinal fechado, levando-nos a temer pelo o que poderá nos acontecer.

A vida valerá quando nos tornarmos seres completos sem fixar preço para a liberdade. Walmir Ayala ressalta que “um poeta nunca é pobre, quando tem a riqueza de sua consciência poética”.

Data : 23/08/2017

Título : SÍNDROME das PALAVRAS

Categoria: Crônicas

Descrição: Fio o texto porque me atrai o transtorno do passado se repetir em futuro traço das palavras.

Fio o texto porque me atrai o transtorno do passado se repetir em futuro traço das palavras. Então, anoto. Penso em sonhar futuros não completados no que o autor desejou dizer ao inventar ou recriar tais e tais palavras. Helena Rotta de Camargo expressa, “Depois de esburacados os sonhos e desfiadas as esperanças, que resta a nós recomeçar a tecê-los?”

Acelero o encontro entre os nós do tempo e me disperso na síndrome das palavras. Diante de tal segredo, debruço-me sobre a mensagem para refletir a realidade, como em Pedro Du Bois, “... a palavra vende ilusão / de farsa e desmancha / em provas...”

Transbordo ânsias por aprender depressa os vocábulos transformados em orações, como frases depositadas na página do livro. Duvido da palavra assumida pelo autor por que, como revela Vanessa L. Pietrobelli, “... Não se põem rédeas nas palavras / elas é que nos escolhem”. Assim, dispenso o gesto e escuto a voz que repousa em símbolos na folha e, nela, identifico a minha existência leitora a esclarecer a síndrome das palavras.

No extremo da concentração emudeço enquanto não leio as meias palavras que procuro no livro: amar e ser amada. Vanessa L. Pietrobelli retrata, “Quando estou poeta / Não sou eu que vos falo, / É a outra. / A outra palavra. / A outra sintaxe. / A outra metáfora...”

A única essência em mim é pensar o sentimento, porque escuto o som das palavras, dos mares nunca navegados e deslizo nas lembranças ao me afogar em memórias; palavras vazias que tecem a poeira do pensamento.

Encontro-me com o coração vazio quando teço o medo pelo relógio atrasado; perco a paciência do silêncio; corto as palavras que o autor constrói nas entrelinhas e, assim, tento me aproximar e sobreviver à síndrome das palavras. Vanessa L. Pietrobelli reflete, “O que sobra de nós / É sempre o silêncio. / Nós só nós somos ninguém”.

Data : 30/01/2014

Título : SINFONIA da VIDA (e das CORES)

Categoria: Crônicas

Descrição: Apreciar o Sol e o mar, acompanhada de Helena Kolody, em poemas, é uma verdadeira sinfonia da vida.

“Sem aviso / o vento vira / uma página da vida.”

Apreciar o Sol e o mar, acompanhada de Helena Kolody, em poemas, é uma verdadeira sinfonia da vida. O Sol trilha o caminho da luz em busca de clareza, da verdade. O mar dá a sensação da ampliação da consciência, abrindo-se para o belo e o novo. A poesia vai além da hora certa, é ponto essencial para a sinfonia da vida e para a cultura. Assim, posso apreciar e valorizar a vida.

Sinfonia da Vida, de Helena Kolody, é uma obra que vai além da rima, da métrica e do ritmo. “É harmonia: uma música brotando da poesia para cantar a vida”. Seus poemas contam sua história familiar e amorosa, e suas lembranças. “Vim da Ucrânia valorosa / que fui Russa e foi Rutêria / povo indomável, não cala / A sua voz sem algemas. / Vim do meu berço selvagem / lar singelo à beira d’água / no sertão paranaense... / Por fim ancorei para sempre / em teu coração planaltino / Curitiba, meu amor”.

É um livro de versos pequenos, que descrevem a grandeza do infinito. Sua poesia tem força descontraída, os poemas são espontâneos e seguem o compasso e a harmonia melódica das frases em movimento. “Quem vai cantando / Não vai sozinho. / Dançam em seu caminho / O sonho e a canção”.

Após aprender a ler, decorava e cantava os livros que lia; adorava as histórias infantis. O magistério e a poesia foram as duas asas de seu ideal. “Sempre cheguei tarde / ou cedo demais. / Não vi a felicidade acontecer. / Nunca floresceram / em minha primavera / as rosas que sonhei colher. / Mas sempre os passarinhos / cantaram / e fizeram ninhos / pelos beirais / do meu viver”.

Em 1951, escreveu A Sombra no Rio, depois, passou treze anos sem produzir, o que veio dividir a sua obra em duas fases: a primeira, mais lírica e, a segunda, mais filosófica. “Pairo, de súbito / noutra dimensão. / Alucina-me a poesia / loucura lúcida”. Foi uma poetisa que captou os sentimentos e a vida pelo mundo. “Palavras são pássaros, / voaram! / Não nos pertencem mais”.

Helena Kolody deixou a mensagem, “Aprendi a conhecer o poder extraordinário que a palavra tem e adquire consciência da responsabilidade que a palavra gera. Ela tem valor presente e um alcance futuro incalculável. O que dizemos deixa marcas indeléveis na inteligência e na sensibilidade dos outros”.

Seguindo a mesma linha de pensamento que Helena Kolody nos mostra na poesia, situo a sinfonia de cores do artista plástico Sérgio Fingermann como elementos que dialogam com lembranças e memórias da infância, com rigor próprio e questionamentos.

Na poética dessa produção, Fingermann incorpora letras e palavras, pinta as nove sinfonias de Beethoven, promovendo a interação entre a música e as artes visuais. Os trabalhos deram origem a um conjunto de obras na qual o artista explora o silêncio como qualidade própria da pintura.

Data : 11/02/2014

Título : SINFONIA DA VIDA (E DAS CORES)

Categoria: Crônicas

Descrição: Apreciar o Sol e o mar, acompanhada de Helena Kolody, em poemas, é uma verdadeira sinfonia da vida.

“Sem aviso / o vento vira / uma página da vida.”

Apreciar o Sol e o mar, acompanhada de Helena Kolody, em poemas, é uma verdadeira sinfonia da vida. O Sol trilha o caminho da luz em busca de clareza, da verdade. O mar nos dá a sensação da ampliação da consciência, abrindo-se para o belo e o novo. A poesia vai além da hora certa, é ponto essencial para a sinfonia da vida e para a cultura. Assim, posso apreciar e valorizar a vida.

Sinfonia da Vida, de Helena Kolody, é uma obra que vai além da rima, da métrica e do ritmo. “É harmonia: uma música brotando da poesia para cantar a vida”.

Seus poemas contam sua história familiar e amorosa, e suas lembranças. “Vim da Ucrânia valorosa / que fui Russa e foi Rutêria / povo indomável, não cala / A sua voz sem algemas. / Vim do meu berço selvagem / lar singelo à beira d’água / no sertão paranaense... / Por fim ancorei para sempre / em teu coração planaltino / Curitiba, meu amor”.

É um livro de versos pequenos, que descrevem a grandeza do infinito. Sua poesia tem força descontraída, os poemas são espontâneos e seguem o compasso e a harmonia melódica das frases em movimento. “Quem vai cantando / Não vai sozinho. / Dançam em seu caminho / O sonho e a canção”.

Após aprender a ler, decorava e cantava os livros que lia; adorava as histórias infantis. O magistério e a poesia foram as duas asas de seu ideal. “Sempre cheguei tarde / ou cedo demais. / Não vi a felicidade acontecer. / Nunca floresceram / em minha primavera / as rosas que sonhei colher. / Mas sempre os passarinhos / cantaram / e fizeram ninhos / pelos beirais / do meu viver”.

Em 1951, escreveu A Sombra no Rio, depois, passou treze anos sem produzir, o que veio dividir a sua obra em duas fases: a primeira, mais lírica e, a segunda, mais filosófica. “Pairo, de súbito / noutra dimensão. / Alucina-me a poesia / loucura lúcida”.

Foi uma poetisa que captou os sentimentos e a vida pelo mundo. “Palavras são pássaros, / voaram! / Não nos pertencem mais”.

Helena Kolody deixou a mensagem, “Aprendi a conhecer o poder extraordinário que a palavra tem e adquire consciência da responsabilidade que a palavra gera. Ela tem valor



presente e um alcance futuro incalculável. O que dizemos deixa marcas indeléveis na inteligência e na sensibilidade dos outros”.

Seguindo a mesma linha de pensamento que Helena Kolody nos mostrou na poesia, situo a sinfonia de cores do artista plástico Sérgio Fingermann. Sinfonia de cores são elementos que dialogam com lembranças e memórias da infância, com rigor próprio e questionamentos.

Na poética dessa produção, Fingermann incorpora letras e palavras, pinta as nove sinfonias de Beethoven, promovendo a interação entre a música e as artes visuais. Os trabalhos deram origem a um conjunto de obras na qual o artista explora o silêncio como qualidade própria da pintura.

Data : 30/03/2015

Título : SÓ O TEMPO, COM O TEMPO

Categoria: Crônicas

Descrição: Não fui ensinada a refrear o tempo; querendo ou não, sinto a sua passagem. Como fazer de conta que ele não existe?

”Por ti / reinvento / o perfume das árvores.”

(Fernando Aguiar)

Não fui ensinada a refrear o tempo; querendo ou não, sinto a sua passagem. Como fazer de conta que ele não existe? Como ignorar o tempo ao me olhar no espelho? O certo é conviver com ele e procurar as suas vantagens. Mas, quais seriam as vantagens?

Ao ler, sinto-me espectadora do tempo, com a funcionalidade da mudança histórica. Participo da paisagem que se transforma na revelação das vantagens que só com o tempo poderei explicar. Pedro Du Bois argumenta que o “tempo é a nossa verdade, ele não nos pertence”, e que “há o tempo de plantar e o tempo de colher”.

O tempo reflete o comportamento e atinge os talentos da literatura; articula e garante a presença dos escritores, através de suas obras, com efeitos de que só o tempo e com o tempo viremos a conhecer.

Atualmente, o mundo se comporta como imensa biblioteca onde tudo é reaproveitado, ressignificado, reutilizado, repensado, reencontrado, recriado, reaprendido e tantos outros RE. Só o tempo cria, produz e se compromete com as palavras; até se torna literatura, quando nasce e se desenvolve em diferentes épocas e sociedades. Lise Maria Fank escreveu que “Ontem,/portas e tramelas,/latidos de guaipecas,/cauteladas antigamente.// Hoje, / portões eletrônicos, /cercas elétricas,/cães amestrados/e o medo de gente”.

O tempo traz lembranças do que vi e li. Amplio a ideia e, por consequência, reinvento a história. Só o tempo mostra que o leitor percebe o reverso das palavras, como coloca Almandrade, “O/pré-/go/pre- / ga,/o/tempo/des/prega”.

Não esqueço o tempo que carrego nas mãos, nas lembranças, no ressignificado do desejo de criar, sem me subtrair à passagem entre os sentidos: sim e não, doce e amargo, autor e leitor, ator e espectador. Ousadamente recarrego as ideias e as reescrevo, quando me aproprio da memória visual, sonora e textual, para rever de outra forma a vida.

Quando reaproveito a ideia, tenho fatos para estampar na página e sobreviver no tempo do RE (alguma coisa), como força de expressão, onde só o tempo e com o tempo posso me libertar; como encontro em Clauder Arcanjo, “... Tudo se renova naquilo/Que nos encanta e espanta”.

Só o tempo é referência para a terra da boa literatura. Ele corresponde à necessidade social, onde as relações se caracterizam pelas normas entre o autor e o leitor versus a criação, que os diferencia em traços específicos, de acordo com o tempo que move a terra pela curiosidade, alegria, choros e amor que todos querem reler.

Reencontro em Dagmar Destêrro que “O tempo jamais nos espera// Não basta apenas viver;/ É preciso sentir a vida/ Em sua essência;/ vivê-la em profundidade./ Analisar as pedras do caminho.../ Pensar com realidade// ...Para não correr o risco/ De ficar para trás/ Alimentando fantasia”.

Data : 28/08/2019

Título : SOB O GUARDA-CHUVA

Categoria: Crônicas

## SOB O GUARDA-CHUVA

ao amigo Raul Pargendler

Diante da janela, vejo pessoas em passos largos na rua, fugindo da chuva. Observo o homem de chapéu, sob o guarda-chuva, em passos curtos e lentos. É comovente a cena e merece ser fotografada para ser lembrada em dias indiferentes. Nas palavras de Sidney Joel, “... Há homens que não tem brilho seu, / são cópia de cópia alheia, / A criação neles não nasceu...”.

Assim, vejo o homem bem vestido, com ar misterioso, sob o guarda-chuva, como imagem de filme antigo – em preto e branco. Causa-me admiração. Porém, não sei se ele está triste por sentir a chuva molhando o seu casaco; por estar sozinho, ou se é o tempo trazido em alento que redefine o seu processo de viver no instantâneo da cena.

Respiro a liberdade da imagem e invento formas para pensar no flagrante como possível versão de coragem e conquista. É imagem que se apresenta no significado da sensibilidade versus a solidão; quanto ir ao encontro do desejo formatado no viver a rotina que, em Antonio Olinto, “... Achou que era melhor cruzar as mãos / para as janelas compadecidas / e contar os pingos / da chuva sobre as veias paradas...”.

Busco explicações para desvendar a vida na figura do homem que, elegante sob o guarda-chuva, passa em frente e, num movimento, remexe com a minha imaginação; não como ornamento, mas, como escolha em que ousou refletir sobre valores emocionais. Então, questiono-me: quem é esse homem que saiu a caminhar sozinho na chuva? Por que usa chapéu se está protegido pelo guarda-chuva? Será para se esconder? De quem?

O interessante é que o notei. Ele fez diferença no meu dia de aguaceiros; por isso, não o esquecerei. Carmen Presotto expressa que “Não se pode deter os instantes, crio / ao viver paratempos //... Deixo aos dias nuvens dispersas...”.

A vida acontece diante da janela no flagrante como capto o momento para contrabalançar a emoção com a razão no viver. Não posso medir a cena, apenas sentir. Quando vivo tais sentimentos, minha mente clica fotograficamente o instante de fascínio, que reverencio em silêncio; tenho tolerância para buscar recursos e força para os fatores rotineiros. Marcos A. I. de Oliveira filho revela, “Um dia andei / Sem destino certo / E as minhas emoções me entreguei / Tentando saber o que quero...”.

Data : 02/10/2013

Título : Sobre AMANTES nas ENTRELINHAS e IGUAIS / por Nilto Maciel

Categoria: Crônicas

Descrição: Livros editados através do Projeto Passo Fundo.

Eu sou som, sou sons (Nilto Maciel)

Narrou-me Cleto Milani, por telefone, uma historinha nada linear. Contém alguns flashbacks. (Pelo visto, o homem deseja me imitar ou substituir). Anunciou ter conhecido “garota inteligente”, a passear (vagar) pelas ruas da Internet. De início, desconfiou de brincadeira de homem. Isto é, a pessoa com quem conversava não seria Cecília Sousa e, sim, algum membro da sociedade secreta dos cultores de letras. Pensou em alguns nomes: Carlos, Dimas, Felipe, Pedro, Raymundo. Terminou em Nilto. Sim, a “moça” das mensagens bem redigidas seria eu, a inquiri-lo. Se compreendia mesmo literatura, se “sabia das coisas”, se lia e escrevia, se isso, se aquilo. Cogitou ser grosseiro e “me” mandar p’ra baixa da égua. Antes de cometer semelhante loucura, jogou-se à cama e, enquanto dormia, ouviu sussurros vindos do nada: “eu sou som, sou sons, sou sa se si so su, sousa, sesi, só sua”. No dia seguinte, se deparou com isto, na tela: “Sonhei com

o senhor. Nunca participei de oficina literária. Se não custa nada – como pude ler – quero ser sua aluna. Beijos. Ceci”.

Emprestei alguns opúsculos novos ao ancião. E ele os transferiu à sua primeira vítima. E disso tudo resultou esta história. As coletâneas são Iguais (Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2013), de Pedro Du Bois, e Exília (São Paulo: Dobra Editorial, 2013), de Alexandre Marino – poemas; Amantes nas entrelinhas (Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2013), de Tânia Du Bois– crônicas; e As coisas incompletas (João Pessoa: Ideia, 2013), de Hildeberto Barbosa Filho – jornal literário.

Outro flashback: O libertino contava com meia dúzia de “pulcras donzelas” no primeiro dia da oficina. E dedicou cerca de uma hora a este assunto. Promovera ampla divulgação. Morreria de vergonha e decepção, se ninguém se apresentasse à sua porta. Não morreu: Cecília o salvou. E levou quatro brochuras novas. Lesse, com muita atenção. Na próxima sessão, examinariam (ela e ele) os papiros.

Segundo ele, a nova poesia brasileira, publicada em livro e na Internet, vai bem e vai mal. Os melhores estão, dia após dia, em menor número; os do lado da imensa maioria se propagam feito moscas. Pedro Du Bois e Alexandre Marino estão entre os raros exemplares de uma espécie em extinção. Aquele no Sul, este em Brasília (nascido em Minas Gerais). A moça se declarou leitora assídua de Pessoa, Drummond, Cecília Meireles etc.

O mestre do Benfica reparou na obra de Pedro a importância dada ao “formato” das peças. Constituem-se de poucos versos, entre seis e quinze. O ritmo do fôlego (do respirar) regularia tais medidas. Nota-se também a subdivisão em estrofes: duas, três, quatro. Um ou outro cântico se mostra inteiro, sem quebras. A mocinha se impacientou: Isto tem alguma importância? Sim, tem. Se não tivesse, não seria assim. Mudou de assunto: E quanto ao discurso? Ele não me parece narrativo, devotado a situações reais ou ao cotidiano dele ou das pessoas. O professor se empolgou: “Não é poeta lírico, afeito ao subjetivismo intrincado, filosófico, de difícil percepção pelo leitor médio”. Visse este exemplo: Nada me vale a janela / se não posso / ver as construções / de igualados prédios / em vistas circunscritas / aos arredores: a janela // do novo prédio / me contempla. “O leitor menos atento vê aqui apenas narração ou descrição. No entanto, a ode vai muito além disso”.

Passaram à seleção de Alexandre Marino, bem mais encorpada do que a de Pedro. Não só no número de páginas. “Náufragos” se situa entre os menores poemas: tem oito linhas. Muitos estão divididos em estrofes. A estudante se entusiasmou, feito criança quando revela astúcia: Encontrei uns sonetos. O docente reforçou a observação dela: Pelo menos, quatro. E muito bem elaborados.

A menina não concedia sossego ao velho: E quanto à linguagem? O devasso quis se exhibir com jeito de catedrático: “Alexandre é afeito à frase esmerada ou sem desleixo, ainda quando brinca de neologismar. No entanto, prefere percorrer o caminho sem se meter em atalhos: ‘a coragem dos grilos nas noites das florestas’; ‘os gestos delicados dos símios quando se coçam’; ‘vento e chuva dançando uma valsa’. Isto é, ele é atento a tudo, não abdica de captar o menor gesto dos seres”. A jovem estranhou a constante referência a outros poetas, alusão a poemas, pinturas, músicas. Como em “Giverny”, em sua quase descrição: ‘Claude Monet e sua pintura – / abrigo de um lago sem fim, / refúgio de enlevos – / luzem glicínias e nenúfares, / um caminho entre nuvens’.

Debateram, durante boa parcela do dia, a arte poética. E eu cobreí de Cleto outros resultados dessa porfia. Cheguei a urdir recriminação: “Você não me disse nada, meu

amigo. A ourivesaria de Pedro Du Bois e de Alexandre Marino faz jus a mil leituras e interpretações”. Não me deu ouvidos e se consagrou aos Amantes nas entrelinhas, de Tânia Du Bois. “A crônica também merece leitura e estudo, seu Nilto. Ou o senhor pretende ser esquecido até como cronista?” E se voltou para os acontecimentos em sua casa: A pupila tencionava, “de fina força”, analisar o impresso de Tânia. Manifestei “palpite infeliz”: “As mulheres se entendem”. Ele riu e parafraseou Manuel Bandeira. A visita se expressara assim (com pedantice e tudo): “Tânia certamente guarda manancial de citações, colhidas em livros. Pois suas joias se fundam em frases extraídas de obras do underground ou do cânon. Temos tudo para considerá-las fragmentos comentados”. O preceptor se aborreceu: Seria necessário perguntar à própria cronista como consegue incluir em tão breves partituras trechos de variados autores. Selecionou “Erotismo na Arte”, na qual são mencionados cinco escritores brasileiros: Carlos Higgie, Maria Teresa Horta, Nilto Maciel, Pedro Du Bois e Clauder Arcanjo, e o artista plástico Ruben Gerchman. “É impressionante isso, essa capacidade de arranjar excertos de poemas e contos e, desse modo, polir verdadeiras ametistas”.

A aprendiz não se sentiu repreendida e esboçou elogio à cronista: Suas peças têm sabor de bolo, torta e frapê. O lascivo ancião revelou, então, um dos mais extraordinários intentos de sua vida: “Você aceita ir ao shoppingcomigo? Sou afeito a sanduíche com coca-cola”. Cecília, no entanto, cortou-lhe logo as asinhas: Deixasse para outro dia o passeio. No afã de se vingar, o vovô propôs: Então esquadrinhasse, com mais agudeza, a arte de Tânia Du Bois. Não se intimidou Ceci: Chamara-lhe a atenção o uso de epígrafes, na maioria das pérolas, sem esquecer as citações no bojo dos textos. Apesar de zangado, o dono da casa proferiu outra vulgaridade: “Estas narrativas conduzirão os leitores aos edênicos bosques da poesia em prosa. Sua leitura se adapta perfeitamente a qualquer ambiente, seja nas madrugadas frias, nos dias de muito calor, nas noites de insônia”.

O encerramento da reunião ocorreu com *As coisas incompletas*, de Hildeberto Barbosa Filho. “Gosto sempre de começar pelo começo, isto é, pelo título”. Concordo com ele: O título é poético. E está de acordo com Hildeberto, o poeta, tido e havido como um dos melhores do Brasil.

A menina demonstrava amplo conhecimento dos quatro títulos: Trata-se de jornal literário, o de número três. Apontamentos feitos entre 2008 e 2012. O macróbio quis ser mais exuberante do que a estudante e arrumou outro elogio insignificante: “O compêndio é de rara beleza, formado de considerações, reflexões e divagações relativas à literatura e à arte de tecer versos e prosas, e a diversos assuntos. Como em ‘Os amores platônicos são sempre patéticos!’” A mocinha o cutucou (estaria a testá-lo?): Seriam aforismos? Ele não perdeu a compostura: Sim, poderiam ser vistos assim. Há neles igualmente transcrição de opiniões críticas e até composições poéticas. À página 23, aparece soneto de Jorge Tufic. O comportamento da garota lembrava professora e não aluna. Anotara passagem do diário, já no final: “A crítica de um criador quase sempre me agrada mais que a crítica daquele que é tão somente crítico”. O mestraço sacou da algibeira outra avaliação nada singular: “Enfim, obra vigorosa, plena de sabedoria e, ao mesmo tempo, de agradável leitura”.

Eu precisava desligar o telefone: compromisso com hora marcada. Fiz meu amigo Cleto Milani dar por acabado o diálogo. “Noutro dia continuaremos esta palestra”. Como arremate, ofereci-lhe este conselho: “E cuide bem de nossas discípulas”. Vocês imaginam a frase por ele grunhida? Não direi. É imprópria em livro, jornal e na Internet.

Fortaleza, 30 de setembro a 2 de outubro de 2013.

<http://literaturasemfronteiras.blogspot.com.br/>

////

Data : 09/01/2016

Título : Sobre COMÉRCIO de ILUSÕES

Categoria: Poesia

Descrição: Poema-homenagem- de Luiz Otávio Oliani.

Querida Tânia Du Bois, boa tarde!

Feliz 2016!

Abrindo o ano com a leitura do seu belo livro de crônicas, não sabe o que me aconteceu?

Como a leitura de "Comércio de ilusões" é de um deleite sem precedentes, o leitor-poeta Oliani não conseguiu fugir da emoção das primeiras páginas com citações de tantos nomes exponenciais que foi impossível não fugir à escrita. E veio a público:

COMÉRCIO DE ILUSÕES

Luiz Otávio Oliani

A Tânia Du Bois

não ter quem o leia

não frustra o poeta

na contramão do mundo

produz versos

à revelia do sistema

quem o calará?

quem o trará de volta à realidade?

RJ 09 01 2015

Obrigado pelo livro, pelo presente que é lê-la e pelo poema que me inspirou.

Obrigado,

Oliani

Data : 28/08/2019

Título : SOBRE IDEIAS

Categoria: Crônicas

Ao defender o que acreditamos, nossas ideias são vistas como questão relacionada à comunicação e aos fatos. Giordano Bruno declara, “Abençoado aquele que está com a verdade contra a opinião, e não a opinião contra a verdade”.

Poucos são os que desejam a verdade, porém, a liberdade de pensamento retrata o nosso ponto de vista e, até mesmo, convencemos nossos interlocutores quando nossa ideia produz resultados. Por outro lado, poderá não ser considerada válida por constranger a opinião geral ou simplesmente se diferenciar da atual versão. Walter Lipmann expressa, “Quando todos pensam da mesma maneira, ninguém pensa grande coisa”.

Temos muitas ideias que promovem a conclusão e a solução das pendências que nos incomodam. Almejamos o ponto de partida e o de chegada, mas, não devemos deixar a soberba influenciar nossas ideias, pois, sem elas nos tornamos incompletos na avaliação dos atos e no vivenciar o cotidiano; movimento que nos leva ao inesperado: estimular nossa vida social e ser influenciador da correção. Em Claude Bernard, “Feliz é aquele que sabe ao certo o que procura, porque quem não sabe o que procura, não vê o que encontra”. Comprometidos, transformamos as nossas ideias em metas para nos envolver com o bem viver, fosse forte laço para com nossos pares.

As ideias partem de teorias, explicativas do ponto de vista e indicadoras dos caminhos a seguir. Através dessa premissa, caminhamos através de novas visões sobre o (des)conhecido, ou para a recriação do nosso mundo relacional. Armando Oscar Cavana diz que, ... são precisos muitos raios de luz para compor a luz do sol, também são necessárias muitas ciências diferentes para nos darem uma visão do conjunto como conjunto”.

As ideias, quando boas, fundamentam as teorias e nos obrigamos a nos desfazer das ilusões e das opiniões marcadas e confusas. As realizações ficam em sintonia quando “aquela” ideia, que ronda o raciocínio, é colocada em prática. Assim, orgulhamo-nos do que alcançamos e do reconhecimento ao nosso esforço. Nas palavras de Frederico O Grande, “o prazer maior e mais nobre que nos é dado neste mundo é o de descobrir verdades novas e, depois dele, o de jogar fora velhos preconceitos”.

Data : 19/10/2016

Título : SOBRE O SENHOR das ESTÁTUAS

Categoria: Crônicas

Descrição: O Senhor das Estátuas, livro de Pedro Du Bois, se apresenta em: Poemas para Bez Batti, O Senhor das Estátuas, Matéria Prima Matéria Bruta e...

O Senhor das Estátuas, livro de Pedro Du Bois, se apresenta em: Poemas para Bez Batti, O Senhor das Estátuas, Matéria Prima Matéria Bruta e A Revisão pelo Detalhe. Podemos ler, como o encontro dos extremos, que se tocam no pulsar das apresentações, onde as estátuas se cruzam em nossos caminhos e permanecem na criação e na arte; como descreve na primeira parte do livro, em que faz homenagem ao Mestre João Bez Batti, que lapida a pedra e mostra a máscara onde a face do basalto desenha os fios da vida do homem: “Sente na pedra a finitude / e a ultrapassa em golpes / (as razões) irracionais dos ataques / como amar a solicitude / e aos gritos expulsar / do ato a insignificância // - os dias rápidos em passagens / permanecem: na pedra a permanência / aguarda nova explosão - // a transformação se adensa / em novas formas / e polimento / e a pedra está além da finitude: o infinito da obra”.

Du Bois e Batti esculpem a pedra e se deixam iluminar por ela ao desdobrar a inspiração como ferramenta da liberdade de criação. A poesia se reflete na arte quando trabalhada a pedra. Estar diante da máscara é estar ante a criação das artes plástica e literária do mundo e do ser, porque nelas encontramos os sentidos que se rompem na descoberta sob guardadas vozes.

N’O Senhor das Estátuas não posso negar que cada poema seja a máscara que se multiplica nas muitas formas que contemplam o todo e tudo fundamentam no que pode ser desvelado em gesto e palavra: “Diante da imagem / chora a inexistência. // Lava o metal oxidado. / Leva a pedra ao ensolarado / dia de reconquista. // Deixa a máscara denunciar / a fluidez dos acontecimentos. / Referenda o nicho / onde reencontra a ideia / da sobrevivência”.

O livro traz poemas que afaçam, porque dão curso à estátua ao revelar a arte na pedra como tradução e reconstrução do pensamento em concretizando ato. Mistério sendo desvendado, onde Du Bois reinventa a realidade e nos contagia; que na abstração está a mágica de se ouvir a verdade, quando a vida se fia na máscara projetada na



pedra: “A insolência da pedra na imobilidade. / Não se constrange diante / adiante / ante que alguém / diga a verdade...” O autor mostra que a pedra pode ser descortinada e esculpida na construção da vida de igualado tempo e espaço: “Busca na estátua o significado / encravado pelo artífice: a dor / a fertilidade / o coroamento / a desfaçatez / a guarda do corpo / decomposto em tempo. // Rebuscada em sua esterilidade / a estátua traduz o despropósito / de ser tomada como referência”.

A obra retrata o dom da pedra para não nos ausentar do mistério da vida. Os poemas despertam em nós a fonte das palavras, o grito da rotina e o instante em que a verdade é sempre autêntica em si mesma: “A estátua sorri / abre os olhos / boceja / suas mãos retornam / à postura original / do corpo em movimento: // O senhor imobilizado em medo / não percebe o desejo em seu corpo: // não acompanha a estátua / em passeio diário. // Guardamos os olhos fechados / o pedestal vazio de intenções / e gestos”.

Pedro, ainda, demonstra que a memória atravessa o tempo em nossos corações para (re) germinar o que um dia foi vivido: “A criança / grita: estátua // A brincadeira se acomoda / na realidade”. Sonhamos o sentido da vida e acordamos em realidades restritas; em outros mundos da poesia, onde nossas verdades ficam reveladas nas artes, como n’O Senhor das Estátuas, o poeta talha a pedra, sem lhe retirar a aspereza, em busca das palavras.

Data : 09/04/2017

Título : Sobre O SENHOR DAS ESTÁTUAS

Categoria: Crônicas

Descrição: O Senhor das Estátuas é livro de Pedro Du Bois, apresentado em: Poemas para Bez Batti, O Senhor das Estátuas, Matéria Prima Matéria Bruta e A Revisão pelo Detalhe.

O Senhor das Estátuas é livro de Pedro Du Bois, apresentado em: Poemas para Bez Batti, O Senhor das Estátuas, Matéria Prima Matéria Bruta e A Revisão pelo Detalhe. Podemos ler, como o encontro dos extremos, que se tocam no pulsar das apresentações, onde as estátuas se cruzam em nossos caminhos e permanecem na criação e na arte; como descreve na primeira parte do livro, em que faz homenagem ao Mestre João Bez Batti, que lapida a pedra e mostra a máscara onde a face do basalto desenha os fios da vida do homem: “Sente na pedra a finitude / e a ultrapassa em golpes / (as razões) irracionais dos ataques / como amar a solicitude / e aos gritos expulsar / do ato a insignificância // - os dias rápidos em passagens / permanecem: na pedra a permanência / aguarda nova explosão - // a transformação se adensa / em novas formas / e polimento / e a pedra está além da finitude: o infinito da obra”.

Du Bois e Batti esculpem a pedra e se deixam iluminar por ela ao desdobrar a inspiração como ferramenta da liberdade de criação. A poesia se reflete na arte quando

trabalhada a pedra. Estar diante da máscara é estar ante a criação das artes plástica e literária do mundo e do ser, porque nelas encontramos os sentidos que se rompem na descoberta sob guardadas vozes.

N'O Senhor das Estátuas não posso negar que cada poema seja a máscara que se multiplica nas muitas formas que contemplam o todo e tudo fundamentam no que pode ser desvelado em gesto e palavra: "Diante da imagem / chora a inexistência. // Lava o metal oxidado. / Leva a pedra ao ensolarado / dia de reconquista. // Deixa a máscara denunciar / a fluidez dos acontecimentos. / Referenda o nicho / onde reencontra a ideia / da sobrevivência".

O livro traz poemas que aflagam, porque dão curso à estátua ao revelar a arte na pedra como tradução e reconstrução do pensamento em concretizando ato. Mistério sendo desvendado, onde Du Bois reinventa a realidade e nos contagia; que na abstração está a mágica de se ouvir a verdade, quando a vida se fia na máscara projetada na pedra: "A insolência da pedra na imobilidade. / Não se constrange diante / adiante / ante que alguém / diga a verdade..." O autor mostra que a pedra pode ser descortinada e esculpida na construção da vida de igualado tempo e espaço: "Busca na estátua o significado / encravado pelo artífice: a dor / a fertilidade / o coroamento / a desfaçatez / a guarda do corpo / decomposto em tempo. // Rebuscada em sua esterilidade / a estátua traduz o despropósito / de ser tomada como referência".

A obra retrata o dom da pedra para não nos ausentar do mistério da vida. Os poemas despertam em nós a fonte das palavras, o grito da rotina e o instante em que a verdade é sempre autêntica em si mesma: "A estátua sorri / abre os olhos / boceja / suas mãos retornam / à postura original / do corpo em movimento: // O senhor imobilizado em medo / não percebe o desejo em seu corpo: // não acompanha a estátua / em passeio diário. // Guardamos os olhos fechados / o pedestal vazio de intenções / e gestos".

Pedro, ainda, demonstra que a memória atravessa o tempo em nossos corações para (re) germinar o que um dia foi vivido: "A criança / grita: estátua // A brincadeira se acomoda / na realidade". Sonhamos o sentido da vida e acordamos em realidades restritas; em outros mundos da poesia, onde nossas verdades ficam reveladas nas artes, como n'O Senhor das Estátuas, o poeta talha a pedra, sem lhe retirar a aspereza, em busca das palavras.

Data : 11/12/2015

Título : Sobre os livros: Comércio de Ilusões e o Livro Infundável

Categoria: Crônicas

Descrição: Comentário de Márcio Almeida, crítico literário.

Márcio Almeida – crítico literário- remeteu o seguinte comentário sobre os livros:

COMÉRCIO DE ILUSÕES, de Tânia Du Bois, contribui para modificar o exercício de leitura do leitor comum, oferecendo a ele um universo para "flutuar na magia." As crônicas são leituras que remetem à estética da recepção (Mauss) e possuem o que a autora qualifica como "energia da celebração." Ao elencar o repertório de referências poéticas, com autores e poemas, Tânia amplia e aprofunda o conhecimento de uma arte que hoje se impõe pela raridade: a poesia como uma voz da comoção, peça de resistência, remédio pra sonho, loucura lúcida, linguagem da diferença. E assim se oferece como algo mágico capaz de seduzir, de fazer pensar, de tornar o suposto leitor partícipe de um mundo não imediatista mas invasivo da emoção arrebatadora. Nessa bateia de palavras há o compromisso de mostrar ou ratificar não ser a poesia mercadoria. O livro, enquanto obra, usando palavras de Tânia du Bois, "se projeta com a evidência de sua real grandeza: a linguagem e as ideias". "Abrangência da invenção do autor com a cultura."

O LIVRO INFINDÁVEL, de Pedro Du Bois, mantém a produção sempre instigante do poeta, com destaque para os poemas "Ir", "A boa luta", "Do que disseram", "Classificar", "Sossego", entre outros.

A linguagem é trabalhada por Pedro Du Bois como reflexão poética, característica que o distingue na produção brasileira.

Abraço para vocês, feliz Natal e boas festas,

Márcio Almeida

11/12/2015 10h39min17s

Data : 10/02/2019

Título : SOCIAL reverso SENTIMENTOS

Categoria: Crônicas

Um dos pontos que marca com clareza o descontentamento do homem moderno é a sua certeza cotidiana quanto aos seus desejos. Nas palavras de Iara Maria Carvalho, "não presumo a extensão do desastre: / tantas vezes mil é o peso do arame sobre os ombros...".

Apesar de ter consciência das regras sociais, o homem enfrenta seus desejos com o medo que se apresenta e, às vezes, seus sonhos beiram a assustadora realidade. Porque na verdade reside na relação de conflitos entre o desejo e a consciência ao cumprir as regras como dever, o que pode representar o reverso entre o social e o sentimento na necessidade de questionar o avanço desenfreado do progresso. Iara Carvalho escreve, "chega um tempo / em que a vida / precisa ser em voz alta".

Somos diversos entre nós e conseqüentemente, somos regidos por regras na composição do cenário vivenciado nas relações que explodem as diferenças nos (inconscientes) desejos, o que se repete no processo de instrumentalização da cultura. Como em Iara Carvalho, “vivo sob um pêndulo sombrio / que me leva / aqui // ali // - além... // à procura de um sonho / que me devora / a luz”.

As regras estabelecidas pela sociedade são a postura frente ao progresso e visam evitar conflitos comportamentais entre as diferentes percepções do mundo. A emoção vivida de maneira intensa pode falar mais alto do que a razão e, conseqüentemente, levar a vivermos em relação desarmônica na inconciliável oposição entre o social e o sentimento. Ou seja, desejos e regras são oposições consideradas na construção da vida, em que a arte de conviver se desenvolve com vigor em que cada um tem seu tempo para expor ideias e ideais. A vida acelerada, como (d)efeito, resulta em igualar as pessoas na inferioridade cultural. Ainda em Iara, “... desejou minha memória, / meu jeito perigoso de servir / e o passar lento dos meus dias sem orgulho. // Uma dama sem avessos?...”

O pior da modernidade em nossos dias pode ser explicitado pelo receber telefonema do crematório oferecendo bom plano de pagamento e dizendo para você aproveitar a oportunidade (?!). Penso que no caso extrapolaram as regras racionais e emocionais. Ainda, e no mesmo dia, alguém da casa lotérica telefona oferecendo a sua grande oportunidade de enriquecer com os jogos tais e tais!??

Data : 11/01/2021

Título : SOFRER

Categoria: Crônicas

Descrição: Há muito em jogo quando o sofrer se apresenta na nossa vida

Há muito em jogo quando o sofrer se apresenta na nossa vida. É preciso considerar o tempo, para nos adaptar à rotina.

O sofrimento causado pela escolha difícil deixa doídas cicatrizes. Em quem sofre há sensibilidade diante do viver. Para Pedro Du Bois, “... há a tua vivência e a lembrança // a dor o parto a porta / o porto o ponto / a partida...”.

A dor não é o fim do caminho, mas, o começo do processo que nos envolve para criarmos condições que nos permita viver as experiências – exclusivas de cada um – nas decisões em que aprendemos as dores existentes em todos os caminhos.

Sofrer é polêmica e dúvida sobre o fazer e o não fazer; o certo e o errado nas horas difíceis e ácidas. São obstáculos que dão sentido aos incômodos, para motivar a

busca do conhecimento sobre as nossas necessidades, limites e dar sentido ao que a dor propicia.

Encontro no livro *Perder a Vida*, de Paulo Hecker Filho, "... De tempo foram tecidos / e por isso nos revelam: / vivemos por ir sobrando / da morte de cada dia...". O sofrimento atrapalha o cotidiano e, através dele, descobrimos a importância em valorizar cada momento de nossa vida. Nada é mais importante do que sorrir e ser fiel a nós mesmos, não esquecendo quem somos e nossas verdades.

Observo que, muitas vezes, mantemos o sofrimento em que nos envolvemos, quando abrimos mão das escolhas, vontades e gostos. Atitude que não permite, nem dá espaço para vivenciar os detalhes dos dias que fazem diferença no viver.

Quando saímos do conforto, aprendemos com sofrimento a nos envolver com nosso próprio rumo, propagando o tempo ao encarar a verdade e o desejo de enquadrar as regras de cada dia, como se fosse o único. Paulo Hecker Filho questiona, "... A esta hora até se pode usar / a palavra desencanto. / Tanto silêncio inutiliza a alma / Para quê?".

Nosso mundo produz melancolia e sofrimento, em que nos coloca como culpados por tudo o que acontece. De que adianta nos colocar contra o sofrimento? Vivemos para diminuir a dor? Maura Lopes Cançado responde, no livro *O Sofredor do Ver*: "a vida na importância das formas em relação ao olhar... uma realidade além dos limites".

Data : 10/07/2018

Título : SOL para TODOS

Categoria: Crônicas

Descrição: Fênix pergunta: ?Onde começa o dia? Na claridade do sol ou no escuro da noite??

Fênix pergunta: "Onde começa o dia? Na claridade do sol ou no escuro da noite?" Nas áreas culturais há diversidade de pensamentos como foco de inspiração. Assim, o que se pensa sobre o Sol é escolha da cor e forma; como no bouquet do vinho, é onde começa o toque pessoal. O mais importante é fazer valer as palavras como arte, em que a escolha é a premissa. Carlos Pittela reflete, "... por que o sol é quadrado para alguns / bola esfera estrela... / até pétalas para outros / mas sol para todos".

Escolher é criar, conhecer e reconhecer o prazer que torna único cada momento do escritor. A hora da inspiração ao ver o Sol também é revelada nas telas de Benedito Luigi, em que pincela a claridade como reflexão do astro como vida.

Mas, meu fascínio é também pelas letras, como nas obras Sol sem Imagem, de Thomaz Albornoz Neves e, Lígia Fagundes Telles, com o livro Venha Ver o Por do Sol e Outros Contos. Descrevem o lado provocador em influxos de ideias com estilos próprios e temperamentos diferentes.

Tais obras revelam as facetas dos escritores: Lígia retrata o lado cruel da vida das crianças – sofrimentos e experiências; seus textos são da década 40 e 70 do século passado, neles mostra a vida além das aparências do dia a dia. Thomaz desvela as palavras em poemas concisos, considerados por Bruno Tolentino, “um mestre na arte do fragmento”, pois, em poucas palavras, diz muito, “Em silêncio / a passagem // Sol sem imagem”.

Thomaz e Lígia pincelam ideias na sequência de envolventes temáticas – poesia e prosa - que se entremeiam ora realistas, ora líricas, sempre sedutoras, porque cumprem a função de movimentar a literatura como cultura e, ainda, mostram o Sol para todos.

Vinícius de Moraes descobre e ilumina a figura do Sol, ao escolher que “Aqui jaz o Sol / Que criou a aurora / e deu luz ao dia / e apascentou a tarde. //... aqui jaz o Sol / O andrógino meigo / E violento, que // Possui a forma / De todas as mulheres / e morreu no mar”.

Data : 19/10/2016

Título : SOLHA, a FORÇA da CULTURA

Categoria: Crônicas

Descrição: Ensaio sobre “Os Livros de Arte” de W.J.Solha é pura cultura. Ele se filia a uma versão do real maravilhoso...

Ensaio sobre “Os Livros de Arte” de W.J.Solha é pura cultura. Ele se filia a uma versão do real maravilhoso. Ímpeto criativo e rico que, sem sombra de dúvida, se diferencia pela maneira como cria Sobre as Artes, com teor literário, na busca da confluência cultural.

Encantada com o ensaio e suas imagens; com a maneira como ele se infiltra na amplitude das associações de ideias; como ilumina cada situação vivida ao mexer com a memória e lembrar sobre a sua vida. Nós leitores ganhamos com a beleza e a cultura repassadas, que desafiam nossas vidas e, em cada caso, produzem resultados diferentes em circunstâncias diversas, alterando o cotidiano.

Solha descreve a Arte com conotação de metáforas recheadas de incomparável beleza no que lá vemos e lemos, pela sua capacidade de representar a força da cultura através de como ele a representa no papel, o que vai muito além da nossa imaginação.

Grande Solha, a quem o entendimento da arte deve ao trabalho de mostrar as passagens poéticas de importantes autores pictóricos, lembrando-nos da importância que tem em nossas vidas.

O Mestre, ao desafiar o traço, revela a importância da sua arte que, muitas vezes, passa despercebida no cotidiano. Ele nos coloca às voltas com a arte de escrever, ler e pintar ao “desenhar” a força da cultura, fazendo-nos repensar o jogo do passado e do presente como referência da vida. Ainda, estimula-nos a raciocinar além dos padrões convencionais sobre os conceitos, o gosto, o diferente, os tons, o que foi e o que é, como parte do tempo em que os ideais iluminam a história.

Apropriamo-nos da força cultural de Solha, que a sua riqueza está na conscientização e interesse em mantê-la viva.

Data : 20/10/2018

Título : SOLIDÃO

Categoria: Crônicas

Descrição: Às vezes, sinto um aperto no coração, chega ao peito a solidão que me faz pensar que sou invisível.

“Com certeza: / para a pobre palavra solidão / a solidão da palavra: homem...”.

(Mário Chamie)

Às vezes, sinto um aperto no coração, chega ao peito a solidão que me faz pensar que sou invisível. Ninguém me escuta. Pergunto-me, de que vale ter ele por perto, se cada um vive em seu mundo? O que realmente importa? Já quebrei os discos e matei o passado. De tudo, sinto falta de ouvir os poemas, as queixas e de tê-lo por companhia. Segundo Dante Milano, “... Lembranças, não antigas, mas presentes. / Lembranças, não saudades, as ausentes...” E Álvaro Moreyra descreve, “As amargas Não... Lembranças”.

Quando estou só, surpreendo-me pensando em você. Meu sentimento desperta a alma e enfeitiça minha vida com a inesquecível melodia em que Mario Quintana conta em versos a nossa história, “Na solidão na penumbra do amanhecer. / via você na noite, nas estrelas, nos planetas, / nos mares, no brilho do sol e no anoitecer. / Via você no ontem, no hoje, no amanhã... / mas não via você no momento. / Que saudade...”.

Desfaço o nó da solidão, quando me amparo na lembrança, sem preconceito. O tempo deixa de existir. Sou minha própria companhia, onde a solidão é um repente que o coração sente no pulsar a vida. IG de OL pergunta, “É sonho? / Não, o silêncio é que fala comigo...”. E Gabriel Garcia Márquez diz no livro Cem Anos de Solidão, “tudo é questão de despertar a sua alma”.

Tresloucada, troco o carinho por uma companhia: como a noite escura sem lua; o sonho destruído pelo vento; o orvalho transformado em pranto; a ilusão perdida ao refletir a minha solidão. Nas palavras de Getúlio Zauza, “... Sentindo-se sozinho, / Segue

pelo da autodestruição / E pouco a pouco se destrói / Ou volta seu espírito-olhar / Ao caminho antes percorrido, / Remove as cinzas do passado / Age como Herói / E sente-se um bem aventurado”; e, nas de Cecília Cassal, “... memórias que o tempo tece / nem sempre têm tons leves // às vezes molham os olhos. // Noutras, // Vincam a pele”.

Sou ressonância da canção da ausência, única e especial, em que traduzo o sentimento, marco passos e encontro o pó acumulado em minha vida. Reúno a solidão e o sonho no vazio da quietude mágica. Américo Conte descreve, “Não consigo lhe esquecer. / O que faço sem você? / Os meus dias são de melancolia / e minhas noites de martírio / quando solitário vou me deitar...”

O que faço sozinha com as lembranças? Teço o nada e transformo os dias em noites. Percebo inúmeras diferenças entre o mundo das emoções e a realidade; no meu tear está a desilusão. Então, reprimo os ideais e as ideias; carrego as imagens do sofrimento. Não driblo a solidão e nem disfarço a saudade dentro de mim, como retrata IG de OL, “... Desnudo a solidão das coisas / e volto a viver na companhia da / minha própria incúria”.

Data : 11/01/2014

Título : SOLIDÃO NUA

Categoria: Crônicas

Descrição: A solidão é considerada um referencial do homem moderno. Na solidão nua encontro a reflexão ?esquecida? como conhecimento para alcançar a proposta do ato de pensar ? arte pelo jogo de luz e sombra.

“Este verso, / antes de luzir, / perde a graça. Este poema / antes de me rir, / abre a bocarra E me espanta o juízo, /

a fechar-me os lábios / deixando-me zozzo, / a espiar o dia, / sonhar o nada.”  
(Clauder Arcanjo)

A solidão é considerada um referencial do homem moderno. Na solidão nua encontro a reflexão “esquecida” como conhecimento para alcançar a proposta do ato de pensar – arte pelo jogo de luz e sombra.

A nudez da solidão tem a tendência de seguir pelo caminho onde o homem se sente preso na carga dramática e, ao mesmo tempo, sente-se livre da teia, das máscaras, num desejo de superar o espaço para sair das limitações da tela e do papel.

Ao ler uma obra de arte é preciso refletir, discutir sobre as impressões do “novo” e isso está em falta, porque o homem está sempre em busca do derradeiro sentido da vida. Por isso, vagamos só e presos na solidão de nossas verdades; presos aos sentidos das nossas ações e discursos.



A solidão nua é atual e a sua característica é a angústia, isto é, ela se apropria do lugar escuro, numa espécie de revirar o lado claro das aparências. Como em Getúlio Zauza, "As ilusões que poderiam ser minhas / Já nasceram mortas quando nasci / Tive que viver a realidade nua / Não tenho queixa, só gratidão / Pelos percalços encontrados no caminho. / Bem digo a minha solidão, / Pois reconheci: cada um é sozinho / Mesmo cercado pela multidão. / Em verdade o Homem é um ser solitário / E por ilusões é dominado. / Sonha que ama, quer ser feliz / Queixa-se de não ser amado..."

Sabemos, que o mundo em que vivemos traz consigo o silêncio que nos enriquece, podendo nos levar à solidão nua onde os absurdos diários sobrevivem em valores que se eternizam em diferentes dias, como em Pedro Du Bois, "Se estiver sozinho / o ouvido treina / ouvir a solidão / do destino / fechado no quarto / de apagada luz / em cerradas cortinas"; e Benedito César Silva, "...Hoje, ao focar em mim, / Não me reconheço. / O tempo que valeu a pena passou. / As sombras não me consomem, / Delas sou parte integrada".

Data : 20/05/2016

Título : Somos Perguntáveis

Categoria: Crônicas

Descrição: Publicação no Edaí Blog:

<http://edai7.blogspot.com.br/2016/05/somos-perguntaveis.html#more>

Data : 30/01/2014

Título : SOMOS PERGUNTÁVEIS

Categoria: Crônicas

Descrição: Pablo Neruda, no O Livro das Perguntas, com ilustrações de Isidro Ferrer e a tradução de Ferreira Gullar, chama a atenção para as diversas perguntas que, diante do mundo, tem sabor de poesia.

Pablo Neruda, no O Livro das Perguntas, com ilustrações de Isidro Ferrer e a tradução de Ferreira Gullar, chama a atenção para as diversas perguntas que, diante do mundo, tem sabor de poesia. Como, “Porque as árvores escondem / o esplendor de suas raízes? Porque se suicidam as folhas / quando se sentem amarelas? Que dirão da minha poesia / os que não tocaram em meu sangue?” “Posso perguntar ao meu livro / se é verdade que o escrevi?”

Somos perguntáveis por que em todos os momentos da vida o questionamento é importante, como demonstração de interesse, crescimento e mudanças; sem contar que as dúvidas sempre estão alojadas, ao longo do tempo, como parte da nossa concentração. “Quem me mandou escancarar / as portas do meu próprio orgulho? “Quem é aquela que te amou / nos sonhos enquanto dormias?”

Neruda, com propriedade, faz uma enxurrada de perguntas e o livro fica parecendo uma criança perguntando sem parar; assim, leva o leitor a pensar na vida. “Porque nos tempos escuros / se escreve com tinta invisível? De que cor é o perfume / do pranto azul das violetas?”

Outro marco nas perguntas é que elas podem se repetir, refletindo um dos sintomas da cultura: a curiosidade. Somos motivados pela curiosidade e moldados pela sociedade para gostar de uma coisa ou de outra. E ainda, somos movidos pela flexibilidade, apontada como facilitador nos questionamentos. A indecisão também é bem vinda ao mundo das perguntas, pois libera a expressão e não atropela seus próprios limites. Aprendemos a admirar ou a repelir, que fazer perguntas significa descobrir e construir. “Como se chama a flor / que voa de pássaro em pássaro? Onde fica o centro do mar? / Por que não vão até lá as ondas?”

As inúmeras situações que o autor questiona no livro substituem a dor do silêncio, onde escondemos o medo, mas, que ao se revelar em curiosidade nos remete às conquistas e é nesse momento que nos entregamos a algo mais fluido e menos delimitado. “É verdade que a tristeza é larga / e estreita a melancolia? Com as virtudes que esqueci / posso fazer-me um traje novo? Sofre mais quem espera sempre / ou quem nunca esperou ninguém?” Trocar ideias com alguém significa mudança ou juízo de valor?”

Somos perguntáveis, porque aguça o debate e nos ajuda a ter voz e a entender a sociedade e, ainda, nos permite conhecer o desconhecido: “É verdade que de noite voa / sobre minha pátria um condor negro? E o onde o espaço termina / se chama morte ou infinito?”

As perguntas nos encaminham para debater os assuntos na busca de novas experiências, ao romper as barreiras; mais, nos revelam o desejo para com outras pessoas e o desafio para encarar o tema: “E que importância tenho eu / no tribunal do esquecimento?”

O ato de perguntar está em Neruda, que mostra como é necessário dar voz ao que se deseja e ao que se sente. Também, cria a sensação de que, sempre e sempre, temos muito a explorar e, com as perguntas, renovamos e saboreamos a liberdade do pensamento como desejo de ir além do limite ao concentrar-nos em alargar fronteiras,

para alcançar respostas expressivas no momento do desafio ao novo: “Por que voltei a indiferença / do oceano sem limites? Em qual janela fiquei / olhando o tempo sepultado?”

Pablo Neruda, na obra, busca reforçar vínculos com as palavras ao diversificar as perguntas que iluminam e provocam a nossa voz ao mostrar as tantas “verdades” das expressões. Colhe um fragmento aqui e outro ali, e tudo parece simples ao tempo comum: o ontem e o hoje revelando as dúvidas do nosso viver. “Não será nossa vida um túnel / entre duas vagas claridades?”

O Livro das Perguntas é interessante e ideal para aumentar a comunicação em diversas situações; permite ao leitor a reflexão ao destacar as diferentes vozes na conclusão de que somos perguntáveis. “Onde está o menino que eu fui? Está dentro de mim ou se foi? Onde termina o arco íris / em tua alma ou no horizonte? Que mais pesam na cintura, / as dores ou as recordações? Onde encontrar uma sineta / que soe dentro de teus sonhos? A quem posso perguntar / que vim fazer neste mundo?”

Data : 27/03/2020

Título : SOMOS ÚNICOS

Categoria: Crônicas

Descrição: O que consigo preservar ao viver?

O que consigo preservar ao viver? Guardo quantos segredos? Quantas mentiras escuto? Quantas listas de prioridades faço por ano? Quantas pessoas acreditam em mim? Quantas palavras repito dia após dia? Quantas vezes perco minha personalidade e me transformo em personagem? Quantas vezes rompo com a paz? Quantas vezes ouço desaforos e permaneço em silêncio? O que escondo do passado, quando fujo do aconchego? Quantas vezes meu consolo não passa de ilusão? Pablo Neruda indaga, “Florescem as plantas dos sonhos / e amadurecem seus frutos?”.

As histórias que vivo parecem alheias ao meu mundo. Por vezes, consigo alcançar a essência de maneira a sentir como minha. Outras são apenas ilusões e esperanças de que o amanhã seja tocante e surpreendente. Nas palavras de Carmen Presotto, “Liberta / morro / Lúcida / soffro // Louca em minha agonia / Reviro momentos para viver”.

O dia perpassa pensamentos repletos de dúvidas, na sensação de que vivo entre o bem e o mal, o confiável e o inconfiável, a justiça e a injustiça. Não sei explicar como aguento os fatos inventados, que os absurdos permanecem em cada ação e palavras ditas como inverdades.

A “verdade deles” prevalece na força de trajetória que não tem volta e apenas reviravolta as minhas perspectivas. As atitudes que levam à desigualdade social diminuem a certeza e aumentam a vulnerabilidade social, impedindo agir de forma a possibilitar a vida num

mundo melhor. Para Álvaro Pacheco, “... Tenho os pés presos no ar / meu coração se desgasta: / sou livre no meu destino / de perder-me ou dizer basta”.

Mesmo assim, busco evoluir entre a insegurança e os problemas, porque sou única.

Data : 13/01/2016

Título : SONHAR

Categoria: Crônicas

Descrição: Perco o prumo, saio do rumo, fico sem cor quando sonho com a vida. Fico surpresa ao ler poesia e sentir mudanças, como novas maneiras de sonhar...

Perco o prumo, saio do rumo, fico sem cor quando sonho com a vida. Gosto de ouvir o som do mar, dormir ao luar. Ao usar os sentidos percebo cada detalhe do mundo. Fico surpresa ao ler poesia e sentir mudanças, como novas maneiras de sonhar, como se reservasse um segredo. É o que encontro em Márcio Almeida, no poema Alívio. Ele transforma os padrões e me surpreende como dono do tempo – o presente no futuro – daí rompe os sentidos tão “sedentos” de sonhar. O meu rumo segue as palavras do escritor, como a leveza da brisa e a fúria do vento.

“Uma noite sem pernilongo... / uma chuvinha com raios e trovões em meio a madrugada, /um jornal de TV sem bala perdida, / um dia sem falta d’água, / um consenso no Congresso a favor do povo, / um dia sem apagão //... um programa de TV sem apelação do sexo, / um político pronunciando a palavra” nós”,/ uma música que não seja só sertanoja ou funk, /... uma religiosidade sem as peias do fanatismo,/ uma manifestação pública sem os excessos do rancor...”

O prumo do poeta é a esperança como luta pelo ideal. Mostra obstáculos intransponíveis e não trai seus princípios: justiça, liberdade e humanidade. Vejo que as nuvens encobrem o sol quando sonho uma vida sem barreiras, mas, tenho certeza de que o sol não desaparece, nem as ideias deixam de serem ares de esperança.

Olho para o mar e vejo que Márcio não se encontra sozinho; seu poema representa a perseverança e a atitude, para não sofrermos sem necessidade na busca do sonho.

“... um único dia sem competitividade humana, /um único dia sem cometer devassa na natureza, //... um instante para lembrar que a poesia (ainda) existe”.

O Poeta “grita” em favor da vida, ao retratar palavras que espelham momentos de ambição capitalista e, assim, revela seus direitos.

“... um atendimento no SUS sem omissão, /uma ida ao supermercado sem inflação, / um livro bom que não seja best-seller, /uma taxa que não tenha desempregos, / uma redação do Enem que não tenha nota zero...”

No ar pesado e o mar denso, estremeço ao pensar que os homens tornam a vida em lugares vazios, onde o “sonho acabou”, como canta Gilberto Gil.

Insisto em sonhar porque acredito na existência da justiça, do amor e de palavras como “honra”, para eu descobrir o prumo e o rumo ao crer no ideal e, juntos, lutarmos por ele.

“... uma bandeira branca contra as guerras pelo mundo,/... um espelho para a transparência... / um instante para lembrar que a poesia (ainda) existe”.

Flutuo na brisa, navego em ondas onde encontro a poeira que espalha o sonho. Retorno e passo o tempo buscando a igualdade, a honestidade e a lealdade e, ao mesmo tempo, procuro descobrir por que a vida testa o meu sonho.

Data : 27/09/2018

Título : T. S. ELIOT: A Poesia

Categoria: Crônicas

Li o artigo de Daniel Piza, onde o poeta e ensaísta T. S. Eliot, apresenta em forma de pergunta a sua poesia, “Onde a vida que perdemos no viver? / Onde a sabedoria que perdemos no conhecimento? / Onde o conhecimento que perdemos na informação? “

T. S. Eliot foi um escritor americano do Século XX que, em apenas um poema, me fez perceber a dimensão que alcançou e que é ainda atual, fazendo-me perceber o quanto vivemos num mundo com “informações a toda hora” e como isso pode nos deixar confusos.

Eliot consegue em seu poema mostrar três níveis distintos: a informação, o conhecimento e a sabedoria. E que cada um tem seu lugar certo. Muitas vezes é classificado como “informação”, o que deveria ser chamado de “dado”. Isto é, quando você sabe apenas uma informação, então terá um dado; quando você sabe qual o papel essencial, um dado contextualizado, então terá a informação. E quando você tem um conjunto de informações no seu valor específico, então, terá o conhecimento.

A sabedoria é o conhecimento transformado em modo de vida. É manter a opinião aberta para que o conhecimento seja sempre revisto.

Eliot pergunta: "Depois de tanto conhecimento, qual o pecado?" Ter muito conhecimento não é pecado. Acesso às informações, já temos; falta saber o que fazer com elas. Pecado é não repassar as informações adquiridas. Sábio é tornar a informação uma fonte de conhecimento que inove o modo como se interpreta a vida e, ao mesmo tempo, duvidar da transformação da informação em conhecimento, entendendo as manifestações como patrimônio da nossa cultura.

Para Eliot, segundo Ivan Junqueira, "não existem palavras mais ou menos belas... seriam apenas as que se adequassem no contexto da estrutura poemática - é um devoto da tradição que quebrou os moldes tradicionais para dar novas formas à poesia inglesa."

Data : 08/01/2013

Título : TALVEZ...

Categoria: Crônicas

Descrição: É curioso o destino que a palavra Talvez recebe dos escritores. Eles misteriosamente optam pela multiplicação do silêncio, do que o multiplicar das páginas. Talvez... são dúvidas que abrem caminhos.

Talvez a felicidade / não possa ser descrita, dita / cantada em prosa e verso."

(Pedro Du Bois)

É curioso o destino que a palavra Talvez recebe dos escritores. Eles misteriosamente optam pela multiplicação do silêncio, do que o multiplicar das páginas. Talvez... são dúvidas que abrem caminhos. Algumas interpretações são inevitáveis na busca pelo reconhecimento da sua natureza, fazendo-as desvendar aos olhos do leitor.

"... Quem sou, quem és, quem somos nós / Neste Universo tão confuso e imaginário / Talvez um pedaço da natureza, não estamos sós." (Carlos A. Lima Coelho)

"... talvez volte a si / em seus últimos instantes / mas seja tarde // talvez reaja antes / e consiga salvar-se / em cataclismo..." (Eduardo Barbosa)

"Talvez nem tenha nascido, / Dedicar, pois, teus poemas. / Não a datas, porém: / As almas não entendem disso..." (Mário Quintana)

"... Um dia impossível de escolhas. / Talvez um domingo chuvoso, abafado. / Ou uma Sexta-Feira que me acordasse no Domingo..." (Carmen Sílvia Presotto)

“Talvez eu seja mesmo astuta e disso não sabia. Quem sabe, eu sabia de tudo e não dizia nada para não fazê-lo explodir no alto e esborrachar-se feito sapoti que cai do galho ou apagar-se em sua escuridão?” (Nilto Maciel)

“... Talvez porque ainda a amasse. Talvez. Como dói o indeciso tempo do “talvez”. Pior que essa dor apenas a conformada certeza dos amores eternos.” (Mia Couto)

Entre múltiplas facetas, os escritores, na possibilidade da dúvida, falam da verdade, dos sentimentos que trazem harmonia e cria um estado próprio, eles assumem, em certos momentos, a tarefa de criar poeticamente e evidenciar a linguagem de si mesmos. É preciso lembrar que os poetas são capazes de fazer coincidir o discurso e o silêncio e, ao mesmo tempo, propiciar ao leitor conhecer as suas preferências, idiossincrasias e seus valores literários que marcam seus trajetos intelectuais e poéticos. Nesse movimento, encontro o livro TALVEZ..., de Lilian Hellman, onde se percebe que a verdade é o ponto de equilíbrio, permanecendo inalcançada e imbatível, como a vida. Ela costura as palavras, filosoficamente, de maneira encantadora e atrativa, relatando a história de Sara Cameron, com a intenção de talvez podermos compreender e reconhecer a verdade.

Talvez devêssemos reconhecer que são muitos os sentimentos presentes e que é difícil imaginar a vida sem talentos literários que personificam os personagens com os mistérios do homem. E o papel do escritor está consagrado na contribuição cultural, ao ir além, reforçando e transformando a verdade.

Talvez, o melhor para a nossa imaginação inquieta seja relembrarmos o poeta António Ramos Rosa: “Deixe as palavras caírem.. vazias / Talvez uma forma silenciosa / se liberte / Talvez elas repousem no espaço / Talvez melhor do que o / silêncio / nesta folha... // Talvez nada se passe / ou quase nada e isso seja o todo do que é / que nunca é.”

Data : 25/04/2017

Título : TALVEZ... (II)

Categoria: Crônicas

Descrição: Talvez ser o centro das atenções exija coragem. Talvez os opostos se atraiam e se completem.

Talvez ser o centro das atenções exija coragem. Talvez os opostos se atraiam e se completem. Talvez haja sintonia perfeita entre a razão e a emoção. Talvez as palavras transformem a folha em branco. Talvez renove votos com a vida. E reencontre como em Pedro Du Bois que, “Talvez a felicidade / não possa ser descrita / escrita dita / cantada em verso e prosa”.

Apesar das promessas tentadoras, preciso ponderar antes de aceitar o talvez... Para começar é mais seguro identificar e acreditar que é melhor o talvez... Como encadeamento do cotidiano. Outro ponto é necessário que o talvez comprove a dúvida alardeada como solução mágica e ilusória, como retrata Júlio Perez, "... Talvez... // Quem saberá dizer / onde iremos... / após tantos anos / de perseguição? // A vida é isso: / um pouco certeza / um pouco ilusão...", e Helena Rotta de Camargo, "... quem me fará a gentileza / de conduzir-me de volta / à operosidade dos ninhos, / onde as ilusões eclodiam?"

Sei que o talvez não realiza o milagre, nem atinge o objetivo. Não equilibra a rotina. Mas, preciso avaliar para saber se a promessa é a opção que realmente desejo. O melhor a fazer é me desafiar para conquistar os benefícios obtidos através dos meus estímulos e da minha competência. Pedro Du Bois demonstra que "O dia seguinte / traz embutido lembranças / do que poderíamos ter feito / e não fizemos. //... O dia seguinte é o crítico / da nossa covardia: / consciência maldita / do que jogamos fora".

O que me diferencia é a posição e a postura diante da promessa não realizada e do talvez... Com o tempo, explorando a realidade, menos dúvidas tenho para seguir o meu estilo; maior a possibilidade de saber aonde pretendo chegar. Tenho o direito de ser eu mesma. Nada de talvez... Sim, de me decidir com a responsabilidade, fazer a diferença e alcançar o objetivo; para isto, preciso da inspiração para talvez ser lembrada no melhor de mim, mesmo que a forma seja encontrada na música de Belchior, eternizada por Elis Regina, "Ainda somos os mesmos e vivemos como os nossos pais..."

Data : 07/07/2020

Título : TANGÊNCIA

Categoria: Crônicas

Descrição: Se ainda nos resta um pouco de amor próprio, por que não respeitamos as diferenças para com o próximo?

Se ainda nos resta um pouco de amor próprio, por que não respeitamos as diferenças para com o próximo? Por que nos enredamos em teias que não nos levam a ter dignidade? Por que pensamos apenas em juntar dinheiro?

Com estas questões percebo que na vida o centro das atenções é guardar e investir dinheiro, para depois consumir.

Precisamos descartar as desculpas e passar a concentrar na mesma tangente, atingindo o ponto de escolha, para nos relacionar com as pessoas. É necessário avaliar os benefícios em conjunto com os nossos valores, princípios e escapar das teias em que indevidamente nos enredamos.

A melhor ferramenta para viver está na comunicação, com ela podemos conquistar os objetivos e reconhecer a importância de quem está ao nosso lado e em sintonia



conosco. Escreveu José Eduardo Degrazia, "... A vida é essa luz tão fria / que o coração alumia, / desta mão que aperta a tua / o calor que te percorre...".

Este é o ponto em que duas tangentes se tocam para reconhecer os esforços e alcançar a realização vivencial; fortalecer os laços para alinhar a vontade e o entendimento em nossos momentos.

Sabemos ser difícil construir sozinho um mundo melhor; quanto precisamos do outro para enfrentar as palavras de ferro e fogo e superar a tensa vida em que estamos: somos vítimas fatais do Covid-19. Nas palavras de Degrazia, "Não pergunte sobre a vida / quando a morte se avizinha, / ela foi faca fina / que o teu peito acaricia...".

Data : 25/04/2017

Título : TANTAS PERGUNTAS PARA MEIA RESPOSTA

Categoria: Crônicas

Descrição: Tenho perguntas que, no meu coração, refletem a nossa trajetória: O que nos faz feliz?

Tenho perguntas que, no meu coração, refletem a nossa trajetória:

O que nos faz feliz?

Ó beleza, onde está a nossa verdade?

Somos reflexo da nossa infância?

Que criança resiste a um belo livro?

Quantas sombras tem o homem?

Por que o silêncio não silencia?

Quantos editores escutam a voz do leitor?

Todos os homens tem alma feminina?

Encontramos arte nos retratos pintados?

Sabemos os limites da vida na face oculta?

Em que palavras materializamos a espera?

O mundo é desenhado só para os homens?

Por que os homens não escutam as mulheres?

Que significado existe além do bem e do mal?

Por que passamos a vida sem sermos notados?

Temos tempo para amar a quem nos ama?

Como esquecer se não deixamos de lembrar?  
Desejamos segredo além do contido nas expressões poéticas?  
Quem nunca sentiu a saudade cortar o peito como aço de navalha?  
Onde e quando poemas passam a fazer parte da vida?  
O tempo é fronteira entre o que lemos e o que poderemos ler?  
O que se revela ao decidirmos caminhar para sentir o vento?  
Precisamos desejar ou sonhar para dar tempo ao tempo e hora ao instante?  
Acostumamos passar poucas horas por noite sobre os travesseiros?  
O amor, as lembranças, os vícios e os amigos tem prazo de validade?  
Que país é este que chora quando a seleção de futebol é desclassificada e a perda dos intelectuais é chorada apenas pelos amantes da cultura?  
Provocar a felicidade é o que precisamos para não atrapalhar o dia a dia?  
Nossas palavras são ponto de partida para o texto, como a liberdade é pretexto para viver?  
A vida sem carinho nos faz pessoas esvaziadas de páginas em branco?  
A natureza posa para nós, fala conosco e captura nossos sentimentos?  
Mudanças inflexionam a história ao indagar se somos ricos ou endinheirados?  
No mundo de relações virtuais vivemos a impessoalidade, pois, a atitude é que faz a diferença. Nosso poder reside nos pequenos gestos do cotidiano, em resposta ao confronto com a vida, que pode transformar os fatos a qualquer instante, como em Getúlio Zauza, “Me pergunto: será a vida sonho acordado? /  
E se a humanidade em verdade viver sonhando? Haverá tempo suficiente para despertar?...”.

A resposta é algo que desperta interesse, tal a liberdade e a paz; tudo começa quando respondemos as perguntas ou, pelo menos, nos perguntamos sobre as dúvidas.

Para Pedro Du Bois, “Na resposta observo / a pergunta pronunciada / ágil lâmina / trespassada / ao passado / não pode a resposta resolver / comandos negados na pergunta”.

Data : 28/08/2019

Título : TEATRO DO ABSURDO

Categoria: Crônicas

Samuel Beckett é um dos grandes autores do teatro do absurdo. Penso o absurdo como algo construído e montado artisticamente. Para a minha surpresa encontro o absurdo nas cenas diárias; engulo a indulgência, a ironia e as ideias preconcebidas e preconceituosas.

Vivo e convivo com o absurdo e, por vezes, me calo pelo “absurdo” da situação: exagero nas reações e palavras. Para Leonard Cohen, “... eles originaram antes que nós fizéssemos/ reféns naquele real campo vazio que povoamos / com as sombras que inquietam nossa paz interior”.

Comparo à cena de ficção, em que há o absurdo da maldade, da grosseria e do julgar, como a cena assistida num supermercado: “Lugar de velho é em casa”, disse a mulher em alto tom ao meu amigo, que não a permitiu “furar” a fila. Gostaria de não haver presenciado a cena, que representa o teatro do absurdo (dos humores) em que estamos inseridos.

O surpreendente é que noto que os absurdos trazem a referência do lugar de origem, pois, estão inseridos na televisão, estádios de futebol, cinemas, pontos de ônibus e em filas... E, até em escolas.

O que podemos esperar do viver se as pessoas não têm limites e nem paciência para encarar as dificuldades? Cohen questiona, “quantos mais devem arranhar e escavar o mundo de mil maneiras diferentes só para estabelecer uma mínima conexão com suas próprias vidas?”.

A tensão entra na cena cotidiana para assinalar a situação e os anseios mudam para pior, gerando insatisfação. Pergunto, onde está o respeito e a admiração pelo outro, se as pessoas demonstram suas insatisfações no desajustar a expectativa com que buscam nas discussões e cobranças pelo impossível no próximo?

O teatro dos horrores alcança a frustração no relacionamento, quando a competitividade se confunde com o bem viver. Cada vez mais acredito nas atitudes por trás dos hábitos de cada um, que a convivência exige valores e envolve renúncias.

É preciso atingir maturidade e conhecimento, para tolerar e compreender as diferenças nas cenas do teatro do absurdo: preservar o certo em oposição ao errado, o verdadeiro do falso e encarar o quanto isso nos afeta. Estaríamos prontos para participar ou assistir ao teatro do absurdo? Leonard Cohen reflete, “Há uma luz nua em cada palavra”.

Data : 20/05/2013

Título : Telefone Celular: reflexo ou refluxo do tempo?

Categoria: Crônicas

Descrição: Antigamente quem falava sozinho na rua era considerado “louco”. Hoje as pessoas consideradas “normais” falam ao celular o tempo todo.

“A vida é que nos tem: nada mais temos”.

(Orides Fontela)

Antigamente quem falava sozinho na rua era considerado “louco”. Hoje as pessoas consideradas “normais” falam ao celular o tempo todo. Arrisco dizer que a tecnologia mudou os costumes da nossa vida breve e passageira e, como resultado, o tempo passou a ter valor em si. As “coisas” têm de andar depressa, caso contrário as pessoas se aborrecem. Somos condicionados a nunca parar de acumular; juntamos de tudo: dinheiro, sons, experiências, conhecimentos, palavras... Chegamos até a mudar a nossa inserção no tempo. Parar é chatear-se. Gastamos o tempo na gula de consumir, chegando ao ponto de criar dependências: telefone celular, reflexo ou refluxo do tempo?

Atualmente as pessoas usam o aparelho como se ele fosse peça de seu complemento. Por que de repente todos que têm pressa? Maria Helena Latini diz que “o tempo, / sempre pela tangente, / escapa / e corre para sempre, / escorre / para sempre”.

De quantas incertezas precisamos para aproveitar o momento e não nos iludir em correr atrás do tempo ou à sua frente? A razão de estar aqui não é aproveitar os benefícios do tempo, como ao ler o conto Vibra Celular de Carlos Higgie e a crônica O Telefone de Rubem Braga? Ou o livro Os Objetos e as Coisas de Pedro Du Bois, que poetiza “...O telefone é um objeto através / do qual as pessoas se desatendem...”

Vale lembrar que Antônio Carlos Jobim sempre andou na contramão da pressa e, através de suas obras, transmitiu a todos o valor da “aventura humana” que, para ele, significava valorizar e observar a natureza e os animais; vivenciar a poesia e a música. Pedro Du Bois expõe razões para estar: “o sentido é estar aqui / em cada dia / gozar as benesses do tempo / contente em cada olhar / em que aproveita o instante e não se ilude com futuros...”.

Vejo o telefone celular como reflexo da realidade, e o tempo em refluxo muda rapidamente; então, procuro preservar os momentos, confrontando-me com as sombras que se cruzam em minhas atitudes, pela consciência das incertezas vividas e a tecnologia como maior sensação: momento para brilhar e transformar o refluxo do tempo no reflexo.

Penso que para a manutenção da vida é preciso encontrar tempo para contemplar e perceber o que acontece à nossa volta, sem pressa. O grande desafio misterioso, interessante e inquietante é a busca pela novidade, justificando que o homem pode saborear a vida de maneira confiante e positiva, desde que faça do refluxo deste mundo sem tempo, um mundo imaginativo, contribuindo para que a tecnologia se reflita na vida; assumindo brilhos onde frui novas experiências com atitudes livres e criativas. Porque a sombra é o avesso do reflexo e a vida só se completa com a transformação do tempo. E o telefone celular, é reflexo ou refluxo do tempo?

Data : 06/03/2016

Título : TELEVISÃO

Categoria: Crônicas

Descrição: A sombra chega, entra nas casas e nos enlouquece com suas arquiteturas oscilantes...

A sombra chega, entra nas casas e nos enlouquece com suas arquiteturas oscilantes; regride com os interesses pessoais e entre as fendas rouba-nos o sorriso e o tempo. Quanto mais brilho na tela, mais perdidos estão nossos sentidos. Leila Mícollis revela, “Quando por fim dei trela / e disse:- use e abuse -.../ preferiste ver novelas...” E, Nilto Maciel comenta, “O povo gosta mesmo é de ação e intriga. Em razão disso, se dá a grande audiência das novelas de televisão”.

Uma voz do outro lado da tela pergunta: quem está me assistindo? O que resta de nós na ameaça é o delírio causado pela transmissão do veneno com que a televisão mostra peripécias de figuras enraizadas no imaginário coletivo, onde pessoas se abalam, porque tem a opção de não ligar o aparelho, mas ligam sempre e sempre, substituindo o diálogo e a leitura. Para Mario Quintana, “Se cada um de vós, ó vós outros da televisão / abrisse um livro de poemas.../ Faria uma verdadeira viagem...”

É lamentável pessoas troquem a leitura por horas diante da televisão, fica prejudicada a criatividade e desencadeia comportamentos sem ressonância do ponto de vista pessoal. Sim, a TV é competição constante a distorcer o reflexo da alegria e da tristeza; o branco e o preto; o bom e o ruim; o pobre e o rico; impõe suas verdades como realidade, em (in)diferentes personalidades ao passar a cultivar “looks” que se misturam em inconciliáveis normas da vida. Mario Quintana expressa, “Porque prender a vida em conceitos e normas? / O Belo e o Feio... O Bom e o Mau...Dor e Prazer / Tudo afinal são formas / E não degraus do Ser!”

A televisão invade fronteiras entre idades e faixas etárias nas programações do que apresenta. Escancara sobre o sexo e a sexualidade. Fala de “transas” sem compromisso com o tamanho do “estrago” causado no telespectador. Faz do amor um ato leviano e passageiro. Reinventa a idade ao desfilar versões simbólicas do homem e da mulher “moderna” - que não “teria” medo de ser feliz - para o delírio (no sentido literal) dos telespectadores, pois, no cotidiano tudo é pesado, pensado e estruturado para chegarmos ao objetivo tanto emocional, quanto profissional. Nas palavras de Júlio Perez, “... Às vezes / fico paralisado / na tentativa... /são tantas vozes! / Serão fantasmas? / Serão duendes? / Serão anjos ou / demônios? / Me ajudarão na inspiração? / Me aproximarão da vida?/- ou dela/ me afastarão?//...”

O que me causa preocupação, além das já referidas, é que os telespectadores são considerados apenas consumidores em potencial; as programações atendem sempre a interesses comerciais e político-sociais. Tal influência na sociedade revela o baixo “nível” de conhecimento, não sendo capaz de reconhecer que há atitudes desequilibradas demonstradas através da agressividade fantasiosa em sua plenitude, quando opiniões e visões expostas não coincidem com a realidade. Márcio Almeida na crônica Televisão e Violência diz, “...os programas alimentam uma forma paranoica de relação com a realidade social que os circunda...”

A programação televisiva apresenta uma realidade irreconhecível, com o que pretende redesenhar e reconstituir a nossa vida. É “furacão” de única mão, fazendo

barulho e destruindo nossos dias no revelar cantos de persuasão trazidos pela velha e sinistra máscara dos “poderosos e conquistadores do vento e do tempo”. Alexei Bueno questiona “Que guardaremos disso tudo? A guerra / Inconcebível entre o horror e o encanto, / Ou o ancestral silêncio, ou o ágil canto / Que o tem por tema?”

A televisão resiste ao tempo sem espelhar a memória do que presenciamos de verdade. É reflexo vazio de vestígios indomáveis das paisagens sombrias: aqui é doce, na TV é amargo e, do que é verdadeiro, na TV é falso. Assim, ela continuamente envolve o telespectador e suga a sua vida em função das metas ideológico-comerciais. Papel que interessa a quem? Júlio Perez retrata, “Um homem se despe de suas roupas / Um homem se despe do seu orgulho / Um homem se despe da vaidade // ...Um homem se despe do seu corpo / Um homem veste sua alma. //... Um homem se despe da sua vida / e a vida... uma mentira”. Mario Quintana alerta, “É o que dá ver tanta televisão. Simples – esquecemos de tentar ser felizes de uma forma mais realista...”

Data : 25/04/2017

Título : TELEVISÃO

Categoria: Crônicas

Descrição: Há quanto tempo você recusa convites dos amigos para sair e para festas? O motivo é sempre o mesmo: amarrada em novelas.

Há quanto tempo você recusa convites dos amigos para sair e para festas? O motivo é sempre o mesmo: amarrada em novelas.

Penso que a novela, além de mostrar luxo, moda, felicidade fácil, violência e sofrimento, com prazo de validade, não inventa novas metas, não dá espaço para você pensar e nem responde à realidade do viver. Não traz o inusitado para despertar a curiosidade na construção da vida.

A televisão paralisa. O telespectador se permite passar o tempo sozinho em frente à tela. Não participa e nem sente vontade de vivenciar algo novo e especial, como sair com os amigos. Quando a novela termina, olha ao redor e, a se ver no espelho, não sente satisfação, porque nada é tão bonito quanto aparece na novela, gerando insatisfação em relação à realidade; porque, em Rinaldo Leite, “... Que poesia seja / Nosso bem patrimonial, / Ao contrário da TV. / Que causa morte cerebral”.

Indago: por que é fácil nos dias atuais ficar amarrada na TV? Se em cada cena são impostas inverdades e, deixa você sem tempo para sentir saudades dos amigos e dos encontros?

Tenho razões para acreditar que essa amarração impede você de perceber a solidão, a ponto de falhar em suas expectativas maiores, o que a impede de vir a sentir a felicidade;

sem contar que é preciso colocar os “pés no chão” e sair da fantasia para viver a realidade.

Será que você lembra de algum dia em que se desamarrou das novelas e teve a chance e o tempo para se apaixonar e viver seu grande amor? Refletir sobre os fatos sem que seu comportamento fosse ditado pela cristalização da vida através da televisão? Bons tempos que, nas palavras de Maiakóvski, “... se vocês pensam / que se trata apenas / de copiar / palavras a esmo, / eis aqui, camaradas, / minha pena, / podem / escrever / vocês mesmos!”.

Data : 19/10/2016

Título : TEMPO da VIRADA

Categoria: Crônicas

Descrição: O tempo cultua a hora certa da virada do ano com um toque de elegância, uma pitada de cores e o carinho dos amigos, tudo traduzido em festa...

O tempo cultua a hora certa da virada do ano com um toque de elegância, uma pitada de cores e o carinho dos amigos, tudo traduzido em festa. Entramos no clima, encantamo-nos com a esperança e ganhamos a luz para encarar o próximo ano. Segundo Maria Cecília Castro, “... Em cada passo, / Um pedaço de vida. / E em cada abraço, / Um pedaço de afeto”.

Outro ano para enfrentarmos com reflexão, para quebrar paradigmas e inovar o comportamento. Cumprir promessas. Lembrar do amor e da compaixão, permitindo-nos desvendar o segredo da emoção ao acreditarmos que no próximo ano poderemos mudar de direção e alterar velhos padrões de comportamento, porque é importante inserir a felicidade no nosso cotidiano, como bem coloca Affonso Romano de Sant’Anna, “... Vem, Ano Novo, vem veloz, / vem em jatos de luz moderna, vem, / paira, desce, habita em nós, / vem com fitas multicoloridas, rebeca, / vem com uva e mel e desperta / em nosso corpo a alegria, / escancara a alma, a poesia, / e, por um instante, estanca o verso real...”

Repensar a vida, compartilhar a hora da virada é o começo para renovar o projeto de vida, portanto, o ano novo merece a nossa atenção para tornar o encontro em momento especial de paz e união. A magia está em toda a parte, o segredo é enxergá-la e, sobretudo, colocar a questão: somos felizes? Getúlio V. Zauza diz, “Vejo o ser humano navegando na ilusão / num sonho que acreditava ser real...// E no sonho fantasia ter muita importância. Acredita ser o que não é e “vive” a cena...”.

Na obscuridade do tempo sentimos a única liberdade em que temos a força do pensamento, que é a consciência que nos dá a capacidade para valorizar a vida. Dizemos que a imaginação acende a escuridão e essa mesma luz nos guia em todas as direções, como expressões que nos tocam. O importante é cantar e ouvir o som da festa com alegria de quem está descobrindo que a vida é boa, mas pode melhorar.

Damos ritmos aos ventos e compartilhamos os significados dos símbolos que se perpetuam na hora da virada. Guardamos o nosso rumo na transparência do tempo. Guardamos a eternidade no momento em que olhamos o horizonte; vivemos a palavra e a lembrança na flexibilidade da emoção. Guardamos na memória a hora da virada, porque ela é a nossa companheira no tempo. Pelas glórias e esperanças, vivemos a alegria do ano de horas puras pelas loucas (des)venturas. Novamente, Affonso Romano Sant'Anna, "Vai ano velho, vai de vez, / vai com tuas dívidas / e dúvidas, vai, dobra a ex- / quina da sorte..."

A hora da virada nos desperta através do clarim que nos convoca para sonhar. Desperta a paz e as vitórias e nos acorda da coragem que dorme. Desperta o coração para amarmos o presente e o futuro ao reconhecer as nossas virtudes e a história que contamos dos tempos de louvores. Desperta os símbolos trazidos pelas tradições onde guardamos a razão. Nos desperta nas canções para encontrarmos o caminho da liberdade. Desperta a verdade que reflete o sentido em torno de nós. Desperta o bem querer, tornando as cenas da vida referência aos que sabem o quanto a abraçamos com amor. Desperta o tempo de colheita, onde vemos o lado em que palpita a vida, infinitamente... Como em Domingos Pellegrini, "... Mais obrigado por dar ao presente / este gosto curtido de passado / já com cheiro do instante seguinte"; e Manuel Bandeira, "...Nem tua pureza. Nem tua impureza. / O que eu adoro em ti – lastima-me e consola-me! / O que eu adoro em ti, é a vida".

No entanto, na hora da virada, os desejos são calados e apenas dizemos: FELIZ ANO NOVO!

Data : 10/02/2019

Título : TEMPO reverso MOMENTOS

Categoria: Crônicas

O tempo desatualiza os momentos? Talvez deva perguntar que momentos de descobertas e verdades escondidas podem me atingir no tempo. Em que dias? Seus dias? Meus dias? Ou nossos dias perdidos no esquecimento? Segundo Saramago, "Todos sabemos que cada dia que nasce é o primeiro para uns e será o último para outros e que, para a maioria, é só um dia a mais".

Na eterna ironia do tempo, guardo a palavra, a história e o olhar de conquista, onde a vida me delega momentos sem limites e duradouros fios de esperança. Como em Hermes Aquino, "... Não adianta escrever seu nome numa pedra / Pois esta pedra em pó vai se transformar / Você não vê que a vida corre contra o tempo / Sou um castelo de areia na beira do mar... // Sou nuvem passageira..."

Para o tempo desatualizar os momentos é necessário um ponto de inflexão sem valor emergente, porque meus momentos são imagens que permanecem em mim, em que não desisto do feito e interiorizo e registro na memória a passagem, como processo de



transformação, ao buscar a lembrança do momento sensível e necessário para desdobrar o tempo ao questionar: o tempo é o reverso dos meus momentos? Lembro Fernando Pessoa, no Livro do Desassossego, "... Por arte entende-se tudo que nos delicia sem que seja nosso – o rastro da passagem, o sorriso dado a outrem, o poente, o poema, o universo objetivo... Sentir sem possuir é guardar, porque é extrair de uma coisa sua essência".

Não por acaso, o tempo coincide com mudanças, mas, minha memória atualiza os momentos em que vivo a experiência da diferença no por do Sol. O que me leva a uma passagem verdadeira no momento em que sei ser única, porque percorro o avesso da realidade; como nas palavras de Fernando Andrade, "... Hoje é o dia para celebrar / A alegria de estar / Vivo e cercado / De pessoas que amo - // Assim, com essa luz à volta, / Não há por que temer tanto / O fim, nem a memória do começo...".

Data : 28/03/2020

Título : TEMPO SEM FIM

Categoria: Crônicas

Descrição: No silêncio construo a compreensão, sinto a sua mão na minha.

No silêncio construo a compreensão, sinto a sua mão na minha. Estamos à espera de um tempo sem fim. Cuidamos da saúde para recomeçar com um passo de cada vez. Quando? Não sei, é tempo sem fim.

Qualquer ação que nos atinja, que mexa com a nossa rotina e com os planos é tempo sem fim; curva de espera pela falta da liberdade. Outro dia aprisionados talvez possa salvar as nossas vidas, necessário para fugirmos da pandemia.

Quando tudo voltar ao normal, inclusive as nossas forças, perceberemos que juntos estaremos sorrindo a realidade e, de mãos dadas, dividindo o amor com todos. Sabemos ter um rio interior que não deixamos secar, mesmo no tempo sem fim.

O reflexo da luz entra na casa iluminando o nosso reencontro. Neste reencontro não há quem peça ou impeça a espera pelo amanhã do nosso abraço. Roberto Justi escreveu que "... A vida não pode ficar assim, / alguém desligando essa luz, / coração descompensado em mim, / uma contida vontade de fugir / atrás do clarão desse luar...".

Data : 17/01/2014

Título : TEMPO: A MELHOR MEDIDA é a da POESIA

Categoria: Crônicas

Descrição: Tutty Vasques escreveu que "A medida provisória da paciência é medir as palavras para não encher as medidas.?"

Tutty Vasques escreveu que "A medida provisória da paciência é medir as palavras para não encher as medidas."

A medida provisória de cada um passa junto com o tempo e tem a exata dimensão do prazer. Como o amor tem medidas provisórias pela natureza do ato, a cultura sobrevive de maneira absolutamente provisória.

A própria vida é uma medida provisória que começa e termina de repente. É a vontade de Deus, como em Sinfonia da Vida, de Helena Kolody: "Somos o eterno / aprisionado / na argila perecível. // Inábeis equilibramos / o intemporal no precário./ Só a morte nos liberta".

Ele pode ter estabelecido uma cota de vida útil a cada homem, mas, não fixou medida provisória aos poetas que continuarão "vivos" sempre, para seus leitores sobreviverem na provisoriedade. Carmen Presotto demonstra: "O silêncio atravessa o tempo / não sente / ensina /refina / pressente / borbulha. // No ar / está um raro efeito / O amor atravessa o tempo".

Não cabe medida provisória ao poeta. Ele trabalha com as suas próprias medidas, como a rima, a métrica, o tema; os pesos, que são os sentimentos (o amor, a emoção, a calma e a ira, os confrontos, os opostos), e o tempo.

O amor despe o poeta. Tornando sonho, o desejo continua; considera o ar para viver, a música para ouvir, a paisagem para ser apreciada, a palavra para ser lida. A revelação para ser lembrada. Como escreveu o poeta Juan Gustavo Cobo Borda, "Os poetas são seres mais concretos com os amigos em todo o mundo, mesmo que mortos."

A melhor medida é a da poesia que nos ensina a sentir. Todo poeta mostra uma filosofia de vida transformada em receita poética que o leitor absorve como algo que persiste ao tempo. Como demonstra Getúlio Zauza, "Minha poesia não é medida / Tem inspiração, ritmo e rima / Ela nasce, cresce como a vida... // Poetar não aprendi na escola / Aprendi vivendo alegria e dor..."

Data : 30/01/2014

Título : TEMPO: A MELHOR MEDIDA é a da POESIA

Categoria: Crônicas

Descrição: Tutty Vasques escreveu que "A medida provisória da paciência é medir as palavras para não encher as medidas."

Tutty Vasques escreveu que “A medida provisória da paciência é medir as palavras para não encher as medidas.”

A medida provisória de cada um passa junto com o tempo e tem a exata dimensão do prazer. Como o amor tem medidas provisórias pela natureza do ato, a cultura sobrevive de maneira absolutamente provisória.

A própria vida é uma medida provisória que começa e termina de repente. É a vontade de Deus, como em Sinfonia da Vida, de Helena Kolody: “Somos o eterno / aprisionado / na argila perecível. // Inábeis equilibramos / o intemporal no precário. / Só a morte nos liberta”.

Ele pode ter estabelecido uma cota de vida útil a cada homem, mas, não fixou medida provisória aos poetas que continuarão “vivos” sempre, para seus leitores sobreviverem na provisoriedade. Carmen Presotto revela: “O silêncio atravessa o tempo / não sente / ensina / refina / pressente / borbulha. // No ar / está um raro efeito / O amor atravessa o tempo”.

Não cabe medida provisória ao poeta. Ele trabalha com as suas próprias medidas, como a rima, a métrica, o tema; os pesos, que são os sentimentos (o amor, a emoção, a calma e a ira, os confrontos, os opostos), e o tempo.

O amor despe o poeta. Tornando sonho, o desejo continua; considera o ar para viver, a música para ouvir, a paisagem para ser apreciada, a palavra para ser lida. A revelação para ser lembrada. Como escreveu o poeta Juan Gustavo Cobo Borda, “Os poetas são seres mais concretos com os amigos em todo o mundo, mesmo que mortos.”

A melhor medida é a da poesia que nos ensina a sentir. Todo poeta mostra uma filosofia de vida transformada em receita poética que o leitor absorve como algo que persiste ao tempo. Como demonstra Getúlio Zauza, “Minha poesia não é medida / Tem inspiração, ritmo e rima / Ela nasce, cresce como a vida... // Poetar não aprendi na escola / Aprendi vivendo alegria e dor...”

Data : 03/10/2019

Título : TENHO em MENTE...

Categoria: Crônicas

Tenho em mente que tomar decisões para conquistar o nosso espaço é questão de sabedoria, discernimento, intuição e luz. É reconstruir a vida. Telmo Gosch expressa, “No meio da caminhada, / Tomamos a decisão, / Na mala foi desenhada, / A marca do coração”.

Tenho em mente que assistirmos o por do Sol é experimentar o momento com brilho. É não fazer nada, para apenas desfrutar a beleza natural.

Tenho em mente que a aventura do viver está na independência e no avanço da responsabilidade, para garantir nossos direitos: “o preconceito é seu fracasso e a minha vida”.

Tenho em mente que o incômodo é a queixa sem atitude. Nada mudará o não tolerar se ficarmos calados.

Tenho em mente que, entre as flores amarelas e o céu azul, é possível lembrar que o nosso compromisso é preservar a liberdade; para José de Alencar, “Tudo passa sobre a terra”.

Flagro-me comparando a nossa situação com a da literatura, porque busco por um mundo sem dor. Reflito sobre a necessidade de viver com a felicidade. Neste momento, lembro-me da frase do livro Pequeno Príncipe: “é preciso exigir de cada um o que cada um pode dar”. Então, refaço a leitura das passagens vivenciadas; palavras lidas, ouvidas e refletidas fossem o divisor das possibilidades. Desta forma, tenho em mente expandir limites no enfrentar os obstáculos, para resgatar o “brilho do Sol” e exalar o perfume das flores, trazido pelo vento cotidiano.

Tenho em mente que outra forma de renovar o nosso viver é lembrar nossos momentos gratificantes para garantir que a nossa história não termine; e que não perdemos o olhar ao aceitar outras condições para o desfecho feliz.

Tenho em mente que, enquanto o nosso olhar percorre o mar, argumentamos pela não retirada das rugas que a vida nos dá e que refletem os sentimentos que ensinamos ao mundo. Nas palavras de Agostinho Both, “... As rugas que vem chegando estão carregadas de preocupações e nelas também estão guardados todos os sonhos e dificuldades”.

Data : 25/04/2017

Título : TENHO EM MENTE...

Categoria: Crônicas

Descrição: Tenho em mente que assistirmos o por do Sol é experimentar o momento do brilho. Não fazer nada, para apenas desfrutar a beleza natural.

Tenho em mente que tomar decisões para conquistar o espaço é questão de sabedoria, discernimento, intuição e luz. É reconstruir a vida. Telmo Gosch expressa, “No meio da caminhada, / Tomamos a decisão, / Na mala foi desenhada, / A marca do coração”.

Tenho em mente que assistirmos o por do Sol é experimentar o momento do brilho. Não fazer nada, para apenas desfrutar a beleza natural.

Tenho em mente que a aventura de viver está na independência e no avanço da responsabilidade, para garantia dos nossos direitos: “o preconceito é seu fracasso e a minha vida”.

Tenho em mente que o incômodo é queixa sem atitude. Nada mudará a intolerância se ficarmos calados.

Tenho em mente que, entre as flores amarelas e o céu azul, é possível lembrar o nosso compromisso de preservar a liberdade; para José de Alencar, “Tudo passa sobre a terra”.

Comparo a nossa situação com a da literatura, porque busco um mundo sem dor. Reflito sobre a necessidade de viver na felicidade. Neste momento, lembro-me do livro Pequeno Príncipe: “é preciso exigir de cada um o que cada um pode dar”. Refaço a leitura das passagens: palavras lidas, ouvidas e refletidas fossem o divisor das possibilidades. Tenho em mente expandir limites ao enfrentar os obstáculos, para resgatar o “brilho do Sol” e exalar o perfume das flores, trazido pelo vento cotidiano.

Tenho em mente que outra forma de renovar o viver é lembrar os momentos gratificantes para garantir que a nossa história não termine; e que não perdemos o nosso olhar ao aceitar outras condições para o desfecho feliz.

Tenho em mente que, enquanto o nosso olhar percorre o mar, argumentamos pela não retirada das rugas que a vida nos impõe e que refletem os sentimentos que ensinamos ao mundo.

Nas palavras de Agostinho Both, “... As rugas que vem chegando estão carregadas de preocupações e nelas também estão guardados todos os sonhos e dificuldades”.

Data : 14/03/2013

Título : TENHO UM CÃO, E AGORA?

Categoria: Crônicas

Descrição: Segundo o cientista Atsushi Senju, “o cão tem capacidade especial de ler a comunicação humana. Responder quando apontamos e quando sinalizamos?”.

Segundo o cientista Atsushi Senju, “o cão tem capacidade especial de ler a comunicação humana. Responder quando apontamos e quando sinalizamos”. Escritores e poetas com liberdade espelham com a palavra em seu sentido e significado, como o reconhecimento da presença do cão.

Ter um cão é buscar o contato da sua companhia, pensar em ter um amigo fiel e o reconhecer como o melhor amigo do homem e guardião de suas vidas. O poeta Carlos Pessoa Rosa difere ao dizer que “ruas / curvas de injustiças / onde cães / caçam piolhos e pulgas / e não ladram / quando jovens roubam / a privacidade / de seus moradores”.

Adalberto da Cunha Melo, em seu livro Cão de olhos amarelos, desvela os mistérios da vida e da morte na repetição pensada das ideias, “Na cova de sombra, um cão, / na

calçada de um bar gemia. / Era um cão de olhos amarelos...// sua presença de sombra / era tão densa na calçada, / que as outras sombras tropeçavam...”

No livro “Memórias de um cão”, de Virgínia Wolf, encontramos os mistérios da existência vistos através dos olhos do melhor amigo do homem.

Mas, a pergunta que paira no vazio é, tenho um cão, e agora? Essa é a situação que sugere o respirar fundo e questionar-se: cão do homem? Homem cão? Vida de cão? Pedro Du Bois, em seu livro Os cães que latem, revela as verdades inalcançáveis, onde o homem desumanizado vive com a desigualdade, o medo e a falta de ética, “... os caminhos infames, flores sem estames, a luta, o ódio, morte, fuga. - / cães malditos!” Betusko, em seu poema, mostra, “É noite, os cães latem // todos os cães, / os amantes partem, / todos eles vão...”

Não posso deixar de questionar se a poesia e a literatura nos fazem entender, superar e restaurar das imagens e os desencantos, como escreveu Nilto Maciel: “... Morava sozinho num casarão. Em suma: muita solidão. Nem sequer um gato para miar-lhe o silêncio, um cão para ladrar-lhe a escuridão...”

Os escritores, ao descreverem a partir do cotidiano a vida do cão, retratam os escuros tempos em que ouvíamos latidos de incertezas, como manifestações a comprovar a importância do cão em nossas vidas e que, ainda hoje, trazem o silêncio como reflexão, nas palavras de Alphonsus Guimaraens Filho, “E os outros passam, e as coisas gritam, / e os corações pobres, se atritam,...// Que é que vejo? Que é que ouço?/ (Rói calado cão o teu osso.)”

Data : 30/03/2015

Título : TENHO UM CÃO, E AGORA?

Categoria: Crônicas

Descrição: Segundo o cientista Atsushi Senju, “o cão tem a capacidade especial de ler a comunicação humana. Responder quando apontamos e quando sinalizamos”.

Segundo o cientista Atsushi Senju, “o cão tem a capacidade especial de ler a comunicação humana. Responder quando apontamos e quando sinalizamos”. Escritores e poetas com liberdade espelham em palavras o sentido e o significado sobre o reconhecimento da presença do cão em nossas vidas.

Ter um cão é buscar o contato de sua companhia, pensar em ter um amigo fidelizado e o reconhecer como o melhor companheiro e guardião de suas vidas. O poeta Carlos Pessoa Rosa difere ao dizer que “ruas /curvas de injustiças/onde cães/caçam piolhos e pulgas/e não ladram/ quando jovens roubam /a privacidade / de seus moradores”.

Adalberto da Cunha Melo em seu livro Cão de Olhos Amarelos, desvela os mistérios da vida e da morte, na repetição pensada das ideias, “Na cova de sombra, um cão,/ na

calçada de um bar gemia./ Era um cão de olhos amarelos...// sua presença de sombra /era tão densa na calçada, /que as outras sombras tropeçavam...”

No livro “Memórias de um cão”, de Virgínia Woolf, encontramos os mistérios da existência vistos através dos olhos do chamado melhor amigo do homem.

Mas, a pergunta que paira no vazio é: tenho um cão, e agora? Essa é a situação que sugere o respirar fundo e se questionar: cão do homem? Homem cão? Vida de cão? Pedro Du Bois, no livro Os Cães que Latem, busca verdades inalcançáveis, onde o homem desumanizado vive com a desigualdade, o medo e a falta de ética, “... os caminhos infames, flores sem estames, a luta, o ódio, morte, fuga. - / cães malditos!” Betusko, em seu poema, mostra, “É noite, os cães latem// todos os cães,/ os amantes partem, /todos eles vão...”

Não posso deixar de questionar se a poesia e a literatura me faz entender, superar e restaurar em imagens os desencantos, como mostra Nilto Maciel: “... Morava sozinho num casarão. Em suma: muita solidão. Nem sequer um gato para miar-lhe o silêncio, um cão para ladrar-lhe a escuridão...”

Os escritores, ao descreverem a partir do cotidiano a vida do cão, retratam escuros tempos em que ouvíamos latidos de incertezas, como manifestações a comprovar a importância do cão em nossas vidas e que, ainda hoje, trazem o silêncio como reflexão, assim, nas palavras de Alphonsus Guimaraens Filho, “E os outros passam, e as coisas gritam,/e os corações pobres, se atritam,...// Que é que vejo? Que é que ouço?/ (Rói calado cão o teu osso.)”

Data : 27/09/2018

Título : THOMAZ ALBORNOZ NEVES: Exílio

Categoria: Crônicas

Para José Saramago, “Todos sabemos que cada dia que nasce é o primeiro para uns e será o último para outros e que, para a maioria, é só um dia a mais”. Faço questão de dizer que, em mim, no dia em que recebi o livro Exílio, de Thomaz Albornoz Neves, renasceu a alegria de viver, porque é obra peculiar ao superar os padrões vigentes do conformismo em mesmas ideias. Vai além, com novas metáforas e rico vocabulário, com o que dá forma e cor à poética associada ao tempo.

“O ar que respiro / é o vestígio // de outro / mundo neste //

Um mundo ausente”. “O que percebo da realidade /

veda minha percepção / da realidade”.

São palavras desenhadas que, reveladas em poemas, vão da arte de viver ao cativante, em que suas ideias são vozes diferenciadas ao se apresentarem em sintonia com o isolamento, o tempo e o silêncio: solidão.

“A solidão / de cada um / é a de cada coisa //

Em torno / o mundo ocorre / em si mesmo”.

O autor nutre profundo sentimento pelo SER, e o retrata a ponto de me levar a imaginar o seu “Exílio”, com características marcantes, no desvelar situações difíceis que lhes permitiram aflorar o melhor do seu EU, como desafio para despertar no leitor os sentidos e a liberdade, o viver e a sensibilidade como bem maior.

“Escrevo / para saber o que escreveria / se escrevesse //

Mas o que digo / repele / meu entendimento”. “Escrevo contra a escritura / e o que escrevo / é o que resta da realidade”.

Albornoz é conciso em sua poética, mas, ao mesmo tempo, grita pela liberdade com o poder do silêncio, o que torna a realidade afoita como modo de transformação.

“Entre o papel / e a mecha da lamparina // Sou quem? //

Não quem / me sinto sendo // O me é onde?” “Palavra surda // em seu eco mental / um ouvido estrangeiro a ela”.

Data : 28/08/2019

Título : TOLICES

Categoria: Crônicas

Sou moderna e atualizada enquanto percorro o caminho para concluir a jornada. Mas, a vida joga o verde para colher o maduro e já não tenho forças para esperar sentada à beira do meu destino. Nas palavras de Walmir Ayala, “Quanta mágoa / nesta vida). / Vida inútil / tão perdida / tão sem ti...”.

Sinto que no momento estou cansada e fraca para levar a vida além dos limites dos meus sonhos. Não tenho partida, nem chegada. Seria mera tolice de minha parte? Para Ayala, “Esperei o momento oportuno / e o desejo me foi negado”.

Tolice é perceber que nosso amor está vazio, ou tolice é constatar que estou cansada da paisagem moldada pela janela?

Você, por favor, desligue a TV e juntos poderemos aproveitar a noite; abraçar a vida e manter o desvão da porta para espreitarmos a razão. Sem tolices e, mesmo que o nosso mundo seja imperfeito, façamos a nossa história. Walmir Ayala reflete, “Há uma pressa escondida e inata nessa / amorosa perda, amor, que de repente / te instiga a dar medida ao que não cessa”.



Data : 19/10/2016

Título : TRAÇOS INSTIGANTES

Categoria: Crônicas

Descrição: Tomo como exemplo a fotografia das crianças sentadas de frente para o mar. Elas estão totalmente integradas à paisagem...

Tomo como exemplo a fotografia das crianças sentadas de frente para o mar. Elas estão totalmente integradas à paisagem. A sensação que essa imagem produz, é a de serem “engolidas” pela paisagem, de tão pequenas que se tornam diante do mar; verdadeiros traços instigantes.

A mesma imagem permite outra revelação, a de que a paisagem é tão ampla que a minha imaginação se apresenta num tempo onde há o jogo entre o sentimentalismo e a hora do clique, permitindo-me admirar no espaço a bela imagem do ser diante da paisagem, enquanto arte, e a perceber a diminuição do ser, enquanto traços instigantes.

Momento artístico, descrito através da imagem como movimento, também encontrado na literatura nos traços instigantes da poesia. Alguns poetas descrevem a paisagem e homenageiam a grandiosidade do momento, com Douglas Mansur "... fotografo com os olhos / Revelo no pensamento / Amplio no coração / Distribuo com os lábios e com as mãos / Eternizando os momentos da história".

A hora do clique registra traços instigantes em que considero o tempo como o melhor momento, porque, sem amarras, junta o passado ao presente na expectativa de que o futuro seja construído com suas verdades.

Busco nos traços instigantes respostas, em diferentes campos e, assim, emocional e culturalmente me fortaleço ao nutrir equilíbrio entre a paisagem e a reflexão da imagem, como relevância e suporte à mente e ao valor que a arte tem na posteridade; não como doação e sim pela qualidade que desempenha em minha vida. Douglas Mansur revela, "Fotografo no claro / Revelo no escuro / Amplio na luz vermelha / Na luz do passado vejo a história".

Interessante como as pessoas interpretam de maneira diferente uma mesma paisagem. Enquadram a imagem com o objetivo mobilizador do pensamento, dando o toque pessoal à fotografia.

Atualmente, quando vista uma paisagem considerada interessante, a imagem é registrada através do aparelho celular e, imediatamente, colocada nas redes sociais. Essa é uma das variantes do mundo moderno. No entanto, há a tendência de que o uso do celular para fotografar e divulgar traços instigantes estigmatiza comportamentos ditos despojado, não sendo algo culturalmente relacionado à arte, o que seria comprovado apenas pela sensibilidade de cada um.

Traços instigantes: imagem versus paisagem, ganha como aliado o aparelho celular no possibilitar desvelar com habitualidade o momento de contemplação. É impacto que põe em xeque a motivação versus arte, emoção versus momento. Que, sem rotulações abre portas para a imaginação em leque de possibilidades para atribuir significado aos traços diferentes, esculpidos através da vivência, com o poder transformador das artes, como escreveu Margarida Reimão, “Uma realidade marcada na moldura de um quadro...”

Data : 06/09/2017

Título : TRAÇOS INSTIGANTES: paisagens x imagens

Categoria: Crônicas

Descrição: Tomo como exemplo a fotografia das crianças sentadas de frente para o mar.

Tomo como exemplo a fotografia das crianças sentadas de frente para o mar. Elas estão totalmente integradas à paisagem. A sensação que essa imagem produz, é a de serem “engolidas” pela paisagem, de tão pequenas que se tornam diante do mar; verdadeiros traços instigantes.

A mesma imagem permite outra revelação, a de que a paisagem é tão ampla que a minha imaginação se apresenta num tempo onde há o jogo entre o sentimentalismo e a hora do clique, permitindo-me admirar no espaço a bela imagem do ser diante da paisagem, enquanto arte, e a perceber a diminuição do ser, enquanto traços instigantes.

Momento artístico, descrito através da imagem como movimento, também encontrado na literatura nos traços instigantes da poesia. alguns poetas descrevem a paisagem e homenageiam a grandiosidade do momento, com Douglas Mansur “... fotografo com os olhos / Revelo no pensamento / Amplio no coração / Distribuo com os lábios e com as mãos / Eternizando os momentos da história”.

A hora do clique registra traços instigantes em que se considera o tempo como o melhor momento, porque, sem amarras, junta o passado ao presente na expectativa de que o futuro seja construído com suas apropriadas verdades.

Busco nos traços instigantes respostas, em diferentes campos e, assim, emocional e culturalmente me fortaleço ao nutrir equilíbrio entre a paisagem e a reflexão da imagem, como relevância e suporte à mente e ao valor que a arte tem na posteridade; não como doação e sim pela qualidade que desempenha em minha vida. Douglas Mansur revela, “Fotografo no claro / Revelo no escuro / Amplio na luz vermelha / Na luz do passado vejo a história”.

Interessante como as pessoas interpretam de maneira diferente uma mesma paisagem. Enquadram a imagem com o objetivo mobilizador do pensamento, dando o toque pessoal à fotografia.

Atualmente, quando vista uma paisagem considerada interessante, a imagem é registrada através do aparelho celular e, imediatamente, colocada nas redes sociais. Essa é uma das variantes do mundo moderno. No entanto, há a tendência de que o uso do celular para fotografar e divulgar traços instigantes estigmatiza comportamentos ditos despojado, não sendo algo culturalmente relacionado à arte, o que seria comprovado apenas pela sensibilidade de cada um.

Traços instigantes: imagem x paisagem, ganha como aliado o aparelho celular no possibilitar desvelar com habitualidade o momento de contemplação. É impacto que põe em xeque a motivação versus arte, emoção versus momento. Que, sem rotulações abre portas para a imaginação em leque de possibilidades para atribuir significado aos traços diferentes, esculpidos através da vivência, com o poder transformador das artes, como escreveu Margarida Reimão, “Uma realidade marcada na moldura de um quadro...”

Data : 19/10/2016

Título : TRADUZINDO a ASPEREZA da PEDRA

Categoria: Crônicas

Descrição: “Ao mestre João Bez Batti por traduzir a aspereza da pedra, a leveza e o brilho das esculturas. Sente na pedra...”

“Ao mestre João Bez Batti por traduzir a aspereza da  
pedra, a leveza e o brilho das esculturas. Sente na pedra  
/ a finitude / e a ultrapassa / em golpes / (as razões)  
irracionais dos atalhos como amar a solicitude / e aos  
gritos expulsar / do ato a insignificância // - os dias rápidos  
em passagens / permanecem: na pedra a permanência /  
aguarda nova explosão - // a transformação se adensa /  
em novas formas / e polimento / e a pedra está além / da  
finitude: o infinito / da obra / acabada.”

(Pedro Du Bois)

A arte está focada em estimular a criatividade através de exclusivos sensores de imagem que disponibilizam os “olhos” para guardá-las.

Bez Batti canaliza sua criatividade através das esculturas em basalto, o que acontece continuamente na sua produção com maior variedade e formatos. Para desenvolver o seu talento, o escultor busca experiências concretas de superação de desafios e o foco nos objetivos, sempre relacionado intimamente com a lapidação da

pedra. Peças demonstram que a pedra - ritmo e movimento - exerce funções fundamentais na criação do artista. Com talento, criatividade e asas para voar na imaginação, seu traço em comum vai além, retrata o mundo em ampla coleção de imagens, traduzindo a aspereza da pedra.

Espalha sua criação pelo mundo e continua focado no desenvolvimento de novas esculturas, primeiro, em desenho, depois, sucessivamente, em basalto. Destaca as pedras em que revela o domínio da anatomia; apresentadas em diferentes cores e esculpidas em diferentes formas... um trabalho com traço firme e rigoroso, emocionando o espectador.

Esse gaúcho, João Bez Batti, conquistou o seu espaço nas artes plásticas, confere o papel de espelho às pedras; ele as vivifica ao transformá-las em objetos de arte.

Data : 01/06/2020

Título :       TRANSBORDAR

Categoria:   Crônicas

Descrição:   Um suspiro, uma pausa para refletir sobre os corredores lotados dos hospitais...

O poeta Márcio Catunda questiona, "... Noite de velório sobre o mundo. / Quem pode continuar assim?".

Um suspiro, uma pausa para refletir sobre os corredores lotados dos hospitais e funerárias. Nossos corações espedaçados, corpos e mentes confinados. A ansiedade pulsa diária e ostensivamente.

Somos a equipe dos bastidores; apenas assistimos o balé nervoso das sombras; não sabemos ao certo o que ainda acontecerá.

A sensação de impotência, tristeza e derrota está nas horas que passam dispensando a vida de mais e mais semelhantes. A preocupação extrapola o quanto somos maltratados pelo vírus, enquanto não podemos, nem devemos ir além da soleira da porta.

Trancados em casa tentamos nos manter alheios ao nervosismo, concentrados apenas no que já aconteceu. A expectativa é grande, as mãos suam e tremem, os olhos lacrimejam e nossas vozes se emocionam no transbordar da epidemia.

Nossa certeza é de que não sentiremos saudades dos dias atuais.

Data : 02/09/2015

Título : TRANSGRESSÃO

Categoria: Crônicas

Descrição: Na maioria dos dias me pergunto se as palavras são um imperativo, porque a grandeza da obra está na realização literária do livro.

Na maioria dos dias me pergunto se as palavras são um imperativo, porque a grandeza da obra está na realização literária do livro. Em nome da liberdade, pessoas descrevem de forma precisa as suas intenções, experiências e ideias, preocupando-se com a dimensão sentimental e contestadora.

Apaixonada pela literatura tenho a sensibilidade aguçada, o que pode surpreender meus sentimentos e gerar sofrimento, ao ler uma obra onde os personagens matam por necessidade. Muitas vezes me recuso a participar de tal delírio destrutivo. Emociono-me e tenho o sentimento de transgressão.

Questiono em que sentido o escritor acredita nisso? Será que ele assim escreve apenas para a construção do texto? Então, qual seria o sentido da vida? Fico nervosa e tento entender esse tipo de perfil na literatura. Penso que devo transgredir... Tentar trivializar seu efeito e pensar que o escritor, como significativo, tem na liberdade de expressão o direito da escolha. E eu de reconhecer que o elemento diferenciador nesse tipo de obra é efeito para a emoção: algo transgressor. Vera Casa Nova pergunta, "... Qual a transgressão és capaz de cometer hoje / com tua perversão de cada dia?..."

Mesmo transgredida, tenho dúvidas quando me reporto à motivação. Acredito que o escritor modifica o meu exercício de leitura, quando percebo que ele deixa claro que a crueldade é para aqueles que não conseguem controlar a propensão ao ódio. Também acredito que a razão deixa ver criticamente as ações desenvolvidas como arte.

O escritor é o artista que toma a palavra para defender e desenvolver a sua obra. Conta a história de ponto de vista específico: uma ação estratégica, dando ao leitor o direito da transgressão. Encontro nos romances: O Som e a Fúria de William Faulkner (1897-1929), expressas inquietações sobre a condição humana; segundo José G. Couto, o escritor nos fala do "som desesperado e denso de todo o sofrimento mudo que há sob o sol" e mantém a angústia de sentido; Por Quem os Sinos Dobram, obra de Hemingway (1899-1961), "Enquanto existir um de nós, os dois existirão/... Se um estiver os dois estarão/... eu sou tu também, a partir de agora...você sou eu" que, para Miguel Sanches Neto, "trata-se de um romance atualíssimo, por entender que todo assassinato ou qualquer agressão contra o homem, é sempre um ato criminoso, e não há ideologias nem interesses que possam justificá-lo."; Em A Morte Como Efeito Colateral, Ana Maria Shua (1951) "constrói uma inquietante narrativa sobre a finitude humana." Vale ressaltar que tais transgressões são pontuais: antes de me deixarem obcecada, trato de abstraí-las dos valores que possam me impregnar e me submeter, como marcas dos autores em seus estilos literários.

Data : 20/05/2013

Título : Travessia

Categoria: Crônicas

Descrição: Travessia é a passagem que marca a nossa vida: trocamos experiências e incentivos. Cruzamos etapas, por mais árduo que seja o caminho.

“...:Não há segredo na / travessia da palavra.” (Sonia Regina)

Travessia é a passagem que marca a nossa vida: trocamos experiências e incentivos. Cruzamos etapas, por mais árduo que seja o caminho. As energias se adensam na liberdade de expressão, e assim encontramos uma nova travessia, como se fosse a paixão, dois pontos que se unem e se cruzam. Como cita Humberto Mello, “tem hora que a vida pesa / e murmúrios me atravessam / me deito e corto as veias / com a lâmina de um verso...”

Ao fazer a travessia, tentamos juntar os pontos do dia anterior. Atravessamos o olhar quando o Sol se põe e a Lua surge. Inauguramos em cada travessia uma vida de revolução, fazendo da poesia os sentimentos, como em Nídia Bolner Weingartner, “...a poesia chega primeiro à sensibilidade e à emoção. E chega para ficar, porque as mais das vezes, pelo prazer que nos proporciona...”

A travessia costura as forças: bem e mal; alegre e triste; bonito e feio; doce e amargo. É a ponte que leva os homens a viver o amor e ter atitudes. O amor nasce nas palavras em que cada travessia encontra o gesto e o caminho para viver. A ponte para amar é amar-se, quando conseguimos, estamos prontos para amar o outro: cruzamos sentimentos. Atravessar a vida amando é renovar-se com palavras em cada dia. Segundo Jurema Carpes do Valle, “Travessia // ...Luta / Avança / Divisa a praia à distância / E deseja apesar da sua finitude / Alcançá-la.” e, Lindolf Bell, “...Atravesso o avesso / E meu barco de travessias / é a palavra terra / cercada de água por todos os lados...”

A travessia é dúvida, certeza, ponto de interrogação e de exclamação. São as horas que esparramam pedaços em nossas vidas. Atravessamos o escuro e depois tudo começa a ficar colorido, mas sem definição. São várias as razões que nos levam a atravessar a passagem da vida, porque vivemos enquanto convivemos na diferença e cruzamos as ligações pessoais, como no poema Travessia Das Isabéis, de Geraldo Mello Mourão, e nas palavras de Max Martins, “Dados os laços / lançam-se os dedos / os dedos-dons, suas lanças / à travessia...”

Atravessar o mundo é descobrir o Brasil e espalhar o vento sem a poeira. É viver a travessia das distâncias, onde imaginamos o sonho, aspiramos o som do infinito e vamos ao encontro do tempo da conquista, como em Pedro Du Bois, “... Falo em não ousar / a travessia e ir sob a estrutura: molhar o corpo, / deixar cair o corpo, descorporizar. // Falo sobre pontes desnecessárias / unindo (ligando) travessias / ignoradas. Falo do bem-estar.”

Data : 30/03/2015

Título : TRAVESSIA

Categoria: Crônicas

Descrição: "... Não há segredo na / travessia da palavra." (Sonia Regina)

"... Não há segredo na / travessia da palavra." (Sonia Regina)

Travessia é passagem que marca a nossa vida, enquanto nela trocamos experiências e incentivos. Milton Nascimento, em Travessia, "solta a voz" e homenageia Elis Regina, pois a considerava "a voz de todos nós". Cruzamos etapas, por mais árduo que seja o caminho. Energias se adensam na liberdade de expressão e assim nos deparamos com nova travessia, fosse a paixão dois pontos que se unem e se cruzam. Como cita Humberto Mello, "tem hora que a vida pesa / e murmúrios me atravessam / me deito e corto as veias / com a lâmina de um verso..."

Ao fazer a travessia, tentamos juntar os pontos do dia anterior. Atravessamos o olhar quando o Sol se põe e a Lua surge. Inauguramos em cada travessia uma nova vida de (r)evolução, fazendo da poesia sentimentos, como em Nídia Bolner Weingartner, "...a poesia chega primeiro à sensibilidade e à emoção. E chega para ficar, porque as mais das vezes, pelo prazer que nos proporciona..."

A travessia costura as forças do bem e do mal, do alegre e triste; do bonito e feio; entre o doce e o amargo. Ponte que leva o ser humano a viver o amor e ter atitudes correspondentes. O amor nasce das palavras com que cada travessia encontra o gesto e o caminho para viver. A ponte para amar é amar-se e, quando conseguimos, estamos prontos para o outro: cruzamos sentimentos. Atravessar a vida amando é renovar-se com palavras. Para Jurema Carpes do Valle, "Travessia // ...Luta /Avança/Divisa a praia à distância/E deseja apesar da sua finitude /Alcançá-la." e, em Lindolf Bell, "...Atravesso o avesso/ E meu barco de travessias /é a palavra terra / cercada de água por todos os lados..."

A travessia é dúvida e certeza, ponto de interrogação e de exclamação. Horas que esparramam fragmentos em nossas vidas. Atravessamos o escuro e tudo começa a se colorir, mas, ainda sem definição. São várias as razões que nos levam à passagem da vida, por que vivemos enquanto convivemos na diferença e cruzamos as ligações pessoais, como no poema Travessia Das Isabéis, de Geraldo Mello Mourão, e nas palavras de Max Martins, "Dados os laços/ lançam-se os dedos /os dedos-dons, suas lanças /à travessia..."

Atravessar o mundo é se descobrir e espalhar o vento sem a poeira. É viver a travessia das distâncias, onde imaginamos o sonho... Aspiramos o som do infinito e vamos ao encontro da conquista, como em Pedro Du Bois, "... Falo em não ousar/ a travessia e ir sob a estrutura: molhar o corpo, /deixar cair o corpo, descorporizar.//Falo

sobre pontes desnecessárias/ unindo (ligando) travessias /ignoradas. Falo do bem-estar”.

Data : 25/04/2017

Título : TRAVESSIA

Categoria: Crônicas

Descrição: Travessia é a passagem que marca o nosso caminho em pontos que se unem e se cruzam.

Travessia é a passagem que marca o nosso caminho em pontos que se unem e se cruzam. Costura forças em que o amor nasce nas palavras e se encontra no gesto, ao cruzarmos os sentimentos. Na diversidade das razões atravessamos a vida, indo de encontro ao tempo como conquista.

Data : 07/09/2016

Título : TRESLOUCADO

Categoria: Crônicas

Descrição: Lembro o ditado popular que diz ?... de louco, todos temos um pouco?, porque realidade é sonho, ...

Lembro o ditado popular que diz “... de louco, todos temos um pouco”, porque realidade é sonho, na ilusão dos afazeres e desfazeres onde a noite é longa e o dia é curto. O Sol nasce todos os dias, mesmo encoberto; o mar transborda areias e o vento traz os vírus. As cores refletem o azul no uniforme escolar; o vermelho no sangue; o verde na grama e o branco é o invisível como livro sem leitor.

Como fugir desse emaranhado em que a vida se dá no desencontro, quando a mentira é revelada como verdade, a maldade impera na bondade, o doce se torna amargo e o pensamento é segredo e mistério? O desafio é ser tresloucado e se sintonizar num mundo em movimento. Para Inês Vieira, “Querida, és tudo o que eu preciso, / Pra me sentir feliz num Paraíso.../ Ou será que eu perdi o juízo?”.

Por minutos, paro a correria do dia e repenso a vida, para que eu possa alcançar o projeto de SER, e não de TER; como retrata Olavo Bilac, “Tresloucado Amigo”.



Em alguns dias, olho o mar e penso que o melhor ainda está por vir. Nas palavras de Marina Du Bois, “A vida, é mesmo um mar que nos leva. Vai e vem, vem e vai. Num momento estamos seguros de tudo, de que aquela é a direção certa. Mas, de repente, uma corrente não esperada tira-nos daquele rumo, que pensávamos ser nosso, e leva-nos para outro, que adotamos como nosso, até a próxima guinada. //... Ondas que se contradizem buscando o equilíbrio, ou quem sabe um desequilíbrio”.

Por meses, sou surpreendida pensando no meu livro. Uso o meu poder e a atitude de não me preocupar com a opinião dos outros, de não me abalar em questões referentes à minha linguagem e à visão “distorcida” do mundo, como em Oscar Wilde, “Tornar-se espectador da sua própria / vida é, para o homem, escapar aos / sofrimentos da vida”.

Em anos, vivo minha batalha interior: um lado quer se libertar e o outro quer entender ser a poesia comércio de ilusões. Ela é dona das páginas da minha vida, como rascunhos que surgem no meu pensamento. Tenho cuidado para não me deixar levar pelo medo; reúno coragem e rompo padrões literários, que não fazem mais sentido ao tresloucado. Desafio a memória e a imaginação para reescrever a minha história. Ponho em palavras o que de mais doído existe em minha alma e explico o mundo com novas imagens.

Sou capaz de dar conta do tempo como centro das preocupações. Tresloucada, penso que o tempo passa rápido e é impossível encontrar mais tempo para realizar as atividades, que fazem com que eu me sinta bem ao pensar sobre as questões da vida; o pensamento reflete exatamente quem sou. Pedro Du Bois demonstra, “Tresloucados // Ser do ângulo o vértice deslocado / tresloucado olhar / sobre a inverdade. // prisões suaves / com que os anos / transformam a vida / em quase nada // ser do vértice / o vórtice apropriado / tresloucado olhar / dos sentimentos // razões impávidas / com que os compromissos / perseguem a vida / em retirada”.

Chegado o momento do reconhecimento, da novidade com que o olhar harmoniza o pensamento com as ideias e a esperança, procuro entender que a vida segue a nova paisagem se eu deixar a emoção no comando, como em Marina Du Bois, “... E o coração? / Acelerado / Passo a passo / Num novo compasso / Não é paixão / Não é sentimento louco nem tresloucado / É bom...”.

Mesmo assim, fico com a impressão de que o mundo estará contra mim se eu não tentar dar conta dos sentidos e resolver uma questão de cada vez; minha força interior atende ao chamado da alma e meus sonhos são revelados e reveladores, assim, no “Conto Tresloucado”, de Mario Quintana e, em seu poema, “Essas duas tresloucadas, a Saudades e a Esperança, vivem na casa do presente, quando deviam estar – seria lógico – uma casa do Passado e a outra na casa do Futuro. – Mas e o presente seu moço? – Ah! esse nunca está em casa”.

Data : 01/06/2016

Título : TRESLOUCADO

Categoria: Crônicas

Descrição: Lembro o ditado popular que diz ?... de louco, todos temos um pouco?...

Lembro o ditado popular que diz "... de louco, todos temos um pouco", porque realidade é sonho, na ilusão dos afazeres e desfazerem onde a noite é longa e o dia é curto. O Sol nasce todos os dias, mesmo encoberto; o mar transborda areias e o vento traz os vírus. As cores refletem o azul no uniforme escolar; o vermelho no sangue; o verde na grama e o branco é o invisível como livro sem leitor.

Como fugir desse emaranhado em que a vida se dá no desencontro, quando a mentira é revelada como verdade, a maldade impera na bondade, o doce se torna amargo e o pensamento é segredo e mistério? O desafio é ser tresloucado e se sintonizar num mundo em movimento. Para Inês Vieira, "Querida, és tudo o que eu preciso, / Pra me sentir feliz num Paraíso.../ Ou será que eu perdi o juízo?".

Por minutos, paro a correria do dia e repenso a vida, para que eu possa alcançar o projeto de SER, e não de TER; como retrata Olavo Bilac, "Tresloucado Amigo".

Em alguns dias, olho o mar e penso que o melhor ainda está por vir. Nas palavras de Marina Du Bois, "A vida, é mesmo um mar que nos leva. Vai e vem, vem e vai. Num momento estamos seguros de tudo, de que aquela é a direção certa. Mas, de repente, uma corrente não esperada tira-nos daquele rumo, que pensávamos ser nosso, e levamos para outro, que adotamos como nosso, até a próxima guinada. //... Ondas que se contradizem buscando o equilíbrio, ou quem sabe um desequilíbrio".

Por meses, sou surpreendida pensando no meu livro. Uso o meu poder e a atitude de não me preocupar com a opinião dos outros, de não me abalar em questões referentes à minha linguagem e à visão "distorcida" do mundo, como em Oscar Wilde, "Tornar-se espectador da sua própria / vida é, para o homem, escapar aos / sofrimentos da vida".

Em anos, vivo minha batalha interior: um lado quer se libertar e o outro quer entender ser a poesia comércio de ilusões. Ela é dona das páginas da minha vida, como rascunhos que surgem no meu pensamento. Tenho cuidado para não me deixar levar pelo medo; reúno coragem e rompo padrões literários, que não fazem mais sentido ao tresloucado. Desafio a memória e a imaginação para reescrever a minha história. Ponho em palavras o que de mais dóido existe em minha alma e explico o mundo com novas imagens.

Sou capaz de dar conta do tempo como centro das preocupações. Tresloucada, penso que o tempo passa rápido e é impossível encontrar mais tempo para realizar as atividades, que fazem com que eu me sinta bem ao pensar sobre as questões da vida; o pensamento reflete exatamente quem sou. Pedro Du Bois demonstra, "Tresloucados // Ser do ângulo o vértice deslocado / tresloucado olhar / sobre a inverdade. // prisões suaves / com que os anos / transformam a vida / em quase nada // ser do vértice / o vórtice apropriado / tresloucado olhar / dos sentimentos // razões impávidas / com que os compromissos / perseguem a vida / em retirada".

Chegado o momento do reconhecimento, da novidade com que o olhar harmoniza o pensamento com as ideias e a esperança, procuro entender que a vida segue a nova paisagem se eu deixar a emoção no comando, como em Marina Du Bois, "... E o coração? / Acelerado / Passo a passo / Num novo compasso / Não é paixão / Não é sentimento louco nem tresloucado / É bom...".

Mesmo assim, fico com a impressão de que o mundo estará contra mim se eu não tentar dar conta dos sentidos e resolver uma questão de cada vez; minha força interior atende ao chamado da alma e meus sonhos são revelados e reveladores, assim, no “Conto Treloucado”, de Mario Quintana e, em seu poema, “Essas duas treloucadas, a Saudades e a Esperança, vivem na casa do presente, quando deviam estar – seria lógico – uma casa do Passado e a outra na casa do Futuro. – Mas e o presente seu moço? – Ah! esse nunca está em casa”.

Data : 28/08/2019

Título : TUDO VALE A PENA QUANDO A ALMA NÃO É PEQUENA

Categoria: Crônicas

Através dos atos, podemos impactar as palavras; influenciar e inspirar as pessoas. Em época de correrias, como a atual, só conquistaremos as pessoas se conduzirmos com consideração as relações pessoais.

O que encontro na vida diária é a insatisfação e a frustração, já no limite da falta de ética e educação nos relacionamentos, desde os profissionais, escolares, amistosos e familiares.

A relação tem se tornado impessoal, sem cordialidade, compreensão e respeito ao próximo, gerando atitudes agressivas que demonstram as singularidades da pior maneira: aquelas que destroem, afligem e falseiam as expectativas, tornando equivocadas as decisões pessoais.

Quando estabelecemos algum vínculo que ultrapassa a capacidade de sermos quem somos, deixamos de lado o que é necessário para os dias atuais: o amor esclarecido das grandes almas, que podem transformar o mundo através dos sentimentos e que nos permite perceber quão perto de nós está o caminho da convivência harmoniosa. Sim, ao nos impor limites para as atitudes “levianas”, percorremos o caminho bifurcado, apenas, entre o valor da ética e da moral, tópicos relevantes no cotidiano.

Assim, aos poucos, atitudes de leveza farão com que a vida nos encante de maneira cordial e honesta, e poderemos refletir sobre nossos hábitos, como a falta de paciência, o apego ao material e ao poder. Poderemos repensar a vida e analisar o que é importante ao despertar dentro de nós o sentimento e o valor da amizade, as reflexões e os ensinamentos. Em Antonie de Saint-Exupéry, “... se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim único no mundo...”.

O problema está em que, muitas vezes, os maus hábitos e atitudes nos levam a ver, sentir e interpretar o mundo diferente de como se apresenta. Se dissermos em outro tom, usarmos o bom senso, obteremos o melhor de nós, e entenderemos ser possível viver sem desperdiçar o tempo com ações e atos que não valem a pena e, o

principal, entender os sentimentos para percebermos o lado bom da vida, como expressa Fernando Pessoa, “tudo vale a pena quando a alma não é pequena”.

Data : 28/08/2019

Título : TV

Categoria: Crônicas

Para Carlos Maria Dominguez, “... atordoados do trânsito; as luzes, os televisores nos bares, achassem no desânimo de seus habitantes o pulmão de onde a cidade extraía o ar para crescer”.

Em bares e restaurantes, televisores ligados deslocam o meu pensamento e o meu interesse que procura o lazer, o sossego e a companhia dos amigos. Como costume dizer, louca por um dedo de prosa, para desanuviar a cabeça do trabalho.

Ouvir a TV em alto som é como se ela se apoderasse dos meus amigos, do meu momento ao mesmo tempo. A programação da TV reflete um mundo transtornado, gerando o inesperado em nosso encontro pelas especulações. Assim, perco a tranquilidade de estar num restaurante para saborear a comida e desfrutar a boa companhia.

Fico irritada com as intenções não declaradas pela TV; sem contar que interfere em nossas vidas pelos debates trazidos em palpites fantasmagóricos sobre a politicagem. Nas palavras de Lara Abreu, “mundo físico ao nosso redor e um mundo surreal que está dentro de nós...”.

Sempre reclamo quando chego em algum lugar para me descontraí e a TV está ligada com alto volume de som. Sinto submergir na sombra do desânimo, porque não consigo a atenção do grupo e nem podemos jogar conversa fora. Encontro perdido!

O tempo parece idiotice quando é retalhado o espectro televisivo. Situação que incomoda e atrapalha os bons momentos de convivência.

Incrível como os bares e restaurantes tentam agradar os viciados pela TV. Parece a soma do desconforto e com a desilusão. Ainda em Carlos Maria Dominguez, “... não encontro uma felicidade maior do que percorrer, em poucas horas diárias, um tempo humano que de outro modo me seria alheio.”.

Restaurantes e bares são lugares reservados para a diversão, a experimentação de sabores e até somar o jantar com possível encontro romanceado. Mas, o barulho da TV atrapalha o sentido de convivência das pessoas, que terminam por prestarem atenção apenas nela. Distorce o pensamento e desmotiva o posicionamento inicial da distração com amigos. Situação que não me permite imaginar, nem posso sonhar ao vivenciar tais momentos televisivos.

Danusa Leão lembra que “a imaginação costuma ser melhor do que qualquer realidade.”.

Data : 25/03/2013

Título : UM OLHAR PELAS IDEIAS

Categoria: Crônicas

Descrição: Mário de Andrade, através de suas ideias e influência em diversas áreas, viu seu prestígio crescer como escritor.

“Você não morreu: ausentou-se. / direi: faz tempo que ele não escreve... /

Saberei que não, você ausentou-se. Para outra vida? /

A vida é uma só. A sua continua. / Na vida que você viveu. /

Por isso não sinto agora sua falta”. (Manuel Bandeira)

Mário de Andrade, através de suas ideias e influência em diversas áreas, viu seu prestígio crescer como escritor. Ele tinha convicções fortes sobre a cultura brasileira; divulgou suas ideias na imprensa e através de livros e dedicou grande parte de sua vida a difundi-las. Foi um dos realizadores da Semana de Arte Moderna, em 1922.

José Antônio Pasta disse que Mário foi mentor de Drummond, Bandeira e de diversos críticos literários, como Antonio Candido e Paulo Emílio Salles Gomes.

Mário de Andrade atuou, mexeu e remexeu em quase todos os campos artísticos, assumindo o papel de totem da cultura brasileira. Demonstrou, na época, que tinha muitas ideias no plano da cultura; na literatura, através de suas cartas, aconselhou poetas e romancistas a agregarem formas de vanguarda e a buscarem uma linguagem brasileira. Foi mentor da escola nacionalista, que misturava música erudita com temas populares brasileiros e, através de suas críticas, influenciou a motivação, as pesquisas e a busca por uma identidade nacional que tornasse única as manifestações culturais.

“Anunciaram que você morreu / meus olhos, meus ouvidos testemunham: /

A alma profunda, não. / Por isso, não sinto agora a sua falta... /

Alguém perguntará em que estou pensando, / sorrirei sem dizer que em você /

Profundamente...” (Manuel Bandeira)

Em busca da memória, das descobertas e pela curiosidade do percurso realizado por Mário de Andrade, gosto de remexer em quem deixou algo para nós, como a preocupação pela cultura e como divulgá-la, torná-la atraente aos brasileiros. Mário de Andrade foi um dos que deixou traços para que seguíssemos adiante com a cultura, sempre procurando com que todos se preocupassem com a qualidade e a continuidade.

Segundo Antônio Olinto, “Mário de Andrade criou uma obra vasta de pesquisa e de estudo, ao lado da poesia e da ficção, porque sentia necessidade de contribuir palpavelmente para a cultura do país e de remontar as origens do Brasil”.

Toda a vida de Mário de Andrade está como que refletida “num olhar pelas ideias”, porque talvez não exista no plano artístico maior transposição de uma experiência pessoal, com a intensidade das suas obras.

A literatura sempre esteve presente em Mário e ele a levou para o povo brasileiro, com notas, divulgações de pequeno porte, mas fortes. Semeou um País com esperanças a partir das suas idéias “surpreendentes” e de sua ampla atuação. É merecido o seu prestígio, mas deixou claro um recado para todos nós: “É preciso mudar o nosso olhar para depois mudar a realidade”. E Tele P. A. Lopes afirma que “No olhar está a ânsia e a paixão e os braços abraçam a intensidade das sensações dos sentimentos”.

Data : 19/10/2016

Título : UM OLHAR pelas IDEIAS

Categoria: Crônicas

Descrição: “Você não morreu: ausentou-se. / direi: faz tempo que ele não escreve... / Saberei que não, você ausentou-se. Para...”

“Você não morreu: ausentou-se. / direi: faz tempo que ele não escreve... / Saberei que não, você ausentou-se. Para outra vida? /A vida é uma só. A sua continua. / Na vida que você viveu. /Por isso não sinto agora sua falta”.

(Manuel Bandeira)

Mário de Andrade, através de suas ideias e influência em diversas áreas, viu seu prestígio crescer como escritor. Ele tinha convicções fortes sobre a cultura brasileira; divulgou suas ideias na imprensa e através de livros e dedicou grande parte de sua vida a difundi-las. Foi um dos realizadores da Semana de Arte Moderna, em 1922.

José Antônio Pasta disse que Mário foi mentor de Drummond, Bandeira e de diversos críticos literários, como Antonio Candido e Paulo Emílio Salles Gomes.

Mário de Andrade atuou, mexeu e remexeu em quase todos os campos artísticos, assumindo o papel de totem da cultura brasileira. Demonstrou, na época, que tinha muitas ideias no plano da cultura; na literatura, através de suas cartas, aconselhou poetas e romancistas a agregarem formas de vanguarda e a buscarem uma linguagem brasileira. Foi mentor da escola nacionalista, que misturava música erudita com temas populares brasileiros e, através de suas críticas, influenciou a motivação, as pesquisas e a busca por uma identidade nacional que tornasse única as manifestações culturais. Nas palavras de Manuel Bandeira, “Anunciaram que você morreu / meus olhos, meus ouvidos testemunham: / A alma profunda, não. / Por isso, não sinto agora a sua falta... / Alguém perguntará em que estou pensando, / sorrirei sem dizer que em você / Profundamente...”

Em busca da memória, das descobertas e pela curiosidade do percurso realizado por Mário de Andrade, gosto de remexer em quem deixou algo para nós, como a preocupação pela cultura e como divulgá-la, torná-la atraente aos brasileiros. Ele foi um dos que deixou traços para que seguíssemos adiante com a cultura, sempre procurando com que todos se preocupassem com a qualidade e a continuidade. Segundo Antônio Olinto, “Mário de Andrade criou uma obra vasta de pesquisa e de estudo, ao lado da poesia e da ficção, porque sentia necessidade de contribuir palpavelmente para a cultura do país e de remontar as origens do Brasil”.

Toda a vida de Mário de Andrade está como que refletida "num olhar pelas ideias", porque talvez não exista no plano artístico maior transposição de uma experiência pessoal, com a intensidade das suas obras.

A literatura sempre esteve presente em Mário e ele a levou para o povo brasileiro, com notas, divulgações de pequeno porte, mas fortes. Semeou um País com esperanças a partir das suas ideias “surpreendentes” e de sua ampla atuação. É merecido o seu prestígio, mas deixou claro um recado para todos nós: “É preciso mudar o nosso olhar para depois mudar a realidade”. E Tele P. A. Lopes afirma que “No olhar está a ânsia e a paixão e os braços abraçam a intensidade das sensações dos sentimentos”.

Data : 15/11/2012

Título : UM OLHAR sobre a QUERÊNCIA

Categoria: Crônicas

Descrição: O jogo visual é lúdico, comum a todos: marcado pelo saudosismo. Saudades da querência

O jogo visual é lúdico, comum a todos: marcado pelo saudosismo. Saudades da querência. A visão romântica é na verdade um olhar sobre a poesia gaúcha que vai além da ideologia para buscar na sua realidade (raízes, tradições e crenças) o retrato da sensibilidade entre a linguagem e os autores, hábitos e costumes, traduzidos no palavreado gauchesco.

Esse universo revela a postura gaúcha refletindo o seu tempo na busca do pitoresco. Contudo, num olhar mais atento, há a linguagem de Tenebro dos Santos Moura, autor de um único livro, “QUERÊNCIA”, que usa a função das palavras para revelar a identidade do gaúcho, através da poesia:

A saudade é o chimarrão / Que hoje longe do pago / vou sorvendo trago a trago, / Pra aliviar o coração. / Amargo que eu acho doce, / vício de guasca, distante./ Que não esquece um instante, / o seu amado torrão. //... Vejo gaúchos que passam, / Ao tranco de seus cavalos, //... Eu montado / No meu cavalo picaço, / vos juro, eu era um pedaço / Do meu Rio Grande do Sul.”

Paulo Monteiro declara que “falar de poesia gauchesca ou crioula é lembrar de Tenebro dos Santos Moura”.

A presença poética da querência é o que a torna representativa e reconhecida por todos. Como no texto de Claude Lévi-Strauss que fala e se impressiona com o chimarrão que, para ele, é a bebida, entre todas, mais exótica, tomada como em um ritual e com muitas regras: o dono da casa tem que ser o primeiro a tomar; o chimarrão não pode ser passado para o outro com a mão esquerda; a erva não pode ser mexida com a bomba e, antes de ser passado adiante, tem que se fazer o chimarrão “roncar”, no fim, para provar que não resta água na cuia.

Ao olharmos a nossa querência, reconhecemos os padrões culturais, que juntamente com os rituais do chimarrão, tem na poesia de Tenebro a marca do gaúcho cristalizada em suas tendências, dividindo e construindo a sua cultura. Belo gesto que acolhe a todos, possibilitando imaginar o orgulho que ele sentiu ao escrever o poema “QUERÊNCIA”, que mantém vivo o sonho de descortinar a toda hora as razões para conhecer o Rio Grande do Sul.

Data : 22/12/2012

Título : Uma Raridade: SACO DE VIAGEM

Categoria: Crônicas

Descrição: Viajar é fazer arte. E fazer arte é conhecer o livro SACO DE VIAGEM, única obra de Tyrteu Rocha Vianna, que teve a sua primeira edição em 1928, através de Mansueto Bernardi, pela Livraria Globo de PA.



Viajar é fazer arte. E fazer arte é conhecer o livro SACO DE VIAGEM, única obra de Tyrteu Rocha Vianna, que teve a sua primeira edição em 1928, através de Mansueto Bernardi, pela Livraria Globo de PA. Raridade bibliográfica, com tiragem restrita para o autor de 10 exemplares, marcados de A à J. O livro é dividido em duas partes, sendo, a primeira, Vontades de Versos Futuristas: No Galpão: “Lá fora o patrão D. Inverno / Mais D. Frio e seu capataz Minuano / Mais a peonada deles feita de pingos de garoa / lam repontando / A manada retacona dos peões / Do pasto alto das noturnas calaveiragens pelos ranchos / Da vizinhança grávida de gurias cubiços palpáveis / Para a mangueira das 4 paredes do Galpão...”

A segunda, Churrascos de Viagem: Alegrete: “A Arábia pétrea / Reedificada por cima do fogão / Da coxilha da cozinha purgatorial / Do diabo rengo em pessoa / Suados suando suores / Em trajés meio menores...”

Para viajar, basta usar de artifícios como a imaginação e a criatividade, pensando na concepção da palavra, no verdadeiro sonho a ser concretizado aos movimentos do mundo – traços, formas, cores e palavras que trazem a sensação do prazer pela descoberta das raízes do Modernismo no Rio Grande do Sul.

Tyrteu traz o modernismo sul rio-grandense com sua poética de radicalidade inovadora. Busca o diferencial ao escrever poemas diferentes e, ao mesmo tempo, rejeitados ou ignorados por boa parte dos modernistas.

Seu livro, Saco de Viagem, reflete na poesia a paisagem da Campanha, com suas mazelas e desigualdades sociais. Também, retrata o mundo ao construir uma obra de arte na qual somos capazes de nela nos colocar.

O autor aproveita uma nova linguagem para mostrar o que o marcou fundo e para sempre, como as suas necessidades literárias que ele aprimora nas transfigurações poéticas. Cria um jogo entre o intelecto e a imaginação, mobilizando a capacidade vivencial que se traduz no crescimento e no enriquecimento da literatura do Rio Grande do Sul.

Uma viagem, mil palavras... “Mexendo, afoitos, em Passo Fundo, na preciosa “Rio-Grandina” de Antonio Carlos Machado, localizamos a “raridade”, ... o livro Saco de Viagem, de Tyrteu Rocha Vianna”, que então, pelo proprietário, foi generosamente doada ao escritor Itálico Marcon.

O livro Saco de Viagem enriquece a vida por permitir que se desfrute da alma do escritor e, assim, transformar o momento do leitor numa viagem sem fim.

Data : 23/03/2016

Título : VALISE: os DIÁRIOS de Virgínia Woolf

Categoria: Crônicas

Descrição: Espio sua valise e encontro o livro Os Diários de Virgínia Woolf, que foi o seu último trabalho, póstumo, a vir a público, em edição integral, em 1977.

Espio sua valise e encontro o livro Os Diários de Virgínia Woolf, que foi o seu último trabalho, póstumo, a vir a público, em edição integral, em 1977. É boa leitura e boa literatura; apesar do título é obra ficcional. A autora quis que ele fosse “uma espaçosa mochila, onde a gente joga uma grande quantidade de miudezas sem nenhum critério...”

Seria pedir demais que Virgínia Woolf se limitasse aos fatos, documentando o seu cotidiano, pois, no Diários, o que importa é a maneira como foi escrito; como era a sua convivência com a nata da intelectualidade de seu tempo. Ao descrever essas personalidades ela sempre pensou em utilizá-las como pretexto para compor tipos, e não em as retratar. Para Marília P. Fiorillo: “Virgínia Woolf não precisava contar o que sabia no livro que escreveu para si própria. Sua autobiografia é a sua escrita”.

Virgínia é uma das mais prodigiosas escritoras da língua inglesa; Pedro Du Bois a homenageia em sua grandiosidade e finitude, através do poema “Águas para Virgínia”:  
“Houve razões para você entrar / no rio e submergir em suas águas / escuras maneiras de dizer adeus / o corpo descoberto encoberto preso ao fundo / pedra lapidada ao extremo da consciência / passos decididos um após o outro / sem arrependimento ou sofrimento a morte / se apresenta com seus fantasmas zombam / da nossa fraqueza e no que riem alentam / as forças com que nos apagamos e seguimos // fria a água que acolhe o corpo na entrada / e se desdobra na frieza da alma trazida / pela vida mínima e o olhar absorto morto / ultrapassado em sua disposição de estar viva // houve razões para que a água cobrisse / a imagem refletida na entrada / como pedra submergisse e no fundo / o lodo galhos retivessem a última / vontade em que se transfigurou a sua face.”

Data : 23/03/2016

Título : VALISE: significados

Categoria: Crônicas

Descrição: Valise: mala de mão Valise: difícil chegar

Valise: mala de mão

Valise: difícil chegar

Valise: difícil voltar

Valise: sonhos

Valise: tantos planos

Valise: procurar resposta onde não há pergunta

Valise: segredos acobertados

Valise: amigos a encontrar.

São tantos os significados atribuídos à valise, que giram em minha vida como eixos, sem ter certeza do reencontro. Por vezes giram sobre tortos eixos em vidas toscas, não permitindo voltar o olhar.

Nos sonhos me revelo em repetições, misturando significados e valises, que passaram pela minha vida. São tempos de mudanças, atropelando ritos e me deixando perplexa, sem saber o que fazer. Perco o presente, comprometo o futuro em malfadadas valises. Olho adiante, para onde vou? Então, resolvo transformar a lembrança em contatos concretos em que irei me encontrar.

Mas, ao mesmo tempo, são de tantas cores as valises, que chegam até mim como luzes indiretas e algumas atingem a neutralidade das cores, levando-me a perceber a solidão do roupeiro vazio e no corpo sentir a aspereza da “ressaca”. Segundo Eduardo Alves da Costa, “... Para onde vou não sei. Só sei.../ Levam-me o impulso, a inércia, / e já é túnel meu destino...”

Data : 28/08/2019

Título : VENDAVAL DE INQUIETAÇÕES

Categoria: Crônicas

Neste mundo em que há muitas correntes ideológicas, com suas várias ramificações, preocupo-me em saber de quantas verdades somos feitos. Porém, escondo o meu espanto ao perceber que devo me preocupar com as tantas mentiras que preciso suportar no cotidiano. São contrastantes as questões. Refiro-me às redes sociais em especial, com os grupos que as utilizam para publicar manifestações sobre o cenário político-social-religioso, contraditórias com suas práticas diárias.

Qual seria a explicação? Não conseguem encontrar a verdade entre as tantas versões dos fatos? Como querem dialogar se usam máscaras de falsidade?

Sou simples; para mim esse comportamento não passa de vendaval de inquietações, desprovido de linha ética de raciocínio, além das más intenções. Mesclam opiniões como contínuos ventos que escondem a verdade pela poeira levantada. Pedro Du Bois retrata, “... desconhecemos da vida o segredo, / das razões, ignoramos estarmos / caminhando sobre nossos passos, / destruindo os rastros que nos trouxeram/ até aqui”.

Seus posicionamentos são ventos batendo portas, inquietações que passam longe do compromisso, do equilíbrio e da sensatez na verdade. É lógica que não pode nos agradar, pois, valem e somos mais do que a baixa satisfação pessoal pelo TER.

A imagem irreal da situação de anteontem, ontem e hoje, traz aspecto de incessantes delírios, sonhos, fantasias e sei lá o que mais; mas, no TER é que insistem viver como num vendaval de inquietações. Para Pedro Du Bois, “vento sem asas / ares

movimentados / poeira sobre os olhos / cegos, tempo e espera... // poeira cobre os olhos / fecha os olhos //... no sonho inacabado de espera”.

Meu pensamento se movimenta no vendaval de inquietações, das mais variadas formas, de maneira que as ideias e os ideais, então, se transformam em camadas de realidade soterradas ao tempo. Nada do que faço ou deixo de fazer diante de tal comportamento e atitudes evita ter de conviver com a falsidade, porque, vivenciar essas situações é misturar as fantasias.

Grito, por que não cortar o mal pela raiz? Por que alimentar o vendaval de inquietações? Nilto Maciel, em seu livro *Estaca Zero*, responde, “Ó tempo, como passaste ligeiro por mim! E eu nada fiz, a não ser nada. Besteira, o que não morreu não merece choro”.

Data : 23/03/2016

Título : VENTILADOR de ideias

Categoria: Crônicas

Descrição: É absolutamente fascinante mergulhar nas obras literárias e encontrar poetas que misturam suas sensibilidades como se fosse um ventilador a misturar os ares, espalhando ideias e palavras em sensação de prazer.

É absolutamente fascinante mergulhar nas obras literárias e encontrar poetas que misturam suas sensibilidades como se fosse um ventilador a misturar os ares, espalhando ideias e palavras em sensação de prazer. Assim, delicio-me com a poesia e suas divergências expostas como pano de fundo que, conforme Orides Fontela, “tecem-se tempos para um só ato infindo”.

A ousadia e o brilhantismo dos poetas me levam a espalhar suas palavras; e sempre surge a pergunta como desafio, “onde você leu isto ou aquilo?” Logo constato a energia investida por mim e mostro que os livros cobrem grande variedade de autores/obras, como um ventilador de ideias que conduz o leitor a abrir cada página.

Leio os poemas e esmiúço as palavras, descubro que os autores titilam sensibilidade. Cada um exercita na arte o seu talento ao dar origem as palavras e a sua forte influência, que se espalha como o vento.

Encontro o livro *Curso de Arte Poética*, completo e esclarecedor, de Jorge Tufic. A obra apresenta *Noções Gerais do Cotidiano e Sentimento Poético*, dividido em três partes: *Poesia através dos Tempos*, *A Legislação Teórica* e *o Mosaico e a Esfinge*. Os exercícios do livro visam a motivação como aprendizado. A linguagem é apresentada no sentido primordial e profundo do insight da vida, onde o significado e o significante das palavras são o objetivo e o objeto na construção da poesia. O autor trabalha com os aspectos da

metodologia, regras, terminologia, formas e cores da palavra. Ainda, tem a preocupação de pinçar e dar visão a outros autores, justos representantes dos ventiladores de ideias.

Mestre Tufic percorre o caminho da sabedoria e o transpõe no livro, por acreditar que na poesia é maior o desafio da sobrevivência na crise de inversão dos valores sociais e nas mudanças de comunicação. Para mim, ele exerce a postura de ventilador de ideias, porque espalha a poesia com sua devida reflexão: “Como fazer poesia se ela a poesia, já existe independentemente de palavra ou do poema?” – o mesmo responde, “a poesia se manifesta no homem como necessidade de expressão e comunicação”.

Jorge Tufic é intelectual que consegue perfeito equilíbrio entre a poesia na literatura e a compreensão da mesma no processo cultural. Traça e retraça diante dos meus olhos a figura de ventilador de ideias ao revelar os sentidos e me influenciar com as suas diferentes formas de sensibilidades.

Data : 16/10/2013

Título : VENTOS POÉTICOS

Categoria: Crônicas

Descrição: Grão de areia arrastado pelo ar, eu sentia sumir-me o chão dos pés, levitar, alçar vôo... E me guiavam os quatro ventos...?. Nilto Maciel

“Grão de areia arrastado pelo ar, eu sentia sumir-me o chão dos pés, levitar, alçar vôo... E me guiavam os quatro ventos...”. Nilto Maciel em sua poética mostra que as mudanças climáticas afetam a vida e a paisagem dos homens. Fazemos idéia do poder que o vento tem? O que se revela ao decidirmos sair em caminhada para sentir o vento? Esse, o desafio.

Jorge Xerxes poetiza que “Cada um de nós / traz dentro do peito / uma brisa / alguns dias sopra fraca / parece sufocar a calma...” E, Benedito Cesar Silva, revela: “Folhagens ao vento / gosto de beijo marcado / olhar paralelo”.

A liberdade é revelada: os sonhos levam a decisão: a criação literária é retratada tão fielmente quanto o prazer do amor, como se fosse fotografada a beleza da fantástica vida através da poesia, como em Francisco Alvim, “Passeiam os dias / e o tempo não se extingue- / vento no infinito // O tempo me veste com seu sopro estranho / Sou uma luz em que ele bata”.

A ideia é avaliar os efeitos dos ventos poéticos, que ao se depararem com as sensações, anseios e liberdade, descortinam poemas que se adaptam à necessidade do poeta, na pretensão de revelar o caminho da paixão de escrever com a versatilidade do repertório que escolhe para construir seus ventos poéticos, como no livro A Geometria dos Ventos, de Álvaro Pacheco, “O vento / que faz amor com as nuvens, / afugenta o sono, / e interrompe / a serenidade do voo de Ícaro...”.

As manifestações se dão de formas variadas, com o objetivo de mostrar que cada dia é um amanhã de acontecimentos inesperados, dando emoção extra aos ventos, como os versos poéticos do livro *Portas e Ventos* de Pedro Du Bois, “Ouço o vento / invisível: tenho medo / do vazio / do mundo / (das sentenças) / tenho medo / dos barulhos / do mundo / (das sentenças) / tenho medo / da minha sentença”.

Vale sentir os ventos e refletir sobre os pensamentos do poeta, como grande conquistador do espaço da arte literária. A partir daí, tornar-se parceiro de caminhada, prendendo o leitor até os últimos ventos, como na visão de Francisco Alvim, “Às vezes penso na morte não como medo, uma dor / mas como vento forte”.

Data : 10/02/2019

Título : VERDADE ou PRETEXTO reverso INTERLÚDIO

Categoria: Crônicas

O pretexto ecoa palavras incertas sobre a verdade que, em momentos decisivos, evidencia os anseios incutidos pela busca. A verdade recria dias de esperança para sonharmos na vida. O interlúdio é desafio que precisamos para vencer as escolhas do viver.

Verdade - não tenho limites, trabalho até nos finais de semana. Estou cansada!

Pretexto - não há um só dia em que posso me despreocupar com a vida. Sempre surgem problemas para resolver e não há “remédio” que os solucione.

Interlúdio - Pedro Du Bois: “Fazer as coisas definidas: / refazer as coisas / indefinidas: // definir as coisas”.

Verdade - na medida em que as pessoas vão juntando apenas dinheiro, perdem a qualidade de vida, porque o dinheiro expressa apenas a roda viva.

Pretexto - estou cansada de assistir tal situação: tem um tempinho, pode ficar com as crianças?

Interlúdio - Jorge Salomão: “... o que você quer? Você é quem debaixo desta máscara?”

Verdade – o que ganhamos ou o quanto perdemos, neste mundo solitário, em que só o ter é valorizado?

Pretexto – atualmente as mães resolvem tudo. Nem as crianças guardam os brinquedos e nem os pratos da refeição são levados para a pia.

Interlúdio – Leila Mícolis: “Vêm os jovens / e escrevem nas árvores seus nomes entrelaçados; / voltam adultos / e destroem esses corações apaixonados”.

Verdade – qual o limite para nos sentir realizados?

Temos clareza sobre nossos propósitos?

Pretexto – definimos as prioridades cotidianas para melhorar nossa relação temporal, pois, poucos conseguem o milagre da multiplicação das horas.

Interlúdio – Luiz Coronel: “Atrás de nós / há uma passeata de culpas, / e o remorso não nos poupa / em seus discursos”.

Verdade – precisamos lidar com a culpa quando não estamos trabalhando. O segredo é focar para não desperdiçar o tempo.

Pretexto – planejamos o dia a dia sem separar o profissional do pessoal, nem o sim do não; não prevemos o tempo utilizado em cada atividade.

Interlúdio – Lêdo Ivo: “... E passo o dia guerreando / a nuvem que me muda em sombra / e o sol fora do meu alcance”.

Verdade – De quantas leituras somos feitos? Atitudes? Lembranças? Amar e ser amado é suficiente para valorizar o ser?

Pretexto – temos a clareza do que queremos; abrimos espaço para a realização pessoal e criamos oportunidade para maximizar o tempo.

Interlúdio – José Degrazia: “No caminho a flor / mais bela incendiou / sem avisar / que havia uma palavra / para ser dita / em algum lugar”.

Verdade – diante da correria cotidiana escondemos incertezas, acomodações e o significado dos sentidos. Acreditamos que trabalhar muito é certo e normal.

Pretexto – não há reflexão se deixamos tudo de lado em prol do ter. Não mais criticamos os assuntos e nem expomos o nosso ponto de vista, porque alguém pode não gostar. Não conseguimos agradar a todos ao mesmo tempo. A falta de tempo é desculpa para estarmos verdadeiramente presentes em atividades não remuneradas.

Interlúdio – Mário Faustino: “... Mas nós, que flor e fruto destruimos / quem nos aliviará a fome e a sede quando / mortos sentirmos o coração vazio?”

Data : 10/02/2019

Título : VERDADES & MENTIRAS

Categoria: Crônicas

“De quantas verdades se faz uma mentira?”

(José E. Agualusa)

“Mentiu o compromisso / de trazer a luz da manhã / presente no movimento / e no descompromisso / em que a natureza / produz seus fatos... não mentiu o sonho / de transfiguração do corpo / e nele a luz / permanece constante”.

(Pedro Du Bois)

Pedro Du Bois é escritor reconhecido pela sua inventividade. O seu livro, Verdades e Mentiras, é baseado nas facetas da falsidade, onde revela a sinceridade e a insinceridade, desencadeando um jogo onde a mentira mostra que a situação se torna grave se a máscara sobre o rosto for encoberta de recordações vividas – “... mente para si / ao acaso do encontro / acasalado casal / acometido do sexo / limpo e fora de casa esclarece / seus desejos e como gostaria / de encontrar a amante / sobre a cama.”

Nesse jogo de mostra e esconde, finge dizer a verdade, mostrando algo para esconder outras coisas, refere-se ao ato de produzir uma falsa aparência e esconde os mistérios dos mascarados sem máscaras.

Nada além de literatura, uma construção baseada no discurso e através do que inventa provas de existência, como: o bem e o mal; a complexidade da verdade e da mentira.

Roberto Pompeu Toledo, pergunta: “Que é a verdade? Que é a mentira? A mentira é um discurso que começa invocando a verdade a sustentar-se numa mentira”.

Gosto do jogo proposto por Pedro porque é a revelação de um modo ilusionista. Onde o encoberto, perdido em dúvidas e obscuridades, tem um lado visível e o outro imobilizado pela ilegitimidade, e os iluminados cunham a ilusão e a impostura com mitos e contrários sentidos. Como acreditam os autores de Martins ao Cubo, “O poeta não mente só diz o que sente.” Noel Rosa já cantava: “Prá que mentir / se tu ainda não tens / esse dom / de saber iludir?/ Prá que?”. E encontro em Vinícius de Moraes: “...Amar sem mentir / nem sofrer / existiria a verdade / verdade que ninguém vê”.

Data : 20/05/2013

Título : Verde que te quero Verde

Categoria: Crônicas

Descrição: “Verde que te quero verde” é a expressão do desejo, mas não basta só querer, é preciso cultivar plantas como atividade prazerosa.

“A tinta verde cria jardins, selvas, prados, / folhagens  
onde gorjeiam letras, / palavras que são árvores, /  
frases de verdes constelações...” (Otávio Paz)



“Verde que te quero verde” é a expressão do desejo, mas não basta só querer, é preciso cultivar plantas como atividade prazerosa. Não requer técnica sofisticada e nem muito trabalho, e sim uma dose de carinho, luz, água e vento. Necessito do verde para realizar o meu projeto de vida. Sou a energia de um lugar onde tenho imagens de folhas caindo com o vento. Sou como as folhas que têm sua época certa para fertilizar, murchar, cair e morrer. Mario Quintana escreveu, “Quem é que pode parar os caminhos? / E os rios cantando e correndo? / E as folhas ao vento? / E os vinhos.../ E a poesia...”

Dizem que as plantas, além de bonitas e decorativas, trazem bons fluídos para dentro de casa. E mais, que devemos conversar com elas. Não sei se acredito no poder das plantas de influir no ambiente. Seria credence? Lembro que a crença vem de longa data, mas se considerar seus nomes, pensarei diferente, porque são sugestivos, como: comigo ninguém pode; árvore da felicidade; costela de adão; espada de São Jorge, e outras mais. Alguns paisagistas afirmam que as plantas têm poderes especiais e protegem contra as forças do mal. E também atraem dinheiro, sorte e felicidade.

Não me iludo: bons fluídos combinam com diferentes tons de verde, e ocorre-me que as plantas podem não gostar de viver entre quatro paredes, ficariam como velhos muros: presas. Como diz Carmen Presotto, “... vaso de flor! / Planta de apartamento / Arquitetura adubada / Terra envasada / Mãe natureza / Eterno é ser enjaulado entre muros...”

Se as ideias fossem plantadas, de que cor nasceriam? Pedro Du Bois demonstra em seus livros, Flores e Frutos: “... as flores não dizem palavras / nem saem dos lugares / brotam afloram desabrocham / são tornadas belas e admiradas / fenecem em sementes / e não são lembradas.”, e n’A árvore pela Raiz, “Forte/ ao solo / imersa / hidropônica / ao vento / relata o sentido / do verde...”

Como tudo na vida tem seus segredos, o verde tem o poder de desenhar nossas vidas. Não se trata simplesmente de admirar o “verde que te quero verde”, e sim tentar mudar e repensar os valores para preservar o ambiente. Nas palavras de Thiago de Mello, “...Permanecem os amigos. / Poucos. Mas capazes / de atravessar o mar / só para me levar uma flor...”

Penso nas plantas, mas não sou verde. Apenas gosto do verde. Confusa com as flores coloridas, perco a memória – resta só o perfume, o cheiro de verde. Como num itinerário de coisas e pessoas. Por essa razão tenho consciência de cuidar, manter, preservar o verde, para colher resultados das ações praticadas.

O verde é inspiração para inovar, ele não se constrói sozinho – disseminamos conhecimento, ideias para integrar, buscar motivação, porque quando vou em busca do desejo as coisas fluem e assim funciona a vida e isso faz a diferença.

Alain-Fourmer, no livro Bosque das Ilusões Perdidas, descreve a floresta romântica e poética onde decorre a aventura sentimental; Alejo Carpentier, n’A Sagração da Primavera, relata um romance político, marcado pelas mudanças: como o renascer na primavera.

“Verde que te quero verde” é como luz em busca de cores, que marca o encontro: estar livre para escolher como quero viver, porque no mundo verde a realidade é assumir a nossa verdade, como em Thiago de Mello, “... És tudo o que eu quero, o que eu espero, / és a manhã de sol, és noite de luar, / és o verde que sonhei...”.

Data : 07/12/2012

Título : VERDE que te quero VERDE

Categoria: Crônicas

Descrição: ?Verde que te quero verde? é a expressão do desejo, mas não basta só querer, é preciso cultivar plantas como atividade prazerosa. Não requer técnica sofisticada e nem muito trabalho, e sim uma dose de carinho, luz, água e vento.

“A tinta verde cria jardins, selvas, prados, / folhagens onde  
gorjeiam letras, /  
palavras que são árvores, / frases de verdes constelações...” (Otávio Paz)

“Verde que te quero verde” é a expressão do desejo, mas não basta só querer, é preciso cultivar plantas como atividade prazerosa. Não requer técnica sofisticada e nem muito trabalho, e sim uma dose de carinho, luz, água e vento. Necessito do verde para realizar o meu projeto de vida. Sou a energia de um lugar onde tenho imagens de folhas caindo com o vento. Sou como as folhas que têm sua época certa para fertilizar, murchar, cair e morrer. Mário Quintana escreveu, “Quem é que pode parar os caminhos? / E os rios cantando e correndo? / E as folhas ao vento? / E os vinhos.../ E a poesia...”

Dizem que as plantas, além de bonitas e decorativas, trazem bons fluídos para dentro de casa. E mais, que devemos conversar com elas. Não sei se acredito no poder das plantas de influir no ambiente. Seria crendice? Lembro que a crença vem de longa data, mas se considerar seus nomes, pensarei diferente, porque são sugestivos, como: comigo ninguém pode; árvore da felicidade; costela de adão; espada de São Jorge, e outras mais. Alguns paisagistas afirmam que as plantas têm poderes especiais e protegem contra as forças do mal. E também atraem dinheiro, sorte e felicidade.

Não me iludo: bons fluídos combinam com diferentes tons de verde, e ocorre-me que as plantas podem não gostar de viver entre quatro paredes, ficariam como velhos muros: presas. Como diz Carmen Presotto, “... vaso de flor! / Planta de apartamento / Arquitetura adubada / Terra envasada / Mãe natureza / Eterno é ser enjaulado entre muros...”

Se as ideias fossem plantadas, de que cor nasceriam? Pedro Du Bois, em seu livro Flores e Frutos, salienta “... as flores não dizem palavras / nem saem dos lugares / brotam afloram desabrocham / são tornadas belas e admiradas / fenecem em sementes / e não são lembradas.” e no, livro também de sua autoria, A árvore pela Raiz, “Forte / ao solo / imersa / hidropônica / ao vento / relata o sentido / do verde...”

Como tudo na vida tem seus segredos, o verde tem o poder de desenhar nossas vidas. Não se trata simplesmente de admirar o “verde que te quero verde”, e sim tentar mudar e repensar os valores para preservar o ambiente. Nas palavras de Thiago de Mello, “...Permanecem os amigos. / Poucos. Mas capazes / de atravessar o mar / só para me levar uma flor...”

Penso nas plantas, mas não sou verde. Apenas gosto do verde. Confusa com as flores coloridas, perco a memória – resta só o perfume, o cheiro de verde. Como num itinerário de coisas e pessoas. Por essa razão tenho consciência de cuidar, manter, preservar o verde, para colher resultados das ações praticadas.

O verde é inspiração para inovar, ele não se constrói sozinho – disseminamos conhecimento, ideias para integrar, buscar motivação, porque quando vou em busca do desejo, as coisas fluem e assim funciona minha vida e isso faz a diferença.

Alain-Fourmer, no livro *Bosque das Ilusões Perdidas*, descreve a floresta romântica e poética onde decorre a aventura sentimental; Alejo Carpentier, n’*A Sagração da Primavera*, relata um romance político, marcado pelas mudanças: como o renascer na primavera.

“Verde que te quero verde” é como luz em busca de cores, que marca o encontro: estar livre para escolher como quero viver, porque no mundo verde a realidade é assumir a nossa verdade, como em Thiago de Mello, “... És tudo o que eu quero, o que eu espero, / és a manhã de sol, és noite de luar, / és o verde que sonhei...”.

Data : 10/02/2019

Título :        VERSO & reverso: ENVOLTO

Categoria:    Crônicas

Estou envolta e sou movida pela arte da escrita e da leitura, principalmente da poesia. Com ela aprecio as cenas da vida através de contrastes em cenas fortes que surgem das figuras de linguagem, referentes nas diferenças dissimuladas pelo tempo. Para Haroldo de Campos, “Tinta branca/ sobre folha branca // escrever é uma forma de ver”.

No encanto pela literatura, compartilho poemas envoltos em duas versões; a primeira, de Pedro Du Bois, “Envolto em luas / distraio fracas luzes / e repasso a cena / em cômodas / e lutas / metades: / revolta / latejadas / no tempo / despreparado. // O destino sela luzes / aparentes. // Envolto em luzes / desconsidero a farsa: / lado revisto pelo espelho”; a segunda, o reverso de Maria Thereza Neves, “Envolto em brumas / luzes distantes / onde as sombras dançam / recordo / lembranças: metades”.

Os poetas retratam a peculiaridade da luz como componente fundamental da contemplação. Ganham força ao dominarem a perspectiva, como efeitos da luminosidade. Retratam o que neles se transubstancia ao traduzirem seus sentimentos e suas inspirações na diversidade de suas produções. É como ouvir Yesterday cantada por Elvis Presley ou Ray Charles. Ou Mulheres de Atenas, por Chico Buarque ou o Quarteto em Cy. Cada um com suas interpretações, todas esplêndidas!

Outro exemplo são os livros de Jorge Luis Borges, Joaquim Cardozo, Mario Quintana, Manuel Bandeira, Carmem Presotto e tantos outros, cada leitor se encontra no movimento das palavras conforme seu entendimento, conhecimento e visão sobre a arte

contida na obra escolhida. Nas palavras de Júlio Cortázar, “Não é ruim pelo tema, porque na literatura não há temas bons ou ruins, há apenas tratamento bom ou ruim”.

Data : 10/02/2019

Título : Verso de PEDRO DU BOIS & reverso de LUIZ OTÁVIO OLIANI

Categoria: Crônicas

Quem não gosta de ler um bom poema? Não é à toa que o costume de ler e de se deixar levar pelas palavras faz parte do viver; é o mundo dos valores emocionais e dos mistérios que nos leva a refletir sobre a vida.

A marca e o estilo de cada escritor visa sustentar as trocas de ideias ao determinar palavras para suscitar a memória, a lembrança e a realidade na reconstrução em novas imagens, com movimentos que revelam inovações.

A arte de poetizar é importante porque é instrumento de ligação entre nós e o mundo: descortinar os mistérios da realidade onde escritores conduzem com dinamismo ao nos mostrar a riqueza por detrás das palavras, que podem ser alteradas pelo leitor, como aconteceu com Luiz Otávio Oliani, ao ler o poema de Pedro Du Bois, que o inspirou a descrever “por outra janela”:

ESCREVER (Pedro Du Bois)

“Escrevo na folha / a estrofe derradeira /condensada em palavras / de despedida.// A folha preenchida /pede folhas sucessivas. // Escrevo histórias recontadas / em dias de mesmas palavras”.

POR OUTRA JANELA (Luiz Otávio Oliani)

Logo após ler o poema “ESCREVER” de Pedro Du Bois:

“o que rascunho na folha /é novo para mim // velhos sentimentos / em poesia / amor morte solidão / sempre assim

// o olho do poeta / capta o nunca vivido / a voz não dita / o inimaginado // metamorfose à risca / o papel sempre engravida / de sensações inéditas”

Esse encontro na arte da palavra e na expressão acontece em momento da liberdade, onde a inspiração, muitas vezes, passa por caminhos e trajetórias pessoais onde existe a vontade de revelar o quanto de (re)criação e sentimento os norteia. Luiz Otávio descobre esses mistérios e o revela nas palavras poéticas, levando-nos à (re)leitura sobre onde começa a “sede” de criar, que não tem fim, para refletirmos com o seu despertar e aprendermos, com ideias diferentes, a mantermos nossos ideais.

Oliani assim descortinou no poema de Du Bois e, na diversidade, fez o reverso com a sua criação. Os autores mostram através dos poemas que algo acontece em seus corações, e que suas linhas transbordam versos e reversos.

Data : 09/09/2015

Título : VERSO de Pedro Du Bois e REVERSO de Luiz Otávio Oliani

Categoria: Crônicas

Descrição: Quem não gosta de ler um bom poema? Não é à toa que o costume de ler e de se deixar levar pelas palavras faz parte do viver...

VERSO de Pedro Du Bois e

REVERSO de Luiz Otávio Oliani

Quem não gosta de ler um bom poema? Não é à toa que o costume de ler e de se deixar levar pelas palavras faz parte do viver; é o mundo dos valores emocionais e dos mistérios que nos leva a refletir sobre a vida.

A marca e o estilo de cada escritor visa sustentar as trocas de ideias ao determinar palavras para suscitar a memória, a lembrança e a realidade na reconstrução em novas imagens, com movimentos que revelam inovações.

A arte de escrever poesia é importante porque é instrumento de ligação entre nós e o mundo: descortinar os mistérios da realidade, que os escritores conduzem com dinamismo ao nos mostrar a riqueza por detrás das palavras, que podem ser alteradas pelo leitor, como aconteceu com Luiz Otávio Oliani, ao ler o poema de Pedro Du Bois, que o inspirou a descrever “por outra janela”, com a sua visão:

ESCREVER (Pedro Du Bois)

“Escrevo na folha / a estrofe derradeira / condensada em palavras / de despedida.// A folha preenchida / pede folhas sucessivas. // Escrevo histórias recontadas / em dias de mesmas palavras”.

POR OUTRA JANELA (Luiz Otávio Oliani)

Logo após ler o poema “ESCREVER” de Pedro Du Bois

“o que rascunho na folha / é novo para mim // velhos sentimentos / em poesia / amor morte solidão / sempre assim // o olho do poeta / capta o nunca vivido / a voz não dita / o inimaginado // metamorfose à risca / o papel sempre engravida / de sensações inéditas”

Esse encontro na arte da palavra e na expressão acontece em momento da liberdade, onde a inspiração, muitas vezes, passa por caminhos e trajetórias pessoais onde existe a vontade de revelar o quanto de (re)criação e sentimento os norteia. Luiz Otávio descobre esses mistérios e o revela nas palavras poéticas, levando-nos à (re)leitura sobre onde começa a “sede” de criar, que não tem fim, para refletirmos com o seu despertar e aprendermos, com ideias diferentes, a mantermos nossos ideais.

Oliani assim descortinou no poema de Du Bois e, na diversidade, fez o reverso com a sua criação. Os autores mostram através dos poemas que algo acontece em seus corações, e que suas linhas transbordam versos e reversos.

Data : 10/02/2019

Título : Verso ZAUZA reverso CUNHA

Categoria: Crônicas

O que há de diferente entre a poesia e a crônica dos escritores Getúlio Zauza e Gilberto Cunha, que passam mensagens que me permitem reflexões? Não sei dizer com exatidão, mas a beleza de suas palavras é motivo para deixar o meu o pensamento imerso no silêncio da leitura do que me é revelado através de seus textos. Analiso sem julgar ou criticar a poesia e a crônica que, na constância da leitura, me trazem os seus textos; abro espaço para as palavras entrarem em ação na perspectiva de colocar as situações da vida no meu dia a dia.

No verso de Zauza “Eu Vejo” e no reverso de Cunha “Te Vejo”; há sintonia nas ideias que me permitem, na medida da leitura, parafrasear Descartes: eu vejo, logo, te vejo! Porém, como o tempo está em permanente conflito com as possibilidades de continuar “te vendo”, soa que o que sinto e penso é real, emocionante e belo.

Parece que silenciosamente desvelam o verso em reverso com outras palavras, como Getúlio Zauza no poema Eu vejo // “Dizer que não vê o pensamento / pode ser verdade ou engano, / eu o vejo no exato momento / em que nasce como nasce o ser humano...”

Gilberto Cunha, na crônica Te Vejo!, expressa que “não só de ver, mas sentir a presença, nas relações interpessoais, que os zulus, em vez dos nossos protocolares cumprimentos – “bom dia / boa tarde / boa noite”, “como vai?”, “Oi, tudo bem?”, “Olá, eu vou bem, obrigado/obrigada” etc -, optam pela peculiar saudação, “sawubona”, que significa “TE VEJO!”, ainda, na inusitada resposta, “sikhona”, literalmente traduzida por “ESTOU AQUI!” “Simples assim: TE VEJO... ESTOU AQUI!”

Seus pensamentos me levam a divagar pelo desejo de me permitir vencer os ruídos da vida para me concentrar nos pensamentos e nas palavras que revelam os sentidos;

também posso me declarar e me expor quando vejo você; ainda, unir a realidade com o tempo em que, em cada passo, admito a importância quando “te vejo”.

No simples fato de “olhar” para alguém, o pensamento estimula o ser com comedida intenção, além de dar tempo ao tempo, para produzir efeito e aquietar a mente. Em passe de mágica, percebo o significado das palavras tornando espontânea a minha atitude, na troca através da qual percebo o que de bom me acontece no presente.

Data : 26/08/2020

Título : VEXAMES

Categoria: Crônicas

Descrição: Ao falar sobre nossas vidas com alegrias e tristezas, vergonhas e afrontação...

Ao falar sobre nossas vidas com alegrias e tristezas, vergonhas e afrontação, compreendemos melhor o porque, como e quando somos o que somos ao lembrarmos os vexames que passamos. Por vezes é divertido e, em outras, melhor o esquecimento. Mas, quando acontece o vexame, temos capacidade para lembrar os detalhes e as expressões do momento e fazermos – juntos – a nossa censura, para que não se repita. Como vexame, conto que no tempo em que a Varig distribuía “toalhas quentes enroladinhas” (em formato de canudo) para limpar as mãos antes do lanche, alguém na poltrona ao lado pegou a toalha e a levou à boca, para comer. Olhamos espantados e ele, espirituoso, falou: “Adoro toalhas quentes!!”.

É importante, depois do fato, conversar sobre a situação para podermos nos libertar da situação desastrosa; criticar a nós mesmos torna “leve” o momento, dos mais tristes aos de glória.

Quem não passou por vexame em alguma situação na vida? Até Vinícius de Moraes, no antigo programa televisivo Blota Junior, A palavra é..., em que o participante que conhecesse a letra da música apresentada, cantava uma parte e ganhava pontos; ao ser anunciada a palavra, garota, Vinícius correu ao microfone para cantar Garota de Ipanema, de sua autoria. Porém, nela não há a palavra “garota”, mas, “moça” e “menina”. Foi grande o vexame e a decepção do Poetinha.

Deslizes podem se transformar em vexames, fazendo-nos refletir sobre o viver e a esperança de superá-los nos próximos eventos.

Proponho olhar para os vexames, com olhos de quem percebe serem apenas momentos equivocados, pois, temos o poder de recriar e modificar a nossa realidade futura.

Na vida não temos condições de controlar tudo e os vexames acontecem como temperos no viver, pois, por mais que tentemos, é impossível prever as circunstâncias e as variáveis no cotidiano. Para Jung, “O conhecimento não se apoia só na verdade, mas também no erro”.

Data : 28/08/2019

Título : VEXAMES

Categoria: Crônicas

Ao falar sobre nossas vidas com alegrias e tristezas, vergonhas e afrontação, compreendemos melhor o porquê, como e quando somos o que somos ao lembrarmos os vexames que passamos. Por vezes é divertido e, em outras, melhor o esquecimento. Mas, quando acontece o vexame, temos capacidade para lembrar os detalhes e as expressões do momento e fazermos – juntos – a nossa censura, para que não se repita. Como vexame, conto que no tempo em que a Varig distribuía “toalhas quentes enroladinhas” (em formato de canudo) para limpar as mãos antes do lanche, alguém na poltrona ao lado pegou a toalha e a levou à boca, para comer. Olhamos espantados e ele, espirituoso, falou: “Adoro toalhas quentes!!”.

É importante, depois do fato, conversar sobre a situação para podermos nos libertar da situação desastrosa; criticar a nós mesmos torna “leve” o momento, dos mais tristes aos de glória.

Quem não passou por vexame em alguma situação na vida? Até Vinícius de Moraes, no antigo programa televisivo Blota Junior, A palavra é..., em que o participante que conhecesse a letra da música apresentada, cantava uma parte e ganhava pontos; ao ser anunciada a palavra, garota, Vinícius correu ao microfone para cantar Garota de Ipanema, de sua autoria. Porém, nela não há a palavra “garota”, mas, “moça” e “menina”. Foi grande o vexame e a decepção do Poetinha.

Deslizes podem se transformar em vexames, fazendo-nos refletir sobre o viver e a esperança de superá-los nos próximos eventos.

Proponho olhar para os vexames, com olhos de quem percebe serem apenas momentos equivocados, pois, temos o poder de recriar e modificar a nossa realidade futura.

Na vida não temos condições de controlar tudo e os vexames acontecem como temperos no viver, pois, por mais que tentemos, é impossível prever as circunstâncias e as variáveis no cotidiano. Para Jung, “O conhecimento não se apoia só na verdade, mas também no erro”.



Data : 28/08/2019

Título : VIDA A DOIS

Categoria: Crônicas

Amar e ser amado. Viver ao lado de quem escolho para dividir os momentos, confiar os segredos, revelar as deficiências, dançar e brincar é refletir em palavras o sentimento no dizer ao outro com a linguagem corporal. Rodrigo Petrônio retrata, "... Não há limite certo.../ Desde a manhã do mundo que tua voz prepara / Se nos encontrarmos retornamos a teu seio / Se nos tocamos atravessamos tua pele / Se nos afastamos vamos ao teu encontro / Se nos ignoramos és nosso espelho / Nada mais se separa porque tudo adere...".

Minuciosamente, a vida a dois é descoberta como movimento nas reações, conversas e até nas discussões, gerando relação em que é possível medir os níveis de confiança e respeito. Entre verdades, as atitudes são demonstrações de amor.

Encontro harmonia nas diferenças com que busco a felicidade na confluência dos interesses: quando penso nele e ele em mim, realizamos nossas diárias ilustrações. Gestos que demonstram dedicação em nossa união. Ou seja, o retorno na sintonia da vida a dois trazendo a conexão entre os sentidos e permitindo que eu possa questionar os nossos sonhos: temos preocupações diárias com o nosso bem estar? Quais os nossos medos? Nossos planos para manter a alegria de amar? Para manter nossa relação, identificamos detalhes que fortalecem o amor e a paixão?

Fujo da dominação que não é bem vinda em nossa vida; não contribui para o que o coração revela e nem harmonia o todo. Como em Rodrigo Petrônio, "Eu me lembro / O Sol se abriu, unânime sobre nossos dias. / Sentaste no chão entre os lírios de papel enquanto o café interrompia / nossa fala...".

Busco no diálogo a verdade para chegar ao denominador comum. Uso a sinceridade e lembro os gestos no instante amoroso.

Os momentos da vida a dois são medidos pela qualidade do viver ao criarmos espaço para os impulsos e opiniões, culpas e ciúmes. Nenhuma questão é deixada de lado. Todas se encaixam no impacto de abrir o coração para os assuntos que giram em torno da rotina, no vivenciar com atenção e na intenção de simplificar o viver, o que significa acolher e encantar quem amamos. A ideia é tornar a relação equilibrada e criativa para encararmos os dias como fatores de transição.

Assim, ficamos em sintonia para viver as emoções e até imaginamos a importância da nossa cumplicidade; ou esquecemos tudo e vivemos o presente como magia.

As escolhas são o maior presente no viver, que fazemos para nos libertar e entender que podemos ser quem somos. Perceber no olhar do outro a surpresa e o estranhamento quanto à autonomia de cada um ao superar as dificuldades e aumentar a autoestima.

Data : 24/11/2012

Título : VIDA e POESIA: ZIZA TREIN

Categoria: Crônicas

Descrição: ?Onde está aquela menina / que andava de mãos dadas com o pai / pelos trilhos de trem?...? Foi no período de 1923 a 1981 que a poetiza passofundense, Ziza de Araújo Trein, escreveu o livro VIDA e POESIA. A obra é dividida em duas partes: Poesias Ingênuas e Na Andança da Vida.

“Onde está aquela menina / que andava de mãos dadas com o pai / pelos trilhos de trem?...”

Foi no período de 1923 a 1981 que a poetiza passofundense, Ziza de Araújo Trein, escreveu o livro VIDA e POESIA. A obra é dividida em duas partes: Poesias Ingênuas e Na Andança da Vida.

Considero o livro de imperdível leitura, pois, ao criar arte, naquela época, ela revela com palavras mágicas as experiências vividas, deixando transparecer na linguagem poética também o amor pela sua Pátria. “Brasil, meu Brasil // És tão grande, tão nobre e generoso!...” ela se refere à Segunda Guerra Mundial, onde alguns imigrantes alemães desrespeitaram a nossa Bandeira: “Mais do que tudo que fizeram, / Foi terem ultrajado o Sacrossanto / Pavilhão deste povo brasileiro!...”

Diante das circunstâncias da vida, para conhecer o mundo, optou por viagens a Berlim, Paris e Bruxelas (1977), e as teve como suporte da sua obra, que por vezes, foi ousada por não se fazer calar, como no poema “Viagem”: “Todo ser humano é semente constante / No campo imenso deste mundo – terra. / Tudo o que semeares, seja Bem ou Mal / o fará na tua própria seara // ...As mesmas sementes voltarão / E no teu próprio caminho / Irão nascer!”

Para compreender o que ela pensava e sentia sobre a sua terra natal, Passo Fundo, a poetiza conta do “Meu Rincão”: “Meu coração nesta hora / É uma acordeona chorona / Neste galpão que é o meu peito, / contando em versos.../ o que sei deste rincão. //Deste rincão que surgiu / Porque o tropeiro cansado / Pousava aqui p’ra o descanso. / e, ali, na beira do rio...// E, onde está agora esse rio, / Que tinha um passo tão fundo / Que deu o nome da cidade?...// Vem também tu, forasteiro, / Tropeando a vida no mundo? / Este é o lugar da pousada, / É aqui mesmo o Passo-Fundo”.

No sagrado direito de expressão, sua obra tem significado especial. Faz registros de um tempo em que a força do seu pensamento e da sua juventude ficou concentrada em sua poesia. Ainda, teve a coragem para realizá-la quando o silêncio era o abrigo mais seguro.

Nas Andanças da Vida, foi movida pelo lema “Viver para Servir”: “Para aqueles que te pedem pão/ Tens sempre alguma coisa para repartir. / Sempre alegre, sempre sorrindo, / Que importa as dores.../ Se estás feliz, muito feliz / No prazer que tens em estar servindo?...”

A poesia de Ziza contribui para nos aproximar daquela realidade e a entender a liberdade que ela teve ao escrever seu livro. Criou a oportunidade de expressar seu convívio, levando o leitor a fazer uma viagem ao seu tempo, através dos aspectos mencionados no desenvolvimento literário com as relações vivenciais, a capacidade de compartilhar seu amor e seus sonhos, deixando ao leitor repensar o dia a dia e, ainda, alimentar esperanças em relação ao sentimento pátrio, favorecendo o crescimento pessoal e cultural – essência da vida em sociedade. É nesse emaranhado de épocas que, “Onde”, Ziza expressou a sua arte: “A menina hoje anda sozinha / pelos trilhos da vida...// O tempo alvejou seus cabelo / e riscou de rugas o seu rosto / Mas sempre a mesma menina. /Que escreveu tolas poesias ingênuas!”

Data : 02/04/2020

Título : VIDA PIÃO

Categoria: Crônicas

Descrição: Estamos vivendo como pião, rodando até cair; vivendo numa realidade sem empatia ...

Estamos vivendo como pião, rodando até cair; vivendo numa realidade sem empatia a se entranhar naturalmente entre nós. Sofremos o déficit desta realidade na insegurança por não sabermos rodopiar sem cair. Estamos sem respostas!!

São tantas as (des)informações sobre a pandemia e o confinamento, que estão causando grandes confusões. Encontro com Ernesto Pedro Zanette, “Não tenho assistido noticiário de TV... quem não vê fica desinformado, quem vê fica mal informado.”.

Da maneira como conduzidos, somos os piões que caem sem proteção, por vivermos com contraditórias notícias sobre a pandemia.

Temos o direito de saber das medidas governamentais e as precauções sobre os infectados, bem como o número correto de internações e mortes. Nossa perspectiva precisa das metas diárias, que nos auxiliam a suportar o confinamento.

Nossa vida é regulada pelos hábitos; por isso, usamos a força de vontade para suportar a situação e não rodopiar até cair e morrer.

Nosso ponto de equilíbrio sofre com a ausência de controle por conta dos governantes: enquanto nos esforçamos para rodar, as autoridades rodam por caminhos obscuros,

interesseiros e indistintos ao tentar transformar a crise, um dos períodos mais difíceis do país, em lucro privado. É inaceitável não se preocuparem apenas com a ação do perigoso vírus que nos leva à morte.

Então, buscamos dentro de nós a assertividade e o bom senso para encarar a situação e amenizar o confinamento e a sobrecarga das notícias ruins. O poder nos vê como problema, enquanto apenas buscamos soluções para retornar ao nosso bem estar.

Data : 25/04/2017

Título : VIDA REAL

Categoria: Crônicas

Descrição: Homenageio o símbolo da continuação da criação humana, que dá relevo à beleza da vida: ser mãe.

“Se / Sêmen / Semente // vida”

(Silmar Bohrer)

Homenageio o símbolo da continuação da criação humana, que dá relevo à beleza da vida: ser mãe.

Partindo da premissa de que filhos não vêm com “manual de instruções”, enfrentamos situações e situações, principalmente porque, hoje em dia, precisamos ser modernas e maternas, devendo compartilhar os dissabores, as alegrias, as dúvidas e os receios. Enfrentamos o dia a dia com tudo de bom e de ruim que a palavra possa implicar

Quem é mãe precisa ser múltipla mulher... Temos de conciliar o filho e a carreira, situação que, apesar da correria, do sofrimento e das preocupações, avalio como positiva.

Ser mãe é alcançar momentos mágicos que naturalmente nos privam de outras atividades, como: dormir despreocupada e simplesmente acordar no outro dia, ir ao cinema e ler. Isso e muitas outras coisas mudam. Aos poucos, a vida retorna ao seu prumo e espaço; vamos adequando e descobrindo inúmeras maravilhas que apontam para o caminho da realização, com coragem e felicidade.

Filho significa alegria e amor; passa energia para vivermos. Só nós podemos entender. Ele tem em nós, mulheres, mais do que a mãe, tem a amiga que carrega os sentimentos do tempo.

Mãe é quem representa o tempo, que o tempo é vida, como nos mostra a gaúcha Ayda Bochi Brum, em seu poema Vida x Vida: “Ser mãe é sair do ventre novamente. /... E aprender nova linguagem / e sentir com mais intensidade: / que imortal é o amor / e a dor mais dor - / que o filho é energia segurando a vida / e transcendendo a transcendência / do que chamam morte. /... e não cansar de repetir / em cada filho / essa

esperança nova / que faz a mulher viver / mais que uma vida /... E ser avó / é ser tudo isso novamente / sendo feto e alma / e coração e gente”.

Escolhi Ayda para nos representar; ela, além de mãe, é poetisa; nascida em 1941, em São Francisco de Assis, no Rio Grande do Sul. Voltada para a arte das palavras, através do seu desempenho, conquistou, entre outros, os prêmio de mulher destaque do ano e o de mulher expressão do Rio Grande do Sul, além do troféu Ana Terra. Resultados que refletem e representam a vitória das mães na vida real.

Data : 07/07/2017

Título : VIDAS DESAMARRADAS

Categoria: Crônicas

Descrição: por Webston Moura e Márcio Almeida

VIDAS DESAMARRADAS

por Webston Moura

Tânia Du Bois é cronista. Como tal, aparenta ser capaz de falar sobre qualquer assunto, tal é a facilidade de compreensão e de comunicação que se pode observar em seus textos. Todos podemos ver isso em “Amantes nas Entrelinhas”, “Exercício das Vozes”, “Autópsia do Invisível”, “Arte em Movimento”, “Comércio de Ilusões”, “O Eco dos Objetos” e, agora, neste “Vidas Desamarradas” (Projeto Passo Fundo, 2017). Leitora e observadora sagaz, segue o que não seria uma fórmula, mas um caminho, o de investigar, gentil, inteligente e honestamente, as escritas de outros, para então, apreciando-as, dizer suas (dela) impressões que, inevitavelmente, situam-se na interface literatura (ficção)-vida real. Tânia escreve bem e, ao que parece, em favor do que em nós clama por luz e entendimento.

Data : 20/06/2020

Título : VIRA-TEMPO

Categoria: Crônicas

Descrição: Enquanto o Covid19 não se exaure, a sensação de medo permanece em cada dia de confinamento...

Enquanto o Covid19 não se exaure, a sensação de medo permanece em cada dia de confinamento. O desafio é descobrir o que fazer no tempo disponível. Em Luciano Maia encontro que, "... Estava o tempo atravessando outrora / nos travejos / nas traves / nas tramelas /a das casas... // redescobrimo as veredas do passado..."

Antes da pandemia o tempo era breve para os nossos desejos. Agora, temos tempo para descobrir o que fazer para o nosso bem estar. Por exemplo, meu amigo teve tempo para redescobrir a sua biblioteca e encontrou um livro que havia comprado há dezessete anos; agora, disse ele, chegou a hora de ler aquela obra de Gabriel Garcia Márquez. O bom é que livro não tem idade para ser lido com o mesmo prazer. Nas palavras de Virgílio Maia, "guardava crudelíssimos segredos / escondidos no sótão da memória".

Outros estão tendo a alegria de almoçar com suas famílias, aproveitando o carinho, até mesmo, na criação de novas receitas visando tornar especiais as refeições.

No vira-tempo procuro filmes na televisão, trabalho na produção de textos e altero os dias, como processo de libertação. Ao re- virar o tempo vario as atividades de acordo com meus desejos, para refletir sobre os acontecimentos com suas gravidades, e que tudo sirva de propósito como o livro que estou lendo: Os Quatro Elementos, em que cada escritor assinou doze sonetos: Francisco Carvalho, Jorge Tufic, Luciano Maia e Virgílio Maia; suas metáforas refletem à situação atual, como Jorge Tufic expressa, "Nesta rua de alegres lembranças / mastigamos as sobras do mistério / que se agrava no chão, fértil de enganos..."

Data : 28/08/2019

Título : VISITA AO CEMITÉRIO

Categoria: Crônicas

O cemitério é o vidro espelhado em que deixamos a morte. Nele não há trégua, nem palavras. Há sentimento e saudade no resíduo do pranto.

Transitamos caminhos entre os túmulos, com passos lentos, em busca das vozes que ainda guardamos da vida. Mistério que nos leva ao suspiro e silêncio, como em Fernando Pessoa, "Existe no silêncio uma tão profunda sabedoria. Que, às vezes, ele se transforma na mais perfeita resposta".

Visitar o cemitério é juntar pontos entre sombras e realidade; lembranças de que a vida se esgota e se renova. É aprender os caminhos ora de pedras, ora de flores e murmúrios que levam nossas mentes a despertar os sentidos.

Considero o cemitério o contraste que une o vento e a consciência, na incumbência de nos tornar cúmplices na dor ao mistificar o tempo como senhor da vida. Nas palavras de Pedro Geraldo Escosteguy, "... És o tédio que eu movo / e renovo no tédio. / Quando virás de novo?".

Data : 28/05/2014

Título : VIVER O MOMENTO

Categoria: Crônicas

Descrição: Vivo momento de alegria por ser cronista, e uma coisa é certa: escrever é atividade sem sossego.

## VIVER O MOMENTO

Vivo momento de alegria por ser cronista, e uma coisa é certa: escrever é atividade sem sossego. A ideia é construída ao longo dos dias. Aprender é ato ativo e o importante é que só praticando a literatura diuturnamente é que alcançamos a edição de um livro, em que tentamos demonstrar originalidade na abordagem de nossas "possíveis riquezas".

Não se trata de falar da própria autoria, mas, sobre o livro de Pedro Du Bois, EM CONTOS e do meu, O EXERCÍCIO das VOZES, que foram lidos e comentados pelo mestre e crítico Márcio Almeida:

"MEU CARO PEDRO,

"EM CONTOS" É A SUA VERSÃO NARRATIVA DE INTERPRETAR O MUNDO E NELA VOCÊ SE EXPÕE COM UMA FORÇA EXPRESSIVA SURPREENDENTE, SOBRETUDO NESTE ANTOLÓGICO "A MULHER DA CASA."

VOCÊ TEM UMA SUTIL CAPACIDADE DE ESMIUÇAR O COTIDIANO HUMANO E DELE EXTRAIR A DRAMATICIDADE SÔFREGA DE PESSOAS COMUNS QUE ENGENDRAM VIVÊNCIAS QUE AFETAM AS DEMAIS PELA EXPERIÊNCIA COMUM. E VOCÊ FAZ ISSO COM SEGURANÇA. PARABÉNS.

## SOBRE "O EXERCÍCIO DAS VOZES"

O LIVRO SE PROPÕE A SER RENOVAÇÃO DO ESTILO CRÔNICA - E CONSEGUE. TEXTOS CURTOS BEM FORJADOS COM AMPLO CONHECIMENTO LITERÁRIO E HUMANO, NUMA LEITURA SOBRETUDO AGRADÁVEL, VISCOSA, DESSA QUE PEGA A GENTE E LEVA DE ROLDÃO PELO PRAZER DE SABOREAR ASSUNTOS DIVERSOS QUE VÃO URDINDO VOZES QUE COMPÕEM A CORALIDADE DE PESSOAS QUE ENSINAM A VIVER MAIS E MELHOR, DE UMA E DE OUTRA FORMA, MORMENTE COM AS ARTES, A LITERATURA ESPECIALMENTE. MESMO PORQUE "SOMOS PERGUNTÁVEIS".

TÂNIA DU BOIS CONTRIBUI PARA QUE HAJA MELHOR CONSCIÊNCIA CRÍTICA A PARTIR DO QUE MARINA DU BOIS SE PROPÕE PENSAR VIA CONSTRUÇÃO DE UM MUNDO NOVO PELA VONTADE DE VIVER NUM MUNDO MELHOR. POR ISSO ELA ESCREVE: "A LITERATURA É UMA DAS MANEIRAS DE VER O PASSADO E, AO CONVIVER COM ELE, DIMINUIR AS RUÍNAS DO DIA-A-DIA."

É UM LIVRO PARA FAZER PESSOAS MAIS FELIZES."

Não se trata apenas de elogio; mas, do que significa ser lido com a paixão literária que o caracteriza. Suas palavras nos estimulam a escrever mais e mais; fazer uma literatura sem fronteiras; viajar pelo mundo da imaginação, acreditando que o que fazemos tem sentido: ter voz própria ao escrever o que nos permite descobrir o que gostaríamos de dizer.

Vivemos momentos de felicidades por desfrutarmos do prazer de sermos lidos, vistos e reconhecidos pelo mestre Márcio Almeida.

Data : 19/10/2016

Título : VIVER tem PREÇO

Categoria: Crônicas

Descrição: "Tudo entre parênteses / (a) / - até minha vida" (Vera Casanova)...

"Tudo entre parênteses / (a) / - até minha vida"

(Vera Casanova)

É preciso ter tempo para nos envolver com a vida, entre desejos, interesses e necessidades. Por isso, buscamos a forma, a medida para entrar no movimento e nos dedicar as tarefas com o instinto de sobrevivência. Questionamos: se viver tem preço, qual é o nosso? Máscara sobre máscara? O gosto amargo na boca? A impunidade? A desumanidade? A insatisfação? Violentar a linguagem? A voz do silêncio? A paisagem de cimento? Para Carlos Higgin, "... Quanto vale uma vida humana? Num mundo com



tantos bilhões de seres humanos, uma simples vida parece valer pouca coisa. Quase nada...”. Lia Luft, no livro *O Lado Fatal*, mostra o preço a ser pago.

Tudo é questão de medida; o que importa é conquistar o tempo. Ele é o preço que pagamos para viver; o relógio não para com seu tic-tac; o sangue corre nas veias no viés vivencial entre o ar que vem na contramão do desejo e se alastra no dia a dia.

Dependemos do tempo para estar aqui e ali, onde o preço são frases escritas, que muitas vezes se desenham na agonia do estampido; o sentimento ante a infelicidade e o murmúrio das ondas do mar. Parece muito? Ainda, arcamos com o preço quando vemos a vida no cotidiano e não percebemos o dia diferente; o quadro na parede; as sombras se movendo e os olhos dizendo “eu te amo”. Nas palavras de Valmor Bordin, “... Afago em números / Há espaço em ti / para um poema?”

Na outra face da moeda, o preço alto é o do vazio; do livro fechado; da voz estrangulada pela emoção do amor entre estilhaços da dor; das cartas com ponto final; dos vícios como liberdade e do calor solar através da vidraça. Vera Casanova demonstra que “... Quando os anos marcam / nosso corpo, / com as dobras, as veias, / as rugas, o saber sobre as coisas enobrece. / Caminhos percorridos / às vezes adiados / nem sempre contados. / Memória do viver”.

Sem contar que nos esforçamos pagando preços diferentes pelo caminho em que semeamos fragmentos que afetam a vida e revelam impulsos interiores, forças contrárias e gritos de pressão sobre como vemos as horas. Ainda em Vera Casanova, “... busco a fresta da janela / para respirar / ou quem sabe me inspirar ou expirar o silêncio / das coisas ditas pelo avesso”.

As horas passam rápidas ou usamos mal o tempo? Temos tempo para realizar o que julgamos importante? Olhamos o tempo com o coração, para espalhar a paixão, as ideias e o sonho, mas, nem sempre questionamos os valores como algo cortante, como revela Paulo Monteiro, “logo as portas do cadafalso se abirão / e não mais serei escravo de ninguém / voarei como um pássaro / nem sei para onde...”

O tempo é paradigma quando dizemos sim a tudo e ao nada. Em alguns dias vivemos das memórias; em outros, do presente; em ambos pagamos o preço para glorificar o melhor e o pior da nossa vida, como em Vera Casanova, “... nesse redemoinho do tempo / vou anunciando as vozes / do passado e do presente. / Na escritura desses traços / nessa encruzilhada dos tempos / vamos deixando os restos / de nossos eus outros”.

Data : 20/01/2020

Título : VIVER TEM PREÇO

Categoria: Crônicas

Descrição: É preciso ter tempo para se envolver com a vida, entre desejos, interesses e necessidades.

“Tudo entre parênteses / (a) / - até minha vida” (Vera Casanova)

É preciso ter tempo para se envolver com a vida, entre desejos, interesses e necessidades. Por isso, buscamos a forma, a medida para entrar no movimento e nos dedicar as tarefas com o instinto de sobrevivência. Questionamos: se viver tem preço, qual é o nosso? Máscara sobre máscara? O gosto amargo na boca? A impunidade? A desumanidade? A insatisfação? Violentar a linguagem? A voz do silêncio? A paisagem de cimento? Para Carlos Higgie, “... Quanto vale uma vida humana? num mundo com tantos bilhões de seres humanos, uma simples vida parece valer pouca coisa. Quase nada...”. Lia Luft, no livro *O Lado Fatal*, mostra o preço a ser pago.

Tudo é questão de medida; o que importa é conquistar o tempo. Ele é o preço que pagamos para viver; o relógio não para com seu tic-tac; o sangue corre nas veias no viés vivencial entre o ar que vem na contramão do desejo e se alastra no dia a dia.

Dependemos do tempo para estar aqui e ali, onde o preço são frases escritas, que muitas vezes se desenham na agonia do estampido; o sentimento ante a infelicidade e o murmúrio das ondas do mar. Parece muito? Ainda, arcamos com o preço quando vemos a vida no cotidiano e não percebemos o dia diferente; o quadro na parede; as sombras se movendo e os olhos dizendo “eu te amo”. Nas palavras de Valmor Bordin, “... Afago em números / Há espaço em ti / para um poema?”

Na outra face da moeda, o preço alto é o do vazio; do livro fechado; da voz estrangulada pela emoção do amor entre estilhaços da dor; das cartas com ponto final; dos vícios como liberdade e do calor solar através da vidraça. Vera Casanova demonstra que “...Quando os anos marcam / nosso corpo, / com as dobras, as veias, / as rugas, o saber sobre as coisas enobrece. / Caminhos percorridos / às vezes adiados / nem sempre contados. / Memória do viver”.

Sem contar que nos esforçamos pagando preços diferentes pelo caminho em que semeamos fragmentos que afetam a vida e revelam impulsos interiores, forças contrárias e gritos de pressão sobre como vemos as horas. Ainda em Vera Casanova, “...busco a fresta da janela / para respirar / ou quem sabe me inspirar ou expirar o silêncio / das coisas ditas pelo avesso”.

As horas passam rápidas ou usamos mal o tempo? Temos tempo para realizar o que julgamos importante? Olhamos o tempo com o coração, para espalhar a paixão, as ideias e o sonho, mas, nem sempre questionamos os valores como algo cortante, como revela Paulo Monteiro, “logo as portas do cadafalso se abirão / e não mais serei escravo de ninguém / voarei como um pássaro / nem sei para onde...”

O tempo é paradigma quando dizemos sim a tudo e ao nada. Em alguns dias vivemos das memórias; em outros, do presente; em ambos pagamos o preço para glorificar o melhor e o pior da nossa vida, como em Vera Casanova, “... nesse redemoinho do tempo / vou anunciando as vozes / do passado e do presente. / Na escritura desses traços / nessa encruzilhada dos tempos / vamos deixando os restos / de nossos eus outros”.

Data : 08/06/2017

Título : VOCÊ e EU

Categoria: Crônicas

Descrição: Entre você e eu se levanta um muro de saudades, ...

“... se você for retirada / do interior desta ostra / Que sou eu / Que seria eu? /

Meu mundo quebrado / Não mais haverá / Razão para que eu viva /

Pois a partir do dia em que conheci você / Meu mundo passou a ser seu...”

(Amir Carlos)

Entre você e eu se levanta um muro de saudades, e somente nós podemos nos dar ao “luxo” da renúncia quando nada dizemos. Dessa vez, a voz metálica diz adeus. Segundo Ricardo Valverde, “Você e eu //...você me apareceu / ...um sentimento nasceu / ...de repente você desapareceu / os meus telefonemas não atendeu / as minhas cartas não leu / e nem mais escreveu / porém aqui estou eu / de coração aberto esperando para continuarmos / aquilo que começamos / você e eu...”

Sua falta me alucina na bendita solidão que me funde na saudade. Folhas ao vento o chamam e eu me refugio nas lembranças e abraço a sua ausência. Pedro Du Bois revela, “ver o momento de dor / no olhar de quem perdeu / a hora de amar e passará a vida / procurando em cada gesto, / palavra e movimento...”

À noite, meu pensamento se cruza com pesadelos, que se aprofundam nas lembranças, como se fossem a alegria saudosa em perfeita desordem, igual a um livro de vento sem palavras e folhas sem asas, apenas o sentimento da sua ausência, como em Patrícia Hoffmann, “...vulto complexo, / no espelho da alma / o teu reflexo, / sempre ausente...”

Nos sonhos, venço o muro das lamentações e encontro dentro de mim a sua memória e assim não me envergonho do sentimento que nutro por você. Essa memória cobre a noite em desamor e eu invento razões para não esquecê-lo, porque vejo seu rosto em perdões e guardo segredo.

Seus braços permanecem fechados, fico angustiada e invento sua volta ao meu desvalido coração que sopra a saudade em eco, por onde me perco em sonhos na hora em que decifro o seu olhar; nas palavras de Lima Coelho, “...Extremas saudades! tristezas que não se acalma, / Resumo doce e amargo de um sofrimento, / que me faz meditar, a todo momento.”

Penso em nossos momentos e sinto seus beijos em meus lábios e o meu rosto marcado diz o quanto mais gostaria de lhe amar; então, insisto em ouvir a voz do coração: não seremos um do outro. Perco-me em palavras no eco escuro e as noites se tornam de insônias. Busco desvendar o segredo através do vento que me traz a triste verdade e decifra as lembranças do que foi o nosso amor; misteriosamente, renunciamos um ao outro: você e eu? O poeta Carlos Pessoa Rosa retrata, “... uma sensação de ausência presente, de algo ter carregado de nossas mãos, para se despedaçar no chão.”

Data : 29/12/2019

Título : VOO LIVRE

Categoria: Crônicas

Descrição: Um rasante voo na virada do ano: começo da alegria na contagem do tempo,...

Um rasante voo na virada do ano: começo da alegria na contagem do tempo, combinada com a beleza da vida, na união dos amigos e familiares para nos rendermos aos planos e às promessas para o próximo ano, onde nos uniremos em voo livre. Nas palavras de Agostinho Both, "... os amigos, quando fazem ações conjuntas e boas, tornam ainda melhores as virtudes pelo reconhecimento mútuo..."

Nesse voo prometeremos começar o novo ano saudáveis e equilibrados em todos os sentidos e, juntos, daremos adeus ao ano que se vai; adeus ao passado que dá ao futuro o novo visual, como em Antoine de Saint-Exupéry, "Só se vê bem com o coração. o essencial é invisível aos olhos".

Mais um ano para enfrentarmos com reflexão no momento em que nos permitirmos desvendar os segredos da vida, isto é, optarmos pelo o que é bom e descartarmos o que é ruim em nossas vidas e, ainda, transformarmos as atitudes em delicados gestos de amor. Helena Rotta de Camargo reflete, "Alguém sabe explicar donde vem o amargor da desilusão? Do creme que empastou no fogo? Da estrela que dormiu no mirante? Ou das promessas que oxidou, virando desencanto?"

Ao escolhermos o voo do equilíbrio, acreditamos que poderemos romper com os padrões de comportamento e renovar as esperanças no próximo ano (viver feliz e sem frescura). Segundo Abgar Renault, "Os homens são feitos de palavras // Que seríamos sem o mito sexual, / o devaneio humano / ou o poema de morte?"

Novo voo, nova vida, novas perspectivas, novos ares tornarão o nosso ano especial e consagrarão as conquistas no liberarmos os sonhos; revelarmos a paixão e enfrentarmos nossos medos para alcançarmos o que é positivo. O que pode parecer assustador desafio no o futuro, talvez seja apenas a releitura da liberdade como força do pensamento. Glenda Jackson alerta, "A única coragem que importa é aquela que nos conduz de um minuto ao outro". Dessa forma, ao nos proporcionamos voar em diferentes direções, temos a capacidade de definir a nossa trajetória e valorizar a vida. Esses são os voos que nos deixam livres para traduzir o novo ano não só com palavras, mas com sorrisos de alegria e satisfação. Afonso Cruz retrata, "O senhor Ulme sentou-se e levou as mãos à cabeça. Perguntei-lhe se queria um chá. Recusou. Um bolo? Recusou. – Sabe

por que não somos felizes? – perguntou ele. – Desespero, solidão, medo? – Não. Por causa da realidade.”

Data : 30/01/2014

Título : VOZ e VOZES

Categoria: Crônicas

Descrição: Ainda ontem ouvi uma voz dizer: acabou a certeza. Tem certeza?

Ainda ontem ouvi uma voz dizer: acabou a certeza. Tem certeza? A voz expõe e reflete sobre um mesmo espaço e em momentos com diversidade, na maneira de expressar.

Nas vozes de:

João Cabral De Mello Neto, “As vozes que não soam, as que ficam no anonimato, como se fosse “escrita sem fala”, refletiria em uma sociedade de iletrados e analfabetos.”

Marcus Accioly, “...Há outras vozes (sim) na natureza / tudo é linguagem que se fala e ouve: // o vento canta como um homem ébrio / o mar soluça feito uma mulher // e os poetas aprendem essas vozes...”

Data : 30/01/2014

Título : VOZES ALTAS

Categoria: Crônicas

Descrição: Dúvidas sempre nos atormentam, por diversos desafios e conflitos, podem gerar gritos.

Dúvidas sempre nos atormentam, por diversos desafios e conflitos, podem gerar gritos. Nessa hora é bom reconhecer que essa atitude afasta a segurança e a tranquilidade. Cabe conversar, esclarecer e superar os gritos, porque em geral, não são escutados.

Nas vozes de:

Cassiano Ricardo, “..Em vão falo em voz alta, subo a uma árvore, / quando tento contar o meu segredo. / Mal secreto inconfessável, // mas o que fica em nós como um rochedo. / E quanto mais gritado menos se ouve”.

Jorge Xerxes, “Quando eu gritar / com toda a sonoridade / De uma borboleta / Será que você vai me ouvir?...”

Data : 05/12/2016

Título : VOZES da NATUREZA

Categoria: Crônicas

Descrição: Hoje irei ao jardim zoológico para ouvir algumas vozes da natureza. Como as crianças, eu também tenho a curiosidade de desvelar a vida secreta dos animais.

Hoje irei ao jardim zoológico para ouvir algumas vozes da natureza. Como as crianças, eu também tenho a curiosidade de desvelar a vida secreta dos animais. Principalmente dos bichos considerados “feios”, aqueles dos quais tenho medo, os não domesticáveis. Porém, sei que apenas a imaginação é capaz de inventar coisas e mostrar o que não vejo, mas, existem nas entrelinhas dos livros, como Memórias Inventadas para Crianças, de Manoel de Barros.

É preciso ler para conhecer e poder viajar sem sair de casa ou sem precisar conviver com, por exemplo, o sapo, a cobra, a lagartixa e tantos outros... O sapo é bicho asqueroso que faz sucesso na literatura, vira príncipe quando beijado. Para Manoel de Barros, “O sapo é um pedaço de chão que pula”.

Mario Quintana, em 1984, escreveu o livro de poesia Sapo Amarelo, despertando a sensibilidade nos jovens. O autor brinca com as palavras inventadas e dessa forma cai no gosto do pequeno leitor, como demonstra, “Lili chamava o sapo de bicho-nenê... Ouçam, pois ouçam todos como o seu melhor ouvido, o nenê-bicho, que é apenas uma variante humana do bicho-nenê”.

Uma coisa é certa, é possível dizer que a presença dos bichos se dá tanto na natureza, quanto na literatura. No âmbito da cultura, encontro a coletânea Bichos de Versos; obra que mostra o lado alegre e esquisito dos animais. Segundo Juracy I.A.Saraiva, “De verso em verso bichos diversos... As combinações das palavras mexem tanto com a gente, que dá vontade de desenhar os poemas no pensamento”. A coletânea está dividida em duas partes: na primeira, estão presentes os poetas Ferreira Gullar, Ronald Claver, Cora Rónai e Ulisses Tavares – que descrevem como as crianças veem os bichos e brincam com o som da palavra. Na segunda parte, participam os poetas Felipe Moisés, Haroldo de Campos, Guilherme de Almeida, Machado de Assis e Fagundes Varela. que recorrem aos bichos para expressar sentimentos diante da vida.

Como demonstra Guilherme Almeida, “O chocalho dos sapos coaxa / como um caracaxá rachado. Tudo mexe...” e, Ronald Claver, “O rinoceronte de bela feiura / carrega na cara a marca deste lugar: / o espinho”.

As imagens ganham força na literatura por sobressaírem na natureza; são facilmente reconhecidas e remetidas aos sentidos em comunhão com a natureza. Além de dizer respeito ao sonho mesclado de ingenuidade que vem em busca de aventura: passear no zoológico com o firme propósito de ouvir vozes da natureza. Como diz Manoel de Barros, “Tudo o que não invento é falso”.

Data : 30/01/2014

Título : VOZES SOLTAS

Categoria: Crônicas

Descrição: É o retrato dos que partiram em busca da palavra para revelar o pensamento, a ideia é nos deparar com notáveis historiadores, críticos, contistas, poetas e romancistas.

É o retrato dos que partiram em busca da palavra para revelar o pensamento, a ideia é nos deparar com notáveis historiadores, críticos, contistas, poetas e romancistas.

Ao ouvirmos as vozes soltas dos escritores, desvendamos os segredos das palavras e nos comunicamos com a linguagem da liberdade. E, magicamente, o soar das vozes nos leva a vivenciar momentos e emoções, com tal importância, que mudam nossas vidas.

Nas vozes de:

Cláudio Schuster, “Jogo as palavras / pro ar / em bando / voam / poesias”.

Nilto Maciel, “Porque suas palavras vieram voando dos olhos, correndo nas batidas do coração, deslizando no suor da pele, cantando na carícia de todo o corpo dele, eu me fiz nuvem e desfiei-me ao seu chegar...”.

Data : 30/01/2014

Título : W. J. SOLHA, qual seu LIMITE?

Categoria: Crônicas

Descrição: Lembro-me de W. J. Solha nos anos 90, e das suas obras exposta no hall do Banco do Brasil, em João Pessoa.

“...Mas o que, / então / antes que  
tudo nos tomem, / é o homem?”

(W.J.Solha)

Lembro-me de W. J. Solha nos anos 90, e das suas obras exposta no hall do Banco do Brasil, em João Pessoa. Sempre admirei o seu trabalho artístico e a sua capacidade criativa. Já na época me perguntava qual seria o seu limite. Hoje, lendo algumas de suas obras literárias (História Universal da Angústia, Sobre 50 livros que eu gostaria de ter assinado e Esse é o Homem), percebo que o seu limite é onde a imaginação o alcança na linha do horizonte.

Essa pergunta provocativa norteia a vida literária e artística de W. J. Solha, onde seu desejo é o mais consciente sentimento, porque forma a teia de expectativas que aos poucos alastra a sua alma para alcançar ou ultrapassar o seu limite.

Faço dessa pergunta o mote para as intervenções e, com ousadia, endosso suas obras literárias pela excelência de sua criatividade e linguagem em sua postura inquieta ao explorar ao máximo a sua produção e elevar a nossa imaginação. Ele chega ao seu limite quando inova na arte brasileira, “.. ou arte, / cujo fim põe o arremesso, / o começo, / onde se sabe – sem – receio – estar a verdade: / no meio...”

Algumas pessoas são metamorfoses ambulantes em busca de seus limites; tornam-se incomparáveis e têm suas quebras de paradigmas em áreas que transcendem ao cotidiano. Solha é uma delas, porque possui alto grau de conhecimento e cultura. E, assim, ele altera a visão do mundo, para revelar o seu limite de forma brilhante. É perfeito artista que faz referências à épocas e fatos; mostra os rastros do tempo no espalhar suas palavras ao vento e o seu limite no modo como re(a)presenta os símbolos da linguagem: atemporais e universais. Sua descrição e composição estão ancoradas na imaginação para com a feição literária, “...também público e notório que o Homem, / quando se junta, / forma outro Ser Provisório, / vivo , / complexo, / horrível, formoso, / que pode ser chamado, / com propriedade, / de o Povão...Misterioso...”

Até que ponto W. J. Solha tem consciência de que está no seu limite? Seu pensamento expressa a construção das palavras, dos sentidos e do viver e exercer a sua humanidade. Também, penso que o seu limite está atrelado à inúmeras páginas de experiências e rascunhos de ideias, com os quais pode reescrever os mistérios da vida.

Para Solha, criar é um dos segredos para a constante mistura da satisfação e limite, que o consome com a certeza de mudar a realidade (tão complicada que é). Essa realidade que, ao mesmo tempo em que provoca a nossa exaltação, em definitivo, não nos permite conceber a vida sem estarmos abraçados ao nosso limite. Em suas palavras, “...Mas o drama que nos irmana / é que o homem pode até fazer o que quer, / com este poema, / uma ode, / mas querer o que quer, / não pode...”

Para saber qual é o nosso limite, basta não desistirmos dos ideais e das ideias, que é na diferença que crescemos e nos transformamos, sempre atrás das obras literárias que nos fascinam por ultrapassarem os limites do nosso cotidiano, ao misturar as vozes que



tecem e entrelaçam as trajetórias limítrofes. Para Solha, “... A vida – tão previsível quanto incompleta - / precisa, / de vez em quando, / de um gol olímpico / ou de bicicleta...”

Data : 27/09/2018

Título : W. J. SOLHA: Nada é Impossível

Categoria: Crônicas

Toda obra é vida. Nada é impossível, principalmente, quando se trata de W.J.Solha, em A Vid’Aberta, onde revela uma sensibilidade paralela ao reflexo do viver, das palavras, atitudes, pesadelos e sonhos.

“... a vida não é brinquedo. // até o silêncio é sujeito a interpretações... / e quebra”.

O autor, ao desafiar seus próprios receios, tem por objetivo buscar respostas para suas indagações, na diversidade com que observamos e (tentamos) conduzir a vida: “O que é que eu faço aqui?”. Pergunta para o que buscamos respostas na diferença dos dias, em que nada é impossível para a imaginação.

“... Se a escadaria é medianeira entre nós e a ladeira, /  
arte é a que existe – com certa exclusividade - entre nós /  
e a eternidade...”

Solha expressa a vida sem paz, no paralelo entre o bem e o mal, quando apresentado em torno da (in)verdade, como a luta pela velocidade e não pela sobrevivência, no evitar que as palavras caiam ao chão e que a nossa história não seja esquecida.

Sobre a cultura em geral, particularizada pelo cinema, as artes e a política, conta poeticamente atos questionáveis em relação ao peso da dor, da criação e da responsabilidade neste mundo regido pelo medo e descaso.

Nada é impossível quando o desejo se encontra com a competência na abordagem de discussões culturais e artístico-literárias; ao mesmo tempo, descreve com brilho os diferentes tons de cada palavra construída em A Vid’Aberta.

“... O melhor quadro que pode haver na parede, é a janela...”

Solha transcende, escolhe, integra e proporciona, na obra, encontros com os movimentos com que o homem se ilumina em referências na reconstrução dos excessos no mundo moderno.

“... Sinto em meus escuros interiores / vários amanheceres...”

Nada é impossível para o Escritor Solha, que detém o conhecimento com que nos leva a descobrir o seu traço e a sua intimidade no contraste das palavras.

“... (Que sensação de alívio, ou de frio - tem o rio,

ao penetrar no mar?)...”

Ele percorre o circuito vital em sua importância no revelar, encontrar e solucionar as tarefas diárias; fossem a visão, reciclagem, passagem e passeio através das ideias com que conjuga a modernidade como história.

“... há as entrelinhas entre o azar e a sorte, / o sul e o norte, /  
o fraco e o forte, / a vida e a morte...”

Nada é impossível!

Data : 19/10/2016

Título : YAMANDU COSTA: SENHOR DAS ÁGUAS

Categoria: Crônicas

Descrição: “Cordas entre dedos / ágeis / coordenados // cordas entre sentimentos / rápidos / extremados // cordas entre mãos / leves...”

“Cordas entre dedos / ágeis / coordenados // cordas entre  
sentimentos / rápidos / extremados // cordas entre mãos / leves  
diáfanos // Yamandu entre cordas / sentimentos / dedos / mãos”.

(Pedro Du Bois)

Yamandu significa, em Tupi-Guarani, senhor das águas. Considerado o gênio das 7 cordas; o virtuoso do violão; o fenômeno dos pampas. Estou falando de Yamandu Costa, jovem gaúcho, de Passo Fundo, que entrou para o rol dos "monstros" da música instrumental brasileira. É também chamado de o novo Raphael Rabello, mas com raízes diferentes. Raphael se criou a partir do choro. Yamandu com a música regional do sul. A semelhança entre eles está na maneira de tocar.

Yamandu é uma das maiores revelações da música brasileira, emociona plateias com seu violão de 7 cordas. Fez seu aprendizado e teve a sua inspiração junto ao violonista argentino Lúcio Yanel.

Pedro Du Bois, com admiração, o homenageia com o poema, "O golpe seco / leva a corda / ao silêncio // dedos dedilham / deslizam // encontram cordas / exatas / cravelhas ajustadas / golpeia / leve com a mão // brinca / onde outros se esforçam // sorri em agradecimento".

